

DULCINEIA PINTO

O CRASTO DE PALHEIROS NA IDADE DO FERRO

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica



Volume 1

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

2011

Índice

<i>Agradecimentos</i>	5
<i>Resumo</i>	7
<i>Abstract</i>	11
<i>Lista de Abreviaturas</i>	15
<i>Preâmbulo</i>	17
0. Plano da Obra	19
1. Objectivos	25
1.1. Objectivos concretizados – Uma pequena síntese	28
2. Localização do Crasto de Palheiros	31
2.1. Breve caracterização geográfica e geomorfológica da área circundante ao Crasto de Palheiros na Idade do Ferro.	31
3. Metodologia	33
3.1. Metodologia usada na escavação e no registo estratigráfico.	33
3.1.0 Introdução	33
3.1.1. Escavação e registo nas campanhas de 1995 a 1999	34
3.1.2. Escavação e registo nas campanhas de 2000, 2002–2004	35
3.1.3. Registo das materialidades (cultura material)	36
4. Questões teórico-metodológicas relacionadas com o estudo dos materiais arqueológicos	39
4.0. Reflexões “O material resiste às minhas interpretações”	39
4.1. Opções na apresentação das unidades estratigráficas e do seu espólio	39
4.1.0. Introdução	39
4.1.1. Conceito de fase, camada, estrato, complexo, associação e contexto	40
4.1.2. Visualização da estratigrafia – cortes, plantas e matrizes estratigráficas	46
4.1.2.1. Matrizes estratigráficas do Crasto de Palheiros	47
4.1.2.2. Cortes e plantas do Crasto de Palheiros	56
4.1.2.2.1. Descrição	56
4.1.2.2.2. O registo sistemático de plantas – sua potencialidade	57
4.1.2.2.3. Estudo de densidade de estratos arqueológicos	58
4.1.2.2.3.1. Objectivos do estudo de densidade	58
4.1.2.2.3.2. Metodologia	59
4.1.2.2.3.3. Conclusões	60
4.2. Numeração sequencial dos fragmentos – suas consequências e potencialidades	62
4.2.0. Reflexões “A sequência dos dias na sequência dos fragmentos”	62
4.2.1. Descrição do método	63
4.2.2. Consequências e potencialidades	64
4.3. Criação de uma tipologia de pastas cerâmicas – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos	66
4.3.0. Reflexões “As pastas cerâmicas”	66
4.3.1. Potencialidade de uma tipologia de pastas cerâmicas.	67

4.3.2. Limitações e consequências da utilização de uma tipologia de pastas cerâmicas. _____	68
4.4. Explicação da metodologia usada no estudo dos materiais cerâmicos – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos. _____	72
4.4.0. Reflexões “ <i>Métodos</i> ” _____	72
4.4.1. Introdução _____	73
4.4.2. Visualização dos materiais arqueológicos – Desenhos, tabelas e gráficos _____	74
4.4.3. Os parâmetros de análise dos fragmentos cerâmicos aplicados às tabelas e gráficos _____	77
4.4.4. Potencialidades, limitações e consequências da metodologia aplicada. _____	83
4.5. A logística inerente ao estudo do conjunto cerâmico _____	85
4.5.0. Reflexões “ <i>O vento do planalto enche a minha alma de sentidos</i> ” _____	85
4.5.1. Descrição _____	86
4.5.2. Limitações e consequências do método aplicado _____	88
5. Faseamento do Crasto de Palheiros _____	91
5.1. Introdução geral ao quadro cronológico – Faseamento do povoamento na ocupação do espaço e suas estruturas arquitectónicas _____	91
5.2. Descrição pormenorizada das estruturas arquitectónicas, complexos e suas relações _____	97
5.2.1. Fase I – Calcolítico _____	97
5.2.1.0. Introdução _____	97
5.2.1.1. Talude Exterior Norte _____	97
5.2.2. Fase II – Idade do Bronze _____	99
5.2.2.0. Introdução _____	99
5.2.2.1. Plataforma Inferior Leste _____	100
5.2.2.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte _____	101
5.2.3. Fase III – Idade do Ferro _____	103
5.2.3.0. Introdução _____	103
5.2.3.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC _____	104
5.2.3.1.1. Plataforma Inferior Leste _____	104
5.2.3.1.2. Talude Exterior Leste _____	107
5.2.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte (PIN 2 e 2.1) _____	108
5.2.4. Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC _____	110
5.2.4.2. Plataforma Inferior Leste _____	111
5.2.4.3. Talude Exterior Leste _____	119
5.2.4.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte _____	121
5.2.5. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente _____	128
5.2.5.1. Plataforma Inferior Leste _____	128
5.2.5.2. Talude Exterior Leste _____	129
5.2.5.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte _____	130
5.2.5.4. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras _____	133
6. A estratigrafia explicada através do conjunto cerâmico _____	135
6.0. Reflexões _____	135
6.1. Introdução _____	136
6.2. Alguns contextos da Fase I _____	137
6.3. Fase II – Idade do Bronze _____	149
6.3.1. Plataforma Inferior Leste _____	149

6.3.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	156
6.4. Fase III – Idade do Ferro	165
6.4.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC	165
6.4.1.1. Plataforma Inferior Leste	165
6.4.1.2. Talude Exterior Leste	168
6.4.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	175
6.4.2. Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC	184
6.4.2.1. Plataforma Superior	184
6.4.2.2. Plataforma Inferior Leste	185
6.4.2.3. Talude Exterior Leste	195
6.4.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	206
6.4.3. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente	220
6.4.3.1. Plataforma Inferior Leste	220
6.4.3.2. Talude Exterior Leste	227
6.4.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	240
6.5. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras	251
6.6. Conclusões desta longa mas necessária exposição	261
6.6.1. Conclusões gerais sobre a metodologia utilizada / Validação das hipóteses interpretativas apontadas	261
6.6.1.1. Definição do estado de conservação de um estrato	261
6.6.1.2. Tendência geral do estado de conservação do estrato	262
6.6.1.3. Estado de conservação de uma fase de ocupação	263
6.6.1.4. O tempo como factor de degradação – Breve explicação	263
6.6.1.5. Critica aos parâmetros utilizados na percepção da degradação / conservação dos contextos	265
6.6.1.5.1. Grau de mistura	265
6.6.1.5.2. Estado de conservação das arestas	266
6.6.1.5.3. Variabilidade nas conjugações de cor (“Outros”)	266
6.6.1.5.4. Preservação da cor	267
6.6.1.5.5. Tamanho dos fragmentos	268
6.6.1.6. Quantidade de contextos por fase analisada / Quantidade de fragmentos por contexto analisado	269
6.6.1.7. As hierarquias como ferramenta de análise	270
6.6.2. Conclusões gerais sobre o estado de conservação dos diversos contextos	272
6.6.2.0. Introdução	272
6.6.2.1. Plataforma Inferior Leste	272
6.6.2.2. Talude Exterior Leste	278
6.6.2.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	284
7. Caracterização e enquadramento cultural da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros	291
7.0. Reflexões	291
7.1. Introdução	292
7.2. Fase II – Idade do Bronze	297
7.2.1. Plataforma Inferior Leste	297
7.2.2. Área Norte	311
7.2.3. Conclusões relativas à fase II	323

7.3. Fase III – Idade do Ferro	329
7.3.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC	329
7.3.1.1. Plataforma Inferior Leste	329
7.3.1.2. Talude Exterior Leste	343
7.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	354
7.3.1.4. Conclusões relativas à fase III-1	368
7.3.2. Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC	375
7.3.2.1. Plataforma Superior Leste	376
7.3.2.2. Plataforma Inferior Leste	379
7.3.2.3. Talude Exterior Leste	390
7.3.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	402
7.3.2.5. Conclusões gerais da fase III-2	420
7.3.3. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente	431
7.3.3.1. Plataforma Inferior Leste	431
7.3.3.2. Talude Exterior Leste	440
7.3.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte	451
7.3.3.4. Conclusões gerais da fase III-3	463
8. Perspectivas de síntese – Exploração de ideias	477
8.0. Reflexões “A história”	477
8.1. Sobre a “história” do Crasto de Palheiros	478
8.2. “Histórias” das ocupações da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros	501
8.2.0. Introdução	501
8.2.1. Percurso temporal e cultural	505
8.2.1.1. A leitura interpretativa da Idade do Bronze	505
8.2.1.2. A leitura interpretativa da Idade do Ferro	512
8.2.1.2.1. A leitura dos contextos da fase III-1	513
8.2.1.2.2. A leitura dos contextos da fase III-2	521
8.2.1.2.3. A leitura dos contextos da fase III-3	526
8.3. Manipulação de recipientes e fragmentos cerâmicos calcolíticos: qual a sua natureza material e intencionalidade social?	529
8.4. As actividades produtivas de tipo artesanal: análise e sentidos interpretativos	540
8.4.1. Tecelagem / Fiação	541
8.4.2. Produção de recipientes cerâmicos	544
8.4.3. Produção metalúrgica	546
8.4.4. Produção cerâmica versus Produção metalúrgica: Algumas reflexões.	550
8.5. As formas cerâmicas e sua integração local e regional – Uma narrativa	555
8.5.1. Introdução	555
8.5.2. Evolução das formas cerâmicas no Crasto de Palheiros – Explicação sobre os recipientes presentes nas tabelas de formas	557
8.5.3. Integração regional das formas cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros	566
9. Considerações Finais	613
9.0. Reflexões “O tempo”	613
9.1. O texto	614
10. Bibliografia	621

Agradecimentos

Esta dissertação concretizou-se com o apoio de algumas instituições e de diversas pessoas. Peço desde já desculpa por não mencionar todo um conjunto de pessoas que na sua existência tornaram os meus dias menos penosos. Ao fim de quase oito anos torna-se difícil recordar todos aqueles que de uma forma ou de outra estiveram presentes. Contudo não deixaremos de mencionar aqueles que foram mais relevantes.

Em primeiro lugar, cabe-me agradecer às Instituições que me apoiaram. À Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), a bolsa de doutoramento concedida que financiou em grande parte este trabalho. Ao Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP) por me ter aceite como investigadora associada. Ao Centro de Materiais da Universidade do Porto (CEMUP) e ao Doutor Carlos P. Moreira de Sá, na realização de algumas análises experimentais a fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros. E aos funcionários do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra pela disponibilidade e simpatia.

Em segundo lugar, agradeço profundamente à minha orientadora e co-orientadora. À Professora Raquel Vilaça por me ter aceite como aluna, me ter apoiado sempre com a amabilidade e simpatia que a caracterizam. À Professora Maria de Jesus Sanches pela amizade e por todas as críticas e sugestões, que embora duras de ouvir, me permitem aprender sempre.

Em terceiro, não posso deixar de agradecer à minha família todo o apoio prestado tanto a nível financeiro como emocional. À minha avó o ter-me acolhido na sua casa, nas suas rotinas, na sua vida. Aos meus pais, a incrível paciência, a dádiva, o amor. Ao meu marido, o optimismo, o estar presente. Aos meus filhos, a esperança de um amanhã.

Por último, agradeço a todos os que estiveram presentes nas escavações do Crasto de Palheiros e que realizaram estudos sobre o mesmo. Sem eles não teria sido possível a concretização deste trabalho. Ao Pedro Rafael Morais agradeço a ajuda imprescindível no arranjo gráfico sobretudo na realização das estampas do volume 1. Ao meu irmão agradeço a revisão do sumário em inglês.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

Resumo

Esta tese apresenta os resultados da aplicação de uma nova metodologia no estudo dos conjuntos cerâmicos das ocupações da Idade do Bronze e da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros (Murça, Norte de Portugal), compreendidas entre o séc. X/IX AC e o séc. II DC.

Em termos cronológicos o Crasto de Palheiros foi ocupado durante todo o IIIº e inícios do IIº mil. AC, portanto no Calcolítico regional. Tem ocupações da Idade do Bronze Final – balizadas entre o séc. X/IX e o VI/V AC. Estas continuam pela Idade do Ferro e terminam no séc. IIº DC, o que coincide com o final do sítio como povoado. Não existem indícios de ocupações posteriores.

O Crasto configura-se como uma estação arqueológica de grande importância científica pelo entendimento que proporciona sobre as comunidades Proto-históricas (e Pré-históricas) daquela região de Trás-os-Montes. Com efeito, é o único povoado da Idade do Ferro estudado de modo sistemático em toda aquela província e um dos mais extensamente escavados, e agora estudados, de todo o Norte de Portugal.

O nosso trabalho incidiu prioritariamente sobre o sítio em si, sobre os documentos (registos gráficos e materiais arqueológicos) recolhidos na escavação, tendo sido procurada por essa via a caracterização das comunidades que o habitaram. O método aplicado incidiu sobretudo no entendimento da formação do sítio como “depósito arqueológico”, realizado através da caracterização dos complexos/estratos arqueológicos, em articulação com a descrição total dos conjuntos cerâmicos de cada um e dos conjuntos patentes nas diversas áreas habitacionais. O objectivo último seria o de compreender a dinâmica entre o sítio e as comunidades que o foram construindo através das especificidades ocupacionais - áreas topográficas ocupadas, sua organização e reorganização ao longo do tempo e modos de manipulação dos materiais no seu fabrico, uso e descarte.

Creemos que esta caracterização, que se apresenta aqui como inovadora nos métodos e objectivos, permitiu perceber quais os “modos de habitabilidade” criados neste espaço pelas comunidades da Idade do Ferro, bem como alguns dos seus comportamentos colectivos que denunciam um tipo peculiar de apreensão e integração do sítio nas narrativas históricas ou cosmogónicas vigentes.

Foi estudado um conjunto cerâmico composto por cerca de 35.000 fragmentos, provenientes de cerca de duas centenas de estratos (complexos), estes distribuídos por 6 áreas habitacionais.

A caracterização dos conjuntos cerâmicos não atendeu unicamente às suas técnicas e

integrações de carácter cultural. Foi procurado o entendimento do estado de conservação dos estratos através da conservação dos “seus” conjuntos cerâmicos, tendo em vista a caracterização do Crasto como sítio arqueológico nos processos da sua formação, vivência e morte. Este modo de leitura permitiu questionar as formas de recolha e de elaboração da documentação arqueológica dum sítio desta natureza, conduzindo a uma reflexão sobre as possibilidades e limites interpretativos deste tipo de abordagem.

Tal caracterização de pormenor dos conjuntos cerâmicos permitiu ainda observar uma assinalável continuidade nas tradições de fabrico que, no sítio, transcorre desde a Pré-História (Calcolítico e Idade do Bronze Final) até ao final da Idade do Ferro. Esta constatação ganha um sentido muito particular, a buscar explicação, pois trata-se de um alargado período temporal de cerca de 3 milénios.

Na realidade, neste longo período cronológico são usadas pastas cerâmicas semelhantes, o que acusa uma continuidade de hábitos/tradições, estas também extensíveis, de certo modo, às decorações dos recipientes. Com efeito, grande maioria dos recipientes cerâmicos do povoado da Idade do Ferro apresenta decorações com uma imagética já presente na Pré-História, ou com uma imagética que se desenvolve desde a Pré-História. A caracterização dos recipientes cerâmicos a nível formal também permitiu perceber uma certa continuidade, sobretudo no período que medeia entre o Bronze Final - séc. X/IX e o VI/V AC -, e a Idade do Ferro - séc. VI/V AC ao séc. II DC.

Descontinuidades e inovações de âmbito técnico e social são também percebidas, embora sejam de menor escala, havendo ainda que compreender a relação entre tradição e inovação, o que implicará, a nível regional, outro tipo de estudos que procurem articular diferentes escalas temporais e diferentes “objectos” de estudo.

Por outro lado, a caracterização dos complexos/estratos arqueológicos, no que diz respeito aos “seus” conjuntos cerâmicos, permitiu observar, após descartadas outras causas de distúrbio tafonómico ou deposicional, acções de manipulação intencional de fragmentos cerâmicos calcolíticos por parte de comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro. Essa manipulação incide preferencialmente nos fragmentos de bordo e nos fragmentos decorados, que são aqueles que estatisticamente estão mais representados nos contextos da Idade do Ferro.

Este aspecto comportamental, de um Passado que se manipula através de objectos e de fragmentos de objectos, e que tem vindo a ser sistematicamente constatado em comunidades Pré-históricas, faz-nos crer que de facto as comunidades da Idade do Ferro se ligam ainda conceptualmente à Pré-história, representando talvez o “final” dessa Pré-história. Assim, as comunidades da Idade do Ferro são o culminar de um modo de vida desenvolvido regionalmente ao

longo de toda a Pré-história recente, modo de vida que inclui concepções sociais e genealógicas, e que só se terá modificado de modo radical, sem retorno, com a presença romana. A presença romana no Crasto só é percebida por alguns, poucos, materiais arqueológicos, embora cronologicamente seja comunmente aceite que a romanização regional, visível na exploração mineira, se terá encetado na viragem da Era.

A caracterização das comunidades da Idade do Ferro em Trás-os-Montes não pode ser feita somente com base na escavação e estudo de um só povoado. Haverá, por um lado, que compreender, através de escavações, outros povoados coevos, e, por outro, procurar a caracterização socioeconómica e política de outras comunidades indígenas nas ocupações regionais dos meados do II^o e de todo o I^o milénio AC. Só assim se poderá desenvolver todo um quadro interpretativo que possa caracterizar de um modo assertivo as comunidades deste período histórico, integrando o conhecimento já obtido sobre o Crasto de Palheiros.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

Abstract

This thesis presents the results of applying a new methodology in the study of sets of ceramic occupations of the Bronze Age and Iron Age in Crasto de Palheiros (Murça, North of Portugal) between the 10/9th century BC and the 2nd century AD.

In chronological terms, Crasto de Palheiros was occupied throughout the 3rd and beginning of the 2nd millennium BC, therefore in the regional Chalcolithic. It has occupations of the Late Bronze Age – between the 10/9th century and the 6/5th century BC. They continue through the Iron Age and end in the 2nd century AD, which coincides with the end of the site as a village. There are no evidences of later occupations.

The Crasto appears as an archaeological site of great scientific importance for understanding the Proto-historic (and prehistoric) communities of that region of Trás-os-Montes. It is the only Iron Age settlement systematically studied in the whole province, and one of the most extensively excavated, and now studied, in the North of Portugal.

Our work focused primarily on the site itself, on the documents (graphic records and archaeological materials) collected in the excavation, having been sought the characterization of the communities that inhabited the site. The methodology has focused on understanding the formation of the site as "archaeological deposit", held by the characterization of complex / archaeological strata in conjunction with the full description of each ceramic sets and sets present in several residential areas. The ultimate goal would be to understand the dynamic between the site and the communities that built him, by its occupational characteristics - occupied topographical areas, its organization and reorganization over time and the ways of handling materials in their manufacture, use and disposal.

We believe that this characterization, which is presented here as innovative in methods and goals, allowed to understand the "modes of habitability" created by the Iron Age communities in this place, as well as some of their collective behavior that betray a peculiar type of seizure and integration of the site in historical and cosmogonic narratives.

We studied a ceramic set composed of approximately 35,000 fragments from about two hundred strata (complex), spread over 6 residential areas.

The characterization of the ceramics sets did not rest solely upon the technical and cultural integrations. It sought to understand the conservation status of the strata through the conservation of "their" ceramic sets, in order to characterize the Crasto as an archaeological site in the processes of its formation, survival and death. This way of reading allowed us to question the ways of collecting

and preparing the documentation of an archaeological site of this nature, leading to a reflection on the interpretative possibilities and limits of this approach.

Such detailed characterization of ceramic sets allowed us to observe a remarkable continuity in the traditions of manufacture which, on the site, takes place from Pre-history (Chalcolithic and Late Bronze Age) to the end of the Iron Age. This finding acquires a very specific meaning, in need of an explanation, as it is an extended time period of about three millennia.

In fact, the use of similar ceramic pastes during this long chronological period indicates a continuity of habits / traditions, also extensible, in a sense, to the decoration of containers. Indeed, the vast majority of ceramic containers of Iron Age settlements exhibit decorations with an imagery already present in the prehistoric period or one that develops from pre-history. The formal characterization of ceramic containers also allowed us to understand a degree of continuity, especially in the period between the Late Bronze - 10/9th century to 6/5th century BC -, and the Iron Age - 6/5th century BC to 2nd century AD.

We also noted discontinuities and innovations in the technical and social spheres, although on a smaller scale, having yet to understand the relationship between tradition and innovation, which requires other studies at the regional level that may articulate different scales and different "objects of study."

On the other hand, the characterization of complex / archaeological strata with regard to "their" ceramic sets allowed us to observe actions of intentional manipulation of Chalcolithic ceramic fragments by the Bronze Age and Iron Age communities, other causes of taphonomic or depositional disturbance being ruled out. This manipulation focuses preferentially on edge and decorated fragments, the ones statistically more represented in Iron Age contexts.

This behavioral aspect of a past that is manipulated through objects and fragments of objects, and that has been systematically observed in pre-historic communities, make us believe that in fact the Iron Age communities are still conceptually linked to Prehistory, representing perhaps the "end" of prehistory. Thus, the Iron Age communities are the culmination of a way of life developed regionally throughout the recent Pre-history, including social and genealogical conceptions, only to have changed radically, with no turning back, by the Roman presence. The Roman presence in Crasto is only understood by few archaeological material, although chronologically it is commonly accepted that the regional Romanization, visible in mining, would have begun at the turn of the Age.

Characterization of Iron Age communities in Trás-os-Montes cannot be made solely based on the excavation and study of one village. We need to understand other contemporary villages through excavation, but to look as well for the socioeconomic and political characteristics of other indigenous

communities, in the regional occupations between the middle of the 2nd millennium and all 1st millennium BC. Only then can we develop a whole interpretative framework that seeks the characterization of the communities in this historical period, integrating the knowledge already acquired about Crasto de Palheiros.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

Lista de Abreviaturas

Abreviaturas relacionadas com os espaços (zonas habitacionais) do Crasto de Palheiros

UI – Unidade Interna
UE – Unidade Externa
PSL – Plataforma Superior Leste
PIL – Plataforma Inferior Norte
TEL – Talude Exterior Leste
PEL – Plataforma Exterior Leste inserida no Talude Exterior Leste
PSN – Plataforma Superior Norte
PIN – Plataforma Inferior Norte
TEN – Talude Exterior Norte
PEN – Plataforma Exterior Norte inserida no Talude Exterior Norte

Abreviaturas relacionadas com a estratigrafia

U. Hab. – Unidade habitacional
Lx. – Complexo
A1 – Associação de complexos 1 (*A2* corresponderá a associação de complexos 2)
UEs – Unidades Estratigráficas

Abreviaturas relacionadas com os tratamentos de superfície

Ali – Alisado
Are – Areado
Bru – Brunido
Cep – Cepilhado
Esp – Espatulado
Grf – Grafitado
Nf – Superfície corroída
Pol – Polido
Rug – Rugoso
Ali/Pol – Fragmento com superfície externa alisada e superfície interna polida. A ordem das superfícies é sempre a mesma: superfície externa / superfície interna.

Abreviaturas relacionadas com as cores presentes nos fragmentos cerâmicos

A – Cor correspondente ao grupo dos castanhos-claros/amarelos, definidos no 2º volume.
B – Cor correspondente ao grupo dos cinzentos-claros/brancos, definidos no 2º volume.
C – Cor correspondente ao grupo dos castanhos-escuros, definidos no 2º volume.
P – Cor correspondente ao grupo dos negros, definidos no 2º volume.
VE – Cor correspondente ao grupo dos vermelho-escuros, definidos no 2º volume.
VC – Cor correspondente ao grupo dos vermelho-claros, definidos no 2º volume.
A-A-A – Fragmento cerâmico com superfície externa de cor A, cerne de cor A e superfície interna de cor A. A ordem das superfícies é sempre a mesma: superfície externa / cerne / superfície interna.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

Preâmbulo

A primeira vez que tive contacto com o Crasto de Palheiros foi em Julho de 2000 e este surtiu em mim um agrado profundo. Este agrado provinha em parte das pessoas presentes na escavação, na forma como esta era organizada e vivida e por outro lado provinha do sítio em si. Ao longo da licenciatura fui estudando partes da cultura material do Crasto de Palheiros – um pequeno trabalho sobre um conjunto cerâmico da área leste, cerca de 1000 fragmentos – culminando na tese de seminário de Licenciatura sobre os artefactos metálicos da área leste – PIL e TEL.

A importância do Crasto de Palheiros do ponto de vista científico – na medida em que é o único povoado da Idade do Ferro estudado de modo sistemático em todo o Trás-os-Montes e um dos mais extensamente escavados e agora estudados no Norte de Portugal – não foi entendida de modo imediato. A importância do Crasto de Palheiros na caracterização das comunidades da Idade do Ferro foi algo que cresceu paulatinamente ao longo de vários anos e que só se afirmou verdadeiramente na conclusão deste trabalho.

Pessoalmente foi difícil aceitar a ideia de que um só sítio arqueológico poderia ser o tema principal de uma tese de doutoramento e como o leitor poderá observar nos Objectivos deste trabalho (capítulo 1), os objectivos iniciais atendiam à caracterização de diversos sítios. Contudo o volume de dados recolhidos em 11 meses de escavação (realizadas de 1995 a 2003) excedeu em muito todas as nossas expectativas.

A escavação deste sítio integrou diversas áreas (acrópole, zona leste e zona norte), cada uma delas englobava uma extensa área de escavação e no total foram escavados 1740 m² (Sanches & Pinto: 2008, 111). Todas estas áreas providenciam uma extensa informação estratigráfica na qual se integram estruturas arquitectónicas, unidades estratigráficas e fragmentos da cultura material mais móvel (fragmentos cerâmicos, artefactos metálicos entre outros). Na busca do entendimento das ocupações, algumas das áreas (a maioria) foram escavadas até à rocha de base ou afloramento. Deste modo, o volume de dados que tinham de ser analisados era absolutamente avassalador.

Com o decorrer do tempo, o nosso trabalho incidiu prioritariamente sobre a estação buscando uma caracterização abrangente que permitisse criar um quadro comparativo o mais completo possível para uma eventual contextualização alargada de restantes povoados a serem escavados no futuro. Sabemos hoje que tem vindo a decorrer escavações em diversos sítios de Trás-os-Montes. Contudo, a sua caracterização tarda, e de certo modo, não será semelhante àquela que o Crasto de Palheiros permite.

De facto a extensão deste povoado, a forma como foi escavado e analisado, permite uma caracterização que estou certa ajudará a entender as ocupações humanas durante a Idade do Bronze e Idade do Ferro no Norte de Portugal mais interior.

Julguei ao princípio, quando formulei o plano de trabalho original, que o meu trabalho se viesse a inscrever nas tradicionais abordagens de um sítio, isto é segundo os parâmetros e protocolos mais correntes na Arqueologia. De certo modo ansiei por esse tipo de abordagem arqueológica. No entanto, as características específicas do Crasto de Palheiros e do plano de investigação traçado pela escavação em si conduziram a este trabalho de análise estratigráfica e 2artefactual”, particularmente ao conjunto cerâmico, que cremos menos habitual.

Assim, a despeito das longas descrições analíticas e estatísticas que o nosso método acarreta, esperamos que o leitor como arqueólogo (a) encontre algo que lhe permita pensar, reflectir sobre o alcance das análises arqueológicas mas também sonhar. Cremos que sonhar, desejar e concretizar é a parte mais importante de qualquer trabalho humano.

0. Plano da Obra

Este capítulo constitui-se como um breve guia de leitura à presente obra. Esta obra compreende 3 volumes, volumes 1 e 2 de texto e um volume de estampas relativo ao volume 2 (texto). Os dois volumes de texto apresentam um índice interno e constituem-se como autónomos. A necessidade de uma descrição detalhada do trabalho realizado advém do facto dos dois volumes de texto possuírem informações que se complementam e que devem ser analisadas em conjunto. Todo o volume 1 corporiza a “condensação” de informações, ideias e conceitos que surgem da análise das estampas do volume 2 e descritas nesse mesmo volume.

A explicação da aplicação desta metodologia de estudo aos conjuntos cerâmicos é introduzida pela leitura dos objectivos do estudo (*Capítulo 1, volume 1*), devendo seguir-se a leitura dos *Capítulos 0 e 1, volume 2* que contêm a introdução e objectivos do estudo do material cerâmico. A leitura dos *Objectivos* em ambos os volumes enquadrará assim as ideias que nortearam este trabalho e informará sobre aquelas que foram amplamente atingidas.

O capítulo 8 (*Perspectivas de síntese – Exploração de ideias*), subcapítulo 1 (*Sobre a “história” do Crasto de Palheiros*) relata toda uma série de condicionantes do registo arqueológico. Tais condicionantes modelaram as respostas obtidas e a forma como foram procuradas e descritas. Cremos que a compreensão dos objectivos é muito importante. Porém, tal compreensão apenas fica completa quando se observa quais objectivos aquele método aplicado permitiu atingir.

Entre a explicação da metodologia geral e as conclusões que esta permitiu discutir, encontra-se a exposição pormenorizada do estudo em causa, bem como a metodologia que a enformou.

Assim, a metodologia aplicada a esta materialidade arqueológica e arqueográfica deve ser o segundo ponto sob o qual o leitor se deve deter. A metodologia é o meio que conduz ao fim (objectivos cumpridos) e desse modo deve ser entendida como um veículo fundamental da prossecução do trabalho. A escolha de determinada metodologia revela a forma como o investigador procura as respostas às suas questões. Desse modo, a compreensão dos limites e potencialidades do método aplicado é fundamental na percepção dos resultados obtidos.

O método de escavação (*Capítulo 3, volume 1*) e o método de estudo do conjunto cerâmico (*Capítulo 2, volume 2*) devem ser lidos em sequência e após esta leitura deve ser analisado o capítulo de questionamento teórico (*Capítulo 4 – volume 1: Questões teórico-metodológicas relacionadas com o estudos dos materiais arqueológicos*) até ao subcapítulo 2 (*Numeração sequencial dos fragmentos – suas consequências e potencialidades*). Estes três capítulos providenciam as

informações necessárias para o enquadramento deste trabalho e suas limitações e potencialidades.

A descrição do método de escavação e registo aplicados (*Capítulo 3, volume 1 e capítulo 2, volume 2*) permite compreender como se processa, logo no registo de campo, a “fragmentação” do conjunto cerâmico em dezenas de unidades analíticas que reflectem todo um conjunto de complexos (UEs – unidades estratigráficas). A explicação e organização dessas unidades estratigráficas foram representadas analiticamente em várias centenas de estampas (*Estampas CXXXI a DCCCIII – volume 2*).

A descrição da metodologia de estudo do conjunto cerâmico no que diz respeito à componente técnica (*Capítulo 2.1. – volume 2: Descrição técnica*) permite entender de que modo os conjuntos cerâmicos foram subdivididos internamente (e novamente) como consequência da utilização de uma tipologia de análise das suas *pastas cerâmicas*. As pastas cerâmicas, suas características e estado de conservação representam neste estudo a base analítica de fundo, que se articula sempre com a estratigrafia.

A leitura do capítulo de questionamento teórico (*Capítulo 4 – volume 1: sub-capítulos 1 e 2*) permite de uma forma prática perceber as limitações e potencialidades das metodologias aplicadas aos conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros.

Deste modo, a leitura dos *subcapítulos 3 e 4 do capítulo 4 – volume 1* exige a análise da tipologia de pastas cerâmicas criadas (*Capítulo 3 – volume 2: Caracterização das pastas cerâmicas*) pois um entendimento total da metodologia aplicada ao conjunto cerâmico será atingido de uma forma mais fácil através da leitura do *capítulo 3 do volume 2*. Quer dizer, é evidente que após a análise da metodologia aplicada ao conjunto cerâmico (*Capítulo 2 – volume 2: Metodologia de estudo*), poderá ser entendido o questionamento teórico descrito nos *subcapítulos 3 e 4 do capítulo 4 – volume 1*. Contudo, um melhor entendimento da metodologia aplicada no que diz respeito à tipologia de pastas só é realmente compreendido intrinsecamente através da leitura da descrição das diversas pastas cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros.

As pastas cerâmicas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros são extensamente descritas no *capítulo 3 do volume 2*. Como a percepção destas “entidades” não é imediata nem automática, a leitura deste capítulo – no total ou em parte – deve ser realizada sempre que necessário. Ou seja, ao longo de toda a descrição das características do conjunto cerâmico (tanto no volume 1 como no 2) sempre que surgirem dúvidas sobre a natureza das pastas cerâmicas, o capítulo 3 deve ser relido pois só ele explica na íntegra as características físicas de cada uma das pastas.

Após, a leitura desta exposição inicial, o leitor terá que se questionar sobre os seus próprios

objectivos na consulta / leitura deste trabalho. Quer dizer, este trabalho de investigação cumpre três objectivos principais que se relacionam entre si mas que revelam também aspectos muito diferenciados da investigação realizada, podendo os mesmos ser analisados isoladamente. Deste modo o leitor terá que se questionar, por exemplo, se procura isolada ou cumulativamente a resposta às questões que enumeramos.

a) Caracterização cultural das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro no Crasto de Palheiros.

b) Caracterização dos contextos (unidades estratigráficas) presentes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro no que concerne à sua criação, vivência, abandono / morte e estado de degradação.

c) Caracterização das pastas cerâmicas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros no que concerne às características empiricamente observadas e entendidas através do estudo macroscópico dos conjuntos cerâmicos e sua distribuição contextual.

Geralmente os investigadores em arqueologia procuram de imediato a caracterização cultural das comunidades estudadas em determinado espaço e tempo. Procuram saber como se caracterizava a cultura material de determinada comunidade, como essa comunidade viveu em determinados espaços, quais eram as suas características sociopolíticas; como se conduziu a integração local e regional, etc. Se esse for o caso, então a caracterização cultural das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros (*Capítulo 8, volume 1*) exige a leitura da totalidade da obra, ainda que de modo faseado.

A caracterização dos contextos (Lxs ou UEs) presentes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro no que concerne à sua criação, vivência, abandono / morte e estado de degradação diz respeito ao entendimento construído sobre o registo arqueológico em si. Grande parte do trabalho aqui realizado entende o estrato arqueológico através do conjunto cerâmico e suas características, em relação estreita com a degradação. Com efeito, são os tipos de degradação de cada conjunto cerâmico que nos permitem entender a especificidade da história relativa à criação, vivência, abandono / morte de cada estrato.

A caracterização dos contextos arqueológicos de recolha, e no que concerne ao tipo de degradação, não se relaciona directamente num primeiro momento de análise, com a caracterização morfo-tipológica do conjunto cerâmico. Contudo, esta articulação – contexto de recolha / estado de conservação do conjunto cerâmico –, permite um melhor entendimento do sítio arqueológico em si e da forma como foi habitado. Estas questões são levemente discutidas no subcapítulo 1, capítulo 8 –

volume 1 e aqui podemos perceber como a caracterização da degradação de um contexto arqueológico /estratigráfico pode influenciar as hipóteses interpretativas aventadas sobre o conjunto cerâmico ali incluído no que concerne à sua interpretação sociocultural.

No entanto se o leitor procurar apenas compreender como os contextos arqueológicos foram analisados e descritos deve começar por consultar o *capítulo 5 do volume 1* – que versa sobre o faseamento do Crasto de Palheiros – e o *capítulo 6 do volume 1* – que apresenta a estratigrafia explicada através de atributos dos conjuntos cerâmicos. O *capítulo 6* é um resumo dos resultados obtidos na análise do conjunto cerâmico (extensamente descritos no *capítulo 5 do volume 2*). Qualquer dúvida que surja nos resultados finais descritos no *capítulo 6 do volume 1* só pode ser desvendada pela análise descritiva presente no *capítulo 5 do volume 2* (e respectivas estampas presentes no volume de estampas do volume 2).

A procura de entendimento sobre as pastas cerâmicas dos conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros exige a leitura do *capítulo 3 do volume 2*, seguido do *capítulo 6 do volume 1*. É preciso fazer notar que a leitura do *capítulo 6 do volume 1* pode tornar-se bastante difícil e demorada se feita antes do entendimento básico da estratigrafia do Crasto de Palheiros (presente no *capítulo 5, volume 1*). Contudo, a compreensão de algumas das características comportamentais das pastas cerâmicas não necessita de um entendimento profundo da estratigrafia do sítio.

Quer dizer que se alguns leitores vão procurar neste trabalho uma descrição detalhada das pastas cerâmicas presentes nas diversas ocupações do Crasto de Palheiros, então o entendimento da morfologia dos recipientes passa a 2º plano. Em suma, por tais leitores, não existe a necessidade de compreender os aspectos morfo-tipológicos da cultura material associados às ocupações humanas. Na realidade, para compreendermos as pastas cerâmicas depois de tanto tempo depositadas num estrato, é necessária a compreensão dos modos de como os fragmentos cerâmicos se comportam nos estratos arqueológicos relativamente à degradação ou erosão (alterações físicas e químicas). Essa informação está no *capítulo 6 – volume 1* que, apesar de muito técnica, providenciará informações pertinentes sobre o comportamento físico das diversas pastas cerâmicas.

Por último, gostaríamos de referir que para o leitor que procura a caracterização cronocultural das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro no Crasto de Palheiros, a leitura desta obra revelar-se-á difícil e morosa. Independentemente da forma como a obra é lida (ordenação dos capítulos), a quantidade de informação presente nas descrições é demasiado elevada para permitir um entendimento imediato. Para além da quantidade de informação, esta obra possui um problema de fundo que dificulta a compreensão global da mesma. Passamos a explicar os motivos dessa

dificuldade.

O povoado – Crasto de Palheiros – da Idade do Bronze e Idade do Ferro foi escavado em 3 zonas distintas – acrópole, área leste e área norte – e cada uma das zonas encontra-se topograficamente e espacialmente subdividida em plataformas ou taludes. A acrópole (ou Unidade Interna) apresenta uma única U. Hab. da Idade do Ferro; a área leste encontra-se dividida em PIL, TEL e PEL – zonas topográficas / habitacionais – e a área norte encontra-se dividida nas zonas PIN1, PIN2, PIN2.1 e TEN. Cada uma destas zonas topográficas habitacionais apresenta inúmeros contextos (UEs – unidades estratigráficas) que foram estudados individualmente.

Deste modo, as descrições seguem uma lógica topográfica. Ou seja, cada zona topográfica / habitacional é descrita individualmente e por cada fase de ocupação. Aqui as fases de ocupação são basicamente períodos de tempo marcados por alterações arquitectónicas e de organização espacial do sítio. Assim criou-se uma extensa compartimentação da informação; cada fase ocupacional (II, III-1, III-2 e III-3) é subdividida nas diversas zonas (PIL, TEL, área norte e PS), ainda que uma das zonas ocorra exclusivamente na fase III-2 (PS – plataforma superior / acrópole).

A descrição dos conjuntos cerâmicos é realizada extensivamente por fase (ocupacional / construtiva). Por exemplo, *no capítulo 5.2. – volume 2*, são descritos os diversos conjuntos cerâmicos integrados na Idade do Bronze internamente divididos por zonas: PIL (capítulo 5.2.1. - volume 2), área norte (capítulo 5.2.2. – volume 2). No *capítulo 5.3. – volume 2* são descritos os conjuntos cerâmicos relativos à fase III-1: PIL (capítulo 5.3.1. – volume 2), TEL (capítulo 5.3.2. – volume 2) e área norte (capítulo 5.3.3. – volume 2). A informação contida nestes capítulos é resumida e interpretada na totalidade no que diz respeito à degradação dos contextos no *capítulo 6 do volume 1* e parcialmente interpretada ou concluída no que diz respeito à percepção da cultura material da Idade do Bronze e Ferro no *capítulo 7 – volume 1*. Também nestes capítulos finais do volume 1 (capítulos 6 e 7) a informação se encontra compartimentada da mesma forma que no volume 2. Por exemplo, a fase II, divide-se na PIL e área norte tanto no capítulo 6 (6.3.1 e 6.3.2) como no capítulo 7 (7.2.1 e 7.2.2. – volume 1).

Nas conclusões finais ou perspectivas de síntese (capítulo 8 – volume 1) tentou-se matizar esta compartimentação e gerar uma descrição mais coesa e compreensível.

A leitura de cada zona habitacional discreta só é possível se forem percorridos os vários capítulos e subcapítulos. Tal leitura é para nós tão válida como aquela que decorre da nossa sequência organizativa. Porém, alertamos para o facto de que a estrutura que seguimos não tem como paradigma o sítio arqueológico como uma unidade.

Para o entendimento do sítio arqueológico como uma unidade é preciso articular as várias zonas habitacionais em cada uma das fases de ocupação que sintetizamos no *capítulo 8 – volume 1*. Deste modo, cremos que a forma descritiva proposta é a mais correcta.

Por fim, esperamos que as reflexões iniciais presentes em cada capítulo possam decerto aligeirar a leitura subsequente e permitir uma percepção emotiva da ambiência da investigadora na altura de redacção de cada capítulo presente no volume 1 ou parte do trabalho principal.

1. Objectivos

Os objectivos pretendidos no início do estudo do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros são radicalmente diferentes daqueles atingidos no final. A nossa dissertação constitui-se como um percurso de investigação e, como em qualquer percurso, o viajante traça um rumo mas a forma como esse caminho vai ser percorrido é uma incógnita. Os obstáculos, a velocidade percorrida, os atalhos, o tempo e o espaço do caminho modificam por vezes o destino, modificam a forma como lá chegamos, cansados, cheios de vigor, ou extasiados.

O objectivo prioritário do Programa de Dissertação de Doutoramento entregue à FCT – que financiou o nosso plano doutoral durante 4 anos – era o da definição e caracterização da Idade do Ferro de Trás-os-Montes dentro do contexto peninsular.

Nesse objectivo geral integravam-se outros objectivos correlativos que enunciamos.

a) Definição e determinação das características do povoamento e da cultura material da área em estudo (Nordeste Transmontano) durante o período da Idade do Ferro. Objectivo esse concretizável através do estudo do espólio (cerâmica, artefactos metálicos, contas de colar de pasta vítrea, estruturas construídas no sítio, etc.), bem como da forma e implantação dos sítios na paisagem. É de notar que o plano doutoral integrava o estudo de outros conjuntos cerâmicos, nomeadamente de S. Juzenda – Mirandela e Muro da Pastoria – Chaves.

b) Determinação da existência ou ausência de uma cultura material própria, “autónoma” na Idade do Ferro, nesta região mais ocidental. Tal traço cultural poderia espelhar-se no modo como foram concebidos e integrados socialmente os artefactos – para além da sua morfologia. O conhecimento das relações dos artefactos com as construções com as quais fazem “corpo” era um objectivo fulcral na medida em que estes dados eram compreendidos como susceptíveis de indicarem modos de conceptualização da realidade social e política.

c) Identificação da existência ou ausência de tradições artísticas próprias na concepção, manufactura e escolha das temáticas decorativas dos objectos, particularmente nos artefactos metálicos e nas cerâmicas de decoração “estampilhada” – tidos como artefactos de luxo no início do plano de trabalhos. O objectivo principal era o de discernir as razões sociais, simbólicas e conceptuais das escolhas formais e decorativas de modo a que estas permitissem inferir modos de

conceptualização da realidade por parte destas comunidades da Idade do Ferro.

d) Interpretação da “tradição artística/artefactual” num quadro comparativo com a realidade Peninsular através da realização de um estudo comparativo das características culturais da região em estudo com outras áreas dentro da Península Ibérica. Tentativa de entendimento das estratégias sociais e políticas identitárias, tanto específicas (aquilo que contém de original), como “partilhadas” (em articulação com outras comunidades com as quais “convivem” ou mantêm relações sociais e políticas adentro do mesmo período histórico).

e) Formulação de hipóteses interpretativas relacionadas com a estrutura social, coadjuvadas pela estrutura interna dos sítios e pelos estudos de povoamento regional.

f) Formulação de hipóteses interpretativas relativas às concepções culturais locais ou regionais, intimamente relacionadas com o que muitas vezes se denomina de “tradição artística”, ou seja, incide-se na busca do modo como aqui se expressa a cultura material.

g) Articulação dos dados arqueológicos contextualizados (datados) a partir do século II AC., com a evolução histórica do processo de colonização e aculturação Romano. Pretendia-se articular as comunidades da Idade do Ferro com mais esta comunidade (de origem exógena), com a qual conviveram e mantiveram relações sociais e políticas que as transformaram a longo prazo o seu modo de vida.

h) Formulação de vias de interpretação possíveis para a caracterização sócio-política, económica e simbólica das populações da Idade do Ferro desta região em relação com os resultados obtidos nos pontos anteriores.

Todos os objectivos expostos relacionavam-se intrinsecamente com objectivos específicos dos estudos da cultura material em sentido alargado. Os objectivos específicos atendiam ao inventário e registo total dos materiais cerâmicos e metálicos do Crasto de Palheiros mas também, primeiramente, aos de S. Juzenda em Mirandela e Muro da Pastoria, em Chaves. Este inventário seria materializado num *corpus* de fichas descritivas, de desenhos e de fotografias.

Um outro objectivo específico atendia à caracterização da ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros, alicerçada nos estudos das “arquitecturas” perecíveis e duráveis e na respectiva

estratigrafia. A caracterização da “cultura material” do Crasto de Palheiros foi sempre entendida como uma caracterização conjunta entre conjunto cerâmico e estrato de terras a ele associado.

Podemos afirmar que os objectivos específicos associados ao Crasto de Palheiros foram cumpridos na íntegra. Foi realizado um estudo total dos conjuntos cerâmicos e dos estratos de terras que a eles se associam e por eles caracterizados no seu estado de degradação. Tal estudo materializou-se num extenso conjunto de tabelas de dados e desenhos presentes nas estampas do vol. 2.

Os estudos sobre S. Juzenda (Mirandela) e Muro da Pastoria (Chaves) não chegaram a ser concretizados, mas os estudos relativos aos artefactos metálicos do Crasto de Palheiros têm vindo a ser publicados em diversos artigos (Pinto: 2010 e 2008), pelo que as suas conclusões fazem parte desta obra.

A análise dos conjuntos cerâmicos e todo o caminho de investigação percorrido conduziu a uma concentração de esforços no entendimento das ocupações humanas ocorridas no Crasto de Palheiros e compreendidas através dos seus conjuntos cerâmicos na relação estreita com os estratos com os quais fazem unidade. Esta concentração levou a um abandono paulatino de determinados objectivos, entre eles o estudo pormenorizado de conjuntos cerâmicos de outros sítios arqueológicos e a exclusão de informação pormenorizada sobre outros artefactos do Crasto de Palheiros, nomeadamente os artefactos metálicos, enunciados acima, e contas de colar de pasta vítrea.

Os objectivos foram sendo alterados à medida que se processava uma segunda “escavação” do sítio que corresponde à análise dos contextos das materialidades e as questões que essa abordagem suscitava. Quer dizer que à medida que íamos, analiticamente falando, reconstruindo todo o entendimento global do registo arqueológico do Crasto de Palheiros, a forma como os contextos arqueológicos se nos apresentavam após essa análise e do conjunto cerâmico nas suas características morfo-tipológicas e estéticas, assim se foram transformando os objectivos a atingir.

Assim, o estudo do conjunto cerâmico partirá de um importante pressuposto onde o sítio foi entendido como uma unidade embora com um percurso temporal e cronológico-cultural. Contudo, as várias áreas de escavação tiveram que ser analisadas isoladamente e tal análise levou à compartimentação da informação. Cremos que esta compartimentação era incontornável mas acarretou um ritmo de análise bastante mais lento que o previsto. Este ritmo de análise teve efeitos a longo prazo, restringindo no final o tempo disponível para a discussão de leituras e hipóteses interpretativas válidas sobre o sítio que incluíam a sua cultura material, mormente a relação desta com a configuração dos espaços do povoado. Mesmo assim, foram feitas dentro de certos limites.

Apesar dos obstáculos e contratemplos, cremos que os resultados aqui apresentados são

satisfatórios ainda que a seu tempo seja possível o delineamento de novas hipóteses interpretativas dos extensos documentos produzidos, nesta analítica, sobre o Crasto de Palheiros.

1.1. Objectivos concretizados – Uma pequena síntese

Os objectivos concretizados são muitos ainda que não se plasmem em complexas leituras socio-culturais sobre a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros e da região Transmontana.

O nosso trabalho cumpriu na íntegra alguns objectivos fundamentais: *i) a caracterização total dos complexos arqueológicos; ii) a descrição total dos conjuntos cerâmicos e iii) compreensão do sítio na sua formação como depósito arqueológico.*

A caracterização dos complexos relativamente ao seu estado de conservação (capítulo 6 – volume 1) deste volume, constitui a parte mais importante da caracterização do sítio arqueológico na sua formação, vivência e morte ou abandono. É a caracterização do estado de conservação dos estratos que permite perceber de que modo as comunidades terão habitado este espaço, como o utilizaram, o viveram e, em última análise, como o compreenderam e integraram nas narrativas que sustentaram a sua vida social.

A caracterização dos estratos que aqui referimos não é a descrição do registo estratigráfico de campo (presente no capítulo 5 – volume 1), nem a caracterização dos conjuntos cerâmicos nas suas técnicas e atribuição cultural (presente no capítulo 7 – volume 1). Esta caracterização dos estratos revela antes de que modo o conjunto cerâmico se apresenta na sua “disposição” e degradação (ver sobre a definição do conceito de “disposição” no capítulo 8.1 do presente volume). A disposição e degradação dos fragmentos cerâmicos revela o que o estrato é em termos informativos, a sua natureza e origem, que tipo e tempo de utilização teve, como foi abandonado, entre outras características que consideramos menos significativas.

A caracterização da totalidade dos contextos, que organizamos em fases (construtivas), permitiu a compreensão das características formais de cada uma daquelas fases bem como das diversas zonas habitacionais em termos deposicionais. Então o método que escolhemos permitiu a compreensão da formação de um grande número de depósitos arqueológicos como decorrentes de acções quotidianas rotineiras, e/ou, como resultantes destas em relação com fenómenos de sedimentação, erosão e revolvimento de terras.

O paradigma passou a centrar-se na compreensão do sítio arqueológico Crasto de Palheiros como “depósito” de restos, acções, intenções e fenómenos naturais com expressão, pelo menos, ao longo de 30 séculos (do início do Iº milénio AC até à actualidade). Trata-se de uma leitura da história

do sítio que analisa e questiona os modos de recolha e elaboração da documentação arqueológica dum sítio desta natureza, incidindo nas possibilidades e limites interpretativos proporcionados por diferentes tipos de abordagens e particularmente por aquela que foi extensamente explorada nesta obra.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

2. Localização do Crasto de Palheiros

O povoado “Crasto de Palheiros” – assim denominado pela bibliografia arqueológica – é também conhecido, de um modo local, por Fragas do Crasto ou Fragada do Crasto. Este sítio arqueológico localiza-se no Nordeste Português, na província de Trás-os-Montes, distrito de Vila Real e concelho de Murça. Tal como o nome indica, encontra-se em quase toda a sua extensão na freguesia de Palheiros sendo que na parte sul entra na freguesia de Monfêbres (já que o marco de divisória de freguesias encontra-se na parte média do talude sul) (Sanches, 2008). A estação, num dos seus pontos centrais tem as seguintes coordenadas: latitude 41° 24’ 09” N, longitude 7° 22’ 45” W, a uma altitude absoluta de 590 m (segundo a Carta M. de Portugal, 1:25 000, folha 89) (est. I).

O acesso ao sítio faz-se a partir da aldeia de Palheiros e através de uma estrada pavimentada. No entanto o Crasto de Palheiros é equidistante de 3 aldeias – Palheiros, Vargês e Monfêbres – sendo que o acesso também poderá ser realizado a partir destas, ainda que em piores condições.

2.1. Breve caracterização geográfica e geomorfológica da área circundante ao Crasto de Palheiros na Idade do Ferro.

O Crasto de Palheiros encontra-se localizado numa crista quartzítica que se encontra integrada numa vasta paisagem onde outros relevos importantes se destacam, como as Serras da Garraia e Santa Comba.

A paisagem que integra o Crasto de Palheiros caracteriza-se por uma antiguidade e características peculiares que a tornam num documento de rara importância na compreensão da história evolutiva de antigas geografias que deram origem à formação do último supercontinente denominado de Pangeia (Rodrigues & Pereira, 2008).

Os relevos já citados – crista quartzítica do Crasto de Palheiros, Serra da Garraia e Santa Comba – entre outras pequenas formações que se encontram integradas na mesma unidade geológica que era a cadeia de montanhas varisca (Rodrigues & Pereira, 2008). Esta cadeia de montanhas de grande antiguidade, e que se encontra actualmente muito erosionada, é o produto final – mas não acabado – de uma colisão de antigos continentes e subducção de um oceano. Deste modo, a geologia envolvente ao Crasto de Palheiros é dominada por rochas metamórficas de elevada dureza que caracterizam em parte esse antigo fundo oceânico.

Em suma, as Serras da Garraia, Santa Comba e a crista onde se localiza o Crasto de Palheiros são dobramentos e quebras das antigas placas tectónicas e surgiram como consequência de movimentos tectónicos de longa duração.

A par das formações montanhosas que caracterizam a área envolvente ao Crasto de Palheiros é visível toda uma vasta superfície aplanada fruto da destruição da cadeia montanhosa varisca.

A paisagem actual da área circundante ao Crasto de Palheiros onde podemos observar vastas regiões de planalto entrecortadas por pequenas formações montanhosas e vales fluviais é comum a todo o relevo Transmontano. De facto todo o relevo Transmontano pode ser integrado e explicado através da história geomorfológica do Maciço Ibérico, que se inicia com a destruição da cadeia varisca, completamente edificada no final do Paleozóico (Rodrigues & Pereira: 2008).

O relevo Transmontano é um prolongamento da extensa superfície planáltica de Castela-a-Velha ou Meseta Norte. Em território português, o planalto possui uma altitude média de 700 a 800 metros sendo que se encontra muito bem conservado na região de Miranda do Douro (sector oriental). Na região onde se localiza o Crasto de Palheiros – a Oeste da Falha da Vilarica – a superfície da Meseta encontra-se degradada a vários níveis. Movimentos tectónicos posteriores levaram a um “abatimento” da Meseta – sendo que nesta região ela é cerca de 300 metros mais baixa – e a presença do rio Douro e da sua rede fluvial conduziu a uma “redução” deste maciço planáltico.

Deste modo a região onde se localiza o Crasto de Palheiros difere, ligeiramente, da restante paisagem Transmontana, pois é mais baixa em altitude e mais entrecortada por vales de pequenos riachos e rios. O Crasto de Palheiros ocupa o ponto mais alto numa longa dobra / quebra geológica onde são visíveis as rochas – quartzíticas – recortadas e alinhadas pelo cume. Esta crista rochosa muito recortada confere uma grande agressividade a este sítio arqueológico que na sua parte sul possui uma parede vertical rochosa de 40 metros de altura (Sanches: 2008).

3. Metodologia

3.1. Metodologia usada na escavação e no registo estratigráfico.

3.1.0 Introdução

As escavações no Crasto de Palheiros iniciaram-se em 1995 sendo que a última escavação ocorrida no sítio ocorreu em 2008. Em 2001 deu-se um interregno sendo que não foram realizadas escavações neste ano; em 2002 e 2003 a par das escavações foram realizadas obras de reconstrução integradas num projecto alargado de musealização; em 2004 ocorreu a última escavação integrada num projecto de investigação e em 2008 ocorreram escavações em contexto de obra.

O registo do sítio (sua nomenclatura, divisão e percepção) e a metodologia de escavação e seu registo mudaram ao longo dos anos (entre 1995 e 2000) devido a uma adaptação à realidade própria do sítio e das suas necessidades.

Actualmente o Crasto de Palheiros está dividido em 6 zonas onde já foram realizadas escavações (estampa III). As Plataformas Superiores Norte (PSN) e Leste (PSL) estão integradas na Unidade Interna (UI), a área mais elevada do povoado. As Plataformas Inferiores Norte (PIN) e Leste (PIL) bem como os Taludes Externos Norte (TEN) e Leste (TEL) estão integrados na Unidade Externa, toda a área exterior à “acrópole” ou Unidade Interna. Toda a descrição do sítio e seus materiais tem em conta esta divisão, que se torna particularmente útil na descrição dos artefactos cerâmicos.

A estação está inserida numa rede quadriculada que mantém sempre a mesma orientação onde o eixo das coordenadas se encontra desviado em cerca de 15 graus para Oeste em relação ao Norte. O primeiro quadriculado construído foi o da zona leste com o apoio do GAT de Vila Real e alicerçado no levantamento topográfico por eles realizado. Os restantes quadriculados utilizados, nomeadamente aqueles presentes na zona norte (unidade interna e externa), são extensões do quadriculado original da zona leste. Em suma, todas as áreas abertas em escavação estão integradas numa malha única de quadriculado.

O quadriculado começou por ser alfanumérico sendo que o registo dos quadrados da zona leste corresponde a uma letra e a um número. No entanto a extensão da estação exigiu uma mudança no registo sendo que a identificação dos quadrados passou a ser totalmente numérica – número + número. Deste modo, os quadrados integrados nas PSL, PIL e TEL correspondem a uma letra e a um

número, por exemplo S/10 ou F/15 e os quadrados integrados nas PSN, PIN e TEN correspondem a dois números, por ex. 36/37.

Foi realizada uma descrição pormenorizada das opções tomadas acerca do registo do sítio e da escavação na monografia do Crasto de Palheiros (Sanches, 2008) sendo que aqui optaremos por descrever mais as acções em detrimento das opções.

3.1.1. Escavação e registo nas campanhas de 1995 a 1999

As campanhas que ocorreram nos anos de 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999 dizem respeito, unicamente à zona leste, nomeadamente à Plataforma Superior Leste – PSL –, Plataforma Inferior Leste – PIL – e Talude Externo Leste – TEL. De 1995 a 1997 foram escavadas as Plataformas Superior e Inferior Leste sendo que a escavação da Plataforma Superior foi concluída em 1997; em 1998 foi escavada unicamente a Plataforma Inferior Leste – PIL – e em 1999 a par da escavação na PIL, encetou-se a escavação do Talude Externo Leste.

O registo estratigráfico do Crasto de Palheiros começou por ser realizado através do uso de camadas, numeradas em árabe, 1, 2, 3, etc. No entanto, vários factores levaram ao abandono paulatino da utilização deste método de registo e à sua substituição por um registo sistemático semelhante ao de H. Galinié (1980). O principal factor que levou à mudança do método de registo foi a descontinuidade estratigráfica que – ainda que seja vista por nós como normal – é muito exacerbada pela extensão da estação e das próprias áreas de escavação (que chegaram a integrar mais de 50 quadrados de 2 metros por 2 metros). O registo sistemático por unidades estratigráficas permite também o registo pormenorizado de pequenas estruturas pétreas ou não pétreas, com ou sem espólio, que são comuns num povoado desta extensão.

Creemos que a complexidade de um povoado só pode ser registada através de um método particularizante como é o de H. Gallinié ou o de Harris, sendo que ambos se assemelham ao que foi por nós usado. Deste modo, o método utilizado consiste no registo sequencial de qualquer unidade estratigráfica (através da numeração árabe) sendo que este registo é independente da dimensão, espessura e espólio identificado e recolhido da própria unidade estratigráfica. A par da numeração sequencial é realizada a descrição e localização topográfica da unidade na sequência estratigráfica, através de uma matrix quando tal se justifica.

Em 1995 e 1996 utilizou-se exclusivamente o método de registo por camadas e entre 1997 e 1999 foram utilizados ambos os métodos de registo pois as unidades estratigráficas eram, inicialmente, integradas nas camadas já percebidas (quando tal era possível).

3.1.2. Escavação e registo nas campanhas de 2000, 2002–2004

As campanhas que ocorreram nos anos de 2000, 2002, 2003 e 2004 dizem respeito às zonas leste e norte. Em 2000 foi escavado, unicamente o Talude Externo Leste – TEL –, em 2002 e 2003 foram escavados o Talude Externo Leste – TEL –, a Plataforma Inferior Norte – PIN 1, 2 e 2.1 –, o Talude Externo Norte – TEN –, o Talude Interior Norte – TIN – e a Plataforma Superior Norte – PSN. Em 2004 foi realizada uma pequena sondagem na Plataforma Superior Norte.

A partir de 2000 foi usado exclusivamente o método de registo por unidades estratigráficas sendo que o método de registo por camadas foi totalmente substituído este. Durante a escavação, apesar de ter sido utilizado um registo semelhante ao de Harris – um registo por unidades estratigráficas – não foram utilizadas – e preenchidas – matrizes estratigráficas.

O registo por complexo consistiu nos seguintes passos.

- a) Denominar e numerar as unidades estratigráficas com um número único árabe (1, 2, 3 ...).
- b) Denominar e numerar as unidades estratigráficas inseridas dentro de outra unidade estratigráfica por um sub-número (por exemplo: 4.1, 43.2, 77.1 ...).
- c) Descrever as unidades estratigráficas nas suas características físicas e relações com outras unidades estratigráficas (estrato de textura e cor *x*, localizado nos quadrados *y* e *z*, sob o estrato *a* e sobre o estrato *b* ...).
- d) Desenho dos cortes promovidos pelas banquetas presentes na escavação.
- e) Identificação dos diversos complexos nos cortes dos desenhados. Os complexos não abrangidos na banqueta – corte – não possuem secção desenhada.
- f) Desenho das plantas significantes para o faseamento e entendimento das ocupações presentes no Crasto de Palheiros.
- g) Identificação nas plantas dos complexos desenhados sendo que alguns complexos não estão registados, na totalidade, em plantas. Quer dizer que, conhecemos alguns complexos apenas pela sua descrição, outros pela descrição e pelo registo em corte e outros – com um registo mais completo – pela descrição e pelo registo em corte e planta.

Como podemos observar, o registo de escavação do Crasto de Palheiros não segue a dinâmica protagonizada por Harris pois apesar de se utilizarem, extensivamente, as unidades estratigráficas, estas não foram registadas segundo o método deste autor. Não existiu um registo sistemático das unidades estratigráficas que consiste no desenho em planta da superfície da UE com a totalidade dos

seus limites. Não existiu também, a realização em campo de matrizes no entanto as informações recolhidas permitiram a sua concretização posterior.

As questões teórico-práticas levantadas pela metodologia usada são discutidas em pormenor no ponto 4. No ponto 4 são levantadas questões relacionadas com as matrizes, plantas e cortes realizados sobre o sítio arqueológico.

Em suma, as campanhas de escavação desde o ano 2000 integram-se numa dinâmica de escavação orientada por toda uma teoria relacionada com as unidades estratigráficas ainda que presente algumas variações no registo.

Creemos que a adaptação e instauração de um novo método ocorre de uma forma paulatina e demora o seu tempo, que é o tempo que o/s investigador/es principais levam a comunicar o método às equipas de escavação e também a cimentarem esse mesmo método nas suas práticas.

Creemos, também, que a metodologia de Harris – na sua totalidade – só é entendível, verdadeiramente, após um estudo completo do sítio arqueológico, onde se engloba o estudo da cultura material. Após o estudo da cerâmica, é possível observar as fragilidades e ausências do registo estratigráfico e perceber que a presença de determinados elementos de registo iria permitir uma mais fácil percepção da história do sítio.

Estamos em crer que no futuro as escavações no Crasto de Palheiros, decorrerão adentro da metodologia de Harris, de uma forma mais consciente e próxima ao que o seu criador protagoniza.

3.1.3. Registo das materialidades (cultura material)

O registo da cultura material recolhida em escavação foi realizado de modo diferenciado consoante a natureza do material em questão.

Os fragmentos cerâmicos são recolhidos do estrato que os contem e é registado o ano, a Unidade (Externa ou Interna), a zona, o quadrado e o complexo e/ou camada. Até 2003 os fragmentos cerâmicos foram marcados com toda esta informação sendo que entre 2003 e 2004 foi realizada a marcação sequencial dos fragmentos. Eventualmente, recipientes ou fragmentos decorados com óptima preservação eram registados e guardados isoladamente, contendo a informação das coordenadas de origem.

Os artefactos metálicos são recolhidos do estrato que os contém sendo guardados isoladamente. É registada uma informação detalhada da sua proveniência (semelhante às dos fragmentos cerâmicos) e onde se incluiu sempre as coordenadas de origem. Os artefactos metálicos possuem um número de inventário que se renova (ou recomeça do 1) a cada campanha de escavação.

As contas de colar e artefactos cerâmicos (como cossoiros) são registados de um modo semelhante aos artefactos metálicos ainda que os artefactos cerâmicos não possuam um inventário individual.

Os objectos líticos são recolhidos como os fragmentos cerâmicos e não possuem número de inventário individual sendo-lhes conferido um número de inventário na análise laboratorial (sempre que se justifique).

As recolhas paleo-ambientais são realizadas por estrato e quadrado quando tal se justifica e possuem um registo da localização e dia de recolha.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

4. Questões teórico-metodológicas relacionadas com o estudo dos materiais arqueológicos

4.0. Reflexões “*O material resiste às minhas interpretações*”

De 20 a 22 de Outubro de 2003 estive presente num encontro de Jovens Investigadores sobre a Idade do Bronze Final e Idade do Ferro na Península Ibérica na Universidade de Salamanca, onde realizei uma comunicação que foi mais tarde publicada sobre a forma de artigo. Desses três dias recordo o frio, os risos, as conversas – cujo conteúdo já não me recordo – e uma frase dita em debate pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches que afirmava aos jovens arqueólogos que o material resistia às interpretações.

Eu sempre pensei que o material eram as interpretações, que ele não tinha nada que resistir pois ele apenas responde ao que perguntamos. Como a nossa pergunta pode traçar um caminho de resposta o material só deveria responder dentro do limite das nossas expectativas. Foi com este pensamento, com esta verdade, que iniciei os estudos dos materiais do Crasto de Palheiros. Achava que esta minha verdade demonstrava o quanto eu era honesta, consciente e até moderna pois tinha consciência que os resultados do meu método apenas respondem dentro do meu método. E sim, ainda hoje penso que sim, que o método é fundamental, essencial, definidor de toda a investigação mas, curiosamente, o material, de facto, resistiu às minhas interpretações.

O material, apesar de limitado por um método e seus parâmetros, não respondeu dentro das expectativas, por vezes excedeu-as e outras vezes, logrou-as. E por isso, a prática de quem estudou materiais acabou por revelar-se correcta. Talvez a prática, a experiência defina um certo conhecimento, que sem as amarras da teoria flui, extravasa e se afirma como verdadeiro.

4.1. Opções na apresentação das unidades estratigráficas e do seu espólio

4.1.0. Introdução

A escavação por unidades estratigráficas individualizáveis definidas pela sua natureza física em contraposto com a natureza física de outras, marcou todo o estudo de materiais arqueológicos nela contida.

A escavação por UEs (unidades estratigráficas discretas), por nós denominadas de *complexos*, diz respeito a uma opção metodológica relacionada, em primeiro lugar, com a escavação em si, com

a percepção do sítio arqueológico, com a forma como este é registado mas sobretudo entendido. No entanto esta opção metodológica de “campo” gera uma série de consequências no estudo dos materiais arqueológicos.

De facto a escavação por UEs e o seu registo individualizado – com a consequente divisão de materiais pelas respectivas UEs – é uma opção metodológica global, quer dizer de “campo” e de “gabinete”. Esta opção de “campo” só faz sentido se os materiais arqueológicos forem estudados tendo em conta as especificidades de cada contexto ou UE.

Deste modo, explicaremos, de seguida a forma como o estudo de materiais arqueológicos decorre dentro de uma metodologia de campo que se define pelo uso de unidades estratigráficas.

4.1.1. Conceito de fase, camada, estrato, complexo, associação e contexto

Em campo foram utilizados complexos e camadas, tal como já foi referido na descrição da metodologia de escavação e registo. As camadas e os complexos definem-se pela sua natureza física sendo que podemos dizer que uma camada é um estrato de terra com determinadas características ao nível da cor, textura e granulometria. Geralmente a camada corresponde a um estrato de grande tamanho que se estende por uma área alargada, que engloba muitos quadrados. A camada é um estrato natural e a sua definição e identificação em campo realiza-se através da percepção das características físicas presentes.

No Crasto de Palheiros, o conceito de “camada” foi utilizado nos primeiros anos de escavação em áreas restritas da zona leste. A sua identificação correspondia à do estrato (na composição, granulometria, consistência, cor, elementos físicos constituintes) mas não à posição relativa deste na sequência estratigráfica. Com o alargamento da área escavada tal denominação foi abandonada paulatinamente porque se verificou uma complexidade estratigráfica onde a posição da camada / estrato variava enormemente nas sequências de umas zonas ou quadrados, a outras. Assim, o alargamento da área escavada em zonas distintas do povoado revelou múltiplos estratos, muitas vezes com as mesmas características físicas (por exemplo a camada de incêndio das várias unidades habitacionais) ocupavam o mesmo lugar na sequência das diferentes quadrículas, devendo por isso de ser registados de forma individualizada. Tal individualização diz respeito tanto às características como à posição estratigráfica e topográfica.

Deste modo, o complexo define-se como um *estrato* de terra com determinadas características ao nível da cor, textura e granulometria e com uma relação estratigráfica e topográfica

com todos os outros complexos presentes. Ou seja, *complexo e estrato podem ser o mesmo*. Um estrato é uma camada de terras e este termo, no nosso trabalho, não é individualizado por nenhuma característica em particular face ao conceito de camada. A utilização dos termos complexo e estrato é, aqui, um pouco aleatória porque para nós ambos significam o mesmo. O conceito de camada não é utilizado do mesmo modo porque teve no Crasto de Palheiros uma utilização prática diferente do conceito de complexo.

Em teoria, uma camada, um complexo, um estrato, uma unidade estratigráfica ao referirem-se uma entidade arqueológica de formação “natural” podem corresponder exactamente ao mesmo. Quer dizer que todos estes termos podem de facto corresponder a uma mesma realidade. Tal não quer dizer que assim aconteça sempre; uma camada pode conter vários estratos, um complexo pode não corresponder a um estrato e corresponder a uma estrutura. Deste modo, é necessária uma definição assertiva das unidades estratigráficas em cada registo arqueológico analisado. Um complexo pode, também, corresponder uma estrutura em positivo (por exemplo um muro), uma estrutura em negativo (uma fossa), ou um interface de estruturas (positiva ou negativa).

A grande diferença entre a utilização do conceito de “camadas”, “unidade estratigráfica” ou “complexo” reside no pormenor do registo dos estratos, das estruturas e das seqüências que os integram. Para compreendermos este facto daremos um exemplo. Duas unidades habitacionais incendiadas, próximas uma da outra, são escavadas através do método por camadas sendo que os seus materiais serão guardados com a referência do quadrado e da camada. A referência ao quadrado diverge com a unidade de superfície (quadrado), mas a da camada mantém-se pois a camada, diz respeito como estrato, ao incêndio das unidades habitacionais, incêndio que ocupa uma área alargada. Quando se realiza o estudo dos materiais arqueológicos desta camada, se entendermos necessário estudar as duas unidades de forma individualizada, teremos que dividir os materiais por quadrado e seguir a localização das unidades habitacionais em plantas e cortes da escavação. O problema coloca-se, por exemplo, quando um quadrado pode conter parte de duas unidades habitacionais diferentes, separadas, ou por descontinuidades horizontais da camada, ou por estruturas (de pedras, por ex.). Aí a divisão real dos materiais não será possível. Deste modo, a divisão dos materiais só é possível e segura se realizada em campo, quer através de um número individual e em seqüência local (complexo) quer através de uma nomenclatura própria para a unidade habitacional, caso os contornos desta sejam identificados no campo. Neste caso, os materiais poderiam ser registados com a referência do quadrado, camada e unidade habitacional e foi o que aconteceu quando a percepção de campo o permitiu. Mas verificou-se que tal percepção de campo podia variar

com muitos factores (como o da variação espacial das áreas de escavação), o que levou à opção do registo por complexos.

Por esta e outras razões, cremos que o registo por complexos é aquele que se afigura mais fidedigno no estudo posterior dos materiais arqueológicos, já que deste modo aqueles nunca se desarticulam da sequência e área topográfica ocupada pelo estrato de que fazem parte.

Uma das razões da utilização do registo por camadas é a noção de que a camada possui em si uma possibilidade cronológica. Na realidade, por vezes e em estratigrafias simples, é possível relacionar uma determinada camada com um período cronológico ou fase ocupacional. Esta noção provém da natureza da própria camada, onde esta é definida como estrato de grande extensão, que contem determinados materiais arqueológicos que como “fosseis-directores”, podem acarretar uma cronologia. Por seu lado, o complexo (unidade estratigráfica ou estrutura arqueológica) não possui uma possibilidade cronológica imediata, não é definível pelo seu conteúdo arqueológico e não dá prioridade a materiais arqueológicos que se constituam como fosseis-directores. Tal como a UE de E. Harris, o que se regista é a sua topografia – lugar relativo na sequência –, local e sua extensão em área / espessura (obtendo-se assim a tridimensionalidade) bem como características físicas

A sequência estratigráfica de um sítio não pode ser baseada em estratos que se definiram através do seu conteúdo arqueológico pois tal pressuporia uma atitude de relevância face à tipologia de determinados materiais, tais como aqueles que se constituem como fosseis-directores. Como a relevância é algo de subjectivo e dependente do arqueólogo, a sequência estratigráfica deve depender unicamente das características físicas dos estratos e das suas relações internas adentro da sequência estratigráfica (Harris, 1993, 9-10).

Ainda que esta premissa seja amplamente discutida e rebatida por diversos autores (Harris, 1993, 9), cremos que se aplica à realidade do Crasto de Palheiros. O Crasto de Palheiros constitui-se como um sítio onde estiveram presentes várias comunidades em períodos cronológicos distintos. Os estratos arqueológicos contêm invariavelmente, vestígios de ambas as ocupações principais – Calcolítico e Idade do Ferro – sendo que a relevância de determinados materiais é uma escolha do investigador, ainda que baseada nas características do estrato em comparação com outros. Quer dizer que num estrato onde estão presentes 30 % de fragmentos calcolíticos e 70 % da Idade do Ferro, embora tenha 50 % de recipientes calcolíticos (obtidos dos 30 % de fragmentos calcolíticos) podemos dizer que é um estrato da Idade do Ferro muito alterado. No entanto esta afirmação é apenas uma hipótese interpretativa para um facto arqueológico que na realidade não entendemos

completamente.

As fases ocupacionais ou determinados períodos cronológicos são definidos no Crasto de Palheiros por conjuntos de complexos e/ou de camadas. Estes conjuntos organizam-se, em primeiro lugar, por grandes fases construtivas e, em segundo pelas especificidades tipológica dos materiais contidos nos estratos (como é o caso da fase II, Idade do Bronze).

Assim, as fases de ocupação no Crasto de Palheiros são entendidas sobretudo como “fases construtivas” relacionando-se directamente com as construções perenes (muralhas e reformulações de espaços habitados) presentes neste sítio. A construção de determinadas estruturas relaciona-se com a sequência estratigráfica permitindo a sua “compartimentação” em grandes blocos (que juntam um número variado de complexos) e origina desse modo uma história do sítio pontuada por momentos que criam um percurso de espaço-tempo. Foi claramente uma opção metodológica a de assentar o faseamento nos momentos construtivos mais marcantes pois são estes que têm uma visibilidade mais clara. De resto, sabemos que tanto as construções como os materiais arqueológicos têm durabilidades e temporalidades que este texto procurará elucidar. Em suma, então a fase de ocupação não é definida pelos diferentes artefactos (“cultura material”) pois é essa “cultura material” que pretende ser integrada num percurso de tempo a definir posteriormente através do protocolo de estudo que aqui propomos bem como da sua conjugação com outros documentos (por exemplo, datas de C14).

A associação é um conceito criado para o estudo dos materiais arqueológicos do Crasto de Palheiros. A associação é a soma dos materiais arqueológicos, de dois ou mais complexos estratigraficamente relacionados. Uma associação pode dizer respeito à soma de estruturas ou conjuntos de estratos. A associação é algo claramente virtual, uma opção metodológica de junção, criada especificamente para resolver um “problema” interpretativo que se coloca ao investigador.

Deste modo, a associação agregará materiais seguindo diversas premissas escolhidas caso a caso, mas essas premissas são descritas e justificadas em pormenor no ponto 5 deste volume. Por outro lado, o capítulo referente à descrição estratigráfica contém as informações descritivas de cada associação utilizada no Crasto de Palheiros. No ponto 5 explicamos em pormenor as escolhas realizadas tendo em conta a realidade estratigráfica e artefactual de cada zona estudada (PIL, TEL, PIN e TEN).

Por último, utilizamos o termo “contexto” de uma forma um pouco indiferenciada ao longo da exposição neste trabalho. Cremos que o conceito de contexto é em si bastante vago e

concordamos parcialmente com Galinié quando este afirma que: “C'est en fait un terme dangereux parce qu'il recouvre tout indistinctement, remplaçant une réalité physique – la couche, l'ensemble des couches qui forment un trou de poteau de son origine à sa disparition – par un terme générique, mieux par un concept définissant des entités dont la valeur n'est pas constante.” (Galinié, 1980, 70).

O termo contexto foi aplicado nesta nossa análise a qualquer realidade que produzisse, na prática, um conjunto cerâmico (camada, complexo e associação) à excepção da soma de vários complexos e associações integrados numa fase. Quer dizer que a soma de contextos não é considerada em si um contexto, mas fase, por exemplo. Deste modo, um contexto é constituído por uma ou mais entidades estratigráficas – complexos – que se formam fisicamente e interpretativamente como um todo significativo. A associação é considerada um contexto pois é o resultado da soma significativa de dois ou mais complexos e esse significado permite que seja lida e analisada como um conjunto unitário. A totalidade ou parte de uma camada pode ser também considerada um contexto pois algumas associações são constituídas por partes de camadas presentes em determinados quadrados. De certo modo existe uma certa restrição espacial inerente ao conceito de contexto.

Deste modo, o termo contexto aplica-se a todas as entidades estratigráficas sem excepção. Por exemplo, um muro pétreo pode conter no seu interior um machado polido sendo que o contexto deste machado é aquele muro. É notório que o “valor” arqueológico dos contextos não é constante pois alguns artefactos provêm de solos de ocupação e outros provêm de depósitos remexidos e alterados. Ambos os conjuntos de artefactos possuem um contexto, mas o valor informativo destes contextos é arqueologicamente muito díspar.

Existe um problema de definição no que concerne ao significado das diversas UEs (complexos). Aqui referimos vários termos: solo de ocupação, piso compactado e depósito de ocupação. Começamos pelo piso compactado, aquele que consideramos de definição mais simples.

Um piso compactado é um solo de ocupação no sentido em que a superfície do piso foi utilizada como solo onde circularam seres humanos no passado. No Crasto de Palheiros ocorrem alguns pisos compactados que correspondem, por exemplo, ao chão de algumas Unidades Habitacionais. O piso compactado, como estrutura construída que é, não possui geralmente materiais arqueológicos associados, como fragmentos cerâmicos, artefactos metálicos. Os pisos compactados são constituídos por sedimentos argilosos agregados numa constituição física única. A sua caracterização arqueológica é geralmente muito pobre e é reconstituída a partir dos materiais

arqueológicos presentes noutros estratos a eles associados.

Um solo de ocupação pode ser um piso compactado mas também pode ser outro tipo de estrato arqueológico. Geralmente um solo de ocupação é entendido como o piso onde seres humanos caminharam e deste modo o piso compactado integra-se nesta definição. Esta definição pode ser facilmente confundida com a definição de interface pois o interface é por definição a superfície de determinado estrato sendo entendido, muitas das vezes, como um solo de ocupação. Contudo a definição e compreensão de todos estes termos em campo não é de todo fácil e deve ser aplicada de modo cuidado a cada realidade arqueológica ou sítio arqueológico.

Creemos que um solo de ocupação se define pela sua valência etnográfica, ele define um momento ou evento curto. Em Arqueologia um solo de ocupação corresponde, por exemplo, ao paradigma de Pompeia ou a solos / estruturas intencionalmente selados.

No Crasto de Palheiros apenas dois contextos podem ser integrados nesta definição de solo de ocupação: a deposição fundacional da PEL e a Estrutura de Deposição Funerária na PIL. Estes dois contextos definem momentos de curta duração e que podem ser integrados numa compreensão de cariz etnográfico relativamente àquela comunidade em dado período de tempo.

No Crasto de Palheiros a generalidade dos “solos de ocupação” são entendidos e denominados de depósitos de ocupação pois estes solos integram em si uma longa temporalidade e congregam numerosos momentos ou eventos de curta duração. Ou seja, os diversos estratos (UEs ou complexos) são a soma de toda uma actividade humana e não humana que decorreu em determinado período de tempo. Deste modo, estes estratos não caracterizam etnograficamente as comunidades e só podem ser entendidos de modo bastante alargado. Estes estratos caracterizam a ocupação – daí advém a denominação de depósito de ocupação – mas não definem etnograficamente a comunidade (voltamos a este tema de outro modo no capítulo 8.1).

O entendimento das UEs como depósitos de ocupação conduz a uma modificação da definição do interface. O interface não se constitui como um solo de ocupação mas sim como um hiato ocupacional pois ele pode encontrar-se entre dois depósitos de ocupação.

A definição de cada um destes termos e a sua aplicação a diversas entidades arqueológicas (UEs) deve ter em conta a realidade dos conjuntos de UEs e a sua caracterização.

Por último, é comum falar-se em descontextualização quando nos queremos referir a um contexto que não possui valor informativo de carácter histórico ou cronológico. No entanto, um artefacto nunca se encontra descontextualizado sendo que apenas se encontra fora de um dito contexto “original”. A busca do contexto “original” dos artefactos pelos arqueólogos é uma “directiva” da profissão; contudo a definição de contexto original é em si problemática.

Creemos que a grande maioria dos artefactos (fragmentos cerâmicos, objectos metálicos, pétreos, etc) exumados em contextos válidos em termos arqueológicos e informativos – alguns complexos e associações – não se encontram num contexto “original” que corresponda directamente a um contexto de uso. Quer dizer que cremos que o contexto “original” – que idealizamos como sendo o das pessoas no momento em que utilizaram artefactos – não se conserva como tal. O “contexto original” seriam assim as pessoas em acção, incluindo os seus corpos, os seus sentidos, os seus sentimentos, os percursos, os espaços percorridos e deste movimento quase nada permanece. O que vemos é que os contextos arqueológicos são estáticos; são terras em espaços, são dejectos que após uma análise pormenorizada das suas características – físicas, distribuições de artefactos – permitem interpretações dedutivas, “reflexos” das acções que outrora terão dado origem àquelas materialidades que vemos como fazendo parte de conjuntos arqueologicamente articuláveis entre si num mesmo tempo ou intervalo de tempo.

Assim, o termo contexto é aqui aplicado de um modo indiferente as todas as entidades arqueológicas – camadas, complexos e associações – sendo que não possui uma conotação informativa, cultural ou social específica. Um contexto é apenas uma realidade arqueológica que é analisada através do seu conteúdo.

4.1.2. Visualização da estratigrafia – cortes, plantas e matrizes estratigráficas

A explicação estratigráfica realizada no ponto 5 deste volume apoia-se em três tipos de materiais visuais elaborados pelo arqueólogo: cortes e plantas do sítio arqueológico bem como matrizes estratigráficas construídas posteriormente à escavação.

A descrição do faseamento e estratigrafia do Crasto de Palheiros não necessitava, *à priori*, do desenho de matrizes pois a descrição poderia ser realizada unicamente com o apoio visual de cortes e plantas sem que existisse uma falha de informação. No entanto, cremos que a utilização de matrizes estratigráficas permite uma visualização mais rápida e automática das relações estratigráficas entre os vários complexos e da sua integração no faseamento geral.

A utilização de matrizes estratigráficas não é isenta de problemas, problemas esses relacionados com a natureza da matrix em oposição à natureza histórica do sítio arqueológico. Sem querer ser exaustiva – pois já muita bibliografia existe sobre os problemas inerentes à construção de matrizes arqueológicas compiladas até como forma de resposta por Edward Harris (Harris, 1993) – colocarei algumas questões que considero pertinentes sobre a natureza das matrizes, das sequências estratigráficas e da história do sítio sob o ponto de vista da formação e vigência (duração) dos contextos / estratos arqueológicos.

4.1.2.1. Matrizes estratigráficas do Crasto de Palheiros

As matrizes estratigráficas do Crasto de Palheiros foram construídas com base na matrix de Harris (Harris, 1989, 35-39) ainda que possuam algumas, pequenas, variações. Na matrix de Harris são tidas em conta apenas três relações estratigráficas (Harris, 1989, 36), a saber: 1) as unidades não possuem relação estratigráfica; 2) as unidades encontram-se em sobreposição e 3) as unidades são partes de um único depósito que pode, por exemplo, ter sido dividido por uma estrutura em negativo. No caso das matrizes do Crasto de Palheiros, dois complexos podem ser indicados como iguais (através do sinal de igualdade) sem terem sido divididos por uma estrutura em negativo. O decorrer da escavação pode ter permitido entender que dois complexos entendidos como diferentes aquando da identificação, serem de facto o mesmo estrato. Deste modo, no Crasto de Palheiros, dois complexos são iguais não só porque o depósito foi cortado / interrompido por uma estrutura em positivo ou negativo, mas porque interpretativamente foram considerados o “mesmo”. *É, assim, a interpretação posterior que os associa e une e não a identificação primária, em campo.*

A par das relações possíveis entre estratos, complexos ou unidades estratigráficas, encontramos em Harris a definição de evento estratigráfico que influencia a forma como a matrix é construída.

Para Harris um evento estratigráfico só pode ser definido por três termos: o *depósito* – que tem uma massa material que contem artefactos; as *superfícies* ou *interfaces dos depósitos* e outros *interfaces* – como as fossas ou muros – que são unidades estratigráficas por direito próprio (Harris, 1993, 10).

As matrizes estratigráficas do Crasto de Palheiros foram construídas com base nestes conceitos de eventos arqueológicos e nas relações possíveis entre os mesmos. No entanto, a realidade da escavação e do sítio em si levou à utilização da matrix de uma forma que se desvia das intenções e conceitos do seu criador. É possível criar imagens das sequências estratigráficas que não sejam

iguais às da matrix de Harris, como é exemplo a matrix de Carver (Harris, 1993, 17). Contudo, a utilização da matrix de Harris configurou-se-me sempre como algo intuitivo e que não necessitava de um grande esforço no seu entendimento.

A aplicabilidade da matrix nas sequências estratigráficas do Crasto de Palheiros é muito alta pois quase todas as situações estratigráficas podem ser facilmente visualizadas através dela. Os problemas da sua aplicabilidade relacionam-se com: *i)* os conceitos de eventos arqueológicos, *ii)* as leis que regem a estratigrafia e a construção da matrix e *iii)* a matrix em si.

Podemos dizer que no Crasto de Palheiros foram identificados depósitos, superfícies de depósitos – interfaces –, estruturas em positivo (normalmente estruturas pétreas) e algumas estruturas em negativo (buracos de poste ou a fossa-forno). *O conceito que cria maiores problemas de identificação e no qual está baseada toda a teoria da matrix de Harris é o de interface* (Harris, 1993, 19). A identificação das superfícies dos depósitos (interfaces) revelou-se muito difícil em campo e mais tarde, nos estudos de materiais, assumiu uma presença quase desnecessária e, sobretudo, perturbadora.

É possível distinguir vários tipos de interface, a saber (Harris, 1989, 54-68): *1)* superfícies horizontais e verticais de um depósito; *2)* as superfícies verticais e horizontais de estruturas em positivo – por exemplo muros –, ou em negativo – por exemplo fossas; *3)* interfaces periódicos que correspondem ao nosso conceito de fase e que são geralmente desenhados em plantas (por exemplo as estampas IV, V e VI); *4)* interfaces de destruição que correspondem a acções de destruição de depósitos e interfaces anteriores (por exemplo um interface de destruição é o estradão sendo que a sua superfície é um interface de destruição sob o qual se depositaram materiais).

É também referido que um interface pode corresponder ao solo de ocupação original (Harris, 1993, 13) sendo que esta relação é exclusiva. Para Harris um solo de ocupação corresponde sempre a um interface e nunca a um depósito (Harris, 1993, 14). Ou seja, ou solo de ocupação não tem espessura, é uma superfície e portanto não contém materiais arqueológicos.

Entender a terminologia e os conceitos proposto por Edward Harris é fundamental para uma utilização correcta e sem percalços da sua matrix. No entanto temos de dizer o seguinte:

a) as superfícies dos depósitos – um dos tipos de interface – são difíceis de definir em campo pois nem sempre as equipas de escavação estão preparadas para escavar de um modo que permita a definição do interface. No Crasto de Palheiros a maioria dos interfaces foram identificados pois as relações estratigráficas entre os depósitos a que correspondem foram descritas. Contudo, muitos dos interfaces não eram de imediato desenhados, sendo que muitas plantas correspondem já a momentos da formação do depósito e não ao interface em si. Este facto coloca um problema de ordem teórica e

prática que descreveremos a seguir. Edward Harris entende que a superfície de um depósito pode corresponder a um solo de ocupação; logo torna-se imperioso que esta superfície seja desenhada, com a marcação dos seus limites e localização topográfica. No entanto o decorrer de uma escavação é contrário à preservação da superfície de um depósito pois, geralmente, enquanto se escava procurando os limites do complexo / UE, este mesmo complexo é escavado do seu centro para a periferia. Deste modo, o que geralmente é desenhado é um momento do interior do depósito, um momento que possua algo interpretativamente relevante a registrar, por ex. a presença de um buraco de poste, de alguma disposição não aleatória dos materiais arqueológicos, etc. O desenho contínuo de interfaces sem que estes revelam informações consideradas arqueologicamente significantes não foi utilizado no Crasto de Palheiros.

b) A ausência de plantas dos interfaces também se relaciona com as múltiplas formas que um depósito criado por agentes humanos pode assumir. Um depósito arqueológico não possui uma forma pré-definida, tal como aqueles depósitos criados pela natureza ou geológicos que, regidos por leis naturais, acabam por possuir uma configuração previsível. Deste modo, procurar a forma de um depósito ou o seu interface é escavar de forma aleatória. Como sabemos, a escavação é realizada paulatinamente, tentando procurar um equilíbrio entre o que encontramos estratigraficamente e aquilo que nos rodeia.

Damos um exemplo: o estrato de incêndio da unidade habitacional 11 possuía uma forma convexa acentuada sendo que quando foi identificado a primeira vez, foi entendido como uma mancha dentro do estrato que o cobria. Com o decorrer da escavação percebemos que estávamos perante um estrato discreto que possuía uma forma convexa, fruto da sua própria origem, e que era coberto por outro de forma côncava. Este estrato de incêndio possuía uma forma côncava pois, provavelmente, os restos da unidade habitacional incendiada permaneceram empilhados uns sobre os outros, dando origem a um estrato com uma forma pouco convencional. cremos que procurar a superfície deste estrato levaria a uma escavação desigual que poderia conduzir a erros de interpretação graves. *Assim nem sempre é possível o desenho de um interface em planta, desenho esse que, por sua vez, é necessário para a construção dos interfaces periódicos ou fases.*

c) Podemos questionar a própria noção de interface como solo de ocupação pois raramente o interface permanece inalterado desde o momento da sua formação. Tal como afirma Harris: “Uma vez criados, os depósitos arqueológicos e interfaces podem ser alterados ou destruídos no processo contínuo de estratificação. A estratificação arqueológica é um processo irreversível. Uma vez formada a unidade estratigráfica estará sempre sujeita a alteração e erosão não podendo ser reconstituída.” (Harris, 1989, 45). cremos na necessidade de identificar os interfaces de forma a que

a reconstituição da sequência estratigráfica seja realizada de modo apropriado no entanto, não achamos que os interfaces constituam por si e unicamente, solos de ocupação e que o seu registo visual gráfico (através de plantas) seja absolutamente prioritário.

d) Alguns tipos de solos de ocupação são de difícil identificação tais como os solos de ocupação das unidades habitacionais incendiadas. Geralmente o solo de ocupação não corresponde a algo individualizável – piso de argila ou outro – que se distinga claramente do estrato de destruição que se lhe sobrepõe. Deste modo, é quase impossível a distinção entre solo de ocupação de uma unidade habitacional incendiada e o seu próprio estrato que atesta a destruição (formado em consequência da sua destruição).

e) Muitos solos de ocupação do Crasto de Palheiros possuem o mesmo número do depósito que os forma não havendo uma distinção de materiais arqueológicos – ou outra – entre depósito ou interface. Em teoria alguns solos de ocupação corresponderão a interfaces no entanto, um solo de ocupação não tem que ser necessariamente um interface e um depósito de ocupação é uma sucessão de “solos de ocupação”.

No Crasto de Palheiros encontram-se solos de ocupação contínua, quer dizer solos que tendo sido ocupados de forma permanente num período de tempo permitiram uma acumulação de terras e artefactos dando origem a um depósito cujas características físicas permanecem inalteradas durante largos períodos de tempo. É o caso dos Lxs. 45 e 43 na área diversificada 6 na PIL. Harris não concorda que um solo de ocupação possa transformar-se num depósito de ocupação (Harris, 1993, 11) pois afirma que a vivência de um solo é por natureza uma vivência onde se dão acções de limpeza e destruição e não de acumulação. No entanto outros autores como Colcut (Harris, 1993, 11) contrapõem esta noção afirmando a existência de solos de ocupação contínua, mal limpos, que permitem a acumulação e que se tornam depósitos com características diferenciadas dos restantes contextos.

É esta última interpretação que permite à Antracologia discorrer sobre os ecossistemas que se situam na envolvente de um sítio (povoados) pois assume que é a continuidade de uso (com limpezas) que vai criando o depósito onde se acumulam as opções de busca de lenha na periferia.

O Crasto de Palheiros revelou a presença de depósitos de ocupação que revelam acções de continuidade radicalmente diferentes daquelas presentes noutros solos de ocupação (interfaces). As características de preservação contextuais serão tratadas em pormenor no ponto 6 deste volume onde voltaremos aos contextos, à sua formação e à sua vigência.

Em relação aos problemas colocados pela construção da matrix e das leis que regem essa construção podemos começar por descrever o objectivo último da matrix de Harris.

A matrix de Harris rege-se pela lei de sucessão estratigráfica onde uma determinada unidade estratigráfica possui um determinado lugar na sequência. Na matrix são reveladas as relações de uma determinada unidade estratigráfica em relação com aquelas com as quais mantém contacto físico. No final, a matrix é uma interpretação espacial e temporal onde apenas estão descritas as relações sobreposicionais mais relevantes. Tal como refere Edward Harris (Harris, 1989, 36): “These diagrams represent the relative sequence of the units of stratification through time: they are not meant to show the compressed relationships which obtain, for example, in a section. As they mark the stratigraphic development of the site through time, only the most immediate relationships in the relative sequence are significant”.

Colocam-se dois problemas relativos aos objectivos / definição da matrix. O primeiro diz respeito aos materiais arqueológicos integrados em cada unidade estratigráfica ou complexo. A matrix é uma sequência relativa das unidades estratigráficas através do tempo sendo que a caracterização dos artefactos pode ser olhada como uma mais-valia na construção da sua sequência temporal. Edward Harris nega a integração dos materiais arqueológicos na definição da sequência temporal pois estes não possuem uma evolução geológica (Harris, 1989, 29-30) – não evoluíram através da selecção natural – e portanto não podem ser olhados como caracterizadores naturais. Deste modo, é negado o conceito de fóssil-director e são introduzidos conceitos relativos à mistura aleatória de materiais num dado contexto. De facto, uma unidade estratigráfica pode possuir materiais arqueológicos de diversas cronologias sem que saibamos quais aqueles que possuem mais “peso” interpretativo de carácter cronológico para o momento de formação do depósito em causa. Como a separação dos materiais arqueológicos de diversas cronologias depende do investigador, Edward Harris concluiu que *os materiais arqueológicos não podem nem devem ser utilizados na definição das relações estratigráficas de um dado contexto.*

O Crasto de Palheiros revela-se como um bom exemplo de um sítio onde a maioria dos complexos integram materiais arqueológicos de diversas cronologias – calcólíticos, da Idade do Bronze e da Idade do Ferro – colocando problemas de índole interpretativa. A mistura de materiais num dado contexto cria problemas interpretativos muito complexos. Se por um lado não podemos confiar linearmente na cronologia indicada pelos materiais arqueológicos, por outro podemos intuir relações orgânicas e temporais quando os fragmentos cerâmicos colam entre si ou quando o estudo dos materiais é apoiado por datas de C14.

As colagens de fragmentos cerâmicos permitem colocar hipóteses interpretativas ao nível da gestão espacial na horizontalidade sendo um auxiliar fantástico na interpretação da sequência estratigráfica temporal de um sítio. Alguns complexos da PIL – Lxs. 75, 77, 91 – possuíam uma sequência estratigráfica física (relacional entre contextos) muito pobre pois localizavam-se directamente sob a camada humosa (Est. XXVI – vol. 1). Sob eles localizavam-se contextos de contacto ou interface entre fases ocupacionais sendo evidente a mistura de materiais arqueológicos de diversas cronologias. A colagem de fragmentos cerâmicos entre estes complexos e outros integrados plenamente na fase III-1, através de datas de C14, permitiu a integração dos Lxs. 75, 77 e 91 na sequência cronológica do Crasto de Palheiros (Est. XXVI – vol. 1). Sem a análise dos materiais arqueológicos, neste caso recipientes cerâmicos e sua consequente colagem de fragmentos, seria impossível a integração destes contextos no faseamento cronológico do Crasto de Palheiros.

É óbvio que esta interpretação assenta no pressuposto de que os fragmentos cerâmicos eram partes constitutivas de uma unidade (o recipiente ou parte do recipiente) que teve existência como tal num determinado momento da sequência estratigráfica e que a sua dispersão foi provocada por distúrbios físicos, de origem natural ou antrópico, posteriores a essa deposição primeira que é aquela que localizamos no espaço-tempo.

Cremos assim, tal como Harris, que os artefactos não datam estratos e que o conceito de fóssil-director deveria, de facto ser abolido. No entanto a colagem dos materiais cerâmicos é algo que deve ser tido em conta na percepção da sequência estratigráfica temporal de um sítio. Podemos questionar a sua validade pois ao questionarmos a validade dos materiais arqueológicos como um todo podemos integrar as colagens nesse todo. Contudo, as colagens dos fragmentos cerâmicos podem ser olhadas numa perspectiva eminentemente prática fixando-se nas relações estratigráficas entre estratos. A colagem não nos dá directamente a localização cronológico-cultural, apenas indica uma possível relação física.

O segundo problema relativo à matrix e sua construção diz respeito à lei da sobreposição onde a premissa principal diz que o estrato mais antigo se encontra sob o estrato mais moderno. Edward Harris indica o seguinte sobre esta “lei estratigráfica” (Harris, 1989, 30): “It assumes that the strata and features are found in a position similar to that of their original deposition”; quer dizer que os estratos possuem uma tendência para se preservarem de uma forma semelhante àquela em que foram “depositados”. Outros autores (Rowe, 1970, 59) citados por Harris (Harris, 1989, 30) afirmam

que: “The observation of superposition has virtually no archaeological significance unless the cultural contents of the deposition units are contrasted.”

De facto, a sobreposição sequencial e temporal não pode ser vista como um dado adquirido pois determinadas situações – ainda que raras – não se integram nesta “lei”. No Crasto de Palheiros a maioria dos complexos seguem esta lei estratigráfica pois os mais antigos encontram-se sob os mais modernos. No entanto, foi detectada uma situação que se revelou de muito difícil visualização dentro da matrix de Harris. Falamos dela em seguida.

A ocupação da Idade do Ferro no Talude Exterior Leste caracteriza-se pela construção de uma plataforma habitacional – denominada de PEL – localizada a meio do talude calcolítico pré-existente à ocupação da Idade do Ferro. As comunidades da Idade do Ferro escavaram o talude, retiraram pedras, aplanaram o espaço e iniciaram uma ocupação doméstica. Todas as evidências apontam para que a ocupação doméstica tenha decorrido exclusivamente na plataforma através da construção e utilização de unidades habitacionais erigidas com materiais perecíveis, à semelhança das unidades habitacionais presentes na PIL. Esta ocupação iniciou-se no séc. VI/Vº AC pois alguns estratos correspondem à primeira fase de ocupação (Est. XXXI – vol. 1).

Os Lxs. 136 e 139, integrados nas fases III-1 e III-2, devido ao seu “conteúdo material” e datas de C14, sobrepõem-se – nos quadrados G, H, J e L – a estratos mais modernos (Lxs. 138 e 142) que os acima citados. Não se trata aqui de uma inversão simples de estratos – que tal como Harris, consideramos um conceito errado – mas sim de uma sucessão de construções e deposições complexas.

Ao longo da ocupação da Idade do Ferro na plataforma – PEL – o talude foi sofrendo obras de aplanamento na sua zona mais exterior e temporariamente denominada (por exemplo nos relatórios de escavação apresentados ao IPA) como Talude Exterior 2 (zona do talude a partir do quadrado G). Estas obras de aplanamento criaram patamares artificiais (estampas IX e X), (destruíram a área de pedras fincadas – construção esta calcolítica) que tinham, provavelmente, como objectivo uma melhor gestão do espaço e que foram utilizados, também, como “contentores” de detritos.

Sobre os patamares localizados no Talude Exterior 2, construídos muito provavelmente durante a fase III-2, depositaram-se estratos de cronologia antiga. Cremos que a formação destes estratos foi por um lado intencional e por outro não intencional. Constituiu uma acção intencional quando as comunidades da Idade do Ferro decidiam limpar a zona habitacional e deitar / espalhar os

dejectos pelo talude. E, decorreu de uma acção não intencional, isto é, natural, pelo resvalar dos dejectos devido à gravidade e à morfologia e inclinação do próprio talude.

Assim, *a matrix de Harris não fornece necessariamente uma visão interpretativa de tipo cronológico, tendo de ser completada e até alterada em função do conteúdo dos estratos e dos seus processos de formação. Ao invés da matrix de Carver, a matrix de Harris não integra o factor tempo, esta matrix é uma sequência estratigráfica espacial em que cada unidade tem a mesma medida temporal.*

Esta noção não é explícita em toda a teoria subjacente à matrix de Harris contudo, encontra-se implícita. A matrix constituiu-se como um apoio a uma narrativa interpretativa do sítio no entanto essa narrativa necessita de apoiar-se noutros “documentos” para além da sequência esquematizada através da matrix.

As UEs da matrix de Harris são uma espécie de “involucro”. Elas constituem-se como um espaço que possui determinado conteúdo formado em determinado tempo contudo, o que a matrix descreve é uma sequência espacial e topográfica – o que está onde e como. O conteúdo e o tempo de formação de cada UE não é significativo nem considerado na matrix de Harris.

Para nós uma UE define-se pelo seu conteúdo, pela sua formação e duração (temporalidade) e pelo espaço que ocupa na sequência estratigráfica. Usamos a matrix como um apoio à narrativa estratigráfica mas temos em conta nessa mesma narrativa elementos desconsiderados por Harris.

A construção da matrix relacionada com a ocupação do talude (Est. XXXI – vol. 1) revelou assim muitos problemas e fragilidades inerentes à construção de uma sequência estratigráfica. As matrizes são sempre construídas sob os mesmos parâmetros construtivos no entanto consoante os objectivos da mesma, o seu aspecto final pode variar. Quer dizer que, se a sequência estratigráfica tem como objectivo a cronologia e uma interpretação final do sítio terá uma forma final diferente de uma matrix que tem como objectivo a relação física entre os contextos. Geralmente a relação física entre os contextos e a interpretação final interligam-se de um modo consensual sendo que a forma final de ambas as matrizes será aproximada. No entanto, no caso do Talude Leste tal não ocorreu. Assim, *em determinados casos uma matrix não revela ao mesmo tempo as relações físicas entre os contextos e a sequência absoluta temporal do sítio.*

A matrix estratigráfica construída para elucidar as relações contextuais no Talude Exterior Leste é essencialmente de base cronológica sendo que algumas relações físicas entre contextos não são descritas, como é o caso dos Lxs. 136 e 139. A nossa opção interpretativa é discutível. No

entanto cremos de maior utilidade uma matrix onde está presente uma sequência estratigráfica temporal – ainda que não totalmente coincidente com relações físicas – do que uma matrix que apenas revele relações físicas, que são evidentes e demonstradas, facilmente, num corte estratigráfico (estampa XII).

Por último, gostaríamos de referir que somos de opinião, tal como Harris (Harris, 1989, 46) que os depósitos arqueológicos são constituídos por deposições únicas, na composição do solo, no tempo e no espaço. São criados apenas uma vez e estão sujeitos unicamente à destruição quando movidos. Por isso, é de rejeitar que uma estratigrafia se possa apresentar como “invertida” no sentido em que todos os estratos se apresentam pela ordem inversa à sequência tida como original, logo com cronologia invertida. Para nós, um estrato movido é um estrato destruído e portanto tal conceito não é possível.

Entendemos, porém, que o revolvimento de UEs pode ser conduzido de diversas formas criando um sem número de variáveis ou nuances que devem ser descritas minuciosamente. De facto ocorrem acontecimentos que conduzem a uma “estratigrafia invertida” no sentido em que os artefactos ocorrem numa ordem cronológica invertida.

O paradigma da “estratigrafia invertida” assenta no pressuposto de que os artefactos datam o estrato arqueológico e constituem a sua essência na atribuição cronológico-cultural. O que aparece invertido é a sequência dos artefactos, isto é, eles aparecem pela ordem inversa à sua “existência” cronológica original.

Nós assumimos que o estrato é uma entidade física unitária composta por posição estratigráfica (localização topográfica e sequencial única, independente da interpretação cronológica que damos aos objectos que contém), composição das terras (cor, granulometria, etc) e materiais arqueológicos. A UE é caracterizada por uma totalidade de factores.

Edward harris elegera a localização topográfica e sequencial independente da interpretação cronológica dos materiais arqueológicos como factor principal. No paradigma da estratigrafia invertida os materiais arqueológicos são os eleitos para a narrativa de sequência estratigráfica.

Ainda que tenhamos elegido localização topográfica e sequencial independente da interpretação cronológica dos materiais arqueológicos como factor principal, as características peculiares da PEL levaram ao predomínio dos materiais arqueológicos. Quer dizer que a localização topográfica e sequencial das UEs na PEL sem atender aos materiais arqueológicos impossibilitava uma narrativa histórica e cultural.

Em suma, as matrizes do Crasto de Palheiros apresentam algumas variações em relação à matrix de Harris e algumas adaptações – necessárias – à teoria que lhe subjaz. Cremos que no essencial as matrizes do Crasto de Palheiros seguem as directivas de Edward Harris, firmando este método como útil, funcional, facilmente perceptível e utilizável. As adaptações utilizadas foram inevitáveis pois a realidade arqueológica é uma realidade histórica e cultural, ligada às acções do quotidiano das comunidades do passado mas também a acções de degradação natural dos estratos (estes elementos são extensivamente tratados no ponto 6). Deste modo, acreditamos na utilidade da aplicabilidade deste método – matrix de Harris – apesar das variações introduzidas e do questionamento realizado.

4.1.2.2. Cortes e plantas do Crasto de Palheiros

4.1.2.2.1. Descrição

Os cortes e plantas de uma escavação estão sobretudo relacionados com a dinâmica da escavação e com os objectivos do investigador. Quer dizer que no Crasto de Palheiros não se procedeu à realização sistemática de plantas de estrato, como protagonizada por Harris, cujo objectivo seria o de descrever as unidades estratigráficas (Harris, 1989, 95-100) – e a utilização / desenho de cortes encontra-se limitada às banquetas existentes na área de escavação.

Deste modo a informação contida nos cortes encontra-se por definição limitada àquele plano vertical específico (materializado muitas vezes em banquetas) e serve unicamente para explicar a sequência estratigráfica naquele plano ou secção vertical. Já as plantas são, geralmente, realizadas sobre determinado momento do faseamento / cronologia do sítio.

No Crasto de Palheiros, o desenho de plantas não foi utilizado de modo sistemático para descrever a evolução espacial das unidades estratigráficas e desse modo as plantas apresentadas – neste volume – dizem respeito a momentos ocupacionais.

No Crasto de Palheiros, a configuração das zonas de escavação foi muito diversa tendo como consequência um número de banquetas por zona (PIL, TEL, PIN, TEN) também, muito diverso. Deste modo, neste volume não são revelados todos os cortes registados em escavação pois nem todos apresentam informações estratigráficas e arqueológicas significantes. Os cortes foram escolhidos consoante a visibilidade de determinadas características dos estratos presentes e da sua relação com a cronologia.

4.1.2.2.2. O registo sistemático de plantas – sua potencialidade

O registo sistemático por plantas de estrato permite todo um trabalho descritivo e interpretativo que é negado ao registo pontual ou selectivo. Tal como já foi referido, não foram realizadas plantas pormenorizadas de todas as unidades estratigráficas e desse modo o método de registo do Crasto de Palheiros é um pouco deficitário. Os problemas relacionados com o registo pontual – onde não são realizadas plantas cotadas de todas as unidades estratigráficas – são de vária índole, a saber:

a) Ausência de informação precisa da abrangência espacial da unidade estratigráfica. Por vezes, no registo pontual, a descrição da unidade estratigráfica engloba a informação dos quadrados em que ela se localiza mas não permite saber qual a parte do quadrado que ela ocupa.

b) Ausência de informação precisa sobre o volume absoluto da unidade estratigráfica em toda a sua extensão espacial. Tal informação só é possível de obter com um registo sistemático de plantas cotadas ou com a proximidade de banquetas que possibilitam pelo menos essa informação na área onde se regista o corte.

c) Quando as unidades estratigráficas não possuem materiais arqueológicos – sendo desse modo, estéreis – existe uma lacuna grave informativa se não existir um registo sistemático por plantas / cortes.

As unidades estratigráficas que não são descritas de modo sistemático em plantas sucessivas cotadas e que se apresentam estéreis ao nível dos materiais arqueológicos constituem uma inexistência. Estas unidades estratigráficas são descritas como todas as outras mas não possuem nenhuma materialidade que permita entender a sua existência. Como não são registadas em planta – e podem nem ser “apanhadas” num corte –, não possuem uma descrição física real; não sabemos qual a sua extensão, como são os seus limites, qual a sua espessura, etc.

A ausência de um registo sistemático de unidades estratigráficas pode ser uma opção teórico-metodológica, válida como qualquer outra, no entanto as consequências da ausência deste registo são visíveis no estudo de materiais, no estudo de conservação dos estratos e, por último, no entendimento global do sítio arqueológico.

O conhecimento de uma unidade estratigráfica passa pela percepção da sua extensão, dos seus limites e da sua espessura, de forma que seja possível uma percepção do volume ocupado por aquela unidade estratigráfica. O conhecimento real do volume de uma determinada unidade estratigráfica – medido em decímetros cúbicos – pode ser cruzado com o número de fragmentos contidos nessa

mesma UE e permitir a criação de um índice de densidade. Tal foi realizado para alguns contextos da área Norte do Crasto de Palheiros (Sanches e Pinto, 2006), mas não foi possível para mais nenhuns contextos de nenhuma outra zona. Falaremos de seguida um pouco do estudo de densidade de alguns estratos arqueológicos localizados na Área Norte.

4.1.2.2.3. Estudo de densidade de estratos arqueológicos

4.1.2.2.3.1. Objectivos do estudo de densidade

O objectivo do estudo de densidade dos estratos é perceber de um modo mais imediato qual a proporção de fragmentos cerâmicos por volume de um depósito, ou contexto. Cremos que saber a quantidade de fragmentos cerâmicos em determinado contexto é insuficiente para avaliar essa presença em comparação com outras presenças. Deste modo, o único método viável – para nós – é saber qual o volume de um determinado estrato e criar um índice que relacione o número de fragmentos – na totalidade ou parcialmente, por exemplo número de bordos, de decorados, de fragmentos de determinada pasta – com o volume. A comparação entre estratos ocorre através do índice pois apenas o índice permite ter uma visão correcta da densidade de cada estrato, na relação intrínseca entre o seu volume e o número de fragmentos neles contidos.

É notório, ao longo de todo o nosso trabalho de análise, descrito no volume 2, a ausência da comparação entre estratos ao nível da quantidade de cerâmica. Cada complexo possui determinado número de fragmentos que difere de todos os restantes. No entanto não tecemos comparações nem conclusões a partir destas pois o número de fragmentos em determinado contexto nada nos diz sobre as características desse contexto. As características de que falamos são a densidade de fragmentos por contexto. É incorrecto afirmar que um determinado contexto possui “mais” ou “menos” fragmentos que outro se não os pudermos comparar através de um índice de densidade. Quer dizer que a “realidade” que se nos apresenta na análise empírica e usual dos fragmentos é insuficiente para uma comparação entre quantidades, densidades e presenças.

Sabermos que determinado contexto, neste caso complexo, possui uma quantidade superior de fragmentos em relação a outro contexto não nos diz nada sobre ele nem sobre a relação entre ambos. Contudo se conhecermos o volume de cada contexto, se avaliarmos o índice, poderemos observar que os contextos são, estatisticamente, semelhantes ou dissemelhantes, no que concerne ao seu conteúdo em artefactos.

Em suma, o índice de densidade é o único veículo viável na percepção da quantidade de fragmentos por contexto pois a comparação entre contextos é sólida e baseada num número comparável.

4.1.2.2.3.2. Metodologia

O volume de alguns complexos localizados na PIN 2 foi realizado a partir da informação obtida em cortes e plantas. A área incluída neste estudo é muito pequena (estampa XIII) correspondendo a cerca de 36 m² (9 quadrados de 2 m por 2 m). Esta área inclui 4 unidades habitacionais – 9, 10, 11 e 12 (estampa XVIII) – sendo que foram analisados vários estratos relacionados com estas unidades.

O volume dos estratos foi obtido através de três métodos que se complementam e que apresentamos de seguida.

1º Método – Calcula-se a área em planta do estrato em análise e multiplica-se pela altura média.

2º Método – Calcula-se a área em corte e multiplica-se pelo comprimento.

3º Método – Com base nas plantas, cortes e cotas existentes sobre o estrato em análise avalia-se o volume de pequenas áreas dentro do estrato e soma-se tudo no final.

As características físicas dos estratos, nomeadamente aquele que nos indica que os estratos são espessos no centro e cada vez menos espessos à medida que nos aproximamos dos limites, dificultam uma avaliação correcta do seu volume. Desse modo, os volumes conseguidos são aproximações ao volume dos estratos sendo que temos a plena consciência que uma avaliação mais precisa dos volumes necessitaria de um registo dos estratos em plantas cotadas mais pormenorizadamente.

O controlo dos erros e discrepâncias de valores foi conseguido da seguinte forma: *i)* foi medido o volume geral de alguns sectores para no final ser possível comparar esse valor unitário com a soma dos valores dos volumes dos vários estratos; *ii)* quando o estrato apresenta um declive muito acentuado mas apresenta grande regularidade no comprimento – por exemplo, ocupando o espaço de 1 ou 2 quadrados – é usado o 2º método; *iii)* se o estrato apresenta uma planta muito irregular mas em compensação apresenta uma altura mais ou menos constante, é usado o 1º método; *iv)* quando o estrato se apresenta muito irregular no corte e na planta, é usado o 3º método e *v)* todos os estratos foram avaliados através de dois métodos para ser possível comparar resultados.

4.1.2.2.3.3. Conclusões

A conclusão geral deste estudo é que os vários estratos (Est. XXXII – vol. 1) revelam valores de densidade muito díspares. É notório que os complexos calcolíticos – Lxs. 51, 53, 54, 108, 114 –, os complexos associados à camada humosa – Lxs. 17, 64, 67, 3, e 10 entre outros – e alguns contextos da Idade do Bronze / Ferro – Lxs. 98, 85 – revelam valores de densidade muito mais baixos que os valores apresentados nos estratos das unidades habitacionais incendiadas – A30, A34, A49 e A53. É interessante notar que os contextos calcolíticos e a camada humosa possuem valores semelhantes de densidade apontando para várias hipóteses interpretativas. Este facto pode indicar um uso de recipientes cerâmicos no Calcolítico inferior àquele da Idade do Ferro ou indicar uma perda de fragmentos cerâmicos através da erosão nos contextos calcolíticos até à fundação do povoado da Idade do Bronze / Ferro.

Os valores de densidade das várias unidades habitacionais são diferentes em cada uma delas sendo que aquela que apresenta maior densidade é a 10 seguida da 11, 9 e 12. A densidade da U. Hab. 12 pode estar relacionada com o facto de que a parte que foi escavada do estrato de incêndio é uma zona limítrofe deste mesmo estrato. É possível que as zonas limítrofes do estrato, sendo mais finas, possuem um número de fragmentos mais baixo do que o núcleo / centro do estrato. No entanto esta premissa é apenas uma hipótese interpretativa que carece de um estudo muito mais aprofundado do que este.

O valor mais alto de densidade é do Lx. 16.2 (ver descrição estratigráfica no ponto 5). Este complexo pode ser comparado com o Lx. 111 pois ambos foram interpretados como sendo pisos de argila. O piso de argila da U. Hab. 10 – Lx. 16.2 – encontrava-se muito destruído no entanto tal facto não modificou a nossa interpretação. É de reflectir na seguinte dissonância: um piso de argila bem preservado, como é o Lx. 111, apresenta um índice de densidade muito baixo – semelhante a alguns contextos calcolíticos – e um piso de argila mal preservado, como é o Lx. 16.2, apresenta um índice tão elevado (superior aos estratos de incêndio das unidades habitacionais). Como entender tal facto? Cremos que o índice de densidade do Lx. 16.2 não corresponderá ao piso de argila em si. O Lx. 16.2 era constituído por um conjunto de pedaços de argila desagregada espalhada pelos sedimentos queimados do estrato e os fragmentos cerâmicos pertencem a esse estrato de terras queimadas. É possível assim que o Lx. 16.2 não corresponda a um piso de argila destruído em fragmentos de barro mas sim a pedaços de barro soltos das paredes da unidade habitacional. Tal interpretação explicaria a desagregação do barro encontrada.

O Lx. 93 (ver descrição estratigráfica no ponto 5) foi interpretado durante a escavação como um piso de argila amarela compactado e localizado entre as unidades habitacionais 11 e 12 e no exterior do estrato de incêndio da U. Hab. 11, rodeando-a (Est. XVI – vol. 1). Deste modo o Lx. 93 foi tido, em escavação, como um solo de ocupação, um espaço exterior à unidade habitacional e suas paredes onde as pessoas podiam circular.

O estudo de densidade revelou que o Lx. 93 apresenta um dos valores mais elevados de densidade – superior àqueles apresentados pelos estratos de terras queimadas das U. Habs. – sendo que esta densidade contraria a noção de que um solo de ocupação apresente poucos ou nenhuns fragmentos cerâmicos. Tal facto permite a colocação de duas hipóteses interpretativas sendo que na primeira é negado ao Lx. 93 a interpretação de piso compactado, como sendo simultaneamente solo de ocupação¹. Quer dizer que o valor de densidade calculada aponta para uma realidade arqueológica que não é a aquela que foi empiricamente entendida em escavação. É possível que o Lx. 93 constitua o estrato de destruição das paredes da U. Hab. 11 e que a destruição destas paredes – o seu derrube – tenha fragmentado e ao mesmo tempo preservado os recipientes cerâmicos que se encontravam no solo de ocupação da U. Hab. junto aos seus limites (aquando do derrube das paredes da unidade habitacional). Cremos que a densidade apresentada pelo Lx. 93 corresponde aos recipientes que se encontravam dentro da U. Hab. e, provavelmente, encostados às paredes da mesma.

Os Lxs. 110 e 115 apresentam um bom índice de densidade sendo este semelhante aos dos estratos das U. Habs. incendiadas. Cremos que o índice dos Lxs. 110 e 115 aponta para o facto de estes complexos serem vistos como solos de ocupação contínua, sobretudo o Lx. 115.

Em suma, o índice de densidade revelou-se uma ferramenta interessante e útil no entendimento dos estratos tal como tínhamos previsto. Cremos que a utilização de uma metodologia de registo dos estratos muito cuidada e pormenorizada aliada a um método de avaliação do índice de densidade é uma ferramenta poderosíssima na interpretação arqueológica.

¹ O Lx. 93 era um estrato de terras argilosas, de cor amarela, que se apresentava muito compacto e uniforme. A primeira percepção em campo é que poderia estar presente um piso de argila, literalmente, pisado e compactado pelos pés das pessoas que teriam habitado aquela U. Hab. (neste caso a U. Hab. 11). Contudo os estudos de laboratório vieram a revelar outras hipóteses interpretativas.

4.2. Numeração sequencial dos fragmentos – suas consequências e potencialidades

4.2.0. Reflexões “A sequência dos dias na sequência dos fragmentos”

O duro trabalho de inventariação e marcação de mais de 20 000 fragmentos que levei a cabo foi possível porque naqueles longos dias, intermináveis, de contagem me recordava de momentos da infância um tanto ou nada absurdos.

Recordei com alguma satisfação que em criança, com cerca de 8 anos, gostava de escrever números de uma forma sequencial, em longas colunas, dispostas na vertical numa folha quadriculada. Começava no 1 e lembro-me de ir até 1500 e tal... não tinha nenhum objectivo, não me parece que me ajudasse a aprender a tabuada mas eu gostava dessa monotonia, dessa previsibilidade, dessa certeza que há sempre mais um, do poder de parar naquele que me apetecesse e sobretudo na sensação de tarefa cumprida sempre que escrevia mais um.

Por isso nos longos dias de inventariação achava que nessa infância algo me tinha dito que era melhor ir treinando... pois a tarefa em adulta seria muito mais dura. E essa crença absurda de destino encheu os meus dias de significado mais que não fosse pela semelhança com essa cadência sequencial com que decorrem dias e números.

Na inventariação dos fragmentos aprendi, também, imenso sobre números; há as capicuas pequenas – 313 –, capicuas grandes – 3113 –, aqueles em espelho – 133 com o 331 –, os sequenciais crescentes – 123 ou 234 –, os sequenciais decrescentes – 321 ou 432 –, os parecidos que exigiam mais atenção – 12552 ou 15225 –, os pequenos – 1 –, os grandes – 1111 –, os que me faziam recordar a realidade – 1980, 2001, 2004 –, os engraçados – 69 –, os difíceis de escrever – 7171 – e aqueles que aparentemente não significavam nada.

Esta inventariação foi também o meu primeiro contacto com os fragmentos cerâmicos, havia os grandes, os pequenos, os minúsculos, os polidos – fáceis de escrever –, os rugosos ou deteriorados – difíceis de escrever –, os escuros – onde a escrita era visível –, os claros – onde a escrita não era tão visível – e sobretudo eram muitos, mesmo muitos...

Ao longo da tarefa sabia que esta era uma tarefa necessária sem a qual não podia prosseguir o meu trabalho mas que em si não tinha nenhum significado para além desse. Era uma tarefa extremamente aborrecida e sem finalidade em si, era apenas um meio para atingir um objectivo que ainda exigiria a prossecução de muitas outras tarefas de análise.

Mas nessa sequência de dias, que ainda durou mais de 2 meses, percebi que todo o meu ser necessitava de uma justificação intrínseca ainda que soubesse que essa mesma justificação fosse um castelo no ar. E por isso olhei a marcação dos fragmentos como espécie de decurso dos dias, ou mesmo até do decurso do próprio dia, o sol nasce, sobe, desce, e desaparece, para no dia a seguir tornar a aparecer. Compreendi que a sequência de algo é um factor de vivência, se estamos lá a ver a sequência mesmo que não interagamos directamente com ela, a sua observação prova a nossa própria existência. No silêncio dos dias, de marcação interminável, esperava o pôr-do-sol, nessa certeza de que tudo o que começa tem um fim.

E assim, um dia a marcação terminou, nasceu outra tarefa, mas aquela não se repetiu mais. Pela prática percebi que qualquer tarefa tem que ter uma finalidade intrinsecamente dela pois essa é a sua natureza e pela prática percebi que o decurso dos dias, na sua simplicidade, prova a nossa existência.

E agora de uma forma prática, descreverei como a sequência dos fragmentos revela a sua natureza.

4.2.1. Descrição do método

A marcação sequencial dos fragmentos foi iniciada no ano de 2004 após várias campanhas de escavações no Crasto de Palheiros. Foi decidido que a numeração sequencial seria realizada a partir do 1 em cada ano de campanha de escavação.

Foram marcados a maioria dos fragmentos das campanhas de 2000, 2002 e 2003 no entanto os fragmentos das campanhas anteriores foram marcados de um modo muito parcial. Das campanhas de 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999 foram inventariados e marcados todos os fragmentos relativos a estratos relacionados com as ocupações da Idade do Bronze e Ferro e todos os bordos já estudados por Isabel Amorim na sua tese de mestrado (Amorim, 1999). Os fragmentos integrados em estratos correspondentes à ocupação calcolítica na PSL e PIL de 1995 a 1999 e aqueles da PSN de 2002 e 2003 não foram ainda inventariados. A ocupação Calcolítica na PSL e PIL foi estudada por Sandra Barbosa (Barbosa, 1999) e Isabel Amorim (Amorim, 1999), respectivamente, ainda que com um método de análise distinto daquele usado por nós. A ocupação Calcolítica da PSN continua por inventariar e estudar ainda que tenha sido já traçado um plano de estudos para esta zona.

Deste modo, do ano de 1995 estão inventariados 862 fragmentos (do 1 ao 862), de 1996 estão inventariados 408 (de 1 ao 408), de 1997 estão inventariados 1620, de 1998 estão inventariados

3663, de 1999 estão inventariados 4367, de 2000 estão inventariados 1197, de 2002 estão inventariados 8008 e de 2003 estão inventariados 16437.

Os fragmentos cerâmicos que não possuíam nenhum tipo de marcação foram marcados com a sigla do sítio – CP –, do ano – por exemplo, 2002 seria 02 – e o número sendo cada elemento se encontra separado por um hífen. Deste modo os números de inventário possuem esta configuração: CP-02-1.

Os fragmentos cerâmicos que já tinham sido marcados, com a sigla do sítio, o ano, a unidade, o quadrado e o Lx, foram remarcados com o número sequencial junto ao ano e separado deste por um hífen.

Em teoria, os fragmentos cerâmicos necessitam, unicamente, da numeração sequencial pois a restante informação sobre os mesmos é registada numa base de dados geral que tem os seguintes campos: sítio arqueológico (Crasto de Palheiros); ano (1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2002, 2003); número de inventário (1 a ...); Unidade (Externa ou Interna); quadrado; complexo; camada, zona, referências ou numeração antiga, tipo de fragmento (morfologia) e outras observações.

Esta primeira base de dados permite uma primeira contabilização dos fragmentos por zona, contexto, quadrado, etc.

Após a análise do conjunto cerâmico concluímos que os fragmentos cerâmicos devem possuir, para além do número de inventário, o Lx. donde provêm e quando possível a zona, pois neste momento há já a repetição de números de complexos (que cria uma certa confusão). A marcação do Lx. e da zona permite uma melhor percepção da distribuição espacial dos fragmentos quando se estudam vários complexos ao mesmo tempo.

4.2.2. Consequências e potencialidades

A numeração sequencial dos fragmentos pressupõe que cada fragmento possui em si informação digna de ser registada individualmente. Este método de registo pressupõe também que é possível adicionar à informação obtida por determinado investigador outra informação obtida por outros investigadores e seus parâmetros.

Este método de registo estende aos fragmentos sem forma o método de registo de bordos e fragmentos decorados já utilizado pela maioria dos investigadores. Cada fragmento cerâmico, independentemente da informação morfológica e estética que possa ter, é numerado e por isso as suas características são analisadas e registadas individualmente.

Este método permite uma percepção pormenorizada de cada fragmento cerâmico que é materializada numa base de dados com os seguintes campos (incluindo aqueles já referidos na inventariação): associação (quando aplicável), unidade habitacional (quando aplicável), grupo morfológico, categoria de dimensão, estado de conservação das arestas, categoria de espessura, tipo de pasta, tipo de superfície externa, tipo de superfície interna, categoria de superfície (superfície externa + superfície interna), cor da superfície externa, cor do cerne, cor da superfície interna, categoria de cor (cor da superfície externa + cerne + superfície interna), técnica de manufactura e observações (por ex. se é decorado).

A partir da informação recolhida na base de dados é possível construir tabelas dinâmicas que comparam os vários parâmetros de avaliação. A construção de tabelas dinâmicas é unicamente limitada pelos parâmetros registados. Quer dizer, é possível comparar tipos de pastas e estado de conservação das arestas, tipo de pastas e espessuras dos fragmentos, tipos de pastas e cores, categoria de dimensão e estado de conservação das arestas, etc.

Em teoria o uso deste método é o único, cientificamente, viável pois permite um maior pormenor descritivo, um maior pormenor na análise estatística e uma utilização futura da informação já obtida. Neste método a informação obtida está conectada com a realidade do conjunto cerâmico e a ligação é feita pelo número de inventário. O número de inventário é o elo de ligação entre o conjunto cerâmico como materialidade e a informação descrita pelo investigador e armazenada numa base de dados ou, de um modo mais simples, em tabelas descritivas.

A utilidade do método de registo individual dos fragmentos é indiscutível no entanto o tratamento da informação obtida por este método de análise é bastante complexo. O tratamento da informação é o que torna este método de registo pouco atractivo pois é necessário – para uma colecção de fragmentos grande – muito tempo de análise, de inserção de dados e de composição de tabelas e gráficos.

4.3. Criação de uma tipologia de pastas cerâmicas – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos

4.3.0. Reflexões “As pastas cerâmicas”

O primeiro contacto que tive com o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros ocorreu no primeiro ano de Faculdade (em 2000) e nesse momento estudei um pequeno conjunto de fragmentos cerâmicos do Talude Leste com cerca de 1100 elementos.

A metodologia utilizada no estudo desse pequeno conjunto de fragmentos cerâmicos foi aquela escolhida por Isabel Amorim (Amorim, 1999, 41-45) para o seu estudo integrado na tese de mestrado.

Percebi que aquilo que conseguia observar sobre os fragmentos cerâmicos não era descrito através do método utilizado. Neste primeiro método aplicado ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros foram utilizados apenas dois parâmetros descritivos das pastas cerâmicas: o tamanho dos elementos não plásticos e a textura. Estes dois parâmetros não se relacionam entre si na criação de um grupo final. Quer dizer que os fragmentos cerâmicos eram descritos isoladamente em relação ao tamanho do desengordurante e à textura geral do fragmento.

Os elementos não plásticos (desengordurantes) eram integrados em 3 categorias de tamanho – < 1 mm; $1/2$ mm e > 2 mm – e em 3 categorias de textura – friável; compacta e homogénea (Amorim, 1999, 42-43).

A relação entre o tamanho e a textura – que apenas poderia ser obtida através de uma tabela dinâmica ou relacional – providenciaria uma ideia de pastas cerâmicas sem que estas fossem de facto nomeadas por um número ou letra. Quer dizer que os fragmentos podiam ser agrupados consoante o tamanho e a textura – por exemplo, um grupo correspondia aos fragmentos com ENPs < 1 mm e de textura compacta e o grupo seguinte corresponderia aos fragmentos com ENPs < 1 mm e de textura homogénea – mas tal não ocorria.

Face ao observado resolvi aplicar uma metodologia que permitisse uma descrição mais cuidada, mais pormenorizada da pasta cerâmica e que fosse sobretudo aglutinadora. Deste modo, os parâmetros utilizados na descrição das pastas cerâmicas – natureza dos ENPs, tamanhos dos ENPs, distribuição dos ENPs e origem dos ENPs (ver o capítulo referente a este tema no vol. 2) – são factores que se interligam e que não necessitam de uma análise posterior – através de tabelas relacionais – para o entendimento e identificação de pastas cerâmicas.

A metodologia aplicada por mim define a pasta cerâmica e tal definição é estanque, não permitindo alterações que mudem o seu significado identitário. Deste modo, esta metodologia indica numa determinada pasta cerâmica a natureza dos ENPs, sua origem, tamanho e distribuição. Qualquer alteração num dos quatro factores descritivos exige a criação de novo tipo cerâmico.

No fundo, a mudança de metodologia deveu-se a uma necessidade e ao mesmo tempo consciência de que a pasta cerâmica é algo unitário, com a qual se constroem muitos vasos. A mudança de metodologia procurou encontrar as pastas cerâmicas, nomeando-as, tornando-as uma entidade da qual se pode falar, discutir características e comportamentos. Para mim só este caminho se configurava como viável.

4.3.1. Potencialidade de uma tipologia de pastas cerâmicas.

A tipologia de pastas cerâmicas² é semelhante, em termos práticos e da investigação, às tipologias de formas, bordos, bases e decorações. A formação de uma tipologia é a organização da realidade consoante a observamos, de uma forma que seja perceptível para nós e para os outros. Desse modo, a tipologia de pastas permite uma percepção mais imediata do conjunto cerâmico, a nível técnico, orientando as observações, interpretações e o pensamento analítico.

É óbvio que a tipologia de pastas, tal como qualquer outra tipologia, integra elementos fragmentados cuja realidade na sua forma completa poderia redefinir a integração que apresentam na tipologia. Quer dizer que, a tipologia de pastas é um aglutinante, nela tudo está contido, no seu interior tudo faz sentido, sendo que os fragmentos cerâmicos não podem ser reavaliados estatisticamente, pois a tipologia é um fim. A reavaliação dos fragmentos e subsequente criação de nova tipologia exigiria novo trabalho de análise.

Esta característica é uma potencialidade sendo também uma limitação. Uma tipologia define-se como uma interpretação, logo constituiu-se como algo positivo e definidor de toda a investigação.

A tipologia de pastas do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros revela a variedade de pastas cerâmicas presentes, bem como o seu uso e evolução ao longo de centenas de anos. Esta tipologia define pastas finas, medianas e grosseiras – a nível técnico –, pastas de diferentes cronologias e também, pastas com comportamentos de conservação distintas.

Esta tipologia permite conhecer o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros na sua diversidade relacionando essa diversidade com as ocupações humanas que ocorreram neste espaço.

² A tipologia de pastas referente ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros foi realizada com base numa análise macroscópica descrita em pormenor no volume 2, capítulos 3.1 e 3.2.

A tipologia permite uma análise relacional, onde em todos os contextos podemos comparar pastas com formas de recipientes, tratamentos de superfície, cor, estados de conservação dos fragmentos, etc. Quer dizer que a tipologia de pastas permite um nível completamente diferente de análise daquele realizado por Isabel Amorim (Amorim, 1999), ou mesmo outros autores que seguiram o mesmo tipo de análise.

No entanto, este nível de análise, que consideramos mais interpretativo, pode ser posto em causa, exactamente por ser interpretativo. Cremos que a tipologia de pastas é um ponto de chegada de grande importância contudo pode ser olhada com desconfiança, exactamente porque é um ponto de chegada que é utilizado como ponto de partida.

4.3.2. Limitações e consequências da utilização de uma tipologia de pastas cerâmicas.

Como já foi referido, acreditamos que a utilização de uma tipologia de pastas possui mais aspectos positivos do que aspectos negativos. No entanto são várias e de diversa índole as limitações e consequências da utilização de uma tipologia de pastas cerâmicas numa análise de um conjunto cerâmico.

Durante a nossa avaliação do conjunto cerâmico encontramos diversas limitações que expomos a seguir, de um modo não hierárquico.

a) Uma tipologia cerâmica indica invariavelmente informações de âmbito cronológico. Quer dizer que as pastas são relacionadas com determinados períodos cronológicos através da sua presença maioritária em contextos datados desses períodos. Tal significa que a leitura estatística de um determinado contexto tem sempre como elemento norteador a cronologia das pastas integradas. Se por um lado, este facto é interessante, interpretativo, bastante informativo, é também um factor que reprime a interpretação. A repressão da interpretação ocorre porque no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros existem 3 tipos de pastas caracterizadas a nível cronológico, a saber: *i*) aquelas que ocorrem maioritariamente em contextos calcolíticos e que quando ocorrem em contextos da Idade do Ferro são, claramente, intrusas; *ii*) aquelas que ocorrem maioritariamente em contextos da Idade do Bronze e Ferro e *iii*) aquelas que ocorrem em todos os períodos de forma contínua e integrada. Quer dizer que um determinado tipo de pasta pode integrar fragmentos de cronologias distintas pois com base na análise empírica, estes fragmentos são tecnicamente semelhantes.

Deste modo, a caracterização cronológica das pastas cerâmicas é baseada na análise empírica (sem o recurso a análises mais pormenorizadas, como aquelas realizadas por SEM) e na análise estatística contextual. Gostaríamos que a nossa avaliação cronológica fosse baseada em análises aos

fragmentos cerâmicos que tivessem em conta a sua composição química e que essas análises permitissem um melhor entendimento da natureza das pastas e suas argilas. Com base nos pressupostos referidos podemos dizer que existe uma continuidade entre as pastas do Calcolítico e da Idade do Ferro, que pode ou não estar relacionada com o uso dos mesmos barreiros ou barreiros muito semelhantes.

Em suma, a aferição cronológica das pastas cerâmicas é baseada numa avaliação empírica sendo desse modo bastante frágil. Assim, toda a interpretação cronológica realizada através da tipologia de pastas deve ser olhada com cautela. A aferição cronológica é sobretudo um modelo interpretativo que foi aplicado ao conjunto cerâmico³.

b) A tipologia de pastas cerâmicas reduz uma realidade bastante diversa a uns quantos tipos cerâmicos (neste caso 12 tipos de pastas). Quer dizer que a partir do momento de criação das pastas cerâmicas, toda a realidade do conjunto cerâmico é integrado nas características das pastas definidas. É evidente que a tipologia de pastas é criada com base no conjunto cerâmico e suas características – procurando reflectir o mais possível as características observadas – e cada contexto revela a presença de determinados tipos. No entanto o que queremos evidenciar aqui são os modelos de análise e a forma como os diversos modelos de análise podem modificar a interpretação arqueológica.

Num primeiro modelo de análise, as pastas presentes num conjunto cerâmico – por exemplo um conjunto cerâmico de um determinado complexo – são analisadas através de vários factores sem que seja formada uma tipologia. Ou seja, os fragmentos são descritos consoante os factores criados – por exemplo textura dos ENPs, tamanho dos ENPs, distribuição dos ENPs – sem que sejam integrados num tipo de pasta. Deste modo, toda a análise do conjunto cerâmico decorre sem ser formada uma tipologia e as características dos fragmentos são directamente descritas em tabelas e individualmente. Neste caso, a descrição física dos fragmentos decorre de forma semelhante àquela usada para descrever a cor, o tratamento de superfície ou a morfologia sendo que o fragmento é uma entidade autónoma em relação à técnica de manufactura.

Neste primeiro modelo de análise a tipologia de pastas é construída na fase de estudo estatístico sendo que os fragmentos são agrupados consoante as semelhanças estatísticas das suas características físicas. Neste modelo, na fase de agrupamento dos fragmentos para a formação de uma tipologia de pastas não existe uma visualização do fragmento, da sua cor, do seu aspecto, daquela realidade que o investigador observou.

³ Para mais pormenor sobre a tipologia de pastas e cronologia de cada uma das pastas ver capítulo 3.2, do volume 2.

Num segundo modelo de análise – sendo este aquele que foi utilizado no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros – as pastas presentes, num primeiro conjunto cerâmico estudado (por exemplo no caso do Crasto de Palheiros foi o Lx. 67.1, da área norte), são analisadas através de vários factores e é formada uma primeira tipologia. Por exemplo, num primeiro conjunto cerâmico, os fragmentos são agrupados em 5 tipos de pastas e é criada uma amostra de cada pasta – constituída por vários fragmentos – que é guardada e que servirá para as comparações com fragmentos de outros contextos. De seguida é analisado um segundo conjunto cerâmico onde 4 dos 5 tipos de pastas já definidos estavam também presentes e onde estavam presentes 3 novos tipos que, obviamente, seriam definidos seguindo os parâmetros dos anteriores.

Neste segundo modelo de análise a tipologia de pastas é construída aquando do estudo empírico e as características físicas dos fragmentos cerâmicos são descritas através da tipologia. Quer dizer que os fragmentos cerâmicos são nomeados pelo tipo de pasta sem que sejam descritos individualmente sendo evidente que a nomeação de determinada pasta é realizada consoante as características apresentadas pelo fragmento. No entanto, a partir deste momento – que ocorre durante o início da análise empírica – os fragmentos não poderão ser reavaliados estatisticamente e não poderão ser inseridos em novas categorias ou pastas baseadas numa avaliação estatística, pois tal deixou de ser possível.

Neste caso, o fragmento é integrado em determinada pasta porque possui determinadas características físicas e porque, intuitivamente, é entendido como parte integrante daquela pasta escolhida pelo investigador. Quer dizer que determinados fragmentos não possuem a totalidade das características de uma determinada pasta cerâmica sendo no entanto semelhantes aos fragmentos que a identificam. A sua integração em determinada pasta – com a qual não possuem uma ligação “total” – ou a formação de uma nova pasta vai depender do conjunto cerâmico como um todo, seja no complexo em análise, seja na totalidade do conjunto cerâmico do sítio arqueológico. Alguns, raros, fragmentos apresentam uma integração difícil na tipologia de pastas já definida e uma integração ainda mais difícil no conjunto cerâmico. Temos consciência de que a tipologia criada não é um reflexo total da realidade arqueológica mas apenas uma interpretação desta.

Deste modo, o modelo de análise escolhido é o mais intuitivo dos dois acima descritos sendo, no entanto, o mais estanque no momento da análise estatística. Cremos que tal situação constituiu uma limitação, pois os dados não podem ser reavaliados. Contudo, confiamos no modelo seguido porque este segundo modelo de análise é interpretativo, intuitivo e assume-se como tal. Toda a análise de materiais arqueológicos tem como fim último a interpretação histórica e desse modo este

modelo de análise enquadra-se naquilo que acreditamos ser a interpretação histórica e também nas potencialidades que cremos os fragmentos cerâmicos possuem.

Não deixamos, contudo, de observar que um outro modelo de análise permitiria uma maior liberdade na análise técnica e que esta poderia resultar em interpretações diferentes.

c) Uma tipologia de pastas permite noções de qualidade mais arreigadas ao pensamento humano. Quer dizer que uma tipologia de pastas permite ao investigador pensar hierarquicamente, de uma forma fácil e rápida, onde numa determinada escala determinadas pastas são melhores do que outras. É evidente que a tipologia não é hierárquica – tal como não é cronológica – no entanto permite pensamentos relacionados com a qualidade das pastas, sua preservação e/ou seu uso relacionado com determinadas formas ou determinadas capacidades / volumes⁴.

A tipologia de pastas permite perceber, de um modo quase imediato, quais são finas, medianas ou grosseiras e quais são aquelas que parecem mais resistentes ao choque térmico e mecânico. Este conhecimento, que consideramos útil, é também muito restritivo porque orienta a interpretação em determinado caminho tornando difícil uma visualização “fora” dessa orientação.

Podemos dizer que o estudo de conservação dos fragmentos e estratos (ponto 6) foi difícil e exigente porque, em parte, existia uma série de ideias pré-concebidas em relação à qualidade das pastas estudadas. A qualidade das pastas indica determinado tipo de comportamento e quando tal não ocorre é necessário realizar toda uma reflexão que possa explicar – no todo ou em parte – essa ocorrência. Ora, se a tipologia de pastas não existisse – não existindo todo um conjunto de ideias relacionado com a qualidade e conservação –, os problemas surgidos na análise da conservação dos fragmentos e estratos não ocorreriam. Os problemas ocorrem entre as ideias relacionadas com a tipologia e a realidade dos fragmentos em contexto. Geralmente, a leitura destes problemas tem sido entendida dentro de uma perspectiva onde os fragmentos – independentemente da sua qualidade – sofrem uma série de acções destrutivas, que são explicadas contexto a contexto.

Em suma, as ideias obtidas através da criação de um tipologia de pastas norteiam todo o estudo subsequente tornando-se pouco possível uma visualização que não integre a tipologia de pastas.

⁴ Para mais pormenor sobre a tipologia de pastas e características de cada uma das pastas ver capítulo 3.2, do volume 2.

d) A tipologia de pastas cerâmicas subdivide internamente os conjuntos cerâmicos tornando mais complexa a análise de outros factores de avaliação, como são os tratamentos de superfície, cor ou estado de conservação das arestas, entre outros. Este mesmo facto ocorre de forma semelhante à utilização de complexos. Deste modo, o uso de uma tipologia de pastas produz uma análise demorada onde cada pasta é analisada segundo todos os parâmetros escolhidos e que se localizam “fora” da análise física das pastas. Quer dizer que para cada pasta sabemos a quantidade de fragmentos de arestas vivas / roladas, dimensão dos fragmentos, cor das superfícies externas, internas e cerne, entre muitos outros factores. A leitura destes dados vai depender unicamente dos objectivos pretendidos.

Podemos dizer que a utilização de um método onde a tipologia de pastas não se encontra presente permite uma análise mais rápida do conjunto cerâmico pois todos os factores apontados acima – quantidade de fragmentos de arestas vivas / roladas, dimensão dos fragmentos, cor das superfícies externas, internas e cerne – são avaliados de uma forma simples. A forma simples de avaliação é saber a quantidade de determinado factor em determinado contexto e não saber a quantidade de determinado factor em determinada pasta por contexto.

Em conclusão, cremos que apesar de todos os pontos negativos decorrentes da utilização de uma tipologia de pastas, esta configura-se-nos como uma metodologia adequada ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

4.4. Explicação da metodologia usada no estudo dos materiais cerâmicos – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos.

4.4.0. Reflexões “Métodos”

A metodologia aplicada a um estudo é a base principal desse estudo e das conclusões apresentadas no final. Quer dizer que a metodologia aplicada é como as formas utilizadas para fazer bolos, se usarmos uma redonda, o bolo sai redondo, se usarmos uma em forma de coração, o bolo saí em forma de coração. Toda a investigação e todos os resultados obtidos estão contidos dentro daquele “espaço” que é a metodologia aplicada. Tal não quer dizer que o investigador saiba à partida que a metodologia irá responder às suas perguntas, se sinta satisfeito com os resultados obtidos ou que não tenha “sonhado” com outros resultados.

Todas as metodologias possuem aspectos positivos e negativos no entanto não são estes aspectos que levam à sua aplicação. A opção de usar determinada metodologia está relacionada

com as questões que o investigador quer ver solucionadas e respondidas. Deste modo, a validade de uma metodologia encontra-se em relação directa com as expectativas do investigador.

As metodologias – sejam elas quais forem – não possuem um valor próprio, intrínseco. Quer dizer que não podemos afirmar que uma é “má” e que outra é “boa”, pois tal depende dos resultados obtidos. Por sua vez os resultados obtidos dependem da relação íntima entre dados, metodologia e investigador que no final se tornam um só.

4.4.1. Introdução

A metodologia aplicada aos materiais cerâmicos teve diversos condicionantes que promoveram um resultado final algo “fragmentado”. O conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros sofreu uma sucessiva “fragmentação” relacionada com factores de registo e avaliação ou análise.

O grande factor de registo que promoveu a fragmentação foi o registo da escavação por unidades estratigráficas ou complexos. Cremos que a “entidade” arqueológica é por si fragmentada sendo que o registo por unidades estratigráficas apenas se adapta a essa realidade. No entanto a análise de um conjunto cerâmico proveniente de um sítio escavado por unidades estratigráficas é radicalmente diferente da análise de um conjunto cerâmico escavado por camadas, sejam elas artificiais ou naturais.

A diferença entre um conjunto cerâmico proveniente de um sítio escavado por unidades estratigráficas e um conjunto cerâmico escavado por camadas prende-se com o número de tabelas e gráficos a realizar. Um sítio arqueológico com 3 camadas apresentará 3 tabelas relacionadas com pastas, tratamentos de superfície, cor, etc. No entanto um sítio arqueológico com 20 unidades estratigráficas será representado por 20 tabelas relacionadas com pastas, tratamentos de superfície, cor, etc. Quer dizer que, um sítio arqueológico escavado por unidades estratigráficas exige uma análise que irá demorar, invariavelmente, muito mais tempo e que utilizará um número superior de tabelas e gráficos estatísticos com uma análise estatística comparativa muito mais complexa.

O segundo factor – sendo este analítico – que promoveu a fragmentação foi a criação e consequente utilização de uma tipologia de pastas. O entendimento dos conjuntos cerâmicos – por complexo – através das pastas presentes levou a que cada pasta tivesse que ser entendida individualmente. Quer dizer que cada pasta é uma entidade que tinha que ser entendida nas suas relações com o contexto, com a espessura dos fragmentos, com a dimensão e conservação das arestas, com a cor, tratamentos de superfícies e características morfológicas dos recipientes.

Deste modo, complexos e pastas fragmentaram o conjunto cerâmico e exigiram que fossem analisadas as relações intrínsecas entre vários parâmetros de avaliação tendo em conta, *sempre*, os contextos e as pastas.

Podemos dizer que a metodologia aplicada ao estudo dos fragmentos cerâmicos foi norteadada pelas necessidades de análise dos contextos e das pastas com a conseqüente análise relacional. Deste modo foram criados 15 tipos de tabelas / gráficos analisados através de 38 parâmetros de análise. Descreveremos de seguida os tipos de tabelas / gráficos e os parâmetros de análise.

4.4.2. Visualização dos materiais arqueológicos – Desenhos, tabelas e gráficos

Os fragmentos cerâmicos e suas características são revelados através de desenhos (estampas XXVII à CXXX – vol. 2) e tabelas / gráficos (CXXXI à DCCCIII – vol. 2). Os desenhos seguem as regras próprias do desenho arqueológico tal como descrito por José Luís Madeira (Madeira, 2002, 13-33). As tabelas e gráficos foram pensados e criados consoante os objectivos da pesquisa realizada. Foram criados e utilizados 15 tipos de tabelas e gráficos diferentes (presentes nas estampas da CXXXI à DCCCIII – vol. 2) sendo que cada tipo de tabela / gráfico responde a questões definidas na investigação. Desse modo descreveremos de seguida os tipos de tabelas / gráficos presentes:

Tipo 1 – Contextos / Tipos de pastas: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam as percentagens de fragmentos e recipientes de cada tipo de pasta. Os gráficos utilizados no tipo 1 foram os circulares que mostram o tamanho dos itens – tipos de pasta – de uma forma proporcional à soma deles mesmos. Os fragmentos de cada tipo de pasta são mostrados como uma percentagem do total do círculo. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos as estampas CXXXI, CXXXII e CXXXIII, quadro 1, do vol. 2.

Tipo 2 – Contextos / Estado de conservação dos fragmentos: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam os fragmentos organizados por pastas e por dimensão ou estado de conservação das arestas. Os gráficos utilizados no tipo 2 foram os de área empilhada sendo que realçam a magnitude das alterações ao longo do tempo – neste caso ao longo das várias categorias de dimensão ou de erosão das arestas – e em relação com outras categorias presentes – neste caso, cada pasta. Os fragmentos de cada pasta são avaliados na sua evolução e em relação aos restantes. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CXXXIV do vol. 2.

Tipo 3 – Contextos / Tratamentos de superfícies: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam os fragmentos organizados por pastas e por conjugação de tratamentos de superfície. É colocado um somatório final onde podemos observar a percentagem

de cada conjugação de superfície no total (sem referência às pastas). Os gráficos utilizados no tipo 3 foram os circulares. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos as estampas CXXXVI, CXXXVII, CXXXVIII, do vol. 2.

Tipo 4 – Contextos / Tipos de cores: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam os fragmentos organizados por pastas e por tipos de cores presentes nas superfícies externas, internas e cernes na totalidade dos fragmentos e recipientes. É colocado um somatório final onde podemos observar a percentagem de cada tipo de cor nas superfícies externas, internas e cernes (sem ter em conta as pastas). Os gráficos utilizados no tipo 4 foram os circulares. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos as estampas CXLI, CXLII e CXLIII, do vol. 2.

Tipo 5 – Contextos / Conjugações de cor: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam os fragmentos organizados por pastas e por conjugações de cor. É colocado um somatório final onde podemos observar a percentagem de cada conjugação de cor (sem ter em conta as pastas). Os gráficos utilizados no tipo 5 foram os circulares e os de colunas. Os gráficos de barras foram escolhidos devido à grande variedade de conjugações de cor, em cada contexto, sendo impossível a utilização de um gráfico circular. O gráfico de colunas é útil na comparação entre cada conjugação de cor e foi utilizado com números absolutos. O gráfico circular foi utilizado de um modo parcial pois parte das conjugações de cor são agrupados num item – Outros – que descreve as conjugações minoritárias. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos as estampas CXLVIII, CXLIX e CL, do vol. 2.

Tipo 6 – Contexto / espessuras por pasta: cada contexto (complexo, associação ou fase) possui uma tabela onde se apresentam os fragmentos organizados por pastas e por espessuras na totalidade dos fragmentos e recipientes. Os gráficos utilizados no tipo 6 foram os de linhas. Os gráficos de linhas foram muito úteis no entendimento das espessuras presentes em cada pasta. Estes gráficos são utilizados para mostrar evoluções e tendências. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos as estampas CLVI e CLVII, quadros 1 e 2, do vol. 2.

Tipo 7 – Contexto / Tipos de recipientes: são apresentados os tipos de recipientes presentes em cada fase por zona de escavação – PIL e TEL – sendo que quando tal não é possível – área norte – são apresentados os recipientes por contexto. O gráfico utilizado no tipo 7 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CCXIV, quadro 1, do vol. 2.

Tipo 8 – Tipos de Recipientes / Pastas: são apresentados os tipos de recipientes e suas pastas na totalidade das fases em estudo ou por contexto (quando tal se justifica). O gráfico utilizado no tipo 8 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CCXIV, quadro 2, do vol. 2.

Tipo 9 – Tipos de Recipientes / Capacidades: são apresentados os tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade das fases em estudo ou por contexto (quando tal se justifica). O gráfico utilizado no tipo 9 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CCXV, quadro 1, do vol. 2.

Tipo 10 – Pastas / Capacidades: são apresentadas as relações entre pastas e capacidades na totalidade da fase ou por contexto. O gráfico utilizado no tipo 10 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXII, quadro 2, do vol. 2.

Tipo 11 – Contextos / Tipos de bases: são apresentadas os tipos de bases por contexto ou totalidade da fase. O gráfico utilizado no tipo 11 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXII, quadro 3, do vol. 2.

Tipo 12 – Tipos de Bases / Ângulo da parede: são apresentadas as relações entre os tipos de bases e os ângulos das paredes dos recipientes por contexto ou totalidade da fase. O gráfico utilizado no tipo 12 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXII, quadro 4, do vol. 2.

Tipo 13 – Tipos de Bordos - Bases / Pastas: são apresentadas as relações entre os tipos de bordos e bases e os tipos de pasta na totalidade da fase sendo que quando tal não é possível os gráficos por contexto referem-se ao tipo 15. Os gráficos utilizados no tipo 13 foram o circular e o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXIV quadro 3, do vol. 2.

Tipo 14 – Tipos de recipientes / Tipos de Bordo: são apresentadas as relações entre os tipos de recipientes e os tipos bordo na totalidade da fase ou de cada contexto. O gráfico utilizado no tipo 14 foi o de colunas. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXIII, do vol. 2.

Tipo 15 – Tipos de Bordos - Bases / Pastas: são apresentadas as relações entre os tipos de bordos e bases e os tipos de pasta em cada contexto. O gráfico utilizado no tipo 15 foi o circular. É exemplo deste tipo de tabela e gráficos a estampa CDLXV, quadro 1, do vol. 2.

O tipo de informação descrita nos gráficos e tabelas foi muito pensada e os tipos de gráficos utilizados foram baseados em conhecimentos da estatística aplicada à Arqueologia (Shennan, 1992, 37-46). O estudo de materiais arqueológicos, nomeadamente o dos fragmentos cerâmicos, possui características particulares que levam a uma estatística com características próprias. Quer dizer que, nem todos os conhecimentos estatísticos – tipos de gráficos, funções, médias – se aplicam à realidade arqueológica. Tentamos utilizar gráficos que ajudassem na percepção dos dados presentes nas tabelas sendo que foram utilizados 4 tipos de gráficos diferentes; os circulares, os de colunas, os de linhas e os de área empilhada.

Sabemos que poderíamos ter apresentado os dados através de outros gráficos e de outras tabelas – mais complexas, mais dinâmicas, mais relacionais –, no entanto o volume de dados era tão grande que exigiu alguma contenção no tipo de tabelas e gráficos a apresentar.

Ao longo do estudo do material cerâmico foram realizadas várias experiências estatísticas com base em tabelas dinâmicas, que cruzavam, de outra forma, a informação de vários parâmetros de avaliação. Por exemplo, foram realizadas tabelas dinâmicas que cruzavam a informação dos fragmentos nos parâmetros: pasta, dimensão e conservação das arestas (Est. XXXIII – vol. 1). Estas tabelas dinâmicas permitiram perceber – em mais pormenor – se existe ou não uma relação intrínseca entre a conservação das arestas, a dimensão e a pasta.

Os resultados destes estudos pormenorizados – realizados apenas para alguns contextos – não foram integrados na síntese final, presente no vol. 2, pois acreditamos que um estudo para constituir um exemplo do que deve ser realizado necessita de ser aplicado à totalidade do conjunto cerâmico.

Desse modo, optamos por utilizar uma mesma metodologia para todo o conjunto cerâmico de modo a que fosse possível comparar os dados presentes em todos os contextos integrados no conjunto. Quer dizer que *optamos por uma metodologia, que ainda que mais pobre em termos estatísticos, podia ser aplicada, em tempo útil, a todo o conjunto cerâmico*. É evidente que a informação obtida nos pequenos estudos estatísticos colaterais orientou a pesquisa geral pois essa informação era rica e coerente.

A marcação de um número sequencial em todos os fragmentos e o registo pormenorizado individual permitiu um conjunto de dados que pode ser manipulado de várias formas e que aquela apresentada aqui é apenas uma entre muitas.

4.4.3. Os parâmetros de análise dos fragmentos cerâmicos aplicados às tabelas e gráficos

A análise relacionada com o *tipo de tabela / gráfico 1* teve em conta os seguintes parâmetros (relacionados com a análise técnica dos fragmentos):

1.1. Presença de tipos de pastas por contexto: x pastas por 12 pastas na totalidade.

1.2. Hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos. As três pastas dominantes são ordenadas por ordem decrescente nos fragmentos por contexto, por exemplo: um dado contexto tem a seguinte hierarquia de pastas – III, I, VIII com 25, 20 e 15 % respectivamente.

1.3. Hierarquia de pastas nos recipientes. As três pastas dominantes são ordenadas por ordem decrescente nos recipientes por contexto, por exemplo: um dado contexto tem a seguinte hierarquia de pastas – I, III, VIII com 40, 20 e 10 %, respectivamente.

1.4. Presença de fragmentos de pasta VI e sua importância (medida em %). Por exemplo um dado contexto possui 30 fragmentos de pasta VI que corresponde a 15 % do total. Neste ponto é avaliada a percentagem em relação à de outros contextos.

1.5. Presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância (medida em %). Por exemplo um dado contexto possui 24 fragmentos de pasta VIII que corresponde a 8 % do total. Neste ponto é avaliada a percentagem em relação à de outros contextos.

1.6. Presença de fragmentos de pasta II e sua importância (medida em %). Por exemplo um dado contexto possui 10 fragmentos de pasta II que corresponde a 1 % do total. Neste ponto é avaliada a percentagem em relação à de outros contextos.

1.7. Avaliação da presença (em percentagem) de bordos calcólicos na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto.

1.8. Avaliação da presença (em percentagem) de bordos da Idade do Ferro na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto.

1.9. Avaliação da presença (em percentagem) de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI.

Os pontos de avaliação do 1.1. ao 1.6. estão integrados na avaliação técnica geral e na avaliação particular dos tipos de pastas realizada em todos os contextos descritos em tabelas e gráficos presentes no vol. 2.

Os pontos de avaliação do 1.7. ao 1.9. estão integrados na avaliação técnica geral e na avaliação particular da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos.

As pastas II, VI e VIII são observadas atentamente devido à sua importância na ocupação da Idade do Ferro. As pastas IV, IX, X e XI são avaliadas em conjunto devido à sua relação com a ocupação calcólica.

Os contextos são agrupados consoante os resultados obtidos sendo que cada parâmetro de avaliação (1.1, 1.2, 1.3...) resulta em agrupamentos de contextos diferenciados. No final de cada avaliação particular (tipos de pastas ou grau de mistura dos contextos) é realizada uma pequena síntese.

A análise relacionada com o *tipo de tabela / gráfico 2* teve em conta os seguintes parâmetros (relacionados com a análise técnica dos fragmentos em geral e com a análise particular do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos):

2.1. Avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão (e menor dimensão) por contexto e em percentagem.

2.2. Avaliação das pastas com maior presença de fragmentos com arestas vivas (e arestas roladas) por contexto e em percentagem.

2.3. Avaliação da presença (em percentagem) de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3.

2.4. Conjugação dos pontos 1, 2 e 3 para a obtenção das pastas melhor e pior preservadas por contexto.

Os contextos são agrupados consoante os resultados obtidos sendo que cada parâmetro de avaliação (2.1, 2.2 e 2.3) resulta em agrupamentos de contextos diferenciados. No final de cada avaliação particular (2.1, 2.2 e 2.3) é realizada uma pequena síntese que diz respeito ao ponto 2.4.

A análise relacionada com o *tipo de tabela / gráfico 3* teve em conta os seguintes parâmetros (relacionados com a análise técnica dos fragmentos em geral e com a análise particular dos tratamentos de superfície presentes em cada contexto analisado):

3.1. Avaliação das quatro primeiras conjugações de tratamentos de superfícies dominantes sendo que tal constituiu uma hierarquia por contexto. Por exemplo, um dado contexto possui a hierarquia: Ali/Ali; Pol/Pol; Pol/Ali; Ali /Pol⁵, com 30, 16, 13 e 12 % da totalidade dos fragmentos, respectivamente.

3.2. Avaliação dos quatro primeiros tratamentos de superfície externa dominantes sendo que tal constituiu uma hierarquia por contexto. Por exemplo um dado contexto possui a hierarquia: Pol, Ali, Rug e Cep com 40, 39, 10 e 2 %, respectivamente. Os resultados são comparados com os restantes contextos analisados.

3.3. Avaliação dos quatro primeiros tratamentos de superfícies dominantes nas superfícies externas e internas dos fragmentos na totalidade da fase. Este parâmetro de avaliação é semelhante ao anterior no entanto só foi realizado nas zonas onde se realizou uma avaliação da totalidade da fase, PIL e TEL.

3.4. Avaliação na totalidade de determinada fase em determinada zona; por pasta quais os tratamentos de superfície presentes e sua percentagem. Quer dizer que é avaliado o *número de fragmentos de determinado tratamento de superfície/ totalidade dos fragmentos de determinada pasta*.

3.5. Avaliação na totalidade de determinada fase em determinada zona; por tratamento de superfície qual a presença em cada pasta. Quer dizer que é avaliado o *número de fragmentos de*

⁵ Ver Lista de Abreviaturas para uma melhor compreensão daquelas relativas aos tratamentos de superfície, cores, zonas de escavação, etc.

determinada pasta e tratamento de superfície /totalidade dos fragmentos daquele tratamento de superfície.

3.6. Análise pormenorizada dos tratamentos de superfície rugosos, cepilhados, areados e grafitados (Rug, Cep, Are, Grf) por contexto. Estes tratamentos de superfície são valorizados e analisados em pormenor porque estão intimamente relacionados com a ocupação da Idade do Ferro.

Os parâmetros de avaliação 3.1, 3.2, 3.3 e 3.6 foram utilizados em todos os contextos e serviram como base para a compreensão dos tratamentos de superfície utilizados nos recipientes cerâmicos das Idade do Bronze e Ferro.

Os parâmetros de avaliação 3.4 e 3.5 foram utilizados apenas na totalidade das fases (na zonas em que realizamos uma soma dos contextos por fase) sendo que serviram como base para a compreensão da relação entre o tipo de pastas e o tipo de tratamento de superfície aplicado nos recipientes cerâmicos das Idade do Bronze e Ferro.

A análise relacionada com os *tipos de tabelas / gráficos 4 e 5* teve em conta os seguintes parâmetros (relacionados com a análise técnica dos fragmentos em geral e com a análise particular da cor nos fragmentos presentes em cada contexto analisado):

4/5.1. Primeiro tipo de cor dominante nos cernes e sua evolução. Por exemplo, num dado contexto o tipo de cor dominante nos cernes é o negro (P) com 52 %, nas superfícies internas é registado em 34 % dos fragmentos e nas superfícies externas em 13 % dos fragmentos. Deste modo, a evolução do primeiro tipo dominante é registada da seguinte forma: P – 52, 34, 13.

4/5.2. Segundo tipo de cor dominante nos cernes e sua evolução. Por exemplo, num dado contexto o segundo tipo de cor dominante nos cernes é o castanho-escuro (C) com 34 %, nas superfícies internas é registado em 18 % dos fragmentos e nas superfícies externas em 15 % dos fragmentos. Deste modo, a evolução do segundo tipo dominante é registada da seguinte forma: C – 34, 18, 15.

4/5.3. Terceiro tipo de cor dominante nos cernes e sua evolução. Por exemplo, num dado contexto o terceiro tipo de cor dominante nos cernes é o vermelho-escuro (VE) com 18 %, nas superfícies internas é registado em 10 % dos fragmentos e nas superfícies externas em 20 % dos fragmentos. Deste modo, a evolução do primeiro tipo dominante é registada da seguinte forma: VE – 18, 10, 20.

4/5.4. Avaliação das quatro primeiras conjugações de cor dominantes sendo que tal constituiu uma hierarquia por contexto. Por exemplo um dado contexto possui a hierarquia: P-P-P;

VE-P-VE; C-P-C e C-C-C⁶ com 21, 18, 10 e 8 %, respectivamente. Os resultados são comparados com os restantes contextos analisados.

4/5.5. *Avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies externas e internas de fragmentos com cerne tipo P.* Foram analisados todos os tipos de cor, suas percentagens e consequente hierarquia.

4/5.6. *Avaliação da descoloração dos fragmentos através da análise da relação entre os fragmentos de cerne de cor C e P.* Foi avaliada a percentagem de fragmentos de cerne P com superfícies C e fragmentos de cerne C com superfícies P, por contexto.

4/5.7. *Análise pormenorizada da cor dos recipientes.* Foram avaliados os tipos de cor dominantes nos cernes e superfícies, por contexto. Após esta análise os contextos foram comparados.

4/5.8. *Avaliação dos tipos de cor pouco representados nos cernes e sua representação nas superfícies externa e interna,* por contexto. Por exemplo, um dado contexto possui a seguinte hierarquia de cores minoritárias: B, VC, A, com 2, 3 e 5 % de representatividade na totalidade dos cernes dos fragmentos. Estes mesmos tipos de cor possuem a seguinte representatividade nas superfícies internas: 0, 4, 18 % e nas superfícies externas: 2, 6 e 22 %. os contextos são agrupados consoante as suas semelhanças.

4/5.9. *Avaliação de dois parâmetros relacionados com a cor e sua relação dentro de cada contexto observado.* 1º) *Preservação da cor nos fragmentos* sendo esta a soma da totalidade das seguintes conjugações: P-P-P, C-C-C, VE-VE-VE, VC-VC-VC, A-A-A e B-B-B e apontada em percentagem. 2º) *Variabilidade da cor* sendo esta a soma de todas as conjugações de cor com uma representatividade inferior a 3 %.

Os nove parâmetros de avaliação acima descritos foram utilizados em todos os contextos com o objectivo de responderem a diferentes questões relacionadas com a cor. Os pontos 1, 2, 3, 4, 7 e 8 pretendem avaliar a cor dos fragmentos e recipientes numa perspectiva de caracterização física e cultural. Os pontos 5, 6 e 9 pretendem avaliar a preservação de cor nos fragmentos sendo que apenas o ponto 9 foi incluído no estudo integrado da degradação / conservação dos estratos (ponto 6). Os pontos 5 e 6 pretendem avaliar a descoloração dos fragmentos de cerne tipo P e a influência do estrato nesta descoloração.

A análise relacionada com o *tipo de tabela / gráfico 6* teve em conta os seguintes parâmetros

⁶ Ver Lista de Abreviaturas para a compreensão daquelas relacionadas com a cor dos fragmentos cerâmicos e sua ordem de referência.

(relacionados com a análise técnica dos fragmentos em geral e com a análise particular da espessura dos fragmentos presentes em cada contexto analisado):

6.1. Análise da espessura dos fragmentos por pasta e em cada contexto. Por exemplo é avaliada a relação entre as categorias de espessura em cada pasta com o objectivo de compreender se uma determinada pasta é utilizada, tendencialmente, em recipientes de paredes finas, médias ou grossas.

6.2. Análise da espessura dos recipientes por pasta e em cada contexto. Comparação das espessuras presentes nos recipientes e nos fragmentos em cada pasta e na totalidade do conjunto presente no contexto em análise.

Os contextos analisados por fase e em cada zona foram agrupados consoante as suas semelhanças nos pontos 1 e 2.

A análise relacionada com os *tipos de tabelas / gráficos 7 ao 15* teve em conta parâmetros de avaliação intimamente relacionados com cada tabela. A análise das tabelas / gráficos 7 à 15 está relacionada com os recipientes cerâmicos e duas características morfológicas. Deste modo foram avaliados:

a) *Os contextos e os tipos de recipientes presentes em cada contexto.* O objectivo é perceber se determinado contexto possui recipientes, radicalmente, diferentes de outro contexto ou se os tipos de recipientes presentes nos contextos se aproximam.

b) *Relação entre os tipos de recipientes e os tipos de pasta.* O objectivo é perceber se determinado tipo de recipiente possui, tendencialmente, um mesmo tipo de pasta ou se a escolha das pastas é aleatória.

c) *Relação entre os tipos de recipientes e as capacidades / volumes.* O objectivo é perceber se determinado tipo de recipiente possui, tendencialmente, uma determinada capacidade ou se um determinado tipo de recipiente pode possuir várias capacidades.

d) *Relação entre as pastas e as capacidades presentes nos recipientes.* O objectivo é perceber se determinadas capacidades dos recipientes apenas são realizadas com determinadas pastas cerâmicas ou se, mais uma vez, encontramos um carácter aleatório nas escolhas.

e) *Os contextos e os tipos de bases presentes em cada contexto.* O objectivo é perceber se determinado contexto possui bases muito diferentes de outro contexto ou se os tipos de bases permanecem os mesmos com presenças também semelhantes.

f) *Relação entre os tipos de bases e os ângulos das paredes dos recipientes.* O objectivo é perceber se determinado tipo de base está associado a determinado tipo de pasta ou se um qualquer tipo de base serve um qualquer tipo de pança / recipiente.

g) *Relação dos tipos de bordos e bases e suas pastas,* por contexto ou na totalidade da fase. O objectivo é perceber se determinado tipo de bordo ou base está associado a determinado tipo de pasta.

h) *Relação entre os tipos de bordo e tipos de recipientes.* O objectivo é perceber se determinado tipo de recipiente possui determinado tipo de bordo ou se a forma dos recipientes não está relacionada com o tipo de bordo.

4.4.4. Potencialidades, limitações e consequências da metodologia aplicada.

A metodologia aplicada como um todo – registo do sítio arqueológico por unidades estratigráficas, sequenciação dos fragmentos, criação da tipologia de pastas – revelou-se de grande potencialidade. As tabelas / gráficos criados revelam um conjunto de dados muito vasto e sobre o qual se podem construir inúmeras hipóteses interpretativas relacionadas com a caracterização histórica e cultural do sítio bem como com a caracterização física dos estratos e da sua erosão ao longo de vários milénios.

Creemos que a metodologia aplicada, nomeadamente o tipo de tabelas / gráficos realizados, é a mais completa possível dentro do grande conjunto cerâmico estudado, com cerca de 34 mil fragmentos cerâmicos.

Os parâmetros de análise escolhidos englobam a percepção de um mínimo de informação pretendida – por exemplo nos tipos de pastas, tratamentos de superfície e espessuras – sucedendo que alguns parâmetros – estado de conservação dos fragmentos / estratos e cor – são já a resposta a questões muito particulares e por isso constituem um “máximo” de informação. Quer dizer que alguns parâmetros respondem a questões relacionadas, intimamente, com preocupações desta investigação e que os restantes respondem às questões próprias colocadas numa análise de um qualquer conjunto cerâmico arqueológico.

Podemos afirmar que os parâmetros relacionados com o entendimento do estado de conservação dos fragmentos se revelaram muito úteis e funcionais (ver o ponto 6 deste volume). São inúmeras as hipóteses interpretativas conseguidas através do estudo do estado de conservação dos fragmentos. Os parâmetros utilizados na análise das características culturais dos recipientes –

tratamentos de superfície, cor, forma, pastas, decoração – responderam bem às questões colocadas e permitiram um conhecimento sólida das características culturais das comunidades da Idade do Bronze e Ferro.

Apesar de acreditarmos que esta metodologia possui um grande potencial são evidentes as limitações e consequências do uso da mesma. A utilização desta metodologia – como um todo – acarreta uma avaliação comparativa entre contextos de grande complexidade. Quer dizer que a análise de determinadas fases ocupacionais, em determinadas zonas do povoado, incluiu um número elevado de contextos que tinham que ser, forçosamente, comparados entre eles.

A execução da análise leva-nos a afirmar que uma fase caracterizada por menos de 6 contextos é considerada fácil de analisar sendo que as conclusões interpretativas conseguidas são, relativamente, frágeis. Uma fase caracterizada por 6 a 12 contextos é considerada de análise média – dificuldade de análise média – sendo que as conclusões interpretativas conseguidas são coerentes e possuem uma credibilidade média / boa. Uma fase caracterizada por mais de 12 contextos – podendo chegar aos 21 contextos – é difícil de caracterizar no entanto as interpretações conseguidas possuem uma grande credibilidade e são altamente valorizadas por nós.

A comparação entre contextos é dificultada pelo número dos mesmos. Quer dizer que quanto maior é o número de contextos a serem comparados mais difícil se torna a sua comparação. A comparação entre o número reduzido de contextos – no máximo até 8 e em qualquer parâmetro de avaliação – é intuitiva e rápida no entanto quando esse número de contextos é elevado a comparação entre eles é muito demorada e exige que sejam realizados apontamentos sucessivos, que vão sendo integrados na interpretação comparativa.

O capítulo 5 do volume 2 é composto pelas interpretações sucessivas permitidas pela avaliação dos parâmetros e comparação dos mesmos nos vários contextos analisados. As interpretações gerais serão realizadas nos pontos 6, 7 e 8 deste volume.

Em suma, cremos que o método utilizado é muito útil no entanto é difícil de funcionar, exige uma comparação muito metódica por contextos criando um grande número de hipóteses interpretativas. As muitas hipóteses interpretativas lançadas revelam, por vezes, alguma incoerência – revelando-se contraditórias – exigindo um constante diálogo com os dados em busca de uma síntese final interpretativa. Creemos que a fragmentação do registo e análise levou, também, a uma fragmentação das hipóteses interpretativas exigindo do investigador um maior esforço na síntese final.

4.5. A logística inerente ao estudo do conjunto cerâmico

4.5.0. Reflexões “O vento do planalto enche a minha alma de sentidos”

Após alguns problemas, indecisões e ajustes ficou decidido, em Maio de 2004, que estudaria o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros na casa da minha avó, em Trás-os-Montes. Não foi uma decisão fácil, pois tal exigiu uma mudança com “malas e bagagens”. Contudo foi a opção escolhida e de certo modo aquela que se nos configurou como mais viável.

A casa da minha avó é grande, possui uma grande sala, onde com facilidade poderia ter todo o conjunto cerâmico e estudá-lo convenientemente. Assim aconteceu.

Ao fim destes anos penso que tal decisão marcou para sempre os contornos do meu trabalho. É, de certo modo, difícil de descrever esse ano e meio da minha vida marcado pelo desgaste, tristeza e solidão. Lembro que o vento do planalto de Carrazeda de Ansiães, que assobia profundamente nos dias de Inverno, encheu a minha alma de sentidos. Olho para trás e lembro os dias muito frios, que começavam bem cedo pela manhã e terminavam demasiado tarde.

Mas foram também as dificuldades passadas que todos os dias me lembravam o porquê da minha estadia ali e no final a vontade de terminar o estudo do conjunto cerâmico ganhou a todas as vicissitudes.

No entanto não deixarei de contar os episódios pitorescos daquele Inverno de 2004/2005. Eu trabalhava de luvas (sem dedos), gorro, múltiplas camadas de roupa e de aquecedor a gás ligado. A minha avó carinhosamente ainda me preparava uma braseira, onde eu aquecia os meus pezinhos. O calor emanado pelo aquecedor e pela braseira teimou em sair, em modo contínuo, pelas frinchas do soalho, pelas frestas do telhado e pelas portas mal calafetadas. Mas o espanto era ver a minha avó e aquelas mulheres transmontanas (vizinhas) de socos, sem meias, apenas com uma camisola fina e com um leve xaile pelos ombros, em pleno Inverno e com temperaturas abaixo dos 3º graus.... E se eu timidamente dizia que estava frio, ouvia logo a seguir que em Janeiro ia estar pior. E aprendi um ditado que não esqueci mais: “Janeiro fora mais uma hora”. Como de facto... os dias de Inverno são mesmos curtos, fica noite muito cedo e nessa altura eu tinha que abandonar a sala onde tinha os fragmentos cerâmicos espalhados e juntar-me à minha avó na cozinha. E assim se passaram dias, meses e mesmo mais de um ano.

À monotonia do trabalho juntei rotinas que me ajudaram a passar o tempo... E tive sempre a minha avó do meu lado, com as suas próprias rotinas, afazeres e distrações. Ouvi de longe a

vindima, apanha da amêndoa, apanha da azeitona, apanha das nozes e a rega da horta nos dias de Verão.

Lá, na aldeia da minha avó vi como o ser humano é sobretudo um ser que possui em si uma grande capacidade de adaptação. Adapta-se ao clima, à paisagem, a outros horários, a outras roupas, comidas e sobretudo outras gentes. Eu resisti muito à adaptação, nunca quis adaptar-me, tornar-me parte das gentes daquele lugar e lutei todos os dias para que tal não acontecesse. No final quando vim embora, apesar de todos os meus esforços, parte de mim por lá ficou, entre as fragas, os ventos e as pessoas que com estranheza olhavam a minha forma de vida.

4.5.1. Descrição

O estudo de um conjunto cerâmico exige recursos relacionados com o espaço a ser ocupado pelo investigador e pelo seu conjunto cerâmico. O conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros aqui analisado versou sobre cerca de 35 000 fragmentos que se encontravam ensacados e guardados em caixotes (grades plásticas). Para a análise técnica dos fragmentos cerâmicos usamos uma mesa onde cabiam cerca de 900 a 1000 fragmentos. A metodologia aplicada foi a que se segue.

a) Estudamos os fragmentos consoante os contextos de proveniência. Eram pousados sobre a mesa todos os fragmentos pertencentes a determinado Lx. Seriam estudados fragmentos de outros contextos relacionados com o primeiro, casooubessem ainda na mesa, na totalidade. O objectivo era dispor de cerca de 900 a 1000 fragmentos de uma vez.

b) O estudo dos fragmentos integrava os seguintes factores de avaliação: grupo morfológico, categoria de dimensão, estado de conservação, categoria de espessura, tipo de pastas, tratamentos de superfície, cores das superfícies, técnica de manufactura. Estes factores de avaliação foram registados em tabelas que fazem parte de uma base de dados geral.

c) Estudamos aproximadamente cada 900 a 1000 fragmentos em cada 10 a 12 dias úteis (2 semanas com ou sem fim de semana incluído).

d) Os primeiros dois dias de cada período de estudo eram utilizados exclusivamente na colagem de fragmentos. Cada conjunto de cerca de 900 a 1000 fragmentos foi estudado e observado para permitir a colagem durante dois dias sendo que no final foram utilizados em colagens cerca de 68 dias úteis. Cremos que só com um método consistente e sólido de colagens podemos afirmar se um dado conjunto cerâmico permite ou não um número considerável de colagens.

e) Os restantes 8 dias eram utilizados na avaliação das pastas e no registo dos factores de avaliação acima indicados. Os bordos e fragmentos decorados (da Idade do Ferro) foram ensacados novamente para posterior estudo e registo das suas características.

f) Deste modo, o estudo e registo do conjunto cerâmico demorou cerca de 18 meses. Atrasos e dificuldades inerentes ao trabalho, levaram a que este período tenha sido um pouco mais longo. Após este primeiro registo, os bordos, bases e fragmentos decorados foram novamente medidos e registados através de outros factores de avaliação e por último foram desenhados (integrando agora as estampas do vol. 2).

g) Os fragmentos de bordo, bases e decorados, foram registados e desenhados de modo aleatório. Ou seja, sem termos em conta o seu contexto, já que no final a base de dados e o registo pormenorizado permitiria a sua agregação. Temos que referir que muitos dos fragmentos de bordo, base e decorados possuíam apenas uma marcação simples que equivalia ao número de inventário (por exemplo CP-02-1256) sem sabermos de modo imediato o seu contexto (pois este não se encontrava marcado). Utilizávamos uma tabela com a relação entre os números de inventário e os contextos no entanto nem sempre era necessária a sua utilização. A utilização desta tabela tornava o trabalho muito demorado caso se quisessem agrupar os bordos de um mesmo contexto para serem desenhados numa mesma estampa.

Assim, os fragmentos de bordo, base e decorados, foram desenhados em modo contínuo sem atendermos ao seu contexto. Quer dizer que numa mesma estampa encontramos fragmentos cerâmicos de contextos muito diversos, ainda que de uma mesma zona de escavação – PIL, TEL e área Norte.

h) A tintagem dos desenhos seguiu a mesma ordem dos esboços primários. O objectivo inicial era realizar, após a tintagem, estampas finais onde os fragmentos de bordo, base e decorados de um mesmo contexto permanecem juntos. Contudo, tal tarefa tornou-se inviável pois era muito morosa e o número de fragmentos de bordo, base e decorados desenhados era muito elevado. Deste modo, as estampas finais presentes no vol. 2 relativas aos fragmentos de bordo, base e decorados seguem as estampas tintadas de modo aleatório.

i) A sucessão de eventos relacionada com a metodologia de registo aplicada levou a um resultado final que não nos satisfaz. Contudo as escolhas realizadas, o tempo que possuíamos, as tarefas que ainda tínhamos para cumprir conduziram a uma solução final menos satisfatória.

4.5.2. Limitações e consequências do método aplicado

Foram várias as consequências do método de estudo e registo aplicado ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Citaremos aqui aquelas que resultaram em soluções pouco satisfatórias.

a) As estampas que contêm os desenhos de bordos, bases, fragmentos decorados e outros objectos cerâmicos como cossoiros não se apresentam por ordem cronológica. Ou seja, numa mesma estampa estão presentes bordos, bases, fragmentos decorados e outros objectos cerâmicos, como cossoiros, de contextos e cronologias diversas. Cremos que tal solução não é satisfatória; no entanto, foi uma consequência directa da forma de registo aplicada ao conjunto cerâmico e da metodologia de estudo aplicada (tal como explicado nos pontos *g*, *h* e *i*). Esta solução não nos satisfaz pois as estampas – apesar de devidamente identificadas e referidas atempadamente – são de difícil leitura.

b) Gostaríamos de ter apresentado pormenorizadamente – através de estatística – os resultados obtidos nas colagens. Qual a quantidade de fragmentos que foi possível colar em cada contexto, quais os contextos que colaram entre si e de que tipo de pastas e colorações são os fragmentos colados, por exemplo. Possuímos todos estes dados, mas a sua apresentação não traria informação adicional relativa ao estado de conservação dos fragmentos ou às características culturais do conjunto cerâmico e por isso foi rejeitado. Os recipientes completos presentes nas tabelas formais (Estampas IX e X – vol. 2) são o resultado de colagens. E, muitas das associações de Lxs. criadas, são também o resultado de um estudo cuidado que integra os resultados das colagens. Geralmente as colagens são um primeiro e forte indicador de que dois ou mais complexos possuem relações entre si. Assim, apesar de termos usado as colagens no entendimento da estratigrafia do sítio, não chegamos a explorar e apresentar os resultados obtidos na sua plenitude.

c) Gostaríamos de ter apresentado uma lista completa dos bordos, bases e fragmentos decorados e suas respectivas características, um pouco à semelhança do trabalho realizado por Isabel Amorim sobre o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros na PIL (Amorim: 1999, Anexo II – Tabela de Recipientes). É de notar que todos os recipientes estudados por Isabel Amorim foram renumerados e reavaliados. Possuímos os dados que permitiriam a realização deste tipo de tabelas; no entanto a sua manipulação é difícil e condicionou a publicação. Ou seja, os recipientes encontram-se integrados em extensas tabelas de dados que englobam todos os tipos de fragmentos (sem forma, bases, bordos, decorados, cossoiros, etc). Estas tabelas extensas dividem-se por zonas de escavação e mesmo contextos devido ao número elevado de fragmentos integrado em cada zona de

escavação. Assim as tabelas de recipientes seriam o resultado da soma de “filtros” de várias outras tabelas sendo que tal tarefa exigia um esforço e tempo que não possuíamos. A escolha da não prossecução desta tarefa deveu-se a uma não necessidade de apresentação deste tipo de tabelas. Ou seja, a apresentação deste tipo de tabelas é importante mas não essencial na revelação dos resultados da nossa investigação. Deste modo, os dados por mim recolhidos pertencem à equipa de investigação que continuará a estudar o Crasto de Palheiros e serão facultados atempadamente.

d) O estudo dos conjuntos cerâmicos de todas as zonas escavadas – PIL, TEL, área norte e U. Hab. localizada na acrópole – consumiu um esforço e tempo que não prevíamos. Os objectivos de análise iniciais integravam os estudos de outros materiais arqueológicos – nomeadamente artefactos metálicos, contas de pasta vítrea, vestígios paleneológicos e outros. Contudo, o conjunto cerâmico revelou-se tão extenso e de tão grande complexidade que exigiu uma investigação centrada unicamente nele.

e) As várias zonas habitacionais do sítio – PIL, TEL, PEL, PIN, TEN, etc – foram analisadas individualmente e em cada zona habitacional foram analisadas 4 fases ocupacionais – fases II, III-1, III-2 e III-3 – a par dos contextos que as integravam. Tal análise descritiva torna-se de difícil leitura e compreensão pois toda a informação é espartilhada. Gostaríamos de ter criado textos nos quais a informação fosse transmitida num modo mais unitário e que possibilitasse uma compreensão mais imediata das características dos conjuntos cerâmicos. Contudo tal não foi possível nem nunca o será devido à própria natureza do registo arqueológico – subdividido em complexos, fases ocupacionais e zonas habitacionais. Contrariar esta natureza e usar uma metodologia mais unitária, onde seriam usadas associações de complexos de grande número de fragmentos, teria consequências no tipo de informações obtidas. Tal característica foi visível nos estudos de conjuntos cerâmicos onde era analisada a totalidade dos fragmentos de determinada fase. Os resultados dessa totalidade nunca coincidiam com as características dos conjuntos cerâmicos dos vários complexos e também não coincidiam com uma média ou tendência geral desses mesmos complexos.

f) O trabalho aqui apresentado pauta-se por uma ausência evidente de discussões teóricas relacionadas tanto com os diferentes estudos de conjuntos cerâmicos como aqueles relacionados com o questionamento da cultura material em si. As leituras que deram origem ao traçado da metodologia deste trabalho pautaram-se por uma rotina semelhante à da análise do conjunto cerâmico. Durante cerca de dois anos tínhamos por rotina a leitura de artigos e livros de interesse, uma vez por semana,

tendo sido estipulada a quinta-feira. Essa pesquisa bibliográfica e seus apontamentos foram os que nos deram a percepção dos caminhos a seguir no traçar os parâmetros da análise dos conjuntos cerâmicos. Porém e apesar de termos realizado uma extensa pesquisa bibliográfica, tal não de reflectiu no trabalho final, através de capítulos exclusivamente dedicados a temáticas teóricas. Gostaríamos, de termos recorrido sobretudo sobre a “cultura material”, sobre a sua natureza, como é entendida, estudada e descrita pelos Arqueólogos, como é validada, memorizada, usada e esquecida pelas sociedades do Presente e do Passado. E como é que, epistemologicamente e como arqueólogos, transcorremos de uma a outra, com que argumentos passamos dos contextos arqueológicos aos contextos de acção social, em suma, como construímos narrativas históricas com base em narrativas colocadas pelos materiais.

Existe de facto um alargado e já histórico debate sobre todas estas questões e sentimos que o nosso trabalho, apesar de tão intrinsecamente ligado à “cultura material” fugiu dele. Num dos recentes livros sobre a problemática da cultura material, Julian Thomas refere o seguinte: “In Hegel, externalisation and re-incorporation forms a meta-historical narrative, through which the spirit (a universal cosmic spirit, manifested in the form of finite human beings) is repeatedly transformed. At the outset, the spirit is undifferentiated and unconscious, but by separating into subject and object it achieves the ability to know that which it is not, and in the process comes to recognise itself. As the subject creates an increasingly complex external object world and repeatedly reappropriates it, humanity progressively distances itself from nature. *In the process, human beings increase in rationality, self-awareness and freedom.*” (Thomas: 2006/2007, 18). Quando li pela primeira vez este trecho senti uma certa repulsa que me levou a sublinhar a última frase e a escrever uma pequena nota onde afirmava: “Não posso concordar”. Depois de 4 anos volvidos em que grande parte do tempo foi despendido em inúmeras análises estatísticas do conjunto cerâmico, plasmadas no livro de estampas relativas ao volume 2, reli este trecho e não pude deixar de concordar. De facto a consciência de nós próprios relaciona-se intrinsecamente com a consciência daquilo que se encontra no exterior de nós mesmos. E o exterior de nós mesmos são objectos. Por vezes quem lida pouco com objectos cria em si uma ilusão de que faz parte dessa paisagem / espaço natural pois não observa lá nada de humano, nada realizado pelo humano, nada que o indique, que o externalize. Mas um arqueólogo vive com o humano, com a externalização do humano através dos artefactos. A análise dessa externalização, por exemplo através dos estudos dos conjuntos cerâmicos – independentemente do número e qualidade de artigos e livros lidos –, conduz invariavelmente a uma maior racionalidade, auto-consciência e liberdade.

5. Faseamento do Crasto de Palheiros

5.1. Introdução geral ao quadro cronológico – Faseamento do povoamento na ocupação do espaço e suas estruturas arquitectónicas

A descrição pormenorizada da morfologia do povoado e sua evolução foi extensamente realizada na monografia do sítio arqueológico (Sanches: 2008, 43-53). Consideramos irrelevante uma segunda descrição da: *i*) morfologia do sítio no calcolítico e *ii*) das datas de C14 – descrição e discussão – que deram origem ao faseamento criado (Sanches: 2008, 48-52). Contudo realizaremos uma pequena descrição geral onde se discutirão alguns problemas pontuais relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e da Idade do Ferro.

A ocupação da Idade do Bronze ocorre, genericamente, entre 900/800 a 500 AC⁷ e a ocupação da Idade do Ferro ocorre entre 550/500 a 80/120 AC. A ocupação da Idade do Ferro é um contínuo no entanto foi dividida entre 3 fases que estão relacionadas com a construção de algumas estruturas pétreas e com um momento particular, que corresponde a um incêndio que devastou todo o sítio arqueológico.

A ocupação da Idade do Bronze Final assenta no sítio Calcolítico e ocorre entre 900/800 a 500 AC. cremos que pode ter ocorrido um pouco em todas as zonas do povoado – Unidade Interna e Externa – ainda que só tenha sido definida a nível estratigráfico na PIL, PEN e PIN (Estampas IV, fig. 1 e XXV – vol. 1). Nas restantes zonas escavadas a ocupação conotada com a Idade do Bronze é indiciada por materiais cerâmicos redepositados em contextos da Idade do Ferro.

A ocupação da Idade do Bronze na Plataforma Superior é indiciada por materiais cerâmicos que foram, parcialmente, analisados por Sandra Barbosa e integrados, genericamente, na Idade do Ferro (Barbosa, 1999). Estes materiais cerâmicos encontravam-se nos estratos superficiais não estando associados a nenhuma estrutura construída. Uma reavaliação, genérica, de alguns desses materiais cerâmicos conduziu a uma reavaliação cronológica e a uma reintegração neste quadro cronológico (Est. XXV – vol. 1). Contudo estes materiais não foram estudados pormenorizadamente e integrados no nosso trabalho.

A ocupação da Idade do Bronze na Plataforma sobre o Talude Exterior Leste – ou PEL – é também, indiciada por materiais cerâmicos integrados em contextos da Idade do Ferro. Estes

⁷ O faseamento proposto nomeadamente aquele referente à Idade do Bronze respeitou o faseamento proposto pela Directora de escavações e investigação do Crasto de Palheiros – Prof. Maria de Jesus Sanches – presente na monografia do mesmo (Sanches: 2008).

materiais foram pormenorizadamente descritos por nós neste trabalho. Alguns dos materiais cerâmicos (sobretudo algumas das formas presentes na estampa IX – vol. 2) não definem um nível ocupacional sendo que os consideramos fora do seu contexto original. Estes materiais cerâmicos afirmam uma existência mas não definem essa ocorrência de um modo pormenorizado. As cerâmicas conotadas com a Idade do Bronze são definidas a partir de características morfológicas e culturais que são partilhadas com outros materiais cerâmicos do mesmo período, nesta ou noutras regiões do Norte peninsular.

Na Plataforma Inferior Leste, Plataforma Inferior Norte e Plataforma sobre o Talude Exterior Norte a ocupação da Idade do Bronze é definida por estratos, materiais cerâmicos e metálicos e datas de C14 (Est. IV, fig. 1 – vol. 1). Resumidamente podemos dizer que a ocupação ocorrida pode ser de carácter, genericamente, doméstico sendo que as construções se relacionam com muros de contenção – no caso da PIL –, fecho da entrada calcolítica do talude na zona norte e solos de ocupação, relativamente, degradados. A estratigrafia é descrita em pormenor no ponto 5.2. sendo que aqui apenas referiremos que consideramos a ocupação da Idade do Bronze ainda interventiva. Quer dizer que a ocupação da Idade do Bronze é definida por poucos vestígios estratigráficos no entanto, alguns desses vestígios revelam acções que modificam espaços. Não sabemos se a ocupação da Idade do Bronze se constitui como uma ocupação claramente doméstica pois os vestígios não permitem perceber em plenitude as características desta ocupação (Est. IV, fig. 1 – vol. 1). Contudo, com base nos vestígios encontrados cremos que a ocupação da Idade do Bronze não se constitui unicamente como uma ocupação doméstica. Parecem ocorrer durante a Idade do Bronze acções de apropriação espacial onde através de determinados ritos e construções o sítio calcolítico ganha significado sociopolítico dentro da época vivida. Durante a Idade do Bronze fecha-se a entrada calcolítica do talude norte e leva-se a cabo uma acção que envolve a destruição de um recipiente cerâmico na base do Talude Exterior Norte, correspondente ao Lx. 100. O Talude Exterior Norte é intensa e profundamente remexido na zona da vala 2 – onde se localiza o Lx. 100 – sendo que tal remeximento coincide com acções de queimada e de deposição de recipientes.

Possivelmente, durante a Idade do Bronze e par do encerramento da entrada, é aberta uma outra entrada para a Plataforma Inferior Norte que é com um caminho estreito e a pique entre penedos (Est. XIV – vol. 1).

Na Plataforma Inferior Leste, o muro relacionado com a Idade do Bronze aparentava ser uma espécie de muro de contenção de terras a par, talvez, de função doméstica pois encontrava-se, também, associado a um solo de ocupação de terras enegrecidas.

Cremos que todas estas “obras” revelam o carácter interventivo das comunidades da Idade do

Bronze que habitaram o Crasto de Palheiros.

A ocupação da Idade do Ferro começa no séc. VI/V AC e foi identificada estratigraficamente em quase todas as zonas escavadas – à excepção da Plataforma Superior onde a U. Hab. identificada se integra na fase de ocupação III-2. A ocupação da Idade do Ferro define-se, essencialmente, como doméstica ainda que tenham sido identificadas acções e comportamentos que não se integram totalmente na visão moderna do quotidiano. Descreveremos de seguida toda a ocupação da Idade do Ferro até ao momento do incêndio – que engloba as fases III-1 e III-2 – em cada zona habitacional.

Na Plataforma Inferior Leste foram identificadas algumas unidades habitacionais definidas por anteparos pétreos subcirculares, pisos de argila e lareiras. A ocupação da Idade do Ferro estende-se por toda a plataforma até à quebra que forma ou enceta o talude. cremos na existência de um murete calcólico que definia a plataforma e que neste período se encontra muito destruído. A área habitada estende-se até à quebra do talude e liga-se, espacialmente, à ocupação ocorrida no próprio talude.

O Talude Exterior Leste é parcialmente ocupado neste período sendo que a área habitacional encontra-se integrada numa plataforma construída no início da ocupação da Idade do Ferro. A construção desta plataforma envolve a retirada de pedras e solos calcólicos com o objectivo de criar uma zona aplanada. Essa zona aplanada é sustentada por um muro simples – tipo anteparo pétreo – que irá conter os solos de ocupação do Talude. A ocupação é iniciada após a construção do muro de sustentação e aplanamento da plataforma.

A ocupação doméstica na plataforma integrada no Talude Exterior Leste (PEL) é, efectivamente, iniciada através de um rito que envolve a deposição de 3 recipientes de pasta e forma diferente. Após esta deposição é iniciada a ocupação doméstica que se define pela provável construção de várias unidades habitacionais. A reduzida área de escavação reduziu, também, as probabilidades de encontramos unidades habitacionais que se integrassem, totalmente, na área da vala escavada. Desse modo, não foram identificadas unidades habitacionais na sua forma total. A área habitacional é definida por solos / depósitos de ocupação que contem pisos de argila, áreas de combustão e áreas de cascalheira.

A ocupação da Idade do Ferro na PEL de 550/500 AC a 80 DC é definida por vários depósitos de ocupação que se sucedem, verticalmente, uns aos outros. A caracterização da ocupação na PEL é muito difícil devido área de escavação reduzida contudo cremos que – pelo menos na área escavada – se mantém muito semelhante não indicando rupturas construtivas. Ou seja, o estudo dos conjuntos cerâmicos revela uma área que se manteve quase inalterada durante 500 a 600 anos.

Por volta de 300/200 AC ocorre na PIL a construção de um muro de pequenas dimensões que segue o alinhamento da muralha calcolítica. A muralha calcolítica foi integrada na construção da Idade do Ferro sendo que a comunidade da Idade do Ferro seguiu o traçado geral da Pré-Histórica restaurando, reconstruindo e construindo de novo.

O muro da Idade do Ferro incluiu como “acto fundacional” – à semelhança do que ocorreu na área habitada da PEL – uma estrutura de deposição de carácter funerário (E.D.F) que incluiu vários tipos de objectos (metálicos e cerâmicos). Esta estrutura é descrita em pormenor no ponto 5.2.

O muro construído divide e restringe o espaço da plataforma sendo que cria um recinto intra-muros – denominado de Recinto L – e uma área externa extra-muros. As duas áreas comunicam entre si através de uma entrada em pedra seca. Sabemos que dentro do Recinto L se encontravam várias unidades habitacionais (1 a 5), uma estrutura circular de planta em hélice (E.G) e uma área habitacional diversificada (A. Hab. 6). Não sabemos se fora do Recinto L se encontravam outras unidades ou estruturas habitadas pois tal área não foi ainda objecto de intervenções.

As U. Habs. 1 a 5 e a A. Hab. 6 foram destruídas pelo incêndio ocorrido em cerca de 80 DC. Ainda que os estratos de destruição das U. Habs. estejam apenas relacionados com o incêndio, cremos que estas unidades habitacionais eram há muito utilizadas podendo relacionar-se com todo o período integrado na fase III-2 (de 300/200 AC a 80 DC).

A ocupação da Idade do Ferro na Plataforma Superior é caracterizada através de uma zona parcialmente escavada e muito destruída pela erosão. Foi identificada uma unidade habitacional – U. Hab. 8 – datada por C14 e integrada no incêndio ocorrido na PIL; PEL e PIN. Não sabemos se a ocupação da Idade do Ferro na Plataforma Superior remonta ao séc. VI/Vº AC contudo podemos relacionar a U. Hab. 8 com o período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC. É possível que tenha ocorrido durante este período um restauro da muralha calcolítica a par da reconstrução / construção da muralha que define o Recinto L na PIL.

A ocupação da Idade do Ferro na zona Norte começa por volta do séc. VI/V AC tal como a da zona leste. Na zona norte, a área habitacional estende-se desde a Plataforma Inferior Norte à Plataforma integrada no Talude Exterior Norte. Como sabemos a entrada calcolítica foi fechada durante a Idade do Bronze sendo que com esta condenação a zona norte externa possuía 2 espaços principais: um intra-muros e outro extra-muros. Cremos que o alteamento do talude – ou mesmo da muralha calcolítica – estaria nesta altura muito destruído ainda que se mantivesse parcialmente a sua forma. Não houve qualquer tentativa de restauro da muralha pois sabemos que pelo menos uma

unidade habitacional se encostava aos escombros que seriam, por esta altura, a muralha calcolítica ou alteamento do talude.

A área habitacional da Idade do Ferro era constituída, muito provavelmente, por várias unidades habitacionais que foram sendo remodeladas até ao momento do incêndio. Uma das unidades habitacionais – U. Hab. 9 – encontrava-se encostada pelo exterior ao alteamento do talude ou muralha calcolítica e as restantes U. Habs. encontravam-se na Plataforma Inferior Norte (zonas 2 e 2.1 e U. Habs. 10, 11, 12, 14 e 15). A U. Hab. 14 encostava-se à face interior da muralha calcolítica e localizava-se perto da zona (caminho) de acesso da plataforma; acesso construído na Idade do Bronze ou no início da Idade do Ferro (Est. XIV – vol. 1).

Creemos que a U. Hab. 14 foi abandonada antes da ocorrência do incêndio pois a estratigrafia assim o indica (Est. XX – vol. 1). Acreditamos que a razão do abandono desta U. Hab. se prende com a sua localização. A localização desta U. Hab. é relativamente má pois encontra-se perto de um penedo, numa zona muito alta e com muitos ventos. Para além das condições espaciais e atmosféricas adversas, esta U. Hab. não permitia uma fácil visualização do exterior – a contemplação do espaço exterior é muito mais simples se ela ali não estivesse – e localiza-se demasiado perto da entrada da plataforma. Tal pode ter influenciado o abandono desta U. Hab. Deste modo, por volta de 300/200 AC a U. Hab. 14 já não era habitada e toda aquela área tinha sido encerrada através de um empedrado que imitava, cabalmente, o empedrado calcolítico.

A Plataforma Inferior Norte inclui uma pequena zona estanque denominada de PIN 1 e delimitada por grandes penedos / afloramentos. Nesta plataforma – localizada no canto sudoeste da PIN – foi identificada uma área de cozedura de cerâmica e vários vestígios que podem ser relacionados com unidades habitacionais – buracos de poste e conjunto cerâmico. A área de cozedura de cerâmica foi denominada de Fossa-Forno. Toda a ocupação contida na PIN 1 foi integrada num período mais moderno da ocupação da Idade do Ferro que corresponde genericamente, a 300/200 AC a 80 DC. Não sabemos se a ocupação da PIN 1 pode remontar ao séc. VI/Vº AC pois esta zona habitacional não foi escavada na totalidade.

O incêndio ocorrido em cerca de 80 DC destruiu as unidades habitacionais de todas as zonas escavadas – PSL, PIL, PEL, PIN e PEN.

Após o incêndio ocorre uma série de remodelações que tem como principal objectivo a reestruturação das muralhas e dos espaços nelas contidos. Contudo a ocupação ocorrida após o incêndio é de curta duração e deixa poucos ou nenhuns vestígios, para além das muralhas reconstruídas.

Creemos que entre 80 e 120 DC a muralha na PIL foi alteada e espessada. A zona habitacional integrada no TEL foi condenada de um modo definitivo, através da “reconstrução” do talude que se articula agora com a muralha reconstruída na PIL. Deste modo, a zona habitacional leste vê-se extremamente reduzida. As unidades habitacionais a existirem – pois não foram identificadas – são semelhantes àquelas construídas durante toda a ocupação da Idade do Ferro anterior, já que não estão presentes vestígios pétreos relacionados com U. Habs.

A zona norte sofre uma acção de remodelação semelhante àquela da zona leste. A U. Hab. 9 (e provavelmente outras U. Habs. nas mesmas condições de implantação) foi sobreposta pelo espessamento da muralha e sua nova fachada exterior.

O Talude Exterior Norte revela uma última camada de pedras que cremos ser uma reconstrução da Idade do Ferro. Acreditamos que esta reconstrução coincide com este período cronológico e que tinha como objectivo o encerramento da zona habitacional extra-muros e uma articulação com a muralha reconstruída.

No interior da PIN ocorre o encerramento da Fossa-Forno (na PIN1) e a condenação de toda a zona habitacional da PIN 1 através da reconstrução de um “empedrado”. A zona habitacional coincidente com o período de 80 a 120 DC corresponde à PIN2. Deste modo, podemos observar uma redução drástica do espaço habitado.

Esta última fase ocupacional encontra-se muito mal caracterizada devido aos contextos muito degradados e próximos do solo humoso sendo que não foram identificadas unidades habitacionais. Esta ocupação é apenas caracterizada pelas remodelações nas estruturas arquitectónicas e pelos conjuntos cerâmicos contido em depósitos de ocupação.

5.2. Descrição pormenorizada das estruturas arquitectónicas, complexos e suas relações

5.2.1. Fase I – Calcolítico

5.2.1.0. Introdução

A ocupação correspondente ao Calcolítico situada entre 3000 a 2000 AC não constituiu o nosso objecto de estudo. A morfologia do Crasto de Palheiros tem origem no Calcolítico com a construção dos taludes e formação das plataformas exteriores. Esta ocupação é muito complexa, exige um estudo autónomo que tenha em conta a sua especificidade.

Contudo descreveremos aqui em pormenor a construção do Talude Exterior Norte pois os complexos que o integram são representados por alguns fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro (bordos, bases e algumas decorações) e por alguns fragmentos cerâmicos de grande ambiguidade estilística, sobretudo ao nível da decoração.

Para um melhor entendimento dos fragmentos cerâmicos integrados em alguns dos complexos do Talude Exterior Norte e das suas características de conservação, descreveremos de seguida a estratigrafia presente no talude.

5.2.1.1. Talude Exterior Norte

O talude calcolítico denominado de Talude Exterior Norte foi construído sobre uma área alargada de grande declive. A construção do talude foi realizada de um modo faseado sendo que a primeira fase de construção relaciona-se com a regularização ou amenização do declive.

No primeiro momento construtivo são realizados travejamentos de grande dimensão constituídos por pedras de grande porte, perfeitamente encaixadas, assentes e cobertas por sedimentos de terras granulosas de coloração esverdeada (Lx. 101) ou de coloração castanha-avermelhada (Lx. 104). Os travejamentos são estrategicamente colocados em nichos de maior declive (por exemplo junto a afloramentos) dentro desta zona alargada que constituirá o Talude Exterior Norte. Estes travejamentos e as terras a que eles se associam criam plataformas quase horizontais que modificaram a morfologia da encosta que aí existia.

De seguida à primeira preparação da encosta, os construtores lançaram sobre os afloramentos, travejamentos e terras (Lx. 101 e 104), um extenso conjunto de terras. Estas terras são sedimentos argilosos misturados com pedras de média e grande dimensão de coloração laranja avermelhada (Lx.

20.13) ou amarelada (Lx. 100). Este segundo conjunto de terras colmata os travejamentos e nivela toda a superfície da encosta.

As acções realizadas até este momento dizem respeito a acções de construção levadas a cabo pela comunidade. Os complexos enumerados integram materiais arqueológicos e não são lidos como depósitos de ocupação. Deste modo a integração dos materiais arqueológicos pode ter sido ou não intencional, pode revelar, ou não, uma cultura material do local. A integração dos materiais arqueológicos nos complexos referidos pode ser compreendida sob várias hipóteses interpretativas, a saber: *i)* a integração dos materiais arqueológicos nos Lxs. 101, 104, 100 e 20.13 é aleatória; *ii)* a integração é intencional e abrange materiais provenientes de ocupações do Crasto de Palheiros e *iii)* a integração é intencional e pode abranger materiais arqueológicos de outros sítios arqueológicos das proximidades, para além daqueles provenientes do Crasto de Palheiros⁸.

Sobre estes estratos – que são depósitos de construção – identificou-se um outro estrato (Lxs. 20 e 20.12) no qual foram detectados vestígios de uma ocupação humana de um cariz mais aproximado ao quotidiano. Nos Lxs. 20 e 20.12 – que correspondem ao mesmo estrato – identificaram-se buracos de poste, pequenas fossas e pequenas áreas de terras queimadas (possíveis lareiras, Lxs. 20.1 e 20.9).

A diferença entre o Lx. 20 e o Lx. 20.12 encontra-se na sua localização topográfica. O Lx. 20 localiza-se numa zona mais alta e aplanada do talude e o Lx. 20.12 localiza-se na zona mais baixa (de cota mais baixa) e com maior declive que segue a zona do Lx. 20. É de notar que esta ocupação ocorre unicamente numa determinada zona do talude e que não se estende à totalidade do mesmo. Quer dizer que foram realizadas determinadas acções – que deixaram determinados vestígios – numa área relativamente restrita e que se sobrepõem unicamente ao Lx. 20.13 – Vala 1⁹ (Est. XXXII – vol. 1).

Esta ocupação – independentemente do seu carácter – é condenada através do fecho total do talude que é realizado através de várias acções. A conclusão do talude é realizada através de uma construção imbricada de terras e pedras onde, de um modo contínuo, se depositam pedras, terras e ateam-se fogos – que deixam vestígios de terras queimadas descontínuas e localizadas entre as pedras.

Na zona da vala 1 foi identificado o Lx. 28 que corresponde às terras queimadas que se localizam no interior do talude (sendo que o Lx. 28.1 corresponde a uma zona de terras queimadas de coloração muito escura) e na zona da vala 2 apenas foi identificado um contínuo de terras argilosas

⁸ Para uma melhor visualização desta área ver figuras II 16 e 17 em Sanches, 2008.

⁹ Para uma melhor visualização desta área ver figuras II 16 e 17 em Sanches, 2008.

entremeadas por pedras e terras negras (Lx. 100) constituindo o miolo do talude – que noutras zonas é denominado de Lx. 6 ou mesmo 54.

A sucessão de queimadas, deposição de terras e pedras foi realizada até o talude atingir a forma imaginada pelos seus construtores. Devido à extensão do talude foram realizadas duas valas principais e foram abertas três zonas de escavação em áreas mais aplanadas do talude. Deste modo, o talude e o seu interior – miolo – foram escavados em várias zonas afastadas umas das outras sendo que tal gerou naturalmente a criação de diferentes complexos para um mesmo estrato. Como já referimos o Lx. 54 e o Lx. 6 correspondem ao miolo do talude e os Lxs. 66 e 71 correspondem à superfície última (mais externa) do talude. Nesta superfície última do talude foi ainda identificada uma pequena área de terra carbonizada denominada de Lx. 71.1.

Por último, resta-nos a descrição de uma entrada localizada numa zona alta do talude (Quadrado 36/41) que permitia o acesso à Plataforma Inferior Norte – PIN. O talude é, de um modo simples, uma rampa pétreia que culminava numa parede vertical (tipo muro), que inflectia formando um ângulo recto. Ao lado dessa inflexão localizava-se um segundo muro, espessado na sua extremidade lembrando uma torre. O espaço entre esses dois muros corresponde à entrada para a Plataforma Inferior Norte.

Na zona da entrada foi identificado um solo de ocupação – Lx. 78 – caracterizado por uma terra argilosa, endurecida e de cor amarela esbranquiçada. A entrada permaneceu em funcionamento durante um tempo indefinido sendo que cremos que o Lx. 78 corresponde ao estrato relativo ao tempo de funcionamento desta estrutura arquitectónica. Num momento que não conseguimos definir a entrada foi fechada através do empilhamento de pedras e terras. Foi construído um arco de pedras, imbricadas umas nas outras e que cobriam o Lx. 78. O arco de pedras e algumas terras contidas no mesmo foram denominados de Lx. 61.

O fecho da entrada finaliza a actividade humana durante a ocupação calcolítica no Talude Exterior Norte.

5.2.2. Fase II – Idade do Bronze

5.2.2.0. Introdução

A ocupação correspondente à Idade do Bronze situada entre 900/800 e 550/500 AC deixou poucos ou nenhuns vestígios estratigráficos no Crasto de Palheiros (Est. IV, fig. 1 – vol. 1). A ocupação posterior que se iniciou por volta de 500 AC a par de toda a vivência que lhe seguiu alterou significativamente os níveis que poderiam estar relacionados com a ocupação do Bronze Final.

Nesta fase ocupacional foram integrados vários complexos que se localizavam naquilo que se considera o interface entre a ocupação calcolítica e a da Idade do Ferro. Cremos que estes complexos podem conter em si vestígios artefactuais da ocupação da Idade do Bronze ainda que não caracterizem de forma clara esta mesma ocupação. Estes complexos são por natureza complexos de mistura, onde são identificados materiais arqueológicos de várias cronologias, nomeadamente calcolíticos e da Idade do Ferro.

Esperamos que com uma leitura mais pormenorizada seja possível discernir a proveniência dos vários materiais.

5.2.2.1. Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste, os vestígios conotados com esta primeira ocupação encontram-se um pouco por toda a plataforma tendo sido identificados em vários quadrados. A estratigrafia varia consoante o quadrado pois os complexos são, por vezes, mais pequenos do que um quadrado de 4 m² – o que ocorre num quadrado pode não ocorrer no do lado. Por vezes a própria sequência estratigráfica é distinta de quadrado para quadrado – as transformações ocorridas num quadrado não são as mesmas de outro. Deste modo, foram realizadas várias matrizes estratigráficas que dizem respeito apenas às sequências dos quadrados em análise e que têm como objectivo ajudar a compreender os contextos que dizem respeito à fase II e a sua integração na/s sequência/s estratigráfica/s do Crasto de Palheiros.

Foram identificados complexos integrados na fase II nos seguintes quadrados: S/8-9, T/8-9, V/9 (Est. XXIV – vol. 1), V/10, V/16 (Est. XXVI – vol. 1), W/9 (Est. XXIV – vol. 1), W/12 (Est. XXIV – vol. 1), W/13, W/14 (Est. XXV – vol. 1), W/16 (Est. XXVI – vol. 1), X/11 (Est. XXIV – vol. 1), X/13 (Est. XXV – vol. 1), X/16, Y/11, Y/12, Y/13 (Est. XXV – vol. 1), Y/14 (Est. XXV – vol. 1), Y/15 (Est. XXV – vol. 1), Y/16 (Est. XXVI – vol. 1) e Z/16 (Est. XXVI – vol. 1).

A ocupação da Idade do Bronze assentou no empedrado calcolítico e caracteriza-se, genericamente, por terras carbonizadas dissociadas de outras estruturas, tal como os Lxs. 100 (Est. XXV – vol. 1), 102 (Estampas XXV e XXVI – vol. 1) e 104 (Est. XXVI – vol. 1). Por vezes, estas terras de coloração escura confundem-se – misturando-se –, com terras argilosas de coloração vermelha, como os Lxs. 64 (Est. XXV – vol. 1), 109 (Est. XXV – vol. 1) ou mesmo as camadas 1/2 e/ou 1b/2a que por natureza se definem como um interface entre camadas de características físicas distintas. Os Lxs. 64 e 109 encontram-se sobre a camada 2a sendo que a sua integração na fase II

bem como na fase I é duvidosa e difícil. No entanto optamos por uma integração na fase II pois estes complexos sobrepunham-se à camada 2a e continham materiais arqueológicos não calcolíticos.

Os materiais arqueológicos identificados nos Lxs. 100, 102 e 104 foram estudados em conjunto e enquadrados na A7, pois cremos que estes complexos são “fragmentos” de um nível ocupacional que poderia estender-se por toda a plataforma.

Os materiais arqueológicos identificados nos Lxs. 64 e 109 foram estudados em conjunto e enquadrados na A8, pois as características físicas destes complexos e a sua proximidade espacial levaram a um agrupamento.

Por último, os materiais arqueológicos identificados nas camadas 1/2 e 1b/2a foram estudados em conjunto e enquadrados na A24 pois estamos a falar de uma mesma camada que foi identificada de forma ligeiramente diferente.

A par de estratos de terras carbonizadas dissociados de estruturas pétreas – A7, A8 e A24 – foi identificado um murete pétreo (Est. VI – vol. 1) que se relaciona com uma terra de cor negra com alguns carvões, o Lx. 25 (Est. XXIV – vol. 1). Consideramos esta terra de coloração escura e com presença de carvões num estrato de ocupação mais ou menos extenso – presente nos quadrados W9 e V9; V9; X11 e W12 – que foi identificado por vários complexos sendo estes os Lxs. 24, 25 e 28 (Est. XXIV – vol. 1). O Lx. 24 encontra-se mais revolvido e com mais cascalho sendo que o consideramos uma parte mais degradada deste mesmo estrato. Este estrato foi definido virtualmente como A23 – associação de materiais 23 – que corresponde à soma dos materiais presentes nos Lxs. 24, 25, 28 e 25.1 – sendo que o Lx. 25.1 (Est. XXIV – vol. 1) é uma concentração de carvões (que foi identificado como lareira) no interior do Lx. 25.

5.2.2.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

A ocupação compreendida entre 900/800 a 600/500 AC ocorre, na área norte, em duas zonas distintas, no talude exterior e na plataforma inferior. Nestas duas zonas foram identificados vestígios de uma ocupação humana. Os vestígios identificados não permitem caracterizar em pormenor a ocupação no entanto atestam a presença de comunidades no período cronológico referido.

Cremos que durante o período compreendido entre 900/800 a 600/500 AC foram construídas habitações quer no talude quer na plataforma. Os vestígios identificados no talude conotados com esta ocupação correspondem aos Lxs. 20, 20.1, 28 e 28.1. Os complexos referidos possuem, como sabemos, uma origem calcolítica no entanto sofreram alterações significativas durante a Idade do Bronze. A estratigrafia presente no talude indica que durante a Idade do Bronze, as comunidades

levaram a cabo acções de “terraplanagem” do talude. Quer dizer que as comunidades retiraram pedra e revolveram sedimentos com o objectivo de criarem uma plataforma artificial plana que serviria como área habitacional. Curiosamente a terraplanagem levada a cabo na Idade do Bronze surgiu na zona mais plana do talude e que integrava vestígios da ocupação calcolítica.

É de notar que a morfologia do talude calcolítico permanece e que esta morfologia é percebida pelas comunidades da Idade do Bronze e reaproveitada. Deste modo os Lxs. 20, 20.1, 28 e 28.1 apesar de possuírem uma origem calcolítica integram diversos materiais conotados com a Idade do Bronze.

É interessante notar que o estradão, construído no séc. XX, de acesso ao sítio arqueológico assentou parcialmente nesta plataforma artificial que encimava o talude. Ou seja, as plataformas artificiais presentes no talude conferiram-lhe determinada morfologia que permaneceu, de certo modo, inalterada até à construção do estradão que seguiu um “traçado” pré-existente. Como é óbvio a construção deste estradão destruiu o talude mas ao mesmo tempo revela uma morfologia pré-existente ao mesmo.

Na Plataforma Inferior Norte também foram identificados vestígios da ocupação da Idade do Bronze sem que consigamos caracterizar em pormenor esta ocupação (Est. IV, fig. 1 – vol. 1).

Creemos que durante a Idade do Bronze se fechou definitivamente a entrada calcolítica do talude que permitia um acesso fácil à plataforma inferior (Est. XIV – vol. 1). De facto, esta entrada tinha já sofrido uma condenação que mais não era que a deposição de algumas pedras, imbricadas, no solo e de baixa altura. A condenação calcolítica correspondia a uma estrutura pequena sendo que a abertura entre os muros laterais podia permanecer pois bastava transpor essa pequena quantidade de pedras acumuladas.

Durante a Idade do Bronze o fecho da entrada realiza-se com a construção ou mais propriamente na acumulação de maior quantidade de pedras de grande porte sobre a estrutura de condenação calcolítica a par de uma camada de cascalho – pedras de tamanho médio e pequeno – conjunto que cobria uma área de pelo menos um metro quadrado.

O arranjo pétreo que se encontra sobre a condenação das estruturas calcolíticas foi denominado de Lx. 58.1; a camada de cascalheira que cobre o arranjo pétreo e um depósito de ocupação calcolítico (Lxs. 71 e 108) foi denominada de Lx. 58 e foram ainda identificados pequenos nichos de terras carbonizadas misturados com ossos de animais no seio do Lx. 58 e denominados de Lx. 60.

Após o encerramento da entrada, ou durante a obra de encerramento, decorreram outras actividades humanas dos quais são vestígios os Lxs. 89, 94, 98 e 99 (Est. XVIII – vol. 1).

Nos quadrados 35/38 e 35/39 foram identificados estrato de terras argilosas de cor amarela, que incluem pedras muito pequenas e que podem corresponder a pisos de unidades habitacionais. Estes estratos foram denominados de Lxs. 89 e 94 sendo que os seus conjuntos cerâmicos foram integrados num só, denominado de A55.

No quadrado 38/39, em relação horizontal com o Lx. 58, foram identificados: *i*) um estrato de terra castanha-clara, arenosa e sem cascalho ou pedra miúda – Lx. 99 – que cremos corresponder ao interface entre a ocupação calcolítica e a da Idade do Bronze e *ii*) um estrato de terras carbonizadas com muitos carvões – Lx. 98 – que deve corresponder a um solo / depósito de ocupação e que se encontrava sobre o Lx. 99 (Est. XVIII – vol. 1).

Os conjuntos cerâmicos dos Lxs. 58, 98 e 99 foram integrados numa associação – A66 – pois cremos que dizem respeito a um mesmo momento cronológico e ocupacional de curta duração (Est. XVIII – vol. 1).

Em suma, podemos dizer que a ocupação da Idade do Bronze se encontra na Plataforma Inferior Norte, intra-muros, com um novo acesso a esta plataforma (Est. XIV – vol. 1) tendo em conta que a entrada calcolítica foi fechada de um modo definitivo. No Talude Exterior Norte a ocupação revela-se através da construção de uma plataforma habitacional.

5.2.3. Fase III – Idade do Ferro

5.2.3.0. Introdução

A ocupação da Idade do Ferro no Crasto de Palheiros encontra-se compreendida entre 600/500 AC a meados do séc. II DC. Esta ocupação foi subdividida internamente em 3 grandes fases relacionadas com aspectos construtivos do sítio arqueológico (genericamente explicados no ponto 5.1). Deste modo, a informação estratigráfica é explicada dentro de cada fase e no interior de cada fase é explicada por zona de escavação.

Na fase III-1 – 600/500 a 300/200 AC – encontramos vestígios na Plataforma Inferior Leste, Talude Exterior Leste e Plataforma Inferior Norte. A fase III-2 – 300/200 AC a 80 DC – encontra-se representada na Plataforma Superior Leste, Plataforma Inferior Leste, Talude Exterior Leste e

Plataforma Inferior Norte. E, por último, a fase III-3 – cerca de 80 a 120 DC – encontra-se representada na Plataforma Inferior Leste, Talude Exterior Leste e Plataforma Inferior Norte.

5.2.3.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC

5.2.3.1.1. Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste, a ocupação da Idade do Ferro começa por volta do início do séc. VI/Vº AC e abrangia todo o espaço útil da mesma (Est. IV, fig. 2 – vol. 1). Os vestígios conotados com esta ocupação encontram-se por toda a plataforma sendo mais evidentes e estando melhor caracterizados do que aqueles relativos à ocupação da Idade do Bronze (Est. IV, fig. 1 – vol. 1). Tal como ocorrido nos vestígios da ocupação da Idade do Bronze podemos afirmar que a estratigrafia varia e que foram obtidas várias sequências estratigráficas que revelam uma evolução / ocupação distinta em várias áreas da plataforma. A variação nas sequências estratigráficas não é importante na caracterização da ocupação em si mas é importante para o enquadramento de cada unidade estratigráfica ou complexo e sua compreensão geral – criação, cronologia, evolução, estado de conservação, grau de mistura, etc.

Foram identificados complexos integrados na fase III-1 nos seguintes quadrados da PIL: R/7; R/8 (Est. XXVII – vol. 1); S/8; S/9; S/15; T/12 (Est. XXVII – vol. 1); T/15; T/16; V/13; V/14 (Est. XXVII – vol. 1); V/15 (Est. XXVI – vol. 1); V/16 (Est. XXVI – vol. 1), V/18-19 (Est. XXVII – vol. 1); W/13 (Est. XXVII – vol. 1), W/14 (Est. XXV – vol. 1), W/15 e W/16 (Est. XXVI – vol. 1); W/17; W/18; X/10; X/11 (Est. XXIV – vol. 1), X/13 (Est. XXV – vol. 1), X/14; X/15; X/16; Y/10; Y/13 (Est. XXV – vol. 1), Y/14 (Est. XXV – vol. 1), Y/15 (Est. XXV – vol. 1), Y/16 (Est. XXVI – vol. 1) e Z/10.

Os vestígios estratigráficos integrados na fase III-1 apontam para uma ocupação que incluía, provavelmente, várias unidades habitacionais que abrangeriam, sensivelmente, todo o espaço da plataforma. A forma como o espaço foi construído, vivido e gerido durante centenas de anos é algo, praticamente, impossível de conceber, sobretudo, em pormenor. No entanto a estratigrafia presente na PIL aponta para formas de construir e viver os espaços. Tendo em conta o que foi dito podemos descrever da seguinte forma a estratigrafia encontrada:

1) A construção das unidades habitacionais era, muito provavelmente, encetada pela construção de um solo “artificial” constituído por pedras miúdas de tamanho variável – mas não excedendo os 6 a 8 cm de eixo maior – que denominamos, de forma corrente, de cascalheira. Foram

identificadas na PIL várias zonas de cascalheira em vários quadrados que foram denominadas de forma diferente devido à sua ocorrência em diversas sequências estratigráficas. Dessa forma, são quatro os complexos que correspondem a cascalheiras – Lxs. 26, 27, 70 e 101 (Estampas XXV, XXVI e XXVII – vol. 1) – mais tarde integrados numa associação de materiais (A9) que permitiu um estudo integrado das cerâmicas.

Estas cascalheiras encontravam-se sob os estratos de ocupação das unidades habitacionais mas a cada um deles sobrepunham-se depósitos sedimentares diferentes. Os Lxs. 26 e 27 encontravam-se sob o espesso estrato de terras queimadas da U. Hab. 2 que caracteriza claramente as unidades habitacionais da fase ocupacional seguinte (fase III-2). O Lx. 70 encontrava-se sob o Lx. 87 e o Lx. 101 sob o Lx. 77 e ambos – Lx. 87 e 77 – pertencem à fase III-1. É evidente uma diferença física entre as várias unidades estratigráficas que se sobrepõem às cascalheiras; deste modo, estas diferenças físicas podem apontar vivências espaciais diferenciadas. É possível que determinados espaços não tenham sofrido modificações de vulto ao longo de um período muito alargado – como parece ser o caso da U. Hab. 2 – e que outros tenham sofrido uma série de modificações / construções que se plasmaram no registo estratigráfico – como parece ser o caso da sequência estratigráfica que integra o Lx. 70.

2) As unidades habitacionais são caracterizadas por vestígios truncados destruídos pela ocupação posterior. No entanto podemos afirmar que as unidades habitacionais da fase III-1 são caracterizadas por:

a) Solos de ocupação / destruição constituídos por terras castanhas / enegrecidas e com carvões dos quais são exemplo os Lxs. 87 (Estampas XXV, XXVI e XXVII – vol. 1), 48.5 (Estampas XXV, XXVI e XXVII – vol. 1), 42.4 (Est. XXVI – vol. 1) e a c. 1b nos quadrados S/8 e S/9.

b) Áreas de combustão ou lareiras definidas por manchas – mais ou menos – concentradas de carvões dos quais são exemplo os Lxs. 89 (Est. XXVII – vol. 1), 92 (Est. XXVII – vol. 1), 77.1 (Est. XXVI – vol. 1) e 68 (Estampas XXV e XXVII – vol. 1).

c) Arranjos pétreos de forma subcircular que poderiam ter funcionado como anteparos das paredes das Unidades Habitacionais (Est. VI – vol. 1).

d) Solos de ocupação / destruição constituídos por terras argilosas, de coloração amarela que se assemelham a pisos compactos de terra batida dos quais são exemplo os Lxs. 91 (Estampas XXV e XXVI – vol. 1), 77 (Est. XXVI – vol. 1), 82 (Est. XXVII – vol. 1), 66 (Est. XXV – vol. 1) e o 45/87 (Est. XXVI – vol. 1).

e) Pisos de argila endurecida e de coloração vermelha como é o Lx. 77.2 (Est. XXVI – vol.

1).

f) Buracos de poste constituídos por minúsculas concentrações de carvões em áreas circulares e côncavas que podem relacionar-se com a combustão do poste de madeira como é o Lx. 75 (Est. XXVI – vol. 1).

3) Em determinadas zonas da PIL, o topo da camada 2a é o solo base para as construções da Idade do Ferro, pois muitas das construções destruíram arquitecturas calcólicas. Desta forma o interface entre a c.1b/2a (equivalente ao Lx. 65) foi integrado nos estudos de materiais da fase III-1.

4) Algumas remodelações do Talude Externo Leste que se localizam na plataforma foram possivelmente realizadas adentro da fase III-1 sendo que o Lx. 103 foi integrado nesta fase.

O estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-1 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas – à excepção da A9 acima descrita. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A10) A associação 10 é constituída pelos Lxs. 87, 89 e 92 pois as áreas de combustão 89 e 92 encontram-se no estrato de ocupação / destruição 87.

A11) A associação 11 é constituída pelos Lxs. 83 e 91 pois o Lx. 83 é uma concentração de cerâmica, maioritariamente constituída por apenas um recipiente (50 dos 72 fragmentos deste Lx. pertencem ao mesmo recipiente) no interior do solo de ocupação Lx. 91.

A12) A associação 12 é constituída pelos Lxs. 75, 77, 77.1 e 77.2 pois os Lxs. 75, 77.1 e 77.2 encontram-se no estrato de ocupação correspondente ao Lx. 77.

A13) A associação 13 é constituída pelos Lxs. 83, 91, 75, 77, 77.1, 77.2 e 82 pois todos estes complexos ocorrem numa área restrita e parecem relacionar-se. cremos que os Lxs. 91, 77 e 82 caracterizam um mesmo solo de ocupação e por isso a integração dos seus materiais parece-nos justificada.

A14) A associação 14 é constituída pelos Lxs. 66, 68 e 45/87 pois os Lxs. 66 e 68 localizam-se na base do Lx. 45 e por isso estão, naturalmente, no interface entre o Lx. 45 e o 87.

A22) A associação 22 é constituída pelos Lxs. 48.5 e 42.4 que são estratos de terras carbonizadas localizadas sob a Estrutura de Deposição Funerária (E.D.F) – integrada na fase III-2. Estes complexos correspondem ao solo de ocupação / destruição e cremos que são o mesmo que o Lx. 87. No entanto a sua proximidade física levou à associação dos seus materiais.

Por último gostaríamos de referir que a plataforma (PIL) se encontrava espacialmente relacionada com a plataforma externa, criada artificialmente no talude calcolítico (TEL). A área habitacional leste era um espaço aberto e alargado, constituído pela plataforma inferior (PIL) e exterior leste (PEL). A PIL não era delimitada por qualquer murete realizado em materiais perecíveis ou perenes e, a uma cota mais baixa, sucedia-lhe uma outra plataforma habitacional que se “encaixava” no talude de construção calcolítica (TEL). No estudo de materiais foi possível a colagem de fragmentos cerâmicos da PIL e do TEL.

5.2.3.1.2. Talude Exterior Leste

No Talude Exterior Leste, a ocupação da Idade do Ferro começa por volta do início do séc. VI/Vº AC a par da ocupação da Plataforma Inferior Leste. A ocupação da plataforma criada artificialmente sobre o talude calcolítico é difícil de interpretar em toda a sua sequência estratigráfica ou em toda a sua espacialidade pois foi apenas escavada uma vala de 4 metros de largura o que não permitiu o entendimento total da longa ocupação ocorrida neste espaço.

A ocupação da Idade do Ferro no Talude Exterior Leste começa pela destruição e remodelamento do próprio talude. As comunidades da Idade do Ferro escavaram o talude calcolítico, nivelaram uma zona central, criando uma plataforma que foi ocupada, provavelmente, com diversas unidades habitacionais de diversa índole funcional. A plataforma artificial era sustentada por uma pequena construção pétreia – tipo muro mas sem ser facetado – que se localizava no limite da plataforma sustentando os estratos e os solos que viriam a ser ocupados. Esta construção pétreia corresponde ao Lx. 136, que é constituído por pedras e terras amarelas entre as pedras (estampa IX).

O início da ocupação é marcado pela deposição intencional de 3 vasos cerâmicos numa área de 8 m². Os vasos cerâmicos encontravam-se dispostos de forma diferenciada sendo que dois (recps. n.º 475 e 476, est. CVIII, n.º 9 e 10, respectivamente – vol. 2) jaziam esmagados no interior de uma área de combustão, onde identificamos algum barro de revestimento (ou solo da própria lareira), pedras de pequeno porte, que se organizavam como que num piso lajeado e muitos carvões e terra queimada. A área de combustão – com cerca de 1 m² – corresponde aos Lxs. 151 e 151.1. Ao lado desta área de combustão foi identificado um nível de cascalheira, constituído por terras soltas e muitas pedras de pequeno porte, que continha no seu interior – num vazio sem pedras – um vaso cerâmico (Recp. n.º 474, est. LXVII – vol. 2). O nível de cascalheira – com cerca de 2 m² – corresponde aos Lxs. 146 e 147. O Lx. 147 é o nível de cascalheira misturado com terras queimadas. É possível a presença de combustão no nível de cascalheira.

Esta deposição marca o início da ocupação na Plataforma e as condições de preservação – a identificação de vasos completos – não se tornarão a repetir em mais nenhum estrato.

Após esta deposição intencional, a ocupação da plataforma deste antigo talude prossegue de um modo semelhante àquela identificada na Plataforma Inferior Leste. Esta ocupação é, tal como na PIL, caracterizada por estratos de terra queimada (Lxs. 133) alternados por pisos de argila pouco consistentes (Lx. 140), que se misturam com facilidade com o estrato de terra queimada (Lx. 140/133).

O estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-1 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A43) A associação 43 é constituída pelos Lxs. 146, 147, 151 e 151.1 e corresponde à deposição intencional dos 3 vasos cerâmicos e à primeira fase / momento de ocupação no Talude Exterior Leste.

A47) A associação 47 é constituída pelos Lxs. 133, 140 e 133/140 e corresponde à segunda fase de ocupação ocorrida no TEL, na área escavada. A divisão entre A43 e A47 é possível pois a área de escavação é muito pequena embora saibamos que esta é também uma divisão um pouco virtual. A A47 corresponde a uma ocupação que consideramos de carácter doméstico.

Os Lxs. 137 e 150 foram integrados na fase III-1 sendo que correspondem a: o Lx. 137 corresponde ao revolvimento do Lx. 133 causado pelas raízes de uma grande árvore e o Lx. 150 corresponde a materiais cerâmico recolhidos na limpeza do corte e correspondentes a esta ocupação.

5.2.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte (PIN 2 e 2.1)

Na Plataforma Inferior Norte, a ocupação da Idade do Ferro começa por volta do início do séc. VI/Vº AC e abrangia grande parte do espaço da Plataforma Inferior Norte coincidente com a zona 2 e 2.1.

Foram identificados complexos integrados na fase III-1 nos seguintes quadrados da PIL: 33/38-39, 34/38-39, 35/39, 36/39, 37/38-39, 39/42-43, 40/42-43, 41/42-44 e 42/43-44.

Os vestígios stratigráficos integrados na fase III-1 apontam para uma ocupação que incluía, provavelmente, várias unidades habitacionais. De todos os vestígios identificados apenas aqueles localizados na PIN 2.1 permitem a definição da área ocupada pela unidade habitacional (Estampa XIX – vol. 1).

A U. Hab. 14 na PIN 2.1 (Estampas XIX, XX e XXXIII – vol. 1) define-se:

a) Solo / depósito de ocupação constituído por terras de cor cinzenta-escura, com presença de carvões dos quais são exemplo os Lxs. 65, 79, 82 e 90 (Estampas XIX e XXXIII – vol. 1). Os Lxs. 82, 90, 65 e 79 correspondem a um mesmo estrato. Este depósito de ocupação é longo e espesso sendo que ao longo da escavação foi identificado por vários investigadores e nomeado de forma diferente. Deste modo, os Lxs. 82 e 90 correspondem a uma fase mais antiga da formação desse estrato, o Lx. 79 corresponde a grande parte do estrato e o Lx. 65 corresponde a uma amostra superficial deste mesmo estrato.

b) Uma de área de combustão ou lareira lateral definida por uma porção de argila endurecida – como se fosse um solo – dos quais são exemplo os Lxs. 63 e 95 (Estampas XIX e XXXIII – vol. 1). O Lx. 63 corresponde à argila endurecida desenhada na estampa XIX, neste volume. O Lx. 95 corresponde à degradação deste solo nos quadrados 42/44 e 42/43. Cremos que este piso de argila endurecida corresponde ao local onde se realizavam fogueiras sendo que o próprio calor das sucessivas fogueiras endureceu a argila ali colocada.

c) Um estrato de terra argilosa de cor amarela – Lx. 81 (Estampas XIX e XXXIII – vol. 1) – que acreditamos ser um vestígio das paredes da unidade habitacional. Este nível de terra argilosa pode também corresponder a um solo de ocupação muito destruído que no momento da escavação há não ocupava a totalidade da área da unidade habitacional (Estampa XIX – vol. 1).

d) Buracos de poste constituídos por minúsculas concentrações de carvões dispostos em áreas circulares que podem relacionar-se com a combustão do poste de madeira como uma porção de carvões concentrados sobre o piso de argila (Est. XIX – vol. 1).

e) A U. Hab. 14 encontrava-se adossada a um muro antigo ou alteamento do talude que cremos ser de origem calcólica (Est. XIX – vol. 1).

Os restantes vestígios da ocupação integrada na fase III-1 encontram-se na PIN 2 e não permitem uma definição aproximada à de unidade habitacional. Estes vestígios são constituídos por:

- i) terras argilosas de cor amarela – Lx. 106 – misturadas com cascalho ou pedras miúda – Lx. 70.2
- ii) terras de cor castanha-escura e negra, com a presença de carvões e semelhante ao solo humoso na sua consistência. São estratos de terras soltas, homogéneas e com poucas pedras – Lx. 110 e 115.

Os conjuntos cerâmicos analisados relacionam os Lxs. 106, 70.2, 115 e 110 pois ocorre a colagem de vários fragmentos. Cremos que estes complexos integram um mesmo nível ocupacional. É possível que os Lxs. 106 e 70.2 correspondam à base de uma unidade habitacional que posteriormente sofreu uma forte erosão. Todos os complexos presentes nos quadrados 33/38-39, 34/38-39 e 35/39 são muito pouco espessos e apresentam uma coloração muito semelhante. Deste

modo podemos dizer que os Lxs. 70.2, 106, 77, 70 e 70.1 são quase superficiais.

Em contraste, os Lxs. 110 e 115 são estratos de grande espessura – numa zona em continuidade da ocupação da Idade do Bronze (Est. XXXIII – vol. 1) – e com uma consistência e coloração totalmente distinta daquela presente nos Lxs. 106 e 70.2. É possível que os Lxs. 110 e 115 constituam depósitos de ocupação e que a sua formação se tenha prolongado por vários anos. É também possível que alguns materiais e terras presentes nestes estratos provenham de outros – nomeadamente dos Lxs. 106 e 70.2 – presentes em zonas mais altas da plataforma.

Apesar da falta de caracterização da zona habitacional acreditamos que grande parte da plataforma estivesse ocupada com unidades habitacionais, construídas em materiais perecíveis, e em tudo semelhantes àsquelas presentes na PIL e TEL.

O estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-1 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A56) A associação 56 é constituída pelos Lxs. 106 e 70.2 pois os estratos se encontram-se muito próximos e em relação horizontal.

A33) A associação 33 é constituída pelos Lxs. 82 e 90 pois ambos correspondem ao nível mais antigo de um espesso depósito de ocupação que foi genericamente denominado de Lx. 79, na U. Hab. 14.

A32) A associação 32 é constituída pelos Lxs. 65, 79, 81 e 73.2 pois corresponde à totalidade do solo de ocupação da U. Hab. 14, exceptuando o nível mais antigo (A33) e o piso endurecido (A52).

A52) A associação 52 é constituída pelos Lxs. 63 e 95 e diz respeito ao piso endurecido de cor de laranja na U. Hab. 14.

5.2.4.Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC

Na zona mais alta do povoado denominada por Plataforma Superior foram identificados ainda poucos vestígios seguros da ocupação da Idade do Ferro. Os vestígios encontrados encontram-se numa zona central da acrópole e são constituídos pelos estratos de uma unidade habitacional e seu conteúdo em termos de artefactos arqueológicos. A unidade habitacional (U. Hab. 8) encontra-se localizada na parte central da Plataforma e define-se por um estrato de terra queimada.

O período cronológico que estamos a descrever encontra-se entre 300/200 AC a 80 DC sendo muito longo. No entanto o estrato que define a U. Hab. 8 foi datado por C14 e é por nós relacionado temporalmente com o grande incêndio que ocorreu no final do séc. I DC. Deste modo esta U. Hab. caracteriza as formas de construir as habitações na I. do Ferro no final do séc. I DC.

Os vestígios arqueológicos encontrados são: buracos ou concavidades realizadas no afloramento rochoso sobre as quais se localizava um piso de argila endurecida e sobre este, um estrato de terras enegrecidas com carvões (Estampas XXI e XXII – vol. 1). Sobre estes vestígios encontrava-se a camada superficial sendo que mais nenhum estrato arqueológico se relaciona com esta U. Hab. Podemos dizer que esta habitação tem como alicerces principais postes de madeira que se encontravam encastrados em buracos realizados no afloramento rochoso. Estes postes perfuravam um piso de argila conservado ainda em algumas zonas, de cor laranja.

Como podemos observar, em pleno séc. I DC, as paredes desta habitação eram construídas em materiais perecíveis totalmente vegetais e/ou um misto de materiais vegetais e argilas. O pavimento era constituído por uma camada de argila endurecida mas não cozida.

Esta U. Hab. revela-se de grande importância na caracterização das formas de construir associadas ao séc. I DC; no entanto, a forte erosão que se faz sentir na Plataforma Superior levou consigo muito do conteúdo desta unidade habitacional, ao nível dos materiais arqueológicos. Geralmente as Unidades Habitacionais são caracterizadas por várias centenas de fragmentos cerâmicos, alguns artefactos metálicos e, possivelmente, líticos.

É de notar que esta U. Hab. é caracterizada por poucos fragmentos cerâmicos e apenas por um artefacto metálico (uma fíbula de tipologia concordante à cronologia do incêndio). Contudo, continha uma grande concentração de cereais carbonizados.

5.2.4.2. Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste, a ocupação da Idade do Ferro começa por volta do início do séc. VI/Vº AC sendo que as divisões temporais – fases – apontadas se relacionam directamente com momentos construtivos que de nenhuma forma indicam descontinuidade de ocupação. De facto, consideramos a ocupação da Idade do Ferro, um contínuo que se revela por variados vestígios e por formas de organizar o espaço e de o usar por vezes diferentes entre si.

Os vestígios conotados com esta ocupação encontram-se por toda a plataforma ainda que de forma muito diferenciada. Por um lado, a ocupação da Idade do Ferro na plataforma caracteriza-se por várias unidades habitacionais incendiadas que se encontravam, excepcionalmente, bem

conservadas. Por outro, foi identificada, pelo menos numa zona da plataforma, uma área habitacional de ocupação contínua, que se caracteriza por uma longa sucessão de unidades estratigráficas – que se sobrepõem – descrevendo várias acções e apontando para comportamentos comunitários / vivenciais que se perpetuam, de modo semelhante, no tempo e no espaço.

O Crasto de Palheiros revela um registo arqueológico muito particular e que não é, de modo algum, usual. O registo arqueológico correspondente à Idade do Ferro é na sua maioria constituído por unidades estratigráficas correspondentes ao incêndio ocorrido em todo o Crasto por volta de 80 DC. De facto, a grande parte do registo diz respeito ao incêndio, sendo que este “congelou” aquele momento cronológico caracterizando-o de forma espectacular em termos de cultura material. Este incêndio, que destruiu várias unidades habitacionais, permitiu também a sua definição clara pois a ocupação que lhe seguiu foi breve e pouco intrusiva. Deste modo, conhecemos exactamente a localização, forma e conteúdo de: *a)* 5 unidades habitacionais – 1 a 5 –; *b)* uma área entre unidades habitacionais – área entre as unidades 4 e 5 –, *c)* uma área onde tiveram lugar, certamente, várias actividades mas onde não foi identificada, claramente, uma unidade habitacional, área diversificada 6 e *d)* uma estrutura de deposição de carácter funerário (Est. VII – vol. 1).

Foram identificados complexos integrados na fase III-2 nos seguintes quadrados da PIL: M/9-11 (Est. XXIX – vol. 1); N/9-10 (Est. XXIX – vol. 1); P/8 (Est. XXIX – vol. 1); R/8-11 (Estampas XXVII e XXIX – vol. 1); S/9-10; S/14; T/9-14 (Estampas XXVII, XXVIII e XXIX – vol. 1); V/9-14 (Estampas XXIV, XXVII e XXVIII – vol. 1); V/18-19 (Est. XXVII); W/9-16 (Estampas XXIV, XXV, XXVI, XXVII e XXVIII – vol. 1); W/19; X/10-19 (Estampas XXIV, XXV e XXVIII – vol. 1); Y/8; Y/12-19 (Estampas XXV, XXVI, XXVIII e XXX – vol. 1); Z/6; Z/15-17 (Est. XXVI – vol. 1).

Na fase III-2 foram identificados fragmentos cerâmicos em 38 complexos e em 6 camadas. Outros complexos foram identificados ao longo da escavação mas revelaram-se estéreis em termos de materiais arqueológicos (cerâmicos, metálicos ou outros). Damos aqui maior importância à descrição dos complexos que continham fragmentos cerâmicos porque a caracterização do estrato em si está, intimamente, relacionada com os estudos dos materiais cerâmicos. Deste modo, descreveremos a estratigrafia de uma forma abrangente, tendo em conta todos os estratos que caracterizam os espaços no Crasto de Palheiros mas dando mais relevo àqueles que podem ser, e foram analisados através da cultura material que continham.

Tendo em conta o que foi dito podemos descrever da seguinte forma a estratigrafia encontrada:

1) Na fase anterior – fase III-1 – é evidente a utilização de cascalheiras como solo artificial de preparação para a construção de unidades habitacionais. No entanto na fase III-2 ou no registo

pormenorizado das unidades habitacionais incendiadas é possível observar quer a utilização de cascalheiras (Lxs. 25 e 28) quer a sua ausência. As unidades habitacionais 1 e 2 apresentam-se construídas sobre uma cascalheira antiga que se relaciona directamente com a fase III-1. Quer dizer, que partes dessa cascalheira encontram-se sob estratos datados do séc. VI / V AC e outras encontram-se sob as U. Habs. 1 e 2 que datam o grande incêndio do final do séc. I DC. Cremos que as U. Habs. 1 e 2 revelam assim uma longa duração, tendo sido utilizadas por vários séculos. Independentemente de estas U. Habs. terem sido remodeladas e/ou restauradas, cremos que elas não foram movidas sendo que ocuparam o mesmo espaço durante pelo menos 4 séculos. As U. Habs. 3, 4 e 5 foram construídas directamente sobre o empedrado calcolítico, ou sobre estratos directamente relacionados com a ocupação calcolítica. Estas U. Habs. não revelam uma preparação do solo como as U. Habs. 1 e 2. É possível que as U. Habs. 3, 4 e 5 sejam tão antigas como as U. Habs. 1 e 2; no entanto os vestígios arqueológicos apontam para uma diferenciação construtiva que pode ser ou não cronológica. A disposição das várias unidades habitacionais na plataforma revela uma certa orgânica espacial que pode indicar uma cronologia aproximada de construção. No entanto esta mesma orgânica pode ser obtida ao longo do tempo e por isso apenas podemos dizer que no final do séc. I DC as 5 unidades habitacionais possuíam determinadas características e localizavam-se em determinados espaços.

2) As unidades habitacionais da fase III-2 são caracterizadas pelos seguintes elementos:

a) Extensos estratos de terras queimadas de coloração negra e com carvões. Na *U. Hab. 1* este estrato foi denominado de camada 1 e 1b (Est. XXVIII – vol. 1); na *U. Hab. 2* de Lx. 14, 31 e camada 1b (Est. XXVIII – vol. 1); na *U. Hab. 3* de Lx. 47 (Est. XXIX – vol. 1); na *U. Hab. 4* de Lxs. 44, 60, 61 e camada 1b (Est. XXIX – vol. 1) e na *U. Hab. 5* de Lx. 85 (Est. XXIX – vol. 1).

b) Lareiras definidas por manchas concentradas de carvões. Na *U. Hab. 1* a lareira foi denominada de Lx. 13.1 (Estampas V e XXVIII – vol. 1); na *U. Hab. 2* de Lxs. 31.1 e 31.2 (Estampas V e XXVIII – vol. 1); nas *U. Hab. 3 e 4* não foram identificadas lareiras e na *U. Hab. 5*, as várias lareiras correspondem aos Lxs. 59.1, 59.2 (sem materiais arqueológicos) e 85.1 (Estampas V e XXIX – vol. 1).

c) Várias concentrações de carvões que podem corresponder a lareiras ou apenas a áreas de combustão mais intensas dentro do próprio incêndio das unidades habitacionais. Foram identificadas concentrações de carvões na *U. Hab. 2* correspondendo ao Lx. 29.

d) A *U. Hab. 4* apresenta um piso lajeado realizado com lajes de xisto de cor azul, esbranquiçada ou rosácea (Est. VII – vol. 1).

e) Estratos constituídos por terras argilosas semelhantes a adobes entremeadas por terras enegrecidas com carvões – incêndio. Cremos que estes estratos de difícil interpretação são vestígios das paredes das unidades habitacionais, paredes essas constituídas por materiais vegetais e adobe que incendiaram e foram derrubadas. Estes estratos localizam-se geralmente ao redor das manchas de incêndio de forma circular. Na *U. Hab. 1* corresponde ao Lx. 2 e 13 – sem materiais arqueológicos – (Est. XXVIII – vol. 1); na *U. Hab. 2* corresponde ao Lx. 50 (Est. XXVIII – vol. 1); as *U. Hab. 3 e 5* não apresentam estratos desta natureza e na *U. hab. 4* corresponde ao Lx. 63 (Est. XXIX – vol. 1).

f) Pisos compactos de terra batida que constituíam o solo da unidade habitacional dos quais são exemplo os Lxs. 32 – *U. Hab. 2* (Est. XXVIII – vol. 1) –; Lx. 47.2 – *U. Hab. 3* (Est. XXIX – vol. 1) – e Lxs. 5 e 33 – *U. Hab. 4* (Est. XXIX – vol. 1). A *U. Hab. 5* encontrava-se muito destruída e desse modo pode não ter ocorrido a preservação do piso.

g) Os pisos de argila endurecida, geralmente de coloração vermelha, não são usuais ainda que tenham sido identificados “restos” de pisos associados geralmente aos vestígios de argilas amarelas endurecidas – tipo piso ou adobe. Cremos que algumas unidades habitacionais teriam pisos de argila endurecida no entanto estes não foram aqui, claramente, identificados.

h) Alguns buracos de poste constituídos por minúsculas concentrações de carvões em áreas circulares e côncavas que podem relacionar-se com a combustão do poste de madeira (Est. VII - vol. 1).

i) No caso da *U. Hab. 2* podemos observar a existência de um limite da *U. Hab.* realizado com pedras de grande porte (Est. VII – vol. 1). Nas restantes unidades habitacionais o limite ou extensão da mesma é medido pela extensão de terras queimadas que cremos serem aproximadas à área ocupada pela unidade habitacional.

Como podemos observar, todas as unidades habitacionais eram construídas com paredes e tecto em materiais perecíveis – vegetais e barro – e cada uma delas revela algumas particularidades construtivas. Em resumo as *U. Habs. 1 e 2* estavam construídas sobre um solo artificial constituído por pequenas pedras, sobre o qual se construía um piso de terra batida de carácter argiloso; a *U. Hab. 2* era delimitada por pedras de grande porte; a *U. Hab. 4* possuía um piso lajeado; a *U. Hab. 3* localizava-se no talude calcolítico, possuindo um piso de terra batida construído, directamente sobre os estratos calcolíticos e a *U. Hab. 5* localiza-se na periferia da plataforma já perto da quebra do talude sul sendo que o seu piso era também de terra batida sobre os estratos calcolíticos.

A área habitacional 6 distingue-se das unidades habitacionais por vários factores: a) falta de delimitação sedimentar / estratigráfica que não permite identificar “contornos” tal como nas restantes

U. Habs; *b)* presença de uma sequência de unidades estratigráficas muito prolongada e constituindo um espesso conjunto de estratos; *c)* a datação de alguns estratos não coincide com a datação do incêndio sendo que estes foram integrados na fase III-1 e *d)* a ausência de níveis de incêndio de grande intensidade tal como ocorre nas restantes unidades habitacionais.

A área habitacional 6 (Est. VII – vol. 1) encontra-se localizada nos quadrados T/13, V/13, V/18-19, W/13-16, X/11, X/13-19, Y/13-18 e Z/16-17. É uma área muito extensa que se caracteriza pela ausência de unidades habitacionais individualizadas, quer dizer, por unidades habitacionais definidas pelo sua própria destruição ocorrida aquando do incêndio. Partes desta larga área – quadrados – encontram-se junto à muralha sendo que os seus estratos relacionam-se directamente com ela. A área habitacional 6 também se relaciona com a Estrutura de Deposição Funerária pois esta encontra-se genericamente no mesmo espaço e até foi integrada o muro divisório desta área.

Podemos descrever da seguinte forma a estratigrafia encontrada na área habitacional 6:

a) A ocupação desta zona da plataforma inicia-se no séc. VI/V AC, com o Lx. 87 sendo que se caracteriza pela sua continuidade plasmada em diversos complexos que se sucedem, naturalmente, ao Lx. 87.

b) Cremos que o solo de ocupação é constituído por uma extensa terra argilosa, geralmente, de coloração clara e que em determinadas zonas adquiria outra coloração – mais escura – podendo esta coloração mais escura estar relacionada com actividades do quotidiano das populações; por ex. remoção dos lixos das lareiras, pequenas áreas de combustão, etc. Este solo de ocupação foi denominado de Lx. 45.

c) Foram identificados alguns derrubes ou zonas com muitas pedras que não estão relacionados com nenhuma estrutura. O Lx. 62, localizado nos quadros X/13-14 é uma zona de terras muito misturadas com pedras, de uma forma muito caótica.

d) O muro divisório ou de delimitação da PIL é construído sobre o Lx. 45 ou durante a ocupação do mesmo. A ocupação é continuada sendo que ocorrem alguns vestígios de actividade. Deste modo o Lx. 67 é um bloco de argila cinzenta, o Lx. 45a é uma argila vermelha semelhante a piso, o Lx. 76 é uma argila de cor amarela algo endurecida que cremos relacionar-se com os extensos pisos de argila que constituíam o solo das unidades habitacionais e o Lx. 48.4 é também uma argila que se localizava sob a E.D.F. Cremos que os Lxs. 67, 45a, 76 e 48.4 são vestígios de solos de ocupação relacionados com unidades habitacionais que poderão ter sido abandonadas e desmontadas antes do incêndio ou incendiadas com menos intensidade sendo que os seus vestígios são, radicalmente, diferentes das restantes unidades habitacionais.

e) Sobrepõe-se a todos estes vestígios um estrato espesso, permanente de terras argilosas amarelas, denominado de Lx. 43. Este estrato tem uma longa vigência, tal como o Lx. 45, e no seio dele identificamos vestígios de acções ou acontecimentos. Os Lxs. 45.1 e 55 são manchas de terra queimada com carvões que cremos estarem relacionados com o momento do incêndio. Cremos que o incêndio ocorreu em toda a plataforma, mas teve aqui uma acção menos devastadora sendo muito menos visível ao nível do registo arqueológico. Após o incêndio a ocupação desta zona da plataforma contínua, tendo sido relacionada quer com o Lx. 43 quer com o Lx. 80 que continua a ser um solo constituído por uma terra argilosa, neste caso, de cor avermelhada.

Em resumo, a área habitacional 6, e como já foi referido, é definida pela ausência de unidades habitacionais.

A ocupação na plataforma entre 300/200 AC a 80 DC revela algumas estruturas arquitectónicas muito interessantes que caracterizam as comunidades que as construiriam de uma forma sócio-cultural. No início deste intervalo temporal dá-se a construção da muralha sendo que esta construção é realizada a par com uma outra Estrutura que denominamos de Estrutura de Deposição Funerária (E.D.F.). A muralha e a E.D.F. são indissociáveis pois cremos que a deposição de “objectos” de carácter funerário imbuíu a muralha de um significado para além do doméstico e funcional.

Aparentemente a construção da muralha precede a construção da E.D.F. no entanto o registo estratigráfico é insuficiente para uma caracterização fina e pormenorizada a nível temporal e espacial. Quer dizer que a escavação destas estruturas arquitectónicas revelou-se muito problemática pois apenas sabemos que a E.D.F. é posterior à construção da muralha ou contemporânea da construção. Independentemente do momento construtivo cremos que a E.D.F. funciona como um marco signficante; serve para recordar/memorizar a importância quer do depósito, quer do que é depositado quer da construção “muralha” *que não é mais do que uma continuidade da estrutura deposicional em si*. Deste modo, a muralha é mais do que uma estrutura arquitectónica (que poderíamos associar a um sistema de defesa rudimentar) pois tudo o que a envolve – nomeadamente a E.D.F. – indica uma importância social, cultural e imbuída de um significado próprio que extravasa o meramente funcional se entendido como meramente defensivo.

Podemos descrever da seguinte forma a construção da E.D.F. e da estratigrafia identificada.

a) A E.D.F. foi construída sobre um solo de argila amarela denominado de Lx. 48.4 (Est. XXX – vol. 1). É necessário dizer que esta mesma argila amarela pode e deve ser a mesma que foi denominada de Lx. 45. Deste modo a construção da E.D.F. inicia-se no estrato correspondente ao Lx.

45 ou 48.4 que se relaciona, também, com a construção do muro divisório em si.

b) No seio do estrato correspondente ao Lx. 48.4 ou Lx. 45 foi escavada uma fossa denominada de Subestrutura 1 (Nunes & Ribeiro, 2000) que era delimitada por 3 pequenas pedras fincadas onde foram depositadas cinzas com carvões, ossos e um anel em liga de cobre, depósitos estes que correspondem aos Lxs. 42.2, 42.3 e 48 (Est. XXX – vol. 1).

c) Sobre a pequena fossa preenchida com o depósito foram colocadas algumas pequenas pedras por cima como que a tapar o depósito. Este nível de pequenas pedras corresponde ao Lx. 42.1 (Est. XXX – vol. 1).

d) A subestrutura 1 (SE 1) era uma fossa de pequenas dimensões que se localizava ligeiramente afastada da linha de muralha sendo que não a atingia. Cremos que o passo seguinte desta construção foi o alargamento do depósito. Como a fossa era muito pequena, houve uma necessidade de alargar esse espaço de depósito e desse modo houve uma delimitação, através de pedras de médio porte, de um espaço subcircular que englobava a SE 1 mas que era muito maior. Nesse espaço foram depositados outros objectos, atestados pela presença de um rebite em liga de cobre e uma conta de colar. Este nível de depósito alargado corresponde a uma terra argilosa com cascalho e com os objectos já referidos e foi denominado de Lx. 48.3 (Est. XXX – vol. 1).

e) Após a deposição final, a alargada a estrutura foi concluída com a construção de uma espécie de cairn que continha pedras e terras de enchimento, correspondendo aos Lxs. 48.1 e 62, sendo que o Lx. 62 correspondem a um nível de pedras já um pouco afastado do cairn principal. No entanto cremos que este nível de pedras pode estar relacionado com o cairn (Est. XXX – vol. 1).

f) A Estrutura de Deposição Funerária é concluída com a construção do “cairn” que por sua vez se entrosa na muralha. A ocupação desta área continua e corresponde ao Lx. 43 (Est. XXX – vol. 1).

A par das Unidades Habitacionais e da Estrutura de Deposição Funerária foi identificada na PIL uma Estrutura Circular construída em pedra (Est. VII – vol. 1). A Estrutura Circular é uma estrutura cujo embasamento é construído em pedra, de planta em hélice sendo que não sabemos como seria a cobertura da mesma. É de notar que a planta em hélice é indicada pela presença de um afloramento / penedo que se associa ao muro pétreo. Contudo, é possível que tal associação não corresponda à estrutura original e que esta tivesse uma planta meramente circular.

Estão associados 3 complexos a esta estrutura, a saber: Lx. 4 – Estrutura Pétreo Circular; Lx. 4.1 – Enchimento da Estrutura Circular e Lx. 51 que correspondia a um piso de argila que enconstava a estrutura Circular pelo lado de fora (Est. XXVIII – vol. 1). A Estrutura Circular não foi desmontada sendo que a escavação terminou no Lx. 4.1. No lado externo a escavação continuou

sendo que podemos dizer que o Lx. 51 encontra-se sobre a camada 1/2, portanto o interface entre a ocupação calcolítica e a da Idade do Ferro. Desse modo concluímos que a Estrutura Pétreo Circular pode ter sido alicerçada directamente num estrato calcolítico.

Por último, o estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-2 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos devido sobretudo à semelhança entre alguns estratos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A1) A associação 1 é constituída pelas camadas 1 e 1b nos quadrados X/10, V/10-11, W/10-11 e diz respeito à camada de incêndio da Unidade habitacional 1, que cremos ser um estrato de destruição.

A2) A associação 2 é constituída pelos complexos 14, 29, 31, 31.1 e 31.2 1 pela camada 1a nos quadrados S/14, T/12 a T/14, V/11-12, W/12-13 e Y/13 e diz respeito à camada de incêndio da Unidade habitacional 2 que cremos ser um estrato de destruição.

A3) A associação 3 é constituída pelos complexos 47 e 47.2 nos quadrados M/9 a M/11 e N/9 e N/11 e diz respeito à totalidade da Unidade habitacional 3 pois integra o estrato de destruição, Lx. 47 e o solo de ocupação ou piso de argila, Lx. 47.2.

A4) A associação 4 é constituída pelos complexos 44, 60 e 61 e pela camada 1b nos quadrados R/9 a R/11, S/9 e T/9-10 e diz respeito à camada de incêndio da Unidade habitacional 4 que cremos ser um estrato de destruição.

A5) A associação 5 é constituída pelos complexos 85, 85.1 nos quadrados P/8 e R/9 e diz respeito à camada de incêndio da Unidade habitacional 5 que cremos ser um estrato de destruição.

A6) A associação 6 é constituída pelo interface entre as camadas 0 e 1 (camada 0/1) nos quadrados R/8-9 e diz respeito a um possível solo de ocupação entre as Unidades Habitacionais 4 e 5.

A15) A associação 15 é constituída pelas camadas 1 e 1a nos quadrados X/13, Y/15 a Y/18, que nestes quadrados correspondem, genericamente, ao estrato denominado de Lx. 43. Desse modo, os materiais cerâmicos foram integrados numa associação de forma a serem estudados conjuntamente com aqueles do Lx. 43.

A19) A associação 19 é constituída pelo Lx. 43, A15 e pelos complexos que integram a A26. O Lx. 43 e a A15 são, genericamente, o mesmo estrato e por isso os materiais foram estudados em conjunto. Os complexos que integram a A26 (Lx. 81, 43.1, 43.2 e 43.3) foram analisados duas vezes. Uma em conjunto com o Lx. 43 do qual fazem parte e uma isoladamente pois estes complexos encontram-se no topo do estrato Lx. 43 e por isso podem ser integrados na fase III-3. A sua dupla

análise permite uma melhor integração destes fragmentos cerâmicos localizados em interface. A A19 (Lx. 43, A15 e A26) integra fragmentos cerâmicos dos quadrados T/13, V/13, V/18, W/13 a W/16, X/13 a X/19 e Y/15 a Y/19.

A17) A associação 17 é constituída pelos complexos 55 e 45.1, nos quadrados V/19, X/16 a X/19, Y/13, e Y/16 a Y/18 e diz respeito a um estrato de terras queimadas que cremos estar relacionado com o incêndio que destruiu as 5 unidades habitacionais.

A18) A associação 18 integra os complexos 45, 67, 76, 45a, 55 e 45.1 e diz respeito à primeira longa ocupação nesta zona da plataforma. Sucede à A18 a A19. A A18 integra os quadrados V/18-19, W/13-14, X/11, X/13 a X/19 e Y/14 a Y/18.

A20) A associação 20 integra os complexos 62, 48.1 e 48.3 e diz respeito à carapaça pétreia da Estrutura de Deposição Funerária.

A21) A associação 21 integra os complexos 48, 42.2 e 42.3 e diz respeito aos depósitos no interior da Estrutura de Deposição Funerária.

A25) A associação 25 integra os complexos 4, 4.1 e 51 e diz respeito a todos os complexos relacionados directamente com a Estrutura Circular.

5.2.4.3. Talude Exterior Leste

A ocupação da Idade do Ferro do Talude Exterior Leste ocorre de um modo continuado tal como a da Plataforma Inferior Leste. Como já foi referido é encetada no séc. VI/Vº AC, prolongando-se por várias centenas de anos. A área escavada é muito reduzida sendo que não foram identificadas unidades habitacionais individualizadas. Cremos que as comunidades intervêm nos espaços de uma forma paulatina alterando-os sem que, muitas das vezes, o registo arqueológico permita definir momentos discretos.

O Talude Exterior Leste divide-se em dois espaços principais: 1) a plataforma construída e ocupada pelas comunidades da Idade do Ferro (Estampas X, XI e XIII – vol. 1) e 2) a parte mais baixa do talude, constituído por uma área de pedras fincadas – desmantelado pelas comunidades da Idade do Ferro – e por vários patamares que foram também utilizados para diversos fins (Estampas X no que diz respeito aos diversos patamares e XIII onde podemos observar a área de pedras fincadas nos quadrados K, L, M e N – vol. 1).

A ocupação na Plataforma – PEL – caracteriza-se por uma sucessão de estratos na qual não foi identificado claramente nenhum solo de ocupação. Deste modo a ocupação define-se por: 1) um estrato de terras argilosas, de coloração castanha-clara / amarela, que consideramos um depósito

ocupacional ou um solo de ocupação contínua – Lx. 128 (Estampas XI e XII – vol. 1); 2) terras castanhas argilosas, semelhantes a piso – Lxs. 124 e 125 –; 3) buracos de poste definidos por pequenas manchas de terras queimadas e no seio do Lx. 128 – Lx. 131 –; 4) pequenas manchas de terra que poderiam ser lareiras – Lx. 130 –; 5) mancha de terra de cor cinzenta com alguns carvões, de forma circular, com cerca de 2 m de diâmetro, que poderia ser o solo de ocupação de unidade habitacional construída em materiais perecíveis – Lx. 141 – (no entanto mais nenhuma informação podemos adicionar a esta sendo que a hipótese de estarmos perante uma unidade habitacional é algo remota); 6) pedaços de argila / barro de revestimento no interface entre os Lxs. 128 e 133 – Lx. 140 – e 7) terras negras no interior do talude que se configuram como remodelações constantes e alargamentos da área habitacional – Lx. 126.

A utilização do Talude fora do espaço da Plataforma parece ter ocorrido da seguinte forma: 1) as comunidades utilizaram o espaço fora da plataforma como áreas de lixeira onde eram despejadas cinzas e dejectos sendo que é possível observar uma espessa camada de terras queimadas – Lxs. 123 e 139 (Est. X – vol. 1); 2) o Talude apresentava patamares construtivos, zonas aplanadas delimitadas por pedras, de um modo, ligeiramente, caótico, sendo que estes patamares podem ter sido utilizados, efectivamente, como zonas ocupacionais ou zonas que englobavam outras actividades, nomeadamente artesanais e de manufactura de objectos (Est. X, Lxs. 142, 142.1 – vol. 1); 3) o extenso estrato de terras queimadas pode camuflar uma ocupação que ocorria fora da PEL e que se caracterizava por pequenas unidades habitacionais encaixadas nos patamares atrás descritos; 4) não sabemos se os Lxs. 123 e 139 correspondem a terras de dejecto ou a depósitos de ocupação (Est. X, Lx. 139, 1º patamar – vol. 1); 5) no seio do Lx. 139 foi possível identificar estratos finos de terras argilosas – “veios” – que tanto podem ser identificados como dejectos ou como derrubes de paredes de unidades habitacionais, permitindo assim a confirmação deste Lx. como habitacional; 6) a área de pedras fincadas foi remodelada na Idade do Ferro em que as pedras fincada foram tombadas a aterradas sob um sedimento argiloso de cor amarela – Lx. 138 –; 7) as pedras fincadas estavam inscritas no solo geológico ao qual se seguiam estratos calcolíticos; assim a remodelação desta construção indica ter sido realizada na Idade do Ferro, devido aos vários interfaces entre estratos calcolíticos e da Idade do Ferro – Lxs. 145/142 e 145/148 – e 8) sobre o derrube das pedras fincadas (Est. XIII – vol. 1), Lx. 138; podemos identificar manchas de terras queimadas, por vezes, de forma circular, que continham materiais cerâmicos e metálicos – Lx. 142 e 142.1 (Est. X – vol. 1) – que podem de certo modo relacionar-se ou não com uma ocupação efectiva extra plataforma.

Deste modo, podemos concluir que a ocupação doméstica da Idade do Ferro ocorre essencialmente na plataforma – PEL – sucedendo várias acções construtivas por todo o talude ao

longo da ocupação, que incluem a destruição da área de pedras fncadas visando o seu aplanamento e a construção de patamares, mais ou menos, horizontais (Est. X – vol. 1). As acções de aplanamento do talude sugerem uma ocupação do mesmo; no entanto, esta não foi claramente identificada por construções ou estratos. É possível que o talude tenha sido remodelado sem no entanto, ter sido efectivamente habitado e ter servido como uma área externa de dejectos. Tal é sugerido pela natureza dos contextos identificados.

Como já foi referido, a ocupação do Talude Exterior Leste é uma ocupação contínua na qual não distinguimos momentos construtivos. Desse modo, a integração dos vários complexos nas diversas fases definidas pelas construções pétreas no Crasto de Palheiros – e de uma forma global – é realizada através das datações obtidas por C14 e descritas em pormenor na monografia do Crasto de Palheiros (Sanchez, 2008). Assim, a integração dos contextos acima descritos na fase III-2 é realizada com base na comparação entre os diversos contextos e suas datações (quando tal ocorreu) e na relação estratigráfica entre os contextos.

Por último, o estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-2 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos devido sobretudo à semelhança entre alguns estratos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A42) A associação 42 é constituída pelos Lxs. 125, 126 e 128 correspondendo ao depósito ocupacional na PEL.

A44) A associação 44 é constituída pelos Lxs. 123, 139 e 139/140 correspondendo ao extenso estrato de terras queimadas identificado em toda a área do Talude Exterior Leste. Estes estratos podem também corresponder a um depósito ocupacional.

A48) A associação 48 é constituída pelos Lxs. 138, 142, 145, 145/142 e 145/148 correspondendo aos estratos de terras argilosas que se integram nas remodelações do talude calcolítico pelas comunidades da Idade do Ferro.

5.2.4.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

Como já foi referido a ocupação da Idade do Ferro, na Plataforma Inferior Norte, começa por volta do início do séc. VI/Vº AC. A ocupação da idade do Ferro ocorre de uma forma continuada sendo que os estratos integrados na fase III-2 sucedem, estratigraficamente, os estratos da fase III-1. A ocupação na fase III-2 abrangia todo o espaço da Plataforma Inferior Norte coincidente com as zonas 1, 2 e 2.1. Para além da ocupação integral da área intramuros – ou da área definida pelo

alteamento do talude calcolítico – foi também identificada uma ocupação no Talude Exterior. No Talude Exterior Norte foi identificada uma U. Hab. que encostava ao alteamento do talude, numa zona exterior à entrada calcolítica de acesso à plataforma. Deste modo, pelo menos uma U. Hab. localizava-se fora da área principal da Plataforma Inferior Norte – ainda que muito próxima desta. A U. Hab. em questão é a número 9.

Foram identificados complexos integrados na fase III-1 nos seguintes quadrados da PIL: 26/31,32; 27/31,32,33; 28/31,32,33,34; 29/31,32,33,34,35; 30/34,35,36 (PIN 1); 32/36,37,39; 33/38,39,40,41; 34/38,39,40,41; 35/38,39,40; 36/38,39,40; 37/38,39,40; 39/39,40 (PIN 2); 39/42,43; 40/42,43, 41/42,43,44 e 42/43,44 (PIN 2.1).

Os vestígios estratigráficos integrados na fase III-2 apontam para uma ocupação que incluía seis unidades habitacionais – 9, 10, 11, 12, 13 e 15 –, uma zona habitacional que tinha incluído uma U. Hab. na fase III-1 (PIN 2.1 – U. Hab. 14) e uma zona habitacional (PIN 1) onde foi identificada uma estrutura que denominamos de Fossa-forno. cremos que a zona habitacional da PIN 1 incluía também, pelo menos, uma unidade habitacional, se tivermos em conta os conjuntos cerâmicos presentes em diversos quadrados. No entanto tal estrutura não possibilitou a sua caracterização quanto à área ou forma.

As U. Habs. 9, 10, 11, 12, 13 e 15 localizam-se na PIN 2 e a U. Hab. 14 na PIN 2.1. A U. Hab. 13 não foi escavada no entanto foi “descoberto” um arranjo pétreo subcircular que pode pertencer a uma Unidade Habitacional. Desse modo, a Unidade Habitacional foi denominada de 13 mas não foi, ainda, escavada. Tal como na PIL, as unidades habitacionais são caracterizadas a partir do seu estrato de destruição que corresponde ao incêndio ocorrido cerca de 80 DC. Assim são 5 as unidades habitacionais escavadas ainda que duas tenham sido parcialmente escavadas (U. Habs. 12 e 15 – Est. XVI – vol. 1), duas tenham sido destruídas pela abertura do estradão (U. Habs. 9 e 10 – Est. XVI – vol. 1) e apenas uma tenha sido totalmente escavada e preservada (U. Hab. 11, Est. XVI – vol. 1).

As unidades habitacionais (9, 10, 11, 12 e 15) da fase III-2 são caracterizadas pelos seguintes elementos:

a) Extensos estratos de terras queimadas de coloração negra, com carvões e muita pedra de reduzido tamanho. Na *U. Hab. 9* este estrato foi denominado de Lxs. 16 e 13.1 (Est. XXXII – vol. 1); na *U. Hab. 10* de Lxs. 16 e 16.1 (Est. XXXII – vol. 1); na *U. Hab. 11* de Lxs. 67.1 e 86 (Est. XXXIII – vol. 1); na *U. Hab. 12* de Lx. 103 (Est. XXXIII, XVII e XVIII – vol. 1) e na *U. Hab. 15* de Lx. 4.

b) Estratos constituídos por terras argilosas semelhantes a adobes entremeadas por terras enegrecidas com carvões. cremos que estes estratos de difícil interpretação são vestígios das paredes

das unidades habitacionais, paredes essas constituídas por materiais vegetais e adobe que incendiaram e foram derrubadas. Primeiramente, estes estratos foram entendidos como pisos de argila destruídos no entanto a análise dos conjuntos cerâmicos e da densidade dos fragmentos aponta que estes estratos devem ter outra formação. O único estrato devidamente identificado foi o Lx. 16.2 da U. Hab. 10 e o Lx. 93 da U. Hab. 11 (Est. XVI – vol. 1). As restantes unidades habitacionais apresentavam também pedaços de argila soltos mas nem sempre com uma aglomeração suficiente para ser identificado como complexo autónomo. Todos os estratos de incêndio das U. Habs. possuem conjuntos de fragmentos cerâmicos e de pedaços de barro, denominados de barro de revestimento.

c) Pequenas porções de pisos de argila endurecida, geralmente de coloração vermelha, que se localizam na proximidade dos estratos de incêndio ou contidos (sobre) estes mesmos estratos. Os Lxs. 87 e 111 correspondem a pisos de argila endurecidos que podem ter sido usados como áreas de combustão (lareiras).

d) Arranjos pétreos que delimitavam as U. Habs. As U. Habs. 11 e 12 apresentam arranjos pétreos – não semelhantes as muros – algo caóticos na sua composição e delimitando a área da unidade habitacional. No caso da U. hab. 11 cremos que o anteparo pétreo foi construído numa fase de reconstrução da própria unidade habitacional. O estrato de terra queimada jaz sob e sobre o anteparo pétreo sendo que desse modo indica duas fases construtivas da mesma unidade habitacional. É possível que a Unidade Habitacional 11 tenha sido construída em materiais perecíveis sem a delimitação através de um anteparo e numa segunda fase tenha sido construído um anteparo. Cremos que a U. Hab. 11 possui uma longa utilização contudo o conjunto cerâmico apenas pode ser integrado na fase III-2, devido ao estrato de destruição que a caracteriza.

e) Buracos de poste definidos por pedras e argila. Foram identificados dois buracos de poste na U. Hab. 11 (Est. XVI – vol. 1) sendo que eram delimitados por pedras pequenas e médias dispostas em círculo. Mais nenhuma unidade habitacional apresenta buracos de poste no entanto as restantes foram muitas destruídas ou escavadas parcialmente.

f) Quase todas as unidades habitacionais apresentam-se encostadas ou próximas a muros, afloramentos ou penedos. A *U. Hab. 9* encontrava-se encostada ao alteamento do talude calcolítico (Est. XVI – vol. 1), a *U. Hab. 10* encontrava-se encostada ao muro da entrada do talude calcolítico e sobre os dejectos da ocupação da Idade do Bronze (Est. XVI – vol. 1), a *U. Hab. 11* encontrava-se adossada a um afloramento sendo que este fazia parte da construção (Est. XVI – vol. 1), a *U. Hab. 12* (Estampas XVI e XVIII – vol. 1) encontrava-se muito próxima da U. Hab. 11 estando protegida por esta e a *U. Hab. 15* encontrava-se na proximidade de um grande penedo, estando protegida (por ex. dos ventos) por este.

g) Nenhuma das U. Habs. da Área Norte e da fase III-2 revelam pisos compactos de terra batida (solos de ocupação) à semelhança dos pisos em terra batida presentes nas U. Habs. da PIL.

h) Em nenhuma das U. Habs. foram identificadas concentrações de carvões ou terra queimada que apontassem para áreas de combustão (lareiras), à semelhança das áreas de combustão identificadas nas U. Habs. da PIL.

i) As U. Habs. revelam uma zona habitacional muito densa onde as U. Habs. permaneciam muito juntas e em cotas díspares – umas encontram-se mais elevadas do que outras. Na PIL, o desnível entre as Unidades Habitacionais era menor e estas encontravam-se mais espaçadas.

j) Nenhuma U. Hab. apresenta um piso lajeado à semelhança do que ocorre numa das U. Habs. presentes na PIL.

A zona da U. Hab. 14 (PIN 2.1) parece revelar um abandono desta unidade habitacional no período em questão. Na fase III-1 era evidentemente a presença de uma unidade habitacional cujo solo de ocupação foi datado por C14 e integrado neste período cronológico. Não sabemos dizer quanto tempo a unidade habitacional permaneceu em utilização no entanto, sabemos que sobre o depósito de ocupação – genericamente denominado de Lx. 79 – encontramos um estrato de destruição que continha muitas pedras de tamanho grande e médio.

Creemos que a área ocupada pela U. Hab. 14 da fase III-1 foi abandonada durante a fase III-2. Esta U. Hab. foi, eventualmente, condenada por dejectos e pela construção de um empedrado mais ou menos caótico. A proximidade do penedo e da entrada para a zona habitacional norte – PIN – realizada através da abertura entre o pequeno penedo e o grande afloramento (Est. XIV – vol. 1), podem ter condicionado a utilização desta unidade habitacional por período de tempo mais prolongado.

Relembramos que durante a Idade do Bronze e início da Idade do Ferro a entrada calcólica foi totalmente tapada por dejectos e pelas paredes da U. Hab. 10 (Est. XIV – vol. 1) sendo que a entrada para a PIN passou a realizar-se por um caminho tortuoso, a pique e lateral ao talude calcólico (Est. XIV – vol. 1). A entrada na zona habitacional ocorria por uma abertura localizada à esquerda do penedo da U. Hab. 14 (Est. XIV – vol. 1).

Os complexos integrados na fase III-2 relativos à U. Hab. 14 ou PIN 2.1 são o 59, 62, 73, 97, 73.1 e 80.1 (Est. XIX e XX – vol. 1). Todos correspondem a um estrato de terras de cor amarela misturado com pedras de grande e médio porte. O Lx. 59 diz respeito à parte do estrato que se encontra sobre o penedo. O Lx. 62 corresponde a uma pequena área onde se encontrava uma argila cinzenta colmatada por pedras. O Lx. 73 diz respeito a uma camada de terra argilosa de cor amarela que incluiu algum cascalho (pedra miúda) e engloba pedras de tamanho médio e grande. O Lx. 97

corresponde a uma mancha de terra cinzenta, o Lx. 73.1 corresponde a uma argila compacta, cor de laranja que se articulava com algumas pedras de grande porte e, por último, o Lx. 80.1 corresponde ao estrato de terras argilosas identificado entre pedras nos quadrados 41/43,44 e 42/43.

Em suma, não é clara uma ocupação posterior ao Lx. 79. Todos os estratos que se sobrepõem ao Lx. 79 revelam grande confusão, falta de homogeneidade, presença de pedras de todos os tamanhos, que jazem no solo de forma mais ou menos caótica. Entre as pedras podem ser identificados alguns vestígios como terras de cor cinzenta, que lembram áreas de combustão, terras argilosas de cor vermelha que lembram pisos ou barro de revestimento e conjuntos de pedras de disposição menos caótica que levaram a colocação da hipótese da existência de muros ou arranjos pétreos.

No entanto todas as hipóteses que colocavam a existência de um solo /depósito de ocupação durante a fase III-2 são refutadas pela presença de um único estrato – Lx. 73 – misturado com muitas pedras e sobretudo lembrando o fecho das plataformas calcólicas.

Creemos que o Lx. 73 e pedras nele contidas apontam para uma condenação desta zona habitacional sendo que foi refeito um empedrado, que tentava imitar o empedrado calcólico dos taludes e plataformas.

A zona habitacional da PIN 1 (Est. XV – vol. 1) é caracterizada de uma forma muito simples. Há vestígios de uma ocupação humana que se caracteriza por um estrato de terra de cor amarela, algo compacta e com a ausência de pedras. É um estrato de terras soltas e porosas e foi denominado de Lx. 24 e 36. Este estrato é contemporâneo de uma estrutura em negativo, que denominamos de fossa-forno, e encontrava-se rodeando os limites desta estrutura (Lx. 36). Este estrato funcionou também com a muralha construída sobre o talude pois encostava a esta (Lx. 24).

Neste estrato não foram identificadas: *i)* unidades habitacionais definidas por solos argilosos endurecidos, ou não, ou definidas por manchas de terras enegrecidas; *ii)* áreas de combustão e *iii)* buracos de poste. Este depósito de ocupação é intuído pelo conjunto cerâmico que contém.

Sobre o Lx. 24 foi detectado um nível muito fino de terras queimadas, de cor cinzenta – com uma cor e consistência totalmente diferente daquela identificada nas U. Habs. de PIN 2. Também aqui foi impossível a distinção de área ou unidades habitacionais ainda que este estrato não fosse totalmente contínuo e tivesse sido identificado em todos os quadrados. Este estrato de terras queimadas foi denominado de Lx. 25 e 42. Creemos que corresponde ao incêndio ocorrido nas U. Habs da PIN e PIL e que abrangeu todo o povoado. No Lx. 42 foi identificada uma pequena mancha de terras argilosas de cor laranja que cremos corresponder a barro de revestimento ou a um piso de

argila destruído – Lx. 38.

A Fossa-Forno (Est. XV – vol. 1) relaciona-se, como já foi referido, com o Lx. 24 e corresponde, como o nome indica, a uma estrutura em negativo, semelhante a uma fossa de forma ovalada. As paredes da fossa encontravam-se cobertas por uma argamassa pouco consistente, de cor cinzenta (Lx. 39) que em determinados sítios da parede apresentava-se mais esbranquiçada, compacta e dura (Lx. 37). No limite externo da Fossa identificamos um estrato de argila, cor de laranja, endurecido que lembrava um piso (Lx. 40).

A argila das paredes da fossa indica o uso desta com temperaturas relativamente altas, já que se apresentava compacta, branca e muito porosa.

O fundo da fossa encontrava-se delimitado por duas grandes lajes e algumas pedras de grande tamanho, dispostas de forma sub-circular. O fundo da fossa apresentava uma argila de tom esverdeado (Lx. 47) e uma de tom amarelado (Lx. 44).

A Fossa-Forno encontrava-se praticamente limpa de fragmentos cerâmicos sendo que o seu enchimento foi realizado com pedras de grande e médio porte e também por uma pedra muito grande que tapou quase a totalidade do diâmetro da fossa.

Creemos que o enchimento da fossa foi intencional bem como a condenação de toda a zona habitacional. Sobre o estrato fino de incêndio que se misturava com facilidade com o estrato de terras argilosas amarelas que o precedia encontrava-se uma camada de pedras dispostas de forma algo regular. Sobre esta camada de pedras encontrava-se o solo humoso identificado por vários complexos.

Creemos que o fecho da Fossa-Forno foi intencional porque encontramos todo um conjunto de pedras imbricadas umas nas outras e que cobriam cuidadosamente as paredes da fossa. O centro da fossa foi preenchido por terras humosas (Lxs. 34 e 35) que se foram infiltrando por entre os interstícios das pedras aqui colocadas. No centro da Fossa foi também colocada uma grande pedra que ocupava quase a totalidade de toda a concavidade.

Na plataforma (PIN 1), o solo humoso corresponde ao Lx. 3, o solo humoso revolvido por raízes corresponde ao Lx. 10 e o solo humoso menos superficial corresponde ao Lx. 41.

Temos que dizer que esta área não foi escavada até ao afloramento sendo que não sabemos caracterizar a totalidade da ocupação. Creemos que os estratos escavados correspondem ao período compreendido entre 300/200 AC e 80 DC e sobretudo ao final deste período – séc. I AC e DC.

O estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-2 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos. Deste modo passamos de seguida à

explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A30) A associação 30 é constituída pelos Lxs. 16 e 13.1 e corresponde ao estrato de incêndio da U. Hab. 9.

A34) A associação 34 é constituída pelos Lxs. 16 e 16.1 e corresponde ao estrato de incêndio da U. Hab. 10.

A67) A associação 67 é constituída pelos Lxs. 87, 16.2 e 111, integrando vários pisos de argila que podem ter pertencido todos à U. Hab. 10 (Estampas XVI e XVII – vol. 1).

A49) A associação 49 é constituída pelos Lxs. 67.1 e 86 e corresponde ao estrato de incêndio da U. Hab. 11 (Estampas XVI e XVII – vol. 1).

A53) A associação 53 é constituída pelos Lx. 103 e diz respeito ao estrato de incêndio da U. Hab. 12 (Estampas XVI e XVII – vol. 1).

A59) A associação 59 é constituída por uma parte do conjunto cerâmico do Lx. 4 e diz respeito ao estrato de incêndio da U. Hab. 15.

A54) A associação 54 é constituída pelos Lxs. 70, 77 e 70.1 que cremos corresponderem a um único estrato, caracterizado por terras argilosas de cor amarela e com algum cascalho – pedras miúda.

A65) A associação 65 é constituída pelos Lxs. 91 e 92 que correspondem à mesma camada de terras argilosas amarelas que jazem na periferia do estrato de destruição da U. Hab. 11 (Est. XVI – vol. 1).

A31) A associação 31 é constituída pelos Lxs. 59, 62, 73, 97, 73.1 e 80.1 e corresponde ao estrato de destruição da U. Hab. 14.

A35) A associação 35 é constituída pelos Lxs. 3, 10, 3/41, 41, 34 e 35 e diz respeito ao solo humoso na área habitacional da PIN 1.

A36) A associação 36 é constituída pelos Lxs. 24 e 36 e diz respeito ao solo /depósito de ocupação presente na PIN 1.

A37) A associação 37 é constituída pelos Lxs. 25, 42 e 38 e diz respeito ao estrato de terras incendiadas presentes na PIN 1.

A38) A associação 38 é constituída pelos Lxs. 37, 39 e 40 e diz respeito à Estrutura da Fossa-Forno.

A39) A associação 39 é constituída pelos Lxs. 43, 44 e 47 e diz respeito ao enchimento ou interior da Fossa-Forno.

Lx. 85.1) Corresponde a um desmorte parcial do muro calcólítico da entrada do talude.

Lx. 105) Corresponde a um estrato de terras de cor castanha-escura, algo carbonizadas, que se sobrepõem ao *Lx. 110* e se localizam fora de qualquer U. Hab. ainda que perto da U. Hab. 11 (Est. XVII – vol. 1). Cremos que este estrato corresponde a uma área de dejectos, muito provavelmente da U. Hab. 11.

5.2.5. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente

5.2.5.1. Plataforma Inferior Leste

O final da ocupação da Idade do Ferro no Crasto de Palheiros ocorre no séc. II DC. A última fase de ocupação do Crasto ocorre entre o último quartel do séc. I e o primeiro quartel do séc. II DC e caracteriza-se pela construção ou espessamento das muralhas presentes no povoado e pela condenação de todas as áreas habitacionais externas às muralhas.

Neste período, na Plataforma Inferior Leste é renovada a muralha continuando a ocupação doméstica dentro do recinto por ela delimitado. No entanto são poucos os vestígios estratigráficos deste período devido: *a)* a uma ocupação muito curta; *b)* a um uso intensivo dos solos para a agricultura e *c)* à erosão de 2 mil anos. Ainda assim na PIL foi identificada uma zona com diversos vestígios associados entre si: buracos de poste, uma mancha de terra com carvões e metal – *Lx. 43.1* –, uma lareira associados a materiais cerâmicos – *Lx. 43.2*, uma zona com uma concentração de contas de vidro – *Lx. 43.3* –, um pequeno nível de argila de cor amarela (possivelmente um piso de terra batida) – *Lx. 43.4* – e uma concentração de escória metálica – *Lx. 43.5* (Estampas VI e XXX – vol. 1).

Para além dos vestígios entre si associados e relacionados com a última ocupação do *Lx. 43*, a última ocupação da Idade do Ferro corresponde, genericamente, à camada humosa ou aos estratos que se lhe antecedem de imediato. Desse modo foram integradas na fase III-3 as camadas 0, 0/1, 1 e 1a em determinados quadrados, pois noutros os materiais podem ser associados a unidades habitacionais integradas na fase III-2 e correspondentes ao final desta fase.

Os materiais cerâmicos integrados na fase III-3 foram integrados em algumas associações, a saber:

A29) A associação 29 integra as camadas mais superficiais – solo humoso, camada 0 – nos quadrados L/9, M/9, O/9, P/7, 8, 9, 11 e 12, Q/8, 9, 11 e 12, R/8, 9, 10, 11 e 12, S/8, 9, 10, 12, 13 e 14, T/8, 9, 12, 13, 14, 16 e 18, W/9, 13, 14, 16, 17, 18 e 19, V/8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19,

X/11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19 e Y/14, 15, 16, 17 e 19.

A28) A associação 28 integra as camadas 0/1 e 0/1a nos quadrados Q/8, 9, 11 e 12, R/10, 11 e 12, S/11 e 12, T/9, 11 e 12, W/13 e 14, X/15, 16 e 18, e Y/15, 16 e 17 e diz respeito ao interface entre a camada 0 e a 1.

Camada 1) A camada 1 foi integrada na fase III-3 nos quadrados P, Q, R, S e T/10, S, T e X/11, T/8 e 9, T, V, W e X/12, X e Y/13 e X e Y/14.

A26) A associação 26 integra os Lxs. 81, 43.1, 43.2 e 43.3 nos quadrados V/18, X/17 e 18 e Y/18.

A16) A associação 16 integra as camadas 1 e 1a nos quadrados T/13 e 14, V/13 e 14 e W/13 e 14.

Camada 1a) A camada 1a foi integrada na fase III-3 nos quadrados M, N, O, P, Q, R, S e T/8, S, T, V e W/9, T, W e X/11, T, V e X/12 e Y12.

5.2.5.2. Talude Exterior Leste

A ocupação da Idade do Ferro do Talude Exterior Leste ocorre de um modo contínuo desde o séc. VI/Vº AC até ao momento do incêndio que ocorreu em todo o povoado. Também no talude Exterior Leste encontramos vestígios do incêndio ocorrido em cerca de 80 DC. Após o incêndio, a área habitacional do talude é fechada de modo permanente através de uma reformulação pétreia que cobre os estratos ocupacionais e que pretende ser semelhante à construção calcolítica.

Foram integrados na fase III-3 vários estratos que dizem respeito ao final da ocupação e à reformulação construtiva. Assim integramos no início da fase III-3 – que é também o fim da fase III-2, cerca de 80 DC – uma estrutura pétreia circular (estampa X), de tamanho reduzido e que foi fechada com as mesmas pedras que fecharam toda a restante ocupação.

A estrutura pétreia – Lx. 119 – tem uma forma circular, com um apêndice (estampa X) e localiza-se nos quadrados D'-E'/16. Foram criados vários Lxs. relacionados com esta estrutura, a saber: *i)* o Lx. 120 diz respeito ao estrato encontrado no interior da Estrutura (estampa XI); *ii)* o Lx. 121 diz respeito à terra negra que cobre o Lx. 119 e 120, em C'/15-16; *iii)* o Lx. 119/121 diz respeito às terras encontradas entre as pedras da Estrutura no seu desmantelamento; *iv)* o Lx. 120/121 diz respeito ao estrato escavado após a retirada da estrutura.

Associado a esta Estrutura Pétreia está relacionado o topo do estrato integrado na fase III-2 – Lx. 128 –, aqui identificado como Lx. 122 e 122/128 e alguns pisos de argila endurecidos, de coloração laranja – Lxs. 106 e 129.1.

Creemos que a utilização desta Estrutura Pétreia ocorre anteriormente ao incêndio no entanto a sua limpeza e condenação ocorre após o incêndio. Após o incêndio dá-se uma acção de retrocesso habitacional, onde a área habitacional do Talude Exterior leste é fechada sendo que esse fecho corresponde aos Lxs. 135, 114 e 114.1.

Como podemos observar, não corre na fase III-3 uma ocupação efectiva mas sim uma condenação permanente deste espaço.

Por último, o estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-3 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos devido, sobretudo, à semelhança entre alguns estratos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A40) A associação 40 é constituída pelos Lxs. 114, 114.1 e 135 e corresponde às terras entre as pedras de condenação da área habitacional integrada no Talude Exterior Leste ou PEL.

A45) A associação 45 é constituída pelos Lxs. 119, 120, 119/121 e 120/121 e corresponde à Estrutura Pétreia como um todo (Estrutura + Interior da Estrutura).

A46) A associação 46 é constituída pelos Lxs. 106, 121 e 122 e diz respeito ao solo onde a estrutura Pétreia foi construída.

A41) A associação 41 é constituída pelos Lxs. 107, 109, 122/128 e pelas associações A45 e A46 e diz respeito à totalidade da ocupação que cremos podermos integrar na fase III-3.

Os materiais cerâmicos presentes no Lx. 129.1 foram integrados na totalidade da fase em questão.

5.2.5.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte

Como já foi referido a última ocupação da Idade do Ferro no Crasto de Palheiros caracteriza-se pela construção ou espessamento das muralhas presentes no povoado e pela condenação de todas as áreas habitacionais externas às muralhas. Tais acções ocorrem, visivelmente, na área norte onde o alteamento do talude – ou mesmo uma muralha calcolítica – é renovada na sua face exterior, através da construção de um muro ou face que se adossa à morfologia anterior.

Este novo muro ou face da muralha – que constituiu um espessamento da mesma – sobrepõe-se directamente a uma unidade habitacional incendiada – U. Hab. 9 – datada por C14 e integrada no incêndio ocorrido por volta de 80 DC. Deste modo, é evidente a reconstrução tardia da muralha ou alteamento do talude.

A par da obra de renovação da face da muralha ocorre um leve rearranjo do talude calcolítico. Nas zonas próximas ao alteamento do talude – ou na zona mais alta do talude (acima do estradão) – levaram-se a cabo acções de reconstrução do talude calcolítico. Essa obra de reconstrução tapou os vestígios da ocupação anterior (fase III-2) podendo mesmo tê-los destruído parcialmente. É notório que as constantes remodelações de uma área habitacional modificam substancialmente as características dos estratos tornando difícil a avaliação dos investigadores. Cremos que a área norte sofreu grandes acções de destruição que resultaram numa zona arqueológica de difícil leitura.

Podemos afirmar que muitos factores contribuem para a má conservação dos estratos na zona norte: 1) continuidade ocupacional desde o Bronze Final, com uma constante remodelação de espaços (Est. XVIII – vol. 1); 2) incêndio ocorrido no séc. I DC; 3) reconstrução do talude e muralha; 4) tempo e agentes erosivos atmosféricos; 5) agricultura; 6) construção do estradão de acesso ao sítio no séc. XX e 7) acções de lapidação de pedra ocorridas no séc. XX.

Na fase III-3 a ocupação continua dentro do recinto delimitado pela muralha contudo são poucos os vestígios estratigráficos deste período. Os vestígios estratigráficos integrados na fase III-3 relacionam-se com vários estratos de terras de diferentes colorações e consistência sendo que em nenhum deles foram identificadas outras características particularizantes – como estruturas de combustão, buracos de poste, concentrações de terra queimada, estruturas ou arranjos pétreos, etc.

Deste modo, os complexos expostos de seguida encontram-se integrados na fase III-3.

Lx. 6) Interior do talude remexido na Idade do Ferro em determinadas zonas ou quadrados.

Lx. 5) Estrato de coloração negra e de consistência humosa, localizado no Talude Exterior Norte e por entre os arcos construtivos e penedos da parte terminal.

Lx. 27) Corresponde ao desmonte do talude sendo que as primeiras camadas de pedras – em determinadas zonas – correspondem à reconstrução da Idade do Ferro.

Lx. 2) Interior da muralha correspondendo a um desmonte parcial.

Lx. 4) Estrato de terra argilosa de cor amarela com manchas de terras de coloração cinzenta, localizado em PIN 2.

Lx. 25) Estrato de terra com uma coloração castanha-escura e com alguns carvões. No entanto encontra-se muito próximo do solo humoso e os carvões não se encontravam concentrados em manchas regulares ou homogéneas. Localizado em PIN 2.

Lx. 32) Estrato de terras cinzentas de consistência porosa e leve, localizado em PIN 2.

Lx. 64) Estrato de terras de coloração castanha-escura, de consistência semelhante ao solo humoso, com pedras de grande porte e muitas raízes. Cremos que as pedras presentes relacionam-se

com a degradação da muralha e lapidação de pedras realizada no séc. XX. Localizado em PIN 2.

Lx. 67) Estrato de terras argilosas – de coloração mais clara que o *Lx. 64* –, de coloração castanha-clara, de consistência semelhante ao solo humoso, com pedras de grande porte e muitas raízes (Est. XVII – vol. 1). Cremos que as pedras presentes relacionam-se com a degradação da muralha e lapidação de pedras realizada no séc. XX. Localizado em PIN 2.

Lx. 85) Estrato em tudo semelhante ao *Lx. 67* escavado numa banquetta e nomeado de modo diferente. Cremos que corresponde ao mesmo estrato. Localizado em PIN 2 (Est. XVIII – vol. 1).

Lx. 88) Estrato em tudo semelhante ao *Lx. 64* escavado numa banquetta e nomeado de modo diferente. Cremos que corresponde ao mesmo estrato. Localizado em PIN 2.

Lx. 59) Estrato de terras de coloração amarela, algo argilosa, localizado na PIN 2.1.

Lx. 56) Estrato de terras de coloração castanha-escura, semelhante à camada humosa e localizado na PIN 2.1.

Lx. 80) Estrato de terras localizado sobre pedras integradas no *Lx. 73* e que corresponde genericamente ao *Lx. 56*.

Lx. 3) Solo humoso menos revolvido, localizado em todas as zonas da plataforma e talude.

Por último, o estudo dos materiais cerâmicos integrados nos diversos complexos da fase III-3 foi desenvolvido com a criação de várias associações de complexos devido sobretudo à semelhança entre alguns estratos. Deste modo passamos de seguida à explicação de cada uma das associações criadas. Foram criadas as seguintes associações de materiais:

A69) A associação 69 é constituída pelos *Lxs. 5, 6 e 27* e corresponde à obras de reconstrução do talude realizadas na Idade do Ferro.

A60) A associação 60 é constituída pelos *Lxs. 64, 67, 85 e 88* e diz respeito ao depósito de ocupação da fase III-3, relacionado com a obra de reabilitação da muralha.

A58) A associação 58 é constituída pelos *Lxs. 4, 25 e 32* e diz respeito a depósitos de terras enegrecidas no seio do depósito de ocupação principal – *A60*.

A63) A associação 63 é constituída pelos *Lxs. 15 e 17* e diz respeito ao rearranjo do talude na Idade do Ferro e sobre a *U. Habs. 9* e área contigua.

A51) A associação 51 é constituída pelos *Lxs. 59, 3, 56 e 80* e diz respeito à acumulação de terras e pedras sobre o *Lx. 73* (na *U. Hab. 14* – PIN 2.1) integrado na fase III-2.

5.2.5.4. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras

Em todas as zonas escavadas encontramos estratos correspondentes ao solo humoso e a algumas acções de revolvimento de terras. Contudo na PIL e TEL esses contextos foram integrados na fase III-3. As razões de tal integração são várias e serão expostas de seguida.

A PIL é uma plataforma que foi atingida por uma agricultura intensa mas realizada de uma forma muito tradicional (sem o recurso a máquinas ou tractores) e à qual se acedia por caminhos pedestres de pequeno tamanho ou largura. Desse modo, os revolvimentos do solo são reduzidos. A par deste factor, existe pela parte da investigadora uma dificuldade na percepção desta zona habitacional tendo em conta que esta nunca esteve presente nas escavações que ali decorreram. Assim, a opção da investigadora foi uma inclusão total dos estratos na última fase de ocupação.

Contribuiu para esta opção o registo por camadas – demasiado extenso para ser dividido – e a pouca espessura dos estratos correspondentes à fase III-3.

A plataforma contida no TEL revela uma dinâmica muito própria onde a última fase de ocupação corresponde à condenação – fecho – da plataforma e das obras decorrentes. O solo humoso presente no talude é muito limitado – em termos de espessura e extensão – e mesmo em quantidade de fragmentos cerâmicos. Os fragmentos cerâmicos identificados no solo humoso – por ex. Lx. 114 – eram recolhidos entre as pedras do talude, correspondendo à reconstrução do talude realizada no final do séc. I DC. Deste modo, incluímos estes conjuntos cerâmicos na fase III-3 porque não se justificava – pela quantidade de fragmentos encontrados – uma divisão entre superfície e fase III-3.

A área norte – Plataforma e Talude – revela um grande revolvimento originado na abertura do estradão, na lapidação das pedras facetadas da muralha e na entrada de máquinas, nomeadamente tractores, para a retirada de pedra. Deste modo existem um conjunto de complexos directamente relacionados com estratos revolvidos que não permitiam uma ligação segura a qualquer fase de ocupação. Tendo em conta que a última fase de ocupação – III-3 – é caracterizada por vários estratos, ainda que de uma forma muito simples, optamos por dividir os contextos inseguros daqueles integrados na fase III-3.

Os contextos considerados inseguros na avaliação da cronologia correspondem a vários complexos que não foram até agora descritos e a alguns complexos enquadrados em determinadas áreas habitadas, como o Lx. 56. Deste modo, foram criadas várias associações de complexos que passamos a descrever:

A68) A associação 68 é constituída pelos Lxs. 1, 3 e 56 e integra a superfície do Talude Exterior Norte.

A72) A associação 72 é constituída pelos Lxs. 10 e 57 e integra o talude destruído na zona do estradão e as terras movidas na construção / limpeza do mesmo.

A57) A associação 57 é constituída pelos Lxs. 1, 3, 4, 10, 23, 29, 64, 67 e 77 e compreende a camada mais superficial da Plataforma Inferior Norte, na zona 2. Como podemos observar alguns destes complexos integram as fases III-2 e III-3, como os Lxs. 4, 64, 67 e 77. Estes complexos foram minuciosamente analisados relativamente às condições de recolha, nomeadamente ano, mês e dia de escavação.

A61) A associação 61 é constituída pelos Lxs. 76 e 84 e diz respeito a estratos de incêndio que cremos terem ocorrido numa fase pós-ocupacional.

A62) A associação 62 é constituída pelo Lx. 10, localizado em determinados quadrados da PIN 2 e correspondendo a movimentações de terras recentes relacionadas com a limpeza do estradão, no ano de 2002.

A64) A associação 64 é constituída pelos Lxs. 18, 19 e 18/19 e diz respeito à superfície do talude, destruído pelo estradão, na área das U. Habs. 9 e 10.

A50) A associação 50 é constituída pelos Lxs. 3, 69, 73 e 75, localizados na PIN 2.1 e relativos a uma zona localizada nos quadrados 42/43,44, 45 e 46. Nesta zona localiza-se uma possível entrada da Plataforma Inferior Norte construída na Idade do Ferro (Est. XIV – vol. 1). Esta entrada era um pequeno “corredor” ou caminho traçado por entre um penedo e um grande afloramento que lhe conferiam uma visibilidade reduzida (Estampas XIV e XX – vol. 1). As condições morfológicas do terreno levaram a uma acumulação de terras que tapou quase na totalidade esta entrada. Cremos que a falta de estratigrafia ou a presença de, praticamente, apenas um estrato de terras acumuladas – Lx. 75 – revela que esta zona era “buraco” ou um “vazio” onde se acumularam terras provenientes de várias zonas da plataforma e mesmo do sítio (Est. XX – vol. 1).

Foi também integrado nos contextos relativos aos solo humoso, o Lx. 74 sendo que este complexo diz respeito a uma terra argilosa esbranquiçada, praticamente estéril, e que pensamos ser uma camada de sedimentação natural correspondente a uma cascalheira.

6. A estratigrafia explicada através do conjunto cerâmico

6.0. Reflexões

A estratigrafia surtiu em mim desde o início, desde o primeiro contacto que tive com ela, um efeito reconfortante. As regras que lhe subjazem permitem uma espécie de mecanização objectiva que se repete e que nessa repetição reconforta aqueles inseguros da subjectividade própria da Arqueologia.

Nesse primeiro ano longínquo de licenciatura era com alegria que observava a sucessão de estratos, a sua sobreposição, a linearidade cronológica, a facilidade de relações horizontais e verticais. Para mim, esses espaços estratigrafados estavam repletos de sentidos, não eram vazios, eram cheios. Desse modo, contrapunha no meu pensamento os espaços “vazios” naturais, inacessíveis, por espaços “cheios” humanizados que contavam uma história de vivências.

E esses espaços humanizados, repletos de acções materializadas em terra, continham ainda, como se a estratigrafia não fosse suficiente, artefactos. Artefactos da terra, fragmentos de histórias ali adormecidos que cuidadosamente retirávamos na esperança de poder reconstituir momentos, ideias e sentimentos.

Desde o primeiro momento, os artefactos encontrados – maioritariamente fragmentos cerâmicos – foram percebidos por mim como “fragmentos da terra” da qual provinham, sem a qual não faziam sentido. Esta visão acompanhou-me sempre. Nos museus, nas extensas vitrinas que expõem a cru púcaros, panelas e vasos de cor e morfologia diversa, pertencentes a entidades que há muito nos deixaram, perguntava-me sempre: como seria o estrato que os continha?

E se por um lado, me possuí um desejo profundo de conhecer essas mesmas entidades aos quais pertenceram, por outro, esperava, esperançada, que o conhecimento da terra que os guardou, aconchegados no seu seio, iluminasse o objecto em si, as suas características físicas e a forma como se apresentava.

Esta ideia de que os fragmentos cerâmicos pertencem intrinsecamente ao estrato que os conteve levou, impreterivelmente, à percepção de que o estrato não é mais do que aquilo que contém. E assim se formou em mim uma dicotomia, que há muito palpitava, os estratos vazios de materialidade nada me dizem. Mudos, sem capacidade de comunicar e eu sem capacidade de compreender.

Surgiu, assim, um novo objecto de paixão, as materialidades. As materialidades e a estratigrafia são, para mim, o coração da Arqueologia. Desse modo, os estudos de estratigrafia e

dos objectos ganharam um relevo e uma importância descomunal em toda a minha investigação científica. Ao longo dos anos a investigação centrou-se nos fragmentos cerâmicos, nos seus estratos e na forma como se apresentavam.

A investigação tornou-se uma história de estratigrafia, na qual os fragmentos cerâmicos foram os protagonistas.

A seu tempo, a ingenuidade que acompanhou a crença de que o estado físico dos fragmentos reflecte o estado de conservação dos estratos foi perdendo cor, como aqueles que perdidos na camada humosa contam os dias de sol e de chuva, de frio e calor, estalando e descolorando.

Apesar da ingenuidade perdida ainda tenho uma história para contar...

6.1. Introdução

Os estudos da conservação / degradação dos estratos foram iniciados com base em alguns pressupostos que queríamos analisar. Essa análise tinha como objectivo perceber se esses pressupostos se aplicavam à realidade estudada. Em relação ao estado de conservação dos fragmentos foram os seguintes os pressupostos colocados:

a) O estado de conservação dos fragmentos reflecte o estado de conservação do estrato que os contém.

b) O estado de conservação dos fragmentos é consequência directa de acções humanas ou ambientais no estrato e era nosso objectivo discernir como umas e outras se revelam nos fragmentos cerâmicos.

c) Um fragmento degradado ou mal conservado deveria possuir arestas roladas, superfície corroída, descoloração e um tamanho reduzido. Em teoria, um fragmento mal conservado deveria congrega em si todos os aspectos físicos relacionados com a degradação do estrato que o continha.

d) A degradação dos fragmentos era vista como o resultado de um único processo erosivo, que por sua vez, se revelava em vários aspectos físicos dos fragmentos, sem no entanto indicar a existência de processos erosivos diferenciados ou de ocorrência paralela.

e) O estado de conservação dos fragmentos definiria por si só o estado de conservação dos estratos.

f) O estado de conservação dos fragmentos dependia da qualidade das pastas, da sua cozedura e do uso dado aos recipientes. Quer dizer que o estado pré-deposicional poderia influenciar o estado pós-deposicional. Deste modo foram monitorizadas, mais atentamente, as pastas VI e VIII pois cremos que se fracturavam com mais facilidade.

g) A presença de fragmentos cerâmicos que não se enquadram no período cronológico dos estratos em análise (nestes caso fragmentos Calcolíticos) altera os resultados finais do estado de conservação dos contextos. Quer dizer que os fragmentos calcolíticos presentes num contexto da Idade do Bronze e Ferro são vistos como um factor de interferência pré-deposicional.

h) O nível de mistura ou o valor em percentagem de fragmentos calcolíticos num estrato da Idade do Bronze e Ferro pode alterar, significativamente, a observação do estado de conservação do estrato. O nível de mistura não é um patamar no estado de conservação dos contextos mas interfere directamente com o mesmo.

Com base nestes pressupostos foi criada uma metodologia que congregou vários parâmetros de análise a serem observados em conjunto. Estes parâmetros de análise foram utilizados em conjunto com muito outros, dos quais damos conta no anexo cerâmico no entanto realizaremos, aqui, um resumo da informação obtida. Deste modo, os parâmetros utilizados para a percepção do estado de conservação dos fragmentos e estratos são: 1) pastas cerâmicas com maior relevância na totalidade dos fragmentos e recipientes; 2) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão; 3) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos com arestas vivas; 4) presença (%) de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3; 5) presença (%) de fragmentos com arestas vivas (no total, sem ter em conta as pastas); 6) presença (%) de fragmentos de arestas roladas (no total, sem ter em conta as pastas); 7) presença (%) de fragmentos com superfícies corroídas; 8) preservação de cor dos fragmentos (em %); 9) variabilidade das conjugações de cor (em n.º de variantes); 10) presença (em %) de fragmentos de pasta VI; 11) presença (em %) de fragmentos de pasta VIII e 12) presença de fragmentos e recipientes calcolíticos.

Creemos que com base nestes 12 parâmetros é possível obter uma imagem bastante fidedigna do estado de conservação dos estratos.

6.2. Alguns contextos da Fase I

A ocupação calcolítica não foi analisada integralmente. Dos estratos do período compreendido, grosso modo, de 3000 a 2000 AC, foram analisados apenas onze complexos integrados na área norte estando quatro na Plataforma Inferior Norte e sete no Talude Exterior Norte. Estes contextos foram escolhidos consoante as seguintes características: 1) presença de bordos ou bases da Idade do Ferro e 2) presença de fragmentos decorados que não se integrem nas decorações da Pré-história local ou que se integrem nas decorações de ocupações posteriores (Idade do Bronze e Idade do Ferro).

Na área norte não foram realizadas somas de contextos que totalizassem o conjunto da fase em estudo. Deste modo, a fase I bem como as restantes, na área norte, são descritas exclusivamente com base na análise individual dos contextos.

Os contextos analisados são: Lxs. 114, 78, 54 e 71.1 na Plataforma Inferior Norte – PIN – e Lxs. 20.9, 20.12, 20.13, 101, 66, 100 e 104 no Talude Externo Norte – TEN.

A interpretação aqui apontada é baseada na análise de pormenor descrita no vol. 2, capítulo 5.1.1.1. Podemos, então, concluir o que se segue.

a) Número de contextos analisados: As características da fase I na área norte foram reveladas apenas por 11 contextos sendo esta uma pequena amostra do número de contextos integrados na fase I. Contudo, o número de contextos analisados permite uma avaliação segura pois cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas estatisticamente viáveis.

b) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: No caso dos contextos integrados na fase I da área norte podemos afirmar que o número de fragmentos por contexto influencia a observação da conservação dos fragmentos e estratos bem como de outras características caracterizantes a nível sócio-cultural.

Alguns contextos revelam uma presença muito reduzida de fragmentos, como o Lx. 20.9 (5 fragmentos), Lx. 66 (17 fragmentos), Lx. 78 (26 fragmentos) e Lx. 71.1 (34 fragmentos), estando todos integrados nos contextos mais discrepantes ao nível das percentagens apresentadas. A maior discrepância em relação às características gerais da fase – ou dos restantes contextos – pode dever-se à importância estatística exacerbada pelo número reduzido ou muito elevado de fragmentos em cada factor de avaliação analisado.

A avaliação de cada factor é diferente se tivermos em conta estes 4 contextos ou se não os utilizarmos. Por exemplo, na avaliação dos fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 observamos que na totalidade dos contextos (onze) o intervalo de valores se encontra entre 15,4 e 80 % e a média é de 37,3. Se excluirmos os 4 contextos acima indicados temos um intervalo de valores de 24,2 a 47,9 % e 36,6 % de média. Na avaliação da preservação de cor, na totalidade dos contextos o intervalo de valores encontra-se entre 0 e 41 % e 29,5 % de média e se excluirmos os 4 contextos, encontramos um intervalo de valores de 26 a 37 % e 31,4 % de média. Estas diferenças encontram-se em todos os factores de avaliação sendo que concluímos que é necessária uma avaliação cautelosa dos 4 contextos de fragmentos minoritários. Sempre que for necessário para o entendimento das características gerais da fase, a avaliação destes 4 contextos será excluída e devidamente explicada.

c) *Grau de mistura*: Tecnicamente o grau de mistura não necessitaria de ser avaliado em contextos calcolíticos. No entanto os contextos calcolíticos escolhidos são aqueles que apresentam indicadores de mistura – bordos, bases e decorações da Idade do Bronze e Ferro. Deste modo, o grau de mistura presente nos contextos será avaliado de forma semelhante àquela realizada para os contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos 11 contextos integrados na fase I.

Os Lxs. 71.1, 20.9 e 66 apresentam uma ausência de recipientes sendo que a avaliação da mistura dos contextos através dos recipientes fica impossibilitada. As percentagens de fragmentos calcolíticos nestes contextos são 53, 60 e 41 % respectivamente. Podemos ver que estes contextos têm como características uma ausência total de recipientes – calcolíticos e da Idade do Bronze / Ferro – e um número significativo de fragmentos (até 40 %) que podem ser conotados com as ocupações da Idade do Bronze e Ferro. Estas características indicam uma certa mistura destes conjuntos cerâmicos sem que os possamos avaliar devidamente devido à ausência de recipientes. O número reduzido de fragmentos indica conjunto cerâmicos fraccionados sendo que cremos estar perante uma amostra dos conjuntos originais.

Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: Lxs. 20.12, 20.13 e 104 (100 %), Lx. 114 (96 %), Lx. 101 (95 %), Lx. 100 (82 %) e Lx. 54 (30 %). Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: Lx. 20.13 (91 %), 20.12 (85 %), 101 (71 %), 104 (67 %), 54 (53 %), 114, 100 (51 %) e 78 (46 %). *Os Lxs. 20.12, 20.13, 104, 101 e 114 são os contextos que apresentam menor mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações posteriores sendo por isso os contextos que melhor caracterizam a ocupação calcolítica.*

Os Lxs. 78, 54 e 100 são aqueles que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações posteriores. Poderíamos dizer que o Lx. 100 possui um grau de mistura baixo pois 51 % da totalidade dos fragmentos são tidos como calcolíticos e 82 % dos bordos são calcolíticos. No entanto se tivermos em conta a avaliação de todos os contextos – excluindo os 4 minoritários – podemos observar o seguinte: *i)* nos 7 contextos em avaliação – Lx. 114, 54, 20.12, 20.13, 101, 100 e 104 – 51 a 91 % da totalidade dos fragmentos são tidos como calcolíticos e a média é de 67 % e *ii)* nos 7 contextos em avaliação 30 a 100 % dos bordos são calcolíticos e a média é de 86 %. Podemos deste modo observar o seguinte: *a)* o Lx. 78 possui apenas 46 % de fragmentos calcolíticos seguros; *b)* o Lx. 54 possui o valor mais baixo de recipientes calcolíticos (30 %) e *c)* o Lx. 100 possui um

valor baixo de fragmentos calcólicos (51 %) e um valor de recipientes calcólicos abaixo da média (82 %).

Podemos concluir que os complexos 20.12, 20.13, 104, 101 e 114 são relativamente seguros, sendo que não foram grandemente alterados pela ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Os complexos 71.1, 20.9, 66, 78, 54 e 100 sofreram acções de revolvimento que podem ser consideradas de intensidade mediana. Cremos que tais acções de revolvimento estão relacionadas com as remodelações realizadas no Talude Exterior Norte (Lxs. 20.9, 66, 54 e 100) e com a ocupação doméstica que se sobrepõem aos estratos calcólicos (Lxs. 71.1 e 78).

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: A relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcólicos com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a gentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc.).

Foram excluídos desta análise os Lxs. 71.1, 20.9, 66 e 78 devido aos resultados percentuais claramente discrepantes. Deste modo o conjunto de Lxs. que revela uma total ausência de recipientes calcólicos – Lxs. 71.1, 20.9 e 66 – não pode ser analisado e dos 3 contextos que apresentam um grau de mistura mediano / elevado, um também não foi analisado – Lx. 78.

A presença de fragmentos da Idade do Bronze e/ou Ferro indica um revolvimento nos Lxs. 54 e 100. Podemos observar que estes conjuntos cerâmicos apresentam percentagens muito altas de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – 37 e 47,9 % respectivamente. No entanto podemos observar uma presença mediana de superfícies corroídas – 20 e 17 %, respectivamente –; uma presença baixa de fragmentos com concordância de cores – 31 e 27 % – e, por último, uma presença alta de fragmentos com arestas roladas – 52 e 65 %.

Os complexos considerados pouco misturados – Lxs. 20.12, 20.13, 104, 101 e 114 – possuem as seguintes características: *i)* percentagens baixas mas também altas de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – 24,2; 32,4; 44,9; 28,1 e 41,5 %, respectivamente; *ii)* presenças baixas de superfícies corroídas à excepção do Lx. 20.12; *iii)* uma boa preservação de cor, à excepção do Lx. 20.12 e *iv)* presenças, tanto, médias/baixas como médias/altas sendo que os Lxs. 20.12 e 104 são aqueles que apresentam maior quantidade de fragmentos de arestas roladas dentro do grupo.

Deste modo podemos observar que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com a fragmentação do conjunto cerâmico e com a corrosão das arestas. No entanto, os

revolvimentos dos complexos e conseqüente mistura dos conjuntos cerâmicos podem estar relacionados com a quantidade de fragmentos de superfícies corroídas e falta de preservação da cor.

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos: Os contextos analisados integrados na fase I revelam que as pastas X, III, IV, IX e XII constituem o conjunto de confiança. É evidente, em todos os contextos, uma presença maioritária da pasta X, sendo que se encontra compreendida entre 21 e 49 % dos fragmentos. Os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 são aqueles que melhor representam a fase I onde é notória a importância das pastas X, IV e IX. Os Lxs. 114 e 104 tidos como pouco misturados revelam uma importância relativa das pastas III, VII e XII. Devido aos revolvimentos ocorridos – ainda que de um modo pouco assertivo nestes contextos – podemos relacionar a presença das pastas VII e XII (sobretudo da XII) com as ocupações posteriores relacionadas com a Idade do Bronze e Idade do Ferro. A presença das pastas VI e VIII nos Lxs. 78, 54, 20.9 e 100 revelam uma clara mistura com contextos da Idade do Bronze e/ou Ferro.

Os 11 contextos analisados dividem-se em 4 grupos, a saber: *i)* grupo 1 constituído pelos Lxs. 114 e 54 com a hierarquia X, III, VII; *ii)* grupo 2 constituído pelos Lxs. 78 e 71.1 com a hierarquia X, III, I; *iii)* grupo 3 constituído pelos Lxs. 20.12, 20.13 e 101 com a hierarquia X, IV, IX; *iv)* grupo 4 constituído pelos Lxs. 100 e 104 com a hierarquia X, XII, IV e *v)* os lxs. 20.9 e 66 revelam-se discrepantes em relação aos restantes contextos.

Em suma a análise de pastas permitiu diversas conclusões que expomos de seguida.

1) Os contextos 71.1, 78, 20.9 e 66 possuem um número muito reduzido de fragmentos sendo que não são estatisticamente comparáveis aos restantes contextos de modo a integrarem a caracterização do conjunto cerâmico da fase I. Ainda assim apenas os Lxs. 20.9 e 66 revelaram hierarquias discrepantes em relação aos restantes contextos. Os Lxs. 78 e 71.1 possuem as mesmas características e constituem um grupo.

2) Os Lxs. 78, 71.1, 20.12, 20.13, 101 e 104 são os que melhor caracterizam o conjunto cerâmico da fase I integrando 1118 fragmentos (cerca de 60 % da totalidade do conjunto estudado). Nestes contextos é evidente a importância das pastas X, IV, IX e III, quer na totalidade dos fragmentos quer nos recipientes. Os Lxs. 78 e 71.1 revelam alguma mistura com fragmentos cerâmicos de ocupações posteriores.

3) Os Lxs. 114, 54 e 100 revelam características que apontam para um nível de mistura bastante elevado sendo que a grande diversidade de pastas encontrada nestes contextos pode ser uma conseqüência directa de revolvimentos.

4) Por último, o Lx. 100 é o contexto que apresenta maior número de características que o aproximam da ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro sendo que cremos ser um contexto calcolítico fortemente revolvido pelas ocupações posteriores.

Foi analisada a relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos a partir do pressuposto de que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas poderiam apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos. Tal ideia provém do conceito de que pastas de diferentes qualidades reagem aos agentes erosivos de modo diferente.

Podemos, então, observar que os Lxs. 114 e 54 fazem parte do mesmo grupo sendo que as percentagens de superfícies corroídas e arestas roladas é discordante. Os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 fazem parte do mesmo grupo sendo que os resultados das superfícies corroídas, preservação da cor e estado de conservação das arestas – arestas vivas e roladas – é discordante em relação aos outros dois contextos. O Lx. 20.13 possui uma presença mais elevada de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 do que os Lxs. 20.12 e 101. Os Lxs. 100 e 104 fazem parte de um mesmo grupo sendo que são discordantes na quantidade de fragmentos de superfícies corroídas.

Podemos concluir que *a quantidade de fragmentos por pasta e o estado de conservação dos fragmentos não revelam uma relação clara através do método de análise utilizado*. Ou seja, contextos semelhantes nas quantidades de fragmentos por pasta podem apresentar características diferentes no estado de conservação dos fragmentos.

f) Conservação das pastas: Nos contextos analisados integrados na fase I, na área norte, as pastas IV, VI e VIII encontram-se genericamente bem preservadas; as pastas I, III, IX, X, XI e XII encontram-se genericamente mal preservadas e a pasta VII não revela uma tendência de conservação. A pasta I é a que se encontra pior preservada com uma maioria de fragmentos de pequena dimensão e arestas roladas.

Podemos analisar pormenorizadamente o comportamento das pastas em cada contexto analisado. Desse modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas IV, VI e VIII encontram-se genericamente bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta IV possui em 4 dos 11 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3 e em três dos 11 contextos onde ocorre uma maioria

de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões. Os fragmentos de pasta VI nos dois contextos onde ocorrem possuem arestas vivas e num dos contextos apresentam boas dimensões. Por último, a pasta VIII possui em 2 dos 4 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3 e em 1 dos 4 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões.

A pasta I é frágil e de difícil conservação pois quebra e esboroa com facilidade sendo que em todos os contextos analisados apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Consideramos esta pasta a pior conservada de todas.

A pasta VII apresenta uma conservação muito dicotómica. Em 5 dos 9 contextos analisados apresenta fragmentos mal preservados sendo de destacar uma maioria de arestas roladas e pequenas dimensões. Em 4 dos 9 contextos analisados apresenta fragmentos bem preservados com uma maioria de arestas vivas e boas dimensões. Deste modo, não podemos concluir se o estado de conservação dos fragmentos de pasta VII se deve aos contextos onde se encontra ou às características da própria pasta.

As pastas III, IX, X, XI e XII encontram-se genericamente mal conservadas ainda que em determinados contextos se encontrem conjuntos de fragmentos destas pastas bem preservados. Todas estas pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas sendo que: 1) na pasta III, em 7 dos 10 contextos encontramos arestas roladas e em 6 dos 10 contextos dimensões pequenas; 2) na pasta IX em todos os contextos (9) encontramos arestas roladas e em 4 dos 9 contextos encontramos dimensões pequenas; 3) na pasta X, em 7 dos 11 contextos encontramos arestas roladas e em 6 dos 11 contextos dimensões pequenas; 4) na pasta XI, em 7 dos 8 contextos encontramos arestas roladas e em metade dos contextos dimensões pequenas e 5) na pasta XII em 4 dos 5 contextos encontramos arestas roladas e em 2 dos 5 contextos encontramos dimensões pequenas.

Podemos observar então que pastas claramente relacionadas com a ocupação calcolítica e presentes numa ocupação calcolítica se encontram genericamente mal conservadas como é o caso das pastas IX, X e XI. As pastas conotadas com a Idade do Bronze e Ferro – VI e VIII – apresentam uma boa preservação apesar de serem objectos estranhos aos contextos onde estão inseridas. As pastas I, III e XII apresentam uma má preservação sendo que estas pastas se encontram também relacionadas e em uso em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro. A pasta VII é a mais difícil de caracterizar.

A conservação diferenciada de cada pasta por contexto indica que a preservação dos fragmentos não está directamente relacionada com uma qualidade que seja inerente à pasta. Cremos que a conservação das pastas pode estar relacionada com o uso dado a cada pasta / recipiente

e com o momento de integração dos fragmentos nos contextos. Ou seja, a integração dos diversos fragmentos num contexto pode ter sido realizada de forma muito irregular indicando um uso diferenciado dos recipientes realizados com cada pasta.

g) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies, corrosão das arestas e descoloração dos fragmentos. Como exemplo, os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 possuem percentagens semelhantes de fragmentos com uma dimensão superior à categoria de dimensão 3 (as mais baixas da fase I, excluindo os 4 contextos minoritários); no entanto revelam diferenças no comportamento das superfícies, arestas e cor. Os Lxs. 100 e 104 possuem percentagens semelhantes de fragmentos com uma dimensão superior à categoria de dimensão 3 (as mais altas da fase I); no entanto revelam, também, diferenças no comportamento das superfícies, arestas e cor.

h) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies pode ser o mesmo que leva à corrosão das arestas mas é diferente daquele que fragmenta as cerâmicas e que descolora os fragmentos. Os complexos com maior presença de fragmentos de superfícies corroídas apresentam também uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas – Lxs. 54, 20.12 e 100. No entanto, alguns complexos com uma presença baixa de fragmentos de superfícies corroídas possuem uma presença elevada de fragmentos com arestas roladas – Lxs. 104 e 20.13. deste modo, apesar de acreditarmos na possibilidade de uma relação entre os dois factores, é visível uma falta de clareza entre ambos. Ou seja, os resultados percentuais entre os dois factores não são totalmente proporcionais.

Em relação aos outros factores de avaliação podemos dizer que não existe uma relação clara entre os processos que levam à corrosão das superfícies e à descoloração porque contextos com uma presença alta (Lx. 100, 20.12) e baixa (Lx. 104) de fragmentos com superfícies corroídas possuem um número semelhante de fragmentos com a cor preservada, sendo esta baixa. Contudo três complexos (Lxs. 114, 20.13 e 101) apresentam uma presença baixa de fragmentos com as superfícies corroídas e uma boa presença de fragmentos de cores concordantes. cremos que um contexto onde ocorre uma forte corrosão das superfícies encontra-se também mais sujeito à descoloração dos fragmentos, no entanto tal nem sempre acontece não existindo uma proporcionalidade directa entre os vários factores analisados.

i) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece ser o mesmo que origina a quebra dos fragmentos – como já foi referido – no entanto pode ser, genericamente, relacionado com os processos de corrosão das superfícies e arestas.

Descreveremos de seguida a avaliação da preservação de cor nos contextos escolhidos. Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 20.9 (0 %), Lx. 20.12 (26 %), Lx. 100 (27 %), Lx. 104 (29 %), Lxs. 78 e 54 (31 % cada), Lx. 71.1 (32 %), Lxs. 101 e 114 (35 % cada), Lx. 20.13 (37 %) e Lx. 66 (41 %). Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 20.12 (43 %), Lx. 100 (40 %), Lx. 101 (38 %), Lx. 20.13 (34 %), Lx. 104 (33 %), Lxs. 114 e 54 (28 % cada), Lx. 71.1 (26 %) e Lxs. 78 e 66 (0 %).

Podemos observar que as ordens obtidas num e noutro factor de avaliação não são as mesmas ainda que alguns contextos revelem resultados concordantes nas duas análises. Deste modo na totalidade dos 11 contextos analisados, os Lxs. 20.12, 100, 114 e 66 revelam concordância nos resultados sendo que os Lxs. 114 e 66 são dos mais bem preservados e os Lxs. 20.12 e 100 são os piores preservados.

Os resultados obtidos através da análise destes factores de avaliação requerem uma leitura muito cuidada pois estes factores de avaliação são muito complexos. A diversidade de conjugações de cor por contexto é muito influenciada pelo número de fragmentos presente em cada contexto. Na fase I é evidente uma relação entre o número de fragmentos e a percentagem de fragmentos com conjugações de cor minoritárias. Os Lxs. 78, 20.9 e 66 não possuem conjugações de cor com uma representatividade inferior a 3 % no entanto todos estes complexos apresentam um número muito reduzido de fragmentos. Contudo, é interessante observar que os complexos com maior número de fragmentos não são aqueles que apresentam maior quantidade de conjugações de cor minoritárias. Dentro dos contextos melhor representados em termos de número absoluto de fragmentos – Lxs. 20.12, 20.13, 101, 100 e 104 – encontramos as variadas percentagens que não parecem estar intimamente relacionadas com o número de fragmentos. Deste modo, nos contextos com maior número de fragmentos a avaliação da diversidade de conjugações de cor é segura.

Tendo em conta o que foi dito, e referindo-se aos fragmentos cerâmicos, podemos observar o que se segue.

i) Os Lxs. 54, 20.13, 114 e 101 são os melhores preservados ao nível da cor.

ii) Os Lxs. 100, 20.12, 71.1 e 104 são os piores preservados. É possível que o Lx. 71.1 seja aquele que apresente pior preservação de cor, ou seja, menor homogeneidade do conjunto ao nível da cor.

iii) Os Lxs. 78, 20.9 e 66 não permitem conclusões devido ao número reduzido de fragmentos.

É interessante observar que os contextos melhor preservados ao nível da cor relacionam-se com os primeiros estratos de construção do Talude Exterior Norte – Lxs. 20.13 e 101 – e com estratos também relacionados com o interior do Talude mas mais tardio – Lxs. 54 e 114. Assim, temos a indicação de que estes estratos não estiveram sujeitos a uma erosão atmosférica intensiva e que a própria carapaça pétreo do talude protegeu os estratos de construção.

Os Lxs. mais degradados ao nível da cor relacionam-se com contextos remexidos na Idade do Ferro – Lx. 100 e 71.1 –, contextos de ocupação calcolítica – Lx. 20.12 – e um estrato de construção do talude, que aparece aqui algo degradado. É possível que a zona mais oriental do talude – que engloba a vala 2 e a Entrada escondida para a plataforma habitacional construída na Idade do Ferro (Est. XIV – vol. 1) – tenha sido mais intensamente remexida e tal facto tenha provocado uma descoloração mais intensa nos fragmentos.

j) Os contextos e seu estado de conservação.

O Lx. 114 é o mais bem conservado de todos pois das 7 pastas presentes 4 apresentam uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de boas dimensões. Outros complexos (Lx. 100 e 104) apresentam uma percentagem superior de fragmentos com um tamanho igual ou superior à categoria 3. No entanto, as características presentes nas arestas, nas superfícies e na cor revelam-se piores. Cremos que a boa conservação deste contexto se relaciona com o facto de ele corresponder à última ocupação calcolítica ocorrida na Plataforma Inferior Norte. Esta última ocupação calcolítica foi, muito provavelmente, protegida por uma carapaça pétreo – à semelhança do que ocorre na PIL – e que apenas foi removida aquando do início da ocupação da Idade do Bronze/Ferro.

Os Lxs. 100 e 104 encontram-se mal conservados mas pouco revolvidos mecanicamente pois em nenhum dos dois ocorrem fragmentos de pequenas dimensões e arestas vivas. Nestes dois contextos a maioria dos fragmentos possui arestas roladas e dimensões pequenas, ainda que algumas pastas apresentem fragmentos maiores, como as pastas IV, VIII e XI no Lx. 100 e as pastas X e XII no Lx. 104. Estes dois contextos apresentam as maiores percentagens de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 – 47,9 e 44,9 % no Lx. 100 e 104, respectivamente. Contudo, apresentam das percentagens mais elevadas de arestas roladas – 65 e 48 % –, respectivamente. Estes dois contextos apresentam também uma falta de preservação de cor bastante evidente e uma má preservação das superfícies no Lx. 100. O Lx. 104 apresenta uma boa preservação das superfícies. Cremos que as características encontradas podem relacionar-se com a própria natureza dos estratos.

O Lx. 100 parece ter sofrido um forte revolvimento que se revela na corrosão das superfícies, arestas e descoloração. O Lx. 104 revela as mesmas características à excepção da corrosão das superfícies sendo que tal pode indicar um revolvimento inferior, já referido na análise de mistura dos contextos. Cremos que esta zona do talude esteve exposta a remodelações intensas na Idade do Ferro que podem ter influenciado a conservação dos fragmentos de forma muito variável.

Os Lxs. 78, 20.9 e 20.12 são os piores preservados pois em nenhum deles alguma pasta possui uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de boas dimensões. Destes 3 contextos, o Lx. 20.12 é o pior preservado pois 5 das 8 pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e pequenas dimensões e o Lx. 78 é o mais revolvido mecanicamente pois 4 das 8 pastas possuem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas vivas (apontando para um revolvimento mecânico). É de notar que os Lxs. 20.9 e 78 possuem um número muito reduzido de fragmentos sendo que tal característica é um indicador por si só de má preservação. O Lx. 20.12 apresenta também uma fraca preservação de cor mas uma boa preservação das superfícies. Cremos que a descoloração e fragmentação sucessiva deste conjunto cerâmico se relaciona com as características ocupacionais do estrato. Deste modo, concluímos que o Lx. 20.12 corresponde a um depósito de ocupação.

Os Lxs. 54, 71.1, 20.13, 101 e 66 são de difícil caracterização pois nenhuma tendência de conservação das pastas se destaca de uma forma evidente. Os Lxs. 71.1 e 66 possuem um número muito reduzido de fragmentos tornando difícil a sua caracterização mas indicando tal característica uma má conservação geral. O Lx. 54 é o pior preservado deste grupo, com uma elevada presença de superfícies corroídas e uma mediana preservação de cor. Os Lxs. 20.13 e 101 apresentam algum revolvimento mecânico, ainda que uma boa preservação da cor e das superfícies e arestas.

Cremos que a má preservação dos Lxs. 54, 71.1 e 66 se relaciona directamente com os revolvimentos ocorridos durante a ocupação da Idade do Bronze / Ferro. A fragmentação dos Lxs. 20.13 e 101 – tendo em conta que estes estratos são construtivos – pode estar relacionada com as próprias características dos conjuntos cerâmicos integrados nestes estratos. Ou seja, se os fragmentos cerâmicos foram escolhidos para permanecerem “guardados” no seio destes estratos construtivos, estes já tinham estas características de tamanho aquando da sua integração.

A análise do tamanho dos fragmentos revelou que o tamanho dos fragmentos está intimamente ligado às ocupações humanas nos estratos sendo que um estrato ocupado é um estrato fragmentado. Desse modo, como os Lxs. 20.13 e 101 não correspondem a estratos de ocupação, podemos colocar a hipótese de que a fragmentação presente se deve a estes fragmentos terem em

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

algum momento da sua vida integrado solos ou depósitos ocupacionais. A boa preservação de cor e das superfícies está de acordo com esta hipótese interpretativa.

6.3. Fase II – Idade do Bronze

6.3.1. Plataforma Inferior Leste

No período compreendido de 900/800 e 550/500 AC, na Plataforma Inferior Leste foram estudados 7 contextos (complexos ou associações): A23, A7, A8, A24, Lxs. 64, 109 e 107 (ver ponto 5 deste volume).

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.2.1.1. Podemos então concluir o seguinte.

a) No período compreendido de 900/800 e 550/500 AC, os contextos identificados sobrepõem-se directamente a estratos relacionados com a ocupação calcolítica, apresentando presenças significativas de fragmentos sem forma e bordos calcolíticos. Podemos dizer que apenas o Lx. 109, A24 e A7 possuem presenças relativamente baixas de fragmentos calcolíticos, ainda que a presença de recipientes calcolíticos seja mais alta do que a dos fragmentos. Colocamos duas hipóteses para explicar a presença de fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze, a saber: *i)* os fragmentos calcolíticos são provenientes de contextos calcolíticos que foram perfurados pela ocupação da Idade do Bronze sendo que a permanência destes fragmentos em contextos da Idade do Bronze não é intencional (nesta hipótese interpretativa o desfasamento entre bordos e fragmentos calcolíticos é algo proveniente da ocupação calcolítica); *ii)* os fragmentos calcolíticos estão presentes nos estratos da Idade do Bronze porque foram manipulados intencionalmente pelas comunidades da Idade do Bronze, sobretudo fragmentos de bordo (para uma melhor explicação deste comportamento das comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro ler o capítulo 8.3. neste volume).

É interessante observar o seguinte: *1)* a A23 é uma associação de níveis de ocupação no qual estão presentes 47 % de fragmentos calcolíticos e 62 % dos recipientes são calcolíticos; *2)* o Lx. 107 é composto por terras do interior do talude calcolítico sendo que 72 % dos fragmentos são calcolíticos mas apenas 25 % dos recipientes são calcolíticos; *3)* o Lx. 64 corresponde a um contexto calcolítico perturbado pela Idade do Bronze ou Ferro e nele encontramos 50 % de fragmentos calcolíticos e 100 % dos recipientes são calcolíticos e *4)* o Lx. 109, primeiramente entendido como um contexto calcolítico, revela apenas 11 % dos fragmentos calcolíticos e apenas 33 % dos recipientes também calcolíticos.

Com base nestas quatro observações podemos concluir que, à excepção do estrato calcolítico – Lx. 64 – os níveis de ocupação da Idade do Bronze – A23 – são aqueles que apresentam maior presença de recipientes calcolíticos. É possível observar que contextos como o Lx. 107 que possuem uma maioria de fragmentos calcolíticos, possuem, também, uma minoria de recipientes. Deste modo, concluímos que a integração de recipientes na A23 pode ser intencional sendo que as comunidades da Idade do Bronze escolheram e manipularam fragmentos de bordo calcolíticos.

Nos restantes contextos existe uma aparente não intencionalidade pois as percentagens presentes não permitem outra conclusão. Podemos também dizer que as presenças de fragmentos sem forma e bordos calcolíticos sofrerão uma diminuição na primeira ocupação da Idade do Ferro sendo que o decréscimo, geral, deste tipo de materiais pode revelar uma não intencionalidade na integração dos mesmos em determinados contextos.

A afirmação da intencionalidade na integração destes materiais deve ser analisada caso a caso, seguindo individualmente cada contexto.

b) A análise dos contextos integrados na fase II, na PIL, revela que *o grau de mistura de determinado contexto não possui uma relação clara com os resultados gerais que nos revelam o grau de conservação do estrato*. Quer dizer que, o grau de mistura de determinado contexto não parece modificar de modo perceptível as características relacionadas com o estado de conservação do estrato. No entanto é possível observar, em alguns contextos da fase II, uma possível relação entre os fragmentos calcolíticos e o estado de conservação do estrato.

Podemos observar o seguinte.

b1) O Lx. 107 revela uma grande mistura de materiais calcolíticos com os da Idade do Bronze / Ferro que está de acordo com a sua natureza contextual evidenciando que na Idade do Bronze / Ferro o talude foi reformulado permitindo a inclusão de materiais desta cronologia no seu interior. Deste modo cerca de 30 % dos fragmentos, no total, são calcolíticos.

b2) A A23, A7 e camada 1/2 revelam uma forte presença de fragmentos calcolíticos (47, 37 e 30 %) e de recipientes calcolíticos (62, 58 e 58 %) revelando uma mistura muito grande e uma possível manipulação de recipientes calcolíticos nos níveis de ocupação.

b3) O Lx. 109 é o contexto com menor mistura sendo que 11 % dos fragmentos são calcolíticos e apenas 33 % dos recipientes são calcolíticos.

b4) O elevado grau de mistura presente na maioria dos contextos não parece afectar a dimensão dos fragmentos – que pode ser considerada boa na generalidade –, à excepção do Lx. 109, onde a dimensão dos fragmentos é pequena e onde o grau de mistura é menor. Deste modo, é

possível que a dureza e tamanho dos fragmentos calcolíticos esteja a influenciar positivamente a visão geral da dimensão dos fragmentos em cada contexto.

b5) Não parece existir uma relação entre o grau de mistura e a quantidade de fragmentos de superfícies corroídas. Na fase II os contextos comportam-se da seguinte forma: *i)* os contextos medianamente misturados – A7, A24 e Lx. 107 – são aqueles que revelam maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas; *ii)* os contextos com maior grau de mistura – A23 e Lx. 64 – apresentam uma quantidade mediana / baixa de fragmentos de superfícies corroídas e *iii)* o contexto com menor grau de mistura – Lx. 109 – é aquele que apresenta menor quantidade de superfícies corroídas. *Podemos então concluir que o grau de mistura não influencia a visão do estado de conservação das superfícies.* É possível que esta ausência de influência esteja relacionada com a integração intencional das cerâmicas calcolíticas pois estas são escolhidas e não algo integrado aleatoriamente e após um processo profundo de remeximento e destruição.

b6) O contexto com melhor preservação de cor é aquele com menor grau de mistura – Lx. 109; e o contexto com menor preservação de cor é um dos contextos com maior grau de mistura – A23. Os restantes contextos – A7, A24 e Lx. 107 – revelam uma conservação mediana da cor independentemente das diferenças apresentadas no grau de mistura. Cremos que a cor não se relaciona directamente com o grau de mistura apesar de os dados apontarem nesse sentido. Cremos que é a natureza dos contextos que dita a conservação da cor. Desse modo podemos dizer o seguinte: 1) a fragmentação do Lx. 109 e a boa conservação do tratamento e cor das superfícies dos fragmentos apontam para a integração deste contexto no âmbito da ocupação continua com ligação à Idade do Ferro sendo que a boa conservação de cor se relaciona com a preservação destes contextos através da continuidade da ocupação e da acumulação de terras; 2) a forte descoloração presente na A23, Lx. 107 e A7, está de acordo com a natureza e degradação processada por agentes naturais e humanos destes contextos onde na A23 podemos observar uma degradação realizada por agentes humanos e no Lx. 107 e A7, uma degradação levada a cabo por agentes humanos e naturais; 3) a degradação do Lx. 107 e A7 – estratos constituídos por terras e pedras de forma caótica onde é possível a presença de interstícios vazios – pode ter sido levada a cabo pela percolação contínua de água e outras agentes através dos espaços entre pedras e terras soltas e 4) a mediana preservação de cor presente na A24 parece estar relacionada com a continuidade da ocupação e a protecção deste estratos por outros que lhe sobrepõem.

b7) Não parece existir uma relação entre a preservação das arestas dos fragmentos e o grau de mistura dos contextos. Os contextos com maior grau de mistura não são aqueles que apresentam maior quantidade de arestas roladas e os contextos com menor grau de mistura não são aqueles que

apresentam maior quantidade de arestas vivas. No geral, as arestas dos fragmentos parecem encontrar-se relativamente bem preservadas, à excepção da camada 1/2 e da A23. Na camada 1/2 encontramos também uma forte corrosão das superfícies, mas na A23 tal não ocorre. Podemos colocar a hipótese de que as arestas corroem mais rápido do que as superfícies e que a presença de arestas roladas é quase sempre superior à percentagem de fragmentos com superfícies corroídas. Veremos que, à excepção do Lx. 68 (na fase III-1), todos os contextos na PIL seguem esta premissa. Os contextos com maior quantidade de arestas vivas são a A23 e a A7. É de notar que na fase II os contextos apresentam presenças muito altas tanto de arestas vivas como de arestas roladas. As arestas boleadas apresentam percentagens reduzidas que se encontram compreendidas entre 9 e 25 % do total. Cremos que estas características podem revelar contextos ambivalentes, quer dizer, contextos com fragmentos cerâmicos muito bem conservados (fruto da ocupação) e muito mal conservados (fruto de uma manipulação de fragmentos calcolíticos).

Podemos concluir que contextos com as mesmas características de grau de mistura possuem diferentes características na conservação dos fragmentos sendo que não é clara uma relação de influência entre o grau de mistura e os resultados obtidos para a conservação do estrato. Cremos que o grau de mistura pode de facto influenciar a visão do estado de conservação dos fragmentos / estrato no entanto os processos erosivos parecem possuir uma influencia mais forte de que qualquer grau na mistura dos fragmentos.

c) Quase todos os contextos integrados na fase II possuem uma fragmentação considerada média / boa, pois em quase todos os contextos (à excepção do Lx. 109) mais de 30 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3. Em comparação com os dados obtidos para a ocupação da Idade do Ferro, podemos observar que a fragmentação da Idade do Bronze é bastante mais baixa do que a da ocupação seguinte. *É possível que estes dados reflectam um hiato na ocupação, uma paragem momentânea e de curta duração que permitiu uma melhor conservação do tamanho dos fragmentos.* É de notar que o Lx. 109 e a A24 são os contextos onde a fragmentação é mais evidente sendo que estes contextos são aqueles que possuem mais ligação com uma continuidade da ocupação em termos espaciais.

Deste modo, podemos relacionar a fragmentação do Lx. 109 e A24 com uma continuidade de ocupação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro e a pouca fragmentação dos restantes contextos com uma preservação algo “anormal” que ocorre, possivelmente, associada a um hiato ocupacional.

d) Na fase II, as pastas predominantes na totalidade dos fragmentos são a X, III e I, nos recipientes a I, III e X, sendo que as pastas IV, IX, XI e XII são tidas como residuais (ver página 179 do volume 2). Deste modo a base de confiança do conjunto cerâmico para a fase II são as pastas I, III e X. Podemos concluir que esta fase possui uma maioria de pastas de tradição Pré-Histórica. Comparando a ocupação da Idade do Bronze com a ocupação da Idade do Ferro, onde as pastas típicas da Idade do Ferro – II, VI e VIII – possuem uma maior relevância nos contextos, podemos observar que não existem diferenças significativas entre o estado de conservação dos contextos da fase II e aqueles da fase III. Deste modo, podemos concluir que não existe uma relação positiva entre os tipos de pastas presentes em determinado contexto e as características que aquele apresenta no estado de conservação dos fragmentos. Quer dizer que, a qualidade das pastas não interfere nos resultados gerais obtidos para a degradação dos contextos.

Cremos que o processo erosivo possui maior visibilidade e produz mais efeitos do que aqueles relacionados com a qualidade das pastas. É de notar que na fase II, apenas um contexto – A24 – possui fragmentos da pasta VI e que a pasta VIII ocorre de 0 a 7,39 %, possuindo uma muito baixa representatividade. A A24 é o único contexto com recipientes de pastas VI e VIII, sendo que relacionamos esta presença com a ocupação da Idade do Ferro.

Podemos, então, concluir que *não há uma relação directa entre as características do contexto ao nível das pastas e sua distribuição e o estado de conservação dos fragmentos.*

e) No período compreendido entre 900/800 e 550/500 AC, o conjunto cerâmico revela uma conservação dos fragmentos que podemos considerar de grau médio. Em média, 42 % dos fragmentos possuem arestas roladas, facto apenas igualado nos fragmentos presentes no solo humoso e na última ocupação da Idade do Ferro. No entanto, o valor médio de fragmentos de superfícies corroídas e de pequeno tamanho é genericamente inferior aos contextos da ocupação da Idade do Ferro. Deste modo, os fragmentos cerâmicos integrados na fase II revelam uma conservação genericamente superior àquela presente na ocupação da Idade do Ferro.

A análise individual dos contextos revelou que o comportamento de conservação das pastas é diferenciado, sendo que: 1) a A7 não permitiu conclusões; 2) as pastas pior conservadas na camada 1/2, A23 e A8 são a pasta X e I e 3) as pastas melhor conservadas na camada 1/2, A23 e A8 são a III, VII e VIII.

Cremos que o mau estado de conservação da pasta X está relacionado com a destruição da ocupação calcolítica – e com algum revolvimento mecânico dos estratos calcolíticos – através das construções habitacionais da Idade do Bronze. As arestas vivas e boa dimensão de fragmentos de

pastas VI e VIII pode ser sinal da intrusão – mais tardia – destes fragmentos através da ocupação da Idade do Ferro (onde estas pastas se encontravam mais presentes). A conservação oscilante (boa e má) das pastas III e VII pode indicar usos diferenciados bem como tempos de deposição diferentes em cada contexto analisado. Quer dizer que *o momento e o modo como decorre o depósito dos fragmentos pode influenciar o estado de conservação dos mesmos.*

f) Na fase II os fragmentos de maiores dimensões não são aqueles que apresentam melhor conservação das arestas, à excepção dos fragmentos de pasta VII. Os fragmentos que apresentam menores dimensões (de pastas I, III e VIII) apresentam arestas muito vivas. Podemos lançar a hipótese de que alguns fragmentos cerâmicos – de determinadas pastas – permanecem no depósito mais tempo do que outros pois já integravam esses depósitos (por exemplo fragmentos cerâmicos provenientes de estratos calcolíticos). Os fragmentos que revelam maior quantidade de arestas vivas podem indicar modernidade das cerâmicas, apontando para uma inclusão mais tardia no depósito arqueológico. Estes mesmos fragmentos podem, igualmente, indicar uma maior fragilidade da pasta, indicando que esta quebrará com maior facilidade.

Para mostrarmos a falta de relação entre corrosão das superfícies, dimensão dos fragmentos e descoloração podemos revelar o seguinte: 1) o Lx. 109 é o contexto com maior fragmentação mas aquele com menor quantidade de superfícies corroídas e com melhor preservação da cor; 2) a A7 e a A24 possuem as mesmas características de dimensão dos fragmentos e coloração no entanto discordam na quantidade de fragmentos de superfícies corroídas; 3) a A23 é o contexto com fragmentos mais descolorados no entanto não é aquele com maior quantidade de superfícies corroídas nem aquele com maior fragmentação e 4) a percentagem de arestas vivas e arestas roladas é tão alta em todos os contextos que não permite relacionar a corrosão das arestas com os outros fenómenos de degradação dos fragmentos.

Deste modo, podemos concluir que *os processos que levam à fragmentação sucessiva dos fragmentos cerâmicos não são os mesmos que provocam a corrosão de superfícies e arestas ou descoloração.*

g) Na fase II, *a descoloração forte dos fragmentos ou má preservação da cor parece estar relacionada com o único solo de ocupação identificado – A23.* Todos os outros contextos revelam uma preservação de cor acima dos 30 % sendo que no Lx. 109 chega mesmo aos 53 %. A A7, A24 e Lx. 107 são contextos onde a preservação de cor apesar de se situar acima dos 30 % pode ser considerada baixa pois está abaixo da média ponderada da fase II – 36,5 %. Deste modo, podemos

observar que o único contexto que possui uma boa presença de fragmentos com a cor preservada é o Lx. 109. Assim, concluímos que a descoloração é um resultado de processos erosivos muito presentes nos contextos da fase II e que a descoloração presente na fase II se apresenta semelhante à da fase III-2.

Cremos que a falta de preservação de cor dos fragmentos pode revelar hiatos de ocupação e abandonos temporários dos estratos, algo que parece ter ocorrido na fase III-2 e também na fase II.

h) Em resumo podemos dizer o seguinte.

1) O nível de cascalheira da fase II – A7 – apresenta uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões (acima da média da fase), uma presença elevada de fragmentos com arestas vivas (acima da média da fase), uma presença significativa de arestas roladas (ainda que abaixo da média da fase), o valor mais alto de fragmentos de superfícies corroídas e uma preservação da cor média / baixa (abaixo da média da fase mas acima de 30 %). Cremos que as características físicas destes contextos (o facto de ser uma cascalheira e de ser constituído por pedras e terra solta onde a água circulava de uma forma mais livre) levou a uma degradação intensiva das superfícies dos fragmentos e a alguma degradação das arestas dos mesmos. No entanto, a imobilidade presente neste contexto permitiu a preservação da dimensão dos fragmentos onde encontramos a maior presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 dentro da fase em estudo.

2) O Lx. 109 é o contexto que apresenta os fragmentos melhor preservados nas superfícies, arestas e na cor que apresentam. No entanto, revela o maior índice de fragmentação. Neste contexto apenas 28 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3. Cremos que este contexto sofreu um forte revolvimento mecânico que levou à fragmentação sucessiva das cerâmicas. No entanto, as superfícies e cor dos fragmentos mantiveram relativamente bem as suas características originais. Deste modo, podemos concluir que as cerâmicas ao nível da cor, das superfícies e arestas presentes neste contexto foram protegidas pelos estratos das ocupações que lhe seguiram e que terão sido destruídas no seu tamanho por agentes humanos – acções de calcamento.

3) A A23 e A24 revelam características algo semelhantes. Nestes contextos encontramos uma boa dimensão dos fragmentos, uma má preservação da cor – mais evidente na A23 – e uma preservação média / má das superfícies – uma preservação pior na A24. Cremos que a má preservação da cor na A23 está relacionada com um hiato ocupacional sendo que esse abandono temporário levou a uma degradação excessiva da cor dos fragmentos. Mais, a má preservação das superfícies na A24 pode revelar um rolamento dos fragmentos, uma exposição a agentes erosivos

naturais – como a água – durante algum tempo. É possível que a A24 revele também um hiato ocupacional – algumas zonas teriam sido abandonadas entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. No entanto, a descoloração dos fragmentos ainda é bastante superior àquela da A23. Cremos que a descoloração é um factor indicador dos hiatos ocupacionais temporários.

6.3.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

No período compreendido de 900/800 e 550/500 AC, na área norte (Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte) foram estudados 7 contextos (complexos ou associações). Os contextos encontram-se da seguinte forma: *i)* as A70 e A71 correspondem a associações de vários complexos sendo que correspondem ao interface entre a fase I e a II; *ii)* as A70 e A71 localizam-se na Plataforma sobre o Talude Exterior Norte; *iii)* A A70 integra os Lxs. 20 e 20.1 e a A71 os Lxs. 28 e 28.1; *iv)* as A55 e A66 correspondem a associações de vários contextos (complexos) de ocupação da fase II; *v)* as A55 e A66 localizam-se na Plataforma Inferior Norte e *vi)* a A55 integra os Lxs. 89 e 94 e a A66 integra os Lxs. 58, 98, 99 e 58.1. Foram estudados isoladamente os Lxs. 98, 99 e 58. Apesar de integrados na A66. A descrição estratigráfica pormenorizada encontra-se no capítulo 5 deste volume.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.2.2.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) Número de contextos analisados: Cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas viáveis estatisticamente. No conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros são poucas as fases e zonas que apresentam menos de 6 contextos integrados. Contudo podemos colocar algumas questões sobre as características de cada fase analisada. A fase II, na área norte, é representada por 7 contextos sendo este considerado um número estatisticamente seguro. No entanto devemos dizer que 3 dos contextos apresentam um número de fragmentos reduzido – inferior a 100 elementos – sendo estes a A55 e Lxs. 98 e 99. Um dos contextos contabilizado – A66 – integra os três complexos analisados individualmente – Lxs. 98, 99 e 58 – e o Lx. 58.1. Deste modo, cremos que a fase II é caracterizada através de um conjunto cerâmico algo frágil nas suas características. A análise e as hipóteses interpretativas lançadas têm em conta as fragilidades inerentes da fase em estudo.

b) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: Em relação à fase II da área norte podemos afirmar que o número de fragmentos por contexto influencia

a observação da conservação dos fragmentos e estratos bem como de outras características caracterizantes a nível sociocultural.

Dos três contextos que possuem um número reduzido de fragmentos – A55, Lx. 98 e 99 com 48, 77 e 63 fragmentos – podemos observar que apenas a A55 se revela verdadeiramente discrepante. A A55 revela uma percentagem muito alta de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 sendo que tal pode estar relacionado com o número reduzido de fragmentos. As restantes características podem ser integradas nas características gerais da fase. Cremos que os Lxs. 98 e 99 possuem um número suficiente de fragmentos que possibilita a avaliação estatística já que as percentagens apresentadas em cada factor de avaliação se enquadram nas características gerais da fase.

As características gerais da fase é o conjunto de resultados obtido em todos os contextos e factores de avaliação. Sempre que for necessário para o entendimento das características gerais da fase a avaliação da A55 poderá ser excluída sendo tal devidamente explicado.

c) *Grau de mistura*: A avaliação do grau de mistura de um contexto é realizada através de dois factores (avaliação dos recipientes calcólicos e dos fragmentos potencialmente calcólicos – pastas IV, IX, X e XI) que se conjugam num resultado final.

O Lx. 99 não apresenta recipientes calcólicos sendo o contexto (desta fase) com menos mistura de recipientes calcólicos. Consideramos o Lx. 99 o menos misturado apesar deste contexto apresentar 21 % de fragmentos potencialmente calcólicos.

A A55 é o contexto com maior presença de recipientes calcólicos (80 %) bem como aquele com maior presença de fragmentos calcólicos (63 %). Este contexto é considerado aquele com maior nível de mistura sendo este bastante elevado. Relembramos que a A55 não corresponde a um contexto de interface sendo que o elevado grau de mistura é difícil de explicar através de revolvimentos no decurso da ocupação.

Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: A55 (80 %), A70 (77 %), A71 (68 %), Lx. 98 (50 %), A66 (28 %), Lx. 58 (25 %) e Lx. 99 (0 %). Podemos observar que, à excepção dos Lxs. 99 e 58 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes calcólicos. Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A55 (63 %), A70 (54 %), A71 (36 %), Lx. 99 (21 %), A66, Lx. 58 (14 % cada) e Lx. 98 (6 %).

Podemos concluir que os Lxs. 98, 99 e 58 são aqueles que apresentam menores níveis de mistura sendo que são também a nível estratigráfico os mais seguros. As A70, A71 e a A55 são os

contextos que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações anteriores. Relembramos que os Lxs. Integrados nas A70 e A71 são, originalmente, calcolíticos e por isso consideramos natural a forte integração destes materiais na ocupação da Idade do Bronze.

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: Como já foi referido, a relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcolíticos ocorre com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Esse revolvimento levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a agentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc.).

Os Lxs. 98, 99 e 58 apresentam os menores níveis de mistura sendo que estes contextos são aqueles com menor quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 e com quantidades médias / altas de arestas roladas. Contudo apresentam uma boa preservação das superfícies – com baixas percentagens de superfícies corroídas – e uma boa preservação da cor. Os contextos com os níveis de mistura mais elevados – A70, A71 e A55 – apresentam as maiores quantidades de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 e uma boa / alta preservação de cor. Nestes contextos encontramos uma má preservação das superfícies e das arestas.

Deste modo podemos observar que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com a corrosão das arestas e com a descoloração. *É apenas visível que os contextos com maior nível de mistura são também aqueles que apresentam maior corrosão das superfícies e menor fragmentação do conjunto cerâmico. Assim podemos dizer que na fase II, na área norte, os revolvimentos dos complexos e conseqüente mistura dos conjuntos cerâmicos podem estar relacionados com a quantidade de fragmentos de superfícies corroídas e melhor preservação do tamanho dos fragmentos.*

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos: Os contextos analisados integrados na fase II revelam que as pastas X, III, I, IV e XI constituem o conjunto de pastas maioritárias, seguido das pastas VI e VII. As A70 e A71 são contextos de interface que apresentam conjuntos cerâmicos com um nível de mistura alto. Dessa forma estes contextos não são considerados muito fiáveis na caracterização da ocupação da fase II. Nestes contextos é evidente a importância das pastas X, III, IV e XI.

As A55 e A66 e complexos nelas integradas são os contextos que melhor caracterizam o conjunto cerâmico da fase II integrando 408 fragmentos (cerca de 42 % da totalidade do conjunto estudado). Nestes contextos é evidente a importância das pastas I, III e VII quer na totalidade dos

fragmentos quer nos recipientes mas também das pastas VI e X, nos recipientes e na totalidade dos fragmentos, respectivamente.

Dos contextos acima referidos, o Lx. 58 aparenta ser o mais moderno (pois é aquele que apresenta maior presença de fragmentos de pasta VI) e a A55 é o contexto mais antigo, seguido pelo Lx. 98 e 99 (devido à baixa presença de fragmentos de pasta VI).

Deste modo os contextos dividem-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo é constituído pelas A70, A71 e A55 que revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as duas primeiras pastas dominantes são as mesmas. Deste modo estas 3 associações possuem como pasta predominante a X (23, 29 e 27 %, respectivamente), seguida da III (22, 27 e 21 %, respectivamente). Estas associações discordam na 3ª pasta dominante que na A70 é a IV, na A71 é a VI e na A55 é a XI (22, 15 e 19 %, respectivamente).

O segundo grupo é constituído pela A66 e complexos nela integrados – Lxs. 98, 99 e 58. Este segundo grupo possui a hierarquia I-III-VII – a partir da avaliação da A66.

Os Lxs. 98, 99 e 58 integrados na A66 revelam algumas discrepâncias entre si ainda que no global seja visível a importância das pastas I, III e VII. Dos 3 contextos, o Lx. 99 é o mais discrepante no entanto é também aquele com menor quantidade de fragmentos sendo que a maior quantidade de fragmentos nos Lxs. 98 e 58 tem maior peso estatístico.

Nos Lxs. 98, 99 e 58, a pasta I tem uma importância de 29 a 48 %, a pasta III de 23 a 29 % e a pasta VII de 9 a 16 %. As maiores oscilações de valor encontram-se nas pastas I e VII.

O Lx. 99 apresenta 16 % de fragmentos de pasta X, sendo um valor bastante elevado dentro dos três contextos em análise. Este contexto encontra-se mais próximo das A70, A71 e A55 onde a importância da pasta X é maior (mais evidente estatisticamente).

e1) Relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos: partimos do pressuposto que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos.

Podemos observar que os grupos possuem comportamentos discrepantes entre si no que diz respeito à quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 e à quantidade de fragmentos de superfícies corroídas. Todos os contextos do grupo 1 – A70, A71 e A55 – apresentam uma quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 acima da média da fase – 25,2 % (de 25,6 a 39,6 %) – e todos os contextos do grupo 2 apresentam quantidades inferiores à média da fase – de 15,6 a 22,2 %. Os contextos do grupo 1 apresentam quantidades elevadas de fragmentos com as superfícies corroídas – de 17 a 34 % – e os contextos do grupo 2 apresentam valores mais baixos – de 12 a 14 %. As quantidades de fragmentos preservados na cor, com arestas vivas ou com

arestas roladas é semelhante em ambos os grupos e discrepante em contextos do mesmo grupo. Quer dizer que não observamos uma tendência comportamental relativa à preservação de cor e à corrosão das arestas.

Deste modo podemos observar que a fragmentação excessiva do conjunto cerâmico está relacionada com estratos de ocupação que estão eles mesmos na base de outros solos de ocupação. Quer dizer que uma excessiva fragmentação parece estar relacionada com uma continuidade ocupacional e com as acções erosivas destrutivas decorrentes da ocupação pelas comunidades. A preservação do tamanho dos fragmentos nas A70, A71 e A55 revela que pode ter ocorrido uma breve ocupação seguida de um abandono do local. A forte corrosão das superfícies nas A70, A71 e A55 pode estar relacionada com esse mesmo abandono e com a exposição do conjunto cerâmico à intempérie.

Quase todos os contextos – à excepção da A70 e Lx. 98 – revelam uma boa preservação da cor e quase todos os contextos revelam percentagens elevadas de fragmentos de arestas roladas – à excepção da A71 e Lx. 58. Nestes factores de avaliação não existe uma concordância entre os grupos constituídos pela distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos.

Tendo em conta o estudo realizado à totalidade do conjunto cerâmico cremos que as características apresentadas não se relacionam com a distribuição de pastas ou com o grau de mistura (sendo que estes dois parâmetros encontram-se aqui concordantes). Apesar de darmos conta de tendências concordantes cremos que as características de conservação apresentadas estão relacionadas com as características estratigráficas dos contextos. Quer dizer que cremos que ocorre uma coincidência de resultados que não significa que exista uma relação clara entre a distribuição das pastas e o estado de conservação dos fragmentos.

f) Conservação das pastas: Nos contextos analisados integrados na fase II, na área norte, as pastas X e VI encontram-se bem preservadas, as pastas V, IX e XI encontram-se muito mal preservadas, as pastas I, III, IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas e as pastas VIII e XII não possibilitam uma avaliação segura devido ao número insuficiente de fragmentos. Consideramos as pastas V, IX e XI as piores conservadas de todas.

Podemos analisar pormenorizadamente o comportamento das pastas em cada contexto analisado. Desse modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas X e VI são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta X possui em 4 dos 6 contextos onde

ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e em todos os contextos uma boa presença de fragmentos de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3. A pasta VI possui, em 3 dos 5 contextos onde ocorre, fragmentos com uma boa presença de arestas vivas e boas dimensões.

As pastas V, IX e XI encontram-se muito mal conservadas pois apresentam na maioria dos contextos onde ocorrem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

A pasta VII encontra-se muito quebrada pois possui uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões (em 6 dos 7 contextos analisados) sendo que a conservação das arestas é variável (nuns contextos encontra-se uma maioria de arestas vivas e noutros de arestas roladas).

As pastas I, III e IV encontram-se, genericamente, mal conservadas ainda que se encontrem conjuntos de fragmentos destas pastas bem preservados, em determinados contextos. Todas estas pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas sendo que: 1) na pasta I, em 6 dos 7 contextos encontramos arestas roladas e em 4 dos 7 contextos dimensões pequenas; 2) na pasta III, em 5 dos 7 contextos encontramos arestas roladas e em 3 dos 7 contextos encontramos dimensões pequenas e 3) na pasta IV, em 4 dos 6 contextos encontramos arestas roladas e todos os contextos dimensões pequenas.

Na fase I era visível a falta de preservação das pastas relacionadas com a ocupação calcolítica – pastas IX, X e XI. No entanto na fase II a pasta X encontra-se bem conservada equivalendo à preservação da pasta VI. As restantes pastas encontram-se genericamente, mal conservadas sendo que as pastas IX e XI encontram-se muito mal conservadas. Cremos que a boa conservação da pasta X se relaciona com a utilização desta pasta durante a Idade do Bronze. As pastas VIII e XII foram inconclusivas devido ao número reduzido de fragmentos sendo que cremos que tal facto pode revelar uma utilização muito esporádica ou nula durante a ocupação da Idade do Bronze.

Cremos que os dados revelam que a conservação diferenciada de cada pasta por contexto – descrita acima em pormenor – indica que a preservação dos fragmentos não está directamente relacionada com a qualidade inerente à pasta. Cremos que a conservação das pastas pode estar relacionada com o uso dado a cada pasta / recipiente e com o momento de integração dos fragmentos nos contextos. Deste modo, é evidente uma forte degradação dos contextos conotados com a ocupação da Idade do Bronze.

g) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies, corrosão das arestas e descoloração dos fragmentos. Os contextos da fase II da área norte não apresentam uma coincidência de resultados nos vários factores de avaliação. Ou seja, a avaliação (por exemplo) das quantidades de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 revelam que a A55 é o contexto com maior quantidade, seguido da A70, A71 e

Lx. 99. Tal hierarquia não ocorre em mais nenhum factor de avaliação. Deste modo a A55 não é o contexto com menor quantidade de fragmentos de superfícies corroídas, nem os contextos com menor descoloração, nem aquele com menor quantidade de fragmentos de arestas roladas.

Deste modo, não observamos uma relação proporcional entre uns factores e os outros.

h) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não é o mesmo que conduz a corrosão das arestas, descoloração e, como já foi referido, fragmentação. Noutras zonas e fases é possível observar uma relação entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas. No entanto, nos contextos da fase II da área norte, tal não é possível observar.

O contexto com maior quantidade de superfícies corroídas é a A70, seguida da A71, A55 e Lx. 58. Como já sabemos esta não é a hierarquia dos contextos com menor quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3, pois as A70, A71 e A55 possuem quantidades elevadas dos mesmos. A A70 é o único contexto (dos 4 referidos) que possui uma baixa preservação de cor – coincidente com a alta quantidade de fragmentos com superfícies corroídas – sendo que os restantes possuem uma boa preservação de cor.

A A71 e o Lx. 58 revelam baixas quantidades de arestas roladas contrariando a hipótese que entende que os processos erosivos das superfícies e arestas possam ser os mesmos. Podemos observar que na fase II os contextos possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas sendo que os contextos minoritários, com 26 e 37 % de fragmentos com arestas roladas, coincidem com a A71 e Lx. 58, respectivamente. Deste modo, não é possível intuir qualquer relação entre os dois factores avaliados.

Podemos também observar que a maioria dos contextos possui uma boa preservação de cor sendo que os contextos mais degradados, com 31 e 36 % de fragmentos de cores concordantes, coincidem com a A70 e o Lx. 98. O Lx. 98 possui a menor quantidade de fragmentos com superfícies corroídas.

Deste modo, podemos concluir que não existe uma relação proporcional e clara entre os vários factores de análise.

i) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece ser o mesmo que origina a quebra dos fragmentos, a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas.

Com base na avaliação da preservação de cor dos fragmentos e variabilidade das conjugações podemos observar o seguinte:

Os contextos com um número de fragmentos inferior a 100 – Lx. 98, A55 e Lx. 99 – apresentam uma percentagem alta de preservação de cor e uma percentagem baixa de variedade de conjugações. Cremos que a baixa variedade de conjugações de cor pode estar relacionada com o número reduzido de fragmentos. De qualquer modo, com os dados obtidos, o Lx. 99 é o mais bem preservado.

Os contextos com maior número de fragmentos (de 165 a 399) – A70, Lx. 58, A66 e A71 – apresentam percentagens mais elevadas de variedade de conjugações de cor mas, sensivelmente, as mesmas percentagens de preservação de cor. É visível uma influência do número de fragmentos na quantidade de conjugações de cor com uma representatividade inferior a 3 % no entanto tal não é observado na quantidade de fragmentos de cores concordantes. Tendo em conta apenas os 4 contextos citados podemos dizer que a A70 é o contexto melhor preservado, seguido do Lx. 58, A71 e, por último, A66.

Com base numa avaliação ponderada concluímos que os contextos se ordenam da seguinte forma do mais bem preservado para o pior preservado: Lx. 99, A55, A66, Lx. 58, A71, Lx. 98 e A70.

É visível que a maioria dos contextos possui uma boa preservação de cor e uma boa preservação das superfícies. No entanto a maioria dos contextos possui, também, fragmentos de arestas roladas e um valor baixo de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3. Deste modo, as quantidades de uns e outros factores coincidem em determinados contextos. Contudo, cremos que tal coincidência não revela uma tendência dos processos erosivos pois a análise pormenorizada não indica uma relação clara e proporcional.

j) Os contextos e seu estado de conservação.

O contexto pior preservado é o Lx. 98, com as seguintes características: *i)* não apresenta nenhuma pasta bem conservada (com uma maioria de arestas vivas e fragmentos de grandes dimensões); *ii)* apresenta a percentagem mais baixa de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 indiciando um forte revolvimento mecânico que como sabemos é provocado – na maioria dos casos – em contextos de continuidade ocupacional; *iii)* apresenta uma má preservação de cor; *iv)* apresenta uma baixa quantidade de fragmentos com superfícies corroídas e *v)* a mais alta quantidade de fragmentos com as arestas roladas. As características do Lx. 98 apontam-no como um contexto extremamente degradado – em quase todos os factores de análise – que sofreu tanto uma destruição por agentes humanos como por agentes naturais. Relacionamos a sucessiva fragmentação com a continuidade ocupacional – outra ocupação sucede-se sobre este estrato – e a descoloração com uma

exposição a agentes erosivos ambientais. A degradação das arestas pode estar relacionada com processos químicos que ocorrem no solo e que se estendem por períodos prolongados.

A A70 e o Lx. 99 são também contextos mal preservados mas que apresentam melhor conservação geral do que o Lx. 98. A A70 apresenta a mais alta percentagem de fragmentos de superfícies corroídas, a mais baixa percentagem de fragmentos de cores concordantes, uma alta percentagem de fragmentos com arestas roladas mas uma boa presença de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3. O Lx. 99 apresenta uma boa preservação de cor, de superfícies e de arestas. No entanto apresenta uma fragmentação, do conjunto cerâmico, bastante elevada. O Lx. 99 encontra-se mais bem preservado mas mais fragmentado indiciando o seu carácter ocupacional continuado. A A70 revela uma grande degradação geral com pouca fragmentação indicando exposição aos agentes erosivos atmosféricos. cremos que a A70 corresponde a um solo / depósito ocupacional de curta duração e que votado ao abandono durante algum tempo. Nesse período de tempo ocorreu, maioritariamente, a degradação identificada.

O Lx. 58 e a A71 encontram-se relativamente bem preservados sendo que dos dois a A71 é o pior preservado. Nestes contextos duas ou mais pastas apresentam uma boa conservação. As características da A71 são muito semelhantes às da A70 no entanto é visível uma maior fragmentação do conjunto cerâmico, uma maior preservação da cor, das superfícies e das arestas dos fragmentos. Comparando a A70 e A71 percebemos que os Lxs. 28 e 28.1 coincidem com uma ocupação muito mais prolongada – continua – do que aquela correspondente aos Lxs. 20 e 20.1.

Em suma, a A66 é o contexto mais bem conservado de todos contrapondo-se às A70, A71 e A55. Apesar desta associação ser a soma de conjuntos em que dois dos quatro que a compõem apresentam uma má preservação, é evidente uma melhor preservação geral de contextos em zonas de ocupação continua do que em zonas de descontinuidade ocupacional, isto é, onde sobre a ocupação é identificado o solo humoso ou equivalente.

6.4. Fase III – Idade do Ferro

6.4.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC

6.4.1.1. Plataforma Inferior Leste

No período compreendido de 600/500 a 300/200 AC, na Plataforma Inferior Leste foram estudados 12 contextos (complexos ou associações) – A9, A10, A11, A12, A13, A14, A22, Lxs. 65, 97, 82, 45/87 e 68 – no entanto apenas 7 foram analisados na totalidade dos parâmetros acima referidos (as exceções foram a A11, A12, A14, Lxs. 97 e 82). A escolha desses contextos prendeu-se a vários factores, nomeadamente o número de fragmentos por contexto e a repetição dos mesmos em várias associações.

A interpretação aqui apontada é baseada na análise de pormenor descrita no vol. 2, capítulo 5.3.1.1. Podemos, então, concluir o que expomos de seguida.

a) Os contextos sobrepostos directamente à ocupação calcolítica, em interface – Lx. 65 e 45/87 – ou mais antigos, dentro da cronologia em questão – A9, A10 e Lx. 97 – são aqueles que apresentam maior grau de mistura. Deste modo, há aqui uma relação directa entre a espacialidade e o uso da mesma e a forma como ocorrem os fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Ferro. Quer dizer que no decurso da construção e uso de algumas habitações da Idade do Ferro são perfurados contextos calcolíticos e se integram nos estratos de ocupação da Idade do Ferro, alguns fragmentos calcolíticos.

b) O grau de mistura não parece estar relacionado com o grau de conservação / degradação do estrato e/ou contexto. A A9 e o Lx. 65 apresentam fragmentos cerâmicos, genericamente, bem conservados no entanto a A10 e o Lx. 45/87 apresentam algumas características de contextos degradados. Deste modo concluímos que não há uma relação directa entre o grau de mistura e o estado de conservação do estrato.

c) O número de fragmentos por contexto influencia a observação da conservação do mesmo. Quer dizer que contextos com um número muito reduzido de fragmentos – como os Lx. 97 e 66 – não permitem perceber o grau de conservação do contexto que os contém. A única informação fiável proveniente de um contexto com poucos fragmentos é a de que possui poucos fragmentos.

d) Em relação às pastas, os contextos dividiram-se em dois grandes grupos; um em que a presença de fragmentos de pastas VI e VIII é mais evidente – A10, A12, A14, A22, Lxs. 45/87 e 65 – e outro onde a pasta VI encontra-se praticamente ausente e as pastas III e VIII são mais visíveis –

A9, A11, A13, Lx. 68, 82 e 97. A observação da quantidade de fragmentos por pasta e do estado de conservação dos fragmentos (no geral) não revelou uma relação clara entre a qualidade das pastas e o estado de conservação dos fragmentos. Quer dizer que contextos diferentes nas quantidades de fragmentos por pasta podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos, como é o caso das A9 e A22. No entanto, a presença de pastas que acreditamos serem mais friáveis e predispostas à fragmentação é, relativamente, baixa por contexto. Os fragmentos de pasta VI têm uma representatividade de 1 a 17 % por contexto e os de pasta VIII, de 2 a 29 % sendo que estas presenças podem ser muito baixas para terem um reflexo mais visível no estado de conservação geral dos fragmentos e estratos.

e) No período compreendido entre 600/500 a 300/200 AC, as pastas II, III e VI encontram-se, genericamente, bem preservadas (boa presença de fragmentos de boa dimensão ou de arestas vivas), as pastas I, IV, V, VII, VIII, X e XII encontram-se, genericamente, mal preservadas e as pastas IX e XI são inconclusivas em todos os contextos. As pastas VII, VIII e XII são, também, inconclusivas em alguns contextos, devido ao reduzido número de fragmentos. Deste modo, é possível observar uma, possível, utilização diferenciada das pastas – umas foram mais utilizadas que outras – e uma preservação também diferenciada. Não deixa de ser importante referir que a pasta VI revela uma boa preservação ao contrário do que era esperado e apesar da sua baixa presença percentual. Mantemos, no entanto, a opinião de que as presenças jogam um importante papel na percepção do estado de conservação destes contextos.

f) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies. A A13 possui a maior presença de fragmentos de pequeno tamanho – cerca de 80 % com um tamanho igual ou inferior à categoria de dimensão 2 – e a menor presença de superfícies corroídas (apenas 6 %). Por sua vez, o Lx. 68 possui a presença mais baixa de fragmentos de pequeno tamanho – 43 % de fragmentos com um tamanho igual ou inferior à categoria de dimensão 2 – e a presença mais elevada de superfícies corroídas, cerca de 40 %.

g) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies parece ser o mesmo que leva à corrosão das arestas pois apenas no Lx. 68 a corrosão das superfícies (cerca de 40 %) não é concordante com o rolamento das arestas (9 %). Deste modo os contextos que apresentam uma elevada presença de superfícies corroídas apresentam também fragmentos de arestas roladas e os contextos que apresentam poucos fragmentos de superfícies corroídas apresentam uma presença mais elevada de fragmentos com arestas vivas.

h) *A corrosão de superfícies e arestas pode estar, aqui, relacionada com a morfologia da plataforma e a distribuição dos contextos na mesma. De uma forma genérica, os contextos no topo*

da plataforma possuem fragmentos com menor corrosão nas superfícies e arestas do que aqueles do fundo da plataforma (ao fundo do declive da plataforma). Parece existir uma relação entre a corrosão de superfícies e arestas e o rolamento dos fragmentos pela plataforma ao longo da ocupação. De facto, o declive da plataforma leva a um aumento de fragmentos corroídos em contextos localizados no fundo da mesma – junto à quebra do talude.

i) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece ser o mesmo que origina a quebra dos fragmentos ou corrosão de arestas e superfícies. As A10, A22, Lxs. 65 e 45/87 possuem uma maioria de fragmentos com arestas roladas e uma forte presença de fragmentos com boa preservação de cor. As A10, A22 e Lx. 45/87 possuem uma boa presença de fragmentos de cor preservada e uma presença elevada de superfícies corroídas. A A10 e o Lx. 45/87 possuem uma boa presença de fragmentos de cor preservada e uma fraca presença de fragmentos de boa dimensão.

j) Os contextos com menor presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 são a A13, A10 e Lx. 45/87 (21, 25 e 26 %, respectivamente). Deste modo e tendo em conta que todos são estratos de ocupação, podemos dizer que o mau tamanho dos fragmentos se relaciona com solos de ocupação que devido à sua vivência levaram a uma sucessiva fragmentação das cerâmicas. cremos que a ocupação continuada destes solos de ocupação levou a apresentação destes índices de fragmentação.

l) O bom tamanho dos fragmentos de um dado contexto pode estar relacionado com as intencionalidades subjacentes ao mesmo. Quer dizer que as características de formação / construção e o uso do estrato condicionam a sucessiva fragmentação das cerâmicas. Deste modo, a A9 – associação de contextos artificialmente construídos – e a A22 – associação de solos de ocupação sob a E.D.F. e por ela protegidos fisicamente – revelam uma boa preservação do tamanho dos fragmentos. cremos que o processo erosivo que levou à fragmentação das cerâmicas na PIL é um processo mecânico levado a cabo por agentes humanos. Deste modo, *a fragmentação das cerâmicas está directamente relacionada com a vivência da comunidade na plataforma.*

m) Uma baixa preservação de cor nos fragmentos, como aquela presente na A13 e Lx. 68, parece estar relacionada com variações drásticas na temperatura à qual os fragmentos estão sujeitos, quer no processo pós-deposicional como um todo quer na utilização dos recipientes pela comunidade. No Lx. 68, os fragmentos ou recipientes cerâmicos foram expostos ao calor intenso da lareira e na A13 estiveram expostos ao calor do dia-a-dia devido à proximidade dos estratos com a camada humosa.

n) cremos que a preservação da cor se encontra directamente associada à ausência de agentes erosivos, como o sol ou a atmosfera. Os contextos menos susceptíveis à acção destes agentes

erosivos – A9, A10, A22, Lxs. 65 e 45/87 – são aqueles que apresentam maior quantidade de fragmentos com preservação de cor.

o) O índice de preservação de cor num dado contexto não está directamente relacionado com a variedade de conjugações de cor, presentes no mesmo. A preservação de cor encontra-se entre 11 e 45 %, Lx. 68 e 65, respectivamente, e a variabilidade de conjugações encontra-se entre 9 e 34 %, A13 e Lx. 65, respectivamente. O contexto com maior quantidade de fragmentos com preservação de cor é também aquele com maior variabilidade de conjugações da mesma. *Desta forma cremos que estes dois índices não se conjugam para revelar as características das cores dos fragmentos.*

Podemos concluir que a maioria das características encontradas relativas à conservação dos fragmentos e seus contextos se relacionam directamente com acções que ocorreram após a deposição dos fragmentos nos estratos. Com isto podemos lançar a hipótese que *as características agora visíveis nos fragmentos se relacionam mais com a deposição do que com o uso dos recipientes.*

6.4.1.2. Talude Exterior Leste

No período compreendido de 600/500 a 300/200 AC, no Talude Exterior Leste foram analisados 3 contextos (complexos ou associações) – A43, A47 e Lx. 136. A escolha destes contextos – nomeadamente das associações – encontra-se relacionada com a natureza das próprias associações criadas. Os complexos que compõem a A47 não devem ser analisados separadamente pois pertencem a um mesmo estrato. Os complexos que compõem a A43 integram-se num mesmo nível ocupacional que corresponde a um momento cronológico curto. Os complexos 146, 147, 151 e 151.1 poderiam ser avaliados aos pares – 146 e 147; 151 e 151.1 – no entanto optamos por uma associação mais vasta. Na totalidade da fase III-1 foram ainda integrados os Lxs. 136, 137 e 150 sendo que apenas o Lx. 136 foi analisado. Os Lxs. 137 e 150 correspondem a estratos pouco seguros e por isso não foram avaliados isoladamente. No Talude Exterior Leste foi realizado o somatório de todos os contextos sendo denominado de fase III-1. Este somatório também foi avaliado através dos factores de compreensão do estado de conservação de fragmentos e estratos.

A interpretação aqui apontada é baseada na análise de pormenor descrita no vol. 2, capítulo 5.3.2.1. Podemos, então, concluir o seguinte:

a) As características da fase III-I no Talude Exterior Leste foram reveladas apenas por 3 contextos sendo que a análise destes 3 contextos revelou que o número de contextos estudados é importante para o tipo de interpretações apontadas. Deste modo, as interpretações apontadas são

frágeis pois a comparação entre contextos é muito reduzida devido ao número destes. Tal facto também ocorre nas fases seguintes de ocupação do Talude Exterior Leste.

b) *Grau de mistura*: Os complexos integrados na A43 – Lxs. 146, 147, 151 e 151.1 – e o Lx. 136 encontram-se sobrepostos directamente a estratos da ocupação calcolítica. Estes contextos apresentam uma elevada presença de fragmentos calcolíticos na totalidade do conjunto, 38 e 19 %, na A43 e Lx. 136, respectivamente e uma elevada presença de recipientes calcolíticos na totalidade dos recipientes, 57 e 50 %, na A43 e Lx. 136, respectivamente. A A47 apresenta 19 % de fragmentos calcolíticos na totalidade do conjunto e 25 % de recipientes calcolíticos.

A explicação deste facto foi procurada através de duas interpretações. Numa primeira interpretação colocamos a hipótese de que no decurso da construção e uso das habitações da Idade do Ferro tinham-se perfurado contextos calcolíticos criando, deste modo, uma mistura de fragmentos cerâmicos de ambas as ocupações. Nesta primeira hipótese interpretativa, a presença de fragmentos calcolíticos deve-se a um revolvimento mecânico dos estratos calcolíticos e ocorre uma integração não intencional de fragmentos calcolíticos nos estratos da idade do Ferro. Algumas presenças de fragmentos sem forma e recipientes calcolíticos em contextos da Idade do Ferro apontariam para esta possibilidade. Por exemplo, no talude Exterior Leste as presenças de fragmentos calcolíticos na A47 apontam para esta interpretação, pois a relação entre recipientes e fragmentos sem forma é, relativamente, proporcional.

Uma segunda interpretação tornou-se premente quando observamos em vários contextos – no caso do Talude Exterior Leste na A43 e Lx. 136 – um desfazamento evidente entre a presença de bordos calcolíticos (recipientes) e de fragmentos sem forma. A explicação deste desfazamento foi realizada através de uma hipótese interpretativa onde se aponta as acções humanas como criadoras deste facto (este tema é desenvolvido no capítulo 8.3). Quer dizer que as comunidades da idade do Ferro não se limitaram a perfurar estratos calcolíticos sendo que estas comunidades levaram cabo acções de manipulação de fragmentos onde eram escolhidos alguns. Esses fragmentos escolhidos, sobretudo bordos, eram possivelmente manipulados e por foram reintegrados em contextos da Idade do Ferro, jazendo ao lado de fragmentos cerâmicos também da Idade do Ferro.

Podemos dizer que num estrato calcolítico (como o Lx. 20.12 na área norte), os bordos (calcolíticos e na totalidade pois são os únicos presentes) ocupam 6 % do total do conjunto cerâmico. Quer dizer que se a primeira interpretação seguida fosse a razão da presença de recipientes calcolíticos em contextos da Idade do Ferro, num estrato da Idade do Ferro os recipientes calcolíticos deviam possuir uma presença muito inferior a 6 %, ou à percentagem presente no estrato calcolítico

subjacente. A redução deveria ocorrer porque existe um aumento significativo de fragmentos sem forma e de bordos da Idade do Ferro que modificariam a estatística. Contudo, o que acontece, por exemplo na A43 e Lx. 136, é que 5 e 8 % do total dos fragmentos são bordos calcólicos. Deste modo, dá-se uma subida e não uma redução dos bordos calcólicos – que seria o comportamento esperado –, logo a razão de uma tão forte presença de bordos calcólicos aparenta estar relacionada com acções humanas intencionais de manipulação levadas a cabo pelas comunidades da Idade do Ferro¹⁰.

c) *Grau de mistura / Grau de conservação do estrato*: Um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com uma elevada quantidade de fragmentos de superfícies corroídas, falta de preservação da cor, variabilidade na cor, arestas roladas e menor tamanho dos fragmentos. O contexto com maior presença de fragmentos de grandes dimensões é aquele com maior grau de mistura (A43). O contexto com maior presença de fragmentos de superfícies corroídas é aquele com menor grau de mistura (A47). O contexto com menor preservação de cor é aquele com menor grau de mistura (A47). O contexto com maior variabilidade na cor é aquele com menor grau de mistura (A47). O contexto com maior presença de arestas roladas é aquele com menor grau de mistura (A47).

Podemos concluir que não há uma relação directa entre o grau de mistura e o estado de conservação do estrato. É importante perceber que a ideia de uma hipotética relação entre o grau de mistura e o estado de conservação dos estratos surgiu porque acreditávamos que o grau de mistura era proveniente de uma etapa de criação do estrato arqueológico que estava relacionada unicamente com revolvimentos mecânicos e aleatórios dos contextos calcólicos. A análise dos contextos revela que o grau de mistura surge através de acções humanas intencionais logo uma presença elevada de fragmentos e recipientes calcólicos não coincidirá com um contexto mal preservado.

d) *Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes*: No caso do Talude Exterior Leste, o número de fragmentos por contexto não influencia a observação da conservação dos mesmos. Na fase III-1 dois contextos possuem um número muito aproximado de fragmentos, 753 e 704 fragmentos nas A43 e A47, respectivamente. O Lx. 136 possui apenas 74 fragmentos. As A43 e A47 revelam diferenças nos factores estudados e o Lx. 136 revela semelhanças em alguns factores com as associações integradas nesta fase. Deste modo, cremos que o

¹⁰ O comportamento de manipulação de fragmentos calcólicos por parte das comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro é debatido no capítulo 8.3. deste volume.

número de fragmentos não é aqui um factor condicionante da análise. No entanto, é evidente, na PIL, nesta mesma fase de ocupação, uma dificuldade na avaliação de contextos com poucos fragmentos.

e) *Pastas*. Na fase III-1, no Talude Exterior Leste, as pastas III, I e VI constituem o conjunto de confiança, seguidas das pastas VII, VIII, X e XII. As pastas II, V, IX e XI são representadas unicamente por fragmentos sem forma sendo que são excluídas do conjunto de utilização da fase III-1. Os contextos comportam-se da seguinte forma, em relação à distribuição de pastas: as A43 e A47 são semelhantes entre si (com as pastas III, I e X em maioria na totalidade dos fragmentos), sendo que a A43 é aquela que revela um carácter mais arcaizante pois possui maior quantidade de fragmentos de pastas conotadas com a Pré-História local. O Lx. 136 é discrepante em relação às duas associações integradas na fase III-1, sendo que a hierarquia de pastas nos fragmentos é a VI, III e X.

A avaliação da quantidade de fragmentos por pasta e do estado de conservação dos fragmentos (dimensão dos fragmentos, superfícies corroídas, preservação de cor e arestas roladas) não revelou uma relação clara entre a qualidade das pastas e o estado de conservação dos fragmentos. Quer dizer que contextos semelhantes nas quantidades de fragmentos por pasta podem apresentar características diferentes no estado de conservação dos fragmentos, como é o caso das A43 e A47. As A43 e A47 apresentam uma hierarquia de fragmentos semelhante a par de percentagens semelhantes de fragmentos de pastas VI e VIII. Contudo, apresentam presenças díspares na percentagem de superfícies corroídas, dimensão dos fragmentos, preservação da cor e arestas roladas. Deste modo, são dissemelhantes em todos os factores de análise apesar de serem conjuntos cerâmicos semelhantes na apresentação das pastas. É evidente uma pior conservação dos complexos que integram a A47 em relação àqueles que integram a A43.

Em termos de preservação, o Lx. 136 é semelhante aos complexos que integram a A43 no entanto ambos os contextos diferem enormemente na distribuição dos fragmentos por pasta. Por exemplo, é notório no Lx. 136, uma importância das pastas VI e VIII.

Podemos concluir que na fase III-1, no Talude Exterior leste, o tipo de pastas presentes em cada contexto não influencia o estado de conservação do mesmo.

f) *Conservação das pastas*: No período compreendido entre 600/500 a 300/200 AC, no talude Exterior Leste, as pastas III, VI, VII e XI encontram-se, genericamente, bem preservadas (boa presença de fragmentos de boa dimensão ou de arestas vivas), as pastas I, VIII, X e XII encontram-se, genericamente, mal preservadas e as pastas II, IV, V e IX são inconclusivas em todos os contextos. A pasta I é a que se encontra pior preservada com uma maioria de fragmentos de pequena dimensão e arestas roladas.

É importante referir que a pasta VI revela uma boa preservação ao contrário do que era esperado. A pasta VIII revela uma preservação mediana / má com uma maioria de fragmentos de pequena dimensão mas de arestas vivas, indicando uma quebra, relativamente, recente.

Podemos concluir que a preservação das pastas não está directamente relacionada com a qualidade inerente à pasta, como já tinha sido referido no ponto acima exposto. Cremos que a conservação das pastas pode estar relacionada com o uso dado a cada pasta e com o momento de integração dos fragmentos nos contextos. Do principal conjunto de confiança da fase III-1 (pastas III, I e VI) apenas a pasta I apresenta um mau estado de conservação. No entanto das pastas que se seguem ao conjunto de confiança principal – VII, VIII, X e XII – apenas a pasta VII se encontra bem preservada.

Cremos que a integração dos diversos fragmentos num contexto pode ter sido realizada de forma muito díspar, reflectindo também, um uso diferenciado dos recipientes realizados em diversas pastas.

g) *O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos* parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies, corrosão das arestas e descoloração dos fragmentos. Como exemplo, a A47 e o Lx. 136 possuem a mesma percentagem de fragmentos com uma dimensão superior à categoria de dimensão 3 – 32 % –, no entanto revelam diferenças no comportamento das superfícies, arestas e cor. A A47 possui a percentagem mais alta de superfícies corroídas – 17,9 % – e o Lx. 136 a percentagem mais baixa – 8,1 %. A A47 possui a percentagem mais baixa de preservação de cor – 21 % – e o Lx. 136 a percentagem mais alta – 45 %. A A47 possui a percentagem mais alta de arestas roladas – 43 % – e o Lx. 136, uma percentagem mais baixa – 31 %.

A análise realizada aos contextos integrados na PIL permite-nos afirmar que uma percentagem superior a 30 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria 3 é um valor bastante significativo e revela contextos, relativamente, bem conservados. Desse modo podemos observar que no TEL, na fase III-1, todos os contextos revelam uma boa dimensão dos fragmentos, onde mais de 30 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria 3. É importante observar que os contextos relacionados com a ritualização da plataforma possuem apenas 37,8 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria 3.

Concluimos que os contextos do talude Externo Leste encontram-se mais bem preservados (na dimensão dos fragmentos) em relação àqueles, do mesmo período, da Plataforma Inferior Leste. No entanto a preservação do tamanho dos fragmentos é muito difícil e uma maioria de fragmentos possuiu sempre uma dimensão integrada nas categorias 1 e 2.

h) *O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies* parece ser o mesmo que leva à corrosão das arestas mas diferente daquele que fragmenta as cerâmicas. Este processo de erosão pode também estar relacionado com aquele que descolora os fragmentos. Como exemplo podemos dizer que a A47 possui a percentagem mais alta de superfícies corroídas e de fragmentos com arestas roladas. A A43 e o Lx. 136 possuem percentagens semelhantes de fragmentos com superfícies corroídas e também de arestas roladas, sendo estas mais baixas que as da A47.

Como já foi referido, a A47 é o contexto com maior quantidade de superfícies corroídas mas também o contexto com menor quantidade de fragmentos com a cor preservada. Desse modo é possível existir uma relação entre a corrosão das superfícies e a descoloração das mesmas. A análise empírica revelou, em muitos momentos, fragmentos cerâmicos em que a cor externa (das superfícies interna e externa) era diferente da do cerne possuindo uma tonalidade mais clara. Quer dizer que são muitos os fragmentos em que as cores das superfícies externas e internas possuem a mesma cor do cerne mas numa tonalidade mais clara, revelando uma descoloração dentro do mesmo tom. Cremos que o processo que leva a esta descoloração pode ser o mesmo que resulta na corrosão das superfícies.

i) *História do processo erosivo de superfícies e arestas:* O número reduzido de contextos analisados para a fase III-1 não permite dizer muito sobre as possíveis relações entre os processos erosivos. No Talude Exterior Leste, na fase III-1, o processo de corrosão das arestas, superfícies, cor parece estar relacionado com a antiguidade dos estratos e com a acção do tempo. Tal não parece estar relacionado com a fragmentação do conjunto cerâmico. No Talude Exterior Leste, ao invés do que parece ocorrer na Plataforma Inferior Leste, os processos erosivos parecem ser mais coesos, mais integrados uns nos outros e mais relacionados com o “envelhecimento” dos estratos.

É interessante observar que a fragmentação sucessiva do conjunto cerâmico não se relaciona, unicamente, com o “envelhecimento” dos estratos mas sobretudo com acções antrópicas decorridas nos mesmos – já descritas para alguns contextos da Plataforma Inferior Leste. No talude Exterior Leste, o tamanho dos fragmentos não está relacionado com a cronologia dos estratos porque o contexto mais antigo é semelhante ao contexto mais moderno.

j) *O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies* não parece ser o mesmo que origina a quebra dos fragmentos, como já foi referido. A preservação de cor está relacionada com a antiguidade dos estratos sendo que o contexto mais bem preservado na cor é o Lx. 136, seguido da A43 e por último A47. Os contextos integrados na fase III-1, no Talude Exterior Leste, apresentam

uma concordância entre a preservação e variabilidade da cor. Quer dizer que o contexto mais bem preservado na cor é aquele que apresenta menor variabilidade – Lx. 136 – e o contexto que apresenta pior preservação de cor é aquele que apresenta maior variabilidade da mesma – A47.

Tanto a preservação da cor como a variabilidade nas conjugações de cor parece estar relacionada com a cronologia dos contextos e com o decorrer do tempo. O contexto mais antigo é o mais bem preservado – Lx. 136 – e o contexto mais moderno – A47 – é o pior preservado.

Creemos que o processo erosivo que leva a descoloração da cor dos fragmentos é um processo natural onde os agentes humanos não intervêm.

l) Creemos, tal como parece ocorrer na Plataforma Inferior Leste, que *o bom tamanho dos fragmentos de um dado contexto pode estar relacionado com as acções antrópicas ocorridas no mesmo*. Quer dizer que as evidências analíticas apontam para que as características de formação e o uso do estrato condicionam a sucessiva fragmentação das cerâmicas. Deste modo, o processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos é, essencialmente, humano. É visível, no Talude Exterior Leste, que os estratos que correspondem à ritualização fundacional da plataforma habitacional apresentem um índice de fragmentação muito baixo, indicando que aqueles fragmentos cerâmicos permaneceram protegidos de acções que os pudesse, sucessivamente, fragmentar. Tal não significou que estes fragmentos não estivessem sujeitos aos outros processos erosivos que originam a corrosão de superfícies, arestas e cor. De facto, os estratos da ritualização – A43 – revelam uma má preservação de todos os factores analisados à excepção da dimensão dos fragmentos.

Podemos concluir que: os conjuntos cerâmicos são, originalmente, homogéneos onde, teoricamente, a maioria dos fragmentos deveriam possuir cores concordantes, superfícies e arestas relativamente bem preservadas e uma boa dimensão dos fragmentos. Esta ideia pressupõe que não são realizadas acções (humanas) de deterioração nos fragmentos num momento anterior à sua deposição. No entanto tal é possível ainda que não seja visível no registo arqueológico e nos resultados da análise realizada.

A presença de variabilidade nas cores pode ser o resultado e de vários factores: 1) variabilidade nos recipientes resultante de cozeduras deficitárias; 2) descoloração dos recipientes resultante da utilização dos mesmos e 3) descoloração dos fragmentos através dos processos pós-deposicionais. No talude Exterior Leste, os dados indicam que a descoloração ocorre a par do factor tempo e que o de correr do tempo (processos erosivos naturais) está relacionado, directamente, com a descoloração.

Por exemplo, o Lx. 136 possui 74 fragmentos sendo que 10 fragmentos (14 %) possuem diferentes conjugações de cor e 33 fragmentos (45 %) possuem cores concordantes. Cremos que o baixo número de fragmentos é sempre um sinal de ruptura do contexto e fragilidade (falta de coesão) do conjunto cerâmico sendo que as características do mesmo podem apresentar-se modificadas dum hipotético “estado original”. Apesar de no Talude Exterior Leste, os contextos apresentarem um bom número de fragmentos acreditamos que um contexto com uma quantidade de fragmentos reduzida pode possuir pouca ou muita variabilidade, pouca ou muita coesão, sendo estes factores essencialmente aleatórios e difíceis de avaliar.

Em suma, *os contextos da fase III-1 no TEL revelam uma melhor preservação em relação aos contextos da PIL, uma ligação mais coesa aos processos erosivos naturais e tempo sendo que entendemos a sua degradação como, essencialmente, natural ou relacionada com as condições ambientais / climatéricas.*

6.4.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

No período compreendido de 550/500 a 300/200 AC, na área norte (Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte) foram estudados 9 contextos (complexos ou associações). Os contextos encontram-se da seguinte forma: *i)* os Lxs. 61 e 71 correspondem ao interface entre a fase I e a III-1 e encontram-se na Plataforma do Talude Exterior Norte (PEN); *ii)* os Lxs. 110, 115 e a A56 (Lxs. 70.2 e 106) encontram-se na Plataforma Inferior Norte, a norte do corte realizado pelo estradão (PIN 2) e integram-se na fase III-1 e *iii)* a A33 (Lxs. 82 e 90), A32 (Lxs. 65, 79, 81 e 73.2), A52 (Lxs. 63 e 95) e Lx. 79 encontram-se na Plataforma Inferior Norte, a sul do corte realizado pelo estradão (PIN 2.1) e integram-se na fase III-1. O Lx. 79 é o único contexto integrado numa associação estudado individualmente. Deste modo foram avaliados pormenorizadamente os seguintes contextos: *Lx. 61, 71, 110, 115, 79, A56, A33, A32 e A52.* A descrição estratigráfica pormenorizada encontra-se no capítulo 5.2 deste volume.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.3.3.1. Podemos, então, concluir o que expomos de seguida.

a) Número de contextos analisados: Como já foi referido, cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas viáveis estatisticamente. No conjunto cerâmico da fase III-1, na área norte, é representado por 9 contextos sendo este número é considerado, estatisticamente, seguro.

b) *Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes:* Como já foi referido consideramos que os contextos com um número de fragmentos inferior a cerca de 100 elementos não são, estatisticamente, seguros. Alguns contextos com um número inferior a 100 elementos apresentam alguma homogeneidade que permite a colocação de hipóteses interpretativas viáveis. No entanto esses (poucos) contextos não possuem um número inferior a cerca de 70 elementos.

No conjunto cerâmico correspondente à fase III-1 todos os contextos possuem um número suficiente de fragmentos sendo que o contexto com menor quantidade de fragmentos é representado por 96 elementos e aquele com maior quantidade de fragmentos é representado por 698 elementos. Deste modo, consideramos a fase III-1, na área norte, bem representada quer em relação ao número de contextos (9 contextos), quer em relação ao número de fragmentos por contexto (no total são 1599 fragmentos).

c) *Grau de mistura.* Para relembrar, a avaliação do grau de mistura de um contexto é realizada através de dois factores (avaliação dos recipientes calcólicos e dos fragmentos potencialmente calcólicos – pastas IV, IX, X e XI) que se conjugam num resultado final.

Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: Lx. 71 (62 %), Lx. 61 (54 %), Lx. 110 (40 %), A56 e A52 (25 %), Lx. 115 (17 %), A32 e Lx. 79 (11 %) e A33 (0 %). Podemos observar que, à excepção dos Lxs. 71 e 61 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro. Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: Lx. 71 (48 %), Lx. 61 (34 %), A56 (23 %), A33 (10 %), Lx. 110 (6 %), Lx. 115, A32 e Lx. 79 (4 %) e A52 (2 %).

A A33 não apresenta recipientes calcólicos sendo o contexto, desta fase, com menos mistura de recipientes calcólicos. Este contexto apresenta 10 % de fragmentos potencialmente calcólicos, pois pertencem às pastas IV, IX, X e XI. Outros contextos (A32, Lx. 79 e A52) possuem uma percentagem mais baixa de fragmentos calcólicos na totalidade do conjunto no entanto possuem uma percentagem mais alta de recipientes calcólicos (em relação à A33). A A52 possui a presença mais baixa de fragmentos calcólicos no global, mas apresenta uma presença significativa de recipientes calcólicos e a A33 não apresenta recipientes calcólicos mas apresenta fragmentos sem forma de pastas tipicamente calcólicas. Como estes 4 contextos pertencem à mesma área habitacional – U. Hab. 14, PIN 2.1 – consideramos que a A33 é de facto o contexto com menor grau de mistura geral.

O Lx. 71 é o contexto com maior presença de recipientes calcólicos (62 %) bem como aquele com maior presença de fragmentos calcólicos (48 %). Este contexto é considerado aquele com maior nível de mistura seguido do Lx. 61 onde 54 % dos recipientes são calcólicos e onde 34 % dos fragmentos podem ser calcólicos. Podemos observar que os contextos de interface – Lxs. 71 e 61 – são aqueles que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações anteriores.

Com base na avaliação das percentagens de recipientes e fragmentos sem forma calcólicos consideramos a seguinte ordem de contextos (daquele com menor nível de mistura para aquele com maior nível de mistura: A33; A32 e Lx. 79; Lx. 115; A52; Lx. 110; A56; Lx. 61 e Lx. 71).

Em relação à fase anterior é visível um aumento dos bordos da Idade do Bronze e Ferro, com um decréscimo dos bordos calcólicos e também um decréscimo da presença de fragmentos, tipicamente, de pastas calcólicas. As diferenças percentuais entre as fases II e III-1 são maiores se tivermos em conta as médias. Se por outro lado, tivermos em conta os intervalos de valores, podemos observar diferenças menos evidentes.

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato. Como já foi referido, a relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcólicos ocorre com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Esse revolvimento levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a agentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc.).

A A33, A32, Lx. 79 e 115 apresentam o menor grau de mistura e os Lxs. 71 e 61 apresentam os maiores níveis de mistura. Podemos observar que as A33, A32, Lx. 79 e 71 possuem níveis elevados de fragmentação. São contextos onde mais de 80 % dos fragmentos possuem um tamanho igual ou inferior à categoria 2. Como podemos ver três dos contextos são pouco misturados (A33, A32 e Lx. 79) e apenas um se encontra muito misturado (Lx. 71).

A A33, A32, Lx. 79, A52, Lx. 61 e 71 apresentam as percentagens mais baixas de fragmentos de superfícies corroídas sendo que neste grupo estão presentes os contextos com os menores níveis de mistura e os maiores níveis de mistura.

A A33, A32, Lx. 79, A52, Lx. 61 e 71 apresentam as percentagens mais baixas de fragmentos de cores concordantes sendo que neste grupo estão presentes os contextos com os menores níveis de mistura e os maiores níveis de mistura.

A A33, A32, Lx. 79, A52 e Lx. 61 apresentam as percentagens mais baixas de fragmentos com arestas roladas sendo que neste grupo estão presentes os contextos com os menores níveis de mistura e um dos maiores níveis de mistura. Um dos contextos com menor nível de mistura – Lx.

115 – possui a mesma percentagem de arestas roladas (58 %) que o contexto com maior nível de mistura – Lx. 71.

Deste modo podemos observar que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com nenhum tipo de degradação dos fragmentos – corrosão das arestas e superfícies, descoloração e fragmentação. É apenas visível uma certa coesão comportamental entre os contextos localizados na PIN 2 e na PIN 2.1. sendo que aqueles localizados na PIN 2.1 são os contextos com menores níveis de mistura.

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos. Os contextos analisados integrados na fase III-1 e de uma forma global revelam a importância percentual das pastas I, III, VII, VIII e VI onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII, próprias da ocupação da Idade do Ferro e o abandono de pastas tipicamente calcolíticas, IV e X.

Os contextos podem ser divididos em dois grandes grupos. Um primeiro grupo diz respeito aos contextos onde as pastas I, III, VII são mais evidentes e onde as pastas VI e VIII se encontram ausentes ou se encontram numa quantidade muito reduzida. Deste modo, compõem o grupo 1 os seguintes contextos: Lxs. 110, 115, A56 e Lx. 71. Um segundo grupo diz respeito aos contextos onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII ainda que nem sempre da mesma forma ou com a mesma presença. O grupo 2 é composto pelos seguintes contextos: Lx. 61, A33, A32, Lx. 79 e A52. Dentro deste grupo existem as seguintes discrepâncias: *i)* a presença de uma ou outra pasta varia mas é sempre evidente a sua utilização; *ii)* a A52 é o contexto com maior presença de pasta VIII, destacando-se dos restantes e *iii)* o Lx. 61 deveria estar integrado num grupo 1 pois cremos que a presença de fragmentos de pasta VI se deve à mistura com contextos da Idade do Ferro.

Podemos observar uma diferença comportamental entre os contextos integrados na PIN 2 (Lxs. 110, 115, 71 e A56) e aqueles integrados na PIN 2.1 (A33, A32, Lx. 79 e A52). O Lx. 61 é o mais discrepante de todos.

Comparativamente aos contextos estudados das fases I e II é possível observar o seguinte.

e1) Entre a fase III-1 e as anteriores ocorre uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, sendo que apenas, nos Lxs. 61 e 71 – interface com a fase I – esta pasta apresenta uma presença semelhante àquela encontrada nas fases anteriores.

e2) As pastas IV e IX – de grande importância na fase I – encontram-se pouco visíveis na fase II e III-1.

e3) As pastas I e III possuem um comportamento semelhante nos contextos da fase II e III-1 sendo que são mais relevantes do que na fase I. Há assim um aumento desta pasta em contextos da

Idade do Bronze e da Idade do Ferro indicando uma menor importância na ocupação Calcolítica. Esta conclusão é importante pois no estudo empírico concluímos – intuitivamente – uma importância das pastas I e III na ocupação calcolítica.

e4) Presença de uma hierarquia semelhante em contextos da fase II e fase III-1 que é a I/III/VII e diferente daquela presente nos contextos estudados da fase I.

e5) Maior relevância da pasta III na fase III-1 do que na fase II, quer dizer um maior número de contextos possui percentagens mais elevadas desta pasta na fase III-1.

e6) Os contextos da fase III-1 revelam maior homogeneidade do que os contextos da fase II e estes maior homogeneidade do que os da fase I, quer dizer que os conjuntos cerâmicos vão sendo cada vez mais próximos entre si no que diz respeito à distribuição percentual das pastas.

f) *Relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos.* Como já foi referido, partimos do pressuposto que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos.

Podemos observar que os grupos possuem comportamentos discrepantes entre si no que diz respeito ao tamanho dos fragmentos, corrosão das superfícies e arestas e preservação da cor.

Quase todos os contextos do grupo 1 – Lxs. 110, 115 e A56 –, à exceção do Lx. 71, apresentam uma quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 acima da média da fase – 23,3 % – e quase todos os contextos do grupo 2, à exceção do Lx. 61, apresentam quantidades inferiores à média da fase.

Quase todos os contextos do grupo 1, à exceção do Lx. 71, apresentam quantidades elevadas de fragmentos com as superfícies corroídas – de 17 a 30 % e acima da média 13,1 % – e todos contextos do grupo 2 apresentam valores abaixo da média – de 4 a 11 %.

Quase todos os contextos do grupo 1, à exceção do Lx. 71, apresentam quantidades elevadas de fragmentos com as cores concordantes – de 44 a 62 % e acima da média 41 % – e todos contextos do grupo 2 apresentam valores abaixo da média – de 31 a 40 %.

Todos os contextos do grupo 1 apresentam quantidades elevadas de fragmentos com arestas roladas – de 52 a 58 % e acima da média 44,1 % – e todos contextos do grupo 2 apresentam valores abaixo da média – de 28 a 42 %.

Deste modo, podemos observar uma concordância quase total entre os grupos criados a partir da distribuição dos fragmentos e o estado de conservação dos mesmos. A primeira e mais fácil conclusão relaciona a distribuição de pastas com o estado de conservação dos fragmentos. No entanto os estudos já realizados em diversos contextos e fases do conjunto cerâmico do Crasto de

Palheiros revelam que tal conclusão pode ser precipitada. De facto, foi concluído inúmeras vezes que a fragmentação excessiva do conjunto cerâmico está relacionada com estratos de ocupação que estão eles mesmos na base de outros solos de ocupação. Quer dizer que a excessiva fragmentação parece estar relacionada com uma continuidade ocupacional e com as acções erosivas levadas a cabo pelas comunidades. Se tivermos em conta esta premissa vemos que todos os contextos da fase III-1 se encontram em continuidade e que nem todos possuem o mesmo comportamento. É visível, no entanto, uma baixa percentagem geral dos fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 sendo que a média da fase corresponde a 23,3 % – a mais baixa até agora identificada na área norte.

A preservação da cor e das superfícies foi relacionada – noutros contextos e fases – com a exposição a agentes atmosféricos sendo que tal exposição pode ocorrer temporariamente quando um contexto é abandonado por um período indeterminado de tempo. Podemos observar que os contextos localizados na PIN 2 – Lxs. 110, 115 e A56 – são aqueles que apresentam melhor preservação de cor e melhor preservação dos tratamentos das superfícies.

Tendo em conta o estudo realizado à totalidade do conjunto cerâmico cremos que as características apresentadas não se relacionam com a distribuição de pastas ou com o grau de mistura (sendo que estes dois parâmetros encontram-se aqui genericamente concordantes). Podemos observar uma concordância geral no entanto cremos que as características de conservação apresentadas estão relacionadas com as características estratigráficas dos contextos e mais concretamente com a localização dos mesmos. Assim cremos que os contextos da PIN 2 estiveram sujeitos a determinadas acções erosivas diferentes das acções a que estiveram sujeitos os contextos da PIN 2.1. os contextos da PIN 2.1. revelam que esta zona sofreu acções erosivas mais intensas e que indicam um abandono destes estratos. Tal encontra-se concordante com a interpretação estratigráfica realizada.

Por último, frisamos que *apesar da coincidência de resultados tal não significa que exista uma relação clara entre a distribuição das pastas e o estado de conservação dos fragmentos.*

g) Conservação das pastas. Nos contextos analisados integrados na fase III-1, na área norte, as pastas VI e VIII encontram-se bem preservadas, as pastas III e X apresentam uma conservação mediana, as pastas I, II e XII encontram-se muito mal preservadas, as pastas IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas e as pastas IX e XI não possibilitam uma avaliação segura devido ao número insuficiente de fragmentos.

A análise do estado de conservação das pastas ou tendência de conservação das pastas teve em conta o comportamento destas em cada contexto analisado. Deste modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas I, II e XII encontram-se muito mal conservadas pois apresentam em todos os contextos onde ocorrem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Consideramos estas pastas as piores conservadas de todas.

As pastas IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas. A pasta IV apresenta, em 6 dos 8 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VII apresenta em 6 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas e em 1 contexto um boa conservação (no Lx. 115).

As pastas III e X apresentam uma conservação mediana, onde na maioria dos contextos ocorrem fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta III apresenta uma má conservação no Lx. 61 (arestas roladas e pequenas dimensões) e nos restantes contextos uma conservação mediana (arestas roladas e grandes dimensões).

As pastas VI e VIII são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta VI possui uma boa preservação em 5 contextos (arestas vivas e grandes dimensões), uma má preservação num contexto (arestas roladas e pequenas dimensões) e uma conservação mediana, também em um contexto (arestas roladas e grandes dimensões). A pasta VIII uma boa conservação em 2 contextos, uma preservação mediana, também em 2 contextos e, por último, uma má preservação, também em 2 contextos.

É visível, na área norte, uma melhor conservação das pastas na fase III-1 em relação às fases anteriores. Deste modo podemos intuir que a conservação geral de uma pasta não depende só das suas características de conservação mas sobretudo das condições erosivas presentes nos estratos. Só assim podemos compreender as oscilações na conservação de uma mesma pasta em diversas fases de ocupação. Na fase II as pastas VI e X encontravam-se genericamente bem conservados ao invés de todas as restantes. Na fase III-1 as pastas III e VIII encontram-se também bem conservadas.

A má conservação das pastas I, II, IV e VII pode estar relacionada com as características físicas e químicas destas pastas cerâmicas.

h) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies e corrosão das arestas. No entanto os contextos com valores mais altos de fragmentação são também aqueles que apresentam uma descoloração mais alta. Deste modo,

os contextos da fase III-1 da área norte não apresentam uma coincidência de resultados na maioria dos factores de avaliação, à excepção da cor.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não é o mesmo que conduz à fragmentação (como já foi referido no ponto h) e à descoloração. No entanto os contextos com percentagens altas de fragmentos com superfícies corroídas são também aqueles com maior quantidade de fragmentos de arestas roladas. Na fase III-1, na área norte, é possível observar uma relação entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas, que já tinha sido observada noutros contextos de outras fases e zonas.

j) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece ser o mesmo que origina a corrosão das superfícies e a arestas mas pode ser o mesmo que origina a quebra dos fragmentos, tal como já tinha sido referido.

Com base na avaliação da preservação de cor dos fragmentos e variabilidade das conjugações podemos observar o seguinte:

A ordem dos contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta é a seguinte: Lx. 79 (31 %), Lx. 71 e A32 (32 %), A52 e A33 (36 %), Lx. 61 (40 %), A56 (44 %), Lx. 110 (56 %) e Lx. 115 (62 %). A ordem dos contextos da maior diversidade de cor para a menor é a seguinte: Lx. 79 (34 %), A32 (33 %), Lx. 61 e Lx. 71 (32 %), A33 (29 %), A52 (17 %), A56 (14 %), Lx. 110 (13 %) e Lx. 115 (11 %).

Podemos observar que as hierarquias obtidas na preservação de cor e na variabilidade das conjugações de cor são muito semelhantes (algo que nem sempre ocorre). A excepção são o Lx. 61 e a A52 que se revelam mais discrepantes que os restantes contextos. Deste modo ordenando os contextos do mais bem preservado – ao nível da cor – para o pior preservado temos: Lx. 115, 110, A56, A52, Lx. 61, A33, A32, Lx. 71 e 79. Consideramos que apenas os Lxs. 115, 110 e A56 apresentam uma boa preservação da cor dos fragmentos e que os restantes contextos apresentam uma descoloração mediana / forte.

Creemos que os resultados bastante homogéneos apresentados na avaliação de cor dos fragmentos estão relacionados com a boa quantidade de fragmentos por contexto. Como sabemos a concordância de cores nos fragmentos não é um factor que seja influenciado pelo número de fragmentos contudo a avaliação da variabilidade de cor revela uma forte influencia do número de fragmentos.

Todos os contextos apresentam um número de fragmentos considerável que permite uma boa avaliação da variabilidade de conjugações de cor. Desse modo, consideramos a avaliação de cor dos contextos da fase III-1, da área norte, muito segura.

Com base na avaliação realizada concluímos que os contextos seguros da PIN 2 são os únicos que apresentam uma boa preservação de cor. Cremos que a má conservação dos contextos da PIN 2.1 e dos contextos de interface da PIN 2 (Lx. 61 e 71) está relacionada com as condições de preservação destes contextos. Acreditamos que estes contextos foram abandonados temporariamente e que no caso dos contextos da PIN 2.1 foram mesmo abandonados de forma permanente. O estrato da fase III-2 que se sobrepõem aos estratos da fase III-1 não é um solo de ocupação sendo que é possível que a ocupação da fase III-1 tenha terminado por volta de 300/200 AC.

l) Os contextos e seu estado de conservação.

Os contextos considerados pior preservados são os Lxs. 61, 71, 79, A32 e A33 pois apresentam: *i)* uma maioria de pastas mal conservadas (4 a 5 pastas com uma maioria de fragmentos de arestas roladas e pequenas dimensões); *ii)* algumas pastas medianamente conservadas (1 a 3 pastas com uma maioria de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões); *iii)* algumas pastas bem conservadas (1 a 2 pastas com fragmentos de arestas vivas e boas dimensões; *iv)* ao maiores índices de fragmentação e *v)* as menores percentagens de fragmentos com cores concordantes. No entanto estes contextos apresentam uma boa preservação das superfícies e uma preservação mediana das arestas.

Os Lxs. 110, 115 e A52 são os contextos considerados melhor preservados sendo que apresentam: *i)* 2 pastas encontram-se bem preservadas; *ii)* 1 a 3 pastas encontram-se medianamente conservadas; *iii)* 1 a 2 pastas encontram-se bem preservadas; *iv)* as percentagens mais altas de fragmentos de cores concordantes e *v)* as percentagens mais altas de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3. No entanto estes contextos apresentam uma má preservação das superfícies e arestas que não é concordante com as restantes condições dos fragmentos cerâmicos.

A A56 é um contexto onde as pastas se repartem de igual forma entre uma boa e má conservação. Este contexto apresenta um nível de fragmentação mediano, uma degradação alta das superfícies e arestas e uma boa conservação da cor. Consideramos a A56 um contexto medianamente conservado.

O Lx. 61 se a A52 são os únicos contextos que apresentam uma pasta, caracteristicamente, quebrada com uma maioria de arestas vivas e fragmentos de pequena dimensão. No Lx. 61 é a pasta

XII e na A52 é a pasta VI. Cremos que estes contextos podem ter sofrido algum revolvimento que é mais visível em pastas propensas à quebras, como são as referidas.

Podemos concluir que os contextos da PIN 2.1 encontram-se, genericamente pior preservados do que aqueles da PIN 2. É possível que a fragmentação sucessiva dos fragmentos esteja aqui relacionada com o abandono dos contextos, ao contrário do que parece ocorrer na maioria dos contextos estudados. De facto, em quase todos os contextos, de diversas fases e zonas, a sucessiva fragmentação apreça associada a uma continuidade de ocupação que aqui não ocorre. A descoloração dos fragmentos dos contextos da PIN 2.1 está de acordo com o abandono destes contextos à intempérie. Noutros contextos de outras zonas e fases é comum a associação da descoloração aos agentes erosivos ambientais mais presentes em contextos temporariamente abandonados – ou fora da utilização diária da comunidade.

A boa conservação dos contextos presentes na PIN 2 revela está de acordo com a continuidade ocupacional presente nesta zona habitacional. É de notar que os Lxs. 110, 115 e A56 são considerados os contextos melhor preservados ao nível do tamanho dos fragmentos no entanto a percentagem de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 só chega aos 30,5 %. Consideramos esta percentagem baixa relativamente aos contextos estudados na PIL e TEL, da mesma fase e de outras fases.

Assim, consideramos os contextos da área norte relativamente mais degradados do que aqueles da PIL e TEL. É de notar que a preservação de cor dos fragmentos dos Lxs. 115, 110 e A56 é bastante alta, indicando contextos com uma forte continuidade ocupacional, algo que já tinha sido observado na escavação e na avaliação estratigráfica. Deste modo, a preservação da cor encontra-se intimamente relacionada com a espessura dos estratos e enterramento dos fragmentos.

6.4.2. Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC

6.4.2.1. Plataforma Superior

No período compreendido de 300/200 AC a 80 DC, na Plataforma Superior foi estudado apenas um contexto – A73 – correspondente ao estrato de destruição de uma unidade habitacional – U. Hab. 8. Esse estrato de destruição corresponde ao incêndio ocorrido em todo o sítio por volta de 80 DC. Como só foi estudado um contexto não podemos compara-lo com outros. Desse modo descreveremos de modo sucinto as características de conservação do estrato de incêndio da U. Hab. 8 descrita em pormenor no vol 2, capítulo 5.4.1.1.

Em relação às pastas a A73 possui a hierarquia X/III/I na totalidade dos fragmentos com a representação de 31, 23 e 14 %, respectivamente. A presença das pastas II, VI e VIII está de acordo com a datação deste contexto, reafirmando a sua cronologia. A baixa percentagem destas pastas pode estar relacionada com o estado de conservação do próprio contexto. Este contexto possui um número considerável de pastas aliado a um número relativamente baixo de fragmentos e de recipientes. cremos que a variedade presente revela um contexto degradado que não sabemos se teria estas características aquando da sua formação.

Na A73, 37 % dos recipientes são calcolíticos (sendo que 63 % são da Idade do Ferro) e 34 % dos fragmentos são potencialmente calcolíticos, pois pertencem às pastas IV, IX, X e XI. É evidente uma presença significativa de fragmentos calcolíticos (34 %) aliada a uma presença mais ou menos significativa de recipientes calcolíticos. Não sabemos se a presença de fragmentos calcolíticos se deve a uma mistura aleatória – relacionada com a formação do contexto – ou uma mistura intencional – relacionada com escolhas da comunidade.

A A73 possui uma percentagem muito elevada de fragmentos com superfícies corroídas – 56 % – e com arestas roladas – 64 % – que cremos estar relacionada com a má conservação do contexto. De facto, este contexto revela uma grande deterioração e uma forte exposição aos agentes erosivos pois a U. Hab. foi construída sobre o afloramento e apenas foi coberta pela camada vegetal.

Na A73, 30,8 % dos fragmentos possuem um tamanho igual ou superior à categoria 3 e 38 % dos fragmentos apresentam cores concordantes. Podemos observar um índice mediano quer de fragmentação quer de descoloração. cremos que a conservação mediana de tamanho e cor pode estar relacionada com a ruptura do contexto. Ou seja, a A73 é um contexto incompleto pois grande parte dele foi “levada pelas intempéries talude abaixo” sendo que desse modo as conclusões apresentadas são pouco seguras.

6.4.2.2. Plataforma Inferior Leste

No período compreendido de 300/200 AC a 80 DC, na Plataforma Inferior Leste foram estudados 21 contextos (complexos ou associações) – A1, A2, A3, A4, A5, A6, A17, A18, A15, A19, A20, A21, A25, Lxs. 5, 33, 63, 45, 45a, 80, 43 e 48.4 – no entanto 3 – Lxs. 5, 33 e 63 – não foram analisados na totalidade dos parâmetros acima referidos. Os Lxs. 5, 33 e 63 foram integrados numa associação que tinha em conta todos os fragmentos cerâmicos relacionados com a U. Hab. 4. As restantes Unidades Habitacionais também possuem conjuntos alargados de fragmentos quando tal ocorre. Estes conjuntos mais alargados foram analisados apenas através de alguns parâmetros pois a

análise não se justificava, nomeadamente aquela que diz respeito às presenças de tipos de pastas. No entanto quando os contextos não possuem uma análise total não permitem uma análise mais completa do estado de conservação do estrato. Deste modo, os Lxs. 5, 33 e 63 possuem uma lacuna informativa em relação ao tamanho dos fragmentos mas podem ser comparados com os restantes contextos através de todos os outros parâmetros.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.4.2.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) No período compreendido de 300/200 AC a 80 DC, os contextos identificados já não se sobrepõem, directamente, a estratos relacionados com a ocupação calcolítica no entanto continuam apresentar presenças significativas de fragmentos sem forma e bordos calcolíticos. Curiosamente, os contextos que apresentam maior percentagem de fragmentos calcolíticos (no total) são contextos afastados, em termos estratigráficos – numa relação vertical – com os estratos da ocupação calcolítica. As maiores presenças (em percentagem) de fragmentos calcolíticos (fragmentos sem forma e recipientes) ocorrem no Lx. 5, A5, A20, A3, A4, A1, A21 e A6 (ordenados de forma decrescente) sendo que podem ser relacionadas com o estrato de incêndio de quase todas as Unidades Habitacionais, à excepção da 2, – A1, A3, A4, A5 e A6 –, com o piso compacto da U. Hab. 4 – Lx. 5 – e com a Estrutura de Deposição Funerária – A20 e A21.

Creemos que ocorrem dois tipos de situações que permitem explicar quer a presença de fragmentos sem forma quer a presença de bordos calcolíticos. Em primeiro lugar, há uma presença bastante significativa de recipientes calcolíticos (que pode chegar aos 63 %) em contextos onde a presença de recipientes da Idade do Ferro é muito baixa pois não correspondem solos de ocupação. Esta situação diz respeito aos seguintes contextos: A20, A21 (E.D.F.), A25 (Estrutura Circular) e Lxs. 80 e 48.4. Os Lxs. 40 e 48.4 correspondem a estratos de terras argilosas, de cor amarela que se caracterizam por serem depósitos. Deste modo, há uma interferência “natural” – não relacionada, directamente, com acções da comunidade da Idade do Ferro – que diz respeito à natureza do contexto ao qual se mistura uma presença de recipientes calcolíticos. A possível presença exacerbada de bordos calcolíticos em estratos da ocupação calcolítica, que por sua vez, vai alterar a realidade dos estratos da Idade do Ferro não é, aqui, analisada. Apenas afirmamos que há uma possibilidade de nos estratos calcolíticos existir um desfasamento entre as quantidades de fragmentos sem forma e as quantidades de bordos. Essa quantidade exacerbada de bordos calcolíticos vai interferir de um modo mais visível em contextos da Idade do Ferro que não são, claramente, solos de ocupação sendo que apenas podemos dizer que são depósitos de materiais arqueológicos.

A outra situação que explica a presença significativa quer de fragmentos sem forma quer de bordos calcólicos diz respeito a uma intencionalidade da comunidade da Idade do ferro. Quer dizer, a comunidade da Idade do Ferro manipulou recipientes calcólicos (inteiros ou quebrados, mas muito mais provavelmente quebrados) de uma forma intencional, fazendo com que num estrato da Idade do Ferro, de clara ocupação se possam encontrar 50 a 86 % de recipientes calcólicos (do total). Esta situação diz respeito aos seguintes contextos: A1 A2, A3, A4, A5, Lxs. 5 e 33. As U. Habs. 5, 4 e 3 são as que apresentam maior quantidade de recipientes calcólicos (em relação às U. Habs. 1 e 2). Os. Lxs. 33 e 5 apresentam uma presença muito grande de recipientes calcólicos que faz destacar, ainda mais, a U. Hab. 4. A U. Hab. 4 configura-se como um elemento de destaque em relação a todos os outros presentes, em vários aspectos da cultura material. É interessante ver que, também, neste aspecto a U. Hab. 4 se destaca das restantes.

Podemos concluir que, ao contrário do que ocorre na fase anterior na PIL, não existe uma relação directa entre a espacialidade e a forma como ocorrem os fragmentos calcólicos em contextos da Idade do Ferro. Quer dizer que, a presença de fragmentos calcólicos é muito mais intencional e relacionada com acções humanas do que na fase anterior, ou melhor tais acções na fase anterior estão menos visíveis no registo arqueológico. A invisibilidade de tais acções pode estar relacionada com a degradação do registo e não com uma mudança de atitude. De qualquer modo, é também visível a inserção de um modo “natural” de fragmentos calcólicos em contextos da Idade do Ferro através quer da ocupação continua quer de construções arquitectónicas.

b) A análise dos muitos contextos integrados na fase III-2 na PIL revela que o grau de mistura de determinado contexto influencia os resultados gerais que nos revelam o grau de conservação do estrato no entanto tal nem sempre é perceptível através dos parâmetros utilizados. Na fase anterior, na PIL, não existia uma relação directa entre o grau de mistura e o estado de conservação do estrato porque tal não era visível nos contextos analisados. No entanto na fase III-2, na PIL, os contextos revelam uma realidade, ligeiramente, diferente daquela da fase III-1. É possível observar que muitos dos contextos com uma elevada presença de fragmentos calcólicos (em %) apresentam uma presença significativa de fragmentos de superfícies e arestas corroídas e uma má preservação de cor. Sendo, também, possível observar que contextos com pouca presença de fragmentos calcólicos possuem uma melhor conservação da superfície dos fragmentos. O que queremos dizer é que um contexto com uma elevada presença de fragmentos calcólicos tem maior probabilidade de apresentar uma má conservação dos fragmentos, pois esses fragmentos calcólicos, que muitas das vezes, se apresentam erosionados, são contabilizados em conjunto com os da Idade do Ferro. No

entanto os contextos que possuem presenças medianas ou baixas de fragmentos calcolíticos continuam a apresentar níveis de erosão, muitas das vezes, elevados ou muito elevados porque a natureza do contexto assim o dita. No caso particular da fase III-2 é possível observar que o Lx. 5, A5, A20, A4 e Lx. 48.4 possuem uma forte presença de fragmentos calcolíticos e uma presença significativa de superfícies corroídas sendo que nem sempre encontramos uma fragmentação elevada ou uma má preservação da cor.

Em resumo, cremos que um contexto com um elevado grau de mistura possui uma maior probabilidade de apresentar uma má preservação. No entanto os resultados, no global, não confirmam nem refutam esta hipótese. Em primeiro lugar, não é identificada uma concordância entre os vários parâmetros de análise – o que dificulta a percepção de um contexto, consideravelmente, degradado – e, por sua vez, não há uma concordância entre os vários parâmetros de análise e o grau de mistura. É visível a existência de vários processos erosivos cujas consequências nos fragmentos da Idade do Ferro se interligam com aquelas presentes nos fragmentos calcolíticos e essa interligação provoca um resultado que em termos estatísticos é difícil de discernir. Cremos que a solução de tal problema se prenderá com uma análise detalhada das características dos fragmentos calcolíticos, algo que não foi realizado estatisticamente, neste estudo mas que poderá ser realizado no futuro, com base na análise, prática, já realizada.

c) Tal como foi referido para a fase III-1, na PIL, o número de fragmentos por contexto influencia a observação da conservação dos fragmentos e do estrato. Cremos que a estatística realizada a contextos com um número muito inferior a 100 fragmentos – caso dos Lxs. 63, 48.4, A15 e A20 – deve ser observada com cuidado quando comparada com a estatística de contextos com um número de fragmentos muito superior a 100. É possível observar um certo exacerbar de determinadas características nos contextos onde o número de fragmentos é muito reduzido. Quer dizer, nestes contextos as percentagens presentes em cada parâmetro são sempre muito elevadas ou muito baixas, criando uma falsa realidade em relação aos outros contextos e destacando estes pequenos contextos, dos demais, sem que tal se justifique claramente quando a análise é realizada com mais pormenor. Deste modo a integração destes 4 contextos na estatística geral é realizada mas olhada com algum descrédito.

d) Em relação às pastas, os contextos dividiram-se em cinco grupos – atendendo à totalidade dos fragmentos – e em quatro grupos – atendendo, unicamente, os recipientes – pois as características de cada contexto variam consoante analisamos a totalidade dos fragmentos ou apenas

os recipientes. É visível em relação à fase anterior, na PIL, um aumento do número de fragmentos de pastas VI e VIII por contexto. Na fase III-1, os fragmentos de pasta VI tem uma representatividade de 1 a 17 % por contexto e os de pasta VIII, de 2 a 29 % e na fase III-2 tem uma representatividade de 0 a 34 % e 0 a 42 %, respectivamente. É possível ver um aumento significativo deste tipo de pastas que cremos serem as mais friáveis, no entanto este aumento não se reflecte num aumento de superfícies corroídas – há mesmo uma diminuição em relação à fase III-1 – ou menor preservação da cor – há um aumento da preservação da cor nos fragmentos relativos à fase III-2 e em comparação com a fase III-1. No entanto na fase III-2 é possível observar uma ligeira diminuição do tamanho dos fragmentos e um aumento das arestas roladas. Deste modo, podemos colocar a hipótese de que as pastas VI e VIII possam estar relacionadas com o aumento de fragmentos de pequenas dimensões – as pastas podem ser mais quebradiças – e um aumento das arestas roladas – estas pastas podem gerar maior número de arestas roladas.

Contudo, sabemos que não há uma relação entre a degradação das arestas e a diminuição do tamanho dos fragmentos, consequência directa de uma quebra sucessiva. Deste modo, fragmentos sucessivamente quebrados possuem arestas vivas e não arestas roladas. Cremos que as pastas VI e VIII estão directamente relacionadas com a diminuição dos tamanhos dos fragmentos no entanto estes mesmos fragmentos possuem, na sua maioria, arestas vivas. O aumento das arestas roladas indica um revolvimento geral dos contextos, onde os fragmentos das pastas mais friáveis quebram sucessivamente – VI e VIII – e onde os fragmentos das pastas mais porosas – I, VII, X –, sendo mais resistentes à quebra, rebolam erosionando as arestas. Não deixa de ser interessante assistir uma diminuição drástica das superfícies corroídas – baixando 10 pontos percentuais – da fase III-1 para a III-2. Tendo em conta estes novos dados é possível relacionar a corrosão das superfícies dos fragmentos com a continuidade da ocupação. Quer dizer que contextos expostos a uma continuidade de ocupação apresentam uma maior quantidade de superfícies corroídas, independentemente, dos processos que as originam.

Na fase III-2, confirma-se a ausência de relação entre a quantidade de fragmentos por pasta e o estado de conservação dos fragmentos. Exemplificando, os contextos Lx. 43, A15 e A19 constituem o grupo 6 sendo que a A15 é discordante dos restantes na quantidade de fragmentos iguais ou de tamanho superior à categoria 3. Os contextos A1, A3, A4, A6 e A17 constituem o primeiro grupo sendo que são discordantes na quantidade de fragmentos de superfícies corroídas e na quantidade de fragmentos iguais ou de tamanho superior à categoria 3. Os contextos mais discordantes são a A17, A3 e A1. Podemos então concluir que cada contexto, independentemente do conjunto cerâmico que contem, vai sofrer acções dos processos erosivos que por sua vez vão

modificar as características do conjunto cerâmico. As acções dos processos erosivos tornam difícil a caracterização das características físicas de cada pasta estudada. Era nosso objectivo conseguir perceber as características físicas – de degradação e preservação – de cada pasta no entanto tal não é possível de um modo claro e sólido pois os processos erosivos alteram muito e de formas incompreensíveis os fragmentos cerâmicos.

e) No período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC, as pastas II, III, VI e VIII encontram-se, genericamente, bem preservadas (boa presença de fragmentos de boa dimensão ou de arestas vivas), as pastas I, V, VII, X e XII encontram-se, genericamente, mal preservadas e as pastas IV, IX e XI são inconclusivas em todos os contextos. As pastas II, VI, VII e VIII são, também, inconclusivas em alguns contextos, devido ao reduzido número de fragmentos. Podemos observar que as pastas II, III e VI possuem uma boa preservação tanto na fase III-1 como na fase III-2, na PIL e que as pastas I, V, VII e XII se encontram mal preservadas tanto numa ocupação como na outra.

Duas hipóteses interpretativas podem ser colocadas para explicar esta diferença de preservação entre pastas. A primeira hipótese interpretativa relaciona a permanência das mesmas pastas bem ou mal conservadas em ambas as fases com o uso dado aos recipientes. Quer dizer que é possível um modo de utilização diferenciado dos conjuntos cerâmicos constituídos por recipientes de várias pastas. As pastas dividem-se, genericamente, em dois grupos: aquelas com uma relação com a Pré-história regional – I, III; VII, XII – e aquelas que se constituem como uma inovação da Idade do Ferro – II, VI e VIII. Os recipientes realizados em pastas II, VI e VIII são sempre minoritários em qualquer contexto sendo que a sua presença foi aumentando paulatinamente desde a Idade do Bronze até ao final da Idade do Ferro. No entanto são estas pastas que definem a ruptura com as cerâmicas Pré-históricas. Estas pastas revelam uma melhor conservação apesar de sabermos (por experiência própria) que elas quebram com mais facilidade do que as pastas tradicionais. Querendo isto dizer que os fragmentos destas pastas em iguais circunstâncias de preservação deveriam apresentar uma má conservação face aos fragmentos das pastas I, III, VII e XII sendo que tal não ocorre. Assim é possível que os recipientes de pastas I, III, VII e XII tenham sido paulatinamente abandonados após a sua ruptura e tenham sido repostos por recipientes de pastas II, VI e VIII. À medida que os recipientes tradicionais quebravam, iam sendo abandonados – constituindo lixo nos depósitos – e iam-se degradando consoante as suas características e a própria exposição do contexto aos agentes erosivos. Deste modo, é uma escolha da comunidade que leva às características encontradas nos depósitos.

A segunda hipótese interpretativa relaciona as características encontradas com a qualidade das pastas. Quer dizer que contextos com uma maioria de fragmentos de pastas I, III, VII e X – difíceis de quebrar mas fáceis de esfarelar – possuiriam uma maioria de fragmentos com arestas roladas, independentemente do grau de erosão do contexto. No entanto os dados não são conclusivos pois alguns contextos com uma maioria de fragmentos de arestas vivas – A1, A3, A17 e Lx. 48.4 – e alguns com uma maioria de fragmentos de arestas roladas – A2, A15, A19, A20, A21, A25 e Lx. 43 – possuem presenças significativas de fragmentos pertencentes às pastas I, III, VII e X (acima dos 40 %). Concluímos que contextos com uma elevada presença de fragmentos pertencentes às pastas I, III, VII e X possuem uma tendência para apresentar arestas roladas revelando, por um lado, uma tendência da própria pasta para o esfarelamento e não a quebra e, por outro, para um desfaseamento da realidade erosiva entre umas pastas e outras que não se explica pelo processo erosivo em si, que se crê igual para todas.

f) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies. Esta premissa já tinha sido considerada nos fragmentos da fase III-1 na PIL e podemos ver que funciona da mesma forma nos fragmentos da fase III-2, também na PIL. Na fase III-2 na PIL é possível observar o seguinte: 1) 4 dos 18 contextos analisados possuem uma elevada presença de fragmentos de pequenas dimensões e uma elevada presença de fragmentos com superfícies corroídas; 2) 6 dos 18 contextos possuem uma elevada presença de fragmentos de pequenas dimensões e uma presença diminuída de fragmentos com superfícies corroídas; 3) 5 dos 18 contextos possuem uma elevada presença de fragmentos de grande dimensão e uma elevada presença de fragmentos com superfícies corroída e 4) 3 dos 18 contextos possuem uma elevada presença de fragmentos de grande dimensão e uma presença diminuída de fragmentos com superfícies corroídas. Podemos observar que as relações mais seguras são aquelas dos fragmentos de dimensões pequenas com superfícies não corroídas e os de dimensões grandes com superfícies corroídas.

g) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies parece ser o mesmo que leva à corrosão das arestas. Esta premissa já tinha sido considerada nos fragmentos da fase III-1 na PIL e podemos ver que funciona da mesma forma nos fragmentos da fase III-2, também na PIL. Na fase III-2, na PIL, podemos observar que todos os contextos que possuem uma elevada presença de superfícies corroídas apresentam também uma elevada presença de fragmentos de arestas roladas (9 em 18 contextos). Dos 9 contextos onde podemos observar uma elevada presença de superfícies corroídas, 3 possuem também uma elevada presença de arestas vivas (A2, A4 e A6). Os contextos

que possuem uma presença pouco significativa de fragmentos com superfícies corroídas apresentam também uma presença baixa de fragmentos de arestas roladas. Deste modo, 7 dos 9 contextos que possuem uma representatividade baixa de fragmentos de superfícies corroídas apresentam uma maioria de fragmentos com arestas vivas. A A25 é o único contexto que possui uma presença de arestas roladas e vivas semelhante.

h) A corrosão de superfícies e arestas parece estar relacionada, na fase III-2, com alguns níveis de incêndio – das U. Habs. 2, 4 e 5 – e com níveis de ocupação perto da camada humosa, quer dizer, acima destes níveis encontrava-se a camada humosa. Cremos que o estado de conservação das superfícies dos fragmentos na fase III-2 não está relacionado com a morfologia da plataforma (algo que parece ter ocorrido na fase III-1). A degradação das superfícies parece estar, aqui, relacionada com o incêndio (altas temperaturas) e com os agentes erosivos naturais que se fazem sentir mais perto da camada humosa – sol, calor, humidade, etc.

i) Na fase III-2, na PIL, a relação entre a descoloração das superfícies e os outros fenómenos ligados à degradação dos fragmentos – quebra dos fragmentos, corrosão de arestas e superfícies – não pode ser devidamente avaliada. Nesta fase apenas 33 % dos contextos apresentam uma boa preservação da cor – 7 em 21 contextos – no entanto alguns dos contextos com boa preservação de cor não foram analisados na dimensão dos fragmentos e por isso não são comparáveis. Deste modo apenas 22 % dos contextos analisados (em todos os parâmetros) possuem uma boa preservação da cor. Cremos que a forte descoloração presente nos contextos da fase III-2 está, claramente relacionada com as características da própria ocupação. Os contextos desta ocupação não foram protegidos pelos contextos da seguinte pois a ocupação que se seguiu ao incêndio foi muito curta e encontram-se sobretudo e infelizmente na camada humosa. Deste modo a descoloração está, aqui, relacionada com os agentes naturais como o sol, chuva, diferenças de temperatura e húmida, etc.

j) Os contextos com menor presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 são: Lx. 48.4 (19,5 %); A21 (22 %); A5 (22,4 %); Lx. 80 (23,6 %); A17 e A25 (23,8 %); Lx. 43 (25 %); A19 (25,7 %); A18 (26,4 %) e Lx. 45 (26,6 %). À excepção da A21 e A5, todos os contextos acima indicados correspondem a estratos de ocupação sem que consigamos definir, exactamente, solos de ocupação. Quer dizer que todos estes contextos correspondem a depósitos relacionados com a ocupação da Idade do Ferro e que cremos serem os vestígios de solos de ocupação contínuos. Nestes solos de ocupação não foi possível delimitar unidades habitacionais pois o incêndio – que permitiu a clara identificação das U. Habs – parece ter ocorrido aqui de uma forma menos agressiva

ou posteriormente ao incêndio ter ocorrido uma acção de limpeza. Podemos concluir que o mau tamanho dos fragmentos se relaciona com solos de ocupação contínua que devido à sua vivência levaram a uma sucessiva fragmentação das cerâmicas. Tal como já tinha sido, claramente identificado, nos contextos da fase III-1, na PIL. Deste modo podemos concluir que ocupação continuada de solos de ocupação – sem haver uma ruptura visível no registo arqueológico – leva à apresentação de índices de fragmentação mais elevados – 70 a 80 % de fragmentos de tamanho nas categorias 1 e 2.

l) Na fase III-2, o bom tamanho dos fragmentos ou uma maior presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 parece estar relacionado com contextos truncados ou intencionais. Os contextos com maior presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 são: Lx. 45a (43,7 %); A15 (42 %); A20 (34,2 %); A1 e A4 (32 %); A6 (31,7 %); A2 (31 %) e A3 (30,6 %). Quer dizer que, todas as U. Habs – à excepção da 5 – revelam uma boa preservação do tamanho dos fragmentos sendo que cremos que após o incêndio, os vestígios do mesmo foram abandonados e nunca mais foram tocados. Deste modo, não se construiu nada sobre os escombros das U. Habs e estes escombros não foram remexidos. Esta hipótese já tinha sido pensada pois as U. Habs apresentam muitos objectos de adorno metálicos que poderiam ter sido reavidos. A U. Hab. 5 apresenta uma fragmentação elevada que cremos estar relacionada com acções destrutivas levadas a cabo por agricultores, num processo já dentro da modernidade. De facto esta U. Hab. encontra-se cortada e muito perto da quebra do talude sul. As características de localização aliadas à agricultura do local levaram a uma má preservação desta U. Hab. de localização periférica na plataforma. A aparente boa preservação do Lx. 45a e A15 pode estar relacionada com o facto de estes conjuntos cerâmicos serem muito pequenos (com um número inferior a 100 fragmentos). No entanto é de notar que o Lx. 45a corresponde ao incêndio nesta zona e a A15 é uma associação de materiais provenientes da camada 1 e 1a que poderiam encontrar-se relativamente bem conservados pois correspondem a uma fase final da ocupação. Deste modo, cremos que o processo erosivo que levou à fragmentação das cerâmicas na PIL é um processo mecânico levado a cabo por agentes humanos em solos de ocupação contínuos. Qualquer acção intencional ou não que pare o processo de ocupação origina conjuntos cerâmicos onde o tamanho dos fragmentos é ligeiramente superior àquele encontrado em solos de ocupação contínua.

m) Na fase III-2 são poucos os contextos que podemos considerar bem preservados na cor dos seus fragmentos. Os contextos melhor preservados na cor são os seguintes: Lx. 33, A20, Lx. 5, A25,

Lx. 48.4, A1 e Lx. 63. Podemos observar que quase todos os depósitos relacionados com a ocupação (solos de ocupação continuada e os estratos de incêndio das cabanas) apresentam uma baixa preservação da cor (apenas 30 % dos fragmentos apresentam cores concordantes no cerne e superfícies). A boa preservação da cor (dos 35 aos 53 %) está relacionada com os estratos da E.D.F. – A20 –, E.C – A25 –, com as argilas que poderiam ter composto as paredes da U. Hab. 4 – Lx. 5, 33 e 63 – e com uma argila num solo de ocupação – Lx. 48.4. Deste modo, à excepção da A1, os contextos que apresentam uma boa preservação de cor são constituídos por estratos de terras argilosas, formados de um modo intencional e possivelmente com uma vivência distinta dos solos de ocupação comuns. cremos, tal como foi entendido na análise dos fragmentos da fase III-1, na PIL, que a preservação da cor se encontra directamente associada à ausência de agentes erosivos, como o sol ou a atmosfera. Os contextos menos susceptíveis à acção destes agentes erosivos são aqueles que apresentam maior quantidade de fragmentos com preservação de cor.

n) Na fase III-2 a baixa preservação de cor nos fragmentos parece estar relacionada com a totalidade da ocupação. Quer dizer que, as acções levadas a cabo durante a ocupação ou o processo pós-deposicional que lhe seguiu conduziram a uma degradação da cor. cremos que a degradação da cor está relacionada com as características do povoamento. Os fragmentos desta ocupação não vão ser protegidos pelos estratos de uma ocupação seguinte. A ocupação seguinte foi muito reduzido no tempo e no espaço, querendo isto dizer que foi curta e que só atingiu algumas zonas da plataforma. Deste modo, os fragmentos desta ocupação permaneceram durante muito tempo expostos aos agentes erosivos naturais até ao momento em que uma camada humosa se lhes sobrepôs. O tempo da formação dessa camada humosa define a degradação da cor dos fragmentos encontrados.

o) Na PIL, na fase III-1, a preservação de cor encontra-se entre 11 e 45 %, e na fase III-2 entre 24 e 53 %. É interessante assistir a um aumento da preservação da cor entre os contextos da fase III-1 e da fase III-2. Tendo em conta que cremos que a preservação de cor está relacionada, directamente, com os processos erosivos naturais não deixa de ser desconcertante encontrar um aumento de cor entre uma fase e a outra. No entanto, cremos que o aumento da preservação de cor na fase III-2 e em relação à fase III-1 pode estar relacionado com factores que, infelizmente, não controlamos, tais como: 1) diferenças estatísticas – o número de contextos da fase III-1 é muito menor do que o da fase III-2; 2) diferenças na preservação dos contextos – os da fase III-1 foram consecutivamente destruídos pela continuidade da ocupação sendo que as U. Habs. podem ser de longa duração – e 3) diferenças na cozedura dos recipientes – pode ter ocorrido uma evolução na

cozedura dos recipientes que levaria a uma menor variabilidade da cor. Todas estas hipóteses podem de facto fazer variar os resultados da análise de cerâmicas em contextos arqueológicos. Desta forma, concluímos que a preservação da cor está, directamente, relacionada com a exposição dos fragmentos a agentes erosivos que façam variar a temperatura e a humidade.

p) Uma maioria de contextos apresenta uma boa presença de fragmentos de superfícies corroídas. Os contextos com maior quantidade de fragmentos de superfícies corroídas são: A20 (28,95 %); A6 (24,49 %); A4 (23,73 %); Lx. 5 (23,26 %); A5 (19,88 %); A15 (17,74 %); Lx. 43 (17,31 %); Lx. 48.4 (16,99 %); A19 (16,91 %) e A2 (16,67 %). Uma boa presença de superfícies corroídas ocorre no incêndio de quase todas as U. Habs. – à excepção da 3 e 1, ainda que na 1 possamos considerar uma presença mediana de superfícies corroídas, 14,5 % – , nos estratos de construção da E.D.F. – A20 – e alguns solos / depósitos de ocupação contínua – Lx. 43, A15 e A19. O Lx. 48.4 pode ser considerado discrepante e pouco real pois é representado, unicamente, por 8 fragmentos cerâmicos. Podemos colocar a hipótese de que nestes estratos ocorreram acções mais agressivas de esboroamento das arestas e das superfícies dos fragmentos, quiçá fruto de uma acção humana concreta (mas que não consideramos intencional).

Concluimos, novamente e de forma semelhante à realizada para a fase III-1, que a maioria das características encontradas relativas à conservação dos fragmentos e seus contextos se relacionam directamente com acções que ocorreram após a deposição dos fragmentos nos estratos. É possível que as características agora visíveis nos fragmentos se relacionam mais com a deposição do que com o uso dos recipientes.

6.4.2.3. Talude Exterior Leste

No período compreendido de 300/200 AC a 80 DC, no Talude Exterior Leste foram analisados 4 contextos (complexos ou associações) – A42, A44, A48 e Lx. 140. A escolha destes contextos – nomeadamente das associações – encontra-se relacionada com a natureza das próprias associações criadas. Os complexos que compõem as A42 e A44 não devem ser analisados separadamente pois pertencem a um mesmo estrato. Os complexos que compõem a A48 integram-se num mesmo nível ocupacional que corresponde a um momento cronológico que cremos ser curto. Na totalidade da fase III-2 foram ainda integrados os Lxs. 137, 140 e 141 sendo que apenas o Lx. 140 foi analisado individualmente, ou seja fora da integração total na fase. Os Lxs. 137 e 141 correspondem a estratos mal caracterizados em termos cronológicos e por isso não foram avaliados isoladamente. No Talude Exterior Leste foi realizado o somatório de todos os contextos sendo denominado de fase

III-2. Este somatório também foi avaliado através dos factores de compreensão do estado de conservação de fragmentos e estratos, ainda que aqui só falemos dos 4 contextos acima citados.

A interpretação aqui apontada é baseada na análise de pormenor descrita no vol. 2, capítulo 5.4.3.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) As características da fase III-2 no Talude Exterior Leste foram reveladas apenas por 4 contextos. Apesar de sabermos que o número de contextos influencia as interpretações propostas, cremos que não existia outra possibilidade que não aquela apresentada. Quer dizer que são analisados 4 contextos pois são estes que fazem sentido na ocupação deste período do TEL. As interpretações apontadas podem ser consideradas frágeis no entanto são as possíveis.

b) *Grau de mistura*: Os complexos integrados na fase III-2 não se encontram sobrepostos directamente a estratos da ocupação calcolítica. No entanto os contextos apresentam presenças significativas de fragmentos e recipientes calcolíticos.

O contexto com maior quantidade de fragmentos e recipientes calcolíticos é a A44 – 21 e 34 %, respectivamente –, seguida do Lx. 140 – 18 % de fragmentos no total e 30 % de recipientes calcolíticos – e, por último, as A42 e A48, não se destacando nenhuma entre as duas. Nas A42 e A48 cerca de 80 % dos recipientes são da Idade do Ferro e 90 % dos fragmentos podem ser, também, integrados na ocupação da Idade do Ferro. Deste modo, podemos afirmar que o grau de mistura é proporcional à antiguidade do estrato, ou seja, quanto mais antigo maior o grau de mistura e quanto mais moderno menor o grau de mistura.

A explicação para a presença de fragmentos e recipientes calcolíticos em contextos da Idade do Ferro foi realizada, primeiramente, através de uma hipótese interpretativa que explicava o aparecimento destes materiais de uma forma não intencional. Como já foi referido, nesta primeira hipótese interpretativa, aos materiais calcolíticos ocorreriam nos estratos da Idade do Ferro através da construção e uso das habitações construídas. A construção e uso das habitações levaria a uma perfuração dos contextos calcolíticos criando, deste modo, uma mistura de fragmentos cerâmicos de ambas as ocupações. Nesta primeira hipótese interpretativa, a antiguidade dos estratos seria proporcional ao grau de mistura dos fragmentos, ou seja contextos mais antigos – sobrepostos estratigraficamente a contextos calcolíticos – apresentariam níveis de mistura elevados e contextos mais modernos – já não sobrepostos directamente a contextos calcolíticos – apresentariam níveis de mistura mais baixos.

Se atendermos à cronologia dos contextos perceberemos que, no Talude Exterior Leste, os contextos mais antigos são os que revelam maior quantidade de fragmentos e recipientes calcolíticos.

No entanto o contexto mais antigo da fase III-2 não é aquele que se sobrepõe directamente aos estratos calcolíticos.

No capítulo 4 foi extensamente explicado a problemática estratigráfica do Talude Externo Leste sendo que não a repetiremos aqui. Contudo relembramos que os contextos integrados na A48 sobrepõem-se directamente a estratos calcolíticos, revelando um baixo nível de mistura e uma cronologia muito tardia. Por sua vez, os contextos integrados na A44 não se encontram em contacto com estratos calcolíticos e apresentam o maior nível de mistura.

Deste modo, é necessário perceber a dinâmica subjacente à mistura de materiais excluindo a hipótese interpretativa relacionada com integração natural dos materiais calcolíticos em contextos da Idade do Ferro.

Como já foi referido é possível que a integração de materiais calcolíticos em contextos da Idade do Ferro ocorra através de acções humanas intencionais de manipulação de objectos. A integração dos objectos seria fruto de acções de manipulação de fragmentos onde alguns eram escolhidos em detrimento de outros. Os fragmentos escolhidos foram, sobretudo, bordos que após uma manipulação foram integrados em estratos da Idade do Ferro, jazendo ao lado de fragmentos cerâmicos também da Idade do Ferro¹¹.

Contudo, é importante referir que as presenças de fragmentos e recipientes calcolíticos sofrem uma redução paulatina que não é explicada através da hipótese interpretativa acima descrita. Podemos explicar a redução dos fragmentos e recipientes calcolíticos através da relação entre o número de fragmentos da Idade do Ferro e o número de fragmentos calcolíticos. Assim, nos contextos da fase III-2 do Talude Exterior Leste, a percentagem de fragmentos calcolíticos baixa pois o número de fragmentos da Idade do Ferro aumenta. Quer dizer, a fase de ocupação III-2 encontra-se muito bem caracterizada com um número muito significativo de fragmentos em todos os estratos escavados. O número de fragmentos calcolíticos manipulados pode ser semelhante durante toda a ocupação da idade do Ferro, no entanto o número de fragmentos da Idade do Ferro sofre um crescimento ao longo da ocupação. Desse modo, cremos que a redução da percentagem de fragmentos e recipientes calcolíticos pode estar relacionada com um aumento de fragmentos por contexto.

Em suma, cremos que a integração de fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Ferro é intencional e fruto de acções humanas de manipulação. Estas acções de manipulação encontram-se presentes durante toda a ocupação da Idade do Ferro ainda que os dados revelem variações

¹¹ Ver capítulo 8.3. deste volume.

percentuais. As variações percentuais que se materializam numa redução paulatina a par da cronologia podem indicar que: *i)* as acções de manipulação decaem com o tempo reflectindo uma mudança cultural / social da comunidade que lhes deu origem ou *ii)* a eventual redução é erro estatístico relacionado com a relação intrínseca e estatística entre fragmentos calcólicos e fragmentos da idade do Ferro. Neste momento, ambas as hipóteses interpretativas são válidas sendo que não existe uma preferência por uma ou outra.

c) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: os contextos considerados mais antigos, dentro da fase em análise, possuem maior número de fragmentos e recipientes calcólicos. No entanto os contextos mais modernos, de cronologia aproximada à viragem da Era, possuem ainda 10 % de fragmentos calcólicos no total do conjunto cerâmico e cerca de 17 % de recipientes calcólicos na totalidade dos recipientes. Deste modo, todos os contextos integrados na fase III-2 revelam a presença de fragmentos sem forma e bordos calcólicos.

A relação entre o grau de mistura e o estado de conservação dos fragmentos parece não existir. Podemos dizer que as A42 e A48 possuem níveis de mistura muito semelhantes bem como características de conservação, também, semelhantes. Já a A44 e o Lx. 140 são semelhantes no nível de mistura (onde os fragmentos calcólicos estão muito mais presentes do que nas A42 e A48) mas muito diferentes no estado de conservação dos fragmentos. A A44 possui a presença mais baixa de superfícies corroídas e o Lx. 140 possui a presença mais alta. A A44 possui a presença mais elevada (dos 4 contextos analisados) de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 sendo que o Lx. 140 possui a presença mais baixa. Ambos os contextos apresentam uma má preservação da cor dos fragmentos.

Podemos, novamente, afirmar que não há uma relação directa entre o grau de mistura e o estado de conservação do estrato pois contextos semelhantes na quantidade de fragmentos e recipientes calcólicos revelam grandes diferenças na conservação dos fragmentos.

Relembramos que a análise dos contextos revela que o grau de mistura surge através de acções humanas intencionais não constituindo uma etapa na “destruição” dos estratos. E que o estado de conservação dos fragmentos e estratos se relaciona com processos erosivos naturais e com acções humanas. Deste modo não há nenhum tipo de relação entre a quantidade de fragmentos calcólicos de um dado contexto e o seu estado de conservação.

d) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: No caso do Talude Exterior Leste, o número de fragmentos por contexto não influencia a observação da

conservação dos mesmos. Na análise dos contextos da Plataforma Inferior Leste é evidente a dificuldade analítica de contextos com um número muito reduzido de fragmentos – geralmente inferior a uma centena. No entanto, os contextos integrados na fase III-e, do TEL, integram (todos) mais de 400 fragmentos. Desse modo, consideramos seguras as avaliações estatísticas do estado de conservação dos fragmentos.

e) Distribuição das Pastas: Na fase III-2, no Talude Exterior Leste, as pastas III, VI e VIII constituem o conjunto de confiança, seguidas das pastas I, X e XII. As pastas I, III, IV, VII e X são representadas por recipientes calcolíticos e da idade do Ferro. A pasta IX só é representada por recipientes calcolíticos e a pasta XI, unicamente, por fragmentos sem forma. As pastas VI e VIII são sinal de modernidade pois encontram-se mais presentes nos contextos mais modernos. Os contextos possuem determinadas características na distribuição das pastas que apontam uma ordem cronológica. A ordem cronológica obtida através da distribuição das pastas é a seguinte: A44, Lx. 140, A42 e A48.

Os contextos comportam-se da seguinte forma, em relação à distribuição de pastas: *i)* a A42 e Lx. 140 são semelhantes entre si com uma hierarquia de fragmentos III, VIII, VI; *ii)* a A48 é relativamente semelhante à A42 e Lx. 140 sendo que é evidente uma menor importância da pasta III e uma maior importância da pasta I e *iii)* a A44 apresenta o conjunto cerâmico mais discrepante dos quatro analisados sendo que revela o carácter mais arcaizante com uma presença significativa de pastas conotadas com a Pré-História do local.

Podemos, também, dizer que as quantidades de fragmentos de pastas VI e VIII são semelhantes nas A48, A42 e Lx. 140. No entanto a hierarquia da A48 apresenta-se como diferente daquela da A42 e Lx. 140. A A44 revela uma forte presença das pastas I e X sendo que a pasta VI encontra-se representada por um número reduzido de fragmentos (ainda que integrando a hierarquia de pastas dominantes) e a pasta VIII é representada por um número tão reduzido de fragmentos que não entra na hierarquia de pastas.

f) Pastas / Estado de conservação dos estratos: Em relação aos contextos podemos dizer o seguinte: *i)* a A44 é o contexto com maior importância das pastas I e X (considerado mais arcaico) apresentando a menor quantidade de fragmentos com superfícies corroídas, maior quantidade de arestas vivas, maior dimensão dos fragmentos ainda que pior preservação da cor; *ii)* os contextos com maior quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII (A42 e A48) possuem presenças médias / boas de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (30 e 33 %, respectivamente);

presenças altas de fragmentos com superfícies corroídas (15 e 14 %, respectivamente) – ainda que não a mais elevada, sendo esta a do Lx. 140 (16 %) –; boa preservação de cor (33 % em ambos os contextos) e uma quantidade elevada de arestas roladas e *iii*) o Lx. 140 possui uma quantidade significativa de fragmentos de pastas VIII e VI – ainda que não tanto como as presenças de pastas VIII e VI nas A42 e A48 – e revela o conjunto cerâmico mais fragmentado, a mais alta presença de fragmentos de superfícies corroídas, uma preservação de cor relativamente baixa / média (30 %) e uma forte variabilidade na cor.

Deste modo podemos observar que não existe uma relação clara entre o tipo de pastas e o estado de conservação dos fragmentos. Quer dizer que contextos semelhantes nas quantidades de fragmentos por pasta podem apresentar características diferentes no estado de conservação dos fragmentos, como é o caso das A42, A48 e Lx. 140.

Relembramos que a ideia que o tipo de pastas poderia influenciar o estado de conservação dos fragmentos tem origem num preconceito de que as pastas sofrem os processos erosivos de diferente modo. cremos que tal ideia é lógica e racional, sendo baseada nas características físicas dos materiais e na sua interacção com o meio. No entanto *é evidente que a análise realizada aos fragmentos cerâmicos não permitiu, recorrentemente, observar diferenças no estado de conservação dos fragmentos / estratos consoante as características – distribuição das pastas – dos mesmos.*

Na fase III-2 o contexto com maior quantidade de pastas I e X não revela maior quantidade de arestas roladas e superfícies degradadas, sendo que este era o comportamento esperado. As A42 e A48 não revelam uma má dimensão dos fragmentos e uma boa quantidade de arestas vivas e este era o comportamento esperado. E, por último, o Lx. 140 é o único que possui características esperados tendo em conta a distribuição de pastas presente.

Em suma, só um em quatro dos contextos analisados possui um comportamento de preservação esperado para o tipo de pastas presentes no mesmo. Tendo em conta que a maioria dos contextos não revela características esperadas ao nível da conservação dos fragmentos, podemos concluir que *a “força” dos processos erosivos é mais importante na conservação dos fragmentos do que a qualidade de cada uma das pastas.*

g) Conservação das pastas: No período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC, no Talude Exterior Leste, as pastas III, VI, VII e XI encontram-se, genericamente, bem preservadas (as mesmas pastas que se encontram bem preservadas na fase III-1 no TEL), as pastas I, II, IV, VIII, X e XII encontram-se, genericamente, mal preservadas e a pasta IX é inconclusiva em todos os contextos. Na

fase III-1, as pastas II e IV eram inconclusivas no entanto na fase III-2 apresentam-se mal preservadas.

Podemos observar que independentemente da distribuição de pastas em cada contexto, este poderá apresentar-se bem ou mal preservado. No entanto é visível que as pastas apresentam determinados comportamentos de preservação / destruição. As pastas melhor preservadas mantêm-se as mesmas na fase III-1 e III-2 bem como as pastas pior preservadas. Deste modo, os resultados da análise individual das pastas contradizem em parte os dados gerais indicados no ponto *f*.

A análise individual das pastas, no TEL na fase III-2, revela o seguinte: *i*) algumas apresentam-se sempre mal conservadas – I e X; *ii*) algumas apresentam-se sempre bem conservadas – a VI e *iii*) a maioria das pastas possuiu comportamentos oscilantes ainda que tendenciosos, quer dizer que nuns contextos apresentam-se bem conservadas, noutros mal e ainda, noutros, apresentam-se inconclusivas. São as pastas de características oscilantes que vão caracterizar o estado de conservação do estrato. Cremos que as características encontradas nas pastas “oscilantes” estão relacionadas com a “força” dos processos erosivos.

Podemos assim dizer que as pastas I, VI e X comportam-se sempre do mesmo modo independentemente dos processos erosivos. É importante referir que esperávamos uma pior conservação da pasta VI e uma melhor conservação da pasta X. No início da análise esperávamos, também, um comportamento mais homogéneo por parte das pastas. Cremos que a conservação das pastas pode estar relacionada com: *i*) o uso dado a cada pasta; *ii*) o momento de integração dos fragmentos nos contextos e *iii*) a “força” dos processos erosivos.

Concluimos, deste modo, que as pastas possuem uma qualidade inerente que influencia a forma como esta se degrada. Contudo *o uso dado aos recipientes, a sua integração díspar em cada contexto e os processos erosivos ao qual estiveram sujeitos, são mais relevantes que a qualidade das pastas no estado de conservação dos fragmentos.*

h) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies e arestas e descoloração dos fragmentos. Como exemplo, a A44 e a A48 possuem uma percentagem semelhante de fragmentos com uma dimensão superior à categoria de dimensão 3 – 34 e 33 %, respectivamente –, no entanto revelam diferenças no comportamento das superfícies, arestas e cor.

É de notar que as oscilações percentuais em alguns factores de avaliação – como a preservação de cor – são muito estreitas no que concerne aos contextos integrados na fase III-2. Deste modo, podemos observar discrepâncias entre os factores no entanto essas discrepâncias são,

sempre, marcadas por valores muito aproximados. Como exemplo, a preservação de cor na A44 equivale a 27 % e na A48 a 33%, sendo que a diferença entre contextos é apenas de 6 pontos percentuais.

Quer dizer que aquilo que entendemos como discrepante pode ser de facto discrepante ou não pois os valores são sempre muito aproximados. Contudo as nossas interpretações são lançadas com base nos resultados obtidos e nas leituras possíveis dos mesmos.

A análise realizada aos contextos integrados na PIL permite-nos afirmar que uma percentagem superior a 30 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria 3 é um valor bastante significativo e revela contextos, relativamente, bem conservados. A análise realizada a todos os contextos do TEL (fases III-1, III-2 e III-3) permite observar que uma percentagem inferior a 32 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria 3, revela contextos bastante fragmentados. Deste modo podemos observar que no TEL, na fase III-2, dois contextos revelam uma boa dimensão dos fragmentos – A44 e A48 –, onde mais de 32 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria 3. A A42 e o Lx. 140 revelam percentagens relativamente baixas, 30 e 26 %, respectivamente.

Concluimos que alguns contextos integrados na fase III-2, do Talude Externo Leste encontram-se pior preservados (na dimensão dos fragmentos) do que aqueles da fase III-1 – A42 e Lx. 140 – ainda que dois – A44 e A48 – apresentem uma preservação superior à de dois dos três contextos da fase III-1. É visível, que na globalidade, o tamanho dos fragmentos diminui duma fase para a outra no entanto a análise individual revela contextos na fase III-2 melhor preservados do que os da fase III-1.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies pode ser o mesmo que leva à corrosão das arestas mas diferente daquele que fragmenta as cerâmicas. No caso da fase III-2 não encontramos uma relação entre o processo erosivo de corrosão das superfícies e a descoloração dos fragmentos, ainda que tal tenha sido proposto para os contextos da fase III-1.

Como já referimos o processo de corrosão das superfícies pode ser o mesmo que provoca corrosão das arestas no entanto os valores percentuais dos fragmentos de superfícies corroídas, arestas roladas e arestas vivas não são, totalmente, proporcionais. Na generalidade quando um contexto apresenta um valor elevado de fragmentos de superfícies corroídas, apresenta também um elevado número de fragmentos de arestas roladas e um baixo número de fragmentos de arestas vivas. O que não ocorre é o seguinte: o contexto com maior quantidade de arestas roladas ser aquele que

apresenta a maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas e assim sucessivamente e proporcionalmente a todos os contextos analisados.

Podemos observar uma tendência no comportamento dos fragmentos que indica que um mesmo processo provoca a corrosão das arestas e das superfícies. Ou seja num mesmo estrato diferentes níveis de humidade e insolação poderiam corroer arestas e superfícies. No entanto os resultados revelam, também, que a corrosão das arestas e das superfícies não se encontra unicamente relacionada a um processo corrosivo (comum a ambos os factores de avaliação). Ou seja, vamos supor que a insolação corrói as arestas e as superfícies e a humidade corrói mais as superfícies do que as arestas (isto a título de exemplo porque não sabemos se ocorre na verdade desta forma). Deste modo, podemos concluir que para além de um processo erosivo comum à corrosão de superfícies e arestas, estão também presentes outras acções que levam à corrosão das arestas ou das superfícies de modo diferenciado. Cremos que são estas, outras, acções que provocam oscilações nos resultados e que revelam uma maior degradação geral do estrato. Por exemplo entre a A42 e o Lx. 140 – que possuem percentagens semelhantes de fragmentos de superfícies corroídas – a erosão das arestas encontra-se mais presente na A42. É importante lembrar que o Lx. 140 revela ser o contexto mais fragmentado, sendo que a fragmentação a que foi sujeito fez baixar a percentagem de arestas roladas mas não subir a de arestas vivas (que é a mais baixa dos 4 contextos analisados).

Em relação à descoloração podemos dizer que não encontramos uma relação entre a corrosão das superfícies e a descoloração pois os dois contextos mais descolorados – A44 e Lx. 140 – apresentam percentagens de fragmentos de superfícies corroídas muito diferentes, 9 e 16 %, respectivamente. Contudo observamos que na fase III-2, os contextos apresentam uma descoloração evidente a par de uma má conservação das superfícies, já que apenas um contexto apresenta uma baixa percentagem de fragmentos de superfícies corroídas – A44.

Cremos que os processos erosivos que levam à degradação da superfície conduzem também a uma degradação da cor, no entanto este facto é apenas visível por uma tendência geral, intuída na avaliação global dos contextos. Uma avaliação mais aproximada, dos contextos, revela pequenas discrepâncias que podem ou não ser relevantes e que, para já, não sabemos avaliar.

j) História dos processos erosivos: Como já foi referido, na fase III-1, o processo de corrosão das arestas, superfícies e cor parece estar relacionado com a antiguidade dos estratos e com a acção do tempo. Contudo a fragmentação do conjunto cerâmico não se enquadra num quadro cronológico. Tínhamos também referido que, na fase III-1 no TEL, os processos erosivos parecem ser mais coesos, mais homogéneos e mais relacionados com o “envelhecimento” dos estratos do que na PIL.

Na fase III-2 a preservação de cor não se encontra relacionada com a antiguidade dos estratos sendo que segue uma ordem cronológica inversa – o estrato mais antigo é o mais descolorado e os mais modernos são os mais preservados. Comparando uma fase com a outra podemos observar que a preservação de cor baixou na fase III-2 em relação à fase III-1.

A corrosão das superfícies, arestas e sucessiva fragmentação do conjunto cerâmico não é proporcional à antiguidade dos estratos. A cronologia de um contexto não define à partida o estado de conservação das superfícies e arestas e a fragmentação do conjunto cerâmico. Contextos antigos e mais modernos, na fase III-2, apresentam características semelhantes na corrosão de arestas, superfícies e fragmentação.

Podemos concluir que na fase III-2 não encontramos uma coesão nos processos erosivos como parece ter ocorrido na fase III-1.

1) Caracterização dos contextos relativamente ao estado de conservação dos fragmentos: Os contextos que integram a A44 revelam uma boa dimensão dos fragmentos, uma boa conservação de superfícies e arestas mas uma péssima conservação da cor. Cremos que estas características apontam para que este contexto não corresponda a solos ou depósitos de ocupação mas sim a dejectos. A forte descoloração indica que os fragmentos cerâmicos estiveram sujeitos a processos erosivos de forma contínua, como se estivessem abandonados ao sol e chuva. E, a boa conservação do tamanho indica que não correu um processo de fragmentação provocado por agentes humanos, como é comum nos depósitos e solos de ocupação. Deste modo, cremos que os contextos da A44 correspondem a lixos / dejectos lançados para fora da plataforma ocupada no Talude Exterior Leste e espalhando-se pela mesma.

A A42 e o Lx. 140 revelam índices de fragmentação muito elevados, má preservação das superfícies e arestas, contudo apresentam uma boa conservação da cor – a melhor integrada na fase III-2. Cremos que ambos os contextos correspondem a níveis de ocupação devido ao índice de fragmentação e à má conservação de superfícies e arestas. O Lx. 140 revela uma fragmentação superior à dos contextos integrados na A42 e cremos que tal pode estar relacionado com a natureza do próprio estrato. Cremos que o Lx. 140 corresponde a um solo de ocupação e que os estratos da A42 integram depósitos de ocupação. Por sua vez, os depósitos de ocupação estão menos sujeitos a acções destrutivas dos fragmentos.

A A48 revela uma boa dimensão dos fragmentos, uma degradação mediana das superfícies e uma das mais altas preservações de cor – semelhante à A42. A dimensão dos fragmentos aponta para um contexto não habitacional, assemelhando-se à A44. No entanto a conservação da cor e das

superfícies aponta para uma preservação de agentes erosivos aéreos, normalmente, apenas permitida pela sobreposição de outros estratos, comum a áreas de ocupação contínua.

É interessante notar que os estratos que integram a A48 foram difíceis de entender em campo e continuam difíceis de entender na análise do conjunto cerâmico. Cremos que que não correspondem a solos / depósitos de ocupação no entanto foram depositados como dejectos e cobertos rapidamente por outros que os protegeram.

m) Conclusões gerais: Como já foi referido relacionamos bom tamanho dos fragmentos com a ausência de acções humanas ocorridas no contexto, ou seja, com a ausência de um contínuo ocupacional. Os resultados obtidos indicam que os contextos mais fragmentados são aqueles de ocupação – solos ou depósitos, sendo que a fragmentação pode estar relacionada com a vivência das comunidades (o pisar continuamente os fragmentos, entre outras acções do mesmo tipo). No talude Exterior leste, na fase III-2, os estratos de ocupação – A42 e Lx. 140 – apresentam índices de fragmentação muito elevados tal como ocorria na fase III-1 e nos vários contextos da PIL.

Na fase III-2 é de notar que os estratos de ocupação apresentam também má conservação das superfícies e arestas. Deste modo, cremos que a ocupação continuada é um factor de degradação de grande relevância.

Os contextos que cremos corresponderem a dejectos apresentam uma boa dimensão dos fragmentos sendo que apresentam alguma divergência nas restantes características de conservação dos fragmentos. Concluimos que mesmo os contextos relacionados com lixeiras sofrem processos erosivos diferentes. É visível uma boa conservação da cor nos estratos correspondentes à A48.

Na conservação da cor podemos observar que o contexto mais bem preservado é a A48, seguida da A42, A44 e Lx. 140. Como já referimos, os resultados não seguem uma ordem cronológica, ou seja, não ocorre uma boa preservação da cor nos contextos mais antigos que supostamente estariam mais protegidos dos processos erosivos. Desta forma concluimos que o estado de conservação da cor, nesta fase, pode relacionar-se com a variabilidade da cor dos recipientes – resultante de cozeduras deficitárias – ou com a transladação de estratos ocorrida no TEL, que já descrevemos em pormenor no capítulo 4.

Cremos que os processos de formação dos estratos presentes na fase III-2, descritos em pormenor no capítulo 4, estão relacionados com o estado de conservação apresentado pelos fragmentos. A boa conservação de cor dos estratos integrados na A48 pode estar relacionada com uma boa preservação de cor dos fragmentos no estrato original – antes de ocorrer a transladação para o fundo do talude. Os processos de degradação que se seguiram não foram suficientes – ou não

ocorreram em tempo suficiente – para degradar os fragmentos do mesmo modo da A44. Assim, podemos perceber que os estratos integrados na A44 permaneceram mais tempo abandonados no talude que os estratos pertencentes à A48, independentemente das relações estratigráficas encontradas.

Em suma, o estado de conservação dos fragmentos permite, também, compreender melhor a história estratigráfica dos contextos.

6.4.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

No período compreendido de 300/200 AC a 80 DC, na área norte (Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte) foram estudados 18 contextos (complexos ou associações). Os contextos encontram-se da seguinte forma: *i*) as A35, A36, A37, A38 e A39 integram a PIN1; *ii*) as A30, A34, A67, A49, A53, A59, A54, A65, Lx. 93, 105 e 85.1 os Lxs. 61 e 71 integram a PIN2 e *iii*) o Lx. 73 e a A31 integram a PIN2.1. A descrição estratigráfica pormenorizada encontra-se no capítulo 5.2 deste volume.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.4.4.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) Número de contextos analisados: Como já foi referido, cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas viáveis estatisticamente. O conjunto cerâmico da fase III-2, na área norte, é representado por 18 contextos sendo este número é considerado, estatisticamente, muito seguro. Contudo, devemos referir que 5 contextos apresentam um número de fragmentos inferior a 100 elementos – A67, A59, Lx. 85.1, A38 e A39 – sendo que desses 5 contextos 4 apresentam um número de elementos inferior a 42 fragmentos. A exclusão destes 4 ou 5 contextos ainda permite uma avaliação muito segura pois 13 contextos apresentam um número de fragmentos muito viável, compreendido entre 110 e 1066.

b) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: Como já foi referido consideramos que os contextos com um número de fragmentos inferior a cerca de 100 elementos não são, estatisticamente, seguros.

O conjunto cerâmico da fase III-2, na área norte, apresenta 5 contextos com um número de fragmentos inferior a 100 elementos, a saber: A67 com 77 fragmentos; A59 com 28 fragmentos; Lx. 85.1 com 36 fragmentos, A38 com 41 fragmentos e A39 com 26 fragmentos. Consideramos todos estes contextos muito fragilizados e com uma dificuldade acrescida na sua caracterização. Contudo sabemos que alguns contextos com um número inferior a 100 elementos apresentam alguma

homogeneidade que permite a colocação de hipóteses interpretativas viáveis. Esses poucos contextos não devem possuir um número inferior a cerca de 70 elementos. Dos 5 contextos apontados um apresenta um conjunto cerâmico representado por 77 elementos. Deste modo, a A67 é considerada um contexto relativamente seguro.

A avaliação do conjunto cerâmico da fase III-2, na área norte, teve em conta os 18 contextos citados no entanto as conclusões aqui apresentadas terão em conta médias ponderadas que excluem os 4 contextos minoritários (A59, Lx. 85.1, A38 e A39). Optamos por esta solução interpretativa porque os resultados apresentados na avaliação dos 18 contextos são menos homogêneos e mais confusos do que aqueles apresentados pela avaliação dos 14 contextos seguros. Ou seja, a exclusão dos 4 contextos minoritários permite uma percepção menos confusa do conjunto cerâmico.

c) *Grau de mistura*: Para relembrar, a avaliação do grau de mistura de um contexto é realizada através de dois factores (avaliação dos recipientes calcólicos e dos fragmentos potencialmente calcólicos – pastas IV, IX, X e XI) que se conjugam num resultado final.

Apresentamos de seguida os resultados obtidos na análise dos 18 contextos integrados na fase III-2. Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: A34, A65 (56 %), A30 (55 %), A49 e A35 (38 % cada), Lx. 93 (31 %), A54 (30 %), A37 (29 %), A67 e Lx. 105 (25 %), A31 (20 %), Lx. 73 e A36 (19 % cada), A53 (12 %) e A59, Lx. 85.1, A38 e A39 (0 %). Podemos observar que, à excepção das A34, A65 e A30 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro. Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A39 (35 %), A38 (17 %), A54 (13 %), A30, A67 e A36 (12 %), A35 (10 %), A37 (9 %), A53 e Lx. 93 (8 %), Lx. 105 (6 %), A34 e A65 (3 %), A49 e A31 (2 %), Lx. 73 (1 %) e A59 e Lx. 85.1 (0 %).

A A59, Lx. 85.1, A38 e A39 possuem um número muito reduzido de fragmentos sendo que não conseguimos avaliar de uma forma segura as características apresentadas. Se não tivermos em conta o número de fragmentos podemos ver que as A59, Lx. 85.1, A38 e A39 não apresentam recipientes calcólicos sendo os contextos, desta fase, com menos mistura de recipientes calcólicos. A A59 e o Lx. 85.1 não apresentam fragmentos, potencialmente, calcólicos (de pastas IV, IX, X e XI) sendo que as A38 e A39 apresentam 17 e 35 %, respectivamente, de fragmentos potencialmente calcólicos. Deste modo, poderíamos considerar o Lx. 85.1 como aquele menos misturado com materiais de outras ocupações (nomeadamente a calcólica), seguido da A59, A38 e, por último A39. Contudo cremos que as características apresentadas não são representativas do estado original destes contextos. O número de fragmentos presente revela uma ruptura do contexto e uma consequente

desagregação que leva a resultados aleatórios. Desse modo a hierarquia final não terá em conta estes contextos.

A ordenação obtida nos dois factores de avaliação (recipientes e fragmentos) não é semelhante sendo que identificamos discrepâncias em muitos contextos. Tal ocorreu devido a uma dificuldade de percepção dos fragmentos calcólíticos aquando do estudo empírico. A avaliação dos recipientes foi muito posterior e desse modo constituiu-se como mais próxima à realidade apresentada pelos conjuntos cerâmicos analisados. Optamos por ordenar os contextos tendo em conta as percentagens presentes nos recipientes e esporadicamente relacionar essa percentagem com a quantidade de fragmentos calcólíticos nos contextos. Esta avaliação é realizada sempre que se justifica quer pelo número de fragmentos quer pelo número de recipientes.

As A30, A34 e A65 são os contextos com maior presença de recipientes calcólíticos (56 e 55 %) ainda que a presença de fragmentos calcólíticos seja relativamente, baixa em todos os contextos. Estes contextos são considerados aqueles com maior nível de mistura seguidos da A35 e A49 onde 38 % dos recipientes são calcólíticos.

Com base na avaliação das percentagens de recipientes e fragmentos sem forma calcólíticos consideramos a seguinte ordem de contextos (daquele com menor nível de mistura para aquele com maior nível de mistura: Lx. 73, A31, A53, Lx. 105, A67, A36, A37, Lx. 93, A54, A49, A35, A65, A34 e A30.

Em relação à fase anterior é visível um aumento dos bordos da Idade do Bronze e Ferro, com um decréscimo dos bordos calcólíticos e também um decréscimo da presença de fragmentos, tipicamente, de pastas calcólíticas. As diferenças percentuais entre as fases III-1 e III-2 são maiores na globalidade dos fragmentos, tanto na média ponderada como no intervalo de valores. Se por outro lado, tivermos em conta os recipientes, podemos observar diferenças menos evidentes tanto na média como no intervalo de valores.

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: Como já foi referido, a relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcólíticos ocorre com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Esse revolvimento levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a gentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc.).

O Lx. 73, A31 e A53 apresentam o menor grau de mistura e as A30, A34 e A65 apresentam os maiores níveis de mistura. Podemos observar que todos os contextos se apresentam relativamente bem preservados ao nível do tamanho dos fragmentos e em comparação com a generalidade dos

contextos. Curiosamente o contexto com maior grau de mistura é aquele que apresenta melhor conservação do tamanho dos fragmentos sendo que 28,2 % dos fragmentos apresentam um tamanho igual ou superior à categoria 3.

Em relação à corrosão das superfícies podemos observar que o contexto menos misturado – Lx. 73 – possui a mesma quantidade de fragmentos de superfícies corroídas – 11 % – que um dos contextos com maior mistura – A34. Curiosamente o contexto com maior mistura – A30 – não é aquele que apresenta maior quantidade de fragmentos de superfícies corroídas e o contexto com menor grau de mistura também não é aquele que apresenta menor quantidade de fragmentos de superfícies corroídas. Os seis contextos com maior grau de mistura (A30, A34, A65, A35, A49 e A54) tanto apresentam uma quantidade elevada de fragmentos com superfícies corroídas como uma quantidade baixa. O mesmo ocorre nos contextos com menor grau de mistura.

Em relação à preservação da cor ou quantidade de fragmentos de cores concordantes podemos observar que o contexto menos misturado não é aquele com maior preservação de cor e o contexto mais misturado não é aquele mais degradado. De facto, ocorre uma certa inversão dos factores. Os contextos menos misturados apresentam percentagens mais baixas de fragmentos de cores concordantes que os contextos mais misturados. Não existe uma ordem, nem uma proporcionalidade sendo que os dados gerais não são concordantes.

A falta de preservação da cor dos contextos da PIN 2.1 – Lx. 73 e A31 – está de acordo com a falta de preservação de cor presente nos contextos da fase III-1 desta zona. Anteriormente, tínhamos concluído que os fragmentos nesta zona sofreram um processo erosivo que degradou a cor. Tal parece, também, confirmar-se nos contextos integrados na fase III-2.

Em relação à quantidade de fragmentos com arestas roladas podemos observar que o contexto com menor grau de mistura possui uma quantidade muito baixa de fragmentos de arestas roladas e que o contexto com maior grau de mistura possui uma quantidade de fragmentos com arestas roladas inferior à média ponderada (ainda que superior ao Lx. 73). Dos seis contextos com maior grau de mistura apenas dois apresentam uma percentagem de fragmentos com arestas roladas superior à média da fase III-2 (=36,5 %).

Curiosamente os contextos com maior quantidade de fragmentos com arestas roladas pertencem todos à mesma zona habitacional – PIN 1 – sendo que podemos intuir uma relação entre a zona habitacional e os processos ocorridos nessa mesma zona. Ou seja, as acções ocorridas numa determinada zona habitacional – sejam elas levadas a cabo por agentes humanos ou naturais – determinam os resultados de degradação nos vários contextos dessa mesma zona, indicando processos erosivos homogeneizadores.

Deste modo podemos observar que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com nenhum tipo de degradação dos fragmentos – corrosão das arestas e superfícies, descoloração e fragmentação.

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos: Os contextos analisados integrados na fase III-2 revelam uma importância percentual das pastas I, III, VII, VI e VIII onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII, próprias da ocupação da Idade do Ferro e o abandono de pastas tipicamente calcólicas como a X. Estas características já se encontravam presentes na fase III-1 mas não de uma forma tão evidente.

Os contextos podem ser divididos em quatro grandes grupos no que diz respeito à distribuição das pastas na totalidade dos fragmentos. A avaliação da distribuição das pastas nos recipientes não é relevante para o estudo de conservação dos fragmentos, no qual todos os fragmentos possuem o mesmo valor.

Deste modo foram criados os seguintes grupos:

O 1º Grupo é constituído pelas A30 e A34 que revelam uma hierarquia de pastas semelhante nas três pastas dominantes (VI/III). Estes contextos são aqueles com maior presença de pasta VI.

O 2º Grupo é constituído pelas A49, A53, A54, A65, Lx. 93 e 105 que revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as três pastas dominantes são as mesmas (I/III/VII). A A67 encontra-se bastante próxima destes contextos, sendo que possui uma hierarquia semelhante nas duas primeiras pastas dominantes (I/III/VI).

O 3º Grupo é constituído pelos Lxs. 85.1, 73 e A31 revelam a predominância da pasta III e VIII ainda que não com a mesma importância nos diversos contextos.

O 4º Grupo é constituído pelas A59, A35, A37, A36 e A38 partilham a mesma pasta dominante (VIII) sendo que a A59 é discordante na 2ª e 3ª pasta e as restantes associações são discordantes entre si na 3ª pasta. Nestes contextos é evidente a importância das pastas VIII, VI, I e III.

A A39 é o contexto mais discrepante em relação aos restantes contextos pois possui a hierarquia X/VIII/III sendo único contexto onde a pasta X é dominante. As A38 e A39 são os únicos contextos que apresentam a pasta X nos três primeiros lugares.

Se excluirmos os 4 contextos minoritários podemos observar uma maior coesão nos grupos criados ainda que não sofram nenhuma alteração de fundo. Ou seja, os grupos mantêm-se os mesmos, com as mesmas características, no entanto a ausência dos contextos discrepantes confere aos grupos maior homogeneidade quer na distribuição das pastas quer na semelhança entre os próprios contextos.

Deste modo, os contextos parecem agrupar-se por zona de escavação, quer dizer que os contextos que pertencem à PIN2 são semelhantes entre si e os que pertencem à PIN1 são também semelhantes entre si, no entanto as PIN 1 e 2 revelam discrepâncias entre si.

Comparativamente aos contextos estudados das fases II e III-1 é possível observar o seguinte.

e1) Entre a fase III-2 e as anteriores ocorre uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, que se vem a acentuar desde a fase I.

e2) Entre a fase III-2 e as anteriores ocorre uma diminuição ligeira das pastas I e III, sendo que a presença destas pastas tem vindo a decrescer, paulatinamente, desde a fase II. Na fase I as pastas I e III não eram muito relevantes (sobretudo a pasta I).

e3) Entre a fase III-2 e as anteriores ocorre um aumento significativo da presença da pasta VII, que ganha relevância percentual e contextual. Ou seja, é possível observar um aumento dos contextos que possuem maior quantidade desta pasta.

e4) Um número significativo de contextos – que corresponde ao 2º grupo – possui uma hierarquia semelhante a contextos da fase II e III-1, sendo esta hierarquia a I/III/VII. É de notar que o grupo com maior número de contextos corresponde ao grupo 2 e desse modo a fase III-2 revela-se bastante semelhante à fase III-1.

e5) Maior presença das pastas VI e VIII que ganham relevância percentual e contextual. Ou seja, a quantidade de fragmentos sobe por contexto bem como o número de contextos com uma elevada percentagem de fragmentos destas pastas.

f) Relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos: Como já foi referido, partimos do pressuposto que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos.

Para a avaliação da relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos foram excluídos os contextos minoritários. Deste modo, a avaliação dos 14 contextos maioritários permitiu observar as seguintes características:

f1) Tamanho dos fragmentos: Todos os contextos dos grupos 1 e 3 – A30, A34, Lx. 73 e A31 – apresentam uma quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 acima da média da fase – 21,8 %. Todos os contextos do grupo 4 apresentam uma quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 inferior à média da fase. Os contextos do grupo 2 apresentam uma ambivalência de resultados. Metade dos contextos apresenta uma quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 acima da média da fase e a outra metade abaixo da média da fase.

f2) Corrosão das superfícies: No grupo 1, um dos contextos apresenta uma percentagem alta de fragmentos com superfícies corroídas e o outro uma percentagem baixa. No grupo 2, 4 dos 6 contextos apresentam uma quantidade de fragmentos com superfícies corroídas abaixo da média da fase e 2 dos contextos apresentam essa mesma quantidade acima da média da fase. No grupo 3 ambos os contextos apresentam uma quantidade de fragmentos com superfícies corroídas abaixo da média da fase. Apenas os contextos do grupo 3 apresentam o mesmo tipo de resultados. No grupo 4, dois dos três contextos apresentam uma quantidade de fragmentos com superfícies corroídas acima da média e um, abaixo da média.

f3) Preservação da cor: Ambos os contextos dos grupos 1 e 3 apresentam fragmentos de cores concordantes abaixo da média da fase. Apenas 1 dos 6 contextos do grupo 2 apresenta fragmentos de cores concordantes abaixo da média da fase. Todos contextos do grupo 4 apresentam valores abaixo da média.

f4) Corrosão das arestas: Ambos os contextos dos grupos 1 e 3 apresentam quantidades (em percentagem) de fragmentos de arestas roladas abaixo da média da fase. Apenas dois dos seis contextos do grupo 2 apresentam quantidades (em percentagem) de fragmentos de arestas roladas abaixo da média da fase e quantidades (em percentagem) de fragmentos de arestas vivas acima da média da fase.

Podemos concluir que a fragmentação do conjunto cerâmico, a corrosão das arestas e a corrosão das superfícies não estão relacionadas com os tipos de pastas e sua distribuição. Contextos muito diferentes na distribuição de pastas e agrupados em conjuntos distintos possuem características semelhantes. A preservação da cor é o único factor que poderia estar relacionado com os tipos de pastas e sua distribuição nos diversos contextos. De facto contextos do grupo 2 são os únicos que apresentam quantidades de fragmentos de cores concordantes superiores à média da fase. Desse modo, podemos relacionar a boa preservação com o tipo de pastas e sua distribuição ou com a localização dos contextos – já que todos pertencem à PIN 2.

g) Conservação das pastas: Nos contextos analisados integrados na fase III-1, na área norte, as pastas III e VI encontram-se bem preservadas, as pastas VII e X apresentam uma conservação mediana, as pastas II, IV e V encontram-se muito mal preservadas, as pastas I e VIII encontram-se genericamente mal conservadas e as pastas IX, XI e XII não possibilitam uma avaliação segura devido ao número insuficiente de fragmentos.

A análise do estado de conservação das pastas ou tendência de conservação das pastas teve em conta o comportamento destas em cada contexto analisado. Deste modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas II, IV e V encontram-se mal conservadas pois apresentam em vários contextos quer uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas quer com uma maioria de arestas vivas e de pequenas dimensões. Consideramos que a pasta mais mal preservada é a V, seguida da IV e II.

As pastas I e VIII encontram-se genericamente mal conservadas. A pasta I apresenta, em 7 dos 18 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 6 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VIII apresenta em 6 dos 14 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, em 5 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.

As pastas VII e X apresentam uma conservação mediana pois há um equilíbrio entre os contextos onde esta pasta se encontra degradada e os contextos onde se encontra preservada.

As pastas III e VI são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta III possui uma boa preservação em 7 contextos (arestas vivas e grandes dimensões), uma má preservação em 4 contextos (arestas roladas e pequenas dimensões) e uma conservação mediana em 5 contextos (arestas roladas e grandes dimensões). A pasta VI apresenta uma boa conservação em 8 contextos e uma má preservação em 4 contextos.

A conservação dos fragmentos da fase III-2 é semelhante à conservação dos fragmentos da fase III-1. No entanto os tipos de pastas melhor conservados e mais degradados são diferentes daqueles da fase III-1. As pastas I, II e XII encontram-se muito degradadas na fase III-1 sendo que na fase III-2 a pasta I encontra-se genericamente mal conservada mas não tão degradada como na fase III-1 e o número de fragmentos de pastas II e XII é muito reduzido na fase III-2 para ser possível tecer algumas considerações.

As pastas IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas na fase III-1 sendo que na fase III-2 a pasta IV encontra-se muito degradada e a pasta VII possui uma conservação média.

As pastas III e X possuem uma conservação média na fase III-1 sendo que na fase III-1 a pasta III encontra-se bem preservada e a pasta X mantém o seu estatuto.

As pastas VI e VIII encontram-se bem preservadas na fase III-1 sendo que na fase III-2 a pasta VIII encontra-se, genericamente, mal conservada e a pasta VI mantém o seu estatuto.

Deste modo podemos observar que a conservação geral de uma pasta não depende só das suas características de conservação mas sobretudo das condições erosivas presentes nos estratos. Só assim podemos compreender as oscilações na conservação de uma mesma pasta em diversas fases de ocupação.

h) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que originou a descoloração. Os contextos da fase III-2, na área norte revelam um comportamento ligeiramente diferente da maioria dos contextos de outras zonas e fases. Podemos observar que 8 dos 18 contextos – A49, A53, A59, A54, Lx. 85.1, A35, A36 e A37 – possuem valores de fragmentação altos já que as percentagens de fragmentos de tamanho igual ou superior à categoria 3 encontram-se entre 11,2 e 21,4 %. Destes 8 contextos – muito fragmentados – 5 possuem percentagens altas de fragmentos com superfícies corroídas, 4 possuem percentagens baixas de fragmentos com concordância de cores e 7 possuem uma maioria de fragmentos com arestas roladas. Deste modo, poderíamos apontar uma relação entre a excessiva fragmentação e a corrosão das superfícies e arestas. Dos 10 contextos melhor preservados quanto ao tamanho dos fragmentos – A30, A34, A67, A65, Lx. 93, Lx. 105, Lx. 73, A31, A38 e A39, com percentagens entre 21,8 e 28,2 % – apenas 5 contextos possuem uma baixa presença de fragmentos com superfícies corroídas, apenas 4 contextos possuem uma boa preservação de cor e, por último 7 contextos possuem percentagens superiores à média de fragmentos de arestas vivas.

Deste modo podemos ver que apenas encontramos uma relação mais clara entre os índices de fragmentação e a corrosão das arestas. Todos os outros factores de avaliação se apresentam muito confusos nos resultados não permitindo perceber relações de proporcionalidade entre eles.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não é o mesmo que conduz à fragmentação (como já foi referido no ponto h) e à descoloração. Dos 18 contextos presentes, 10 possuem uma má conservação das superfícies – A30, A67, A59, A54, Lx. 105, Lx. 85.1, A35, A37, A38 e A39, com percentagens de fragmentos de superfícies corroídas entre 19 e 37 % – sendo que destes apenas 5 possuem fragmentos de cores concordantes acima da média e 9 dos contextos possuem fragmentos de arestas roladas, também, acima da média. Como sabemos, 8 contextos possuem uma boa conservação das superfícies – A34, A49, A53, A65, Lx. 93, Lx. 73, A31 e A36, com percentagens de fragmentos com superfícies corroídas entre 10 e 18 % – sendo que destes

apenas 4 possuem fragmentos de cores concordantes acima da média e 2 dos contextos possuem fragmentos de arestas roladas, também, acima da média.

Os contextos da fase III-2, na área norte, revelam uma relação – que já tinha sido notada noutros contextos de outras fases e zonas – entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas. É possível que o processo que conduza à corrosão das superfícies conduza também à corrosão das arestas. Como já foi referido, cremos na possibilidade de o processo ser gradativo e numa primeira fase serem corroídas as arestas, corrosão essa seguida da corrosão das superfícies. Esta relação foi também observada nos contextos da fase III-1 na área norte.

Podemos, também observar que não existe uma relação entre a corrosão das superfícies, descoloração e sucessiva fragmentação.

j) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece estar relacionado com nenhum outro processo erosivo. Ou seja, o processo que conduz à descoloração não é o mesmo – ou não ocorre no mesmo momento – que aquele que conduz à corrosão das superfícies e arestas e sucessiva fragmentação.

Com base na avaliação da preservação de cor dos fragmentos e variabilidade das conjugações podemos observar o seguinte:

A ordem dos contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta é a seguinte: A39 (19 %), A31 (35 %), A59 (37 %), A37 (38 %), A36 e Lx. 73 (39 %), A67 (40 %), A30 (42 %), A34 (43 %), A53, A38 e A35 (44 %), Lx. 93 (49 %), Lx. 85.1 e A49 (50 %), A65 (53 %) e Lx. 105 e A54 (54 %). A ordem dos contextos da maior diversidade de cor para a menor é a seguinte: A37 (38 %), A36 (36 %), A31 (35 %), Lx. 73 e A53 (33 %), A67 (32 %), A30 (31 %), A35 (30 %), A38 (27 %), A34 (26 %), Lx. 93 e A65 (25 %), A54 (24 %), A49 (19 %), Lx. 105 (16 %) e A39, A59 e Lx. 85.1 (0 %).

Em comparação à fase anterior podemos observar as seguintes características.

j1) Um intervalo de valores mais amplo, na fase III-2, nos fragmentos de cores concordantes. Assim na fase III-2, de 19 a 54 % dos fragmentos possuem cores concordantes enquanto que na fase III-1 apenas 31 a 62 % dos fragmentos possuíam cores concordantes.

j2) Os contextos da fase III-2 possuem, na generalidade, valores mais baixos na preservação de cor no entanto na fase III-2, 28 % do contextos possuem uma preservação acima dos 50 % e na fase III-1 são, apenas, 22 % dos contextos.

j3) A presença de um intervalo com maior amplitude, na fase III-2, na variabilidade de conjugações de cor. Assim na fase III-2, 0 a 38 % dos fragmentos encontram-se dentro da categoria “Outros” enquanto que na fase III-1 encontram-se entre 11 a 34 %.

j4) Um valor máximo de conjugações minoritárias aproximado nas duas fases, em volta dos 30 %.

j5) Ambas as fases possuem a mesma percentagem de contextos (44 %) com um valor acima de 30 % de conjugações minoritárias.

j6) Tendo em conta as características apresentadas consideramos a fase III-2 melhor preservada ao nível da cor do que a fase III-1.

Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutro factor de avaliação não são totalmente semelhantes sendo que 7 contextos – A39, A59, A53, A35, Lx. 85.1, A65 e A54 – revelam-se mais discrepantes que os restantes contextos. As A39, A59 e Lx. 85.1 não apresentam conjugações de cor minoritárias (que cheguem aos 3 %) porque são conjuntos cerâmicos com um número muito reduzido de fragmentos, 26, 28 e 36 fragmentos, respectivamente. Deste modo ordenando os contextos do mais bem preservado para o pior preservado temos: Lx. 105, A54, A65, A49, Lx. 93, A38, A35, A53, A34, A30, A67, Lx. 73, A36, A31 e A37.

Com base na avaliação realizada concluímos que os contextos seguros da PIN 2 são aqueles que apresentam uma melhor preservação de cor, ainda que alguns contextos possuam percentagens de fragmentos de cores concordantes abaixo da média. Os contextos da PIN 2.1 e 1 apresentam uma má conservação de cor sendo que a má conservação dos contextos da PIN 2.1 encontrava-se já presente na fase III-1. cremos que as características apresentadas estão relacionadas com processos erosivos mais destrutivos presentes na PIN 2.1 e 1 ou com abandonos temporários e permanentes que ocorreram nas PIN 2.1 e 1 e que não ocorreram na PIN 2.

l) Os contextos e seu estado de conservação.

Consideramos os contextos com um número de fragmentos muito baixo mal preservados pois o número de fragmentos é um indicador de ruptura do estrato / conjunto cerâmico ou de uma escavação parcial / incompleta. Deste modo, a A59, Lx. 85.1, A38 e A39 são considerados conjuntos cerâmicos mal preservados. A A59 corresponde ao incêndio da U. Hab. 15 e esta foi escavada de modo muito parcial. O Lx. 85.1 corresponde ao interior de uma pequena estrutura pétreo calcólica – que terá sido provavelmente reutilizada durante as ocupações da Idade do Ferro – sendo que é representado por um número muito reduzido de fragmentos cerâmicos. No Lx. 85.1 todas as pastas presentes possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões (mal

preservadas). As A38 e A39 correspondem aos estratos que constituem a Fossa-Forno na PIN 1. A A38 agrega os estratos da estrutura da Fossa-Forno e a A39 agrega os estratos do interior da Fossa-Forno. Ambas as associações revelam – para além de um número reduzido de fragmentos: *i*) uma má conservação dos fragmentos; *ii*) uma maioria de fragmentos possui arestas roladas; *iii*) má preservação de cor e *iv*) percentagens médias / altas de fragmentos de superfícies corroídas. Podemos observar que os conjuntos cerâmicos presentes nas A38 e A39 são muito residuais e apresentam-se muito mal conservados. Cremos que correspondem a conjuntos cerâmicos que não constituem depósitos, ou seja não existiu nenhuma intencionalidade humana na integração destes fragmentos nestes estratos.

Os contextos pior preservados são (por ordem decrescente, do pior preservado para o medianamente preservado): a A37, A53, A54, A35 e A36. Para exemplificar como foi obtida a ordem, podemos dizer que na A37, todas as pastas presentes apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas (100 %) e 7 das 9 pastas apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão (78 %) e, por último, na A36, 10 das 11 pastas presentes (91 %) apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 7 das 11 pastas (64 %) apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão. Os contextos são sempre comparados a nível percentual pois o número de pastas presente varia de consoante o contexto. As percentagens presentes na A53, A54 e A35 encontram-se entre 100 e 91 % em relação às arestas roladas e entre 78 e 64 % em relação ao tamanho dos fragmentos. Podemos afirmar que todos estes contextos revelam um forte revolvimento mecânico (que fragmentou de modo significativo o conjunto cerâmico) sendo que as percentagens de fragmentos com um tamanho igual ou superior à categoria 3 encontram-se compreendidas entre 12,9 e 21,4 %. Estes 5 contextos apresentam todas percentagens elevadas, gerais, de arestas roladas – entre 37 a 57 % – no entanto nem todos apresentam uma forte corrosão das arestas ou uma forte descoloração.

A A35 e A37 compreendem conjuntos cerâmicos degradados em todos os factores analisados – cor, corrosão das superfícies e arestas e fragmentação – sendo que a A37 corresponde ao incêndio ocorrido na PIN 1 e a A35 corresponde ao solo humoso na PIN 1. Cremos que a degradação destes conjuntos cerâmicos integrados na PIN 1 encontra-se bem relacionada com a degradação geral desta zona ocupacional. De facto a PIN 1 revela uma degradação muito alta que cremos fruto de um abandono anterior ao abandono final do povoado. Uma erosão mais prolongada levada a cabo por agentes climatéricos e do solo conduziu a uma pior preservação. A A6 que corresponde ao solo ocupacional revela uma boa preservação das superfícies dos fragmentos ainda que uma má conservação da cor, do tamanho e das arestas dos fragmentos. Cremos que tal pode estar relacionado

com a própria ocupação. É muitas vezes visível uma boa preservação das superfícies em contextos relacionados com solos / depósitos de ocupação.

As A53 e A54 – apesar da elevada fragmentação e percentagens elevadas de arestas roladas – revelam uma boa preservação da cor e uma preservação média das superfícies. A A53 corresponde à camada de incêndio da U. Hab. 12 e a A54 corresponde a um conjunto de estratos que integram solos / depósitos de ocupação. A cor encontra-se mais degradada no estrato de incêndio – A53 – e as superfícies encontram-se mais degradadas na A54. É provável que as diferenças de temperatura ocorridas no incêndio influenciem a preservação da cor e é possível que a falta de sucessão estratigráfica nos quadrados da A54 – e consequente falta de protecção por outros solos do conjunto cerâmico da A54 – levam a uma maior corrosão das superfícies. A possível antiguidade da A54 – em comparação com os níveis de incêndio – pode, também, estar relacionada com uma maior corrosão das superfícies.

Os estratos de incêndio das U. Habs. 9, 10 e 11 – A30, A34 e A49, respectivamente – não estão integrados nos contextos mais mal preservados no entanto é visível uma forte degradação nestes 3 contextos. A A49 – estrato de incêndio da U. Hab. 11 – apresenta em 8 das 9 pastas presentes, uma maioria de fragmentos de arestas vivas e em 6 das 9 pastas, uma maioria de fragmentos de tamanho igual ou inferior à cat. 2. Podemos compreender que o estrato de incêndio da U. Hab. 11 apresenta-se muito fragmentado, com uma fragmentação recente que cremos corresponder ao momento do incêndio. Após o incêndio os fragmentos não sofreram mais acções de fragmentação ou acções de boleamento das arestas. Curiosamente a A49 apresenta uma boa preservação dos tratamentos de superfície e da cor dos fragmentos. Cremos que estas duas características estão relacionadas com a própria natureza do estrato. Após o incêndio os fragmentados foram conservados – quase intactos – no seu interior.

A A34 – estrato de incêndio da U. Hab. 10 – revela uma fragmentação inferior à A49, a mesma conservação dos tratamentos de superfície e uma menor conservação da cor. Na A34, 3 das 6 pastas apresentam uma maioria de arestas roladas e uma maioria de fragmentos de tamanho igual ou inferior à cat. 2. No entanto, na percentagem geral podemos observar que 22,7 % dos fragmentos possuem um tamanho igual ou superior à cat. 3. Esta percentagem é mais alta do que a da A49 e encontra-se acima da média da fase. Consideramos este contexto, genericamente, degradado, onde é visível uma enorme fragmentação a par de uma média descoloração. A maior descoloração deste contexto pode estar relacionada com uma exposição do estrato à intempérie, já que os estratos que se lhe sobrepunham correspondiam ao solo humoso.

A A30 – estrato de incêndio da U. Hab. 9 – revela a percentagem mais alta de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3 – 28,2 % – no entanto 5 das 8 pastas presentes apresentam tanto uma maioria de fragmentos de arestas roladas como uma maioria de fragmentos de tamanho igual ou inferior à cat. 2. Podemos compreender que uns aspectos não invalidam os outros pois apesar da percentagem de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 ser a mais alta da fase continua a ser uma percentagem minoritária que revela bem a fragmentação presente neste conjunto cerâmico. Este contexto revela também uma percentagem alta de fragmentos de superfícies corroídas – 25 % – e uma média descoloração. Estas características estão de acordo com a natureza do contexto sendo que podem estar relacionadas com a exposição deste estrato à intempérie aquando da reconstrução da muralha norte. Relembramos que a muralha norte foi reconstruída sobre os escombros desta U. habitacional e que essa reconstrução pode ter conduzido a uma erosão suplementar.

O conjunto cerâmico da A67 – pisos de argila da U. Hab. 10 – revela características semelhantes ao conjunto cerâmico do estrato de incêndio da U. Hab. 10 – A34. As únicas diferenças evidentes e importantes são: a A67 apresenta maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas e de arestas roladas. Apesar dos valores de fragmentação serem semelhantes, é notória uma maior quantidade de arestas vivas na A34. Assim a A67 corresponde a um contexto mais menos revolido e mais exposto a agentes que corroem superfícies e arestas. A corrosão de superfícies e arestas pode estar relacionada com agentes atmosféricos.

Os estratos localizados na PIN 2 e relacionados com a área envolvente à U. Hab. 11 – A65, Lx. 93 e Lx. 105 – apresentam uma conservação média do tamanho dos fragmentos (acima da média da fase); uma óptima conservação da cor, uma conservação mediana dos tratamentos de superfície (apenas o Lx. 105 apresenta uma percentagem de fragmentos de superfícies corroídas acima da média da fase) e uma média presença de fragmentos de arestas vivas (nos Lxs. 93 e 105 a presença de fragmentos de arestas vivas é relativamente baixa). As características presentes revelam: *i*) uma fragmentação antiga – pois encontramos pouca quantidade de fragmentos de arestas vivas; *ii*) uma sobreposição de estratos / ocupações – nomeadamente a ocupação da fase III-3 – pois dá-se uma óptima conservação da cor dos fragmentos e, por último, *iii*) uma exposição mediana a agentes atmosféricos, que não apontam uma ruptura ocupacional, pois a conservação das superfícies é relativamente boa. A má conservação das superfícies no Lx. 105 pode estar relacionada com o facto de este contexto corresponder a uma área de dejectos (Est. XVII – vol. 1).

Os contextos da PIN 2.1 – A31 e Lx. 73 – foram considerados relativamente bem preservados em relação às pastas presentes. Na A31, 3 das 10 pastas presentes (30 %) apresentam uma maioria de

fragmentos de arestas e roladas e 4 das 10 pastas (40 %) apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão e no Lx. 73, 2 das 8 pastas presentes (25 %) apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 4 das 8 pastas (50 %) apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão. No entanto a A31 possui apenas 23 % de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3 e o Lx. 73 possui 21,8 % de fragmentos na mesma condição. Deste modo, é visível uma grande fragmentação dos contextos apesar da análise pormenorizada das pastas não o revelar. Estes contextos revelam também uma boa preservação das superfícies e uma má preservação da cor. A má preservação da cor (das mais baixas da fase) pode indicar o abandono a que estes estratos estiveram sujeitos.

6.4.3. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente

6.4.3.1. Plataforma Inferior Leste

No período compreendido de 80 a 120 DC aproximadamente, na Plataforma Inferior Leste foram estudados 6 contextos (complexos ou associações): A28, A29, A16, A26, camadas 1 e 1a em determinados quadrados (ver ponto 5 deste volume).

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.5.1.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) No período compreendido de 80 a 120 DC aproximadamente, os contextos identificados já não se sobrepõem, directamente, a estratos relacionados com a ocupação calcolítica no entanto continuam apresentar presenças significativas de fragmentos sem forma e bordos calcolíticos. Colocamos duas hipóteses para explicar a presença de fragmentos calcolíticos em contextos da última ocupação da Idade do Ferro, a saber: 1) os fragmentos calcolíticos são provenientes de contextos localizados na Plataforma Superior Leste e são fruto de escorrimentos naturais e 2) os fragmentos calcolíticos estão presentes nos estratos da Idade do Ferro de forma contínua pois este tipo de material é manipulado desde o início da ocupação e permanece em contexto sob múltiplas razões. Cada contexto e cada fase de ocupação possuem características diferenciadas sendo que as razões da presença de materiais calcolíticos em contextos da Idade do Ferro variam consoante o contexto analisado.

Os contextos integrados na fase III-3 possuem determinadas características relacionadas com a mistura de materiais de cronologias diferentes, que expomos de seguida.

a1) É visível um desfasamento claro entre a totalidade dos fragmentos por pasta e os recipientes identificados a essa mesma pasta por contexto. Podemos, também, observar – na fase III-

3 – que as pastas conotadas com a Idade do Ferro possuem uma relação interna entre fragmentos sem forma e recipientes menos discrepante do que aquelas pastas conotadas com a ocupação calcolítica (IV, IX, X e XI). Quer dizer que, por vezes, a percentagem de recipientes de uma determinada pasta é muito alta na análise geral do contexto mas a percentagem da totalidade de fragmentos dessa mesma pasta é muito baixa, no mesmo contexto. Deste modo, as cerâmicas que integram pastas com estas características – sejam da Idade do Ferro ou calcolíticas – aparentam, sempre, estar deslocadas e são de certo modo mal caracterizáveis. Na fase III-3 as pastas calcolíticas são de difícil caracterização pois a percentagem de recipientes diminuiu em relação às fases anteriores – 33 % de recipientes calcolíticos para 63 % na fase anterior. *A diminuição paulatina da percentagem de recipientes por contextos e fases é uma tendência que caracteriza a ocupação da Idade do Ferro, na PIL.*

a2) Na fase III-3, a presença de recipientes calcolíticos parece estar relacionada, directamente, com a presença de fragmentos calcolíticos sem forma. Quer dizer que, nesta fase, a relação entre os recipientes e os fragmentos sem forma parece mais proporcional do que nas fases anteriores, ainda que em alguns contextos a percentagem de recipientes exceda a percentagem de fragmentos sem forma. A relação entre recipientes e fragmentos sem forma parece mais proporcional porque as diferenças entre as percentagens são baixas sendo que as discrepâncias são muito menores em relação àquelas presentes nas fases anteriores. Colocamos a hipótese, para a fase III-2, de que a comunidade da Idade do Ferro tivesse manipulado, intencionalmente, recipientes calcolíticos (inteiros ou quebrados) – fazendo com que num estrato da Idade do Ferro, de clara ocupação se possam encontrar 50 a 86 % de recipientes calcolíticos. Na fase III-3 não é possível afirmar uma manipulação intencional pois as diferenças percentuais não possibilitam a indicação de uma manipulação intencional e somente de ocorrências mais ou menos casuais.

a3) Como já referimos, a percentagem de bordos calcolíticos reduz-se em relação à fase anterior no entanto dentro da fase em questão são visíveis diferenças entre contextos. Fragmentos sem forma e recipientes (bordos) calcolíticos encontram-se menos presentes nas camadas superficiais – A28 e A29 – e naquelas superficiais relacionadas com a área diversificada 6 – A26 e A16 – do que nas camadas 1 e 1a (em geral e em diversos quadrados da plataforma). Podemos observar que a quantidade de fragmentos sem forma e bordos calcolíticos decresce de baixo para cima (numa relação estratigráfica vertical) sendo que estes dados apontam para um remeximento, sempre, dos estratos mais profundos. Quer dizer que, *a continuidade da ocupação cria um contínuo estratigráfico revelado nos materiais mas descontinuado nos estratos.*

Podemos então concluir que, na fase III-3 a presença de fragmentos calcólíticos se deve a remeximentos dos estratos inferiores sem manipulação intencional dos materiais cerâmicos mais antigos. Podemos também observar que a interferência dos fenómenos de escorrimento e deposições posteriores à ocupação não é tão significativa como o fenómeno de remeximento dos estratos devido à ocupação contínua. Quer dizer que, cremos que existem materiais fruto de escorrimentos da encosta e provenientes da Plataforma Superior no entanto esse fenómeno tem um impacto inferior àquele relacionado com a ocupação contínua.

b) A análise dos contextos integrados na fase III-3, na PIL, revela que o grau de mistura de determinado contexto não possui uma relação clara com os resultados gerais que nos revelam o grau de conservação do estrato. Quer dizer que, o grau de mistura de determinado contexto não modifica de modo perceptível as características relacionadas com o estado de conservação do estrato.

Podemos observar que os contextos menos misturados com materiais cerâmicos calcólíticos são a A26, A16 e A28. A A26 é um contexto com elevada fragmentação e com fragmentos bem preservados quer na cor quer no tratamento das superfícies. As A16 e A28 são contextos pouco fragmentados mas com uma elevada presença de fragmentos de superfícies corroídas ainda que com uma preservação mediana da cor. Podemos concluir que contextos com as mesmas características de grau de mistura possuem diferentes características na conservação dos fragmentos sendo que não é clara uma relação de influência entre o grau de mistura e os resultados obtidos para a conservação do estrato.

c) É visível, em quase todos os contextos integrados na fase III-3, uma menor fragmentação, quer dizer que estão presentes fragmentos de maior tamanho, no geral e em percentagem, do que nos contextos da fase anterior. A A26 é o único contexto que apresenta um valor de fragmentação semelhante ao dos contextos da fase III-2. A A26 é também o único contexto da fase III-3 que possui estratos que se lhe sobrepõem. Deste modo, podemos relacionar a fragmentação da A26 com uma continuidade de ocupação ocorrida nos contextos que lhe sobrepõem.

Podemos concluir que a fragmentação sucessiva está relacionada com a vigência do contexto e com a continuidade de ocupação sendo que esta premissa já tinha sido referida para os diversos contextos das fases III-1 e III-2. *Cremos que é correcto afirmar que a excessiva fragmentação dos contextos está directamente relacionada com a continuidade da ocupação e com acções humanas (erosivas) em geral.*

d) Em relação às pastas, os contextos dividiram-se em dois grupos principais – tanto na totalidade dos fragmentos como nos recipientes – sendo que três contextos encontram-se isolados. Aparentemente não há uma relação entre os tipos de pastas presentes em determinado contexto e as características que ele apresenta no estado de conservação dos fragmentos. As camadas 1 e 1a apresentam a mesma hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos sendo que apresentam diferenças: 1) na percentagem de superfícies corroídas – 18,43 % na camada 1 e 30,73 % na camada 1a –; 2) na percentagem de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 – 33,8 % na camada 1 e 30,9 % na camada 1a – e 3) na percentagem de arestas roladas e arestas vivas – 30 e 46 % de arestas vivas e roladas, respectivamente, na camada 1 e 41 e 39 % na camada 1a. As camadas 1 e 1a apresentam, no entanto, percentagens semelhantes ao nível da preservação de cor dos fragmentos. As A16 e A26 apresentam a mesma hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos sendo que apresentam diferenças: 1) na percentagem de superfícies corroídas – 26,71 % na A16 e 13,64 % na A26 –; 2) na percentagem de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 – 35,2 % na A16 e 18,9 % na A26 –; 3) na percentagem de arestas roladas e arestas vivas – 30 e 61 % de arestas vivas e roladas, respectivamente, na A16 e 38 e 29 % na A26 – e 4) na preservação da cor – 36 % na A16 e 33 % na A26 sendo que a média ponderada corresponde 34 % e por isso consideramos os 33 % uma percentagem baixa e os 36 % uma percentagem alta. As A28 e A29 são contextos isolados relativamente à hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos revelando características muito semelhantes nas percentagens de fragmentos com superfícies corroídas, fragmentos com dimensão igual ou superior à categoria 3 e preservação de cor.

Deste modo, podemos concluir que *não há uma relação directa entre as características do contexto ao nível das pastas – e sua distribuição – e o estado de conservação dos fragmentos – em quase todos os parâmetros.*

Na fase III-3, a presença de fragmentos de pasta VI é a mais alta de todas as fases – sendo a sua representatividade de 14 a 39 % – no entanto a presença de fragmentos de pasta VIII sofre um decréscimo relativamente à fase anterior, sendo a sua representatividade de 3 a 21 % (na fase III-2 encontrava-se entre 0 e 42 %). Não é visível, em relação à fase anterior, diferenças significativas na quantidade de arestas roladas e dimensão dos fragmentos. No entanto é possível observar uma diminuição da preservação de cor e um aumento das superfícies corroídas.

Na fase III-2, foi relacionada a presença de pastas VI e VIII com o aumento de fragmentos de pequenas dimensões e um aumento das arestas roladas no entanto na fase III-3 não é possível relacionar o aumento da pasta VI com qualquer factor de avaliação da preservação dos fragmentos.

Creemos que o aumento das superfícies corroídas e a diminuição da preservação de cor está relacionada, na fase III-3, com a proximidade com o solo humoso, o abandono do povoado e a ocorrência de maior interacção com os agentes erosivos naturais.

Deste modo, concluímos que as presenças das pastas VI e VIII (medidas em percentagem) não influenciam os resultados do estudo de conservação dos fragmentos. Creemos que a presença sempre minoritária e raramente excedendo os 35 % destas duas pastas não permite uma mudança, significativa, nas características físicas de conservação dos fragmentos.

e) No período compreendido entre 80 a 120 DC, as pastas III, VI e VII encontram-se, genericamente, bem preservadas (boa presença de fragmentos de boa dimensão ou de arestas vivas), as pastas I, VIII, X, XI e XII encontram-se, genericamente, mal preservadas e as pastas II, IV, V e IX são inconclusivas em todos os contextos. As pastas VII, VIII, XI e XII são, também, inconclusivas em alguns contextos, devido ao reduzido número de fragmentos. Podemos observar que as pastas III e VI possuem uma boa preservação em toda a ocupação da Idade do Ferro, na PIL e que as pastas I e XII se encontram mal preservadas em toda a ocupação. As únicas pastas que se revelam sempre coerentes no estado de conservação dos fragmentos são a I, III, VI e XII sendo que todas as outras pastas revelam comportamentos diferenciados quer relativamente aos contextos quer às fases de ocupação.

Creemos que as diferenças de preservação entre pastas estão relacionadas com o tempo de permanência dos fragmentos em depósito. Quer dizer que as pastas melhor preservadas são aquelas que foram mais usadas em determinado contexto sendo que as piores preservadas são aquelas que ainda que sendo utilizadas foram menos repostas. Deste modo, cremos que *os fragmentos de pastas piores preservadas pertenceram a recipientes que depois de quebrados não foram repostos por recipientes pertencentes a essa mesma pasta.*

Esta hipótese interpretativa é lançada tendo em conta as características das pastas e o seu comportamento ao longo de toda a ocupação e em diversos contextos.

f) Também na fase III-3, é possível observar que *os processos que levam à fragmentação sucessiva dos fragmentos cerâmicos não são os mesmos que provocam as superfícies corroídas ou descoloração.* Na fase III-2 o processo de formação das arestas roladas parecia o mesmo das superfícies corroídas no entanto tal não é visível na fase III-3. A presença de arestas roladas na fase III-3 é muito elevada em todos os contextos no entanto o contexto com maior percentagem de arestas roladas – A16 – não é aquele que apresenta maior percentagem de fragmentos com superfícies

corroídas (ainda que esta seja elevada). O contexto com maior percentagem de superfícies corroídas é um dos contextos com menor percentagem de arestas roladas dentro do cômputo geral.

Deste modo, podemos dizer que *o processo que leva à erosão das arestas e das superfícies pode ser o mesmo mas atinge os fragmentos em graus de intensidade diferentes. Assim, a erosão das arestas é um primeiro estado deste processo erosivo ao qual se segue – quando tal ocorre – a erosão das superfícies.* cremos que as superfícies corroídas podem apontar para um grau de intensidade do processo erosivo mais elevado do que aquele que atinge, unicamente, as arestas dos fragmentos.

g) Na fase III-3, *a descoloração dos fragmentos ou má preservação da cor parece estar relacionada com a proximidade da camada humosa e de todos os agentes erosivos a ela associados.* No entanto os fragmentos de cor preservada ainda atingem os 30 % em todos os contextos analisados. Na fase III-3 os contextos mais descolorados são as A28, A29 e A26 sendo que todos estes contextos correspondem a contextos de solo humoso ou muito próximos do mesmo.

cremos – tendo em conta os resultados de todos os contextos e de todas as fases – que a margem de 30 % de fragmentos com a cor preservada é o mínimo aceitável para um contexto arqueológico no Crasto de Palheiros, na PIL. No entanto, existem contextos, tanto na fase III-1 como na III-2 (A13 e Lx. 68 na fase III-1 e A2, Lx. 45a e 80 na fase III-2), com valores inferiores aos 30 % estipulados como um mínimo aceitável. É possível que os *contextos com uma preservação de cor inferior a 30 % revelem hiatos de ocupação – cronológicos e espaciais – onde os fragmentos cerâmicos estão expostos durante um tempo, que não podemos determinar, aos agentes erosivos atmosféricos.*

h) Em resumo podemos dizer o seguinte.

h1) A A26 possui uma baixa presença de fragmentos grandes dimensões e uma presença elevada de fragmentos com arestas vivas sendo que cremos que a relação entre estes dois factores revela um revolvimento violento e quem sabe recente. A A26 apresenta uma presença baixa de fragmentos com as superfícies corroídas ainda que com alguma descoloração da cor. Deste modo podemos observar na A26 (Lxs. 81, 43.1, 43.2 e 43.3) uma processo de degradação algo violento, que levou à quebra sucessiva dos fragmentos e que pode ter sido provocado pela continuidade da ocupação através da camada 1 e 1a. No entanto este processo não levou à destruição das superfícies nem a uma descoloração excessiva das mesmas. Assim, tudo indica que esta associação sofreu um processo de degradação semelhante àqueles ocorridos noutras fases e relacionados com níveis de ocupação continua.

h2) A A28 possui uma elevada presença de fragmentos de grandes dimensões e uma boa presença de fragmentos com arestas vivas sendo que cremos que a relação entre estes dois factores revela uma boa preservação física do estrato, apenas com ligeiros revolvimentos. É possível observar a presença bastante elevada de fragmentos com superfícies corroídas (28 %) e ainda que com alguma descoloração de cor (33 % de fragmentos com a cor preservada). Cremos que a grande presença de fragmentos com as superfícies corroídas aliada a uma ligeira descoloração atesta uma estagnação dos fenómenos mecânicos de erosão. A A28 é constituída pelas camadas 0/1 e 0/1a sendo portanto o interface entre estratos nitidamente arqueológicos e pouco revolvidos pela agricultura e aqueles não arqueológicos e revolvidos pela agricultura. Deste modo as características da A28 revelam que é um estrato onde se deu pouco revolvimento – atestando o final da ocupação – ao qual se seguiu um período de estagnação – antes da formação de um solo humoso protector – onde se levam a cabo acções erosivas químicas que, por exemplo, podem corroer as superfícies dos fragmentos.

h3) As A16 e camada 1 possuem presenças elevadas de fragmentos grandes e de arestas roladas sobretudo na A16. É também visível uma presença significativa de fragmentos de superfícies corroídas embora com uma preservação de cor ainda alta (mais alta que o mínimo considerado a ver no final do capítulo nas conclusões gerais). Cremos que estes dois contextos revelam uma boa preservação física – pouco remeximento – ainda que revelem uma grande acção de deterioração das superfícies e arestas, provavelmente consequente de agentes erosivos químicos (solo aliado à atmosfera). É possível perceber que estes contextos não tiveram expostos à insolação durante muito tempo pois a descoloração das superfícies não é massiva. Tendo em conta que a A16 integra as camadas 1 e 1a que se localizam sobre os Lxs. 75, 82 e 83 consideramos que a presença de muitas arestas roladas é sinal de antiguidade do depósito e não da sua má preservação.

h4) A camada 1a possui bastantes fragmentos grandes e uma elevada presença de fragmentos com arestas vivas revelando que este contexto não sofreu uma fase de estagnação prolongada. Este contexto possui uma elevada presença de fragmentos de superfícies corroídas embora com uma preservação de cor acima do mínimo estipulado. Cremos que este contexto não sofreu acções de revolvimento, geralmente relacionadas com uma continuidade ocupacional mas sofreu acções dos agentes atmosféricos que por exemplo – através da percolação de águas – corroeram as superfícies.

h5) A A29 possui bastantes fragmentos grandes, uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas, uma elevada presença de fragmentos com superfícies corroídas e a mais baixa preservação de cor. Cremos que a presença elevada de fragmentos de arestas roladas, superfícies corroídas e má / pouca preservação de cor é revelador do mau estado de conservação deste contexto. Podemos concluir que não existe uma relação entre a sucessiva quebra dos fragmentos e acções

modernas de agricultura. Na realidade a sucessiva quebra dos fragmentos é muito mais corrente em contextos arqueológicos do que no solo humoso indicando a continuidade de ocupação como causa principal da fragmentação sucessiva das cerâmicas. De todos os contextos integrados na fase III-3, apenas a A26 revela uma baixa presença de fragmentos de grande dimensão indicando uma continuidade de ocupação para aquela zona habitacional.

Deste modo podemos concluir que o solo humoso indica que os processos erosivos relacionados com a formação dele mesmo são aqueles que destroem os fragmentos nas superfícies, arestas e cor. A dimensão dos fragmentos parece encontrar-se intimamente relacionada com a vigência / formação do estrato arqueológico e com a acção de agentes humanos durante as ocupações históricas.

6.4.3.2. Talude Exterior Leste

No período compreendido de 80 a 120 DC, no Talude Exterior Leste foram analisados 4 contextos (complexos ou associações) – A40, A45, A46 e A41. As associações criadas têm como objectivo uma maior coesão dos conjuntos cerâmicos a partir da junção de determinados estratos arqueológicos. A aglutinação de determinados estratos encontra-se relacionada com a sua natureza. Os complexos que compõem a A40 dizem respeito, unicamente ao solo humoso e seus revolvimentos. Os complexos integrados na A45 dizem respeito à Estrutura Pétreia, ao seu interior e ao desmantelamento da estrutura. Os complexos que compõem a A46 integram-se num mesmo nível ocupacional – que corresponde à utilização da estrutura pétreia – correspondendo a um momento cronológico que curto que pode ser genericamente entendido como um solo de ocupação. A A41 corresponde, grosso modo, ao depósito de ocupação correspondente ao período aqui analisado e a totalidade da fase III-3 corresponde à totalidade dos complexos estudados para este período.

No Talude Exterior Leste foi realizado o somatório de todos os contextos sendo denominado de fase III-3. Este somatório também foi avaliado através dos factores de compreensão do estado de conservação de fragmentos e estratos, ainda que aqui só falemos dos 4 contextos acima citados.

A interpretação aqui apontada é baseada na análise de pormenor descrita no vol. 2, capítulo 5.5.2.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) Tal como acontece na fase III-2, a ocupação da fase III-3 é descrita apenas por intermédio de 4 contextos. Sabemos que o número de contextos influencia as interpretações propostas no entanto estes 4 contextos são aqueles que fazem sentido na análise desta ocupação do Talude Exterior Leste. As interpretações apontadas podem ser consideradas frágeis – quando comparadas

com a mesma fase de outras zonas de ocupação, como a PIL e PIN – no entanto são aquelas possíveis.

b) *Grau de mistura*: Tal como na fase III-2, os complexos integrados na fase III-3 não se encontram sobrepostos directamente a estratos da ocupação calcolítica. No entanto os contextos apresentam ainda presenças significativas de fragmentos calcolíticos.

Podemos observar que as A45 e A46 não apresentam recipientes calcolíticos. As A41 e A40 apresentam 14 e 17 % de recipientes calcolíticos, respectivamente. Se ordenarmos os contextos daquele com maior grau de mistura para aquele com menor grau de mistura, obtemos a seguinte ordem: A46, A45, A41 e A40.

É visível, em relação à fase III-2, um decréscimo na presença de recipientes calcolíticos, já que dois contextos não possuem recipientes calcolíticos. Contudo as percentagens de fragmentos calcolíticos na totalidade dos conjuntos cerâmicos são semelhantes àquelas da fase anterior. Na fase III-3, 7 a 14 % dos fragmentos podem ser calcolíticos e na fase III-2, 10 a 21 % dos fragmentos podem corresponder a fragmentos calcolíticos.

É evidente uma diminuição do grau de mistura dos contextos mais antigos para os mais modernos. A quantidade de fragmentos calcolíticos na totalidade dos conjuntos cerâmicos é, genericamente, proporcional à antiguidade do estrato, ou seja, quanto mais antigo maior a quantidade de fragmentos e quanto mais moderno menor a quantidade. As quantidades de recipientes calcolíticos nos diversos contextos são menos previsíveis do que a quantidade de fragmentos calcolíticos na totalidade do conjunto cerâmico.

A presença de fragmentos e recipientes calcolíticos em contextos da Idade do Ferro pode ser realizada através de duas hipóteses interpretativas (que foram anteriormente descritas).

Como já foi referido, na primeira hipótese interpretativa, os materiais calcolíticos ocorreriam nos estratos da Idade do Ferro através da construção e uso das habitações. A construção e uso das habitações levaria a uma perfuração dos contextos calcolíticos criando uma mistura de fragmentos cerâmicos de ambas as ocupações. Nesta hipótese interpretativa, a antiguidade dos estratos seria proporcional ao grau de mistura dos fragmentos, ou seja contextos mais antigos – sobrepostos estratigraficamente a contextos calcolíticos – apresentariam níveis de mistura elevados e contextos mais modernos – já não sobrepostos directamente a contextos calcolíticos – apresentariam níveis de mistura mais baixos.

Na segunda hipótese interpretativa os materiais calcolíticos encontram-se presentes em contextos da Idade do Ferro porque são intencionalmente manipulados pela comunidade. Os dados

revelam que este comportamento de manipulação cairá em desuso ao longo da ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Se atendermos à cronologia dos contextos percebemos que em cada fase os contextos mais antigos são os que revelam maior quantidade de fragmentos e recipientes calcólicos. Contudo tal não significa que o contexto mais antigo da fase III-2 possua menor quantidade de fragmentos calcólicos que o contexto mais moderno da fase III-1 ou que o contexto mais antigo da fase III-3 possua menor quantidade de fragmentos calcólicos que o contexto mais moderno da fase III-2. Em cada fase podemos observar uma gradação ou hierarquia que se encontra, genericamente, relacionada com a cronologia. Contudo, podemos também observar que um determinado contexto da fase III-2 (por ex. a A44) possui uma maior quantidade de fragmentos calcólicos que determinados contextos da fase III-1 (por ex. a A47 ou o Lx. 136).

Deste modo, a falta de previsibilidade e proporcionalidade da redução dos fragmentos calcólicos em contextos da Idade do Ferro à medida que nos aproximamos do final da ocupação, ou seja do séc. II DC, leva-nos a crer que esta diminuição reflecte uma atitude / comportamento ao invés de um processo erosivo.

Na análise da fase III-2 tínhamos referido que a redução dos fragmentos e recipientes calcólicos pode ser explicada através da relação entre o número de fragmentos da Idade do Ferro e o número de fragmentos calcólicos. Deste modo, sugeríamos que a redução de fragmentos calcólicos ocorre – na fase III-2 – pois o número de fragmentos da Idade do Ferro aumenta em relação à fase III-1. Nesta hipótese interpretativa existe a possibilidade de o número de fragmentos calcólicos manipulados poder ser semelhante durante toda a ocupação da Idade do Ferro variando apenas o número de fragmentos da Idade do Ferro e a sua conseqüente relação com os fragmentos calcólicos.

Deste modo, quando o número de fragmentos da Idade do Ferro diminui, a importância dos fragmentos calcólicos deveria aumentar. Contudo os contextos integrados na fase III-3 apresentam, genericamente, conjuntos cerâmicos com menor número de fragmentos que os da fase III-2 e com percentagens de fragmentos calcólicos, genericamente, mais baixos que os da fase III-2.

Creemos que a integração de fragmentos calcólicos em contextos da Idade do Ferro seja intencional e que a sua redução paulatina seja o resultado de uma mudança comportamental.

c) *Grau de mistura / Grau de conservação do estrato*: Os contextos da fase III-3 foram ordenados consoante a presença de fragmentos e recipientes calcólicos. Desse modo, foi obtida a seguinte ordem (da maior quantidade para a menor): A46, A41, A45, A40.

Podemos observar que se ordenarmos os contextos daquele com menor preservação de cor para aquele com maior preservação de cor obtemos a mesma hierarquia do grau de mistura – A46, A41, A45, A40. Contudo nos restantes factores de avaliação não existe uma coincidência total de hierarquias. Ordenando os contextos daquele com maior índice de fragmentação para o menor índice de fragmentação e daquele com maior quantidade de arestas roladas para aquele com menor quantidade de arestas roladas obtemos a seguinte hierarquia comum: A46, A45, A41 e A40. Se ordenarmos os contextos daquele com maior presença de fragmentos com superfícies corroídas para aquele com menor presença obtemos a seguinte hierarquia A45, A40, A41 e A46.

A relação entre o grau de mistura e o estado de conservação dos fragmentos parece não é clara ainda que possa existir. A preservação de cor é o único factor de avaliação totalmente coincidente com o grau de mistura e a corrosão das superfícies é o factor mais discordante. O tamanho dos fragmentos e a corrosão das arestas é genericamente, concordante com o grau de mistura dos contextos.

É de notar que a avaliação da fase III-3 é realizada a partir de 4 contextos sendo que a possível concordância entre 4 contextos é maior do que entre 10 contextos. Quer dizer que o número de contextos influencia as avaliações comparativas pois as probabilidades de concordância são elevadas.

No entanto, como existe uma relação entre o grau de mistura e a antiguidade de um contexto, ou seja, o grau de mistura é mais elevado num contexto mais antigo e mais baixo num contexto mais moderno, podemos lançar a hipótese de que a conservação está relacionada com a antiguidade dos estratos e não com o grau de mistura.

Creemos que grau de mistura surge através de acções humanas intencionais não constituindo uma etapa na “destruição” dos estratos. Deste modo, o estado de conservação dos fragmentos e estratos relaciona-se com vários factores: processos erosivos naturais, acções humanas e o tempo. Assim o factor cronológico é importante no estado de conservação de um estrato ainda que não seja totalmente restritivo.

Creemos que não há uma relação directa entre o grau de mistura e o estado de conservação do estrato pois tal foi revelado noutras análises no entanto cremos numa relação entre o tempo e a conservação dos estratos visível nos contextos da fase III-3.

d) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: tal como já foi referido para os contextos das fases anteriormente analisadas do Talude Exterior Leste, o número de fragmentos por contexto não influencia a observação da conservação dos mesmos. Os

contextos integrados na fase III-3, do TEL, integram (todos) mais de 100 fragmentos, sendo que dois contextos integram mais de 300 fragmentos. Desse modo, consideramos seguras as avaliações estatísticas do estado de conservação dos fragmentos.

e) Distribuição das Pastas: Na fase III-3, no Talude Exterior Leste, as pastas VI, VIII, I e III constituem o conjunto de confiança, seguidas das pastas VII e XII. As pastas I, III e XII são representadas por recipientes calcólicos e da Idade do Ferro. As pastas IV e X são representadas, unicamente, por recipientes calcólicos. As pastas VI e VIII são sinal de modernidade pois encontram-se mais presentes nos contextos mais modernos sendo que esta evidência já tinha sido observada nos contextos da fase III-2. Os contextos integrados na fase III-3 apresentam percentagens mais elevadas de fragmentos de pastas VI e VIII do que os contextos da fase III-2.

Os contextos possuem determinadas características na distribuição das pastas que apontam uma ordem cronológica. Quer dizer que os contextos com maior quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII são tidos como mais modernos e os contextos com maior quantidade de fragmentos de pastas I e III são tidos como mais antigos. A ordem cronológica obtida através da distribuição das pastas é a seguinte (do mais antigo para o mais moderno): A45, A46, A41 e A40.

A fase III-3 revela a importância global das pastas VIII, VI e III sendo que podemos observar uma mudança relativamente às fases anteriores. Nas fases III-2 e III-1 as hierarquias eram as seguintes: III, VI, VIII e III, X, I, respectivamente. Em relação às fases anteriores podemos observar uma diminuição paulatina do uso das pastas X, I e III (por esta ordem).

Os contextos comportam-se da seguinte forma, em relação à distribuição de pastas: *i)* a A45 possui o conjunto cerâmico mais discrepante dos 4 analisados sendo aquela que revela o carácter mais arcaizante – pois possui a maior quantidade de fragmentos de pastas III, 24 % –; *ii)* nos restantes contextos, a pasta III possui uma presença de 15 a 20 % sendo evidente, também, a predominância da pasta VIII – que possui uma presença de 24 a 36 %; *iii)* na A45 a pasta VIII possui a presença mais baixa, de 23 %; *iv)* a pasta VI possui uma presença compreendida entre 15 a 23 % sendo que na A46 não se encontra presente nos três lugares predominantes; *v)* a presença mais alta de pasta VI ocorre na A40, de 23 % e *vi)* o número absoluto de fragmentos de pastas I e III diminui mas não o número de recipientes.

Creemos que a presença de um número significativo de recipientes de pastas I e III possa estar relacionado com manipulações dos contextos ou com a própria história evolutiva do contexto. É importante ressaltar que o número de fragmentos de pastas I e III diminui e que os de pastas VI e VIII aumentam independentemente dos fragmentos de bordo ou bases identificados.

f) *Pastas / Estado de conservação dos estratos*: Em relação aos contextos podemos dizer que os contextos com maior importância das pastas I, III e X, considerados mais arcaicos, (A45 e A46) apresentam os maiores índices de fragmentação e os contextos com uma presença elevada de pastas VI e VIII apresentam os menores índices de fragmentação. As A45 e A46 possuem o valor mais alto e o valor mais baixo de fragmentos de superfícies corroídas mas ambos possuem o valor mais alto de fragmentos de arestas roladas. A preservação de cor é baixa nas A45 e A46 e mais alta nos contextos com maior quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII.

Deste modo podemos observar que existe uma relação entre os conjuntos cerâmicos – e sua distribuição de pastas – e algumas das características de conservação dos fragmentos. Os contextos com maior quantidade de fragmentos de pastas I, III e X apresentam maior fragmentação, falta de preservação de cor e maior quantidade de fragmentos de arestas roladas. No entanto não existe uma relação com a corrosão de superfícies. Quer dizer que contextos semelhantes nas quantidades de fragmentos por pasta (por ex. A45 e A46) apresentam características diferentes na corrosão das superfícies.

É de notar que esperávamos outros resultados finais. De facto, esperávamos que os contextos com uma presença evidente de fragmentos de pastas VI e VIII apresentassem maior índice de fragmentação e maior corrosão das superfícies. Contudo os contextos onde as pastas VI e VIII se apresentam em evidência não revelam uma maior fragmentação que contextos com outras pastas em evidência – pastas I, III e X.

Os resultados apresentados revelam que há uma relação entre os tipos de pastas e sua distribuição e o estado de conservação dos fragmentos. No entanto a análise das pastas pressuponha comportamentos que não ocorreram. Quer dizer que esperávamos que: a) os fragmentos de pastas VI e VIII fossem recorrentemente mais pequenos – sendo que tal não ocorre nos contextos da fase III-3 bem como nos da fase III-2; b) os fragmentos de pastas I, III e X fossem grandes e de arestas roladas – sendo que tal não ocorre em conjugação, ou seja, na fase III-3 os fragmentos de pastas I, III e X são pequenos e de arestas roladas e na fase III-2 nem sequer apresentam arestas roladas e c) os fragmentos de pastas IV, IX, X e XI – tidos como calcólíticos – apresentassem uma maior degradação das superfícies e arestas e tal não ocorre, recorrentemente, em qualquer contexto de qualquer fase já analisada.

Deste modo podemos concluir que a análise dos contextos integrados na várias fases do Talude Exterior Leste – na qual se incluiu a fase III-3 – revela que a maioria dos contextos não revela características esperadas ao nível da conservação dos fragmentos. Este facto pode ser

explicado através de duas hipóteses interpretativas. Numa primeira hipótese interpretativa – já referida anteriormente – afirmamos que a “força” dos processos erosivos pode ter sido mais relevante na conservação dos fragmentos do que a qualidade de cada uma das pastas. Na segunda hipótese interpretativa podemos dizer que as características das pastas podem ter sido mal percebidas. Ou seja, uma pasta entendida como quebradiça (por exemplo a pasta VI quebra-se e muitos fragmentos e de pequeno tamanho) poderá ser de facto uma pasta resistente a uma erosão das superfícies ou arestas. E uma pasta entendida como resistente (por exemplo a pasta I parece quebrar-se menos que a pasta VI) poderá ser uma pasta pouco resistente à corrosão das arestas e superfícies. Deste modo, a composição química das pastas é uma mais-valia na compreensão dos seus comportamentos ao nível da degradação.

Ambas as hipóteses interpretativas são válidas pois a caracterização das pastas foi realizada de um modo empírico. Como tal esta caracterização empírica poderá ser revogada no futuro através de uma análise baseada em avaliações físicas e químicas que lancem novas hipóteses interpretativas e caracterizantes.

Gostaríamos, no entanto, de afirmar a nossa preferência pela hipótese interpretativa que coloca uma ênfase nos processos erosivos. Cremos que os processos erosivos são a parte fundamental do resultado final analisado pelo investigador. Assim, a qualidade das pastas possui uma importância algo reduzida na conservação dos fragmentos.

É possível que o mau estado de conservação das pastas I, III e X, na fase III-3, esteja relacionada com o abandono paulatino destas pastas em detrimento das pastas VI e VIII. Desse modo, as pastas I, III e X permaneceram abandonadas na terra durante mais tempo, constituindo um lixo permanente que se degradou de modo, totalmente, diferente daquele constituído pelos fragmentos de pastas VI e VIII – mais modernos. Quer dizer, que acreditamos que os fragmentos de um determinado estrato são inseridos nesse mesmo estrato em momentos distintos e que essa altura de inserção pode definir, também, o seu grau de conservação / destruição.

g) Conservação das pastas: No período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC, no Talude Exterior Leste, podemos observar que as pastas mais bem preservadas são a VI, VII e VIII, as pior preservadas são a I, III, IV, X e XII, as pastas IX e XI são inconclusivas e as pastas II e V encontram-se ausentes.

g1) As pastas I, IV e X são as piores preservadas pois em todos os contextos apresentam uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. De seguida, a pior preservada é a pasta III, pois apresenta na A45 uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas

roladas e nas A40 e A46 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas – embora com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões. Deste modo, podemos lançar a hipótese de que a pasta III é mais difícil de quebrar que a pasta I pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas em contextos onde a pasta I se encontra bastante degradada. Não podemos lançar a mesma hipótese de explicação do comportamento das pastas IV e X pois elas são, típicas, do calcolítico e cremos que sofreram um processo erosivo muito mais prolongado. Quer dizer que cremos que cada pasta possui a sua própria história adentro do estrato onde a identificamos.

g2) A pasta VI é a melhor preservada pois os fragmentos possuem uma boa conservação das arestas e uma boa parte possui dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3. De seguida, a melhor preservada é a VIII. A pasta VIII apresenta na A46 uma maioria de fragmentos de grandes dimensões e de arestas vivas e nas A40 e A45 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas vivas – embora com uma presença significativa de fragmentos de pequenas dimensões. Deste modo, podemos lançar a hipótese interpretativa que a pasta VIII é mais fácil de quebrar (mas de difícil esboroamento das arestas) do que a pasta VI pois apresenta maior quantidade de fragmentos de pequenas dimensões mas de arestas vivas em contextos onde a pasta VI apresenta outras características.

g3) As pastas VII e XII possuem um comportamento oscilante, quando comparado com outras pastas como a I, que varia consoante o contexto. A pasta VII revela-se difícil de quebrar pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas nas A40 e A45. Na A46 a pasta VII possui uma maioria de fragmentos com arestas roladas e de pequenas dimensões. A pasta XII revela-se, genericamente mal preservada pois quando é possível a sua caracterização apresenta uma maioria de fragmentos pequenos e de arestas roladas. Tendo em conta que a pasta XII se encontra mal caracterizada, as suas características podem ser diferentes noutras fases e contextos de ocupação do Crasto de Palheiros.

g4) As pastas IX e XI são inconclusivas devido ao reduzido número de fragmentos em todos os contextos analisados.

Apesar da análise revelar uma conservação das pastas diferenciada consoante o contexto podemos observar a estabilidade da conservação de algumas pastas independentemente dos contextos, como por exemplo, a má conservação das pastas I e X ou a boa conservação da pasta VI. Tal facto pode indicar, como já referimos, *uma inserção diferenciada dos fragmentos no estrato que os contem. Quer dizer que as pastas mais degradadas podem ter permanecido no estrato mais tempo do que as pastas que se apresentam mais bem preservadas.*

Em relação às fases anteriores podemos observar que: 1) as pastas VI e VII encontram-se sempre bem preservadas; 2) a pasta VIII encontra-se bem preservada na fase III-3 mas nas anteriores não se encontrava; 3) as pastas III e XI encontravam-se bem preservadas em ambas as fases anteriores, no entanto na fase III-3 encontram-se mal preservadas (III) ou são inconclusivas (XI); 4) as pastas IV e IX são sempre de difícil caracterização que cremos dever-se ao facto de serem, tipicamente calcólicas e de não estarmos a analisar contextos calcólicos e 5) as pastas I e X encontram-se mal preservadas em todas as fases do TEL. A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 revela-se, genericamente, de acordo com a análise individual dos contextos.

A análise dos comportamentos das pastas leva-nos a lançar várias hipóteses interpretativas. É possível que as pastas VI e VII tenham sido utilizadas durante toda a ocupação da Idade do Ferro, revelando-se como pastas resistentes e duradouras (em termos de conservação em contextos arqueológicos). É, também, possível que a pasta VIII tenha sido utilizada durante toda a Idade do Ferro, com um aumento paulatino e revelando ser uma pasta pouco resistentes, já que nas fases III-1 e III-2 revela uma má preservação. A sua boa preservação na fase III-3 pode revelar que uma integração num contexto que não irá ser revolvido (por acções humanas da vivência quotidiana) potenciará a sua boa preservação. A pasta III revela um uso diferenciado durante a Idade do Ferro, com um abandono paulatino indicado pela diminuição do número de fragmentos e pela má conservação dos mesmos nos contextos da fase III.-3. É possível que os fragmentos de pasta III nos contextos da fase III-3 estejam relacionados com as fases anteriores e não com a última fase de ocupação. As pastas IV, IX, X e XI são de difícil caracterização pois são claramente calcólicas sendo que a sua integração em contextos da idade do Ferro deve ser analisada contexto a contexto e de forma mais pormenorizada do que aquela aqui realizada. Por último, a pasta I revela uma má conservação em todos os contextos e em todas as fases. Podemos dizer que se esta pasta não apresentasse recipientes de formas tipicamente da idade do Ferro, concluiríamos que a sua integração era “original” ao contexto – sendo dessa forma unicamente calcólica – e que constituía “lixo”. A apresentação de recipientes da Idade do Ferro realizados nesta pasta leva-nos a afirmar que esta pasta possui más características de conservação que independentemente dos processos erosivos se revelam como relevantes nos resultados de conservação / destruição dos fragmentos.

Gostaríamos também de referir que a análise do comportamento das pastas em todas as fases de ocupação do TEL leva-nos a supor que o estado de conservação das pastas não deve ser visto como um factor demonstrativo da preferência socio-cultural por determinada pasta. As pastas bem preservadas poderiam indicar que a comunidade apostou no uso destas pastas devido à sua boa qualidade na manufatura dos recipientes. Contudo, deve ser sempre avaliado a quantidade de

fragmentos por pasta e o seu “valor” dentro do conjunto em análise. Algumas pastas encontram-se bem preservadas mas são minoritárias, como a VII, e algumas são mal preservadas mas são maioritárias, como a I. É de notar que na fase III-3 as pastas maioritárias, como a III, VI e VIII, encontram-se bem preservadas, revelando esta última fase como a melhor preservada das três.

Podemos observar que independentemente da distribuição de pastas em cada contexto, este poderá apresentar-se bem ou mal preservado pois a preservação geral do contexto depende do número de pastas que se apresentam mal preservadas (nuns contextos é superior a outros). No entanto é visível que as pastas apresentam determinados comportamentos de preservação / destruição. Deste modo, os resultados da análise individual das pastas afinam os resultados gerais do estado de conservação dos fragmentos.

A análise individual das pastas, no TEL na fase III-3, revela o seguinte: *i)* algumas apresentam-se sempre mal conservadas – I e X; *ii)* algumas apresentam-se sempre bem conservadas – a VI e *iii)* a maioria das pastas possuiu comportamentos oscilantes ainda que tendenciosos, quer dizer que nuns contextos apresentam-se bem conservadas, noutros mal e ainda, noutros, apresentam-se inconclusivas. Como já referimos, são as pastas de características oscilantes que vão caracterizar o estado de conservação do estrato.

Podemos observar que as pastas I, VI e X comportam-se sempre do mesmo modo independentemente dos processos erosivos em todas as fases de ocupação. Como já foi referido, cremos que a conservação das pastas pode estar relacionada com: *i)* o uso dado a cada pasta; *ii)* o momento de integração dos fragmentos nos contextos e *iii)* a “força” dos processos erosivos.

Concluimos, deste modo, que as pastas possuem uma qualidade inerente que influencia a forma como esta se degrada. Contudo *o uso dado aos recipientes, a sua integração díspar em cada contexto e os processos erosivos ao qual estiveram sujeitos, influenciam a visibilidade das qualidades inerentes às pastas identificadas. Cremos que uma caracterização fiável das qualidades físicas e químicas das pastas terá que ser realizada através de processos de análise não empíricos (por exemplo através de análises por SEM).*

h) O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que origina a corrosão das superfícies e descoloração dos fragmentos. As dissemelhanças entre os processos erosivos são indicadas pelos valores de cada factor de avaliação e pelas hierarquias obtidas. Quer dizer que se ordenarmos os contextos daquele que apresenta maior valor de fragmentação para aquele que apresenta o menor índice, obtemos a seguinte de contextos: A46, A45, A41 e A40. Se ordenarmos os contextos daquele que apresenta maior quantidade de fragmentos de

superfícies corroídas para aquele que apresenta menor quantidade, obtemos a seguinte hierarquia: A45, A40, A41 e A46. Como podemos observar a ordem dos contextos é totalmente distinta nos factores avaliados sendo que concluímos que os processos erosivos são também distintos. Partimos do pressuposto que se os processos erosivos fossem o mesmo os resultados teriam que ser semelhantes.

A hierarquia dos contextos obtida na avaliação das arestas roladas é semelhante àquela obtida no valor de fragmentação sendo que poderíamos concluir que o processo erosivo implicado poderia resultar num e noutro factor de degradação. É, no entanto, de notar que nas fases anteriores não existiu uma concordância entre o valor de fragmentação e qualquer um dos factores de degradação avaliados. Deste modo, podemos também lançar a hipótese interpretativa que tal conjugação de resultados é uma coincidência.

É de notar que as oscilações percentuais em alguns factores de avaliação – como a preservação de cor, as arestas vivas, as arestas roladas – são muito estreitas no que concerne aos contextos integrados na fase III-3. Esta característica já tinha sido referida em relação aos contextos da fase III-2. É comum intervalos de valores muito estreitos bem como uma distribuição relativamente homogénea, sendo que as discrepâncias observadas serão, sempre, marcadas por valores muito aproximados. Quer dizer que aquilo que entendemos como discrepante pode ser ou não discrepante pois os valores são por vezes muito aproximados. Contudo as nossas interpretações são lançadas com base nos resultados obtidos e nas leituras possíveis dos mesmos.

A análise realizada a todos os contextos do TEL (fases III-1, III-2 e III-3) permite observar que uma percentagem inferior a 32 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria 3, revela contextos bastante fragmentados. Deste modo podemos observar que no TEL, na fase III-3, dois contextos revelam uma boa dimensão dos fragmentos – A40 e A41 –, onde mais de 32 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria 3. As A45 e A46 revelam percentagens relativamente baixas, 29,6 e 29,2 %, respectivamente.

Podemos observar que a fase III-3, do Talude Externo Leste, apresenta uma boa preservação do tamanho dos fragmentos em comparação com a fase III-2. É visível, no geral, um ligeiro aumento do tamanho dos fragmentos ainda que a análise individual revele contextos com um valor inferior a 32 %.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não parece ser o mesmo que conduz à corrosão das arestas, fragmentação ou redução do tamanho dos fragmentos e descoloração. Nos contextos da fase III-3 não é possível relacionar a corrosão das superfícies com mais nenhum

processo erosivo. Se ordenarmos os contextos daquele que apresenta maior quantidade de fragmentos de superfícies corroídas para aquele que apresenta menor quantidade, obtemos a seguinte hierarquia: A45, A40, A41 e A46. Se ordenarmos os contextos daquele que apresenta maior valor de fragmentação para aquele que apresenta o menor índice, obtemos a seguinte de contextos: A46, A45, A41 e A40. Em relação à preservação de cor temos a seguinte hierarquia (do pior para o melhor conservado): A46, A41, A45 e A40. Em relação às arestas roladas temos a seguinte hierarquia (daquele com maior quantidade de arestas roladas para aquele com menor quantidade): A45, A46, A41 e A40.

Deste modo concluímos que na fase III-3 não é possível perceber se um mesmo processo erosivo produz resultados em diversos factores de conservação /degradação. É de notar que na fase III-1 existia uma concordância entre a descoloração dos fragmentos e a má conservação das superfícies. Na fase III-2 existia uma concordância entre a má conservação das superfícies e das arestas dos fragmentos. Podemos observar que na fase III-3 não é possível estabelecer ligações entre os parâmetros de avaliação.

Creemos os contextos da fase III-3 sofreram de tal forma com diversos processos erosivos que se torna difícil o entendimento claro sobre os mesmos.

j) O processo erosivo que leva à descoloração dos fragmentos não parece estar relacionado com os processos que conduzem à sucessiva fragmentação, corrosão das superfícies e arestas. A preservação de cor e a variabilidade de conjugações de cor nos fragmentos encontra-se em concordância em todos os contextos. Deste modo, o contexto com maior preservação de cor é aquele que apresenta menor variabilidade de conjugações – A40 – e o contexto com pior preservação de cor é aquele que apresenta maior variabilidade de conjugações – A46.

l) História dos processos erosivos: A forma como os factores de avaliação se relacionam entre si varia consoante os contextos e respectivas fases.

Na fase III-3 podemos observar que a sucessiva fragmentação e a corrosão das arestas encontram-se em concordância com a cronologia dos estratos. Quer dizer que o mais antigo é aquele que apresenta um valor mais elevado de fragmentos de arestas roladas e de fragmentação e que o mais moderno revela o valor mais baixo de fragmentos de arestas roladas e de fragmentação. A corrosão das superfícies e a descoloração dos fragmentos não é concordante com a cronologia ou tempo decorrido.

Creemos que a ausência de coesão de resultados revela forças díspares nos processos erosivos envolvidos na fase III-3. A explicação dos resultados deve ser obtida pela avaliação da história estratigráfica dos contextos.

m) Caracterização dos contextos relativamente ao estado de conservação dos fragmentos: Os contextos que integram a A45 – Estrutura pétreo subcircular – revelam uma má dimensão dos fragmentos (a segunda pior), a pior conservação de superfícies e arestas e uma das piores conservações de cor. É de notar que o estrato interior da estrutura e os estratos que compõem os interstícios entre as pedras da estrutura revelam uma péssima conservação geral. Esperávamos uma boa conservação, pelo menos, do interior da estrutura no entanto tal não se revelou. As características presentes apontam para que este contexto não corresponda a nenhuma ocupação mas sim a dejectos. Creemos que a Estrutura Pétreo foi limpa e “condenada” através de um processo de encerramento. O conjunto cerâmico presente não permite a caracterização da Estrutura sendo ele uma parte de algo que foi intencionalmente destruído / apagado.

A A46 revela o valor de fragmentação mais elevado, a melhor preservação de superfícies, a pior preservação de cor e uma das piores preservações de arestas. Creemos que a A46 corresponde a um solo de ocupação que é parcialmente indicado pelo valor elevado de fragmentação e pelo baixo valor de corrosão de superfícies. Na PIL, os solos de ocupação apresentavam geralmente uma péssima conservação do tamanho dos fragmentos e uma preservação mediana das superfícies. A má conservação da cor e das arestas revela uma forte erosão através de agentes naturais – como o sol e a chuva –, envolvendo variações térmicas.

A A40 integra o solo humoso e terras inseridas na carapaça pétreo do Talude Exterior Leste. Sabemos que esta associação não corresponde a um solo de ocupação nem a outro tipo de estrato arqueológico que possa descrever uma actividade humana. Aqui encontramos a melhor dimensão dos fragmentos, uma degradação mediana das superfícies, a melhor preservação de cor e a melhor conservação de arestas.

Através da análise realizada podemos observar que os processos erosivos conduzidos por agentes humanos são aqueles que produzem um maior impacto na conservação dos fragmentos. O solo humoso revela-se como um estrato onde o conjunto cerâmico se encontra muito bem preservado – em comparação com todos os outros contextos das diversas fases.

n) Conclusões gerais: Na fase III-3 é possível observar uma concordância em relação às fases anteriores no que concerne às conclusões gerais.

Os resultados obtidos na fase III-3 indicam que os contextos mais fragmentados são aqueles de ocupação (A45 e A46) sendo que relacionamos a sucessiva fragmentação com a vivência das comunidades (o pisar continuamente os fragmentos, entre outras acções do mesmo tipo).

Na fase III-3 a corrosão de superfícies e arestas não se encontra unicamente relacionada com os estratos de ocupação. No entanto os valores obtidos na corrosão das superfícies e arestas dos estratos de ocupação são consideravelmente mais elevados do que aqueles presentes na fase III-2. Deste modo, consideramos que a ocupação continuada é um factor de degradação de grande relevância.

Na fase III-3 existe uma forte degradação da cor em quase todos os contextos, à excepção da A40 (solo humoso). Na fase III-2 os resultados não seguem uma ordem cronológica, ou seja, não ocorre uma boa preservação da cor nos contextos mais antigos que supostamente estariam mais protegidos dos processos erosivos. Deste modo, concluímos que o estado de conservação da cor, na fase III-3, pode relacionar-se com um abandono dos estratos à intempérie à medida que toda a plataforma era definitivamente encerrada.

Podemos afirmar que a fase III-3 revela, no geral, a pior preservação de todas as fases estando de acordo com a sua história formativa.

6.4.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

No período compreendido de 80 a 120 DC, na área norte (Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte) foram estudados 6 contextos (complexos ou associações). Os contextos encontram-se da seguinte forma: *i)* o Lx. 2 e a A69 integram o TEN; *ii)* as A58, A60 e A63 integram a PIN2 e *iii)* a A51 integra a PIN2.1. A descrição estratigráfica pormenorizada encontra-se no capítulo 5.2 deste volume.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2, capítulo 5.4.3.1. Podemos, então, concluir o seguinte.

a) Número de contextos analisados: Como já foi referido, cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas viáveis estatisticamente. O conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, é representado por 18 contextos sendo este número é considerado, estatisticamente, seguro. Contudo, devemos referir que o Lx. 2 e a A63 apresentam um número de fragmentos inferior a 100 elementos, com 37 e 52 fragmentos, respectivamente. A exclusão destes 2 contextos conduz a uma avaliação fragilizada pelo número reduzido de contextos integrados na análise. A exclusão destes 2 contextos modifica as médias

ponderadas, os intervalos de valores e a determinação dos contextos com valores abaixo e acima da média. Cremos que alguma utilidade a exclusão destes contextos para a percepção de determinadas características ou pormenores. As descrições seguintes terão em conta a análise dos 6 contextos e eventualmente serão referidos os resultados obtidos com a exclusão destes 2 contextos.

b) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: Como já foi referido consideramos que os contextos com um número de fragmentos inferior a cerca de 100 elementos não são, estatisticamente, seguros. Deste modo, o Lx. 2 e a A63 definem-se como contextos pouco seguros.

O conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, apresenta 4 contextos com um número de fragmentos superior a 100 elementos sendo que o número de fragmentos está compreendido entre 149 e 890 fragmentos, na A58 e A60, respectivamente.

Cremos que a avaliação da fase III-3 pode ser realizada com alguma precaução, pois 2 dos 6 contextos são claramente minoritários, ainda que, também, com relativa segurança. O número de fragmentos nos restantes contextos é bastante seguro permitindo a colocação de hipóteses interpretativas viáveis.

c) Grau de mistura: Para relembrar, a avaliação do grau de mistura de um contexto é realizada através de dois factores (avaliação dos recipientes calcolíticos e dos fragmentos potencialmente calcolíticos – pastas IV, IX, X e XI) que se conjugam num resultado final.

Apresentamos de seguida os resultados obtidos na análise dos 6 contextos integrados na fase III-3.

c1) Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A69 (52 %), A51 (48 %), A60 (15 %), A58 (11 %) e Lx. 2 e A63 (0 %). Podemos observar que, à excepção da A69 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro. Apenas a A69 e A51 possuem valores acima da média da fase, que é de 21 % tendo em conta os 6 contextos e de 31,5 % tendo em conta apenas os 4 contextos maioritários. Faz todo o sentido a A69 possuir um valor elevado de recipientes calcolíticos pois esta associação corresponde ao talude calcolítico refeito. No entanto, a A51 corresponde às camadas mais superficiais na zona da PIN 2.1 e 48 % dos recipientes são calcolíticos. Cremos que existe na A51 uma grande presença de recipientes calcolíticos provenientes de escorrimento.

c2) Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A69 (28 %), A58 (13 %), A51 (9 %), Lx. 2 (8 %), A60 (7 %) e

A63 (6 %). Podemos observar que a A69 e a A58 possuem os valores mais altos de fragmentos calcólicos e as percentagens apresentam-se acima da média ponderada para os 6 contextos – 11,8 %. Contudo, a exclusão dos 2 contextos minoritários conduz a uma subida na média ponderada – para 14,3 % – que torna a A69 o único contexto com uma percentagem alta de fragmentos calcólicos. Cremos que a A69 é verdadeiramente o único contexto perturbado e que tal não pode ser comparada à perturbação presente na A58.

c3) O Lx. 2 e a A63 não apresentam recipientes calcólicos sendo os contextos, desta fase, com menos mistura de recipientes calcólicos. Estes dois contextos são também aqueles com menor percentagem de fragmentos, potencialmente, calcólicos (de pastas IV, IX, X e XI). Poderíamos considerar o Lx. 2 e a A63 como os contextos menos misturados com materiais de outras ocupações (nomeadamente a calcólica) no entanto o reduzido número de fragmentos não permite uma avaliação segura. Desse modo, os resultados podem não corresponder à realidade dos conjuntos cerâmicos, anterior a uma possível ruptura. Gostaríamos, no entanto, de dizer que o Lx. 2 corresponde ao miolo da muralha e que o número reduzido de fragmentos pode corresponder à totalidade do conjunto no original. Assim, o Lx. 2 é um conjunto cerâmico com um reduzido número de fragmentos e que aponta que as terras utilizadas no enchimento da muralha possuíam um número muito pouco significativo de fragmentos calcólico. Estas terras podem ter sido recolhidas em áreas de utilização “exclusiva” da comunidade da Idade do Ferro. Por sua vez, a A63 corresponde ao rearranjo do talude, obra contemporânea da muralha e revela também um número reduzido de fragmentos a par de um reduzido número de fragmentos e recipientes calcólicos. Cremos que estas características podem indicar uma natureza inerente a estes contextos.

c4) A A69 e a A51 são os contextos com maior presença de recipientes calcólicos (52 e 48 %, respectivamente) ainda que a presença de fragmentos calcólicos seja, relativamente, baixa sobretudo na A51 (9 % de fragmentos potencialmente calcólicos). A A69 é considerada o contexto com maior nível de mistura seguido da A58 e A51. A A58 possui apenas 11 % de recipientes calcólicos e 13 % de fragmentos potencialmente, calcólicos, sendo que a percentagem de fragmentos é superior àquela da A51.

Com base na avaliação das percentagens de recipientes e fragmentos sem forma calcólicos consideramos a seguinte ordem de contextos (daquele com menor nível de mistura para aquele com maior nível de mistura: A63, Lx. 2, A60, A51, A58 e A69.

Em relação à fase anterior é visível um aumento dos bordos da Idade do Bronze e Ferro, no entanto é visível um ligeiro aumento de fragmentos, tipicamente, de pastas calcólicas. O intervalo de valores dos recipientes calcólicos é muito semelhantes nas fases III-2 e III-3, no entanto a média

é mais baixa. O intervalo de valores de fragmentos calcólicos, é, na fase III-3, mais estreito e com um valor máximo mais baixo, no entanto a média é mais alta. Cremos que a avaliação correcta dos contextos e das fases deve ser realizada individualmente.

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: Como já foi referido, a relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcólicos ocorre com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Esse revolvimento levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a gentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc.).

A A63, Lx. 2 e A60 apresentam o menor grau de mistura e a A69, A58 e A51 apresentam os maiores níveis de mistura. Podemos observar que o contexto com maior mistura – A69 – apresenta a maior percentagem de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 2 – 37,7 % – no entanto um dos contextos com menor mistura – Lx. 2 – apresenta, também, uma percentagem muito alta de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – 35,1 %. Estes dois contextos são os únicos que apresentam valores acima da média. Todos os restantes contextos, independentemente do grau de mistura, apresentam percentagens baixas de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3.

Deste modo concluímos que não existe uma relação proporcional entre a mistura dos contextos e o estado de conservação do tamanho dos fragmentos.

Em relação à corrosão das superfícies podemos observar que os contextos mais misturados – A69, A58 e A51 – possuem as quantidades mais altas de fragmentos de superfícies corroídas – 24, 36 e 23 %, respectivamente. Através da média ponderada para os 6 contextos podemos observar que os valores presentes nestes 3 contextos se situam acima da média no entanto se excluirmos os contextos minoritários, apenas a A58 apresenta um valor de superfícies corroídas acima da média. Deste modo, podemos intuir uma relação entre a mistura dos contextos e uma maior presença de fragmentos de superfícies corroídas no entanto tal relação não é, totalmente, evidente. Não é o contexto com maior mistura que apresenta maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas e este contexto – A69 – possui a mesma percentagem de fragmentos de superfícies corroídas que um contexto – A51 – com um valor muito mais baixo de fragmentos calcólicos (de pastas IV, IX, X e XI). Assim não podemos afirmar que as quantidades de fragmentos de superfícies corroídas estejam intimamente relacionadas com os fragmentos calcólicos mas podemos antever uma relação com estados de conservação presentes em contextos mais misturados.

Em relação à preservação da cor ou quantidade de fragmentos de cores concordantes podemos observar que todos os contextos apresentam uma boa quantidade de fragmentos de cores

concordantes, à excepção do Lx. 2. Deste modo, a preservação de cor não se encontra relacionada com o grau de mistura presente nos contextos.

Em relação à quantidade de fragmentos com arestas roladas podemos observar que o contexto com maior grau de mistura não possui a quantidade mais alta de fragmentos de arestas roladas. No entanto os contextos com menor grau de mistura possuem as menores quantidades de fragmentos com arestas roladas. Os contextos com maior quantidade de fragmentos com arestas roladas são a A58 e A51. Deste modo, é visível uma relação ligeira entre o grau de mistura presente nos contextos e a quantidade de fragmentos com arestas roladas. Cremos que tal pode estar relacionado com a natureza dos contextos. Na fase III-3 os contextos com maior quantidade de fragmentos calcolíticos são aqueles que sofreram revolvimentos e que os fragmentos calcolíticos são provenientes de misturas não intencionais (escorrimento). É possível que a degradação das arestas dos fragmentos revele a degradação geral dos fragmentos expostos a agentes atmosféricos.

Concluimos que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com nenhum tipo de degradação dos fragmentos – corrosão das arestas e superfícies, descoloração e fragmentação.

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos: Na fase III-3, tal como já era notório na fase III-2, é visível a importância percentual das pastas I, III e VIII onde é clara a utilização da pasta VIII, própria da ocupação da Idade do Ferro. A visibilidade das pastas VI, VII e X é reduzida sendo que é evidente o seu carácter minoritário.

Os contextos podem ser divididos em dois grandes grupos no que diz respeito à distribuição das pastas na totalidade dos fragmentos. A avaliação da distribuição das pastas nos recipientes não é relevante para o estudo de conservação dos fragmentos, no qual todos os fragmentos possuem o mesmo valor.

Deste modo foram criados os seguintes grupos:

O *1º Grupo* é constituído pelas A69, A58 e A60 que revelam a importância das pastas III e I, seguidas da VIII, VI ou X. Deste modo, estes 3 contextos possuem como pasta predominante a III (compreendida entre 21 e 30 %), seguida da I (compreendida entre 16 e 34 %) e, por último, da VIII (compreendida entre 14 e 18 %, nas A58 e A60). Em resumo, estes contextos são aqueles com maior presença de pastas I e III. A A51 também podia ser integrada neste grupo pois possui uma hierarquia I/VIII/III, no entanto optamos por integra-la no 2º grupo.

O *2º Grupo* é constituído pelo Lx. 2, a A63 e a A51 revelam importância das pastas VIII e VI, seguidas da I e III. A pasta VIII possui uma presença de 23 e 35 %, a pasta VI de 29 a 32 %, a pasta I

de 14 a 31 % e a III de 17 % (presente apenas na A51 nos três primeiros lugares hierárquicos). Estes contextos são aqueles com maior presença de pastas VI e VIII.

A A69 é o contexto mais discrepante em relação aos restantes contextos pois possui a hierarquia III/X/I sendo único contexto onde a pasta X se encontra nos três primeiros lugares dominantes.

De uma forma resumida podemos dizer que a pasta VIII encontra-se muito presente em quase todos os contextos, à excepção da A69 e A60.

Comparativamente aos contextos estudados das fases II, III-1 e III-2 podemos observar o seguinte.

e1) Uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, que se vem a acentuar desde a fase I. Ou seja a diminuição de fragmentos de pasta X ocorre de fase para fase e consecutivamente.

e2) Uma manutenção das pastas I e III em relação à fase III-2, sendo que estas pastas decresceram ligeiramente da fase II, para a III-1.

e3) Um número significativo de contextos nos quais as pastas I e III são relevantes e que são semelhantes a muitos contextos das fases II, III-1 e III-2.

e4) Maior presença das pastas VIII que ganham relevância percentual e contextual, já sentida na fase III-2.

e5) Aumento ligeiro da pasta VI em relação à fase III-2

e6) O número de contextos integrados na fase III-3 é muito reduzido sendo que é difícil avaliar o grau de homogeneidade dos contextos, pois as fases anteriores revelavam bastante homogeneidade.

f) Relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos: Como já foi referido, partimos do pressuposto que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos.

A avaliação dos 6 contextos permitiu observar as seguintes características:

f1) Tamanho dos fragmentos: Não existe uma relação entre a distribuição de pastas e o tamanho dos fragmentos. Alguns contextos do grupo 1 – A58 e A60 – apresentam uma percentagem baixa de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 (15,4 e 18,9 %) no entanto alguns contextos do grupo 2 – A63 e A51 – também apresentam percentagens baixas (21,1 e 18,6 %).

f2) Corrosão das superfícies: Os contextos do grupo 1 possuem maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas do que aqueles do grupo 2. No entanto no grupo 2

encontramos um contexto – A51 – com uma percentagem semelhante, de fragmentos de superfícies corroídas, a um do grupo 2 – A69. Deste modo, concluímos que não existe uma relação entre os tipos de pastas presentes e o grau de corrosão das superfícies.

f3) Preservação da cor: Ambos os contextos dos grupos 1 e 2 apresentam fragmentos de cores concordantes acima da média da fase. À excepção do Lx. 2, todos os contextos revelam uma boa preservação da cor sendo que concluímos que a distribuição das pastas não influencia a preservação da cor dos fragmentos.

f4) Corrosão das arestas: Os contextos integrados no grupo 2 possuem percentagens mais baixas de fragmentos de arestas roladas que os contextos do grupo 1. No entanto no grupo 2 um dos contextos – A51 – apresenta 49 % de fragmentos com arestas roladas, sendo que a média se localiza nos 39,2 %. Deste modo, o grupo com maior quantidade de fragmentos de pastas III e I e menor quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII apresenta maior quantidade de fragmentos de arestas roladas. Cremos que a corrosão das arestas pode, aqui, estar relacionada com os tipos de pastas presentes nos diversos contextos.

Podemos concluir que a fragmentação do conjunto cerâmico, a descoloração e a corrosão das superfícies não estão relacionadas com os tipos de pastas e sua distribuição. Contextos diferentes na distribuição de pastas e agrupados em conjuntos distintos possuem características semelhantes. A corrosão das arestas é o único factor que poderia estar relacionado com os tipos de pastas e sua distribuição nos diversos contextos. Desse modo, podemos relacionar a boa preservação das arestas com as pastas VI e VIII e a má preservação das arestas com as pastas I e III.

g) Conservação das pastas: Nos contextos analisados integrados na fase III-3, na área norte, as pastas VI e VIII encontram-se bem preservadas, a pastas I encontra-se muito mal preservada, as pastas III, IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas e as pastas II, V, IX, X, XI e XII não possibilitam uma avaliação segura devido ao número insuficiente de fragmentos.

A análise do estado de conservação das pastas ou tendência de conservação das pastas teve em conta o comportamento destas em cada contexto analisado. Deste modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas I, II, V, IX, X, XI e XII encontram-se mal conservadas pois apresentam em vários contextos uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas sendo que, por vezes, apresentam também fragmentos de grandes dimensões. Consideramos que os resultados

apresentados sobre as pastas II, V, IX, X, XI e XII são parcelares porque estas pastas apresentam um número reduzido de fragmentos. Deste modo, nas conclusões gerais as pastas II, V, IX, X, XI e XII apresentam-se como inconclusivas.

As pastas III, IV e VII encontram-se genericamente mal conservadas. A pasta I apresenta, em 4 dos 6 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VII apresenta em 2 dos 6 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 3 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.

As pastas VI e VIII são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta VI possui uma boa preservação em 5 contextos (arestas vivas e grandes dimensões) e uma má preservação num contexto (arestas roladas e pequenas dimensões). A pasta VIII possui uma boa conservação em 4 contextos e uma má preservação num contexto.

Em relação às fases anteriores é possível observar o seguinte.

g1) A conservação dos fragmentos da fase III-3 é diferente da conservação dos fragmentos da fase III-2. Os tipos de pastas melhor conservados e mais degradados vão sendo diferentes nas diversas fases analisadas.

g2) A pasta I encontra-se mal preservada tanto na fase III-2 como na fase III-3 e a pasta VI encontra-se bem preservada em ambas as fases.

g3) A pasta III encontra-se bem conservada na fase III-2 e mal conservada na fase III-3, as pastas VII e X possuem uma conservação mediana na fase III-2 e encontram-se mal conservadas na fase III-3 e a pasta IV encontra-se mal conservada em ambas as fases.

g4) As pastas II e V encontram-se mal conservadas na fase III-2 e na fase III-3 são representadas por um número insuficiente de fragmentos que não possibilitam uma avaliação segura.

g5) As pastas IX, XI e XII não possibilitaram uma avaliação em ambas as ocupações.

g6) É visível uma degradação geral que se revela num mau estado de conservação de várias pastas na fase III-3 que na fase III-2 se encontravam melhor preservadas. Deste modo, é notória uma relação temporal e com os agentes atmosféricos na corrosão dos diversos tipos de fragmentos.

h) *O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que originou a corrosão das superfícies, arestas e descoloração.* Podemos observar que os contextos

com valores mais baixos de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – A58, A60, A63 e A51 – tanto valores altos como baixos de fragmentos com superfícies corroídas e fragmentos de arestas roladas e possuem, todos, valores altos de fragmentos de cores concordantes – portanto com boa preservação de cor.

Deste modo não existe uma relação de proporcionalidade entre a excessiva fragmentação e os restantes aspectos de degradação nos fragmentos.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não é o mesmo que conduz à fragmentação (como já foi referido no ponto h) e à descoloração. No entanto parece existir uma relação entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas. Os três contextos com maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas – A58, A69 e A51 – apresentam uma boa preservação de cor, um apresenta uma boa preservação do tamanho dos fragmentos e todos apresentam as quantidades mais altas de fragmentos com arestas roladas.

Os contextos da fase III-3, na área norte, revelam uma relação – que já tinha sido notada nos contextos da fase III-2 – entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas. É possível que o processo que conduza à corrosão das superfícies conduza também à corrosão das arestas. Como já foi referido, cremos na possibilidade de o processo ser gradativo e numa primeira fase serem corroídas as arestas, corrosão essa seguida da corrosão das superfícies. Esta relação foi também observada nos contextos da fase III-1 na área norte.

j) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece estar relacionado com nenhum outro processo erosivo. Ou seja, o processo que conduz à descoloração não é o mesmo – ou não ocorre no mesmo momento – que aquele que conduz à corrosão das superfícies e arestas e sucessiva fragmentação. De facto, os fragmentos dos contextos integrados na fase III-3 revelam uma conservação da cor muito homogénea. Quer dizer que – à excepção do Lx. 2 – os contextos possuem percentagens de fragmentos de cor concordantes muito semelhantes entre si.

Com base na avaliação da preservação de cor dos fragmentos e variabilidade das conjugações podemos observar o seguinte:

A ordem dos contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta é a seguinte: Lx. 2 (14 %), A63 (35 %), A51 (38 %), A58 (39 %), A60 (40 %) e A69 (42 %). A ordem dos contextos da maior diversidade de cor para a menor é a seguinte: A69, A60 e A51 (28 %), A58 (24 %), A63 (23 %) e Lx. 2 (19 %)

Em comparação à fase anterior podemos observar as seguintes características.

j1) Um intervalo de valores menos amplo na preservação de cor. Na fase III-3 o intervalo de valores está compreendido entre 14 a 42 % e na fase III-2, entre 19 e 54 %. É de notar que se excluirmos os dois contextos minoritários – Lx. 2 e A63 – o intervalo de valores localizar-se-á entre 38 e 42 %.

j2) Valores mais baixos na preservação de cor na fase III-3 em relação a todas as outras anteriores (fases II, III-1 e III-2). Na fase III-3 nenhum contexto possui uma preservação de cor acima dos 50 %, na fase III-2, 28 % dos contextos possuem uma preservação acima dos 50 % e na fase III-1 são 22 % dos contextos).

j3) Um intervalo de variabilidade de conjugações de cor com menor amplitude na fase III-3 – 19 a 28 % do que na fase III-2 – 0 a 38 %. A homogeneidade dos resultados do factor de avaliação da variabilidade de cor, na fase III-3 encontra-se de acordo com a homogeneidade da preservação da cor, também, na fase III-3.

j4) Um valor médio de conjugações minoritárias semelhante nas três fases de ocupação da Idade do Ferro, em volta dos 25 %

j5) A fase III-3 revela contexto mais homogêneos entre si (os intervalos de valores são menos amplos), com presenças baixas de conjugações de cores minoritárias.

j6) Consideramos a fase III-3 pior preservada ao nível da cor do que a fase III-2 e III-1.

Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutro factor de avaliação não são totalmente semelhantes ainda que no geral sejam concordantes. Com base nas duas hierarquias ordenamos os contextos do mais bem preservado para o pior preservado, a saber: A69, A60, A51, A58, A63 e Lx. 2. Esta hierarquia é coincidente com a hierarquia da variedade de conjugações de cor.

l) Os contextos e seu estado de conservação.

Como já foi referido – nomeadamente em relação aos contextos da fase III-2 – consideramos que os contextos com um número de fragmentos muito baixo encontram-se genericamente mal preservados. O reduzido número de fragmentos pode ser um indicador de ruptura do estrato / conjunto cerâmico ou de uma escavação parcial / incompleta. Contudo os contextos com um número de fragmentos reduzidos na fase III-3 – Lx. 2 e A63 – podem ser considerados contextos de número de fragmentos reduzido de “origem”. Ou seja, estes contextos – pela sua natureza de formação – possuem um número de fragmentos reduzido pois estes contextos não dizem respeito a solos / depósitos de ocupação. O Lx. 2 corresponde ao estrato de terras de enchimento da muralha construída / refeita na Idade do Ferro sendo que todos os fragmentos que contem encontram-se de

certo modo afastados – “descontextualizados” – dos estratos onde foram pela primeira vez depositados – depósitos esses de ocupação. A A63 diz respeito ao rearranjo do talude na Idade do Ferro e contemporâneo do rearranjo / construção da muralha. Cremos que este contexto é semelhante – na formação e significado – ao Lx. 2. É notório o número reduzido de fragmentos aliado a uma má conservação da cor, uma boa conservação das superfícies e uma má conservação do tamanho – no caso da A63. Os fragmentos presentes no Lx. 2 são, genericamente, maiores do que aqueles da A63. É possível que o rearranjo do talude tenha inserido fragmentos provenientes de contextos de ocupação prolongados – e por isso mais fragmentados – ou que o próprio rearranjo do talude tenha criado acções de fragmentação de maior vulto do que a construção / rearranjo da muralha.

No geral, todos os contextos revelam uma má preservação dos fragmentos sendo que todos possuem uma maioria de pastas com fragmentos mal conservados. Contudo a A69 revela um valor alto de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 e uma boa conservação da cor e a A60 revela, também, uma percentagem elevada de fragmentos com cores concordantes.

Creemos que a A69 apresenta uma boa preservação dos fragmentos no que diz respeito ao tamanho, preservação da cor e conservação das arestas.

A A58, A51 e A60 (do contexto mais deteriorado para o menos deteriorado) apresentam valores baixos de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3, a A58 e A51 apresentam valores altos de superfícies corroídas, todas apresentam uma boa preservação da cor e a A58 e A51 apresentam percentagens altas de fragmentos com arestas roladas. Podemos observar que na A60 e A51, 7 das 10 pastas presentes possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões (mal preservadas)

Podemos afirmar que a A58, A60 e A51 revelam erosão do solo levada a cabo por agentes climáticos e um forte revolvimento. A A58 e A60, localizadas na PIN 2, correspondem a estratos muito revolvidos – até pela agricultura – e tal é revelado nos elevados valores de fragmentação. A elevada fragmentação da A51 é mais difícil de explicar através de acções modernas de revolvimento, pois tal área não foi agricultada, no entanto esta fragmentação pode ser proveniente dos fortes revolvimentos a que o talude sempre deve ter estado sujeito.

6.5. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras

Os contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, não integrados na fase III-3, são oito, a saber: *i)* A68 e A72 no Talude Externo Norte (TEN); *ii)* A57, A61, A62 e A64 na Plataforma Inferior Norte, zona 2 (PIN2) e *iii)* a A50 e Lx. 74 na Plataforma Inferior Norte, zona 2.1. (PIN2.1).

Todos os contextos aqui referido e analisados pertencem à área Norte pois na área Leste, nomeadamente na Plataforma Inferior Leste, o conjunto cerâmico contido no solo humoso foi integrado na fase III-3. O Talude Externo Leste e Plataforma Exterior Leste – contida no talude – devido à morfologia e evolução da própria construção não possuem conjuntos cerâmicos significantes provenientes de revolvimentos de terras. O conjunto cerâmico contido no solo humoso integra um número muito reduzido de fragmentos e foi englobado na fase III-3. A ocupação da Idade do Ferro na Plataforma Superior Leste é representada por um único contexto – integrado na fase III-2 – sendo que não foram analisados contextos correspondentes ao solo humoso ou revolvimento de terras.

A interpretação aqui descrita é baseada na análise de pormenor presente no vol. 2 – Estampas –, das estampas DCCXXXVII a DCCLXIX. Podemos, então, concluir o seguinte:

a) Número de contextos analisados: Como já foi referido, cremos que fases interpretadas a partir de conjuntos de 6 ou mais contextos permitem a colocação de hipóteses interpretativas viáveis estatisticamente. O conjunto cerâmico aqui analisado é representado por 8 contextos sendo este número é considerado, estatisticamente, seguro. Contudo, devemos referir que a A64 e o Lx. 74 apresentam um número de fragmentos inferior a 100 elementos, com 76 e 40 fragmentos, respectivamente. A exclusão destes 2 contextos ainda permite uma avaliação segura pois permanecem seis contextos em avaliação – A68, A72, A57, A61, A62 e A50. Contudo a exclusão dos contextos modifica as médias ponderadas, os intervalos de valores e a determinação dos contextos com valores abaixo e acima da média. Cremos na utilidade da exclusão dos contextos minoritários para a percepção de determinadas características ou pormenores. As descrições seguintes terão em conta a análise de todos os contextos e eventualmente serão referidos os resultados obtidos com a exclusão dos contextos minoritários – A64 e Lx. 74.

b) Número de fragmentos por contexto / Observação das características presentes: Como já foi referido consideramos que os contextos com um número de fragmentos inferior a cerca de 100

elementos não são, estatisticamente, seguros. Deste modo, a A64 e o Lx. 74 definem-se como contextos pouco seguros.

O conjunto cerâmico analisado possui um número de fragmentos compreendido entre 116 e 1139 fragmentos, na A61 e A57, respectivamente.

c) *Grau de mistura*: Para relembrar, a avaliação do grau de mistura de um contexto é realizada através de dois factores (avaliação dos recipientes calcolíticos e dos fragmentos potencialmente calcolíticos – pastas IV, IX, X e XI) que se conjugam num resultado final.

Apresentamos de seguida os resultados obtidos na análise dos 8 contextos analisados.

c1) Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A62 (71 %), A68 (62 %), A72 (60 %), A50 (55 %), A64 (50 %), A61 (33 %), Lx. 74 (25 %) e A57 (20 %). Podemos observar que 5 dos 8 contextos possuem valores acima da média (47 %) e que possuem mais de metade dos recipientes como calcolíticos. É evidente uma maior quantidade de recipientes calcolíticos nos estratos revolvidos – e não solo humoso – do que nos estratos integrados na última fase de ocupação. Cremos que os estratos de revolvimento são compostos por estratos de ocupações mais antigas do que aquela da fase III-3.

c2) Ordenando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A72 (28 %), A68 e A64 (21 %), A62 (18 %), A50 (17 %), A57 (10 %), Lx. 74 (8 %) e A61 (6 %). É visível em relação à fase III-3 uma subida da média ponderada que cremos estar relacionada com uma maior quantidade deste tipo de fragmentos nestes contextos de revolvimento.

Com base na avaliação das percentagens de recipientes e fragmentos sem forma calcolíticos consideramos a seguinte ordem de contextos (daquele com menor nível de mistura para aquele com maior nível de mistura: A61, A62, A57, A64, A50, A72, A68 e Lx. 74. A A64 e o Lx. 74 devem ser observados com precaução devido ao número reduzido de fragmentos.

A A68 – superfície do talude norte – e A72 – estratos correspondentes à destruição do talude pela abertura do estradão – revelam os índices mais elevados de mistura. Cremos que tais índices elevados de mistura revelam bem o carácter cronológico do Talude Exterior Norte, construído no Calcólítico. O elevado grau de mistura relaciona-se com acções de mistura, de fragmentos de diferentes cronologias, não intencionais.

Estratos de revolvimento localizados na PIN – A61, A62 e A57 – revelam um grau de mistura baixo que está de acordo com o facto de estes estrato se localizarem numa área fortemente ocupada na Idade do Bronze e ferro. Quer dizer que os estratos correspondentes à Idade do Bronze e Ferro são

espessos e extensos – ocupando uma área considerável. Um grau de mistura baixo em estratos de revolvimento revela a dificuldade de atingir estratos calcolíticos em área extensamente ocupadas durante a idade do Bronze e Idade do Ferro.

d) Grau de mistura / Grau de conservação do estrato: Como já foi referido, a relação entre o grau de mistura e a conservação dos fragmentos foi analisada partindo do pressuposto que o revolvimento mecânico dos estratos calcolíticos ocorre com o objectivo da implantação da ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Esse revolvimento levaria a uma maior fragmentação dos fragmentos e a uma exposição destes a gentes erosivos ambientais (sol, chuva, ventos, etc).

A análise dos contextos revela que não existe uma relação proporcional e clara entre o grau de mistura e o estado de conservação dos fragmentos, no geral. Pontualmente, é possível ver uma relação com determinado factor de conservação. No caso dos contextos aqui analisados, parece existir uma relação entre o grau de mistura e o tamanho. Ou seja, contextos com um grau de mistura elevado revelam uma maior quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – como a A50 e A68. No entanto alguns contextos com baixo nível de mistura – A61 e A62 – revelam também uma boa quantidade de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3.

Em relação à corrosão das superfícies, arestas e cor é visível uma ausência relacional entre o grau de mistura e estes factores de avaliação do estado de conservação dos fragmentos. Em relação à corrosão das superfícies podemos observar que os contextos mais misturados – A68 e A72 – possuem tanto quantidades altas como baixas de fragmentos de superfícies corroídas – 28,2 e 19,5 %, respectivamente. Contextos menos misturados – A62 e A57 – possuem, também, tanto quantidades altas como baixas de fragmentos de superfícies corroídas – 17 e 38 %, respectivamente.

Em relação à preservação da cor ou quantidade de fragmentos de cores concordantes podemos observar que os contextos mais misturados – A68 e A72 – possuem quantidades médias e baixas de fragmentos de cores concordantes – 35 e 31 %, respectivamente. Contextos menos misturados – A62 e A57 – possuem tanto quantidades altas como baixas de fragmentos de cores concordantes – 30 e 40 %, respectivamente. Deste modo, a preservação de cor não se encontra relacionada com o grau de mistura presente nos contextos.

Em relação à quantidade de fragmentos com arestas roladas podemos observar que o contexto com maior grau de mistura não possui a quantidade mais alta de fragmentos de arestas roladas, a A68 com 57 % de fragmentos com arestas roladas. O contexto com maior quantidade de fragmentos com arestas roladas é a A57, com 67 %. É visível nos contextos analisados uma grave degradação das arestas sendo que metade dos contextos possuem mais de metade dos seus fragmentos com arestas

roladas (57 a 67 %) – independentemente do grau de mistura. É possível que a degradação das arestas dos fragmentos revele a degradação geral dos fragmentos expostos a agentes atmosféricos.

Concluimos que um elevado grau de mistura não parece estar relacionado com nenhum tipo de degradação dos fragmentos – corrosão das arestas e superfícies, descoloração e fragmentação.

e) Distribuição das pastas nos conjuntos cerâmicos: Nos contextos analisados é visível a importância percentual das pastas I, III e VIII, seguidas da X, VII e VI. Não podemos relacionar a presença destas pastas com uma ocupação pois estes conjuntos cerâmicos não definem uma ocupação humana. No entanto é importante notar a importância das pastas I, III e VIII, tão presentes nas fases III-2 e III-3, na área norte.

Os contextos podem ser divididos em três grandes grupos no que diz respeito à distribuição das pastas na totalidade dos fragmentos. A avaliação da distribuição das pastas nos recipientes não é relevante para o estudo de conservação dos fragmentos, no qual todos os fragmentos possuem o mesmo valor.

Deste modo foram criados os seguintes grupos.

O *1º Grupo* é constituído pelas A57, A61 e A62 que revelam a importância das pastas I, III, seguidas da VIII ou X. Deste modo, estes 3 contextos possuem como pasta predominante a I (compreendida entre 27 e 38 %), seguida da III (compreendida entre 25 e 29 %) e, por último, da VIII (compreendida entre 10 e 14 %, nas A62 e A57). Em resumo, estes contextos são aqueles com maior presença de pastas I e III, aliada a uma baixa visibilidade da pasta VIII.

O *2º Grupo* é constituído pelo Lx. 74 e A50 que revelam importância das pastas III, I e VIII. Este grupo é muito semelhante ao grupo 1 no entanto a pasta VIII possui maior visibilidade (17 e 25 %).

O *3º Grupo* é constituído pelas A68, A72 e A64 que revela importância da pasta X a par das pastas I e III. A pasta I encontra-se compreendida entre 18 e 21 %, a pasta III entre 19 e 26 % e a pasta X entre 15 e 20 %.

f) Relação entre a distribuição de pastas e o estado de conservação dos fragmentos: Como já foi referido, partimos do pressuposto que conjuntos cerâmicos semelhantes na distribuição de pastas podem apresentar características semelhantes no estado de conservação dos fragmentos.

A avaliação dos 8 contextos permitiu observar as seguintes características.

f1) Tamanho dos fragmentos: Não existe uma relação entre a distribuição de pastas e o tamanho dos fragmentos. Em todos os grupos estão presentes contextos com uma percentagem baixa

de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 e uma percentagem alta. Desse modo, não há uma relação entre os tipos de pastas e a fragmentação do conjunto cerâmico.

f2) Corrosão das superfícies: Em todos os grupos estão presentes contextos com uma percentagem baixa bem como alta de fragmentos com superfícies corroídas. Deste modo, concluímos que não existe uma relação entre os tipos de pastas presentes e o grau de corrosão das superfícies.

f3) Preservação da cor: Os contextos do grupo 1 e do grupo 2 apresentam quer percentagens elevadas quer percentagens baixas de fragmentos com cores concordantes. Os contextos do grupo 3 apenas apresentam percentagens baixas de fragmentos com cores concordantes. Podemos observar uma concordância entre o grupo 3, sendo que é aquele com maior quantidade de fragmentos de pasta X, e uma falta de preservação de cor. Poderíamos concluir que existe uma relação entre a distribuição de pastas do grupo 3 e a preservação da cor. No entanto, cremos que a baixa preservação da cor das A68, A72 e A64 se relaciona com a natureza destes contextos. Estes três contextos dizem respeito à superfície do TEN e à superfície do estradão – ou superfície do TEN destruída pela construção do estradão. Assim a descoloração destes fragmentos pode estar relacionada com a exposição destes estratos aos agentes climáticos durante 2 milénios.

f4) Corrosão das arestas: Em todos os grupos estão presentes contextos com uma percentagem baixa bem como alta de fragmentos com arestas roladas. Deste modo, cremos não ser possível relacionar a corrosão das arestas com o tipo de pastas presentes nos diversos contextos.

Concluímos que a fragmentação do conjunto cerâmico, a descoloração e a corrosão das superfícies e das arestas não estão relacionadas com os tipos de pastas e sua distribuição. Contextos diferentes na distribuição de pastas e agrupados em conjuntos distintos possuem características semelhantes.

g) Conservação das pastas: Nos contextos aqui analisados as pastas III, VI, VIII e X encontram-se, genericamente, bem preservadas, as pastas I, IV, V, IX, XI e XII encontram-se muito mal preservadas e a pasta VII encontram-se genericamente mal conservada.

A análise do estado de conservação das pastas ou tendência de conservação das pastas teve em conta o comportamento destas em cada contexto analisado. Deste modo, a análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

As pastas I, IV, V, IX, XI e XII encontram-se muito mal conservadas pois apresentam na maioria dos contextos uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas sendo que, por vezes, apresentam também fragmentos de grandes dimensões. Consideramos que os

resultados apresentados sobre as pastas V e XII são parcelares porque estas pastas apresentam um número reduzido de fragmentos.

A pasta VII encontra-se genericamente mal conservada pois em 4 dos 8 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas e em 2 dos contextos apresenta uma maioria de fragmentos de arestas vivas ainda que de pequenas dimensões. É visível uma fragmentação intensa na A64 e Lx. 74.

As pastas III, VI, VIII e X são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. No entanto apenas a pasta VI pode ser considerada uma pasta muito bem conservada, pois em nenhum contexto apresenta uma maioria de fragmentos pequenos e de arestas roladas.

Em relação à fase III-3, na área norte, podemos observar o seguinte.

g1) A conservação dos fragmentos varia consoante o contexto. A análise da globalidade dos contextos integrados em determinada fase ou agrupados sob determinado motivo podem indicar a tendência geral de conservação de determinada pasta.

g2) A pasta I encontra-se mal preservada nas fases III-2, III-3 e nos contextos relativos à movimentação de terras e solo humoso e a pasta VI encontra-se bem preservada nas fases e contextos referidos para a pasta I.

g3) A pasta III encontra-se mal conservada na fase III-3 e genericamente bem conservada nos contextos de revolvimento, as pastas VII e X possuem uma conservação mediana e má na fase III-3 e uma conservação mediana e boa nos contextos revolvidos.

g4) As pastas II encontra-se ausente nos contextos revolvidos e as pastas V e XII encontram-se mal conservadas e são representadas por um número insuficiente de fragmentos que não possibilitam uma avaliação segura.

g5) As pastas V, IX e XI encontram-se mal conservadas enquanto que não fase III-3 eram representadas por conjuntos minoritários que não possibilitaram uma avaliação segura.

g6) É visível uma melhor conservação dos fragmentos nos contextos revolvidos na época moderna do que aqueles integrados na última fase de ocupação (fase III-3). Nos contextos revolvidos são 4 as pastas bem conservadas e na fase III-3 encontramos, apenas, duas pastas bem conservadas.

h) *O processo erosivo que origina a quebra dos fragmentos parece distinto daquele que originou a corrosão das superfícies, arestas e descoloração.* Podemos observar que os contextos com valores mais baixos de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 – A72, A57 e A64 –

possuem tanto valores altos como baixos de fragmentos com superfícies corroídas, arestas roladas e cores concordantes.

Deste modo não existe uma relação de proporcionalidade entre a excessiva fragmentação e os restantes aspectos de degradação nos fragmentos.

i) O processo erosivo que leva à corrosão das superfícies não é o mesmo que conduz à fragmentação (como já foi referido no ponto h) e à descoloração. No entanto parece existir uma certa relação entre a corrosão das superfícies e a corrosão das arestas, ainda que esta relação não seja sempre evidente. Os dois contextos com maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas – A68 e A57 – apresentam uma boa preservação de cor, um apresenta uma boa preservação do tamanho dos fragmentos e ambos apresentam as quantidades mais altas de fragmentos com arestas roladas. Contudo alguns contextos com uma percentagem baixa de fragmentos com superfícies corroídas – A62 e A50 – possuem quantidades muito elevadas de fragmentos com arestas roladas.

É possível que o processo que conduza à corrosão das superfícies conduza também à corrosão das arestas. Como já foi referido, cremos na possibilidade de o processo ser gradativo e numa primeira fase serem corroídas as arestas, corrosão essa seguida da corrosão das superfícies. Deste modo, é de esperar a presença de contextos com uma quantidade baixa de fragmentos com superfícies corroídas e uma quantidade alta de fragmentos com arestas roladas (1ª fase do processo de degradação) e *sempre* contextos com uma quantidade elevada de fragmentos com superfícies corroídas e arestas roladas (2ª fase do processo de degradação).

j) O processo erosivo que origina a descoloração das superfícies não parece estar relacionado com nenhum outro processo erosivo. Como já foi referido cremos que o processo que conduz à descoloração não é o mesmo – ou não ocorre no mesmo momento – que aquele que conduz à corrosão das superfícies e arestas e sucessiva fragmentação. Os fragmentos dos contextos revolidos revelam uma conservação semelhante (em termos de média ponderada e intervalo de valores) aos contextos da fase III-3.

Com base na avaliação da preservação de cor dos fragmentos e variabilidade das conjugações podemos observar o seguinte.

A ordem dos contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta é a seguinte: A64 (26 %), A62 (30 %), A72 (31 %), A50 (33 %), A68 (35 %), A57 (40 %), A61 (41 %) e Lx. 74 (43 %). A ordem dos contextos da maior diversidade de cor para a menor é a seguinte: A72 e A62 (38 %), A57 e A50 (36 %), A68 (35 %), A64 (26 %), A61 (22 %) e Lx. 74 (20 %).

Em comparação à fase anterior podemos observar as seguintes características.

j1) Um intervalo de valores menos amplo na preservação de cor. Na fase III-3 o intervalo de valores está compreendido entre 14 a 42 % e nos contextos revolidos encontra-se entre 26 e 43 %. É de notar que se excluirmos os dois contextos minoritários – Lx. 2 e A63 – o intervalo de valores localizar-se-á entre 30 e 41 %. A média ponderada é semelhante na fase III-3 e nos contextos revolidos.

j2) Tal como na fase III-3, nenhum contexto revolvido possui uma preservação de cor acima dos 50 %.

j3) Um intervalo de variabilidade de conjugações de cor com maior amplitude do que na fase III-3 – 19 a 28 % na fase III-3 – estando compreendido entre 20 e 38 %. É visível aqui uma maior falta de homogeneidade do que na fase III-3.

j4) Consideramos os contextos revolidos muito semelhantes aos da fase III-3, no que diz respeito à conservação da cor.

Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutro factor de avaliação não são totalmente semelhantes ainda que no geral sejam concordantes. Com base nas duas hierarquias ordenamos os contextos do mais bem preservado para o pior preservado sendo que a hierarquia obtida é igual àquela obtida nos fragmentos de cores concordantes: Lx. 74, A61, A57, A68, A50, A72, A62 e A64. O Lx. 74 e A64 devem ser observados com cautela devido ao número reduzido de fragmentos.

l) Os contextos e seu estado de conservação.

Como já foi referido consideramos que os contextos com um número de fragmentos muito baixo encontram-se genericamente mal preservados. Deste modo, consideramos o Lx. 74 e a A64 contextos degradados por si. Sabemos que estes contextos, nomeadamente a A64 apresentam uma má conservação do tamanho e arestas (revelando uma fragmentação relativamente recente onde é evidente o pequeno tamanho dos fragmentos aliado a arestas vivas), da cor (com uma baixa presença de fragmentos de cores concordantes) e das superfícies (com uma presença de 24 % de fragmentos com superfícies corroídas). Cremos que as características apresentadas pela A64 estão de acordo com a degradação que este estrato sofreu. De facto a A64 corresponde aos estratos destruídos e localizados no estradão e por isso é visível a excessiva fragmentação e forte degradação da cor.

O Lx. 74 apresenta uma forte corrosão das superfícies e uma, também uma forte fragmentação que está de acordo com a natureza deste contexto. O Lx. 74 corresponde a um estrato de sedimentação identificado na PIN 2.1 e onde, curiosamente, os fragmentos mantiveram uma boa

preservação da cor. – que em nada se distingue da preservação de cor presente em alguns contextos de ocupação.

A A57 é a associação de estratos com maior degradação ao nível de pastas, quer dizer que em todas as pastas presentes (10) ocorre uma maioria de fragmentos com arestas roladas e apenas em 3 das 10 pastas presentes ocorre um número mais elevado de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3. Neste contexto 38 % dos fragmentos possuem superfícies corroídas, 67 % possuem arestas roladas e 40 % possuem cores concordantes. A cor é o factor mais bem preservado daqueles integrados na avaliação do estado de degradação dos fragmentos. A A57 corresponde ao solo humoso na PIN 2 e cremos que a degradação do tamanho e das superfícies está relacionada com as práticas agrícolas. É possível que a boa conservação dos fragmentos esteja relacionada com o facto de estes não estarem expostos a acções intensas de escorrimento de água, já que a PIN 2 é uma plataforma.

A A68 revela uma grande degradação de superfícies (37 % de fragmentos com superfícies corroídas), arestas (57 % de fragmentos com arestas roladas), cor (35 % de fragmentos com cores concordantes), ainda que com uma boa percentagem de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3 (28,2 %). A análise individual das pastas revela que 9 em 10 pastas apresentam uma maioria de fragmentos com arestas roladas e 7 em 10 pastas apresentam fragmentos com um tamanho considerável. No entanto este mau estado de conservação é matizado pelos 28 % de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3. As características apresentadas estão de acordo com a natureza do contexto, por um lado é visível a má conservação geral dos fragmentos e por outro ainda encontramos alguns fragmentos com um tamanho considerável. Cremos que a presença destes fragmentos revela em parte a morfologia do estrato em questão. A A68 corresponde à superfície do talude norte e por isso cremos viável que os fragmentos mais pequenos e leves são levados pelas enxurradas, nesta área declivosa, e alguns fragmentos maiores e mais pesados permanecem – algo indicado pela percentagem dos fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3.

A A72 corresponde à zona destruída pelo estradão e revela uma fragmentação muito elevada (apenas 19,5 % de fragmentos de tamanho igual ou superior à cat. 3), uma percentagem elevada / média de fragmentos com arestas roladas (48 %) – que está de acordo com a sucessiva fragmentação do conjunto cerâmico nestes estratos –, uma forte descoloração (apenas 31 % de fragmentos com cores concordantes) – que está de acordo com a exposição do conjunto cerâmico a agentes climáticos – e uma corrosão mediana das superfícies (24 % de fragmentos com superfícies corroídas). É interessante notar que a superfície do talude possui maior quantidade de fragmentos com superfícies corroídas que os estratos revolvidos e destruídos pelo estradão. Cremos que tal pode

estar relacionado com o facto de que a A68 corresponde a estratos estáticos de construção do talude, que se mantiveram durante muito tempo sem revolvimentos mecânicos e a A72 corresponde a um conjunto de terras fortemente revolvidas e quiçá integrando estratos bem preservados do interior do talude.

A A62 corresponde a terras revolvidas na actualidade, na limpeza do caminho. Revela uma fraca fragmentação, uma boa preservação das superfícies, uma má preservação das arestas e uma má preservação da cor. Este contexto é de difícil leitura pois integra, certamente, estratos de diferentes cronologias que foram misturados e tornados num só. Deste modo o seu estado de conservação é uma soma de estados de conservação que não sabemos caracterizar, pois tal já não é possível.

A A61 corresponde a um estrato de incêndio pós-ocupacional sendo que o conjunto cerâmico possui as seguintes características: 27,6 % de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3; 19 % de fragmentos com superfícies corroídas; 41 % de fragmentos com cores concordantes e 33 % de fragmentos com arestas roladas. É evidente uma boa conservação das arestas, superfícies, cor e tamanho dos fragmentos sem que saibamos ao certo como explicar tais características. Esperaríamos outras características de um incêndio que cremos pós-deposicional. É de notar que no global, as características de conservação destes contextos excedem aquelas presentes em alguns contextos da fase III-3.

A A50 corresponde ao estrato de terras acumuladas na possível entrada da Idade do Ferro na zona habitacional norte – localizada entre o penedo junto à U. Hab. 14 e o grande afloramento integrado na grande crista quartzítica que é parte integrante deste sítio arqueológico. O conjunto cerâmico possui as seguintes características: 39,7 % de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3; 21 % de fragmentos com superfícies corroídas; 33 % de fragmentos com cores concordantes e 61 % de fragmentos com arestas roladas. É visível uma má conservação das arestas que cremos fruto do forte rolamento dos fragmentos até culminarem nesta área de entulho e uma má conservação da cor que cremos estar de acordo com uma exposição prolongada a agentes erosivos. É interessante observar a boa preservação do tamanho e das superfícies dos fragmentos. Cremos que a boa conservação do tamanho e superfície dos fragmentos é uma falsa conservação pois acreditamos que este estrato e os conjuntos cerâmicos que continham estiveram constantemente a ser deteriorados – ou seja o forte declive aliado aos factores de erosão atmosféricos levou a que muitos fragmentos desaparecessem pela “encosta fora”. Deste modo, permaneceram no estrato os fragmentos mais pesados e maiores e que, eventualmente, seriam aqueles melhor preservados nas suas superfícies.

6.6. Conclusões desta longa mas necessária exposição

6.6.1. Conclusões gerais sobre a metodologia utilizada / Validação das hipóteses interpretativas apontadas

6.6.1.1. Definição do estado de conservação de um estrato

O estudo de conservação dos fragmentos partiu do pressuposto que um contexto com elevada presença de fragmentos de arestas vivas, boa dimensão e com boa preservação da superfície (aspecto e cor) se encontraria mais bem preservado do que aquele com fragmentos de arestas roladas, pequenas dimensões e má preservação da superfície (aspecto e cor). A análise efectuada revelou que os fragmentos de um dado contexto possuem características diferenciadas ao nível da conservação. Quer dizer que um dado contexto pode apresentar fragmentos bastante erodidos nas superfícies e arestas mas apresentar fragmentos com uma boa dimensão e boa preservação da cor. Outro contexto apresentará outras combinações entre estes factores de análise.

Deste modo teremos que questionar a definição de *contexto degradado* ou *mal preservado* pois os contextos nunca apresentam uma concordância entre os vários factores de análise tidos em conta.

Através da análise realizada notamos que, em certos contextos, a presença significativa de fragmentos com arestas vivas parece relacionar-se com a elevada presença de fragmentos de pequenas dimensões. Nestes casos, a conjugação destes dois factores de análise indica uma excessiva e quebra dos fragmentos em pastas onde as arestas vivas permanecem mais tempo. Cremos que estes contextos – *de forte revolvimento e consecutiva quebra dos fragmentos* – devem ser considerados *contextos degradados ou mal preservados* pois foram sujeitos a uma acção mecânica que levou a uma forte degradação.

Do mesmo modo a definição de um contexto degradado não pode estar unicamente relacionada com as acções de revolvimento pois contextos que apresentam fragmentos de arestas roladas e superfícies erodidas, ainda que de bom tamanho, pode ser também considerados mal conservados ou degradados.

A definição do estado de conservação de um contexto não deve depender da extensão do processo erosivo e das suas consequências visíveis, mas sobretudo da comparação do estado de conservação desse contexto com outros que estratigraficamente se relacionam com ele.

Um contexto considerado degradado, por ex. um contexto com um forte revolvimento mecânico e consecutiva quebra dos fragmentos, pode apresentar alguns (poucos) fragmentos de grandes dimensões. É difícil compreender e explicar a presença de fragmentos de grande dimensão em contextos degradados pois, idealmente, os fragmentos deveriam ter um comportamento semelhante face às mesmas acções de erosão.

No entanto, é possível observar que a presença de fragmentos de grandes dimensões – categorias de dimensão 6 e 7 – é um indicador favorável à boa preservação dos contextos. Observamos que quando ocorre a presença de fragmentos destas dimensões, os contextos encontram-se geralmente bem conservados. Quer dizer que na PIL, na fase III-2, apenas 1 dos 7 contextos que apresentam fragmentos de dimensão nas categorias 6 e 7, é considerado mal conservado. Podemos, também, concluir que os fragmentos de dimensão nas categorias 3, 4 e 5 são considerados – por nós – grandes pois são uma minoria no entanto a sua presença não define por si só uma tendência de conservação.

Deste modo, é possível compreender que a *presença de fragmentos de grandes dimensões só é possível em contextos onde os processos erosivos tiveram uma acção diminuída.*

6.6.1.2. Tendência geral do estado de conservação do estrato

A definição do estado de conservação do estrato é a definição da tendência geral do estado de conservação do estrato. Os parâmetros utilizados não definem um estado de conservação mas sim uma tendência de conservação ou uma visão, muito generalista, relativa à conservação dos estratos. A análise realizada incidiu sobre aspectos gerais dos contextos em comparação com outros contextos com o objectivo de determinar padrões comportamentais.

Quer dizer que os valores dos parâmetros nunca são excludentes sendo que um contexto, por exemplo, pode possuir muitos fragmentos de superfícies corroídas e ter uma boa presença de fragmentos com arestas vivas. O método utilizado não nos afirma que os fragmentos de superfícies corroídas possuem arestas vivas, mas também não nos diz que possuem arestas roladas. Deste modo, o método avalia tendências: contextos com X fragmentos de superfícies corroídas podem possuir Y fragmentos de arestas roladas e assim sucessivamente, relativo a todos os parâmetros.

Este método de análise, apesar de baseado numa leitura muito pormenorizada dos fragmentos cerâmicos, é generalista e tem como objectivo uma caracterização geral sendo que é possível realizar, no futuro, uma análise que tenha em conta outros parâmetros. Uma análise estatística mais pormenorizada poderia responder a outras questões, como por exemplo: 1) os fragmentos de

categoria de dimensão 1 possuem uma maioria de arestas roladas?; 2) os fragmentos de superfícies corroídas possuem arestas corroídas?; 3) os fragmentos descolorados possuem superfícies corroídas? entre outras questões que poderiam ser realizadas.

Creemos que, no futuro, será necessário realizar um estudo que possa analisar estas e outras questões pormenorizadamente.

6.6.1.3. Estado de conservação de uma fase de ocupação

O estado de conservação de uma fase de ocupação pode ser entendido através dos resultados de dois tipos de análise. Numa primeira análise os materiais cerâmicos que integram contextos de determinada fase são somados e é apresentado um valor para cada parâmetro de avaliação. Tal foi realizado para os materiais cerâmicos da Plataforma Inferior Leste e talude Externo Leste. Numa segunda análise, os materiais cerâmicos que integram contextos de determinada fase não são somados e o conhecimento geral de determinada fase de ocupação é entendido através do conhecimento individual de cada contexto. A tendência geral de conservação da maioria dos contextos integrados em determinada fase determinará as características gerais de conservação da mesma. Tal foi realizado para os materiais cerâmicos da Plataforma Inferior Leste, Talude Externo Leste e Área Norte (plataforma e talude).

O estudo realizado revelou a inutilidade da soma dos contextos sendo que os resultados obtidos pela soma dos contextos são diferentes daqueles obtidos através de uma comparação entre contextos. A soma dos contextos de determinada fase é, tendencialmente, pernicioso pois os resultados mostram uma homogeneidade incaracterística que matiza as características dos contextos em particular e, mesmo, do conhecimento global que podemos obter através da comparação entre contextos.

Deste modo, a análise de uma fase de ocupação deve depender da análise cuidada dos contextos que a compõem e da comparação entre esses mesmos contextos.

6.6.1.4. O tempo como factor de degradação – Breve explicação

O tempo como factor de degradação é um ponto fulcral nos estudos de conservação dos estratos. É comum o pressuposto de que quanto mais antigo mais degradado. Os estudos realizados sobre os conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros revelaram que o tempo não só não é um ponto fulcral como é um factor passível de análise semelhante a muitos outros. De facto, as análises realizadas revelaram que o tempo como factor de degradação não revela uma relevância evidente

sobre outros processos erosivos. Para exemplificarmos a nossa proposta descreveremos de seguida a história dos processos erosivos presentes no Talude Exterior Leste.

A análise da fase III-1, do Talude Exterior Leste, permitiu observar que os processos de corrosão das arestas, superfícies e cor parecem estar relacionados com a antiguidade dos estratos e com a acção do tempo. Quer dizer que o tempo é por si um factor de degradação e que um contexto mais antigo tem uma probabilidade acrescida, nesta fase, de revelar arestas e superfícies corroídas bem como descoloração. *Contudo a fragmentação do conjunto cerâmico não se enquadra nesta ideia sendo que podemos observar que os valores de fragmentação são autónomos em relação à cronologia do estrato ou tempo decorrido.*

Foi, também, referido que na fase III-1 no TEL os processos erosivos parecem ser mais coesos, mais homogéneos e mais relacionados com o “envelhecimento” dos estratos do que na PIL. No entanto é preciso ter cautela nestas observações porque o número de contextos observados na PIL é muito superior ao número de contextos observado no TEL. Essa discrepância pode induzir interpretações generalistas num quadro, sobretudo, muito particular.

A análise da fase III-2 permitiu observar que os processos que conduzem à corrosão de superfícies e arestas, descoloração e fragmentação não se encontram relacionados com a cronologia do estrato e com o tempo decorrido. Quer dizer que, a cronologia de um contexto não define à partida o estado de conservação das superfícies e arestas e a fragmentação do conjunto cerâmico. Dentro da fase III-2, contextos antigos e mais modernos apresentam características semelhantes na corrosão de arestas, superfícies e fragmentação.

Na fase III-2 a preservação de cor revela algo extraordinário: o estrato mais antigo é o mais descolorado e os mais modernos são os mais preservados. E assim podemos concluir que na fase III-2 não encontramos uma coesão nos processos erosivos como parece ter ocorrido na fase III-1.

Na fase III-3 podemos observar que a sucessiva fragmentação e a corrosão das arestas encontram-se em concordância com a cronologia dos estratos. Quer dizer que o mais antigo é aquele que apresenta um valor mais elevado de fragmentos de arestas roladas e de fragmentação e que o mais moderno revela o valor mais baixo de fragmentos de arestas roladas e de fragmentação. A corrosão das superfícies e a descoloração dos fragmentos não é concordante com a cronologia ou tempo decorrido.

Creemos que a análise das três fases de ocupação presentes no TEL revela informações importantes sobre o factor “tempo” na degradação dos conjuntos cerâmicos. O senso comum faz-nos pensar que um contexto mais antigo encontrar-se-á mais degradado que um contexto mais moderno. Tal ocorre em algumas fases, em alguns contextos sendo que a premissa revela-se como verdadeira.

No entanto, um olhar mais pormenorizado, que tenha em conta um período de tempo relativamente curto, por ex. 300 / 400 anos, revelará que o factor “tempo” só é suficientemente relevante quando os períodos são longos e o tempo decorrido até à actualidade ainda mais longo.

Acreditamos que a degradação dos conjuntos cerâmicos se encontra mais relacionada com processos erosivos naturais ou antrópicos de curta extensão do que processos erosivos naturais de tempo longo pois estes últimos têm, comparativamente, menos expressão que os primeiros.

6.6.1.5. Crítica aos parâmetros utilizados na percepção da degradação / conservação dos contextos

6.6.1.5.1. Grau de mistura

Creemos que o grau de mistura, isto é a presença de fragmentos cerâmicos de cronologia distinta daquela que define o estrato em estudo, influencia o estado de conservação do estrato. No entanto esta influência não é definida – delimitada – através dos parâmetros utilizados. Um contexto com uma grande presença de fragmentos calcólicos pode apresentar uma boa preservação geral – como a A3 na PIL, na fase III-2. No entanto o normal é a apresentação de um valor relativamente alto de superfícies corroídas, como acontece com todos os restantes contextos na PIL, da fase III-2, que apresentam uma elevada presença de fragmentos e recipientes calcólicos.

No entanto, não sabemos se o aumento das superfícies corroídas em contextos com um elevado grau de mistura está relacionado directamente com a maior presença de fragmentos calcólicos. É possível observar que a preservação da cor, o estado de conservação das arestas e o tamanho dos fragmentos não é alterado significativamente em contextos onde a presença de fragmentos calcólicos é evidente.

É, também, possível observar que em contextos onde a presença de fragmentos calcólicos é baixa, a preservação do estrato não está dependente deste factor. Um contexto com poucos fragmentos calcólicos pode apresentar os mesmos valores percentuais (em todos os parâmetros) de um contexto com muitos fragmentos calcólicos.

Concluimos que o único parâmetro que pode estar relacionado com um grau de mistura mais elevado é aquele que avalia as superfícies corroídas. Deste modo, podemos dizer que o grau de mistura de um contexto tem pouca influência no estado de preservação do mesmo.

6.6.1.5.2. Estado de conservação das arestas

O estado de conservação das arestas foi registado através de três factores ou condições: arestas vivas, boleadas ou roladas. A análise realizada revelou que o valor de fragmentos de arestas vivas, boleadas ou roladas em determinado contexto não é determinante, por si só, para a definição do estado ou tendência de conservação. Quer dizer que em determinados contextos o valor dos fragmentos de arestas vivas é semelhante ao de arestas roladas sendo que, nestes casos, não é sequer possível a definição de uma tendência de conservação nas arestas (quanto mais no global da conservação do contexto).

Creemos que o estado de conservação das arestas, ainda que deva ser estudado, oferece uma informação muito pouco pormenorizada pois as arestas degradam-se devido a inúmeros factores. Como temos dificuldade em discernir quais os factores que influenciaram o estado de determinadas arestas em determinado contexto, concluímos que este parâmetro não deve ser utilizado isoladamente para uma caracterização – ainda que básica – do estado de conservação de um contexto.

6.6.1.5.3. Variabilidade nas conjugações de cor (“Outros”)

A variabilidade das conjugações de cor é um parâmetro utilizado na percepção da cor dos conjuntos cerâmicos. Em cada contexto foram somados todas as conjugações de cor que tivessem uma representatividade inferior a 3 %. O somatório destas conjugações de cor minoritárias formava um conjunto – denominado de “Outros” nos gráficos apresentados – que indicaria um valor aproximado de uma suposta variabilidade da cor nos fragmentos cerâmicos.

Este parâmetro foi criado com a intenção de revelar a variedade de determinado conjunto cerâmico na esperança de essa variedade estar directamente relacionada com uma descoloração fruto de processos erosivos.

No entanto o número de fragmentos por contextos revelou ser um factor de destabilização na avaliação deste parâmetro. A quantidade de fragmentos por contextos influencia o resultado deste parâmetro pois quanto maior a quantidade de fragmentos por contexto mais baixo é o valor apresentado de “Outros”. De facto, o número de conjugações possível é finito e o número de fragmentos por contexto é, teoricamente, infinito. Desse modo, um contexto com um número muito elevado de fragmentos possui uma maior probabilidade de repetir em vários fragmentos conjugações de cor, que noutro contexto, seriam minoritárias. Este facto ocorre apenas porque o número de fragmentos é elevado e não porque o processo erosivo é distinto dos restantes contextos.

Deste modo este parâmetro só deveria ser utilizado em contextos pequenos (de 100 a 250 fragmentos) e a sua comparação deveria ter em conta que todos os contextos possuíssem um número de fragmentos semelhante. Como sabemos, tal não ocorre pois a natureza dos contextos – seu número de fragmentos cerâmicos e suas características – é algo muito variável nas ocupações humanas do Crasto de Palheiros.

É possível observar que contextos com um número de fragmentos semelhante podem possuir claras diferenças entre os valores da preservação de cor e da variabilidade nas conjugações de cor. Tal ocorre em alguns contextos da fase III-2, na PIL, como a A5, A1 e A2.

O reconhecimento de que este parâmetro não funciona em todos os contextos – pois depende, directamente, do número de fragmentos presente nos contextos – ainda levou à colocação da hipótese de somar as conjugações de cor que tivessem uma presença menor que 5 %, nos contextos com número de fragmentos mais elevado. No entanto este procedimento não chegou a ser utilizado pois cremos que não seria correcto comparar contextos com valores de análise diferentes no parâmetro – 3 e 5 % – estando dependente de uma avaliação empírica do número de fragmentos por contexto. Deste modo, todos os contextos foram analisados através do mesmo valor apesar de ter sido claro que ele não funcionava em todos da mesma forma

Concluimos então que *a utilidade deste parâmetro é muito reduzida e que leva a um ruído que perturba as interpretações finais relacionadas com o estado de conservação dos estratos.*

6.6.1.5.4. Preservação da cor

O parâmetro de avaliação que integra a soma dos fragmentos de cores concordantes nas superfícies externa e interna e o cerne revelou-se de grande fiabilidade. Esta característica do conjunto cerâmico aparenta menor permeabilidade às características inerentes à conservação do estrato. Ou seja, independentemente das condições de conservação e das características apresentadas pelos conjuntos cerâmico, os fragmentos de cores concordantes mentem uma coesão que cremos estar relacionada com as características de formação do contexto.

Um contexto forma-se num determinado tempo e espaço, uma única vez irrepitível e alberga em si uma característica relacionada com a homogeneidade cromática dos recipientes. É sabido que as condições de cozedura – tipo de forno e combustível – influenciam a cor dos recipientes e a sua homogeneidade. No entanto cremos que o objectivo da cozedura é sempre cozer os vasos da forma mais segura – que leve a menos quebras – sendo que uma cozedura mais segura cria, invariavelmente, recipientes cada vez mais homogéneos ao nível da cor.

Assim, a falta da homogeneidade da cor não é um objectivo da produção cerâmica e por sua vez a homogeneidade da cor poderá indicar a conservação dos fragmentos num dado contexto. Em teoria, um contexto possuiria 100 % de fragmentos de cores concordantes. Contudo não sabemos se tal ocorria devido às condições particulares de produção – sendo que estas poderão ainda ser modificadas pelas condições de utilização. Desse modo, partimos do pressuposto que um conjunto cerâmico possui uma elevada percentagem de fragmentos de cores concordantes e que essa característica vai perdendo importância estatística devido aos processos erosivos relacionados com a descoloração.

As percentagens de fragmentos de cores concordantes mantiveram-se semelhantes – a um nível que podemos acreditar de estabilidade – em diversos tipos de contextos, integrados em diversas fases e zonas do povoado. Quer dizer que não foram notadas discrepâncias evidentes relacionadas com as características inerentes aos contextos – por exemplo o número de fragmentos por contexto – como acontecia noutros factores de avaliação, nomeadamente a variabilidade das conjugações de cor.

Deste modo, concluímos que a avaliação da quantidade de fragmentos de cores concordantes é um factor de grande fiabilidade e que permite uma boa compreensão das características da cor do conjunto cerâmico tal como ele se apresentou no momento de escavação.

6.6.1.5.5. Tamanho dos fragmentos

O parâmetro de avaliação que integra o tamanho dos fragmentos revelou uma boa estabilidade independentemente das características inerentes aos contextos analisados. Contudo é de esperar em alguns contextos com um número reduzido de fragmentos uma influência neste parâmetro de avaliação.

Ao contrário do que ocorre com a cor dos fragmentos, o tamanho dos fragmentos é uma característica que não é inerente ao estrato arqueológico em si. Quer dizer, a descoloração dos fragmentos ocorre independentemente do tipo de estrato arqueológico pois a descoloração é o resultado de processos erosivos levados a cabo por agentes naturais presentes na atmosfera e no solo. São poucos os estratos arqueológicos nos quais não estão presentes agentes erosivos (nomeadamente oxigénio) que conduzem à descoloração.

Contudo a fragmentação parece associada a determinadas acções que podem ou não ocorrer nos estratos arqueológicos. A fragmentação depende de remeximentos mecânicos, movimentações de terra, uso ocupacional dos estratos em modo contínuo, ou seja acções de vulto levadas a cabo, sobretudo, por agentes humanos. Podemos colocar a hipótese que um conjunto cerâmico de um

número reduzido de fragmentos contido num estrato é resultado de uma acção brutal de remeximento no estrato que o contem e que levou à redução do número de fragmentos. Desse modo, os contextos com um número reduzido de fragmentos podem não revelar todas as características relacionadas com o tamanho dos fragmentos, independentemente dos resultados não revelarem grandes discrepâncias. Ou seja, muitas fases integram contextos com quantidades de fragmentos muito diferentes mas que possuem quantidades semelhantes de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3. No geral, os contextos integrados em cada fase revelam intervalos de valores muito credíveis sendo que tal não ocorre noutros factores de avaliação, nomeadamente o da variabilidade de conjugações de cor.

Em todos os contextos, de todas as fases e zonas habitacionais é visível uma discrepância entre as hierarquias obtidas na análise do estado de conservação das arestas, superfícies, cor e da dimensão dos fragmentos. A fragmentação dos conjuntos cerâmicos é o resultado de acções autónomas que não geram outro tipo de degradação sendo que não se relacionam com mais nenhum processo erosivo.

6.6.1.6. Quantidade de contextos por fase analisada / Quantidade de fragmentos por contexto analisado

A análise realizada ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros revelou dados importantes no que diz respeito à quantidade de fragmentos por contexto e à quantidade de contextos por fase analisada.

A quantidade de fragmentos por estrato não é algo que possamos controlar pois a quantidade de fragmentos que um estrato contém depende unicamente da formação e evolução desse mesmo estrato. Em teoria a avaliação da fase é realizada através da análise de todos os estratos que a caracterizam e todos os conjuntos cerâmicos contidos nesses estratos possuem um mesmo valor estatístico, independentemente da quantidade de fragmentos que contem.

Contudo, o decorrer da análise ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros revelou que contextos com um número muito reduzido de fragmentos (inferior a 70 elementos) não são fidedignos no que diz respeito à avaliação de determinados factores relacionados com os processos erosivos (por exemplo o factor de avaliação de que diz respeito à variabilidade das conjugações de cor). Alguns conjuntos com um número de fragmentos entre 70 e 100 revelam alguma segurança sobretudo se possuírem alguma homogeneidade na distribuição dos fragmentos nas diversas pastas.

Os conjuntos cerâmicos com um número superior a 100 fragmentos são considerados fidedignos em todos os factores de avaliação relacionados com o estado de conservação dos fragmentos. No entanto é visível nos conjuntos cerâmicos com mais de 600 fragmentos, uma homogeneidade que cremos ser falsa. Ou seja, um determinado conjunto cerâmico pode ter (por exemplo) 110 fragmentos de pasta I, sendo que esses fragmentos pertencem a vários recipientes, são de diversas cores e possuem estados de conservação diferentes. Contudo o número é tão elevado (e o das outras pastas também o é) que encobre as características particularizantes de cada fragmento ou de cada pequeno conjunto de fragmentos (mesmo dentro da mesma pasta). Quer dizer que na avaliação empírica é possível ver a presença de diversos recipientes caracterizados por pequenos conjuntos de fragmentos que na análise estatística já não são visíveis. Concluindo, quanto maior for o número de fragmentos por contexto menor visibilidade terão determinados conjuntos de fragmentos.

No que diz respeito ao número de contextos integrados numa fase podemos dizer que uma fase só é correctamente avaliada quando integra 6 ou mais contextos. Um número inferior a 6 contextos não permite uma avaliação fidedigna porque torna-se mais difícil o agrupamento dos contextos consoante as suas características. A comparação entre 4 contextos integrados numa mesma fase é difícil porque as diferenças estatísticas não são tão evidentes e o agrupamento dos contextos é muito frágil.

Contudo quanto maior for o número de contextos integrados numa fase mais difícil é de obter hierarquias totalmente semelhantes e mais difícil se torna uma análise intuitiva. Ou seja, um número elevado de fragmentos exige agrupamentos muito coerentes baseados em diferenças estatísticas muito pequenas (pois são raros os contextos totalmente semelhantes). Quer dizer que os agrupamentos realizados numa fase que integra muitos contextos são diferentes dos agrupamentos realizados numa fase que integra poucos contextos. Podemos concluir que a análise de determinada fase depende sempre das características dos contextos integrados nessa mesma fase e sobretudo do número de contextos que contem.

6.6.1.7. As hierarquias como ferramenta de análise

A análise dos vários factores quer do estado do estado de conservação dos fragmentos quer de muitas outras características do conjunto cerâmico teve em conta hierarquias estatísticas. Ou seja, cada factor de análise é analisado pela percentagem que o representa e em consequência é realizada uma hierarquia de contextos com base nas percentagens presentes nos mesmos.

Deste modo, por exemplo, temos hierarquias de contextos onde os hierarquizamos da maior quantidade de fragmentos com cores concordantes para aquele com menor quantidade, entre muitos outros factores de avaliação.

As hierarquias são úteis para um conhecimento geral dos contextos num determinado factor de avaliação sendo que ficamos a conhecer as relações entre os contextos dentro daquele factor de avaliação. No entanto o seu grau de análise geral das hierarquias é muito reduzido porque as hierarquias de um determinado factor de análise raramente são semelhantes à hierarquia de outro factor de análise. Na verdade, os contextos revelam grandes discrepâncias, quer nas percentagens que os representam, quer nas hierarquias realizadas.

Devemos referir que existem dois tipos de hierarquias: 1) as hierarquias dentro de um contexto e que são comparadas com as hierarquias dos restantes contextos sucedendo que cada contexto possui várias percentagens a serem avaliadas – e 2) as hierarquias de contextos que tem em conta um só valor de um determinado factor de avaliação.

O primeiro tipo de hierarquia diz respeito, por exemplo, à avaliação das pastas na totalidade dos fragmentos. Em cada contexto são avaliadas as primeiras três pastas maioritárias sendo que essa hierarquia é comparada com a dos restantes contextos. Numa determinada fase é possível observar que determinados contextos possuem uma mesma hierarquia sendo que nem sempre possuem um mesmo valor percentual em cada pasta maioritária. Assim, é muito raro encontrar contextos semelhantes na hierarquia de pastas e no valor percentual de cada pasta.

Contudo este primeiro tipo de hierarquia permite o agrupamento dos contextos consoante as suas semelhanças ou diferenças.

O segundo tipo de hierarquia diz respeito, por exemplo, à avaliação de quantidade de fragmentos com um tamanho igual ou superior à cat. 3. Neste caso, cada contexto possui um só valor percentual sendo que a hierarquia é uma ordenação dos contextos consoante as percentagens presentes. A hierarquia / ordem obtida é comparada com outras ordens de factores de avaliação com as mesmas características, ou seja, definidos por um único valor percentual – por exemplo, fragmentos de cores concordantes, variabilidade de corte, arestas roladas, arestas vivas e superfícies corroídas.

Este segundo tipo de hierarquia tem como objectivo a comparação entre vários factores de avaliação enquanto que o primeiro tipo tem como objectivo a comparação entre contextos.

Após a análise de todo o conjunto cerâmico concluímos que as hierarquias são úteis no conhecimento de cada factor de avaliação no entanto são um pouco difíceis de trabalhar quando envolvem vários factores de avaliação. É comum a falta de concordância entre hierarquias sendo

difícil perceber semelhanças entre os vários contextos. Assim, os contextos foram avaliados ponderadamente pois as hierarquias nem sempre se revelaram de grande utilidade.

6.6.2. Conclusões gerais sobre o estado de conservação dos diversos contextos

6.6.2.0. Introdução

A abordagem do estado de conservação dos diversos contextos é realizada neste ponto por zona. A escolha desta abordagem relaciona-se com as características de conservação / degradação que pretendemos enfatizar. O ponto 6.6.2 tem como objectivo revelar de uma forma simples uma narrativa de uso e degradação de determinado espaço ao longo de toda a ocupação. Desse modo, não faz sentido a comparação entre as diversas zonas num mesmo período cronológico.

A narrativa do estado de conservação / degradação de determinada zona será realizada a partir dos dados obtidos na última ocupação ou solo humoso (quando tal se justifica) pois cremos que o solo humoso caracteriza o expoente máximo de degradação causada por agentes ambientais. Desse modo os resultados obtidos para o solo humoso balizarão os resultados obtidos nas diversas fases de ocupação.

6.6.2.1. Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste, as camadas superficiais foram integradas na última fase de ocupação sendo que as características da última fase de ocupação são aquelas tidas em conta para a avaliação do estado de conservação dos contextos contidos na plataforma.

Deste modo, a avaliação que se segue tem em conta as seguintes premissas.

a) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente às superfícies dos fragmentos deve apresentar um valor superior a 25 % de fragmentos com superfícies corroídas.

b) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à cor dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos de cor preservada.

c) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos deve apresentar um valor superior a 45 % de fragmentos com arestas roladas.

d) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 32 % de fragmentos com arestas vivas.

e) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à dimensão dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3.

f) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VI deve apresentar um mínimo de 10 % de fragmentos desta pasta.

g) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VIII deve apresentar um mínimo de 13 % de fragmentos desta pasta.

Na Plataforma Inferior Leste os contextos com um valor superior a 25 % de fragmentos de superfícies corroídas são: *i*) na fase II a A7; *ii*) na fase III-1, as A10, A22 e Lxs. 45/87 e 68; *iii*) na fase III-2, a A20 e *iv*) na fase III-3, as A28, A29, A16 e camada 1a. Todos estes contextos eram já contextos considerados com grande quantidade de fragmentos de superfícies corroídas nas respectivas fases. No entanto estes contextos faziam grupo com outros também considerados mal conservados relativamente à superfície dos fragmentos. Através deste método podemos salientar alguns contextos que nos parecem mais degradados quando comparados com o solo humoso.

Deste modo, podemos dizer que os níveis de cascalheira mais antigos (Lxs. 100, 102 e 104); determinados níveis de ocupação caracterizados por terras queimadas – A10 (Lxs. 87, 89 e 92); A22 (Lx. 48.5 e 42.4), Lxs. 45/87 e 68 –, e ainda as terras que compõem a carapaça pétreia da E.D.F (A20) e o solo humoso (A28 e A29), possuem percentagens elevadas e semelhantes de fragmentos com as superfícies corroídas.

Tínhamos articulado a corrosão das superfícies a um processo geral de rolamento dos fragmentos onde arestas e superfícies são gradualmente degradadas. Tal processo pode ser facilmente relacionado com os níveis de ocupação caracterizados por terras queimadas – A10 (Lxs. 87, 89 e 92); A22 (Lx. 48.5 e 42.4), Lxs. 45/87 e 68 – e o solo humoso – A28 e A29 mas não é tão, facilmente, relacionado com os níveis de cascalheira mais antigos (Lxs. 100, 102 e 104) e as terras que compõem a carapaça pétreia da E.D.F. (A20).

Tendo em conta os resultados obtidos podemos lançar várias hipóteses interpretativas.

1) Os Lxs. 87, 89, 92, 48.5, 42.4, 45/87 e 68, as associações 28, 29, e 16 e a camada 1a revelam uma degradação das superfícies que pode ser fruto de um rolamento dos fragmentos em depósito. É possível que os níveis de ocupação mais antigos – Lxs. 87, 89, 92, 48.5, 42.4, 45/87 e 68 – tenham sofrido um abandono temporário que degradou a superfície dos fragmentos (deixadas à intempérie). *Através deste método podemos colocar a hipótese de descontinuidades ocupacionais – de curta duração (algumas décadas) – que se intuem pela degradação dos fragmentos em determinados contextos.* Deste modo, cremos que certas unidades habitacionais podiam ser

temporariamente abandonadas – fruto da morte do proprietário, falta de familiares que tomassem conta do espaço, etc – e que tal é revelado pela degradação dos materiais cerâmicos que, se estivessem integrados num contexto de ocupação contínua, teriam outras características de conservação / degradação.

2) A degradação da superfície dos fragmentos dos níveis de cascalheira mais antigos (Lxs. 100, 102 e 104) e das terras que compõem a carapaça pétreia da E.D.F. (A20) apontam para uma degradação dos fragmentos anterior à constituição do depósito. Tanto as cascalheiras como as terras que compõem a carapaça pétreia da E.D.F. são estratos de formação intencional – relacionados com a construção humana do espaço – e a sua degradação não está de acordo com as características físicas destes estratos. Estes contextos deveriam possuir fragmentos bem conservados pois são contextos onde os remeximentos por acção humana são muito reduzidos. No entanto é notória a má conservação da superfície dos fragmentos tanto das cascalheiras mais antigas como das terras que compõem a carapaça pétreia da E.D.F. Assim podemos concluir que *o esforço ou o cuidado na recolha de terras para constituir as cascalheiras ou a E.D.F. é exactamente o mesmo. A E.D.F. foi construída com terras que continham fragmentos muito degradados – tal como as cascalheiras – e por isso não existiu nenhum esforço na incorporação de terras sem fragmentos ou provenientes de locais onde estes não estivessem tão degradados.* Podemos lançar a hipótese de que a recolha de terras era realizado num local onde os fragmentos, que constituíam lixo, estavam expostos à intempérie e degradação humana.

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com a cor preservada são: *i)* na fase II a A23; *ii)* na fase III-1, a A11, e Lxs. 82 e 68; *iii)* na fase III-2, a A2 e Lxs. 45a e 80 e *iv)* na fase III-3, nenhum contexto apresenta um valor inferior a 30 %. O processo de descoloração dos fragmentos foi por nós relacionado com: a) variações de temperatura sofridas pelos fragmentos ou recipientes – durante a manufactura, uso ou depósito – e com a exposição dos fragmentos a agentes atmosféricos em depósito. Em relação aos contextos acima indicados podemos dizer que a A11 (Lxs. 83 e 91) é constituída por fragmentos maioritariamente pertencentes a um único recipiente que possui características de cor muito particulares. Neste recipiente, o cerne é negro e as superfícies possuem uma coloração amarela-clara. As características deste recipiente, cujos fragmentos contabilizam mais de 50 % do total, são, no fundo, as características do contexto. Assim a “descoloração” mais não é do que as características de cor deste recipiente. Podemos então concluir que o recipiente possui estas características devido ao tipo de cozedura ou ao uso que teve durante a sua utilização como contentor.

E a A23 e os Lxs. 82, 68, 45a e 80 são níveis de ocupação. A A23 é constituída por níveis de terra queimada e os Lxs. 82, 45a e 80 são níveis de argilas de coloração castanha e amarela, semelhante a pisos compactos de argila. É notória a relação entre estratos de cor amarela com a falta de preservação de cor sendo que cremos que parte desta relação vem de uma transferência de características entre o estrato e os fragmentos cerâmicos. Quer dizer que *muitos fragmentos cerâmicos possuem cores nas superfícies semelhantes à cor do estrato que os contem e tal é mais notório nos estrato de argila de cor amarela, pois essa argila tem tendência a impregnar a superfície do fragmento*. Deste modo a forte descoloração sentida nos Lxs. 82, 45a e 80 pode estar relacionada com as características químicas e físicas das terras do depósito

A A23 e o Lx. 68 são estratos de terras queimadas que apresentam concentrações de carvões. Cremos que a forte descoloração sentida nestes estratos está relacionada com as variações de temperaturas sofridas pelos fragmentos – na possível lareira do Lx. 68 – ou mesmo por um possível abandono temporário da área habitacional relacionada com a A23.

Os contextos com um valor superior a 45 % de fragmentos com arestas roladas são: *i)* na fase II a camada 1/2; *ii)* na fase III-1, Lxs. 65 e 45/87 e A10 e A22; *iii)* na fase III-2, Lx. 43, A15 e A20 e *iv)* na fase III-3, A16, A29 e camada 1.

É possível observar que os contextos considerados muito degradados ao nível das arestas roladas não são na sua totalidade os contextos que possuem uma grande degradação das superfícies dos fragmentos. Tínhamos anteriormente relacionado a degradação das arestas com a degradação das superfícies; no entanto, é visível que alguns contextos onde a degradação das superfícies é muito alta apresentam uma degradação das arestas dos fragmentos mais baixa do que noutros contextos onde a degradação da superfície não é tão intensa. Deste modo, a degradação das arestas não pode ser um primeiro estado do processo que leva à degradação das superfícies. Na fase II a A7 possui uma presença muito elevada de fragmentos com superfícies degradadas; no entanto, possui uma percentagem mais baixa de arestas roladas que a camada 1/2 que, por sua vez, possui uma percentagem mais baixa de fragmentos com superfícies corroídas que a A7. O mesmo acontece na fase III-1 com os Lxs. 68 e 65, na fase III-2 com o Lx. 43 e A15 e na fase III-3 com a A28 e camada 1a.

No entanto, alguns contextos revelam uma grande degradação tanto das superfícies como das arestas dos fragmentos, a saber: na fase III-1, A10, A22 e Lx. 45/87; na fase III-2 a A20 e na fase III-3 a A29 e A16.

Cremos que existe uma relação entre a degradação das arestas e das superfícies dos fragmentos no entanto tal relação é matizada por outras – muitas – variáveis que influenciam o

estado de conservação dos fragmentos num determinado contexto. Deste modo, *podemos observar determinadas tendências que podemos intuir como processuais; porém, esses processos de degradação não podem ser claramente definidos apenas pelo estudo de conservação / degradação dos fragmentos cerâmicos*. Urge uma definição dos processos de degradação que interagem com as cerâmicas arqueológicas de modo a ser mais correcta a percepção da degradação dos estratos.

Os contextos com um valor inferior a 32 % de fragmentos com arestas vivas (considerados mal preservados) são: *i)* na fase II nenhum contexto apresenta uma percentagem inferior a 32 %; *ii)* na fase III-1, Lxs. 65 e 45/87 e A10 e A22; *iii)* na fase III-2, A5, A15, A19, A20, A21 e Lxs. 45 e 43 e *iv)* na fase III-3, A16, A29 e camada 1.

É possível observar que alguns contextos possuem uma percentagem elevada de fragmentos com arestas roladas e ao mesmo tempo uma percentagem baixa de arestas vivas. Tal ocorre nos Lxs. 65 e 45/87 e A10 e A22 (fase III-1), Lx. 43, A15 e A20 (fase III-2) e A16, A29 e camada 1 (fase III-3). No entanto em alguns contextos, sobretudo da fase III-2, a relação entre arestas roladas e arestas vivas não ocorre de forma tão proporcional. É possível que uma baixa presença de arestas vivas revele por si um determinado estado de conservação que cremos ser um estado de conservação latente. Quer dizer que os contextos que apresentam uma baixa percentagem de arestas vivas sofreram uma degradação que em determinado momento estagnou e que leva a que as arestas dos fragmentos se encontrem maioritariamente roladas. Quer dizer que estes contextos a partir de determinado momento deixaram de sofrer acções de remeximento, acções essas que quebram sucessivamente os fragmentos e conferem arestas vivas aos mesmos.

Não deixa de ser interessante observar que nenhum contexto da fase II possui uma muito baixa presença de arestas vivas, podendo este facto indicar comportamentos de revolvimento contínuos que atingem os níveis de ocupação da Idade do Bronze, mas também os níveis de ocupação calcolíticos. Cremos que *as comunidades da Idade do Ferro levaram a cabo acções de revolvimento em busca de fragmentos calcolíticos em determinados espaços que por sua vez continham vestígios da ocupação da Idade do Bronze*.

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 (considerados mal preservados) são: *i)* na fase II o Lx. 109; *ii)* na fase III-1, Lx. 45/87, A10 e A13; *iii)* na fase III-2, A5, A17, A18, A19, A21, A25 e Lxs. 45, 43, 80 e 48.4 e *iv)* na fase III-3, a A26.

Podemos observar que os contextos A10, Lx. 45/87, Lx. 43, A15 e A5 possuem um número baixo de arestas vivas e um indicador de fragmentação elevado que pode apontar para contextos que foram muito remexidos mas que entraram numa fase de estagnação que se manteve até à actualidade.

Creemos que alguns contextos revelam picos de degradação e uma história de degradação essencialmente evolutiva. Estes contextos revelam que alguns processos de degradação do estrato possuem um começo, uma fase de clímax e uma fase seguinte de estagnação. Cada uma destas fases possui características próprias que influenciam o estado de conservação dos fragmentos. Na fase de clímax as acções de degradação são essencialmente humanas onde, por exemplo, os estratos que estão a servir como solos de ocupação estão constantemente em revolvimento e os fragmentos sucessivamente a serem quebrados. Na fase de estagnação o estrato encontra-se em abandono, protegido por outro ou por construções que levam a que os fragmentos não sejam mais remexidos mas que sofram, essencialmente, acções de degradação químicas relacionadas com o solo e com os agentes atmosféricos.

É possível observar que alguns solos de ocupação da fase III-1 (A10 e Lx. 45/87) e da fase III-2 (Lx. 43, A15 e A5) entraram em estagnação após uma fase revolvimento. Tal é facilmente explicável para os solos da fase III-1 e para dois da fase III-2 (Lx. 43e A15) mas não é facilmente estendível para a A5. Creemos que construções modernas – muros de propriedade – possam estar relacionadas com a estagnação do nível de incêndio da U. Hab. 5. Como podemos observar, nenhum contexto da fase III-3 revela encontrar-se em fase de estagnação.

Os contextos com um valor superior a 10 % de fragmentos de pasta VI (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase II a camada 1/2; *ii*) na fase III-1, o Lx. 45/87, A10 e A22; *iii*) na fase III-2, A1, A2, A6, A15, A19, A25 e Lxs. 33, 45 e 43 e *iv*) na fase III-3, a A28, A29, A16, A26 e camadas 1 e 1a.

Os contextos com um valor superior a 13 % de fragmentos de pasta VIII (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase II nenhum contexto; *ii*) na fase III-1, o Lx. 65, A12 e A22; *iii*) na fase III-2, A1, A2, A3, A4, A5, A6, A17, A18, A15, A19, A20, A25 e Lxs. 63, 45 e 43 e *iv*) na fase III-3, a A28, A29 e A16.

Podemos observar uma boa presença das pastas VI e VIII em diversos contextos de todas as fases de ocupação; porém *não cremos numa relação causal entre um mau estado de conservação do estrato e a presença de fragmentos destas pastas*. Alguns contextos como a camada 1/2 (fase II), A22 (fase III-1) e as A1, A2, A3, A4, A6, A15, A20 e o Lx. 63 (fase III-2) revelam uma boa presença destas pastas e um baixo indicador de revolvimento. *Definindo o revolvimento como uma fase activa da degradação do contexto, podemos afirmar que a presença de fragmentos sucessivamente quebrados não se relaciona com a qualidade das pastas*.

Podemos então concluir que a degradação excessiva dos fragmentos, sobretudo a corrosão das superfícies e da cor, pode revelar abandonos temporários de ocupação. Creemos que a corrosão

das superfícies está relacionada com variações na humidade e na temperatura e a descoloração está intimamente relacionada com variações na temperatura e exposição solar. A forte presença de fragmentos descolorados e corroídos pode indicar um abandono temporário daqueles estratos que ao não estarem a ser utilizados e protegidos pela sucessiva acumulação de terras e poeiras, estão mais susceptíveis a uma degradação deste tipo.

A degradação dos contextos é um processo evolutivo que possui um começo, uma fase de clímax e uma fase seguinte de estagnação. Cada uma destas fases possui características próprias que influenciam o estado de conservação dos fragmentos. Deste modo as variáveis que influenciam o estado de conservação dos fragmentos vão sendo distinguidas mas cada vez mais se percebe a complexidade de todo este processo.

6.6.2.2. Talude Exterior Leste

A avaliação geral do estado de conservação dos contextos do Talude Exterior Leste é realizada a partir dos dados obtidos nos contextos integrados na fase III-3. Pressupomos que a última fase de ocupação integrará os contextos globalmente mais degradados e usaremos os resultados obtidos nos vários factores de avaliação como “baliza” de avaliação dos contextos presentes nas outras fases.

Deste modo, a avaliação que se segue tem em conta as seguintes premissas.

a) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente às superfícies dos fragmentos, deve apresentar um valor superior a 17 % de fragmentos com superfícies corroídas.

b) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à cor dos fragmentos, deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos de cor preservada, inclusive.

c) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos, deve apresentar um valor superior a 40 % de fragmentos com arestas roladas, inclusive.

d) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos, deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos com arestas vivas.

e) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à dimensão dos fragmentos, deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3, inclusive.

f) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VI, deve apresentar um mínimo de 15 % de fragmentos desta pasta.

g) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VIII, deve apresentar um mínimo de 20 % de fragmentos desta pasta.

No Talude Exterior Leste os contextos com um valor superior a 17 % de fragmentos de superfícies corroídas são: *i*) na fase III-1 a A47; *ii*) na fase III-2, nenhum contexto ultrapassa os 17 % de fragmentos de superfícies corroídas e *iii*) na fase III-3 todos os contextos ultrapassam os 17 % de fragmentos de superfícies corroídas. A análise individual de cada fase revelou resultados diferentes. Para recordar na fase III-1, a A47 era considerada mal conservada (ao nível das superfícies dos fragmentos), na fase III-2, as A42, A48 e Lx. 140 eram considerados mal conservados e na fase III-3 apenas a A45 foi considerada mal preservada.

Através do método aqui aplicado e suas “balizas” podemos observar que apenas os estratos correspondentes aos solos de ocupação na fase III-1 se encontram muito deteriorados no que diz respeito às superfícies corroídas. Todos os estratos integrados na fase III-3 revelam uma forte corrosão das superfícies que indica que os conjuntos cerâmicos inseridos nestes últimos estratos estiveram sujeitos a processos erosivos mais intensos do que aqueles presentes na fase III-2. De facto a fase III-2 revela uma grande preservação das superfícies dos fragmentos.

Na PIL tínhamos relacionado a corrosão das superfícies com um processo geral de rolamento dos fragmentos onde arestas e superfícies são gradualmente degradadas. No entanto, tal não parece ser o caso do TEL. No Talude Exterior Leste, a corrosão das superfícies dos fragmentos não deve ser fruto de um rolamento intenso pois não existe um espaço suficientemente alargado onde os fragmentos poderiam ser degradados. Cremos que a corrosão das superfícies está relacionada uma exposição prolongada aos agentes atmosféricos – chuva e sol – e suas variações de temperatura.

A explicação da corrosão das superfícies dos contextos contidos na fase III-3 passa pelo conhecimento que possuímos ao nível da estratigrafia. Sabemos que houve um abandono da área habitacional após o incêndio e que no período compreendido entre a ocorrência do incêndio e o abandono definitivo do povoado ocorreram acções de construção. No TEL, após o incêndio, limpou-se a Estrutura Pétreá, condenando-a com uma camada de pedras, e levou-se a cabo uma obra de fecho do talude que pode ter demorado algumas semanas, consoante o número de pessoas envolvidas. Durante o tempo de fecho do talude e da sua plataforma habitacional, os estratos de ocupação estiveram sujeitos aos processos erosivos promovidos por agentes atmosféricos (entre outros). Desse modo, a elevada degradação dos contextos integrados na fase III-3 é facilmente compreendida.

A degradação presente na A47 pode indicar um breve hiato ocupacional, explicado por possíveis construções inseridas na plataforma habitacional do Talude Exterior Leste. Quer dizer que

os resultados da conservação dos fragmentos apontam para hiatos ocupacionais onde uma dada área de plataforma habitacional pode ter sido temporariamente abandonada ou remodelada.

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com a cor preservada são: *i)* na fase III-1 a A47; *ii)* na fase III-2, a A44 e Lx. 140 e *iii)* na fase III-3, a A45, A46 e A41. Todos os contextos considerados mal preservados na cor através desta nova baliza já tinham sido considerados mal preservados na avaliação individual de cada fase. Deste modo, dá-se uma concordância entre a avaliação individual de cada fase e a avaliação geral da zona habitacional.

Na PIL, relacionamos o processo de descoloração dos fragmentos com variações de temperatura sofridas pelos fragmentos ou recipientes (durante a manufatura, uso ou depósito) e com a exposição dos fragmentos a agentes atmosféricos em depósito. cremos que no TEL, a origem da descoloração seja semelhante àquela da PIL.

Em relação aos contextos do Talude Exterior Leste podemos dizer o que se segue.

1) Os conjuntos cerâmicos integrados nas fases III-1 e III-3 parecem ter sido descolorados a partir da acção dos agentes atmosféricos. A análise da corrosão das superfícies indicam todos estes contextos como muito degradados e a descoloração encontra-se concordante com este facto. Deste modo, cremos que a A47, A45, A46 e A41 estiveram sujeitas a uma forte erosão atmosférica que actua em vários níveis sobre o conjunto cerâmico.

2) A preservação de cor da A40 (associação que integra o solo humoso sobre a carapaça pétreo do talude) é quase inexplicável, já que este conjunto cerâmico esteve, com certeza, sujeito a acções erosivas relevantes. No entanto não deixa de ser interessante notar que os restantes contextos da fase III-3 se encontram muito mais descolorados e todos os contextos da fase III-2 possuem valores inferiores de preservação de cor.

3) Os conjuntos cerâmicos da fase III-2 considerados descolorados (A44 e Lx. 140) estão integrados em estratos de dejectos (A44) e um solo de ocupação (Lx. 140). cremos que a descoloração se encontra relacionada com a manufatura e manipulação dos recipientes já que estes contextos se encontram bem preservados noutros factores de avaliação. Deste modo os conjuntos cerâmicos presentes revelam uma grande variedade de cores mas sobretudo uma falta de homogeneidade na cozedura. Assim, podemos afirmar que as cozeduras de recipientes cerâmicos da Idade do Ferro eram, muito provavelmente, deficitárias nas temperaturas atingidas e no tipo de combustível utilizado.

Os contextos com um valor superior a 40 % de fragmentos com arestas roladas são: *i)* na fase III-1 a A47; *ii)* na fase III-2, as A42 e A48 e *iii)* na fase III-3 todos os contextos ultrapassam o valor estipulado de arestas roladas. Quase todos os contextos considerados mal conservados nas arestas

dos fragmentos (arestas roladas) já tinham sido considerados mal preservados na avaliação individual de cada fase. Deste modo, dá-se uma concordância entre a avaliação individual de cada fase e a avaliação geral da zona habitacional, à excepção da A40 na fase III-3.

Na PIL, tínhamos lançado a hipótese da corrosão das arestas constituir uma primeira fase de degradação de um processo erosivo que incluía a degradação das arestas e em seguida das superfícies. A avaliação geral na PIL não firmou esta hipótese no entanto a avaliação do TEL deixa entrever uma possível relação entre a degradação das arestas e das superfícies. Os contextos que apresentam maior degradação nas arestas são também aqueles que apresentam maior degradação das superfícies, ainda que os valores não sejam totalmente proporcionais.

Deste modo, a degradação das arestas na A47, A40, A45, A46 e A41 (fases III-1 e III-3) está de acordo com a degradação das superfícies e até da cor dos fragmentos (à excepção da A40). A degradação das arestas nas A42 e A48 não se encontra de acordo com a descoloração, pois estes conjuntos cerâmicos não se encontram descolorados, e encontra-se parcialmente de acordo com a degradação das superfícies. A degradação das superfícies nas A42 e A48 não excede os 17 % mas foi considerada alta na avaliação individual da fase.

Creemos que a fase III-2 corresponde a um período longo de contínua ocupação e que os processos erosivos evolucionados encontram-se em grande número e muito intrincados. É possível que estratos integrados numa fase de ocupação muito prolongada e complexa (em termos construtivos e espaciais) sejam difíceis de caracterizar no que concerne a eventuais processos de erosão e seus efeitos. Os resultados obtidos são um palimpsesto de acções que se misturam e que não permitem uma visualização clara da construção dos estratos. A disparidade de resultados obtidos nos contextos da fase III-2 é compreendida dentro desta noção de palimpsesto.

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com arestas vivas (considerados mal preservados) são: *i*) na fase III-1 a A47; *ii*) na fase III-2 nenhum contexto apresenta um valor abaixo dos 30 % de arestas vivas e *iii*) na fase III-3 as A45, A46 e A41.

Podemos observar que todos contextos que apresentam um valor muito baixo de arestas vivas se encontram mal conservados em diversos factores de avaliação (cor, corrosão das superfícies e presença de arestas roladas). No entanto não existe uma concordância entre esta avaliação geral e a avaliação individual das fases bem como uma proporcionalidade entre arestas roladas e arestas vivas.

Mais uma vez a A40 revela-se como o contexto mais bem preservado da fase III-3 e os contextos da fase III-2 revelam uma grande confusão de resultados. Na fase III-2 os contextos com uma elevada presença de arestas roladas revelam também uma elevada presença de arestas vivas e não uma baixa presença de arestas vivas.

Tínhamos colocado a hipótese interpretativa de que uma baixa presença de arestas vivas revela-se por si um determinado tipo de estado de conservação que tínhamos denominado de latente. Ou seja, os contextos que apresentem uma baixa percentagem de arestas vivas podem ter sofrido uma degradação que em determinado momento estagnou. Após essa ruptura e durante a fase de estagnação, arestas dos fragmentos vão-se tornando cada vez mais roladas – e em maior número – por uma acção química dos solos. Estes contextos deixaram de sofrer acções de remeximento, acções essas que quebram sucessivamente os fragmentos e conferem arestas vivas aos mesmos.

Os contextos da fase III-3 que parecem integrar-se nesta hipótese interpretativa são a A47, A45, A46 e A41. É de notar que tínhamos já referido um provável abandono destes estratos. O abandono sofrido pela A47 foi temporário no entanto o abandono sofrido pelas A45, A46 e A41 foi mais prolongado e ao qual não se seguiu nenhum tipo de ocupação

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 (considerados mal preservados) são: *i*) na fase III-1 nenhum contexto apresenta um valor inferior a 30 %; *ii*) na fase III-2, a A42 e o Lx. 140 e *iii*) na fase III-3, a A45 e a A46.

Os resultados indicam processos de degradação distintos onde parece clara uma distinção entre os contextos da fase III-2 e da fase III-3.

Os contextos da fase III-2 revelam um valor médio / alto de arestas vivas e um valor médio de arestas roladas. Quer dizer que estes contextos apresentam um valor de fragmentação elevado associado a um valor de arestas vivas também elevado. Apenas a A42 apresenta também um valor elevado de arestas roladas.

Os contextos da fase III-3 revelam um valor baixo de arestas vivas e um valor muito elevado de arestas roladas. Quer dizer que estes contextos apresentam um valor de fragmentação elevado associado a arestas roladas.

Creemos que os contextos da fase III-2 revelam que estes dois contextos sofreram acções de remeximento, provavelmente promovidas pela própria ocupação, seguidas de uma ruptura na degradação gradual dos fragmentos ou fase de estagnação. Podemos observar que o comportamento dos contextos da fase III-3 é distinto.

Os contextos da fase III-3 revelam um pico de degradação – semelhante aos contextos da fase III-2 – seguido de uma fase de estagnação prolongada. Estes contextos revelam que um processo de degradação do estrato que possui uma fase de clímax e uma fase seguinte de estagnação. Cada uma destas fases possui características próprias que influenciam o estado de conservação dos fragmentos. Na fase de clímax as acções de degradação são essencialmente humanas onde, por exemplo, os

estratos que estão a servir como solos de ocupação estão constantemente em revolvimento e os fragmentos sucessivamente a serem quebrados. Na fase de estagnação o estrato encontra-se em abandono, protegidos ou não por outros ou por construções que levam a que os fragmentos não sejam mais remexidos. Na fase de estagnação os fragmentos sofrem, essencialmente, acções de degradação químicas relacionadas com o solo e com os agentes atmosféricos.

Os contextos da fase III-2 revelam uma ruptura após a fase de clímax sendo que a fase de estagnação foi interrompida. Cremos que tal acção pode estar relacionada com o incêndio.

Os contextos com um valor superior a 15 % de fragmentos de pasta VI (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase III-1, o Lx. 136; *ii*) na fase III-2, a A42 e a A48 e *iii*) na fase III-3, todos os contextos apresentam um valor superior a 15 %.

Os contextos com um valor superior a 20 % de fragmentos de pasta VIII (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase III-1 nenhum contexto; *ii*) na fase III-2, a A42 e a A48 e *iii*) na fase III-3, a A40, A45 e A41.

Podemos observar uma boa presença das pastas VI e VIII em diversos contextos de todas as fases de ocupação no entanto *não é visível numa relação causal entre um mau estado de conservação do estrato e a presença de fragmentos destas pastas*. Alguns contextos como o Lx. 136 (fase III-1), A48 (fase III-2) e A40 (fase III-3) revelam uma boa presença destas pastas e uma boa preservação geral onde se incluiu um fraco revolvimento. Podemos afirmar que o revolvimento ou a degradação não se relacionam de uma forma clara com as pastas presentes em cada contexto, pois contextos com percentagens elevadas de pasta VIII (que já se revelou como fácil de quebrar) possuem um fraco revolvimento geral.

A análise geral do estado de conservação do Talude Leste revela o que se segue.

a) As arestas roladas, as superfícies corroídas e as pastas VI e VIII aumentam, paulatinamente, no decurso da ocupação. Assim, na fase III-1 são visíveis valores mais baixos do que na fase III-2 e III-3.

b) As arestas vivas e a preservação de cor diminuem paulatinamente no decurso da ocupação. Assim, na fase III-1 são visíveis valores mais altos do que na fase III-2 e III-3.

c) A fragmentação não revela nenhum tipo de evolução e cada fase possui características próprias.

Estes resultados gerais apontam relações entre determinados agentes erosivos e determinados efeitos. As arestas roladas e vivas, superfícies corroídas e preservação de cor, parecem estar relacionadas com os agentes erosivos naturais atmosféricos e seus efeitos ao longo do tempo. Tal não

significa que os agentes humanos não estejam relacionados com a degradação de superfícies, arestas e cor dos fragmentos. No entanto, há uma forte relação com os agentes naturais aliados ao tempo.

A fragmentação sucessiva dos fragmentos parece relacionar-se unicamente com os agentes humanos, tal como já foi referido inúmeras vezes. De facto, a fragmentação não parece sofrer uma acção do tempo e parece estar relacionada com as acções das comunidades nos solos de ocupação.

6.6.2.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

A avaliação geral do estado de conservação dos contextos da área norte é realizada a partir dos dados obtidos nos contextos integrados na fase III-3. cremos que a última fase de ocupação integra os contextos, genericamente, mais degradados e usaremos os resultados obtidos nos vários factores de avaliação como “baliza” de avaliação dos contextos presentes nas outras fases.

Deste modo, a avaliação que se segue tem em conta as seguintes premissas.

a) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente às superfícies dos fragmentos deve apresentar um valor superior a 19 % de fragmentos com superfícies corroídas.

b) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à cor dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 35 % de fragmentos de cor preservada, inclusive.

c) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos deve apresentar um valor superior a 40 % de fragmentos com arestas roladas, inclusive.

d) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à conservação das arestas dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 30 % de fragmentos com arestas vivas.

e) Um contexto para ser considerado mal preservado relativamente à dimensão dos fragmentos deve apresentar um valor inferior a 25 % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3, inclusive.

f) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VI deve apresentar um mínimo de 11 % de fragmentos desta pasta.

g) Um contexto para ser considerado com uma boa presença de fragmentos de pasta VIII deve apresentar um mínimo de 18 % de fragmentos desta pasta.

Na área Norte, os contextos com um valor superior a 19 % de fragmentos de superfícies corroídas são: *i*) na fase I, os Lxs. 54, 20.9 e 20.12; *ii*) na fase II, A70 e A71; *iii*) na fase III-1, A56; *iv*) na fase III-2, A30, A67, A59, A54, Lx. 105, Lx. 85.1, A35, A37, A38 e A39 e *v*) A69, A58 e A51. A análise individual de cada fase revelou resultados muito semelhantes, à excepção da fase III-

1. Para recordar na fase III-1, os Lxs. 110 e 115 foram considerados contextos com elevado nível de degradação das superfícies dos fragmentos (acima da média da fase) no entanto ambos possuem uma percentagem inferior a 19 %. Nas restantes fases os resultados são totalmente concordantes.

Através do método aqui aplicado e suas “balizas” podemos observar que os contextos que apresentam maior degradação das superfícies correspondem a solos / depósitos de ocupação – A70, A71, A56, A54 –, depósitos de destruição (estratos de incêndio) – A30, A59, A37 –, solos de superfície revolvidos – A69, A51 – e solos de construção – A38 e A39 –, entre outros tipos de vestígios arqueológicos. Deste modo podemos concluir que não há uma relação entre o tipo de estrato e a degradação das superfícies dos fragmentos.

É possível que a degradação das superfícies esteja relacionada com uma exposição mais prolongada aos agentes atmosféricos pois outras condições não parecem estar relacionadas. Deste modo podemos afirmar que a corrosão das superfícies não está relacionada com a natureza do contexto nem com a localização geográfica do mesmo. Assim a corrosão das superfícies pode ser influenciada pelo tempo de exposição aos agentes atmosféricos, abandono temporário do contexto, evolução ou formação do próprio contexto e com as acções humanas que podem ter ocorrido sobre o próprio conjunto cerâmico.

É de notar que tentamos sempre compreender a degradação através dos factores erosivos naturais e condições espaciais e naturais no entanto, a ausência de relações entre a degradação das superfícies e as condições não humanas do contexto, leva-nos a supor que a corrosão das superfícies possa estar intimamente relacionada com o uso dado ao conjunto cerâmico.

Os contextos com um valor inferior a 35 % de fragmentos com a cor preservada são: *i*) na fase I, os Lxs. 78, 54, 71.1, 20.9, 20.12, 100, 101 e 104; *ii*) na fase II, A70; *iii*) na fase III-1, Lx. 71, A32 e Lx. 79; *iv*) na fase III-2, A31 e A39 e *v*) Lx. 2 e A63. Podemos observar uma grande discrepância entre a avaliação individual de cada fase e a avaliação geral conduzida através deste valor de 35 % de fragmentos de cores concordantes. Através deste valor podemos observar uma subida dos contextos degradados na fase I, apenas 2 em 11 contextos são considerados bem preservados – enquanto que na avaliação individual 7 em 11 eram considerados bem preservados.

Na fase II, identificamos apenas um contexto mal conservado – A70 – enquanto que na avaliação individual identificamos dois contextos mal conservados (A70 e Lx. 98).

Na fase III-1, ocorre uma redução dos contextos considerados mal preservados na cor. Através deste método 3 em 9 contextos são considerados mal conservados e através da análise individual da fase 6 em 9 contextos são considerados mal conservados.

Na fase III-2, ocorre uma redução drástica dos contextos considerados mal preservados na cor. Através deste método 2 em 18 contextos são considerados mal conservados e através da análise individual da fase identificamos 9 em 18 contextos mal conservados.

Na fase III-3, ocorre um aumento dos contextos considerados mal preservados na cor. Através deste método 2 em 6 contextos são considerados mal conservados e através da análise individual da fase apenas um contexto foi considerado mal conservado.

Como já foi referido, relacionamos o processo de descoloração dos fragmentos na Plataforma Inferior Leste e Talude Exterior Leste com variações de temperatura sofridas pelos fragmentos ou recipientes (durante a manufactura, uso ou depósito) e com a exposição dos fragmentos a agentes atmosféricos em depósito. As análises realizadas à área norte apontam para uma relação forte entre a descoloração e os processos erosivos conduzidos por agentes atmosféricos.

A análise individual das fases revela um número considerável de contextos com conjuntos cerâmicos degradados ao nível da cor, onde se incluem solos / depósitos de ocupação – A70, Lx. 98, Lx. 79, A36 –, depósitos de destruição (estratos de incêndio) – A30, A34, A59, A37 –, entre outros tipos de vestígios arqueológicos. Contudo análise geral – através do valor aqui indicado – aumenta o número de contextos degradados nas fases I e III-3 e reduz o número de contextos degradados nas fases II, III-1 e III-2. Através deste método é possível observar uma relação intrínseca entre a descoloração e a exposição dos contextos a agentes atmosféricos. Os contextos considerados degradados através deste método são aqueles que sofreram uma acção temporal prolongada – como os da fase I – e uma exposição mais ou menos prolongada a agentes erosivos atmosféricos ainda no decorrer da ocupação do povoado – A32, A31, Lx. 79, A39, A70.

Deste podemos, cremos que a descoloração ocorre independentemente das acções levadas a cabo num determinado contexto. Ou seja, a integração de um conjunto cerâmico num estrato arqueológico é um factor de degradação por si e desse modo, nenhum conjunto cerâmico – no Crasto de Palheiros – se encontra inalterado no que diz respeito à cor.

Assim, a avaliação da cor de um conjunto cerâmico é uma aproximação a uma realidade – que no caso do Crasto de Palheiros – nunca esteve presente. A cor dos fragmentos é influenciada por múltiplos factores antes da sua integração no estrato que os preservará, no entanto esta integração apenas preservará parte da realidade pois, frisamos, a sua integração é por si só um factor de degradação.

Os contextos com um valor superior a 40 % de fragmentos com arestas roladas são: *i*) na fase I, os Lxs. 54, 71.1, 20.9, 20.12, 20.13, 100 e 104; *ii*) na fase II, A70, A55, A66, Lx. 98 e Lx. 99; *iii*) na fase III-1, Lx. 71, 110, 115, A56, A32 e Lx. 79; *iv*) na fase III-2, A67, A59, A54, Lx. 85.1, A35,

A36, A37, A38 e A39 e v) A58, A51. Quase todos os contextos considerados mal conservados nas arestas dos fragmentos (arestas roladas) já tinham sido considerados mal preservados na avaliação individual de cada fase. O número de contextos considerados degradados nas arestas dos fragmentos aumentou nas fases I, II e III-1, diminuiu na fase III-2 e manteve-se na fase III-3.

É visível uma relação ligeira entre a natureza do contexto e a degradação apresentada nas arestas dos fragmentos. A maioria dos contextos degradados ao nível das arestas são solos / depósitos de ocupação. Os solos de destruição – relacionados com o incêndio – não apresentam uma quantidade elevada de fragmentos com arestas roladas.

Na análise da PIL e do TEL lançamos a hipótese de que a corrosão das arestas poderia constituir uma primeira fase de degradação de um processo erosivo que incluiria a degradação das arestas e em seguida das superfícies. Os resultados não permitem uma conclusão absolutamente, clara e afirmativa no entanto existiam indícios que podem levar à colocação desta hipótese.

Contudo a análise da área norte não permite perceber se existe ou não uma relação e, sobretudo, a baixa relação entre os dois factores de avaliação – corrosão das superfícies e das arestas – permite visualizar a corrosão das arestas como um processo mais amplo do que aquele que conduz à corrosão das superfícies. Na área norte o número de contexto degradados ao nível da corrosão das arestas, é muito superior ao número de contextos com fragmentos de superfícies corroídas. E ainda assim alguns contextos com fragmentos de superfícies corroídas não possuem percentagens elevadas de fragmentos com arestas roladas. Deste modo, não cremos inequívoca a ausência relacional.

Assim, concluímos que os processos erosivos que contribuem para a corrosão das arestas dos fragmentos podem estar relacionados com agentes naturais e agentes humanos, sendo que os naturais se prendem com as condições atmosféricas e do solo e os agentes humanos se prendem com a formação, evolução e vivência do estrato analisado.

Os contextos com um valor inferior a 30 % de fragmentos com arestas vivas (considerados mal preservados) são: *i*) na fase I, os Lxs. 100 e 104; *ii*) na fase II, A55, A66 e Lx. 98; *iii*) na fase III-1, Lx. 71, 110, 115, A56, A33, A32 e Lx. 79; *iv*) na fase III-2, A67, A53, A59, A54, Lx. 93, 105, 85.1, A35, A36, A37, A38 e A39 e v) Lx. 2, A58, A51 e A60.

Os resultados da avaliação individual de cada fase e os resultados gerais – acima indicados – não são totalmente concordantes. O número de contextos considerados degradados nas arestas dos fragmentos – através da avaliação das arestas vivas – sofreu uma diminuição na fase I, manteve na fase II e aumentou nas fases III-1, III-2 e III-3.

Podemos observar que os contextos com uma maioria de fragmentos com arestas roladas nem sempre são os mesmos que aqueles com uma minoria de fragmentos de arestas vivas. Deste modo, a

relação entre arestas vivas e roladas nem sempre é inversamente proporcional. No geral, existe uma relação de proporcionalidade entre as arestas roladas e as arestas vivas – quando uma aumenta a outra diminui. No entanto nem sempre tal acontece o que nos levar a crer que o processo de rolamento das arestas ocorre ao mesmo tempo de outro que origina sucessivas arestas vivas. Ou seja, em teoria, um conjunto cerâmico é integrado num determinado estrato possuindo uma maioria absoluta ou quase absoluta de fragmentos com arestas vivas. O processo de rolamento das arestas levaria a que arestas vivas se fossem transformando em arestas roladas e que houvesse uma total proporcionalidade entre as arestas vivas e arestas roladas. Como tal não ocorre, cremos que existem outros processos que levam à formação de arestas vivas sendo que estes processos são aqueles que levam à fragmentação sucessiva dos fragmentos.

Assim, a fragmentação do conjunto cerâmico leva à formação de novas arestas vivas cuja percentagem irá entrar em “conflito” com a percentagem de arestas roladas. A avaliação da corrosão das arestas pode ser realizada através da análise das quantidades de arestas vivas e de arestas roladas. No entanto a avaliação destes dois tipos de estado de conservação das arestas dizem respeito a processos erosivos autónomos e diferentes.

Podemos concluir que uma baixa percentagem de fragmentos com arestas vivas indica contextos que sofreram pouco ou nenhum revolvimento mecânico. Assim podemos concluir que os contextos mais revolvidos são aqueles que dizem respeito aos estratos de incêndio das U. Habs. da área norte, com a exceção da U. Hab. 14 (Est. XIX – vol. 1).

Os contextos com um valor inferior a 25 % de fragmentos com uma dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 (considerados mal preservados) são: *i*) na fase I, os Lxs. 78, 71.1 e 20.12; *ii*) na fase II, A66, Lx. 98, 99 e 58; *iii*) na fase III-1, Lx. 71, A33, A32, Lx. 79 e A52; *iv*) na fase III-2, A34, A67, A49, A53, A59, A54, A65, Lx. 105, 85.1, 73, A31, A35, A36, A37 e A39 e *v*) A58, A51, A63 e A60.

Os resultados da avaliação individual de cada fase e os resultados gerais – acima indicados – não são totalmente concordantes. O número de contextos considerados degradados, através da avaliação do tamanho dos fragmentos, sofreu uma diminuição de 3 contextos na fase I, manteve-se igual na fase II, aumentou um contexto na fase III-1, aumentou 7 contextos na fase III-2 e manteve-se igual na fase III-3.

É visível uma boa preservação das fases I e II sendo que a ocupação da Idade do Ferro revela constantes remeximentos que degradaram sucessivamente o tamanho dos fragmentos. Podemos observar que a fase III-2 é a fase de ocupação onde a quebra dos fragmentos é mais evidente sendo que esta fase possui a média ponderada mais baixa de todas – 21,3 %. Dá-se um aumento dos

contextos fragmentados entre um e outro método de avaliação através dos contextos que possuem percentagens entre 21,3 e 25 %. Todas as outras fases revelam resultados muito semelhantes e que não modificam a percepção da realidade da fase em si.

Em teoria, um conjunto cerâmico com uma elevada fragmentação ou um número elevado de fragmentos com um tamanho igual ou inferior à cat. 2 possuiria também uma elevada quantidade de fragmentos com arestas vivas. Alguns resultados apoiam esta teoria comportamental no entanto alguns contextos com uma elevada fragmentação revelam uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas contrariando esta teoria comportamental. Os resultados discrepantes que não são explicados através de nenhuma teoria, nenhum processo erosivo nem nenhuma relação proporcional entre processos não permitem o entendimento dos contextos. Infelizmente, os resultados discrepantes não são entendíveis, não são explicáveis lançando os contextos na incógnita daquilo que se passou e que é incompreensível pois não é recuperável.

Os contextos que apresentam um valor elevado de fragmentação e arestas roladas são: na fase II, a A66 e o Lx. 98, na fase III-1, a A52, na fase III-2, A67, A53, A59, A54, Lx. 105, 85.1, A35, A36, A37, A38 e A39 e na fase III-3, a A58, A60 e A51.

Creemos na possibilidade destes contextos terem sofrido um conjunto de acções de erosão que levaram ao estado actual, a saber: *1ª fase*) degradação das arestas dos fragmentos através dos agentes químicos presentes nos estratos – agentes esses que como também sabemos degradam a cor dos fragmentos; *2ª fase*) fragmentação do conjunto através de acções humanas no estrato – nomeadamente continuidade ocupacional; *3ª fase*) estagnação do estrato ou secessão das acções de fragmentação e *4ª fase*) continuação da degradação das arestas dos fragmentos por um tempo indeterminado em contextos que estiveram expostos à intempérie e sujeitos a um abandono temporário.

Na fase III-2, 3 dos estratos de incêndio – A30, A34 e A49 – revelam uma fragmentação elevada aliada a uma quantidade elevada de fragmentos com arestas vivas. Estes contextos não sofreram acções de degradação após o incêndio. Creemos que a sua natureza – a espessura, extensão e composição do estrato de incêndio – pode ter influenciado a boa preservação dos conjuntos cerâmicos.

Os contextos com um valor superior a 11 % de fragmentos de pasta VI (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase I nenhum contexto possui mais que 11 % de fragmentos de pasta VI; *ii*) na fase II, a A71; *iii*) na fase III-1, Lx. 61, A33, A32 e Lx. 79; *iv*) na fase III-2, A30, A34, A67, Lx. 73, A31, A36, e A38 e *v*) Lx. 2, A58, A63 e A51. Podemos dizer que: na fase I, em 11 contextos nenhum possui mais que 11 % de fragmentos de pasta VI; na fase II, 1 em

7 contextos (14 %); na fase III-1, 4 em 9 contextos (44 %); na fase III-2, 7 em 18 contextos (39 %) e na fase III-3, 4 em 6 contextos (67 %).

Os contextos com um valor superior a 18 % de fragmentos de pasta VIII (considerados com uma boa quantidade de fragmentos desta pasta) são: *i*) na fase I, Lx. 20.9; *ii*) na fase II nenhum contexto possui mais que 18 % de fragmentos de pasta VIII; *iii*) na fase III-1, Lx. 79 e A52; *iv*) na fase III-2, Lx. 73, A31, A35, A36, A37, A38 e A39 e *v*) Lx. 2, A58, A63 e A51. Podemos dizer que: na fase I, 1 em 11 contextos possui mais que 18 % de fragmentos de pasta VIII (9 %); na fase II, nenhum contexto possui mais que 18 % de fragmentos de pasta VIII; na fase III-1, 2 em 9 contextos (22 %); na fase III-2, 7 em 18 contextos (39 %) e na fase III-3, 4 em 6 contextos (67 %).

Podemos observar uma boa presença das pastas VI e VIII em diversos contextos de todas as fases de ocupação no entanto, tal como já foi referido, *não é possível estabelecer uma relação causal entre um mau estado de conservação do estrato e a presença de fragmentos destas pastas.*

7. Caracterização e enquadramento cultural da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros

7.0. Reflexões

Um arqueólogo mantém a esperança de que os objectos – as ditas materialidades – incorporem em si indicações de histórias e vivências das pessoas que os manipularam. Eu adoro os objectos, a forma como o ser humano materializa ideias, sentimentos e conceitos em algo que se encontra no exterior do seu corpo e sujeito a ser visto e manipulado por outros. Creio que é possível contar uma história através dos objectos e mantenho a esperança que essa história possa de algum modo ser de facto a história do objecto.

Contudo, a análise do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros criou-me dúvidas nesta percepção de que os objectos contam de facto uma história. A forma como os recipientes se apresentam – excessivamente quebrados, degradados e perdidos no meio de terras –, a forma como são analisados – através da estatística – e, por último, a forma como são comparados uns com os outros – novamente através da estatística –, levou-me a perder a confiança que outrora possuía.

E assim, todos os dias penso nos objectos, na forma como as histórias poderão sobreviver e se de facto chegam a sobreviver ao tempo, à degradação e ao esquecimento.

Noutro dia estava a fazer o jantar – algo muito simples, como arroz de grão-de-bico com bife – e o arroz de grão de bico que pretendia fazer ia ser feito com grão de bico já cozido que estava guardado num recipiente plástico no congelador. Esse recipiente, cheio de grão-de-bico já cozido, tinha-me sido oferecido pelo meu pai que, cuidadosamente, escreveu na tampa o conteúdo e a data. Olhei para a etiqueta, vi a letra do meu pai que reconheci automaticamente e sorri.

Enquanto preparava a restante comida um cabelo não me saía das mãos, eu bem tentava tirá-lo mas ele continuava teimosamente agarrado às minhas mãos. Retirei a etiqueta do grão-de-bico (feita com fita cola de papel) e coleí lá o cabelo, deitei ao lixo, assunto resolvido. Mas no momento em que deitei ao lixo ocorreu-me e se este cabelo com a fita-cola sobrevivessem ao tempo? E se alguém pegasse nele e quisesse contar uma história? Que história seria? Bom.... associariam aquele cabelo (que através de análises fantásticas de DNA saberiam que era de uma mulher com 30 anos) àquela letra, à palavra grão-de-bico e à data. Poderiam, com alguma probabilidade, perceber que perto daquela data, uma mulher teria cozinhado o grão-de bico... mas com certeza não saberiam que o pai lho tinha oferecido.

Penso que as hipóteses apresentadas no futuro seriam viáveis, algumas até muito próximas de uma praticabilidade própria do quotidiano no entanto, as relações humanas que as sustentam ficariam perdidas pois essas nem sempre são materializadas em objectos e quando são nem sempre são entendíveis.

No fundo, o passado, as histórias, as vivências não são totalmente entendíveis sendo que a questão fundamental é saber se o que falta é de facto, para nós, essencial. Tento convencer-me todos os dias que o que falta não é essencial, que as materialidades contam o fundamental mas quanto mais estudo os objectos mais percebo que apenas parte das pessoas permanece neles.

7.1. Introdução

A descrição final sobre os conjuntos cerâmicos presentes nas diversas fases ocupacionais é realizada a partir da análise pormenorizada presente no vol.2 e respectivas estampas. As descrições que se seguem devem, também, ser acompanhadas da leitura do respectivo texto descritivo presente no vol. 2, quadros, gráficos e desenhos. Os textos descritivos presentes no vol. 2 indicam de modo claro quais as estampas correspondentes às fases descritas. Podemos encontrar dois tipos principais de estampas referentes ao conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, a saber: *i)* as estampas referentes aos desenhos dos fragmentos cerâmicos decorados e recipientes e *ii)* as estampas referentes aos quadros e gráficos analíticos.

Nas estampas dos desenhos dos fragmentos cerâmicos decorados e recipientes encontramos uma legenda que refere o número de inventário de cada fragmento desenhado. No texto descritivo de cada fase são referidos os números de inventário e respectivas estampas dos recipientes e fragmentos decorados. Os fragmentos e recipientes não estão organizados por estampas, sendo possível encontrar numa mesma estampa recipientes de qualquer uma das fases. Sabemos que tal dificulta a visualização dos fragmentos decorados e recipientes integrados em cada fase. Porém todos os elementos estão devidamente identificados e referenciados em local próprio¹².

Os quadros e gráficos analíticos possuem uma legenda onde encontramos a identificação da fase (II, III-1, III-2 e III-3), zona habitacional (PIL, TEL e Área Norte) e do contexto.

Vários problemas se colocam na análise do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Os problemas de análise estão relacionados com a formação e conservação dos estratos arqueológicos.

¹² Esta questão foi tratada no capítulo 4.5. deste volume.

Creemos que a maioria dos fragmentos presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros pertenceu a recipientes que por sua vez integravam conjuntos de recipientes coerentes. Ou seja, determinado número de recipientes com determinadas características encontrou-se um uso durante determinado tempo e local. No entanto, os estratos arqueológicos estão longe de constituir os conjuntos originais.

A análise dos conjuntos cerâmicos e sua conservação nos estratos que os contêm revelou que estas são amálgamas, por vezes, incoerentes e que são apenas um reflexo de uma realidade. O conjunto cerâmico em si – a sua natureza – é o principal problema de análise do conjunto cerâmico. Esta afirmação parece uma contradição: *Como pode o conjunto cerâmico ser um problema no entendimento dos conjuntos cerâmicos?*

De facto, cada conjunto cerâmico – representativo de determinado estrato arqueológico – possui características de formação e conservação que influenciam a disposição dos fragmentos cerâmicos e, por sua vez, a percepção da realidade cultural.

Creemos que a caracterização da realidade cultural é o objectivo último da análise de um conjunto cerâmico, nas suas várias vertentes, incluindo a comportamental ou comportamento humano. Contudo, cada conjunto cerâmico apenas conta a história do estrato que o contém sendo que todas hipóteses interpretativas de âmbito social ou cultural são generalistas, frágeis e temporárias.

As características dos conjuntos cerâmicos conduziram às seguintes escolhas analíticas.

a) Para a compreensão dos tratamentos de superfície foram tidos em conta todos os fragmentos cerâmicos pois percebemos que os conjuntos cerâmicos apresentam maioritariamente: 1) recipientes representados por apenas um fragmento de bordo ou base – que possui o mesmo valor informativo que um outros fragmento sem forma, do mesmo tamanho; 2) conjuntos de fragmentos muito semelhantes ao nível do tratamento de superfície revelando a presença de recipientes com determinado tipo de tratamento de superfície e 3) conjuntos de fragmentos muito semelhantes ao nível do tratamento de superfície são encontrados na totalidade do conjunto e não na análise restrita aos recipientes (bordos e bases) sendo que a estatística da totalidade dos fragmentos encontra-se mais próxima da realidade do que aquela dos recipientes.

b) Para a compreensão da cor dos recipientes foram tidos em conta todos os fragmentos cerâmicos sendo que foram avaliados vários factores de análise. Esta escolha foi realizada pelas mesmas razões descritas para a análise dos tratamentos de superfície. De facto, a representação dos recipientes por apenas um fragmento – ou pouco mais –, a constituição de grupos de fragmentos que permitem intuir a presença de recipientes e a excessiva fragmentação conduziu-nos à avaliação da

totalidade do conjunto cerâmico como mais coerente e adaptada ao conjunto cerâmico da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

c) Para a compreensão das espessuras presentes nos recipientes foram tidos em conta todos os fragmentos cerâmicos. Esta escolha foi realizada pelas mesmas razões descritas na análise dos tratamentos de superfície e cor. Temos a referir que no caso das espessuras dos fragmentos, o número de fragmentos presente por pasta pode influenciar a compreensão das espessuras presentes. Ou seja, foi procurado o entendimento da tendência de espessura das pastas – que reflectem directamente os recipientes – sendo que quando uma pasta é representada por um número insuficiente de fragmentos não é possível perceber se os recipientes construídos nessa/s pasta/s possuem determinada espessura – na maioria dos casos estudados. Os recipientes são reflectidos, directamente, pelas pastas pois cremos que cada recipiente apenas possui uma pasta.

d) Todos os factores de análise – por exemplo, pasta, tratamentos de superfície, cor – foram aplicados a todo o tipo de fragmentos (bordos, bases, sem forma, asas, etc) e os quadros analíticos apresentam os resultados relativos à totalidade dos fragmentos e aos recipientes (bordos e/ou bases). No entanto a análise realizada e descrita em pormenor no volume 2 revela uma grande fragilidade das hipóteses interpretativas apresentadas pelos recipientes presentes num determinado contexto. A fragilidade das hipóteses interpretativas prende-se com: 1) número muito reduzido de recipientes; 2) presença de uma maioria de recipientes representados por um único fragmento; 3) tamanho reduzido de fragmentos representativo do recipiente e 4) valor estatístico desse fragmento representativo do recipiente muito semelhante ao de outro fragmento.

e) Deste modo, apenas as características que dizem respeito à forma dos recipientes – forma, capacidade, pasta associada à forma, tipo de bordo e base associado ou não à forma – serão analisados a partir, unicamente, dos recipientes, ou seja, fragmentos de bordo e base. Todas as restantes características serão analisadas a partir da totalidade do conjunto cerâmico.

f) As decorações, elementos de preensão/suspensão e outros artefactos cerâmicos integrados em cada fase em análise serão descritos atempadamente e dentro dos parâmetros descritos no vol. 2.

g) Para que o texto descritivo que se segue não se tornasse demasiado repetitivo, referimo-nos às diferentes categorias dos factores de análise pelo acrónimo ou número criado para o efeito e explicados no vol. 2 – página 10 à 28.

Podemos dizer que o texto descritivo que se segue tem em conta a caracterização dos seguintes traços:

a) Tipos de Pastas

b) Tratamentos de superfície

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

e) Análise morfológica

f) Elementos de prensão/suspensão e sua integração na fase analisada

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes

Os artefactos cerâmicos que não se enquadrem nos recipientes estudados e presentes nas fases analisadas são descritos resumidamente na conclusão de cada fase analisada.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

7.2. Fase II – Idade do Bronze

7.2.1. Plataforma Inferior Leste

Os recipientes da ocupação da Idade do Bronze presente na Plataforma Inferior Leste encontram-se na A23, A7, A24 e Lx. 109. Estes 4 contextos serão caracterizados em pormenor relativamente aos recipientes e suas características. Os restantes contextos serão integrados na avaliação geral da fase ocupacional – no que diz respeito aos tratamentos de superfície, cor e espessuras (quando tal é possibilitado pelo número de fragmentos presente em cada contexto).

Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.2.1., volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase II, na PIL.

a) Tipos de pastas:

Na totalidade dos fragmentos, a pasta predominante é a X, seguida da III e I. Esta hierarquia mantém-se na totalidade dos bordos presentes (bordos calcolíticos e da Idade do Bronze/Ferro) mas não nos recipientes identificados apenas com a ocupação da Idade do Bronze – fase II. Nos recipientes da Idade do Bronze, a pasta predominante é a I, seguida da III e X. O desfasamento entre o número de fragmentos e suas pastas e os recipientes identificados aponta para contextos de mistura entre a ocupação calcolítica e aquelas posteriores. A mistura dos contextos já foi explicada no capítulo 6.

As pastas I, III e X são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Bronze. Ou seja, a presença elevada de fragmentos bem como de recipientes em cada uma das pastas apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação e com esta ordem de preferência (se tivermos em conta os resultados estatísticos).

Seguem-se às pastas acima indicadas, as pastas VII, VI e VIII, sendo que esta hierarquia se mantém na totalidade dos bordos e na dos recipientes identificados com a fase II. Contudo gostaríamos de dizer o seguinte.

a1) Recipientes de pasta VII encontra-se, unicamente, representados na A7, sendo que a A7 corresponde a um nível ocupacional bastante antigo e integrando os Lxs. 100, 102 e 104. A pasta VII – devido à sua relativa importância na A7 – ganhou algum destaque no conjunto global relativo à fase II.

a2) Recipientes de pastas VI e VIII encontram-se representadas, unicamente, na c. 1/2. Cremos que a presença solitária dos recipientes de pastas VI e VIII na camada 1/2 pode ser

relacionada com a ocupação da Idade do Ferro onde estes são mais abundantes – já que esta camada é um interface com a ocupação da Idade do Ferro.

As pastas IV, IX, XI e XII são tidas como residuais, ou seja, a ausência de recipientes e a baixa presença de fragmentos (no geral) apontam para que as pastas IV, IX e XI estejam relacionadas com a ocupação calcolítica (pois sabemos que estas pastas são usuais nesta ocupação) e a que a pasta XII possa estar relacionada com a ocupação da Idade do Ferro.

O conjunto cerâmico integrado na fase II revelou a presença de 10 das 12 pastas presentes no Crasto de Palheiros. Contudo, cremos que as pastas IV, VI, VIII, IX e XI devem ser excluídas com base no conhecimento comportamental destas pastas. Quer dizer, as pastas VI e VIII pertencem à ocupação da Idade do Ferro e as pastas IV, IX e XI pertencem à ocupação calcolítica, independentemente da presença de bordos. Deste modo, estas cinco pastas são tidas como “intrusas” na ocupação da idade do Bronze.

Concluimos, então, que as pastas típicas da ocupação da Idade do Bronze na PIL são a I, III, VII e X e que se encontram em continuidade com aquelas pastas utilizadas na ocupação calcolítica. Excluimos a pasta XII deste grupo principal devido à ausência de recipientes.

Por último, é visível um aumento da diversidade das pastas desde a A23 (contexto considerado mais antigo) até à c. 1/2 (contexto considerado mais moderno, dentro da fase em análise). Este aumento de diversidade pode ser um indicativo da proximidade da ocupação da Idade do Ferro sendo que podemos colocar a hipótese de que contextos mais diversos estão relacionados com fases ocupacionais mais modernas.

b) Tratamentos de superfície

De uma forma muito generalista, podemos dizer que os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase II são: *i*) na superfície externa, os polidos (40 %), alisados (30 %), rugosos (8 %) e cepilhados (2 %) e *ii*) na superfície interna, polidos (42 %), alisados (40 %) e espatulados (1 %).

Os contextos possuem comportamentos diferenciados sendo que nem todos revelam a mesma importância dos vários tratamentos de superfície. Por exemplo, as associações 23 e 24 estão de acordo com a análise geral sendo que os polidos e alisados são dominantes. Contudo estas associações são os contextos com maior número de fragmentos logo a avaliação geral será, geralmente, concordante com os contextos maioritários. No entanto, os contextos A7, Lx. 64, A8 e Lx. 107 não se encontram de acordo com a análise geral pois nestes são dominantes os alisados,

seguidos dos polidos e rugosos. Por último, o Lx. 109 destaca-se pela elevada presença de rugosos externos associados a polidos ou alisados internos.

A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Ali/Ali; Pol/Pol; Pol/Ali; Ali/Pol e Rug/Pol. Como podemos constatar o tratamento Ali/Ali é dominante ainda que os alisados não sejam dominantes nas superfícies externas ou internas. Deste modo concluímos que os recipientes – integrados de forma mais segura nos estratos – correspondentes à fase II possuíam, na maioria, superfícies externas e internas alisadas, seguidas de polidas.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

O estudo dos tratamentos de superfície teve, também, como objectivo a compreensão da possível relação entre determinados tipos de tratamentos de superfície e determinadas pastas. cremos que a ocorrência de determinados tratamentos de superfície em determinados tipos de pastas não é casual. A avaliação permitiu observar as seguintes características:

b1.1) O tratamento de superfície alisado (externo ou interno) ocorre em todas as pastas presentes no conjunto da fase II, à excepção da IV. Tem tendência a ocorrer nas pastas X, III, I e VII (ordenadas por ordem decrescente).

b1.2) O tratamento de superfície polido ocorre em todas as pastas com particular incidência nas pastas X, I, III e VII.

b1.3) O tratamento de superfície rugoso ocorre em 7 das 10 pastas com incidência nas III, VI, VII e VIII.

b1.4) O tratamento de superfície cepilhado ocorre em 6 das 10 pastas com incidência nas VIII, VI e III.

Cremos que a ocorrência de determinados tratamentos de superfície em determinados tipos de pastas – por exemplo, polidos e alisados preferencialmente nas pastas I, III e X, e rugosos e cepilhados, preferencialmente nas pastas VI e VIII – é uma característica determinante da cultura material da Idade do Bronze/Ferro no Crasto de Palheiros.

Colocamos a hipótese interpretativa de que a presença dos tipos de tratamentos de superfície cepilhados e rugosos possa indicar as ocupações mais tardias, neste caso a Idade do Ferro. Deste modo, podemos observar que a A23 e o Lx. 107 são os contextos com menor presença destes tipos de tratamentos de superfície. E, as A7 e A8 são os contextos com maior presença de rugosos. Por último, a A24 é aquela que apresenta maior importância dos cepilhados e maior variedade de conjugações no total dos conjuntos estudados. Deste modo, podemos afirmar que a A23 é o conjunto mais seguro na avaliação da fase II.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

A análise da cor dos fragmentos presentes nos diversos contextos da fase II foi realizada através de 9 factores de avaliação. Esses 9 factores de avaliação foram aplicados a todos os contextos e à soma global dos fragmentos, que corresponde à fase II. Deste modo, existe uma avaliação ponderada construída a partir dos resultados presentes nos diversos contextos e uma avaliação dos resultados do somatório desses contextos e que corresponde, de um modo geral, à fase II.

Temos a referir que as divergências encontradas entre a análise individual dos contextos e a análise global da fase II – somatório dos contextos – aponta para a importância da análise individual na compreensão dos contextos. O somatório dos contextos mais não é do que um contexto artificial criado pela investigação. Assim, uma fase deve ser definida pelos resultados obtidos nos diversos contextos e pela sua análise ponderada.

Com base na análise realizada, podemos observar o seguinte (em todos os contextos integrados na fase II).

c1) A maioria dos fragmentos apresenta cernes negros sendo o valor médio de 60 %.

c2) Foram identificadas grandes diferenças quantitativas num mesmo tipo de cor nas superfícies internas, externas e cerne. Por exemplo, o tipo de cor P (negro) baixa a representatividade do cerne, para a superfície interna e depois para a externa. Cremos que as diferenças significativas entre a cor presente no cerne e aquelas presentes nas superfícies externas e internas estão relacionadas com o método de fabrico, utilização e deposição. No caso, particular, do tipo P, cremos que as diferenças notadas se relacionam quase exclusivamente com a descoloração conduzida pelos processos erosivos. Todos os outros tipos de cor variam, quer aumentando ou diminuindo a sua representatividade sem que saibamos explicar tal comportamento (seja ou não esse comportamento um reflexo das escolhas da comunidade).

c3) Os tipos A, VC e B são sempre minoritários no que diz respeito ao cerne dos fragmentos. No entanto a sua presença (avaliada em percentagem) encontra-se sempre acima dos 10 % nas superfícies externas e internas.

c4) O tipo de cor VE apresenta um comportamento muito instável. Quer dizer que, apesar de sempre presente em qualquer contexto, este tipo de cor varia muito quer de contexto para contexto quer do cerne para as superfícies.

c5) Na fase II, na PIL, foi observada uma discrepância entre os resultados relativos à cor dos recipientes e dos fragmentos. Tal como noutros pontos de avaliação, cremos na fiabilidade do estudo de cor da totalidade dos fragmentos devido às características inerentes dos recipientes.

c6) Na fase II, na PIL, foi observada uma presença significativa das conjugações compostas pelos tipos P e C, sendo que todas as outras são mais inconstantes.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A análise realizada permite perceber os usos diferenciados dados às diversas pastas cerâmicas. Ou seja, partimos da hipótese de que determinadas pastas cerâmicas seriam utilizadas para realizar determinados tipos de recipientes, com determinadas espessuras de parede. Este estudo permitiu-nos intuir algumas tendências globais das pastas cerâmicas ainda que estas possuíssem um comportamento diferente em alguns contextos.

Na totalidade da fase II, na PIL, a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos permite a construção de gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes, à exceção da IV. Estes gráficos servem como um indicador pois a avaliação mais segura é aquela realizada para todos os contextos e ponderada.

A análise dos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

d1) A pasta I é aquela usada para recipientes de paredes mais finas.

d2) As pastas III e X são usadas quer para recipientes de paredes finas quer para os de paredes um pouco mais espessas, medianas.

d3) As pastas VII e XII são usadas para recipientes de paredes de espessura mediana ou grossa.

d4) As pastas IX e XI são usadas para recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas.

d5) Os dados das pastas IV e VI são inconclusivos devido a um número reduzido de fragmentos em cada contexto.

d6) Algumas pastas apresentam maior oscilação no comportamentos das espessuras que outras. Cremos que tal oscilação das espessuras está relacionada com os recipientes realizados em cada tipo de pasta. Quer dizer, determinado contexto possui um determinado número de recipientes com diversas características – entre elas a da espessura das paredes ligada ao peso ou resistência – que se ligam entre si. Se uma família adquire um vaso resistente de paredes grossas de pasta VII já não necessita de um de paredes semelhantes construído noutra pasta, por ex. a III. Desse modo, dado num contexto pode ocorrer um recipiente de paredes grossas de pasta VII e noutro de pasta III.

d7) As categorias de espessuras presentes nos recipientes não se distribuem da mesma forma daquela da totalidade dos fragmentos. Nos recipientes, a categoria de espessura dominante é a 4, seguida da 3. Foram, também, identificados recipientes de categoria 1 – ausente nos fragmentos – e

de categorias 5 e 6 – presentes nos fragmentos, mas sempre com uma presença pouco significativa. As várias características já descritas sobre os recipientes levam-nos a crer que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não são demonstrativas da evolução das espessuras nas pastas. As espessuras dos recipientes podem e devem estar relacionadas com as tipologias de forma e tamanho dos bordos e bases pretendidos pelo/a artesão.

e) Análise morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase II, na PIL, foi realizada com base em 14 bordos dos quais 10 permitiram uma “reconstituição” da forma, 9 permitiram a “reconstituição” da capacidade. Também foram tidas em conta 14 bases.

As conclusões aqui apresentadas são baseadas na análise presente no volume 2, nas páginas 197 e 198.

O número de recipientes identificado em cada contexto é muito reduzido bem como o número de bordos e bases presente na totalidade da fase – 14 bordos e 14 bases. Apresentamos aqui uma avaliação geral sendo que no ponto de “*Caracterização geral dos contextos mais relevantes*” apresentamos os dados individuais de alguns contextos.

e1) O tipo 6a foi construído em pasta III e VII, possui capacidades médias / elevadas de acordo com as espessuras médias presentes nestas duas pastas.

e2) Os tipos 2b, 3b e 8b possuem as capacidades mais baixas e foram construídos em pastas I e III. Os tipos 6a, 7a e 8a foram construídos em pastas III, VII e VIII. As espessuras médias das paredes estão de acordo com o tamanho dos recipientes nas pastas I, III e VII. A pasta VIII é a única que apresenta um desacordo entre o tamanho do recipiente e a espessura média das paredes. Ou seja, o recipiente de pasta VIII apresenta paredes finas mas é de grande tamanho (seria de esperar paredes mais espessas).

e3) Os dois recipientes de tipo 8b são ambos construídos em pasta I, e de pequena capacidade. São provavelmente recipientes polidos e de cor escura – de acordo com o contexto onde foram identificados.

e4) O recipiente de tipo 8a é aquele com maior capacidade sendo um recipiente de perfil em “S” muito acentuado.

e5) A pasta I é aquela que possui maior número e tipos de recipientes – estando presentes os tipos 2b, 8b e 10 – mas também é aquela que apresenta maior número de bordo e bases (somadas em conjunto). Segue-se à pasta I, as pastas III e X. Tendo em conta que os recipientes de pasta I

identificados são de pequena capacidade e de paredes, tendencialmente, finas podemos colocar a hipótese de que estes recipientes são mais vezes renovados devido a uma maior ruptura.

e6) A morfologia da base não parece estar relacionada com a morfologia da pança. Deste modo as categorias de ângulo 2 e 3 (vasos troncocónicos) estão presentes em bases de tipo 1 e 2, as categorias de ângulo 4 e 5 (vasos com panças arredondadas) estão presentes em todos os tipos de base e a categoria de ângulo 6 (vasos de pança redonda achatada) está presente em bases de tipo 1 e 3.

e7) Cremos que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente (apesar de o número reduzido de recipientes não permitir uma avaliação muito segura. Podemos observar que os tipos de recipientes que possuem dois exemplares (6a e 8b) possuem bordos de tipo diferente. O tipo de recipiente 6a possui bordos de tipo B1a9 e B2b4 (muito diferentes entre si) e o tipo de recipiente 8b possui bordos de tipo B1a7 e B1a9 (mais próximos entre si).

e8) A capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto doméstico. Estão presentes vasos pequenos, médios e grandes, uns para servir à mesa e outros para cozinhar ou armazenar pouca quantidade de géneros alimentícios. Dos 9 recipientes identificados: 5 possuem uma capacidade inferior a 2 litros, sendo que 3 possuem uma inferior a 1 l; 3 possuem uma capacidade entre 2 e 10 l e apenas 1 possui uma capacidade de 10 a 20 l.

e9) A análise dos tipos de bordo permite concluir que os tipos de bordo predominantes na fase II, na PIL são o tipo 1, seguido do 4, do 2 e, por último, do 3. O bordo 3 está, unicamente, presente na A24 sendo pode estar relacionado unicamente com a ocupação da Idade do Ferro. Os únicos tipos de bordo que se repetem em vários contextos são o B1a7, na A24, A7 e A23 e o B1a9 na A23 e Lx. 109.

e10) Os tipos de bordo que ocorrem na fase II, na PIL, ocorrem, também, em continuidade na fase III-1, na PIL e noutras zonas habitacionais. Os tipos de recipientes identificados, na PIL, na fase II não são únicos desta ocupação perdurando na ocupação seguinte, da Idade do Ferro – à excepção do tipo 10 (que ocorre apenas, e novamente, na fase III-2).

e11) A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1, seguido do 2. O tipo de base 1 está presente em maior número de contextos – A23, A7, A24 e Lx. 109 –, o tipo 2 está presente apenas em dois contextos – A23 e A24 – e o tipo 3 está presente, unicamente, na A24.

Podemos concluir que a A24 é o contexto que possui maior número de variantes de bordos e bases sendo, desta forma, o contexto mais rico a nível morfológico. É possível que a variabilidade

formal se relacione com a Idade do Ferro pois a A24 é claramente um contexto de interface onde foram identificados materiais conotados com a ocupação da idade do Ferro.

f) Elementos de prensão/suspensão e sua integração na fase analisada

Não foram identificados elementos de prensão / suspensão dos recipientes na fase II, na PIL.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados nos complexos agrupados na fase II, na PIL, são: CP-98-1965, CP-99-2007 e CP-99-3994 a 3997. Para uma descrição pormenorizada destes fragmentos ver o volume 2, nas páginas 198 a 200.

A análise estilística dos fragmentos levou-nos a concluir que o fragmento CP-98-1965 e o conjunto de fragmentos CP-99-3994 a 3997 são decorações da Idade do Ferro, sendo que apenas a decoração presente no fragmento CP-99-2007 pode ser conotada com a Idade do Bronze Final. Assim, podemos dizer que na fase II, na PIL, se encontra presente uma única técnica decorativa – o Brunido – conseguido através do uso de um instrumento de incisão n.º 2. O CP-99-2007 (estampa LII, 3 do vol. 2) pertence ao quadrado Y6 e ao Lx. 107. A decoração presente neste fragmento integra-se na organização decorativa IX, variante 2b.

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes:

A23) Na A23, a *pastas* dominante é a X, seguida da III, I e VII. No entanto apenas foram identificados recipientes realizados em pastas I e X. Nesta associação estão presentes 7 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Na A23, os *tratamentos de superfície* dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (30 %), Pol/Alí (26 %), Alí/Alí (16 %) e Alí/Pol (10 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominantes nos recipientes são: Alí/Alí e Pol/Pol. Contudo cremos que as conjugações maioritárias Pol/Pol e Pol/Alí, que somam 56,5 da totalidade dos fragmentos revelam que uma maioria de recipientes possui estas conjugações de tratamentos de superfície. É assim clara uma relação entre os recipientes polidos e um uso das pastas X, III e I.

Na A23, 65 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P), 17 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) e 4 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) sendo que os restantes tipos de cores apresentam uma representatividade abaixo dos 10 %.

Dos 65 % dos fragmentos que possuem um cerne negro apenas 35 % possuem a superfície interior negra e 17 % a superfície exterior negra. É evidente um desfaseamento entre a cor do cerne e a cor das superfícies, quer externa quer interna.

Dos 17 % dos fragmentos que possuem um cerne castanho-escuro, 44 % possuem a superfície interior castanha-escura e 51 % a superfície exterior castanha-escura. Deste modo, podemos observar que muitos fragmentos que possuem uma cor de tipo C nas superfícies externas e internas não possuem um cerne do mesmo tipo. Podemos observar que os cernes castanhos-escuros encontram-se em quantidade reduzida e que muitas superfícies apresentam este tipo de cor. Assim podemos intuir que este tipo de cor se conjuga com cernes de outra cor, sendo dominante os cernes negros seguidos dos vermelhos-escuros.

A quantidade de cernes de cor vermelho-escuro (VE) – 14 % – é semelhante às aquelas apresentadas pelas superfícies externas – 12 % – e internas – 8 %. Os fragmentos de cerne vermelho-escuro possuem superfícies externas e internas da mesma cor, mas também castanhas-escuras e negras. cremos que a discrepância entre as cores das superfícies e do cerne se deve à utilização dos recipientes e aos processos deposicionais. Muitos dos fragmentos de cerne vermelho-escuro revelam uma superfície enegrecida e pelo menos um revelava fuligem.

As conjugações de cor negra e castanha-escura – C-P-C; C-P-P; P-P-C; P-P-P – são dominantes e revelam uma ligação entre os dois tipos de cor, tal como já tinha sido intuída apenas pelas quantidades destes tipos de cor nos cernes e superfícies dos fragmentos. Podemos observar uma tendência nos fragmentos cerâmicos de cerne negro para possuírem superfícies castanhas-escuras. Tal facto, pode ocorrer devido a uma descoloração das superfícies devido quer à sua utilização como recipientes quer aos processos pós-deposicionais. A maior presença de C-P-P (9 %) em relação à presença de P-P-C (3 %) pode indicar que a superfície externa de cor castanha-escura é uma descoloração do recipiente através do seu uso (lavagens após a confecção de alimentos). Embora, a elevada presença de C-P-C (22 %) possa indicar que ambas as superfícies – externa e interna – descoloravam da mesma forma, quer através do uso quer através dos processos pós-deposicionais.

Por último, nos recipientes, 3 dos 5 identificados – 60 % – possuem um cerne negro no entanto nenhum possui superfícies negras, sendo que 3 possuem superfícies externas e internas castanhas-escuras. É de referir que este contexto possui 235 fragmentos e que estes 5 recipientes não revelam de todo as características globais do conjunto cerâmico. No entanto, e neste caso em particular, o estado dos recipientes é semelhante à forma como os fragmentos, em geral, se revelam sendo que um cerne negro não é sinónimo de superfícies negras.

Podemos concluir que na A23, uma maioria de fragmentos encontra-se nas pastas X, III, I e VII, possui superfícies polidas, seguidas das alisadas e cores predominantemente escuras, nomeadamente dos tipos P e C. Os recipientes de pasta I são os mais finos, seguidos dos de pastas III, VII e X (de espessura medianas). O reduzido número de fragmentos de pastas VIII, XI e XII não permite uma boa análise ainda que possamos constatar que os fragmentos de pasta XI são muito espessos.

Na A23 estão presentes 4 bordos e 3 bases sendo que apenas foram reconstituídas duas formas. Sabemos que dois recipientes possuem a forma 8b, são construídos em pasta I e possuem uma capacidade de tipo 2. Podemos concluir que são dois recipientes de pequena capacidade (de 300 ml a 1 l), de paredes finas, provavelmente de cor escura e de superfícies polidas. Estes recipientes possuem bordos de tipo B1, esvasados simples.

A7) Na A7 a pasta predominante, nos fragmentos, é a X, seguida da VII, III e I. Foram identificados recipientes realizados em pasta VII e III. Nesta associação estão presentes 8 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Na A7, os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Ali/Ali (30 %); Pol/Pol (15 %); Ali/Pol (7 %); Pol/Ali (7 %); Rug/Pol (6 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominante nos recipientes é o Ali/Pol (60 %) sendo que estão também presentes as conjugações Rug/Pol e o Rug/Ali. No entanto devido à baixa representatividade dos recipientes cremos que a presença dos tratamentos de superfície maioritários na totalidade dos fragmentos é mais representativa do que aquela dos recipientes. Apesar da A7 apresentar as mesmas pastas maioritárias que a A23 é evidente uma diferença nos tratamentos de superfície aplicados. Deste modo, na A7 é visível a importância dos recipientes alisados (47 % dos fragmentos) a par de alguns recipientes rugosos.

Concluimos que não há uma relação clara entre pastas e tratamentos de superfície ainda que seja visível uma tendência de utilização. cremos que a ocorrência de determinados tipos de tratamentos de superfície pode estar relacionada com a cronologia do contexto. Ou seja o contexto mais antigo apresenta maior número de recipientes com tratamento de superfície polido (externo e interno).

Na A7, 57 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P), 22 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) e 13 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE). A quantidade de fragmentos com superfícies de cor negra é bastante mais baixa do que a quantidade de fragmentos de cerne negro. Na totalidade dos fragmentos, 40 % possuem a superfície interior negra e 20 % a

superfície exterior negra. É visível uma discrepância entre as colorações internas e externas sendo que as colorações internas são tendencialmente mais escuras que as externas, devido à maior presença de coloração negra (P) e castanha-escura (C).

Na totalidade dos fragmentos, 17 % possuem a superfície interior castanha-escura e 32 % a superfície exterior castanha-escura e 15 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 20 % a superfície exterior vermelha-escura. Assim é clara a importância dos cernes negros aliados a superfícies de outras cores. Vejamos, fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (16 %), amarelas (15 %), castanhas-escuras (15 %), vermelhas-escuras (6 %) cinzentas-claras (4 %) e vermelhas-claras (2 %) e superfícies internas da mesma cor (29 %), amarelas (15 %), castanhas-escuras (5 %), vermelhas-escuras (5 %) cinzentas-claras (3 %) e vermelhas-claras (1 %)

Creemos que a presença de superfícies amarelas (A) tanto externas como internas, em fragmentos de cerne negro, pode indicar que esta coloração se deve à cor do estrato.

As seguintes conjugações são dominantes: A-P-A; C-C-C; C-P-P; P-P-P; VE-VE-VE sendo que é notória a importância: *i*) de algumas conjugações de cores concordantes – C-C-C, P-P-P e VE-VE-VE e *ii*) dos cernes negros ou castanhos-escuros aliados a superfícies de outras cores.

Nos recipientes, 3 dos 5 identificados – 60 % – possuem um cerne negro e superfícies negras ou castanhas-escuras. Tal percentagem é concordante com a percentagem da totalidade dos fragmentos – 57 % dos fragmentos possuem cerne negro. Os outros 2 recipientes possuem cernes castanhos-escuros e vermelhos-claros (VC). Nos recipientes a cor VC ganha uma importância que não possui na totalidade dos fragmentos pois esta cor é minoritária – com uma importância inferior a 10 %. Tal discrepância encontra-se relacionada com o número reduzido de fragmentos e, também, com o seu reduzido tamanho. Os recipientes são representados por 5 fragmentos em 123.

Podemos concluir que na A7, uma maioria de fragmentos encontra-se nas pastas X, seguida da VII, III e I; possui recipientes de superfícies, maioritariamente, alisadas com a presença de algumas rugosas e cores predominantemente escuras, nomeadamente dos tipos P e C, ainda que com uma presença significativa dos tipos VE e A. Em relação à A23 é visível um aumento dos alisados e rugosos a par das cores VE e A. Os recipientes de pasta I são os mais finos (categoria de espessura 3), seguidos dos de pasta III (espessura média/fina, cats. 3 e 4). Os recipientes de pastas VII e X possuem paredes médias (cats. de espessura 4 e 5), com uma espessura, tendencialmente, maior que a de pasta III. O reduzido número de fragmentos de pastas VIII, XI e XII não permite uma boa análise

Na A7 foram identificados 5 bordos e uma base sendo que apenas foram “reconstituídos” 3 recipientes. Os recipientes presentes na A7 são de tipos 3b, 6a e 7a, de pastas III e VII, respectivamente. O tipo 3b possui uma capacidade de tipo 1 e os tipos 6a e 7a possuem grandes capacidades (de tipos 4 e 5 – 5 a 10 litros). O tipo de pasta VII revela aqui recipientes de grandes capacidades, de acordo com a análise geral que indicava recipientes de paredes de espessura média, tendencialmente, maior que as espessuras presentes na pasta III.

Lx. 109) No *Lx. 109*, a pasta predominante – na totalidade dos fragmentos – é a III. Foram identificados recipientes realizados em pastas I e III. Neste complexo estão presentes 8 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Os contextos da A7 e *Lx. 109* revelam a importância das pastas I, III e VII e atenuam a presença da pasta X, podendo indicar que esta pasta estaria mais relacionada com a ocupação calcolítica e/ou com a ocupação da Idade do Bronze. Cremos que a pasta X, que era grandemente utilizada na ocupação calcolítica, foi perdendo importância nas ocupações posteriores.

No *Lx. 109*, os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Alí (22 %); Rug/Pol (17 %); Alí/Alí (14 %); Rug/Alí (11 %); Alí /Pol e Pol /Pol (9 % cada) sendo que os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dos recipientes estão repartidos igualmente por Pol/Alí e Rug/Pol. É evidente no *Lx. 109*, uma maior importância dos recipientes rugosos e alisados se comparados com os polidos. O *Lx. 109* revela uma grande variedade de tipos de tratamentos de superfície, ou seja, vários tipos de tratamentos de superfície ocorrem com presenças bastante significativas (acima de 10 %). Nos contextos atrás referidos (A23 e A7) é clara uma maior homogeneidade.

No *Lx. 109*, 67 % dos fragmentos possuem um cerne negro (tipo P), 27 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (tipo C) e 5 % dos fragmentos possuem cernes de outros tipos de cor: 3 % de vermelhos-escuros (VE), 1,5 % de cinzentos-claros (B) e 1,5 % de vermelhos-claros (VC).

É evidente a importância dos tipos de cor P e C nas superfícies externas – mas também internas – sendo que podemos observar que 39 % dos fragmentos possuem uma superfície exterior negra e 28 % a superfície exterior castanha-escura.

A avaliação pormenorizada permite observar que os cernes negros estão associados a todos os outros tipos de cor presentes e os castanhos-escuros encontram-se associados a superfícies negras ou amarelas. Os Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (39 %), vermelhas-escuras (11 %), castanhas-escuras (9 %), amarelas (6 %) cinzentas-claras (1,5 %) e

vermelhas-claras (1,5 %) e superfícies internas da mesma cor (45 %), vermelhas-escuras (9 %), amarelas (6 %) e castanhas-escuras (6 %). As superfícies internas são mais escuras que as superfícies externas sendo que nas superfícies internas há uma ausência dos tipos B e VC.

As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P; C-C-C; VE-P-VE; A-C-A; A-P-A; C-P-C sendo que é notória a importância dos cerne negros e castanhos-escuros aliados a superfícies de outras cores.

Os 2 recipientes identificados – 2 fragmentos num total de 64 fragmentos – possuem cerne negro e castanho-escuro e superfícies negras. O número reduzido de recipientes pode deturpar a importância de determinados grupos de cor no entanto é de notar que os recipientes realçaram a importância dos grupos P e C já revelada na totalidade do conjunto dos fragmentos cerâmicos.

Podemos concluir que no Lx. 109, uma maioria de fragmentos encontra-se nas pastas III e I (sendo evidente a perda de importância da pasta X). Possui alguma visibilidade de recipientes de superfícies rugosas e alisadas se comparados com os polidos. As cores são, predominantemente, escuras, nomeadamente dos tipos P e C. As restantes cores possuem uma importância muito pouco significativa. No caso do Lx. 109 não é visível um aumento do tipo de cor VE, que cremos estar relacionado com recipientes de superfícies alisadas e rugosas. Tal associação é visível, estatisticamente, na A7 mas não é visível no Lx. 109. os recipientes de pastas I e III são aqueles de paredes mais finas, seguidos dos de pasta X. O reduzido número de fragmentos de pastas VII, VIII, IX e XII não permite uma análise significativa.

O Lx. 109 é representado por um bordo e duas bases, tendo sido “reconstituídos” dois recipientes. Um recipiente possui a forma 6a, é construído em pasta III e é de média / grande capacidade (cat. 4) e outro é de forma 10, possui uma capacidade média / baixa (de 1 a 2 litros) e foi construído em pasta I. As características gerais das pastas ao nível das espessuras estão de acordo com as capacidades intuídas para estes recipientes. Assim o recipiente de pasta I, possui paredes finas e é de pequena capacidade e o recipiente de pasta III – apesar de possuir uma capacidade mais elevada – teria, também, umas paredes médias / finas de acordo com os dados gerais obtidos para este contexto.

A24) Na totalidade dos fragmentos da A24, as pastas predominantes são as X e I, seguidas da III, VI e VIII. Nos recipientes as pastas encontram-se por esta ordem: III, I, VI, X e VIII. Esta associação revelou a presença de 9 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Na A24, os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (24 %), Ali/Ali (13 %), Ali/Pol e Pol/Ali (11 % cada). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominante nos recipientes é o Pol/Pol (30 %) seguido dos tratamentos Ali/Ali, Esp/Pol, Pol/Ali e Rug/Pol com 10 % cada. Já tínhamos referido que a A24 é o contexto que apresenta maior importância dos cepilhados e maior variedade de conjugações no total dos conjuntos estudados. Contudo tal não é claramente percebido numa primeira aproximação. Como podemos observar a presença de recipientes alisados (externos e internos) é semelhante à de recipientes polidos sendo que a soma destes dois tipos de tratamentos de superfície não atinge os 60 %. Deste modo 40 % dos fragmentos apresentam as mais variadas conjugações de tratamento de superfície, revelando pouca homogeneidade do conjunto e o tratamento de superfície cepilhado – apesar de ser aqui o mais visível de todos os contextos presentes na fase – é, claramente, minoritário.

Na A24, 60 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P), 16 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro (VE) e 15 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C).

Neste contexto é evidente uma importância menos significativa dos tipos P e C, sendo que o tipo VE ganha grande relevância. Podemos observar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies externas negras (17 %) e castanhas-escuras (14 %) ainda que a presença de superfícies vermelhas-escuras seja, também, significativa (16 %).

As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P; VE-P-VE; VE-VE-VE; C-C-C; C-P-C; C-P-P sendo maioritária a presença de cernes negros ainda que estejam também presentes cernes vermelhos-escuros e castanhos-escuros.

Em relação aos recipientes podemos observar que 5 dos 10 recipientes possuem cernes negros seguidos de 2 com cerne vermelho-escuro e 2 com cerne cinzento-claro. Os recipientes apontam para um domínio das cores negras e castanhas-escuras seguidas de uma presença significativa de cores vermelhas-escuras.

O estudo estatístico dos recipientes revela dados divergentes do estudo estatístico da totalidade dos fragmentos sendo que os recipientes são representados apenas por 10 fragmentos – correspondendo a 4 % do conjunto cerâmico. Contudo, cremos que a análise destes recipientes aponta para evidências concretas e reais do conjunto cerâmico, a saber: *i*) domínio dos cernes negros; *ii*) maioria da conjugação P-P-P; *iii*) importância significativa das cores vermelhas-escuras – 20 a 30 % do conjunto e *iv*) conjugação dos tipos de cor P e C quer nos recipientes quer na totalidade do conjunto cerâmico.

Podemos concluir que na A24, uma maioria de fragmentos encontra-se nas pastas X e I, seguidas da III, VI e VIII. Possui uma maioria de recipientes de superfícies polidas e alisadas, ainda que com uma visível falta de homogeneidade e com uma presença, relativa, do tratamento de superfície cepilhado. As cores são, predominantemente, escuras, nomeadamente dos tipos P e C. No entanto é evidente uma grande importância do tipo VE. Cremos que tal pode estar relacionado com a presença de maior quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII. Os recipientes de pastas I e VIII são aqueles de paredes mais finas, seguidos dos de pastas III, VI, VII e X. Os de pastas VI e X são tendencialmente mais espessos, aqui, do que os de pastas III e VII. O reduzido número de fragmentos de pastas IX, XI e XII não permite uma boa análise.

A A24 é representada por 3 bordos e 8 bases sendo que foram “reconstituídas” duas formas. Os recipientes possuem as formas *2b* e *8a*, de pastas I e VIII e possuem as capacidades de tipo 3 e 6, respectivamente. É visível um desfasamento entre a espessura média dos fragmentos destas pastas e a capacidade presente nestes recipientes. Deste modo, espessura média dos fragmentos das pastas I e VIII aponta para recipientes de paredes finas, no entanto os recipientes “reconstituídos” revelam capacidades médias (cat. 3) e altas (cat. 6). Assim o recipiente de *forma 8a* foi construída em pasta VIII, possuía, provavelmente, paredes finas e era grande. Assim era um vaso grande que podia ser movido. Este recipiente possui um bordo de tipo 4. Cremos estar perante um recipiente muito aproximado aos recipientes da idade do Ferro, devido à sua morfologia da forma e do bordo e às suas restantes características, tão particulares.

7.2.2. Área Norte

Os recipientes da ocupação da Idade do Bronze presente na Área Norte encontram-se na A70, A71 e A66. Estas três associações serão caracterizadas em pormenor relativamente aos recipientes e características gerais. Os restantes contextos (A55 e Lxs. 58, 98 e 99 integrados na A66) serão integrados na avaliação geral da fase ocupacional – no que diz respeito aos tratamentos de superfície, cor e espessuras (quando tal é possibilitado pelo número de fragmentos presente em cada contexto).

Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.2.2., volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na área norte, fase II.

a) *Tipos de pastas:*

A distribuição das pastas nos vários contextos da fase II, na área norte, foi já realizada de modo resumido no capítulo 6 do presente volume. Como já foi referido, os contextos analisados

revelam um conjunto de pastas maioritárias constituído pelas pastas X, III, I, IV e XI, seguido das pastas VI e VII.

Os contextos dividem-se em dois grupos. O primeiro grupo é constituído pelas A70, A71 e A55 que revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as duas primeiras pastas dominantes são as mesmas. Deste modo estas 3 associações possuem como pasta predominante a X (23, 29 e 27 %, respectivamente), seguida da III (22, 27 e 21 %, respectivamente). Estas associações discordam na 3ª pasta dominante que na A70 é a IV, na A71 é a VI e na A55 é a XI (22, 15 e 19 %, respectivamente).

O segundo grupo é constituído pela A66 e complexos nela integrados – Lxs. 98, 99 e 58. Este segundo grupo possui a hierarquia I, III e VII – a partir da avaliação da A66 e com os seguintes valores 43, 24 e 11 %, respectivamente.

As A70 e A71 são contextos de interface que apresentam conjuntos cerâmicos com um nível de mistura muito alto. Dessa forma estes contextos não são considerados muito fiáveis na caracterização da ocupação da fase II. Nestes contextos é evidente a importância das pastas X, III, IV e XI sendo que as pastas IV e XI são exclusivamente calcólicas e a pasta X possui um uso generalizado no calcólico.

Foram reconstituídos 12 recipientes em 972 fragmentos sendo esta uma percentagem semelhante à da fase II na PIL – com 10 recipientes em 721 fragmentos. Como podemos observar, o número de recipientes é muito reduzido e que cremos pouco representativo em determinadas características do conjunto cerâmico, nomeadamente, ao nível dos tratamentos de superfície e cor.

Contudo, cremos na utilidade da análise dos recipientes no que diz respeito à pasta. Desse modo temos a dizer o seguinte.

a1) Os contextos considerados mais seguros integrados na fase II, na área norte, são as A55 e A66, sendo que nestes contextos só ocorrem recipientes de pastas I, III, VI e VII. Podemos observar que os recipientes ocorrem em pastas mais relacionadas com a ocupação do Ferro do que com a ocupação calcólica.

a2) Os recipientes de pasta X ocorrem na A71 sendo que esta associação corresponde a estratos muito misturados com outros estratos relativos à ocupação calcólica.

a3) Os recipientes da fase II revelam a utilização de pastas muito presentes nas várias fases da ocupação da Idade do Ferro sendo que este conjunto cerâmico afasta-se do conjunto cerâmico da fase I, onde pastas como a IV; IX e XI estão muito presentes.

a4) É visível uma discrepância entre as hierarquias obtidas na totalidade dos fragmentos e na dos recipientes o que evidencia o grau de mistura destes contextos mas também a importância de determinadas pastas nos recipientes conotados, unicamente, com a Idade do Bronze.

a5) Se quisermos criar uma hierarquia cronológica, relativa aos contextos da fase II na área norte, podemos dizer que o Lx. 58 aparenta ser o mais moderno (pois é aquele que apresenta maior presença de fragmentos de pasta VI) e a A55 é o contexto mais antigo, seguido pelo Lx. 98 e 99 (devido à baixa presença de fragmentos de pasta VI).

b) Tratamentos de superfície

Os contextos integrados na fase II, da área norte, apresentam diferenças na quantidade e qualidade dos tratamentos de superfície. Ou seja, nem todos os contextos apresentam os mesmos tipos de tratamentos de superfície, nem apresentam as mesmas quantidades. Por exemplo, dois contextos – A55 e o Lx. 99 – apresentam, apenas, dois tipos de tratamentos (o alisado e o polido) e um outro – A66 – apresenta 6 tipos (alisados, polidos, rugosos, cepilhados, espatulados e brunidos). É de notar que a A66 integra 4 complexos e que cada um deles possui tratamentos de superfície diferenciados na distribuição e na tipologia. A soma dos 4 complexos numa só associação (A66) conduz a um contexto “rico” ou diverso no que diz respeito aos tratamentos de superfície.

Em relação aos tratamentos de superfície dominantes nas superfícies externas, podemos dizer o seguinte: *i*) ocorre uma maioria de alisados em quase todos os contextos – com a excepção das A70 e A71; *ii*) o intervalo de valores dos alisados externos encontra-se entre 21 e 56 %; *iii*) o intervalo de valores dos polidos externos encontra-se entre 29 e 52 %.

Podemos observar que os intervalos de valores dos polidos e alisados são muito aproximados e que a observação isolada deste intervalo não permitiria compreender as características dos contextos. Uma análise mais pormenorizada revela que presença de polidos baixa bastante em relação aos contextos analisados da fase I, pois na fase I os polidos externos encontram-se entre 40 e 89 %. Assim na fase II, ocorre uma redução dos polidos e um aumento dos alisados, se comparados os valores com conjuntos cerâmicos integrados na fase I.

Em relação aos tratamentos de superfície cepilhados e rugosos (relacionados com as ocupações da Idade do Bronze / Ferro), podemos observar que quase todos os contextos apresentam cepilhados e/ou rugosos – à excepção da A55 e do Lx. 99. O intervalo de valores destes tratamentos de superfície encontra-se entre 1 e 10 %.

Em relação às conjugações dos tratamentos de superfície, podemos observar o seguinte.

- 1) A conjugação dominante é a Ali/Ali (de 13 % na A70 a 42 % no Lx. 98).
- 2) A segunda conjugação mais presente é a Pol/Pol (de 12 % nos Lxs. 98 e 58 a 36 % na A70).
- 3) A terceira conjugação mais presente é a Pol/Ali (de 7 % na A70 a 17 % na A66 e Lx. 58).
- 4) A quarta conjugação mais presente é a Ali/Pol (de 7 % na A70 a 15 % na A55).

5) Os recipientes integrados na fase II possuem maioritariamente superfícies alisadas (externas e/ou internas) e de seguida, polidas (externas e/ou internas). Na A70 e A71 (contextos mais misturados com conjuntos cerâmicos calcolíticos) é visível uma presença mais evidente de recipientes polidos.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Os tipos de cores presentes nos contextos integrados na fase II, na área norte, variam consoante o contexto e consoante analisamos o cerne ou as superfícies externas e/ou internas. Na análise dos tipos de cores presentes nos cernes (pontos de avaliação 1, 2, 3 e 8 presentes no vol. 2 – págs. 211 e 212) podemos observar que as A70 e A71 formam um todo coeso, com as mesmas características. Contudo os restantes contextos – A55, A66 e complexos que as compõem – apresentam oscilações significativas na distribuição dos tipos de cor, nomeadamente os tipos minoritários. As A55, A66 e complexos que as compõem – Lxs. 58, 98, 99, 58.1, 89 e 94 – possuem características diferenciadoras que as aproximam e distanciam (dependendo do factor de avaliação em análise) sendo que não é possível constituir um grupo coeso como é os das A70 e A71.

Em relação aos tipos de cores presentes no cerne e superfícies da totalidade dos fragmentos e recipientes, podemos observar o seguinte:

c1) Todos os contextos integrados na fase II, na área norte, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, com um intervalo compreendido entre 41 e 59 %.

c2) O tipo de cor C está compreendido entre 16 e 34 % e o tipo de cor VE está compreendido entre 9 e 27 %, no cerne dos fragmentos. Não há uma relação clara entre os contextos mais misturados com materiais calcolíticos – A70 e A71 – e a presença de maior quantidade de cernes de tipo P. Contudo, comparando os contextos da fase anterior com os da fase II (ambos na área norte) podemos observar uma descida evidente do tipo de cor P e uma subida ligeira dos tipos C e VE.

c3) Quase todos os contextos possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE, de acordo com as percentagens e importância acima indicada (a exceção é o Lx. 99).

c4) No conjunto dos recipientes identificados uma maioria possui cernes de cor de tipo P seguido dos tipos C, VE e A. Podemos observar uma distribuição que evidencia as A70 e A55 como os contextos que possuem uma maioria absoluta de cernes de tipo P. A A71 e o Lx. 98 possuem, maioritariamente, cernes de tipo P e C, a A66 e o Lx. 58 possuem, maioritariamente, cernes de tipo P e VE e o Lx. 99 possui cernes de tipo A e VE.

c5) As cores das superfícies dos fragmentos variam muito sendo que estão presentes, na totalidade da fase II, os tipos A, C, P e VE. As A70, A71, A55 e Lx. 98 revelam uma maioria dos

tipos C e P e a A66, Lx. 99 e 58 revelam uma maior presença do tipo VE, sendo que também estão presentes os tipos C e A. Podemos observar que a análise dos recipientes é diferente da totalidade dos fragmentos porém, é visível que os complexos integrados na A66 são os menos homogêneos – tal como ocorre nos fragmentos.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A caracterização da espessura dos fragmentos ocorre de modo diferenciado em cada contexto e em cada pasta. Ou seja, todos os contextos integrados na fase II permitiram a caracterização da espessura de algumas pastas, no entanto nem todos permitiram a caracterização de todas as pastas identificadas no seu conjunto cerâmico. Assim, apenas um contexto permite uma caracterização de todas as pastas presentes sendo que os restantes permitem, apenas a caracterização de algumas pastas – que possuem um número suficiente de fragmentos. Por exemplo, no Lx. 58 foi possível a caracterização de todas as pastas (6/6 pastas) e no Lx. 98 só foram caracterizadas metade das pastas presentes (3/6 pastas).

As pastas revelam, no global, os seguintes comportamentos.

d1) As pastas I e X são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d2) As pastas III, IV, VI, IX e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5). Destas 5 pastas a pasta III é aquela que apresenta espessuras mais grossas.

d3) A pasta VII é usada no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

d4) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).

d5) A espessura dos fragmentos, em quase todas as pastas, pode ser considerada média sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A exceção é encontrada nas pastas XI e VII, sendo que a pasta XI é, indubitavelmente, aquela que apresenta fragmentos de espessuras mais grossas.

d6) A pasta XI é tipicamente calcólica sendo que as suas características – de grande espessura – estão relacionadas com esta ocupação.

e) Análise morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase II, na área norte, foi realizada com base em 24 bordos dos quais 15 permitiram uma “reconstituição” da forma e da capacidade (63 % dos recipientes foram reconstituídos). Também foram tidas em conta 4 bases.

As conclusões aqui apresentadas são baseadas na análise presente no volume 2, nas páginas 221 e 224.

e1) Na totalidade da fase II, na área norte, ocorrem 8 tipos de formas que são: os tipos *2c, 7b, B1b, B3a e B4a* representados por um único exemplar e os tipos *6a, 8a e 8b*, representados por vários recipientes em cada tipo. Os tipos *2c, 7b, 6a, 8a, 8b* continuam a ser utilizados durante a ocupação da Idade do Ferro e os tipos *B1b, B3a e B4a* ocorrem, unicamente, na ocupação da Idade do Bronze, na área Norte. Deste modo, os recipientes integrados na fase II revelam uma maioria de formas integrada que perdura na ocupação da Idade do Ferro sendo que apenas 20 % são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional.

e2) Sabemos que o tipo *6a* é o mais numeroso, seguido do tipo *8a* e, por último, do tipo *8b*. Os restantes tipos possuem apenas um exemplar como já foi referido. Devido ao reduzido número de recipientes acreditamos que não conhecemos, pormenorizadamente, as características dos conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze. Contudo acreditamos ser possível uma caracterização genérica que revela algumas características. Assim, no conjunto dos recipientes identificados: 73 % são de perfil em “S” (*tipos 6a, 7b, 8a e 8b*, 11 exemplares), 20 % são globulares de vários tipos (*tipos 2c, b1b e B3a*, 3 exemplares) e 7 % são taças rectas (*tipo B3a*, 1 exemplar). Podemos perceber que este conjunto cerâmico se caracteriza por uma maioria absoluta de recipientes de perfil em “S” – pequenos e médios.

e3) Em relação às pastas presentes nos recipientes podemos dizer que *existe uma discrepância entre as pastas presentes nos recipientes reconstituídos e aquelas presentes na totalidade dos bordos*. Por exemplo, a pasta VI é representada por bordos mas de nenhum foi reconstituída a forma e as percentagens de bordos em cada pasta é ligeiramente diferente das percentagens de formas reconstituídas. Os recipientes identificados são construídos em 4 pastas – a I, III, VII e X – sendo que 8 são construídos em pasta I (53 %), 5 em pasta III (33 %), 1 em pasta VII (7 %) e 1 em pasta X (7 %). É visível a importância das pastas I e III – de acordo com a totalidade dos fragmentos – e a pouca importância da pasta X. Deste modo, podemos observar que muitos fragmentos de pasta X pertencem, certamente, a recipientes da ocupação calcolítica e não a recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze – já que nesta ocupação apenas um recipiente possui um recipiente. Podemos lançar a hipótese interpretativa que a presença de bordos em pasta VI pode indicar perturbações nos estratos com mistura de materiais cerâmicos da Idade do Ferro, já que estes bordos se caracterizavam por um tamanho pequeno que não possibilitou a reconstituição dos recipientes.

e4) Em relação aos tipos de pastas e sua relação com os tipos de formas podemos dizer que é visível uma relação “ligeira” entre o tipo formal e as pastas escolhidas. Deste modo, os globulares são peças delicadas e foram construídos numa pasta depurada (a pasta I), a taça foi construída numa pasta pouco cuidada (a pasta X) e as formas de perfil “S” revelam a variedade própria deste tipo de formas pois foram construídas em pastas I, III e VII.

e5) Em relação à capacidade dos recipientes podemos observar que, na fase II, na área norte, a maioria dos recipientes possuem uma capacidade baixa, inferior a 5 l, sendo que metade dos recipientes possui uma capacidade igual ou inferior a 2 l. A taça recta e 2 dos 3 globulares são recipientes pequenos e, como já foi referido, realizados numa pasta delicada (pasta I). Damos conta de uma relação entre forma, pasta e capacidade. Os recipientes de perfil em “S” são na maioria, de tamanho médio (cats. 3 e 4) no entanto são construídos em vários tipos de pastas, nomeadamente a pasta I. Deste modo, não existe uma exclusividade de determinada pasta em relação a determinada capacidade ainda que possamos relacionar, por vezes, formas, pastas e capacidades.

e6) O conjunto de recipientes reconstituídos da fase II, na área norte, caracteriza-se por pouca variedade de capacidades e por uma presença de recipientes pequenos / médios. A ausência de recipientes passíveis de armazenar alimentos por tempo prolongado pode estar relacionada com a reconstituição parcial do conjunto ou ser uma característica inata ao conjunto. É de notar que o conjunto cerâmico da fase II, na PIL, possui características diferentes do conjunto da área norte, apontando para particularidades culturais e sociais próprias destas zonas habitacionais.

e7) Na totalidade da fase II, na área norte, podemos observar que o tipo de bordo dominante é o tipo 1, seguido do tipo 2 e, por último, dos tipos 3 e 4. Os contextos apresentam algumas particularidades: *i)* nas A70 e A71 o tipo 4 é mais relevante que o tipo 3; *ii)* na A66 o tipo 3 é tão relevante como o tipo 2 e *iii)* é visível uma maior importância do tipo 2 nas A70 e A71 do que na A66, algo que pode estar relacionado com uma ocupação da Idade do Bronze mais intacta nestes contextos ou uma mistura com materiais cerâmicos calcolíticos. Apesar dos níveis de mistura altos nas A70 e A71 é possível observar uma presença significativa de bordos de tipo 4 e 2. Sabemos que o tipo 1 é, claramente, o predilecto e desse modo cremos que a análise dos restantes tipos de bordos permite uma melhor visão das particularidades de cada contexto.

e8) A relação entre tipos de recipientes e tipos de bordos não parece existir. Em alguns casos o tipo de forma define o tipo de bordo, ou seja, o tipo de forma pressupõe a existência de determinado tipo de bordo. Podemos observar que os recipientes globulares ou taças rectas possuem, geralmente, bordos de tipo 3, os globulares altos (como é o tipo B1b) podem possuir bordos de tipo 2 e a forma 6a possui, também, bordos de tipo 2. Os vários recipientes de perfil em “S” possuem

bordos de tipo 1 e o tipo de bordo 4 é usado, unicamente em recipientes de forma 8b. Concluimos que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer em qualquer tipo de forma. Deste modo, que *não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente*.

e9) Na fase II, na área norte, encontra-se presente um número muito reduzido de bases. Foram identificados 4 exemplares de 2 tipos: o *tipo 2* (50 %), o *tipo 5* (25 %) sendo que uma base não permitiu a identificação formal. As bases pertencem a recipientes de pastas I, III e VII. Podemos observar um desfazamento entre o número de bases e o número de bordos bem como uma ausência de bases em pasta VI e X. Nas A70 e A71 existe uma base de pasta III e 6 bordos da mesma pasta e uma base de pasta VII sem nenhum bordo correspondente. A A55 é representada por uma base de pasta III estando ausentes qualquer tipo de bordo e na A66 está presente uma base de pasta I num conjunto de 9 bordos da mesma pasta. Nas 4 bases identificadas estão presentes 3 categorias de ângulo: a 2, 4 e 5 (sendo que uma das bases não permitiu a reconstituição da parede do recipiente). A presença das categorias 4 e 5 indica recipientes de perfil em “S” e a categoria 2 indica a presença de, pelo menos, um recipiente troncocónico. Os tipos de recipientes reconstituídos indicavam já a presença de muitos recipientes de perfil em “S” sendo que a presença de recipientes troncocónicos é apenas indicada por esta base.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase II, na área norte, foram identificadas duas asas. Ambas as asas pertencem ao Lx. 99 (integrado na A66) e foram realizadas em pastas I e III. Se tivermos em conta o contexto (A66) e os recipientes integrados nesse mesmo contexto, podemos colocar a hipótese de que 15 % dos recipientes possuiriam asas (2 em 13 recipientes). No entanto a ausência de asas nos restantes contextos leva-nos a crer que a presença de recipientes com asas seria mais baixa. Tendo em conta o número de bordos identificados podemos colocar a hipótese de que os recipientes com asas, durante a fase II, representavam 8 % do conjunto (2 em 24 recipientes).

Ambas as asas são em fita possuindo uma secção sub-rectangular. Pertenceram a recipientes de perfil em “S” sendo que um corresponde ao tipo de forma B17 (CP-03-3158, est. XL, 1). Este tipo de forma encontra-se, claramente, conotado com a Idade do Bronze sendo um recipiente de carena média, com uma decoração em espiga. Infelizmente não foi possível reconstituir a totalidade da forma, estando ausentes o bordo e a base.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase II, na área norte, foram identificados 13 fragmentos decorados que integramos na ocupação da Idade do Bronze. Os conjuntos cerâmicos da fase II integram mais de uma centena de fragmentos decorados que relacionamos com a ocupação calcolítica. Deste modo, é possível observar o elevado grau de mistura a que estes contextos estiveram sujeitos.

É de notar que não é possível avaliar a percentagem de recipientes decorados no conjunto cerâmico conotado com a Idade do Bronze. Esta avaliação é impossibilitada pelas características próprias dos conjuntos cerâmicos em ambiente arqueológico e, nomeadamente, no Crasto de Palheiros. Por exemplo, se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos presente na fase (972 fragmentos cerâmicos) podemos dizer que os fragmentos decorados conotados com a Idade do Bronze correspondem a 1 %. Contudo, se tivermos em conta o número de bordos (24 bordos) podemos dizer que os recipientes decorados correspondem a 50 % do conjunto – se acreditarmos que cada fragmento decorado corresponde a um único recipiente. A discrepância entre as duas avaliações é tão grande que cremos que nenhuma delas corresponderá à realidade ocorrida durante a Idade do Bronze.

Assim, apenas podemos afirmar que o conjunto cerâmico da Idade do Bronze é representado por 972 fragmentos, 24 bordos, 2 asas e 12 decorações sem que possamos afirmar que tal representatividade é de facto um reflexo de uma realidade cultural. Dito isto, não podemos avaliar o conjunto cerâmico em termos quantitativos e as decorações serão apenas avaliadas em termos qualitativos.

Nos fragmentos decorados integrados na fase II foram usadas 6 técnicas decorativas: incisão simples; decoração plástica; decoração espatulada; penteado; impressão e cepilhado. Contudo os fragmentos que apresentam decoração espatulada, penteado e impressão podem dizer respeito a decorações de outros períodos cronológicos (como veremos adiante). Neste conjunto de fragmentos decorados, apenas 2 exemplares apresentam mais do que uma técnica decorativa. Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, pente 3; pente 6 com 11 puas e instrumentos de incisão 1, 2 e 3. O pente 3 e o instrumento 2 são excluídos pois estes fragmentos decorados não se integram nesta ocupação humana.

Os fragmentos decorados integrados na fase II totalizam 9 organizações decorativas, que são a I, III, IV, V, VI, IX, XI, XXVIII e XXIX. Apesar de terem sido identificadas 9 organizações decorativas em contextos integrados na fase II, consideramos que nem todas podem ser relacionadas claramente com esta ocupação. As organizações decorativas VI2, IX1, XI2, XXVIII1b e XXIX1b ocorrem unicamente em complexos integrados na fase II. A organização XI3 ocorre em contextos

das fases I e II. As organizações IIe, III3 e VIa ocorrem em contextos da fase II e da III-2. E, por último, a organização VIIa ocorre em contextos da fase II e III-1.

Podemos, também, observar que as organizações decorativas XXVIII e XXIX encontram-se, exclusivamente, presentes em contextos integrados na fase I. cremos que a presença exclusiva destas organizações decorativas em contextos das fases I e II pode indicar uma origem Pré-histórica destes tipos decorativos sendo que os fragmentos integrados na fase II podem ser provenientes da mistura de contextos.

Com base na avaliação de vários de factores (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) cremos no seguinte: *i)* os subtipos VIa, XXVIII1b e XXIX1b relacionam-se com a ocupação calcolítica sendo que são excluídos e tomados como fragmentos intrusos na ocupação da Idade do Bronze; *ii)* os subtipos VI1a, VI2, IX1, XI2 e XI3 relacionam-se, unicamente, com a ocupação da Idade do Bronze sendo que a caracterizam; *iii)* o subtipo III3 relaciona-se com a ocupação da Idade do Bronze, perdurando na ocupação da Idade do Ferro, caracterizando uma continuidade estilística e *iv)* os subtipos IIe e IV1a2 foram dados como indeterminados, pois podem corresponder a recipientes calcolíticos ou da Idade do Bronze, já que ambas as decorações estão presentes nas duas ocupações. cremos que o subtipo IV1a2 pertença à ocupação calcolítica. Deste modo são 7 os subtipos integrados plenamente na ocupação da Idade do Bronze: *II, III3, VIIa, VI2, IX1, XI2 e XI3.*

Em relação aos contextos podemos dizer que o Lx. 99 é o contexto que apresenta maior quantidade de fragmentos decorados (5 fragmentos), seguido do Lx. 28 e A71 (4 fragmentos em cada) e, por último o Lx. 58 (3 fragmentos). Os contextos revelam também uma grande variedade decorativa, sendo que as organizações decorativas não se repetem, à excepção da VI e XI. Estas ocorrem no Lx. 99 e no Lx. 58 e no Lx. 28 e Lx. 58, respectivamente. Deste modo, e apesar do número reduzido de fragmentos decorados, os contextos destacam-se pela variedade decorativa apresentada.

Podemos observar que o Lx. 99 se destaca como o contexto mais “rico” e a A71 como o contexto mais “pobre”.

Em relação à localização das decorações nos recipientes podemos observar que se mantêm alguns tipos de localização em uso na ocupação calcolítica, como os tipos 7 e 9, banda decorada paralela ao bordo, normalmente associada a recipientes globulares e banda decorada no diâmetro máximo do recipiente, respectivamente. Na fase II ocorrem tipos de localização apenas possíveis em recipientes de perfil em “S” (tipo 2) e por isso exclusivamente relacionados com esta ocupação. Por

último, ocorrem decorações localizadas nos bordos / lábios dos recipientes sendo que este tipo de localização é usual na Idade do Bronze.

Em relação às pastas dos fragmentos decorados podemos observar que as pastas usadas em recipientes decorados são bastante reduzidas – apenas 5 tipos (I, X, III, VII e XI ordenadas de forma decrescente de importância). É evidente a clara importância da pasta I (com 42 %), seguida da X (com 25 %) e, por último da III (com 17 %). Os tipos de pastas presentes nos fragmentos decorados encontram-se de acordo com a realidade da totalidade dos fragmentos da fase II, onde as pastas I, III e X são claramente maioritárias. Deste modo, cremos que apesar do elevado grau de deterioração dos conjuntos cerâmicos ainda é possível perceber alguma coesão de grupo que advém de uma realidade cultural.

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes

A70) Na A70 e na totalidade dos fragmentos as pastas dominantes são a X, III e IV (23, 22 e 22 %, respectivamente). Neste contexto foram identificados 3 recipientes, de pastas I, III e VII. Os tratamentos de superfície dominantes são os polidos e alisados (por esta ordem). Podemos dizer que os recipientes presentes na A70 possuem uma maioria de superfícies polidas, seguidas das alisadas. A presença de cepilhados ou rugosos é muito baixa sendo que os recipientes com estes tratamentos de superfície são raros e, provavelmente, fruto de mistura com contextos da Idade do Ferro. Assim, os recipientes polidos podem ser provenientes da ocupação calcolítica (sendo maioritários) e os recipientes alisados e cepilhados/rugosos provenientes das ocupações da Idade do Bronze / Ferro.

A A70 revela uma importância evidentes dos tipos de cor P e C. Neste contexto, 59 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 30 % dos fragmentos possuem cernes de tipo C e superfícies externas de tipo C e P (15 % em cada). As conjugações maioritárias são as seguintes: P-P-P, C-C-C, C-P-C e VE-VE-VE.

Cremos que na A70 os recipientes apresentam as seguintes características: *i)* os recipientes construídos em pastas III, IV, IX e XII são aqueles que apresentam espessuras mais finas e *ii)* os recipientes construídos em pastas I e X são aqueles que apresentam espessuras mais grossas. É possível que os fragmentos de pastas I e X se relacionem com a ocupação calcolítica e os recipientes em pastas III e XII se relacionem, mais estritamente, com a ocupação da Idade do Bronze / Ferro.

Na A70 existe a seguinte conjugação de características nos recipientes: presença maioritária de pastas X, III e I, tratamentos de superfície polidos, seguidos de alisados e cores maioritariamente escuras. Estes recipientes possuem, maioritariamente, espessuras finas e médias.

A71) Na A71 e na totalidade dos fragmentos as pastas dominantes são a X, III e VI (29, 27 e 15 %, respectivamente). Na A71 estão presentes 9 recipientes, construídos em diversos tipos de pastas. Os tratamentos de superfície dominantes são os polidos e alisados (por esta ordem). Podemos dizer que a A71 possui as mesmas características que a A70 no que diz respeito aos tratamentos de superfície presentes nos recipientes. No entanto a A71 apresenta maior variedade nos tratamentos de superfície que cremos ter origem numa mistura de contextos mais acentuada.

Cremos que na A71 os recipientes apresentam as seguintes características: *i*) os recipientes construídos em pastas I, IV, VII e X são aqueles que apresentam espessuras mais finas e *ii*) os recipientes construídos em pastas III, VI, IX e XII são os que apresentam espessuras mais grossas. Podemos ver que não existe uma concordância total entre as características dos recipientes (ao nível da espessura) das A70 e A71 e que dentro de cada conjunto cerâmico os recipientes possuem uma tendência de complementaridade.

Na A71 existe a seguinte conjugação de características nos recipientes: presença maioritária de pastas X, III e VI e tratamentos de superfície polidos, seguidos de alisados. Encontram-se também presentes outros tratamentos de superfície, nomeadamente cepilhados e rugosos. As cores são maioritariamente escuras (tipos P e C) ainda que esteja também presente o tipo VE. Cremos que a presença de pasta VI, os tratamentos de superfície rugosos e cepilhados e o tipo de cor VE estão interligados. As características gerais revelam alguns apontamentos particulares relacionados com comportamentos, possivelmente, inerentes à utilização das pastas. Os recipientes de pasta VI (, tendencialmente rugosos e de cor vermelha-escura) possuem paredes de espessura média. Estes recipientes são tendencialmente mais espessos (aqui) do que aqueles de pasta I e X.

Na A71 estão presentes as formas 2c, 6a, 7b, 8a, 8b, B1b. As formas com menor capacidade são realizadas em pasta I (8b e B1b) e X (2c). As formas com maior capacidade (6a, 7b e 8a) foram construídas em pasta III.

A66) Na A66 e na totalidade dos fragmentos as pastas dominantes são a I, III e VII (43, 24 e 11 %, respectivamente). Na A66 estão presentes o maior número de recipientes, construídos em diversos tipos de pastas. Os tratamentos de superfície dominantes são os alisados, seguidos dos polidos (por esta ordem). Esta associação apresenta, também, a maior quantidade de cepilhados e rugosos. Os Lxs. 58 e 98 destacam-se pela presença de rugosos e brunidos. O Lx. 99 destaca-se pela presença única de polidos e alisados. Podemos afirmar que a A66 distingue-se das A70 e A71 pelo menor número de recipientes polidos e por um maior número de recipientes alisados. É também visível a presença de alguns recipientes cepilhados e rugosos. Na A66 é evidente uma maior

visibilidade – do que nas A70 e A71 – dos tipos de cor C e VE. Cremos que existem um número relativamente grande de recipientes com superfícies castanhas-escuras e vermelhas-escuras, independentemente da cor do cerne. Neste contexto, as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C, C-P-C, P-P-P e VE-VE-VE. Os complexos que integram a A66 revelam algumas características próprias que são a semelhanças nas conjugações de cor entre os Lxs. 99 e 98. O Lx. 58 é o mais discrepante sendo que o tipo mais importante é o VE, onde 15 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo VE. Nem todos os complexos da A66 apresentam uma grande quantidade de cernes de tipo VE (apenas o Lx. 99) no entanto é evidente a importância deste tipo de cor nas superfícies dos fragmentos (por ex. No Lx. 58).

Cremos que na A66 os recipientes apresentam as seguintes características: i) os recipientes construídos em pastas I, III, VI e X são aqueles com paredes menos espessas; ii) os recipientes construídos em pastas IV e VII são aqueles com paredes mais espessas e iii) os recipientes da A66 são tendencialmente mais espessos que os da A70 e A71.

Na A66 existe a seguinte conjugação de características nos recipientes: presença maioritárias de pastas I, III e VII e tratamentos de superfície alisados, seguidos de polidos. Encontram-se também presentes outros tratamentos de superfície, nomeadamente cepilhados e rugosos (na maior quantidade presente na fase II, na área norte). As cores são, genericamente, mais claras que aquelas presentes na A70 e A71, sendo dominantes os tipos C e VE. É evidente uma ligação, na A66, entre determinados tipos de tratamentos de superfície e determinados tipos de cor, que concordam com as características presentes na A71. Os recipientes de pastas I e III são menos espessos e os de pasta VII mais espessos.

7.2.3. Conclusões relativas à fase II

A ocupação da Idade do Bronze encontra-se presente na PIL e na área norte – PIN e TEN. A comparação entre as duas zonas habitacionais revelou características semelhantes em ambas. Deste modo podemos afirmar que na fase II é evidente a importância e uso das pastas I, III, VII e X – em ambas as zonas habitacionais – sendo que a pasta VI revela maior importância na área norte. A

utilização destas pastas é demonstrada pela distribuição na totalidade dos fragmentos, nos recipientes e nos fragmentos decorados.

Na fase II parece estar presente uma maioria de recipientes de superfícies alisadas (externa e internamente) seguidos, de perto, de recipientes de superfícies polidas (externa e internamente). Tal é mais evidente na área norte onde a percentagem de alisados é ligeiramente mais elevada do que na PIL. Este factor é avaliado tendo em conta as percentagens gerais de tratamentos de superfícies externas e internas e das conjugações de superfícies. Podemos observar uma discrepância entre as conjugações de superfícies dominantes e os tratamentos de superfícies dominantes. As conjugações de superfícies fazem sobressair os alisados sendo que estes se encontram mais matizados na avaliação geral. Tal revela que uma tendência comportamental que é a seguinte: os recipientes alisados são na maioria (entre 13 e 42 % na área norte) alisados nas superfícies internas e externas sendo que os recipientes alisados na superfície externa e polidos na superfície interna são uma minoria (7 a 15 % na área norte). Contudo, os recipientes polidos apresentam tanto uma percentagem elevada de recipientes polidos interna e externamente (12 a 36 % na área norte) como recipientes polidos na superfície externa e alisados na superfície interna (7 a 17 %). Apesar dos intervalos não apresentarem discrepâncias muito evidentes, as percentagens gerais dos tratamentos de superfície revelam que os polidos acabam por ter um “peso” superior aos alisados.

Deste modo, concluímos o seguinte: *i)* os recipientes polidos estão sempre presentes em todos os contextos de uma forma bastante evidente, *ii)* os recipientes polidos são mais versáteis que os recipientes alisados pois o polido externo conjuga-se com mais tratamentos de superfície internos que o alisado; *iii)* os recipientes alisados (interna e externamente) são os maioritários e *iv)* os recipientes alisados são mais estanques que os polidos revelando um comportamento mais fechado. Colocamos a hipótese de os recipientes alisados constituírem um “grupo” que tem que ser forçosamente realizado dentro de determinados parâmetros e que os recipientes polidos, quem sabe porque culturalmente mais aceites, podiam sofrer modificações físicas sem que o seu significado cultural sofresse alterações.

Observamos também que a presença do tratamento de superfície polido aplicado às superfícies internas não apresenta uma presença suficientemente alta para possuir uma justificação funcional, nomeadamente relacionada com a impermeabilização dos recipientes. Se tal ocorria, ocorria apenas aplicada a determinado tipo de recipientes e não há totalidade dos mesmos.

Em relação às cores dos recipientes podemos dizer que uma maioria apresenta cernes negros (tipo P) – mais de metade dos fragmentos apresentam cernes desta cor tanto na PIL como na área norte. Os tipos de cores dominantes são os negros (tipo P), castanhos-escuros (tipo C) e vermelhos-

escuras (tipo VE), tanto nas superfícies como nos cernes dos fragmentos. O tipo de cor VE aparece de uma forma mais evidente em determinados contextos, associado a determinados tratamentos de superfície (alisados e rugosos) e a determinadas pastas (VI e III). Deste modo, concluímos que a maioria dos recipientes possuem cores muito escuras (tipos P e C) e esporadicamente ocorrem recipientes totalmente (ou parcialmente) vermelho-escuros. Os restantes tipos de cores (A, VC e B) são minoritários – com uma presença inferior a 10 % nos cernes e inferior a 25 % nas superfícies – e podem revelar cozeduras deficitárias, com combustíveis impuros ou mesmo uma influência de degradação relacionada com a cor das terras do estrato que contêm os fragmentos. O tipo de cor A quando presente em grande quantidade nas superfícies (externas e internas) parece estar relacionado com a cor do estrato dos fragmentos – que de alguma forma “passa” para as superfícies dos fragmentos.

Em relação às espessuras dos recipientes podemos observar algumas discrepâncias entre a PIL e a área norte. Como sabemos existe uma relação entre o tipo de pasta e as espessuras médias presentes nos recipientes. Podemos dizer que em ambas zonas habitacionais a pasta I se apresenta como aquela aplicada em recipientes de paredes mais finas e a pasta VII como aquela aplicada em recipientes de paredes mais grossas.

As pastas III e X são aplicadas a recipientes de paredes finas e médias, sendo que na área norte são os recipientes de pasta III são mais espessos que na PIL e os de pasta X são menos espessos que na PIL. As características das restantes pastas não são tão importantes porque estas não caracterizam a ocupação da Idade do Bronze. Contudo, podemos ainda dizer que os recipientes de pasta VI possuem, tendencialmente, paredes de espessura média e que os recipientes de pasta XI possuem paredes de grande espessura. A análise dos diversos contextos permite observar que determinada pasta não possui, sempre, o mesmo comportamento sendo que esse comportamento varia consoante o contexto e o conjunto cerâmico que o caracteriza. É de notar que os recipientes possuem características de complementaridade pois se um determinado contexto apresenta recipientes de paredes finas em pasta I, é provável que os recipientes de pasta III e X se apresentem de paredes mais espessas. Deste modo, o estudo das espessuras dos fragmentos revela que os conjuntos cerâmicos são na sua maioria conjuntos domésticos nos quais os recipientes se complementam e cumprem determinadas funções.

Na fase II estão presentes 25 recipientes “reconstituídos” com os seguintes tipos de formas: 2b, 2c, 3b, 6a, 7a, 7b, 8a, 8b, 9b, 10, B1b, B3a, B4a e B17 (para a definição dos tipos de formas ver os capítulos 2.3.1. e 2.3.2. do vol. 2, estampas IX e X – vol. 2). Os recipientes que perduram na Idade do Ferro correspondem a 84 % do conjunto (21 recipientes em 25 no total). Apenas 16 % do

conjunto (4 recipientes – formas B1b, B3a, B4a e B17) não perduram na Idade do Ferro e podem, morfologicamente, ser relacionados com a Idade do Bronze regional.

Os recipientes revelam características interessantes relacionadas com a sua capacidade (volume). Por um lado os recipientes revelam uma relação entre tipos de forma e capacidade. Assim os recipientes de perfil em “S” – 6a, 7a, 7b, 8a, 8b, 9b, 10 – são aqueles que apresentam maior tamanho sendo que as taças e globulares são, geralmente, recipientes de pequena capacidade. Por outro, os recipientes na PIL apresentam capacidades superiores àquelas dos recipientes presentes na área norte.

A análise realizada nas duas zonas habitacionais não revela uma relação intrínseca os tipos de formas e os tipos de bordo e entre os tipos de formas e os tipos de pastas. De certo modo, é visível um contra censo entre a avaliação da espessura média das pastas e a avaliação da relação entre tipos de formas / capacidades e tipos de pastas, pois tais resultados não são totalmente concordantes. Contudo, e apesar das discrepâncias presentes, é possível perceber tendências comportamentais:

1) Os recipientes pequenos são de pasta I e, geralmente globulares, taças ou determinado tipo de recipiente de perfil em “S” (tipo 8b) e possuem paredes de espessuras finas.

2) Os recipientes de capacidades médias são de perfil em “S”, realizados em vários tipos de pastas (I, III, VI, X) sendo que as suas paredes tanto podem ser de espessura fina como média. Os recipientes balizados entre 1 a 5 litros de capacidade possuem grande variedade de soluções a nível técnico.

3) Os recipientes grandes são, geralmente de tipo 7 e 8a, sendo que são construídos também em várias pastas com o predomínio para a pasta III e VII.

4) Como podemos observar a pasta III revela uma grande versatilidade e os recipientes grandes não são forçosamente recipientes de paredes muito grossas.

5) Os recipientes revelam espessuras médias independentemente da sua capacidade o que pode resultar nalguma mobilidade destes recipientes e na demonstração de alguma qualidade técnica de manufactura.

Na fase II encontram-se presentes 16 tipos de bordos, a saber: *B1 a1, B1 a2, B1 a3, B1 a5, B1 a6, B1 a7, B1 a9, B2 a3, B2 b1, B2 b4, B3 a1, B3 a2, B3 c2, B4 a3, B4 a6 e B4 b2* (para a definição dos tipos de bordos ver capítulo 2.3.0.1. - vol. 2). Todos estes tipos de bordo se encontram também presentes na ocupação da Idade do Ferro. Deste modo os tipos de bordo presentes na ocupação da Idade do Bronze em nada diferem daqueles presentes na Idade do Ferro.

Por último, as bases presentes na fase II apontam para uma maioria de recipientes de perfil em “S” – algo concordante com a avaliação dos recipientes reconstituídos – e indicam, também, a

presença de alguns recipientes troncocónicos que não são visíveis na avaliação dos bordos e dos tipos de formas presentes.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

7.3. Fase III – Idade do Ferro

7.3.1. Fase III-1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC

7.3.1.1. Plataforma Inferior Leste

A fase III-1, na PIL é representada por 12 contextos – A9, Lxs. 65, 97, A10, A11, A12, A13, Lx. 82, 45/87, 68, A14 e A22 – que foram analisados de diversas formas. A fase III-1 é representada por um total de 1167 fragmentos cerâmicos, 51 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmentos, 21 bases e 13 recipientes “reconstituídos.

Os recipientes da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-1) presente na Plataforma Inferior Leste encontram-se na A9, A10, A11, A12, Lx. 82, A14 e A22. Os contextos A10, A12 e A14 foram escolhidos para a caracterização pormenorizada, realizada no final deste subcapítulo. Estes contextos foram escolhidos devido às suas características estratigráficas pois todos são solos / depósitos de ocupação. Os restantes contextos são integrados na avaliação geral da fase ocupacional – no que diz respeito aos tratamentos de superfície, cor e espessuras (quando tal é possibilitado pelo número de fragmentos presente em cada contexto.

Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.3.1., volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-1, na PIL.

a) Tipos de Pastas

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, na PIL, a pasta dominante é a III, seguida da I e VIII. A hierarquia de pastas dominantes nos recipientes é diferente da totalidade dos fragmentos sendo que a pasta dominante é a III, seguida da VIII, VI e I. Os vários contextos estudados apresentam diferenças significativas no comportamento das pastas cerâmicas sendo que cremos que tal reflecte um uso diferenciado das mesmas. Para uma descrição mais pormenorizada sugerimos a leitura do capítulo 5.3.1. no vol. 2.

Na fase III-1, as pastas III, VIII, I e VI são consideradas as de maior uso devido à sua visibilidade. Nos diversos contextos, a pasta III encontra-se entre 21 e 87 %, a pasta VIII, entre 2 e 48 %, a pasta I entre 3 e 24 % e a pasta VI, entre 1 e 17 %. A pasta X possui uma presença máxima de 39 % na A10. Também são utilizadas as pastas II, VII e XII, apesar da sua visibilidade ser muito inferior as já referidas. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas III, VIII, I e VI apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação ainda que nem sempre

com esta ordem de preferência (hierarquia esta que depende do contexto particular a ser analisado, como podemos ver pelos valores apresentados nos intervalos).

b) Tratamentos de superfície

Numa estatística geral (sem ter em conta as conjugações de tratamentos de superfície) podemos observar que os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase III-1 são na superfície externa, os polidos (38 %), alisados (26 %) e rugosos (13 %) e, na superfície interna, os alisados (58 %) e os polidos (30 %). Os resultados de alguns (poucos) contextos – Lxs. 97, 66 e 68 – são discordantes da análise geral pois o tratamento de superfície alisado é o dominante.

Contudo é de notar que alguns contextos onde, na estatística geral, o tratamento de superfície externo é o polido, apresentam uma conjugação de superfície dominante que discorda da análise geral. Por exemplo, na A9, A12 e A14 o tratamento de superfície predominante é o polido mas as conjugações predominantes são a Ali/Ali – para a A9 e A12 – e Rug/Ali na A14. O que se revela aqui é que os polidos são geralmente o tratamento de superfície externo presente na maioria dos fragmentos mas conjugado com inúmeros tratamentos de superfície internos – ou mesmo com superfícies internas corroídas. Por sua vez as conjugações maioritárias podem revelar recipientes recentemente quebrados e uma maior homogeneidade do conjunto. Assim, cremos na importância da análise das conjugações dos tratamentos de superfície para a compreensão do comportamento dos recipientes em cada contexto analisado. As conjugações de tratamentos de superfície revelam grupos de tratamentos que podem corresponder, mais facilmente, a recipientes. Por exemplo, num determinado contexto é mais importante ter 10 fragmentos com a conjugação Ali/Ali, do que 3 com a conjugação Pol/Ali, 2 com Pol/Nf, 1 com Pol/Esp, 2 com Ali/Pol e 2 com Pol/Pol. Cremos que a variabilidade apenas revela desagregação e má conservação do estrato e não variedade cultural.

A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): *Pol/Ali* (12 a 61 %); *Ali/Ali* (10 a 50 %); *Pol/Pol* (7 a 30 %); *Rug/Ali* (5 a 13 %); *Rug/Pol* (7 a 20 %) e *Ali/Pol* (6 a 13 %). É importante notar que alguns intervalos de valores são muito aproximados no entanto a distribuição nos contextos é, por vezes, muito diferente. Algumas conjugações apresentam-se na maioria dos contextos com valores próximos ao valor mínimo e outras com valores próximos ao valor máximo. Desse modo, a ordem acima apresentada é baseada nas hierarquias presentes nos diversos contextos, de uma forma independente dos valores dos intervalos. Por exemplo as conjugações Pol/Ali e Ali/Ali encontram-se no mesmo número de contextos sendo desse modo semelhantes na sua distribuição.

Podemos observar o seguinte.

b1) A maioria dos recipientes possui superfícies internas alisadas sendo que tal indica que o tratamento de superfície polido não era usado, extensivamente, como impermeabilização.

b2) O tratamento de superfície polido encontra-se mais presente nas superfícies externas do que internas sendo que tal facto pode estar a indicar uma escolha estética. Ou seja, um recipiente polido externo é por si só um recipiente cuidado e de certa forma decorado.

b3) O tratamento de superfície rugoso ocorre nas superfícies externas indicando, também, uma escolha estética ou funcional. O número de recipientes “rugosos” sobe em relação à fase anterior.

b4) Os tratamentos de superfície internos dominantes – alisados e polidos – ocorrem conjugados com vários tipos de tratamento de superfície externa sem que possamos ver uma relação causal. Quer dizer, não parece existir uma relação entre o tipo de tratamento de superfície externo e o tratamento de superfície interno. Cremos que tal facto apenas indica que independentemente do tipo de superfície externa e as superfícies internas ou eram alisadas ou polidas – sendo que na maioria eram alisadas.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas.

A relação entre os tratamentos de superfície e as pastas foi avaliada através de dois factores. O primeiro diz respeito à distribuição dos tratamentos de superfície em cada pasta. Por exemplo, na pasta XII, 46 % dos fragmentos possuem um tratamento de superfície rugoso. O segundo diz respeito à distribuição dos tratamentos de superfície por cada pasta. Assim, apenas 17 % dos fragmentos com superfícies rugosas são de pasta XII. A conjugação destes dois factores permite perceber melhor a relação entre as pastas e os tratamentos de superfície. O primeiro factor de avaliação é muito influenciado pelo número de fragmentos presente em cada pasta e o segundo factor avalia a distribuição dos tratamentos por pasta. Ainda que o segundo factor possa ser, também, influenciado pelo número de fragmentos cremos que revela bem a distribuição de cada tipo de tratamento de superfície.

A análise realizada através destes dois factores de avaliação permite concluir que determinado tratamento de superfície *não é exclusivo* de determinado tipo de pasta. Contudo, são visíveis *tendências de utilização*, onde determinado tipo de tratamento de superfície ocorre associado, maioritariamente, a um ou dois tipos de pastas.

Podemos concluir que, *nas pastas I, II, III e V ocorrem preferencialmente nos polidos externos; nas pastas VI e XII ocorrem, preferencialmente, rugosos e alisados externos e na pasta VIII ocorrem alisados, rugosos, cepilhados e areados – sendo esta a pasta que apresenta maior versatilidade. Por último nas pastas IV, VII, IX, X e XI ocorrem preferencialmente alisados externos.*

Deste modo, e apesar de não ser identificado um comportamento exclusivo, podemos relacionar determinados tipos de pastas com determinados tipos de tratamentos de superfície. Assim, recipientes realizados em pastas VI e VIII possuem, maioritariamente, superfícies rugosas e recipientes de pastas I e III possuem, maioritariamente, superfícies polidas. Nas pastas VII e X é mais usual a presença de alisados. De qualquer modo, qualquer recipiente (independentemente da pasta) pode apresentar qualquer tipo de tratamento de superfície.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Nos diversos contextos da fase III-1, na PIL: 43 a 64 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P; 3 a 30 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro; 5 a 35 % dos fragmentos possuem cerne cinzento-claro e 5 a 24 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro. Podemos observar que na fase III-1, 4 tipos de cores apresentam-se como maioritários nos cernes dos fragmentos e a sua distribuição apresenta-se muito díspar, notando-se uma grande diversidade entre os vários contextos. Como podemos ver há uma discrepância grande na presença de cernes de tipo VE, B e C.

Na soma dos contextos integrados na fase III-1, na PIL (ou totalidade) podemos observar que: *i)* 54 % possuem cernes de tipo P sendo que 40 % das superfícies internas e 16 % das superfícies externas são deste tipo de cor; *ii)* 14 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro e cinzento-claro (VE e B), 16 e 6 % nas superfícies interiores e 22 e 4 % nas superfícies exteriores respectivamente e *iii)* 13 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C), 17 % possuem a superfície interior castanha-escura e 24 % a superfície exterior castanha-escura.

Os vários contextos distribuem-se em 3 grupos sendo que: *i)* o 1º grupo possui uma hierarquia P, C, VE; *ii)* o 2º grupo possui uma hierarquia P, VE, C; *iii)* o 3º grupo possui uma hierarquia P, B, C e *iv)* um contexto encontra-se isolado com a hierarquia P, C, VC, VE.

No geral, os grupos construídos com base na avaliação da cor dos cernes mantêm-se quase inalterados na avaliação das conjugações de cores.

Nos diversos contextos da fase III-1, na PIL, estão presentes várias conjugações de cor maioritárias, a saber: P-P-P (um mínimo de 8 % para ser considerada maioritária e com um máximo de 14 %); A-P-P (8 a 18 %); A-P-A (7 a 17 %); VE-VE-VE (10 a 20 %); VE-P-VE (6 a 20 %); C-C-C (4 a 14 %); C-P-C (5 a 24 %) e C-P-P (6 a 11 %). Podemos ver que os diversos contextos se comportam de forma diferente sendo que tal foi descrito no capítulo respectivo do volume 2.

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 as conjugações P-P-P (10 %), A-P-P (9 %), A-P-A e VE-VE-VE (7 % cada) e C-C-C, C-P-C e C-P-P (6 % cada) são as dominantes estando, genericamente, de acordo com a avaliação pormenorizada dos contextos.

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, 62 % dos recipientes possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são VE, C e A. Podemos perceber que a distribuição das cores nos cernes dos recipientes é concordante com aquela dos fragmentos sendo que a distribuição dos tipos de cores nas superfícies dos recipientes é discordante daquela dos fragmentos. Como já foi referido e explicado, optamos pelos resultados apresentados na totalidade dos fragmentos.

Deste modo, podemos concluir que uma maioria dos recipientes possui cernes negros (tipo P) seguidos de cernes cinzentos-claros (tipo B) e vermelhos-escuros. É visível também um número significativo de recipientes que possuem superfícies externas (mas também internas) castanhas-claras (tipo A) e vermelhas-escuras (tipo VE). Para explicarmos a grande variedade de cores apresentadas na fase III-1 lançamos várias hipóteses interpretativas. A variedade na cor pode indicar um número bastante significativo de recipientes com cores distintas. Esta variedade pode também relacionar-se com processos de degradação da cor relacionados com o uso e deposição dos recipientes / fragmentos. Por último, a variedade apresentada pode estar relacionada com recipientes que devido ao tipo de cozedura (e combustíveis utilizados) possuíam vários tipos de cores numa mesma superfície (externa e/ou interna).

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

Como já referimos, a caracterização da espessura dos fragmentos ocorre de modo diferenciado em cada contexto e em cada pasta. Deste modo e tendo em conta as características de espessura presentes nos diversos contextos e apresentadas para os fragmentos das pastas I, II, III, VI, VII, VIII e XII, apresentamos a hipótese interpretativa de estes se agruparem em dois grandes grupos. Assim, o 1º grupo é constituído pelas A9, A10, A14, A22 e Lxs 45/87, 66 e 68 e o 2º grupo é constituído pelas A11, A12, A13 e Lxs. 65 e 82.

As pastas revelam, no global, os seguintes comportamentos.

d1) As pastas I e II são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2).

d2) A pasta VI é usada no fabrico de recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) As pastas III, VIII, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e medianas (cats. 4 e 5).

d4) As pastas VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana.

d5) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas (> a 5).

d6) Os dados das pastas IV e V são inconclusivos.

Em relação às espessuras presentes nos recipientes podemos observar que nenhuma pasta possui uma curva evolutiva. Ou seja, as espessuras das pastas nos recipientes não possuem picos nem crescem gradualmente. cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura, não revelam uma tendência geral de uso e são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados. As espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão.

Deste modo, concluímos que independentemente do bordo os recipientes de determinadas pastas possuem paredes com determinada estrutura.

e) Análise morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-1, na PIL, foi realizada com base em 51 bordos dos quais 13 permitiram uma “reconstituição” da forma e da capacidade (25 % dos recipientes foram reconstituídos). Também foram tidas em conta 19 bases.

As conclusões aqui apresentadas são baseadas na análise presente no volume 2, nas páginas 259 e 262.

e1) Na totalidade da fase III-1, na PIL, ocorrem 9 tipos de formas que são: os tipos *1b*, *2e*, *3b*, *7a*, *7b* e *8b* representados por um único exemplar e os tipos *6b*, *8a* e *9a*, representados por vários recipientes em cada tipo. O Lx. 82, A14 e A22 são os contextos com maior número de bordos sendo que a A14, A22 e A9 são os contextos com maior quantidade de recipientes reconstituídos (3 recipientes em cada um dos contextos mencionados).

e2) Na totalidade da fase III-1, os bordos são realizados em tipos de pastas: I, II, III, VI, VII, VIII e XII no entanto os recipientes reconstituídos são apenas de 4 pastas: I, III, VI e VIII. Podemos observar uma discrepância entre os tipos de pastas presentes na totalidade dos recipientes e aquelas presentes nos recipientes reconstituídos – que permitem um nível de informação mais elevado. As interpretações conseguidas são, assim, um pouco deficitárias em relação à totalidade da realidade arqueológica. Deste modo, podemos observar o seguinte: *i*) os globulares e taças são construídos em pastas III e VIII; *ii*) os recipientes de perfil em “S” são realizados em pastas I, III, VI e VIII; *iii*) os recipientes representados por mais de um exemplar (*6b*, *8a* e *9a*) revelam a presença de várias pastas

num mesmo tipo de forma; *iv*) os tipos 6b e 8a foram realizados em pastas I e VIII; *v*) o tipo 9a foi manufacturado em pastas VI e VIII e *vi*) *não é aqui visível uma relação entre os tipos de pastas e os tipos de formas, sendo que parece que qualquer tipo de forma pode possuir qualquer tipo de pasta.* No entanto é de ter em atenção o número reduzido de formas reconstituídas sendo que tal facto pode influenciar a hipótese interpretativa apresentada.

e3) Em relação à capacidade dos recipientes, podemos observar que: *i*) os recipientes mais pequenos (cats. 1 e 2 – até um litro) são dos tipos 1b, 2e, 3b e 8b (globulares e um recipiente de perfil em “S” particular); *ii*) os recipientes maiores (cats. 4 e 5 – 2 a 10 litros) são dos tipos 6b, 7a, 7b, 8a e 9a (recipientes de perfil em “S”); *iii*) os recipientes de tipos 7b e 8a são aqueles de maior capacidade e são construídos em pastas III e VIII e *iv*) o tipo 9a apresenta recipientes de cats. 3 e 4, de tamanho médio. Podemos dizer que os recipientes mais pequenos correspondem a taças, globulares e ao recipiente de perfil em “S” 8b – que é um tipo muito específico – e que os tipos maiores correspondem às formas 7b e 8a que cremos permitirem uma maior capacidade. Existe assim uma relação entre os tipos de formas e a capacidade dos recipientes sendo que os globulares, taças e a forma 8b são sempre recipientes pequenos e os restantes recipientes (vários tipos de recipientes de perfil em “S”) são sempre recipientes médios e grandes.

e4) A capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto onde predominam recipientes de pouca capacidade. Dos 12 recipientes identificados: 1) apenas 2 possuem uma capacidade de 5 a 10 litros; 2) 6 possuem uma capacidade inferior a 2 litros sendo que 4 possuem uma inferior a 1 l e 3) 4 possuem uma capacidade de 2 a 5 litros. *É de ressaltar que apenas 25 % dos bordos permitiram a reconstituição de recipientes e que os recipientes de menor capacidade são aqueles mais rapidamente reconstituídos. Cremos que as características do conjunto possam ser diferentes daquelas apresentadas.*

e5) A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-1 permite observar que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1, seguido do 4 e que os tipos 2, 3 e 5 são claramente minoritários. Se tivermos apenas em conta os tipos de bordo podemos dizer que não existe uma relação entre os tipos de bordo e os tipos de formas, pois o número de tipos de bordo é muito inferior ao número de tipos de formas. Se tivermos em conta os subtipos de bordo podemos observar uma grande variação estilística. Contudo, não parece existir uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo pois *os tipos de recipientes que possuem mais de um exemplar possuem bordos de tipo diferente.* O tipo de recipiente 6b possui bordos de tipo B1a7 e B4a2 (muito diferentes entre si) e o tipo de recipiente 9a possui bordos de tipo B1a1, B4a2 e B4a9 (diferentes entre si). Podemos também observar que *um mesmo tipo de bordo pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a*

ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. Assim podemos observar o seguinte: o tipo de bordo *B1a1* está presente nos tipos de forma *7b* e *9a*, o tipo *B1a7* nos tipos *6b* e *7a*, o tipo *B1a9* nos tipos *8a* e *8b* e o tipo *B4a2* nos tipos *6b* e *9a*.

e6) A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1, seguido do 3. O tipo de base 1 está presente em quase todos os contextos sendo que o tipo 3 encontra-se ausente em 6 contextos. A análise permite concluir que: *i)* o tipo de base não se encontra relacionado com o tipo de pança; *ii)* a angulação presente nas bases aponta para recipientes de panças arredondada e suaves e panças redondas levemente achatadas e *iii)* ausência de panças de vasos troncocónicos bem como a reduzida presença de panças alargadas e achatadas (tipo prato). *Cremos que a ausência quer de vasos troncocónicos quer de “pratos” se encontra concordante com o predomínio de recipiente de perfil em “S”.*

f) Elementos de prensão/suspensão e sua integração na fase analisada

Não foram identificados elementos de prensão/suspensão nos recipientes nesta fase.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

O conjunto cerâmico da Idade do Ferro é representado por 1167 fragmentos, 51 bordos e vários fragmentos decorados que integram 6 decorações conotadas com a Idade do Ferro (dentro de 65 fragmentos decorados). Na totalidade dos fragmentos menos de 1 % são decorados no entanto se relacionarmos o número de recipientes com o número de decorações, podemos observar que 19 % dos recipientes podem ser decorados. A discrepância entre a avaliação geral e a avaliação dos recipientes é muito grande no entanto cremos que a presença de recipientes decorados pode ser de facto superior ao 1 % apontado pela avaliação geral.

Os fragmentos decorados integrados nos complexos agrupados na fase III-1, são: CP-99-1759 (est. LI, 8 – vol. 2), CP-99-3311 (est. LI, 12 – vol. 2), CP-99-3134 (est. LII, 2 – vol. 2), CP-99-1929 (est. LII, 6 – vol. 2); CP-99-3533 CP-99-3551, CP-99-3532, CP-99-3553, CP-99-3531 e CP-99-3534 (est. LV – vol. 2) e CP-99-3994 a 3997 (est. LIV – vol. 2). O recipiente da est. LIV pertence a um contexto da fase II na PIL (o Lx. 109) no entanto, cremos que se integra no início da ocupação da Idade do Ferro (pela morfologia do recipientes, pasta apresentada e tipo de decoração).

Na totalidade da fase III-1, na PIL, foram usadas *6 técnicas decorativas* – incisão simples, penteado, decoração plástica, estampilhado de motivo único, excisão e impressão – e *9 instrumentos decorativos* – instrumentos de incisão 1 e 2, pente 1 e 2 e cinco tipos de carimbos, círculos

concêntricos de duas, três e quatro voltas, um motivo de cariz vegetal e um triângulo preenchido por semiesferas.

g1) Caracterização genérica das decorações

Na totalidade da fase III-1, na PIL, encontram-se integradas 3 organizações decorativas – X, XXVIII e XXXIV – sendo que as duas últimas com subvariantes. No total estão presentes as seguintes subvariantes: X1a (CP-99-3311), XXVIII2b (CP-99-1929); XXVIII3a (CP-99-3134); XXXIV3c (CP-99-3994 a 3997); XXXIV5 (CP-99-1759) e XXXIV7b (CP-99-3533 CP-99-3551, CP-99-3532, CP-99-3553, CP-99-3531 e CP-99-3534).

Os fragmentos que integram as organizações decorativas X1a, XXVIII2b, XXVIII3a e XXXIV5 são muito pequenos e desse modo as decorações podem ser mais complexas do que aquilo que é descrito. No entanto cremos as organizações decorativas X1a, XXVIII2b e XXVIII3a podem ser relacionadas com a estética presente nas decorações da Pré-História do local sendo que no Calcolítico estão bem presentes quer as técnicas decorativas de incisão e penteado quer os motivos decorativos apresentados – faixas paralelas ao bordo e triângulos associados à faixa.

Os dois recipientes decorados do qual conhecemos bastante bem a totalidade da decoração (estampas LIV e LV) são aqueles que permitem um melhor entendimento das decorações presentes.

O recipiente da estampa LIV (vol. 2) foi identificado no Lx. 109, quadrado Y16. Corresponde a um recipiente de pasta I, onde estão presentes 3 técnicas decorativas: incisão (usada duas vezes com dois instrumentos diferentes, com um pente e com um instrumento de incisão); estampilhado de motivo único (usada com dois carimbos diferentes – círculos concêntricos e triângulos preenchidos) e impressão do pente (usada uma única vez). Esta decoração foi descrita em pormenor na página 199, vol. 2, sendo que podemos observar por um lado a sua execução rudimentar (à qual se junta uma pasta muito semelhante às pré-históricas) e por outro a sua profusão decorativa. Esta decoração destaca-se pelos: *i*) motivos utilizados; *ii*) composição dos motivos numa faixa paralela ao bordo; *iii*) localização da decoração no recipientes sendo que foi aplicada à parte superior da pança, começando na linha de quebra colo/pança e *iv*) conjugação única da forma com a decoração evidenciando o tipo de forma.

Este recipiente revela que a decoração é pensada para determinado tipo de forma, evidenciando essa mesma forma e destacando zonas do recipiente que cremos serem de grande importância sociocultural (e dentro dos gostos estéticos). É assim evidente um gosto pela decoração no colo do recipiente relembrando o pescoço dos seres humanos ornamentados por colares ou pinturas. A própria banda de elementos, que se sucedem uns aos outros, lembra colares e uma disposição vertical.

O recipiente da estampa LV foi identificado em vários complexos: 77, 97, 101, 82, 51 e camada 0 e foi construído em pasta I. Neste recipiente foram identificadas quatro técnicas decorativas que desenham vários motivos. As técnicas usadas foram: 1) incisão simples (usada com dois tipos de instrumentos diferentes, 1 e 2); 2) decoração plástica (usada para construir dois cordões); 3) estampilhado de motivo único (usada uma vez com o motivo de círculos concêntricos de 4 voltas) e 4) excisão (usada uma vez). Esta decoração é composta por duas faixas decoradas que foram, pormenorizadamente, descritas no vol. 2, páginas 262 e 263.

Este recipientes apresenta uma decoração metopada complexa que conjuga faixas decoradas com espaços em branco sendo que cada faixa é uma composição autónoma, pois ambas são compostas por vários motivos diferentes que criam um desenho único. Mais uma vez a decoração evidencia a forma do recipiente colocando em destaque alguns pontos que cremos de grande importância, a saber: a linha de quebra colo/pança e a linha de diâmetro máximo – localizada, neste caso, na pança. Esta decoração e este recipiente são muito diferentes daqueles da estampa LIV no entanto em ambos é importante a definição da quebra colo/pança.

Cremos que cada faixa do recipiente da est. LV pode mesmo constituir uma unidade básica, que poderia ter sido (ou não) conjugada com outras configurações e que a escolha da conjugação destas configurações em particular é significativa. Ou seja, um estudo comparativo inter-regional só pode ser realizado e tendo em conta a totalidade da decoração e não os motivos isolados. Cremos que a conjugação dos motivos é o que realmente define as decorações da Idade do Ferro desta comunidade e desta região, em particular.

Podemos, também, afirmar que ambos os recipientes revelam cadeias operatórias complexas que colocam em destaque a importância das decorações e da forma de como eram construídas. As cadeias operatórias são outro elemento definidor cultural sendo que, também, devem ser incluídas numa comparação inter-regional.

g2) As pastas dos recipientes decorados

Os recipientes decorados apresentam um único tipo de pasta, a pasta I. Podemos observar que na totalidade da fase III-1 foram identificados 3 bordos, 5 bases e 6 organizações decorativas (que correspondem a 6 recipientes diferentes) construídos em pasta I. Deste modo é evidente um desfazamento entre o número de bordos, bases e recipientes decorados.

É clara uma associação entre recipientes decorados e um determinado tipo de pasta que, neste caso, coincide com uma das pastas de melhor qualidade. Ou seja, a pasta I é uma das mais depuradas e que permite polidos de boa qualidade ou perfeição técnica. Assim podemos colocar a hipótese dos

recipientes de pasta I serem aqueles escolhidos para possuírem decoração, embora possamos também observar que os recipientes de pasta I não estejam associados a determinados tipos de forma.

g3) A localização da decoração nos recipientes

A localização da decoração nos recipientes é um tema de grande importância na caracterização de decoração em si. No entanto o tamanho reduzido da maioria dos fragmentos decorados e a ausência de associações entre vários fragmentos decorados, impossibilitam a caracterização deste importante factor. Das 6 decorações presentes apenas podemos caracterizar devidamente 2, que foram acima caracterizadas. Deste modo podemos dizer que nos recipientes identificados a maioria das decorações se encontram na pança, abaixo da linha colo/pança quando se referem a recipientes de perfil em “S”.

g4) Os recipientes decorados e os seus contextos

Os recipientes decorados foram identificados em vários complexos: 1 na A22 (Lx. 48.5); 1 na A14 (Lx. 45/87); 1 na A13 (Lx. 91); 2 na A12 (Lx. 77 e 77.2) sendo que o recipiente identificado no Lx. 77 (est. LV) foi identificado também nos Lxs. 97, 101, 82, 51 e c. 0. Aqui podemos perceber a complexidade da interpretação arqueológica baseada nos conjuntos cerâmicos integrados em estratos arqueológicos. Por exemplo, nem em todos os contextos encontramos bordos do mesmo tipo de pasta dos fragmentos decorados, ou seja, na A22 foi identificado um fragmento decorado de pasta I, claramente conotado com a Idade do Ferro pois é estampilhado e não foi identificado nenhum bordo ou base de pasta I. Assim, algumas das hipóteses interpretativas apresentadas são de facto muito frágeis e constituem, apenas, uma aproximação à realidade cultural do Passado.

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes

A10) A A10 é representada por 79 fragmentos. Neste contexto, a pasta dominante é a X, seguida da III e I. Contudo, a única pasta identificada em recipientes da Idade do Ferro foi a III. Este contexto revela uma presença muito baixa de fragmentos de pasta VIII (3 %), uma presença média/baixa de fragmentos de pasta VI (10 %) e uma presença muito alta de fragmentos de pasta X (39 %). Neste contexto, as conjugações dos tratamentos de superfície dominantes são: Pol/Pol (18 %); Ali/Ali (11 %); Ali/Pol, Esp/Ali e Rug/Pol (9 % cada). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 8 %. A única conjugação de tratamentos de superfície (válida) presente nos recipientes é o Rug/Pol, no entanto devido ao reduzido número de fragmentos e recipientes (2 recipientes em 79 fragmentos) não podemos sobrevalorizar os resultados obtidos.

Deste modo, cremos que a maioria dos recipientes presentes na A10 possuiria tratamentos de superfície polidos e alisados. O tratamento de superfície rugoso pode estar relacionado, unicamente, com aquele bordo em particular ou o próprio recipiente conter diversos tipos de tratamentos de superfície.

Na A10, a totalidade dos fragmentos possui a hierarquia P-C-VE relativa à cor dos cernes e com a representação de 47, 24 e 20 %, respectivamente. É possível perceber um desfasamento entre a coloração dos cernes e a coloração das superfícies pois, por exemplo, apesar de 47 % dos fragmentos possuírem um cerne negro apenas 32 % possuem a superfície interior negra e 10 % a superfície exterior negra. No caso dos cernes de cor castanha-escura (24 %) podemos ver que uma maior quantidade de fragmentos possui superfícies desta cor sendo que 42 % possuem superfícies externas deste tipo de cor. O tipo de cor VE é aquele que apresenta maior concordância entre as percentagens de fragmentos de cerne de tipo VE e superfícies desta cor. Deste modo, 20 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro no entanto 17 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 28 % a superfície exterior vermelha-escura. Neste contexto, as seguintes conjunções são dominantes: C-C-C (14 %), VE-VE-VE (11 %), P-P-P (9 %), C-C-P e A-P-A (8 %) e C-P-C (6 %). É evidente a pouca importância do tipo P nas superfícies sendo de destacar a importância dos tipos C e VE. Podemos, também, observar a importância de conjunções de cores concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P ou C.

Na A10 é evidente uma associação entre as pastas X, III e I e os tratamentos de superfície polidos e alisados, que são claramente majoritários. Neste contexto estão presentes uma maioria de fragmentos de cernes escuros (tipos P e C) sendo que podemos, eventualmente, relacionar as pastas X, III e I a pastas escuras. Podemos também colocar a hipótese de que os recipientes cerâmicos são maioritariamente, cozidos em ambientes pouco oxigenados ou muito impuros (ao nível de combustíveis). O que parece ser evidente é a falta de concordância entre a coloração dos cernes e a coloração das superfícies. Tal facto pode ser devido a uma forte descoloração presente neste contexto ou a uma tendência de degradação presente nas pastas X, III e I. No capítulo 6 foi extensamente avaliada a relação entre as pastas e a degradação dos contextos, sendo que concluímos que tal relação não era clara. Deste modo, concluímos que este contexto apresenta uma descoloração bastante evidente dos fragmentos cerâmicos. Neste contexto as pastas I e X correspondem a recipientes de paredes finas e os de pasta III a recipientes de paredes medianas. Os poucos recipientes de pastas VII e VIII correspondem, também a recipientes de paredes medianas, os de pasta VI de paredes muito finas e os de pasta XII de paredes médias e grossas. Neste contexto estão presentes 3 bordos e uma

base sendo que nenhum permitiu reconstituição. Todos foram construídos em pasta III evidenciando a importância desta pasta neste contexto.

A12) A A12 é representada por 83 fragmentos. Neste contexto, a pasta dominante é a VIII, seguida da I e III. As pastas presentes nos recipientes da Idade do Ferro são a III e VIII. A A12 revela uma presença muito baixa de fragmentos de pasta VI (1 %) e uma presença muito alta de fragmentos de pasta VIII (48 %). Neste contexto, as conjugações dos tratamentos de superfície dominantes são: Ali/Ali (23 %), Cep/Ali (14 %), Pol/Ali (12 %), Ali/Pol (11 %) e Rug/Pol (10 %). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 6 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Pol/Ali, seguido dos Are/Pol e Cep/Ali. Podemos observar que as conjugações presentes nos recipientes (geralmente bordos de pequeno tamanho) não são concordantes com o quadro geral dos fragmentos. Deste modo, cremos que um número significativo de recipientes possuía vários tratamentos de superfície na mesma superfície (externa ou interna). Podemos observar também que os recipientes (bordos) de pasta VIII possuem superfícies externas areadas e cepilhadas e os bordos em pasta I possuem superfície externas polidas. A discrepância na distribuição de pastas entre a totalidade dos fragmentos e dos recipientes pode conduzir, também, às discrepâncias na distribuição das conjugações de tratamentos de superfície, aqui observadas.

Na A12, a totalidade dos fragmentos possui a hierarquia P-C-VC/VE relativa à cor dos cernes e com a representação de 64, 14, 7 e 7 %, respectivamente. É possível perceber um desfaseamento entre a coloração dos cernes e a coloração das superfícies pois, por exemplo, apesar de 64 % dos fragmentos possuírem cerne negro, apenas 31 % possuem a superfície interior negra e 22 % superfície exterior negra. No caso dos cernes castanhos-escuros podemos ver que 14 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro no entanto 39 % possuem superfícies internas e externas deste tipo de cor. Aqui podemos observar um aumento claro deste tipo de cor nas superfícies o que indica que este tipo de cor se associa, evidentemente, a cernes de outros tipos de cor. A título de exemplo podemos dizer que 33 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfície externa de tipo C. Assim há, claramente, uma associação entre os cernes negros e superfícies castanhas-escuras. Cremos que tal indica uma descoloração dos fragmentos. Neste contexto, as seguintes conjugações são dominantes: C-P-C (24 %), P-P-P (13 %), C-P-P (8 %), VC-VC-VC (7 %), A-P-A, P-C-C e VE-VE-VE (5 % cada). É evidente em relação à A10, uma maior homogeneidade do conjunto cerâmico devido às percentagens mais elevadas em cada conjugação de cor maioritária. É também visível (em relação à A10) uma importância maior dos tipos P e C.

Na A12 é evidente uma associação entre as pastas VIII, I e III e os tratamentos de superfície alisados, cepilhados e rugosos, sendo que os cepilhados estão presentes numa das conjugações maioritárias. Deste modo, a presença da pasta VIII parece ser um factor de caracterização das próprias conjugações de tratamentos de superfície, onde se pode observar uma relação entre a pasta VIII e o tratamento de superfície cepilhado. Neste contexto estão presentes uma maioria de fragmentos de cernes escuros (tipos P e C) sendo que poderíamos, eventualmente, relacionar as pastas VIII, I e III a pastas escuras. No entanto, a A10 possui características diferentes relativas à distribuição das pastas e características semelhantes relativas à cor. Assim concluímos que a cor dos recipientes não se encontra intrinsecamente relacionada à pasta dos mesmos. Os recipientes de pasta I possuem paredes de espessuras muito finas, os de pasta VIII possuem paredes de espessuras medianas / grossas (bem como os de pasta VII), os de pasta III paredes de espessura média/fina (bem como os de pasta X). Neste contexto estão presentes 2 bordos e 3 bases, sendo que um bordo permitiu a reconstituição da forma. É forma 9a, construída em pasta VIII e de capacidade média. Aqui podemos observar uma concordância entre a relação da espessura média apresentada pelos fragmentos de pasta VIII e a capacidade dos recipientes reconstituídos.

A14) A A14 é representada por 280 fragmentos. Neste contexto, a pasta dominante é a III, seguida da I e VI. No entanto, a pasta dominante nos recipientes é a VI, seguida das I e VIII. A A14 revela uma presença média/baixa de fragmentos de pasta VIII (8 %), uma presença média/alta de pastas VI (13 %) e X (12 %) e uma presença alta de fragmentos de pasta III (38 %). Neste contexto, as conjugações dos tratamentos de superfície dominantes são: Rug/Alí (13 %), Alí/Alí (12 %), Pol/Pol (10 %), Rug/Pol (7 %), Esp/Alí e Alí/Pol (6 % cada). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 3 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Rug/Pol seguido dos Alí/Pol e Rug/Alí. Podemos observar, nos recipientes, uma associação clara entre a pasta VI e o tratamento de superfície rugoso aplicado à face externa.

Na A14, a totalidade dos fragmentos possui a hierarquia P-VE-C relativa à cor dos cernes e com a representação de 58, 20 e 10 %, respectivamente. É possível perceber um desfasamento entre a coloração dos cernes e a coloração das superfícies pois, por exemplo, apesar de 58 % possuírem cernes de tipo P apenas 39 % das superfícies internas e 20 % das superfícies externas possuem este tipo de cor. No caso dos fragmentos de cernes de tipo VE podemos observar que 21 % das superfícies internas e 31 % das superfícies externas são deste tipo de cor. Nos fragmentos de cernes de tipo C podemos observar que 16 % dos fragmentos possuem superfícies internas desta cor bem como 20 % das superfícies externas. Assim este contexto (e em relação com as A10 e A12) possui

um maior equilíbrio entre as cores dos cernes e as cores das superfícies. Neste contexto, as seguintes conjugações são dominantes: P-P-P (11 %), VE-VE-VE (10 %), VE-P-P (9 %), A-P-A e A-P-P (8 % cada) e C-P-C e VE-P-VE (6 % cada). É visível a importância das superfícies vermelhas-escuras e dos cernes negros.

Na A14 é evidente uma associação entre as pastas III e VI e os tratamentos de superfície rugosos e alisados. A pasta I apresenta, maioritariamente, fragmentos com superfícies polidas e alisadas. Neste contexto é evidente a presença do tipo VE que pode estar relacionada com o tipo de pasta VI. A maioria dos recipientes possuíam cores (cernes e superfícies) escuras sendo que alguns possuem cerne ou superfícies de cores vermelhas-escuras. Cremos que apenas o tipo VE pode ser relacionado com um determinado tipo de pasta, neste caso o tipo de pasta VI. Os recipientes de pastas I, III e VI possuem paredes de espessuras medianas e os de pasta VII possuem espessuras médias / grossas. Neste contexto estão presentes 14 bordos e uma base tendo sido reconstituídos 3 formas – 7b, 8b e 9a –, uma muito pequeno (8b), um médio (9a) e um grande (7b). Este conjunto é o melhor caracterizado dos 3 escolhidos (A10, A12 e A14).

7.3.1.2. Talude Exterior Leste

A fase III-1, no TEL, é representada por 3 contextos – A43, A47 e Lx. 136 – que foram analisados de diversas formas. A fase III-1 é representada por um total de 1599 fragmentos cerâmicos, 44 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmentos, 23 bases e 31 recipientes “reconstituídos (70 % do total de bordos).

Os recipientes “reconstituídos” da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-1) presentes no Talude Exterior Leste encontram-se em todos os contextos estudados (A43, A47 e Lx. 136) e nomeadamente nos Lxs. 133, 136, 140, 146, 147, 150, 151, 140/133 e 151.1. Os contextos A43 e A47 foram escolhidos para a caracterização pormenorizada, realizada no final deste subcapítulo.

Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.3.2., volume 2, podemos observar determinadas características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-1, no TEL, que expomos de seguida.

a) Tipos de Pastas

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, no TEL, a pasta dominante é a III, seguida da X e I. A hierarquia de pastas dominantes nos recipientes é diferente da totalidade dos fragmentos sendo que a pasta dominante é a III, seguida da I e VI. A discrepância presente nas hierarquias dos recipientes e da totalidade dos fragmentos deve-se à presença de fragmentos da ocupação calcolítica.

Se contabilizarmos os bordos identificados com a ocupação calcolítica podemos observar que a hierarquia das pastas usadas nos recipientes é a mesma da totalidade dos fragmentos. Assim, os conjuntos cerâmicos correspondem a uma amálgama de fragmentos cerâmicos de pelo menos duas ocupações humanas de períodos históricos distintos – Calcolítico e Idade do Ferro. As características do conjunto cerâmico da Idade do Ferro devem ser obtidas através da análise dos recipientes e dos fragmentos sem forma, separadamente e de modo cuidado.

Na fase III-1, no TEL, as pastas III, I e VI são aquelas com maior visibilidade seguidas das pastas VII, VIII, X e XII. Nos diversos contextos e na totalidade dos fragmentos, a pasta III encontra-se entre 24 e 30 %, a pasta I entre 13 e 23 %, a pasta VI entre 5 e 25 % e a pasta X entre 10 e 35 %. As pastas VII e XII não excedem os 10 % e a pasta VIII não excede os 14 %. A presença elevada de recipientes nas pastas I, III e VIII apontam para um uso inequívoco destas pastas sendo que 29 a 35 % dos recipientes são de pasta I, 29 a 50 % são de pasta III e 5 a 66 % são de pasta VIII. Assim concluímos que as pastas I, III, VI e VIII são as mais utilizadas na fase III-1, no TEL.

Uma análise mais pormenorizada é realizada no vol. 2, páginas 264 a 268 no entanto podemos dizer que as pastas VII, X e XII são utilizadas na ocupação da Idade do Ferro e com uma importância semelhante à da pasta VIII, as pastas IX e XI estão relacionadas com a ocupação calcolítica, a pasta II encontra-se relacionada com a ocupação posterior da Idade do Ferro (onde foi identificado um recipiente desta pasta) e a pasta V encontra-se, simplesmente, integrada nas ocupações da Idade do Ferro sem que saibamos definir, melhor, a sua importância ou presença.

b) Tratamentos de superfície

Na totalidade da fase III-1, no TEL (tendo em conta a soma dos 3 contextos referidos), os tratamentos de superfície dominantes são: na superfície externa, os polidos (58 %), alisados (25 %), rugosos (5 %) e cepilhados (2 %); na superfície interna, polidos (62 %) e alisados (25 %). Os contextos apresentam uma concordância com os resultados gerais no entanto as percentagens de cada tipo de tratamento de superfície variam. Os polidos encontram-se compreendidos entre 43 e 72 %, os alisados entre 17 e 32 %, os rugosos entre 2 e 7 % e os cepilhados entre 1 e 8 %.

Podemos observar uma concordância, em todos os contextos, entre o tratamento de superfície externo dominante e as conjugações de superfície dominantes – ainda que existam particularidades em cada contexto estudado. A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol (de 28 a 44 %); Pol/Ali (10 a 17 %); Ali/Pol (6 a 22 %); Ali/Ali (8 a 16 %) e Rug/Pol (4 a 11 %). Em todos os contextos a conjugação predominante é a Pol/Pol no entanto a segunda conjugação mais

presente é na A43 a Pol/Alí, na A47 a Alí/Pol e no Lx. 136 a Alí/Alí – como podemos intuir pelas diferenças percentuais.

Podemos então concluir que na fase III-1, no TEL, uma maioria de recipientes apresenta superfícies polidas (externas e internas), seguido de um número ainda significativo de recipientes com superfície externa polida e interna alisada. Os recipientes alisados e polidos podem ser uma minoria no conjunto analisado, ainda que com uma importância relativa.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

A relação entre os tratamentos de superfície e as pastas foi cuidadosamente avaliada e descrita em pormenor no vol. 2, páginas 274 e 275. Com base na análise realizada podemos afirmar o seguinte:

b1.1) Determinado tratamento de superfície *não é exclusivo* de determinado tipo de pasta no entanto *é visível uma preferência* para o uso de determinados tratamentos de superfície em determinadas pastas.

b1.2) Nas pastas X e XI ocorrem, preferencialmente, os polidos e os alisados.

b1.3) Na pasta III ocorrem, preferencialmente, os polidos, alisados e cepilhados.

b1.4) Na pasta I ocorrem, preferencialmente, os polidos e alisados mas também foram identificados areados, grafitados e brunidos sendo que os dois últimos são exclusivos desta pasta. Deste modo, dois tratamentos de superfície ocorrem, inequivocamente, associados a uma única pasta.

b1.5) Nas pastas VI e XII ocorrem, preferencialmente, os alisados, rugosos e cepilhados.

b1.6) Na pasta VII ocorrem, preferencialmente os alisados, cepilhados e espatulados, sendo que este último é exclusivo desta pasta.

b1.7) Na pasta VIII ocorrem, preferencialmente os alisados, areados e cepilhados.

b1.8) Apenas os tratamentos de superfície grafitados, brunidos e espatulados ocorrem associados a uma única pasta sendo que todos os outros ocorrem em várias pastas.

b1.9) Os polidos são maioritários na maioria das pastas sendo a excepção as pastas V, VI e XII. Tal facto pode indicar que os recipientes construídos em pastas VI e XII são pensados, à priori, para possuírem um tratamento de superfície não polido.

b1.10) As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a IX, IV, XI, I e VII. Deste modo a caracterização das pastas deve ter sempre em conta a quantidade de fragmentos que apresentam uma superfície corroída.

b1.11) Foram identificados 8 tratamentos de superfície (alisado, areado, brunido, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. As pastas VI, VII, VIII e XII são aquelas que apresentam maior variedade de tratamentos de superfície sendo

as que apresentam maior versatilidade. Ou seja é mais provável encontrar um polido num fragmento de pasta VI do que um rugoso num fragmento de pasta I.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

A fase III-1, no TEL, é representada por 3 contextos. Apesar do número reduzido de contextos analisados é possível observar diferenças nas características das cores dos fragmentos integrados nestes contextos. O resumo aqui apresentado é realizado com base na descrição realizada no vol. 2, página 276 a 281.

Em relação aos tipos de cores presentes no cerne e superfícies da totalidade dos fragmentos e recipientes, podemos observar o seguinte:

c1) Todos os contextos integrados na fase III-1, no TEL, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro (tipo P), com um intervalo compreendido entre 41 e 63 %.

c2) O tipo de cor C está compreendido entre 15 e 32 % e o tipo de cor VE está compreendido entre 11 e 22 %, no cerne dos fragmentos.

c3) A A43 e o Lx. 136 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes da totalidade dos fragmentos correspondente a P, C, VE e a A47 possui uma hierarquia correspondente a P, VE, C. Como a A43 e o Lx. 136 somam mais fragmentos que a A47, podemos afirmar que na fase III-1 a hierarquia dos cernes dos fragmentos corresponde a P, C, VE.

c4) Analisando as conjugações maioritárias nos 3 contextos podemos observar que na totalidade da fase III-1 as conjugações maioritárias são as seguintes: P-P-P (de 5 a 21 %); VE-P-VE (6 a 16 %); VE-VE-VE (4 a 14 %); C-C-C (6 a 24 %) e A-P-A (4 a 5 %). A conjugação C-C-C parece possuir uma maior importância que as conjugações VE-P-VE e VE-VE-VE mas tal não é verdadeiro pois a presença de 24 % de fragmentos com a conjugação C-C-C encontra-se no Lx. 136 que possui um número muito inferior de fragmentos que as A43 e A47. Concluímos que a A43 e o Lx. 136 são os contextos mais semelhantes entre si embora ainda com algumas diferenças. A A43 revela uma grande importância dos tipos P e VE e o Lx. 136 revela uma maior importância dos tipos C e VE. A A47 revela uma grande importância do tipo VE e P que a aproxima da A43 no entanto a quantidade de fragmentos presente em cada conjugação distancia-a da A43. A A43 revela maior homogeneidade (o valor percentual em cada conjugação de cor é mais alto do que na A47).

c5) No conjunto dos recipientes identificados uma maioria possui cernes de cor de tipo P (na A43 e Lx. 136, com 65 e 67 %, respectivamente), seguido do tipo VE, com uma representação de 41 % na A47. Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam muito sendo que os

tipos C, P e VE são aqueles com maior visibilidade. Na generalidade os resultados apresentados nos bordos e bases são coincidentes com aqueles da totalidade dos fragmentos.

c6) As cores das superfícies dos fragmentos variam muito sendo que tal é visível pelas cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cerne negro. Por exemplo a A43 é o contexto com maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura. Neste contexto 63 % dos fragmentos possuem cerne negro (tipo P), sendo que destes, nas superfícies externas 22 % são de tipo P, 19 % são de tipo VE e 7 % são de tipo C e nas superfícies internas 34 % são de tipo P e 16 % são de tipo VE. A A47 e o Lx. 136 apresentam outras percentagens no entanto é evidente que a maioria dos fragmentos de cerne negro não possui superfícies externas negras.

c7) cremos que a descoloração apresentada nos contextos integrados na fase III-1 do TEL deve estar relacionada com a preservação dos contextos. Sabemos que a descoloração dos recipientes está, em primeiro lugar, relacionada com utilização dos mesmos (uso ao fogo, lavagens, manuseio ao longo do tempo, etc). No entanto as indicações de descoloração encontradas nestes contextos estão de acordo com uma ordem cronológica. A A43 é o contexto menos descolorado sendo o mais antigo e o Lx. 136 é o mais descolorado sendo o mais moderno (dentro da fase em questão). Deste modo, cremos que a descoloração está relacionada, aqui, com a evolução dos estratos que contém os conjuntos cerâmicos.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A análise da tendência de espessura de determinada pasta é realizada com base nos fragmentos dessa pasta presentes em cada contexto. De seguida os resultados de cada contexto são comparados entre si para podermos concluir uma tendência geral. Deste modo, podemos afirmar o seguinte:

d1) A pasta II é usada no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2).

d2) As pastas I, IV, VI e VIII são usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) As pastas III, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e medianas (cats. 4 e 5).

d4) As pastas V, VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

d5) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).

d6) A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é, em ambos, a 3. Nesta fase as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases são, estatisticamente, concordantes.

d7) O gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-1 revela que só as pastas I e III possuem linhas evolutivas. As restantes pastas são representadas por um número reduzido de fragmentos que não permite a construção de gráficos evolutivos. Deste modo, não é possível caracterizar a tendência de espessura (se existente) da maioria das pastas presentes em bordos e bases. Tal como já referimos anteriormente cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura e não revelam uma tendência geral de uso. As espessuras presentes nos bordos dos recipientes são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados. Deste modo, a tendência de espessura das paredes dos recipientes deve ser realizada, unicamente, com base na totalidade dos fragmentos (sendo a sua grande maioria sem forma).

Em relação aos contextos podemos dizer que os contextos revelam bastantes diferenças. Na A43 encontramos maior diversidade ou menor homogeneidade por pasta e fragmentos, tendencialmente, menos espessos em quase todas as pastas presentes, à exceção das pastas I e VI. A A47 e o Lx. 136 revelam algumas semelhanças entre si sendo que os comportamentos das pastas I, III, IV e VI são semelhantes. Estes dois contextos divergem sobretudo no comportamento das pastas VII, VIII e X. Por último, a A47 distingue-se quer da A43 quer do Lx. 136 pela presença, única, da pasta II.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-1 foram identificados 44 bordos sendo que 31 foram reconstituídos (70 % de reconstituição). Contudo, cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. No geral, os contextos presentes revelam uma boa reconstituição da forma, apenas o Lx. 147 (integrado na A43) revela uma reconstituição de 33 %, sendo que todos os restantes estão acima dos 60 %. Concluimos que a fase III-1 encontra-se bastante bem preservada e bem reconstituída.

e1) Na totalidade da fase III-1 estão presentes 13 tipos de formas, a saber: *2c, 3b, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7c, 8a, 8b, B1e, B3b, B6a e B19*. os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (26 %), *8b* (19 %), *6a* (13 %) e *6b* e *B6a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. O comportamento encontrado nos contextos é muito divergente revelando uma

pequena preferência pelas formas *8a* e *8b* a que se segue um uso indiferenciado de muitas outras formas.

e2) Os bordos e bases da fase III-1, no TEL, apresentam as seguintes pastas maioritárias: III (41 %); I (29 %) e X (8 %). As restantes pastas – IV, VI, VII, VIII e XII – apresentam percentagens inferiores a 6 %. Nos recipientes reconstituídos encontramos uma ordem hierárquica de pastas semelhante: III, I e VI, com 43, 32 e 9 %, respectivamente. Podemos observar uma discrepância na ordem das pastas e também na quantidade de pastas, já que nenhum bordo de pasta XII permitiu reconstituição da forma.

Na fase III-1, no TEL, não parece existir uma relação entre os tipos de pastas e os tipos de formas. Ou seja, uma determinada pasta serve para construir vários tipos de recipientes. A pasta III apresenta 9 tipos diferentes, a I apresenta 6 tipos diferentes e a VI apresenta 4 tipos diferentes. As formas que possuem maior número de exemplares (*6a*, *6b*, *8a*, *8b* e *B6a*) também apresentam alguma variedade nas pastas com as quais são construídas. A forma *8a* é aquela que apresenta maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, III, VI, VIII e X), seguida da *6a* e *8b* (I, III e VI), *6b* (I e III) e *B6a* (III). No entanto é visível a preferência por determinados tipos de pastas. O tipo de forma *6b* é o que mostra uma distribuição mais igualitária (1 em cada pasta escolhida), nas formas *6a* e *8a* há preferência pela pasta III, na *8b* pela pasta I e na *B6a* pela pasta III (2 recipientes construídos nesta pasta). Assim podemos concluir *que cada pasta serve para construir muitos tipos de formas contudo determinados tipos de formas são, preferencialmente, construídos em determinados tipos de pastas.*

e3) Cremos existir *uma relação entre o tipo de forma e a capacidade dos recipientes.* Ou seja, determinados tipos de forma possuem sempre capacidades médias e altas e outros possuem sempre capacidades baixas. Podemos dizer que na fase III-1, no TEL, os tipos de recipientes com maior capacidade são o *8a* e *7c* (10 a 20 l) e *6a*, *6b* e *7b* (5 a 10 l). Assim os recipientes maiores são o tipo 6, alguns subtipos do tipo 7 e um subtipo do tipo 8 (*8a*). O subtipo *8b* revela uma tendência para ser construída em recipientes de pequena capacidade, a maioria até 1 l.

A relação entre os tipos de pastas e a capacidade dos recipientes não é evidente. É de notar que pastas I e II nunca são utilizadas em recipientes grandes revelando uma escolha técnica das pastas por parte do/a artesão. No entanto os recipientes de grande capacidade foram construídos nas pastas VI, VII e III. Cremos que não existe uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade, pois recipientes de grande capacidade são construídos em vários tipos de pastas tendo estas características diferentes. As pastas III e VII pertencem a um determinado grupo e suas características e as pastas VI e VIII a outro grupo distinto. Colocamos a

hipótese das pastas I e II serem escolhidas para o fabrico de recipientes de pequena capacidade devido a uma conjugação de características neste tipo de recipientes. É possível que a pasta I suporte a execução de um recipiente de grandes dimensões no entanto é usada em recipientes de pequena capacidade pois, geralmente, estes apresentam determinadas características nos tratamentos de superfície (polidos e brunidos) e cor (negros) – que podem ser facilitadas pelo uso da pasta I.

Na fase III-1 no TEL, é evidente a importância de recipientes de pequena capacidade que cremos estarem de acordo com o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro. É visível uma distribuição, genericamente, equitativa por todos os tipos de capacidade sendo que não foi identificada uma clara predominância de determinadas capacidades. A distribuição dos recipientes pelos vários tipos de capacidade é a seguinte: 1) 43 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que dos dois tipos o 2 é o mais usado; 2) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l (29 %) e de 2 a 5 l (32 %) são os mais numerosos e 3) 25 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l.

e4) Os tipos de bordo dominantes na fase III-1 são: o tipo 1 (40 %), seguido do 4 (13 %), do 2 (10 %) sendo que o tipo 3 é, claramente, minoritário e o tipo 5 encontra-se ausente. *Podemos afirmar que não existe uma relação evidente entre os tipos de bordo e os tipos de forma.* Ou seja, um determinado tipo de forma possui os mais variados subtipos de bordo. Se excluirmos determinados tipos de recipientes que possuem determinados tipos de bordo pois tal está relacionado com a tipologia de formas podemos ver que os restantes *nem sempre* revelam uma relação de preferência com determinado tipo de bordo. Contudo podemos observar que o subtipo de forma *8a* revela uma preferência clara pelos tipos de bordo 4, o subtipo *8b* revela uma preferência pelos tipos de bordo 1 e, no geral o tipo de bordo 1 é, claramente, o preferido para todo o tipo de formas.

A variedade de bordos presente indica uma certa liberdade inventiva e uma ausência de restrições estilísticas. No entanto parece existir uma preferência por determinados tipos de bordo, que se encontram em maior número dentro da grande variedade existente. Esses bordos são o B1 a1 e B1 a7 (em 13 % do recipientes cada), B1 a5 (10 %), B1 a3, B2 b1, B2 b4, B4 a4 e B4 b2 (6 % cada). Na análise geral dos bordos a presença de cada tipo é diferente daquela dos recipientes, no entanto continua a ser evidente a importância dos tipos B1 a1 e B1 a7. Destacam-se também o B1 a5, B2 b4 e B4 b2 sendo que fica matizada a importância dos tipos B1 a3, B2 b1 e B4 a4.

e5) Os tipos de base dominantes são o 1 (19 %), seguido do 3 (6 %), do 5 (4 %) sendo que os outros tipos (2 e 6) são muito residuais. A análise revela que não existe uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes. A categoria de ângulo de base dominante é a 5 sendo que revela a presença de recipientes de panças redondas levemente achatadas seguida da categoria 4 relacionada com recipientes de panças arredondadas suavemente. A análise das bases

revela que 65 % dos recipientes com base dizem respeito a recipientes de pança globular, 26 % dizem respeito a recipientes de forma troncocónica e 9 % dizem respeito a recipientes tipo prato.

Podemos concluir que o conjunto cerâmico da fase III-1, no TEL, apresenta uma maioria de recipientes de perfil em “S” ainda que acompanhada por outro tipo de recipientes, tais como as formas tipo prato, tigela baixa quer com fundo plano quer globular e troncocónicos (que podem perfazer até 30 % da totalidade dos recipientes).

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto de 1599 fragmentos da fase III-1 foram identificadas três asas. Se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos menos de 1 % correspondem a asas. Contudo se tivermos em conta os bordos e bases presentes na A43 – ao qual todas as asas pertencem – podemos observar que 11 % dos recipientes poderiam possuir asas.

Duas das asas foram realizadas em pasta X – CP-03-3539 e 3559 (est. LXIII, 1) e CP-03-3560 (est. LXIII, 8) – e uma em pasta VIII – CP-03-7615 (est. LXIII, 5). Na A43 foram identificados 2 bordos em pasta X e uma base em pasta VIII no entanto não podemos afirmar que estas asas pertenceriam a estes recipientes em particular.

É de notar que o fragmento de asa CP-03-7615 pode ter pertencido a uma asa localizada algures na pança do recipiente de colagem horizontal e não vertical, como todos os tipos definidos e encontrados na totalidade do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-1, no TEL, apresenta 34 fragmentos decorados conotados com a Idade do Ferro que representam 2 % do total de fragmentos. No entanto dos 34 fragmentos apenas são contabilizadas 15 decorações passíveis de se encontrarem em recipientes distintos. cremos que 19 a 34 % dos recipientes podem ser decorados pois 6 dos 31 recipientes reconstituídos são decorados (19 %) e existem 15 decorações em 44 bordos distintos (34 %).

As 15 decorações presentes na fase III-1 encontram-se nas seguintes estampas do vol. 2: XXX, 17; LVIII, 2; LIX, 5; LXI, 9 e 10; LXII, 4, 6 e 9 e 17; LXIV, 1 e 2; LXV, 1; LXVI, 8; LXVII e LXVIII. O recipiente 474 (LXVII) foi conotado com a Idade do Bronze devido à sua morfologia no entanto a decoração poderá ser integrada na Idade do Ferro. Deste modo todas as decorações presentes encontram-se integradas na Idade do Ferro.

Na fase III-1, no TEL, foram usadas 8 técnicas decorativas: incisão simples, estampilhado de motivo único, cepilhado, brunido, decoração espatulada, decoração plástica, incisão a torno e

penteados. Nesta fase foram usados 7 instrumentos decorativos: um pente 2 de 3 puas; um pente 3; instrumentos de incisão 1, 2 e 4; um carimbo simples que consiste em círculos concêntricos com duas voltas e com 3 voltas.

g1) Caracterização genérica das decorações

Na fase III-1, no TEL, encontram-se integradas dez organizações decorativas, a saber: I, III, V, VI, IX, X, XI, XIV, XXI e XXXIV. A organização decorativa maioritária é a XXXIV (27 %), que diz respeito às decorações estampilhadas, sendo seguida pela organização decorativa III (13 %), que diz respeito às decorações cepilhadas. Todas as outras organizações decorativas distribuem-se de uma forma regular não se destacando nenhuma em particular – se tivermos em conta apenas a estatística. Ou seja, um único fragmento decorado tem o mesmo valor estatístico que um recipiente decorado no entanto, sabemos que a caracterização completa dos recipientes permite um nível de informação muito superior à dos fragmentos de tamanho reduzido. Deste modo as organizações decorativas XI, XIV e XXI dizem respeito a recipientes extremamente bem preservados, sendo a sua caracterização considerada óptima, bem como o conhecimento dos mesmos.

As decorações da fase III-1, do TEL, revelam uma tradição de decorações realizadas a linha incisa, no colo, que cremos proveniente da Idade do Bronze, (revelando-se em mais de 50 % de recipientes incisos e em 27 % de decorações realizadas no colo). As decorações revelam também uma relação ténue e esbatida com as decorações próprias da pré-História regional, como a I, V, que aqui só constituem 12 % dos recipientes. E, por último, revelam uma forte presença de decorações próprias da Idade do Ferro – III e XXXIV – que constituem 40 % das decorações identificadas. Também podemos observar uma quase ausência da técnica do penteado que evidencia todas as restantes decorações – incisas simples ou espatuladas, decorações plásticas e também estampilhadas.

g2) Pastas dos recipientes decorados

Os recipientes decorados foram construídos em pasta I (34 % das 15 decorações), seguida da III (27 %) e das VI, VIII e X (13 % cada). Podemos ver que esta hierarquia não é coincidente com aquela obtida na análise dos bordos e bases integrados na fase III-1, que era: III, I, X, VI e VIII. Assim podemos observar que a pasta III possui mais recipientes lisos do que a pasta I e que é mais provável que as pastas VI e VIII apresentem decorações do que a pasta X. É também evidente a importância da pasta I na escolha da realização de recipientes decorados.

As decorações presentes na pasta VI são a III e XXXIV sendo que tal revela e alicerça a ideia de que a pasta VI constituía uma ruptura com o Passado.

O recipiente 474, realizado em pasta X (est. LXVII) de clara importância no contexto desta ocupação constituiu uma ligação ao passado através do uso de uma pasta de tradição pré-histórica à qual se alia uma técnica decorativa de longa duração (incisão simples).

g3) Localização da decoração nos recipientes

Podemos afirmar que as decorações são, preferencialmente, realizadas no colo (27 %), de seguida na linha de diâmetro máximo localizada na pança (20 %) e, por último, na linha colo/pança 13 %. Por exemplo nos 5 recipientes reconstituídos, dois revelam apenas decoração no colo. A decoração no bordo (presente num recipiente) é muito rara no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

A análise dos recipientes decorados presente na fase III-1, no TEL, permite concluir que esta fase, nesta zona habitacional, apresenta um número considerável de recipientes decorados e uma boa variedade decorativa. A A47 é o contexto com maior número de recipientes decorados e também maior variedade decorativa onde estão presentes as organizações decorativas III, V, VI, IX e XXXIV. A A43 possui dois recipientes decorados com duas organizações decorativas distintas – XI e XIV sendo que o recipiente 474 (org dec. XIV) é dos elementos mais caracterizantes desta ocupação. O Lx. 136 possui um recipiente decorado com a organização decorativa X – o único penteado identificado nesta ocupação.

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes

A43) Na A43, as pastas dominantes são a I, III, XII e X, tendo em conta os recipientes e totalidade dos fragmentos. Neste contexto, 72 % das superfícies externas são polidas sendo que apenas 17 % são alisadas. Identificamos 4,21 % de cepilhados, rugosos e areados. As conjugações de tratamentos de superfície dominantes são: Pol/Pol, Pol/Alí e Rug/Pol, tendo a última uma representação de 11 %. Podemos observar que uma maioria de recipientes polidos e que se encontram associados às pastas I, III e X. A conjugação Rug/Pol (que revela a presença de um recipiente destas características) encontra-se associada à pasta VI. A pasta XII encontra-se associada a superfícies alisadas. A A43 possui uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE (41, 16 e 11 %). Este contexto possui a seguinte hierarquia de conjugações de cor: P-P-P (21 %), VE-P-VE (16 %), C-C-C (8 %) e A-P-A (5 %). Estas conjugações de cor correspondem a metade da totalidade dos fragmentos sendo que podemos concluir que os tipos de cor P e C são mais evidentes, nas superfícies, que os tipos VE e A, sendo que tal está de acordo com a coloração dos cernes dos fragmentos. Neste contexto, a pasta I apresenta recipientes de paredes com espessuras

finas/médias – mais espessas que na A47 –, a pasta III foi utilizada em recipientes de paredes finas – os mais finos da A43 e ainda menos espessos que na A47. A pasta VI apresenta poucos fragmentos mas aponta para recipientes de paredes de espessuras médias, tal como os de pasta XII. A pasta X apresenta recipientes de paredes médias / grossas, sendo as mais espessas presentes neste contexto – juntamente com os recipientes de pasta VII.

A47) Na A47, as pastas dominantes são a III, I, VI e X, tendo em conta os recipientes e totalidade dos fragmentos. Neste contexto, 43 % das superfícies externas são polidas sendo que 32 % são alisadas. Identificamos 10,37 % de cepilhados, rugosos e areados associados às pastas III e VI. As conjugações de tratamentos de superfície dominantes são a Pol/Pol; Ali/Pol; Pol/Ali; Ali/Ali e Rug/Pol tendo esta última uma representação de 6 %. A conjugação Cep/Pol tem uma representação de 3 %. Podemos observar um certo equilíbrio entre recipientes de superfícies polidas e alisadas e a presença de recipientes rugosos e cepilhados. Existe uma maior variedade de tratamentos de superfície na A47 se comparada com a A43. Podemos relacionar os tratamentos de superfície polidos e alisados às pastas I, III e X e os tratamentos rugosos e cepilhados às pastas III e VI, como já referido. A A47 possui uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C (53, 20 e 15 %). Este contexto possui a seguinte hierarquia de conjugações de cor: VE-VE-VE (9 %), P-P-P (9 %), C-C-C (6 %) e VE-P-VE (6 %). Estas conjugações de cor correspondem a 30 % dos fragmentos sendo que os restantes fragmentos agrupam-se em conjugações de cor com uma importância inferior a 6 %. Podemos ver que este contexto é menor homogéneo que a A43, apresentando maior variabilidade na cor dos fragmentos. Aqui, também, podemos observar uma maior visibilidade do tipo VE (dentro do próprio contexto). Os recipientes da A43 são, genericamente, mais claros e com cores mais diversas do que aqueles da A43. Neste contexto a pasta I apresenta recipientes de paredes com espessuras finas e as pastas III, VI, X e XII apresentam recipientes de paredes com espessuras medianas.

7.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

A fase III-1, na área norte, é representada por 9 contextos – *Lxs. 61, 71, 110, 115, 79, A56, A33, A32 e A52* – que foram analisados através de diversos factores de avaliação. A fase III-1 é representada por um total de 2413 fragmentos cerâmicos, 64 bordos conotados com a Idade do Ferro

(sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento, 31 bases e 31 recipientes “reconstituídos” (48 % do total de bordos).

Os recipientes “reconstituídos” da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-1) presentes na área norte encontram-se em todos os contextos estudados. Os contextos A56, A32 e Lx. 115 foram escolhidos para a caracterização pormenorizada, realizada no final deste subcapítulo.

Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.3.3., volume 2, podemos observar determinadas características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-1, na área norte, que expomos de seguida.

a) Tipos de Pastas

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, na área norte, a pasta dominante é a I, seguida da III, VIII e VI. A hierarquia de pastas dominantes nos recipientes é diferente da da totalidade dos fragmentos sendo que a pasta dominante é a III, seguida da I, VIII, VI e II.

Na fase III-1, na área norte, as pastas I, III, VIII e VI são aquelas com maior visibilidade seguidas das pastas II, IV e VII. Nos diversos contextos e na totalidade dos fragmentos, a pasta I encontra-se entre 19 e 44 %, a pasta III entre 25 e 45 %, a pasta VIII entre 17 e 38 % (para ser uma pasta maioritária tem que ter no mínimo 17 % de fragmentos de pasta VIII) e a pasta VI entre 24 e 25 % (a pasta VI para ser uma pasta maioritária tem que ter no mínimo 24 % de fragmentos de pasta VI). A pasta II não excede os 7 %, a pasta VII não excede os 15 % e a pasta IV não excede os 23 %.

A análise pormenorizada realizada no vol. 2, presente nas páginas 293 a 297 revela a presença de 3 grupos e dois contextos discrepantes. Podemos dizer que os Lxs. 110, 115, A56, A32 e Lx. 79 apresentam bastantes semelhanças nas pastas presentes, ainda que se subdividam em dois grupos. O 1º grupo é constituído pelos Lxs. 110, 115 e a A56 que revelam a hierarquia I, III, VII, IV. A pasta I com uma presença de 35 a 44 %, a pasta III com uma presença de 30 a 45 %, a pasta VII compreendida entre 4 e 13 % e a pasta IV entre 4 e 23 %. O 2º grupo é constituído pelas A32 e o Lx. 79 que revelam a hierarquia de pastas I, III, VIII, sendo que a presença de pasta VIII está compreendida entre 17 e 19 %. Os Lxs. 61 e 71 constituem um 3º grupo e são semelhantes na presença de pasta X (23 a 33 %). Contudo estes dois contextos discordam na hierarquia de pastas. As A33 e A52 são os contextos mais discrepantes apresentando uma grande quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII, respectivamente. A A52 é o contexto com maior presença de fragmentos de pasta VIII (38 %), com uma baixa presença de pasta I, só comparável ao Lx. 71 e A33 e com uma presença normal de fragmentos de pasta III. A A33 revela uma hierarquia discrepante em relação aos restantes contextos que é a III/VI/I, com 26, 24 e 19 %, respectivamente. A presença de 24 % de

fragmentos de pasta VI na A33 aproxima-a do Lx. 61, onde estão presentes 25 % de fragmentos de pasta VI.

Em resumo, na fase III-1, na área norte, são utilizadas as pastas *I, II, III, VI VII e VIII* – sendo evidente a utilização das pastas *VI e VIII* próprias da ocupação da Idade do Ferro – e abandonadas as pastas tipicamente calcolíticas – *IV e X*.

b) Tratamentos de superfície

Nos diversos contextos da fase III-1, na área norte, os polidos encontram-se compreendidos entre 41 e 66 %, os alisados entre 51 e 58 % e os areados, cepilhados e rugosos encontram-se compreendidos entre 0,57 e 24 %. Na soma de todos os contextos os alisados correspondem a 44 % e os polidos a 38 % e os areados, cepilhados e/ou rugosos a 5,26 % sendo que as discrepâncias apresentadas encontram-se relacionada com o número de fragmentos por contexto.

Os contextos foram divididos em dois grandes grupos consoante o tratamento de superfície externo dominante e as quatro conjugações de superfície dominantes. O 1º grupo é composto pelos seguintes contextos: Lx. 61, 71, 110, 115, A56 e A52. Estes 4 contextos possuem a seguinte hierarquia: Pol/Pol (28 a 53 %); Ali/Ali (15 a 29 %); Pol/Ali (13 a 19 %) e Ali/Pol (9 a 18 %). O Lx. 61 destaca-se pela presença muito alta da conjugação Pol/Pol (53 %) e a A52 destaca-se pela presença da conjugação Rug/Pol (22 %) em segundo lugar. O 2º grupo é composto pelos seguintes contextos: A32, A33 e Lx. 79, sendo que todos eles são bastante semelhantes entre si. A hierarquia obtida é a seguinte: Ali/Pol (33 a 37 %), Ali/Ali (17 a 18 %), Pol/Ali (15 a 18 %), Pol/Pol (8 a 14 %). Podemos observar que dominam os recipientes de superfícies externas e internas polidas, seguidos daqueles de superfícies externas e internas alisadas, dos de superfícies externas alisadas e internas polidas e, por último, daqueles com superfícies externas polidas e internas alisadas. Cremos ser visível uma certa noção de totalidade nos tratamentos de superfície dos recipientes, ou seja, *não há uma distinção clara entre superfícies externas e internas*.

Podemos também observar que cada um dos contextos possui as suas características particulares sendo que os Lxs. 71, 115 e A56 destacam-se pela presença de recipientes alisados e polidos, a A32 e o Lx. 79 destacam-se pela presença de alguns recipientes rugosos e cepilhados (para além dos polidos e alisados) e a A52 e A33 destacam-se pela presença de recipientes cepilhados e areados para além da presença de rugosos externos.

A análise dos tratamentos de superfície dos contextos integrados na fase III-1, na área norte, permite concluir que *não ocorre uma substituição de uns tratamentos de superfície por outros*. Quer dizer que, existe uma relação entre os vários tratamentos de superfície num mesmo contexto sendo

que quando uns são majoritários outros são minoritários. Contudo não há uma relação proporcional que se revele da mesma forma em todos os contextos. Tal é visível no comportamento dos tratamentos de superfície areados, cepilhados, rugosos e alisados. Os contextos com uma presença elevada de alisados podem possuir ou não uma presença elevada de areados, cepilhados e/ou rugosos. Assim, concluímos que não há uma relação proporcional entre eles, quer dizer, os alisados não substituem os areados, cepilhados e/ou rugosos ou o inverso.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

Podemos dizer que no *Lx. 61*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VI e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com a pasta VI. No *Lx. 110*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VI e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com a pasta III. No *Lx. 115*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VI. Na *A56*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta III. Na *A33*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com as pastas VI e VIII e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com as pastas VI e I. Na *A32*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VIII e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com a pasta VIII e I. No *Lx. 79*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VIII e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com a pasta VIII e I. Na *A52*, o tratamento de superfície rugoso encontra-se relacionado com a pasta VIII e VI e o tratamento de superfície cepilhado encontra-se relacionado com a pasta VIII e III.

Podemos observar que os tratamentos de superfície rugosos e cepilhados encontram-se relacionados com as pastas VI e VIII. É interessante observar que num mesmo contexto quando os rugosos estão associados à pasta VI, os cepilhados também se encontram associados. E noutro contexto quando os rugosos estão associados à pasta VIII, os cepilhados também se encontram associados à mesma pasta. Cremos que os rugosos, areados e cepilhados constituem um grupo de tratamentos de superfície que é entendido e percebido da mesma forma.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

O resumo aqui apresentado é realizado com base na descrição realizada no vol. 2, das páginas 305 a 311. Em relação aos tipos de cores presentes no cerne e superfícies da totalidade dos fragmentos e recipientes, podemos observar o seguinte:

c1) Todos os contextos integrados na fase III-1, na área norte, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro (tipo P), com um intervalo compreendido entre 44 e 61 %.

c2) O tipo de cor VE está compreendido entre 22 e 32 % e o tipo de cor C está compreendido entre 13 e 22 %, no cerne dos fragmentos.

c3) Quase todos os contextos, à excepção dos Lxs. 71 e 110, possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C. Os intervalos das presenças dos tipos de cor correspondem ao da totalidade dos contextos.

c4) Os contextos não são concordantes nas hierarquias de conjugações de cor. Assim, os contextos foram agrupados em dois grupos. O 1º grupo é constituído pelos Lxs. 61, 71, 110 e 115 sendo que as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C (12 a 19 %), P-P-P (4 a 24 %), C-P-C (7 a 15 %) e VE-VE-VE (8 a 17 %). O 2º grupo é constituído pelas A56, A33, A32, Lx. 79 e A52 sendo que as conjugações maioritárias são as seguintes: VE-VE-VE (13 a 18 %), P-P-P (6 a 10 %), A-P-A (5 a 11 %) e VE-P-VE (1 a 8 %).

c5) Os recipientes identificados nos diversos contextos revelam uma maioria de cernes negros. Os Lxs. 71, 110, 115 e A56 possuem uma maioria de recipientes de cernes negros (de 60 a 78 %). Os Lxs. 71 e 110 apresentam uma maioria de recipientes de superfícies de cores escuras (tipos C e P) e o Lx. 115 e a A56 apresentam uma maioria de recipientes de superfícies de cores de tipos VE e A. Os restantes contextos – A33, A32, Lx. 79 e A52 – possuem tipos de cores semelhantes quer nos cernes quer nas superfícies dos recipientes, com evidente importância do tipo VE – mais de 25 % dos recipientes possuem cernes de tipo VE. A avaliação dos recipientes encontra-se genericamente de acordo com a avaliação da totalidade dos fragmentos.

c6) A avaliação da variação das cores nas superfícies dos fragmentos foi realizada a partir da observação do comportamento dos fragmentos de cerne negro. Por exemplo, no Lx. 115, 45 % dos fragmentos com cerne negro possuem superfície externa também negra. Na A33 apenas 26 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas, também, negras. Deste modo, os contextos agrupam-se consoante as suas características. Nos Lxs. 115, 61 e 110 são evidentes as cores escuras, negros e castanhos-escuros (tipos P e C, por esta ordem de importância). Estes contextos possuem as presenças mais altas do tipo P quer nas superfícies externas (de 27 a 45 %), quer nas superfícies internas (de 52 a 59 %). Os Lx. 71 e A56 revelam a importância dos tipos C e A, sendo que a maioritária é o tipo C. Estes contextos possuem as presenças mais baixas do tipo P nas superfícies externas (11 e 15 %) e nas superfícies internas (35 e 44 %). As A33, A32, A52 e Lx. 79 revelam a importância dos tipos A, P e VE, sendo que a maioritária é o tipo A. Estes contextos possuem presenças medianas do tipo P quer nas superfícies externas (de 23 a 26 %), quer nas superfícies

internas (cerca de 50 % em quase todos os contextos). Assim podemos observar uma diferença que se mantém em todos os factores de avaliação de cor entre os Lxs. 61, 71, 110, 115 e A56 e as A33, A32, Lx. 79 e A52.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

Podemos resumir do seguinte modo os resultados obtidos nos contextos da fase III-1, na área norte.

d1) A pasta II ocorre em recipientes de paredes muito finas (cats. 2 e 3).

d2) As pastas I, VI, VIII e IX ocorrem, maioritariamente, em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) As pastas III, IV e X ocorrem em recipientes de paredes finas / médias (cats. 4 e 5) sendo que destas e pasta IV é aquela que ocorre em recipientes de paredes com espessuras mais grossas.

d4) As pastas VII e XI ocorrem em recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

d5) A pasta XII não permitiu a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos e a caracterização das pastas VIII e IX é bastante frágil pois baseia-se também num número muito reduzido de fragmentos.

d6) À excepção dos fragmentos de pastas VII e XI, a espessura dos fragmentos pode ser considerada mediana sendo que as categorias mais correntes são a 3 e 4.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-1 foram identificados 64 bordos sendo que 31 foram reconstituídos (48 % de reconstituição). Contudo, cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 25 a 100 %. Concluímos que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação média baixa pois, apenas, 48 % dos bordos permitiram reconstituição.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-1 estão presentes 16 tipos de formas, a saber: *1b, 2b, 2c, 3b, 6a, 8a, 8b, 9a, B1c, B3b, B5a, B5b, B5e, B6b, B11 e B14a*. Os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (23 %), *6a* (13 %), *1b e 8b* (10 %) e *B5e* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %, que correspondem a um único exemplar por tipo de forma identificado. Os contextos revelam uma boa diversidade de formas se tivermos em conta as possibilidades do número total de bordos presentes. No geral, os contextos possuem 1 a 5

formas diferentes das 16 no total e possuem 2 a 7 recipientes reconstituídos. Por exemplo, o Lx. 71 possui 7 recipientes reconstituídos onde foram identificadas 5 formas diferentes e o Lx. 61 possui 2 recipientes reconstituídos onde foram identificadas 2 formas diferentes.

e2) Alguns contextos apresentam recipientes conotados com a Idade do Bronze já que 29 % dos recipientes reconstituídos da fase III-1 são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional. Os contextos com maior presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze são: A56 (com 75 % dos recipientes reconstituídos conotados com a Idade do Bronze) e Lx. 115 (60 %). Podemos ver que a A56 e o Lx. 115 apresentam uma maioria de recipientes reconstituídos conotados com a Idade do Bronze, sendo que cremos que estes contextos podem corresponder a uma ocupação contínua. Sabemos que o Lx. 115 se localiza sobre estratos de ocupação integrados na Idade do Bronze, no entanto a zona onde se localiza a A56 não foi escavada na totalidade.

e3) As pastas dos recipientes. Os recipientes reconstituídos são construídos em 8 pastas – I, II, III, IV, VI, VII, VIII e X – tal como a totalidade dos bordos e bases. No entanto as percentagens presentes na totalidade dos bordos e bases e aquela presente nos recipientes reconstituídos são, ligeiramente, diferentes. Os recipientes reconstituídos são realizados em pastas I (32 %), III (29 %), II e X (10 % cada), IV e VI (6,5 % cada) e VII e VIII (3 % cada). Na totalidade dos bordos e bases a hierarquia é a seguinte: III (40 %), I (24 %), VII e VIII (7 % cada), II e VI (6 % cada), IV (4 %) e X (3 %). Cremos que a hierarquia da totalidade dos bordos e bases corresponde a uma realidade mais fiável do que aquela dos recipientes reconstituídos.

A análise às pastas dos recipientes reconstituídos permite concluir que não existe uma relação entre tipos de recipientes e tipos de pasta, ou seja, determinado tipo de pasta é usado em muitos tipos de recipientes.

O conjunto cerâmico da Idade do Ferro da fase III-1 é caracterizado por recipientes construídos nas pastas I e III. Podemos dizer que há uma clara predominância das pastas I e III sendo estas pastas usadas em recipientes de formas diferentes. As pastas II, VI, VII, VIII e X foram utilizadas de um modo minoritário, sendo que consideramos o seu uso claramente esporádico.

e4) Capacidade dos recipientes.

No conjunto de recipientes reconstituídos da fase III-1, na área norte, estão presentes recipientes, pequenos, médios e grandes ainda que com uma predominância de recipientes pequenos e médios. As características presentes no conjunto podem dever-se a uma reconstituição parcial do mesmo e a uma tendência para uma maior reconstituição dos recipientes pequenos. No entanto não deixa de ser importante notar que a maioria dos recipientes são pequenos e médios e, muito

provavelmente, relacionados com a função de cozinhar ou servir alimentos para serem consumidos de uma forma imediata.

Podemos observar que: *i)* os recipientes considerados de grande capacidade constituem 6 % do total; *ii)* 52 % do conjunto possuem uma capacidade até 5 litros e *iii)* as categorias de capacidade maioritárias são a 2 e 4 (representadas em cerca de 40 %).

Em relação às formas podemos dizer que: *1)* as taças rectas são os recipientes mais pequenos estando integrados na categoria 1; *2)* os globulares são recipientes pequenos e médios (cats. 2 e 4); *3)* uma maioria dos recipientes de perfil em “S” pequenos (cats. 2 e 3), de seguida médios (cat. 4) sendo que apenas 15 % podem ser considerados grandes (cats. 5 e 7); *4)* os recipientes considerados grandes são todos de perfil em “S”; *5)* o tipo de forma 8a é aquele que apresenta recipientes de maior tamanho e *6)* cremos que há uma relação entre tipo de forma e a capacidade do recipiente.

Sobre a relação das pastas e capacidade dos recipientes podemos dizer que na fase III-1, na área norte, *não é visível uma relação intrínseca entre tipos de pastas e capacidades dos recipientes*. Deste modo uma mesma pasta, por exemplo a pasta I, possui recipientes construídos em várias categorias de capacidades – 1, 2, 3 e 4. Também não é visível *uma relação entre os tipos de formas e as pastas dos recipientes* pois, por exemplo, as taças rectas são construídas em três pastas diferentes – I, VI e X – e os globulares são construídos em 4 pastas diferentes – I, III, IV e VIII.

e5) Tipos de bordos dominantes

Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de bordo dominante é o tipo 1 (47 %), seguido do tipo 4 (22 %), tipo 2 (15 %), tipo 3 (11 %) e, por último, o tipo 6 (3 % cada). A distribuição dos vários tipos de bordo é diferenciada, ou seja, um mesmo tipo de bordo não ocorre em todos os contextos e não possui a mesma distribuição em todos os contextos onde ocorre. A análise da distribuição dos tipos de bordo permite observar que o tipo de bordo 2 se encontra mais presente nos contextos integrados na PIN2 e o tipo de bordo 4 encontra-se mais integrado nos contextos da PIN2.1. Colocamos a hipótese interpretativa da presença do tipo de bordo 2 nos contextos da PIN2 se relacionar com a preservação da ocupação da Idade do Bronze. Este tipo de bordo encontra-se bastante visível na ocupação da Idade do Bronze da área norte sendo que a perduração do seu uso pode ser uma preferência cultural.

Também colocamos a hipótese interpretativa de os vários tipos de bordo se relacionarem com funções dos recipientes. Desse modo a preferência do tipo de bordo 4 na PIN 2.1 pode estar relacionada com a funcionalidade daquele determinado conjunto cerâmico.

A análise da distribuição dos vários tipos de bordo pelos vários tipos de forma permite concluir que *qualquer tipo de bordo ocorre em qualquer tipo de forma quando o tipo de bordo não integra a definição do tipo de forma.*

Na totalidade dos bordos identificados na fase III-1, na área norte, 64 % são representados, unicamente por um exemplar (16 de 25 subtipos) sendo que é visível uma grande variedade de tipos de bordos. Ainda, assim, alguns tipos ocorrem com uma boa frequência sendo que os tipos de bordo mais correntes são o B1 a9 e B4 b2 (12,5 % do total), B1a5 (11 %), B1 a7 (9 %) e B2 b4 (6 %). Os tipos B1 a1, B2 b5, e B3 a2 são representados por 3 exemplares cada (5 % cada).

A variedade presente nos tipos de bordos; a utilização esporádica de uma maioria de tipos de bordos; a utilização corrente de um número restrito de tipos de bordos leva-nos a lançar a hipótese interpretativa de que o bordo é tratado como um elemento decorativo. Ou seja, determinada forma se possuísse determinado tipo de bordo era considerada uma forma decorada e não lisa.

e6) Caracterização das bases

Na totalidade da fase III-1, na área norte, o tipo de base dominante é o tipo 1 (68 %), seguido do tipo 2 (13 %), do tipo 3 (10 %) e, por último, do tipo 5 (3 %). A distribuição dos vários tipos de bases nos contextos é diferenciada no entanto, não detectamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação. Podemos observar que cada tipo de base encontra-se presente na PIN2 e PIN2.1 (em algum contexto destas área habitacionais).

Em relação às pastas presentes nas bases podemos dizer que uma maioria de bases é construída em pasta III (48 %), seguida da pasta I (19 %), pastas VI e VII (com uma representação de 10 % cada), pasta VIII (7 %) e pastas II e IV (3 % cada). Deste modo podemos observar, no geral, um desfasamento entre a distribuição dos bordos e das bases. Ao analisarmos o número de bordos e bases presentes em cada uma das pastas concluímos que os recipientes realizados em pasta I possuem mais fundo côncavos do que aqueles realizados em pasta III. A análise permite ver que o número de bases na pasta III equivale a 71 % do número de bordos e o número de bases na pasta I equivale, apenas, a 30 % do número de bordos. É possível observar uma distribuição diferenciada nas diversas pastas sendo que os recipientes de pastas VI, VII e III possuíam, muito provavelmente, fundos planos. Os recipientes de pastas VIII, IV, I e II possuíam quer fundos planos quer fundos côncavos.

A análise do ângulo das paredes das bases permite concluir que não existe uma relação entre a morfologia da base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois um mesmo tipo de base possui vários tipos de ângulo de parede. A angulação das paredes relacionadas com as bases permite caracterizar a morfologia das panças relacionadas com estas bases. Deste modo, podemos observar

que 50 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico (cats. de ângulo 4 e 5), cerca de 30 % correspondem a vasos troncocónicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio (cats. 1 a 3) e 10 % correspondem a recipientes tipo prato (cats. 6 a 9).

e7) Características gerais dos recipientes presentes na fase III-1

O conjunto de recipientes reconstituídos revela um conjunto onde apenas 48 % são de perfil em “S” (*tipos 6a, 8a, 8b e 9a*, 15 exemplares). Do total, que engloba recipientes da Idade do Ferro e conotados com a Idade do Bronze, 29 % são globulares de vários tipos (*tipos 2b, 2c, B1c, B5a, B5b, B5e e B14a*, 9 exemplares), 16 % são taças rectas (*tipos 1b, 3b e B3b*, 5 exemplares) e 7 % são recipientes carenados (*tipos B6b e B11*, 2 exemplares). No entanto se tivermos em conta, unicamente, os recipientes conotados com a Idade do Ferro podemos observar que 68 % correspondem a recipientes de perfil em “S”.

As bases integradas na fase III-1, na área norte, correspondem a 48 % do número de bordos sendo que podemos lançar a hipótese interpretativa de que uma parte significativa de recipientes podem não possuir fundo recto. Poderíamos também entender que sendo as bases mais pequenas que a maioria das bocas dos recipientes, a sua conservação seria realizada de modo diferenciado sendo que as diferenças estatísticas entre bordos e bases estariam relacionadas com a preservação. No entanto é importante referir que em todos os contextos há um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos e o desfasamento entre o número de bordos e bases é mais evidente numa pasta do que noutras. Estes dois factores revelam que a discrepância entre o número de bordos e bases é algo profundamente significativa sendo que esta discrepância não deve ser entendida através da má conservação dos estratos.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase III-1, na área norte, foi identificada uma única asa (CP-03-13829, est. XL, 8). Se tivermos em conta os 64 bordos identificados nesta fase, podemos dizer que 1,6 % dos recipientes possuíam asas. No entanto tendo em conta que esta asa pertenceu a um recipiente de pasta I e pertence ao Lx. 70.2 (A56) onde estão presentes 5 bordos de pasta I, podemos dizer que a presença de recipientes com asas pode estender-se até 20 % (pelo menos no que se refere à A56). É visível um grande desfasamento entre umas percentagens e outras sendo que cremos que não é possível avaliar convenientemente a representação de recipientes com asas nos contextos da Idade do Ferro, relativa à fase III-1, na área norte.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

A fase III-1, na área norte, apresenta 22 fragmentos decorados conotados com a Idade do Ferro que representam cerca de 1 % do total de fragmentos. No entanto dos 22 fragmentos apenas são contabilizadas 19 decorações passíveis de se encontrarem em recipientes distintos. Cremos que 19 a 29 % dos recipientes podem ser decorados pois 6 dos 31 recipientes reconstituídos são decorados (19 %) e existem 19 decorações em 64 bordos distintos (29 %).

As 19 decorações presentes na fase III-1 encontram-se nas seguintes estampas do vol. 2: XXVII, 4, 6 e 20; XXVIII, 11; XXIX, 5 e 18; XXX, 13; XXXI, 6 e 9; XXXII, 5; XXXIII, 6; XXXVI, 1; XXXVII, 10; XXXIX, 6; XL, 6 e 8; XLIII, 9 e 11 e XLIV, 1.

Na fase III-1, na área norte, foram usadas *6 técnicas decorativas*: incisão simples, penteado, excisão, decoração plástica, decoração espatulada e cepilhado. Neste conjunto nenhum fragmento decorado apresenta mais do que uma técnica decorativa. Nesta fase foram usados *8 instrumentos decorativos*: um pente 1 com 5 puas, um pente 1 com 6 puas, um pente 1 com 7 puas, um pente 1 com 11 puas, um pente 3 e instrumentos de incisão de tipos 1, 2 e 3.

g1) Caracterização genérica das decorações

As organizações decorativas presentes na fase III-1, na área norte, são a I, III, IV, VI, X, XI, XXX, e XXXI. A organização decorativa melhor representada é a X (26 %), seguida da I (16 %), IV e VI (11 %) e, por último, as III, XI, XXX e XXXI (5 % cada) que são representadas unicamente por um exemplar.

Podemos observar que a organização decorativa XXXI diz respeito à ocupação da Idade do Bronze sendo que cremos que se encontra aqui como intrusa (no Lx. 106 – A56). Deste modo a organização decorativa XXXI não faz parte do leque decorativo da ocupação da Idade do Ferro. Dois fragmentos presentes no Lx. 71, de pasta X e IV e com a decoração I1a e IV2a, respectivamente, podem relacionar-se com a ocupação calcolítica. No entanto estas organizações decorativas são usadas na ocupação da Idade do Ferro sendo que a sua ocorrência em contextos calcolíticos apenas comprova uma tradição estilística local.

Cremos que algumas decorações da Idade do Ferro são “variantes” de decorações da Idade do Bronze pois estão presentes fragmentos decorados – nomeadamente dos subtipos VI1a, VI1b e XI1 – que se integram nas organizações decorativas VI e XI, típicas da ocupação da Idade do Bronze.

Acreditamos que os subtipos I1a, I3a, IV4, X1a, X3e, X13b e XXX caracterizam a ocupação da Idade do Ferro Inicial ao nível das decorações com o domínio dos subtipos I3a, IV4, X3e, X13b e XXX2 já que estes subtipos ocorrem unicamente nesta ocupação. Os subtipos I1a, III2b e X1a permanecem durante a restante ocupação da Idade do Ferro.

Em resumo, podemos dizer que 5 % das decorações presentes relacionam-se com a Idade do Bronze, 37 % das decorações ocorrem, unicamente, nesta ocupação – sendo mais particularizantes – e 42 % das decorações presentes perduram na ocupação da Idade do Ferro.

g2) Pastas dos recipientes decorados

As pastas presentes nos recipientes decorados não coincidem com aquelas presentes nos bordos e recipientes reconstituídos. A hierarquia de pastas dos recipientes decorados é a seguinte: I (42 %), II e X (16 % cada), III e VIII (10,5 % cada) e IV (5 %). Relembramos que a hierarquia da totalidade dos bordos e bases é a seguinte: III (40 %), I (24 %), VII e VIII (7 % cada), II e VI (6 % cada), IV (4 %) e X (3 %). Deste modo é possível perceber que os recipientes de pastas I, II e X apresentam-se mais vezes decorados do que os de pastas III, VIII e IV. É de notar que não ocorre nenhum recipiente decorado em pasta VII.

A análise dos fragmentos decorados permite concluir que existe uma relação entre a decoração e as pastas dos recipientes. A maioria das decorações encontra-se presente em recipientes de pastas I, II e VIII, sendo que a relação entre a pasta I e as decorações já tinha sido evidenciada na ocupação da Idade do Bronze. Alguns recipientes decorados de pastas IV e X relacionam-se com a ocupação calcolítica e a ocupação da Idade do Bronze sendo que podemos ver que estas pastas se relacionam claramente com estes períodos cronológicos. A pasta X continua a ser utilizada na Idade do Ferro mas de uma forma muito esporádica. As organizações decorativas, culturalmente, relacionadas com a Idade do Bronze foram construídas em pasta I e III.

Deste modo, é possível perceber várias correntes estilísticas nos recipientes decorados da Idade do Ferro onde intuímos correntes decorativas relacionadas com a Pré-história local e com a ocupação da Idade do Bronze. Por sua vez, os recipientes decorados conotados com a Idade do Ferro apresentam pastas – I, II, VIII, VI – bastante utilizadas nesta ocupação e que de, certo modo, a caracterizam.

g3) Localização da decoração nos recipientes

A localização da decoração nos recipientes em conjunto com todas as outras características presentes nos recipientes decorados permite perceber melhor toda uma série de tendências estilísticas presentes na ocupação da Idade do Ferro.

Em primeiro lugar podemos afirmar que as decorações localizadas em banda paralela ao bordo (localização de tipo 7) estão intimamente relacionadas com a ocupação calcolítica sendo que 2 dos 3 fragmentos decorados que apresentam esta localização são calcolíticos. Deste modo, este tipo de localização não é uma inovação das decorações da Idade do Ferro e não ocorre extensivamente,

revelando que este tipo de decoração é usado mas não está intrinsecamente relacionado com o mundo decorativo da Idade do Ferro.

Em segundo, as decorações aplicadas nos bordos (localização de tipo 1), nos colos (tipo 2) e nas asas (tipo 11) parecem relacionar-se com o mundo decorativo da Idade do Bronze pois as decorações que apresentam uma ligação à ocupação da Idade do Bronze (na sua estética, no tipo de pasta ou no contexto onde ocorrem) possuem estas localizações.

A inovação estilística da Idade do Ferro parece ocorrer no surgimento de recipientes extensivamente decorados, de morfologia particular – perfil em “S” e de fundo recto. Na ocupação da fase III-1 ocorrem recipientes de fundo recto nos quais a decoração se localiza em toda a pança (culminando na proximidade do fundo), sendo esta a localização de tipo 5.

Por último, gostaríamos de referir que 47 % dos fragmentos não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente sendo que se supõe que faça parte de alguma zona da pança do recipiente (localização tipo 8). Deste modo, tudo aponta para a hipótese interpretativa que relaciona com os recipientes decorados, extensivamente, na pança com a ocupação da Idade do Ferro.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

Os recipientes decorados ocorrem de forma diferenciada nos diversos contextos integrados na fase III-1. Podemos observar que: *i)* os Lxs. 61 e 110 não apresentam fragmentos decorados; *ii)* um dos complexos com maior grau de mistura com fragmentos calcolíticos – Lx. 71 – é aquele que apresenta maior número de fragmentos decorados, sendo que cremos que tal se deve esse maior grau de mistura; *iii)* os contextos da PIN 2 apresentam maior número de fragmentos decorados e maior quantidade de organizações decorativas que os contexto da PIN 2.1 e *iv)* o Lx. 115 é o contexto que apresenta maior quantidade de recipientes decorados da PIN 2 e em consequência da PIN 2.1.

É possível que a diversidade e quantidade de recipientes (fragmentos) decorados presentes no Lx. 115 se deve à acumulação de diversos recipientes neste contexto que corresponde a um longo depósito / solo de ocupação (que pode ter sido nalgum momento correspondente a uma “lixreira”). Em contextos de solos de ocupação menos prolongados é visível uma menor quantidade de recipientes decorados.

h) Caracterização geral dos contextos mais relevantes

Lx. 115) No Lx. 115, as pastas dominantes são a III, I, IV e VII, tendo em conta os recipientes e totalidade dos fragmentos. Neste contexto ocorrem 59 % de polidos externos e 1,27 % de areados, cepilhados e/ou rugosos. Os recipientes destacam-se pela presença de alisados e polidos. As

conjugações dominantes são: Pol/Pol (28 %), Pol/Ali (19 %); Ali/Ali (15 %) e Pol/Esp (11 %). Este contexto possui a hierarquia P, VE, C (56, 22, 20 %, respectivamente) na totalidade dos fragmentos. Possui as seguintes conjugações de cor dominantes: P-P-P (24 %), C-C-C (19 %), VE-VE-VE (17 %) e C-P-C (11 %). Nos recipientes encontramos uma maioria de cernes de tipo P (60 %), com uma maioria de superfícies externas e internas de tipo VE (40 e 30 %, respectivamente). Os recipientes (bordos e bases) encontram-se um pouco desfasados em relação à totalidade dos fragmentos.

Em resumo, o Lx. 115 apresenta uma maioria de recipientes em pastas III e I, com alguns (poucos exemplares) em pastas IV, VI e VII. As pastas II e VIII presentes nesta ocupação encontram-se aqui ausentes. Os recipientes apresentam uma maioria de polidos externos (mas também internos) seguidos de alisados. São recipientes de cerne e superfícies escuras, com alguma presença de recipientes de coloração vermelha-escura, eventualmente associados à pasta III. Os recipientes apresentam espessuras finas e médias, sendo que os recipientes de pasta III são tendencialmente mais espessos do que os de pasta I. Os recipientes de pastas III do Lx. 115 são, tendencialmente, mais espessos do que aqueles de pasta III da A56 e A32. Os recipientes de pasta I são mais espessos do que os de pasta I da A56.

A56) Na A56, as pastas dominantes são a I, III, VIII e IV tendo em conta os recipientes e totalidade dos fragmentos. Neste contexto ocorrem 45 % de polidos externos e 0,57 % de areados, cepilhados e/ou rugosos. Os recipientes destacam-se pela presença de alisados e polidos. As conjugações dominantes são: Pol/Pol (28 %); Ali/Ali (18 %); Pol/Ali (15 %) e Ali/Pol (9 %). Este contexto possui a hierarquia P, VE, C (48, 23, 16 %, respectivamente) na totalidade dos fragmentos. Possui as seguintes conjugações de cor dominantes: VE-VE-VE (14 %), C-C-C (13 %), A-P-A (11 %) e C-P-P (8 %). Nos recipientes encontramos uma maioria de cernes de tipo P (78 %), com uma maioria de superfícies externas e internas de tipo A (33 %), seguidas dos tipos C (22 %). Os recipientes (bordos e bases) encontram-se um pouco desfasados em relação à totalidade dos fragmentos.

Em resumo, a A56 apresenta uma maioria de recipientes em pastas I e III, com alguns (poucos exemplares) em pastas IV, VII e VIII. As pastas II e VI presentes nesta ocupação encontram-se aqui ausentes. Os recipientes apresentam uma maioria de polidos externos (e também internos) mas também uma boa presença de alisados (superior àquela do Lx. 115). Os recipientes possuem colorações mais claras (tipos VE e C) do que aquelas presentes no Lx. 115 apesar das pastas principais serem as mesmas (I e III). Os recipientes de pastas I e III possuem paredes de espessuras finas (as mais finas destes 3 contextos) e os recipientes de pasta VII apresentam paredes espessas (as mais espessas deste pequeno grupo de contextos).

A32) Na A32, as pastas dominantes são a III, I, II, VIII, tendo em conta os recipientes e totalidade dos fragmentos. Neste contexto ocorrem 51 % de polidos externos e 5,16 % de areados, cepilhados e/ou rugosos. Os recipientes destacam-se pela presença de alisados e alguns rugosos e cepilhados. As conjugações dominantes são: Ali/Pol (33 %); Pol/Ali (18 %); Ali/Ali (17 %) e Pol/Pol (12 %) Este contexto possui a hierarquia P, VE, C (51, 30, 14 %, respectivamente) na totalidade dos fragmentos. Possui as seguintes conjugações de cor dominantes: VE-VE-VE (14 %), P-P-P (10 %), A-P-A (7 %), e VE-VE-P (7 %). Nos recipientes encontramos uma maioria de cernes de tipo P (38 %), com uma maioria de superfícies externas e internas de tipo VE (33 e 17 %, respectivamente) e tipo P (25 e 46 %, respectivamente). Os recipientes (bordos e bases) encontram-se concordantes em relação à totalidade dos fragmentos.

Em resumo, a A32 apresenta uma maioria de recipientes em pastas III, I, II e VIII, bastante bem representados. As pastas principais desta ocupação encontram-se aqui todas presentes. Os recipientes apresentam uma maioria de tratamento de superfície alisado e uma forte presença de colorações vermelhas-escuras. Todas as pastas permitiram a caracterização da tendência de espessura dos fragmentos sendo que os recipientes de pasta II são os mais finos seguidos dos de pasta I, III, VI, VIII e VII.

7.3.1.4. Conclusões relativas à fase III-1

A ocupação da Idade do Ferro – correspondente à fase III-1 – encontra-se presente na PIL, TEL e na área norte – PIN e TEN. A comparação entre as várias zonas habitacionais revelou algumas semelhanças e algumas diferenças que, como sabemos, reflectem as diferenças entre os diversos contextos.

Podemos observar que na fase III-1 é evidente a importância e uso das pastas I, III, VI e VIII – com uma representação diferenciadas em cada zona habitacional – seguidas das II, VII, X e XII – com um uso esporádico. A utilização destas pastas é demonstrada pela distribuição na totalidade dos fragmentos, nos recipientes e nos fragmentos decorados. Na totalidade dos fragmentos encontramos as seguintes distribuições. A pasta I encontra-se mais presente na área norte (19 a 44 %), seguida no TEL (13 a 23 %) e, por último, na PIL (3 a 24 %). A pasta III encontra-se mais presente na PIL (21 a 87 %), seguida da área norte (25 a 45 %) e, por último, do TEL (24 a 30 %). A pasta VI apresenta-se mais presente no TEL e área norte (3 a 25 %) e de seguida a PIL (1 a 17 %). A pasta VIII apresenta-se mais presente na área norte (17 a 38 %), seguida da PIL (2 a 48 %) e, por último, o TEL (até 14 %). A análise dos intervalos de valores presentes nas diversas áreas permite perceber que a área norte

apresenta dos intervalos de valores mais altos revelando um conjunto mais homogêneo. Os conjuntos cerâmicos da PIL e TEL possuem intervalos de valores com valores mais baixos que indicam conjuntos de pastas mais equitativos e que por sua vez revelam um conjunto de recipientes menos homogêneo. Concluímos que a PIL e o TEL apresentam conjuntos cerâmicos mais diversificados ao nível das pastas.

Apesar das diferenças presentes nas diversas zonas habitacionais podemos observar um comportamento semelhante em todas as zonas habitacionais relativamente à fase II. Assim, em relação à fase II, é visível uma diminuição das pastas I, VII e X e um aumento das pastas III, VI e VIII.

Na fase III-1 está presente uma maioria de recipientes de superfícies polidas e alisadas sendo que os conjuntos cerâmicos das diversas zonas habitacionais apresentam algumas discrepâncias. No TEL estão mais presentes recipientes de superfícies polidas (externas e internas) do que na área norte e na PIL. No TEL, 28 a 44 % dos fragmentos apresentam a conjugação de superfície Pol/Pol, enquanto que na área norte encontram-se entre 8 a 53 % e na PIL entre 7 a 30 %. O TEL apresenta o intervalo mais baixo da conjugação Pol/Alí (10 a 17 %), seguida da área norte (13 a 19 %) e, por último, a PIL (12 a 61 %). A conjugação Alí/Alí apresenta um intervalo maior na PIL (10 a 50 %), na área norte (15 a 29 %) e no TEL (8 a 16 %). A conjugação Alí/Pol apresenta o intervalo maior na área norte (9 a 37 %), no TEL (6 a 22 %) e na PIL (6 a 13 %).

Deste modo, podemos observar que o TEL é a zona habitacional que apresenta maior quantidade de recipientes de superfícies polidas (43 a 72 % dos fragmentos possuem polidos externos), seguido da área norte (41 a 66 % dos fragmentos possuem polidos externos) e, por último, da PIL. A área norte é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes alisados (51 a 58 % dos fragmentos possuem alisados externos), seguida da PIL e, por último, do TEL (17 a 32 % dos fragmentos possuem alisados externos). A PIL é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes de superfícies rugosas (Rug/Pol – 7 a 20 % e Rug /Alí – 5 a 13 %), seguida da área norte (até 22 % de Rug/Pol) e por, último do TEL (Rug/Pol – 7 a 20 %).

Em relação à fase II podemos assistir a um aumento dos recipientes polidos na área norte e PIL, uma diminuição dos alisados na área norte, um aumento de alisados na PIL e um aumento dos rugosos em ambas as zonas habitacionais.

Com base na avaliação realizada podemos concluir o seguinte.

1) Cada zona possui características próprias sendo que as diversas fases de uma mesma zona são mais semelhantes entre si do que as ocupações de uma mesma fase em diversas zonas habitacionais.

- 2) Os recipientes polidos e alisados (externa e internamente) são claramente maioritários em todas as zonas habitacionais sendo que na PIL, os recipientes alisados são maioritários.
- 3) No TEL e área norte a presença de recipientes polidos é mais evidente do que na PIL sendo que na área norte dá-se um aumento dos recipientes polidos em relação à fase anterior.
- 4) A presença de recipientes rugosos é semelhante na área norte e PIL sendo que no TEL está presença é muito menos evidente. Deste modo, o TEL é a zona habitacional com maior quantidade de polidos, seguidos de alisados e menor quantidade de rugosos.
- 5) Tal como na fase II é possível observar que o tratamento de superfície polido aplicado às superfícies internas não apresenta uma presença suficientemente alta para possuir uma justificação funcional, nomeadamente relacionada com a impermeabilização dos recipientes. É também possível observar que a quantidade de alisados internos chega a ser superior à dos polidos, como acontece na PIL onde 58 % dos fragmentos apresenta alisados internos.

Em relação às cores dos recipientes podemos dizer que uma maioria apresenta cernes negros (tipo P) sendo que em todas as zonas habitacionais – PIL, TEL e área norte – encontramos cerca de 40 a 60 % de fragmentos de cernes negros. A presença deste tipo de cor no cerne dos fragmentos é muito semelhante em todas as zonas habitacionais sendo que as diferenças encontradas ocorrem na distribuição dos tipos C e VE.

A distribuição dos tipos castanhos-escuros (tipo C) e vermelhos-escuros (tipo VE) varia consoante o contexto e consoante a zona habitacional. Deste modo, na PIL, alguns contextos possuem a hierarquia P, B, VE, C, outros possuem a hierarquia P, C, VE e por último, a hierarquia P, VE, C. A hierarquia mais presente no TEL é a P, C, VE – sendo a exceção a A47 com a hierarquia P, VE, C – e na área norte a hierarquia dominante é a P, VE, C. Deste modo, a área norte é a zona habitacional com maior quantidade de fragmentos de cerne de tipo VE, seguida da PIL, e por último, do TEL. Na totalidade da fase III-1 – integrando todas as zonas habitacionais –, a presença de cernes de tipo VE é de 3 a 32 % e a presença de cernes de tipo C é de 5 a 32 %.

A avaliação das conjugações de cor permite perceber a distribuição das diversas conjugações de cor (quais são maioritárias e quais não são) e que percentagens apresentam (podendo ser avaliado o grau de homogeneidade do conjunto). Na fase III-1 as conjugações de cor organizam-se do seguinte modo: C-P-C (5 a 24 % dos fragmentos em cada contexto analisado); P-P-P e C-C-C (4 a 24 %); VE-VE-VE (4 a 20 %); A-P-A (4 a 17 %) e VE-P-VE (1 a 20 %).

Deste modo, concluímos que a maioria dos recipientes (podendo ir até 40 %) possuem cores muito escuras (tipos P e C), tanto nos cernes como nas superfícies. O restante conjunto apresenta recipientes de cernes e superfícies vermelhas-escuras, ou cernes negros com superfícies de cor

castanha-clara (por exemplo, A-P-A e A-P-P). É de notar que 9 a 45 % dos fragmentos de cada contexto analisado nas diversas zonas habitacionais podem corresponder a conjuntos de fragmentos que possuem conjugações de cor minoritárias, ou seja, com uma presença inferior a 3 %. Na PIL, 9 a 34 % dos fragmentos possuem conjugações de cor minoritárias, no TEL são 21 a 45 % dos fragmentos e na área norte são 11 a 34 % dos fragmentos. Deste modo, o TEL é a zona habitacional que apresenta conjuntos cerâmicos menos homogêneos, seguido da área norte e por último da PIL. Podemos intuir que a PIL apresenta conjuntos cerâmicos mais homogêneos e a onde a presença dos diversos tipos de cor ocorre de um modo evidente sendo que aponta para conjuntos onde os recipientes podem ter sido menos desagregados.

Em relação às espessuras dos recipientes podemos observar algumas discrepâncias entre as três zonas habitacionais – PIL, TEL e a área norte. Podemos observar que *em todas as zonas habitacionais*, a pasta II corresponde a recipientes de paredes de espessuras muito finas (cats. 1 e 2), a pasta VI corresponde a recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4), as pastas III e X correspondem a recipientes de paredes de espessura média (cats. 4 e 5), a pasta VII corresponde a recipientes de paredes de espessura mediana e grossa (cat. 5 e 6) e a pasta XI corresponde a recipientes de espessuras grossas (superior à cat. 6). As diferenças entre as diversas zonas habitacionais ocorrem em relação às pastas I e VIII sendo que as restantes pastas – IV, V, IX e XII – são de difícil caracterização. A pasta I apresenta recipientes de paredes de espessuras muito finas na PIL – semelhantes aos de pasta II – sendo que no TEL e na área norte os recipientes de pasta I apresentam espessuras um pouco mais grossas. Na PIL, os recipientes de pasta VIII apresentam paredes de espessuras médias e no TEL e área norte apresentam recipientes de paredes com espessuras finas, portanto com uma espessura inferior àqueles da PIL.

Podemos dizer que as pastas III e X mantêm as características apresentadas na fase II e que a pasta VI apresenta recipientes de paredes menos espessas que aqueles presentes na fase II.

Na fase III-1 estão presentes 26 recipientes “reconstituídos” com os seguintes tipos de formas: *1b, 2b, 2c, 2e, 3b, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7c, 7e, 8a, 8b, 9a, B1c, B1e, B3b, B5a, B5b, B5e, B6a, B6b, B11, B14a e B19*. Na totalidade da fase III-1 foram reconstituídos 75 recipientes sendo que 14 encontram-se conotados com as formas presentes na Idade do Bronze regional (19 % do total de recipientes reconstituídos). Alguns dos tipos presentes ocorrem também na fase II – *2b, 2c, 3b, 6a, 7a, 7b, 8a e 8b* – enquanto que outros surgem pela primeira vez nesta ocupação – *1b, 2e, 5a, 6b, 7e e 9a* (para a definição dos tipos de formas ver os capítulos 2.3.1. e 2.3.2. do vol. 2, estampas IX e X – vol. 2). A avaliação dos tipos de formas conotados com a Idade do Bronze – *B1c, B1e, B3b, B5a, B5b, B5e, B6a, B6b, B11, B14a e B19* – não pode ser realizada convenientemente pois nenhum

destes tipos se encontrava presente na fase II. No conjunto cerâmico da fase III-1, 61 % dos recipientes conotados com a Idade do Ferro encontravam-se já presentes na ocupação da Idade do Bronze sendo que apenas 20 % dos recipientes reconstituídos correspondem a formas ausentes na ocupação da Idade do Bronze. E, como já foi referido, 19 % do conjunto dos recipientes reconstituídos correspondem a formas conotadas com a Idade do Bronze.

A reconstituição e distribuição dos diversos tipos de formas nas diversas zonas habitacionais ocorre de forma diferenciada. O TEL é a zona habitacional com maior percentagem de reconstituição (70 %), seguida da área norte (48 %) e, por último, da PIL (25 %). Na distribuição das formas, a área norte é a zona habitacional com maior variedade de formas (16 tipos), seguida do TEL (13 tipos) e da PIL (9 tipos). Podemos intuir que o TEL é a zona habitacional melhor preservada, seguida da PIL e, por último, da área norte. Cremos que a PIL encontra-se mais bem preservada do que a área norte porque a área norte apresenta quantidade significativas de recipientes conotados com a Idade do Bronze, revelando algum revolvimento de contextos.

Na totalidade da fase III-1, os tipos de formas *1b*, *8a*, *8b*, *6a*, *6b* e *9a* são aqueles mais usados, estando presentes em quase todas as zonas habitacionais. Os tipos *1b* e *9a* encontram-se ausentes no TEL, o tipo *6a* encontra-se ausente na PIL e o tipo *6b* encontra-se ausente na área norte. No entanto todos estes tipos são representados por mais do que quatro recipientes. Por exemplo, o tipo *8a* é o maioritário sendo representado por 17 recipientes, seguido do tipo *8b*, representado por 10 recipientes. Podemos observar que na fase II o tipo de forma maioritário era o *6a*, seguidos dos tipos *8a* e *8b*. Na fase III-1 dá-se um aumento da importância destes tipos e um declínio da importância do tipo *6a*.

Em relação à capacidade dos recipientes integrados na fase III-1 podemos observar uma relação entre a forma e a capacidade dos recipientes. Tal como acontece na fase II os recipientes de perfil em “S” são aqueles que apresentam maior tamanho sendo que as taças e globulares são recipientes de pequena capacidade. No entanto tal não significa que os recipientes de perfil em “S” sejam todos recipientes grandes. De facto, ocorrem recipientes de capacidade de tipo 1 e 2 de perfil em “S” – tipos *6a*, *6b*, *8a*, *8b* e *9a*.

Os tipos de formas com recipientes de capacidade nas categorias 5, 6 e 7 são o *6a*, *6b*, *7b*, *7c* e *8a*. Assim, não podemos observar uma relação intrínseca e proporcional entre o tipo de forma e a capacidade no entanto cremos que os perfis em “S” potenciem a construção de recipientes de maior capacidade que os globulares ou taças. É também possível que na Idade do Ferro, um recipiente de grande capacidade se encontra “culturalmente” relacionado aos perfis em “S”.

Podemos observar discrepâncias na distribuição de formas e capacidades nas diversas zonas habitacionais. Na área norte, os recipientes de maior capacidade são de tipo de forma 7c e 8a, no TEL são de tipo 6a, 6b e 7b e na PIL são de tipo 7b e 8a. Deste modo (muito frágil) podemos observar maior semelhança entre a área norte e a PIL do que entre o TEL e a área norte. O TEL apresenta recipientes médios e grandes (cats. 4 e 5) de tipos de formas 6a, 6b, 7a e 7b que não ocorrem na área norte.

Em resumo, podemos ver que cada zona possui as suas próprias características sendo que cremos que o TEL revela um certo arcaísmo formal.

A análise realizada nas três zonas habitacionais integradas na fase III-1 não revela uma relação intrínseca entre os tipos de formas e os tipos de pastas. A avaliação da espessura média das pastas revela uma relação entre a espessura média das paredes dos recipientes e a pasta em que são construídos. No entanto tal facto não se reflecte na capacidade dos recipientes, ou seja, por exemplo, a pasta III que serve para construir recipientes de paredes de espessura média serve, também, recipientes de grande capacidade. Deste modo, a espessura média das paredes não é proporcional à capacidade dos recipientes.

Contudo e a avaliação dos recipientes em algumas zonas habitacionais, nomeadamente o TEL, permite perceber que determinadas pastas são usadas preferencialmente em determinados recipientes, não sendo exclusivos desses mesmos recipientes. Deste modo, o tipo de forma 8b é preferencialmente construído em pasta I, constituindo recipientes de pequena capacidade e de paredes de espessura muito fina. Os tipos de forma 6a e 8a são preferencialmente construídos em pasta III, constituindo recipientes de média e grande capacidade e de paredes de espessuras medianas. Assim, os recipientes de grande capacidade (de 5 litros a 10 litros – cat. 5 – e de 10 a 20 litros – cat. 6) possuem paredes por vezes tão finas como aqueles de média / baixa capacidade (de 1 a 5 litros) Cremos que o nível técnico destes recipientes pode ser considerado muito bom.

Em resumo, não existe uma relação entre pasta e capacidade pois os recipientes grandes apresentam qualquer tipo de pasta. No entanto os recipientes pequenos são realizados exclusivamente em pastas I e II.

Na totalidade da fase III-1 – integrando todas as zonas habitacionais – podemos observar que mais de metade dos recipientes possui uma capacidade inferior a 5 litros sendo que apenas uma minoria de cerca de 10 % podem ser considerados recipientes grandes (acima dos 5 litros). Por exemplo, no TEL, 65 % dos recipientes reconstituídos possuem uma capacidade inferior a 5 litros e na área norte 52 % possuem esta mesma capacidade. Cremos que pode ocorrer um desfaseamento entre a realidade reconstituída e os conjuntos cerâmicos originais. Não deixa de ser importante

observar a presença inequívoca de recipientes de pequeno tamanho que indicam um uso doméstico recorrente.

A análise realizada nas três zonas habitacionais integradas na fase III-1 não revela uma relação intrínseca entre os tipos de formas e os tipos de bordo sendo que em qualquer zona habitacional um qualquer tipo de bordo ocorre num qualquer tipo de forma – *quando o tipo de bordo não integra a definição do tipo de forma.*

Na totalidade da fase III-1 o tipo de bordo maioritário é o tipo 1 (com uma presença de 32 a 47 % dos bordos), seguido do tipo 4 (13 a 31 %) e tipo 2 (10 a 15 %). Os tipos 3, 5 e 6 são claramente minoritários ou não ocorrem em todas as zonas habitacionais. O tipo 5 encontra-se ausente no TEL e na área norte e o tipo 6 encontra-se ausente na PIL e no TEL. A maior presença dos tipos de bordo 1 e 2 encontra-se na área norte e a maior presença do tipo de bordo 4 encontra-se na PIL.

Na fase III-1 encontram-se presentes 46 tipos de bordos, a saber: *B1 a1, B1 a2, B1 a3, B1 a4, B1 a5, B1 a6, B1 a7, B1 a8, B1 a9, B1 a10, B1 a12, B1 a13, B1 b4, B2 a1, B2 a2, B2 a3, B2 b1, B2 b2, B2 b3, B2 b4, B2 b5, B2 b6, B3 a1, B3 a2, B3 a3, B3 a4, B3 b2, B3 c2, B4 a1, B4 a2, B4 a3, B4 a4, B4 a5, B4 a6, B4 a9, B4 a10, B4 a11, B4 b2, B4 b9, B4 b12, B4 c3, B4 c4, B4 c5, B5 a1 e B5 a2* (para a definição dos tipos de bordos ver capítulo 2.3.0.1. - vol. 2). Deste modo podemos ver que 35 % dos tipos de bordos presentes já se encontravam na ocupação da Idade do Bronze sendo que 65 % dos tipos de bordos constituem uma inovação. Contudo se tivermos em conta o número de bordos presente podemos ver que apenas 31 % dos bordos se integram nos novos tipos de bordo. Portanto, ocorre uma inovação pois surgem 30 novos tipos de bordos no entanto continuam a usar-se, maioritariamente, os tipos de bordos identificados na ocupação da Idade do Bronze. Os tipos mais comuns são o *B1 a1, B1 a7, B1 a5, B1 a9, B2 b4, B4 b2 e B4 a4.*

Na totalidade da fase III-1, cerca de 70 % dos recipientes correspondem a perfis em “S” sendo que os restantes 30 % correspondem a recipientes globulares, taças rectas ou recipientes carenados.

As bases presentes na fase III-1 apontam para uma maioria de recipientes de perfil em “S”, com a presença de recipientes de pança bojuda e baixa e pança menos bojuda / mais esguia. O tipo de forma da base não está relacionado com o tipo de forma dos recipientes, portanto o tipo de forma não se encontra intrinsecamente relacionado com o tipo de pança ou de recipiente.

Na fase III-1 foram identificados recipientes com asas e fragmentos de asas, nomeadamente, no TEL e área norte. Com base na avaliação realizada podemos colocar a hipótese interpretativa de

que 2 a 20 % dos recipientes podiam possuir asas. Não foi possível perceber se existe uma relação entre a forma dos recipientes e a presença de asas.

Na fase III-1 – integrando todas as zonas habitacionais – podemos lançar a hipótese interpretativa que 19 a 34 % dos recipientes podiam apresentar decoração. Na PIL, 19 % dos recipientes podiam apresentar decoração, no TEL 19 a 34 % e na área norte, 19 a 29 %. cremos que pelo menos 20 % dos recipientes apresentavam algum tipo de decoração.

Na fase III-1, estão presentes 9 técnicas decorativas: incisão simples, penteado, estampilhado único, decoração plástica, decoração espatulada, cepilhado, exciso, brunido e incisão a torno. Estão, também, presentes 24 instrumentos decorativos – 9 instrumentos na PIL, 7 instrumentos no TEL e 8 na área norte. cremos que cada zona habitacional possuiria os seus próprios instrumentos decorativos, independentemente de alguns provocarem o mesmo efeito e apontarem para semelhanças morfológicas.

As organizações decorativas presentes são: I, III, V, VI, IX, X, XI, XIV, XXI, XXVIII, XXX, XXXI e XXXIV. A distribuição das diferentes organizações decorativas ocorre de forma diferenciada consoante a zona habitacional. Desse modo, a organização decorativa maioritária na PIL é a XXXIV, seguida da XXVIII; no TEL é a XXXIV, seguida da III e na área norte é a X, seguida da I.

As decorações localizadas no colo dos recipientes relembram as decorações realizadas no colo a linha incisa da ocupação da Idade do Bronze. cremos que uma parte das decorações se relaciona com as tradições decorativas da Idade do Bronze sendo que podemos dizer que na área norte 5 % das decorações se integram neste quadro interpretativo.

Uma maioria de decorações localiza-se na pança de recipientes de perfil em “S”, abaixo da linha colo / pança e envolvendo toda a pança dos recipientes. *Assim a inovação estilística da Idade do Ferro parece ocorrer no surgimento de recipientes extensivamente decorados na pança, de morfologia particular – perfil em “S” – e de fundo recto.*

Mais de 40 % das decorações correspondem a organizações decorativas típicas da Idade do Ferro – III e XXXIV.

E, por último, parece ocorrer uma relação entre o tipo de pastas e os recipientes decorados pois a maioria dos recipientes decorados ocorrem em pastas de tipos I, II e III (por esta ordem de preferência).

7.3.2. Fase III-2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC

7.3.2.1. Plataforma Superior Leste

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-2, na Plataforma Superior Leste, integra um único contexto – o estrato de incêndio da U. Hab. 8 (A73). A A73 é representada por um total de 104 fragmentos cerâmicos, 4 bordos conotados com a Idade do Ferro, 1 base e 5 fragmentos decorados conotados com a Idade do Ferro. Não é possível comparar este contexto com outros contextos da mesma zona habitacional no entanto, podemos observar as seguintes características, com base nas observações apresentadas no capítulo 5.4.1, volume 2.

a) Tipos de Pastas

As pastas maioritárias na A73 são a X (31 % dos fragmentos), III (23 %) e I (14 %). Apesar de 20 % dos recipientes serem de pasta VIII, na totalidade dos fragmentos apenas 6 % são de pasta VIII – tal como os de pasta VI. Os recipientes de pasta III são os maioritários constituindo 60 % do conjunto.

Na A73 foram identificadas 8 pastas – I, II, III, VI, VII, VIII, IX e X – sendo que apenas 3 são representadas por recipientes (bordos) – III (60 % dos recipientes), VIII (20 %) e X (20 %). Cremos que a presença das pastas II, VI e VIII está de acordo com a datação deste contexto, reafirmando a sua cronologia no entanto a baixa percentagem destas pastas pode estar relacionada com o estado de conservação do próprio contexto. De facto este contexto possui um número considerável de pastas aliado a um número relativamente baixo de fragmentos e de recipientes e por isso a sua variedade indica um contexto muito fragmentado.

b) Tratamentos de superfície

Na análise geral, 32 % dos fragmentos possuem superfícies externas alisadas, seguidas das polidas (24 %) e 1 % de rugosas. É de notar que 43 % dos fragmentos apresentam uma superfície externa corroída. Nas superfícies internas; 30 % dos fragmentos são alisados e 22 % são polidos, sendo que 48 % dos fragmentos apresentam uma superfície interna corroída.

As conjugações de tratamentos de superfície dominantes são as seguintes: Ali/Ali (22 %); Pol/Pol (13 %); Ali/Pol (5 %) e Pol/Ali (4 %). A conjugação que integra o tratamento de superfície rugoso – Rug/Pol – é representada, unicamente, por um fragmento, de pasta III. Deste modo é evidente a presença de recipientes onde dominam o tratamento de superfície alisado, aplicado à superfície externa e interna.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

Não é possível relacionar os tratamentos de superfície com as pastas presentes na A73 sendo que os resultados obtidos revelam que a presença de tratamentos de superfície relacionados com a ocupação da Idade do Ferro – areado, cepilhado e/ou rugoso – tem uma presença muito reduzida neste contexto. Para além da presença muito reduzida deste tipo de tratamentos de superfície é possível observar que tal ausência não se explica por uma igual ausência de fragmentos de pastas VI e VIII. Assim, na A73, os fragmentos de pasta VI e VIII não se encontram relacionados com os tratamentos de superfície areados, cepilhados e rugosos.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Os tipos de cor maioritários nos cernes dos fragmentos da A73 são os tipos P (59 %), seguido do C (17 %) e do VE (10 %). A presença dos tipos VC, A e B é de 4, 5 e 6 %, respectivamente, sendo deste modo, claramente minoritária. A avaliação dos tipos de cores presentes nos bordos é discrepante da análise da totalidade dos fragmentos. Na A73, 80 % dos recipientes possuem cerne de tipo P e 20 % de tipo C e que 60 % dos recipientes possuem superfícies externas e internas de tipo A, seguidas dos tipos P, B e VC.

As conjugações de cores maioritárias são: C-C-C e P-P-P (13 %), C-P-P (11 %) e C-P-C (9 %). Assim os tipos de cores C e P estão representados em 33 % dos fragmentos de uma forma mais homogénea. Com uma presença de 8 % encontramos as conjugações C-VE-VE e C-VE-C que englobam o tipo VE, também presente de uma forma maioritária nos cernes dos fragmentos. Deste modo, podemos observar que 25 % dos fragmentos apresentam conjugações de cor minoritárias sendo a maioria relacionadas com os tipos de cor A, B e VC.

Podemos concluir que uma maioria de fragmentos pertenceu a recipientes de cores escuras (tipos P e C), seguidos de alguns de cor vermelho-escura (tipo VE). A presença dos tipos A, B e VC pode estar relacionada com a descoloração do contexto.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A análise realizada às espessuras dos fragmentos presentes na A73 permite compreender que: *i)* os fragmentos de pasta I correspondem a recipientes de paredes finas; *ii)* os fragmentos de pasta III correspondem a recipientes de paredes médias (mais espessas do que aqueles de pasta I); *iii)* os fragmentos de pasta X correspondem a recipientes de paredes de espessura média / grossa (mais espessos que os de pasta III); *iv)* os fragmentos de pasta VII correspondem a recipientes de paredes de espessura grossa (as mais espessas de todas) e *v)* a avaliação das pastas II, VI, VIII e IX não pode

ser realizada devido ao número reduzido de fragmentos.

e) Análise morfológica

Na A73 estão presentes quatro bordos e uma base, de pastas III, VIII e X (a base é de pasta X). Neste contexto apenas um dos quatro bordos presentes permitiu a reconstituição da forma sendo que esse recipiente pertence ao *tipo 8a*. Deste modo, a A73, revela uma reconstituição de formas de 20 % sendo que a consideramos bastante baixa.

Devido ao reduzido número de bordos e recipientes reconstituídos não podemos perceber as possíveis relações entre recipientes, pastas e capacidade. Podemos dizer que o recipiente de *tipo 8a* foi construído em pasta III e possui uma capacidade mediana/baixa – de 1 a 2 litros.

A base presente na A73 (tipo 1) possui um ângulo na cat. 7 indicando um recipiente tipo prato ou recipiente com uma pança globular aberta, claramente diferente do tipo 8a.

Por, último, os tipos de bordos presentes são o B1 a5, B1 a7 e B4 b2 que são bastante comuns nos conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro e até da Idade do Bronze.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto de 104 fragmentos integrados na A73 foram identificadas duas asas (est. L, 6 e 7), de pastas I e III. Se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos podemos dizer que 2 % dos fragmentos correspondem a asas. Contudo se avaliarmos a presença de bordos e bases, podemos dizer que existe a possibilidade de cerca de 40 % dos recipientes possuírem asas (2 em 5 recipientes). cremos que a presença de recipientes com asas não corresponde a 40 % sendo que concluímos que não é possível avaliar a presença de recipientes com asas na A73.

É de notar a presença de uma asa de pasta I e a ausência de bordos e bases do mesmo tipo. Devido ao reduzido número de fragmentos no total, e de asas em particular, não podemos avaliar a relação dos tipos de pastas com os recipientes com asas.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na A73 estão presentes 5 fragmentos decorados que cremos conotados com a ocupação da Idade do Ferro, que correspondem a 4,8 % dos fragmentos no total. Estes fragmentos decorados encontram-se na seguinte estampa: estampa L, números 2, 3, 4, 5 e 8.

Nos fragmentos decorados integrados na A73 foram usadas 3 *técnicas decorativas*: penteado (60 %); incisão simples (20 %) e cepilhado (20 %). Foram usados 6 *instrumentos decorativos*: pente 1 com 6 puas; pente 2 com 6 puas; pente 3; pente 7 com 3 puas e instrumentos de incisão 1 e 2.

Os fragmentos decorados da A73 apresentam 4 organizações decorativas – III, IV, X e XIX e

foram construídos em 3 tipos de pastas – I, II e III. Cremos que todas as organizações decorativas e seus subtipos - III1a, IV1a1, X13a e XIX – se integram relativamente bem, no conjunto decorativo da Idade do Ferro. A boa integração destas decorações deve-se à estética das decorações presentes e às pastas dos recipientes sendo que a organização III1a foi realizada em pasta III, as organizações IV1a1 e XIX foram realizados em pasta I e a X13a foi realizada em pasta II.

Cremos evidente uma relação entre os tipos de pastas e a presença de decorações sendo que nos parece evidente a preferência pelas pastas I, II e III, sobretudo quando as pastas I e II não se encontram representadas por bordos e bases.

7.3.2.2. Plataforma Inferior Leste

A fase III-2, na PIL, é representada por 21 contextos – *A1, A2, A3, A4, A5, A6, A15, A17, A18, A19, A20, A21, A25, Lxs. 5, 33, 43, 45, 45a, 48.4, 63 e 80* – que foram analisados através de diversos factores de avaliação. A fase III-1 é representada por um total de 3929 fragmentos cerâmicos, 125 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento), 72 bases e 67 recipientes “reconstituídos (54 % do total de bordos).

Os recipientes “reconstituídos” da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-1) presentes na PIL encontram-se em quase todos os contextos estudados, à excepção da A20. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.4.2, volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-2, na PIL.

a) Tipos de Pastas

A análise dos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-2, na PIL, revela que a pasta dominante é a *III* (23 % do total de fragmentos), seguida da *VIII* (20 %) e *I* (17 %). No entanto a representação de cada uma destas pastas nos diversos contextos diverge da percentagem geral (acima indicada) e diverge entre os vários contextos. Desse modo, a representação dos fragmentos de pasta III encontra-se de 11 a 58 %, os de pasta VIII de 0 a 42 % e os de pasta I de 8 a 35 %.

Nos recipientes conotados com a Idade do Ferro, a pasta dominante é a *VIII* (26 %), seguida da *III* (23 %) e *I* (19 %). Tal como na totalidade dos fragmentos, a distribuição das pastas dos recipientes nos diversos contextos diverge da avaliação geral e depende de cada contexto. Desse modo, a representação dos recipientes de pasta VIII é de 0 a 40 %, a de pasta III de 13 a 100 % e a de pasta I de 0 a 43 %. Se compararmos os recipientes de pastas I e VIII, vemos que os intervalos de valores são muito semelhantes, no entanto os recipientes de pasta I encontram-se menos presentes em maior número de contextos que os de pasta VIII.

Na fase III-2 ocorre um desfasamento entre a quantidade de fragmentos sem forma e os recipientes de algumas pastas, sendo que o grau do desfasamento depende de cada pasta. As pastas V e XI são representadas unicamente por fragmentos sem forma existindo uma ausência de recipientes. As pastas I, II, IV e X possuem uma presença menos significativa de fragmentos sem forma que recipientes, ou seja, a percentagem de fragmentos na totalidade é mais baixa do que a percentagem de recipientes em relação à totalidade dos recipientes. A pasta IX possui uma importância semelhante quer nos fragmentos quer nos recipientes. As pastas I, IV, IX e X revelam o peso dos recipientes calcólicos no cálculo estatístico geral, sendo que a ausência destes revela sempre resultados diferentes. A baixa representatividade da pasta II revela o seu moderado uso e apenas em alguns contextos.

Na totalidade da fase III-2, a pasta VI tem uma representatividade de 12 %, a X de 11 %, a XII de 7 % e a VII de 5 %. Nos recipientes, 17 % são de pasta VI, seguidos de 8 % de pasta XII e 5 % de pasta VII. Podemos observar que a representação da pasta VI nos diversos contextos encontra-se compreendida entre 0 e 34 %.

Podemos concluir que as pastas I, III e VIII foram as mais utilizadas seguidas das pastas II, VI, VII e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas I, III, VI e VIII apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação ainda que nem sempre com esta ordem de preferência. Podemos dizer que, algumas das pastas utilizadas na ocupação da Idade do Ferro na PIL, durante a fase III-2 – pastas I, III e VII – encontram-se em continuidade com aquelas pastas utilizadas na ocupação do Bronze Final e da do Ferro Inicial.

Os diversos contextos apresentam diferenças significativas na distribuição das pastas na totalidade dos fragmentos e recipientes. O elevado número de contextos (21 contextos) presentes na fase III-2, na PIL, e a distribuição desigual de pastas conduziu-nos à criação de diversos grupos que agregam os contextos consoante as suas semelhanças. Apresentamos aqui um resumo dos grupos apresentados nas páginas 332 à 336, do vol. 2.

As A1, A4, A3, A6 e A17 integram um mesmo grupo onde a pasta dominante, na totalidade dos fragmentos, é a VIII, seguida da III, X e I. A representação da pasta VIII varia de 27 a 42 % e a representação da pasta III não ultrapassa os 21 %. As A1, A4 e A6 apresentam uma distribuição de pastas nos recipientes também semelhante, onde dominam as pastas VIII, I, III e VI.

As A18, A20, Lxs. 45, 45a, 48.4, 63 e 80 integram um grupo onde a pasta dominante é a III, seguida da VIII e I. A representação da pasta III ocorre entre 22 a 58 %, a representação da pasta VIII não ultrapassa os 19 %. À exceção dos Lxs. 80 e 48.4, todos os contextos se assemelham na distribuição das pastas nos recipientes com a dominância das pastas III, VIII e I.

As A2, A21, A25 e Lx. 33 integram um grupo onde a pasta dominante é a I, seguida da VI e VIII e III. A representação da pasta I varia de 25 a 42 %, a representação da pasta VIII não excede os 22 % e a representação de pasta III é de 29 %. Os recipientes destes 4 contextos são na sua maioria construídos em pasta III, com uma representação de 25 a 100 %.

O Lx. 5 e A5 integram um grupo onde a pasta dominante é a X, não sendo concordante mais nenhuma. A representação da pasta X varia de 31 a 42 %, sendo que mais nenhum contexto possui quantidades tão elevadas de fragmentos de pasta X. Os recipientes nestes contextos apresentam uma maioria de pastas III, VIII e I.

O Lx. 43, a A15 e A19 integram um grupo onde a pasta dominante é a VI, seguida da VIII e III. A representação da pasta VI varia de 29 a 34 %, sendo que são os contextos com presenças mais elevadas de fragmentos de pasta VI. O Lx. 43 e A19 possuem as mesmas características de distribuição de pastas nos recipientes, com um domínio da pasta VI no entanto a A15 apresenta uma maioria de recipientes de pasta I.

Podemos concluir que as U. Habs 3 e 4 são semelhantes entre si, a U. Hab. 1 é semelhante à área entre as U. Habs. 4 e 5, a U. Hab. 2 é semelhante à ocupação mais tardia da área diversificada 6 (A19 e Lx. 43). A U. Hab. 5 encontra-se muito isolada comparativamente às restantes U. Habs.

b) Tratamentos de superfície

A análise geral do conjunto cerâmico da fase III-2, na PIL, revela uma maioria de superfícies externas polidas (33 %), seguidas das alisadas (29 %) e rugosas (16 %). Uma maioria de superfícies internas corresponde a polidos (46 %), seguidos dos alisados (42 %). A maioria dos contextos apresenta também uma maioria de fragmentos polidos seguidos de alisados. No entanto as U. Habs. 3, 4 e 5, a área entre as U. Habs. 4 e 5 (A6), um estrato de incêndio da área diversificada 6 (A17), um dos estratos mais antigos desta ocupação – Lx. 48.4 – e os estratos de construção da E.D.F. (A20) possuem uma maioria de fragmentos alisados, seguidos de polidos.

A análise dos diversos contextos revela a dominância de diversas conjugações de tratamentos de superfície: *Pol/Pol* (de 7 a 34 % dos fragmentos nos diversos contextos e dominante em 7 contextos); *Ali/Ali* (de 6 a 39 % nos diversos contextos e dominante em 7 contextos); *Pol/Ali* (de 4 a 43 % nos diversos contextos e dominante em 3 contextos); *Cep/Pol* (de 0 a 22 % nos diversos contextos e dominante em 2 contextos); *Rug/Ali* (de 0 a 20 % nos diversos contextos e dominante num contexto); *Ali/Pol* (de 3 a 19 % nos diversos contextos e com presenças no 2º, 3º e 4º lugar dominante) e *Rug/Pol* (15 a 17 % no 2º lugar dominante).

Podemos dizer que as U. Habs. 1 e 2 e a ocupação mais tardia da área diversificada 6 (Lx. 43) apresentam semelhanças entre si (a conjugação dominante é a Pol/Pol), as U. Habs 3, 4 e 5, a área entre as U. Habs. 4 e 5 (A6) apresentam semelhanças entre si (a conjugação dominante é a Ali/Ali). As U. Habs. 2, 4 e 5 e o Lx. 45 (ocupação mais antiga da área diversificada 6) apresentam uma presença média de rugosos, cepilhados e areados, de 16 a 20 %. A U. Hab. 1 apresenta uma quantidade muito baixa de rugosos, cepilhados e areados e a U. Hab. 3 apresenta a quantidade mais elevada de rugosos, cepilhados e areados.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

A análise realizada ao conjunto cerâmico da fase III-2, na PIL, permite observar uma relação entre os tipos de pasta e os tratamentos de superfícies presentes nos recipientes. Tal como observado na fase III-1, determinado tratamento de superfície não é exclusivo de determinado tipo de pasta no entanto é visível uma tendência para ocorrerem determinados tipos de tratamentos de superfície em determinados tipos de pasta.

Deste modo, nas pastas I, II, III, V e XI ocorrem preferencialmente polidos externos; nas pastas VI e XII ocorrem, preferencialmente, rugosos e alisados externos; na pasta VIII ocorrem alisados, rugosos, cepilhados e areados – distribuídos de uma forma relativamente homogénea – e nas pastas IV, VII, IX e X ocorrem preferencialmente alisados externos. As pastas VI e VIII são as mais versáteis seguidas das I, III e XII. Ou seja, as pastas VI e VIII apresentam maior quantidade de tratamentos de superfícies que as restantes pastas – e distribuídos de forma mais equitativa (para mais pormenores ver descrição presente no vol. 2, respectivo capítulo).

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos.

Os contextos integrados na fase III-2, na PIL, possuem uma maioria de fragmentos com cerne negro, sendo que a representação do tipo P nos cernes encontra-se entre 40 e 69 %. As U. Habs. apresentam as seguintes presenças do tipo P nos cernes dos fragmentos: U. Hab. 1 – 50 %; U. Hab. 2 – 40 %; U. Hab. 3 – 55 %; U. Hab. 4 – 57 %; U. Hab. 5 – 60 %; A19 (área diversificada 6) – 57 %.

No somatório dos diversos contextos, a maioria dos fragmentos possui cernes de tipo P (55 %); seguido do C (17 %) e, por último, VE (16 %). No entanto os diversos contextos apresentam percentagens e ordens distributivas bastante diferentes. Um grupo de 6 contextos, onde está incluída a área diversificada 6 (A18 e A19) apresenta a ordem de cores dos cernes P, VE, C, sendo que na A19, o tipo P é representado em 57 % dos fragmentos, o tipo VE em 23 % e o tipo C em 14 %. Um grupo de 9 contextos, onde estão incluídas as U. Habs. 3, 4 e 5, apresenta a ordem de cores dos cernes P, C, VE. Nas U. Habs. o tipo C está compreendido entre 11 e 17 % e o tipo VE entre 11 e 14

%. Um grupo de 3 contextos, onde se incluem as *U. Hab. 2 e a área entre as U. Habs. 4 e 5 (A6)* apresenta a ordem de cores nos cernes *P, C, B*. As *A2 e A6* apresentam as percentagens mais baixas de cernes de tipo *P* (40 e 47 %). O tipo *B* está compreendido entre 9 e 16 %. Por último, a *U. Hab. 1 – A1* – encontra-se muito isolada dos restantes contextos pois a sua hierarquia é *P, C, A* – 50, 23 e 14 % respectivamente – não sendo possível integra-la em nenhum grupo. Podemos, no entanto, observar que as diferenças percentuais apresentadas nem sempre são muito evidentes.

No somatório dos diversos contextos, as conjugações de cores dominantes são: *P-P-P* (12 % da totalidade dos fragmentos); *C-C-C e VE-VE-VE* (9 % cada); *VE-P-VE, C-P-C e A-P-P* (7 % cada) e *A-P-A e C-P-P* (5 % cada). Os diversos contextos não apresentam esta distribuição de conjugações sendo que foram agrupados consoante as suas semelhanças. Um grupo possui 6 contextos, onde se inclui a área diversificada 6, com as seguintes conjugações dominantes: *VE-P-VE* (9 % na *A19*), *P-P-P, VE-VE-VE e A-P-P*. Podemos observar que a área diversificada 6 possui uma boa percentagem de cernes de tipo *VE* e conjugações de cor que evidenciam a importância do tipo *VE*. Um outro grupo possui 6 contextos, onde incluem as *U. Habs. 1, 2, 5 e área entre as U. Habs. 4 e 5*, que apresenta as conjugações *C-C-C* (7 a 14 %), *P-P-P e C-P-C*. Estes 4 contextos revelam bem a importância dos tipos *P* e *C* nos cernes e nas superfícies, ainda que depois os tipos *VE, A* e *B* variem na sua importância e distribuição. Um grupo possui 5 contextos, onde se incluem as *U. Habs. 3 e 4*, com uma maioria das seguintes conjugações: *A-P-P* (11 e 15 % na *A3 e A4*), *P-P-P e C-C-C*. Podemos observar que a importância do tipo *VE* nos cernes não é evidente nas conjugações de cor maioritárias. Um último grupo de 5 contextos possui uma dominância das seguintes conjugações: *P-P-P, VE-VE-VE, C-P-P, C-P-C e A-P-P*. Podemos observar que as percentagens de cada conjugação de cor maioritária são sempre muito baixas, o que indica conjuntos com uma elevada variedade na cor que resulta numa dificuldade analítica das tendências de cor dos recipientes.

A análise permitiu o agrupamento dos contextos em dois grandes conjuntos; um grupo onde se incluiu a área diversificada 6 (Lx. 43, 45, A18, e A19) com evidente importância dos tipos de cor VE e A e um outro, onde se integram todas as U. Habs. (A1, A2, A3, A4, A5 e A6) com evidente importância dos tipos P e C.

A análise dos fragmentos de bordo e bases (recipientes) dos diversos contextos integrados na fase III-2, na PIL, revela uma maioria de cernes com cor de tipo *P* (45 a 100 %). Na avaliação dos recipientes, as *U. Habs. 1, 3, 4 e 5* apresentam uma maioria de superfícies com tipos de cores *C* e *P* e a *U. Hab. 2*, a área intermédia entre as *U. Habs. 4 e 5* e a área diversificada 6 apresentam uma maioria de superfícies com tipos de cores *VE* e *C*.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A análise das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta presentes nos diversos contextos permitem observar diferenças significativas no comportamento das diversas pastas.

d1) As pastas *I, II e IV* são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e finas (cats. 3 e 4).

d2) As pastas *III, V, VI, VIII, X e XII* são usadas no fabrico de recipientes de paredes medianas (cats. 4 e 5).

d3) As pastas *VII e IX* são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa.

d4) A pasta *XI* é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas (superior à cat. 5).

d5) As *U. Habs. 1, 2, 3, 4, 5 e área entre as U. Habs. 4 e 5* são semelhantes nas características apresentadas, apresentando algumas divergências nas pastas *III e VII*.

d6) Em relação à fase *III-1* é visível uma diferença no comportamento da pasta *VI*. Podemos observar que a pasta *VI* transforma-se, na fase *III-2*, numa pasta pouco utilizada (e em recipientes finos) numa pasta mais utilizada e utilizada, preferencialmente, em recipientes de paredes de espessura mediana. Todas as outras pastas mantêm as suas características e foi possível caracterizar as pastas *IV e V*.

d7) A categoria de espessura dominante nos fragmentos é a 3 e nos recipientes é a 5, seguida da 5. Neste conjunto as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases não são concordantes e podemos observar uma maior espessura dos bordos e bases. cremos que as espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão. No caso da fase *III-2* podemos ver um aumento das espessuras de bordos e bases em relação àqueles identificados na fase *III-1*.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase *III-2*, na *PIL*, foram identificados 125 bordos sendo que 67 foram reconstituídos (54 % de reconstituição). No entanto, cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 0 a 100 % sendo que 7 contextos apresentam uma reconstituição de 100 %, na qual se incluem as *U. Habs. 2, 3 5 e área entre a U. Hab. 4 e 5*. Dos 21 contextos 12 apresentam uma reconstituição acima de 50 % sendo que se incluem os 7 acima citados. Concluímos que, na

totalidade os recipientes apresentam uma preservação média / alta pois mais de metade dos contextos apresenta uma reconstituição acima dos 50 %.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-2 estão presentes 16 tipos de formas, a saber: *1a, 1b, 1c, 2a, 3b, 3c, 6a, 6b, 7a, 7b, 7c, 7d, 8a, 8b, 9a* e *10*. Os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (19 %), *8b* (16 %), *6a* (15 %), *6b* (13 %), *3b* (7 %) e *7a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. O comportamento encontrado nos contextos nem sempre é concordante com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-2.

Nas U. Habs. 2, 4 e área entre as U. Habs. 4 e 5, o tipo de forma maioritário é o *8a*. Na U. Hab. 1, os tipos maioritários são o *6b* e o *8b*. Na U. Hab. 3 o tipo maioritário é o *7a*. Na área diversificada 6 (A19) o tipo maioritário é o *3b*. Se tivermos em consideração o número de recipientes por tipo de forma e a distribuição desse tipo de forma nos diversos contextos podemos observar que existe uma preferência pelo tipo de forma *6a* (ocorre em 9 contextos), seguido do *8a* (ocorre em 7 contextos num total de 13 recipientes), *8b* (ocorre em 7 contextos num total de 11 recipientes) e por último, *6b* (ocorre em 5 contextos com um total de 9 recipientes). Os tipos de forma *3b* e *7a* só são maioritários cada um em seu contexto e por isso a sua importância é muito relativa.

e2) pastas nos bordos e nos recipientes

Na totalidade dos bordos e bases integrados na fase III-2, na PIL, a pasta mais utilizada é a III (28 %), seguida da VIII (19 %), VI (18 %) e I (17 %). Nos recipientes reconstituídos, a pasta maioritária é a VIII (28 %), seguidas da I e III (21 % cada) e VI (18 %). Podemos observar um desfasamento entre a realidade da totalidade de bordos e bases que se deve a vários factores, a saber: *i)* algumas pastas, tipos de formas e suas capacidades podem permitir maior reconstituição do que outras e *ii)* o número de bases presente em algumas pastas – VI e VIII – é mais proporcional ao número de bordos do que em outras – I, III – sendo que ao contabilizarmos o número de bases e bordos em conjunto, a visibilidade das pastas VI e VIII é mais elevada.

A relação entre os tipos de pastas e os tipos de formas existe mas não é constituída por regras seguidas de forma restritiva. Os vários tipos de recipientes são construídos em diversos tipos de pastas. No entanto há uma preferência de utilizar a pasta I em recipientes de formas 1, 2, 3 e 8b, utilizar a pasta II quase exclusivamente em recipientes de tipo de forma 8b, utilizar a a pasta III em recipientes de tipo 8a, as pastas VI e VIII apresentam uma distribuição muito igualitária em diversos tipos de recipientes e nas restantes pastas não é possível lançar nenhuma hipótese interpretativa devido ao reduzido número de recipientes. O mesmo ocorre em diversos tipos de recipientes – 1b,

1c, 4b, 5a, 7b, 7c, 7d, 9a e 10 – que só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) e que só são representados por um recipiente.

Podemos observar que a forma *6a* é aquela que apresenta maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, III, VI, VII, VIII e XII), seguida da *8a* (com as mesmas pastas da *6a* mas com maior número de recipientes, portanto com maior número de possibilidades mas sem que tal ocorra), *8b* (I, II, III, VI e VIII) e *6b* (I, III, VI e VIII). No entanto tal variedade não invalida as preferências já referidas. O tipo de forma *6a* é o que mostra uma distribuição mais igualitária pelas pastas, na forma *6b* há preferência pela pasta VI, na *8a* pela pasta III, na *8b* pela pasta I (5 em 11 recipientes) sendo que é a única forma construída em pasta II.

Podemos também observar que a pasta VIII é aquela que possui maior número e tipos de recipientes (10 tipos de formas), seguida da pasta III (9 tipos de formas) e da pasta I (7 tipos de formas).

Assim podemos concluir que a comunidade da Idade do Ferro utilizava um determinado número de pastas que por sua vez era utilizado em todo o tipo de recipientes. No entanto alguns recipientes são preferencialmente construídos em determinadas pastas sem que tal relação seja exclusiva.

e3) capacidade dos recipientes

A análise da fase III-2 permite observar que existe uma certa relação entre a capacidade e os tipos de formas. Os recipientes de menor capacidade são os globulares e taças (tipos de formas 1, 2, 3 e 4) e um determinado tipo de recipiente de perfil em “S” (tipo de forma 8b). Os recipientes que apresentam maior capacidade são recipientes de perfil em “S”. É de notar que os vários tipos de recipientes de perfil em “S” apresentam recipientes pequenos, médios e grandes ainda que se encontrem ausentes nas capacidades inferiores a 300 ml, à excepção da forma 8b. Os recipientes com maior capacidade são o *7b* e *7d* (> 20 l), *6a* e *8a* (10 a 20 l) e *7a* (5 a 10 l). cremos que o tipo 7 é claramente uma forma construída com grande tamanho para obter grande capacidade, algo que já se tinha constatado na fase III-1.

Cremos que não existe uma relação entre o tipo de pasta e a capacidade do recipientes pois os vários recipientes de grande capacidade foram construídos nas pastas VI, VIII, III e VII. Estas pastas possuem características físicas diferentes sendo que podemos concluir que tais características não influenciam a escolha da pasta na construção de um recipiente de grande capacidade.

No conjunto dos recipientes reconstituídos da fase III-2, na PIL, podemos observar que apenas 10 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 10 l. A maioria dos recipientes (49 %) possui uma capacidade até 2 l. Deste modo, a capacidade dos recipientes identificados aponta

para um conjunto onde predominam recipientes de pouca capacidade. Tais características já tinham sido reconhecidas na ocupação da fase III-1 na PIL.

Independentemente das razões subjacentes às características apresentadas nas capacidades dos recipientes integrados na fase III-2 somos de opinião que a realidade apresentada evidencia o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro. Deste modo o uso de vasos pequenos aponta para actividades como a confecção e consumo de alimentos, em pequenas quantidades, relacionadas com núcleos familiares de pequena dimensão. Tal evidência está de acordo com os contextos estudados pois 6 dos contextos analisados eram Unidades habitacionais de pequeno tamanho.

A existência de alguns recipientes de grande dimensão aponta para o armazenamento de alimentos no entanto, cremos que tal armazenamento era realizado em pequenas quantidades. A análise realizada ao conjunto cerâmico revela que o armazenamento era realizado em recipientes de pequena dimensão (tendo em conta a função) e tal indica uma baixa produção e a uma má conservação. Deste modo, a população não armazenava aqueles alimentos susceptíveis de se estragarem em pouco tempo e talvez aqueles que duravam mais tempo eram produzidos nas quantidades necessárias mas sem grande excedente.

e4) tipos de bordos dominantes

A análise aos recipientes reconstituídos da fase III-2, na PIL, permite concluir que não existe uma relação causal entre o tipo de forma e o tipo de bordo – quando o tipo de bordo não define o tipo de forma. Os tipos de recipientes que possuem mais que um exemplar possuem bordos de tipos muito diferentes, por exemplo B1 ou B4.

Os tipos de bordo dominantes são o tipo 1 (30 %), seguido do 4 (23 %) e os tipos 2, 3 e 5 são claramente minoritários, 4, 1 e 4 % respectivamente (na totalidade de bordos e bases da fase III-2). A distribuição dos diversos tipos de bordos nos diversos contextos é bastante diferenciada. Os bordos de *tipo 1* estão quase presentes em todos os contextos, à excepção de dois. Os bordos de *tipo 2* ocorrem em 6 contextos sendo clara a preferência da Área Diversificada 6 e ausência da U. Habs. incendiadas. Os bordos de *tipo 3* encontram-se presentes na U. Hab. 2, A18 e A19 sendo novamente evidente a importância da Área Diversificada 6. Os bordos de *tipo 4* estão quase presentes em todos os contextos, à excepção de 6 contextos e por último, os bordos de *tipo 5* ocorrem em 6 contextos sendo evidente a sua presença em estratos mais antigos dentro do período estudado e a ausência em quase todas as U. Habs. Incendiadas, à excepção da U. Hab. 4.

No conjunto cerâmico é evidente a importância de determinados subtipos de bordo, que são o B1 a7 (8 %), B1 a9 (7 %), B1 a1 (6 %), B1 a5 (4 %), B1 a6 (4 %), B4 b4 (3 %), B4 b6 (3 %) e B4 a2 (3 %).

e5) bases

No conjunto cerâmico da fase III-2, na PIL, o tipo de base dominante é o 1 (22 %), seguido do 3 (8 %) sendo que os tipos 3 e 5 são muito residuais. Os tipos de base 1 e 3 são aqueles que se encontram em maior número de contextos sendo que tal é concordante com a realidade percentual.

Nesta fase III-2, na PIL, os tipos de bases parecem estar relacionados com a angulação da pança ou tipo de pança. Podemos observar que o tipo BA1 possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo, no entanto os tipos 2 e 3 estão ausentes das categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos. Os vasos troncocónicos apresentam bases de tipo 1 e 5. Deste modo podemos perceber que os recipientes de perfil em “S” com diversos tipos de pança possuem qualquer tipo de base, no entanto nos recipientes troncocónicos é visível a preferência pelos tipos de base 1 e 5.

A análise das bases presentes na fase III-2 revela o domínio dos recipientes de perfil em “S” – com panças nas cats. 4 e 5 – e uma presença reduzida de vasos troncocónicos bem como de vasos com panças alargadas e achatadas (tipo prato). Este conjunto cerâmico é na generalidade semelhante ao conjunto cerâmico da fase III-1, na PIL.

e6) características dos conjuntos

O conjunto cerâmico da fase III-2 revela uma maioria avassaladora dos recipientes de perfil em “S” (78 %) sendo que os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos 1 a 4 – estão presentes apenas em alguns contextos, nomeadamente na Área Diversificada 6 mas também no incêndio de algumas Unidades habitacionais (1, 4 e 5).

A maioria inabalável de recipientes de perfil em “S” é uma tendência que tem vindo a revelar-se desde a fase III-1, onde também este tipo de recipientes era maioritário. Acreditamos que a grande maioria dos recipientes são formas de perfil em “S” ainda que estejam sempre presentes outro tipo de formas que completavam estes conjuntos de recipientes algo monótonos. A nível formal, os conjuntos revelam alguma monotonia ainda que tal possa não ocorrer na capacidade dos recipientes.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase III-2, na PIL, constituído por 3929 fragmentos foram identificadas duas asas. Podemos dizer que 2 % dos recipientes poderiam possuir asas (2 asas em 125 bordos). Uma das asas integra o recipiente n.º 103 (est. LIII, 1 e IX, 19) contido na U. Hab. 5. Este recipiente foi realizado em pasta X e é de tipo 7c.

O segundo exemplar de asa (est. LVI, 3) fez parte de um recipiente de pasta III, integrado no Lx. 45 (A18). Na totalidade da fase III-2 estão presentes 27 bordos e 29 bases de pasta III sendo que podemos considerar que 4 % dos recipientes de pasta III possuíam asas.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-2 estão presentes 32 decorações compostas por 48 fragmentos em 3929 fragmentos representando apenas 1 % do total do conjunto. As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas: *LI*, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 14, 16 e 17; *LII*, 1, 5, 7, 8, 9, 10 e 11; *LVI*, 1, 4, 5, 6, 7 e 9; *LVII*, 1, 3, 5, 6 e 7; *LIX*, 3 e *LX*.

Na fase III-2, foram usadas 8 técnicas decorativas: incisão simples (47 %); incisão a torno (19 %), penteado (19 %), estampilhado rolado (12 %), estampilhado de motivo único (9 %), cepilhado (6 %), decoração plástica (3 %) e impressão da ponta do pente (3 %).

Na fase III-2, na PIL, foram usados 15 instrumentos decorativos, o tipo de pente 1 de 5, 6 e 7 puas, o tipo de pente 2 de 4 e 9 puas, pente 3, instrumentos de incisão 1, 2 e 3 e 6 tipos de matrizes (para uma descrição mais pormenorizada ler o vol. 2, página 358).

g1) Caracterização genérica das decorações

Na fase III-2 foram identificadas 12 organizações decorativas – *I*, *II*, *III*, *V*, *IX*, *X*, *XI*, *XIII*, *XXIII*, *XXIV*, *XXVIII*, *XXIX* e *XXXIV* – sendo que 4 delas já estavam presentes nas fases II e III-1 – *IX*, *X*, *XXVIII* e *XXXIV*. A organização decorativa mais presente é a *I* (22 %), seguida da *X* e *XXXIV* (19 %), *III*, *XXIV*, *XXVIII* (6 %) e as *II*, *V*, *IX*, *XI*, *XIII*, *XXIII* e *XXIX* são representadas por um único exemplar.

A distribuição dos diversos tipos de organizações decorativas revela um conjunto de características relativas à estética dos recipientes. Podemos colocar a hipótese de que cerca de 25 % dos recipientes podiam possuir decoração (32 decorações em 125 bordos contidos na fase III-2). É visível a importância de decorações semelhantes àsquelas identificadas na Pré-História regional, como a *I*, *V*, *XXVIII* e *XXIX*. Podemos também integrar neste grupo as decorações penteadas, no entanto a ausência de decorações penteadas durante a Idade do Bronze leva-nos a crer que as decorações penteadas na Idade do Ferro se relacionam unicamente com estas comunidades. Ou seja, as decorações da Idade do Bronze não integram recipientes penteados.

Podemos também observar a manutenção de decorações a linha incisa, no colo, provenientes da Idade do Bronze.

Apesar de todo um conjunto de decorações que se relacionam com as decorações de ocupações do Passado (calcolíticas e da Idade do Bronze) podemos observar decorações que

apontam para a inovação. Dentro da inovação integram-se as decorações estampilhadas (XXXIV), cepilhadas (III) e algumas decorações complexas como a XIII. A organização decorativa XIII congrega motivos bem conhecidos – um reticulado oblíquo e triângulos preenchidos com linhas convergentes – que quando identificados separadamente integram outras organizações decorativas, V e XXIX. É também possível existência de decorações muito complexas que integram vários motivos nunca antes conjugados e que devido à fragmentação dos recipientes são de difícil percepção.

g2) Localização da decoração nos recipientes

A análise das localizações das decorações revela que as decorações são preferencialmente realizadas no colo (28 %) e de seguida na linha colo/pança (13 %). No entanto se somarmos todas as decorações localizadas na pança (tipos 3, 4, 5 e 9) podemos observar que 34 % das decorações localizam-se na pança.

Podemos, também, observar que o tipo de localização 2 integra 8 subtipos de decorações, com evidencia na organizações I. As decorações presentes abaixo da linha colo/pança e englobando a totalidade da pança do recipiente integram, também 8 organizações decorativas, com evidencia dos tipos I e X. Devido ao reduzido número de exemplares não é possível entender com facilidade a relação entre as localizações e as organizações decorativas.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir que todos os contextos de ocupação significantes – as Unidades Habitacionais, a área diversificada 6, a E.D.F. – integravam pelo menos um recipiente decorado.

7.3.2.3. Talude Exterior Leste

A fase III-2, na TEL, é representada por 4 contextos – A42, A44, A48 e Lx. 140 – que foram analisados de diversas formas. A fase III-2 é representada por um total de 3072 fragmentos cerâmicos, 121 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento), 72 bases e 59 recipientes “reconstituídos (49 % do total de bordos).

Os recipientes “reconstituídos” da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-2) presentes na área norte encontram-se em todos os contextos estudados. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.4.3, volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-2, no TEL.

a) Tipos de Pastas

A análise da totalidade (somatório dos conjuntos) da fase III-2, no TEL revela que a pasta dominante é a III (23 %), VI (18 %) e VIII (18 %). Contudo, nenhum dos contextos integrados na fase III-2 no TEL revela esta hierarquia. Os 4 contextos revelam discrepâncias entre si e com o somatório deles mesmos. A A42 possui a hierarquia III (26 %), VIII (23 %), VI (22 %); a A44 a hierarquia III (25 %), I e X (15 % cada) e VI (13 %); a A48 a hierarquia VI (23 %), VIII (21 %), I (20 %) e o Lx. 140 possui a hierarquia III (26 %), VIII (16 %), VI (11 %).

Na totalidade dos fragmentos podemos observar a importância da pasta III (em 1º lugar na hierarquia em 3 contextos), a pasta VIII (em 2º lugar na hierarquia em 3 contextos), pasta I e VI (no 2º e 3º lugar da hierarquia). É possível observar uma mudança em relação à fase III-1, no TEL, onde a hierarquia global era a III, X e I.

A análise dos 4 contextos integrados na fase III-2 no TEL permite observar que as pastas III, VIII, I e VI são dominantes na totalidade dos fragmentos. Nos recipientes encontramos o domínio das pastas VIII e III (em conjunto), seguidas das pastas VI, X e I. Podemos observar uma certa discrepância entre uma realidade e outra no entanto esta discrepância é ainda mais acentuada se avaliarmos a fase III-2 através do somatório dos contextos (para tal descrição ver vol. 2, páginas 360 a 364).

Deste modo, concluímos que as pastas VIII, III e VI são a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro da fase III-2, ainda que sejam também utilizadas as pastas I, X e XII. Em relação à fase III-1 podemos observar uma diminuição da utilização de recipientes realizados em pastas I, III e X e um aumento notório das pastas II, VI, VIII e XII.

A utilização das pastas VI, VIII, III e I (nos recipientes) é muito semelhante entre si dependendo a distribuição do contexto analisado. As A42 e A48 são os contextos melhor caracterizados ao nível dos recipientes pois são aqueles que possuem maior número de recipientes (e também maior número de fragmentos no total). Estes contextos contribuem decisivamente para o grande número de recipientes realizados em pastas VI e VIII. Deste modo, concluímos que, apesar da área escavada ser muito reduzida, as pastas VI e VIII são claramente utilizadas na ocupação da Idade do Ferro.

Esta análise permite também apontar uma primeira cronologia dos contextos integrados na fase III-2 sendo que consideramos o contexto mais antigo a A44, seguida do Lx. 140, A42 e, por último, a A48.

b) Tratamentos de superfície

No somatório dos diversos contextos da fase III-2, os tratamentos de superfície externos dominantes são os polidos (50 %), alisados (22 %), rugosos (9 %) e cepilhados (5 %) e nas superfícies internas são os polidos (67 %) e alisados (19 %). Em relação à fase III-1, podemos observar um aumento dos rugosos e cepilhados nas superfícies externas e uma diminuição dos polidos e alisados nas superfícies internas.

A análise dos diversos contextos da fase III-2 revela que nas superfícies externas os polidos encontram-se entre 42 % e 58 %, os alisados de 16 % a 29 %, os rugosos de 7 % a 13 % e, por último, os cepilhados de 4 % a 7 %. Em relação à fase III-1, é possível observarmos uma diminuição considerável das superfícies externas polidas, que na fase III-1 se encontram entre 54 e 73 %. cremos que a quantidade de superfícies externas polidas está relacionada com a antiguidade dos contextos pois o contexto considerado mais antigo na fase III-2 (A44) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies externas polidas e que o contexto tido considerado mais moderno (A48) é aquele que apresenta menor quantidade do mesmo tipo de superfícies.

As conjugações de superfície dominantes são a *Pol/Pol* (de 33 % a 35 %, em 1º lugar em todos os contextos), *Ali/Pol* (de 9 a 22 %, em 2º lugar em 2 contextos), *Pol/Ali* (de 6 a 22 %, em 2º lugar num contextos), *Rug/Pol* (7 a 12 %, em 2º lugar num contexto) e, por último, a *Ali/Ali* (5 a 8 %). Em relação à fase III-1, ocorre uma diminuição considerável da conjugação *Pol/Pol* e um aumento da conjugação *Rug/Pol*.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

Nos diversos contextos integrados na fase III-2, no TEL, foram identificados 7 tratamentos de superfície (alisado, areado, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. As pastas I, III, VI, VIII e XII são as que revelam maior variedade de tratamentos de superfície pois nas pastas III, VI e VIII ocorrem 6 dos 7 tipos presentes, na pasta I ocorrem 5 e na pasta XII ocorrem 4 tipos. Em relação à fase III-1, podemos observar que as pastas VI, VIII e XII já revelavam uma tendência para a utilização de vários tratamentos de superfície, revelando, talvez, uma menor especialização destas pastas. As diferenças são encontradas nas características das pastas I, III e VII, sendo que as duas primeiras ganham em diversidade e a última perde-a.

A análise dos diversos contextos da fase III-2 permite lançar as seguintes hipóteses interpretativas:

b1.1) Nas pastas X e XI encontram-se, preferencialmente, os polidos e alisados. Na pasta X, 61 % dos fragmentos apresentam superfícies externas polidas. Estas pastas encontram-se muito

deterioradas indicando uma possível estadia nos estratos mais prolongada que as restantes pastas. Podemos dizer que na fase III-1 era já visível uma preferência pelos polidos nas pastas X e XI.

b1.2) A pasta III usa preferencialmente os polidos, alisados e cepilhados. Na pasta X, 63 % dos fragmentos apresentam superfícies externas polidas e a pasta III é a que mais contribui para a quantidade de polidos na totalidade do conjunto (com uma expressão de 29 %, sendo esta a mais alta). As características desta pasta na fase III-1 são semelhantes à da fase III-2.

b1.3) A pasta I usa, preferencialmente, os polidos e alisados. Na pasta I, 63 % dos fragmentos apresentam superfícies externas polidas e a pasta I contribui com 19 % para a totalidade dos fragmentos polidos. É possível observar um decréscimo da utilização de diversos tratamentos de superfície na pasta I em relação à fase III-1. Ou seja, a pasta I perde em diversidade e ganha em especialidade na fase III-2.

b1.4) Nas pastas VI e VIII ocorrem diversos tratamentos de superfície no entanto é evidente uma utilização, preferencial, dos alisados, rugosos e cepilhados. Por exemplo, na pasta VI 33 % dos fragmentos são rugosos no entanto 65 % dos rugosos são de pasta VI. Aqui podemos observar que este tipo de tratamento de superfície é minoritário no entanto quando ocorre é, preferencialmente, aplicado em recipientes de pastas VI e VIII.

b1.5) Nas pastas IV e VII ocorrem, preferencialmente os polidos e alisados. A pasta VII revela uma menor diversidade de tratamentos de superfície perde comparativamente à fase III-1, ou seja a pasta VII apresenta menor quantidade de tratamentos de superfície na fase III-2, tornando-se mais especializada.

b1.6) A pasta XII apresenta uma boa quantidade de tratamentos de superfície sendo tal como as pastas VI e VIII bastante diversa ou pouco especializada.

b1.7) A pasta II apresenta vários tratamentos de superfície e comparativamente à fase III-1 podemos observar uma redução de especialização. Na fase III-2 os polidos são preferidos mas ocorrem, também, outros tratamentos de superfície sendo que na fase III-1 só ocorriam polidos.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Todos os contextos da fase III-2, no TEL, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro com uma representação de 46 a 54 %. Os cernes de tipo C possuem uma representação de 16 a 19 % e os cernes de tipo VE possuem uma representação de 17 a 19 %. A representação dos tipos C e VE é muito próxima e relativamente baixa. Em relação à fase anterior à visível um aumento dos tipos A, VC e B nos cernes dos fragmentos.

As hierarquias de cores presentes nos cernes diferem consoante o contexto sendo que 2 dos 4 contextos – A44 e Lx. 140 – possuem a *P*, *C*, *VE* e os outros 2 – A42 e A48 – possuem a hierarquia *P*, *VE*, *C*.

No somatório dos diversos contextos integrados na fase III-2, no TEL, as conjugações dominantes são a *P-P-P* (9 %), *VE-VE-VE* (9 %), *C-C-C* (7 %), *VE-P-VE* (6 %), *C-P-C* (6 %) e *A-P-P* (5 %). Podemos observar que as percentagens em cada conjugação são muito baixas o que indica por si só uma grande variedade de cores presentes nos fragmentos cerâmico. É de notar, nesta fase 43 % dos fragmentos possuem conjugações de cor minoritárias sendo que este facto só por si indica conjuntos cerâmicos que sofreram uma forte descoloração ou que são constituídos por fragmentos com um cor muito diversa. Os diversos contextos possuem hierarquias que divergem entre si sendo que as seguintes conjugações possuem intervalos de valores diferenciados: *P-P-P* (8 a 12 %), *VE-VE-VE* (7 a 11 %), *C-C-C* (6 a 8 %), *VE-P-VE* (4 a 7 %), *C-P-C* (5 a 7 %) e *A-P-P* (3 a 6 %).

Com base na avaliação da cor descrita no vol. 2, páginas 369 a 374, podemos dizer que nos contextos mais antigos – A44 e Lx. 140 – predominam as cores escuras (tipos *C* e *P*) quer nos cernes quer nas superfícies. Nos contextos mais modernos – A42 e A48 – o tipo *VE* possui uma maior visibilidade, tanto nos cernes como nas superfícies. Podemos observar que o tipo de cor *VE* sofre um aumento ao longo da ocupação da Idade do Ferro que cremos estar relacionado com o aumento dos tipos de pasta VI e VIII.

A análise das cores presentes nos recipientes dos diversos contextos integrados na fase III-2, no TEL, revela que a maioria dos bordos e bases presentes nas A42, A44 e A48 possuem cernes de cor de tipo *P* (53, 39 e 34 %, respectivamente). No Lx. 140, os tipos de cor maioritários nos cernes dos recipientes são os tipos *C* e *VE* (32 % cada). Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam da maioria das cores apresentadas na totalidade dos fragmentos de cada contexto analisado. Por exemplo, no Lx. 140, a maioria dos fragmentos apresenta cores escuras no entanto os recipientes apresentam uma grande visibilidade dos tipos de cor *VE* e *VC*. Deste modo é visível uma discrepância entre a análise da totalidade dos fragmentos, onde os fragmentos de bordos e bases se incluem, e os recipientes (constituídos maioritariamente por fragmentos de bordos e bases). Assim, cremos que a avaliação da totalidade dos fragmentos por contexto se figura como a mais correcta.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

As diversas pastas presentes nos 4 contextos integrados na fase III-2 possuem comportamentos divergentes. As pastas I, VII e VIII possuem um comportamento semelhante em

todos os contextos analisados, ou seja, os recipientes destas pastas possuíam a mesma espessura de paredes em todos os contextos integrados na fase III-2. As pastas II, IV, IX, XI e XII revelam comportamentos muito díspares, ou seja, num contexto possuem determinadas características e noutro, outras características. cremos que tal facto pode ser consequência directa do baixo número de fragmentos identificados para cada uma destas pastas. Por último, as pastas III, VI e X revelam comportamentos algo diferentes apesar da boa quantidade de fragmentos e da forte caracterização. Independentemente das diferenças e semelhanças identificadas observamos o que se segue.

d1) A pasta II é usada no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2).

d2) As pastas I, IV e VIII são usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) As pastas III, VII, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6);

d4) A pasta VI é usada quer na construção de recipientes de paredes finas quer de paredes medianas/grossas.

d5) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).

d6) A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é, em ambos, a 4. Nesta fase as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases são, estatisticamente, concordantes. cremos que tal concordância entre resultados na estética e técnica subjacente à manufactura dos recipientes cerâmicos. Quer dizer, uma parede muito fina não suporta um bordo muito espesso e uma parede uma espessa em princípio não possui um bordo muito fino. cremos que existe uma certa proporcionalidade entre ambas as partes que se relaciona com a estética dos recipientes. Em comparação com a fase III-1 podemos observar uma tendência de espessamento dos fragmentos.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-2, no TEL, foram identificados 121 bordos sendo que 59 foram reconstituídos (49 % de reconstituição). Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 21 a 62 % sendo que a A44 é o contexto com maior reconstituição. Podemos dizer que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação média / baixa pois metade dos contextos apresenta uma reconstituição abaixo dos 50 %. Em comparação à fase III-1, no TEL, podemos observar uma diminuição significativa na reconstituição dos recipientes (de 70 para 49 %).

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-2 estão presentes 18 tipos de formas, a saber: *1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 2f, 3a, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 8a, 8b e 9a*. Os tipos de recipientes com

maior presença são: *8b* (24 % dos recipientes mas apenas maioritário num contexto), *6a* (17 %), *8a* (15 % dos recipientes mas apenas maioritário num contexto) e *1b* e *9a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. Contudo é preciso notar que os tipos de formas *2e*, *6a* e *8b* possuem a mesma importância no Lx. 140 e o tipo de forma *1b* não é maioritário em nenhum contexto. Podemos observar uma distribuição muito diversa, onde estão presentes 18 tipos de formas que se distribuem de forma muito semelhante. Cremos existir uma ligeira preferência pelos tipos de formas *1b*, *1c*, *3c*, *6a*, *8a*, *8b* e *9a* à qual se segue um uso indiferenciado das restantes formas (11 formas).

e2) Pastas nos bordos e nos recipientes

As pastas mais relevantes no somatório dos bordos e bases são a VI (30 %), III (20 %), I (18 %) e VIII (16 %). Contudo as pastas mais relevantes nos bordos são VI (22 %), III e VIII (21 %), I (19 %). Quer dizer que existe um desfazamento entre o número de bordos e o número de bases e esse desfazamento é mais evidente em determinadas pastas. Nos recipientes, as pastas mais relevantes são a III (24 % dos recipientes reconstituídos), I e VI (22 % cada) e VIII (20 %).

As pastas com maior variedade de recipientes são a III (8 tipos diferentes), VIII e a I (7 tipos) e, por último a VI (6 tipos). Podemos concluir de modo bastante acertado que a pasta III é aquela que apresenta maior diversidade formal.

Os tipos de recipientes que apresentam maior variedade nos tipos de pasta em que são construídas são a *8a* e *8b* (5 tipos), *6a* (4 tipos), *1b* (3 tipos) e *2b*, *2c* e *3c* (2 tipos). Na distribuição dos tipos de pastas pelos tipos de formas podemos observar uma preferência pela pasta VIII nas formas *1b* e *8b*, uma preferência pela pasta III na *1c*, uma preferência pela pasta VI na *7a* e uma preferência pela pasta I na forma *8a*.

Podemos concluir que, na fase III-2, há uma clara preferência pelas pastas III e VI seguidas, de perto, das VIII e I. Podemos também observar que *não existe uma relação clara* entre os tipos de pastas e os tipos de formas, quer dizer que um mesmo tipo de forma é construído em diversos tipos de pastas *sem ser evidente a preferência por uma*.

Em relação à fase III-1 podemos observar algumas diferenças: *i)* um aumento significativo dos tipos de formas presentes, *ii)* o mesmo tipo de pastas presentes; *iii)* uma discrepância nos tipos de formas maioritários bem como nas pastas escolhidas para a sua construção; *iv)* um claro aumento do número de pastas identificados em recipientes e *v)* uma diminuição da especialização, quer dizer, de pastas associadas a determinados recipientes. Podemos ver que na fase III-1 era possível observar uma relação entre a forma *8a* e a pasta III e entre a forma *8b* e a pasta I.

e3) capacidade dos recipientes

Na fase III-2, tal como ocorre na fase III-1, é possível observar uma relação entre os tipos de formas e a capacidade dos recipientes. Os tipos de recipientes com maior capacidade são os tipos 7b, 8a e o 5a. Os restantes tipos de formas possuem uma capacidade igual ou inferior a 5 l, sendo que não são considerados grandes. As formas que não se encontram integradas nas formas de perfil em “S” (1, 2 e 3) e o tipo de forma 8b revelam capacidades pequenas, a maioria até 1 l. Os tipos de formas 6 e 9 revelam capacidades pequenas e médias, com uma maioria de recipientes com uma capacidade entre 1 e 5 l. Os recipientes de grande capacidade foram construídos nas pastas III, VI e VIII. As pastas I e II são usadas preferencialmente em recipientes pequenos e médios.

Na fase III-2, o conjunto cerâmico possui as seguintes características: *i)* 54 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que dos dois tipos o 2 é o mais usado; *ii)* os recipientes de capacidade de 2 a 5 l são os mais numerosos (21 %) e *iii)* 10 % dos recipientes possuem uma capacidade superior. Podemos observar uma maioria de recipientes de pequena ou média capacidade, uma presença reduzida quer de recipientes individuais quer de recipientes típicos de armazenamento e, por último, um uso evidente de recipientes de uso doméstico facilmente transportáveis e que estão de acordo com o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro.

Comparativamente à fase III-1 podemos observar o seguinte.

- 1) Em ambas as fases (III-1 e III-2) os recipientes de tipos 7b e 8a possuem o mesmo tipo de capacidades sendo estas de grande tamanho.
- 2) Em ambas as fases os recipientes de tipo 8b possuem o mesmo tipo de capacidades sendo estas de pequeno tamanho.
- 3) Na fase III-2 é possível observar menor diversidade de tipos de formas nos recipientes de grande capacidade pois na fase III-1 os tipos de formas 6a, 6b e 7b possuíam capacidades de 5 a 10 l. Na fase III-2 apenas os tipos de formas 5a e 8a possuem capacidades de 5 a 10 l.
- 4) Em ambas as fases não parece existir uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade.
- 5) Em ambas as fases as pastas I e II são utilizadas, unicamente em recipientes médios ou pequenos.
- 6) As duas fases apresentam diferenças na distribuição das capacidades dos recipientes, ou seja na fase III-2 a presença de recipientes com uma capacidade até 2 l é superior àquela apresentada na fase III-1 (54 % na fase III-2 e 43 % na fase III-1) e a presença de recipientes com uma capacidade superior a 5 l é inferior àquela apresentada na fase III-1 (10 % na fase III-2 e 25 % na fase III-1).

e4) Tipos de bordos dominantes

Na fase III-2, o tipo de bordo dominante é o tipo 1 (35 %), seguido do 4 (12 %), do 2 (8 %) sendo que os tipos 3 e 5 são, claramente, minoritários com valores de 5 e 3 %, respectivamente. A distribuição dos diversos tipos de bordo é diferenciada sendo que os tipos 1, 2 e 4 estão presentes em todos os contextos, o tipo 3 ocorrem em 3 contextos e o tipo 5 ocorre em dois contextos.

Nesta fase de ocupação, *os tipos de formas que não estão relacionados com nenhum tipo de bordo na tipologia de formas e que são identificados por vários exemplares não revelam uma relação de preferência com determinado tipo de bordos, como as formas 6a, 8a e 8b*. O tipo de bordo 1 – que é aquele maioritário – é, claramente, o preferido para todo o tipo de formas com mais de 50 % dos bordos identificados. No entanto é interessante observar que a forma 8a revela uma preferência pelos tipos de bordo 4.

É possível observar a preferência por determinados tipos de bordo como o B1 a9 e B1 a5 (12 % dos 121 bordos), B1 a7 (13 % do total) e B1 a6 (9 %). Nos recipientes os bordos com maior dominância são B1 a9 (em 10 % dos recipientes), B1 a5 e B3 a3 (em 8 % dos recipientes cada), B2 b4 (7 %), B1 a6, B4 a2, B4 a4 e B4 a9 (5 % cada).

e5) Bases

Na fase III-2, o tipo de base dominante é o 1 (18 %), seguido do 3 (7 %), do 2 (4 %) sendo que os tipos 5 e 7 são, claramente, minoritários com valores de 1 e 0,5 %, respectivamente. Tal como nos tipos de bordos, os tipos de base possuem distribuições muito diferenciadas. Os tipos de base 1 e 3 estão presentes em todos os contextos, o tipo de base 2 encontra-se presente em 3 contextos, o tipo de base 5 foi identificado em 2 contextos e o tipo de base 7 só ocorre num contexto.

Nesta ocupação, não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois qualquer tipo de base ocorre com qualquer ângulo de parede.

Tal como ocorre na fase III-1, a categoria de ângulo de base predominante é a 5 sendo que revela a presença de recipientes de panças redondas levemente achatadas seguida da categoria 4 relacionada com recipientes de panças arredondadas suavemente. Estas categorias de ângulo nas bases estão de acordo com a tipologia geral dos recipientes.

e6) Características dos conjuntos

Na fase III-2, é possível observar discrepâncias entre a análise dos bordos / recipientes e das bases. Assim a análise dos bordos / recipientes revela que 71 % dos recipientes são de perfil em “S”. No entanto nas bases apenas 58 % dizem respeito a recipientes de pança globular, sejam eles recipientes de perfil em “S” ou não – podem constituir uma taça ou tigela. O número de bases equivale a 60 % dos recipientes (72 de 121 bordos). Deste modo podemos concluir que pouco mais

de metade das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” e que tal corresponde a cerca de 40 % dos bordos e bases presentes. Assim podemos colocar a hipótese de que 60 a 70 % dos recipientes correspondem a recipientes de perfil em “S”. Os restantes recipientes correspondem a formas troncocónicas – 12 % das bases –, recipientes tipo prato – 8 % das bases – e taças e globulares.

Os recipientes que não possuem perfil em “S” estão presentes em todos os contextos analisados sendo que este tipo de recipientes possui uma relação proporcional com a cronologia dos contextos estudados. Ou seja, o contexto mais antigo é aquele que apresenta maior presença deste tipo de recipientes e o contexto mais moderno é aquele que apresenta menor presença deste tipo de recipientes.

Comparativamente à fase III-1 podemos observar: *i*) um decréscimo dos recipientes de perfil em “S”; *ii*) um aumento da diversidade dos recipientes que não possuem um perfil em “S” e *iii*) um aumento dos contextos que integram recipientes que não possuem um perfil em “S”, pois na fase III-1 este tipo de recipientes estavam associados unicamente à A47.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

Na fase III-2, no TEL, foram identificadas nove asas presentes nas seguintes estampas: LXI, 4, 5 e 7; LXIII, 2, 3, 4 e 7 sendo que duas se encontram muito fracturadas não sendo possível a sua caracterização (secção e localização). É possível que 7 % dos recipientes possuíssem asas (9/121) sendo que a distribuição das pastas é a seguinte: 1 em pasta I (4 % de recipientes de pasta I passíveis de possuírem asas – 1 asa /23 bordos); 4 em pasta III (15 % – 4/26); 1 em pasta VI (4 % – 1/27) e 2 em pasta VII (40 % – 2/5 bases – o número de bases é aqui superior ao número de bordos).

A distribuição das asas difere de contexto para contexto sendo que 2 pertencem à A42 e 2 à A44. Uma em cada um destes contextos apresenta decoração constituída por caneluras espatuladas mais ou menos volumosas.

Comparativamente à fase III-1 podemos observar o seguinte.

- 1) Um ligeiro aumento do número de asas (na fase III-1 equivaliam a 5 % dos recipientes e na fase III-2 a 7 %).
- 2) Uma distribuição mais homogénea de asas sendo que foram identificadas asas em quase todos os contextos analisados da fase III-2, à excepção da A48.
- 3) Na fase III-2 encontramos uma maior diversidade de asas em relação aos tipos de pastas e tipos de secção.
- 4) Na fase III-2, encontramos uma pior caracterização dos recipientes com asa, pois na fase III-1 foi possível caracterizar a localização das asas nos recipientes.

5) Na fase III-2 encontram-se presentes asas que consideramos mais complexas devido à presença de decoração.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas.

Na fase III-2, no TEL, estão presentes 19 decorações passíveis de integrarem recipientes diferentes (16 % dos recipientes). É de notar que duas das decorações presentes estão relacionadas com dois recipientes (bordos) cujos números de identificação são o 470 e 1019. As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas do volume 2: XXX, 3; LXI, 8; LXII, 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 13, 14 e 16; LXIII, 4; LXIV, 3, 4 e 5; LXV, 2 e LXVI, 6.

Na fase III-2, foram usadas 8 *técnicas decorativas*: penteado (37 %); incisão simples (32 %); incisão a torno e estampilhado de motivo único (21 % cada); decoração espatulada, decoração plástica e impressão da ponta do pente (10,5 % cada) e, por último, excisão (5 %).

Na fase III-2 foram usados 13 *instrumentos decorativos* que são 4 pentes de tipo 2 – com 3, 4, 5 e 6 puas –, um pente de tipo 9 com 6 puas, 4 instrumentos de incisão diferentes – 1, 2, 3 e 4 – e 4 carimbos de círculos concêntricos diferentes.

No TEL, na fase III-2 encontram-se integradas 5 *organizações decorativas* que são I, IV, IX, X e XXXIV. A organização decorativa maioritária é a I (37 %), seguida da X e XXXIV (21 % cada) e, por último, da IV e IX (5 % cada). Os recipientes decorados melhor preservados apresentam as organizações decorativas I, IX e XXXIV. Podemos observar que a fase III-2 apresenta uma menor quantidade de recipientes decorados completos e com boa preservação da decoração. Bem como as decorações melhor preservadas na fase III-1 não são as mesmas da fase III-2 sendo que na fase III-1 as decorações mais bem preservadas eram a XI, XIV e XXI.

g1) Caracterização genérica das decorações

A comparação das decorações presentes nas fases III-1 e III-2 permite observar algumas características que revelam comportamentos interessantes e que espelham atitudes diferentes em cada fase de ocupação.

Podemos dizer que na fase III-2 ocorre um aumento significativo dos instrumentos usados sem que ocorra um aumento significativo do número de decorações presentes. Podemos observar que ocorre uma diminuição da presença da organização decorativa XXXIV, um aumento da presença das organizações decorativas I e X e uma *diminuição da diversidade decorativa dentro das próprias organizações decorativas*. Também é possível observar que na fase III-2 encontra-se uma maior conjugação de técnicas decorativas num mesmo recipiente, sendo que 5 das 19 decorações conjugam

várias técnicas decorativas. Assim, as decorações da fase III-2 são mais complexas a nível técnico mas mantêm a mesma estética.

Podemos observar, na fase III-2, uma ausência das técnicas cepilhadas e brunidas que podem ser relacionadas com a ocupação da Idade do Bronze e do Ferro Inicial. A sua ausência pode ser uma etapa de desenvolvimento das decorações da Idade do Ferro, sobretudo se esta ausência ocorrer nas restantes zonas habitacionais.

No TEL, na fase III-2, ocorre uma dominância dos penteados e incisões a torno que indicam no caso dos penteados uma descontinuidade estética e no caso das incisões a torno a presença incontornável de tornetes nas oficinas dos oleiros. Ambas características apontam para factores de inovação nas decorações da Idade do Ferro.

Podemos, também, observar na fase III-2, no TEL, a continuação de uma tradição de decorações realizadas a linha incisa, no colo, provavelmente, proveniente da Idade do Bronze, que se revela em cerca de metade dos recipientes incisos e em 3/4 de decorações realizadas no colo. No TEL, as decorações da fase III-2 caracterizam-se pela sua simplicidade pois 37 % das decorações encontram-se na organização decorativa I.

g2) Pastas dos recipientes decorados

Na fase III-2, no TEL, a maioria de recipientes decorados são realizados em pasta I (63 %), seguida da VI (15 %) e, por último, das III e VIII (10,5 % cada). É de notar uma clara relação entre a realização de decoração e as pastas dos recipientes.

É de notar que não existe uma relação entre determinada decoração e determinado tipo de pasta, ou seja, os tipos de pastas típicos da Idade do Ferro – VI e VIII – não estão claramente relacionados com organizações decorativas típicas da Idade do Ferro – XXXIV. As organizações decorativas presentes nas pastas VI e VIII são a I, IV e XXXIV sendo a I, claramente maioritária. Os recipientes que apresentam a organização decorativa XXXIV são maioritariamente realizados em pasta I. Deste modo, os recipientes de pastas VI e VIII apresentam preferencialmente tratamentos de superfície rugosos, com algumas decorações simples de linhas incisivas e os recipientes de pasta I apresentam preferencialmente polidos, brunidos e alisados, com decorações mais complexas, muitas vezes, estampilhadas.

g3) Localização da decoração nos recipientes

Creemos que a maioria dos recipientes decorados presentes na fase III-2 apresenta a decoração na pança sendo que esta característica é indicada de modo indirecto através de vários factores de caracterização. Na fase III-2 ocorre um aumento significativo de fragmentos nos quais não é possível perceber a localização da sua decoração (42 %) – mas que supomos ser na pança. As restantes

localizações distribuem de um modo bastante homogêneo sendo que 21 % são realizadas no colo e as restantes localizações identificadas possuem o mesmo valor dentro do conjunto cerâmico em análise (10,5 %).

Deste modo, 21 % são localizações relativas à pança – tipo 4: linha colo/pança + pança e tipo 9: linha de diâmetro máximo, na pança. Podemos também observar uma ausência de decorações no bordo e a presença de duas asas decoradas, sendo que ambas localizações são muito raras no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

A fase III-2, no TEL, revela uma grande homogeneidade na distribuição das decorações nos diversos contextos analisados. A A48 apresenta 6 decorações (32 %), a A44 apresenta 5 decorações (26 %) e, por último, a A42 e o Lx. 140 apresentam 4 decorações cada (21 %). As 5 organizações decorativas presentes na fase III-2 encontram-se distribuídas de uma forma, relativamente, equitativa, sendo que cada contexto apenas possui 3 das organizações decorativas presentes sendo que não é possível relacionar as várias organizações decorativas com uma cronologia fina.

7.3.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

A fase III-2, na área norte, é representada por 20 contextos – A35, A36, A37, A38, A39, A30, A34, A67, A49, A53, A59, A54, A65, A31, Lx. 93, 105, 85.1, 61, 71 e 73 – que foram analisados de diversas formas. A fase III-2 é representada por um total de 7035 fragmentos cerâmicos, 222 recipientes conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento de bordo), 86 bases e 111 recipientes “reconstituídos (50 % do total de bordos). A análise dos diversos contextos permite “afinar” o número de recipientes presentes para 261 tendo em conta o número de bordos e bases presentes em cada contexto.

Os recipientes “reconstituídos” da ocupação da Idade do Ferro (Fase III-2) presentes na área norte encontram-se em todas as zonas habitacionais – PIN 1, 2 e 2.1 – mas não em todos os contextos analisados. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.4.4, volume 2, podemos observar as seguintes características nos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-2, na área norte.

a) Tipos de Pastas

Na fase III-2, na área norte, a pasta dominante é a *I* (presente em 7 contextos como pasta dominante e com valores entre 10 a 45 %), seguida da *III* (presente em 5 contextos como pasta dominante e com valores entre 13 e 50 %), *VIII* (presente em 5 contextos como pasta dominante e

com valores entre 0 a 37 %), a VI (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 0 a 51 %) e, por último a X (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre 0 a 27 %). Contudo nenhum dos contextos integrados na fase III-2 na área norte revela a hierarquia I, III, VIII. Alguns contextos possuem a hierarquia I, III, VI ou I, III, VII. A pasta VII possui o intervalo de valores 0 a 27 %, ou seja, num contexto não encontramos nenhum fragmento de pasta VII e o contexto com maior quantidade de fragmentos de pasta VII possui 27 % de fragmentos de pasta VII no total.

Os diversos contextos integrados na fase III-2 na área norte revelam discrepâncias e semelhanças entre si, sendo que os agrupamos consoante as suas semelhanças. Foram criados diversos grupos que descreveremos a seguir de modo sucinto. Para maior pormenor ler o vol. 2, páginas 394 a 399.

Os contextos foram divididos em 4 grupos. O 1º grupo diz respeito aos contextos onde as pastas I, III, VII são mais evidentes e é constituído pelas A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 85.1 e 105. à excepção do Lx. 85.1, todos os contextos apresentam uma hierarquia I, III, VII na totalidade dos fragmentos. O Lx. 85.1 possui a hierarquia III, I, VIII, com uma presença de pasta I e III muito elevada. Nestes contextos ocorre uma maioria de bordos e bases de pastas I e III, seguidas da VI e VII. Neste grupo estão integradas as U. Habs. 11 e 12.

O 2º grupo diz respeito aos contextos onde a pasta VI possui uma óptima relevância e é constituído pelas A30, A34 e A67. As A30 e A34 (U. Habs. 9 e 10, respectivamente) possuem a hierarquia VI, I, III sendo que a A67 possui a hierarquia I, III, VI. A presença de pasta VI na A67 não é tão elevada como nas A30 e A34 no entanto é das percentagens mais elevadas do conjunto cerâmico da fase III-2 na área norte. Nos recipientes é evidente a importância das pastas VI, VIII e III.

O 3º grupo diz respeito aos contextos onde a pasta VIII se destaca na totalidade dos fragmentos e é constituído pelas A59, A35, A37 e A39. Nestes contextos a pasta dominante é a VIII e com uma presença de 26 a 37 %. Encontra-se integrada neste grupo a U. Hab. 15 e o último solo de ocupação da PIN 1. Nos recipientes é evidente a importância das pastas VIII, III e VI.

O 4º grupo diz respeito aos contextos onde as pastas VI e VIII se encontram, ambas com uma presença significativa e é constituído pelas A36, A38, Lx. 73 e A31. O Lx. 73 e A31 partilham a hierarquia III, VIII, VII, a A36 possui a hierarquia VIII, III, VI e a A38 a hierarquia VIII, III, X. Nos recipientes é evidente a importância das pastas I, III, VI, VIII. Neste grupo está integrada a U. Hab. 14 (Est. XIX – vol. 1) e o solo de ocupação mais antigo na PIN 1.

As A38 e A39 são os únicos contextos que apresentam a pasta X nos três primeiros lugares dominantes sendo que não integramos a A39 em nenhum grupo pois possui a hierarquia X, VIII, III e é o único contexto onde a pasta X é dominante.

Podemos concluir que as Unidades Habitacionais, potencialmente, mais modernas e correspondentes ao final da ocupação possuem uma maior presença de pasta VI e VIII – U. Habs. 9, 10, 15. O solo mais antigo da PIN 1 e a depósito de abandono / destruição da U. Hab. 14 também apresenta uma quantidade elevada destes tipos de pastas. As U. Habs. 11 e 12 apresentam a dominância das pastas I e III. É de notar que os contextos parecem agrupar-se por zona de escavação, quer dizer que os contextos são mais semelhantes entre si na mesma zona de escavação – independentemente da cronologia – do que são semelhantes da outros de outras zonas de escavação – da mesma cronologia.

É importante referir que ocorrem recipientes das pastas I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII. Em relação às fases anteriores podemos observar um aumento paulatino do número de pastas identificadas em recipientes, sendo que na fase II foram identificadas 5 pastas e nas fases III-1 e III-2 foram identificadas 8 pastas. A diferença principal entre a fase III-1 e III-2 reside na presença, na fase III-1, de recipientes de pasta X (ausentes na fase III-2) e na presença, na fase III-2, de recipientes de pasta V (ausentes na fase III-1).

b) Tratamentos de superfície

A análise dos diversos contextos da fase III-2, na área norte, revela que nas superfícies externas os *polidos* encontram-se entre 11 % e 49 %, os *alisados* de 27 % a 61 %, os *rugosos*, *cepilhados* e *areados* encontram-se entre 1 e 36 %. No somatório de todos os contextos os alisados correspondem a 42 % dos fragmentos e os polidos a 32 %. Tal tendência é também visível em quase todas as U. Habs. sendo a exceção as U. Habs. 9 e 10.

Na U. Hab. 9 encontramos uma maioria de polidos externos (33 %), seguidos de alisados (29 %). *Na U. Hab. 10* encontramos uma maioria de rugosos, areados e cepilhados (36 %), seguidos dos alisados externos (29 %) e de polidos (22 %). *Na U. Hab. 11* encontramos uma maioria de alisados externos (52 %), seguidos de polidos (32 %). *Na U. Hab. 12* encontramos uma maioria de alisados externos (56 %), seguidos de polidos (24 %). *Na U. Hab. 15* encontramos uma maioria de alisados externos (41 %), seguidos de polidos (19 %). Os areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos possuem as seguintes percentagens nas seguintes U. Habs: U. Hab. 9 (17,27 %), U. Hab. 11 (1,22 %), U. Hab. 12 (4,62 %) e U. Hab. 15 (22,22 %). Apenas as U. Habs. 11 e 12 apresentam percentagens muito baixas de rugosos, areados e cepilhados externos.

No entanto, é interessante ver que uma maioria de contextos (9 contextos – A30, A65, Lx. 93, 105, A35, A36, A37, A38 e A39) apresenta uma maioria de polidos externos, seguidos de alisados (8 contextos – A49, A53, A54, A59, A67, Lx. 85.1, 73, A31) e um contexto com uma maioria de rugosos (A34).

Comparativamente às fases anteriores, podemos observar que o intervalo da presença de polidos desce em relação aos contextos das fases II e III-1 e que o intervalo de presença de alisados externos sobe em relação à fase anterior. cremos que tal diferença caracteriza a evolução dos tratamentos de superfície nas diversas fases de ocupação.

As conjugações de superfície dominantes são a *Ali/Ali* (de 8 % a 44 %, em 1º lugar em 7 contextos), *Pol/Pol* (de 0 a 29 %, em 1º lugar em 6 contextos), *Ali/Pol* (de 5 a 31 %, em 1º lugar em 3 contextos), *Pol/Ali* (8 a 31 %, em 1º lugar num contexto) e, por último, a *Rug/Pol* (0 a 24 %, em 1º lugar num contexto). Podemos observar que as conjugações maioritárias são as mesmas que as das fases anteriores (fase II e III-1) sendo que podemos observar – em relação à fase III-1 – um aumento das conjugações *Ali/Ali* e *Pol/Ali* e uma diminuição das conjugações *Pol/Pol* e *Ali/Pol*.

Os contextos apresentam hierarquias de conjugações muito diferentes entre si e diferentes desta ordem obtida pela análise do conjunto sendo que apresentamos de seguida, resumidamente, algumas características.

A U. Hab. 9 integra-se num grupo de 3 contextos que possuem a hierarquia *Ali/Pol; Ali/Ali; Pol/Pol e Pol/Ali*. As U. Habs. 11, 12 e 15 pertencem a um grupo de 7 contextos que apresentam a hierarquia *Ali/Ali; Pol/Pol; Pol/Ali e Rug/Pol ou Ali/Pol*. O último solo de ocupação da PIN 1 (A35) integra um grupo de 6 contextos com a hierarquia *Pol/Pol; Ali/Ali; Ali/Pol e Pol/Ali ou Rug/Pol*. A U. Hab. 10 apresenta-se como um contexto discrepante com a hierarquia *Rug/Pol; Ali/Ali; Pol/Pol e Ali/Pol*.

Podemos observar que as conjugações de tratamentos de superfície dominantes são as mesmas das fases anteriores e que as diferenças nos intervalos de valores são muito ténues. A análise dos tratamentos de superfícies dominantes nos diversos contextos permite observar que não se verifica uma relação proporcional e intrínseca entre os vários tratamentos de superfície. Quer dizer, apesar da diminuição dos polidos e aumento dos alisados e grupo dos rugosos (rugosos, cepilhados e areados), o tratamento de superfície polido não é substituído pelo alisado e o alisado não é substituído pelo areado, cepilhado, grafitado e/ou rugoso. É evidente que quando a percentagem de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos é alta, a percentagem de alisados e polidos tem que ser mais baixa, mas, aparentemente, não há uma evolução preferencial que coloque determinados tratamentos de superfície em desuso. Ou seja, o que ocorre é que em determinados contextos (e em

consequência determinadas fases) os polidos são mais usados que os alisados, mas o aumento dos alisados não ocorre para substituir os polidos. Cada tratamento de superfície tem o seu lugar no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros sendo que o que acontece são escolhas temporárias por uns e por outros.

Devido à importância caracterizadora na Idade do Ferro dos tratamentos de superfície rugosos, cepilhados e areados, podemos referir que as U. Habs. 9, 10 e 15 destacam-se pela presença evidente dos tratamentos de superfície areado, cepilhado, grafitado e rugoso. Estes contextos enquadram-se num grupo onde a presença destes tratamentos de superfície é de 14 a 36 % e onde é evidente a importância das pastas VI e VIII. As U. Habs. 11 e 12 destacam-se por uma baixa presença dos tratamentos de superfície areado, cepilhado, grafitado e rugoso. Estas duas U. Habs. Enquadram-se num grupo onde estes tratamentos de superfície são representados por 1 a 11 % dos fragmentos e onde existe uma forte presença das pastas I, III e VII.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

A análise dos tratamentos de superfície presentes nos diversos conjuntos cerâmicos integrados na fase III-2, na área norte, permite concluir que existe uma relação entre o tipo de pasta e o tipo de tratamento de superfície aplicado no recipiente. Podemos afirmar que um contexto que possui uma presença visível das pastas VI e VIII, possuirá, com grande probabilidade, uma maior visibilidade de areados, cepilhados, grafitados e rugosos externos e a presença de uma conjugação de tratamento de superfície, que contenha um destes tratamentos referidos, nas quatro principais conjugações presentes. Quer dizer, que os recipientes construídos em pastas VI e VIII possuem, preferencialmente, tratamentos de superfície externos rugosos, cepilhados e areados. Para uma descrição mais pormenorizada ler o vol. 2, páginas 406 e 407.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Todos os contextos da fase III-2, na área norte, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro com uma representação de 25 a 62 %. Os cernes de tipo C possuem uma representação de 11 a 28 % e os cernes de tipo VE possuem uma representação de 11 a 40 %. Em relação à fase anterior à visível um aumento do tipo VE e uma diminuição do tipo P nos cernes dos fragmentos.

Os contextos integrados na fase III-2 foram agrupados em dois grupos consoante a hierarquia obtida na cor dos cernes dos fragmentos. No 1º grupo constituído por 12 contextos – e onde estão integradas as U. Habs. 10, 11, 12 e 15 – apresenta a hierarquia P, C, VE. O 2º grupo constituído por 5

contextos – onde se integra a U. Hab. 9 – apresenta a hierarquia *P, VE, C*. Um contexto possui a hierarquia *P-C-A*.

Avaliamos a relação entre os tipos de cores e os tipos de pastas presentes nos diversos contextos pois a análise empírica apontava para uma relação intrínseca entre o tipo de cor VE e a pasta VI, o tipo de cor A e a pasta VIII e os tipos de cor P e C e as pastas I e III. No entanto não é possível observar uma *relação estatística clara e evidente* entre os tipos de cores e os tipos de pastas. De facto, contextos com diferentes quantidades de cada pasta e integrados em grupos de pastas diferentes possuem as mesmas características de cor nos cernes dos fragmentos. cremos que a quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII não é o suficiente para que sejam visíveis características diferentes na cor dos cernes – cernes de tipo VE e A. cremos que se as quantidade de pastas VI e VIII fossem mais elevadas as cores presentes nos cernes seriam diferentes. Ainda assim é visível uma relação entre o tipo VE e a pasta VI, quer dizer que quando o tipo VE se encontra muito presente, é provável que o contexto contenha uma boa quantidade de fragmentos de pasta VI (como acontece na A30 – U. Hab. 9). No entanto quando um contexto possui uma maioria de tipos P e C, tal não quer dizer que a pasta VI não seja visível.

No somatório dos diversos contextos integrados na fase III-2, na área norte, as conjugações dominantes são a *C-C-C* (em 1º lugar em 7 contextos, em 2º lugar em 5 contextos e com uma presença de 4 a 22 %); *VE-VE-VE* (em 1º lugar em 3 contextos, em 2º lugar em 6 contextos e com uma presença de 6 a 23 %); *A-P-A* (em 1º lugar em 4 contextos, em 2º lugar em 1 contexto e com um presença de 2 a 19 %); *A-A-A* (em 1º lugar em 2 contextos, em 2º lugar em 1 contexto e com uma presença de 0 a 20 %); *P-P-P* (em 1º lugar em 2 contextos, em 2º lugar em 1 contexto e com uma presença de 0 a 15 %); *VE-P-VE* (em 1º e 2º lugar num contexto e com uma presença de 0 a 15 %) e *C-P-C* (em 2º lugar em 3 contextos e com uma presença de 3 a 15 %).

Os contextos apresentam uma grande diversidade na distribuição das conjugações de cor sendo que foram agrupados consoante os tipos de cor dominantes nas conjugações presentes. Um 1º grupo é constituído por 3 contextos – onde estão presentes as *U. Habs. 9 e 10* – que apresentam a hierarquia *VE-VE-VE, P-P-P, VE-P-VE e VE-P-P*, com evidencia dos tipos de cor P e VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos. É de notar que este grupo coincide inteiramente com um dos grupos da análise de pastas, onde a pasta VI apresenta dominância. Um 2º grupo é constituído por 5 contextos – onde estão presentes as *U. Habs. 11, 12 e 15* – que apresentam a hierarquia *C-C-C; VE-VE-VE, C-P-C e VE-P-VE*, com evidencia dos tipos C e VE. As *U. Habs.* Revelam, também, alguma importância do tipo P. os restantes contextos foram agrupados em mais 3 grupos, onde se evidenciam os tipos *A e C* num 3º grupo; *A, VE e C* num

4º grupo e *P* e *C* num último grupo. Para uma descrição mais pormenorizada ler o vol. 2 na página 413.

É de referir que não há uma relação entre a quantidade de cernes negros ou castanhos-escuros e os tipos de conjugações maioritárias. Deste modo a avaliação da cor dos recipientes deve ser realizada com base nas conjugações de cor presentes pois cremos que o factor de maior influencia nos tipos de conjugações maioritárias presentes num dado contexto não é a cor dos cernes, mas sim o número de recipientes e seu estado de conservação. Assim, podemos concluir que a cor da maioria dos recipientes presentes na fase III-2 varia entre o vermelho-escuro e o castanho-escuro.

Gostaríamos de referir que ainda que possamos entender que cada conjugação é minoritária (por exemplo a primeira conjugação maioritária encontra-se apenas entre 12 e 23 %), o conjunto das quatro conjugações maioritárias é bastante significativo sendo que as 4 conjugações maioritárias ocupam na totalidade dos conjuntos uma presença entre 42 e 60 % do total de fragmentos. Deste modo, cremos que a avaliação das conjugações de cor permite uma visualização bastante boa da cor da maioria dos recipientes presentes em determinado contexto.

A análise dos bordos e bases presentes nos diversos contextos permite perceber que os grupos obtidos são discordantes dos grupos obtidos através da análise da totalidade dos fragmentos. Cremos que a análise à totalidade dos fragmentos é no caso do Crasto de Palheiros mais viável do que aquela realizada aos bordos e bases, que na sua maioria são de pequeno tamanho.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

As diversas pastas presentes na fase III-2, na área norte, apresentam espessuras consideradas medianas sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A pasta VII é aquela que apresenta fragmentos de maior espessura. A caracterização das pastas IX, X, XI e XII não é segura pois baseia-se num número muito reduzido de fragmentos. Podemos caracterizar da seguinte forma as diversas pastas presentes.

d1) A pasta II apresenta recipientes de paredes muito finas (cats. 2 e 3).

d2) As pastas I, VI e VIII apresentam recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) as pastas III, IV e V apresentam recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5) sendo que destas a pasta III é aquela que apresenta espessuras maiores.

d4) A pasta VII apresenta recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

d5) As pastas IX, X, XI e XII não permitiram a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos.

Os contextos revelam grandes semelhanças entre si pois possuem uma maioria de fragmentos nas categorias 3 e 4. Assim, as espessuras da maioria dos recipientes podem ser consideradas medianas. Contudo, alguns contextos possuem mais pastas com uma maioria de fragmentos em cat. 3 e outros uma maioria de fragmentos em cat. 4 ou superior. A U. Hab. 15, o piso de argila da U. Hab. 10, o último solo de ocupação da PIN 1 e um dos solos mais antigos da fase III-2 (A54) revelam várias pastas em que a maioria dos fragmentos se encontra na cat. 4. Deste modo, estes contextos revelam recipientes, tendencialmente, mais espessos que nos restantes contextos onde se integram a maioria das U. Habs. (9, 10, 11 e 12).

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-2, na área norte, foram identificados 222 bordos sendo que 111 foram reconstituídos (50 % de reconstituição). Dos 18 contextos integrados na fase III-2 apenas 14 permitem uma análise morfológica de recipientes onde se integram, entre outros contextos, as U. Habs. 9, 10, 11, 12, 15 e solos de ocupação da PIN 1. Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 29 a 100 % sendo que a A30 (U. Hab. 9) e A38 são os contextos com maior reconstituição. Podemos dizer que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação média / baixa pois metade dos contextos apresenta uma reconstituição abaixo dos 50 %. A fase III-2 é muito semelhante, ao nível da reconstituição com a fase III-1, pois na fase III-1 a reconstituição era de 48 %. Consideramos em ambas as fases uma preservação média baixa.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-2 estão presentes 29 tipos de formas, a saber: *1a, 1b, 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 3a, 3c, 4a, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7d, 8a, 8b, B3b, B4b, B5a, B5c, B5d, B9, B12a, B12b, B13, B14b e B18*. Os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (34 % dos recipientes mas apenas maioritário no último solo de ocupação da PIN 1), *8b* (34 % dos recipientes mas apenas maioritário na A31), *6a* (15 % dos recipientes e maioritário no Lx. 93), *1b, 2c e 6b* (19 % ao todo) e, por último, o tipo *2b* (3,6 %). Os restantes tipos (de 3 a 1 exemplar em cada) correspondem cada um a menos de 3 % dos recipientes reconstituídos.

e2) Pastas nos bordos e nos recipientes

As pastas mais relevantes na totalidade dos bordos da fase III-2, na área norte, são a *III* (31 %), *I* (28 %), *VI* (14 %), *VIII* (13 %) e *VII* (10 %). As pastas *II, IV e V* apresentam uma representação inferior a 2 %. Nos recipientes reconstituídos, as pastas mais relevantes são a *III* (32 %), *I* (30 %), *VI* (14 %), *VIII* (13 %), *VII* (6 %), *IV* (4 %) e *V* (2 %). Não ocorrem recipientes reconstituídos em pasta *II*. Apesar do número de bordos ser claramente superior ao número de recipientes reconstituídos, as percentagens de pastas nos bordos são muito semelhantes àsquelas presentes nos recipientes. Somos de opinião que tal constituiu-se como uma coincidência pois

noutros contextos de outras fases tal coincidência não ocorre. Podemos concluir que há um claro domínio das pastas I e III (que juntas constituem mais de metade dos recipientes cerâmicos) sendo estas pastas usadas em recipientes de diversas formas.

Podemos observar que cerca de 12 % dos recipientes reconstituídos correspondem a tipos formais conotados com a Idade do Bronze e que cremos estarem fora do seu contexto original. Os recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze estão construídos nas pastas I, III, VII e VIII. Deste modo, na ocupação da Idade do Bronze foram utilizadas pastas semelhantes às da Idade do Ferro e assim podemos afirmar uma *continuidade técnica ao nível das pastas entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro*.

Na fase III-2, na área norte, não existe uma relação evidente entre tipos de recipientes e tipos de pasta pois cada tipo de pasta encontra-se em recipientes de diferentes tipos sendo que todas as pastas presentes foram utilizadas em mais de um tipo formal – mesmo aquelas que são representadas por poucos exemplares, como as pastas IV e V.

Contudo, são visíveis algumas tendências de utilização de determinadas pastas em determinados tipos de recipientes. Gostaríamos de dizer que as tendências de utilização podem ser notadas de dois modos distintos. Por um lado, podemos analisar a ocorrência de determinado tipo de recipientes em determinado contexto e qual as pastas em que é construído. Por outro, os vários tipos de recipientes e suas pastas são analisados em todos os contextos onde ocorrem. Assim, podemos dizer que apesar de não existir uma relação de exclusividade entre tipos de pastas e tipos de formas, é notória uma tendência de uso de determinadas pastas. Ou seja, o tipo de forma *8b* ocorre com 6 pastas diferentes sendo que em 6 contextos ocorre em pasta III, em 4 contextos em pasta VIII, em 3 contextos em pasta I e, apenas, num contexto ocorre em pastas V, VI e VII. O tipo de forma *6a* ocorre em 5 contextos em pasta III e em 4 contextos em pasta I, sendo as outras pastas muito minoritárias. Deste modo, podemos observar uma tendência de uso ainda que ela não seja exclusiva nem restritiva. *Quer dizer que globalmente os membros da comunidade usavam determinado tipo de recipiente com determinada pasta no entanto, outras condicionantes impuseram-se de tal forma que tal preferência não era usada de forma restritiva.*

A análise realizada revela que o comportamento mais usual dos recipientes é ocorrerem em determinado contexto em uma ou duas pastas diferentes. Ou seja, cada unidade habitacional – ou contexto – apresenta uma certa restrição no tipo de recipientes e suas pastas. Contudo, alguns contextos revelam uma diversidade “anormal” pois determinado tipo de forma é representado por vários recipientes realizados em pastas diferentes. Tal ocorre na U. Hab. 11 com a tipo *6b* e no último solo de ocupação da PIN 1 com o tipo *8b* – entre outros contextos. Cremos que esta

diversidade está relacionada com a reposição de recipientes partidos em contexto de grande continuidade ocupacional. É de notar que apenas uma U. Hab. incendiada apresenta esta característica particular.

e3) Capacidade dos recipientes

Na fase III-2, os diversos recipientes possuem vários tipos de capacidade sendo que a distribuição destas capacidades é bastante homogénea. Consideramos este conjunto muito equilibrado pois todas as categorias de capacidades estão bem representadas. Podemos observar que 28 % dos recipientes possuem uma capacidade até 1 litro sendo considerados pequenos e de uso individual ou restrito. De seguida, 44 % dos recipientes possuem uma capacidade de 1 a 5 litros, considerados de capacidade média e de uso familiar doméstico (consumo de alimentos). E, por último, 17,5 % correspondem a recipientes de grande capacidade onde 7 % podem ser considerados inamovíveis devido ao seu peso. O conjunto de recipientes reconstituídos da fase III-2 caracteriza-se por uma boa variedade de capacidades sendo que estão presentes recipientes pequenos, médios e grandes. A distribuição dos recipientes pelas várias categorias de capacidade é bastante equitativa e independentemente da predominância de recipientes pequenos e médios é evidente a presença de recipientes grandes e muito grandes. Cremos que as características do conjunto cerâmico da fase III-2, no que diz respeito à capacidade dos recipientes e relativamente à fase III-1, podem estar relacionadas com a boa representatividade dos contextos. Assim, não podemos afirmar que as características identificadas diferenciadoras do conjunto cerâmico da fase III-1 – por exemplo maior representatividade de recipientes de grande tamanho – são de facto um reflexo de uma mudança comportamental em relação à ocupação da fase anterior. *Contudo, podemos colocar a hipótese interpretativa que na ocupação da fase III-2 possa ter ocorrido um incremento da agricultura ao ponto do armazenamento dos produtos alimentares ter aumentado significativamente, reflectindo-se numa presença mais evidente de recipientes de grande capacidade.*

A avaliação dos tipos de formas permite concluir que existe uma relação entre tipo de formas e capacidades dos recipientes. De uma forma resumida, podemos afirmar que as taças rectas são, maioritariamente, recipientes muito pequenos, com uma capacidade inferior a 300 ml. Os globulares são recipientes de capacidade média, que vão de 300 ml a 5 litros. A capacidade das taças rectas e dos globulares leva-nos a crer que as taças rectas constituíam objectos individuais e que os globulares eram recipientes de uso mais diversificado e que podiam mesmo ser de uso colectivo. Os recipientes considerados grandes são sempre recipientes de perfil em “S” sendo que cremos que há uma relação entre este tipo de forma e uma capacidade elevada.

A avaliação dos tipos de pastas presentes nos recipientes e das suas capacidades permite concluir que não existe uma relação directa e inequívoca entre os tipos de pastas e os tipos de capacidade dos recipientes. De facto, uma mesma pasta possui recipientes de diversos tamanhos contudo podemos vislumbrar algumas tendências comportamentais que cremos serem o reflexo de preferências e escolhas da comunidade. Podemos observar que a pasta I nunca é usada para recipientes de grande tamanho (cats. 6 e 7) sendo evidente a sua escolha para a manufactura de recipientes pequenos e médios. As pastas VI e VII são usadas em recipientes de grande tamanho sendo evidente uma tendência de uso destas pastas em recipientes grandes e as pastas III e VIII de modo mais ou menos indiferenciado com uma tendência para os médio / grandes.

e4) Tipos de bordos dominantes

Na fase III-2, na área norte, o tipo de bordo dominante é o tipo 1 (56 %), seguido do tipo 4 (21 %), 2 (10 %), 3 (9 %), 5 (2 %) e, por último, 6 (1 %). Apesar das diferenças percentuais entre os diversos tipos de bordo podemos observar que o tipo de bordo 1 e 2 são aqueles mais presentes nos diversos contextos – em 13 e 12 contextos respectivamente. São seguidos pelo tipo de bordo 4 – presente em 11 contextos –, tipo 3 – em 8 contextos –, tipo 5 – em 3 contextos – e tipo 6 que ocorre em 2 contextos. É de notar que um tipo de bordo pode ser maioritário e não ser aquele que mais ocorre nos diversos contextos. Na fase III-2, o tipo de bordo 4 está mais presente do que o tipo de bordo 2 no entanto o tipo de bordo 2 ocorre em mais contextos do que o tipo de bordo 4. Este comportamento pode ser explicado por um uso mais diverso de determinados bordos, como o 4 (usado em vários tipos de formas) e por um uso mais restrito de outros tipos de bordo, como o 2, usado em recipientes restritos mas que não deixam de ser, globalmente, utilizados. Ou seja, o tipo de bordo 2 está associado a determinadas formas que eram globalmente utilizadas em todos os contextos – ainda que em número reduzido. Podemos colocar a hipótese que os conjuntos cerâmicos possuíam determinadas configurações – quase obrigatórias – onde a utilização de determinados tipos de formas e bordos era mais numerosa do que outros mas não mais importante.

Na fase III-2 estão presentes 47 tipos de bordo (tipo + subtipo de bordo) sendo este número muito superior ao da fase III-1. É visível a preferência por determinados tipos como o B1 a7 (14 %), B1a5 (13 %), B1 a9 (11 %), B4 b2 (8 %), B1 a1 (7 %) e B3 a2 (5 %). Podemos também observar que 20 tipos são representados unicamente por 1 exemplar correspondendo a 9 % do conjunto de bordos da fase III-2. Comparativamente à fase III-1 é visível uma continuidade de uso de determinados tipos como o B1 a9, B4 b2, B1a5, B1 a7, B2 b4, B1 a1, B2 b5 e B3 a2.

A análise dos tipos de recipientes e seus bordos permite concluir que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer

em qualquer tipo de forma sendo que não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente. É de notar que as relações entre tipos de bordo e tipos de formas são semelhantes nas fases III-1 e III-2.

As características apresentadas pelos conjuntos cerâmico – bordos – da fase III-2 levou-nos a colocar uma hipótese interpretativa. Em resumo, ocorre um aumento significativo de tipos de bordos, ocorre uma grande variedade de tipos de bordos apesar do aumento do número de recipientes, a diversidade de tipos de bordos choca com a pouca diversidade de tipos de formas acentuando-se esta característica nesta fase, os tipos de bordos maioritários são os mesmo da fase III-1 sendo visível uma continuidade destes tipos de bordo na fase III-2 (indicando uma continuidade formal e quem sabe funcional). Deste modo, cremos que *a variedade apresentada nos bordos é uma espécie de decoração presente nos recipientes.*

e5) Bases

Na fase III-2, na área norte, o tipo de base dominante é o 1 (50 %), seguido do 3 (20 %), do 2 (18 %) e, por último, do 5 (2 %). A base maioritária não é aquela que ocorre em maior número de contextos pois o *tipo de base 3* encontra-se presente em 10 contextos e o *tipo de base 1* encontra-se em 9 contextos. O *tipo 2* encontra-se em 7 contextos e o *tipo 5* encontra-se em 2 contextos. Podemos dizer não detectamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação e os contextos com maior diversidade de bases não incluem nenhuma U. Hab. A grande maioria dos contextos na PIN2 – onde se incluem as U. Habs. – revelam pobreza formal ao nível das bases. Cremos que tal facto pode estar relacionado com o tipo de recipientes presentes nas U. Habs. E com a coesão própria destes contextos. Ou seja, num depósito de ocupação – por exemplo da PIN 1 – é mais provável encontrar maior variedade de bases do que numa U. Hab. Tal variação está relacionada com a coesão e curto espaço de tempo com o qual um conjunto cerâmico de uma U. Hab. se relaciona e com a longa continuidade de deposições presente num solo de ocupação como são aqueles da PIN 1.

A análise das pastas das 86 bases identificadas nesta fase permite observar que a pasta dominante é a III (36 %), seguida da I (21 %), VI e VII (16 % cada), VIII (5 %), IV (4 %) e, por último II e V (1 % cada). Na fase III-2, na área norte, há um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos que já tinha sido notado noutros contextos e fases do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

No conjunto cerâmico da fase III-2 o número de bases equivale a 39 % do número de bordos sendo que podemos lançar a hipótese de que menos de metade dos recipientes pode não possuir fundo recto. É de notar que a equivalência entre o número de bases e bordos diverge consoante a

pasta. Por exemplo, na pasta IV o número de bases equivale a 75 % do número de bordos e na pasta VIII o número de bases equivale a 13 % do número de bordos. Com base nesta análise podemos lançar a hipótese de que os recipientes realizados em pasta I e VIII possuem mais fundos convexos do que aqueles realizados em pasta III e VI, respectivamente. Ou seja, há uma relação entre os tipos de pastas e os fundos dos recipientes sendo que o tipo de base é uma das características formais mais importantes.

A reconstituição dos recipientes presentes no Crasto de Palheiros é muito frágil devido à alta fragmentação dos recipientes e por isso é preciso avaliar as características das bases e bordos de modo separado. A análise das pastas das bases permite observar que as pastas com menor quantidade de fundos por bordo (I e VIII) são aquelas que apresentam, maioritariamente, recipientes de pequena e média capacidade e as pastas que apresentam maior quantidade de fundos por bordo (III, VI e VII) são aquelas que apresentam maior tendência para a ocorrência de recipientes médios e grandes. Podemos colocar a hipótese interpretativa que os recipientes de pequena capacidade possuem um fundo convexo na linha do recipiente 476 (forma 6b) e que os recipientes de maior capacidade possuem um fundo recto, ainda que este seja normalmente de tamanho inferior ao bordo. É também possível a presença maioritária de fundos de pequeno tamanho, inferior a metade da área ocupada pela boca dos recipientes. A conservação de fundos de tão pequeno tamanho poderia levar a um registo desequilibrado tal como aquele que ocorre no Crasto de Palheiros. Contudo a presença de recipientes de fundo convexo, como os recipientes 5 e 476 aponta para a presença deste tipo de fundos no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Podemos dizer que a reconstituição do recipiente 5 aponta para um fundo convexo devido à técnica de manufactura usada na construção do recipiente.

A avaliação dos tipos de base (sua morfologia) e a angulação da parede permite concluir que não existe uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes. Um mesmo tipo de base possui vários tipos de ângulo de parede.

A avaliação da angulação das bases presentes na fase III-2, na área norte, permite observar que cerca de 60 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico, cerca de 20 % correspondem a vasos troncocónicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio e 5 % correspondem a recipientes tipo prato. Relembramos que as bases correspondem apenas a 39 % dos bordos presentes na fase III-2. Concluimos que as bases são, maioritariamente, usadas em recipientes de perfil em “S” sendo esse o seu objectivo principal. No entanto são também usadas em recipientes de fundo muito alargado ou recipientes troncocónicos.

e6) Características dos conjuntos

A caracterização do conjunto cerâmico da fase III-2, da área norte, revela que 68 % dos recipientes reconstituídos são de perfil em “S”, 20 % são globulares de vários tipos, 10 % são taças rectas, 2 % são recipientes troncocónicos (tipo B13, 2 exemplares) e 1 % são recipientes carenados. As bases correspondem a 39 % dos bordos presentes, sendo que 60 % destas correspondem a perfis em “S”. É evidente a presença de uma maioria de recipientes de perfil em “S” que podem corresponder a 3/4 do total de recipientes do conjunto cerâmico.

O número de recipientes por contexto e os tipos de formas presentes ocorre de forma muito diferenciada. Na fase III-2, os contextos possuem 1 a 17 recipientes reconstituídos e 1 a 11 tipos de formas diferentes (dos 29 tipos presentes). O número máximo de recipientes reconstituídos é 17 e de bordos é 39 – ambos na U. Hab. 11 – sendo que tal não propicia totalmente o aparecimento de todos os tipos num só contexto. Os contextos mais diversos – U. Hab. 11 e A54, ambas com 11 tipos de formas diferentes – apenas representam 38 % das formas presentes na fase III-2. Podemos concluir que os contextos revelam poucos recipientes mas de várias formas sendo pobres em número, ricos em diversidade interna e pobres em diversidade externa. Ou seja, os contextos revelam, na generalidade, um número muito reduzido de recipientes, onde estão presentes várias formas diferentes. Cada contexto apresenta mais diferenças do que semelhanças em relação a outros contextos e tal gera uma grande diversidade de recipientes na totalidade da fase III-2. Assim cada contexto é único na representação dos seus recipientes. Comparativamente à fase anterior podemos observar um ligeiro aumento de variedade.

A distribuição dos diversos tipos de formas ocorre do seguinte modo: o *tipo 8b* em 10 contextos – onde se incluem as U. Habs. 9, 10, 11 e 12; o *tipo 8a* encontra-se presente em 8 contextos – onde se inclui a U. Hab. 11; o *tipo 6a* encontra-se em 9 contextos incluindo as U. Habs. 10, 11 e 12; o *tipo 6b*, encontra-se em 3 contextos como nas U. Habs. 9 e 11; o *tipo 1b* encontra-se em 5 contextos onde se inclui a U. Hab. 11; o *tipo 2c* encontra-se em 5 contextos onde se inclui a U. Hab. 11 e o *tipo 2b* em 4 contextos onde se incluem as U. Habs. 11 e 12. A U. Hab. 11 é a mais diversa de todas, seguida da 12, 9, 10 e 15. Há uma grande discrepância entre a realidade da U. Hab. 11 e das restantes U. Habs.

A distribuição dos tipos de capacidade por contexto é também muito desigual. Podemos dizer que as U. Habs. 9 e 12 apresentam apenas recipientes de pequeno / médio tamanho (até 5 litros); a U. Hab. 11 apresenta recipientes de quase todos os tamanhos revelando homogeneidade na distribuição, a U. Hab. 10 apresenta uma distribuição muito desigual onde ocorrem tanto recipientes muito pequenos como muito grandes e a U. Hab. 15 não apresenta nenhum recipiente. A U. Hab. 10 é um

dos contextos com recipientes de maior tamanho sendo que não se incluem aqui mais nenhuma U. Hab.

A avaliação dos bordos e bases presentes nos diversos contextos permite observar que as U. Habs. 9, 10 e 12 apresentam pouca diversidade de tipos de bordos (3 ou menos tipos). Em todos os contextos há um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos. As U. Habs. 11 e 12 são dois dos três contextos onde a discrepância entre o número de bordos e bases é muito grande.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

Na fase III-2 estão presentes 7 fragmentos de asas presentes nas seguintes estampas: XL, 9 e 11; XLI, 10, 13 e 14; XLII, 7 e XLVI, 2. Os recipientes com asas podem constituir 3 % dos recipientes.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-2, na área norte, estão presentes 64 decorações passíveis de integrarem recipientes diferentes (29 % dos recipientes). As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas do volume 2: XXVII, 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 16 e 19; XXVIII, 3, 7 e 14; XXIX, 2, 3, 9, 10, 11, 13 e 14; XXX, 5, 8, 12, 14, 15, 16, 19 e 20; XXXI, 3; XXXII, 4; XXXIII, 1, 2, 4, 7 e 8; XXXV, 1, 5 e 11; XXXVII, 2, 3, 5, 6, 8, 16, 17 e 19; XXXVIII, 3, 4, 9, 10, 11, 13 e 14; XL, 4; XLII, 5, 7, 8 e 10; XLIII, 4; XLIV, 3; XLVI, 6; XLVII, 6 e XLIX, 3 e 5.

Na fase III-2 foram usadas 11 técnicas decorativas: incisão simples (53 %); penteado (23 %); cepilhado e estampilhado de motivo único (9 % cada); impressão da ponta do pente (8 %); decoração a espátula (6 %); excisão (5 %); brunido, decoração plástica e estampilhado rolado (3 % cada) e, por último, incisão a torno (2 %). Neste conjunto cerâmico 19 % dos fragmentos decorados apresentam mais do que uma técnica decorativa (correspondem a 12 fragmentos).

Na fase III-2 foram usados 22 instrumentos decorativos que são o pente 1 com 3, 4, 5, 6 e 13 puas, o pente 2 com 4, 5 e 6 puas, o pente 3, o pente 4 com 7 puas, o pente 6 com 6 puas, o pente 7 com 4 puas, o pente 8 que não sabemos quantas puas continha, instrumentos de incisão 1, 2, 3 e 4, carimbo de círculos concêntricos de 3 e 4 voltas, carimbo de dois círculos concêntricos sendo que a volta exterior possui um pontilhado em alto relevo, instrumento que produz um motivo realizado por a ponta de um pente arredondado ou um carimbo próprio que imita a forma de uma pétala e carimbo natural que cremos ser um elemento vegetal.

g1) Caracterização genérica das decorações

Na fase III-2 foram identificadas 18 organizações decorativas – I, II, III, IV, V, VI, VII, IX, X, XI, XV, XVI, XX, XXIII, XXVI, XXX, XXXII e XXXIV – sendo que 5 fragmentos não possibilitaram a identificação da organização decorativa.

A organização decorativa maioritária é a I (25 %), seguida da X (17 %), III e XXXIV (9 %), IX e XXXII (5 %), VI e XI (3 %) e as II, IV, V, VII, XV, XVI, XX, XXIII, XXVI e XXX (2 %) – cada uma delas representada por um único exemplar. É importante notar que a organização decorativa I não é aquela que ocorre em maior número de contextos (7 contextos num total de 15). A organização decorativa X – 17 % dos fragmentos – ocorre em 60 % dos contextos (9 contextos num total de 15). Cremos que a distribuição das organizações decorativas deve enquadrar-se numa lógica de preferências no entanto o número reduzido de fragmentos não permite uma percepção muito pormenorizada. Podemos apenas dizer que determinadas organizações decorativas – I, III e X – são usadas por toda a comunidade, estando presentes em diversos contextos. Outras, nomeadamente a XXXIV, correspondem a inovações usadas ponderadamente, com forte conotação cultural e quem sabe social.

A análise integrada de vários factores presentes nos fragmentos decorados – *tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica* – permite descrever do seguinte modo o conjunto de decorações presentes na fase III-2, na área norte:

g1.1) Do total das 64 decorações, 62 % das organizações decorativas ocorrem unicamente em complexos integrados na fase III-2. Estas decorações correspondem aos subtipos: *I1e, I2a, I3b, II3, III1a, IV1b, VI4, VII, IX2a, X1b, X2c1, X2c2, X3f, X3h, X3i, X6a2, XV, XVI, XX, XXIII, XXX3, XXXII e XXXIV1c*. Apesar do subtipo II3 só ocorrer num contexto integrado na fase III-2 (A35), cremos que este fragmento pertence à ocupação calcolítica. Este fragmento apresenta uma decoração que apesar da sua unicidade integra-se, facilmente, nas decorações pré-históricas e é realizado numa pasta (XI) conotada, unicamente, com esta ocupação. Consideramos o subtipo XXX3 – de pasta III e integrado no Lx. 93 – como um intruso da ocupação da Idade do Bronze.

g1.2) Do total das 64 decorações, 13,5 % ocorrem, também, em contextos das fases I e II. Estas decorações correspondem aos subtipos: *I1b, III3, VI1a, IX2b e XXVI*.

g1.3) Do total das 64 decorações, 8 % ocorrem em contextos da fase III-1. Estas decorações correspondem aos subtipos: *III2b, VII1b e XII*.

g1.4) Do total das 64 decorações, 13,5 % ocorrem, também, em contextos da fase III-3. Estas decorações correspondem aos subtipos: *I1c, I1d, X2a, X13a e XXXIV6*.

g1.5) Podemos observar que alguns subtipos das organizações decorativas *III, VI, IX e XI* ocorrem em diversos contextos das fases I, II, III-1 e III-2 da área norte. A organização decorativa *III* diz respeito às decorações realizadas através da técnica de cepilhado, presentes em contextos da Idade do Bronze e Ferro (III-1 e III-2). Na fase III-2 está presente, por exemplo, na U. Hab. 11 e em recipientes de pastas I, III, V, VII e VIII. A organização decorativa *VI* define-se pelo desenho do motivo de espiga sendo que na fase III-2 encontra-se presente na U. Hab. 11 e num recipiente de pasta I. A organização decorativa *IX* encontra-se presente na Idade do Bronze e na fase III-2 está presente nos depósitos mais antigos da fase III-2 – A31, A54 e A65 e em recipientes de pastas I e III. Por último, a organização decorativa *XI* define-se pelo uso da técnica de decoração plástica, estando presente em contextos da Idade do Bronze e Ferro (fases III-1 e III-2) sendo que na fase III-2 integra um solo da PIN 1 (A36), nas pastas VI e VIII. O uso das pastas VI e VIII afirma o uso da técnica em cerâmicas plenamente integradas na Idade do Ferro. cremos que as organizações decorativas *III, VI, IX e XI* são decorações que começam na Idade do Bronze e que vão sofrendo variações na Idade do Ferro – que se materializam em subtipos.

g1.6) Comparamos algumas organizações decorativas que não possuem subtipos – *VII, XV, XVI e XX* – com outras que consideramos semelhantes. Deste modo podemos lançar hipóteses interpretativas que explicam a evolução cronológica destas organizações decorativas. A organização decorativa *VII* assemelha-se em termos técnicos à organização *XXXIV*, sendo que cremos estar plenamente integrada nesta fase. O seu aspecto arcaico pode ser indicador que as cerâmicas conhecidas como estampilhadas são de facto um largo grupo onde se integram decorações do mesmo género mas realizadas com uma grande variedade de carimbos. As organizações decorativas *XV e XX* assemelham-se à organização decorativa *IX e XXI*, sendo que as consideramos de tradição da Idade do Bronze. Ou seja são inovações da Idade do Ferro que se enquadram num quadro imagético que vem desde a Idade do Bronze. A organização decorativa *XVI* assemelha-se à organização *IV* sendo que cremos ser uma criação da Idade do Ferro muito relacionada em termos visuais com a tradição de decorações Pré-históricas.

g1.7) As organizações decorativas *XXIII, XXVI e XXXII* apresentam configurações muito particulares que não se assemelham a outras do conjunto cerâmico, não lembram uma tradição estética e desse modo cremos encontrarem-se muito fragmentadas.

g1.8) As organizações decorativas *I e X* estão plenamente integradas no conjunto cerâmico da Idade do Ferro, do qual a fase III-2 faz parte. Estas são organizações decorativas que percorrem toda a ocupação do sítio e são em realizadas em pastas correntes. Podemos observar que, na fase III-2, surgem novos subtipos da organização decorativa *X*, alguns completamente dissemelhantes dos

restantes (como é o caso dos 2c1 e 2c2) e outros semelhantes em termos de imagem a outros subtipos (como é o caso dos 3h e 3i). Durante a Idade do Ferro é visível um gosto pelas faixas de penteado quebradas de uma forma muito bem definida sendo que cremos que este gosto vem desde a Idade do Bronze e encontra-se presente nos subtipos 4a1, 4a2, 3g, 3h, 3i e 5. A organização decorativa I é a mais simples sendo que podemos observar no subtipo 3b um maior grau de complexidade, que é bastante incomum.

Podemos concluir que durante a fase III-2 ocorre uma grande complexificação das decorações presentes e que cerca de 30 % das decorações se relacionam, directamente, com a estética dos recipientes decorados da Idade do Bronze. Deste modo cerca de 70 % dos fragmentos decorados presentes correspondem à ocupação da Idade do Ferro, da fase III-2, sendo que a caracterizam.

g2) Pastas dos recipientes decorados

A maioria dos fragmentos decorados apresenta-se em pasta I (42 % – 26 fragmentos), seguida da III (33 % – 21 fragmentos), VIII (6 %), II, IV e VII (5 % cada – 3 fragmentos cada) e por último das pastas V, VI X e XI (1 fragmento cada). No entanto se avaliarmos a relação entre o número de bordos e decorações presentes em cada pasta podemos perceber que a pasta II é aquela que apresenta maior quantidade de recipientes decorados pois estão presentes 2 bordos na totalidade da fase III-2 e 3 fragmentos decorados.

As pastas X e IV não podem ser devidamente analisadas devido ao número significativo de recipientes calcolíticos realizados nestas pastas e à sua interferência da observação analítica. A pasta I é aquela mais utilizada em recipientes decorados – a seguir à pasta II –, seguida da III, VII e VIII, Na pasta I 43 % dos recipientes podem ser decorados, na pasta III, 30 % dos recipientes, na pasta VII, 14 % dos recipientes, na pasta VIII, 13 % e na pasta VI 3 %. É possível observar uma relação entre os tipos de pastas e a aplicação de decoração.

g3) Localização da decoração nos recipientes

A análise das localizações das decorações nos recipientes da fase III-2 permitiu observar algumas características do conjunto cerâmico:

g3.1) As decorações localizadas numa banda paralela ao bordo são usuais em cerâmicas calcolíticas, no entanto estão este tipo de localização está, também, plenamente integrado na ocupação da Idade do Ferro, da fase III-2. Integramos neste tipo de localização 4 fragmentos decorados.

g3.2) As decorações localizadas no colo e nas asas dos recipientes perpetuam uma tradição de cerâmicas decoradas proveniente da Idade do Bronze, já notada na fase III-1. As decorações com esta localização possuem (entre outras) as organizações decorativas *I, III, IX e XX*.

g3.3) As decorações localizadas no bordo estão presentes desde a Idade do Bronze sendo que com este tipo de localização surgem na fase III-2 tipos originais.

g3.4) As localizações no bordo e no colo são as mais numerosas, com 6 e 13 exemplares, respectivamente.

g3.5) As decorações localizadas na linha colo/pança; linha colo/pança mais pança e no fundo do recipiente apontam para decorações de grande extensão que integravam toda a pança do recipiente. cremos que na Idade do Ferro estavam presentes recipientes extensamente decorados onde podemos supor que toda a pança dos recipientes era decorada. Integramos nestes tipos de localização 5 fragmentos decorados.

Podemos observar que a presença de fragmentos que não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente subiu em relação ao conjunto cerâmico da fase III-1 na área norte e por sua vez a fase III-1 já revela um aumento em relação à fase II. Na fase III-2, 53 % dos fragmentos não permite saber qual a localização da decoração nos recipientes. Podemos lançar a hipótese interpretativa de que ocorre uma mudança, paulatina, na decoração dos recipientes onde esta deixa de estar tão associada a determinadas partes dos recipientes para fazer parte apenas da pança do mesmo.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

A distribuição dos fragmentos decorados é bastante díspar sendo que a avaliação desse distribuição permite concluir que a PIN 2 é a zona que apresenta menor quantidade de recipientes decorados, seguida da PIN 1 e por último da PIN 2.1 (Est. XIV – vol. 1). Assim a zona da U. Hab. 14 (é aquela que apresenta maior quantidade de recipientes decorados – se atendermos ao número total de fragmentos e área escavada).

A U. Hab. 9 apresenta 2 fragmentos decorados, a U. Hab. 10 apresenta 4 fragmentos, a U. Hab. 11 apresenta 7 fragmentos, a U. Hab. 12 apresenta 2 fragmentos e a U. Hab. 15 apresenta um fragmento (Est. XIV – vol. 1).

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permite afirmar que as U. Habs. não apresentam grande diversidade decorativa e que o Lx. 93 e a A54 são os contextos com maior diversidade decorativa.

7.2.3.5. Conclusões gerais da fase III-2

A ocupação da Idade do Ferro – correspondente à fase III-2 – encontra-se presente na PSL, PIL, TEL e na área norte – PIN e TEN. A comparação entre as várias zonas habitacionais revelou

algumas semelhanças e algumas diferenças, que como sabemos reflectem as diferenças entre os diversos contextos.

Podemos observar, que na fase III-2 é evidente a importância e uso das pastas I, III, VI e VIII – com uma representação diferenciada em cada zona habitacional – seguidas das II, VII e X – com um uso esporádico. A utilização destas pastas é demonstrada pela distribuição na totalidade dos fragmentos, nos recipientes e nos fragmentos decorados. Na totalidade dos fragmentos encontramos as seguintes distribuições. A pasta I é maioritária na área norte (10 a 45 %), encontra-se em 3º lugar das 3 pastas maioritárias na PIL (8 a 35 %) e na PSL (14 %) e, por último, no TEL (9 a 20 %). A pasta III é maioritária na PIL (11 a 58 %) e no TEL (25 a 26 %) e encontra-se em 2º lugar na área norte (13 a 50 %) e na PSL (23 %). A pasta VI encontra-se em 2º lugar no TEL (11 a 23 %), seguida da área norte (0 a 51 %), na PIL (0 a 34 %) e PSL (6 %). A pasta VIII apresenta-se em 2º lugar na PIL (0 a 42 %), em 3º lugar no TEL (16 a 23 %) e na área norte (0 a 37 %) e, por último, na PSL (6 %).

O comportamento das pastas nas diversas zonas habitacionais da fase II para a III-1 corresponde a uma diminuição das pastas I, VII e X e um aumento das pastas III, VI e VIII. Podemos dizer que na fase III-1 ocorre: *i*) um aumento da pasta I na PIL e uma diminuição no TEL e área norte; *ii*) uma diminuição da pasta III em todas as zonas habitacionais; *iii*) um aumento da pasta VI em todas as zonas habitacionais; *iv*) um aumento da pasta VIII no TEL e intervalos de valores aproximados aos da fase III-1 na PIL e área norte e *v*) uma diminuição da pasta X em todas as zonas habitacionais. Podemos observar que a tendência de aumento das pastas VI e VIII mantém-se na fase III-2 bem como uma redução das pastas I, III e X. As pastas que se relacionam com a ocupação da Idade do Ferro ganham, paulatinamente, um relevo sobre as pastas de tradição Pré-histórica.

Na fase III-2 estão presentes uma maioria de recipientes de superfícies polidas e alisadas sendo que os conjuntos cerâmicos das diversas zonas habitacionais apresentam algumas discrepâncias. Na PIL e TEL estão mais presentes recipientes de superfícies polidas (externas e internas) do que na área norte e na PS, onde são maioritárias as superfícies alisadas. Na área leste – PIL e TEL – encontram-se também maior quantidade de rugosos e cepilhados.

A conjugação Ali/Ali é maioritária na PS (22 %) e na área norte (8 a 44 %), encontrando-se em 2º lugar na PIL (6 a 39 %) e em 5º lugar no TEL (5 a 8 %). A conjugação Pol/Pol é maioritária no TEL (33 a 35 %), na PIL (7 a 34 %) e em 2º lugar na PS (22 %) e na área norte (0 a 29 %). A conjugação Ali/Pol encontra-se em 2º lugar no TEL (9 a 22 %), em 3º lugar na PSL (5 %) e na área norte (5 a 31 %) e em 6º lugar na PIL (3 a 19 %). A conjugação Pol/Ali encontra-se em 3º lugar no TEL (6 a 22 %) e na PIL (4 a 43 %) e em 4º lugar na PS (4 %) e na área norte (8 a 31 %). A

conjugação Rug/Pol encontra-se em 4º lugar no TEL (7 a 12 %), em 5º lugar na área norte (0 a 24 %) e em 7º lugar na PIL (15 a 17 % de valores máximos). A conjugação Cep/Pol encontra-se em 4º lugar na PIL (0 a 22 %).

Deste modo, podemos observar que o TEL é a zona habitacional que apresenta maior quantidade de recipientes de superfícies polidas (50 % dos fragmentos possuem polidos externos), seguido da PIL (33%), área norte (32 %) e, por último, PSL (24 %). A área norte é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes alisados (42 % dos fragmentos possuem alisados externos), seguida da PSL (32 %), PIL (29 %) e, por último, do TEL (22 %). A PIL é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes de superfícies rugosas (16 % de fragmentos com superfícies rugosas externas), seguida do TEL (9 %) e, por último, área norte (Rug/Pol – 0 a 24 %).

Em relação à fase III-1 podemos observar: *i*) um aumento dos rugosos em todas as zonas habitacionais; *ii*) diminuição da conjugação Pol/Pol na área norte e no TEL; *iii*) diminuição dos polidos externos em todas as zonas habitacionais; *iv*) um aumento dos alisados externos na PIL e diminuição no TEL e área norte e *v*) aumento da conjugação Ali/Ali na PIL e diminuição na área norte.

A presença dos tratamentos de superfície oscila bastante nas diversas fases não sendo possível observar uma tendência contínua, à excepção do aumento dos rugosos. É visível uma diminuição dos polidos no entanto a presença dos alisados é muito inconstante.

É possível observar nas zonas habitacionais melhor representadas – PIL, TEL e área norte – uma relação entre tipos de pastas e tratamentos de superfície. Podemos observar que as pastas VI, VIII e XII são geralmente escolhidas no uso de tratamentos de superfície rugosos, cepilhados e areados. Nas pastas I, II, III, VII e X ocorrem preferencialmente polidos e alisados. A pasta II é a única que apresenta um tratamento de superfície brunido. A relação entre as pastas e os tratamentos de superfície não é exclusiva ou restritiva no entanto são visíveis tendências nos comportamentos que revelam preferências de utilização, acima indicadas.

Em relação às cores dos recipientes podemos dizer que uma maioria apresenta cernes negros (tipo P) sendo que em todas as zonas habitacionais – PSL, PIL, TEL e área norte – encontramos cerca de 25 a 69 % de fragmentos de cernes negros. A presença deste tipo de cor na PSL é de 59 %, na PIL de 40 a 69 %, no TEL de 46 a 54 % e na área norte de 25 a 62 %. Podemos ver que a área norte é a zona habitacional que apresenta um intervalo de valores mais amplo, revelando alguns contextos com uma baixa presença de cernes deste tipo de cor. A área norte é a zona habitacional com maior quantidade de cernes de tipo VE. Em relação à fase III-1 podemos observar que o

intervalo de valores na fase III-2 é mais amplo sendo que o valor máximo é mais elevado e o valor mínimo mais baixo.

Na totalidade da fase III-2 – integrando todas as zonas habitacionais –, a presença de cernes de tipo VE é de 11 a 40 % e a presença de cernes de tipo C é de 11 a 28 %. Podemos concluir que na fase III-2 dá-se um aumento dos cernes de tipos C e VE e uma diminuição dos cernes de tipo P, ainda que alguns contextos das fases III-1 e III-2 sejam muito semelhantes.

A distribuição dos tipos castanhos-escuros (tipo C) e vermelhos-escuros (tipo VE) varia consoante o contexto e consoante a zona habitacional. Na PSL ocorre a hierarquia *P, C, VE*, na PIL ocorrem as hierarquias *P, C, VE*; *P, VE, C*; *P, C, B e P, C, A*; no TEL ocorrem as hierarquias *P, C, VE e P, VE, C* e na área norte ocorrem as hierarquias *P, C, VE*; *P, VE, C e P, C, A*. Podemos ver que a hierarquia mais presente é a *P, C, VE*, seguida da *P, VE, C*. Nas zonas habitacionais com maior quantidade de contextos estão presentes outras hierarquias revelando que cernes com tipos de cor B e A podem ser maioritários e estar presentes nos 3 principais tipos utilizados. Cremos que a falta de variedade da PSL e TEL é fruto de um número muito reduzido de contextos. Em relação à fase III-1 podemos observar dos tipos C e VE.

A avaliação das conjugações de cor permite perceber a distribuição das diversas conjugações de cor (quais são maioritárias e quais não são), que percentagens apresentam (podendo ser avaliado o grau de homogeneidade do conjunto) e se existe uma tendência geral de comportamentos nos tipos de cores. Na fase III-2 a conjugação de cor maioritária é a *P-P-P* com uma representação de 13 % na PSL, 12 % na PIL, 8 a 12 % no TEL e 0 a 15 % na área norte. É de notar que a área norte é a única zona habitacional que não apresenta esta conjugação como maioritária.

Segue-se a *C-C-C*, maioritária na área norte – com uma presença de 4 a 22 % – e na PSL (13 %), em 2º lugar na PIL (9 %) e em 3º lugar no TEL (6 a 8 %). De seguida encontramos a conjugação *VE-VE-VE* em 2º lugar na PIL (9 %), TEL (7 a 11 %) e área norte (6 a 23 %). Esta conjugação de cor é minoritária na PSL. A conjugação *VE-P-VE* encontra-se em 3º lugar na PIL (7 %), 4º lugar no TEL (4 a 7 %) e 6º lugar na área norte (0 a 15 %). Esta conjugação de cor é minoritária na PSL. A PSL revela uma forte presença de conjugações onde estão presentes os tipos P e C, a PIL conjugações onde estão presentes os tipos P e C, mas também os tipos VE e A, o TEL com conjugações onde estão presentes os tipos P, C e VE e, por último, a área norte com conjugações onde estão presentes os tipos C, VE e A.

Em relação à fase III-1 podemos ver que apesar da hierarquia de conjugações de cor principal ser a mesma – *P-P-P*; *C-C-C*; *VE-VE-VE e VE-P-VE* – duas das zonas habitacionais – PIL e área norte – revelam uma maior importâncias dos tipos *C, VE e A* e cremos que tal revela uma pequena

alteração na cor dos conjuntos cerâmicos, alteração essa que não cremos relacionada com a conservação dos estratos e descoloração dos fragmentos.

Deste modo, concluímos que a maioria dos recipientes (de 30 a 80 % dos fragmentos) possuem cores muito escuras (tipos P e C) nos cernes. As cores presentes nas superfícies dos recipientes oscilam entre os negros, castanhos-escuros e vermelhos-escuros. É de notar que 4 a 46 % dos fragmentos de cada contexto analisado nas diversas zonas habitacionais podem corresponder a conjuntos de fragmentos que possuem conjugações de cor minoritárias, ou seja, com uma presença inferior a 3 %. Na PIL, 4 a 43 % dos fragmentos possuem conjugações de cor minoritárias, no TEL são 40 a 46 % dos fragmentos, na área norte são 0 a 38 % dos fragmentos e na PSL correspondem a 25 % dos fragmentos. Podemos observar um aumento da diversidade na PIL e TEL e uma redução da diversidade na área norte. *De todas as zonas habitacionais, o TEL é novamente a zona habitacional que apresenta conjuntos cerâmicos menos homogêneos, seguido da PIL e, por último, da área norte.*

Em relação às espessuras dos recipientes podemos observar discrepâncias e semelhanças entre as quatro zonas habitacionais – PSL, PIL, TEL e a área norte. Podemos observar que *em todas as zonas habitacionais*, a pasta I corresponde a recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4), a pasta II corresponde a recipientes de paredes de espessuras muito finas (cats. 1 e 2), a pasta VII corresponde a recipientes de paredes de espessura mediana / grossa (cat. 5 e 6) e a pasta X corresponde a recipientes de espessuras finas / médias (cat. 4 e 5). Não é possível avaliar em todas as zonas habitacionais as pastas V, IX e XI e as pastas III, IV, VI e VIII revelam discrepâncias no comportamento consoante a zona habitacional.

A pasta III corresponde a recipientes de paredes finas / médias (cats. 4 e 5) na PSL, PIL e área Norte sendo que no TEL apresenta recipientes de espessuras superiores (preferencialmente de cat. 5). A pasta IV apresenta recipientes de espessuras finas (cats. 3 e 4) na PIL e TEL e recipientes com paredes ligeiramente mais espessas na área norte (cats. 4 e 5). A pasta VI apresenta recipientes de paredes de espessura média (cats. 4 e 5) na PIL e TEL e recipientes de paredes ligeiramente menos espessas na área norte (cats. 3 e 4). A pasta VIII apresenta recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4) no TEL e área norte e recipientes de paredes, ligeiramente, mais espessas na PIL (cats. 4 e 5). É visível em relação à fase III-1 uma maior discrepância entre as pastas III, IV, VI e VIII que não era visível na fase anterior, no que diz respeito às pastas III, IV e VI. Cremos que a variedade apresentada na fase III-2 pode estar relacionada com uma maior produção, melhor conservação dos estratos e maior diversidade nos recipientes. Ou seja parece existir uma maior liberdade técnica na manufactura dos recipientes durante a fase III-2.

Em relação às fases anteriores podemos ver que a pasta I mantém, genericamente, as mesmas características com a presença maioritária de recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4). A pasta III apresenta no TEL alguns recipientes de paredes mais espessas que o habitual nas fases II e III-1 mantendo, no entanto, a tendência geral que é a de paredes de espessuras medianas (cats. 4 e 5). A pasta VI revela uma modificação no comportamento sendo que na fase III-2 os recipientes construídos nesta pasta são, tendencialmente, mais espessos que os das fases anteriores. Nas fases anteriores os recipientes de pasta VI correspondem a recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4) e na fase III-2, apenas a área norte apresenta estas características, sendo que na PIL e TEL os recipientes apresentam uma maioria de recipientes de paredes de espessura média (cats. 4 e 5). A pasta VIII mantém o mesmo comportamento das fases anteriores sendo que apresenta recipientes quer de paredes finas (cats. 3 e 4) quer de paredes de espessura mediana (cats. 4 e 5).

Na fase III-2 estão presentes 38 tipos de formas nos 238 recipientes “reconstituídos” que são os seguintes tipos: *1a, 1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 2f, 3a, 3b, 3c, 4a, 4b, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7c, 7d, 8a, 8b, 9a, 10, B3b, B4b, B5a, B5c, B5d, B9, B12a, B12b, B13, B14b e B18* (para a definição dos tipos de formas ver os capítulos 2.3.1. e 2.3.2. do vol. 2, estampas IX e X – vol. 2). Na totalidade da fase III-2 foram reconstituídos 238 recipientes sendo que 13 encontram-se conotados com as formas presentes na Idade do Bronze regional (5 % do total de recipientes reconstituídos). Alguns dos tipos presentes ocorrem também nas fases anteriores enquanto que outros surgem pela primeira vez nesta ocupação – *1a, 1c, 2a, 2d, 2f, 3a, 3c, 4a, 4b, 7c e 7d*. Podemos observar que dois tipos que ocorrem nas ocupações anteriores não ocorrem na fase III-2 e são os tipos *7e* e *9b*. A avaliação dos tipos de formas conotados com a Idade do Bronze – *B3b, B4b, B5a, B5c, B5d, B9, B12a, B12b, B13, B14b e B18* – não pode ser realizada convenientemente pois nenhum destes tipos se encontrava presente na fase II. No conjunto cerâmico da fase III-2, 83 % dos recipientes conotados com a Idade do Ferro encontravam-se já presentes na ocupação da Idade do Ferro da fase III-1 sendo que apenas 12 % dos recipientes reconstituídos correspondem a formas ausentes na ocupação da Idade do Ferro da fase III-1. E, como já foi referido, 5 % do conjunto dos recipientes reconstituídos correspondem a formas conotadas com a Idade do Bronze. Assim podemos observar um grau de inovação muito baixo pois 61 % dos recipientes presentes na fase III-1 encontravam-se já presentes nos estratos da ocupação da Idade do Bronze e 83 % dos recipientes da fase III-2 correspondem a formas já presentes na fase III-1. É evidente que na fase III-1 o número de formas é bastante inferior ao da fase III-2 (26 na fase III-1 para 37 na fase III-2) no entanto o número de recipientes construídos nestas novas formas é muito baixo se comparado com as formas maioritárias e presentes em ambas as fases ocupacionais.

A reconstituição e distribuição dos diversos tipos de formas nas diversas zonas habitacionais ocorre de forma ligeiramente diferenciada. A PS é a zona habitacional com menor percentagem de reconstituição (20 %), seguida do TEL (49 %), área norte (50 %) e, por último, da PIL (54 %). Na distribuição das formas, a área norte é a zona habitacional com maior variedade de formas (20 tipos), seguida do TEL e PIL (18 tipos em cada) e, por último, da PS (1 tipos).

Na totalidade da fase III-2, os tipos de formas *8b* (20 %), *8a* (19 %), *6a* (16 %), *6b* (8 %) e *1b* (5 %) são aqueles mais usados, estando presentes nas três principais zonas habitacionais. Podemos observar que os tipos maioritários na fase III-2 são os mesmos da fase III-1 e com a mesma ordem de importância. Deste modo, apesar da variedade de formas ter aumentado na fase III-2 em relação à fase III-1, os tipos maioritários mantêm-se os mesmos existindo um ar de família em ambas as ocupações.

Contudo a importância dos tipos acima referidos não é sempre a mesma, dependendo do contexto e da zona habitacional. Deste modo, o tipo *8a* é maioritário na PSL e na PIL, o tipo *8b* é maioritário no TEL e na área norte os tipos *8a* e *8b* possuem a mesma importância. A PS não possui mais nenhum tipo, na PIL o segundo tipo maioritário é o *8b* e no TEL é o *6a*.

Em relação à capacidade dos recipientes integrados na fase III-2 podemos observar uma relação entre a forma e a capacidade dos recipientes. Tal como acontece nas fases anteriores, os recipientes de perfil em “S” são aqueles que apresentam maior tamanho sendo que as taças, globulares e a forma *8b* são geralmente recipientes de pequena capacidade. No entanto tal não significa que a relação entre a forma e a capacidade dos recipientes seja restritiva e que os tipos de formas de recipientes grandes não possam ser pequenos ou vice-versa. Podemos observar o que se segue.

a) 50 % dos recipientes da forma *8a* possuem uma capacidade superior a 5 l (igual ou superior à cat. 5) e não encontramos nenhum recipiente de capacidade inferior ou igual a 1 l (cats. 1 e 2).

b) 7 % dos recipientes da forma *8b* possuem uma capacidade superior a 5 l e 59 % possuem uma capacidade até 1 l (cats. 1 e 2).

c) Todos os recipientes de forma *7d* possuem uma capacidade superior a 10 l (cats. 6 e 7).

d) 50 % dos recipientes da forma *7b* possuem uma capacidade superior a 10 l (cats. 6 e 7) e não encontramos nenhum recipiente de capacidade inferior ou igual a 1 l (cats. 1 e 2).

e) 62 % dos recipientes da forma *6a* possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e apenas 8 % possuem uma capacidade superior a 5 l.

f) 53 % dos recipientes da forma 6b possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e 23 % possuem uma capacidade superior a 5 l.

g) 56 % dos recipientes da forma 7a possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e 33 % possuem uma capacidade superior a 5 l.

h) As formas 1, 2, 3 e 4 são representadas por 58 recipientes sendo que 64 % possuem uma capacidade até 1 l, 19 % possuem uma capacidade média – de 1 a 5 l – e 17 % não permitiram saber qual a capacidade do recipiente.

Podemos observar que determinados tipos de recipientes possuem maioritariamente capacidades pequenas, outros possuem capacidades medianas e outras capacidades grandes. Por isso, apesar da relação entre a forma e a capacidade não ser exclusiva é bem visível uma tendência comportamental.

Cada zona habitacional apresenta as suas próprias características relativamente à capacidade dos recipientes. A PIL revela uma distribuição muito igualitária pelas diversas capacidades dos recipientes sendo que 38 % dos recipientes correspondem a recipientes pequenos – até 1 l –, 32 % correspondem a recipientes de capacidade média – de 1 a 5 l – e 30 % correspondem a recipientes grandes – com uma capacidade superior a 5 l. No TEL a maioria dos recipientes são pequenos sendo que apenas uma pequena parte correspondem a recipientes grandes. *Deste modo, 54 % dos recipientes correspondem a recipientes de pequena capacidade, 37 % correspondem a recipientes de capacidade média e 9 % correspondem a recipientes de grande capacidade.*

Na área norte encontramos uma maioria de recipientes de capacidade média sendo que a quantidade de recipientes pequenos e grandes é muito semelhante. Deste modo, 26 % dos recipientes são pequenos, 54 % são médios e 20 % são grandes. É de notar que a PIL é a zona habitacional que mais contribui para as categorias de capacidade 6 e 7 (acima dos 10 l), a área norte é que mais contribui para as categorias 3 e 4 e o TEL é o que mais contribui para a categoria 2. A PIL é a que mais contribui para a categoria 1, seguida da área norte e, por último, do TEL. Deste modo, podemos observar que as características gerais nem sempre revelam as características particulares de cada zona habitacional sendo que tal só pode ser devidamente avaliado na descrição de cada zona habitacional e seus contextos.

Podemos observar algumas discrepâncias na distribuição de formas e capacidades nas diversas zonas habitacionais. Na área norte, os recipientes de maior capacidade (cats. 6 e 7) são de tipo de forma 7d, 7a e 8a, no TEL são de tipo 7b e 8a e na PIL são de tipo 7b, 7d, 8b, 8a, 7a e 6a. Podemos ver que o tipo 8a encontra-se presente em todas as zonas habitacionais, seguido do tipo 7d, 7b e 7a. As diferenças são mais quantitativas do que qualitativas.

A análise realizada nas três zonas habitacionais integradas na fase III-2 não revela uma relação restritiva entre os tipos de formas e os tipos de pastas, ou seja, qualquer pasta pode ocorrer em qualquer tipo de forma. Contudo são visíveis algumas tendências no comportamento dos recipientes sendo que as pastas I e II são usadas, maioritariamente, nas formas 1, 2, 3 e 8b mas sobretudo nunca são usadas em recipientes de grande capacidade. As pastas III, VI e VIII são usadas em muitos tipos de formas e sobretudo em recipientes de grandes capacidades. É interessante notar que os recipientes grandes são construídos em pastas que revelam uma espessura média das paredes fina / média. Assim, a espessura média das paredes não é proporcional à capacidade dos recipientes, ou seja esperávamos uma espessura superior das paredes em recipientes de grande capacidade e tal não ocorre.

Tal como nas fases anteriores, a análise realizada nas três zonas habitacionais integradas na fase III-2 não revela uma relação intrínseca entre os tipos de formas e os tipos de bordo sendo que em qualquer zona habitacional um qualquer tipo de bordo ocorre num qualquer tipo de forma – *quando o tipo de bordo não integra a definição do tipo de forma.*

Na totalidade da fase III-2 o tipo de bordo maioritário é o tipo 1 (com uma presença de 30 a 56 % dos bordos), seguido do tipo 4 (12 a 23 %) e tipo 2 (4 a 10 %). Os tipos 3, 5 e 6 são claramente minoritários ou não ocorrem em todas as zonas habitacionais. O tipo 6 encontra-se ausente na PIL e no TEL. Em relação à fase anterior podemos observar um aumento do tipo 1 e uma redução dos tipos 4 e 2.

Na fase III-2 encontram-se presentes 62 tipos de bordos, a saber: *B1 a1, B1 a2, B1 a3, B1 a4, B1 a5, B1 a6, B1 a7, B1 a8, B1 a9, B1 a10, B1 a12, B1 a13, B1 a14, B1 b2, B2 a1, B2 a2, B2 a3, B2 a4, B2 b1, B2 b2, B2 b4, B2 b5, B2 b6, B3 a1, B3 a2, B3 a3, B3 a4, B3 a5, B3 b3, B3 c2, B4 a1, B4 a2, B4 a3, B4 a4, B4 a5, B4 a6, B4 a7, B4 a8, B4 a9, B4 a11, B4 a12, B4 b2, B4 b3, B4 b4, B4 b5, B4 b6, B4 b7, B4 b8, B4 b9, B4 b11, B4 b12, B4 b13, B4 b14, B4 b16, B4 c2, B4 c3, B4 c4, B4 c6, B5 a1 e B5 a2* (para a definição dos tipos de bordos ver capítulo 2.3.0.1. - vol. 2). Na totalidade da fase foram identificados 473 bordos sendo que 6 % são formas que não estavam presentes na ocupação da Idade do Ferro da fase III-1. Deste modo, a grande maioria dos bordos apresentam tipos de bordos que já se encontravam na ocupação da Idade do Ferro sendo que a inovação é muito reduzida. Os tipos de bordos maioritários são: *B1 a7* (14 %), *B1 a5* (11 %), *B1 a9* (11 %), *B1 a1* (7 %), *B4 b2* (5 %), *B4 a2* (4 %) e *B1 a6* (4 %). Estes tipos são, genericamente, os mesmos tipos maioritários da fase anterior.

Na totalidade da fase III-2, cerca de 73 % dos recipientes correspondem a perfis em “S” sendo que os restantes 27 % correspondem a recipientes globulares, taças rectas ou recipientes

carenados. Podemos observar que na fase anterior 70 % dos recipientes reconstituídos correspondem a perfis em “S”.

Na totalidade da fase III-2 encontramos uma maioria de bases de tipo 1 (com uma representação de cerca de 20 % dos total de bordos e bases), seguido do tipo 3 (com cerca de 10 %), 2, 5 e 7. Os tipos 2, 5 e 7 são claramente minoritários.

O número de bases equivale a cerca de metade do número de bordos sendo que no TEL o número de bases equivale a 60 % do número de bordos e na área norte equivale a 39 %. A análise das bases nas várias zonas habitacionais permite observar que uma maioria de bases corresponde a recipientes de perfil em “S” de pança bojuda com uma representação à volta dos 60 a 70 % das bases. As restantes bases correspondem a recipientes troncocónicos e pratos. Vemos que há uma realidade apontada pela análise das bases que complementa a realidade analisada através dos bordos.

A análise das pastas das bases, nomeadamente na área norte, permite observar que as pastas com menor quantidade de fundos por bordos (I e VIII) são aquelas que apresentam, maioritariamente, recipientes de pequena e média capacidade. As pastas que apresentam maior quantidade de fundos por bordos (III, VI e VII) são aquelas que apresentam maior tendência para a ocorrência de recipientes médios e grandes. Deste modo, *podemos lançar a hipótese que os recipientes pequenos realizados em pasta I não possuiriam, maioritariamente, fundos planos e os recipientes de grandes capacidades possuiriam fundos planos.*

A morfologia das bases é muito simples sendo que se mantém semelhante àquela da ocupação da fase anterior. Podemos, também, observar que a forma da base não se relaciona com o ângulo das paredes dos recipientes em nenhuma zona habitacional analisada.

Na fase III-2 foram identificados 20 fragmentos de asas, 2 na PIL, 9 no TEL, 7 na área norte e 2 na PSL. Com base na avaliação entre o número de fragmentos de asas e recipientes podemos lançar a hipótese que 2 a 7 % dos recipientes poderiam possuir asas. A realidade da PSL não é tida em conta porque a relação entre o número de bordos e fragmentos de asas é muito diferente da realidade de outras zonas habitacionais. Na PSL estão presentes 2 fragmentos de asas para 5 recipientes (4 bordos e uma base).

Comparativamente à fase anterior podemos ver que se dá uma diminuição do intervalo de valores pois na fase III-1, 2 a 20 % dos recipientes podiam possuir asas.

Podemos também intuir uma relação entre os recipientes com asas e as pastas dos mesmos. É mais provável identificar recipientes com asas de pastas III e VII do que I e VI. Devido à fragmentação excessiva dos recipientes não é possível relacionar a capacidade dos recipientes e a presença das asas mas tal é possível existir.

Na fase III-2 – integrando todas as zonas habitacionais – podemos lançar a hipótese interpretativa que 16 a 29 % dos recipientes podiam apresentar decoração. Na PIL, 25 % dos recipientes podiam apresentar decoração, no TEL 16 % e na área norte, 29 %. A PSL apresenta uma percentagem muito elevada pois foram identificados 5 fragmentos decorados e apenas 5 recipientes. Comparativamente à fase anterior podemos observar uma ligeira diminuição da presença de recipientes decorados, já que na fase III-1, 19 a 34 % dos recipientes podiam apresentar decoração.

Na fase III-2, estão presentes 11 técnicas decorativas: incisão simples (20 a 53 %), penteado (19 a 60 %), estampilhado único (9 a 21 %), estampilhado rolado (3 a 12 %), decoração plástica (3 a 10,5 %), decoração espatulada (6 a 10,5 %), cepilhado (6 a 20 %), exciso (5 %), impressão da ponta do pente (3 a 10,5 %), brunido (3 %) e incisão a torno (2 a 21 %). Nem todas as técnicas decorativas se encontram em todas as zonas habitacionais nem com a mesma representatividade. Estão, também, presentes 56 instrumentos decorativos – 6 instrumentos na PSL, 15 instrumentos na PIL, 13 instrumentos no TEL e 22 na área norte. Cremos que cada zona habitacional possuiria os seus próprios instrumentos decorativos, independentemente de alguns provocarem o mesmo efeito e apontarem para semelhanças morfológicas. Podemos observar um aumento dos instrumentos decorativos da fase III-1 para a fase III-2, para mais de o dobro.

Na totalidade da fase III-2 estão presentes 22 organizações decorativas que são: I, II, III, IV, V, VI, VII, IX, X, XI, XIII, XV, XIX, XX, XXIII, XXIV, XXVI, XXVIII, XXIX, XXX, XXXII e XXXIV. A distribuição das diferentes organizações decorativas ocorre de forma diferenciada consoante a zona habitacional. A organização decorativa maioritária é a I com uma representação de 22 a 37 %, a X de 17 a 21 %, a XXXIV de 9 a 21 % e a III de 6 a 9 %. Comparativamente à fase anterior dá-se um aumento significativo de organizações decorativas pois na fase III-1 encontravam-se presentes 13 organizações decorativas. As organizações decorativas I, III, V, VI, IX, X, XI, XXVIII, XXX e XXXIV estão presentes tanto na fase III-1 como na fase III-2. Podemos observar que as organizações decorativas XXXIV, III, X e I possuem uma boa representação em ambas as fases.

A análise das pastas dos fragmentos decorados permite observar que não existe uma relação intrínseca e restrita entre determinada decoração e determinado tipo de pasta. No entanto é possível observar que as pastas VI e VIII (típicas da Idade do Ferro) não estão relacionadas com organizações decorativas típicas da Idade do Ferro. É também visível uma relação entre a presença de decoração (no geral ou seja recipientes decorados *versus* recipientes lisos) e a pasta dos recipientes decorados. Deste modo, existe um predomínio de determinadas pastas nos recipientes decorados. Assim, podemos dizer que a pasta mais usada em recipientes decorados é a I, seguida da II, III, VI, VIII e

VII. Na área norte, 42 % dos fragmentos decorados são de pasta I e no TEL, 63 % dos fragmentos decorados são, também, de pasta I. Se relacionarmos o número de bordos com o número de fragmentos decorados por pasta podemos ver que a probabilidade de encontrar um recipiente decorado em pasta II, I e III é muito maior do que nas pastas VI, VIII e VII. Comparativamente à fase anterior podemos observar um comportamento semelhante, onde as pastas I, II e III eram claramente as preferidas.

Em relação à localização da decoração nos recipientes podemos dizer que as características encontradas na fase III-2 são muito semelhantes àsquelas identificadas na fase III-1. Cerca de 1/3 das decorações apresentam uma localização no colo dos recipientes relembrando as decorações realizadas no colo a linha incisa da ocupação da Idade do Bronze. Uma maioria de decorações localiza-se na pança de recipientes de perfil em “S”, na linha colo/ pança, abaixo da linha colo / pança e/ou envolvendo toda a pança dos recipientes. O aumento significativo de fragmentos cuja localização não pode ser identificada – e que nos leva a crer estar integrada na pança dos recipientes – indica um aumento das decorações na pança dos recipientes na fase III-2. Cremos que a inovação estilística da Idade do Ferro parece ocorrer no surgimento de recipientes de perfil em “S”, com colo “liso”, extensivamente decorados na pança de fundo recto.

Tal como na fase anterior cerca de 30 % das decorações correspondem a organizações decorativas típicas da Idade do Ferro – III e XXXIV.

7.3.3. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente

7.3.3.1. Plataforma Inferior Leste

A fase III-3, na PIL, é representada por 6 contextos – A28, A29, A16, A26, c.1 e c.1a em alguns quadrados – que foram analisados de diversas formas. A fase III-3 é representada por um total de 2054 fragmentos cerâmicos, 72 recipientes conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento de bordo), 48 bases e 27 recipientes “reconstituídos (37,5 % do total de bordos). A análise dos diversos contextos permite “afinar” o número de recipientes presentes para 82 tendo em conta o número de bordos e bases presentes em cada contexto. Contudo a contabilização desta análise apenas terá em conta, separadamente, bordos ou bases. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.5.1, volume 2, podemos observar as seguintes características da fase III-3, na PIL.

a) Tipos de Pastas

Na totalidade da fase III-2, na PIL, a hierarquia dominante na contabilização de todos os fragmentos é a III, VI, X. No entanto esta hierarquia não se encontra presente em nenhum contexto. Tendo em conta os contextos podemos dizer que a pasta dominante é a VI (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 14 e 39 %), seguida da X (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 7 e 25 %) e III (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre 16 e 27 %). A pasta VIII é dominante num contexto e com um intervalo de valores de 5 a 21 %.

A hierarquia da totalidade dos fragmentos não é a mesma daquela dos recipientes sendo que a hierarquia é a VIII, III, VI. Tal como acontece na totalidade dos fragmentos a hierarquia da totalidade dos recipientes não se encontra presente em nenhum contexto. Tendo em conta a análise dos diversos contextos podemos observar que a pasta dominante é a VI (de 12,5 a 50 %, dominante em 2 contextos), a pasta III (12,5 a 33 %, dominante em 3 contextos), a I (dominante num contexto), VIII (de 14 a 33 %, dominante num contexto) e VII (em 2º lugar em 2 contextos).

As características presentes nas pastas II, IV, V, IX, XI e XII não podem ser tidas como conclusivas pois estas pastas não se encontram presentes em todos os contextos e quando ocorrem é em número reduzido. As pastas I, III, VI, VII e VIII são aquelas que se apresentam mais seguras como tendo sido utilizadas na fase III-3.

Tal como ocorre na fase III-2, as pastas III, VI, VII e VIII são aquelas que apresentam maior coerência de uso na fase III-3, ainda que sejam também utilizadas as pastas I, II e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas III, VI e VIII apontam para um uso inequívoco destas pastas sendo estas as preferidas ainda que a hierarquia não seja sempre a mesma.

b) Tratamentos de superfície

A análise dos diversos contextos da fase III-3, na PIL revela que nas superfícies externas os *polidos* encontram-se entre 24 % e 38 %, os *alisados* de 20 % a 31 %, os *rugosos* de 12 a 24 %, *cepilhados* de 1 a 4 % e *areados* de 0,19 e 0,34 %. No somatório de todos os contextos os *polidos* correspondem a 31 %, os *alisados* a 26 % e os *rugosos* a 16 %. É de notar que cerca de 20 % dos fragmentos apresentam superfícies externas corroídas. Nas superfícies internas, os *polidos* correspondem a 42 % e os *alisados* a 35 %.

As conjugações de superfície dominantes são a *Pol/Pol* (de 9 % a 22 %, em 1º lugar em 3 contextos), *Pol/Ali* (de 10 a 20 %, em 1º lugar num contexto), *Ali/Ali* (de 7 a 18 %, em 1º lugar num contexto) e *Rug/Pol* (6 a 15 %, em 1º lugar num contexto). Contudo a conjugação *Ali/Pol* possui

uma representação de 8 a 16 % não se encontrando em 1º lugar em nenhum contexto. Podemos observar em relação à fase anterior uma redução significativa dos intervalos de valores que indicam uma maior variabilidade das conjugações de tratamentos de superfície nos diversos contextos da fase III-3. Ou seja, os contextos da fase III-3 revelam menor coesão que os da fase III-2 tornando mais difícil a caracterização dos recipientes.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

Na fase III-3, na PIL, a relação entre as pastas e os tratamentos de superfície não é restritiva. Ou seja, determinado tipo de tratamento de superfície não é exclusivo de recipientes com determinados tipos de pasta. Contudo recipientes de determinada pasta apresentam, maioritariamente, determinados tipos de tratamento de superfície. O tratamento de superfície polido (aplicado na superfície externa) ocorre preferencialmente em recipientes de pastas I e III, apesar de estar presente em recipientes de outras pastas e em algumas em maioria. O tratamento de superfície alisado ocorre, preferencialmente, em recipientes de pastas III e X, o rugoso e areado em recipientes de pastas VI e VIII, o cepilhado em recipientes de pastas III e VIII, o espatulado em recipientes de pastas VI e III e, por último, o brunido em recipientes de pasta I. Como se pode observar, os recipientes de pastas I, III e X apresentam, preferencialmente, os polidos ou alisados e os recipientes de pastas VI e VIII apresentam, preferencialmente, rugosos, areados, espatulados e cepilhados.

Os recipientes de pastas II, IV, V, VII, IX, XI e XII não revelam características particularizantes porque as pastas se encontram mal caracterizadas nesta ocupação e também devido à sua própria natureza. As hipóteses interpretativas lançadas devem ser interpretadas com alguma cautela. Nos recipientes de pastas II, V e VII, ocorrem, preferencialmente polidos e nos recipientes de pastas IV, IX e XI ocorrem, preferencialmente, alisados. Nos recipientes de pasta XII encontram-se bem presentes os rugosos, alisados e cepilhados. Podemos concluir que os recipientes de pastas III, VI e VIII são aquelas que apresentam maior variedade de tratamentos de superfície, apresentando-se como as versáteis. As pastas II, IV, V, IX e XI são aquelas que se apresentam mais monótonas mas são também aquelas com menor número de exemplares, factor que pode influenciar os resultados estatísticos. E as pastas I, VII, X e XII apresentam também alguma versatilidade.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Todos os contextos da fase III-3, na PIL, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro com uma representação de 49 a 61 %. Os cernes de tipo C possuem uma representação de 14 a 25 % e os cernes de tipo VE possuem uma representação de 14 a 21 %.

Quase todos os contextos integrados na fase III-3 apresentam a hierarquia *P, C, VE*, à excepção da A28. Devido às semelhanças entre os vários contextos, estes foram divididos consoante a presença do tipo VE. Para uma descrição mais pormenorizada ler o respectivo capítulo no vol. 2.

Nas conjugações de cores é notório o domínio dos tipos C e VE, sendo que as conjugações que integrem o tipo P nas superfícies são menos visíveis (dentro dos quatro primeiro lugares estipulados).

As conjugações dominantes são: *VE-VE-VE* (de 7 a 13 % e em 1º lugar em 3 contextos); *C-C-C* (de 8 a 14 % e em 1º lugar num único contexto); *C-P-C* (de 7 a 17 % e em 1º lugar num único contexto); *VE-P-VE* (de 2 a 15 % e em 1º lugar num único contexto); *P-P-P* (de 7 a 10 % e em 2º lugar num único contexto). As conjugações *A-A-A* (0 a 3 %) e *A-P-A* (3 a 6 %) são muito minoritárias.

A análise das cores presentes nos recipientes revela discrepâncias com a análise efectuada à globalidade dos fragmentos sendo que cremos que a análise da totalidade dos fragmentos seja mais fidedigna. No entanto podemos dizer que quase todos os contextos analisados possuem recipientes com uma maioria de cernes com cor de tipo P, à excepção da A16. Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes distribuem-se maioritariamente pelos tipos P, C e VE.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – permite-nos observar as seguintes características:

d1) As pastas I, VIII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e finas (cats. 3 e 4);

d2) As pastas III, V, VI, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes medianas (cats. 4 e 5).

d3) As pastas VII e XI são usadas no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas (cats. superior à 5).

d4) As espessuras presentes nos bordos e bases não seguem uma linha evolutiva e o pico de espessuras é geralmente diferente daquele obtido na totalidade dos fragmentos da pasta estudada. Como já foi observado nas fases anteriores, na PIL, as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases não são concordantes sendo que no global podemos observar uma maior espessura dos bordos e bases. Cremos que as espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-3, na PIL, foram identificados 72 bordos sendo que 27 foram reconstituídos (37,5 % de reconstituição). Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 20 a 67 %. Podemos dizer que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação muito baixa pois pouco mais de 1/3 permitiram reconstituição. Comparativamente à fase anterior na PIL, podemos observar uma redução significativa da reconstituição dos recipientes, já que na fase III-2 a reconstituição é de 54 %. Deste modo, consideramos que a fase III-3 possui uma má conservação geral e uma má conservação relativamente à fase anterior.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-3 estão presentes 13 tipos de formas, a saber: *1b, 2c, 3b, 3c, 4b, 5a, 6a, 6b, 7a, 8a, 8b, 9a e B19*. Os tipos de recipientes com maior presença são: *8b* (22 % dos recipientes mas apenas maioritário num contexto), *6a* e *9a* (11 % cada) e *3b, 3c, 5a, 6b e 8a* (7 % cada, equivalente a 2 recipientes para cada tipo). Os restantes tipos de recipientes (*1b, 2c, 4b, 7a, B19*) apresentam presenças inferiores a 4 %, equivalente a um recipiente para cada tipo. Os comportamentos dos recipientes identificados nos contextos não são concordantes com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-3. Os contextos, individualmente, não apresentam todos estes tipos de formas e as suas presenças tem pesos diferentes daquela da totalidade. Por exemplo, o tipo de forma *8b* apresenta-se do seguinte modo: 44 % na A29, 33 % na c. 1a e 20 % na c. 1. E o tipo de forma *6a* possui as seguintes presenças: 33 % na c. 1a, 20 % na c. 1 e 11 % na A29. Não existe nenhum tipo de forma que ocorra em mais de 3 contextos ao mesmo tempo sendo que concluímos que as formas *8b, 6a e 9b* são as preferidas sem existir detrimento de uma ou de outras. Os tipos de formas *3b, 3c, 5a, 6b e 8a* ocorrem sempre em dois contextos diferentes sendo que entendemos que possuem o mesmo “peso” dentro do conjunto estudado. Deste modo, as preferências primeiramente observadas numa análise geral não são comprovadas por uma análise individual por contexto sendo que não podemos afirmar, verdadeiramente, que existiu determinada preferência por determinados tipos de recipientes.

e2) Pastas nos bordos e nos recipientes.

As pastas mais relevantes na totalidade dos bordos da fase III-3, na PIL, são a *III* (26 %), a *VI* (25 %), a *VIII* (24 %) e a *I* (17 %). As pastas com maior variedade de recipientes são: a *VIII* (54 % dos tipos de formas presentes, 7 dos 13 tipos de formas encontram-se representados nesta pasta), a *III* (46 %, 6 dos 13), a *VI* (31 % dos recipientes, 4 dos 13) e a *I* (23 %, 3 dos 13). As formas *8b, 9a e 6a* são aquelas que possuem maior número de exemplares sendo que a forma *8b* é aquela que apresenta

maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, VI e VIII), seguida da 9a (III e VI) e, por último, a 6a (III e VIII).

A análise da distribuição das pastas permite observar uma clara preferência pelas pastas VI e VIII na construção de recipientes de perfil em “S”.

Comparamos as pastas III, VI e VIII pois possuem um número semelhante de recipientes e podemos observar que a mais diversa é a VIII, seguida da III e por fim a VI. Tal como ocorre na fase III-2, a pasta VIII é aquela que possui maior número de tipos de recipientes, não sendo no entanto aquela que possui maior número de bordos. A pasta VIII é, também, aquela que apresenta maior diversidade de tratamentos de superfície que a par da diversidade de tipos de formas construídos pode indicar *o carácter polivalente desta pasta*. Ou seja, os recipientes construídos nesta pasta apresentam muitos tipos de superfície não sendo possível adscribê-la unicamente a um único tipo de tratamento de superfície ou a alguns tipos de tratamentos de superfície.

Apesar das particularidades atrás referidas, concluímos que uma determinada pasta serve a construção de muitos tipos de recipientes no entanto não podemos afirmar que um determinado tipo de forma é construído em todas as pastas devido ao número reduzido de recipientes identificados. Não podemos observar uma relação causal marcada entre tipos de formas e tipos pastas.

e3) Capacidade dos recipientes.

A análise da capacidade dos recipientes a par da análise das pastas permite observar uma tendência para os recipientes sem serem de perfil em “S” possuírem uma baixa capacidade aliada à presença das pastas I e VI. Os recipientes de perfil em “S” possuem capacidades medianas ou grandes, existindo uma preferência pelas pastas VIII, III e VII. Não existe uma relação clara entre tipos de formas e tipos de pastas no entanto se conjugarmos tipos de formas, capacidade dos recipientes e tipos de pastas, podemos observar que algumas pastas parecem sujeitas a determinados comportamentos. Observamos que nas pastas I e VI são visíveis os recipientes de pequeno tamanho, sejam eles de perfil em “S” ou não, que na pasta VIII e VII são visíveis os recipientes de grande tamanho e que a pasta III revela grande polivalência quer na capacidade quer no tipo de forma dos recipientes.

Podemos dizer que os tipos de recipientes com maior capacidade são o 6a, 8a e 9a (10 a 20 l) e 5a, 6a e 9a (5 a 10 l) – todos recipientes de perfil em “S”. Os tipos 6a e 8a correspondem, também, a recipientes de médias/grandes dimensões na fase III-2. O tipo 7 não ocorre na fase III-3 em recipientes grandes, tal como acontece nas fases III-1 e III-2 da PIL, no entanto não estão, aqui, presentes os subtipos *b* e *d* que revelaram maior capacidade.

Os tipos *6b*, *7a* e *8b* – recipientes de perfil em “S” – são construídos pequenos ou médios, mas ausentes nas capacidades inferiores a 300 ml, à excepção da forma *8b*. A forma *8b* revela uma tendência para ser construída em recipientes de pequena capacidade, neste caso até um litro, sendo que na fase III-2 chegou aos 2 litros.

No conjunto de recipientes reconstituídos da PIL podemos observar que 42 % dos recipientes possuem uma capacidade até 2 litros e 30 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l, sendo que estão equitativamente distribuídos pelos tipos de capacidade 5 e 6.

e4) Tipos de bordos dominantes.

Os tipos de bordo dominantes são o tipo 1 (25 %), seguido do 4 (23 %), 5 (4 %) e, por último, os tipos 2 e 3 com uma representação de 3 % em cada. Os vários tipos de bordos não ocorrem em todos os contextos, por exemplo o tipo de bordo 2 ocorre unicamente em dois contextos.

Na fase III-3, na PIL, ocorrem 31 tipos de bordos (tipos e subtipos) sendo que alguns são preferidos, a saber: *B1 a5* (10 % dos bordos), *B1 a6*, *a7*, *a9* e *B5 a1* (7 %) e por último, *B4 a9* (6 %). Apesar dos subtipos do tipo 1 serem os predilectos, o tipo 4 apresenta maior variedade de subtipos sendo, deste modo, o mais diverso.

Não parece existir uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo no entanto é evidente a importância do tipo 4, com uma presença muito semelhante ao tipo 1. É de notar que nas fases anteriores o tipo 1 é muito mais evidente do que na fase III-3 e o tipo 4 muito menos evidente. Podemos dizer que é evidente uma boa diversidade de bordos nos recipientes identificados o que indica que não há uma predilecção de determinado subtipo de bordo para determinado subtipo de recipiente.

5) Bases

No conjunto cerâmico da fase III-3, na PIL, as bases correspondem a 65 % dos bordos (47 bases para 72 bordos). O tipo de base dominante é o 1 (23 %), seguido do 3 (8 %) sendo que os tipos 2, 5 e 8 são muito residuais.

Na fase III-3, na PIL, os tipos de bases parecem estar relacionados com os tipos de pança (sua angulação). O tipo 1 possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo, bem como o tipo 3. No entanto os tipos 2 e 5 estão ausentes das categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos, sendo que neste tipo de recipientes só ocorrem os tipos de base 1 e 3, com uma grande maioria do tipo 1. Cremos que os tipos de bases 2 e 3 estão relacionados com a manufactura de recipientes de pança arredondada e achatada, sendo excluídos dos recipientes troncocónicos.

No total das bases, 29 % correspondem a recipientes de pança arredondada e suave, 23 % a recipientes de panças redondas levemente achatadas, 15 % a recipientes de perfil troncocónico e 13 % correspondem a recipientes tipo prato.

e6) Características dos conjuntos.

No conjunto cerâmico da fase III-3, na PIL, 74 % dos recipientes são de perfil em “S” (20 dos 27 recipientes identificados). Os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos 1 a 4 – estão presentes em quase todos os contextos, sendo a excepção a camada 1a. No conjunto das bases apenas 52 % correspondem a recipientes de perfil em “S” tal como identificados nas várias reconstituições presentes na tabela de formas. A análise das bases indica a presença inconfundível de recipientes sem fundo recto, recipientes troncocónicos (ausentes pela reconstituição dos bordos) e recipientes tipo prato ou recipientes de perfil em “S” tipo com a pança grande, alargada e atarracada – também ausentes pela reconstituição dos bordos.

É visível uma preferência pelos perfis em “S”, com clara incidência nas formas *8b*, *6a* e *9a* e nas formas que não possuem perfil em “S” existe uma incidência nos tipos *3b* e *3c*.

Nos recipientes de perfil em “S” podemos observar uma preferência pelas pastas VIII e III (22 %), VI (15 %), I (11 %) e em pasta VII (4 %). É evidente em todas as fases da PIL uma maioria inabalável de recipientes de perfil em “S” que indica o seu carácter polivalente. cremos que um recipiente de perfil em “S” serve, com certeza, vários propósitos porque a presença dos outros tipos de recipientes é tão baixa que não é suficiente para uma marcada funcionalidade dos recipientes.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase III-3, na PIL, foi identificada uma asa (est. LVI, 2) sendo que podemos lançar a hipótese de que 1 % dos recipientes poderiam possuir asas (1 asa em 72 bordos). Esta asa pertenceu a um recipiente de pasta III, revela semelhanças técnicas com uma das asas presentes na PIL, na fase III-2 e podemos lançar a hipótese de que 5 % dos recipientes de pasta III poderiam possuir asas (1 asa em 19 bordos).

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-3, na PIL, estão presentes 6 decorações passíveis de integrarem recipientes diferentes (8 % dos recipientes). As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas: LI, 9; LII, 12; LVII, 4; LVIII, 1 e LIX, 1 e 2.

Na fase III-3, foram usadas 4 técnicas decorativas: incisão simples (50 %) e a torno (33 %), penteado e decoração plástica (17 % cada).

Na fase III-3 foram usados 3 *instrumentos decorativos* que eram um pente 2 de 5 puas e os instrumentos de incisão 1, 2.

Comparativamente à fase anterior podemos observar uma redução significativa das técnicas e instrumentos decorativos empregues. No entanto é de notar que o número de fragmentos decorados viu-se também muito reduzido e dessa forma o registo torna-se mais deficitário. Desse modo não podemos afirmar que a pobreza presente quer nas técnicas decorativas quer nos instrumentos seja resultado de um número reduzido de exemplares cerâmicos decorados ou de uma natureza inerente a este conjunto cerâmico.

g1) Caracterização genérica das decorações

No conjunto cerâmico da fase III-3, na PIL, encontram-se integradas 5 organizações decorativas – I, V, X, XI, XXVIII – sendo que duas delas (X e XXVIII) tem vindo a ser identificadas desde a Idade do Bronze final na PIL. A organização decorativa mais presente é a I (linhas incisadas rectas paralelas ao bordo) com uma representação de 33 %. As restantes organizações decorativas são representadas por um único exemplar e com um peso de 17 %.

A avaliação das organizações decorativas presentes na fase III-3 deve ser realizada com cuidado pois estas decorações podem corresponder a outros níveis ocupacionais. Contudo, é de notar a grande continuidade decorativa onde podemos observar a presença de decorações semelhantes àquelas identificadas na pré-História regional, como a I, V e XXVIII. Outra decoração – XI – encontra-se relacionada com uma tradição de decorações proveniente da Idade do Bronze. A decoração penteada – X – relaciona-se facilmente com a tradição decorativa da Idade do Ferro.

g2) Localização da decoração nos recipientes

O número de fragmentos decorados é muito reduzido sendo que as características apresentadas devem ser entendidas com cautela. A localização das decorações distribuiu-se do seguinte modo:

g2.1) Dois dos seis fragmentos não permitem saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente (tipo de localização 8).

g2.2) Um fragmento apresenta uma decoração no fundo de recipiente e um fragmento apresenta a decoração na linha colo/pança. Estes tipos de localizações de decorações seguem as identificadas na fase anterior sendo que não encontramos uma ruptura com a fase anterior na PIL.

g2.3) O recipiente mais completo possui uma decoração que integra a pança – na linha colo/pança e parte superior da pança – e que se assemelha à decoração de alguns recipientes da fase III-2, na PIL.

g2.4) Não se destaca nenhum tipo de localização em particular sendo que tal cremos dever-se ao número reduzido de fragmentos decorados.

7.3.3.2. Talude Exterior Leste

A fase III-3, no TEL, é representada por 4 contextos – *A40*, *A45*, *A46* e *A41* – que foram analisados de diversas formas. A fase III-3 é representada por um total de 960 fragmentos cerâmicos, 61 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento de bordo), 31 bases e 38 recipientes “reconstituídos (62 % do total de bordos). A análise dos diversos contextos permite “afinar” o número de recipientes presentes para 62 tendo em conta o número de bordos e bases presentes em cada contexto. Contudo a contabilização desta análise apenas terá em conta, separadamente, bordos ou bases. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.5.2, volume 2, podemos observar as características que expomos de seguida, relativamente à fase III-3, no TEL.

a) Tipos de Pastas

Na totalidade dos fragmentos da fase III-3, no TEL, a hierarquia dominante é a VIII, VI, III. No entanto esta hierarquia não se encontra presente em nenhum contexto. Tendo em conta os contextos podemos dizer que a pasta dominante é a VIII (presente em 3 contextos como pasta dominante e com valores entre 23 e 36 %), seguida da III (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre 15 e 24 %) e VI (presente em 2º lugar num contexto e com valores entre 15 e 23 %).

Nos recipientes a hierarquia dominante é a VI, VIII, I sendo que nenhum contexto apresenta esta hierarquia. Tendo em conta os contextos podemos dizer que a pasta dominante é a VI (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 20 e 36 %), seguida da VIII (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre 10 e 37 %), I (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre cerca de 17 e 40 %) e III (presente num contexto como pasta dominante e com valores entre cerca de 16 e 33 %).

A análise integrada dos vários contextos – recipientes e fragmentos – permite concluir que as pastas dominantes são a VIII, VI, III e I (por esta ordem). Na fase III-3, no TEL, as pastas I, III e XII são representadas quer por recipientes calcólicos quer por recipientes da Idade do Ferro. As pastas IV e X são, unicamente, representadas por recipientes calcólicos. Dessa forma, podemos perceber que a análise da totalidade dos fragmentos (contabilizando os sem forma) não revela claramente as

características próprias da ocupação da Idade do Ferro pois esta nunca se encontra, totalmente, separada de recipientes da ocupação calcolítica. Podemos observar em relação à fase III-2 uma ausência de recipientes da Idade do Ferro nas pastas IV e X, que pode ser explicada pela preferência mais vincada por outras pastas como a VI, VIII, III e I.

A análise dos contextos que constituem a fase III-3 no TEL indica que as pastas I, III, VI e VIII constituem o conjunto cerâmico da Idade do Ferro da fase III-3, ainda que sejam também utilizadas as pastas VII e XII. Em relação às fases anteriores podemos observar os seguintes comportamentos.

a1) Um aumento significativo e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pastas VI e VIII.

a2) Uma diminuição significativa e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pasta III.

a3) Uma diminuição dos recipientes realizados em pasta I, da fase III-1 para a III-2, mas a manutenção da importância dos mesmos da fase III-2 para a fase III-3.

a4) Ausência de recipientes realizados em pastas II, IV, IX e X na fase III-3 e presentes na fase III-2.

a5) Um aumento paulatino ligeiro dos recipientes realizados em pasta VII.

a6) Uma redução ligeira dos recipientes realizados em pasta XII.

b) Tratamentos de superfície

A análise dos diversos contextos da fase III-3, no TEL, revela que nas superfícies externas os *polidos* encontram-se entre 38 % e 48 %, os *alisados* de 28 % a 32 %, os *rugosos* entre 4 e 8 %, os *cepilhados* entre 1 e 5 % e os *areados* encontram-se entre 1 e 5 %. No somatório de todos os contextos os *polidos* correspondem a 42 % dos fragmentos, os *alisados* a 31 %, os *rugosos* a 6 % e os *areados* a 3 %. Nas superfícies internas, os *polidos* correspondem a 67 % e os *alisados* a 18 %.

As conjugações de superfície dominantes são a *Pol/Pol* (de 25 % a 28 %, em 1º lugar em todos os contextos), *Ali/Pol* (de 20 a 24 %, em 2º lugar em todos os contextos), *Pol/Ali* (de 8 a 13 %, em 3º lugar em todos os contextos), *Rug/Pol* (8 %, em 3º lugar num contexto) e, por último, a *Ali/Ali* (5 a 7 %, em 4º lugar em todos os contextos).

Comparativamente às fases anteriores podemos observar uma diminuição constante das superfícies externas polidas – 58 % na fase III-1, 50 % na III-2 e 42 % na III-3. Contudo tal não significa que ocorra um aumento das superfícies alisadas, rugosas ou outras de uma forma constante e gradual. De facto, dá-se um aumento das superfícies externas alisadas de um modo não gradual

mas ocorre também uma diminuição dos rugosos em relação à fase III-2. Podemos observar um aumento paulatino dos areados – tornando-se este tratamento de superfície um dos quatro principais na fase III-3 – e uma diminuição dos cepilhados sendo este o valor mais baixo das três fases. É de notar que as percentagens de cada tratamento de superfície são muito influenciadas pela presença de superfícies corroídas. Na fase III-3, as superfícies corroídas equivalem a cerca do dobro das fases anteriores.

Podemos observar que o contexto mais próximo da cronologia da fase III-2 (A45) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies externas rugosas e que o contexto tido como mais moderno (A40) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies externas areadas e alisadas. Podemos colocar a hipótese interpretativa que *a diminuição do uso de rugosos esteja relacionada com a Idade do Ferro Plena (fase III-2) e a presença elevada de areados na fase III-3 constitua uma característica própria desta última ocupação.*

A distribuição das diversas conjugações de tratamentos de superfície revela que a fase III-3 é a mais homogénea das 3 fases sendo que nas fases anteriores a variedade entre contextos é maior. Ou seja, na fase III-3, os 4 contextos revelam hierarquias totalmente semelhantes e com intervalos de valores estreitos. A diferença percentual entre as várias conjugações é, também, muito baixa. Podemos intuir pela distribuição e percentagens que existiam, maioritariamente, recipientes de superfícies polidas (externas e internas), seguidas de alisadas externas. Os tratamentos de superfície polido e alisado surgem associados em vários recipientes. Os tratamentos de superfície rugosos, cepilhados e areados são usados de modo mais esporádico.

b1) Relação dos tratamentos de superfície com as pastas

No conjunto cerâmico da fase III-3 no TEL foram identificados 7 tratamentos de superfície (alisado, areado, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. Na pasta VIII ocorrem 7 tipos, na III 5 tipos, nas VI e XII 4 tipos, na I 3 tipos, nas IV, VII, IX, X e XI 2 tipos. Deste modo as pastas III, VI, VIII e XII são as que revelam maior variedade de tratamentos de superfície.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar nas pastas os seguintes comportamentos:

b1.1) As pastas IV, IX, XI e XII revelam em todas as fases o mesmo número de tratamentos de superfície sendo que possuem um comportamento uniforme durante toda a ocupação da Idade do Ferro. As pastas IV, IX e XI usam, preferencialmente, os polidos e alisados e a pasta XII usa, preferencialmente, os alisados, rugosos e cepilhados.

b1.2) As pastas *I, VII e X* vão perdendo, progressivamente, diversidade, sendo que na fase III-1 possuem mais tratamentos de superfície do que na fase III-3. Na fase III-3 os recipientes de pasta *I, VII e X* apresentam, preferencialmente, polidos e alisados.

b1.3) As pastas *I, VII e X* perdem importância percentual da fase III-1 para a III-3 a par da redução na diversidade. Podemos colocar a hipótese de que estas pastas estejam progressivamente em desuso, principalmente as pastas *I e VII*.

b1.4) As pastas *III e VI* tornam-se mais monótonas na fase III-3. Ou seja, na fase III-2 estas pastas apresentam maior diversidade de tratamentos de superfície. É de notar que ocorre um aumento dos tratamentos de superfície presentes da fase III-1 para a III-2 e uma diminuição da fase III-2 para a III-3. Deste modo, podemos colocar a hipótese de que a fase III-2 constitui o ponto alto de utilização destas pastas. Na fase III-3, a pasta *III* usa, preferencialmente, os polidos e alisados mas também os rugosos e cepilhados. E a pasta *VI*, usa, preferencialmente os alisados, rugosos e areados.

b1.5) A pasta *VIII* revela um aumento progressivo da diversidade ao longo de toda a ocupação da Idade do Ferro. A pasta *VIII* usa, preferencialmente os alisados, rugosos e areados.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Todos os contextos da fase III-3, no TEL, possuem uma maioria de fragmentos de cerne de tipo *P* com uma representação de 51 a 63 %. Os cernes de tipo *C* possuem uma representação de 9 a 19 % e os cernes de tipo *VE* possuem uma representação de 12 a 17 %.

Os contextos integrados na fase III-3 foram agrupados em dois grupos consoante a hierarquia obtida na cor dos cernes dos fragmentos. A hierarquia dominante é a *P, VE, C* – presente em 3 contextos – seguida da *P, C, VE* – presente num único contexto (A40).

Podemos observar que a A45 é o contexto mais antigo e mais escuro, seguido da A46 e A40, os contextos mais modernos e mais vermelhos.

As conjugações de cor dominantes são a *P-P-P* (em 1º lugar em 3 contextos e com valores de 9 a 17 %); *C-C-C* (em 1º lugar num contexto e com valores de 4 a 13 %); *VE-P-VE* (em 1º lugar num contexto e com valores de 6 a 9 %); *VE-VE-VE* (em 2º lugar em 2 contextos e com valores de 6 a 12 %) e *A-P-P* (em 2º lugar em 2 contextos e com valores de 4 a 9 %).

A distribuição das conjugações de cor varia consoante o contexto. Podemos observar que a A45 se destaca pelas conjugações que usam os tipos de cor *P*, sendo um conjunto cerâmico que se distingue dos restantes pelo maior uso de tons escuros. Tal já tinha sido notado na avaliação das cores presentes nos cernes. A A40 destaca-se pelas conjugações de cores mais claras, onde predominam os tipos *C e VE*.

Podemos afirmar que os contextos mais antigos são mais escuros e predominam, quer nos cernes quer nas superfícies, o tipo de cor P e os contextos mais modernos revelam uma maior presença dos tipos de cor VE e C, quer nos cernes quer nas superfícies, ainda que estes *nunca* sejam maioritários. É evidente uma tendência de uso que se reflecte num crescimento, paulatino, do uso do tipo de cor VE à medida que a ocupação da Idade do Ferro se desenvolve temporalmente. Quer dizer que nos contextos mais modernos encontramos maior presença de cerâmicas de cores mais claras, quer castanhas, quer vermelhas. Cremos que esta tendência na cor se encontra a par do crescente uso das pastas VI e VIII, mais concretamente, da pasta VI.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro permite observar que todos os contextos se comportam de forma diferenciada. As características dos recipientes da A40 e A45 concordam com os resultados obtidos na análise da cor do cerne da totalidade dos fragmentos. Desse modo, cremos que estes contextos revelam uma boa coesão interna e uma boa diferenciação entre eles que se revela nos vários pontos de análise.

d) Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas

A avaliação das espessuras dos fragmentos presentes nos diversos contextos e organizados por pasta permite perceber as seguintes características do conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL.

d1) A pasta I foi usada no fabrico de recipientes de paredes finas (os mais finos do conjunto estudado).

d2) A pasta III foi usada no fabrico de recipientes de paredes mais espessas que aqueles de pasta I sendo consideradas paredes de espessura média.

d3) As pastas VI, VII e VIII são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa.

d4) A pasta VIII revela alguns recipientes de paredes finas a par de recipientes de paredes de espessura média / grossa.

d5) A pasta VII é das pastas que revela recipientes de paredes com espessuras maiores, com características algo semelhantes às pastas X e XII.

d6) As pastas X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas (igual ou superior à cat. 6).

d7) As pastas IV, IX e XI são inconclusivas e as pastas II e V encontravam-se ausentes.

d8) As pastas I, III, VI e VIII possuem um comportamento semelhante em todos os contextos analisados.

d9) As pastas IV, IX, X, XI e XII revelam comportamentos muito dispares que são, em parte, consequência do baixo número de fragmentos identificados para cada uma destas pastas.

d10) A pasta VII revela um comportamento algo díspar mas não tão diferenciado como o daquelas acima indicadas.

d11) Podemos observar que as pastas com maior uso – I, III, VI, VIII e VII – revelam comportamentos semelhantes nos diversos contextos estudados indicando um uso semelhante em todos os contextos independentemente da natureza dos mesmos. A relação entre a pasta e a espessura das paredes dos recipientes revela-se como mais importante do que a funcionalidade dos diversos contextos – solos de habitação – ou outra natureza dos mesmos.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-3, no TEL, foram identificados 61 bordos sendo que 38 foram reconstituídos (62 % de reconstituição). Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 54 a 89 % sendo que a A46 é o contexto com maior reconstituição. Podemos dizer que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação alta pois metade dos contextos apresenta uma reconstituição acima dos 60 %. Em comparação à fase III-2, no TEL, podemos observar um aumento na reconstituição dos recipientes (de 49 para 62%). Contudo a reconstituição da fase III-3 é mais baixo do que aquela da fase III-1 (70 %). Podemos observar que a fase mais antiga é a mais bem preservada, à qual se segue a última fase sendo que a fase intermédia (III-2) é a pior preservada. É de notar que a fase III-2 é a mais longa, a que integra maior número de contextos e a que possui os maiores conjuntos cerâmicos. Deste modo a fase III-2 é aquela que apresenta maior probabilidade de se encontrar pior preservada pois sofreu toda uma série de processos de deterioração relacionados com o quotidiano das comunidades e com o ambiente.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-2 estão presentes 14 tipos de formas, a saber: *1a, 2a, 2b, 2c, 3a, 3c, 4a, 5b, 6a, 6b, 7a, 8a, 8b e 9b*. Podemos observar em relação à fase anterior a presença de alguns tipos novos. Os tipos de recipientes *1a, 4a, 5b e 9b* surgem pela primeira vez e os restantes já se encontravam presentes na fase III-2. Os tipos de recipientes com maior presença são: *8a e 8b* (24 % dos recipientes cada), *6b* (16 %), *7a* (8 %) e *1a* (5 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. A distribuição dos vários tipos de recipientes nos vários contextos analisados não é concordante com o somatório geral, do qual apresentamos as percentagens acima. Os tipos de forma *8a e 8b* são, apenas, maioritários e em unísono na A46. Na A45 o tipo maioritário é o *7a* e na A40 é o *6b*. Podemos observar que os tipos preferidos nos contextos são também os tipos preferidos na totalidade da fase III-3 mas não ocorrem pela mesma ordem. Esta mesma característica ocorre na fase III-2 onde a distribuição dos tipos de

recipientes pelos contextos é, ainda mais, díspar do que aquela apresentada na fase III-3. Estes resultados revelam que determinados tipos de recipientes como o 8a e 8b encontram-se presentes em quase todos os contextos – senão mesmo em todos – contudo não são maioritários, revelando que cada contexto possui um conjunto cerâmico único e individualizado.

e2) Pastas nos bordos e nos recipientes

As pastas dominantes nos bordos da fase III-3 são a VI (33 %), VIII (25 %), III (18 %), I (16 %), VII (5 %) e XII (3 %). As pastas com maior variedade de recipientes são VI, VIII, III e I existindo uma concordância entre a variedade e o número absoluto de bordos. Tendo em conta o número de bordos e os tipos presentes podemos dizer que a pasta I é aquela que apresenta maior diversidade formal, seguida da VIII e, por último, da III. Em relação às fases anteriores podemos observar que a pasta VIII ganha uma progressiva relevância – a partir da fase III-2 sendo evidente a sua importância na fase III-3.

A maioria das formas é representada por um único recipiente sendo que apenas podemos avaliar convenientemente os tipos *1a*, *6b*, *7a*, *8a* e *8b*. As formas *8a*, *8b* e *6a* são aquelas que apresentam maior variedade nos tipos de pasta em que são construídas (4 tipos de pastas em cada tipo de forma), seguidas da *7a* (3 tipos) e *1a* (2 tipos). A pasta VII só se encontra associada ao tipo de forma *6b* e a pasta XII ao tipo de forma *8a*. Podemos observar que os tipos de formas *1a*, *6b* e *7a* são os que revelam uma distribuição de pastas mais igualitária. A forma *8a* revela uma preferência pelas pastas VI e III. E a forma *8b* revela uma preferência pela pasta VI.

As pastas presentes nos recipientes afirmam os resultados da totalidade dos fragmentos. Deste modo é evidente a importância das pastas VI e VIII na última fase de ocupação. Em relação às fases anteriores podemos observar que nas fases III-2 e III-3 não existe uma relação clara entre os tipos de pastas e os tipos de formas, indicativa de uma ausência de especialização.

e3) Capacidade dos recipientes

No conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL podemos observar que mais de metade dos recipientes reconstituídos (52 %) possui uma capacidade até 2 litros e que 39 % possuem uma capacidade de 2 a 5 l. Apenas 2 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l sendo que não foram identificados recipientes de capacidades entre os 5 e os 10 l. Foi apenas identificado um recipiente de grande capacidade (cat. 6 = 10 a 20 l), de forma *8a*.

Nesta fase é difícil avaliar a relação entre capacidade e forma dos recipientes devido ao número reduzido de recipientes de grande capacidade. Contudo podemos dizer que todos os recipientes de forma de perfil em “S”, à excepção do tipo *8b*, possuem uma capacidade superior a 1 litro. Os três recipientes de tipo *7a* possuem uma capacidade de 2 a 5 litros sendo que são

considerados de capacidade média / familiar. As formas que não se encontram integradas nas formas de perfil em “S” (1, 2, 3 e 4) e o tipo de forma 8b revelam capacidades pequenas, encontrando-se equitativamente distribuídas pelas categorias 1 e 2. Podemos assim concluir que em todas as fases, os recipientes de perfil em “S” são aqueles de maior capacidade e os recipientes de formas 1, 2, 3, 4 e 8b são os que apresentam capacidades mais baixas.

A relação entre a capacidade dos recipientes e o tipo de pastas é também difícil de avaliar devido ao número reduzido de recipientes grandes ou muito grandes. Contudo podemos observar que os recipientes de pasta I são maioritariamente pequenos, os recipientes de pasta VI são, maioritariamente, grandes e os recipientes de pasta III são medianos. Apesar destas tendências encontramos recipiente de capacidade média / pequena (cats. 3 e 4 = 1 a 5 l) em todas as pastas presentes (I, III, VI, VII, VIII e XII).

Em resumo, o conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL, revela uma presença inconfundível de recipientes de pequena e média capacidade e uma presença muito reduzida de recipientes típicos de armazenamento. Comparativamente às fases anteriores a diferença mais notória que percorre todas as fases é a distribuição dos recipientes de grande capacidade sendo que estes estão praticamente ausentes na fase III-3. Em todas as fases as capacidades preferidas recaem nas categorias 2 (0,3 a 1l) e 4 (2 a 5 l), sendo que os conjuntos revelam sempre uma maioria de recipientes pequenos e médios.

e4) Tipos de bordos dominantes

Na fase III-3, no TEL, o tipo de bordo dominante é o tipo 1 (36 %), seguido do 4 (21 %) sendo que os tipos 2, 3 e 5 são, claramente, minoritários com valores de 2 e 3 %. Os vários tipos de bordo não ocorrem em todos os contextos sendo que, por exemplo, os bordos de tipo 1 e 4 estão presentes nos três contextos principais e os bordos de tipo 5 ocorrem, apenas, num contexto. Comparativamente às fases anteriores podemos observar 3 comportamentos interessantes:

e4.1) Uma presença semelhante em todas as fases dos bordos de tipos 1 e 3

e4.2) Uma diminuição gradual do uso do tipo de bordo 2 (10 % na III-1, 8 % na III-2 e 2 % na III-3).

e4.3) Um aumento significativo na fase III-3 dos bordos de tipo 4 (13 % na III-1, 12 % na III-2 e 24 % na III-3).

O conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL, não revela uma relação entre o tipo de bordo e o tipo de forma. Nas fases anteriores podíamos observar uma relação entre algumas formas e alguns tipos de bordo no entanto tal relação não é aqui totalmente visível. Por exemplo, os *tipos de formas 1 e 2* deveriam possuir exclusivamente *bordos de tipo 2 e 3*, mas possuem os tipos *1 e 2* e o *tipo de forma 3* deveria possuir exclusivamente *tipos de bordo 4 e 5* mas possui os tipos *1 e 4*. Os tipos de

formas mais numerosos (*6b, 7a, 8a e 8b*) não se relacionam com nenhum subtipo de bordo em particular no entanto revelam a preferência pelos tipos de bordo 1 e 4 sendo que em todas é preferido o tipo 1. O tipo de bordo 1 constitui mais de 50 % dos recipientes reconstituídos e dos bordos identificados.

Na fase III-3 estão presentes 22 tipos de bordo (tipo + subtipo de bordo). É visível a preferência por determinados tipos como o *B1 a9* (18 % dos 61 bordos), *B4 a4* (10 %), *B1 a1* (10 %), *B1 a5* (8 %) e o *B1 a4* (7 %). Estes mesmo tipos de bordo se integrados juntamente com os tipos de bases possuem presenças menos evidentes e que se equiparam a alguns tipos de bases. Este facto deve-se a menor variedade formal das bases.

e5) Bases

No conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL, o tipo de base dominante é o 1 (18 % da totalidade de bordos e bases), seguido do 3 (8 %), do 2 (7 %) e, por último, do tipo 9 (1 %). A distribuição dos diversos tipos de bases é semelhante à dos bordos sendo que nem todas as bases ocorrem em todos os contextos. Por exemplo, o tipo de base 1 é o único presente em todos os contextos analisados. Comparativamente às fases anteriores podemos observar que o tipo 1 é sempre o dominante e os tipos 2 e 3 sofrem uma subida paulatina (ainda que reduzida) ao longo de toda a ocupação.

Na fase III-3, as bases dos recipientes ocorrem maioritariamente em pastas III (26 %) e VIII (23 %) no entanto a relação entre o número de bordos e o número de bases evidencia as pastas VII, III, I e XII. Na pasta VII, o número de bases (5) excede o número de bordos (3), na pasta III o número de bases equivale a 64 % do número de bordos, na pasta I o número de bases equivale a 60 % do número de bordos e na pasta XII o número de bases equivale a 50 % do número de bordos. Na pasta VIII o número de bases equivale a 47 % do número de bordos e na pasta VI o número de bases equivale a 25 % do número de bordos. Podemos perceber que a grande maioria dos recipientes de pasta VII possuem fundo recto, a maioria dos recipientes de pasta I e III possuem fundo recto e menos de metade dos recipientes de pastas XII, VIII e VI possuem fundo recto.

A análise da morfologia das bases e do ângulo da parede permite concluir que não existe uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes. As categorias de ângulo dominantes são a 4 e 5 que correspondem a panças arredondadas e que perfazem 52 % do conjunto. Em todas as fases de ocupação as categorias de ângulos dominantes são a 4 e 5, sendo que nas fases III-1 e III-2 a categoria 5 sobrepõem-se à categoria 4.

Em resumo podemos dizer que 22 % das bases dizem respeito a recipientes de forma troncocónica, 23 % dizem respeito a recipientes tipo prato e 65 % dizem respeito a recipientes de pança globular, sejam eles recipientes de perfil em “S” ou não.

e6) Características dos conjuntos

No conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL, 79 % dos recipientes reconstituídos são de perfil em “S” e 65 % das bases dizem respeito a recipientes potencialmente de perfil em “S”. O número de bases equivale a 51 % do número de bordos sendo que um pouco mais de metade corresponde a recipientes de perfil em “S”. Podemos intuir que mais de 1/3 dos recipientes com fundo recto não correspondem a recipientes de perfil em “S” e que mais de metade dos recipientes de perfil em “S” pode não possuir um fundo recto.

Podemos observar que a presença dos recipientes de perfil em “S” é maioritária mas acompanhada por outro tipo de recipientes e que oscila entre 65 e 79 %. Outros recipientes de diversas formas, como “pratos” e “tigelas” podem perfazer até cerca de 40 % do conjunto cerâmico. Comparativamente às fases anteriores podemos observar que a fase III-3 é bastante semelhante à fase III-2 e que a fase III-1 é marcada pelo maior número de recipientes de perfil em “S” e menor variabilidade formal.

A distribuição dos vários tipos de recipientes varia consoante o contexto analisado. Por exemplo, na A40 os recipientes que não possuem perfil em “S” perfazem 10 % do total e na A46 correspondem a 50 % sendo estes os únicos contextos onde se encontram presentes.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar que a presença de cada tipo de recipiente varia consoante o contexto e fase analisada sendo que não podemos falar em decréscimos ou aumentos de uma forma generalizada. Ou seja contextos de fases diferentes podem apresentar maior semelhança que contextos da mesma fase. Contudo podemos observar uma presença significativa de tipos de recipientes que não possuem perfil em “S” tanto na fase III-2 como na III-3 e uma boa presença de recipientes que não possuem um perfil em “S”, em vários contextos da fase III-2 e III-3 já que na fase III-1 este tipo de recipientes estava associado unicamente a um contexto. Ou seja, nas fases III-2 e III-3 a presença de recipientes sem ser de perfil em “S” é evidente em vários contextos e presente com um bom número de exemplares. Assim, confirma-se o uso generalizado deste tipo de recipientes nestas fases de ocupação.

f) Elementos de prensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase III-3, no TEL, foram identificadas duas asas sendo que os recipientes com asa podem corresponder a 3 % dos recipientes (2 asas para 61 bordos). As asas

identificadas (estampas CXIV, 1 e LXIII, 6 – vol. 2) correspondem a recipientes de pasta VI, sendo que podemos lançar a hipótese de que 10 % dos recipientes de pasta VI podiam possuir asas (2 asas em 20 bordos). As asas são provenientes da A40 – tal como os fragmentos decorados – sendo este o contexto mais tardio.

Uma das asas identificadas pertence a um recipientes de pequena capacidade, perfil em “S” e de paredes bastante finas. Comparativamente às fases anteriores podemos afirmar que os recipientes com asa são sempre muito poucos o que torna difícil a sua caracterização.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-3, no TEL, estão presentes 3 decorações passíveis de integrarem recipientes diferentes (5 % dos recipientes). As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas: LIII, 2 e LXII, 7 e 8.

Na fase III-3 foram usadas 2 *técnicas decorativas*: penteado (67 %) e incisão simples (33 %).

Na fase III-3 foram usados 2 *instrumentos decorativos* que são o instrumento de incisão 3 e um pente de tipo 2 de 4 puas.

g1) Caracterização genérica das decorações

Na fase III-3 encontram-se integradas duas organizações decorativas, a I e a X. As organizações decorativas presentes são aquelas maioritárias na fase III-2 e podem ter perdurado na fase III-3 com maior facilidade do que as outras organizações decorativas. É de notar que a organização decorativa XXXIV, típica da Idade do Ferro, não se encontra presente nesta última ocupação. Comparativamente às fases anteriores podemos observar uma diminuição paulatina da variedade decorativa, sendo que a fase III-1 é a mais “rica” em termos decorativos.

g2) Pastas dos recipientes decorados

Os fragmentos decorados apresentam as pastas I e VIII, sendo que os recipientes que apresentam os penteados são realizados em pasta I e o de pasta VIII apresenta a incisão. Podemos colocar a hipótese de que 20 % dos recipientes de pasta I podiam ser decorados e 7 % dos recipientes de pasta VIII podiam apresentar decoração. Vemos que as pastas I e VIII possuem grande visibilidade no que diz respeito às decorações, relativamente a todas as outras pastas presentes. Comparativamente às fases anteriores podemos dizer que a importância da pasta I já tinha sido identificada e que na fase III-3 a pasta VIII evidencia-se.

g3) Localização da decoração nos recipientes

Os fragmentos decorados presentes no TEL na fase III-3 possuem dimensões reduzidas sendo que dois deles não permitem a localização da decoração no recipiente (tipo de loc. 8) e um permite a localização pois é uma base (tipo de loc. 5). A decoração presente nesta base é uma simples faixa de penteado sem que saibamos qual a restante composição. Em relação às fases anteriores podemos observar o aparecimento, pela primeira vez, de um recipiente de fundo plano que apresenta decoração na base.

7.3.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte

A fase III-3, na área norte, é representada por 6 contextos – A69, Lx. 2, A58, A60, A63 e A51 – que foram analisados de diversas formas. A fase III-3 é representada por um total de 2017 fragmentos cerâmicos, 81 bordos conotados com a Idade do Ferro (sendo que alguns deles possuem mais do que um fragmento de bordo), 28 bases e 36 recipientes “reconstituídos (44 % do total de bordos). A análise dos diversos contextos permite “afinar” o número de recipientes presentes para 92 tendo em conta o número de bordos e bases presentes em cada contexto. Contudo a contabilização desta análise terá em conta, maioritariamente, os bordos. Com base nas observações apresentadas no capítulo 5.5.3, volume 2, podemos observar as seguintes características relativas à fase III-3, na área norte.

a) Tipos de Pastas

A análise dos diversos contextos integrados na fase III-3, na área norte, revela que a pasta dominante é a *I* (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 14 e 34 %), seguida da *III* (presente em 2 contextos como pasta dominante e com valores entre 8 e 28 %), *VIII* (presente em 1º lugar num contexto e com valores entre 13 e 35 %), *VI* (presente em 1º lugar num contexto e com valores entre 8 e 32 %).

Os contextos foram divididos em dois grupos. Um 1º grupo (A69, A58 e A60) diz respeito aos contextos onde as pastas *I*, *III* são mais evidentes e o 2º grupo (Lx. 2, A63 e A51) diz respeito aos contextos onde as pastas *VI* e *VIII* se encontram, ambas com uma presença significativa. É de notar que estas presenças significativas se dão tanto na totalidade dos fragmentos como dos recipientes no entanto as A63 e A51 não revelam uma importância avassaladora de bordos e/ou bases de pastas *VI* e *VIII*, sendo deste modo os mais discordantes. Podemos também afirmar que a pasta *VIII* encontra-se muito presente em quase todos os contextos, à excepção da A69.

Os recipientes (bordos) ocorrem nas pastas I, III, IV, VI, VII e VIII sendo que os contextos com maior número de fragmentos, recipientes e pastas são aqueles que apresentam maior variedade de pastas nos recipientes conotados com a Idade do Ferro. Em relação às fases anteriores podemos observar uma diminuição do número de pastas identificadas em recipientes, sendo que na fase II foram identificadas 5 pastas e nas fases III-1 e III-2 foram identificadas 8 pastas e na fase III-3, 6 pastas. Não sabemos se o decréscimo na variedade de pastas presentes se deve ao número de fragmentos por fase ou a uma característica inerente à fase de ocupação. É possível que a fase III-3 apresenta menor variedade de pastas que a fase III-2 e que tal revela o certo retrocesso técnico.

Comparativamente às fases de ocupação anteriores podemos observar o seguinte.

a1) Uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, que se vem a acentuar desde a fase I.

a2) A manutenção das pastas I e III em relação à fase III-2, sendo que estas pastas decresceram ligeiramente da fase II, para a III-1.

a3) Um aumento da presença de fragmentos de pasta VIII já sentida na fase III-2 em relação à fase III-1.

a4) Pouca relevância da pasta VI em relação à fase III-2, encontrando-se a fase III-3 semelhante à fase III-1.

Em resumo, as pastas I, III e VIII constituem o conjunto de confiança da fase III-3, na área norte, seguidas das pastas VI, VII e X, com um uso, claramente, minoritário.

b) Tratamentos de superfície

A análise dos diversos contextos da fase III-2, na área norte, revela que nas superfícies externas os *polidos* encontram-se entre 28 % e 50 %, os *alisados* de 21 % a 44 % e *areados, cepilhados, grafitados, e/ou rugosos* encontram-se entre 6 e 30 %. No somatório de todos os contextos os alisados correspondem a 36 % e os polidos a 31 %. Nas superfícies externas encontramos uma maioria de polidos em 4 dos 6 contextos analisados e uma maioria de alisados em 2 contextos. Podemos assim observar características diferentes do conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, consoante a forma como é analisado. Os polidos possuem um intervalo de valores que os evidencia, possuindo também uma presença maioritária num maior número de contextos. Contudo a avaliação do somatório dos contextos revela os alisados como dominantes. cremos, no entanto, que a avaliação dos diversos contextos individualmente é mais útil do que o somatório dos mesmos para a compreensão da fase de ocupação.

Na fase III-3 estão presentes 7 tipos de tratamentos de superfície – alisado, areado, brunido, cepilhado, espatulado, polido e rugoso – distribuídos de forma diferenciada pelos diversos contextos. Dos 6 contextos presentes apenas 2 apresentam mais de 5 tipos de tratamentos de superfície – a A60 e a A51.

As conjugações de superfície dominantes são a *Pol/Pol* (de 17 % a 33 %, em 1º lugar em 4 contextos), *Ali/Ali* (de 7 a 27 %, em 1º lugar em 2 contextos), *Ali/Pol* (de 8 a 16 %, em 2º lugar em 2 contextos), *Rug/Pol* (6 a 22 %, em 2º lugar num contexto) e, por último, a *Pol/Ali* (6 a 17 %, em 3º lugar em 4 contextos). Os contextos agrupam-se consoante as suas semelhanças sendo que podemos dizer que uma maioria de recipientes possui superfícies polidas e alisadas. Na A58 e Lx. 2 encontra-se uma presença mais evidente de recipientes com superfície externa rugosa.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar o seguinte.

b1) Os contextos da fase III-3 possuem menor presença de alisados do que os da fase III-2. O aumento dos polidos pode dever-se-á à mistura de materiais, ocorrida nas camadas superficiais do solo, com fragmentos cerâmicos calcolíticos onde dominam os polidos.

b2) Os contextos da fase III-3 apresentam uma menor variedade de tratamentos de superfície por contexto. Na fase III-2 mais de metade dos contextos possuía 5 ou mais tipos de tratamentos de superfície. Deste modo, a fase III-3 apresenta um conjunto cerâmico mais monótono que aquele da fase III-2.

b3) Os contextos da fase III-3 apresentam valores mais elevados dos tratamentos de superfície areados, cepilhados, grafitados, e/ou rugosos do que aqueles da fase III-2 e III-1. É visível um aumento paulatino desde tipo de tratamentos de superfície, que se faz sentir desde a fase III-1.

b4) É visível uma relação entre determinados tipos de pastas e determinados tipos de tratamentos de superfície. Por exemplo, o Lx. 2, A63 e A51 possuem uma boa presença das pastas VI e VIII e possuem as percentagens mais altas de areados, cepilhados, grafitados e rugosos.

Gostaríamos de referir que, um contexto que possui uma presença visível das pastas VI e VIII, possuirá, com grande probabilidade, uma maior visibilidade de areados, cepilhados, grafitados e rugosos externos. No entanto a presença de uma conjugação de tratamento de superfície, que contenha um destes tratamentos referidos – nas quatro principais conjugações presentes – não é um dado adquirido nos contextos com maior presença de pastas VI e VIII. O que vemos é uma tendência e não uma relação restritiva. Ou seja, nem todas as análises realizadas conduzem aos mesmos resultados.

c) Tipos de cor presentes no cerne e superfícies dos fragmentos

Todos os contextos da fase III-2, na área norte, possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro com uma representação de 48 a 58 %. Os cernes de tipo C possuem uma representação de 11 a 23 % e os cernes de tipo VE possuem uma representação de 15 a 24 %.

Os contextos da fase III-3 foram agrupados em dois grandes grupos a partir da hierarquia obtida na cor dos cernes dos fragmentos. Podemos observar que os contextos com maior presença dos tipos de pastas I e III possuem uma hierarquia P-C-VE (no caso da A69 e A60) ou uma forte presença do tipo P (no caso da A58). Os contextos com maior presença dos tipos de pastas VI e VIII possuem uma hierarquia P-VE-C (no caso do Lx. 2 e A51) ou uma presença baixa do tipo P e uma presença mediana dos tipos C e VE (A63). Deste modo, *a análise da fase III-3 permite intuir uma relação entre os tipos de pasta e os tipos de cores.*

Nos diversos contextos integrados na fase III-3, na área norte, as conjugações dominantes são a C-P-C (em 1º lugar em 4 contextos e com uma presença de 9 a 20 %); VE-VE-VE (em 1º lugar num contexto, em 2º lugar em 3 contextos e com uma presença de 8 a 14 %); C-C-C (em 1º lugar num contexto, em 2º lugar em 3 contextos e com uma presença de 0 a 15 %); VE-P-VE (em 2º lugar num contexto, em 3º lugar em 2 contextos e com uma presença de 7 a 12 %); P-P-P (com uma presença de 0 a 12 %) e A-P-A (com uma presença de 2 a 11 %). Podemos dizer que 43 a 53 % dos fragmentos integram-se nas 4 primeiras conjugações dominantes. Ou seja, cerca de metade dos fragmentos de cada conjunto possuem apenas 4 conjugações de cor, sendo evidente os tipos C e VE.

Apesar de não existirem contextos que partilhem a mesma hierarquia de cores bem como a mesma percentagem de cada conjugação de cor agrupamos os contextos consoante as suas semelhanças e obtivemos alguns resultados. Os contextos onde as pastas I e III são dominantes – A69, A58 e A63 – possuem as seguintes conjugações maioritárias: C-P-C; C-C-C; P-P-P e VE-VE-VE, onde é evidente a importância dos tipos C e P. Os contextos onde as pastas VI e VIII são dominantes – Lx. 2, A60 e A51 – possuem as seguintes conjugações maioritárias: C-P-C; VE-VE-VE, A-P-A e C-C-C, onde é evidente a importância dos tipos de cor C e VE.

A avaliação das conjugações de cor revela que não existe uma relação inequívoca entre as conjugações de cor e os tipos de pasta e não existe uma relação inequívoca entre os tipos de cerne dominantes e os tipos de conjugações maioritárias. Ou seja, podemos observar uma relação entre a cor dos cernes e os tipos de pastas mas não entre as conjugações de cor e os tipos de pastas. Tal revela que não há uma relação inequívoca entre a cor do cerne e as cores das superfícies e que a cor das superfícies se deve a muitos factores no qual o cerne é apenas um. cremos que a cor dos cernes deve ser o factor que mais influencia a cor das superfícies. No entanto número de recipientes e seu

estado de conservação deve influenciar a forma como o conjunto cerâmico se apresenta reflectindo-se, directamente, nas conjugações de cor dominantes.

A análise das cores presentes nos recipientes (bordos e bases) revela muitas fragilizadas quando comparada com aquela realizada à totalidade dos fragmentos presente em cada contexto. Podemos observar que o número de recipientes é, por vezes, muito reduzido dificultando as comparações estatísticas com a totalidade dos fragmentos. Os recipientes são representados, muitas vezes, por fragmentos de pequeno tamanho, sendo que a cor desses fragmentos está a definir a totalidade do recipiente. cremos que este factor influencia a análise e deturpa os resultados criando discrepâncias com a análise da totalidade dos fragmentos. Por último, a colagem de alguns recipientes revelou que um recipiente completo possui várias tonalidades de cor, que serão melhor analisadas através da totalidade dos fragmentos.

Podemos observar que todos os contextos revelam uma maioria de recipientes de cernes de tipo P, seguido do tipo VE e, por último do tipo C. A presença do tipo P encontra-se entre 42 e 67 %, sendo mais alta do que aquela registada na totalidade dos fragmentos. Ao nível da cor das superfícies, os contextos não revelam características que os distingam uns dos outros. Em todos os contextos estão presentes os tipos P, C e VE, com percentagens muito semelhantes. Podemos dizer que o Lx. 2 se distingue dos restantes pela quantidade do tipo VE, as A69, A58 e A51 pela presença do tipo A, a A63 pela dominância dos tipos C e P. Assim, podemos observar que os grupos não seguem os agrupamentos de pastas ou de tratamentos de superfície revelando muitas oscilações internas.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar que.

c1) Um aumento dos cernes de tipo P, uma diminuição dos cernes de tipo VE e cerca da mesma quantidade de cernes de tipo C.

c2) É visível uma oscilação nos valores dos intervalos de cores principais – P, C e VE – nas várias fases. A fase III-3 revela semelhanças com as fases II e III-1. A fase III-2 é a mais discrepante, com os intervalos mais amplos e de valores mais altos no caso dos tipos C e VE.

c3) As características presentes nas conjugações de cor dominantes são muito semelhantes às da fase III-2 sendo que é possível que os recipientes fossem, genericamente, semelhantes ao nível da cor e/ou que tivessem sofrido o mesmo tipo de degradação.

d) *Tendências das espessuras das paredes dos recipientes – sua relação com as pastas cerâmicas*

No conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, a espessura dos fragmentos, de quase todas as pastas, pode ser considerada mediana (cats. 3 e 4). Uma análise mais pormenorizada permite concluir o seguinte.

d1) A pasta II é usada no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2).

d2) As pastas I e VI são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d3) As pastas III, VIII e X são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e médias (cats. 3 e 4). Estas pastas apresentam espessuras ligeiramente superiores às das pastas I e VI.

d4) As pastas IV, VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes médias (cats. 4 e 5). Estas pastas apresentam espessuras ligeiramente superiores às das pastas III, VIII e X.

d5) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes de espessura grossa (superior à categoria 6).

d6) As pastas V e XII não permitiram a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos.

Podemos dizer que os contextos revelam bastantes semelhanças pois a maioria das pastas apresenta um domínio das categorias 3 e 4. Contudo, alguns contextos possuem determinadas pastas com uma maioria de fragmentos em cat. 3 e outros com uma maioria de fragmentos em cat. 4 ou superior. Ou seja, nalguns contextos estão mais presentes recipientes de espessuras medianas do que noutros revelando que a distribuição dos recipientes não é homogénea.

e) Análise morfológica

Na totalidade da fase III-3, na área norte, foram identificados 81 bordos sendo que 36 foram reconstituídos. Os contextos revelam uma reconstituição das formas que variam de 32 a 70 % sendo que a A69 e Lx. 2 são os contextos com maior reconstituição. Mais de metade dos contextos integrados na fase III-3 revela uma boa reconstituição de formas, que se encontra acima dos 50 %. Contudo apenas 44 % dos bordos que permitiram a reconstituição dos recipientes e assim consideramos que a fase III-3 possui uma preservação baixa. Todas as fases de ocupação da área norte apresentam uma reconstituição baixa. Na fase III-1 a reconstituição é de 48 %, na fase III-2 é de 50 % e na fase III-3 de 44 %. Cremos que a menor percentagem de reconstituição na fase III-3 está de acordo com o carácter degradado desta ocupação e da sua falta de preservação.

e1) As formas presentes. Na totalidade da fase III-3 estão presentes 14 tipos de formas, a saber: *1c, 2a, 2b, 2c, 2e, 3b, 3c, 6a, 6b, 7d, 8a, 8b, B1e e B13*. Os tipos de recipientes com maior presença são: *6a* (25 % dos recipientes mas apenas maioritário no Lx. 2), *8a* (22 % dos recipientes mas maioritário na A69 e A60), *2c, 3c e 8b* (8 % cada e minoritário em todos os contextos onde estão

presentes) e, por último, o tipo *7d* (6 %). Os restantes tipos – *1c*, *2a*, *2b*, *2e*, *3b*, *6b*, *B1e* e *B13* – correspondem cada um a menos de 3 % dos recipientes reconstituídos sendo representados por um único exemplar.

No conjunto cerâmico da fase III-3, 64 % dos recipientes reconstituídos correspondem a vasos de perfil em “S”, 19 % correspondem a globulares, 14 % correspondem a taças rectas e 3 % correspondem a recipientes troncocónicos. Podemos observar que durante toda a ocupação da Idade do Ferro (fases III-1, III-2 e III-3) cerca de 1/3 dos recipientes reconstituídos corresponde a recipientes que não possuem um perfil em “S” (globulares ou taças de fundo recto, independentemente da capacidade). Cremos que tal característica constante afirma a importância deste tipo de recipientes.

e2) Pastas nos bordos e nos recipientes

No conjunto cerâmico da fase III-3, as pastas dominantes nos bordos são: pasta III (32 %), I (30 %), VI (20 %), VIII (12 %), VII (5 %) e IV (1 %). Podemos referir que nenhum bordo de pasta VII foi reconstituído e que os bordos de pasta VI permitem uma boa reconstituição, comparativamente às pastas I e III. Os recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze estão construídos em pasta I sendo que esta pasta não é exclusiva de recipientes conotados com esta ocupação.

A análise das pastas presentes nos bordos é concordante com a análise da totalidade dos fragmentos. As pastas I e III são a base segura do conjunto cerâmico de toda a ocupação da Idade do Ferro pois estão presentes, de uma forma dominante, em todas as fases de ocupação. As pastas II, VI, VII, VIII e X foram utilizadas de um modo diferenciado consoante a fase de ocupação. Na fase III-3 é evidente a preferência da pasta VI em relação à pasta VIII, sendo que a pasta VII está claramente em desuso. As pastas II, V e X encontram-se ausentes.

O número de recipientes é bastante reduzido tornando difícil a percepção das diversas características do conjunto. Contudo, parece não existir uma relação entre tipos de pastas e tipos de formas nem entre contextos e tipos de pastas. Na fase III-3, alguns contextos revelam um mesmo tipo de forma construído em pastas diferentes reflectindo assim uma diversidade excessiva. Cremos que esta diversidade pode estar relacionada com a reposição de recipientes partidos e que os “conjuntos activos” não possuíssem estas características.

e3) Capacidade dos recipientes

No conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, 57 % dos recipientes possuem uma capacidade até 2 l e 30 % dos recipientes possuem uma capacidade acima dos 5 l sendo que 10 %

possuem uma capacidade de 10 a 20 l. Podemos observar em relação à fase anterior um aumento dos recipientes de grande capacidade.

Deste modo, podemos dizer que neste conjunto os recipientes e pequenos e muito pequenos são claramente maioritários (até 1 l), que os recipientes medianos possuem uma visibilidade muito baixa e que os recipientes de grande capacidade possuem uma boa relevância. Os valores entre as diversas categorias de capacidade são algo desequilibrados que cremos estarem relacionados com as características dos conjuntos em depósito. Assim podemos intuir uma ocupação doméstica na qual eram utilizados constantemente recipientes de pequeno porte que eram constantemente restituídos devido aos elevados índices de quebra.

A análise dos recipientes, suas pastas e capacidades permite concluir que não é visível uma relação directa e inequívoca entre os tipos de pastas e os tipos de capacidade dos recipientes. Aparentemente uma mesma pasta possui recipientes construídos em várias categorias de capacidades. Por exemplo: as taças rectas são, maioritariamente, recipientes pequenos (cat. 2) realizados em pasta I, III e VI e os globulares são recipientes muito pequenos e pequenos (cats. 1 e 2) realizados em pastas I, III, IV e VI. Por sua vez, os recipientes de perfil em “S” são representados por recipientes pequenos, médios e grandes (das cats. 2 à 6) construídos em diversas pastas. Deste modo, as pastas I, III, VI e VIII apresentam recipientes pequenos e grandes. Contudo, a pasta VI encontra-se mais presente nos recipientes grandes e a pasta I encontra-se mais presente nos recipientes pequenos. Assim, podemos perceber que existe uma tendência de uso sem que esta seja restritiva.

e4) Tipos de bordos dominantes

No conjunto cerâmico da fase III-3, na área norte, o tipo de bordo dominante é o 1 (47 %), seguido do 4 (19 %), 2 (10 %), 3 (9 %) e, por último, o 5 (2 %). A distribuição dos diversos tipos de bordos varia consoante o contexto. É de notar que apesar do tipo de bordo 1 representar quase metade da totalidade dos bordos, podemos ver que se encontra ausente de um contexto. Comparativamente às fases anteriores podemos observar que os tipos de bordo 1 e 4 são dominantes em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro.

A análise realizado aos tipos de bordos presentes nos diversos recipientes reconstituídos permite-nos afirmar que não existe uma relação entre um determinado tipo de bordo e determinado tipo de recipiente.

Na fase III-3, na área norte, estão presentes 27 tipos de bordo (tipo + subtipo de bordo) sendo que 15 tipos são representados unicamente por 1 exemplar (18 % do conjunto = 15 bordos em 81 no total). Os tipos de bordo dominantes são o *Bl a5* (18 %), *Bl a9* (17 %), *Bl a1* e *Bl a7* (9 % cada),

B4 b2 (6 %), *B2 b1* (4 %) e *B2 b4*, *B2 b5*, *B3 a3*, *B4 a3* e *B4 a6* (2 % cada). Os restantes tipos de bordo são representados, unicamente, por um exemplar. Comparativamente à fase anterior podemos observar a manutenção de alguns tipos de bordo preferidos, como o *B1 a1*, *B1 a5*, *B1 a7*, *B1 a9*, *B2 b4*, *B2 b5* e *B4 b2*.

e5) Bases

Na fase III-3, o tipo de base dominante é o *tipo 1* (43 %), seguido do *tipo 2* (21 %), do *tipo 3* (15 %) e, por último, do *tipo 5* (6 %). A distribuição dos diversos tipos de base varia consoante o contexto sendo que podemos afirmar que o tipo de base maioritária não é aquela que ocorre em maior número de contextos. Podemos também dizer que não observamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação.

As bases foram construídas em pasta III (40 %), I (33 %), VII (15 %), VIII (6 %), IV e VI (3 por cento cada). Comparativamente às fases anteriores podemos observar a manutenção da pasta III como preferida, seguida da pasta I e depois das pastas VI, VII e VIII. Como sabemos existe um desfazamento constante entre o número de bases e o número de bordos sendo que na fase III-3 o número de bases equivale a 41 % do número de bordos. Podemos lançar a hipótese de que menos de metade dos recipientes podem não possuir fundo recto.

A análise do número de bordos e bases por contexto permite concluir que os recipientes realizados em pasta I e VI possuem menor quantidade de fundos rectos do que aqueles realizados em pasta III e VIII, respectivamente.

A comparação entre o número de bordos / bases / tipo de pastas e os recipientes / tipo de pastas / capacidades, permite concluir que a pasta I apresenta, tendencialmente, recipientes de pequena capacidade e com fundo convexo (sendo esta tendência mais visível do que nos recipientes de pasta III). A pasta VI apresenta, tendencialmente, recipientes médios e grandes, de fundo côncavo ou recto de pequena dimensão – sendo que neste caso o fundo torna-se “invisível” no registo arqueológico. Concluímos que não há uma relação entre capacidade do recipiente e forma do fundo sendo que um recipiente de grande capacidade pode possuir um fundo globular (ainda que de perfil em “S”).

Comparativamente às fases anteriores podemos observar que as fases III-2 e III-3 possuem sensivelmente a mesma relação entre o número de bordos e bases e que nestas duas fases a relação entre as bases e os bordos é mais frágil do que na fase III-1. A fase III-1 é aquela que possui uma relação mais equilibrada entre o número de bases e o número de bordos, com 48 % de equivalência. É importante referir o comportamento da pasta VI durante toda a ocupação da Idade do Ferro. Na fase III-1 a pasta VI possui o mesmo número de bases e bordos, na fase III-2 o número de bases

equivale a 45 % do número de bordos e na fase III-3 equivale a 6 %. Deste modo, é visível uma diferença na estética dos recipientes relativamente a esta pasta.

A análise das bases e seus ângulos de parede permitiu concluir que não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois um mesmo tipo de base possui vários tipos de ângulo.

No conjunto das bases integradas na fase III-3 podemos ver que 54 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico, cerca de 21 % correspondem a vasos troncocónicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio e 3 % correspondem a recipientes tipo prato. É de notar que as várias percentagens dos bordos e bases indicam uma presença evidente de recipientes de perfil em “S” com fundo côncavo.

e6) Características dos conjuntos

A distribuição dos 14 tipos de formas presentes na fase III-3 pelos diversos contextos ocorre de forma diferenciada já que nem todas as formas ocorrem no mesmo contexto. Numa visão geral, os contextos possuem 2 a 16 recipientes e 1 a 8 tipos de formas diferentes. Os contextos da fase III-3 apresentam poucos recipientes mas de várias formas sendo pobres em número mas ricos em diversidade. Na fase III-1, o contexto mais diverso representa 31 % das formas presentes na fase e o menos diverso representa 6 %. Na fase III-2, o contexto mais diverso representa 38 % das formas presentes na fase e o menos diverso representa 3 %. Na fase III-3, o contexto mais diverso representa 57 % das formas presentes na fase e o menos diverso representa 7 %. Podemos ver que na fase III-3 ocorre um aumento significativo da representatividade em relação às fases anteriores sendo que tal pode estar relacionado com o número de formas integradas na totalidade da fase. De qualquer modo, podemos observar uma grande diversidade morfológica nos vários contextos da fase III-3.

f) Elementos de preensão/suspensão e sua integração na fase analisada

No conjunto cerâmico da fase III-3 estão presentes 2 asas. É possível que 2 % dos recipientes possuam asas. As asas apresentam as pastas VII e I e encontram-se presentes nas estampas XLI, 16 e XL, 10.

g) Decorações – Técnicas e organizações decorativas

Na fase III-3, na área norte, estão presentes 28 decorações passíveis de integrarem recipientes diferentes (34 % dos recipientes). As decorações encontram-se presentes nas seguintes estampas do volume 2: XXVII, 3, 5, 14, 15 e 18; XXVIII, 1 e 9; XXIX, 6; XXX, 1, 7, 9 e 22; XXXI, 2, 4, 5 e 7; XXXVII, 4 e 12; XXXVIII, 1; XLI, 11 e 18; XLII, 4 e 9; XLIV, 7 e 8; XLVII, 3 e XLIX, 1.

Na fase III-3 foram usadas 9 técnicas decorativas: incisão simples (46 %), penteado (32 %), estampilhado de motivo único, excisão, impressão da ponta do pente e incisão a torno com a mesma representação (7 % cada) e decoração plástica, estampilhado rolado, puncionamento arrastado e impressão de outro motivo que não a ponta do pente com a mesma representação (4 % cada).

Na fase III-3 foram usados 14 instrumentos decorativos que são 4 pentes de tipo 1 (com 3, 4, 5 e 7 puas), 3 pentes de tipo 2 (com 3, 4 e 9 puas), um pente 6 com 5 puas, instrumentos de incisão de tipo 1, 2, 3 e 5, um carimbo de círculos concêntricos de 4 voltas e um carimbo com a forma de um paralelepípedo ou cubo que imprime um motivo de forma quadrangular.

g1) Caracterização genérica das decorações

Na fase III-3 encontram-se integradas 9 organizações decorativas – I, II, IV, VIII, X, XI, XVIII, XXV, e XXXIV – sendo que 6 fragmentos não possibilitaram a identificação da organização decorativa. A avaliação de várias características dos fragmentos decorados – tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto, caracterização das pastas presentes no contexto e decoração presente: desenho e técnica – permite perceber melhor quais as organizações decorativas plenamente integradas na fase III-3. Os dois fragmentos com as organizações decorativas II2 e XXV integram-se na ocupação calcolítica sendo considerados intrusos na ocupação da fase III-3. Os dois fragmentos com as organizações decorativas VIII e XVIII integram-se na ocupação da Idade do Bronze sendo considerados intrusos na ocupação da fase III-3. O fragmento decorado que apresenta a organização decorativa XI4 integra-se plenamente na ocupação da fase III-3. Contudo a decoração apresentada revela que esta é uma variante de decorações típicas da Idade do Bronze e que perduraram durante toda a ocupação da Idade do Ferro. O fragmento decorado que apresenta a decoração IV é integrado na ocupação da fase III-3. Contudo esta decoração lembra uma tradição estética, que tem uma origem na Pré-história regional, afastando-se desta tradição através de alguns aspectos inovadores – tipo de tracejado, conjugação do elemento traço. Por últimos, as organizações decorativas I, X e XXXIV estão plenamente integradas na fase III-3 pois são organizações decorativas que percorrem toda a ocupação do sítio e são em realizadas em pastas em uso.

Podemos concluir que as organizações decorativas integradas na fase III-3 são a I (44 %); X (28 %); XXXIV (17 %); IV (6 %) e XI (6 %).

Podemos observar que 82 % dos fragmentos decorados presentes caracterizam a ocupação da Idade do Ferro, da fase III-3, na área norte. Os restantes correspondem à ocupação calcolítica e da Idade do Bronze. As decorações da Idade do Ferro da fase III-3 caracterizam-se por uma semelhança aos tipos mais simples presentes na fase III-2 sendo evidente uma grande variedade formal. As decorações presentes na fase III-3 não são iguais a outras presentes na fase III-2 sendo que apenas

usam elementos decorativos semelhantes. Ou seja, as diversas decorações das várias fases de ocupação não partilham a mesma conjugação ou apresentação de elementos decorativos.

g2) Pastas dos recipientes decorados

As pastas presentes nos recipientes decorados são: a pasta I (57 %), seguida da II (14 %), III (11 %), VI e X (7 % cada) e, por último, VIII (4 %). Podemos observar que as pastas usadas em recipientes decorados não são todas aquelas presentes na totalidade do conjunto cerâmico no entanto é evidente a importância das pastas I, II e III. As pastas I e III são também as preferidas nas fases anteriores.

g3) Localização da decoração nos recipientes

No conjunto de fragmentos decorados da fase III-3 encontramos uma maioria de fragmentos (53 %) que não permitem saber ao certo a localização da decoração e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização *tipo 8*. Nos restantes fragmentos é visível uma preferência pelo *tipo 2* (25 %), seguida da *1* (7 %), *4 e 5* (3,57 % cada).

Comparativamente às fases anteriores podemos ver que se mantém, genericamente, os mesmos tipos de localização ainda que nem sempre com os mesmos tipos de decoração. Por exemplo o tipo de localização 2 está relacionado na Idade do Bronze com as organizações decorativas *I, III, IX e XX*. Contudo na fase III-3 é visível a utilização deste tipo de localização com decorações que não estão conotadas com Idade do Bronze regional. Deste modo o tipo de localização permanece o mesmo durante várias centenas de anos mas a decoração aplicada modifica-se, distanciando-se progressivamente dos modelos da Idade do Bronze. Esta mesma característica ocorre também com o tipo de localização *1* sendo que em plena Idade do Ferro podiam ocorrer recipientes decorados no bordo através da impressão de motivos.

Algumas decorações plenamente integradas na Idade do Ferro, tanto na fase III-2 como III-3, apresentam as localizações de *tipos 4 e 5* indicando a presença de recipientes extensamente decorados (toda a pança é decorada). Pode existir uma certa inovação nas decorações da Idade do Ferro pois os recipientes da Idade do Bronze apresentam decorações pouco extensas. É visível um progressivo aumento desde a Idade do Bronze das decorações realizadas numa qualquer parte da pança do recipiente. Desse modo cremos que ocorre uma mudança, paulatina, na decoração dos recipientes, sendo que esta deixa de estar tão associada a determinadas partes dos recipientes (bordo, colo, linha colo/pança) para fazer parte apenas da pança do mesmo.

g4) Recipientes decorados e seus contextos

A distribuição dos diversos fragmentos decorados indica que a PIN2.1 revela uma boa presença de fragmentos decorados que contrasta com a realidade das restantes zonas estudadas. A

PIN2 é a zona que se apresenta menos diversa, relativamente aos recipientes decorados, seguida da PIN2.1 e, por último, do TEN.

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permite concluir que a A69 e A51 são os contextos com maior diversidade decorativa (maior número de tipos de organizações decorativas por contexto).

A organização decorativa I (maioritária) é aquela que ocorre em maior número de contextos. A organização decorativa I ocorre em todos os contextos, as organizações decorativas X e XXXIV ocorrem em 60 % dos contextos. As restantes organizações decorativas – II, IV, VIII, XI e XVIII – ocorrem uma em cada contexto. Cremos que determinadas organizações decorativas servem toda a comunidade e outras não, sendo que no caso da fase III-3 as mais comuns são a I, X e XXXIV.

7.3.3.4. Conclusões gerais da fase III-3

A ocupação da Idade do Ferro – correspondente à fase III-3 – encontra-se presente na PIL, TEL e na área norte – PIN e TEN. As conclusões gerais aqui apresentadas têm em conta as semelhanças e diferenças das diversas zonas habitacionais sem uma visão de pormenor dos contextos integrados em cada zona.

Na fase III-3, o conjunto de confiança das pastas, integra as pastas I, III, VI e VIII – com uma representação diferenciada em cada zona habitacional – seguidas das II, VII, X e XII – com um uso esporádico. A utilização destas pastas é revelada pela distribuição na totalidade dos fragmentos, nos recipientes e nos fragmentos decorados. Podemos observar que na fase III-2 o conjunto de confiança era o mesmo, correspondendo às pastas I, III, VI e VIII. Contudo, a distribuição das pastas ocorre de outras formas.

Na fase III-3, na PIL a pasta dominante é a VI (14 a 39 % dos fragmentos), no TEL é a VIII (23 a 36 % dos fragmentos) e na área norte é a I (14 a 34 % dos fragmentos). O valor mínimo de pasta VI é 8 % na área norte, de pasta VIII é 5 % na PIL e a pasta I não é contemplada nas 3 pastas dominantes da PIL e TEL. Deste modo, é evidente, na fase III-3 a importâncias das pastas III, VI e VIII.

Cada zona habitacional possui as suas características próprias no entanto, podemos observar alguns comportamentos transversais a todas elas, que se seguem.

a) Ocorre um aumento significativo e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pastas VI e VIII. Este aumento é mais significativo ou visível na pasta VI sendo que a

pasta VIII mantém aproximadamente as mesmas características nas fases III-2 e III-3 na PIL e área norte.

b) Ocorre uma diminuição significativa e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pastas I e III.

c) Ocorre um ligeiro aumento dos recipientes realizados em pasta VII (que percorre as três fases) sobretudo na PIL e área norte.

d) Uma diminuição dos recipientes realizados em pasta X, sendo que no TEL estão ausentes na fase III-3 e na área norte sofrem uma diminuição drástica. No entanto é visível na fase III-3, na PIL, um ligeiro aumento das pastas conotadas com a ocupação calcolítica, provavelmente, relacionado com a mistura de materiais de escorrimento.

e) No TEL, ocorre uma ausência de recipientes realizados em pastas II, IV, IX e X na fase III-3 e que, por sua vez, se encontravam presentes na fase III-2.

Na fase III-3, em todas as zonas habitacionais, a maioria dos recipientes possuem superfícies polidas e alisadas com as seguintes conjugações Pol/Pol; Pol/Ali; Ali/Ali e Ali/Pol. Os conjuntos cerâmicos das diversas zonas habitacionais apresentam discrepâncias ao nível das percentagens e da ordem das conjugações. O TEL é a zona onde se encontram mais presentes recipientes de superfícies polidas (externas e internas), seguida da área norte e, por último, da PIL. Na área norte são maioritárias as superfícies alisadas, contudo o intervalo de valores dos polidos é maior do que aquele dos alisados. Nos alisados segue-se, área norte, o TEL e, por último PIL. A maior quantidade de rugosos e cepilhados foi identificada na PIL e área norte. Podemos observar que a distribuição dos vários tratamentos de superfície é muito homogénea na PIL, seguida da área norte. O TEL apresenta uma maior discrepância entre os tratamentos de superfície principais, polidos e alisados. Cremos que esta maior discrepância se deve a um baixo valor de rugosos, cepilhados e areados que nas outras zonas habitacionais são mais evidentes. O aumento dos rugosos, cepilhados e areados faz diminuir tanto a presença dos polidos como dos alisados.

A conjugação Pol/Pol é maioritária em todas as zonas habitacionais analisadas seguida da Pol/Ali na PIL, Ali/Pol no TEL e Ali/Ali na área norte. Podemos ver que o TEL e a área norte possuem maior quantidade de fragmentos com as conjugações Ali/Ali e Ali/Pol. A conjugação Rug/Pol é mais evidente na área norte, seguida da PIL e, por último, do TEL.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar o que expomos de seguida.

a) Ocorre uma diminuição constante das superfícies externas polidas em todas as zonas de ocupação e com maior evidência no TEL e PIL. A conjugação Pol/Pol sofre uma redução constante

no TEL e PIL mas sofre um aumento na área norte da fase III-2 para a III-3. A conjugação Pol/Alí sofre uma redução em todas as zonas habitacionais, incluindo a área norte. Deste modo, podemos afirmar que os valores aproximados de polidos externos, na área norte, nas fases III-2 e III-3, se devem a utilização de recipientes polidos nas superfícies externas e internas.

b) O comportamento das superfícies alisadas é muito inconstante pois ocorrem reduções e aumentos nas diversas fases e zonas habitacionais. Podemos observar: *i)* um aumento dos alisados externos na PIL que percorre as 3 fases de ocupação, a par de um aumento da conjugação Alí/Pol e uma redução da conjugação Alí/Alí; *ii)* uma redução paulatina dos alisados externos na área norte a par de uma redução da conjugação Alí/Pol e um ligeiro aumento da fase III-2 para a III-2 da conjugação Alí/Alí; *iii)* no TEL, uma redução dos alisados externos da fase III-1 para a III-2, seguido de um aumento da fase III-3, sobretudo da conjugação Alí/Pol. O aumento geral dos recipientes muito pequenos e pequenos (categorias de capacidade 1 e 2) e muito grandes (cat. 6) pode estar relacionado com o aumento das conjugações Alí/Pol e Pol/Pol. Os recipientes mais pequenos apresentam maioritariamente superfícies polidas e possibilitam com mais facilidade o polimento interno (bem como aqueles muito grandes e de boca aberta).

c) Ocorre um aumento dos rugosos em todas as zonas habitacionais com evidencia na área norte e PIL. Contudo este aumento nem sempre é muito significativo nas diversas zonas habitacionais. A conjugação Rug /Pol não excede os 25 % em nenhuma fase, sendo que a média ronda os 8 %. No TEL, ocorre mesmo uma redução dos rugosos em relação à fase III-2.

Em todas as zonas habitacionais – PIL, TEL e área norte – é visível uma relação entre os tipos de pastas e os tratamentos de superfície. Nas pastas *I, III, IV, VII, IX, X e XI* ocorrem preferencialmente polidos e alisados e nas pastas *VI, VIII e XII* ocorrem preferencialmente superfícies rugosas, cepilhadas e areadas. Estas características já eram visíveis na fase III-2 sendo que tal como na fase III-2, a relação entre as pastas e os tratamentos de superfície não é exclusiva ou restritiva. Ou seja, qualquer uma das pastas apresenta diversos tratamentos de superfície no entanto são visíveis tendências ou preferências que fazem evidenciar um ou mais tratamentos de superfície por pasta. Deste modo, podemos concluir que determinado recipiente realizado em determinada pasta era pensado para ter determinado tratamento de superfície.

Em relação às cores dos recipientes podemos dizer que uma maioria de fragmentos apresenta cernes negros (tipo P). Em todas as zonas habitacionais cerca de metade dos fragmentos apresentam cernes de tipo P, seguidos dos tipos C e VE. Deste modo, na fase III-3, na PIL 49 a 61 % dos fragmentos possuem cernes de cor de tipo P, no Tal correspondem a 51 a 63 % e na área norte de 48 a 58 %. Podemos observar uma semelhança muito grande entre as várias zonas habitacionais. A

distribuição dos tipos C e VE sendo que o tipo C é mais evidente nos cernes dos fragmentos da PIL, seguidos da área norte e, por último, do TEL. A hierarquia maioritária nos cernes é: na PIL a *P,C,VE*; no TEL a *P,VE,C* e na área norte ambas as hierarquias citadas se apresentam bem representadas. Podemos observar que nem sempre as percentagens apresentadas em cada tipo indicam a hierarquia maioritária.

Observamos que a cor dos cernes dos fragmentos se encontra relacionada com os tipos de pastas. Assim, na área norte, os contextos com uma maioria de fragmentos de pastas I e III apresentam maior quantidade de fragmentos com cernes de tipos P e C e uma hierarquia *P,C,VE*. Os contextos com uma maioria de fragmentos de pastas VI e VIII apresentam uma maior quantidade de fragmentos com cernes de tipo VE e uma hierarquia *P,VE,C*. A relação com a cor das superfícies dos fragmentos não é tão evidente sendo que podemos concluir que determinadas pastas (por ex. a I e III) possuíam uma tendência para apresentar cernes escuros, no entanto diversos factores relacionados com a vivência dos recipientes modificaram a cor da superfície dos mesmos. A grande diversidade de cores apresentada nos diversos conjuntos cerâmicos revela que os recipientes foram expostos a vários factores de degradação que modificaram a sua cor. Esta variedade não está relacionada com as características inerentes às pastas pois como vimos as pastas possuem certos comportamentos relativos à cor que são intuídos pela avaliação dos cernes dos fragmentos.

Comparativamente às fases anteriores podemos observar que as várias fases e as várias zonas habitacionais revelam oscilações nos comportamentos das cores presentes nos cernes dos fragmentos sendo difícil a observação de um comportamento evolutivo a par da temporalidade do sítio. Ou seja, não são visíveis aumentos ou reduções paulatinos e constantes que acompanhem a vivência de toda a ocupação da Idade do Ferro. Contudo, podemos observar de forma ténue alguns comportamentos relativos à cor dos cernes dos fragmentos.

Deste modo, é visível: i) o aumento do tipo VE da fase II até à fase III-2, com um decréscimo na fase III-3, em todas as zonas habitacionais; ii) a redução do tipo P na fase III-2 e o aumento do mesmo tipo na fase III-3, em todas as zonas habitacionais e iii) oscilações constantes do tipo C em todas as zonas habitacionais, constantes aumentos e reduções. cremos que a maioria das pastas conduzia a cernes de tipo P sendo que os de tipo C e VE eram claramente minoritários. As características minoritárias dos tipos C e VE podem influenciar a visão geral não permitindo visualizar as pequenas mudanças que podem ter ocorrido.

As conjugações de cor maioritárias presentes em cada zona habitacional não estão directamente relacionadas com os tipos de cores maioritários nos cernes, o que revela uma grande oscilação na cor das superfícies. Em todas as zonas habitacionais é clara a prevalência das

conjugações de cor onde estejam presentes os tipos C e VE, tais como: *VE-VE-VE* – 1º lugar na PIL, 2º lugar na área norte e 4º lugar no TEL –; *C-C-C* – 2º lugar na PIL e TEL e 3º lugar na área norte –; *VE-P-VE* – 3º lugar no TEL e 4º lugar na PIL e área norte –; *C-P-C* – 1º lugar na área norte e 3º lugar na PIL – e, por último, *P-P-P*, em 1º lugar no TEL.

Comparativamente às fases anteriores (III-1 e III-2) podemos observar a subida das conjugações *C-C-C*; *VE-VE-VE* e *VE-P-VE* e a diminuição da conjugação *P-P-P*. Na fase III-2, é visível uma pequena alteração na cor dos conjuntos cerâmicos que evidencia os tipos C, VE e A, que por sua vez se mantém na fase III-3.

Deste modo, concluímos que a maioria dos recipientes (de 50 a cerca de 90 % dos fragmentos) possuem cores muito escuras nos cernes (tipos P e C). As cores presentes nas superfícies dos recipientes oscilam entre os negros, castanhos-escuros e vermelhos-escuros, com forte incidência dos tipos C e VE.

Em relação às espessuras dos recipientes podemos observar discrepâncias e semelhanças nas diversas zonas habitacionais. Podemos observar que *em todas as zonas habitacionais*, a pasta I corresponde a recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4), a pasta III foi usada em recipientes de paredes medianas (cats. 4 e 5) e a pasta VII corresponde a recipientes de paredes de espessura mediana / grossa (cat. 5 e 6). Não é possível avaliar em todas as zonas habitacionais as pastas II, IV, V, IX, XI e XII e as pastas VI, VIII e X revelam discrepâncias no comportamento consoante a zona habitacional.

A pasta III apresenta na fase III-3, recipientes de paredes, tendencialmente, mais espessas do que na fase III-2.

A pasta VI foi usada em recipientes de paredes medianas na PIL e TEL e em recipientes de paredes finas na área norte. Esta pasta mantém as mesmas características na fase III-2 e III-3.

A pasta VIII foi usada em recipientes de paredes finas na PIL, recipientes de paredes médias na área norte e de paredes médias / grossas no TEL. Os recipientes possuem paredes mais espessas na fase III-3 do que na fase III-2.

A pasta X foi usada em recipientes de paredes médias na PIL e área norte e recipientes de paredes grossas no TEL. Na fase III-2 os fragmentos desta pasta apresentavam espessuras mais baixas.

Podemos concluir o seguinte.

a) A pasta I mantém, genericamente, as mesmas características em todas as fases ocupacionais com a presença maioritária de recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

b) Os recipientes de pasta III apresentam tendencialmente espessuras mais altas. Ou seja, ao longo da ocupação a pasta III vai apresentando cada vez um maior número de fragmentos de espessuras médias / grossas.

c) A pasta VI revela recipientes de paredes tendencialmente finas nas fases II e III-1 e, tendencialmente, medianas nas fases III-2 e III-3. A área norte apresenta, nas fases III-2 e III-3, uma maioria de recipientes de paredes tendencialmente finas.

d) A pasta VIII apresenta um comportamento oscilante em todas as fases ocupacionais e em todas as zonas habitacionais. Ou seja apresenta tanto recipientes quer de paredes finas (cats. 3 e 4) como de paredes de espessura mediana (cats. 4 e 5).

Na fase III-3 estão presentes 25 tipos de formas nos 101 recipientes “reconstituídos” que são os seguintes tipos: *1a, 1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 2e, 3a, 3b, 3c, 4a, 4b, 5a, 5b, 6a, 6b, 7a, 7d, 8a, 8b, 9a, 9b, B1e, B13 e B19*. Na totalidade da fase III-3 foram reconstituídos 101 recipientes sendo que 3 encontram-se conotados com as formas presentes na Idade do Bronze regional (3 % do total de recipientes reconstituídos). Quase todos os tipos ocorrem nas fases anteriores, quer na fase II, III-1 e III-2 e apenas um – *tipo de forma 5c* – surge pela primeira vez nesta ocupação. Na fase III-2, 12 % dos recipientes reconstituídos correspondem a formas ausentes na ocupação da Idade do Ferro da fase III-1. Contudo na fase III-3 apenas 1 % dos recipientes correspondem a formas ausentes na ocupação da fase III-2. Assim, é evidente um grau de inovação muito baixo pois 61 % dos recipientes presentes na fase III-1. *Deste modo, dá-se um salto inovador da Idade do Bronze para a Idade do Ferro e durante a Idade do Ferro ocorre uma fase de estagnação na qual, praticamente, não são introduzidos novos tipos cerâmicos.*

A reconstituição e distribuição dos diversos tipos de formas nas diversas zonas habitacionais ocorre de forma diferenciada. A PIL é a zona habitacional com menor percentagem de reconstituição (37,5 %), seguida da área norte (44 %) e, por último, do TEL (62 %). Na distribuição das formas, a área norte e o TEL possuem maior variedade de formas (14 tipos) do que a PIL (13 tipos) ainda que a diferença seja muito ligeira. Na fase anterior a PIL é a zona habitacional com maior reconstituição, seguida da área norte e TEL. Podemos ver que não existe uma lógica na reconstituição dos fragmentos relacionada com a degradação geral de uma determinada zona habitacional.

A distribuição dos 25 tipos nas três zonas habitacionais ocorre de forma diferenciada. Na PIL ocorrem 13 tipos e no TEL e área norte ocorrem 14 tipos. Os tipos de formas *2c, 3c, 6a, 6b, 8a e 8b* são comuns às três zonas habitacionais – PIL, TEL e área norte – sendo que são também dos tipos mais usados em todas as fases ocupacionais. O tipo *7a* encontra-se presente em todas as fases

ocupacionais, com uma boa visibilidade – de 3 a 5 % dos recipientes –, no entanto encontra-se ausente na área norte nas fases II, III-1 e III-3.

Na totalidade da fase III-3, os tipos de formas *8a* (19 %), *8b* (18 %), *6a* (13 %) e *6b* (9 %) são aqueles mais usados, estando presentes nas três principais zonas habitacionais. Podemos observar que os tipos maioritários na fase III-3 são os mesmos tipos maioritários das fases anteriores (II, III-1 e III-2) ainda que não com a mesma ordem de importância. Apesar de algumas diferenças pontuais entre os conjuntos cerâmicos das diversas fases ocupacionais podemos observar que a manutenção dos mesmos tipos maioritários cria uma certa coesão e homogeneidade, existindo um ar de família em todas as ocupações.

No entanto, a importância dos diversos tipos de formas varia consoante a zona habitacional e contexto onde se integram. Assim, o tipo *8a* é maioritário no TEL e área norte, o tipo *8b* é maioritário na PIL e no TEL, o tipo *6a* é maioritário na PIL e o tipo *6b* é maioritário no TEL. Os outros tipos são minoritários com uma presença inferior a 10 %. Podemos observar que na fase anterior a distribuição dos diversos tipos varia, também, consoante o contexto. Esta é uma característica constante de toda a ocupação: alguns tipos são maioritários mas o seu uso não é restrito e a sua distribuição configura-se como difusa.

Os recipientes integrados na fase III-3 revelam relações entre tipo de forma, pasta e capacidade. Em todas as zonas habitacionais os recipientes de pasta I são, maioritariamente, de pequena capacidade. Os recipientes de pasta III revelam grande variedade de capacidades, podendo ser pequenos, médios ou grandes. Os recipientes de pasta VI revelam-se pequenos na PIL e, tendencialmente, grandes no TEL e área norte. Os recipientes de pasta VIII revelam-se grandes na PIL e área norte e médios no TEL. Na área norte, podemos observar que os recipientes pequenos são taças rectas ou globulares realizados, maioritariamente, em pastas I e III mas também VI. Os recipientes de perfil em “S” possuem as maiores capacidades em todas as zonas habitacionais e, na área norte, são construídos em todas as pastas com preferência para a VI, VIII e III. Estas características já tinham sido assinaladas na fase anterior onde os recipientes de perfil em “S” são aqueles que apresentam maior tamanho sendo que as taças, globulares e a forma *8b* são recipientes, geralmente, de pequena capacidade. Contudo, e tal como já foi referido, as tendências encontradas são apenas uma característica visível do conjunto cerâmico sendo que não se constituem como regras restritas seguidas a rigor. Na fase III-2 eram visíveis algumas tendências também encontradas na fase III-3. Podemos concluir que *a pasta I (e II no caso da fase III-2) é usada, maioritariamente, em recipientes pequenos coincidentes com as formas 1, 2, 3 e 8b. A pasta I não é usada em recipientes*

de grande capacidade. As pastas III, VI e VIII são usadas em muitos tipos de formas, sobretudo de perfil em “S”, e de grandes capacidades.

Em relação à capacidade dos recipientes da fase III-3 podemos ainda observar o seguinte.

a) 39 % dos recipientes da forma 8a possuem uma capacidade superior a 5 l (igual ou superior à cat. 5) e não encontramos nenhum recipiente de capacidade inferior ou igual a 1 l (cats. 1 e 2). Podemos ver que na fase anterior 50 % dos recipientes da forma 8a possuem uma capacidade superior a 5 l sendo esta presença muito semelhante à da fase III-3. Deste modo concluímos que no geral esta forma serve recipientes de média e grande capacidade.

b) Todos os recipientes da forma 8b possuem uma capacidade até 1 l (cats. 1 e 2) sendo que 80 % encontram-se na cat. 2. Podemos observar em relação à fase III-2 um aumento significativo dos recipientes de pequena capacidade neste tipo de forma, já que na fase III-2, 59 % possuem uma capacidade até 1 l (cats. 1 e 2). cremos no entanto que as capacidades pequenas são uma característica fundamental deste tipo de forma.

c) Os dois recipientes de forma 7d possuem uma capacidade superior a 10 l (cats. 6) sendo que os recipientes desta mesma forma na fase III-2 também possuem uma capacidade superior a 10 l (cats. 6 e 7). cremos que esta é uma característica definidora deste tipo de formas.

d) 58 % dos recipientes da forma 6a possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e 33 % possuem uma capacidade superior a 5 l. Também na fase III-2, a maioria dos recipientes de forma 6a (62 %) possuem uma capacidade média. cremos que uma das características inerentes a este tipo de forma é a sua capacidade média.

e) 78 % dos recipientes da forma 6b possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e 14 % possuem uma capacidade superior a 5 l. Também na fase III-2, a maioria dos recipientes de forma 6b (53 %) possuem uma capacidade média. cremos que uma das características inerentes a este tipo de forma é a sua capacidade média. É de notar que as formas 6a e 6b se complementam, ambas possuem capacidades, maioritariamente, médias sendo que as capacidades grandes variam consoante a presença de outros recipientes grandes. Ou seja, se existem alguns recipientes grandes de forma 6a, não irão ocorrer em forma 6b e vice-versa.

f) Todos os recipientes da forma 7a possuem uma capacidade média – entre 2 a 5 l (cats. 4) sendo que na fase III-2 56 % dos recipientes possuem uma capacidade média – entre 1 a 5 l (cats. 3 e 4) – e 33 % possuem uma capacidade superior a 5 l. cremos que também esta forma revela uma tendência de construção para as capacidades médias, seguidas das grandes.

g) As formas 1, 2, 3 e 4 são representadas por 23 recipientes sendo que 96 % possuem uma capacidade até 1 l e desses, 43 % possuem uma capacidade muito pequena – de 0 a 300 ml. Podemos

observar que na fase III-2 estes tipos de formas apresentam uma quantidade ainda significativa (cerca de 20 %) de recipientes com uma capacidade média, no entanto cerca de 60 % possuem uma capacidade até 1 l. Assim podemos observar que as taças de fundo recto e os globulares eram, essencialmente, construídos como recipientes individuais.

Se compararmos as características observadas nas fases III-2 e III-3 com aquelas presentes na fase III-1, podemos concluir o que se segue.

a) Na fase III-1, os tipos de formas 1, 2 e 3 apresentam, unicamente, as categorias de capacidade 1 e 2. Tal característica mantém-se em toda a ocupação da Idade do Ferro.

b) Na fase III-1, os tipos de formas 6a e 6b são representados por poucos recipientes, um em cada categoria de capacidade. Contudo os recipientes médios e grandes são maioritários.

c) Na fase III-1, o tipo de forma 7a possui, unicamente, recipientes de capacidade média (cat. 4).

d) Na fase III-1, os tipos de formas 7b, 7c e 7e são os que apresentam recipientes de maior capacidade. Podemos observar que durante toda a ocupação da Idade do Ferro, o tipo de forma 7 serve, maioritariamente, recipientes grandes.

e) Na fase III-1, o tipo de forma 8a apresenta grande variedade na capacidade dos recipientes, com incidência nas capacidades pequenas no entanto é a única forma que apresenta um recipiente de capacidade superior a 20 l. cremos que a exclusividade do tipo 8a em recipientes médios e grandes possa ter decorrido de uma evolução durante a ocupação da Idade do Ferro.

f) Na fase III-1, o tipo de forma 8b é representado por poucos recipientes com incidência nos recipientes pequenos (cat. 2). Deste modo é evidente uma preferência durante toda a ocupação da Idade do Ferro em recipientes pequenos da forma 8b.

Na fase III-3, as diversas zonas habitacionais apresentam algumas semelhanças. Em todas as zonas habitacionais cerca de metade dos recipientes possuem uma capacidade até 2 l. Na PIL, 42 % dos recipientes possuem uma capacidade até 2 l, no TEL, 52 % e na área norte 57 %. Na PIL e área norte cerca de 30 % dos recipientes possuem uma capacidade igual ou superior a 5 l e no TEL apenas 2 % dos recipientes possuem estas capacidades.

Na fase III-3, 45 % dos recipientes correspondem a recipientes de pequena capacidade (cats. 1 e 2), 36 % correspondem a recipientes de capacidade média (cats. 3 e 4) e 19 % correspondem a recipientes de grande capacidade (igual ou superior à cat. 5). É de notar que a PIL e a área norte são as zonas habitacionais que mais contribuem para as categorias de capacidade 5 e 6, o TEL é o que mais contribui para as categorias 3 e 4 e a área norte é a que mais contribui para a categoria 2. O TEL é o que mais contribui para a categoria 1, seguida da PIL e, por último, área norte.

Em relação à fase anterior podemos observar uma diminuição dos recipientes pequenos (de 54 % para 45 %) e um aumento dos recipientes grandes (de 9 a 19 %). Podemos observar que também na fase anterior o TEL apresentava recipientes, maioritariamente, pequenos e médios e que a PIL e área norte eram as que mais contribuíram para a presença de recipientes grandes. É possível perceber uma certa estabilidade nas características dos conjuntos cerâmicos por zona habitacional.

Na totalidade da fase III-3 o tipo de bordo maioritário é o tipo 1, seguido do tipo 4, 2, 5 e 3. Os tipos 3, 5 e 6 são claramente minoritários ainda que ocorram em todas as zonas habitacionais. Em relação à fase anterior podemos observar um aumento do tipo 4 e uma redução do tipo 1.

Na fase III-3 encontram-se presentes 47 tipos de bordos, a saber: *B1 a1, B1 a2, B1 a3, B1 a4, B1 a5, B1 a6, B1 a7, B1 a9, B1 a10, B1 a11, B1 a13, B1 b1, B2 a1, B2 a3, B2 a4, B2 b1, B2 b4, B2 b5, B3 a2, B3 a3, B3 a7, B3 a8, B3 a9, B3 b1, B3 c2, B4 a1, B4 a2, B4 a3, B4 a4, B4 a6, B4 a9, B4 a10, B4 a11, B4 b1, B4 b2, B4 b4, B4 b6, B4 b9, B4 b10, B4 b15, B4 c1, B4 c2, B4 c3, B4 c5, B4 d1, B5 a1* e *B5 a2*. Na totalidade da fase foram identificados 204 bordos sendo que 19 % são formas que não estavam presentes na ocupação da Idade do Ferro da fase III-2. Os tipos de bordos maioritários são, genericamente, os mesmos das fases anteriores. Os tipos de bordos maioritários são: *B1 a9* (30 %), *B1 a5* (13 %), *B1 a1* (8 %), *B1 a7* (6 %), *B4 a4* (5 %), *B4 b2* (4 %) e *B4 a9* (4 %). É de notar que 70 % dos bordos estão integrados nestes 7 tipos, que equivalem a 15 % da coleção de bordos presentes na fase III-3. Estes tipos são, genericamente, os mesmos tipos maioritários da fase anterior, à excepção dos tipos *B4 a4* e *B4 a9*. Estes mesmos 7 tipos perfazem 54 % da coleção de bordos da fase III-2 e 52 % da fase III-1.

Em toda a ocupação da Idade do Ferro, os tipos de formas não se encontram relacionados com os tipos de bordos.

Na totalidade da fase III-3, cerca de 73 % dos recipientes correspondem a perfis em “S” sendo que os restantes 27 % correspondem a recipientes globulares, taças rectas ou recipientes carenados. Podemos observar que na fase III-2, também 73 % dos recipientes reconstituídos correspondem a perfis em “S” e na fase III-1, 70 %. Em todas as fases, cerca de 1/3 da coleção corresponde a recipientes globulares ou taças rectas. As diversas zonas habitacionais apresentam algumas diferenças sendo que a área norte é aquela que apresenta uma percentagem mais baixa de recipientes de perfil em “S” (68 %), seguida da PIL (73 %) e, por último, o TEL (82 %).

Na totalidade da fase III-3 encontramos uma maioria de bases de tipo 1 (com uma representação de cerca de 20 % dos total de bordos e bases), seguido do tipo 3 (com cerca de 8 %), 2, 5, 8 e 9. Os tipos 2, 5, 8 e 9 são claramente minoritários. Nas fases anteriores podemos observar

presenças muito semelhantes dos tipos maioritários (tipos 1, 2 e 3). A morfologia das bases é muito simples e mantém-se semelhante àquela da ocupação da fase III-2. O tipo de base não se relaciona com o ângulo das paredes dos recipientes em nenhuma zona habitacional analisada. Deste modo, qualquer tipo de base apresenta qualquer tipo de pança. Cremos que tal ausência também se encontra relacionada com a simplicidade inerente aos tipos de bases presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

O número de bases equivale a cerca de metade do número de bordos sendo que na PIL o número de bases equivale a 65 % do número de bordos, no TEL equivale a 51 % e na área norte equivale a 41 %. A análise das bases nas várias zonas habitacionais permite observar que uma metade das bases corresponde a recipientes de perfil em “S” de pança bojuda. Na área norte, 54 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” e no TEL e PIL, 52 % correspondem a tasi recipientes. Podemos observar uma redução dos perfis em “S” nas bases da fase III-3, relativamente às bases da fase III-2. As restantes bases correspondem a recipientes troncocónicos (15 a 22 % das bases) e pratos (3 a 23 %). Podemos concluir que no conjunto cerâmico da fase III-3, 2/3 dos recipientes cerâmicos (bordos) correspondem a perfis em “S” sendo que destes apenas cerca de 1/3 a metade podem ter possuído fundo recto. No total cerca de 1/3 a 45 % podem corresponder a globulares, taças rectas, troncocónicos e pratos sendo que destes apenas metade possui fundo recto. Deste modo é visível a presença de um conjunto cerâmico onde cerca de metade dos recipientes possuem fundo convexo, independentemente da sua forma.

A análise das pastas presentes nas bases permite observar algumas características relativas à presença de fundos rectos em recipientes de determinadas pastas. A avaliação realizada permite ver que as pastas III, VIII e I são aquelas que apresentam maior equivalência entre o número de bases e o número de bordos. As pastas VI e XII apresentam uma menor equivalência entre o número de bases e o número de bordos. Esta equivalência varia consoante a zona ocupacional sendo que existem algumas discrepâncias entre as várias zonas. No TEL, a maioria dos recipientes de pasta VIII possui fundos rectos, sendo seguidos pelos recipientes de pastas I, III, XII e VI (por esta ordem). Na área norte, os recipientes de pastas I e VI possuem menor quantidade de fundos rectos que os recipientes de pastas III e VIII. Podemos ver que não há uma relação entre a capacidade dos recipientes e os fundos rectos pois tanto recipientes pequenos (de pasta I) como grandes (de pasta VI) possuem fundos côncavos. Em relação à fase anterior, ocorre uma ligeira diferença pois os recipientes pequenos revelavam maior tendência para a ocorrência de fundos côncavos e os recipientes grandes revelam maior tendência para os fundos rectos. Esta característica não ocorre de forma tão evidente na fase III-3.

Na fase III-3 foram identificados 5 fragmentos de asas, 1 na PIL, 2 no TEL e 2 na área norte. Com base na avaliação entre o número de fragmentos de asas e recipientes podemos lançar a hipótese que 2 % dos recipientes poderiam possuir asas. As asas correspondem a recipientes de pastas I, III, VI e VII (dois exemplares na pasta VI). A avaliação estatística permite dizer que existe uma possibilidade de na PIL, 5 % dos recipientes de pasta III possuírem asas e no TEL, 10 % dos recipientes de pasta VI possuírem asas. Em relação à fase anterior é visível um decréscimo na presença de recipientes com asas, já que na fase III-2 a presença de recipientes com asas encontra-se entre 2 e 7 % (na fase III-3, entre 1 e 3 %). É de notar um decréscimo dos recipientes com asa ao longo de toda a ocupação da Idade do Ferro. Relembramos que na fase III-1, 2 a 20 % dos recipientes podiam possuir asas.

Na fase III-2, os recipientes de pastas III e VII são os preferidos para a colocação de asas (ao invés das pastas I e VI). No entanto na fase III-3, os recipientes de pasta VI foram os eleitos para a colocação de asas. Contudo é de ressaltar que o número reduzido de fragmentos de asas não permite uma avaliação de grande segurança.

Na fase III-3 foram identificados 37 fragmentos decorados; 6 na PIL, 3 no TEL e 28 na área norte. Integrando todas as zonas habitacionais podemos lançar a hipótese interpretativa que 5 a 34 % dos recipientes podiam apresentar decoração. No TEL, 5 % dos recipientes podiam apresentar decoração, na PIL 8 % e na área norte, 34 %. Podemos observar em relação às fases anteriores um decréscimo dos recipientes decorados, pois na fase III-1, 19 a 34 % dos recipientes podiam apresentar decoração e na fase III-2, 16 a 29 %. Apesar de o valor máximo de decorados na fase III-3 ser superior ao da fase III-2, devemos ter em conta que em duas zonas habitacionais – TEL e PIL – a percentagem de recipientes decorados é muito baixa.

Na fase III-3, estão presentes 9 técnicas decorativas: incisão simples (33 a 50 % nas 3 zonas), penteado (17 a 67 % nas 3 zonas), incisão a torno (7 a 33 % na área norte e PIL), decoração plástica (4 a 17 % na PIL e área norte), estampilhado de motivo único, impressão da ponta do pente e excisão (7 % na área norte) e estampilhado rolado, impressão e puncionamento (4 % na área norte). Estão presentes 19 instrumentos decorativos – 3 instrumentos na PIL, 2 instrumentos no TEL e 14 na área norte. Em relação às fases anteriores podemos observar uma diminuição do número de técnicas e instrumentos decorativos empregues.

Na totalidade da fase III-3 estão presentes 7 organizações decorativas que são: I, IV, V, X, XI, XXVIII e XXXIV. A distribuição das diferentes organizações decorativas ocorre de forma diferenciada consoante a zona habitacional. A organização decorativa maioritária é a I com uma representação de 33 a 44 % e a X de 17 a 67 % ambas presentes nas 3 zonas habitacionais. A

organização decorativa XI possui uma presença de 6 a 17 % e encontra-se presente na PIL e área norte. As restantes organizações encontram cada uma delas em sua zona habitacional: a V e XXVIII na PIL e a IV e XXXIV na área norte. Todas as organizações decorativas estão presentes nas fases ocupacionais anteriores ainda que apenas as variantes das organizações decorativas I, X, XI e XXXIV estejam também presentes.

Tal como nas fases anteriores podemos observar uma relação entre a presença de decoração e a pasta dos recipientes decorados. Quer dizer que existe o predomínio de determinadas pastas nos recipientes decorados, como a I, II e III. As pastas VI e VIII são das menos usadas em recipientes decorados sendo que estas pastas são típicas da Idade do Ferro.

Na área norte, 44 % dos fragmentos decorados são de pasta I e no TEL, 67 % dos fragmentos decorados são, também, de pasta I. No TEL, 33 % dos fragmentos decorados são de pasta VIII e na área norte são só 4 %. cremos que a realidade da área norte é mais segura devido ao número mais elevado de fragmentos decorados. Na área norte podemos ver que a probabilidade de encontrarmos recipientes decorados em pastas II, I, III e X é muito mais elevado do que nas pastas VI e VIII.

Em relação à localização da decoração nos recipientes podemos dizer que as características encontradas na fase III-3 são muito semelhantes àsquelas identificadas nas fases anteriores (III-1 e III-2). Podemos observar um decréscimo da localização no colo dos recipientes (típica da Idade do Bronze) e uma presença minoritária de recipientes decorados nos bordos. A esmagadora maioria dos recipientes apresenta uma decoração na pança de recipientes de perfil em “S”, na linha colo/ pança, abaixo da linha colo / pança e/ou envolvendo toda a pança dos recipientes. O aumento de fragmentos cuja localização não pode ser identificada – e que nos leva a crer estar integrada na pança dos recipientes – indica um aumento das decorações na pança dos recipientes que percorre toda a ocupação da Idade do Ferro. Tínhamos colocado a hipótese de que a inovação estilística da Idade do Ferro parece ocorrer no surgimento de recipientes de perfil em “S”, com colo “liso”, extensivamente decorados na pança de fundo recto. cremos que tal também é visível na fase III-3.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

8. Perspectivas de síntese – Exploração de ideias

8.0. Reflexões “A história”

Como adulta sempre me fez confusão as “histórias da carochinha”, aquelas histórias com princípio, meio e fim, onde tudo “bate certo”, onde tudo faz sentido e onde tudo possui um fim último. É engraçado pois enquanto criança tais histórias surtiram sempre em mim um agrado profundo. A presença desse fim último, desse “devir”, de uma explicação que integra acções, sentimentos e resultados fazia com que eu estivesse sempre à espera do fim da história, pois no fim tudo se desenrolava e tudo fazia sentido.

No entanto quando cheguei à Arqueologia desejava que as histórias dos sítios não fossem histórias da carochinha e dizia para os colegas, com ar sério e carrancudo, que não gostava de histórias da carochinha e que não pretendia escrever nenhuma...

É certo que muitas narrativas históricas possuem um “q” de inimaginável, pretendem explicar ao pormenor o sentido da vida humana através de um relato penoso e cansativo de factos, datas e autores. Nesse relato escorrido, qual “lista de compras”, sucedem-se dias, meses e anos de vivências que no conjunto apontam um destino, que nelas se reflecte. A incoerência dos factos, a ausência de ligações entre eles, as rupturas ou permanências são aglutinadas numa ideia final, num discurso final que se assemelha, invariavelmente, a um conto de fadas.

É com alguma tristeza que escrevo esta última narrativa que pretende explicar as materialidades, na sua natureza e disposição. É como se estivesse a contar a história do Capuchinho sem ter a certeza se o lobo era grande um pequeno, se tinha pelo cinzento ou branco, se a menina era encantadoramente ingénua ou estupidamente teimosa e se a avozinha já tinha desistido de viver ou se foi apenas apanhada desprevenida. No fundo, olho o espelho da Bruxa Má e pergunto: “Espelho meu, espelho meu, o que vejo eu?” e espero que ele responda que me vejo como deveria... o olho direito à direita¹³.

E assim anseio que o Humano feito material, reflectido nos conjuntos cerâmicos, seja ele verdadeiro, parte de uma história, reflexo de um “devir”. E que eu munida de um espelho mágico, veja nele, a sucessão dos dias, das vivências e dos sentidos há muito terminados.

13 Para uma melhor compreensão da capacidade do espelho de “endireitar” ou “corrigir” a imagem reflectida consultar “Dicionário de Símbolos”, pág. 302.

8.1. Sobre a “*história*” do Crasto de Palheiros

O estudo levado a cabo sobre os conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros balizou-se por diversas orientações de vária índole que invariavelmente produziram uma informação não comum à maioria dos estudos de conjuntos cerâmicos arqueológicos. A análise foi realizada atendendo ao registo detalhado da estratigrafia do Crasto de Palheiros – subdivido em UEs – e aos tipos de pastas cerâmicas presentes. Tal escolha científica produziu um volume de resultados que permite observar certas características do sítio arqueológico e, como é óbvio, dos conjuntos cerâmicos. Contudo, o método utilizado permite também questionar a própria essência do registo arqueológico: *O que é? Como podemos entendê-lo? O que é que ele revela sobre as comunidades do Passado? Será que o que ele revela é de facto o que procuramos? É possível ou não entender uma comunidade do Passado através do “seu” registo arqueológico? Desejamos ou não entender uma comunidade do Passado através do registo arqueológico?*

O número de perguntas que podemos colocar sobre a natureza do registo arqueológico e aquilo que ele pode revelar é infindável pois depende sobretudo da capacidade de questionamento do investigador. Tentaremos colocar aqui algumas das conclusões a que chegamos sobre o registo, enfocado pelo estudo dos conjuntos cerâmicos. Para nós o registo arqueológico em campo e a análise dos conjuntos cerâmicos sobretudo no que diz respeito ao estado de conservação dos fragmentos, são as duas faces de uma mesma moeda.

A definição de registo arqueológico aqui utilizada é abrangente. O registo arqueológico é tanto a posição estratigráfica e topográfica das UEs (Lxs) em campo e seu conteúdo, como a análise empírica, categoria a categoria, realizada sobre o conjunto cerâmico. A UE (Lx) é definida nas suas características físicas através dos sedimentos de terra, das pedras e dos fragmentos cerâmicos. Os sedimentos de terra podem ser analisados na sua granulometria, cor, textura, componentes físicos, etc., e as pedras podem ser definidas quanto ao seu peso, constituição, cor, presença, disposição, etc. Tanto os sedimentos de terra como as pedras definem características físicas da UE, permitindo um entendimento físico destas e, em consequência, possibilitam a caracterização física dos espaços do sítio. Os fragmentos cerâmicos também caracterizam fisicamente as UEs pois aqueles definem o estado de conservação dos estratos.

No estudo de conservação dos estratos – aqui analisado pelo estado de conservação dos fragmentos cerâmicos –, encontramos uma das nossas definições de registo arqueológico. A UE (Lx) é o conjunto cerâmico pois este define fisicamente a UE na ausência de estudos pormenorizados da granulometria dos sedimentos. Ou seja, podem ser realizados estudos que atendam às características físicas do sedimento, e essa caracterização permite a colocação de hipóteses interpretativas no que concerne à formação, evolução e vivência dos estratos. Contudo, na ausência de um estudo pormenorizado sobre os sedimentos, o estudo dos conjuntos cerâmicos permite compreender o estado de conservação dos estratos. Deste modo, não cremos ser possível separar os fragmentos cerâmicos do sedimento que os contém. A UE é uma totalidade composta por sedimentos, pedras e fragmentos de objectos humanos e assim o registo arqueológico é também ele uma totalidade composta por todo um conjunto de conhecimentos que dali podemos deduzir.

A primeira fase de entendimento do registo arqueológico ocorre em campo através do registo das unidades estratigráficas na escavação: características físicas, sequência estratigráfica e relações espaciais horizontais / topográficas. A segunda fase ocorre aquando dos estudos da “cultura material”, conjuntos cerâmicos, artefactos metálicos, contas de colar, entre outros elementos que possam estar presentes, como por exemplo, restos de fauna e flora. Contudo, o conjunto cerâmico detém um “papel” fundamental na compreensão física do estrato ao invés dos restantes elementos que ocorrem esporadicamente e que possuem uma conservação muito diferente do das pastas cerâmicas.

Não separamos o conceito de “registo arqueológico” dos “restos” de determinada comunidade do Passado. O registo arqueológico são os restos, é aquilo que se entendeu deles e, como já referimos, é o conjunto de conhecimentos que elaboramos a partir da sua análise.

Na prática, o “registo arqueológico” é dividido em duas partes. Uma parte diz respeito ao que o arqueólogo regista em campo, seguindo os protocolos da disciplina, a sua intuição e os seus objectivos. A outra parte diz respeito à análise do “conteúdo” das UEs, no qual realçamos os conjuntos cerâmicos e as suas múltiplas valências. Contudo, nós não distinguimos UE e seu conteúdo. A UE é definida pelo conteúdo e, desse modo, não concordamos com o conceito de “conteúdo” de uma UE. Colocamos aqui esta divisão, comumente aceite, porque o entendimento do registo arqueológico é faseado, analisado e entendido por patamares sucessivos. Ou seja, em geral a compreensão do registo arqueológico é encetada através da escavação que segue determinado protocolo e termina aquando do estudo dos objectos, no qual se segue outro protocolo.

Esta pequena introdução sobre o que entendemos ser o registo arqueológico tem vários objectivos: 1) definir o que entendemos por registo arqueológico e UE no caso dos estudos aqui realizados sobre o Crasto de Palheiros com o objectivo de evitar equívocos; 2) lançar a ideia de que o registo em campo e os estudos em laboratório não devem ser dissociados na compreensão da totalidade que é o “registo arqueológico”; 3) lembrar que o modo de registo em campo e a forma de análise dos “conteúdos” das UEs é fundamental na percepção final do registo arqueológico e que tal percepção depende directamente desses modos de acção e 4) lembrar que o arqueólogo tem a obrigação social de proteger o património comunitário, devendo, no registo em campo, agir consoante os protocolos mais actualizados da disciplina.

A primeira fase de compreensão do “registo arqueológico” é o registo das camadas, unidades estratigráficas, complexos, estratos, contextos ou o quer que lhe queiramos chamar, em escavação. Os diferentes modos de escavação são comparáveis aos diferentes modos de ler um livro. Certas pessoas lêem livros rapidamente, descurando pormenores, saltando parágrafos, por vezes páginas inteiras, procurando no final uma compreensão da totalidade que é o livro / história nos grandes traços da narrativa. Outros leitores detêm-se nas descrições, dão valor ao pormenor, desvalorizam o tempo percorrido e procuram na compreensão de cada página, de cada capítulo, a diversidade dos percursos que constituirá a totalidade que é o livro na sua história ou narrativa.

Sem querermos tecer juízos de valor sobre os diferentes métodos de escavação e registo, é necessário afirmar que a definição das UEs e as possibilidades interpretativas dos estudos dos seus “conteúdos” depende directamente do modo como estas são registadas em campo. Quanto menos pormenor no registo das UEs for utilizado em campo, menos possibilidades se tem de compreender esse mesmo registo através do estudo dos seus “conteúdos” e menos informação esses “conteúdos”, providenciam acerca das comunidades que habitaram aquele determinado espaço. Os estudos em laboratório dos diversos objectos da cultura material – conjuntos cerâmicos, artefactos metálicos, contas de colar, restos de fauna e flora, etc – devem ser balizados por um número de possibilidades alargadas. Ou seja, deve ser possível estudar os conjuntos cerâmicos por UE e associando várias UEs, por exemplo, associando várias UEs a determinada U. Hab., fase ocupacional ou zona ocupacional do povoado, consoante os objectivos do investigador. O registo arqueológico em campo deve permitir várias escalas de análise em laboratório. A minuciosidade do registo arqueológico em campo pode ser visível através de vários aspectos presentes na escavação e registo, por exemplo: registo de sucessivas plantas e cortes das UEs, realização de matrizes estratigráficas em campo – de

Harris ou de outro tipo – que se detenham na sequência estratigráfica e topográfica das UEs; recolha de todos os fragmentos cerâmicos; recolha de sedimentos para uma posterior análise de granulometria, entre muitos outros aspectos.

Defendemos a necessidade de um equilíbrio entre a forma do registo em campo e o modo de análise em laboratório dos “restos” da cultura material. É tão inútil um sítio registado pormenorizadamente no que concerne às suas UEs e não estudado ao nível dos “conteúdos” dessas mesmas UEs, como um estudo muito pormenorizado sobre determinado aspecto de uma comunidade no Passado que não se alicerce em contextos estratigrafados.

Sentimos uma certa dificuldade em explanar de modo simples as potencialidades das metodologias aplicadas ao Crasto de Palheiros, bem como de que a forma dessas metodologias vão moldar as hipóteses interpretativas colocadas. Devido à nossa inexperiência e alguma falta de capacidade na explicação de aspectos que consideramos fundamentais na compreensão deste estudo através de uma narrativa contínua, optamos então por uma explanação que recorre a um artifício de redacção onde colocamos perguntas e de seguida a sua resposta. Tentaremos equacionar aqui da forma mais acessível possível um conjunto de questões que consideramos pertinentes quanto ao método seguido e seus objectivos.

1) A caracterização de uma fase ocupacional através da exploração estatística individualizada das várias UEs que a compõem apresenta resultados diferentes de uma outra que usasse somente o somatório bruto do “conteúdo” dessas mesmas UEs?

Sim. Cada UE possui características próprias e, na caracterização da totalidade que é a fase ocupacional, todas as UEs devem possuir a mesma importância estatística. Quer dizer que um complexo (UE) com 1000 fragmentos conta tanto para a caracterização da fase como um que possui 200 fragmentos. Na compreensão da fase ocupacional é importante conhecer as características de todos os complexos, tenham eles 1000 ou 200 fragmentos. Contudo, se a caracterização da fase for realizada através de uma estatística que soma os fragmentos cerâmicos de todos os complexos, neste caso $1000+200=1200$, os complexos com maior quantidade de fragmentos matizarão, ou apagarão mesmo, as características dos minoritários.

É necessário transmitir a ideia de que o somatório bruto dos contextos produz uma estatística de valores únicos e, por exemplo, com as seguintes características: X n.º de bordos, Y n.º de

recipientes reconstituídos, Z n.º de recipientes polidos, alisados, negros, grandes, pequenos, etc (o que quisermos). Esta estatística é facilmente comparada com a estatística global produzida para a fase ocupacional seguinte, ou para a fase ocupacional anterior. Qualquer variação estatística possui um valor claro, evidente. Se na fase II existem 30 % de recipientes polidos e na fase III-1 50 % dos recipientes são polidos, é evidente, como conclusão, um aumento dos recipientes polidos de uma fase para a outra. Este aumento dos recipientes polidos permite a colocação automática de uma série de hipóteses interpretativas relacionadas com os gostos estéticos, com características sócio-culturais, bem como com mudanças de uma fase para a outra, além de outras conclusões. A alternativa a esta abordagem foi a que, complementarmente, realizamos o que permite perguntar então:

2) Como se apresentam os resultados estatísticos dos conjuntos cerâmicos de cada fase ocupacional do Crasto de Palheiros obtidos através da metodologia por nós aplicada (que considera cada EU de modo individualizado)?

No Crasto de Palheiros cada factor de avaliação de determinada fase ocupacional é caracterizado, estatisticamente, por intervalos de valores e não por um valor único. Assim, na PIL, na fase III-1, 12 a 61 % dos fragmentos possuem a conjugação de tratamento de superfície Pol/Al_i. Quer dizer que num contexto da PIL, na fase III-1, 12 % dos fragmentos possuem a conjugação Pol/Al_i (estes 12 % são o valor mínimo encontrado) e noutro contexto, 61 % dos fragmentos possuem a conjugação Pol/Al_i (estes 61 % são o valor máximo encontrado). Na fase III-2, na PIL, 4 a 43 % dos fragmentos possuem a conjugação Pol/Al_i, ou seja, o contexto com menor quantidade, estatística, da conjugação Pol/Al_i apresenta um valor de 4 % e o contexto com maior quantidade (estatística) da conjugação Pol/Al_i apresenta um valor de 43 %. Assim, todos os factores de avaliação são representados, estatisticamente, por intervalos de valores e não por um valor único. Por exemplo, no que diz respeito ao número de recipientes, uma fase não é representada por 77 recipientes mas sim por um intervalo de 3 a 12 recipientes. Deste modo, nesta fase o contexto com menor número de recipientes é representado por 3 e o contexto com maior número de recipientes é representado por 12.

3) O método de registo arqueológico por UEs e seu estudo autónomo, materializado em intervalos de valores estatísticos de diversos factores de avaliação para cada fase ocupacional, permite uma comparação entre diversas fases ocupacionais de um sítio?

Sim. Contudo, neste caso a leitura dos resultados obtidos para cada fase ocupacional e sua comparação com as demais fases ocupacionais é mais complexa do que aquela que resulta de uma totalidade representativa, ou de um valor estatístico único. A avaliação de uma fase ocupacional representada por diversas UEs analisadas individualmente resulta num intervalo de valores, por cada factor de avaliação, onde se atende tanto ao valor mínimo e máximo do intervalo, como à sua amplitude e ainda à média dos resultados obtidos para cada UE nessa fase ocupacional. A média é obtida da seguinte forma: *soma dos resultados estatísticos de cada UE, ou seja em % / número de contextos na fase ocupacional analisada.*

Desenvolvamos mais o nosso caso concreto e retomemos as percentagens da conjugação de tratamento de superfície Pol/Al_i, na PIL, na fase III-1 e III-2. Numa primeira leitura podemos afirmar que ocorre uma diminuição da conjugação Pol/Al_i da fase III-1 para a III-2 na PIL (de 12 a 61 % para 4 a 43 %). Deste modo, na fase III-2, os valores mínimos e máximos diminuem bem como o intervalo de valores em si, ou seja, há um estreitamento do intervalo de valores. Hipoteticamente, na fase III-1 e III-2, os valores globais da fase como uma podem contradizer os valores que explorem os seus contextos. Se os contextos com maior número de fragmentos da fase III-2 possuírem as percentagens mais altas e os contextos com maior número de fragmentos da fase III-1 possuírem os valores mais baixos, então, pela estatística totalizante, dá-se um aumento da conjugação Pol/Al_i da fase III-1 para a III-2 e na estatística por contexto, ocorrerá antes uma diminuição. Este foi um exemplo hipotético (e não real) porque representa inúmeros os exemplos que apresentam este tipo de incoerência entre os dois métodos de avaliação, presentes na descrição dos conjuntos cerâmicos do vol. 2.

Mas o mais grave de todas as aparentes incoerências postas em relevo por este método que usa intervalos é a conclusão de que existem contextos de fases distintas com a mesma percentagem em determinado factor de avaliação. Tomando este exemplo alguns contextos da PIL na fase III-1, vemos que estes tem a mesma percentagem de Pol/Al_i de outros contextos da fase III-2, porque o intervalo de valores assim o indica. O intervalo de valores apenas indica uma variação no valor mínimo e no valor máximo e, muitas vezes, esta variação é quase imperceptível. Por exemplo na PIL, na fase III-1, 7 a 30 % dos fragmentos são Pol/Pol e na fase III-2, são 7 a 34 %. *Neste caso, podemos concluir que os fragmentos Pol/Pol aumentam de uma fase para a outra? Não, porque o intervalo de valores é muito próximo.*

Na realidade, o que fomos percebendo é que o registo arqueológico por UEs e o estudo individualizado do seu “conteúdo” põe em causa os resultados dos registos arqueológicos aglutinadores, isto é, aqueles que usam unidades maiores como camadas – que resultam em conjuntos cerâmicos com elevado número de elementos ou fragmentos –, ou aqueles que, nos estudos dos conjuntos cerâmicos agrupam os “conteúdos” de diversos complexos numa só fase, tratando-os numa só estatística bruta, totalizante.

4) Mas e se o método de registo arqueológico por UEs, e seu estudo autónomo, vier a revelar que as diferenças e semelhanças (estatísticas) entre as diversas fases ocupacionais, medidas pelos restos cerâmicos, não são suficientemente “robustas” de modo a permitirem a colocação de determinadas hipóteses interpretativas que, afinal, resultariam claras se o conjunto de vestígios de uma “fase” fosse entendido como uma totalidade representativa de um período cronológico-cultural e/ou de um momento alargado no tempo? Nesta situação, qual das hipóteses de abordagem devemos valorizar?

Defendemos mesmo assim que a abordagem a valorizar deve ser aquela que analisa autonomamente cada UE e que produz para cada fase ocupacional um intervalo de valores estatístico por factor de avaliação. Nesta abordagem a comparação entre fases utiliza vários valores contidos no intervalo de cada factor de avaliação que são os valores mínimos e máximos bem como a amplitude do intervalo. Na abordagem totalizante as comparações são realizadas através de um valor único, facilmente comparável, e onde as discrepâncias são mais evidentes na comparação entre fases.

Cada um destes métodos molda discursos distintos porque a apresentação dos dados é em si diferente. O primeiro método citado produz intervalos de valores e o segundo produz valores únicos. No segundo método é mais fácil e rápida a produção de um discurso que se detenha nas “rupturas”, ou seja, como as discrepâncias entre valores únicos são mais evidentes do que as discrepâncias entre intervalos de valores, é mais fácil a criação de um discurso narrativo que se detém na evolução dos diversos factores analisados. Assim, este tipo de discurso é moldado por ideias de “ruptura”, de evolução, de cadência narrativa porque os dados dificultam um discurso que se detenha em aspectos de continuidade.

Creemos que uma pequena analogia pode ser útil no entendimento dos aspectos dos discursos moldados por estes métodos. Vamos supor hipoteticamente (e sem nenhuma relação com a realidade) que estamos a analisar a presença de recipientes da Vista Alegre na Rua Mouzinho da Silveira –

Porto, na 1ª e 2ª metade do séc. XX. Na 1ª metade do séc. XX, 10 das 40 casas apresentavam recipientes deste tipo com uma presença intervalada entre 3 a 20 %. Na totalidade das casas (40 sendo que 30 não apresentavam este tipo de recipiente), a presença deste tipo cerâmico era de 5 %. Na 2ª metade do séc. XX, 13 das 38 casas apresentavam recipientes deste tipo com uma presença intervalada entre 1 a 22 %. No total a presença de recipientes era de 9 %. Aqui as casas são equiparadas a contextos ou a associações de contextos, ou seja, conjuntos cerâmicos estudados individualmente.

Se analisarmos os intervalos de valores podemos deduzir que ocorre um ligeiro aumento do número de casas com este tipo de recipientes de uma metade do século para a outra, mas a presença deste tipo de recipientes em cada casa não aumenta significativamente nas duas metades do século XX. Contudo, se criarmos um discurso baseado unicamente no valor único por período cronológico podemos narrar mais facilmente um aumento dos recipientes entre a 1ª metade e a 2ª metade do séc. XX.

Ambos os dados estão correctos e podem ser utilizados sendo então que podemos escolher uma ou outra das abordagens. Contudo, a utilização de uns e de outros dados molda discursos diferentes. Se queremos trabalhar a continuidade nas diversas fases de um povoado, devemos utilizar intervalos de valores. No entanto, se entendermos que a utilização de valores únicos cria um discurso mais “narrativo”, mais evolutivo e até um pouco mais perceptível, então utilizaremos valores únicos por fase e factor de avaliação.

5) Os contextos devem ou não ser valorizados da mesma forma acerca das informações relativas que podem fornecer para a interpretação sócio-cultural? Ou seja, em termos quantitativos um depósito de ocupação com 1000 fragmentos deve ser valorizado da mesma forma que um de 200 nessa interpretação?

Sim. Todavia, na generalidade dos estudos arqueológicos um contexto com 1000 fragmentos num povoado é mais valorizado do que um de 200 fragmentos porque se crê que um contexto de 1000 fragmentos contém mais quantidade de materiais e por essa razão revela em si mais informação que um de 200. No nosso estudo, um contexto com 1000 fragmentos não é mais valorizado que um de 200 porque o nosso método é o de valorizar intervalos de valores e não valores absolutos para cada categoria de análise escolhida.

Voltando à analogia com os recipientes da Vista Alegre da Rua Mouzinho da Silveira indicada na resposta à pergunta anterior, podemos imaginar (simplificando) que na 1ª metade do séc. XX, uma das casas apresentava 20 recipientes de várias pastas cerâmicas e que outra apresentava 50 (também de várias pastas cerâmicas e tipologias). Transformamos aqui os fragmentos em recipientes porque este problema de análise coloca-se tanto para a totalidade dos fragmentos como dos recipientes dos diversos contextos. Ou seja, um contexto com maior número de recipiente é sobrevalorizado. Os conjuntos de recipientes das duas casas da Rua Mouzinho da Silveira possuem o mesmo valor estatístico dentro de um intervalo de valores percentual pois estes conjuntos definem duas casas distintas. Contudo, na estatística de valor único que juntaria ambas as casas, a casa de 50 recipientes terá mais valor do que a de 20 recipientes porque estatisticamente estes 50 recipientes vão ter mais “peso” que os 20 recipientes. De um modo prático, a casa de 20 recipientes pode possuir 15 % de recipientes Vista Alegre (3 recipientes em 20) e a casa de 50 recipientes pode possuir apenas 8 % (4 recipientes em 50) e assim o intervalo de valores estaria situado entre 8 e 15 % de recipientes da Vista Alegre. Contudo, numa estatística de valor único na 1ª metade do séc. XX, definida aqui por estas duas casas, apenas 10 % dos recipientes seriam Vista Alegre (7 recipientes em 70) porque as características da casa com 50 recipientes alteram a estatística conjunta de ambas as casas.

6) É metodologicamente possível a comparação estatística de conjuntos cerâmicos de duas UEs distintas integradas numa mesma fase ocupacional?

Depende dos casos mas geralmente não é possível a comparação entre Lxs. (contextos). A possibilidade de comparação entre conjuntos cerâmicos ou UEs distintas depende do estado de conservação / degradação dessas UEs. A maioria dos conjuntos cerâmicos ou UEs não permite uma comparação mútua pois apresentam estados de conservação muito distintos, além de diferentes condições de criação e evolução.

Por exemplo, na fase III-2, no Crasto de Palheiros, estão presentes várias U. Habs. incendiadas que teoricamente poderiam permitir uma comparação entre elas. Ou seja, numa comparação entre as várias habitacionais poderia ser possível criar as seguintes premissas: a U. Hab. 11 apresenta maior número de recipientes de pasta I que a U. Hab. 9, e a U. Hab. 3 apresenta maior quantidade de recipientes de tamanho médio que a U. Hab. 4. Estas premissas são hipotéticas. Este tipo de comparação alicerça-se na ideia de que as U. Habs. foram incendiadas num mesmo momento “congelando” esse momento cronológico e, desse modo, os seus conjuntos aparentar-se-ão a conjuntos etnográficos. Quer dizer, comparar os conjuntos cerâmicos das U. Habs. seria como

comparar os recipientes que eu tenho na cozinha neste momento com os recipientes que uma das minhas vizinhas possui na sua cozinha, também neste momento.

Contudo, ainda que as U. Habs. momento do incêndio permitissem, teoricamente, uma caracterização essencialmente “etnográfica,” no momento da escavação (volvidos dois mil anos sobre o incêndio), os conjuntos presentes nas diversas U. Habs. incendiadas já não reflectiriam um momento congelado no tempo, mas sim 2000 anos de alteração / degradação. Assim, as características presentes em cada um dos conjuntos cerâmicos revelam um determinado tipo de degradação que geralmente não ocorre da mesma forma nas diversas UEs, fases de ocupação e zonas ocupacionais (PIL, TEL, PIN, etc).

Deste modo, os conjuntos cerâmicos possuem um valor próprio, único e individualizável, mas geralmente não permitem uma comparação. A utilização de um intervalo de valores contorna esta dificuldade pois com o intervalo de valores revelamos as características presentes em determinada fase sem compararmos directamente as diversas UEs.

7) As características das diversas fases de ocupação de um povoado são comparáveis tendo em conta as dificuldades de comparação entre contextos distintos?

Sim. Vamos supor que numa determinada fase de ocupação 15 a 30 % dos bordos são em aba e, na seguinte, 20 a 40 % dos bordos são também em aba. Contudo, a primeira fase de ocupação inclui 7 contextos (1500 fragmentos no total) e a segunda fase inclui 22 contextos (7000 fragmentos no total). *Estas fases são comparáveis estatisticamente relativamente à presença de bordos em aba, ou seja, ao peso relativo em cada uma, da presença de tal característica técnico-cultural, independentemente do número de contextos e fragmentos cerâmicos integrados em cada fase? Sim.* É possível uma comparação e uma narração que tenha em conta aspectos evolutivos acerca das características técnico-culturais porque essa comparação e narrativa encontra-se alicerçada em intervalos de valores que integram todos os contextos (UEs) nas suas características individuais e únicas. É certo que as diferenças percentuais nos diversos tipos de bordos das duas fases pode ser decorrente de factores outros que os sócio-culturais. As diferenças percentuais podem estar unicamente relacionadas com o registo arqueológico, a sua formação, a sua degradação e até o tipo de análise empírica e estatística. Para o arqueólogo deveria ser suficiente saber que em determinada fase existem *x* tipos de bordos e que na fase seguinte existem *y* tipos de bordos, sejam eles os

mesmos tipos ou não. Contudo, a arqueologia tem como objectivo a compreensão do Passado e não a mera descrição dos artefactos que se conservaram.

8) *Como é valorizada a “disposição” dos fragmentos num determinado contexto? Essa “disposição” dos fragmentos altera a interpretação dos conjuntos cerâmicos?*

A “disposição” dos fragmentos nos diversos contextos é muito valorizada. Essa “disposição” permite uma interpretação dos contextos relativamente ao estado de conservação / degradação. É necessário expor aqui o que entendemos por “disposição” dos fragmentos cerâmicos. Esta resulta da caracterização de cada conjunto cerâmico relativamente à distribuição dos tipos de pastas, cor, tratamentos de superfície bem como factores / itens de avaliação do estado de conservação dos fragmentos (dimensão, estado de conservação das arestas, corrosão das superfícies) como um todo. Deste modo, entende-se que os tipos de degradação dos fragmentos cerâmicos reflecte a do contexto de recolha, permitindo simultaneamente a percepção da “história” de cada contexto (sua criação, evolução, vivência e paragem / morte).

Ou seja, uma determinada UE do Crasto de Palheiros podia, há 2000 anos atrás, apresentar um conjunto cerâmico de grande homogeneidade da cor, dos tipos de pastas, dos tratamentos de superfície e, após a degradação de 2000 anos, pode evidenciar um conjunto muito distinto, eventualmente heterogéneo em todos os factores de avaliação. Deste modo, os conjuntos cerâmicos não revelam unicamente características relativas a aspectos técnico-culturais do conjunto original mas também e sobretudo, o produto de todo um processo de degradação que entretanto aquele sofreu.

É certo que a disposição dos fragmentos também se relaciona com o tipo de formação e natureza física – se se trata de um piso de argila, se de um estrato de incêndio de uma U. Hab., de um nível de cascalheira, etc. A “disposição”, ou proporção relativa dos elementos em análise pode indicar o tipo de formação do conjunto artefactual e sedimentar bem como o tipo de degradação.

No Crasto de Palheiros, a avaliação da degradação dos contextos das diversas ocupações revela uma grande heterogeneidade de disposições, isto é fornece uma “imagem” muito heterogénea de fase ocupacional. Por exemplo, os estratos de incêndio das U. Habs (A1, A2, A3, A4, A5, A30, A34, A49, A53) e alguns depósitos de ocupação (Lx. 43, 45, 87, A18, A19) revelam conjuntos cerâmicos de grande homogeneidade na distribuição dos diversos factores avaliados,

independentemente do número de fragmentos e até do estado de degradação geral do contexto. Ou seja, no caso que estamos a citar, o conjunto cerâmico pode apresentar-se muito fraccionado (A3, A34, A30) fruto de uma destruição violenta da U. Hab. posterior à formação do estrato (no caso da U. Hab. 9 - A30 - e U. Hab. 10 - A34- essa destruição decorreu da abertura do estradão de acesso ao sítio arqueológico com uma retroescavadora). Porém, estes conjuntos apresentam homogeneidade na distribuição dos itens em avaliação dos fragmentos cerâmicos. Assim, neste caso a natureza física do contexto (características relativas a aspectos técnico-culturais do conjunto original) sobrepõem-se ou “sobrevivem” a diferentes processos e graus de degradação.

Os depósitos de ocupação possuem tendencialmente conjuntos cerâmicos onde é possível intuir recipientes, facto que denominamos como “disposição” homogénea. Este tipo de conjuntos cerâmicos apresenta, por exemplo, X n.º de fragmentos de pasta I (normalmente em grande quantidade), com um tratamento de superfície e cor semelhante que indicam a presença de um ou mais recipientes (mas sempre em reduzido número). O mesmo ocorre em quase todas as outras pastas presentes, ou seja, todas as pastas apresentam um número de fragmentos significativo, com a presença de bordos e fundos e com uma homogeneidade relativa nos tratamentos de superfície e cor apresentados. Normalmente estes contextos permitem um maior número de colagens do que aqueles que definimos como de “disposição” heterogénea.

Outros contextos (pisos de argila, níveis de cascalheira, estratos indefinidos na sua “funcionalidade”) apresentam conjuntos cerâmicos de “disposição” heterogénea. Aqui cada pasta é representada por uma série de fragmentos onde é evidente uma não relação orgânica entre si, isto é, os fragmentos são da mesma pasta mas não do mesmo recipiente.

Estas características indicam *uma formação diferente quer do conjunto artefactual e sedimentar, como um nível de degradação posterior diferente do mesmo*. Assim, estes complexos terão uma formação de origem distinta entre si, facto que os leva a apresentar conjuntos cerâmicos totalmente diferentes na “disposição” ou apresentação dos fragmentos. Os tipos de pastas, tratamentos de superfície, cores, bordos, bases e decorações, podem ser exactamente os mesmos em cada conjunto sedimentar ou estrato (Lx.), mas a forma como se distinguem e articulam entre si é totalmente distinta de uns a outros. Assim, as hipóteses interpretativas a colocar sobre a totalidade do conjunto cerâmico, ou sobre determinados aspectos do mesmo, deve ter em conta a formação do contexto sedimentar de origem, a “disposição” ou apresentação dos fragmentos (heterogeneidade ou homogeneidade) e o nível de degradação nesse contexto. *Em síntese, todas as hipóteses*

interpretativas lançadas sobre os materiais de determinado contexto devem ser mediadas pelas características de degradação do mesmo.

Nesta questão falámos de dois problemas distintos: 1) a “disposição” dos fragmentos no contexto sedimentar e 2) o estado de degradação desse contexto. As interpretações avançadas sobre os diversos conjuntos cerâmicos devem depender obrigatoriamente destes dois factores (entre outros, também em consideração, consoante os casos).

A questão da disposição dos fragmentos e do estado de degradação dos contextos conduz às perguntas 9 e 10.

9) O estado de degradação dos contextos pode fornecer informações de âmbito sócio-cultural?

No Crasto de Palheiros podemos afirmar que o estado de degradação dos contextos permite uma avaliação do modo como a comunidade habitou aquele sítio. Contudo, tal informação tem que ser balizada pelas características de disposição dos conjuntos cerâmicos acima indicadas. Ou seja, no Crasto de Palheiros os contextos são interpretados através das similaridades de disposição dos fragmentos, o que geralmente se relaciona estreitamente com a interpretação estratigráfica. De um modo geral a disposição dos fragmentos encontra-se de acordo com a interpretação estratigráfica – um depósito de ocupação de terras queimadas é mais homogéneo (nas características dos artefactos cerâmicos que contém), que o um piso de argila ou um nível de argila.

Após o entendimento da disposição dos fragmentos é avaliado o grau de degradação do contexto pelas características dos fragmentos cerâmicos e este pode apresentar variações que são independentes da “disposição” ou apresentação dos fragmentos. Duas U. Habs. incendiadas podem revelar graus de degradação artefactual diferentes ainda que tal não seja tão comum nos depósitos de ocupação.

Deste modo, no Crasto de Palheiros é possível perceber diferenças evidentes na degradação de contextos que apresentam uma disposição semelhante de fragmentos. Alguns depósitos de ocupação na PIL, das fases III-1 e III-2 (Lxs. 45, 87, 45/87, A18 e A19) mostram uma inserção paulatina dos materiais cerâmicos e uma constante destruição dos mesmos, revelada pelo estado de degradação desses depósitos / contextos. Estes solos de ocupação eram solos com constante aumento

de terras e materiais cerâmicos descartados. Os mesmos podem e devem ter tido uma formação de centenas de anos, sem que nunca tenha ocorrido uma remodelação interna do espaço (pela criação de uma lareira, de um muro, da colocação de algo que impedisse a penetração de cerâmicas no solo, por exemplo móveis, etc). Assim, determinados depósitos revelam uma continuidade e homogeneidade que, tendo em conta os dados resultantes das datas de C14, indicam uma longa duração na ocupação daquelas áreas.

É evidente que em alguns contextos, como estes acima citados, os conjuntos cerâmicos nunca podem ser considerados como representativos de uma realidade etnográfica. Estes conjuntos não correspondem a um momento, a um período curto; a sua natureza é a longa duração e a longa utilização. A formação dos contextos indica que o conjunto cerâmico (tal como o estrato em si) é um somatório de momentos, de eventos, de acções e que essas acções estão na sua origem fraccionadas no que respeita à representatividade dos restos materiais, e que mesmo que não estivessem o aumento sedimentar do contexto geraria um fraccionamento. Em suma, a amostra remanescente no depósito nunca seria representativa de toda a realidade etnográfica.

10) O estado de degradação dos contextos influencia as hipóteses interpretativas lançadas sobre os artefactos que permitem uma melhor caracterização sócio-cultural da comunidade que os criou e utilizou (por exemplo, recipientes cerâmicos decorados, artefactos metálicos, contas de colar, etc)?

Sim. No estudo dos conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros, o contexto, a sua degradação, a disposição dos fragmentos ditam as possibilidades interpretativas sobre a totalidade dos artefactos presentes nesse contexto.

Sob o paradigma histórico-cultural as hipóteses interpretativas lançadas sobre determinados tipos de artefactos baseiam-se na cronologia do contexto, no tipo de contexto (se provem de um povoado, de uma necrópole) e nas valências estéticas e técnicas do objecto. Os contextos são geralmente descritos atendendo a parte da sua natureza onde se refere se este é um solo de ocupação, um estrato de incêndio, uma lareira, etc. Contudo, o discurso final não atende ao estado de conservação e à “disposição” / apresentação dos fragmentos cerâmicos nesse mesmo contexto pois geralmente tal não é analisado. Deste modo, o discurso interpretativo não integra o contexto do artefacto (que resulta do entendimento dos elementos que o constituem) e a importância

interpretativa do artefacto não se altera consoante o estado de degradação dos conjuntos cerâmicos / estratos.

Este tipo de discurso parcial foi realizado por nós no estudo dos artefactos metálicos do Crasto de Palheiros (Pinto: 2010 e 2008) e esperamos em breve rever os dados apresentados.

Assim, os contextos são geralmente subalternizados relativamente à cronologia e às características dos artefactos que se destacam a nível técnico e estético. Geralmente os discursos atendem unicamente a estes dois aspectos em comparação com objectos da mesma cronologia de sítios e regiões próximas.

10.1) Se um recipiente decorado ocorre num contexto extremamente degradado em que a disposição de fragmentos é heterogénea, o que pode ser dito sobre ele do ponto de vista sócio-cultural? Qual é a narrativa que podemos aventar relativamente a um recipiente decorado que ocorre num contexto físico impossível de caracterizar em termos das acções que aí ocorreram?

A caracterização de qualquer artefacto proveniente de um contexto de disposição de fragmentos heterogénea é muito difícil do ponto de vista sócio-cultural. Ou seja, a sobrevalorização de determinados artefactos numa narrativa que pretende caracterizar aspectos sociais e culturais da comunidade que os produziu deve ser realizada com muito cuidado. Esses artefactos podem estar presentes nesse contexto “destruído” porque se encontravam já desvalorizados aquando da sua inserção no estrato sedimentar. Esta hipótese deve estar presente a par de outras igualmente tidas em conta numa narrativa interpretativa.

Exemplificando, o recipiente da Estampa LIV - vol. 2 é um recipiente único no conjunto de recipientes cerâmicos decorados da ocupação da Idade do Ferro Podemos dizer que este recipiente é único nas seguintes características: *i)* composição decorativa, ou seja, na forma como os elementos decorativos se conjugam entre si; *ii)* na relação entre pasta / decoração; *iii)* na relação forma / decoração; *iv)* na técnica utilizada em determinados elementos decorativos e *v)* na comparação entre a totalidade das suas características (unicidade) e a totalidade de características de outros recipientes decorados. Contudo, apesar da singularidade deste recipiente, o seu contexto de recolha é calcolítico (Lx. 109) e encontrava-se alterado pela ocupação da Idade do Ferro sendo portanto incharacterizável.

Se atendermos unicamente à cronologia do recipiente (muito provavelmente integrado na fase III-1 do Crasto de Palheiros) e suas às valências técnicas e estéticas podemos dizer que reflecte um mundo cultural próprio e distinto das comunidades do Douro Litoral e da Meseta Norte. Este recipiente afasta-se dos recipientes estampilhados das comunidades da Idade do Ferro do Douro Litoral porque: 1) a decoração é demasiado extensa para a forma (cerca de metade da pança) – nos recipientes estampilhados da denominada “Cultura Castreja” o usual é uma extensão de 1/4 a 1/3 da pança do recipiente –; 2) a forma possui um perfil em “S” atarracado – o usual na “Cultura Castreja” são perfis em “S” mais altos; 3) a composição decorativa não possui paralelos – é comum cada composição decorativa da Idade do Ferro não se repetir – ainda que os motivos sejam comuns à Idade do Ferro regional num sentido alargado; 4) a técnica utilizada é manual, à excepção dos *chevrons* todos os elementos foram “desenhados” no recipiente – tal característica não é comum nos recipientes estampilhados onde por exemplo, os círculos concêntricos são também de facto impressos – e 5) a pasta do recipiente relaciona-o com a exploração de argilas locais e tradição pré-histórica – não sabemos se tal característica é estendível às comunidades da Idade do Ferro do Douro Litoral

Este recipiente afasta-se dos recipientes decorados da Meseta Norte pois na Meseta são valorizados outros géneros decorativos – recipientes de decoração penteada, penteada + estampilhada, incisa, plástica e pintada. Na Meseta Norte é pouco usual a presença de recipientes decorados com motivos estampilhados conjugados com motivos incisos e dispostos em banda paralela ao bordo. Deste modo é evidente uma maior relação com os recipientes decorados do Douro Litoral ainda que os modos dessa relação não sejam claros.

Se atendermos ao contexto do recipiente e suas características de degradação podemos lançar a hipótese de que este recipiente em particular não possuiu um valor social elevado. O contexto revela que este recipiente não é mais importante que um recipiente liso, o paradigma histórico-cultural é que o torna mais importante. As características do contexto e as características técnicas do recipiente revelam que este recipiente foi pouco valorizado pela sociedade que o produziu, independentemente da presença de decoração e da sua autenticidade.

Ou seja, o recipiente revela um nível técnico baixo, a saber: 1) a superfície interna do recipiente revela pouco cuidado – o polimento deu-se num momento em que o vaso estava muito mole e foi produzida uma superfície espatulada / facetada, que por vezes roça o alisado; 2) as três linhas incisivas / espatuladas revelam uma largura irregular, algo disforme e mesmo pouca

coincidência no traçado; 3) a ordem de introdução das linhas de elementos – círculos concêntricos, chevrons – não é sequencial do topo para o fundo; 4) a ordem de introdução das linhas revela a demarcação de uma área decorativa que depois é preenchida internamente e 5) os motivos sobrepõem-se desajeitadamente quer na mesma linha de motivos – espirais e círculos concêntricos – quer em linhas de motivos diferentes – espirais e ponta do pente (3ª linha de motivos a contar do topo).

O recipiente encontra-se num contexto que o desvaloriza como artefacto de luxo e que a par das características técnicas permite colocar a hipótese de que este recipiente foi produzido por alguém com pouca experiência técnica. Esta pouca experiência técnica é visível nas características técnicas acima indicadas e na própria sobreposição de motivos, pouco usual em recipientes decorados da Idade do Ferro.

Deste modo, e apenas dentro de uma perspectiva histórico-cultural muito abrangente, o recipiente pode fazer parte de uma narrativa complexa sobre a estética dos recipientes cerâmicos das comunidades da Idade do Ferro de Trás-os-Montes apenas dentro de uma perspectiva histórico-cultural. O entendimento contextual deste recipiente na vivência da comunidade do Crasto de Palheiros não permite a sua integração em narrativas mais vastas (globalizantes) sobre a estética da Idade do Ferro da região.

10.2) Se um recipiente decorado ocorre em vários contextos que têm características diferentes bem como graus de degradação diferentes, qual é o contexto que deve ser valorizado? Em suma, qual a narrativa a valorizar na explicação de um recipiente decorado que provem de vários contextos?

A narrativa que elaboramos sobre um recipiente que provem de vários contextos deve atender a todos esses contextos, à forma como estes se relacionam entre si quer no registo arqueológico / estratigráfico, quer na informação que cada um deles disponibiliza sobre as características da sua formação, vivência e morte. De certo modo, a história dos diferentes contextos é também a história desse recipiente desde o momento em que ali jaz. Não é a história do recipiente enquanto esteve em utilização (essa não a conhecemos). Todavia, a história do seu descarte pode providenciar indicações que revelam algo sobre a “vida” do recipiente quando ainda fora daquele depósito.

Um exemplo concreto de um recipiente que ocorre em vários contextos é o da Estampa LV - vol. 2. Este recipiente encontrava-se em 6 complexos diferentes (Lxs. 51, 77, 82, 97, 101 e camada 0) e em 3 quadrados diferentes (T/16, X/11 e V/17) da PIL. Nenhum dos contextos pode ser valorizado sobre os restantes porque as relações estratigráficas e topográficas entre os diversos complexos são horizontais. À excepção da camada 0 e do Lx. 101 não ocorre uma sobreposição física destes contextos. Em última análise podemos colocar a hipótese de que o Lx. 101 tem a formação mais antiga e este complexo corresponde a um nível de cascalheira. O Lx. 101 é uma camada de terra e pedras, que serve de base a um solo de ocupação que se lhe sobrepõe – Lx. 77, 82, 97. É possível que este recipiente tenha sido descartado nos momentos que antecedem a preparação do solo de ocupação e tenha integrado não só um nível não ocupacional – Lx. 101 – como o solo de ocupação – Lxs. 77 e 82.

Cremos que a presença de fragmentos deste recipiente em diversos contextos conecta esses contextos num mesmo espaço-tempo. Ou seja, entre a inclusão do recipiente no Lx. 101 e a sua desagregação por vários complexos ocorre um período de tempo relativamente curto. A cronologia genérica indicada para este recipiente é a da fase III-1, nos seus momentos iniciais. Os fragmentos integrados no Lx. 101 (A9) apresentam uma boa preservação do tamanho e da cor, características relacionadas com o próprio contexto. Os fragmentos deste contexto sofreram uma remoção mínima (que não os fragmentou excessivamente) e foram “protegidos” dos agentes erosivos atmosféricos pela sobreposição de outros solos de ocupação (daí resultou uma boa preservação da cor). Deste modo, os fragmentos deste recipiente revelam uma boa preservação geral.

Atendendo ao que dissemos atrás, este recipiente terá sido valorizado socialmente ao ponto de ser descartado numa área habitacional de ocupação continuada (na qual se manteve), mas essa valorização deve ser relativizada pois tal descarte é compartilhado com outros artefactos mais comuns. Ou seja, este recipiente apesar da sua rara/excepcional decoração não se distingue (no tipo de descarte) do de muitos outros recipientes lisos. Deste modo, o recipiente decorado não pode ser considerado um “artefacto de luxo” apenas porque apresenta uma decoração particular pois o seu descarte é em tudo semelhante ao do de um alargado conjunto de recipientes lisos. Em termos valorativos adentro do conjunto da cultura material do Crasto de Palheiros, este recipiente decorado pode ter detido o mesmo valor social que o do lado (liso e fragmentado).

Um “artefacto de luxo” não pode ser definido somente pela sua qualidade técnica mas também pelo seu contexto porque a valorização técnica de determinado artefacto é conferida pelo

arqueólogo ao objecto em si. Neste caso particular, o recipiente não difere de todos os outros em termos de contexto e as suas características técnicas são atributos que devem ser entendidos como comuns e aceites globalmente pela comunidade, sem uma sobrevalorização dos mesmos.

O passo seguinte na avaliação do recipiente prende-se com o entendimento das características da decoração. A decoração presente neste recipiente revela um padrão comum aos recipientes da Idade do Ferro da denominada “Cultura Castreja”. Ou seja, a decoração é composta por duas bandas de motivos, uma localizada na linha colo / pança e outra na linha de diâmetro máximo (a meio da pança). A composição de motivos de cada uma das bandas não é semelhante – e muito menos comum – aos recipientes do Douro Litoral, mas é similar na solução compositiva que integra forma e decoração. O contexto e as características decorativas do recipiente revelam (no que concerne a este recipiente estampilhado, e quem sabe a muitos outros) que os esquemas compositivos das comunidades do Douro Litoral da Idade do Ferro são os mesmos que são utilizados pela comunidade da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. A divergência surge nos elementos integrados em cada das bandas, que podem ser o reflexo de uma autonomia local, apesar do global “ar de família”.

Em conclusão, podemos observar que se atendêssemos unicamente à cronologia, contexto alargado e características técnicas dos dois recipientes acima descritos (ponto 10.1 e 10.2), ambos teriam o mesmo “peso” numa narrativa global sobre os recipientes decorados (estampilhados) da Idade do Ferro. Pelo contrário, o entendimento da “história” de cada um dos contextos de recolha de ambos permite coloca-los em patamares de compreensão diferentes. Cada um deles possui uma história contextual diferente que vai moldar as hipóteses interpretativas a colocar sobre a sua “posição social” dentro da comunidade que o produziu. Ou seja, as características dos recipientes ao nível da tradição estética ou decorativa não podem ser entendidas sem enquadramento contextual. A ausência desse enquadramento gera narrativas em que a recipientes formal e/ou decorativamente semelhantes é atribuído o mesmo valor. O enquadramento contextual de cada um dos recipientes permite que os seus atributos – neste caso decorativos – sejam observados de modo diferenciado. Os atributos são analisados da mesma forma, mas como não são autonomizados, geram narrativas globais diferentes.

11) Será que o entendimento das “histórias” dos diversos contextos perturba, dificulta ou mesmo anula, uma narrativa global do sítio arqueológico?

O entendimento das “histórias” dos diversos contextos tanto perturba, como dificulta ou anula uma determinada narrativa. O grau de perturbação na narrativa vai depender da pergunta e da capacidade” do contexto (ou conjunto de contextos) para responder a essa pergunta.

Tomemos como exemplo a fase III-2 do Crasto de Palheiros e as U. Habs. incendiadas. Estas U. Habs. encontram-se integradas num momento cronológico curto e correspondem a um “tempo social” também curto. Quer dizer que se tivermos vários recipientes decorados distribuídos pelas diversas U. Habs., poderemos comparar os seus atributos dentro do mesmo “valor” social temporalmente localizado. Este mesmo “valor” social é-lhes conferido pelo tipo e momento da “morte” do estrato (paragem de sedimentação). Num determinado momento cronológico – curto – todas aquelas U. Habs. conviviam e morreram de seguida. Conferir às U. Habs. um mesmo valor social pode ser questionado através da reconstituição da “história” individual de cada uma. Por exemplo as U. Habs. 3, 8 e 9 foram construídas directamente sobre estratos calcolíticos e as restantes foram reorganizadas sobre os sedimentos da anterior ocupação naquele local, quer dizer, já sobre estratos deste período cronológico-cultural. Como podemos observar, a criação e vivência que origina esses complexos é distinta e por isso o valor social relativo de cada um pode ser diferente. Contudo, o momento cronológico da morte aglutina-as e sela-as no mesmo espaço permitindo *algumas* comparações entre os seus conjuntos cerâmicos.

A comparação entre os conjuntos cerâmicos das diversas U. Habs. só pode atender a aspectos que não se alicercem na estatística. Ou seja, atributos formais, decorativas, técnicos que ocorrem de forma isolada e que são valorizados independentemente da sua presença em cada U. Hab. Os conjuntos cerâmicos nestes contextos podem ser integrados numa narrativa geral que verse sobre a morfologia dos recipientes, o tipo de decorações – sua composição, nível técnico –, a relação entre as decorações e as formas, o tipo de bordos, bases, asas. Neste caso a narrativa arqueológica *aproxima-se* de uma narrativa etnográfica devido às características particulares do registo arqueológico. Contudo, é preciso lembrar que a narrativa conseguida não é etnográfica porque os contextos, ainda que possuam um mesmo tipo de “morte” (temporal e física), sofreram todo um processo de degradação díspar. E esse processo de degradação diferenciada destrói aquilo que poderia ter mantido o registo arqueológico como semelhante ao registo etnográfico.

De uma forma resumida podemos observar as seguintes características nas U. Habs: 1) as U. Habs. 3, 8 e 9 foram construídas directamente sobre estratos calcolíticos; 2) as U. Habs. 1, 2, 4, 5, 10, 11 e 12 foram construídas sobre estratos da ocupação da Idade do Ferro; 3) as U. Habs 3, 5 e 8

sofreram uma forte degradação mecânica e ambiental que reduziu consideravelmente o seu número de fragmentos; 4) as U. Habs. 9 e 10 foram parcialmente destruídas pela construção do estradão sobre o TEN, destruição essa que conduziu a uma redução do número de fragmentos cerâmicos; 5) as U. Habs. 12 e 15 não foram escavadas na totalidade e 6) as U. Habs. 4 e 11 são as melhor preservadas sendo o número de fragmentos de cada conjunto cerâmico muito elevado, cerca de 500 na U. Hab. 4 e 1000 na U. Hab. 11. Foi realizada a análise dos resíduos de cada uma das U. Habs. onde se descreve pormenorizadamente o conjunto cerâmico. Contudo não é possível comparar determinados atributos nas diversas U. Habs. como por exemplo a quantidade de recipientes de cada U. Hab, quais os tipos formais presentes, capacidades, pastas, decorações e distribuição de todos estes atributos.

Estas U. Habs. podem ser comparadas no que diz respeito à presença ou ausência de atributos (indicação dos mesmos) e nunca à forma como esses atributos se apresentam. Por exemplo, podemos afirmar que na U. Hab. 1, 31 % dos recipientes reconstituídos possuem a forma 8b, que nas U. Habs. 2 e 3 tal tipo não ocorre e nas U. Habs. 4 e 5 este tipo corresponde a 38 % e 33 %, respectivamente.

Numa narrativa arqueológica é usual a comparação entre as diversas U. Habs. na totalidade dos seus atributos e tal é o expectável. Contudo, uma narrativa global – que se detenha em inúmeros atributos, sua percentagem e distribuição – só pode ser construída a partir de contextos com um estado de degradação semelhante. Nós sabemos que tal não é o caso das U. Habs. do Crasto de Palheiros. Podemos afirmar que a grande maioria dos contextos no Crasto de Palheiros diverge na criação, vivência e morte. Qualquer alteração nestes três principais “momentos” do contexto estreitam as possibilidades da narrativa que se irá construir, ou seja, diminui a quantidade ou qualidade os atributos dos conjuntos cerâmicos a serem utilizados. O que aqui se expõe conduz à pergunta 12.

12) Os arqueólogos usam sempre a mesma escala de análise no estudo dos diversos contextos – sítios arqueológicos – e na sua valorização sociocultural?

Alguns arqueólogos usam sempre a mesma escala de análise, independentemente do tipo de contexto ou do tipo de sítio arqueológico. Para alguns, a cultura material de um povoado caracteriza a comunidade desse povoado a nível etnográfico e a cultura material de uma necrópole caracteriza também etnograficamente a comunidade que ali enterrou os seus mortos. As narrativas globais sobre

a cultura material de um povoado ou de uma necrópole baseiam-se nos mesmos pressupostos e por isso são semelhantes.

Os contextos deposicionais de uma mesma cronologia são comparáveis em todos os seus atributos porque possuem uma criação, vivência, morte e estado de degradação semelhante. Um estrato que se constitui como uma deposição intencional permite ser comparado na totalidade com outra deposição intencional porque a sua criação, vivência e morte é semelhante. Esta semelhança entre depósitos só é questionada alterando o tipo de atributos que podem ser comparados em dois casos: *i*) quando os depósitos possuem estados de degradação diferentes e *ii*) quando os depósitos não possuem a mesma vivência – por exemplo o mesmo tempo de formação.

Em estudos de necrópoles da Idade do Ferro – por exemplo Las Ruedas em Valladolid (Sanz Mínguez: 1998) e Carratiermes em Soria (Argente, Díaz & Bescós: 2000) – as sepulturas “íntactas” não são comparadas com as sepulturas “violadas”. Às sepulturas destruídas – independentemente do tipo de destruição – é atribuído um valor muito inferior ao de uma sepultura completa. Este valor inferior também provém de uma omnipresença de sepulturas íntactas que permitem uma óptima caracterização da cultura material e dos comportamentos sociais a elas associadas.

A “vida” do depósito em si, o seu modo de formação, pode perturbar a possibilidade de uma comparação total com outro depósito do mesmo tipo, ou seja, o tempo real de deposição altera o conjunto depositado. Desse modo, um depósito que tenha sido realizado num dia não pode ser comparado com um depósito que juntou deposições ao longo de 30 anos, independentemente dos dois serem intencionais, terem sido condenados / selados no final e de possuírem uma cronologia global semelhante.

Num povoado a maioria dos contextos divergem na criação, vivência, morte e estado de degradação e alguns divergem também na cronologia.

As premissas utilizadas nas narrativas globais sobre a cultura material de uma necrópole não servem para a narrativa global de um povoado. O povoado possui um registo que o distingue totalmente do de uma necrópole e que revela a cultura material de um modo totalmente diferente desta. O registo arqueológico num povoado relembra ao arqueólogo a problemática do tempo, o tempo em que o povoado foi habitado – plasmado nos estratos – e o tempo decorrido entre o abandono do povoado e a escavação –, novamente plasmado nos estratos. Os contextos num povoado

são um palimpsesto de temporalidades ou, de uma forma simplista são um “*ruído de*”. Em muitos contextos sobrepõem-se à temporalidade da “habitação” ou vida da comunidade no Passado, o tempo decorrido entre o abandono do sítios e a escavação na actualidade.

Nas deposições que se mantêm intactas as sensações que o arqueólogo experiencia na escavação são as mesmas que o Carter teve quando abriu a porta do túmulo do Tutankamon – o tempo decorrido é igual a zero. No entanto, no Crasto de Palheiros tais sensações não ocorrem no momento de escavação e o tempo decorrido nos contextos não é zero.

13) Dentro de que parâmetros será possível a colocação de uma narrativa final sobre a cultura material das comunidades da Idade do Ferro que habitaram o Crasto de Palheiros?

Os parâmetros utilizados para a criação de narrativas finais sobre determinada cultura material, devem ser os contextos e toda a informação a eles agregada. Os contextos e as histórias a eles relacionadas sejam estas histórias de “formação” ou explicações de cariz sócio cultural sobre o seu “conteúdo”, constituem-se aqui como uma narrativa final que pretende ser um conjunto coerente de ideias sobre determinados atributos da cultura material das comunidades da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

Deste modo, uma narrativa final que se baseie num estudo detalhado de contextos e seus conjuntos cerâmicos não se constitui como uma narrativa comum, ou seja, como uma sequência de eventos. Por exemplo, as hipóteses interpretativas lançadas sobre determinado tipo de decoração presente nos recipientes cerâmicos exigem a contextualização de cada recipiente decorado relativamente ao contexto ou contextos onde se integra. Ora, tal tipo de contextualização exige um trabalho de conceptualização muito complexo pois cada objecto (por exemplo, recipiente decorado) vai ter uma história e importância autónoma independente da cronologia. De seguida todas as histórias dos recipientes decorados são comparadas e compreendidas juntas (de modo a compreender as semelhanças e diferenças entre os diversos atributos) e no final desse entendimento é necessário que surjam conceitos que aglutinem todos os comportamentos, plasmados em atributos, de forma a torná-los inteligíveis. A história “final” que é um conjunto de conceitos, de ideias e de comportamentos.

De um modo assertivo, espera-se que um arqueólogo descreva o conjunto cerâmico de determinada fase pois espera-se que determinada fase balizada num período cronológico concreto

revele o conjunto cerâmico desse período cronológico distinto. Contudo, o que resta num povoado em determinada fase são resíduos de comportamentos e não um conjunto cerâmico balizado num período histórico. A descrição das características do conjunto cerâmico deve servir unicamente a procura de comportamentos pois o conjunto cerâmico está truncado desde o início e não se constituirá nunca como etnográfico.

No caso do Crasto de Palheiros, uma história final (ou outras histórias) deverá ser escrita de uma modo mais completo e perceptível. Assumimos esta como um esboço ainda pouco robusto pois procurámos fazer sobressair a complexidade das leituras possíveis se baseadas em escalas e em ângulos de análise diferenciados. No subcapítulo seguinte exploraremos de forma simples algumas ideias mais, mas a maioria ficará por dizer. As vicissitudes, obstáculos e temporalidade da nossa investigação assim o ditaram. Sabemos que o que aqui fica, repetimos, são esboços preliminares.

8.2. “Histórias” das ocupações da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros

8.2.0. Introdução

A descrição das fases ocupacionais e das características dos seus conjuntos cerâmicos é um dos principais objectivos do estudo arqueológico, senão mesmo o principal objectivo. É através desta descrição comparativa entre fases que se pretende caracterizar parte da cultura material das comunidades de um determinado período com o objectivo de poder compara-las com outras.

Este objectivo foi extensamente perseguido ainda que nem sempre tal transpareça no nosso trabalho. O registo minucioso da estratigrafia do sítio e o estudo pormenorizado de cada conjunto cerâmico isolado – ou seja cada complexo é representado por um determinado conjunto cerâmico que foi estudado e caracterizado isoladamente – foi entendido como uma mais-valia na caracterização dos conjuntos cerâmicos. Contudo, à medida que os estudos estatísticos se desenvolveram percebeu-se que a divisão dos conjuntos cerâmicos por complexos não é isenta de defeitos e dificuldades interpretativas na caracterização da vida das comunidades.

Não questionamos a validade do método aplicado, acreditamos que o registo por unidades estratigráficas finas e os estudos dos conjuntos cerâmicos com elas intrinsecamente relacionados, deve ser uma das principais vias utilizadas na compreensão de um sítio arqueológico. Porém, e tal como já referimos, o estudo dos conjuntos cerâmicos por complexo revela apenas a natureza desse

mesmo complexo (unidade estratigráfica) e essa natureza não permite uma caracterização fina de curto período. Tal como refere Gavin Lucas: “no matter how refined our methodology, no matter how much we try to dissect the archaeological record into constitutive elements, it will always remain a palimpsest of residues of such events” (Lucas: 2008, 61).

Quer dizer que grande parte do registo arqueológico no Crasto de Palheiros corresponde a complexos que integram períodos longos de tempo congregando resíduos de inúmeros eventos de curta duração. Esses complexos são amálgamas, não correspondem a actos discretos, mas sim ao resíduo de muitas acções e sobretudo àquilo que delas sobrevive arqueologicamente.

Desse modo, as linhas caracterizadoras de determinada comunidade através do registo arqueológico dos seus restos vão depender essencialmente daquilo que elegemos na descrição e compreensão.

Sabemos que a caracterização de uma fase ocupacional através de um só conjunto cerâmico que integra vários complexos numa mesma estatística é fundamentalmente redutora. Os resultados tendem a matizar as particularidades de cada conjunto cerâmico isolado e a fazer sobressair as características estatisticamente dominantes dos conjuntos cerâmicos que ali têm mais representatividade quantitativa (com maior número de fragmentos). Esta característica foi debatida na análise dos conjuntos cerâmicos da PIL e TEL, presentes no vol. 2, onde pudemos observar como uma estatística geral tende a ser diferente da estatística realizada através de um estudo mais pormenorizado e que tenha em conta os conjuntos cerâmicos de cada contexto. Nessas avaliações, presentes no vol. 2, *concluímos que a estatística geral, ou seja o estudo de um conjunto cerâmico que é constituído pela soma de vários outros conjuntos menores (de uma mesma fase), é inútil na caracterização dos espaços ocupados de um sítio, pois estes reflectem-se melhor em estratos ou unidades estratigráficas*. Servirá outras interpretações, mas não o da caracterização vivencial dos espaços.

Na realidade, o espaço ocupado pelos seres humanos num sítio arqueológico só pode ser caracterizado através do entendimento da “identidade” do complexo / contexto, da qual faz parte o conjunto cerâmico. Uma avaliação unitária dos conjuntos cerâmicos de pouco ou nada serve na caracterização dos espaços vividos – unidades habitacionais, depósitos de ocupação, zonas habitacionais, etc. Este tipo de avaliação também não permite a percepção evolutiva da “arquitectura” do espaço, de como, cada espaço ou zona habitacional foi utilizado, como se formou, evoluiu, se degradou e foi destruído. Todas estas questões de pormenor não podem ser respondidas se os conjuntos cerâmicos não forem estudados na sua individualidade, ou seja por complexo e na relação interna entre complexos.

No caso do Crasto de Palheiros o registo por unidades estratigráficas naturais, finas(complexos) plasma uma vivência em traços largos e difusos. Materializa de certo modo acções no tempo, acções que se materializam num espaço e que vão sofrer as consequências dessa materialização no tempo (através da posterior degradação pós-deposicional). O registo estratigráfico muito fino e o estudo dos conjuntos cerâmicos que aquele integra analisa o modo como o conjunto cerâmico *i)* ocorre naquele espaço em determinados períodos de tempo (desde a formação do complexo até ao seu abandono ou sobreposição de outro), *ii)* se transforma formalmente naquele espaço durante determinado período de tempo (desde o abandono do povoado até à actualidade) e *iii)* a forma como aquele espaço foi alterado intencionalmente, ou se foi alterando por fenómenos naturais, ao longo do tempo. Esta questão é tratada e descrita por Gavin Lucas que a questiona através de um determinado significado para o termo “evento” e para o termo de “reversibilidade na cultura material”. Ou seja, o que é plasmado no registo arqueológico são eventos de longa duração e de baixa reversibilidade. De um modo simples, a arqueologia regista as práticas recorrentes, repetidas e que dificilmente são modificadas. Na realidade, quando tal modificação ocorre, isto significa que a comunidade gastou uma “energia” suplementar para mudar algo que com dificuldade foi alterado (evento de baixa reversibilidade) (Lucas: 2008, 63).

Esmiuçar esta questão é importante porque quanto mais pormenorizado for o registo arqueológico mais fácil será discernir que eventos de baixa reversibilidade ocorreram naquela comunidade. Como esses eventos são aqueles que marcam a identidade de determinada comunidade (recorrências, permanências), a sua caracterização é de suma importância na percepção da especificidade dessa mesma comunidade. Por outras palavras, um registo arqueológico por UEs permite uma descrição de processos e estruturas.

Contudo, a visualização das características gerais dos conjuntos cerâmicos e das comunidades através de um estudo pormenorizado de UEs é, na prática, bastante difícil. Este método tende a espalhar a informação tornando a sua leitura extremamente penosa. Desse modo é usual os arqueólogos agregarem a informação em grandes camadas ou fases devido à facilidade analítica. Gavin Lucas refere outra razão principal na agregação da informação que é a da variação profunda de informação contida em cada contexto (o que dificulta a sua comparação): *“Even when we have high-resolution palimpsests, we still frequently aggregate them ourselves into larger temporal blocks or phases in order to make them comparable – simply because the resolution of palimpsests can vary so much”* (Lucas: 2008, 62).

A nossa experiência diz-nos que o estudo de conjuntos cerâmicos divididos por inúmeros complexos possui vários problemas: *1)* tal como refere Gavin Lucas, a resolução de cada complexo

varia muito; 2) cada conjunto cerâmico difere de todos os outros – são raros os conjuntos cerâmicos semelhantes em todos os factores de avaliação analisados; 3) a comparação das diferenças e semelhanças entre os diversos conjuntos cerâmicos / complexos é muito difícil pois não possuímos uma “base” estável, uniforme de comparação e 4) a comparação de mais de 6 conjuntos cerâmicos de uma vez é difícil pois exige maior tempo, esforço e uma logística muito complexa.

Concluindo, *a análise individualizada dos diversos conjuntos cerâmicos dos diversos complexos conduz a uma narrativa final completamente diferente daquela produzida por um método mais aglutinador*. Tal pode conduzir ao questionamento desse método mais agregador no que diz respeito à sua validade quanto descritor de uma cultura material.

É de notar que a definição de cultura material, e mesmo de cultura, influenciará a visão do que é que tem que ser caracterizado de determinada comunidade. Se a definição de cultura material buscar mais do que a representação da forma materializada de estruturas mentais pré-existentes, identidades ou normas (Thomas, 2006/2007, 22) tornar-se-á necessário, a utilização de um método mais pormenorizado e menos agregador dos conjuntos em análise. Se o estudo da cultura material procurar entender as tradições relacionadas com as práticas (e com a compreensão dessas mesmas práticas), bem como a forma como as comunidades transformam o mundo no seu mundo (como o humanizam, como o tornam o seu lar – Thomas, 2006/2007, 22), então será necessária a compreensão do sítio arqueológico como um todo, na sua transformação ao longo do tempo, ainda que tal caracterização seja sempre deficitária. Necessita assim, em simultâneo, de análises de escala próxima, baixa (para atingir narrativas das práticas) e de escala mais alargada, com que se procurarão entender, num sítio arqueológico, as estruturas (mentais e materiais), as recorrências, permanências de práticas e comportamentos de longo prazo. As deficiências de caracterização global dever-se-ão, como se sabe, a factos de variada natureza.

Deste modo, a descrição final que incide sobre as ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro é uma espécie de história de longa duração onde o evento em si (a “prática”) não é narrado mas onde se tenta explicar o “porquê” ou o “como” da sua ocorrência. É como quando contamos a história do lobo mau, propomos que ele comeu a avozinha porque tinha fome ou era mau, mas não sabemos se ele era pequeno ou grande, preto ou branco.

8.2.1. Percurso temporal e cultural

8.2.1.1. A leitura interpretativa da Idade do Bronze

A ocupação do Crasto de Palheiros sobre a qual nos detivemos começa por volta do séc. X/IX AC e prolonga-se até ao séc. II DC. O faseamento foi descrito em pormenor no capítulo 5 e não será repetido aqui.

A ocupação compreendida entre 900/800-500 AC (fase II) constitui a primeira fase de ocupação tendo sido denominada de Bronze Final. Tal denominação pode causar certa estranheza a alguns autores que colocam o fim do Bronze Final por volta de 800 AC. Por exemplo, grande parte das cronologias apontadas para a região da Meseta Norte e Central seguem um esquema onde o Bronze Final termina por volta de 800 AC e a Idade do Ferro Inicial ocupa um período que vai de 800 e 600/550 AC. Contudo, o nosso faseamento e sua denominação é sobretudo uma hipótese interpretativa dos dados obtidos até hoje e segue o faseamento proposto pela Directora de Investigação do “Crasto de Palheiros”, Professora Maria de Jesus Sanches, descrito em pormenor na monografia do sítio (Sanches: 2008).

A ocupação ocorrida entre 900/800-500 AC caracteriza-se pelo seu carácter espacialmente descontínuo; é disperso e de difícil caracterização. Os espaços ocupados (Est. IV, fig. 1 – vol. 1) na Plataforma Inferior Leste, Plataforma Exterior Norte e Plataforma Inferior Norte são marcados por ocupações de curta duração onde são visíveis abandonos momentâneos e totais que deixaram marcas claras nos fragmentos cerâmicos.

Na Plataforma Inferior Leste, alguns depósitos de ocupação relacionados entre si (Lxs. 24, 25 e 28) e integrados numa mesma associação de complexos (A23), bem como níveis de cascalheira (Lxs. 100, 102 e 104) também agrupados numa mesma associação de complexos (A7), revelam um abandono daqueles espaços após uma utilização que cremos de curta duração (cerca de 50 a 100 anos). Esta dedução é apoiada no baixo número de fragmentos e no seu tipo de degradação (ver capítulo 6.3.1. - ponto *c* deste volume). Outros contextos desta plataforma como o Lx. 109 e a A24 revelam uma continuidade ocupacional com a Idade do Ferro (ver capítulo 6.3.1. - ponto *c* deste volume), dedução que resulta também do específico estudo de conservação dos fragmentos cerâmicos dos diversos complexos.

Em suma, na PIL e na Idade do Bronze identificam-se vários espaços ocupados, sobretudo em descontinuidade horizontal, isto é, não exploram extensivamente as possibilidades habitacionais desta.

Creemos que os poucos vestígios desta ocupação não decorrem apenas da destruição conduzida pela ocupação da Idade do Ferro que se pautou por uma apropriação total daquele espaço mas relaciona-se sobretudo com a natureza da própria ocupação na Idade do Bronze Final. Como já referimos na ocupação da Idade do Bronze Final não se ocupa extensivamente as diversas zonas habitacionais. Tal facto pode estar relacionado com uma gestão do espaço pouco assertiva porque se lhe dá pouca importância ou por outro lado esta gestão pode ser pouco assertiva porque ainda decorre, nesta altura, uma aproximação ao espaço, que se conhece, mas que ainda não são se toma como garantido. Ou seja, aquilo que caracteriza a ocupação da Idade do Ferro – que é uma apropriação total do espaço – tem origem na ocupação da Idade do Bronze. Assim na ocupação da Idade do Bronze decorreu paulatinamente uma apropriação progressiva dos espaços tanto a nível conceptual como físico, apresentando a apropriação física um clímax durante a ocupação da Idade do Ferro.

A ocupação da Idade do Bronze na área norte (PEN) caracteriza-se também, tal como na PIL, por uma fragilidade inerente aos conjuntos cerâmicos de cada contexto. Dos 7 contextos / estratos estudados, apenas 4 são considerados seguros na avaliação do seu grau de degradação, ou seja, possuem mais de 100 fragmentos (ver capítulo 6.3.2. – ponto *a* deste volume). Esta característica revela não só uma forte degradação como a própria natureza dos complexos. Estes são na substanciação de hipóteses interpretativas porque a ocupação terá sido de curta duração.

Na realidade, a ocupação da PEN (A70 e A71) terá sido muito breve e não perdurou na Idade do Ferro. Ou seja, na Idade do Bronze existiram naquela plataforma estruturas habitacionais cujos vestígios estratigráficos e cerâmicos revelam, segundo a nossa análise, um abandono total (ver capítulo 6.3.2. - ponto *e1* deste volume).

A ocupação na Plataforma Inferior Norte (Lxs. 58, 98, 99 e A56) revela tanto uma continuidade de ocupação que se prolonga pela Idade do Ferro como uma descontinuidade ou zonas de abandono. Esta área habitacional (PIN) é deveras interessante pois revela uma longa duração da ocupação da Idade do Bronze num mesmo local, comprovada pela sobreposição dos Lxs. 99 e 98. Por outro lado revela também um hiato com a ocupação da Idade do Ferro, que cremos breve. Quer dizer que o Lx. 98 – no seu conjunto cerâmico revela tanto uma continuidade de ocupação como um hiato ocupacional (ver capítulo 6.3.2. - ponto *j* deste volume). Explicando melhor, este espaço foi temporariamente abandonado o que levou a um certo tipo de degradação do conjunto cerâmico em depósito. Mas foi reocupado passado pouco tempo. Sobre o depósito construíram-se habitações da Idade do Ferro (Estampa XVIII – corte 6). A reocupação desta plataforma durante a Idade do Ferro coincide *grosso modo* e espacialmente com a ocupação da Idade do Bronze e, apesar do possível

hiato temporal, terá sido mantida uma memória do local.

Concluindo, na vivência do espaço da Plataforma Inferior Norte é visível uma diferente organização interna do mesmo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. A ocupação encetada em cerca de 500 AC pauta-se por uma modificação comportamental traduzida numa apropriação quase total da área útil do sítio, revelando ali uma comunidade de maior dimensão. Na Idade do Bronze, que a precede, a ocupação é dispersa, discreta, de curta duração, podendo existir a possibilidade de ser sazonal ou até de ter ocorrido pontualmente, sem repetição (ainda que alguns dados contrariem esta última hipótese interpretativa).

Relativamente ao conjunto cerâmico da Idade do Bronze podemos observar algumas características que o relacionam com o conjunto do calcolítico e outras que o afastam deste. A tipologia de pastas é aquela que nos dá os indicadores mais substantivos.

Na Plataforma Inferior Leste os 22 recipientes identificados (bordos e algumas bases) foram construídos em pastas I, III, VII e X (entre outras muito minoritárias), com esta ordem de preferência. Estas pastas encontram-se em continuidade com a ocupação calcolítica já que eram usadas, também naquele período, ainda que com uma ordem preferencial diferente. No Calcolítico é evidente o uso da pasta X, seguida da VII, III e I (mas sempre minoritárias relativamente ao conjunto deste período). Dependendo dos contextos desta plataforma (ver as estampas CDLXXV, CDLXXVI, CDLXXVII, CDLXXIX e CDLXXX – volume 2) é possível observar uma importância diferenciada das pastas I, III e VII em cada contexto sendo clara porém, a omnipresença da pasta X em todos eles.

Quer dizer que na Idade do Bronze a pasta X, apesar de utilizada em 3 recipientes (14 %) perde uso e possivelmente importância no conjunto cerâmico, sendo “substituída” pelas pastas I, III e VII. As pastas I e III ocorrem num maior número de recipientes comparativamente ao Calcolítico e a pasta VII revela uma marcada homogeneidade estatística durante toda a ocupação Pré e proto-Histórica do Crasto de Palheiros. Ou seja, as variações quantitativas da pasta VII no Calcolítico, na Idade do Bronze e na Idade do Ferro são muito reduzidas. Nesta plataforma leste as pastas VI e VIII foram relacionadas com intrusões da Idade do Ferro.

Na área Norte os 26 recipientes identificados (bordos e algumas bases) foram construídos em pastas I, III, VI e VII (entre outras muito minoritárias) com esta ordem de preferência. É visível uma semelhança com o conjunto cerâmico da PIL, ainda que aqui a pasta VI possua uma maior relevância. cremos que o uso das pastas VI e VIII é pouco assertivo, ou seja, são usados muito poucos recipientes destas pastas, ainda que de um modo mais ou menos contínuo. Quer dizer que, pela nossa análise, os conjuntos activos – aqueles recipientes que foram utilizados pelas comunidades – seriam constituídos por uma maioria de vasos cujas pastas estão em continuidade

com as do Calcolítico e por uma minoria de recipientes com pastas que surgem *ex novo* na Idade do Bronze e que se caracterizam pela grande quantidade de micas (entre outras características). Estas pastas novas são pouco usadas (em termos de número de recipientes construídos com elas) mas a sua presença é permanente, encontrando-se em todos os conjuntos. Refira-se que são estas pastas que tendem a ganhar um maior uso em detrimento de todas as restantes durante a Idade do Ferro.

As características dos recipientes presentes nos diversos complexos foram extensamente descritas no vol. 2 e resumidas no capítulo 7.2 deste volume. Não as repetiremos aqui. No entanto, é importante dizer algo sobre os recipientes no geral já que conclusões pormenorizadas sobre a habitabilidade e funcionalidade dos locais, indicada através dos recipientes e baseadas em estatísticas, constitui para nós uma ilusão interpretativa que não pretendemos perseguir.

Não cremos que 48 recipientes mas onde apenas 24 foram reconstituídos na totalidade, oriundos de vários contextos, permitam antever acções do quotidiano que com certeza ocorreram mas que seguramente nos escapam.

Deste modo, é importante dizer que as formas presentes na Idade do Bronze se dividiam em dois grupos formais; um grupo com forte relação com o Calcolítico, onde se integram os recipientes globulares (ver o subcapítulo 8.5.3) e outro onde surgem inovações relacionadas com as comunidades que habitaram o sítio ao longo do IIº milénio AC.

Independentemente dos tipos formais, os recipientes revelam tratamentos de superfície que conectam o conjunto cerâmico a uma tradição local de longa duração. Os recipientes polidos encontram-se presentes em todos os contextos ainda que nem sempre sejam majoritários. Tal tratamento de superfície apresenta uma continuidade técnica e formal nas comunidades pré-históricas do sítio pelo menos desde o IIIº milénio. Os recipientes polidos externamente revelam uma grande versatilidade pois apresentam diversos tratamentos na superfície interna com uma importância semelhante. O uso de um polido externo é aqui culturalmente aceite, extensamente utilizado, compreendido e manipulado em todas as suas vertentes. Quanto a nós esta característica revela um comportamento adquirido desde longa data, tido como, isto é, tendo-se assumido como seguro e tradicional. É de notar que este tratamento de superfície, repetimos, é amplamente utilizado em pastas cerâmicas em continuidade com aqueles da Pré-história local nomeadamente com a ocupação calcolítica do Crasto de Palheiros (pastas I, III e X).

Podemos observar outras tendências nos fabricos cerâmicos da Idade do Bronze, tendências essas que conjugam pastas e tratamentos de superfície. Por exemplo, na PIL, dos 7 recipientes de pasta I, quatro possuem superfícies externas e internas polidas, apenas um tem superfícies internas e externas alisadas e 2 encontram-se degradados. Os dois recipientes de pasta VI apresentam as

conjugações Ali/Ali e Rug/Pol (Est. CXXXVI, vol. 2). Apesar do reduzido número de fragmentos e de as hipóteses interpretativas serem frágeis, é de notar que estas características se manterão em muitos contextos da mesma fase e de outras, nesta e noutras zonas habitacionais.

Os recipientes de pastas VI e VIII terão maioritariamente superfícies rugosas, cepilhadas ou grafitadas, possuirão determinadas cores (vermelho-escuros ou amarelos, respectivamente). É de notar que na PIL, na fase II, dos 3 recipientes de cor externa vermelha-escura, um é de pasta VI (Est. CXLIX, vol. 2). É também importante termos a noção de que alguns destes recipientes são apenas pequenas partes de bordos ou bases (quando tal se justifica). Na mesma área e fase, 50 % da totalidade dos fragmentos de pasta VI possuem uma superfície externa vermelha-escura (Est. CXLVIII, vol. 2).

Deste modo, o conjunto cerâmico da Idade do Bronze apresenta duas tradições estéticas. Uma em continuidade com a Pré-história local, onde integramos os recipientes polidos, de formas globulares, com determinadas decorações. Estes recipientes são construídos em pastas I, III, VII e X e geralmente apresentam cores escuras (tipos P e C). A outra tradição lança uma série de novidades, traduzidas num conjunto de características novas que se conjugam entre si em determinados recipientes. Nesta integram-se os recipientes construídos com pastas VI e VIII, de superfícies rugosas, cepilhadas ou areadas e de cores predominantemente vermelhas-escuras, pretas ou amarelas. A cor negra é usada sobretudo nos recipientes de pasta VIII que oscilam entre uma cor externa amarela (20 % da totalidade dos fragmentos) e negra, equivalendo a 40 % da totalidade dos fragmentos (Est. CXLVIII). Refira-se que esta tradição não é estatisticamente maioritária; este tipo de recipientes será minoritário durante a fase II e III-1 e em determinados contextos a sua presença é quase imperceptível. Em suma, tem origem na Idade do bronze, continuidade na fase mais antiga da Idade do Ferro (III-1) e adquire um carácter consistente e peculiar à medida que a Idade do Ferro prossegue.

A característica mais importante a reter do aspecto dos recipientes na Idade do Bronze é a sua aparência com os recipientes no Calcolítico: nas pastas, nos tratamentos de superfície e nas cores. Esta continuidade é apenas quebrada pela forma dos recipientes que na Idade do Bronze apresentam aparentemente uma maioria de perfis em “S”. A reconstituição dos recipientes, que equivale a 50 % da amostra recolhida revela 90 % de recipientes de perfil em “S” onde se destacam as formas *6a*, *8a*, *8b* e *7a* – formas estas omnipresentes na ocupação da Idade do Ferro.

Deve realçar-se ainda que os contextos da Idade do Bronze apresentam um grande número de bordos tidos como de recipientes calcolíticos e que estes poderiam influenciar a leitura estatística relativa à distribuição dos diversos tipos formais no conjunto cerâmico. Ou seja, os bordos

calcolíticos não são contabilizados para a análise formal do conjunto e o conjunto relativo à fase II revela uma esmagadora maioria de perfis em “S”. É possível que a integração desses bordos calcolíticos (como recipientes inteiros da Idade do Bronze e não como bordos calcolíticos) modificasse a imagem formal do conjunto cerâmico relativo à fase II – subindo o número de recipientes globulares. A discussão da integração de fragmentos calcolíticos em contextos não calcolíticos é realizada em mais pormenor no subcapítulo 8.3.

A capacidade dos recipientes reconstituídos indica uma ocupação de carácter doméstico com uma evidente importância dos recipientes de 2 a 5 l (37 %), seguidos daqueles de 0,3 a 1 l (28 %) e, por último, daqueles de 1 a 2 l (20 %). Os muito pequenos com uma capacidade até 0,3 l e os grandes, de 10 a 20 l, são claramente minoritários existindo apenas um exemplar para cada (equivalendo a 4 % do conjunto). Assim, é evidente o consumo de alimentos mas o armazenamento dos mesmos é muito reduzido sendo o mais baixo de toda esta última ocupação do Crasto de Palheiros.

O conjunto cerâmico da fase II – Plataforma Inferior Leste (PIL) e área norte – permite dizer muito pouco sobre a importância dos recipientes decorados. Nesta ocupação ocorrem recipientes decorados mas não podemos afirmar a que parte do conjunto eles correspondem. Partido do pressuposto de que um fragmento decorado corresponde a um recipiente, podemos colocar a hipótese de que na PIL, 5 % dos recipientes poderiam ser decorados e de que na área norte seriam 27 %. Ocorre uma discrepância relativamente evidente entre as duas zonas ocupacionais mas cremos que tal pode não ser significativo.

As decorações que ocorrem agregadas a estratos da fase II do Crasto de Palheiros enquadram-se nas organizações decorativas *II*, *III3*, *VIIa*, *VI2*, *IX1*, *IX2b*, *XI2* e *XI3*. São decorações muito simples, incidem em motivos incisos em espiga – *VI* – ou rectilíneos – *I* e *IX* –, bandas de cepilhado – *III* – ou decorações plásticas – *XI*. Estas decorações não possuem nenhuma característica que as torne autónomas relativamente às decorações que surgirão na Idade do Ferro. Desse modo indicam uma continuidade decorativa com as do período seguinte.

A organização decorativa *I* mantém-se na Idade do Ferro inalterada sendo também a mais simples. As organizações decorativas *III* e *VI* surgem na Idade do Ferro com motivos ligeiramente modificados ainda que com o mesmo ar de família. A organização decorativa *IX* mantém-se na Idade do Ferro totalmente inalterada; ali podemos observar os mesmos motivos, as mesmas composições e a mesma localização das decorações (no colo). A organização decorativa *XI* surge na Idade do Ferro com alterações nos motivos ou mantendo os mesmos motivos mas aplicados a outro tipo de materiais. A organização decorativa *XI2* é uma fila de mamilos piramidais que surgem também em

artefactos metálicos da Idade do Ferro.

Creemos que a organização decorativa XI2 pode indicar a presença de ou o convívio com objectos metálicos com este tipo de rebites já desde a Idade do Bronze. A transformação do rebite metálico num motivo decorativo de um recipiente cerâmico pode estar relacionada com a própria funcionalidade do rebite no objecto metálico. É possível que estes rebites surjam em caldeiros metálicos, tal como ocorre na Idade do Ferro, e que a sua transferência para um recipiente cerâmico se deva uma transferência de “funções” do recipiente metálico para o cerâmico. Aventa-se assim a hipótese de poderem ter existido “caldeiros” em cerâmica na Idade do bronze com semelhanças formais àquelas que noutras regiões aparecem em metal.

Ocorrem outras decorações que devem estar relacionadas com a ocupação da Idade do Bronze. Contudo, a sua integração contextual liga-as à primeira ocupação da Idade do Ferro. Estas decorações deixam antever a presença de penteados, que não é incomum na Meseta Norte neste período (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002). Podemos também observar a presença de um recipiente de tipo “Cogotas” no Crasto de Palheiros que contextualmente é de uma cronologia bastante tardia. E a presença de vários recipientes com decorações incisas, mais ou menos profundas, espatuladas e de diversos motivos. Deste modo é evidente que o universo decorativo deste período cronológico-cultural não se encontra bem caracterizado através da ocupação do Crasto de Palheiros pois a amostra representativa é francamente pequena.

Em resumo, o carácter vestígio da ocupação da Idade do Bronze, juntamente com as características que se conseguem perceber através do conjunto cerâmico, permite colocar a hipótese interpretativa de que esta comunidade vive numa rede habitacional da qual o Crasto de Palheiros faz parte mas no qual não é um vértice “funcional” (em termos económicos e de sobrevivência prática da comunidade). Aqui o Crasto de Palheiros constituiu-se como “mais um” numa rede complexa de povoamento.

Curiosamente os estudos paleobotânicos levados a cabo por Isabel Figueiral revelam que os terrenos circundantes e próximos ao Crasto de Palheiros foram utilizados de forma contínua durante o IIº milénio (Figueiral: 2008, 99) não tendo sido abandonados entre o IIIº e os meados do Iº milénio AC. Assim, ainda que transpareça um hiato ocupacional no IIº milénio no Crasto de Palheiros, todo o território circundante do sítio ter-se-ia mantido habitado ou em uso por comunidades locais.

As características da ocupação do Bronze Final no Crasto de Palheiros revelam uma complexa rede de povoamento onde deve ter existido uma certa complementaridade a nível local e regional entre as comunidades e onde o seu carácter itinerante estava de certo modo muito presente.

Queremos dizer que para além da complementaridade entre comunidades locais existia uma certa mobilidade que se percebe em povoados onde os vestígios da ocupação são dispersos e discretos. Estas características não dizem respeito somente ao Crasto de Palheiros. Existem em povoados da Idade do Bronze de outras regiões nomeadamente da “Cultura Cogotas”: Na “Cultura de Cogotas” o povoamento caracteriza-se pela sua precariedade, os povoados não estavam destinados a durar muito tempo (Abarquero Moras: 2005, 43) independentemente do conjunto cerâmico revelar ali uma pujança ímpar.

8.2.1.2. A leitura interpretativa da Idade do Ferro

No Crasto de Palheiros esta situação de ocupações pontuais ou sazonais muda com o começo da ocupação na Idade do Ferro, cerca de 500 AC. A ocupação da Idade do Ferro representa uma apropriação total do sítio em termos espaciais e, quiçá, também em termos cognitivos. Na verdade não cremos que possamos distinguir a apropriação espacial da apropriação conceptual, das narrativas que se formaram, das histórias que se contaram, dos significados que se perpetuaram na e através da apropriação espacial. Cremos que a materialidade não é feita de propriedades mas de histórias (Ingold: 2007, 15) e por isso buscamos nas materialidades as histórias que com aquelas fazem corpo unitário, ainda que saibamos o quão difícil é de chegar a elas.

A ocupação da Idade do Ferro iniciada em cerca de 500 AC e que termina por volta do séc. II DC foi dividida em 3 fases, relativas à organização do espaço através de arquitecturas, sobretudo duráveis. Mas não representam mais do que momentos específicos numa ocupação contínua do local. Tentaremos aqui narrar a ocupação de uma forma continuada já que o faseamento foi descrito em pormenor no capítulo 5 deste volume.

A ocupação da Idade do Ferro na PIL perpetua a ocupação da Idade do Bronze e em alguns locais desta plataforma os vestígios de ambas sobrepõem-se estratigraficamente. Não há aqui uma ruptura, nem tão pouco diferenças substanciais no tipo de vestígios encontrados. A ocupação da Idade do Ferro compreendida entre 500-300/200 AC encontra-se melhor caracterizada que a ocupação da Idade do Bronze mas integra-se ainda numa fase de implantação no povoado que entendemos como inicial. Ou seja, os dados recolhidos sobre o conjunto cerâmico revelam que o povoado só apresenta uma verdadeira pujança material a partir do séc. III AC. Cremos que este vigor nas materialidades, notado a partir deste marco cronológico, é um reflexo da pujança da totalidade da vivência da comunidade no local, mas também reflectirá um fenómeno regional como explicaremos

a seguir.

8.2.1.2.1. A leitura dos contextos da fase III-1

A ocupação na área leste, que cremos que durante a Idade do Bronze se restringiu à PIL, estende-se, por volta de 500 AC, ao Talude Externo Leste onde é criada uma nova área habitacional através da criação de uma plataforma no interior do talude prévio / calcolítico. A ocupação da área leste é um contínuo mas em expansão espacial. As habitações sucedem-se no espaço integrando a zona plana da PIL, a zona de encosta declivosa do TEL (talude prévio), sobretudo da sua parte superior (quadrados A', B' e C') e, por último, alargando-se para uma zona aplanada do TEL, plataforma que é ali construída de raiz na Idade do Ferro.

Deste modo, a ocupação da zona leste do Crasto na Idade do Ferro, no período compreendido entre 500-300/200 AC, manifesta-se como aberta, não sendo limitada por nenhum tipo de dispositivo limítrofe, como muros ou muralhas sejam estes pétreos ou realizados em materiais perecíveis e tem como fronteiras ou quebras sociais somente aquelas decorrentes da topografia do local.

A fundação da nova área habitacional na plataforma do talude leste (PEL) é um acontecimento importante na vida desta comunidade pois é formalmente marcado por actos deposicionais de 3 recipientes cerâmicos (diferentes entre si). Foram ali depositados dois recipientes cerâmicos – 475 e 476 (Est. X do vol. 2) – no interior de uma área de combustão e um recipiente – 474 (Est. IX do vol. 2) – no interior de uma zona com cascalho, um possível piso empedrado (ver descrição no capítulo 5.2.3.1.2. deste volume). A deposição destes 3 recipientes revela de forma eficaz o conjunto das propriedades gerais do conjunto cerâmico deste sítio, isto é, mostra a forma como se junta o “novo” e o “velho” (em termos de tradição), a forma de como ambas as tradições mantêm um papel identitário activo na comunidade.

O recp. n.º 476 foi realizado em pasta I, possui superfícies externas e internas polidas, uma capacidade de cerca de 500 ml e uma cor cinzenta-clara; o recp. n.º 475 foi realizado em pasta VI, possui superfícies externas rugosas e internas polidas, uma capacidade de cerca de 2 l e uma cor negra; por fim, o recp. n.º 474 foi realizado em pasta X, possui superfícies externas polidas e internas alisadas, uma capacidade de cerca de 4 l e uma cor vermelha-escura. Dos três recipientes apenas um é decorado, o recp. n.º 474, sendo simultaneamente demonstrativo da quantidade de recipientes decorados desta fase ocupacional (fase III-1), onde cerca de um terço dos recipientes podem ser decorados (ver capítulo 7.3.1. deste volume).

A ligação com o Passado, com uma tradição de raiz Pré-histórica é revelada pela escolha dos recipientes 476 e 474, construídos com pastas I e X, respectivamente. Passamos a explicar. A pasta X é uma verdadeira raridade. Apesar de comum na ocupação calcolítica, possui na fase III-1 apenas uma visibilidade de 7 % nos recipientes do TEL, 4 % nos recipientes da área norte e encontra-se ausente nos recipientes da PIL. A pasta I é muito mais comum e faz parte das 4 pastas principais usadas nos recipientes durante esta fase (III-1), embora nunca com peso maioritário e muito menos com distribuição quantitativa similar pelas áreas do povoado. Na plataforma do TEL e na área norte cerca de 30 % dos recipientes são construídos com esta pasta, mas na PIL apenas 15 % dos recipientes são construídos com ela. Mas é importante notar que durante a ocupação da Idade do Bronze é a pasta I que se constituiu como maioritária na construção dos recipientes (com cerca de 32 % na PIL e 42 % na área norte). Pelo contrário, na Idade do Ferro esta pasta vai perdendo parte da sua relevância e na PIL é a última das 4 pastas maioritárias utilizados nos recipientes.

Assim parece-nos evidente a escolha de recipientes com pastas que estão a entrar em desuso e que verificamos que progressivamente vão perdendo visibilidade até desaparecerem completamente, como acontece com a pasta X. Servem estas observações para alertar para o facto de que existem neste sítio contextos de significado e uso diferenciado: o de uma utilização quotidiana, rotineira, que se espelhará na sequência estratigráfica, e o de uma utilização particular, pontual, que se pode antever na deposição intencional que dá início à ocupação habitacional da plataforma do Talude Leste.

Tal como já foi referido a sequência estratigráfica de um povoado e o entendimento de cada uma dessas unidades estratigráficas revelará um conjunto de comportamentos recorrentes. Uma deposição intencional revela uma acção discreta, um evento não rotineiro. Desse modo, é compreensível que o conjunto cerâmico da deposição intencional seja formalmente e tecnicamente diferente do conjunto cerâmico revelado no restante conjunto de complexos.

Assim, repetimos, este acto fundacional de uma nova área habitacional apresenta recipientes com 3 pastas diferentes entre si sendo que nenhuma delas é a pasta maioritária das restantes zonas habitacionais durante a fase III-1 se vistos como um conjunto uno. Dado que a pasta III vai ser dominante nesta fase de ocupação, esperar-se-ia que estivesse representada na deposição intencional, mas tal não acontece.

Aquela que vai estar representada é a pasta VI (recipiente n.º 475), pasta que representará a ligação com o “novo”. Esta pasta é a ligação com o “Novo”, com o presente, com a vivência da comunidade naquele momento histórico. Esta pasta ganha paulatinamente durante a Idade do Ferro uma certa visibilidade, ou seja o número de recipientes construídos nesta pasta vai aumentando

progressivamente, ainda que numas zonas mais do que noutras e com avanços e recuos. Durante a fase III-1, 9 % dos recipientes no TEL são construídos em pasta VI, na área norte são 5 % e na PIL são 17 %. Apesar da discrepância visível nas diversas zonas é possível observar o seu carácter minoritário ainda que saibamos inovador.

As formas destes 3 recipientes são paradigmáticas e também elas se relacionam com o *Passado* mas sobretudo com o *Presente* da comunidade. O recp. n.º 476 constitui a ligação com a tradição Pré-histórica e com a omnipresença de recipientes de fundo globular durante toda a ocupação da Idade do Ferro. De facto os fundos globulares nunca deixam de ser utilizados, constituindo cerca de metade dos recipientes durante toda a ocupação da Idade do Ferro, mesmo daqueles que possuem um perfil em “S”. Na verdade, no Crasto de Palheiros, o perfil em “S” não “exige” a presença de um fundo plano.

O perfil esférico do recp. n.º 476, o seu bordo simples, ligeiramente esvasado, o seu colo curto, quase imperceptível, lembra alguns recipientes da Idade do Bronze, como o recp. n.º 553 (Est. IX – forma 5a, vol. 2) que é também ele uma “memória” de recipientes calcolíticos. Nessa quase imperceptível transformação formal, cria-se um tipo novo de recipiente que, na sua materialidade, agita uma memória, uma lembrança das tradições e formas de construir há muito utilizadas. É de notar que a forma *6b* (aquela revelada pelo recp. n.º 476) é uma das quatro maioritárias durante toda a ocupação da Idade do Ferro ainda que só corresponda a 7 % dos recipientes reconstituídos durante a fase III-1.

Parece-nos que a escolha deste recipiente relacionado com uma tradição Pré-histórica local revela bem o desenvolvimento autónomo destas comunidades face àquelas do Douro Litoral e da Meseta Norte. Neste acto fundacional poderia ter sido utilizado um recipiente globular (que na sua forma é muito mais semelhante aos recipientes calcolíticos) bastante comum na Meseta Espanhola. Na verdade, os recipientes globulares de decoração penteada são um ícone da Idade do Ferro da Meseta (com a qual o Crasto de Palheiros possui inúmeras ligações), são facilmente identificáveis e usados em contextos domésticos, como o povoado de Olivares de Duero – Valladolid (Seco Villar: 1993, fig. 6 – A-718; fig. 11 – D-549) ou em necrópoles, como Las Ruedas – Valladolid (Sanz Mínguez: 1998, 139-140).

O recp. n.º 474 foi relacionado na sua singularidade com a conceptualização e manufactura dos recipientes durante a ocupação da Idade do Bronze. Possui uma forma pouco comum nos recipientes da Idade do Ferro, ou seja, um bordo inexistente, um colo recto decorado, asas em fita (comuns em muitos contextos da Idade do Bronze da sub-região do Cávado e do Douro Litoral), uma pança ovalada marcada por um alteamento que é uma reminiscência dos “ombros” presentes em

recipientes de tipo *B18* (Est. IX, vol. 2). É assim um exemplar único no Crasto de Palheiros. Se por um lado se mantém isolado na sua originalidade, por outro relaciona-se com o grupo alargado de recipientes de perfil em “S”. Quer dizer, por um lado ele é único, diferente de todos pela articulação original entre as suas partes componentes; mas por outro denuncia um grupo alargado de recipientes que trabalham vários elementos do corpo do recipiente – bordo, colo, pança e fundo – de forma distinta.

Compreender a unicidade de um determinado recipiente de perfil em “S” é importante na percepção desse mesmo recipiente. O que o torna único não é o facto de ser um recipiente de perfil em “S” mas sim a forma como se conjugam entre si os vários elementos que o constituem. No caso particular do recp. n.º 474 a forma como se articulam os vários componentes transporta-o para a ocupação da Idade do Bronze. Não sabemos dizer se este recipiente foi feito durante a ocupação da Idade do Bronze ou se já na Idade do Ferro, em ambas as hipóteses, utilizando uma matrix conceptual relacionada com o Passado. Cremos na possibilidade deste recipiente ter sido de facto construído na Idade do Bronze deste sítio (talvez na ocupação da PIL) ou de outro daquela região e mais tarde ter sido integrado neste acto fundacional de uma zona habitacional contígua à PIL.

O recp. n.º 475 possui um perfil em “S” marcado, integra o grupo de formas 7 e representa o tipo 7a. Este grupo de formas é minoritário em todas as fases ocupacionais da Idade do Ferro e também da Idade do Bronze sendo que possui uma representação de cerca de 8 % nos recipientes reconstituídos em todas as fases ocupacionais. São recipientes geralmente grandes, com capacidades entre os 2 e os 20 l. Nesta fase ocupacional estão presentes 5 recipientes deste grupo, um com uma capacidade de 10 a 20 l, dois com uma capacidade de 5 a 10 l e dois com uma capacidade de 2 a 5 l, categoria na qual se integra o recp. n.º 475.

Este recipiente representa um perfil em “S” pouco comum mas muito facilmente identificável devido às suas diversas características. É interessante notar que dos 75 recipientes reconstituídos na fase III-1 (cerca de 40 % de reconstituição) a maioria são de formas *8a*, *8b* e *6a*. Mais uma vez podemos observar como o significado de um contexto pode modificar a ocorrência dos diversos artefactos.

Tomando como amostra este contexto e comparando-o com os conjuntos cerâmicos das várias zonas habitacionais durante esta fase de ocupação, podemos observar algumas características interessantes. Dois dos três recipientes são polidos externamente e um é rugoso. Esta relação não ocorre em nenhuma zona habitacional, nem mesmo no TEL (onde foram depositados). No TEL e na área norte cerca de metade dos recipientes (indicados pela análise realizada aos bordos, bases e totalidade dos fragmentos) possuem superfícies externas polidas; 13 a 22 % tem superfícies rugosas.

Neste pequeno conjunto não estão representados os recipientes de superfícies externas alisadas, que na totalidade da fase III-1, possuem uma visibilidade representada por 30 a 40 % dos recipientes. De facto, a maioria dos recipientes são polidos, algo que o acto fundacional revela também, mas a presença de recipientes rugosos no povoado é muito mais invisível do que pode transparecer através do acto fundacional. Os recipientes rugosos são uma minoria que na PIL integram apenas 7 % do total.

É possível perceber através do acto fundacional e suas características que a população integrada na PEL possui uma relação intrínseca com as populações da PIL e área norte estando completamente integrada na comunidade. O aumento da área habitacional não significa que a população que vai habitar a PEL é uma população “nova”. Cremos que a comunidade é a mesma e que naquele momento realizou uma apropriação de um espaço novo. O acto fundacional constituirá um acto interno da comunidade (embora possa revelar uma tradição local ou regional).

Relativamente à cor dos recipientes presentes no acto fundacional podemos observar que cada um deles possui cor distinta, um é cinzento-claro, outro é negro e o último vermelho-escuro. Tais características parecem reflectir de forma bastante aproximada a realidade da maioria do conjunto cerâmico da fase III-1 nas suas diversas zonas habitacionais. Concluindo (capítulo 7.3.1.4.), cerca de 40 % dos recipientes possuem cores escuras – negras ou castanhas-escuras – e os restantes possuem as mais diversas colorações, onde se incluem o vermelho-escuro, amarelo, cinza-claro, etc. Quer dizer que a cor dos recipientes no acto fundacional pode não possuir nenhum significado peculiar pois o conjunto cerâmico no global revela uma boa diversidade de cor, onde estas três cores são relativamente comuns.

A capacidade dos recipientes presentes no acto fundacional não reflecte as características dos recipientes reconstituídos nas várias zonas habitacionais. É possível que a reconstituição formal dos recipientes constitua em si mesma um problema pois a reconstituição de recipientes de diferentes capacidades pode ocorrer de forma diferenciada, ou seja, mais de uns do que de outros.

No acto fundacional apenas um dos três recipientes possui uma capacidade inferior a 2 l e os restantes dois recipientes possuem uma capacidade entre 2 a 5 l. Na totalidade dos recipientes reconstituídos, 63 % possuem uma capacidade inferior a 2 l e apenas 23 % dos recipientes possuem uma capacidade de 2 a 5 l. Os recipientes pequenos (de 0,3 a 1 l) perfazem 29 % dos recipientes reconstituídos. A percentagem de cada categoria de capacidade vai variando consoante a zona habitacional e não é possível perceber diferenças significativas de zona para zona. Contudo, podemos observar uma ligeira diferença nos recipientes grandes ou de armazenamento relativamente à fase anterior (fase II). Ainda que a percentagem recipiente grandes seja semelhante nas fases II e

III-1 (12 e 13 % respectivamente) podemos observar, durante a Idade do Ferro o surgimento de recipientes com uma capacidade superior a 20 l. A zona com maior percentagem de recipientes grandes (acima da cat. 5) é precisamente a do TEL (19 %), seguida da da PIL (18 %). Ainda assim, na área norte surgem os recipientes com capacidade superior a 20 l ainda que a presença de recipientes grandes seja somente equivalente a 9 %.

Os resultados obtidos no relativo à capacidade não permitem concluir por ora uma diferenciação nas diversas zonas habitacionais relativamente ao armazenamento (de bens alimentares ou outros). Cremos que o armazenamento era realizado em todas as zonas habitacionais. De facto todas elas revelam semelhanças numa ocupação essencialmente doméstica onde se destaca nos conjuntos cerâmicos a utilização de recipientes pequenos e médios. Cremos que esta forte presença se deve às características da ocupação em si. A comunidade do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro vive naquele espaço, utiliza os terrenos circundantes, rentabiliza o seu trabalho agrícola ao ponto de ser possível algum armazenamento e produz bens, artefactos cerâmicos e outros para o seu próprio quotidiano. O armazenamento para auto-suficiência parece estar “equitativamente” distribuído por todas as áreas do povoado.

Em relação aos recipientes decorados podemos observar que o acto deposicional lhes confere uma visibilidade de 33 % pois um dos três recipientes presentes apresenta decoração. A avaliação percentual dos fragmentos decorados em cada zona habitacional na fase III-1 revela que a percentagem de recipientes decorados não é tão alta mas encontra-se bastante aproximada àquela do acto deposicional. Na PIL, 19 % dos recipientes podem ser decorados, no TEL 19 a 34 % e na área norte 19 a 29 %. É de notar uma concordância de todas as zonas habitacionais em volta dos 20 % de recipientes com decoração, ou seja, uma relação de 1 fragmento decorado (ou conjunto de fragmentos que revelam uma única organização decorativa ou recipiente decorado) para 5 bordos sem decoração.

A percentagem aqui apresentada é uma aproximação porque: *i)* cada complexo possui determinado número de bordos, bases e fragmentos decorados (alguns contextos podem possuir muitos fragmentos decorados e nenhum bordo ou vice-versa); *ii)* se compararmos o número de fragmentos decorados com o número de fragmentos lisos a relação é irrisória – os fragmentos decorados não chegam a 0,1 % da totalidade dos conjuntos (em muitos conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros); *iii)* é evidente uma fragmentação excessiva dos recipientes da Idade do Ferro, fragmentação essa que transtorna a visão geral do conjunto cerâmico; *iv)* a percentagem aqui indicada é a relação entre a soma dos fragmentos decorados em todos os contextos da fase e a soma dos bordos de todos os contextos da fase e, *v)* a percentagem aqui indicada não atende a cada

contexto – a descrição de cada fragmento cerâmico e seu contexto foi realizada no vol. 2.

A descrição da ocorrência das organizações decorativas foi realizada no capítulo 7 deste volume, pelo que cremos não ser necessária a sua repetição aqui. Contudo, gostaríamos de realçar algumas características que encontramos de interesse.

1) O estudo contextual da distribuição das decorações na área norte revela que os contextos da Plataforma Inferior Norte – zona 2.1 apresentam menor número de recipientes decorados que os da PIN 2. Assim, os recipientes decorados (e os conjuntos cerâmicos no geral) variam muito consoante o contexto. Neste caso, é importante dizer que os complexos com maior quantidade de recipientes decorados encontram-se em continuidade com a ocupação da Idade do Bronze nesta zona habitacional e que ainda assim se observa uma redução do número de recipientes decorados relativamente à fase anterior. Para nós esta continuidade ocupacional entre duas fases cronológico-culturais distintas – que pode se traduzir numa continuidade funcional das habitações – revela-se de muitos modos, sendo um deles esta mais expressiva presença de recipientes decorados. Ou seja, é possível que um determinado núcleo familiar – a permanecer aproximadamente no mesmo local do povoado – mantenha determinado padrão na utilização dos recipientes e que tal seja visível no comportamento do conjunto cerâmico. É interessante que esta característica é visível noutros atributos dos conjuntos cerâmicos onde os conjuntos cerâmicos de vários complexos de uma mesma zona e de diversas fases são, por vezes, mais semelhantes entre si do que complexos de uma mesma cronologia mas de zonas habitacionais distintas.

2) Não existem soluções decorativas totalmente semelhantes, ou seja, todos fragmentos decorados se distinguem uns dos outros mesmo quando as decorações são muito simples como as da organização decorativa I. Quer dizer que não existem repetições de temas ou composições decorativas. Mesmo assim, contextos relativamente próximos, como a A56 e o Lx. 115 na área norte, apresentam variantes de uma mesma organização decorativa – VI. Cremos que a proximidade dos contextos pode influenciar a presença de variantes de uma mesma organização decorativa. Tal característica aponta novamente para uma homogeneidade do povoamento por zona habitacional.

3) A fragmentação dos recipientes decorados é em tudo semelhante à dos recipientes lisos. O tipo de contextos onde ocorrem, as formas, pastas, capacidades e percentagem global dos recipientes decorados aponta para utilização quotidiana destes recipientes. Nada indica que estes recipientes cerâmicos fossem tidos como artefactos de “luxo”. Contudo é interessante observar a relação entre o

tipo de pasta e a presença de decoração. A grande maioria dos recipientes decorados têm pastas I, II e III, seguidas (de um modo muito minoritário) pelas restantes pastas (por exemplo, pastas VI, VIII e X). Esta relação entre pasta e decoração pode dever-se a um aspecto técnico, uma tradição estética ou uma conjugação de ambos os factores. As decorações são maioritariamente realizadas em recipientes de pastas depuradas, homogéneas e de brilho pouco intenso, ou com poucas micas. Tal pode estar relacionada com a tradição de uso de pastas locais que se mantém com as mesmas características desde a Pré-história, explicando a quase ausência total de decorações em recipientes de pastas VI e VIII.

4) O acto deposicional no TEL coloca em evidência um determinado tipo de técnica decorativa – uma incisão profunda que pode mesmo ser considerada uma excisão, e uma organização decorativa única no povoado. O TEL possui uma distribuição dos recipientes decorados e suas organizações decorativas que coloca em evidência a associação de contextos 47. Ou seja, é no depósito de ocupação que ocorre sobre o depósito que integra o acto fundacional que encontramos maior número de decorados e de organizações decorativas. Deste modo, os recipientes decorados estão completamente integrados nos actos domésticos da comunidade e aparentemente cumprirão as mesmas funções que os recipientes lisos das mesmas formas, pastas e capacidades.

A fragmentação dos recipientes decorados ou a sua degradação nos estratos arqueológicos indica diferenças no tipo de descarte e na vivência que tiveram no próprio contexto. Quer dizer que recipientes decorados com determinadas organizações decorativas – I, X e XXXIV – apresentam uma elevada fragmentação (são representados por um único fragmento de pequeno ou médio tamanho e que não permite colagens). E recipientes decorados de outras organizações decorativas, como a XIIa, XIV e XXI, apresentam recipientes muito completos, compostos por vários fragmentos e que possibilitam até o conhecimento da forma. Estes últimos recipientes apontam para um descarte mais “cuidado”, um pertence ao acto fundacional, outro (n.º 463 – org. dec. XI) pertence à associação de complexos do acto fundacional e o último (org. dec. XXI) encontrava-se no extremo da plataforma entre as pedras de construção.

Creemos que a forma como os recipientes ocorrem no contexto pode indicar que detêm um “valor” diferenciado para a comunidade. Quer dizer que apesar de acreditarmos, que todos os recipientes se integrariam nas acções da vida comunitária como um todo, uns possuíam um valor específico e outros outro, o que de certo modo é revelado pela forma como os fragmentos ocorrem em cada contexto.

5) Aparentemente os recipientes decorados que apresentam organizações decorativas X e XXXIV (penteados e estampilhados) são majoritários nas diversas zonas habitacionais. Os recipientes estampilhados ocupam, na PIL, 50 % dos recipientes decorados; no TEL, 27 % e na área norte não ocorrem. Os recipientes penteados ocupam na PIL, 17 % dos recipientes decorados, no TEL 7 % e na área norte 26 %. Apesar de majoritários, os contextos destes recipientes revelam um uso doméstico dos mesmos, socialmente pouco valorizado.

Em resumo, sabemos muito pouco sobre os recipientes cerâmicos da Idade do Ferro sobretudo no que diz respeito aos tipos majoritários e mais intrinsecamente relacionados com a ocupação. Nestes recipientes de uso permanente falta perceber melhor o tipo de composições decorativas, a relação entre a decoração e o corpo do recipiente (localização) e a forma dos recipientes e suas capacidades. É de notar que a maioria dos fragmentos decorados não permite uma reconstituição formal.

8.2.1.2.2. A leitura dos contextos da fase III-2

A ocupação da Idade do Ferro, que muito embora compreendamos como sendo uma continuidade ocupacional do sítio, sofre uma alteração de vulto por volta de 300 AC. Por volta desta data a zona leste revela uma remodelação do espaço habitacional, alteração que marca para nós, analiticamente, o início da fase III-2 e que terminará aquando do incêndio das suas diversas Unidades habitacionais.

Na Plataforma Inferior Leste é construído um muro que delimita toda a plataforma e que culmina numa entrada a Norte, simples e estreita. Este muro é simples, de cerca de 1 metro de espessura, não é um muro arquitetonicamente imponente – tipo muralha – e não cremos que tenha tido uma função defensiva. Esta assumpção baseia-se no facto de que o espaço habitacional na PIL fica limitado e delimitado por este muro mas não separa peremptoriamente a zona habitacional leste do resto do povoado nem da plataforma inferior que lhe é contígua. A Plataforma Exterior Leste permanece habitada, em funcionamento no exterior desse muro e a parte da comunidade que ali habita fica de certo modo, de “fora” mas no espaço contíguo ao muro.

Na avaliação dos conjuntos cerâmicos da fase III-1 utilizamos a PIL e a PEL / TEL como área distintas apesar de a ocupação dar área leste se constituir como uma continuidade espacial (no entanto esta divisão foi necessária para uma melhor compartimentação da informação). É de notar que apenas na fase III-2 podemos falar verdadeiramente em duas áreas habitacionais distintas localizadas na zona leste – PIL e PEL – “divididas” pelo muro que delimita a PIL.

As características do conjunto cerâmico do TEL / PEL durante a fase III-2 divergem das registadas nos conjuntos da PIL e área norte. Tudo parece indicar que as habitações do TEL seguiam uma lógica ligeiramente diferente daquela presente na PIL e área norte. Cremos que nesta zona habitacional foram levadas a cabo acções do quotidiano onde incidiam tarefas diárias de curto alcance como cozinhar, comer, descansar e produzir objectos de vária índole. Aqui encontra-se praticamente ausente uma importante acção que diz respeito ao armazenamento de bens alimentares. O TEL é a zona habitacional da fase III-2 com menor quantidade de recipientes de grande dimensão – acima dos 5 l (12 %) – e é aquela com maior quantidade de recipientes até 1 l (54 %).

As outras zonas habitacionais apresentam percentagens mais elevadas de recipientes com uma capacidade acima de 5 l – 31 % na PIL e 20 % na área norte. Os recipientes até 1 l perfazem, na PIL 38 % do conjunto de recipientes reconstituídos e na área norte 26 %.

Na fase anterior (III-1) a PIL e o TEL possuem aproximadamente a mesma percentagem de recipientes acima dos 5 l – cerca de 19 % – e a área norte é aquela que apresenta uma menor percentagem dos mesmos – 9 %.

Deste modo, e só analisando este factor de avaliação, é possível intuir uma mudança de actividades nas diversas zonas habitacionais. Cremos que tal mudança se encontra intimamente relacionada com a construção do muro que delimita o recinto L na PIL e talvez com uma certa restrição habitacional que parece ocorrer também na área norte. É de lembrar que na fase III-2, na área norte, a zona habitacional integra toda a plataforma e é constituída por várias unidades habitacionais. Sabemos que na zona norte, nesta fase, a zona habitacional não se encontra delimitada por nenhum muro pétreo mas tal não quer dizer que as unidades habitacionais estivessem totalmente expostas ao exterior. Nesta fase ocorre aqui o abandono da U. Hab. 14 (Est. XIX – vol. 1), que é a U. Hab. que se encontra no limite externo da plataforma e genericamente mais exposta. Todas as restantes U. Habs. desta área se organizam em núcleo habitacional muito denso e as suas entradas poderiam estar voltadas para dentro do povoado. Assim, as “traseiras” das U. Habs. poderiam ter constituído uma barreira e formar um todo coeso (até porque neste sítio é a exposição aos ventos do norte que o torna mais agreste). Ou seja, a zona habitacional não possui nenhum muro pétreo mas o núcleo de U. Habs. pode ter constituído uma barreira que de certa forma delimitava esta zona.

Voltando aos conjuntos cerâmicos e às suas características, podemos perceber que o TEL não é só a zona habitacional com menor armazenagem mas também é aquela com maior quantidade de recipientes individuais (pequenos), tipo taças ou globulares (formas 1, 2, 3 e 4) com 29 % de representação. O TEL também apresenta a maior percentagem de recipientes de forma 8b – 24 % –

sendo que estes recipientes de perfil em “S” são na sua maioria pequenos (cat. 2 de capacidade) ou muito pequenos (cat. 1). Quer dizer, no TEL parece armazenar-se e cozinhar-se pouco e consumir-se muito.

Haverá duas hipóteses interpretativas na leitura destes dados. Numa primeira hipótese é possível que esta zona habitacional tenha servido uma população que trabalhava nos campos adjacentes, que durante o dia utilizava a plataforma para descansar, consumir alimentos, guardar instrumentos, etc. O pernoitar podia ser realizado nesta plataforma mas é também possível que tal fosse maioritariamente realizado na PIL, ou seja, no recinto. Como sabemos a PIL e o TEL possuem uma relação embrionária que remonta à fundação da PEL como zona habitacional, ou seja cremos que a população que na fase III-1 seria a mesma que já habitava a PIL.

A ideia de esta zona habitacional tenha servido uma população que trabalhava nos campos adjacentes está também relacionada com o aumento dos recipientes de armazenamento na totalidade desta fase relativamente à fase anterior. Na fase III-2 parece ocorrer um incremento agrícola que permite um maior armazenamento e que leva a mudanças estruturais nas zonas habitacionais. Assim a PIL apresenta não só a maior quantidade de recipientes com uma capacidade acima dos 5 l, como também a maior quantidade de recipientes acima dos 20 l, sendo evidente a presença de formas 7 – relacionadas com recipientes de grande capacidade. Nesta hipótese interpretativa o TEL permanece como uma área adjacente e de certo modo subalternizada, em termos de recursos guardados, ou bens, à PIL.

A segunda hipótese interpretativa tem em conta outros atributos do conjunto cerâmico que revelam aspectos de certo modo particularizantes e inovadores. Custa-nos aceitar que apenas uma zona funcional em termos económicos apresente características no conjunto cerâmico que o destacam das restantes zonas pela positiva.

Vejamus. Na fase III-2 o TEL é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes de pastas VI e VIII – aquelas que se relacionam com a ocupação da Idade do Ferro, que ganham relevo ao longo de toda esta ocupação e que se constituem como a inovação técnica nas pastas cerâmicas. Na fase III-2, na PIL a maioria dos recipientes é construída em pasta VIII; no TEL em pasta VI e na área norte em pasta III. Na PIL as pastas dominantes são a VIII e III; no TEL a VI e VIII e, na área norte, a III e I. Na fase III-3 estas características mantêm-se, agudizando-se a importância das pastas VI e VIII. É de notar que na fase III-1 a maioria dos recipientes haviam sido realizados em pasta III e essa característica apenas se manteve na área norte. Neste aspecto a área norte constituiu-se como a zona que tem recipientes com pastas mais arcaicas, aquela com um conjunto cerâmico mais aproximado de uma tradição Pré-histórica.

Assim o TEL apresenta o conjunto cerâmico menos ambíguo dentro da Idade do Ferro. Esta característica é também visível, ou indicada, pelos recipientes decorados. O TEL é a zona habitacional com maior quantidade de recipientes estampilhados – 21 % –, seguida da PIL (19 %) e, por último, da área norte (9 %). Em todas as zonas a quantidade de recipientes decorados penteados é semelhante: 19 % na PIL, 21 % no TEL e 17 % na área norte. A quantidade de recipientes estampilhados e penteados é muito semelhante mas a presença destes últimos de um modo mais marcado na área norte pode indicar um aspecto arcaizante dos mesmos. Ou seja, o conjunto cerâmico da área norte revela-se arcaico ao nível das pastas e ao nível dos tipos de decoração utilizados pois estes parecem integrar-se num padrão de tradições mais relacionado com a Pré-história local.

Por sua vez, no TEL ocorrem recipientes cerâmicos bastante característicos onde destacamos as organizações decorativas *X4e*, *XXXIV6d2*, *XXXIV6e* e *XXXIV9*. É de frisar que a organização decorativa *XXXIV6e* diz respeito a um recipiente onde foram gravados antropomorfos e esta temática parece ser recorrente no TEL. De facto, a decoração do recipiente 474 pode ser relacionada genericamente com uma estilização de antropomorfos e a decoração *XXXIV6e* revela os antropomorfos de um modo bastante claro.

Deste modo, parece existir no TEL uma preocupação de âmbito social que se antevê numa maioria de recipientes individuais de formas *1*, *2*, *3*, *4* e *8b*, em recipientes decorados que apresentam figuras humanas e numa maioria de recipientes de pastas VI e VIII, relacionadas com o mundo da Idade do Ferro e facilmente identificadas por grupo externos¹⁴.

Parece-nos ser possível que nesta zona habitacional tenham ocorrido acções de carácter social comunitário ou intercomunitário que envolviam o consumo de comida (formas *1*, *2*, *3*, e *4*) e bebidas (forma *8b*). A presença da organização decorativa *X4e* que é, essencialmente, um penteado comum na Meseta Norte, ocorre num recipiente de uma pasta que cremos não autóctone.

Gostaríamos de frisar que os fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros foram integrados totalmente nos diversos tipos de pastas criados porque as suas características assim o permitiam. Contudo, alguns fragmentos cerâmicos ainda que integrados num ou noutro tipo de pasta, afastavam-se claramente da maioria dos fragmentos do tipo de pasta que faziam parte. Tal é o caso dos dois fragmentos com a organização decorativa *X4e* (CP-02-3291, CP-02-7162, Est. LXII, 1). Estes fragmentos apresentam uma pasta que se afasta genericamente da maioria daqueles integrados na

¹⁴ É de notar que a pasta VI é comum às estações da Idade do Ferro um pouco por todo Trás-os-Montes sendo aquela que marca a identificação de uma estação da Idade do Ferro em prospecção. Por exemplo, tivemos a oportunidade de observar fragmentos cerâmicos da estação da Idade do Ferro de Rumansil, em Freixo de Numão e do Castelinho em Macedo de Cavaleiros e ambas apresentam fragmentos cerâmicos genericamente integráveis na pasta VI, ou seja, fragmentos cerâmicos que apresentam uma pasta micácea de determinadas características.

pasta I apresentando uma pasta ainda mais depurada do que o usual.

É também possível que a zona habitacional no TEL servisse vários propósitos, desde encontros intercomunitários a área / plataforma para a gestão / apoio agrícola. Acreditamos que estas funções não são excludentes, sendo possível que ambas tivessem aqui ocorrido de uma forma mais corrente do que nas restantes zonas habitacionais.

Resumindo, diversos dados do Crasto de Palheiros na sua totalidade revelam que a área leste possui um certo destaque dentro do povoado. Por um lado, esta área é aquela que apresenta melhores condições climáticas (com melhor exposição solar e com menor exposição aos ventos de Norte, frios e secos) e apresenta maior alcance visual do ponto de vista territorial (a visibilidade alarga-se até ao planalto de Carrazeda de Ansiães incluindo a zona a SW da bacia de Mirandela, enquanto que o alcance visual da área norte é muito reduzido, ocorrendo apenas até à próxima Serra da Garraia). Por outro lado, é a área mais marcada por eventos visíveis no registo arqueológico sendo que é através dessas “rupturas” que proporciona permite uma caracterização mais próxima da narrativa histórica. Quer dizer, a área leste apresenta: *i*) a fundação da zona habitacional da plataforma (PEL) através da deposição dos três recipientes; *ii*) a reformulação do espaço habitado através da construção do muro que delimita a PIL, topograficamente soerguida relativamente à anterior; *iii*) uma estrutura de deposição funerária que marca de forma única este muro de delimitação da PIL e *iv*) os conjuntos cerâmicos da PIL e PEL, espacialmente contíguos, revelam entre si diferenças importantes e claras.

Creemos que a comunidade da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros se constitui como agro-pastoril. Não cremos que a valência pastoril tenha tido uma dominância sobre a valência agrícola ou vice-versa. Os vestígios arqueológicos de diversa índole apontam para uma economia mista que se baseava na gestão agrícola e de animais domésticos. Esses dados são: *a*) ausência de espécies cinegéticas nos vestígios osteológicos que indicam fraca caça; *b*) ausência total de bolota nos vestígios paleobotânicos que indicam uma fraca recollecção; *c*) grande quantidade de vestígios de cereais localizados na área leste; *d*) pouca quantidade de vestígios de cereais localizados na área norte e *e*) distribuição equitativa de ossos de cabra e ovelha em todas as áreas do povoado.

É certo que alguns autores romanos referem que certas comunidades eram essencialmente pastoris ou que a valência pastoril era dominante relativamente à valência agrícola. Júlio César na

Guerra das Gálias¹⁵ refere que uma determinada comunidade, da Gália, levou para o campo de batalha um rebanho de cabras e que largaram esses animais com o intuito de distrair os romanos com a sua apanha. Ou seja, as comunidades locais esperavam que os romanos estivessem suficientemente interessados em apanhar as cabras e que por momentos se distraíssem da actividade principal que era a batalha. Se por um lado esta atitude revela que para as comunidades locais os rebanhos de animais eram tidos como importantes, por outro lado, também revela que estes estavam dispostos a sacrificá-los.

Deste modo, concluímos que a partir dos dados arqueológicos não é possível afirmar se estas comunidades se viam como essencialmente agrícolas ou como pastoris. No Crasto de Palheiros, a escavação das U. Habs. carbonizadas da área leste revelou uma quantidade exorbitante de cereais, nos quais se destacavam o milho miúdo, o trigo, a aveia e a fava (Figueiral: 2008, 104-105). Apenas uma U. Hab. da área norte apresenta alguns vestígios de cereais, como o trigo (Figueiral: 2008, 106).

Assim, é na área leste – na PIL – que se acumulam os resultados do trabalho da comunidade e de certo modo esses “frutos” eram “guardados” numa zona habitacional que se caracteriza pelo seu profundo significado social e simbólico.

A Estrutura de deposição funerária (E.D.F) integrada no muro que delimita a PIL confere a este muro mais uma valência socialmente valorativa, quem sabe possuía um carácter apotropaico. O muro em si apenas delimita o espaço pois ele não é pujante em termos físicos e por isso não devia possuir um carácter eminentemente defensivo. A esta característica soma-se toda uma área habitacional externa ao muro. Assim, cremos que a área leste materializa de diferentes modos esta comunidade essencialmente agro-pastoril; que se identificava na agricultura, pastorícia de ovelhas e cabras essencialmente, e na gestão do espaço externo ao seu povoado onde se revia como comunidade face a outras.

8.2.1.2.3. A leitura dos contextos da fase III-3

Após o incêndio das U. Habs. por volta de 80 DC (Sanches e Pinto: 2008, 52) o povoado sofre alterações de vulto ao nível das estruturas arquitectónicas. No final do séc. I DC, o povoado torna-se amuralhado, exibindo imponentes muralhas pétreas, particularmente na área norte e oeste. Todas as zonas habitacionais implantadas nos taludes externos a essas muralhas, ou muros

¹⁵ Júlio César, “A Guerra das Gálias”, Lisboa, Edições Sílabo, 2004. A tradução da “Guerra das Gálias”, da responsabilidade de Angelina Pires, foi realizada a partir de uma edição em latim do séc. XVI e comparada com as edições em língua francesa e inglesa.

delimitadores (PEL e PEN) foram fechadas / seladas tendo sido os taludes completamente restaurados. Deste modo, as muralhas pétreas da PIN e PIL vão fazer corpo uno, funcional, com os taludes pétreos que a elas se “adoçam”.

Cremos que nesta altura as muralhas pretendem ter um carácter essencialmente defensivo (no sentido amplo), indicado pela sua imponente e pela restrição do espaço habitacional ao espaço por elas delimitado.

A ocupação terá sido muito curta e cremos que com um carácter diferente daquela ocorrida antes do incêndio. Quer dizer, o conjunto cerâmico revela uma grande continuidade formal e técnica com os conjuntos cerâmicos anteriores. Porém, revela uma pobreza artefactual que pode estar relacionada com o carácter precário desta ocupação.

Nesta fase apenas 1 % dos recipientes reconstituídos corresponde a formas ausentes nas ocupações anteriores o mesmo acontecendo com 4 %; mas todas as organizações decorativas – *I, IV, V, X, XI, XXVIII e XXXIV* – já se encontravam nas ocupações que precedem esta fase. Ocorre, mesmo assim, um decréscimo acentuado de recipientes decorados sobretudo no TEL e PIL e, na área norte mantém-se uma percentagem de cerca de 30 % de recipientes decorados.

Os recipientes são construídos nas mesmas pastas da ocupação anterior com relevância para as pastas VIII, VI, III e I. Não ocorrem inovações relativas aos recipientes cerâmicos quer nas pastas quer nas técnicas utilizadas (não se verifica utilização de torno). Seria de esperar a introdução de inovações relacionadas com a presença romana. Mas vemos que a ocupação do Crasto de Palheiros se mantém até ao final à margem da influência romana ao nível da cultura material.

A ocupação após o incêndio revela uma maior quantidade de recipientes individuais e uma menor quantidade de recipientes grandes. Dá-se um decréscimo de recipientes de armazenamento sobretudo nos recipientes de maior capacidade (acima de 20 l), mas os recipientes de 5 a 20 l ainda continuam a perfazer 30 % do total de recipientes reconstituídos.

Deste modo, a ocupação mantém algumas das características da ocupação anterior sobretudo no que diz respeito às actividades substanciais (agro-pastoris). No entanto cremos que as zonas habitacionais sofrem novamente alterações ao nível da logística. Na PIL, o número de recipientes de armazenamento desce, no TEL a ocupação corresponde apenas ao tempo utilizado para fechar a zona habitacional – os recipientes de armazenamento correspondem a 3 % – e, na área norte, ocorre um aumento significativo de recipientes grandes – 20 % na fase III-2 para 30 % na fase III-3.

Assim, o conjunto cerâmico indica que a área norte contígua a uma espessa muralha ganha maior relevo na última ocupação relativamente às restantes zonas habitacionais pois é a zona habitacional com recipientes de maior capacidade e também é a zona habitacional com maior

quantidade de recipientes decorados. As características do conjunto cerâmico e a presença da imponente muralha na área norte indicam que o povoado sofreu uma modificação estrutural.

Em suma, somos de opinião que a comunidade vivera durante toda a Idade do Ferro gerindo todo um conjunto de territórios que se avistavam sobretudo a partir da zona leste do povoado. A gestão desses territórios materializou-se numa maior importância do povoado na zona leste, a zona norte revelou-se aí de certo modo subalternizada e toda esta vivência do território ter-se-á constituído como uma estrutura na qual se incorporou o povoado. Uma modificação estrutural do povoado em si, relevando uma maior importância arquitectónica e artefactual da zona norte, indica que a gestão territorial pode ter mudado. Essa mudança pode estar relacionada com uma perda de territórios a leste – que não admira face ao contexto sociopolítico da época – e uma gestão de outros territórios adquiridos de novo ou reorganizados. Ou seja, a comunidade poderia até possuir territórios a norte mas que só foram mais valorizados durante a última ocupação.

A nova gestão de territórios a norte significa uma mudança conceptual. Todo o sítio se integrava numa estrutura mental de gestão territorial em que a zona leste era o centro significante. As narrativas, as histórias contadas, a memória da população relacionava-se com esta zona leste e com os territórios a ela conectados. A mudança na gestão territorial, muito provavelmente relacionada com a nova gestão política e económica romana, ou somente a presença romana nas proximidades (minas de Jales) terá alterado para sempre a relação entre a comunidade e o sítio.

As construções efectuadas no sítio na última fase constituem-se, quanto a nós, como uma última tentativa de providenciar um significado identitário àquele sítio. No fundo um novo significado com a construção de uma imponente muralha a norte. Contudo estas construções não se configuram como suficientes na minimização da mudança. A reestruturação territorial que se materializa na mudança estrutural e logística do povoado acabará por ser a principal razão do abandono do mesmo.

O abandono deste povoado ocorre de uma forma pacífica pois não é identificado um nível de destruição elevado, um nível de incêndio, etc. Cremos que a população o abandonou sem pressão bélica directa e que esse abandono se relacionou unicamente com a perda de significado do sítio. A mudança da gestão territorial e seus significados terá sido razão suficiente para o abandono permanente daquele povoado e quiçá de outros submetidos à pressão de novas formas de gestão territorial e política.

Os romanos não precisavam de coagir de um modo violento a população na construção de povoados com uma outra localização; essa coacção é inerente à reorganização territorial. Os povoados da Idade do Ferro seguiam uma lógica de povoamento onde a integração de cada povoado

fazia sentido dentro de toda uma rede de gestão de territórios agro-pastoris. A alteração dessa rede alterou o papel e o significado dos povoados, da sua memória e das populações que lá habitavam. Deste modo, a presença romana representa o fim de toda uma gestão e organização territorial que se desenvolvera desde a Pré-história, pelas diferentes comunidades que, estamos convictas, sentiam o território de um mesmo modo, ou de modos muito semelhantes.

8.3. Manipulação de recipientes e fragmentos cerâmicos calcolíticos: qual a sua natureza material e intencionalidade social?

Uma das actividades mais interessante relacionada com os conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros é a manipulação de recipientes completos e/ou fragmentos cerâmicos calcolíticos por parte das comunidades da Idade do Bronze e da Idade do Ferro.

Como é sabido o Crasto de Palheiros foi ocupado durante o III^o milénio e uma parte dos vestígios dessa ocupação corresponde a conjuntos cerâmicos integrados em complexos a eles associados. As ocupações da Idade do Bronze e Ferro sobrepõem-se sobre a ocupação calcolítica e, em algumas zonas, essas construções perfuraram, destruíram, modificaram os estratos (complexos) associados à ocupação anterior.

A mistura de conjuntos cerâmicos calcolíticos com conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e Ferro foi primeiramente entendida como natural, normal e fruto de um revolvimento consequente das construções da Idade do Bronze e Ferro (Amorim: 1999). Ou seja, a inclusão de fragmentos calcolíticos em conjuntos cerâmicos predominantemente da Idade do Bronze ou Ferro foi, até há bem pouco tempo, entendida como o resultado de acções de revolvimento intencionais relacionadas com a construção de estruturas habitacionais da Idade do Bronze ou Ferro. Essas acções de revolvimento intencionais foram, segundo esta interpretação, o resultado de acções de revolvimento dos estratos (complexos) com o objectivo de construir espaços, sem que se tenha aventado a possibilidade de existir uma intenção de remoção de fragmentos cerâmicos ou mesmo recipientes cerâmicos calcolíticos.

Numa primeira fase de entendimento deste fenómeno – *inclusão de fragmentos cerâmicos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro* – a inclusão dos fragmentos cerâmicos calcolíticos em contextos não calcolíticos é tida como não intencional.

O estudo de grande parte do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros – subdividido em vários conjuntos cerâmicos relacionados com os seus contextos de proveniência: complexos –, revelou dados que apontam para outras hipóteses interpretativas relacionadas com este fenómeno.

Os dados obtidos revelam um quadro ao qual não se adequa totalmente a hipótese interpretativa que explica este fenómeno através de acções de revolvimento não intencionais. Deste modo, começaremos por colocar aqui, de modo resumido, os dados obtidos e extensamente estudados no vol. 2.

Para o leitor entender a nossa hipótese interpretativa é necessário olhar os contextos comparativamente em determinados factores de avaliação. Assim podemos dizer o seguinte.

a) A percentagem de fragmentos calcólicos por contexto tende a diminuir proporcionalmente à cronologia das fases ocupacionais. No geral, os contextos da fase II possuem maior quantidade de fragmentos calcólicos (em percentagem) do que os contextos da fase III-1, os da fase III-1 mais do que os da fase III-2 e os da fase III-2 mais do que os da fase III-3. Este fenómeno é visível tanto na avaliação dos intervalos de valores como no dos valores médios. Ou seja, na PIL, na fase II, 11 a 72 % dos fragmentos por contexto são calcólicos (em média são 41 %) e, na fase III-1, 6 a 62 % dos fragmentos por contexto são calcólicos (em média são 16 %).

Tecnicamente estes dados alicerçam a ideia de que o revolvimento é mecânico e que a inclusão dos fragmentos calcólicos é não intencional pois esta inclusão diminui ao longo do tempo e pode estar relacionada com a sobreposição vertical dos complexos (estratos). Ou seja, um complexo da fase II estará mais próxima de um complexo calcólico daí a inclusão de materiais ser mais alta do que nos contextos da fase III-1.

Contudo, o estudo por contextos revela que alguns contextos das fases III-1, III-2 ou III-3 possuem mais fragmentos calcólicos (em percentagem) do que alguns contextos da fase II. Este fenómeno ocorre em todas as zonas ocupacionais. Explicando melhor, na fase II da área norte, 6 a 63 % dos fragmentos nos diversos contextos são calcólicos e na fase III-1, 2 a 48 % dos fragmentos nos diversos contextos são calcólicos. Ou seja, alguns contextos da fase III-1 possuem maior quantidade de fragmentos calcólicos – como aquele que apresenta 48 % – do que alguns contextos da fase II (como aquele que apresenta 6 %). Os exemplos destas discrepâncias *são infundáveis e não possuem uma explicação estratigráfica* como a que seria a de alguns contextos da fase III-1 se encontrarem directamente sobrepostos a contextos calcólicos, o que em variados casos não acontece.

Assim, apesar de, numa avaliação geral, a presença de fragmentos calcólicos diminuir nos contextos proporcionalmente à cronologia das fases de ocupação noutros contextos aquela não está dependente directamente da cronologia do contexto ou da sua posição estratigráfica e topográfica. Um 1º exemplo. Analisando os estratos de incêndio de várias U. Habs, portanto um evento com

cronologia definida, verificamos que, encontramos 9 % de fragmentos calcólicos na U. Hab. 2 e 32 % de fragmentos calcólicos na U. Hab. 5. Existe portanto, uma discrepância nas percentagens dos diversos contextos de uma mesma cronologia ou fase e daí se ter formado a ideia da avaliação do intervalo de valores. Num 2º exemplo: o Lx. 105 sobrepõe-se ao Lx. 110; o Lx. 110 ao Lx. 115. Ora, os Lxs. 105 e 110 apresentam 6 % de fragmentos calcólicos e o Lx. 115 apresenta 4 % de fragmentos calcólicos. Como o Lx. 115 se sobrepõe directamente a um complexo calcólico, parece evidente a ausência de uma relação directa entre a topografia dos contextos, a sua cronologia (lugar na sequencia estratigráfica) e a quantidade de fragmentos calcólicos.

b) A percentagem de *bordos* calcólicos por contexto tende a diminuir proporcionalmente à cronologia das fases ocupacionais. No geral os contextos da fase II possuem maior quantidade de bordos calcólicos (em percentagem) do que os contextos da fase III-1; os da fase III-1 mais do que os da fase III-2 e os da fase III-2 mais do que os da fase III-3. Explicando melhor, na Plataforma Inferior Leste, na fase II, 25 a 100 % dos bordos dos diversos contextos são calcólicos e na fase III-1, 0 a 57 % são calcólicos. Este fenómeno é visível tanto na avaliação dos intervalos de valores como no dos valores médios. Em média, na fase II da área norte, 47 % dos bordos são calcólicos, na fase III-1 são 27 %, na fase III-2, 25 % e na fase III-3, 21 %. Na área norte, é visível uma diminuição ainda que esta seja muito ligeira a partir da fase III-1. Todavia, cada zona habitacional possui as suas características próprias com intervalos de valores diferentes.

Tecnicamente, os resultados gerais aqui apresentados – e se entendidos isoladamente –, apontam para uma inclusão não intencional dos bordos calcólicos em contextos não calcólicos pois a percentagem dos mesmos diminui proporcionalmente à cronologia das fases de ocupação. Esta proporcionalidade da variação cronológica poderia relacionar-se (de um modo geral) com a proporcionalidade com variação cronológica geral referente à totalidade dos fragmentos calcólicos identificados em contextos não calcólicos, que foi exposta atrás.

Contudo, a análise minuciosa dos diversos contextos das diversas fases em todas as zonas ocupacionais (tal como é apresentada no vol. 2) revela uma discrepância evidente entre as percentagens da totalidade dos fragmentos calcólicos por contexto e a percentagem da totalidade dos bordos versus recipientes, também por contexto. Ou seja, 2 contextos com o mesmo valor total na percentagem de fragmentos calcólicos (por exemplo a A47 e o Lx. 136 no TEL, na fase III-1 possuem 19 % de fragmentos calcólicos) não apresentam percentagens iguais, ou sequer aproximadas, de bordos calcólicos dentro da mesma amostra (na A47 somente 25 % dos bordos são calcólicos e no Lx. 136 são já 50 %).

Esta discrepância ocorre em inúmeros contextos de diversas fases e zonas habitacionais. Por exemplo, na fase III-3, no TEL, a A45 e a A41 apresentam 12 % de fragmentos calcólicos; ora, na A45 não existe nenhum bordo calcólico mas, na A41 já são calcólicos 14 %.

Vejam outras situações exemplificativas. Na fase III-1, na área norte, a A52 apresenta 2 % de fragmentos calcólicos e 25 % dos bordos são calcólicos. Por sua vez, a A32 apresenta 4 % de fragmentos calcólicos e 11 % dos bordos são calcólicos. Ou seja, uma maior percentagem total de fragmentos calcólicos por contexto ou associação não conduz a uma maior representatividade dos bordos calcólicos. Este facto continua a contrariar a hipótese interpretativa que explicaria a inclusão de fragmentos calcólicos em contextos não calcólicos de um modo natural pois, se um dado contexto possui maior presença de fragmentos calcólicos no seu cômputo geral, a probabilidade de apresentar maior quantidade de bordos calcólicos também aumentaria. No entanto, tal fenómeno não se verifica de uma forma recorrente na avaliação dos diversos contextos integrados nas diversas fases das zonas habitacionais.

Assim, apesar de, no computo geral por fase ocupacional, a presença de bordos calcólicos diminuir tendencialmente nos contextos de modo proporcional à distância cronológica das fases de ocupação, a presença de bordos calcólicos em determinados contextos não está directamente dependente da cronologia destes, da percentagem global de fragmentos calcólicos que aqueles possuem, nem da posição estratigráfica e topográfica do estrato. Voltando aos estratos de incêndio, verificamos que, tais estratos (as U. Habs.) de cronologia muito tardia apresentam uma percentagem muito elevada de bordos calcólicos, tal como referimos atrás. Nas U. Habs. 3 e 4, 40 % dos bordos são calcólicos; na U. Hab. 5 são 50 % e nas U. Habs. 9 e 10 são 56 %. Em suma, *cremos que, em alguns contextos, a percentagem de bordos calcólicos é demasiado alta na relação com a percentagem global de fragmentos calcólicos.* É certo que a percentagem de bordos calcólicos se relaciona com a percentagem de bordos da Idade do Bronze e Ferro e, infelizmente, não sabemos quais as razões de um contexto apresentar mais bordos do que outro – independentemente do número de fragmentos. Como é óbvio as oscilações no número de bordos (bordos individualizados ou recipientes) da Idade do Bronze e Ferro influenciaram a percentagem (importância) dos bordos calcólicos em determinados contextos. A percepção deste facto conduziu-nos à avaliação descrita no ponto c.

c) Para uma melhor avaliação da relação entre o número de bordos e a totalidade dos fragmentos ou seja, a representatividade dos bordos num determinado contexto, é necessário avaliar essa presença, particularmente nos contextos calcólicos do Crasto. Mas também devemos comparar

estes com os da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Assim, os contextos calcolíticos da área norte revelam que 0 a 13,2 % dos fragmentos são bordos. No TEL (Talude Calcolítico na área exterior leste), os contextos calcolíticos com maior número absoluto de fragmentos (Lxs. 143, 148 e 148.2) revelam 8,3 a 14,7 % de bordos na totalidade dos fragmentos. Na PIL (e sempre em contextos calcolíticos) 7,3 % dos fragmentos equivalem a bordos (191 fragmentos de bordo em 2611 fragmentos no total).

Nos contextos relacionados com as ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro observamos uma diminuição dos fragmentos de bordo em relação à totalidade dos fragmentos se comparados com os contextos calcolíticos. Na área norte, nas fases II e III-1, 3 a 10 % dos fragmentos são bordos; na fase III-2, 0 a 10 % são bordos e na fase III-3, 4 a 11 % são bordos. Área Leste: no TEL, nas fases III-1 e III-3, 5 a 8 % dos fragmentos são bordos e na fase III-2, 5 a 6 % são bordos; na PIL, na fase III-2, em alguns contextos (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A18 e A19), 3 a 14 % dos fragmentos são bordos.

Com estes dados podemos observar uma discrepância na relação número de bordos / número de fragmentos entre os contextos calcolíticos e não calcolíticos, revelando em primeiro lugar, que os recipientes da Idade do Bronze e Ferro tem formas e/ou dimensões que “produzirão” proporcionalmente menos bordos que os calcolíticos. Na realidade, os da Idade do Bronze e Ferro podem ser maiores que os recipientes calcolíticos (produzindo proporcionalmente menos fragmentos de bordo) ou as suas formas terem diâmetros de abertura menores, o que produziria o mesmo efeito estatístico. Tendo em conta as características formais dos conjuntos calcolíticos do Crasto de Palheiros e da região em questão podemos adiantar que os recipientes da Idade do Ferro “produzem” menor quantidade de fragmentos de bordos do que os recipientes calcolíticos, independentemente da capacidade (litragem) destes, revelando assim que as proporcionalidades se relacionam em primeiro lugar com a forma e dimensão dos recipientes.

Todavia, a avaliação da relação entre o número de bordos calcolíticos e a totalidade dos fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro regista uma subida significativa do número de bordos calcolíticos nestes últimos contextos cronológico-culturais. No TEL, na fase III-1, 6 a 21 % dos fragmentos calcolíticos são bordos; na fase III-2, variam entre 9 a 11 % e, na fase III-3 a percentagem é de 0 a 19 . Na PIL, na fase III-2, nos contextos A1, A2, A3, A4, A5, A6, A18 e A19, 0 a 34,6 % dos fragmentos calcolíticos são bordos. Na realidade, é mesmo de frisar que na A3 e A18, 17 % dos fragmentos calcolíticos são bordos, sendo de lembrar que nos contextos calcolíticos desta zona do povoado apenas 7,3 % dos fragmentos equivalem a bordos.

Assim em muitas situações é mais provável encontrar um fragmento de bordo calcolítico num contexto da Idade do Bronze e Ferro do que num contexto calcolítico. Como podemos observar, a percentagem de bordos calcolíticos entre fragmentos calcolíticos sobre exponencialmente nos contextos integrados nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Como é óbvio nem sempre tal acontece. Todavia, são inúmeros os exemplos de contextos da Idade do Bronze e/ou Ferro onde a percentagem de bordos calcolíticos é superior ou igual àquela apresentada em contextos calcolíticos que lhe subjazem. Nestes casos a inclusão fortuita de bordos calcolíticos deveria ser proporcional à relação estratigráfica e topográfica dos complexos e, como tal não se verifica, devemos procurar outras explicações. Mas os dados estatísticos e estratigráficos são estes.

No TEL, no Lx. 143 (Calcolítico), 8,3 % dos fragmentos são bordos e nos contextos que se lhe sobrepõem (fase III-1) 6 a 8 % dos fragmentos calcolíticos são também bordos, A47 e A43. Contudo, nas associações integradas na fase seguinte – fase III-2 – são 9 a 11 % os fragmentos de bordo calcolíticos. Assim há um aumento dos bordos calcolíticos que não faz sentido se a inclusão destes se desse de modo não intencional, i.e., fruto de revolvimentos com objectivos construtivos marcados. Ainda no TEL, num contexto da fase III-3 – A40 – chegam a 19 % os fragmentos de bordo do Calcolítico.

Creemos que se a inclusão dos fragmentos calcolíticos fosse produzida de forma não intencional a percentagem de bordos presentes em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro teria que ser muito reduzida. A reduzida percentagem de bordos calcolíticos seria fruto de uma probabilidade acrescida de um contexto da Idade do Ferro conter mais fragmentos sem forma calcolíticos do que bordos. Como podemos observar tal não ocorre.

Assim, a comparação entre o número de bordos calcolíticos em contextos calcolíticos e dos mesmos em contextos da Idade do Bronze e Ferro, bem como a comparação com o número total de fragmentos calcolíticos, revela que os contextos da Idade do Bronze e Ferro possuem uma maior quantidade relativa de bordos calcolíticos do que os contextos calcolíticos em si.

d) A avaliação do estado de conservação dos conjuntos cerâmicos (ponto 6 deste volume) indica que os fragmentos calcolíticos não influenciaram o valor obtido para o estado de conservação geral do conjunto cerâmico ou estrato. Teoricamente, se a inclusão dos fragmentos calcolíticos fosse natural e fruto de revolvimentos, os fragmentos apresentariam uma maior degradação (quer nas superfícies, quer no tamanho, quer na cor) e influenciariam os resultados da avaliação da degradação dos contextos. A avaliação da degradação dos contextos (ponto 6 deste volume) revelou sempre que

o grau de mistura não influenciou os resultados da avaliação da degradação dos conjuntos cerâmicos. Quer dizer *que a conservação de um conjunto cerâmico pode ser considerada boa ou má (em determinados factores de avaliação ou na sua totalidade) independentemente da quantidade de fragmentos calcólíticos presentes num determinado estrato.*

A explicação deste facto pode estar relacionada com pelo menos duas hipóteses sobre o ocorrido: *i) presença de um número insuficiente de fragmentos calcólíticos nos diversos contextos ao ponto de não modificarem de modo visível os resultados finais da avaliação da degradação dos complexos, o que provamos que não acontece em demasiadas situações e ii) os fragmentos calcólíticos não poderem modificar os resultados finais da avaliação da degradação dos complexos porque a sua inclusão nos estratos seria realizada ao mesmo tempo, ou em “tempos” arqueológicos ou sedimentares semelhantes ao dos restantes fragmentos cerâmicos. É esta a hipótese interpretativa para a qual nos inclinamos e que temos vindo a alicerçar com argumentos que cremos metodologicamente aceitáveis.*

Explicando através de situações demonstrativas. Na PIL, na fase II, a dureza e tamanho dos fragmentos calcólíticos parece influenciar *positivamente* a visão geral da dimensão dos fragmentos em cada contexto (capítulo 6.3.1. - ponto b4, neste volume). Tal ocorre também na área norte, onde os contextos com maior grau de mistura são aqueles com menor fragmentação do conjunto cerâmico (capítulo 6.3.2. - ponto d, neste volume). Quer dizer que o médio e elevado tamanho dos fragmentos calcólíticos é mantido em contextos da Idade do Bronze e mais tarde nos da Idade do Ferro. Deste modo, os fragmentos calcólíticos não parecem ser incluídos involuntariamente em contextos da Idade do Ferro pois o seu estado de conservação é, geralmente, bom e não mau (como seria de esperar).

Também, alguns contextos apresentam uma elevada quantidade de fragmentos calcólíticos e não apresentam uma maior degradação do que outros contextos com menor quantidade de fragmentos calcólíticos. Deste modo, é possível perceber que não é o número de fragmentos calcólíticos que influencia os resultados da avaliação do estado de degradação dos contextos.

Por outro lado, recorrentemente os fragmentos calcólíticos não se encontravam mais degradados do que os fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. *A grande maioria dos fragmentos cerâmicos contidos em determinado estrato sofrem globalmente os efeitos/alterações inerentes ao mesmo espaço temporal e isso indica que os fragmentos cerâmicos calcólíticos entram dentro dos mesmos efeitos degradadores dos fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze e Idade do Ferro.* Vistos os resultados analíticos, este pressuposto implica que *as*

comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro manipularam recipientes e/ou fragmentos calcolíticos, que os tiveram literalmente na mão.

Em suma, a avaliação pormenorizada descrita no ponto 6 deste volume revela que a inclusão de fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro pauta-se por dois tipos de acções; uma involuntária e uma voluntária. Cada contexto foi analisado na sua unicidade e tal revelou que alguns contextos apresentam uma *inclusão involuntária* de fragmentos calcolíticos, provavelmente consequência directa dos revolvimentos levados a cabo pelas comunidades da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. No entanto, outros contextos revelam claramente uma *inclusão voluntária*, onde determinados fragmentos e/ou recipientes foram manipulados pelas comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

e) É visível um aumento dos recipientes individuais de formas 1, 2, 3, 4 e 8b nas fases III-2 e III-3. Ou seja, ocorre um aumento paulatino de recipientes individuais ao longo de toda a ocupação da Idade do Ferro. É possível que tal característica possa estar relacionada com a diminuição de um uso hipotético de recipientes calcolíticos inteiros (de pequeno porte).

Como já referimos, é visível a diminuição dos fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Ferro proporcional à distância cronológica. E é também visível um aumento dos recipientes individuais de formas 1, 2, 3, 4 e 8b proporcional também à distância cronológica. Deste modo, a fase mais moderna – III-3 – possui maior quantidade de formas 1, 2, 3, 4 e 8b e menor quantidade de fragmentos calcolíticos) e a fase mais antiga – II – possui menor quantidade de formas 1, 2, 3, 4 e 8b e maior quantidade de fragmentos calcolíticos). Se estas duas características possuírem uma relação intrínseca (que não podemos afirmar que possuem) é possível que os fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro sejam parte de recipientes inteiros, que tal como os recipientes da Idade do Bronze e Idade do Ferro sofreram uma fragmentação pós-utilização.

Deste modo, podemos colocar a hipótese interpretativa que à medida que os recipientes calcolíticos foram perdendo relevo nos conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro (pois cada vez mais as comunidades da Idade do Ferro tinham dificuldade em encontrar recipientes calcolíticos inteiros ou praticamente inteiros) foram sendo substituídos por recipientes individuais de formas 1, 2, 3, 4 e 8b, com relevo na forma 8b.

f) Determinada a existência de uma manipulação intencional de fragmentos calcolíticos é necessário questionar a/s forma/s dessa manipulação. Os dados revelam que os bordos jogam um papel fundamental neste fenómeno de manipulação de fragmentos e/ou recipientes calcolíticos.

Contudo, tal não quer dizer à partida que os fragmentos cerâmicos foram manipulados já como fragmentos pelas comunidades da Idade do Bronze e Ferro.

Numa primeira hipótese interpretativa colocamos a possibilidade das comunidades da Idade do Bronze e Ferro terem manipulado recipientes calcolíticos inteiros e que, face aos resultados entre a relação dos bordos e totalidade dos fragmentos cerâmicos calcolíticos, que *estes recipientes seriam essencialmente recipientes pequenos*. O pequeno porte destes recipientes e o seu grande número nos diversos contextos produziria um número baixo de fragmentos sem forma em relação ao número de bordos – tal como parece ocorrer em determinados contextos.

Contudo, é de notar que não foi realizada uma avaliação morfológica dos recipientes (bordos) calcolíticos e desse modo não podemos concluir se estes recipientes integrados em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro são ou não de pequena capacidade. A avaliação realizada – porque fruto de uma aprendizagem paulatina ao longo de todo o processo de análise – também não teve em conta se os fragmentos calcolíticos sem forma (identificados em cada contexto), poderiam ou não estar relacionados com os bordos calcolíticos presentes nesses mesmos contextos. No entanto, na avaliação empírica – que infelizmente, neste caso, não reflectimos aqui –, revelou que alguns fragmentos calcolíticos colavam entre si e que, por vezes, era mais fácil colar os fragmentos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e Ferro do que os fragmentos apenas relacionados com esta ocupação, que eram visivelmente em maior número e que desse modo dificultavam as colagens.

Numa segunda hipótese interpretativa colocamos a possibilidade das comunidades da Idade do Bronze e Ferro terem manipulado fragmentos cerâmicos calcolíticos e não recipientes inteiros. A favor desta interpretação estão a grande maioria dos dados. Não deixa de ser interessante a forma como os bordos calcolíticos são mais evidentes nos conjuntos cerâmicos de complexos integrados nas ocupações da Idade do Bronze e Ferro do que naqueles calcolíticos. Contudo a relação entre os bordos calcolíticos e aqueles da Idade do Bronze e Ferro revelam a grande importância dos primeiros no conjunto total de recipientes de determinados contextos, nomeadamente de U. Habs. integradas da fase III-2.

Esta presença avassaladora de bordos calcolíticos em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro revela uma clara preferência por fragmentos com bordo de bom tamanho (acima da categoria de dimensão 4) onde uma parte considerável do recipiente estivesse preservada.

A manipulação de recipientes inteiros calcolíticos por parte das comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro, ainda que não deve ser completamente posta de parte, é contrariada pelo registo calcolítico que revela uma normal fragmentação. Deste modo, cremos mais verosímil a manipulação de fragmentos calcolíticos preferencialmente fragmentos com bordo.

g) Por último, gostaríamos de dizer que a avaliação empírica, que estava longe dos complexos estudos estatísticos que se desenvolveram posteriormente, apontou primeiramente para uma manipulação de fragmentos cerâmicos calcólicos e não para uma manipulação de recipientes inteiros. Pela avaliação empírica eram evidentes as seguintes características: 1) uma presença clara de bordos calcólicos em contextos da Idade do Bronze e Ferro; 2) uma relação pouco clara entre os diversos fragmentos calcólicos de um dado contexto pois na maioria dos contextos os fragmentos calcólicos pareciam desgarrados entre si e, 3) uma presença de fragmentos calcólicos decorados em detrimento de fragmentos calcólicos lisos. Podemos dizer que muitos dos bordos calcólicos apresentavam alguma decoração e que num primeiro surgir de hipóteses interpretativas, a presença de decoração era tão importante como a morfologia dos fragmentos (se era ou não bordo). Na avaliação empírica formou-se também a ideia de que algumas decorações calcólicas presentes pareciam ter sido escolhidas, pois eram fundamentalmente penteadas e muito semelhantes aos exemplares da Idade do Bronze e/ou Ferro.

Contudo não foi realizada uma análise estatística cuidada sobre as decorações calcólicas e, desse modo, não sabemos qual a percentagem interna de fragmentos decorados em contextos calcólicos e qual a percentagem interna dos mesmos no conjunto dos contextos da Idade do Bronze e/ou Ferro. Se a percentagem de fragmentos decorados calcólicos relativamente a totalidade dos fragmentos calcólicos em contextos da Idade do Bronze e/ou Ferro for superior ao mesmo tipo percentual em contextos calcólicos, revelaria uma escolha intencional deste tipo de fragmentos e sobre tudo de fragmentos e não recipientes inteiros. A ausência de recipientes calcólicos inteiros decorados em contextos da Idade do Bronze e Ferro foi intuída pela presença de decorações muito díspares e sem relação entre elas. Falta também dizer que algumas decorações calcólicas presentes em contextos da Idade do Ferro pareciam constituir uma espécie de “inspiração” de algumas decorações da Idade do Ferro presentes nesse mesmo contexto ou noutros próximos.

A informação que diz respeito a estas hipóteses de trabalho acima referidas foi recolhida e registada na nossa base de dados. Contudo não foi produzido nenhum estudo estatístico final de pormenor que possibilite avaliar convenientemente este fenómeno que empiricamente intuímos. Esperamos no futuro analisar alguns destes dados e perceber de modo mais pormenorizado todo este fenómeno comportamental das comunidades da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

h) A manipulação de fragmentos calcólicos de dimensão diversa é uma evidencia em todas as fases de ocupação conotadas com a Idade do Bronze e/ou Idade do Ferro. É também evidente uma diminuição desta manipulação ao longo do tempo, quer porque os fragmentos com “interesse”

escasseavam quer porque os significados que davam sentido a esta manipulação se foram perdendo ao longo da ocupação da Idade do Ferro.

Falar de uma manipulação com um objectivo “funcional” ou de uma ritualização é conferir sentidos que não sabemos descrever. Parece-nos certa uma manipulação contínua de fragmentos calcólicos que atravessa todos os espaços habitados em todas as cronologias sendo, obviamente, mais evidente nuns espaços do que noutros (materializados em complexos). A certeza é que existe uma manipulação e que essa manipulação é um acto contínuo na vivência destas comunidades ao longo de toda a ocupação, independentemente de parecer cair em desuso à medida que nos aproximamos do fim ocupacional.

Quer dizer que a manipulação de recipientes e/ou fragmentos calcólicos é algo que faz parte da vida destas comunidades e cremos que independentemente do/s sentido/s conferidos a essa manipulação é importante termos consciência que este acto parece ser sistemático, não fortuito. Não nos parece de vital importância saber se os fragmentos de recipientes calcólicos, de maior ou menor dimensão, eram utilizados para guardar cereais; para servirem de tampa a outros recipientes quiçá de perfil em “S”; para queimar ervas medicinais ou para fazerem parte da colecção dos ou das ceramistas como, por exemplo, objectos polidores (até porque tal não é possível saber com os métodos utilizados). Cremos que a importância deste acto está na recolha de fragmentos de recipientes de outras cronologias (mesmo que o fragmento “represente” o vaso inteiro), de outras comunidades, de um Passado que é retomado e ao mesmo tempo transformado em algo novo, actualizado. Essa apropriação de artefactos fisicamente diferentes dos seus representaria neste caso uma ligação com o Passado da comunidade em si pois são recuperados para a acção (qualquer acção) objectos de comunidades que viveram naquele mesmo espaço, com a qual existe uma ligação espacial e, quiçá, cosmológica. O “recipiente” representado pelo fragmento, ou o fragmento como fragmento conduzirá talvez ao estabelecimento de narrativas onde a continuidade temporal e identificação com o Passado se pudessem realizar.

Deste modo, *parece-nos evidente que o espaço Crasto de Palheiros é reapropriado na Idade do Bronze e Idade do Ferro e, se uma das formas na qual se materializa essa reapropriação é através dos recipientes cerâmicos, então a continuidade do uso do mesmo espaço habitacional tem de ter também significado identitário.* Ignorar as possantes estruturas arquitectónicas do calcólico poderia ter sido uma opção social. Mas a manipulação da cerâmica do sítio implicava a sua busca selectiva nas estruturas ou sedimentos (mesmo que só realizada por força da transformação das arquitecturas em uso), ou na superfície do solo. Deste modo, seria também o sítio em si que, como contentor, de materialidades e de entidades, ganharia significado identitário alicerçado num Passado

que ele próprio disponibilizava como possibilidade de narrativa.

Assim, estas acções individualizam aquelas comunidades em particular – da Idade do Bronze e Ferro – face a outras do mesmo período cronológico-cultural de outras regiões. A apropriação do espaço e dos objectos é uma acção direccionada para “dentro” da comunidade mas também para “fora” da mesma. Ou seja, a comunidade prova aos “outros” (comunidades) que tem o direito de estar ali e que aquele local lhe pertence.

Uma nota mais: a exposição acima assume que há rupturas temporais na utilização do espaço do Crasto, particularmente entre o calcolítico (que poderá ir até ao final do 3º milénio AC), e a Idade do Bronze / Ferro, iniciada por volta de 900/800 AC, portanto cerca de 1100-1400 anos de intervalo temporal. Assume, outrossim, que o território envolvente teria estado ocupado em continuidade e, deste modo, a ligação memorial ao sítio realizar-se-ia a partir da continuidade de ocupação do território envolvente. Assim, o Crasto pode reflectir um comportamento social extensível às comunidades que habitaram naquela região. Mais há ainda outra hipótese a considerar. Dado que o povoado só foi escavado em certas e restritas áreas (se comparadas com a extensão do sítio, que atinge mais de 3 ha), a possibilidade de continuidade efectiva de ocupação do sítio em si, entre o início do 3º milénio AC e o séc. II DC, deverá ser equacionada também, embora só possa ser comprovada por escavações futuras, que urge realmente realizar.

8.4. As actividades produtivas de tipo artesanal: análise e sentidos interpretativos

As características das comunidades da Idade do Ferro que habitaram o Crasto de Palheiros indicam auto-suficiência na produção de bens e, assim, teoricamente, uma autonomia face a comunidades próximas. Deste modo, é clara a presença permanente de: 1) objectos relacionados com a fição – produção de tecidos – ou fusaiolas; 2) recipientes e outros objectos cerâmicos construídos com pastas locais; 3) artefactos metálicos cujas características morfo-tipológicas e decorativas indicam uma produção provavelmente local e, sem dúvida, regional e 4) habitações construídas em terra e madeira que revelam uma utilização ambivalente das mesmas substâncias: as terras argilosas locais – argilas essas que servem a construção de recipientes cerâmicos, de objectos de fiar, de paredes e pisos de habitações.

As actividades artesanais são levadas a cabo de modo permanente e a sua caracterização deve ser qualitativa e não quantitativa. Ou seja, devemos tentar perceber como ocorrem estas actividades artesanais já que a sua prática continuada e autónoma parece ser evidencia.

8.4.1. Tecelagem / Fiação

A fiação / tecelagem é indicada pela presença de fusaiolas que no Crasto de Palheiros se encontram presentes em todas as fases ocupacionais. Contudo, a caracterização dos modos de produção depende de múltiplos factores relacionados com o registo arqueológico que, infelizmente, não controlamos na forma como se conservou nem na quantidade de informação “original”, aquela que deixa vestígios materiais.

Na ocupação da Idade do Bronze (900/800 a 600/500 AC) encontramos apenas um único cossoiro, localizado na PEN e que funcionava sozinho. Como sabemos, esta ocupação é caracterizada por um registo muito frágil, que entendemos como a materialização de uma ocupação em si e de carácter pouco permanente. Como já referimos é uma ocupação que se caracteriza por uma mobilidade das estruturas construídas. Deste modo, não sabemos se a ausência de cossoiros na maioria dos contextos se deve: 1) a uma especialização de determinadas U. Habs.; 2) a uma mobilidade das U. Habs. e à sua curta duração e 3) a uma mobilidade e resistência do próprio artefacto (um cossoiro é um artefacto que com dificuldade se quebra) que conduz a uma fraca presença destes no registo arqueológico. Assim, na ocupação da Idade do Bronze não podemos afirmar que a tecelagem se encontra unicamente associada a determinada zona ocupacional pois os dados não permitem essa hipótese interpretativa apesar do único cossoiro presente se encontrar na PEN.

A ocupação da Idade do Ferro compreendida entre 600/500 a 300/200 AC apresenta 6 cossoiros na PIL, TEL e PIN. Os 6 cossoiros identificados correspondem muito provavelmente a 4 fusos distribuídos de uma forma bastante equitativa; um fuso na PIL relacionado com a Área Diversificada 6, um fuso no TEL e dois fusos na PIN ambos relacionados com a U. Hab. 14 (Est. XIX – vol. 1). Como podemos observar todas as zonas habitacionais indicam a presença desta actividade ainda que de um modo pouco substantivo – em 300 anos o registo arqueológico apenas apresenta 6 cossoiros.

Dentro de cada zona habitacional – representada por diversos contextos – é visível uma distribuição desigual dos cossoiros. Quer dizer que quando determinada zona habitacional apresenta mais que um cossoiro, geralmente, estes ocorrem no mesmo contexto ou numa mesma unidade habitacional. Deste modo, é possível que determinadas unidades habitacionais tenham tido como actividade a fiação e que esta não fosse estendível a todas as unidades habitacionais. Assim, na fase III-1 a área diversificada 6, na PIL e a U. Hab. 14 na PIN (Est. XIX – vol. 1) parecem estar

relacionadas com esta actividade artesanal. A reduzida área escavada na PEL não permite afirmar que a tecelagem estivesse relacionada unicamente com um determinado contexto.

A ocupação da Idade do Ferro compreendida entre 300/200 AC e 80 DC apresenta 10 cossoiros distribuídos pela PIL, TEL e PIN (zonas 1 e 2: PIN1, PIN2 e PIN2.1). Os 10 cossoiros identificados correspondem provavelmente a 6 fusos distribuídos pelas diversas zonas habitacionais.

Na PIL, o cossoiro encontra-se num contexto da área diversificada 6 (Lx. 43) onde, na fase anterior, já tinham sido identificados cossoiros. Deste modo, na PIL e durante toda a ocupação da Idade do Ferro, a actividade têxtil está exclusivamente relacionada com a Área Diversificada 6. É de notar que nenhuma das U. Habs. incendiadas apresenta cossoiros apesar do registo arqueológico ser relativamente bom.

No TEL foram identificados 4 cossoiros que se integram em contextos distintos. Apesar da reduzida área de escavação, o número de cossoiros pode ser considerado muito elevado (quase metade do total de cossoiros presentes na fase III-2: 10 cossoiros). Os cossoiros indicam pelo menos a presença de dois fusos, um parafuso ou torcedor (para fios /tecidos pesados) e um fuso normal (para fios / tecidos leves, comuns). Não deixa de ser interessante comprovar a presença desta actividade numa zona que cremos ser sobretudo uma zona de actividades diurnas. Como já referimos, a PEL revela a presença de um conjunto cerâmico que se distingue das outras zonas habitacionais e que indica toda uma valência social peculiar. É possível que a fiação aqui conduzida servisse um número indeterminado de pessoas e núcleos familiares que habitavam a PIL e a PEL.

Na área norte esta actividade encontra-se presente na PIN1, com um fuso e na PIN2 com 2 fusos. O cossoiro presente na PIN1 destaca-se pela presença de decoração e pela possibilidade de funcionar sozinho devido ao seu peso. Devido a estas características, cremos que esta actividade possui na PIN1 uma certa valorização social. Na PIN2 foram identificados cossoiros na U. Hab. 9 (um fuso normal) e U. Hab. 14 (um torcedor). Como já referimos a U. Hab. 14 é abandonada durante esta fase ocupacional e cremos que antes da ocorrência do incêndio. A U. Hab. 9 é destruída pelo incêndio. Deste modo, é possível que estas duas U. Habs. não tenham funcionado num mesmo tempo e que o abandono da U. Hab. 14 tenha conduzido a uma transferência de actividades para outras U. Habs. É também possível que ambas as U. Habs. tenham funcionado num mesmo tempo e que nesta fase e zona habitacional tenha ocorrido um incremento da tecelagem com a presença de mais uma unidade habitacional onde esta actividade decorria.

A última fase de ocupação encontra-se muito mal caracterizada a todos os níveis devido a um registo arqueológico muito débil. Não podemos afirmar com certeza a presença desta actividade durante esta curta ocupação pois os dois cossoiros identificados – um na PIL e outro na PIN1 –

encontram-se no solo humoso e podem relacionar-se com outras fases ocupacionais. No entanto, cremos que tal actividade esteve presente na última fase ocupacional, onde parece evidente a importância da PIN1 na área norte. É de notar que estes cossoiros foram manufacturados a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos e que tal pode indicar o carácter precário desta ocupação. Não haveria um “investimento” na manufactura destes artefactos nesta fase ocupacional.

As formas construídas de raiz são as mais antigas, ocorrendo a reutilização de fragmentos cerâmicos para a manufactura de cossoiros a partir do século I AC. A reutilização de fragmentos cerâmicos pode revelar contactos com outras populações de diferentes usos ou um desinvestimento na manufactura destes artefactos.

Em resumo, podemos dizer que a actividade têxtil se encontra em todas as zonas do povoado ainda que restringida a determinadas unidades habitacionais. Cremos que a actividade têxtil encontrava-se restringida a determinadas U. Habs. sucedendo uma certa especialização na área diversificada 6, PIL, e na U. Hab. 14, PIN.

A diferenciação material que se revela na presença de cossoiros em determinadas U. Habs. não é tida por nós como um factor de diferenciação social. Esta diferenciação material que se revela numa distribuição díspar ao nível dos contextos e U. Habs. pode ser explicada por diversas hipóteses interpretativas, como apontámos antes.

A presença de cossoiros em determinadas U. Habs. pode ser um indicador de especialização quer de pessoas ou núcleos familiares ou do próprio espaço onde ocorre (U. Hab). Quer dizer que para que ocorra uma especialização de pessoas ou núcleos familiares seria necessário que os núcleos familiares e seus descendentes se mantivessem na mesma U. Hab. durante um período prolongado de tempo. Por outro lado, a especialização de determinada U. Hab – ou seja o uso restrito dessa U. Hab. para determinadas actividades – exigiria uma organização complexa do povoado.

Ambas as realidades propostas nestas hipóteses interpretativas parecem estar presentes no Crasto de Palheiros. Por um lado, o TEL e a PIL revelam uma diferenciação funcional e logística das actividades levadas a cabo em cada uma das zonas. Tal realidade pode ser estendível às U. Habs. e cada U. Hab. – ou grupo de U. Habs. – possuir uma “funcionalidade” diferente e que a destaca das demais. A presença recorrente de cossoiros na área diversificada 6 e a sua ausência na “estrutura” da U. Hab. 4 – que integra um piso lajeado a xisto de cor azul e um conjunto cerâmico com boa diversidade formal (6 tipos de formas de 4 tipos de capacidades diferentes e 3 decorações distintas) – indicam que na PIL as U. Habs. não possuem todas as mesmas valências. Com efeito, a U. Hab. 4

não apresenta nenhum cossoiro mas integra um conjunto cerâmico em que a maioria dos recipientes são de armazenamento (formas 6b, 7a e 8a de capacidade entre 5 a 10 l), mesmo assim com a presença de alguns recipientes individuais (formas 3b, 4b e 8b de capacidades até 1 l). Na área diversificada 6 (A19) apenas um dos recipientes reconstituídos possui uma capacidade de 5 a 10 l (por volta dos 7 l) e os restantes quatro são individuais, com uma capacidade inferior a 300 ml (à excepção de um com uma capacidade de 800 ml). Deste modo, é possível perceber que na PIL, na fase III-2, as U. Habs. melhor caracterizadas apresentam uma grande diversidade de vestígios que indicam actividades diferenciadas entre elas, apesar de algumas dessas actividades estarem presentes em todas, embora em graus diferentes.

Por outro lado, os contextos de cada zona habitacional durante toda a ocupação revelam semelhanças entre si que indicam a manutenção de conjuntos cerâmicos com determinadas características. Tal é visível entre a área norte e a área leste, que são mais semelhantes entre si durante toda a ocupação se vista como um contínuo, do que entre ambas numa mesma subfase ocupacional. Quer dizer que numa determinada subfase ocupacional estas duas zonas habitacionais distinguem-se mais do que se compararmos os conjuntos cerâmicos de uma mesma zona durante toda a ocupação da Idade do Ferro. Esta característica pode indicar a permanência de determinados núcleos familiares e seus descendentes de modo permanente em determinada zona do povoado por um certo período de tempo, mas não durante todo o tempo de vigência do povoado.

É possível que ambas as realidades tenham ocorrido, uma especialização dos espaços e das pessoas. A especialização dos espaços parece mais evidente. Contudo, a especialização “laboral” ou a transmissão de um saber-fazer dentro de determinado núcleo familiar é menos clara e sobretudo pouco visível no registo arqueológico. Assim, concluímos que o povoado revela uma complexidade muito grande que se observa numa distribuição díspar (pouco uniforme) da cultura material e das actividades que lhe deram corpo.

8.4.2. Produção de recipientes cerâmicos

Relativamente à produção de recipientes cerâmicos podemos observar uma dificuldade inerente à sua caracterização. Não existem indicadores suficientes para afirmar que a produção de recipientes cerâmicos dependia unicamente de um único núcleo produtor no povoado. De facto, algumas características identificadas indicam a possibilidade de terem existido vários núcleos de produção cerâmica dentro do povoado, talvez coincidentes com alguns núcleos familiares. Passamos então a explicar.

A diversidade presente nas organizações decorativas, instrumentos decorativos, tipos formais de bordos, bem como uma manufactura essencialmente manual, indica a possibilidade de terem existido diversos núcleos de fabricação de recipientes cerâmicos. Como podemos observar, não existe nenhuma decoração complexa que se repita no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros e tal pode indicar uma manufactura desagregada ou distribuída por diversas pessoas. Podemos ver que não ocorrem os mesmos elementos decorativos (por exemplo matrizes ou carimbos) em diversos recipientes de composições decorativas diferentes. Cada recipiente decorado e cada composição decorativa apresenta os seus próprios elementos que diferem dos demais.

A transmissão de um saber-fazer dentro de um mesmo núcleo familiar provoca também a herança de instrumentos de trabalho, de padrões decorativos e da utilização dos mesmos. Contudo, a grande variedade decorativa presente nos recipientes decorados do Crasto de Palheiros revela a presença solitária de determinados elementos decorativos que exigem um instrumento personalizado (carimbo). Quer dizer que determinado carimbo ocorre apenas uma vez no Crasto de Palheiros e, teoricamente, poderia ter sido utilizado apenas uma vez. Contudo, cremos que os “carimbos” não seriam utilizados apenas uma vez e que a produção de recipientes cerâmicos teria que colmatar todas as necessidades sociais da comunidade. Ou seja, hipoteticamente os recipientes seriam produzidos para determinados fins onde se inclui, por exemplo, a sua utilização em necrópoles ou outros contextos de acção destas comunidades. É assim possível que cada núcleo de produção libertasse parte dos seus recipientes para outras instâncias colectivas. Assim, a grande diversidade decorativa é lida como um forte indicador de que existiriam vários núcleos produtores e de um “escoamento” permanente de recipientes cerâmicos para fora do povoado.

Por outro lado, a manufactura manual e a falta de homogeneização formal (tanto total como parcial, ao nível dos bordos) indica um conhecimento técnico muito básico e que nem sempre era seguido do mesmo modo (relativamente à diversidade formal e decorativa). Isto é, a ausência quase total de recipientes realizados a torno revela uma manufactura manual que corresponde a um nível técnico baixo e a um baixo investimento. A utilização do torno exige uma maior logística, uma utilização massiva de pastas depuradas (de tipo II), entre outros aspectos sociais e de organização / gestão do trabalho que não parecem estar presentes no Crasto de Palheiros. Ou seja, a manufactura manual possibilita mais facilmente a existência de vários núcleos de produção e a variedade de bordos e formas indica também isso mesmo.

A variedade de bordos e formas funciona da mesma forma que a variedade decorativa. É certo que cerca de 50 % dos bordos presentes em cada fase pertencem a 5 tipos. Todavia, mesmo dentro

destes tipos, os bordos apresentam pequenas diferenças. Deste modo, não existe uma norma, um padrão comportamental / técnico: os bordos não são padronizados e isso pode ser um indicador de que vários núcleos familiares produziam os seus próprios recipientes. cremos que se a produção estivesse restringida a um único núcleo ou artesã/o, o grau de homogeneidade formal seria muito mais evidente não só nos tipos presentes como dentro de cada tipo maioritário.

A única forma que apresenta uma grande homogeneidade formal é a *8b* pois muitos dos exemplares são realizados a torno. Todos os recipientes realizados a torno presentes no Crasto de Palheiros são de forma *8b* mas, por outro lado, a maioria dos recipientes de forma *8b* são de fabrico manual. Não sabemos se estes recipientes a torno foram adquiridos externamente e não produzidos no local pois uma utilização do torno não se encontra expressa de forma evidente no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. cremos na possibilidade destes recipientes a torno terem sido adquiridos externamente. É possível que regionalmente determinados artesãos tivessem um conhecimento profundo da utilização do torno e produzissem recipientes que eram adquiridos por diversas comunidades das imediações.

Os recipientes a torno do Crasto de Palheiros revelam um nível técnico muito bom que não é adquirido por tentativa / erro. Este conhecimento é adquirido por osmose, tem que ser aprendido pois os recipientes não revelam erros técnicos comuns numa utilização do torno mais deficitária. A ausência de uma utilização mais comum de pastas depuradas, a ausência de um maior número de recipientes a torno (em diversas formas), a ausência de espaço útil para a construção de uma olaria mais complexa, são indicadores acrescidos para a nossa interpretação de que no Crasto de Palheiros não se produziam recipientes a torno.

8.4.3. Produção metalúrgica

Relativamente à produção metalúrgica no Crasto de Palheiros nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro podemos dizer que tal é indicada pela presença de cadinhos cerâmicos, escória de redução e fundição, pingos de fundição, um molde duplo em pedra utilizado para fabricar machados e facas metálicas (Pinto: 2008, 149, fig. II.30.) e um número elevado de artefactos metálicos – sobretudo adornos – que possuem todo um conjunto de características que lhes conferem um “ar de família”.

Não referiremos aqui extensamente as características estilísticas dos adornos metálicos que já foram analisadas anteriormente e publicadas (Pinto: 2008, 148-150). Contudo, pretendemos revelar

aqui alguns dados inéditos relativamente à sua produção no Crasto de Palheiros durante a Idade do Bronze e Ferro.

A produção metalúrgica não parece ter ocorrido da mesma forma em todas as zonas habitacionais e em todos os contextos. Nesta actividade artesanal parece ter existido uma distribuição desigual pelas diversas U. Habs.

Na PIL, em todas as fases e subfases ocupacionais, os vestígios de uma produção metalúrgica são muito deficitários. O início da ocupação do Iº milénio (Idade do Bronze) é marcado pela presença do molde em pedra e de um fragmento de escória de conglomerado em estratos de interface entre a ocupação calcolítica e a da Idade do Bronze / Ferro. Durante a fase III-2 ocorrem escórias de conglomerado e sangrado na área diversificada 6, mas que não relacionamos com a produção de objectos metálicos pois estas escórias encontram-se numa zona de manipulação de inúmeras contas de colar de pasta vítrea cuja produção / manipulação final pode ter produzido tais escórias. O estrato de incêndio da U. Hab. 3 (Lx. 47 – fase III-2) apresenta um fragmento de escória de conglomerado com a ausência de outros vestígios de produção (pingos de fundição, outros fragmentos de escórias e possíveis moldes). As U. Habs. 2 e 4 apresentam conjuntos de pingos de fundição com a ausência de outros vestígios de produção. Na última fase de ocupação é registada a presença de dois fragmentos cerâmicos com escória agarrada às superfícies (possíveis cadinhos) localizados nas camadas de superfície e não integrados em nenhuma estrutura habitacional.

No TEL, ao longo de toda a ocupação, encontramos a presença de vestígios de uma actividade metalúrgica forte que parece mais evidente e organizada durante a fase III-2. Provavelmente aquando da reformulação dos espaços na PIL e TEL, o TEL passa a ter uma área restrita onde é fundido metal. Esta zona encontra-se nos quadrados H' e J' (Estampa X – volume 1), Lxs. 142, 145 e 149.1 onde foram identificados vários fragmentos cerâmicos com escória agarrada à superfície (possíveis cadinhos), realizados em pasta III; um fragmento de escória de conglomerado e um fragmento de escória de sangrado. É de notar que os quadrados H' e J' encontram-se fora da plataforma habitacional mais restrita construída na Idade do Ferro e denominada de PEL (Estampa X – volume 1).

Na PEL foram também identificados vários fragmentos cerâmicos com escória agarrada à superfície (possíveis cadinhos) de diversas pastas, III, VIII e XII que pressupõem recipientes diferentes para uma mesma actividade. O contexto destes fragmentos cerâmicos coloca-os no final da ocupação de III-2. Tendo em conta os dados estratigráficos cremos que esta actividade terá decorrido

durante um longo período de tempo podendo ter começado com a reformulação dos espaços da área leste por volta de 300 AC.

Em resumo, a actividade metalúrgica no TEL / PEL pode ter ocorrido desde o início da ocupação da Idade do Ferro nesta zona habitacional, tal como parece indicar a presença de um fragmento cerâmico escoriado presente no Lx. 139. Contudo, é durante a reformulação dos espaços da área leste, por volta de 300 AC, que a PEL revela de um modo claro esta valência social – de produção de artefactos metálicos ou fundição de metal. A partir de 300 AC o espaço PEL congrega uma área exclusiva para a produção metalúrgica que perdura até ao momento do incêndio. Esta actividade vai de encontro ao que cremos constituir as valências sociais desta zona habitacional. A PEL é uma zona habitacional na qual se conduziam múltiplas tarefas, sobretudo diurnas, e onde aparecem excluídas outras tarefas, como a de armazenamento de bens alimentares.

Na área norte os vestígios de actividade metalúrgica encontram-se muito esparsos e sem que possamos observar um padrão comportamental. Durante a fase III-1 ocorre um fragmento de bordo com escória agarrada à superfície (Bordo n.º 563 – Estampa CXXII, n.º 1 – volume 2) na PIN2, Lx. 115 e construído em pasta VII. Foram também identificados vários fragmentos cerâmicos com escória agarrada às superfícies em contextos da U. Hab. 14 (Lxs. 81, 82, 90 e 79), de pastas I, III e VIII. Num contexto superficial da U. Hab. 14 foi identificado um fragmento de bordo com escória agarrada às superfícies, localizado no Lx. 56 e construído em pasta I (Bordo n.º 912 – Estampa CXXX, n.º 11 – volume 2). Devido à localização deste fragmento de bordo relacionamo-lo com os restantes fragmentos cerâmicos escoriados presentes na U. Hab. 14 durante a fase III-1.

Durante a fase III-2, encontram-se vestígios desta actividade através de fragmentos cerâmicos “escoriados”, localizados no Lx. 85.1 e construídos em pasta III. Durante a fase III-3 é possível observar a presença de vestígios de diversa espécie na PIN1 – um fragmento cerâmico escoriado, de pasta VIII, um fragmento de escória de conglomerado e um fragmento de escória de sangrado –, na PIN 2 – diversos fragmentos de cerâmica com escória agarrada às superfícies, de pastas III e VIII sendo um, um bordo (Bordo n.º 479, Estampa CXX, n.º 2 – volume 2) e pingos de fundição e, por último um fragmento de escória de sangrado localizado na camada superficial do TEN.

Concluindo, a actividade metalúrgica parece estar presente pelo menos desde o início da ocupação da Idade do Ferro, por volta de 600/550 AC tanto na área leste (PIL e TEL) como na área norte (PIN). Os vestígios são muito parcos e apontam para uma actividade dispersa um pouco por todo o povoado e possivelmente atingindo diversas U. Habs. Os contextos dos vestígios não

permitem uma caracterização pormenorizada da ocorrência desta actividade sobretudo na PIL e no TEL. Na área norte, a U. Hab. 14 (PIN2.1 – est. XIV – vol. 1) parece possuir uma certa importância relativamente a esta actividade artesanal pois o único vestígio não integrado na U. Hab. 14 não permite concluir sobre a presença efectiva desta actividade na PIN2. Na U. Hab. 14 estão presentes pelo menos três recipientes diferentes, cada um de sua pasta (I, III e VIII). Deste modo parece evidente a presença de uma actividade permanente e prolongada nesta U. Hab. 2 e, conseqüentemente, nesta zona habitacional.

A fase de ocupação encetada por volta de 300 AC e que se caracteriza por uma reformulação dos espaços da área leste e por uma modificação logística de todo o povoado, indica uma concentração desta actividade no TEL. A PIL e a PIN – sobretudo a PIN 1 (Est. XIV – vol. 1) – apresentam vestígios desta actividade de uma forma muito pouco clara. Quer dizer, a actividade metalúrgica no TEL envolve uma série de acções que provocam um conjunto de vestígios numa área extremamente restrita. Contudo, os vestígios na PIL apenas indicam uma manipulação de metais em diversos U. Habs. (2, 3 e 4) sem que saibamos qual a natureza de tais manipulações. Nesta U. Habs. não ocorrem acções de redução e de fundição do metal, mas podem ter ocorrido algumas acções de manufactura final de artefactos metálicos. A presença de pingos de fundição, extremamente depurados e evidentemente preparados para serem fundidos em peças permite colocar a hipótese de que alguns artefactos eram produzidos em determinadas U. Habs. da PIL, como a 2 e a 4.

Na área norte os vestígios são muito mais difíceis de entender pois a grande maioria deles encontra-se integrada em camadas superficiais e, tecnicamente, encontra-se mais próxima da última fase de ocupação. Contudo, acreditamos que a grande maioria destes vestígios no TEN e PIN2 esteja relacionada com a actividade metalúrgica da U. Hab. 14, ocorrida na fase III-1. A forte degradação dos estratos, os revolvimentos constantes pode conduzir a uma forte dispersão dos vestígios. No entanto, é de notar que na PIN1 se encontram vários tipos de vestígios metalúrgicos e uma estrutura em fossa (Estampa XV – volume 1) primeiramente compreendida como uma Fossa-Forno relacionada com a actividade metalúrgica. A sua localização (longe de uma área habitacional mais densa) permitiria um manuseamento mais seguro do fogo para acções de redução e fundição.

Contudo a Fossa-Forno foi condenada, sem vestígios da actividade que lhe conferia o seu significado, e aparentemente poderia também constituir-se como um local de cozedura de recipientes cerâmicos. Deste modo, o TEL constitui-se como a única zona habitacional com uma actividade metalúrgica evidente no registo arqueológico.

Os vestígios de uma actividade metalúrgica na última fase de ocupação são praticamente nulos e cremos que durante esta curta ocupação esta actividade não foi aqui levada a cabo.

8.4.4. Produção cerâmica versus Produção metalúrgica: Algumas reflexões.

Por último, gostaríamos de comparar a produção de artefactos metálicos com a produção de recipientes cerâmicos. Apesar de ambas as actividades se encontrarem no Crasto de Palheiros durante a ocupação da Idade do Ferro são evidentes abissais diferenças na prossecução das mesmas.

A produção de recipientes cerâmicos caracteriza-se por uma ausência quase total de padrões comportamentais. A variedade presente nas decorações, formas, tipos de bordo, etc, indica que a produção não possui directivas fixas, não segue nenhum gosto estético generalizado e marcadamente presente e os produtos finais (recipientes), ainda que integrados em tradições estilísticas locais, não possuem um “ar de família”. Quer dizer que quando avaliamos todos os recipientes decorados de determinada fase, estes não seguem um mesmo padrão decorativo mas sim várias vias de tradição estilística que se encontram num mesmo momento temporal. Ou seja, alguns recipientes decorados e não decorados lembram uma tradição pré-histórica de desenvolvimento local; outros lembram claramente tradições estilísticas vindas da Meseta Norte e outros apontam para uma influência dos povos da Idade do Ferro do Douro Litoral. Deste modo, numa mesma fase ocupacional, estão presentes vários recipientes cada um revelando uma tradição estilística diferente.

Os recipientes cerâmicos na sua estética, seja ela decorativa ou formal, não congregam vários estilos vizinhos, criando algo novo. A estética dos recipientes cerâmicos é muito pobre em termos criativos e de certo modo em termos identitários. Não é possível definir, através dos recipientes cerâmicos, uma comunidade de identidade autónoma e forte. Os recipientes são cópias empobrecidas de modelos de várias zonas e não possuem rasgos suficientemente inovadores. Deste modo, cada um deles aproxima-se a um ou outro exemplar de determinada região ou comunidade mas, todos juntos, não evidenciam uma “cultura” autónoma, no sentido de “padronizada”.

Contudo a realidade dos artefactos metálicos é totalmente distinta da dos recipientes cerâmicos. Os adornos metálicos (fíbulas, alfinetes de cabelos, braceletes, placas de cinturão, pendentos e brincos, entre outros) possuem um conjunto de características (morfológicas e estéticas) que apontam para *formas de sentir comuns a toda a região de Trás-os-Montes* (Pinto: 2008, 148). Os

artefactos metálicos possuem um ar de família, possuem uma série de características¹⁶ que lhes conferem uma identidade própria. Na sua forma e decoração não são cópias empobrecidas, são objectos que congregam vários estilos, dando origem a um novo que se distingue dos restantes. É possível observar um adorno metálico de Trás-os-Montes da Idade do Ferro e intuir que ele pertence a esta região, mas o mesmo não acontece com os recipientes cerâmicos.

A discrepância entre estas duas realidades na cultura material pode dever-se a vários factores e é possível colocar várias hipóteses interpretativas.

Numa primeira hipótese, atendemos ao facto de que os conjuntos cerâmicos das diversas comunidades da Idade do Ferro de Trás-os-Montes não se encontrariam suficientemente identificados para ser possível uma perspectiva de síntese e um melhor entendimento das suas características. De facto, mesmo nas escavações mais modernas as publicações pautam-se por uma ausência quase total de desenhos relativos às cerâmicas e a descrições técnicas pormenorizadas das mesmas. Os arqueólogos tendem a valorizar os artefactos metálicos e as condicionantes das publicações levam e que estes sejam mais publicados que os recipientes cerâmicos. Ou seja, geralmente se um arqueólogo tiver que escolher entre publicar um artefacto metálico ou um fragmento cerâmico, irá escolher o artefacto metálico.

Deste modo, é difícil compreender as características do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros porque as comparações dentro da mesma região são praticamente inexistentes. Não podemos afirmar que as características do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros se repetem, ou não, noutros povoados do mesmo período na região. É possível que os poucos atributos identitários do conjunto cerâmico se venham a repetir em diversos sítios da Idade do Ferro de Trás-os-Montes e que tal revele uma identidade própria e autónoma da região (o que seria idêntico ao que hoje sabemos sobre os artefactos metálicos sobretudo adornos pessoais). Atendendo a esta possibilidade passamos a enumerar algumas das características identificadas:

1) Utilização das pastas II, VI e VIII exclusivamente nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro. Estas pastas constituem a inovação deste período cronológico no entanto a sua presença não excede os 30 % de recipientes.

2) Utilização de pastas de tradição local em continuidade com as pastas utilizadas durante a ocupação calcolítica – pastas I, III, VII e X.

16 Definimos 9 características principais e uma delas é subdividida em 5 pontos. Para uma melhor compreensão destas características ler Pinto: 2008, 148-150.

3) Presença de formas que revelam um arcaísmo formal muito grande porque se relacionam com conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze. Ou seja, estão presentes formas que noutros contextos poderiam relacionar-se com a Idade do Bronze Inicial ou Médio (ver capítulo 8.5). Como sabemos a cronologia da última ocupação do Crasto de Palheiros corresponde grosso modo ao Iº milénio e desse modo seriam de esperar outro tipo de formas, outra realidade.

4) Uma maioria de recipientes de perfil em “S” pouco desenvolvidos e muito simples, que não congregam em si nenhuma particularidade que os distinga dos das demais regiões. Os recipientes de perfil em “S” que constituem 70 % dos conjuntos cerâmicos são os mais incharacterísticos. Não ocorrem formas muito desenvolvidas como algumas presentes nas comunidades do Douro Litoral ou da Meseta Norte. Quer dizer que nada os distingue a não ser a sua simplicidade.

5) Presença de recipientes individuais (taças rectas e globulares) que constituem 30 % do total de recipientes reconstituídos. Estes recipientes em nada se distinguem daqueles de outras regiões. Não possuem decorações a eles somente associados, não são realizados exclusivamente em determinadas pastas e as formas tanto são relacionadas com as comunidades da Idade do Ferro do Douro Litoral como da Meseta Norte (ver capítulo 8.5).

6) Uma presença elevada de decorações que apontam para uma tradição local relacionada com o Calcolítico e Idade do Bronze, por exemplo: *a*) decorações incisas no colo dos recipientes que se relacionam com a Idade do Bronze (Estampa XVIII – volume 2); *b*) decorações plásticas muito simples que revelam grande arcaísmo devido à sua proximidade com decorações da Idade do Bronze mas que devido à sua simplicidade se afastam destas (as decorações plásticas da Idade do bronze são mais possantes) e *c*) decorações penteadas que parecem imitar padrões penteados de cerâmicas calcolíticas do Crasto de Palheiros.

7) Uma utilização muito reduzida de decorações estampilhadas revelando uma estética muito pobre. As decorações estampilhadas revelam semelhanças com aquelas presentes nas comunidades da Idade do Ferro do Douro Litoral contudo são menos profusas tanto nas composições como nos elementos decorativos utilizados.

8) Uma utilização reduzida de decorações penteadas e que revelam uma estética muito pobre. As decorações penteadas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros não imitam na totalidade os recipientes penteados da Meseta Norte, ou seja, as decorações penteadas não seguem os padrões compositivos dos recipientes de composições mais complexas nem são aplicadas no mesmo tipo de formas (determinados recipientes globulares). Os recipientes do Crasto de Palheiros que

apenas apresentam decorações penteadas são muito simples, as decorações restringem-se a uma banda recta, ondulada e muito raramente a conjugação de duas bandas que se entrecruzam.

9) A conjugação num mesmo recipiente de decorações penteadas e estampilhadas. Esta conjugação é uma inovação que pode ou não estender-se a toda a região Transmontana. Algumas composições decorativas conjugam a utilização do pente com a utilização de matrizes. A ponta do pente tanto pode ser utilizado como uma matrix (Org. Dec. XXXIV6c1, XXXIV6d2 e XXXIV6e), como construindo uma banda penteada (Org. Dec. XXXIV1c, XXXIV2, XXXIV6d2 e XXXIV6e) ou um outro elemento decorativo, como uma espiral (Org. Dec. XXXIV3c). Estes motivos irão conjugar-se com motivos comuns às cerâmicas estampilhadas, como os círculos concêntricos (Org. Dec. XXXIV6d2 e XXXIV6e). Algumas composições que aparentemente possuem uma banda penteada (XXXIV7a) não podem ser aqui incluídas pois possuem características que as afastam dos penteados mais comuns (a banda penteada não é bem uma banda penteada, é uma junção de linhas paralelas). Esta característica é a única verdadeiramente particularizante presente nas decorações da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros contudo, não sabemos se se estende a outras comunidades.

10) Ausência total de decorações pintadas.

As características enumeradas poderão fazer parte de todo um conjunto de atributos presente nas comunidades da Idade do Ferro de Trás-os-Montes. Este conjunto de características poderá conferir uma certa autonomia identitária às comunidades da região face a outras. Contudo, algumas das características do conjunto cerâmico – a par das características presentes nos artefactos metálicos – apontam para que este não tenha conferido um cariz profundamente identitário às comunidades da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

Deste modo, uma segunda hipótese interpretativa de explicação da discrepância entre a realidade conferida pelos artefactos metálicos e pelos recipientes cerâmicos aponta para uma subalternização dos recipientes cerâmicos em relação aos artefactos metálicos. Os recipientes cerâmicos possuem todo um conjunto de características que de certo modo indicam uma incipiente valorização social e identitária dos mesmos. Tal como já referimos, os recipientes cerâmicos não congregam em si vários estilos vizinhos criando algo novo, como ocorre com os artefactos metálicos. A única característica que se enquadra neste atributo criativo é aquela descrita no ponto 9 e deste modo todas as restantes revelam um empobrecimento generalizado do conjunto cerâmico. Para além deste importante factor, é preciso notar que os diversos recipientes cerâmicos não perfazem um todo coeso, tal como ocorre nos artefactos metálicos.

Apesar de termos referido todo um conjunto de atributos gerais, o conjunto cerâmico na sua totalidade, ou dividido por fases, não possui uma coerência interna. Esta incoerência interna não é algo exclusivo do Crasto de Palheiros. Por exemplo, a necrópole do Tapado da Caldeira (Jorge: 1980) reúne recipientes de diversas origens e de tradições totalmente distintas. Ou seja, estão presentes recipientes de largo bordo horizontal e recipientes “Cogotas”. Também aqui não ocorre a criação de algo novo a partir de influências distintas. Contudo os artefactos metálicos do Crasto de Palheiros revelam essa característica, eles congregam em si várias influências em tipos decorativos novos.

Deste modo, os artefactos metálicos são objectos com uma identidade própria e o mesmo não podemos afirmar para a maioria dos recipientes cerâmicos. Os adornos metálicos são objectos de uso pessoal que com muita facilidade seriam observados por pessoas de outras comunidades. Há um investimento identitário nestes objectos de uso pessoal que de certo modo recordam o padrão restrito dos recipientes individuais de forma *8b*. Também estes recipientes de uso individual apresentam características mais restritas, são mais padronizados, nas pastas, na cor, na forma e na ausência de decoração.

Aparentemente, objectos de uso comunitário ou menos visíveis para as comunidades exteriores, não possuem atributos particularizantes que os distingam de modo assertivo de outros presentes em comunidades relativamente próximas.

Abarquero Moras refere que os recipientes cerâmicos considerados objectos de luxo no Norte de Portugal (sobretudo interior) são importações de recipientes de outras regiões, integrados em conjuntos cerâmicos fundamentalmente pobres e sem nenhuma particularidade que os identifique como um reportório coeso (Abarquero Moras: 2005, 375). Cremos que este comportamento é visto como uma característica social e cultural das comunidades da região. Ou seja, é entendido que para as comunidades de Trás-os-Montes da Idade do Bronze e da Idade do Ferro os recipientes de “luxo” tinham que ser uma importação. Contudo é também possível que os recipientes importados fossem o suficiente para cumprir determinadas funções “menos domésticas” – serem usados em enterramentos, em depósitos “ritualizados” ou propositados, em actos de convívio social, etc. – não sendo necessário objectos marcadamente identitários como o são os artefactos metálicos. Ou seja, o conjunto cerâmico não é visto pela comunidade que o produziu como um veículo identitário e desse modo não transparece um reportório coeso.

Aparentemente, o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros constitui-se como um fraco

veículo identitário sobretudo se o compararmos com o conjunto de adornos metálicos. Contudo, não sabemos se tal assim é. Apesar de todas as características referidas, de tudo apontar para que o conjunto cerâmico se constitua como uma parte subalternizada da cultura material sobretudo face a outras, quando observamos os três recipientes depositados na fundação do TEL vemos o desgarramento dos recipientes. A característica principal daqueles três recipientes é não serem semelhantes uns aos outros, é não terem um ar de família e é vincularem-se a tradições de fabrico e estilísticas distintas.

O que nos parece a nós – observador exterior – um fraco veículo identitário (pois o conjunto cerâmico não possui nenhuma característica, ou conjunto das mesmas, que o particularize face a outros conjuntos) pode ser de facto uma das características culturais desta comunidade tão autónoma como outra em que o conjunto cerâmico se destaque nos rasgos identitários.

Talvez os conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros se caracterizem essencialmente pela sua fraca importância na caracterização identitária. É possível que a caracterização identitária da comunidade estivesse mais alicerçada noutros aspectos da “cultura material”, como os adornos metálicos de uso pessoal ou noutros artefactos percíveis (vestuário, por ex.) que não deixaram vestígios arqueológicos.

8.5. As formas cerâmicas e sua integração local e regional – Uma narrativa

8.5.1 Introdução

A integração das formas cerâmicas na região devia seguir uma lógica de investigação que partisse do particular para o geral. Cada forma cerâmica devia ser entendida dentro de cada contexto e fase do Crasto de Palheiros com a sua subsequente evolução e após esta avaliação deveria ser possível realizar uma integração regional. Contudo, tal como foi explanado no capítulo 8.1., a comparação contextual, e até a comparação entre fases, que decorrem do nosso método de análise, acarretam problemas epistemológicos que impossibilitam tal aproximação.

Assim, a integração local e regional das formas cerâmicas é realizada segundo os clássicos pressupostos da arqueologia histórico-cultural. Esta narrativa é construída tendo em conta a morfologia dos recipientes e a sua comparação com outros recipientes do mesmo período. Não são tidas em conta características gerais do conjunto cerâmico, mas sim cada forma na sua individualidade.

O quadro interpretativo que aqui surge é norteado por duas ideias principais que se opõem mas que, juntas, permitem a narrativa histórica deste sítio no Iº milénio. A narrativa histórica é assim pautada por discursos de continuidade e de descontinuidade material. Quer dizer que vamos caracterizar a ocupação do Crasto de Palheiros, durante o Iº milénio AC, relativamente às permanências e rupturas visualizadas dentro da cultura material.

Os vestígios da ocupação humana no Crasto de Palheiros são o núcleo principal (e quase único) de informações sobre as comunidades que habitaram esta região no Iº milénio AC. Infelizmente, Trás-os-Montes, neste período cronológico, encontra-se muito mal documentado. Os estudos arqueológicos centraram-se na identificação e descrição dos vários tipos de assentamentos, sendo exemplar o trabalho doutoral de Francisco de Sande Lemos (Lemos, 1993). Grande parte das suas hipóteses interpretativas que visam explicar os contextos socioeconómicos e culturais da Idade do Ferro são baseadas no tipo de sítios (sua morfologia), no tipo de assentamento (sua integração geográfica e topográfica) e nas suas áreas de exploração.

O conhecimento da vivência de cada sítio só pode ser obtido através de escavações arqueológicas norteadas por metodologias e objectivos que procurem responder às várias questões históricas que se colocam na caracterização desta região neste período cronológico. Infelizmente são poucos os sítios escavados nos últimos anos e extensamente estudados. As características apontadas para a investigação arqueológica decorrida em Trás-os-Montes não se encontram indissociadas da falta de orçamentos governamentais (e outros) e das dificuldades acrescidas que sentem todos os investigadores deste ramo científico nesta região.

A par do Crasto de Palheiros, alguns sítios com ocupações da Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romana de Macedo de Cavaleiros tem sido escavados na última década. Os sítios são os seguintes: Fraga dos Corvos – Vilar do Monte, integrado na Idade do Bronze (Senna-Martinez *et alli*, 2005, 2009 e 2010); Cramanchão – Cortiços, com uma possível ocupação da Idade do Ferro tardia (Tereso *et alli*, 2005); Terronha de Pinhovel – Amendoeira – com uma ocupação da Idade do Ferro seguida duma extensa e importante ocupação Romana (sec. I ao IV DC) e Bovinho – Edroso (Barranhão, 2006). Foi também intervencionado o sítio Senhora do Castelo, em Urrós – Torre de Moncorvo – com uma clara ocupação da Idade do Ferro (Martins: 2006, 86).

Por último, esta região é aquela pior documentada através das fontes clássicas (Almagro *et alli*, 2001, pp. 357-381) não revelando um grupo de características suficientemente diferenciadoras em relação às “culturas” de áreas geográficas adjacentes. Ou seja, Trás-os-Montes caracteriza-se pela ausência de características suficientemente individualizadas para terem sido descritas pelos autores

clássicos e vistas como aspectos culturais diferenciadores¹⁷. Deste modo, e em parte devido a esta ausência documental, cremos que a caracterização das comunidades que habitaram Trás-os-Montes antes da presença Romana deve ser prioritariamente realizada através da Arqueologia e seus métodos de investigação e explanação histórica.

Assim, a caracterização socio-cultural das comunidades do Iº milénio que habitaram o Crasto de Palheiros e Trás-os-Montes irá ser realizada através dos vestígios da cultura material e da sua comparação com outros vestígios de comunidades adjacentes.

8.5.2. Evolução das formas cerâmicas no Crasto de Palheiros – Explanação sobre os recipientes presentes nas tabelas de formas

Os recipientes cerâmicos foram divididos em duas tabelas formais: uma relativa à Idade do Bronze e outra à Idade do Ferro. Apresentaremos neste subcapítulo a evolução das formas dentro do povoado nas diversas fases de ocupação. Gostaríamos de dizer que as formas conotadas com a Idade do Bronze são referidas através da colocação de um B (Bronze): formas *B1*, *B2*, *B3* e as formas da Idade do Ferro são referidas apenas pelo seu número: formas *1*, *2* e *3*. Referiremos o número de inventário dos recipientes e seus contextos sendo que estes recipientes são aqueles presentes nas tabelas de formas e que definem o tipo formal devido à sua boa reconstituição. Alguns tipos formais são representados por um único recipiente que é aquele apresentado na tabela de formas.

Os tipos de formas *B1* e *B2* correspondem a taças globulares de bordo não pronunciado (*B1*) ou ligeiramente esvasado (*B2*), sendo que uma das características formais significantes é o tipo de bordo. Um bordo mais pronunciado leva à integração noutros tipo de formas, tal como o tipo de forma *B4*.

A forma *B1a* (recp. n.º 1011 – Est. XLVIII, n.º 1 – vol. 2) ocorre num estrato calcolítico – relativo ao TEN – e revolvido pela construção da U. Hab. 9. Esta forma é representada por este único recipiente sendo uma taça globular que se distingue pelo bordo reentrante. As restantes formas globulares presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros apresentam bordo recto ou esvasado.

As formas *B1b* (recp. n.º 983, 998 e 999 – Estampas XXXIV, n.º 1; XXXII, n.º 1 e 2,

¹⁷ É certo que os autores clássicos referem algumas características relativas aos povos do Norte Peninsular, no que diz respeito a Trás-os-Montes. Por exemplo é referido que os *Zoelae* (localizados nas proximidades de Bragança) produziam linho contudo, no Crasto de Palheiros não foram identificados vestígios de linho. É também referido que alguns povos do Norte consumiam bolotas contudo, no Crasto de Palheiros e apesar da grande quantidade de vestígios paleobotânicos, não foram identificadas bolotas ou partes das mesmas.

respectivamente – vol. 2) ocorrem na área norte – na camada de superfície e revolvida pelo estradão do TEN (n.º 998 e 999 – Estampas XXXII, n.º 1 e 2, respectivamente – vol. 2) e num estrato calcolítico relativo à construção do TEN (n.º 983 – Est. XXXIV, n.º 1 – vol. 2). O recp. n.º 983 foi – devido à sua decoração, pasta e contexto – integrado na ocupação calcolítica; o recp. n.º 998 foi integrado na ocupação calcolítica ainda que no final desta podendo estar integrado no início do IIº milénio e o recp. n.º 999 foi integrado plenamente na Idade do Bronze Final ou 1º quartel do Iº milénio. Os recipientes n.º 983 e 999 são semelhantes à forma *2f* (tabela de formas da Idade do Ferro – Est. X – vol. 2) ainda que na Idade do Ferro algumas destas formas globulares possam apresentar fundos rectos. Gostaríamos, no entanto, de referir que cerca de metade dos recipientes da Idade do Ferro apresentam fundo côncavo.

A forma *B1c* (recp. n.º 562 – Est. CXXIII, n.º 6 – vol. 2) ocorre na PIN num contexto conotado com o início da Idade do Ferro (Lx. 115). O início da ocupação desta plataforma é difícil de discernir pois os estratos da Idade do Bronze foram naturalmente revolvidos pela ocupação da Idade do Ferro, que se deu em contínuo. Alguns fragmentos cerâmicos do Lx. 115 colam com fragmentos de contextos integrados na Idade do Bronze (ver capítulo 7 deste volume). Deste modo, integramos este recipiente na ocupação da Idade do Bronze devido à sua forma mas também à sua pasta e ao seu aspecto geral. Podemos ver que a forma *B1c* é semelhante à forma *2a*, que se encontra bem representada na fase III-2 e III-3 e que se encontra ausente nas fases II e III-1. É de notar que as formas *2b* e *2c* – taças globulares um pouco mais fechadas que a *2a* – encontram-se presentes na fase II, na PIL e área norte, respectivamente. Ainda que a forma *B1c* não se encontre presente em estratos seguros da Idade do Bronze é evidente a presença de taças globulares nesta ocupação e deste modo a forma *B1c* representa – em parte – esse grupo de formas.

A forma *B1d* (recp. n.º 570 – Est. CXXV, n.º 4 – vol. 2) ocorre na área norte, num contexto profundamente revolvido e sem referência cronológica (Lx. 75). Este único recipiente é conotado com a Idade do Bronze devido à sua forma e independentemente da ausência de decoração. A inclinação da parede desta taça globular é semelhante à da forma *2c* – apesar da forma *2c* não apresentar o tipo de bordo da forma *B1d* (Est. IX – vol. 2). A forma *2c* (Est. X – vol. 2) ocorre, unicamente, em contextos da fase III-2.

A forma *B1e*, recp. n.º 462 e 974 (Estampas LVIII, n.º 2 e XXXVIII, n.º 12, respectivamente – vol. 2), ocorre no TEL e área norte – respectivamente – sendo que na área norte ocorre num contexto de revolvimento da U. Hab. 14 (Lx. 56). O recipiente n.º 462 é semelhante à forma *2d* e o recipiente n.º 974 é semelhante ao recipiente n.º 633 – forma *2e*. Os recipientes n.º 462 e 974 são ligeiramente discrepantes, em parte, devido à sua parcial reconstituição. Estes recipientes foram

integrados na ocupação da Idade do Bronze devido à sua forma, decoração e pasta. A forma *2d* (Est. X – vol. 2) encontra-se presente em contextos da fase III-2 e a forma *2e* (Est. X – vol. 2) encontra-se presente em contextos da fase III-1.

A forma *B2* (recp. n.º 984 – Est. XXXIV, n.º 4 – vol. 2) encontra-se no TEN (Lx. 100), num contexto calcolítico revolvido pelas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro. Estes recipientes distinguem-se pela sua forma, pasta e decoração e desse modo foram conotados com a Idade do Bronze. Esta taça globular de médio tamanho é semelhante à forma *2c* (Est. X – vol. 2), da Idade do Ferro.

Podemos observar que as taças globulares (forma *B1* e *B2*) são um grupo bastante presente na ocupação da Idade do Bronze e que continuam em uso na Idade do Ferro (forma *2*). As tabelas de formas indicam que as taças globulares na Idade do Ferro são maioritariamente mais abertas e menos fundas do que as taças presentes na ocupação da Idade do Bronze – onde a inclinação das paredes é mais recta permitindo um maior índice de profundidade. De uma forma genérica as taças globulares da Idade do Bronze possuem um perfil ligeiramente troncocónico.

O grupo dos recipientes troncocónicos é representado pelas formas *B3*, *B13* e *B14* sendo que as formas *B3* e *B13* possuem continuidade na Idade do Ferro, ainda que com ligeiras alterações.

A forma *B3a* (recp. n.º 571, 959 e 643; estampas CXXIV, n.º 1, CXXIX, n.º 5 e CXXVIII, n.º 10, respectivamente – vol. 2) encontra-se em contextos calcolíticos (n.º 959 – Est. CXXIX, n.º 5 – vol. 2) e da Idade do Bronze – Lxs. 58 e 71, recps. n.º 571 (Est. CXXIV, n.º 1 – vol. 2) e 643 (Est. CXXVIII, n.º 10 – vol. 2), respectivamente. A forma *B3a* (Est. IX – vol. 2) é semelhante à forma *1b* (Est. X – vol. 2), da Idade do Ferro, ainda que os recipientes da Idade do Ferro aparentem menor profundidade e maior abertura. O recp. n.º 571 (Est. CXXIV, n.º 1 – vol. 2) é uma excepção a esta regra revelando uma grande abertura, uma grande profundidade e um fundo de muito pequeno tamanho se comparado com o diâmetro do bordo. A forma *1b* (Est. X – vol. 2) encontra-se presente em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro.

A forma *B3b* (recp. n.º 645, 465 e 969 – Estampas CXXVIII, n.º 11; LIX, n.º 5 e XLIII, n.º 9, respectivamente – vol. 2) encontra-se em contextos da Idade do Ferro (fases III-1 e III-2) da área norte (recps. n.º 645 e 969 – Estampas CXXVIII, n.º 11 e XLIII, n.º 9, respectivamente – vol. 2) e TEL (recp. n.º 465 – Est. LIX, n.º 5 – vol. 2). A presença destes recipientes em contextos muito perturbados, possivelmente, pela ocupação da Idade do Bronze (Lx. 71) e da ocupação da Idade do Ferro Inicial (Lx. 77); a presença de determinados tipos de decoração, a forma e pasta dos recipientes levaram à sua integração no Bronze Final. Esta forma é semelhante à forma *1b* (Est. X – vol. 2), que se encontra presente em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro.

A forma *B13* (recp. n.º 947 – Est. CXXIX, n.º 4 – vol. 2) encontra-se presente na área norte, dizendo respeito aos recipientes altos de perfil troncocónico. Esta forma é algo semelhante às formas *1c* e *9a* da Idade do Ferro (Est. X – vol. 2) ainda que nesta ocupação se tenham ocorrido algumas alterações no bordo e na relação entre o diâmetro da boca e do fundo. A forma *9a* (Est. X – vol. 2) encontra-se presente em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro e a forma *1c* (Est. X – vol. 2) encontra-se ausente nas fases II e III-1.

A forma *B14* (recps. n.º 914 e 975 – Estampas CXXX, n.º 10 e XXXVIII, n.º 6, respectivamente – vol. 2) encontra-se presentes em contextos calcolíticos (n.º 975 – Est. XXXVIII, n.º 6 – vol. 2) e da Idade do Ferro (n.º 914 – Est. CXXX, n.º 10 – vol. 2) da área norte. O tipo de pasta e forma – sobretudo do recp. n.º 914 – levou à integração deste tipo de forma na tabela de formas conotadas com a Idade do Bronze. É visível a ausência deste tipo de formas na ocupação da Idade do Ferro.

Podemos observar que as taças de fundo recto (formas *B3*, *B13* e *B14*), que podem mesmo constituir recipientes troncocónicos altos, são um grupo que parece estar menos presente na ocupação da Idade do Bronze do que as taças globulares (formas *B1* e *B2*). As taças de fundo recto continuam em uso na Idade do Ferro (formas *1*, *3* e *9a*) sendo que a forma *3* é claramente uma evolução deste tipo de formas. Quer dizer que as tabelas de formas indicam que as taças de fundo recto são semelhantes na Idade do Bronze e Ferro ao nível da inclinação das paredes possuindo, sensivelmente, o mesmo tipo de abertura e profundidade. Contudo, é evidente na forma *3* da Idade do Ferro a presença de bordos em aba e em menor número esvasados (forma *3a*). Cremos que a aplicação deste tipo de bordos neste tipo de formas é uma “inovação” da Idade do Ferro. Esta inovação pode ter sido inspirada nos vasos de largo bordo horizontal que não se encontram presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. É evidente nos recipientes de forma *3* (Est. X – vol. 2) a presença de bordos em aba, de tamanho médio e pequeno, diferenciando-se claramente dos recipientes de largo bordo horizontal. Deste modo, cremos que a forma *3* na Idade do Ferro (Est. X – vol. 2) é uma evolução dos vasos troncocónicos simples afastando-se já deste grupo.

O grupo de recipientes globulares, de colo e bordo marcado é representado pelas formas *B4* e *B5* (Est. IX – vol. 2). Estas formas correspondem a globulares altos, com um índice de profundidade elevado, com a presença de um colo curto (forma *B5*) e bordo esvasado (formas *B4* e *B5*).

A forma *B4a* (recps. n.º 1007 e 792 – Estampas XLVII, n.º 1 e CXXVIII, n.º 3, respectivamente – vol. 2) encontra-se em contextos da Idade do Bronze (Lx. 58) e fortemente perturbados (Lx. 75) da área norte. Esta forma é semelhante às formas *4a* e *4b* da Idade do Ferro (Est. X – vol. 2) – sobretudo à forma *4a* no tipo de bordo e inclinação da parede. Curiosamente as

formas *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2) ocorrem, unicamente, nas fases III-2 e III-3, existindo um pequeno hiato na ocupação inicial da Idade do Ferro.

A forma *B4b* (recp. n.º 483 – Est. CXXI, n.º 5 – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro, da área norte, relacionado com a U. Hab. 14 (Lx. 73). A forma e pasta deste recipiente conduziram à sua integração na ocupação da Idade do Bronze. Podemos observar que este tipo de forma não possui continuidade na ocupação da Idade do Ferro.

A forma *B5a* (recp. n.º 553 – Est. CXXIII, n.º 8 – vol. 2) ocorre em contextos da Idade do Ferro Inicial, da área norte (Lxs. 70 e 70.2). A sua forma e pasta conduziram à integração na tabela de formas da Idade do Bronze. Cremos que este tipo de recipientes globulares, altos, de colo curto, bordo esvasado mas muito pouco proeminente precede os recipientes de perfil em “S” mais acentuado, de colo também curto mas com um bordo e pança mais proeminente (forma *6b* da Idade do Ferro). É de notar que a forma *6b* da Idade do Ferro mantém o fundo côncavo tal como a maioria dos recipientes da Idade do Bronze – nomeadamente os globulares. É de notar que a forma *6b* ocorre em todas as fases de ocupação do Crasto de Palheiros (fases II, III-1, III-2 e III-3) e que na ocupação da Idade do Bronze convive com recipientes globulares mais simples como é o de tipo *B5a*.

A forma *B5b* (recp. n.º 554 – Est. CXXIII, n.º 10 – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro Inicial, da área norte (Lx. 106). A forma *B5c* (recp. n.º 486 e 955 – Estampas CXXI, n.º 6 e CXXIX, n.º 9, respectivamente – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro, da área norte, relacionado com a U. Hab. 14 - Lx. 73 (n.º 486 – Est. CXXI, n.º 6 – vol. 2) e da Idade do Ferro Inicial, da área norte (Lx. 77). A forma e pasta destes recipientes conduziram à sua integração na tabela de formas da Idade do Bronze. Cremos que as formas *B5b* e *B5c* (Est. IX – vol. 2) precedem as formas *5a* e *13* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro sendo que este globular médio, de colo curto e bordo esvasado (*B5b* e *B5c* - Est. IX – vol. 2) evolui para um globular médio de pança achatada, de colo curto mais visível e de bordo esvasado mais proeminente (*forma 5a* – Est. X – vol. 2). A forma *B5b* ocorre ligeiramente modificada – com um alongamento evidente da pança – em contextos da Idade do Ferro Inicial (forma *13*, recp. n.º 566 – Est. CXXVII, n.º 5 – vol. 2, presente no Lx. 115, PIN2). A forma *5a* (Est. X – vol. 2) ocorre em todas as fases da Idade do Ferro. Podemos concluir que ocorrem em todas as fases de ocupação globulares altos e médio sendo que na Idade do Ferro ocorre um exacerbar dos colos e bordos comparativamente à Idade do Bronze.

A forma *B5d* (recp. n.º 915 – Est. CXXX, n.º 9 – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro, da área norte (Lx. 24). A forma *B5e* (recps. n.º 563 e 921 – Estampas CXXII, n.º 1 e CXXV, n.º 6, respectivamente – vol. 2) ocorre em contextos da Idade do Ferro Inicial, da área norte, na PIN – Lx. 115 (n.º 563 – Est. CXXII, n.º 1 – vol. 2) e na U. Hab. 14 – Lx. 79 (n.º 921 – Est. CXXV, n.º 6

– vol. 2). A forma e pasta destes recipientes, bem como o seu contexto muito próximo da Idade do Bronze, conduziram à sua integração na tabela de formas da Idade do Bronze. cremos que as formas *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2) precedem a forma *5c* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro que em tudo – ou quase tudo – se assemelha às formas da Idade do Bronze. A maior diferença entre os recipientes de formas *B5d*, *B5e* e *5c* é o colo sendo que o colo da forma *5c* é mais apertado, tornando o bordo mais proeminente.

Podemos observar uma clara relação entre as formas *B4* e *B5* (Est. IX – vol. 2), da Idade do Bronze e as formas *4*, *5* e *6* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro sendo que as formas *5b* e *6a* são as que se encontram mais isoladas ou que aparentemente se afastam mais dos tipos conotados com a Idade do Bronze. A forma *5b* (recp. n.º 1014 – Est. CXIV, n.º 1 – vol. 2) corresponde a um recipiente da fase III-3 no TEL sendo considerado muito tardio. cremos que a introdução da asa é aqui um elemento significativo da evolução deste tipo de recipientes ao longo da Idade do Ferro. As formas *5* e *6* (Est. X – vol. 2) ocorrem em recipientes de médio e grande tamanho sendo que a asa é colocada num recipiente de pequeno tamanho (cerca de meio litro). Pode ocorrer uma evolução que integra os aspectos formais, como são a forma e tamanho do colo e bordo, bem como aspectos funcionais, como é a capacidade média dos recipientes. A forma *6a* da Idade do Ferro (recp. n.º 463 – Est. LXVIII – vol. 2) presente na fase III-1 do TEL, apresenta um aspecto arcaizante que nos reporta à Idade do Bronze – bordo praticamente inexistente, forma globular com fundo côncavo e decoração plástica realizada através de mamilos. Contudo há um aspecto inovador neste recipiente que passa facilmente despercebido mas que é de vital importância na compreensão dos conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. O recipiente n.º 463 (Est. LXVIII – vol. 2) apresenta um colo de altura média, bastante desenvolvido e que sobressai neste tipo de formas. Deste modo, cremos que a inovação da Idade do Ferro ocorre no alongamento dos colos e proeminência dos bordos, sendo que estas duas características não ocorrem sempre em conjunto – pelo menos numa fase inicial do desenvolvimento dos tipos formais.

As formas *B12*, *B15*, *B17* e *B19* (Est. IX – vol. 2) dizem respeito a recipientes de perfil em “S” mais ou menos acentuado.

A forma *B12a* (recps. n.º 911, 913 e 482 – Estampas CXXVIII, n.º 1 e 2; CXXX, n.º 4, respectivamente – vol. 2) ocorre em contextos da Idade do Ferro Inicial (Lx. 70) e contextos perturbados (Lxs. 75 e 59) da área norte. A forma *B12a* (Est. IX – vol. 2) é semelhante às formas *7a*, *7b* e *7d* (Est. X – vol. 2) sendo que as formas *7a* e *7b* estão presentes nas fases de ocupação II, III-1 e III-2. É evidente a presença deste tipo de recipientes na ocupação da Idade do Bronze – identificados como formas *B12a*, *7a* e *7b* – apesar dos contextos não relacionados com a ocupação da Idade do

Bronze relativos à forma *B12a*. Quer dizer que a presença de recipientes de perfil em “S” de colo bem demarcado e relativamente alto é confirmada pelas formas *7a* e *7b* presentes na fase II – a par da identificação de recipientes de cariz arcaizante em contextos da Idade do Ferro ou perturbados (recps. n.º 911, 913 e 482 – Estampas CXXVIII, n.º 1 e 2; CXXX, n.º 4, respectivamente – vol. 2).

A forma *B12b* (recp. n.º 948 – Est. CXXIX, n.º 2 – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro Inicial, da área norte (Lx. 77). Esta forma é semelhante, de um modo genérico, à forma *6a* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro. No entanto cremos que esta forma é única e de certo modo se encontra isolada. O carácter único desta forma deve-se ao seu reduzido tamanho sendo que é o recipiente em “S” mais pequeno identificado no conjunto cerâmico da Idade do Ferro.

A forma *B12c* (recp. n.º 1009 – Est. XLVI, n.º 1) ocorre num contexto muito perturbado, na área norte (Lx. 75). Esta forma é semelhante à forma *7a* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro. Contudo a tipologia do bordo, a decoração presente, a pasta e de certo modo a morfologia do bordo/colo levou à sua integração na ocupação da Idade do Bronze. É evidente a presença de recipiente de perfil em “S” na Idade do Bronze ainda que estes apresentem algumas características diferenciadoras relativamente à Idade do Ferro, que são: bordos menos pronunciados, colos mais curtos e panças mais esguias.

A forma *B15* (recp. n.º 513 – Est. CXXII, n.º 3 – vol. 2) ocorre num contexto perturbado da área norte, relacionado com a U. Hab. 14 (Lx. 59). Esta forma é semelhante à forma *B13* (Est. IX – vol. 2) e à forma *9a* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro. Esta forma é troncocónica, possui uma pança mais evidente, um bordo em aba e precede, directamente, os recipientes *9a*, de perfil em “S” esguio, de bordo em aba ou esvasado. Este tipo de recipientes não é muito numeroso ainda que esteja presente em todas as fases de ocupação. Na Idade do Bronze este tipo de recipientes é identificado pelos tipos *B13* e *B15* (Est. IX – vol. 2) e na Idade do Ferro é identificado pelo tipo *9a* (Est. X – vol. 2). É de notar que o tipo *9b* (Est. X – vol. 2) se encontra identificado em contextos conotados com a Idade do Bronze e que alicerçam a ideia de que os recipientes de perfil em “S” esguio surgem na Idade do Bronze, continuando em uso na Idade do Ferro.

A forma *B17* (recp. n.º 1018 – Est. XL, n.º 1 – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Bronze, da área norte (Lx. 99). Este tipo de forma continua em uso na Idade do Ferro sendo que é semelhante à forma 10 (recp. n.º 1015 – Est. XCVII, n.º 2 e base n.º 287 – Est. CXXX, n.º 1 – vol. 2). Estes tipos de recipientes são muito raros na Idade do Ferro existindo alguns exemplares de recipientes de perfis em “S” decorados na linha de diâmetro máximo. A decoração coincide com a linha de diâmetro máximo, localizada na pança, e acentua o perfil bicónico. Cremos que são recipientes muito residuais e pouco significantes (em termos quantitativos) no conjunto cerâmico do

Crasto de Palheiros. É de notar que 8 tipos de decorações ocorrem associadas à linha de diâmetro máximo (Est. XXV, vol. 2) mesmo que os recipientes não apresentem um perfil bicónico. É evidente a presença de decorações plásticas (mamilos e cordões – XI2 e XI3), de decorações que utilizaram como instrumentos pentes (XXXIV6a, X1a e XXII) e uma decoração com um motivo estampilhado (XXXIV4). Deste modo indirecto, podemos observar a importância de linha de diâmetro máximo nos recipientes decorados da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Deste modo podemos concluir que os recipientes bicónicos encontram-se na ocupação da Idade do Bronze – onde o recp. n.º 1018 é um exemplo paradigmático – evidenciando a linha de diâmetro máximo através de decoração. As organizações decorativas XI2 e XI3 estão também conotadas com a Idade do Bronze. Durante a Idade do Ferro o uso de recipientes bicónicos é residual, ou seja, existem muitos poucos recipientes com uma carena média marcada ou com um “vinco” na pança. Contudo a linha de diâmetro máximo continua a ser visualmente demarcada através de decoração.

A forma *B19* (recp. n.º 103 e 474 – Estampas LIII, n.º 1 e LXVII – vol. 2) ocorre num contexto da Idade do Ferro Inicial, no TEL (n.º 474 – Est. LXVII – vol. 2) e num contexto da fase III-2, na PIL, relacionado com a U. Hab. 5 (recp. n.º 103 – Est. LIII, n.º 1 – vol. 2). Este tipo de recipientes destaca-se pelo tipo de asa e sua localização, pela sua pasta e pela decoração do recp. n.º 474 (Est. LXVII – vol. 2). Devido a estas características foram integrados na ocupação da Idade do Bronze independentemente da cronologia dos contextos onde foram identificados. Podemos dizer que este tipo de recipientes se afasta dos outros tipos de recipientes de perfil em “S” – tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro – se o olharmos como um todo. As características que relacionamos com a Idade do Bronze são o bordo não pronunciado ou inexistente; o colo curto, a pasta e a decoração. O tipo de pança – uma pança média / bojuda – e a presença de asas é mais comum nos recipientes da Idade do Ferro.

As formas *B6*, *B7*, *B8*, *B9*, *B10*, *B11*, *B16* e *B18* (Est. IX – vol. 2) encontram-se isoladas no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Ou seja, estas formas são representadas por um único recipiente, à excepção da forma *B18*, são conotadas com a Idade do Bronze e não parecem preceder nenhum tipo formal da Idade do Ferro.

Os recipientes de formas *B6a* (recp. n.º 466 – Est. CIII, n.º 1 – vol. 2), *B6b* (recp. n.º 590 – Est. CXXVII, n.º 3 – vol. 2), *B8* (recp. n.º 1022 – Lima: 2003, 30, fig. 5, recp. n.º 775), *B10* (n.º 1021 – Amorim: 1999, 60, fig. 19, recp. n.º 286) e *B11* (recp. n.º 1003 – Est. XXXII, n.º 5 – vol. 2) encontram-se em contextos da Idade do Ferro Inicial (fase III-1) na área norte e PIL (recps. n.º 1021 e 1022). Os recipientes das formas *B7* (recp. n.º 556 – Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2), *B9* (recp. n.º 946 – Est. CXXIX, n.º 3 – vol. 2), *B18* (recp. n.º 591, 529 e 973 – Estampas CXXVI; CXXIV, n.º 5 e XLII,

n.º 10, respectivamente – vol. 2) encontram-se em contextos da Idade do Ferro (fase III-2) da área norte. O recipiente da forma *B16* (recp. n.º 1017 – Est. CXXI, n.º 3 – vol. 2) encontra-se num contexto perturbado do TEN (Lx. 57). A inclusão deste tipo de formas na tabela de formas da Idade do Bronze deve-se, sobretudo, às suas características morfológicas e não contextuais.

As formas *7e*, *8a*, *8b*, *11* e *12* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro encontram-se relativamente isoladas das formas conotadas com a Idade do Bronze e que deram origem a um conjunto de recipientes da Idade do Ferro.

A forma *7e* (recp. n.º 467 – Est. CII – vol. 2) encontra-se em diversos contextos do TEL (Lxs. 106, 139, 140, 142, 146, 151 e 149.1) sendo no entanto integrada na Idade do Ferro Inicial (fase III-1). É um recipiente com uma forma muito diferente da maioria dos recipientes de perfis em “S” presentes na ocupação da Idade do Ferro, apresentando uma espécie de carena média. Este recipiente de certo modo relembra a forma *B18* apresentando, no entanto, um fundo maior, uma pança mais bojuda configurando um aspecto menos esguio que a forma *B18*. Existe a possibilidade dos recipientes de carenas altas presentes na ocupação da Idade do Bronze terem sido progressivamente substituídos por recipientes de carenas médias ou mesmo sem carena. cremos numa evolução dos recipientes de perfil em “S”, com base em diferentes modelos da Idade do Bronze e que se desenvolve de diferentes formas ao mesmo tempo.

As formas *8a* e *8b* (Est. X – vol. 2) são as mais presentes em todas as fases de ocupação, incluindo a fase II. Contudo a perturbação dos contextos da Idade do Bronze pela ocupação da Idade do Ferro pode ter levado a misturas muito intensas que integrassem um número de recipientes da Idade do Ferro nos contextos da Idade do Bronze. Para além das formas que conotamos com a Idade do Bronze, estão presentes nos contextos conotados com esta ocupação as seguintes formas da Idade do Ferro: *2b*, *2c*, *3b*, *6a*, *7a*, *7b*, *8a*, *8b*, *9b* e *10* (Est. X – vol. 2). cremos que as formas *8a* e *8b* não podem ser relacionadas com a ocupação da Idade do Bronze devido às suas características morfológicas, ou seja: bordos bem definidos e proeminentes; colos altos e bem demarcado – no caso da forma *8b* são hiperbólicos –; panças proeminentes, arredondadas e bem definidas; linha colo/pança bem demarcada – normalmente através da morfologia mas não raramente através de decoração e presença de fundos rectos geralmente associados as pastas presentes, maioritariamente, neste tipo de formas (ver capítulo 7). cremos que as formas *8a* e *8b* constituem a grande inovação formal da Idade do Ferro que se espelha num uso maioritário destas formas em todas as fases de ocupação (fases III-1, III-2 e III-3).

A forma *11* (base n.º 270 – Est. LIX, n.º 4 – vol. 2) ocorre num contexto da fase III-2 e diz respeito a um “coador” ou queijeira. Esta forma é representada por um único recipiente e a sua

morfologia não apontava uma integração na ocupação da Idade do Bronze.

A forma *12* (recp. n.º 976 – Est. XXXIX, n.º 2 – vol. 2) ocorre num contexto calcolítico possivelmente perturbado pela ocupação da Idade do Ferro (Lx. 100 na área norte). Existe a possibilidade de alguns recipientes tidos como taças (formas *1a* e *2a*) possam ser testos (forma *12*). No entanto nada na sua morfologia os indicava como testos e desse modo foram integrados no grupo das taças. O recp. n.º 976 (Est. XXXIX, n.º 2 – vol. 2) possuía uma leve quebra e desse modo o entendemos como um testo.

Em resumo, existe uma grande continuidade entre os tipos formais da Idade do Bronze e aqueles da Idade do Ferro. A comparação inter-regional dos diversos tipos e o entendimento do seu desenvolvimento mais alargado será realizado no capítulo seguinte.

8.5.3. Integração regional das formas cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros

Como sabemos a região de Trás-os-Montes encontra-se pouco caracterizada relativamente às comunidades que a habitaram durante o Iº milénio AC. Deste modo, comparamos os tipos formais presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros com recipientes cerâmicos do Bronze Final e Idade do Ferro da região do Entre Douro e Minho, Beira Alta, da província espanhola de Zamora e da Meseta Norte. Pontualmente poderemos referir recipientes e conjuntos cerâmicos de outras regiões que se mostrem relevantes para a compreensão do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Apresentamos de seguida os diversos tipos formais, agrupados consoantes as suas semelhanças.

8.5.3.1 Taças globulares com ausência de colo e bordo proeminente

As taças globulares integram os tipos *B1a*, *B1b*, *B1c*, *B1d*, *B1e* e *B2* (Est. IX – vol. 2) da Idade do Bronze e os tipos *2a*, *2b*, *2c*, *2d*, *2e* e *2f* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro.

Esta forma é considerada uma das formas mais simples presentes no Crasto de Palheiros, nas ocupações da Idade do Bronze Final e Idade do Ferro. É visível a sua utilização durante o Calcólítico, toda a Idade do Bronze e por fim Idade do Ferro em vários sítios de Trás-os-Montes, sem interrupções ou cortes. Ao longo de toda a Pré-história esta forma varia, essencialmente, no tamanho e encontra-se presente em contextos da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Norte da Península Ibérica desde o Vale do Ebro até Trás-os-Montes (Alvarez-Sanchís: 2003, 97) com uma existência muito ténue no Litoral Galego-Português, sobretudo durante a Idade do Ferro e na Beira Alta, em

Viseu – Morro da Sé também durante a Idade do Ferro (Almeida: 2005, est. X, 8B). Por exemplo na bacia do Cávado ocorrem formas abertas globulares, denominadas de malgas e tigelas – formas 22 e 23 (Bettencourt: 2000^a, 18-20) – no entanto encontram-se em número muito reduzido sendo que a forma 22 encontra-se, mesmo, relacionada com decoração de tipo Cogotas I.

A presença deste tipo de formas no Calcolítico é evidente sendo que o Crasto de Palheiros é apenas um dos muitos povoados que apresenta globulares de várias formas e tamanhos. Contudo cremos ser necessário uma pequena compreensão do uso deste tipo de recipientes na ocupação calcolítica do Crasto de Palheiros.

Na ocupação calcolítica estão presentes recipientes globulares de bordo reentrante (Forma 1A definida por Isabel Amorim) sendo que a maioria apresenta um índice de profundidade alto (Amorim, 1999, 50). Na Idade do Bronze encontramos um globular de bordo reentrante no entanto o seu índice é de capacidade média / baixa sendo bastante incomum na ocupação calcolítica do Crasto de Palheiros. Ainda assim o recipiente n.º 1011 (Est. XLVIII, n.º 1 – vol. 2) – *forma Bla* – é semelhante ao recipiente 314, camada 2b na PIL – forma 1A definida por Isabel Amorim (Amorim, 1999, 50).

Os globulares de profundidade média e de paredes semi-rectas – com um ângulo de inclinação definido por nós na cat. 10 e 11 – que correspondem às formas *B1b*, *B1e*, *2d* e *2e* são comuns na ocupação calcolítica e alguns deles são extremamente semelhantes aos recipientes presentes na ocupação da Idade do Bronze. Os recipientes 983 (Est. XXXIV, n.º 1 – vol. 2), 998 (Est. XXXII, n.º 1 – vol. 2) e 999 (Est. XXXII, n.º 2 – vol. 2) – *forma B1b* – são semelhantes aos recipientes n.º 281, da camada 2a, 303 e 213 da camada 2b (Amorim, 1999, 53).

Os globulares muito abertos que correspondem a pequenas taças – *formas B1c* (Est. IX – vol. 2), *2a*, *2b* e *2c* (Est. X – vol. 2) – também estão presentes na ocupação calcolítica do Crasto de Palheiros, mas em menor número e geralmente associados às camadas de ocupação mais modernas. Deste modo, alguns exemplares da forma 3A (recp. n.º 18 e n.º 19 na camada 1a – Amorim, 1999, 53) são semelhantes à forma *2c* estando integradas em camadas algo perturbadas pelas ocupações da Idade do Bronze e Ferro.

Os recipientes da forma *2b* (Est. X – vol. 2) assemelham-se a alguns recipientes da forma 4A (Amorim, 1999, 56) como os recipientes n.º 205 e 221 presentes nas camadas 2a e 2/3, respectivamente. Os recipientes de forma *2a* (Est. X – vol. 2) são semelhantes a alguns recipientes de forma 4B (Amorim, 1999, 57) – recp. n.º 334 na camada 1b/2a, recp. n.º 20 na camada 0 e recp. n.º 134 na camada 1 – e 4C (Amorim, 1999, 58) recipientes n.º 175 na camada 2, n.º 342 na camada 2b e n.º 170 na camada 1b. É de notar que a forma 4C – tal como definida e analisada por Isabel Amorim

na PIL – é representada, unicamente, por 4 exemplares.

Deste modo podemos concluir que as taças mais abertas e menos fundas estão presentes em todas as camadas de ocupação identificadas na PIL. Contudo a maioria dos recipientes globulares presentes no Calcolítico são fundos e fechados. É assim evidente uma entrada em desuso de recipientes globulares fundos e de paredes rectas ou reentrantes durante a Idade do Ferro e uma preferência por recipientes globulares baixos, pouco fundos e abertos que constituem pequenas taças individuais.

Podemos dizer que há uma presença incontornável de recipientes globulares em sítios da Idade do Bronze, do norte Peninsular, como Castelo Velho de Freixo de Numão (Baptista, 2003, 57-64), Castelo de Aguiar em Vila Pouca de Aguiar (Silva, 1999, 47-48), Lavra em Marco de Canaveses (Silva, 1999, 100) e S. Julião em Vila Verde (Martins, 1988, 141 e Bettencourt: 2000^c, 16 – formas 22 e 23). Durante a Idade do Ferro, os recipientes globulares permanecem em uso tendo sido identificados em vários povoados do Norte Litoral de Portugal – onde se define a denominada Cultura Castreja – (Silva, 1986, est. LI), no Crasto de Palheiros e em inúmeros povoados do Nordeste peninsular coincidindo com a província espanhola de Zamora (Esparza, 1986, 298). É de notar que as características dos recipientes globulares presentes no Litoral Português são ligeiramente diferentes do globular simplificado que vem desde o Calcolítico e que permanece em uso no Nordeste Peninsular, onde incluímos Trás-os-Montes e a região de Zamora.

São evidentes as semelhanças formais entre os recipientes globulares do Crasto de Palheiros, durante a ocupação da Idade do Bronze e Ferro, com os recipientes presentes em vários povoados da região de Zamora. No povoado “Muradellas” em Lúbian encontram-se presentes recipientes semelhantes à nossa forma 2a (Est. X – vol. 2); em Cubo de Benavente e Fresno de Carballeda à forma 2c (Est. X – vol. 2); em Arrabalde, Lubián, Pobladura de Yuso e Carbajales de Alba à forma 2d (Est. X – vol. 2) e em Brime de Urz e San Pedro de la Viña (Esparza, 1986) à forma 2e (Est. X – vol. 2). É de notar que o recipiente de forma 2a (Est. X – vol. 2), forma 20 de Esparza, identificado nas “Muradellas”, Lubián, encontra-se num estrato datado por C14 do séc. III AC. Esparza aponta uma cronologia, para estas formas do séc. VI ao IV AC no entanto no Crasto de Palheiros o seu uso perdurou até ao final da ocupação da Idade do Ferro. Tal cronologia apontada para os povoados zamoranos está relacionada com a escassez de contextos datados por C14 e a necessidade de comparar formalmente os recipientes com povoados integrados na denominada “Cultura de Soto de Medinilla”.

No Douro Litoral correspondendo à denominada Cultura Castreja podemos observar que os globulares de tipo malga de pança esférica e prato muito aberto presente em ocupações da Idade do

Bronze darão, possivelmente, origem na Idade do Ferro a tigelas de pança em calote e panelas de asa interior. Tal ocorre em povoados como S. Julião – Vila Verde (Martins: 1988^b, 185 – formas 3 e 4), Lago – Amares (Martins: 1988^a, 84 – formas 3 e 4) sendo evidente a presença de panelas de asa interior em vários povoados do Douro Litoral, tais como Sanfins, Romariz, Coto da Pena e Caldas (Silva: 1986, est. LIII, recps. 2, 3, 4, 5 e 6). Contudo a ausência de tigelas e panelas de asa interior no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros durante a Idade do Ferro e sobretudo na fase III-2 indica que este conjunto, relativamente, a esta forma se relaciona com o Interior Norte Peninsular ou Continental.

8.5.3.2. Recipientes troncocónicos com ausência ou presença de bordo proeminente

Os recipientes troncocónicos integram as formas *B3a*, *B3b*, *B13* e *B14* (Est. IX – vol. 2) da Idade do Bronze e *1a*, *1b*, *1*, *3a*, *3b* e *3c* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro. Este tipo de recipientes (com ausência de bordo) encontra-se já presente no Calcolítico, tanto no Crasto de Palheiros (Amorim, 1999, 58-60) como noutros sítios integrados no planalto Mirandês – Cunho, Barrocal Alto (Sanches: 1992, 99 e 123). Os recipientes troncocónicos presentes nestes sítios de ocupação calcolítica – Cunho, Barrocal Alto – são altos, estreitos e ligeiramente abertos sendo que possuem uma forma semelhante ao nosso tipo *1c* (Est. X – vol. 2). No Crasto de Palheiros foi identificado um recipiente troncocónico alto, estreito e sem bordo proeminente – n.º 233 (Amorim, 1999, 60) – definido como forma 12A. Este recipiente pertence à camada 2b e corresponde genericamente às formas *1b* e *1c* (Est. X – vol. 2) sendo que é uma espécie de intermédio entre as duas.

As taças troncocónicas muito abertas (tipo *B3b* e *1a*) e abertas (tipo *B3a* e *1b*), estampas IX e X, vol. 2 – de morfologia semelhante àquelas das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro podem considerar-se uma inexistência no Calcolítico. Contudo surgem alguns recipientes troncocónicos no Crasto de Palheiros, na ocupação calcolítica, que são genericamente semelhantes às taças troncocónicas, tais como o recp. n.º 224 (Amorim: 1999, 58) presente na camada 2b, recp. n.º 278 e 276 (Amorim: 1999, 60). Estes dois últimos recipientes foram integrados na forma 7 de Isabel Amorim (Amorim: 1999, 60) correspondendo a taças levemente fechadas, corpo tendencialmente troncocónico e fundo plano / côncavo. Cremos que estes recipientes presentes em diversos sítios de ocupação calcolítica precedem o desenvolvimento das taças troncocónicas presentes em contextos da Idade do Bronze do norte interior de Portugal e Espanha. Ou seja, os recipientes troncocónicos que surgem na Idade do Bronze são um desenvolvimento de tipos que já existiam no Calcolítico. Contudo durante a Idade do Bronze os recipientes troncocónicos muito simples presentes nas

ocupações calcolíticas sofrem todo um processo de desenvolvimento que os rentabiliza em termos formais e que gera um óptimo formal. Quer dizer, que os recipientes troncocónicos atingem na Idade do Bronze a plenitude formal (sendo que depois deste momento de plenitude não surgem inovações), sobretudo – ou com maior visibilidade – na denominada “Cultura de Cogotas”.

Durante a Idade do Bronze da Meseta Norte e Central – área genericamente coincidente com a “Cultura de Cogotas” – é evidente a presença de taças troncocónicas baixas, abertas e de perfil rectilíneo que em termos formais são, extraordinariamente, semelhantes às taças troncocónicas do Crasto de Palheiros. Contudo estas taças apresentam, geralmente, uma decoração típica do ambiente “Cogotas” que se encontra ausente – neste tipo de formas – no Crasto de Palheiros.

É interessante notar que no Castelo Velho de Freixo de Numão, com uma evidente ocupação durante o IIº milénio, coincidente com a Idade do Bronze, estão presentes dois tipos de formas troncocónicas. Os recipientes troncocónicos altos – semelhantes às nossas formas *Ib* (Est. X – vol. 2) mas sobretudo *Ic* (Est. X – vol. 2), formas 6, 7 e 8 de Lídia Baptista – correspondem a uma tradição local que tem as suas origens na ocupação calcolítica (Baptista: 2003, 58 e 59) também presente neste local. Contudo é nas formas Cogotas presentes em Castelo Velho – formas 2 e 3 (Baptista: 2003, 66) que encontramos taças abertas de perfil troncocónico semelhantes àquelas do Crasto de Palheiros.

Outros povoados da Idade do Bronze do Norte de Portugal integram recipientes troncocónicos de tradição calcolítica como são Castelo de Aguiar em Vila Pouca de Aguiar (Silva, M: 1999, 46), Lavra em Marco de Canaveses (Silva, M: 1999, 100) e Fraga dos Corvos em Macedo de Cavaleiros (Senna-Martinez: 2005, fig. 27). Em Castelo de Aguiar os recipientes n.º 114 e 134 são semelhantes à nossa forma *Ic* (Est. X – vol. 2). Na Lavra, os recipientes 16, 17, 19, 21, 22 e 31 (Silva: 1999, 100) são os mais semelhantes à nossa forma *I* (Est. X – vol. 2). E na Fraga dos Corvos o recipiente de perfil troncocónico foi tido como de fundo côncavo possuindo um perfil rectilíneo semelhante à nossa forma *Ic* (Senna-Martinez: 2005, fig. 27).

O Castro da Senhora da Guia – Baiões apresenta recipientes carenados de colo recto, bordo inexistente e pança troncocónica ou ligeiramente globular. As várias formas presentes (Silva & Gomes: 1998, 225) são distintas daquelas relacionadas com a “Cultura de Cogotas” a vários níveis. Este sítio do Bronze Final não apresenta troncocónicos simples – taças troncocónicas abertas –, tal como acontece na Bouça do Frade, em Baião (Jorge: 1988, fig. 32). Nos povoados integrados na “Cultura de Cogotas” os recipientes são, genericamente, mais vistosos, de carena mais evidente e de perfil mais acentuado e quebrado.

Creemos que a Idade do Ferro cada região vai desenvolver conjuntos cerâmicos directamente

relacionados com os conjuntos cerâmicos presentes na Idade do Bronze sendo que tal vai modificar os tipos presentes em cada região. Deste modo, no Crasto de Palheiros, em vários povoados da região de Zamora e na Meseta Central Norte – onde se incluem os castros sorianos (Romero Carnicero: 1991) surgem taças troncocónicas com ou sem bordo proeminente mas geralmente com a presença de um pequeno bordo esvasado de perfil afunilado.

No Crasto de Palheiros, durante a Idade do Ferro ocorrem dois tipos de taças troncocónicas, as simples – *forma 1* – e aquelas com bordo – *forma 3* (Est. X – vol. 2). A grande maioria dos povoados da Idade do Ferro da Meseta Norte apresenta recipientes semelhantes à *forma 3* (Est. X – vol. 2). Nos castros sorianos (Romero Carnicero: 1991, 244 e 262) ocorrem recipientes troncocónicos, de paredes rectilíneas, com um pequeno bordo esvasado semelhante ao recp. n.º 207 (*forma 3b*), n.º 993 e 364, sendo pelo autor denominados de *forma 2*.

Nos sítios da Idade do Ferro da região de Zamora ocorrem os nossos tipos *3b* e *3c* (Est. X – vol. 2), que se definem pela inclinação das paredes e não pelos tipos de bordo. Recipientes semelhantes à nossa *forma 3b* ocorrem em Sejas de Aliste (com o ângulo na categoria 13) e Abezames (com o ângulo na categoria 14) e semelhantes à *forma 3c* ocorrem em Carbajales de Alba (ângulo na categoria 12) e em Mayorga de Campos (ângulo na categoria 11) (Esparza Arroyo: 1986, 300). Este tipo de recipientes estão também presentes no povoado de Valderas e Gorrita ainda que não sabemos quais as suas categorias de inclinação de parede (Esparza Arroyo: 1986, 299) dada a ausência de desenhos.

Nos sítios da Idade do Ferro da região do Douro Litoral este tipo de recipiente (*forma 3*) encontra-se totalmente ausente. Este recipiente apesar de próximo da tigela em calote esférica com fundo convexo ou plano – denominado de *forma 3* em S. Julião (Martins: 1988, 185) na fase II e III e Lago (Martins: 1988, 84) é um vaso de claro perfil troncocónico com um pequeno bordo extrovertido, nem sempre desenvolvido até à horizontal e ausente de um modo claro nestes dois povoados. Esta *forma* encontra-se também ausente do Muro da Pastoria, em Chaves (Soeiro: 1985/1986, estampas VI à XII), da possível ocupação da Idade do Ferro de Castelo de Aguiar (Silva: 1999) e dos vários povoados estudados por Armando Coelho Ferreira da Silva na sua tese doutoral (Silva: 1986).

Deste modo e tendo em conta a ausência deste tipo de recipiente em povoados da Idade do Ferro do Litoral, tanto na variante de *forma 1* como da *forma 3* (Est. X – vol. 2), colocamos a hipótese que em Crasto de Palheiros e na região Transmontana este tipo surja como uma evolução dos tipos presentes na Idade do Bronze (“Cultura de Cogotas”) que evoluíram para tipos

presentes no grupo de “Soto de Medinilla” com o qual o conjunto cerâmico de Crasto de Palheiros tem profundas semelhanças.

É evidente que existe uma possibilidade remota deste tipo formal (*forma 3*) ter evoluído de modo autónomo da *forma 1* (Est. X – vol. 2) e de dever a sua ocorrência às taças de largo bordo horizontal, presentes no Bronze Final do Litoral Atlântico. Se pensarmos que tais taças pudessem ter tido um desenvolvimento de modo a suprimir o bordo horizontal num muito menos notório (tal como parece ser o caso do recipiente encontrado na Lavra, tipo 17) a evolução da *forma 1* e *3* de Crasto de Palheiros poderia ter tido origem no Bronze Final do Litoral Atlântico. Contudo a evolução de outros tipos formais e as semelhanças do conjunto cerâmico na totalidade com os conjuntos cerâmicos da Meseta Norte, apontam para uma evolução autónoma relativamente aos conjuntos cerâmicos do Litoral, sejam estes do Bronze Final ou da Idade do Ferro.

8.5.3.3. Recipientes globulares (totais ou parciais) com ou sem bordo/colo proeminente

Os recipientes globulares com bordo e/ou colo proeminente integram as formas *B4a*, *B4b*, *B5a*, *B5b*, *B5c*, *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2) da Idade do Bronze e *4a*, *4b*, *5a*, *5b*, *5c*, *6a* e *6b* (Est. X – vol. 2) da Idade do Ferro.

De todas as formas atrás referidas são aquelas do tipo *B5* (Est. IX – vol. 2) que se encontram mais enraizadas nos conjuntos cerâmicos Pré-Históricos. Na camada 2a/b do Crasto de Palheiros, na PIL – ocupação calcolítica – foi identificado um recipiente (Amorim: 1999, 52 e recp. n.º 234) semelhante ao recp. n.º 553 (Est. CXXIII, n.º 8 – vol. 2 ou *forma B5a*, est. IX – vol. 2) da Idade do Bronze. Nos povoados do Cunho (Sanches: 1992, 98, fig. 10 – *forma 5A*), Barrocal Alto (Sanches: 1992, 122 – *forma 5B*), e Castilhouço (Sanches: 1992, est. XXVI e recps. n.º 1, 2 e 3) localizados no Planalto Mirandês podemos observar a presença de recipientes semelhantes à nossa *forma B5a* (Est. IX – vol. 2) e denominados de *forma 5* (com a presença de vários subtipos).

Relativamente à nossa *forma B5b* – recp. n.º 554 (Est. CXXIII, n.º 10 – vol. 2) – podemos dizer que esta não se encontra de uma modo tão presente como a *forma B5a* (Est. IX – vol. 2) nos diversos sítios calcolíticos do Norte de Portugal. Contudo não se encontra totalmente ausente de sítios calcolíticos. De facto, no Crasto de Palheiros na camada 1, na PIL, foi identificado um recipiente (Amorim: 1999, 52 e recp. n.º 94) semelhante ao recp. n.º 554 – *forma B5b* (Est. IX – vol. 2). Tendo em conta os dados disponíveis podemos colocar a hipótese de que a presença de globulares altos fechados – *B5a* – é relativamente comum em conjuntos cerâmicos de diversos sítios de ocupação calcolítica. No entanto, globulares altos, abertos de colo/bordo ligeiramente proeminente –

tipo B5b – encontram-se praticamente ausentes dos conjuntos cerâmicos calcolíticos do Norte de Portugal. A presença deste tipo de recipientes na camada 1 (Amorim: 1999, 52 e recp. n.º 94) não indica a presença deste tipo morfológico em contextos calcolíticos. Este subtipo formal possui paralelos com recipientes de sítios da Idade do Bronze e Ferro do Norte Peninsular sendo que cremos que o seu aparecimento ocorra na Idade do Bronze.

Relativamente à forma *B5c* (Est. IX – vol. 2) – recps. n.º 486 (Est. CXXI, n.º 6 – vol. 2) e 955 (Est. CXXIX, n.º 9 – vol. 2) – podemos encontrar a sua origem em recipientes de conjuntos cerâmicos calcolíticos. Nos povoados do Barrocal Alto (Sanches: 1992, 121 – forma 3C), Cunho (Sanches: 1992, 98, fig. 10 – forma 4C) e Castilhouço (Sanches: 1992, est. XXVI, recp. n.º 4) encontram-se recipientes semelhantes à forma *B5c*.

Por último podemos dizer que não identificamos recipientes semelhantes às formas *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2) em contextos calcolíticos. No entanto é notória a sua semelhança com o tipo *B5b* (Est. IX – vol. 2), sendo também este o menos visível em contextos calcolíticos. Deste modo, cremos que o desenvolvimento dos subtipos *B5b*, *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2) só terá ocorrido no IIº milénio.

Aparentemente o tipo formal *B5* (Est. IX – vol. 2) encontra-se ausente dos sítios do Bronze Final localizados em concelhos mais a norte da Beira Alta, apresentando geralmente conjuntos de recipientes carenados de fundo recto (Silva & Gomes: 1998, 225 – fig. 17), como aqueles do Castro da Senhora da Guia – Baiões (Silva: 1986, est. XLI). Integrada na região do Douro Litoral encontramos uma área intensamente investigada – a região do Cávado – e também esta apresenta uma ausência do tipo *B5* na Idade do Bronze e na Idade do Ferro. Podemos afirmar que nenhuma forma nesta região (até hoje) coincide, totalmente com as formas *B5a*, *B5b*, *B5c*, *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2). Contudo, é possível observar em S. Julião a presença de formas fechadas de perfil em “S”, pança globular, de bordo recto e denominadas de tipo 1. Por exemplo, o recp. n.º 3 (Bettencourt: 2000^c, est. XXXVII), datado dos finais do IIº milénio – séc. XII ao X AC – é uma forma que se pode considerar semelhante ao nosso tipo *B5a* (Est. IX – vol. 2). No entanto a ausência de bordo esvasado configura-lhe um aspecto que nos leva a relacioná-lo mais facilmente com os recipientes fechados presentes no Calcolítico do que com as formas fechadas globulares da Idade do Bronze de Crasto de Palheiros. O recp. n.º 2 (Bettencourt: 2000^c, est. XLVI) é, genericamente, semelhante ao nosso tipo *B5b* (Est. IX – vol. 2) no entanto é de notar que estes recipientes são integrados na forma 1 que corresponde a recipientes de perfil em “S”, altos, esguios e de fundo recto. A semelhança do recp. n.º 2 com o nosso tipo *B5b* levaria, invariavelmente, a uma mudança tipológica. Recipientes semelhantes aos tipos *B5c*, *B5d* e *B5e* (Est. IX – vol. 2) encontram-se ausente de S. Julião (Bettencourt: 2000^c) e da região do Cávado em geral (Bettencourt: 2000^a). É também de notar que os

recipientes de forma 1, semelhantes aos tipos *B5a* e *B5b* (Est. IX – vol. 2) de Crasto de Palheiros são maiores do que aqueles, de pastas grosseiras, arenosas e de acabamento alisado. No Crasto de Palheiros, a forma *B5a* (recp. n.º 553, est. CXXIII, n.º 8 – vol. 2) corresponde a um recipientes de pasta III, polido externamente e de cor externa negra; a forma *B5b* (recp. n.º 554, est. CXXIII, n.º 10 – vol. 2) corresponde a um recipiente de pasta I, alisado externamente de cor externa castanha-escura e a forma *B5c* (recp. n.º 486, est. CXXI, n.º 6 e recp. n.º 955, est. CXXIX, n.º 9 – vol. 2) correspondem a recipientes de pasta III, um alisado externo e outro polido externamente, respectivamente. O recipiente polido externamente corresponde a um recipiente de cor negra. A forma *B5d* (recp. n.º 915, est. CXXX, n.º 9 – vol. 2) corresponde a um recipiente de pasta I, polido externamente e de cor externa negra. A forma *B5e* (recps. n.º 563, est. CXXII, n.º 1 e recp. n.º 921, est. CXXV, n.º 6 – vol. 2) corresponde a recipientes de pastas VII e III, respectivamente, sendo que o recipiente de pasta VII possui as superfícies corroídas e descoloradas e o recipiente de pasta III possui a superfície externa polida e cor vermelha-escura.

Podemos assim concluir que os recipientes de tipo *B5* (Est. IX – vol. 2) da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros são em tudo diferentes daqueles algo semelhantes que ocorrem no povoado de S. Julião. Afirmamos a ausência do tipo *B5* – mas também do tipo *B4* – em muitos sítios da região do Cávado, no último quartel do IIº milénio à 1ª metade do Iº milénio AC, tais como Alto da Cidade I, Alto de S. Bento I, Barbudo I, Cabanas I, Faria IB, Lanhoso I, Roriz I, Santinha I e II, S. João de Rei I, S. Julião IA, IB e IC, assim como noutras áreas do Entre Douro e Minho onde se escavaram povoados com ocupações da Idade do Bronze Final – Coto da Pena I e Falperra I (Bettencourt: 2000^b, 11).

Apesar da ausência dos tipos *B5* e *B4* (Est. IX – vol. 2) na região do Entre Douro e Minho, durante a Idade do Bronze, a sua presença é evidente em contextos da Idade do Bronze do Norte mais interior onde se inclui Bouça do Frade (Jorge: 1988, fig. 32 – forma 10), Lavra em Marco de Canaveses (Silva: 1999) e Castelo de Aguiar em Vila Pouca de Aguiar (Silva: 1999). Curiosamente a Fraga dos Corvos em Macedo de Cavaleiros (Senna-Martinez *et alli*: 2005) não apresenta estes tipos formais carecendo no entanto de um estudo aprofundado sobre o seu conjunto cerâmico. É possível que a ocorrência dos diversos tipos formais não seja homogénea durante a Idade do Bronze de uma mesma região. Uma possível funcionalidade e hierarquização dos sítios podem conduzir à presença de conjuntos cerâmicos heterogéneos num mesmo espaço e tempo (Abarquero Moras: 2005). Deste modo, certos sítios podem apresentar determinados tipos cerâmicos e outros sítios apresentar outros sem que tal signifique uma ausência total de determinado tipo cerâmico na região e um total desconhecimento do mesmo por parte da comunidade local.

Assim, o recp. n.º 88 de Castelo de Aguiar (Silva: 1999, 40 – forma 3.1) e o recp. n.º 1 da Lavra (Silva: 1999, 98 – forma 6.2) são semelhantes ao nosso tipo *B5a* (Est. IX – vol. 2). O recp. n.º 98 de Castelo de Aguiar (Silva: 1999, 45 – forma 6.2a) é semelhante à nossa forma *B5b* (Est. IX – vol. 2). Os recps. n.º 18 (Silva: 1999, 45 – formas 6.2a), n.º 31 (Silva: 1999, 46 – forma 9.1) de Castelo de Aguiar e a forma 16 da Lavra (Silva: 1999, 101) são semelhantes à nossa forma *B5c* (Est. IX – vol. 2). A forma 16 da lavra apresenta um índice de profundidade semelhante à nossa forma *B5d* (Est. IX – vol. 2). Por último, a forma 10 de Bouça do Frade – Marco de Canaveses (Jorge: 1988, fig. 32) é, genericamente, semelhante à nossa forma *B5d*. É possível observar uma grande variedade de recipientes relativos à forma 3.1 de Castelo de Aguiar (que corresponde grosso modo à nossa forma *B5a*). Este comportamento dos conjuntos cerâmicos, ou seja uma grande variedade formal dentro de um mesmo tipo, é algo também muito presente no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, sobretudo na ocupação da Idade do Ferro. Contudo não devemos esquecer que a Idade do Ferro possui uma melhor representação do que a Idade do Bronze.

Creemos que a tendência evolutiva das formas *B5* (Est. IX – vol. 2), da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, encontra-se na redução do índice de profundidade – transformação de um globular alto numa taça –, na modificação do bordo – para um mais esvasado e proeminente – e no alteamento do colo. Deste modo, cremos que a forma *B5a* dá origem à forma *6b* – com um ligeiro alteamento e estrangulamento do colo culminando num bordo proeminente – e as formas *B5b* e *B5c* resultam na forma *5a* – com um achatamento da forma igual a menor profundidade, colo mais proeminente e estrangulado e bordo mais esvasado ou em aba. As formas *B5d* e *B5e*, sobretudo a *B5e*, evoluem para a forma *5c*, apenas com ligeiras modificações no colo e bordo. É interessante observar a presença de recipientes semelhantes às nossas formas *B5b* e *B5c* (Est. IX – vol. 2) em contextos da Idade do Ferro do Norte peninsular, nomeadamente na necrópole de Las Ruedas (Sanz Mínguez: 1998, 137 – recps. n.º 6 e 7). É possível que a utilização de diversos tipos formais se tenha mantido durante a Idade do Ferro estando a sua presença relacionada com o contexto, funcionalidade ou significado.

As formas *B4a*, *B4b* (Est. IX – vol. 2), *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2) correspondem a recipientes em calote esférica – tipo taças – de bordo pouco proeminente (*B4a*), bordo proeminente esvasado (*B4b*) e bordo horizontal de tamanho médio e pequeno (*4a* e *4b*). Como sabemos a divisão entre os subtipos *4a* e *4b* relaciona-se com a inclinação das paredes – e em consequência com o índice de profundidade – e não com o tipo de bordo.

Este tipo de formas encontra-se ausente de contextos calcolíticos, tanto no Crasto de Palheiros (Amorim: 1999) como noutros sítios, nomeadamente do planalto mirandês (Sanches: 1992). Contudo ocorre de uma forma generalizada na Idade do Bronze no Entre-Douro e Minho, no

Norte de Portugal mais interior e mesmo na Meseta Norte Espanhola.

Os tipos de formas *B4a*, *B4b* (Est. IX – vol. 2), *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2) – recipientes de largo bordo horizontal – encontram-se ausentes em muitos povoados da sub-região do Cávado (Bettencourt: 2000^b, 11) sobretudo no período compreendido entre 1250 a 500 AC. Estes recipientes encontram-se ausentes de todas as fases de S. Julião (Bettencourt: 2000^c e Martins: 1988^b). Contudo encontram-se presentes, no povoado da Sola, recipientes semelhantes aos tipos *4a* e *4b* (Bettencourt: 2000^b, 11 – forma 13) que são, genericamente, vasos de bordo horizontal. Este tipo formal encontra-se muito bem representado na sub-região do Cávado a nível numérico no período compreendido entre 1750 e 1250 AC. Ou seja, este tipo formal é representado por mais de 3 dezenas de exemplares contudo, encontra-se em poucos sítios, dos quais fazem apenas parte o povoado da Sola e a necrópole de Agra de Antas (Bettencourt: 2000^b, 11 e Cruz & Gonçalves: 1998-1999, 25, fig. 3).

Podemos observar na necrópole de “Agra de Antas” uma grande variedade de recipientes de largo bordo horizontal (Cruz & Gonçalves: 1998-1999, 25, fig. 3) onde se encontram recipientes muito semelhantes ao recp. n.º 792 (Estampas CXXVIII, n.º 3 e IX, *B4a* – vol. 2), n.º 72 (Estampas CVIII, n.º 6 e X, *4b* – vol. 2) e n.º 64 (Estampas CVIII, n.º 8 e X, *4b* – vol. 2). Os recipientes de “Agra de Antas” são mais fundos do que as taças do Crasto de Palheiros.

Na tipologia de formas da Idade do Bronze da bacia do Cávado (Bettencourt: 2000^a, 19-20) podemos observar que os tipos mais próximos aos nossos tipos *B4a*, *B4b* (Est. IX – vol. 2), *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2) são os tipos 13b e 13c. Os tipos 13b e 13c caracterizam-se por abas de pequena dimensão – 1 a 2 cm no tipo 13b e 1 cm no tipo 13c – decoradas e lisas. Este tipo de recipientes é muito raro estando apenas presente no povoado da Sola e “Agra de Antas” (Bettencourt: 2000^b, 11). Como podemos observar as abas presentes nos tipos *B4a*, *4a* e *4b* de Crasto de Palheiros são de tamanho reduzido, nunca excedendo os 2 cm sendo equiparáveis às abas dos tipos 13b e 13c da bacia do Cávado. No Crasto de Palheiros estas formas são as únicas que podemos relacionar com os vasos de largo bordo horizontal sem que possamos defini-las como tal, pois não o possuem desse modo. Assim os recipientes em calote esférica de bordo horizontal de Crasto de Palheiros são recipientes baixos – com menor índice de profundidade do que os usuais recipientes de largo bordo horizontal presentes por exemplo na bacia do Cávado –, com um bordo em aba de reduzida dimensão. Estes recipientes distinguem-se dos recipientes de largo bordo horizontal presentes na Idade do Bronze do Entre Douro e Minho apesar do ar de família.

No Norte de Portugal interior encontramos paralelos para estas formas em sítios com ocupação da Idade do Bronze: Castelo de Aguiar – Vila Pouca de Aguiar, Lavra e Bouça do Frade em Marco de Canaveses.

No Castelo de Aguiar estão presentes dois recipientes semelhantes às nossas formas *B4a* e *4a* (Silva: 1999, 47 – recps. n.º 38 e 21) sendo que um deles (n.º 21) aparenta ser bastante mais fundo do que aqueles presentes no Crasto de Palheiros. O recp. n.º 38 de Castelo de Aguiar revela uma semelhança notável com os recipientes de tipos *B4a* (Est. IX – vol. 2) e *4a* (Est. X – vol. 2) do Crasto de Palheiros pois é uma pequena taça de bordo em aba, com uma inclinação oblíqua e de lábio com perfil bastante rectilíneo e marcado. Este recipiente possui todas as características presentes nos recipientes da Idade do Ferro de Crasto de Palheiros.

Na Lavra (Marco de Canaveses) estão presentes dois recipientes semelhantes às nossas formas *B4a* e *4a* (Silva: 1999, 99-100 – recps. n.º 13 e 46). O recp. n.º 13 (Silva: 1999, 99) possui uma inclinação semelhante à do tipo *4b* (Est. X – vol. 2) e um bordo semelhante ao do tipo *B4a* (Est. IX – vol. 2). É um recipiente não totalmente semelhante aos do Crasto de Palheiros mas é evidente o seu ar familiar, sobretudo na profundidade. Todos estes recipientes – de Castelo de Aguiar, Lavra e Crasto de Palheiros – são taças ao invés dos recipientes presentes na região do Entre Douro e Minho. O n.º 46 (Silva: 1999, 100) enquadra-se, genericamente na forma *4a* pois o ângulo de inclinação da parede encontra-se na categoria 11.

Na Bouça do Frade (Marco de Canaveses) encontramos vasos de largo bordo horizontal, que ainda que se encontrem muito fragmentados podemos pressupor uma forma em calote esférica, mais ou menos profunda (Jorge: 1988, fig. 36 – recps. n.º 1 e 2). Estes recipientes ocorrem aqui no séc. IX AC em conjunto com outros grupos cerâmicos, como Cogotas I e Baiões.

De facto, em diversos sítios com cerâmicas Cogotas da Meseta Espanhola é possível encontrar recipientes em calote esférica com um bordo ligeiramente esvasado semelhante ao tipo *B4a* (Est. IX – vol. 2). Deste modo, podemos observar a presença de recipientes semelhantes ao tipo *B4a* em Álava (Abarquero Moras: 2005, 122 – recp. n.º 10), Zaragoza (Abarquero Moras: 2005, 134 – recp. n.º 4 e 9) e Almería (Abarquero Moras: 2005, 179 – recp. n.º 5). Em Castelo Velho de Freixo de Numão, a forma 5 – relacionada com o mundo de Cogotas – relembra a nossa forma *B4b* (Est. IX – vol. 2), com um perfil menos acentuado já que possui um bordo menos esvasado (Baptista: 2003, 67). Assim podemos concluir que as taças em calote esférica de bordo inclinado ou oblíquo encontram-se presentes no Bronze Final em diversas regiões tendo aí a sua origem. Não sabemos se os recipientes de Crasto de Palheiros – formas *B4a*, *B4b* (Est. IX – vol. 2), *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2) – devem a sua presença a um desenvolvimento local influenciado pelas comunidades da Idade do Bronze do Douro Litoral ou das comunidades da Meseta Central integradas na denominada “Cultura de Cogotas”.

Curiosamente, na Idade do Ferro da Meseta Espanhola, nomeadamente na região de Zamora e

Soria, encontramos uma ausência de recipientes semelhantes às nossas formas *4a* e *4b* (Est. X – vol. 2), relacionadas com a ocupação da Idade do Ferro. No entanto encontram-se presentes recipientes de perfil globular que relembram, genericamente, as formas *B4* e *4* (Esparza Arroyo: 1986, 299 e 301 – forma 3). Esta forma reúne a tendência esférica dos globulares e o bordo esvasado das taças troncocónicas resultando mais próxima das nossas formas *B4* (Est. IX – vol. 2) e *4* (Est. X – vol. 2) devido ao seu achatamento e conseqüente índice de profundidade. Contudo, estes recipientes encontram-se, ao nível do bordo, mais próximos dos tipos *B5b* e *B5c* relembrando um pouco aquelas formas.

Podemos dizer que em Lúbian estão presentes dois recipientes semelhantes à forma *B4a* ou *4a* com ângulos de inclinação das paredes nas categorias 11 e 12 (Esparza Arroyo: 1986, 301 – recps. n.º 4 e 5) e em Sejas de Aliste encontra-se presente um recipiente semelhante à forma *B4a* com uma inclinação semelhante à forma *4b* – ângulo na categoria 11 – (Esparza Arroyo: 1986, 301 – recp. n.º 3). Em Carbajales de Alba encontramos um recipiente semelhante ao tipo *4b* (Est. X – vol. 2) ao nível da inclinação da parede (ângulo na categoria 10) e semelhante ao tipo *B4a* (Est. IX – vol. 2) ao nível do tipo de bordo (Esparza Arroyo: 1986, 301 – recp. n.º 2). As formas presentes em Sejas de Aliste e Lúbian encontram-se datadas do séc. III AC. O carácter mais “primitivo” deste tipo de recipientes na região de Zamora – formas mais semelhantes àquelas presentes na ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros – levam-nos a colocar a hipótese de que este tipo de recipientes no Crasto de palheiros possui um desenvolvimento autónomo da região Zamorana. De facto, a região de Zamora encontra-se muito mais relacionada com a Idade do Bronze marcada pela “Cultura de Cogotas”. Apesar deste grupo cerâmico também se encontrar presente na região Transmontana, a evolução conseqüente dos conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro parece ser divergente e influenciada por outras comunidades da Idade do Bronze. Ainda que noutras formas cerâmicas seja evidente a influência das comunidades da idade do Bronze marcadas pela “Cultura de Cogotas” é aqui evidente – nestes tipos formais – a influência dos grupos presentes no Douro Litoral marcados pelo denominado Bronze Atlântico.

A forma 5, subdividida em *5a*, *5b* e *5c* (Est. X – vol. 2), corresponde a recipientes de corpo globular, com fundo convexo (ou levemente achatado), abertos, de colo muito suave, curto e bordo esvasado ou em aba. Cremos que esta forma baixa e larga evolui a partir dos globulares de tipo *B5* (Est. IX – vol. 2) presentes na ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros. Deste modo, esta forma encontra-se ausente em diversos sítios com ocupações calcolíticas, nomeadamente: Crasto de Palheiros (Amorim, 1999); Castelo Velho de Freixo de Numão (Oliveira: 2003); Cunho e Barrocal Alto no planalto mirandês (Sanches: 1992).

É de notar que esta forma é algo semelhante à forma 3 presente no Barrocal Alto (Sanches: 1992; 121, fig. 17). Contudo esta forma 3 não possui um colo tão marcado nem um verdadeiro perfil em “S” suavizado. A semelhança entre a forma 3 do Barrocal Alto e a forma 5 do Crasto de Palheiros (Est. X – vol. 2) reside no conceito de “panela” – do recipiente baixo e largo – presente em ambas as formas mas de certo modo materializado de forma diferente. Assim a distância espaço-temporal entre estas duas formas distancia-as indicando que a forma 5 do Crasto de Palheiros se relaciona com conjuntos cerâmicos mais próximos no tempo e no espaço.

Durante a Idade do Bronze a forma 5 (Est. X – vol. 2) encontra-se ausente de diversos sítios integrados na bacia do Cávado (Bettencourt: 2000^a, 19-20), tais como Alto da Cividade, Castelo de Faria, Castro de Lanhoso, Citânia de Roriz, Monte do Facho/Alto da Torre, Santa Marta da Falperra, Alto de S. Bento, Granjinhos, São João de Rei/Monte do Castro e Vasconcelos/Monte do Castro. Esta forma encontra-se também ausente do povoado da Santinha – Amares (Bettencourt: 2001, 12 e todas as estampas) e Sola (Bettencourt: 2000^b).

Apesar de uma ausência generalizada na sub-região do Cávado, encontramos no povoado de Cabanas I um recipiente que poderia ser integrado na forma 5 do Crasto de Palheiros (Bettencourt: 2000^a, estampa VII, recp. n.º 4). Contudo este recipiente foi integrado na forma 4 definida por Ana Bettencourt (Bettencourt: 2000^a, 19-20) que corresponde a um “pote” de pança tendencialmente esférica ovóide, de colo muito curto, bem marcado e bordo esvasado (Bettencourt: 2000^a, 14) – não sendo definida a sua profundidade que é essencial na determinação da forma 5 de Crasto de Palheiros. É também feita uma alusão entre a semelhança desta forma 4 com a forma 2 presente na Bouça do Frade – Marco de Canaveses (Jorge: 1988, 22) sendo que a forma 2 de Bouça do Frade corresponde claramente a recipientes de corpo alto e esguio. Em suma, aquilo que nos parece semelhante através das estampas e que seria integrado por nós nesta forma, no Crasto de Palheiros, é visualizado de modo diferente noutros contextos. Não negamos que noutros contextos, bordos ou partes superiores de recipientes semelhantes a formas no Crasto de Palheiros desenvolvam corpos completamente distintos e desse modo a comparação entre partes de recipientes dificulta as comparações inter-regionais. Cremos que a percepção de cada investigador relativamente aos conjuntos cerâmicos que estudou é essencial na percepção desses mesmos conjuntos cerâmicos por parte doutros investigadores. Deste modo, colocamos a hipótese de que é possível a presença de recipientes semelhantes à nossa forma 5 em Cabanas I no entanto, confiamos na percepção da investigadora que estudou este conjunto e concluímos que esta comparação ou semelhança é frágil e deve ser olhada com a devida cautela.

Esta situação comparativa também ocorre no povoado de S. Julião (Bettencourt: 2000^c) onde

identificamos um recipiente semelhante à nossa forma 5b – Est. X - vol. 2 (Bettencourt: 2000^c, estampa XCII, recp. n.º 3) e relacionado com a ocupação compreendida entre 750 a 500/450 AC. Este recipiente corresponde à forma 10 (Bettencourt: 2000^c, 12) denominada de potinho/púcaro e correspondendo a uma forma fechada, com pança de perfil esférico, colo bem pronunciado e bordo esvasado ou em aba soerguida. No entanto este tipo formal corresponde a recipiente ligeiramente mais fechados do que os recipientes da nossa forma 5. Podemos dizer que a forma 5b de Crasto de Palheiros é, genericamente, semelhante à forma 4 de S. Julião na ocupação da Idade do Bronze (Martins: 1988, 141) correspondendo ao púcaro. É também semelhante à forma 2 de S. Julião da ocupação da Idade do Ferro (Martins: 1988, 185 – forma 2a). Contudo ambas as formas de S. Julião apresentam fundo plano divergindo claramente da forma de Crasto de Palheiros. É de notar que a forma 5 de Crasto de Palheiros (Est. X – vol. 2), sobretudo os tipos 5a e 5c, correspondem a “panelas” devido à relação entre o diâmetro da boca e altura do recipiente.

A ocupação da Idade do Ferro no povoado do Lago – Amares revela a ausência deste tipo formal (Martins: 1988).

Como referimos acima, o povoado de Bouça de Frade revela a ausência de recipientes semelhantes à nossa forma 5 (Est. X – vol. 2). O povoado da Lavra, também localizado em Marco de Canaveses, revela alguns recipientes, genericamente, semelhantes à forma 5 (Silva: 1999, recps. n.º 1, 12 e 79) e integrados na forma 6. Contudo nenhum destes recipientes revela uma semelhança segura com a nossa forma 5. Assim, alguns são altos demais – possuindo índices de profundidade certamente superiores –, outros são estreitos – com a ausência de um perfil alargado e atarracado – e outros assemelham-se a globulares fechados pré-históricos. Deste modo, os recipientes presentes na Lavra revelam uma ausência de recipientes que possam ser integrados na forma 5 de Crasto de Palheiros.

A presença de recipientes semelhantes à forma 5 (Est. X – vol. 2) é visível noutras regiões nomeadamente Vila Pouca de Aguiar e mais concretamente em Castelo de Aguiar. No Castelo de Aguiar encontram-se alguns recipientes semelhantes à nossa forma 5 (Silva: 1999, 127, recp. n.º 27) sendo que o perfil em “S” não se apresenta tão acentuado como no nosso recp. n.º 19 (estampa X, vol. 2). Podemos dizer que o recp. n.º 18 de Castelo de Aguiar (Silva: 1999, 154) é muito semelhante à nossa forma 5c (Est. X – vol. 2), com uma pequena diferença ao nível do bordo. O recp. n.º 543 de Crasto de Palheiros (Est. CXXIII, n.º 2 – vol. 2) apresenta um bordo um pouco mais proeminente que o recp. n.º 18 de Castelo de Aguiar no entanto ambos revelam a mesma forma geral e o mesmo conceito. O recp. n.º 29 de Castelo de Aguiar (Silva: 1999, 156) é também muito semelhante às formas 5c e 5a (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros. O recp. n.º 29 apresenta, no entanto, um

bordo muito menos proeminente que o recp. n.º 19 de Crasto de Palheiros (Est. CXV, n.º 1 e X, 5a – vol. 2). De uma forma genérica a forma 5a (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros é semelhante à forma 6.2b de Castelo de Aguiar e a forma 5c de Crasto de Palheiros é semelhante à forma 6.2a de Castelo de Aguiar (Silva: 1999, 21-22). É de notar que o tipo 6.2b é relacionado por Margarida Santos Silva com uma possível ocupação da Idade do Ferro no local. Os contextos das formas 6.2 de Castelo de Aguiar e os contextos das formas 5a e 5c de Crasto de Palheiros indicam que o tipo 5a é, provavelmente mais evoluído e tardio do que o tipo 5c.

Os recipientes de tipo 6.2 presentes em Castelo de Aguiar são também semelhantes aos tipos B5b e B5c (Est. IX – vol. 2) conotados com a Idade do Bronze do Crasto de Palheiros. No entanto, são evidentes diferenças entre os globulares conotados com a Idade do Bronze – B5b e B5c (Est. IX – vol. 2) – e aqueles da Idade do Ferro – 5a, 5b e 5c (Est. X – vol. 2). As diferenças entre estes recipientes encontram-se nos diâmetros da boca, na profundidade dos recipientes, no tipo de bordo e na relação intrínseca entre estes elementos.

Assim podemos observar muitas semelhanças entre os conjuntos cerâmicos de Castelo de Aguiar e Crasto de Palheiros que se tornam ainda mais importantes face à evidente ausência de semelhanças com outros conjuntos cerâmicos (de povoados da Idade do Bronze de outras regiões).

Na Idade do Ferro, é evidente a ausência de recipientes semelhantes à forma 5 (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros em diversos povoados da Galiza, como Castro de Montealegre, em Moaña, Pontevedra (Aboal Fernández & Castro Hierro: 2006, 146-166), Castro de Fozara, Municipio de Pontearas, Pontevedra (Hidalgo Cuñarro & Rodriguez Puentes: 1987, 25-47), Castro de Baroña em Porto do Son, Coruña (Calo Lourido & Soeiro: 1986, 41-48) bem como no Douro Litoral (Silva: 1986, ver estampas). No norte mais interior, onde se destaca o povoado do Crastoeiro em Mondim de Basto (Dinis: 2001, ver figuras), é também evidente a ausência deste tipo formal.

É também manifesta a ausência deste tipo formal na Meseta Norte Espanhola, com particular incidência nos castros da região de Zamora (Esparza Arroyo: 1986, 298-327). Contudo, esta região carece de estudos de fundo baseados em escavações extensas e não em prospecções e materiais de superfície. Torna-se difícil uma comparação inter-regional pois a maioria dos sítios estudados estão apenas integrados em estudos de recolha de materiais de superfície (Esparza Arroyo: 1986). Outros sítios da Meseta Norte, como a necrópole de Las Ruedas em Valladolid (Sanz Mínguez: 1998, 226 – tabela forma dos recipientes cerâmicos) revelam a ausência deste tipo formal. Contudo é evidente uma semelhança entre alguns recipientes de Soto de Medinilla e a forma 5 (Est. X – vol. 2) do Crasto de Palheiros (Álvarez-Sanchis: 2003, 67 – último recipiente da fig. 16, no canto inferior esquerdo). Este recipiente de Soto de Medinilla revela o mesmo conceito ainda que o bordo não se apresente tão

desenvolvido como nos recipientes presentes em Crasto de Palheiros. Na região de Soria encontra-se um recipiente, do Castro de Valdeavellano de Tera, semelhante à forma 5b (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros. Este recipiente corresponde à forma 9 Fernando Romero (Romero Carnicero: 1991, 264-265) sendo uma taça de perfil em “S” com a base arredondada e asa de perfuração horizontal oval, que nasce no bordo e volta a encontrar-se com o vaso na altura do seu diâmetro máximo. Tal não é difícil porque o colo é muito curto e a forma é atarracada. Apesar de ausente noutros sítios da região de Soria, a forma é largamente conhecida nos materiais de Campos de Urnas Peninsulares, compreendidos entre o séc. VII ao VI AC (Romero Carnicero: 1991, 264-265).

Na necrópole de La Osera em Ávila o tipo cerâmico IV revela algumas semelhanças com o tipo 5a (Est. X – vol. 2) do Crasto de Palheiros, sobretudo em alguns recipientes (Cabré Aguiló *et alli*: 1950, 167). Um vaso da sepultura 374 (Cabré Aguiló *et alli*: 1950, estampa LXVIII) possui uma forma, genericamente, semelhante à forma 5a. No entanto, esta forma possui um pé alto que a individualiza em relação à forma 5 do Crasto de Palheiros.

É evidente que a presença de determinados tipos se relaciona directamente com o tipo de sítio onde são encontrados – povoados e necrópoles. E deste modo a ausência dos recipientes não significa um desconhecimento total por parte das comunidades. Contudo a arqueologia trabalha com as evidências presentes na actualidade e essas evidências revelam que a forma 5 se desenvolve regionalmente na Idade do Bronze atingindo o seu clímax na Idade do Ferro. É possível que esta forma se relacione quase exclusivamente com o Nordeste de Portugal. Contudo, a presença de alguns indícios na Meseta Norte Espanhola indica que tal forma, ou formas semelhantes, não eram desconhecidas das comunidades da Idade do Ferro da região.

Por último, restam as formas 6a e 6b (Est. X – vol. 2) integradas na tabela de formas da Idade do Ferro. Estas formas foram integradas no grupo dos globulares com ou sem bordo / colo devido à possível presença de fundos côncavos em tudo semelhantes aos fundos dos recipientes globulares mais simples. Contudo, no estudo comparativo inter-regional a relação destas formas com recipientes de perfil em “S” é mais evidente do que com recipientes globulares. De facto, estes recipientes encontram-se numa espécie de fronteira entre os globulares simples e os recipientes de perfil em “S” desenvolvido, de fundo plano e bordo proeminente. Tecnicamente estes recipientes podem ser integrados tanto no grupo dos globulares como no grupo dos recipientes de perfil em “S”. cremos que no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros a sua integração no grupo alargado de recipientes globulares faz mais sentido.

Este tipo de formas desenvolve-se durante a Idade do Bronze provavelmente a partir dos primeiros recipientes com colo incipiente presentes em ocupações calcolíticas. Ou seja, no

Calcolítico da região estão presentes alguns recipientes fechados, que se integram genericamente nos tipos *B5a* e *B14a* (Est. IX, vol. 2). As ideias subjacentes a esses tipos darão origem aos primeiros recipientes com colo bem marcado, que no Crasto de Palheiros são denominados de *6a* (Est. X, vol. 2). Deste modo, as marcas definidoras deste tipo de recipientes são o colo bem marcado e a pança globular de fundo côncavo.

Recipientes semelhantes ao tipo *6a* (Est. X – vol. 2) encontram-se um pouco por todo o Norte de Portugal e Espanha durante o IIº milénio. Podemos dizer que na sub-região do Cávado encontram-se presentes no Alto da Cividade I (Bettencourt: 2000^a, estampa XI, recp. n.º 1). Este recipiente difere dos do Crasto de Palheiros no tipo de lábios que são rectos como o bordo. Colocamos também a hipótese de este recipiente possuir um fundo côncavo, já que se encontra incompleto. Contudo, tal hipótese não é colocada nos estudos dos materiais cerâmicos do Alto da Cividade.

Este tipo de forma encontra-se também presente em Castelo de Faria IB (Bettencourt: 2000^a, est. VIII, recp. n.º 2) ainda que o corpo do recipiente seja um pouco mais esguio que o recp. n.º 463 (Est. LXVIII – vol. 2) de Crasto de Palheiros. É também evidente uma presença muito ténue deste tipo de recipientes nesta sub-região ainda que não sejam totalmente desconhecidos.

Na região do Douro Litoral este tipo de formas encontra-se presente em alguns sítios, revelando mais uma ausência do que uma presença. Em Coto da Pena – Caminha (Silva: 1986, est. XLIX, recp. n.º 6) encontra-se um recipiente muito semelhante à forma *6a* (Est. X – vol. 2) integrado na fase de ocupação entre 500 a 100 AC. O conjunto cerâmico de Coto da pena revela outras semelhanças com o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros nomeadamente com o tipo forma *B18* (Est. IX – vol. 2).

Em S. Julião, Vila Verde, a forma 1 corresponde genericamente à forma *6a* (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros sendo que diz respeito a recipientes de forma fechada, bordo tendencialmente vertical no prolongamento do colo e de pança ovóide (Bettencourt: 2000^c, 15). Também aqui este tipo de recipientes é associado a fundos planos e corpos altos e esguios. Contudo a elevada fragmentação permite compara-los com os recipientes presentes em Crasto de Palheiros. O colo alto e recto seguido de uma pança bojuda é visível no recp. n.º 2 da estampa XXXVII (Bettencourt: 2000^c), recp. n.º 1 da estampa LXIII (Bettencourt: 2000^c) e recp. n.º 2 da estampa LI (Bettencourt: 2000^c). Contudo este último recipiente encontra-se completo e possui fundo plano. cremos que um dos factores mais importantes na compreensão deste tipo cerâmico é a presença do colo alto e recto seguido de uma pança bojuda. Essa característica destes recipientes permitirá o desenvolvimento de múltiplas formas de perfil em “S”, independentemente do tipo de fundo. Assim, cremos ser importante avaliar a presença de recipientes com colo alto e recto em sítios ocupados durante a Idade

do Bronze devido à origem e evolução deste tipo cerâmico.

Este tipo cerâmico encontra-se também presente na Galiza, no Castro de Montealegre onde ocorrem formas flexionadas simples de perfil em “S” e datadas do séc. VIII ao V AC (Aboal Fernández & Castro Hierro: 2006, 147 – primeiro recipiente da lamina 1).

No Crasto dos Palheiros, os recipientes integrados na forma *6a* revelam discrepâncias tanto no colo como no tipo de pança. Por exemplo, o recp. n.º 9 (PIL – U. Hab. 4) apresenta um colo recto e simples sendo que a pança não aparenta ser muito bojuda (Est. LXXV, n.º 3 – vol. 2). O colo do recp. n.º 416 (TEL – fase III-2) é também alto – como o do recp. n.º 9 – mas o bordo é mais trabalhado e a pança aparenta ser muito bojuda (Est. CV, n.º 12 – vol. 2). Identificamos recipientes de colos rectos e bordos bastante desenvolvidos como os dos recps. n.º 448 (TEL: fase III-3; est. XCIV, n.º 8 – vol. 2), 80 (PIL: fase III-3, est. LXXXIV, n.º 5 – vol. 2) e 338 (TEL: fase III-3; est. CV, n.º 14 – vol. 2). E recipientes de colos rectos com bordos muito mais simples, como os dos recps. n.º 151 (PIL: fase III-3; est. LXXXV, n.º 9 – vol. 2), 214 (PIL: fase II, A7, est. XCIII, n.º 12 – vol. 2), 135 (PIL: fase III-2, A18, est. LXXXV, n.º 6 – vol. 2) e 210 (PIL: fase III-2, est. XCIII, n.º 10 – vol. 2). É possível existir uma relação entre o tipo de bordo e a cronologia dos recipientes sendo que parece que os tipos mais antigos possuíam bordos menos proeminentes. Contudo é interessante observar que o tipo de forma mantém-se modificando-se apenas alguns aspectos como o tipo de bordo.

No Norte de Portugal mais interior podemos encontrar algumas formas semelhantes ao tipo *6a*. A forma 5 de Bouça do Frade - Marco de Canaveses (Jorge: 1988, fig. 32, forma 5 e fig. 40, recp. n.º 1) é, genericamente, semelhante à forma *6a*. Esta forma 5 corresponde a um recipiente de forma sub-ovóide, de boca fechada, com ténue estrangulamento do colo (Jorge: 1988, 23). Este recipiente de Bouça do Frade é mais ovóide do que o recp. n.º 463 de Crasto de Palheiros (Est. X – vol. 2) mas a forma é genericamente a mesma. É importante o desenvolvimento do colo em recipientes da Idade do Bronze (tal como ocorre aqui) independentemente do desenvolvimento do bordo que tendo como exemplo o Crasto de Palheiros ocorre mais tardiamente. É de notar que na Bouça do Frade os bordos proeminentes e em aba encontram-se exclusivamente em recipientes de largo bordo horizontal sendo que todos os outros tipos de recipientes possuem bordos simples e pouco proeminentes. A utilização de bordos proeminentes em, quase, todo o tipo de recipientes parece ser uma das características dos conjuntos da Idade do Ferro.

A forma 1 e alguns exemplares da forma 3.1 de Castelo de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar, correspondem à forma *6a* de Crasto de Palheiros (Silva: 1999, 40 – recps. n.º 87, 67, 84 e 80). A forma 1 corresponde a recipientes de perfil em “S” pouco marcado e pança ovóide, contudo a

fragmentação é elevada sendo que só sabemos como é o colo. Os recipientes F10 e 90 (Silva: 1999, 40) podem ser integrados na forma *6a* de Crasto de Palheiros apesar de integrarem a forma 3.1 de Castelo de Aguiar. Estes recipientes podem ser relacionados com a forma 1 de S. Julião (Martins: 1988, 141 – forma 1) também já referida. É de notar que os recipientes cerâmicos de Castelo de Aguiar encontram-se muito fragmentados e que tal não permitiu a reconstituição total ou quase total de muitas formas cerâmicas. Cada investigador agrupa os recipientes de modo distinto sendo que tal também dificulta as comparações inter-regionais. Parece-nos que os recipientes integrados nas formas 3.1 e 3.2 de Castelo de Aguiar revelam muitas discrepâncias entre si. O único recipiente completo integrado na forma 3.2 (Silva: 1999, 41) integra-se na forma *B18* de Crasto de Palheiros. O recp. n.º 15 de Castelo de Aguiar não parece ter a mesma forma do recp. n.º 94 (também de Castelo de Aguiar) e provavelmente é ainda mais semelhante ao tipo *B18* do Crasto de Palheiros que o recp. n.º 94. Em resumo o importante a reter é que os recipientes que podiam ser integrados na forma *6a* (Est. X – vol. 2) do Crasto de Palheiros encontram-se quebrados na linha colo / pança e não lhes conhecemos a pança (forma 1 de Castelo de Aguiar). Contudo a proximidade entre os conjuntos cerâmicos de Crasto de Palheiros e Castelo de Aguiar relativamente a outros tipos cerâmicos possibilita a colocação da hipótese que também aqui existam semelhanças.

Na Lavra, em Marco de Canaveses, a forma 1 corresponde, tecnicamente, à forma *6a* de Palheiros (Silva: 1999, 95 – recps. n.º 4 e 29). Na Lavra é evidente uma ausência deste tipo de bordos sendo que apenas os recps. n.º 4 e 29 podem ser integrados nesta categoria formal.

A presença da forma *6a* (Est. X – vol. 2) na Meseta Norte não é evidente, não é uma presença clara sem equívocos e sobretudo é marcada pelo tipo de investigação realizada, pelo tipo de sítios estudados e pelas tipologias construídas por diversos investigadores.

Se atendermos unicamente às tabelas formais construídas para diversos conjuntos cerâmicos de sítios da Idade do Ferro da Meseta Norte e as olharmos de um modo rígido concluímos, rapidamente, que as formas *6a* e *6b* se encontram ausentes. Contudo a observação das diversas estampas de cada sítio e mesmo a observação das tipologias de um modo menos rígido permite observar a presença do tipo *6a* de modo inequívoco em toda a Meseta Norte, a partir do séc. VIII AC.

Na região de Zamora são inúmeros os bordos que se assemelham aos bordos da forma *6a* (Est. X – vol. 2), tais como determinados bordos de *Castro de S. Esteban* – Brime de Urz (Esparza Arroyo: 1986, 48, fig. 19, bordos 2 e 3); *Soto de Peñas Coronas* – Carbajales de Alba (Esparza Arroyo: 1986, 54, fig. 27 – 3º recp. a contar de cima, fila do lado direito); *La Mazada* – Gallegos del Campo (Esparza Arroyo: 1986, 75 – fig. 40 e 78 – fig. 45); *Peña de la Torre* – Limiano de Sanabria (Esparza Arroyo: 1986, 86, fig. 53, recps. 2 e 3 a contar de cima); *Sejas de Aliste* – Zamora (Esparza

Arroyo: 1986, 167, fig. 105, recps. n.º 2 e 9); *Castro de Labradas* (Esparza Arroyo: 1986, 207, fig. 137, recp. W1) e *Lúbian* (Esparza Arroyo: 1986, 219, fig. 148, recp. n.º 1). Em Portugal na zona de fronteira com o Norte Espanhol encontramos exemplares de bordos semelhantes ao tipo *6a* no *Castro de S. Martinho de Angueira* – Miranda do Douro (Esparza Arroyo: 1986, 145, fig. 88 – 3º bordo a contar de cima) e um pouco mais no centro, no *Castelo dos Mouros da Ervedosa* – Pinhel / Guarda (Perestrelo: 2003, 107, fig. 30 – recp. n.º 5).

Todos estes bordos – à excepção do de *Castelo dos Mouros da Ervedosa* – são relacionados com recipientes de perfil em “S” de fundo plano (Esparza Arroyo: 1986, 311-312 – forma 21). Contudo, não é totalmente excluída a possibilidade de fundos côncavos mais dificilmente identificados (Esparza Arroyo: 1986, 313). Todos estes bordos apresentam arranques de panças mais ou menos bojudas que podem corresponder a panças semelhantes à da forma *6a*. E, determinados bordos apresentam mesmo semelhanças formais com bordos do Crasto de Palheiros; por exemplo o bordo do recp. n.º 338 (Est. CV, n.º 14 – vol. 2) de Crasto de Palheiros é bastante semelhante aos bordos 2 e 3 de *Castro de S. Esteban* em Brime de Urz (Esparza Arroyo: 1986, 48, fig. 19).

É evidente que a fragmentação dos recipientes não ajuda a sua caracterização e este tipo de bordos, acima mencionados, pode estar integrados em recipientes de panças mais flexionadas, com uma carena baixa. Como são alguns recipientes de *Los Cuestos de La Estación* – Benavente / Zamora (Célis Sánchez: 1993, 117, recp. n.º 6). Estes bordos podem também estar integrados em recipientes de pança globular, levemente afunilada e de fundo pequeno umbilicado, como alguns recipientes de *La Mota* – Medina del Campo / Valladolid (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, fig. 3 – recp. n.º 12). Podem ainda estar integrados em recipientes globulares baixos, atarracados, que apresentam uma espécie de carena baixa, como também em alguns recipientes de *La Mota* – Medina del Campo / Valladolid (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, fig. 4, recp. n.º 3).

Contudo, cremos que na Meseta Norte e em Trás-os-Montes estiveram presentes dois tipos de recipientes, ou mais, de colo recto. Um grupo correspondia aos recipientes tipo urna, utilizados nos sítios acima referidos e em muitos outros como na necrópole de Las Ruedas – Valladolid (Sanz Mínguez: 1998, 226 – forma VI3), necrópole de La Osera – Ávila (Cabré, Cabré & Molinero: 1950, 167, fig. 4 – forma III), necrópole de Cuellar e Raso de Candeleda – Ávila (Sanz Mínguez: 1998, 235) e Los Castillejos de Sanchorreja (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 108, fig. 61 – forma 10).

Outro grupo correspondia a recipientes como os da forma *6a* (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros, recipientes esses menos visíveis no registo arqueológico devido à fragmentação do fundo e provavelmente à sua funcionalidade ou tipo de utilização. Contudo este tipo de recipientes (*6a* e *6b*)

estão presentes em alguns sítios como La Plaza del Castillo – Cuévar, Segóvia (Barrio Martín: 1993, fig. 8, recp. n.º 30), Olivares de Duero – Valladolid (Seco Villar: 1993, 221, recp. n.º 1) e na necrópole de Las Ruedas – através de um recipiente de forma VI3 que possui muito provavelmente fundo côncavo e que é semelhante ao tipo *6b* de Crasto de Palheiros (Sanz Mínguez: 1998, 54 – recp. 3C).

Na necrópole de Las Ruedas a maioria dos recipientes de forma VI3 – que corresponde genericamente à forma *6a* de Crasto de Palheiros – possui fundo recto (Sanz Mínguez: 1998, 234, recps. 17A, 29G, 31B, 34B, 39H) sendo que estes recipientes encontram-se totalmente reconstituídos. Contudo alguns recipientes (Sanz Mínguez: 1998, 137, recps. n.º 2, 6 e 7) não se encontram totalmente reconstituídos, possuem uma pança claramente globular e que possibilita a presença de um fundo côncavo. É de notar que este tipo de formas na necrópole de Las Ruedas não ostenta decoração, possuem superfícies externas pouco cuidadas, quando muito são alisadas, e são relacionadas com a via quotidiana das populações. Ou seja, estas formas ainda que na necrópole cumpram uma função funerária, correspondem claramente a recipientes com uma utilidade doméstica, nomeadamente na cozinha (Sanz Mínguez: 1998, 235). É importante referir que no Crasto de Palheiros, a maioria destes recipientes deveriam cumprir funções relacionadas com a confecção dos alimentos.

Relativamente à origem e evolução destes recipientes temos a dizer o seguinte. cremos que o tipo *6a* de Crasto de Palheiros possui uma evolução local que parte de exemplares desenvolvidos durante o IIº milénio. Deste modo, este tipo formal faz parte de um conjunto cerâmico que se desenvolve a partir de pequenas modificações que vão sendo paulatinamente introduzidas nos conjuntos cerâmicos no decorrer da vivência das comunidades ao longo do IIº milénio. No início do primeiro milénio este tipo formal possui já as características que o marcam: *colo recto, pança globular, fundo côncavo e bordo pouco proeminente*. O bordo sofre uma evolução autónoma, provavelmente a par de todo um conceito decorativo relacionado com a utilização dos bordos, e o tipo formal *6b* é uma evolução do tipo *6a* (Est. X – vol. 2). Tal não quer dizer que ambos os tipos não convivam dentro das mesmas ocupações presentes em Crasto de Palheiros. Contudo, o tipo *6b* encontra-se ausente de determinados sítios da Idade do Bronze, como Alto da Cividade, Castelo de Faria, S. Julião, Bouça do Frade, sendo que o tipo *6a* encontra-se presente nesses mesmos sítios (ainda que com algumas variantes morfológicas). No Crasto de Palheiros, com uma ocupação que se inicia no 1º quartel do Iº milénio, os dois tipos formais convivem e revelam um total estabelecimento destas formas. Como já foi referido o tipo *6a* encontra-se em inúmeros sítios da Idade do Bronze e Ferro do Douro Litoral e podemos também dizer que o tipo *6b* se encontra durante a Idade do Ferro

na Beira Alta, como atestado no Morro da Sé (Almeida: 2005, est. XVI, 1).

Podemos também dizer que a grande maioria destas formas apresentam pastas pouco cuidadas, tratamentos de superfície variados – alisados, rugosos – e tamanhos médios e grandes. Ou seja, estas formas não revelam uma especialização e não estão associadas a determinado tipo de pasta, cor, tratamento de superfície ou até presença de decoração. Por último, gostaríamos de referir que a construção deste tipo formal é exclusivamente manual, sendo que nenhum exemplar foi feito a torno.

O recp. n.º 5 (Est. X, 6b e XC – vol. 2), da PIL e integrado na fase III-2 foi construído em duas partes distintas que num momento seguinte foram unidas numa só. Uma das partes construídas individualmente foi a zona do bordo, provavelmente até ao ponto tangencial bordo/colo. O bordo deste recipiente é facetado, criando uma aba interna e duas linhas externas, de grande uniformidade a nível de espessura e de regularidade na superfície. Este bordo revela uma manufactura cuidada e uniforme que cremos ter sido conseguida através de duas hipóteses. Na primeira hipótese, o bordo é construído sobre um suporte liso e a aba interna pousa directamente nesse suporte conferindo-lhe um perfil totalmente rectilíneo, tal como acontece em muitos outros bordos de recipientes do Crasto de Palheiros. Na segunda hipótese, o bordo pode mesmo ter sido construído com o auxílio de um torno (possivelmente um tornete que é um torno sem mecanismo que lhe permita manter a rotação em modo autónomo e contínuo). Através de o auxílio de um tornete seria conseguido um bordo totalmente circular, muito mais “perfeito” do que um bordo construído manualmente.

A segunda parte do recipiente – que é quase a totalidade do mesmo, do colo ao fundo côncavo portanto um globular ligeiramente fechado – foi construída manualmente e por técnica de martelagem. Ou seja, as paredes do recipiente (quase completo) revelam marcas de martelamento com um objecto duro ou semiduro e que tinha o objectivo o adelgaçamento e uniformização das paredes. Esta característica foi notada por um oleiro profissional português que pode observar este recipiente.

Por último, gostaríamos de referir que muitos dos bordos do Crasto de Palheiros apresentam grande regularidade, quer ao nível da forma, do perfil rectilíneo da aba e mesmo na perfeição do círculo conseguido. Tal uniformidade levou-nos a crer que os recipientes eram construídos, na totalidade, com o auxílio de um torno. Contudo o recp. n.º 5 (Est. X, 6b e XC – vol. 2) e os inúmeros fragmentos de panças que analisamos revelaram sempre uma manufactura manual.

Os recipientes tipo urna – que integramos num grupo distinto e ausente do Crasto de Palheiros – e que se encontram presentes nas necrópoles acima citadas parecem revelar toda uma criação e evolução autónoma dos tipos formais que denominamos de *6a* e *6b* (Est. X – vol. 2).

Alguns autores, como *Barrío Martin, Castiella, Sanz Mínguez, González-Tablas Sastre e Domínguez Calvo*, consideram que as formas tipo “urna” evoluem a partir de peças mais angulosas presentes nos Campos de Urnas, onde aparecem com frequência (Sanz Mínguez: 1998, 235 e González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 109). É de notar que estes recipientes tipo urna estão associados a pastas cuidadas, colorações escuras e por vezes são realizados a torno em necrópoles como La Osera (Cabré, Cabré e Molinero: 1950, 168, fig. 15- forma IV). Contudo em necrópoles como Las Ruedas apresentam um carácter, genericamente, descuidado (Sanz Mínguez: 1998, 235). No entanto é de notar que em las Ruedas ocorrem os dois grupos que aqui distinguimos.

Deste modo, cremos que na Idade do Ferro estão presentes tipos formais muito semelhantes mas que tiveram uma evolução distinta por vezes difícil de discernir e de compreender. Cremos que as diferenças e tendências de determinados tipos formais – preferências nos tipos de pastas, tratamentos de superfície, cor e ausência ou presença de decoração – podem ser os indicadores de processos evolutivos distintos. Ou seja, se um tipo formal revela marcadamente uma preferência por determinado tipo de pasta, cor, tratamento de superfície e decoração, tal pode revelar uma origem e evolução distinta de tipos formais que se aproximam morfo-tipologicamente.

8.5.3.4 Recipientes carenados presentes na ocupação da Idade do Bronze e ausentes na ocupação da Idade do Ferro

Os recipientes carenados presentes na ocupação da Idade do Bronze e ausentes na ocupação da Idade do Ferro integram as formas *B6a, B6b, B7, B8, B9, B10, B11, B16 e B17* (Est. IX – vol. 2) presentes na tabela de formas conotadas com a ocupação da Idade do Bronze. Como é sabido este tipo de recipientes encontra-se ausente de contextos calcolíticos e surge em contextos da Idade do Bronze. Os recipientes campaniformes são dos primeiros recipientes que apresentam soluções formais relacionadas com perfis quebrados, com a presença de “colos” hiperbolóides, “carenas” baixas e fundos umbilicados. Outros há, noutras regiões que apresentam perfis carenados como alguns recipientes carenados calcolíticos do Sul de Portugal. Contudo no Norte de Portugal a grande visibilidade de recipientes carenados surge no final do Calcolítico / Idade do Bronze. Os recipientes carenados da Idade do Bronze (como aqueles da “Cultura de Cogotas”) tem provavelmente nos recipientes campaniformes a sua origem já que *é possível através de uma análise tipológica relacionar formas e motivos decorativos da cerâmica Boquique e/ou excisa com tipos campaniformes tardios da Meseta* (Jorge: 1980, 40).

Cremos que as formas carenadas constituem a característica diferenciadora dos conjuntos

cerâmicos da Idade do Bronze. Ou seja, independentemente da importância sociocultural conferida a este tipo de recipientes pelas comunidades da Idade do Bronze e independentemente da percentagem de recipientes carenados em cada conjunto cerâmico da Idade do Bronze de uma determinada estação arqueológica, *os recipientes carenados são o que distingue os conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze daqueles que os antecedem e precedem.*

Deste modo, é também visível uma presença constante de diversos tipos de recipientes carenados em sítios da Idade do Bronze em diversas regiões da Península Ibérica. Esta omnipresença de recipientes carenados e as semelhanças entre os diversos tipos de recipientes – de regiões distantes – conduz a uma dificuldade na definição do caminho evolutivo que percorreram. Cremos que quando recipientes distantes possuem a mesma morfologia, adentro de uma mesma cronologia, a sua semelhança só pode ser explicada por dois fenómenos. Um primeiro diz respeito à movimentação de comunidades que manipulavam aquele tipo de recipiente e que ao contactarem com outras populações – independentemente do tipo contacto – permitiam a “*expansão*” do tipo cerâmico.

A outra hipótese interpretativa diz respeito à “*evolução*” de diversos recipientes – de regiões distintas mas semelhantes morfo-tipologicamente – a partir de um conjunto comum que integraria um ou mais tipos de recipientes comuns. Entendemos como “conjunto comum” um conjunto de ideias / conceitos que se materializam de determinada forma. Esse conjunto de ideias que pode ser materializado de modo distinto, *mas sempre semelhante e com pontos de contacto importantes* – dos quais podemos dar exemplo, o surgir dos primeiros colos no calcolítico, o surgir de carenas no campaniforme. A materialização de conceitos semelhantes que ocorrem em comunidades distantes espacialmente mas de uma mesma cronologia, resultará em ideias ou conceitos semelhantes em diversos conjuntos cerâmicos. Ou seja, em teoria, dois recipientes podem apresentar semelhanças formais de grande vulto e possuírem um caminho evolutivo distinto. Contudo, cremos que as características de determinado recipiente como um todo – por exemplo, forma, tipo de pasta, decoração, tratamento de superfície, contexto, cor entre outras – irão definir o seu caminho evolutivo. Nas análises comparativas entre recipientes, é de vital importância conhecer todas as características dos recipientes comparados, *pois dois recipientes que se assemelham na forma mas que não possuem mais nenhuma outra característica comum são muito pouco semelhantes entre si.*

Cremos que se numa comunidade encontramos um recipiente carenado, pequeno, de pasta fina, de superfícies polidas ou brunidas e cor preta, este recipiente constituirá um tipo totalmente dissemelhante de um recipiente da mesma forma, de tamanho médio ou grande, pasta grosseira, de superfícies alisadas e amarelo. Por último, o tipo formal não é o paradigma, para nós o paradigma é a

pasta e todas as características que ela potencia – a cor, tratamentos de superfície e tamanho que ela permite. Se uma determinada comunidade apenas replica o tipo formal e não as outras características associadas a esse tipo formal é porque ela não replica na totalidade esse mesmo tipo formal.

A ausência de replicação da totalidade do tipo formal pode ser consequência directa do tipo de contactos entre as comunidades ou de uma escolha consciente que subvaloriza os recipientes de outras comunidades. Ou seja, se os contactos entre as diversas comunidades se pautam pelo seu carácter esporádico, de funcionalidade “*comercial*” ou económica e se essas mesmas comunidades não contactam a nível simbólico ou identitário, é possível que os tipos cerâmicos não sejam compreendidos na totalidade e que a sua réplica seja “*incompleta*” pois encontra-se desprovida daquilo que lhe confere o seu sentido último. Por outro lado, uma escolha consciente, que subvaloriza os recipientes das outras comunidades, onde só são replicadas determinadas características, revela escolhas identitárias, “abismos”, onde a diferença e não a semelhança é o ponto fulcral no entendimento dos conjuntos cerâmicos.

Contudo, os estudos comparativos não são realizados por máquinas nem através de métodos altamente informatizados, mas sim por pessoas que têm que folhear inúmeros artigos, olhar inúmeras estampas e recordar características sem “perder o fio à meada”. E, também por isso, a comparação inter-regional e a construção de linhas condutoras de evolução é realizada, sobretudo, sobre aspectos formais e decorativos presentes mais facilmente nas estampas.

Em suma, cremos que no Noroeste de Portugal e Meseta Norte, os recipientes carenados da Idade do Bronze são os “descendentes” dos recipientes do IIIº milénio da região e os recipientes do Iº milénio são, sem sombra de dúvida, os “descendentes” directos daqueles do IIº milénio. Independentemente da introdução de pequenas modificações morfológicas, decorativas e técnicas fruto de contactos socioculturais entre as diversas comunidades que habitaram a região.

Relativamente aos tipos de recipientes carenados presentes na ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros podemos dizer que encontramos vários paralelos formais com diversos sítios da Idade do Bronze. Contudo é de notar que o conjunto de recipientes carenados que no Crasto de Palheiros ocorre num mesmo espaço-tempo nos outros sítios não ocorre na totalidade. Ou seja, em diversos sítios da Idade do Bronze ocorrem formas semelhantes a determinados tipos de recipientes carenados do Crasto de Palheiros, mas nunca perfazem a totalidade do conjunto.

O recipiente carenado com mais paralelos formais é o B8 (Est. IX – vol. 2). Este tipo de forma possui paralelos com vários recipientes de sítios do Norte de Portugal a norte do rio Douro, como S. Julião – Vila Verde (Bettencourt: 2000^c, est. XLVIII, recp. n.º 2), Roriz II – Barcelos

(Bettencourt: 2000^a, est. IV, recp. n.º 3), castro de Lanhoso – Braga (Bettencourt: 1993/94, est. VIII, recp. n.º 25), Bouça do Frade – Marco de Canaveses (Jorge: 1988, fig. 37, recp. n.º 3 – tipo formal 11), Lavra – Marco de Canaveses (Silva: 1999, 99 – recp. n.º 59 e 101 – forma 15), Castelo de Aguiar – Vila Pouca de Aguiar (Silva: 1999, 49, recps. n.º 68 e 106) e Castelo Velho de Freixo de Numão (Baptista: 2003, 193, est. 25, recp. n.º 49) e a sul do rio Douro como no Castro de Senhora da Guia – Baiões (Silva: 1986, est. XLI, recp. n.º 5). Em nenhum destes sítios os recipientes semelhantes à forma *B8* são totalmente iguais à forma *B8* sendo que existem algumas diferenças formais das quais não sabemos avaliar a sua importância na diferenciação dos recipientes e em consequência na diferenciação identitária dos grupos ou comunidades.

Nos diferentes sítios citados existem algumas diferenças formais dignas de nota. Em S. Julião – Vila Verde é evidente uma diferença na altura dos recipientes sendo que uns recipientes carenados são mais “taças” do que outros (Bettencourt: 2000^c, est. XLVIII, 1 a 3). Em Roriz, os recipientes carenados apresentam um bordo um pouco mais proeminente e a parte superior à carena é mais recta (Bettencourt: 2000^a, est. IV, recp. n.º 3) do que aquela do recipiente de tipo *B8* no Crasto de Palheiros. Em Bouça do Frade, o recipiente semelhante ao recp. n.º 1022 do Crasto de Palheiros (Est. IX – vol. 2) possui um lábio / bordo arredondado (Jorge: 1988, fig. 37 – recp. n.º 3) e o recp. n.º 1022 de Crasto de Palheiros possui lábio / bordo afunilado. Na Lavra, o recipiente carenado semelhante ao do Crasto de Palheiros possui um “ar tosco”, podendo corresponder a uma urna ou seja possuir maior profundidade do que a taça carenada de Crasto de Palheiros (Silva: 1999, 99, recp. n.º 59). Em Castelo de Aguiar, os recipientes carenados apresentam uma parte superior à carena de perfil recto ou esvasado, claramente diferente daquele do recipiente de Crasto de Palheiros (Silva: 1999, 49, recps. n.º 68 e 106). Em Castelo Velho de Freixo de Numão os recipientes carenados apresentam notáveis semelhanças formais com o recp. n.º 1022 do Crasto de Palheiros. Contudo a parte superior à carena no recp. n.º 1022 do Crasto de Palheiros é mais reentrante do que naqueles de Castelo Velho (Baptista: 2003, 193, est. 25, recps. n.º 48, 49 e 50). Assim, os recipientes carenados de Castelo de Aguiar a Castelo Velho possuem a mesma dissemelhança face ao recipiente do Crasto de Palheiros, ou seja uma parte superior à carena de perfil recto ou esvasado. Para além das diferenças descritas é evidente que existirão, provavelmente, diferenças ao nível da pasta, tratamentos de superfície e cor, que com dificuldades avaliamos através de uma estampa ou de uma descrição (independentemente do seu grau de pormenor).

Tendo em conta o que foi dito é importante notar a diferença formal que diz respeito à parte superior à carena que em determinados recipientes possui um perfil reentrante, noutros possui um perfil recto e noutros um perfil esvasado.

O Castro da Nossa Senhora da Guia em Baiões – distrito de Viseu apresenta diversos tipos de taças e recipientes carenados de parte superior à carena recta ou ligeiramente esvasada (Silva & Gomes: 1998, fig. 17). Esta característica torna estes recipientes carenados semelhantes aos recipientes carenados da Beira Interior, onde a maioria apresenta uma parte superior à carena de perfil esvasado (Vilaça: 1995, est. LXXXIV) sendo que também estão presentes perfis rectos.

Creemos que a carena tem sido o elemento definidor do tipo formal sendo que diversos tipos de recipientes carenados são integrados numa mesma ideia ou conceito que é a presença de carena. Contudo os recipientes apresentam uma grande individualidade consoante a orientação / inclinação da parte superior à carena. Deste modo, se a carena foi o elemento escolhido como definidor por excelência, o perfil em si é, de facto, o que diferencia – formalmente – os diversos recipientes. Ou seja, cremos que perfis distintos revelam tipos formais diferentes.

A “Cultura Cogotas”, mais concretamente a 1ª fase – Horizonte Protocogotas ou Cogeces, revela recipientes semelhantes ao tipo *B8* do Crasto de Palheiros (Abarquero Moras: 2005, 29, fig. 3 – recp. n.º 8) sobretudo na inclinação da parede superior à carena. Este recipiente é de Arevalillo de Cega (Segovia) e curiosamente neste sítio ocorre também o mesmo tipo de decoração do recipiente de tipo “Cogotas” presente no Crasto de Palheiros (Estampas IX, forma 11 – vol 2 e XXXII, recp. n.º 5 – vol. 2). Como sabemos alguns dos tipos de recipientes da “Cultura de Cogotas” são carenados sendo que possuem perfis muito diversos. Comparativamente aos conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze de outras regiões, os recipientes carenados da “Cultura Cogotas” apresentam uma parte superior à carena mais reentrante e mais semelhante ao recipiente do Crasto de Palheiros. Como por exemplo num recipiente de *Ecce Homo* – Alcalá de Henares, da plenitude de Cogotas I (Abarquero Moras: 2005, 32, fig. 5, recp. n.º 1). Contudo na “Cultura de Cogotas” estão presentes tipos de taças de perfil diverso, um com a parte superior reentrante e outro a com a parte superior à carena esvasada. Deste modo, é evidente a presença de ambas as soluções formais (Abarquero Moras: 2005, 134, fig. 34, recp. n.º 6 de parte superior à carena reentrante). Curiosamente, a fase evoluída de “Cogotas”, cronologicamente mais próxima da ocupação presente no Crasto de Palheiros não é tão semelhante formalmente como a 1ª fase de “Cogotas”. Existe aqui um arcaísmo formal pois os recps. n.º 1022 e 1003 (Est. IX – vol. 2) são relacionados com uma ocupação do Bronze Final – de inícios do Iº milénio a meados do mesmo.

Contudo, os contextos destes dois recipientes estão longe de permitir a caracterização da ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros. O recp. n.º 1022 encontra-se na PIL, camada 2a (Lima: 2003, 30, fig. 5, recp. n.º 775) e esta camada relaciona-se com a última ocupação calcolítica na plataforma. E o recp. n.º 1003 encontra-se em vários complexos relacionados com a

ocupação da Idade do Ferro na PIN – Lxs. 70.2, 106 e 115. Assim, estes recipientes revelam características semelhantes, arcaísmos semelhantes sendo que o seu contexto é muito diverso e de certo modo incompreensível.

Em relação às outras formas carenadas presentes na ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros – *B6, B7, B9, B10, B11 e B16* (Est. IX – vol. 2) – podemos dizer que a presença deste tipo de formas noutros conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze é menos evidente que a presença do tipo *B8* (Est. IX – vol. 2).

Encontramos recipientes semelhantes ao tipo *B6a* no povoado da Sola – Braga (Bettencourt: 2000^b, est. XXXVIII) ainda que neste tipo de recipientes presente no povoado da Sola a carena seja mais marcada. Este tipo de recipientes encontra-se bem representado na Sola (Bettencourt: 2000^b, 10 – forma 6) correspondendo a recipientes de pasta arenosa, textura grosseira e acabamento rugoso e alisado. É de notar que o recp. n.º 466 (Estampas IX, forma 6 e CIII, recp. n.º 1 – vol. 2) foi construído em pasta III, superfície externa polida e interna alisada e de cor castanha-escura (nas superfícies e no cerne: C-C-C). A pasta III não é considerada grosseira, é uma pasta de desengordurante de tamanho pequeno e médio e que possibilita tratamentos de superfície cuidados, como o polido. Ou seja, as formas são semelhantes no povoado da Sola e em Crasto de Palheiros numa cronologia muito distinta, já que esta forma está presente no povoado da Sola entre o final do 1º quartel do IIº milénio ao 3º quartel do séc. XVI AC (Bettencourt: 2000^b, 46-47). Contudo a cronologia não é a única característica que distingue estes recipientes de tipo formal semelhante já que são visíveis diferenças ao nível da pasta, tratamentos de superfície e, muito provavelmente, da cor.

Em Tapado da Caldeira, Baiões, foi identificado um recipiente semelhante ao tipo *B6a* (Jorge: 1980, est. XIII) que apresenta uma asa e uma morfologia de bordo distinta. A forma deste recipiente foi relacionada com um momento tardio da Idade do Bronze ou inícios da Idade do Ferro (Jorge: 1980, 32) já que o contexto de recolha não foi datado através de métodos de cronologia absoluta – C14. A necrópole é genericamente datada do séc. VIII ao VII AC (Jorge: 1980, 48) e o seu conjunto cerâmico reflecte contributos de diversas origens sendo de salientar a presença de formas de tradição local, meridional e da Meseta (Jorge: 1980, 47). É de notar que no conjunto cerâmico de Tapado da Caldeira encontra-se presente um recipiente semelhante à forma *B5b* (recp. n.º 554) de Crasto de Palheiros (Jorge: 1980, est. XXII, fig. 32) ainda que este apresente uma pequena asa. Deste modo, podemos encontrar em Tapado da Caldeira, numa necrópole do Bronze Final, duas formas cerâmicas genericamente semelhantes a duas formas da ocupação da Idade do Bronze do Crasto de Palheiros.

Na “Cultura de Cogotas” alguns recipientes relembram também o tipo *B6a* do Crasto de Palheiros (Abarquero Moras: 2005, 32, fig. 5 – recp. n.º 7) apresentando um perfil bicónico, um fundo de diâmetro pequeno, ombros marcados (carena alta) e de colo curto.

Assim o tipo *B6a* (Est. IX – vol. 2) encontra-se tanto em povoados da Idade do Bronze no Norte Litoral de Portugal como na Meseta Norte / Central Espanhola sendo de difícil definição as condições de influência no surgimento deste tipo cerâmico no Crasto de Palheiros.

O tipo *B6b* (Est. IX – vol. 2) foi integrado na forma *B6* devido à sua profundidade e altura da carena. Recipientes semelhantes à forma *B6b* são integrados de modo muito variado em diversas tipologias que se referem a conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e Idade do Ferro. É visível a presença de recipientes que lembram esta forma tanto em sítios da Idade do Bronze do Norte Litoral de Portugal como em sítios da Idade do Bronze e Ferro da Meseta Norte e Central Peninsular. É de notar que a presença deste tipo de recipientes em sítios localizados, grosso modo, na região do Douro Litoral é muito reduzida e pouco visível.

Encontramos recipientes semelhantes ao tipo *B6b* em Alto da Cidade I, na região do Cávado (Bettencourt: 2000^a, est. XI, recp. n.º 2) e em S. Julião – Vila verde (Bettencourt: 2000^c, est. LXXII, recp. n.º 2). O recipiente do Alto da Cidade é uma forma mais baixa em que a parte superior à carena é suprimida sendo menos evidente. O recipiente de S. Julião é também consideravelmente mais baixo. As evidentes diferenças entre estes recipientes de Alto da Cidade e S. Julião relativamente ao recp. n.º 590 do Crasto de Palheiros (Estampas IX, forma *6b* e CXXVII, recp. n.º 3 – vol. 2) indicam uma possível origem distinta para estes recipientes. A forma *B6b* de Crasto de Palheiros pode ser considerada uma espécie de “urna” mais alta do que o comum.

De facto, alguns investigadores entendem que a variabilidade de formatos, pastas e modo de sustentação presente neste tipo cerâmico – num tipo cerâmico muito semelhante ao tipo *B6b* – demonstra a existência de dois tipos radicalmente distintos relativamente à concepção e consecutivamente à sua utilização (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 104). Ou seja, em Castillejos de Sanchorreja - Ávila ocorrem recipientes semelhantes à forma *B6b* (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 103 – forma 8). Estes recipientes possuem um perfil em “S” e aquilo que os caracteriza é o estrangulamento do colo, colo de altura variável, bordo bastante esvasado e um perfil acentuado com tendência para a ocorrência de formas bitroncocónicas. Os recipientes de Los Castillejos de Sanchorreja aparentam ser ligeiramente mais abertos que a forma *B6b* (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 103, fig. 59, forma 8). Contudo, apesar de algumas pequenas diferenças são notórias as semelhanças entre os recipientes de Los Castillejos de

Sanchorreja e aquele presente em Crasto de Palheiros.

A presença de recipientes semelhantes ao tipo *B6b* (Est. IX – vol. 2) em vários sítios da Idade do Ferro da Meseta Norte Central e integradas genericamente no grupo de Soto de Medinilla (Álvarez-Sanchis: 2003, 97, fig. 27, grupo de Soto de Medinilla, recp. na 2ª fila a contar de cima, 2º recp.) conduziu à integração deste tipo de recipientes num contexto de desenvolvimento local e autónomo, sem ser possível uma caracterização conceptual mais pormenorizada (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 104). Cremos que a adscrição de recipientes semelhantes ao tipo *B6b* à “Cultura de Soto de Medinilla” sem a colocação da hipótese interpretativa de que os mesmos poderiam ter evoluído a partir de tipos presentes na “Cultura de Cogotas” se deve a ligeiras diferenças morfológicas aliadas a uma extensa decoração, inexistente nos recipientes semelhantes a *B6b*.

De facto, nos conjuntos cerâmicos adscritos à “Cultura de Cogotas I” do oeste da Meseta e vale médio do Douro encontra-se presente um tipo de Areneros del Manzanares (Abarquero Moras: 2005, 34, fig. 7 e recp. n.º 4 e Álvarez-Sanchis: 2003, 39, fig. 6 – recp. central na imagem) muito semelhante ao tipo *B6b*. Contudo, este recipiente é mais alto do que o recp. n.º 590, possui uma zona superior à carena mais desenvolvida e apresenta uma asa lateral. É um recipiente estreito e alto enquanto que o recp. n.º 590 é um recipiente mais baixo e largo. No entanto, a forma é na generalidade a mesma e provavelmente o modo de construção era também o mesmo.

É de notar que a hipótese interpretativa colocada por González-Tablas Sastre e Domínguez Calvo relaciona alguns destes recipientes com um “fundo” local fruto de um desenvolvimento endógeno e pouco perturbado por influências exteriores. Contudo, não é explicado o porquê do aparecimento deste tipo de recipientes a partir do séc. VIII AC quando estes não são adscritos automaticamente ao mundo de Campos de Urnas Recentes. Relembrando, a forma *B6b* que corresponde genericamente à forma 8 de Castillejos de Sanchorreja (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 103), diz respeito a recipientes de duas origens distintas, uma local e outra fruto de uma “expansão” de tipo originários nos Campos de Urnas Recentes (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 104). Deste modo, os recipientes de origem local presentes em sítios da Idade do Ferro como Plaza del Castillo, em Segóvia, e relacionados com a “Cultura de Soto” terão que ter a sua origem em conjuntos cerâmicos e conceitos que os antecederam. Cremos que uma das hipóteses interpretativas viáveis é este tipo de recipientes constituir uma “simplificação” de alguns recipientes carenados presentes na “Cultura de Cogotas”. Nesta “simplificação” é suprimida a decoração e modificados alguns elementos de composição do recipiente. Obviamente que tais mudanças podem significar uma ruptura total nos significados dados às diversas manipulações dos

recipientes (tipos formais).

Assim, podemos observar que em Plaza del Castillo, Segovia, encontramos um recipiente semelhante ao tipo *B6b* (Barrío Martín: 1993, 181, fig. 5 – recp. n.º 45) que difere na abertura e na inclinação da zona superior à carena. Ou seja, este recipiente não é tão fechado como o recp. n.º 590 de Crasto de Palheiros (Estampas IX, forma *6b* e CXXVII, recp. n.º 3 – vol. 2) nem a sua zona superior à carena é tão reentrante. Contudo é um recipiente alto, de carena média / alta, de bordo esvasado muito semelhante ao tipo *B6b*. Encontra-se no nível IX, datado do séc. VIII ao VI AC – coincidindo com a cronologia da Idade do Bronze de Crasto de Palheiros – e com claras relações com a “Cultura de Soto de Medinilla”.

Recipientes presentes em necrópoles são genericamente relacionados com uma expansão de tipo provenientes dos Campos de Urnas Recentes, tais como aqueles que ocorrem, por exemplo, na necrópole de Las Ruedas e de Chamartín de la Sierra.

Na necrópole de Las Ruedas, Valladolid encontramos pelo menos um recipiente muito semelhante ao tipo *B6b* (Sanz Mínguez: 1998, 103, sep. 40, vaso F) sendo que o fundo é um pouco maior que o do recp. n.º 590 de Crasto de Palheiros e possui decoração. Este recipiente possui uma superfície externa brunida e cor negra sendo que o recp. n.º 590 possui uma superfície externa polida e cor negra. O recp. 40F de Las Ruedas é integrado na forma VI2 (Sanz Mínguez: 1998, 226) sendo que já referimos a forma VI de Las Ruedas relativamente a outro tipo formal presente no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. É assim visível um ar de família em diversos tipos formais de ambos os sítios arqueológicos.

Na necrópole de Chamartin de la Sierra, Ávila encontramos recipientes semelhantes ao tipo *B6b* (Cabré, Cabré & Molinero: 1950, 85 – sepultura 78 e 102 – sepulturas 165 e 235) sendo menos evidente a linha da carena e sem que possamos avaliar o tipo de pasta.

Pessoalmente, cremos que várias hipóteses interpretativas são viáveis na explicação do fenómeno de que um mesmo tipo formal se expresse em recipientes de distintas pastas, tratamentos de superfície, tipos de suspensão, etc. É possível que tal diferenciação ocorra devido a uma concepção diferenciada, tal como já foi aqui explicada. Contudo, é também possível que a existência de recipientes de um mesmo tipo formal de aspecto totalmente distinto esteja apenas relacionada com a funcionalidade e significado dado a esse mesmo recipiente. Notamos que quando este tipo de recipiente ocorre em povoados – por ex. Los Castillejos de Sanchorreja ou Plaza del Castillo – é relacionado com um “fundo” local devido, muitas das vezes, ao tipo de pastas, tipos de tratamentos de superfície, em suma ao aspecto geral. No entanto quando este mesmo tipo formal ocorre em necrópoles, normalmente associado a recipientes cuidados, de superfícies polidas e cor negra, é

relacionado com uma “expansão” de um tipo formal que surge exactamente em necrópoles. Ou seja, é o contexto que está a ditar a diferenciação pois a funcionalidade destes recipientes nos diferentes contextos era também diferente. Quer dizer que, um recipiente realizado neste tipo de forma, numa pasta cuidada, de superfícies polidas ou brunidas e de cor negra possuiu, provavelmente, uma funcionalidade relacionada com o domínio do simbólico *versus* quotidiano ou doméstico. A presença de recipientes com estas características em povoados, como o Crasto de Palheiros – pois o recp. n.º 590 possui todas as características de uma urna funerária –, não deve surpreender-nos. A presença destes recipientes em povoados relança toda uma série de ideias nas quais o domínio do simbólico e do quotidiano nestas populações não se encontra desligado. Podemos observar o entrosamento do simbólico no quotidiano das comunidades da Idade do Ferro na acção de fundação da PEL, na presença da E.D.F na PIL e nas constantes acções de manipulação de recipientes e fragmentos cerâmicos calcolíticos.

Concluimos, deste modo, que a forma *B6b* pode ser no Crasto de Palheiros e conseqüente região onde este se integra, fruto de um desenvolvimento local de formas que a antecederam. As características próprias destas comunidades ditarão diferenças dignas de nota num mesmo tipo formal, acima referidas.

Relativamente ao tipo formal *B7* (Est. IX – vol. 2) podemos dizer que este tipo é pouco comum e que ocorre de forma muito esporádica na região Entre o Douro e Minho durante a Idade do Bronze. Como sabemos o recp. n.º 556 (Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2) encontra-se incompleto faltando o bordo e o fundo. Este recipiente foi integrado na tabela formal da Idade do Bronze devido à sua forma carenada e ao seu aspecto geral – conjugação da pasta I, com tratamentos de superfície polidos e alisados, externa e internamente e cor (vermelha-escura).

Encontramos recipientes semelhantes ao tipo *B7* (Est. IX – vol. 2) em S. Julião, Vila Verde (Bettencourt: 2000^c, est. XLVIII, recps. n.º 1 e 3) da fase Ia, situados no último quartel do II^o milénio AC. São recipientes muito próximos do recp. n.º 556 (Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2) e caracterizam-se por um colo curto, reentrante, encimado por um bordo em continuidade do colo (Bettencourt: 2000^c, est. XLVIII, recp. n.º 3) ou esvasado (Bettencourt: 2000^c, est. XLVIII, recp. n.º 1) e pança globular em semi-esfera apresentando uma boa profundidade. Em S. Julião este tipo de recipientes possui uma evolução que indica uma utilização entre o último quartel do II^o e o 1^o quartel do I^o milénio AC com o seu desaparecimento a partir do 2^o quartel do I^o milénio AC (Bettencourt: 2000^c, 12). De um modo genérico a cronologia deste tipo de recipientes em S. Julião é semelhante à cronologia proposta para o recp. n.º 556 (Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2) integrado na ocupação compreendida entre 900/800 a

600/500 AC.

Este tipo de recipientes ocorre, igualmente, em sítios ocupados no Bronze Final na Beira Interior, nomeadamente em Monte do Frade (Vilaça: 1995, vol. 2, CI, recp. n.º 1). Aqui corresponde a uma taça carenada de colo curto reentrante, bordo em continuidade com o colo e pança funda globular. Este tipo de recipiente ocorre no séc. X/IX AC.

Recipientes semelhantes à forma *B7* (Est. IX – vol. 2) são facilmente identificados na “Cultura de Cogotas”, nomeadamente na 1ª fase correspondendo ao “Horizonte Proto-Cogotas ou Cogeces” em Los Tolmos de Caracena - Soria (Abarquero Moras: 2005, 30, fig. 4, recp. n.º 3). Contudo a cronologia destes recipientes é muito mais antiga do que a cronologia proposta para o recipiente de Crasto de Palheiros e é evidente um uso muito parco deste tipo formal nas fases que lhe seguem.

O tipo *B7* (Est. IX – vol. 2) possui uma característica pouco comum na grande maioria das taças carenadas que é o colo curto reentrante ou zona superior à carena reentrante, tal como o tipo *B8*. A maioria dos recipientes carenados da Idade do Bronze na região do Douro litoral, Galiza ou Meseta Norte / Central revela um colo / bordo curto *recto* ou *esvasado*. Na totalidade dos conjuntos cerâmicos ocorrem também taças carenadas de colo reentrante mas constituem uma minoria que passa facilmente despercebida. Deste modo é evidente um certo arcaísmo no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros e até um certo carácter de excepcionalidade.

Por último, podemos observar uma ausência deste tipo de recipientes na Idade do Ferro do norte da Meseta que cremos estender-se para o norte interior de Portugal. Contudo devido à fragmentação do recp. n.º 556 (Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2) não podemos afirmar com absoluta certeza qual a sua forma original. É possível que o recp. n.º 556 (Est. CXXIII, n.º 9 – vol. 2) corresponda um recipiente de colo muito alto (cerca do dobro daquele presente) e com um pequeno fundo plano, algo incipiente. Este tipo formal, mais próximo de uma “garrafa” do que de uma “taça” encontra-se presente na necrópole de Las Ruedas – Valladolid (Sanz Mínguez: 1998, 190, recp. B - sepultura 45) datada da Idade do Ferro mas também se encontra presente na denominada “Cultura de Alpiarça”, nomeadamente na ocupação da Idade do Bronze Final da Quinta de Alorna em Almeirim (Silva & Gomes: 1998, 241, recp. C). Quer dizer que o recipiente presente em Crasto de Palheiros e denominado de forma *B7* pode corresponder a um outro tipo, igualmente raro e difícil definição.

A distância destes recipientes a nível espacial – relativamente ao da Quinta de Alorna – e cronológica – relativamente aos recipientes da necrópole de Las Ruedas – leva-nos a recusar, de certo modo, esta possibilidade formal. É de notar que os recipientes de Las Ruedas, tipo “garrafas” e semelhantes ao tipo *B7* (Sanz Mínguez: 1998, 137, recp. n.º 8 e 146, recp. n.º 107) ocorrem em

sepulturas do séc. I AC a I DC relacionados com contextos celtibéricos (Sanz Mínguez: 1998, 241). A inclusão deste tipo em conjuntos que integram cerâmicas celtibéricas afasta estes recipientes dos recipientes contidos no conjunto cerâmico de Crasto de Palheiros, onde é evidente a ausência total de recipientes tipicamente celtibéricos.

Relativamente ao tipo formal *B9* (Est. IX – vol. 2) é necessário dizer que este tipo formal pouco mais é do que um globular. É certo que integra uma carena baixa ou uma espécie de fundo mais aplanado. É um recipiente muito cuidado (recp. n.º 946, est. CXXIX, n.º 3 e IX, *B9* – vol. 2), construído em pasta I, de superfícies polidas e cor negra. Tendo em conta que o tipo *B9* é um tipo desenvolvido de globular, a sua relação com estes é bastante evidente e pautar-se-á pelas mesmas premissas. Gostaríamos apenas de referir que aparentemente não ocorrem globulares carenados na região do Douro Litoral e que os exemplares mais semelhantes encontram-se integrados na Idade do Bronze e Idade do Ferro da Meseta.

Recipientes semelhantes ao tipo *B9* (Est. IX – vol. 2) encontram-se na “área de dispersão” da “Cultura de Cogotas”, nomeadamente em Fosa, Álava (Abarquero Moras: 2005, 122, fig. 27, recp. n.º 6). A grande diferença entre estes recipientes e o recp. n.º 946 (Est. CXXIX, n.º 3 – vol. 2) – para além da pasta – é a presença de uma extensiva decoração de tipo “Cogotas”. De certo modo é pouco compreensível o aparecimento de tipos morfológicos presentes na “Cultura de Cogotas” em Crasto de Palheiros, como o *B6a*, *B6b*, *B7*, *B8* e *B9* (Est. IX – vol. 2), sem que apresentem decoração do mesmo tipo. Cremos que os recipientes da Idade do Bronze de Crasto de Palheiros evoluem a partir de tipos locais que foram influenciados pela “Cultura de Cogotas” mas não o suficiente para ser reproduzida a totalidade do tipo formal. Contudo se por um lado as formas “sobrevivem” mais do que a decoração de tipo “Cogotas” por outro encontram-se presentes recipientes decorados de tipo Cogotas em vários locais do norte de Portugal, tais como: Crasto de Palheiros (recp. n.º 1003, est. IX – vol. 2); Bouça do Frade – Baião; Tapado da Caldeira – Baião; Monte do Padrão – Santo Tirso; Monte Ínsua – Guimarães; Povoado da Sola – Braga; Lorga de Dine – Vinhais / Bragança e Castelo Velho – Vila Nova de Fôz Coa entre outros que se pensa serem influenciados pela “Cultura de Cogotas” (Abarquero Moras: 2005, 205-207) presentes noutras características da cultura material dos povoados. Este tema será discutido um pouco mais adiante aquando da análise do tipo formal *B11*.

Relativamente do tipo *B9* (Est. IX – vol. 2) podemos observar uma presença segura na Idade do Ferro da Meseta Norte, nomeadamente em La Mota – Medina del Campo (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, 148, fig. 11, recp. n.º 12), Olivares de Duero – Valladolid (Seco Villar: 1993, 214, fig. 1, recp. n.º 2) e em várias necrópoles como Las Ruedas (Sanz Mínguez: 1998), La Osera, El Raso de

Candeleda e Las Erijuelas de Cuéllar (Seco Villar: 1993, 215). Estes recipientes possuem uma forte característica que os individualiza face ao recp. n.º 946 que é a presença de decoração geralmente penteada. É certo que estes recipientes podem ocorrer lisos no entanto é visível nas necrópoles a presença de recipientes deste tipo decorados em contraposição a recipientes lisos, geralmente de perfis em “S”. Ou seja, os recipientes globulares que ocorrem na Meseta Norte durante a Idade do Ferro apresentam geralmente decoração, sendo esta na maioria penteada.

No Crasto de Palheiros a decoração penteada ocorre durante toda a ocupação que integra a Idade do Bronze e a Idade do Ferro contudo como os recipientes decorados se apresentam muito fragmentados é para nós difícil discernir se correspondem ou não a formas globulares semelhantes ou do tipo *B9*. As decorações penteadas encontram-se em sítios com ocupações da Idade do Bronze Inicial, como Castelo Velho de Freixo de Numão e encontram-se presentes em todo o Iº milénio no Norte Peninsular, nomeadamente na Meseta Espanhola. É possível que as decorações penteadas constituam uma tradição que se perpetua desde o Calcolítico até à Idade do Ferro e que novas escavações venham a confirmar, sobretudo para o período compreendido entre 1750 a 1000 AC.

Em resumo, a presença do tipo *B9* (Est. IX – vol. 2) integra-se plenamente no contexto cultural da Idade do Bronze e Idade do Ferro da Meseta Norte, com uma natural extensão para o Norte interior de Portugal.

Relativamente à forma *B10* (Est. IX – vol. 2) podemos observar que ela é tida como um recipiente de colo cilíndrico, seguido de uma pança afunilada que termina numa base plana ou umbilicada. O recp. n.º 1021 foi primeiramente entendido como uma forma de fundo globular (Amorim: 1999, 60, fig. 19, recp. n.º 286 e Sanches: 2008, 185, fig. II25, forma 10, recp. n.º 1021) contudo a ausência total de paralelos formais conduziu a um repensar deste recipiente. cremos que a ausência de paralelos formais com recipientes de outras regiões no mesmo período histórico – e neste caso com outros períodos históricos; Calcolítico e Idade do Ferro – é um forte indicador de uma má reconstituição. Um determinado tipo formal não existe sozinho, não surge de um modo isolado e em último caso, mesmo que surgisse, com dificuldades ocorreria no registo arqueológico. A natureza do registo arqueológico dita uma amostra social dos tipos maioritários e de acções comunitárias alargadas.

Deste modo, surge esta forma de pança afunilada com um pequeno fundo plano ou umbilicado. Tal proposta está de acordo com a realidade encontrada no conjunto cerâmico onde é visível uma maioria de fragmentos sem forma de perfil recto, uma má representação de bases – as bases correspondem a cerca de metade dos bordos – e a uma maioria de bases de reduzido tamanho.

Na fase II, na PIL, 67 % das bases possuem um diâmetro inferior a 10 cm.

A forma *B10* (Est. IX – vol. 2) de Crasto de Palheiros corresponde à forma 10 de “Los Castillejos de Sanchorreja” (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 108, fig. 61, forma 10) e ocorre em toda a Meseta Norte, sendo um tipo formal bastante comum desde o séc. VIII AC (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 109).

Relativamente ao tipo *B16* (Est. IX – vol. 2) podemos observar uma ausência quase total de paralelos formais em relação a outras comunidades do Norte peninsular. Este recipiente encontra-se praticamente reconstituído na totalidade (recp. n.º 1017 – est. CXXI, n.º 3 e IX, B16 - vol. 2) e corresponde a uma taça / panela aberta de bordo em aba e com uma ligeira carena que marca um colo semi-recto.

Este tipo ocorre em La Mota – Medina del Campo (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, 153, fig. 13, forma 6cv) do séc. VII ao IV AC (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, 139-143).

O recipiente n.º 1003, forma *B11* (Estampas IX, B11 e XXXII, n.º 5 – volume 2) é integrado na “cultura de Cogotas” devido à sua forma e decoração (técnica decorativa e composição decorativa). Este recipiente revela uma pasta que o afasta da maioria dos recipientes do Crasto de Palheiros. A pasta, a forma e a decoração indicam que o recp. n.º 1003 constitui uma das raras importações presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Contudo, a forma e a decoração não são dos tipos mais presentes na “cultura de Cogotas”.

Este recipiente (Estampas IX, B11 e XXXII, n.º 5 – volume 2) possui alguns paralelos formais e decorativos com recipientes da “cultura de Cogotas” sobretudo com alguns da 1ª fase correspondendo ao Horizonte Protocogotas ou Cogeces (Abarquero Moras: 2005, 29 – recp. n.º 7, 8, 14 e 15). Alguns recipientes desta fase revelam: *i*) um tipo formal muito semelhante mas a aplicação de um outro motivo decorativo na linha de diâmetro máximo também presente em Crasto de Palheiros (Abarquero Moras: 2005, 29 – recp. n.º 7, Arenero de Soto, Getafe, Madrid); *ii*) os mesmos motivos e composição decorativa aplicados numa forma ligeiramente diferente, com uma parede superior à carena mais reentrante (Abarquero Moras: 2005, 29 – recp. n.º 8) em Arevalillo de Cega, Segovia; *iii*) um tipo formal muito semelhante mas com a presença de composição e elementos decorativos muito dissemelhantes (Abarquero Moras: 2005, 29 – recp. n.º 14 e 15) em Carrávilas, Barróman, Ávila; *iv*) motivos muito semelhantes aplicados às mais diversas formas (Abarquero Moras: 2005, 134, fig. 34 – recp. n.º 1, 2, 3, 6, 10, 11, 12, e 13) em Moncín, Borja, Zaragoza e *v*) predomínio de motivos incisos e impressos ainda que os elementos e composição decorativa sejam os mesmos daquele do recipiente n.º 1003 de Crasto de Palheiros, realizado através da técnica de

excisão.

Quer dizer que a maioria das características do recipiente 1003 de Crasto de Palheiros (forma, técnica decorativa e contexto) coloca-o nos inícios do Iº milénio. Essa cronologia encontra-se de acordo com a maioria dos recipientes Cogotas presentes em contextos datados por C14 em Portugal (Abarquero Moras: 2005, 368). Contudo, a composição decorativa reporta este recipiente para uma fase mais antiga dos recipientes Cogotas, ou seja, a sua primeira fase de desenvolvimento.

Apesar deste recipiente ter sido importado, ele revela certa falta de protagonismo pois não se constitui como um tipo facilmente adscrito a nível formal e decorativo. Esta ausência de um recipiente “Cogotas” que fosse mais facilmente percebido como tal pode dever-se a vários factores. Em primeiro lugar é entendido que a assimilação cultural de Cogotas I não pode considerar-se em território português demasiado importante pois partilha protagonismo com outras influências e com a tradição local (Abarquero Moras: 2005, 369). Como sabemos, tal também se verifica no Crasto de Palheiros onde convergem várias influências no conjunto cerâmico mantendo cada uma a sua própria identidade e não constituindo uma nova entidade através de um processo de miscigenação.

Em território português os recipientes “Cogotas” não possuem um carácter generalizado, por um lado devido à ausência na sub-região do Cávado (Abarquero Moras: 2005, 370) e por outro devido ao facto de que alguns recipientes “Cogotas” em Portugal são imitações pois foram realizados em barros locais (Abarquero Moras: 2005, 372).

Deste modo, o recipiente “Cogotas” no Crasto de Palheiros insere-se provavelmente numa política de trocas, de relações intercomunitárias pacíficas, sem que aquilo que era intercambiado possuísse um perfil identitário que fosse modificar o receptor. Podemos observar que não existiu uma preocupação em obter um recipiente mais facilmente adscrito a Cogotas sucedendo que aquele obtido cumpriu as “funções” para o qual o escolheram.

Creemos que apesar de estarmos perante uma importação esta tem um peso muito relativo dentro do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros um pouco à semelhança do krater presente na ocupação da Idade do Ferro.

Por último, referiremos os recipientes bicónicos presentes na ocupação da Idade do Bronze (forma *B17*, est. IX – vol. 2) e da Idade do Ferro (forma *10*, est. X – vol. 2). Os recipientes bicónicos ou com uma carena média são usuais na Idade do Bronze estando presentes na Beira Interior, em Moreirinha (Vilaça: 1995, CCXX, recp. n.º 2, vol. 2). O recipiente n.º 1018 (Estampa IX, forma *B17* – volume 2) apresenta pelo menos uma asa em fita e decoração incisa com um motivo em espiga. São elementos comuns em ocupação da Idade do Bronze e que no caso do Crasto de Palheiros

perduram na Idade do Ferro (forma bicónica e asas em fita)

O recipiente n.º 1015 (Estampas XCVII, n.º 2 e X, 10 – vol. 2) encontra-se presente na região de Zamora (Esparza Arroyo: 1986, fig. 178) em Camarzana de Tera. Este recipiente difere um pouco daqueles presentes no Crasto de Palheiros pois possui uma decoração de impressões realizadas directamente sobre a pasta. Esparza também relaciona estes recipientes com aqueles de carena do Bronze Final (Esparza Arroyo: 1986) existindo uma continuidade destes recipientes durante toda a primeira metade do Iº milénio AC.

Os recipientes bicónicos possuem uma característica técnica muito interessante que em Palheiros perdura durante toda a Idade do Ferro. Estes recipientes são construídos em duas partes e geralmente são unidos pela carena. Vários tipos de formas no Crasto de Palheiros, na ocupação da idade do Ferro, revelam estas características, como as formas *7a*, *7d* e *7e* para além da forma *10* (Est. X – vol. 2).

É importante observar que apesar de determinados tipos cerâmicos da Idade do Bronze entrarem em desuso durante a Idade do Ferro, perduram nesta ocupação formas de fazer comuns que são aplicadas a novos tipos cerâmicos.

8.5.3.5. Recipientes de perfil em “S” presentes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros

Os recipientes de perfil em “S” presentes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros correspondem aos tipos *B12a*, *B12b*, *B12c*, *B15*, *B18*, *B19* (Est. IX – vol. 2) da tabela de formas conotada com a ocupação da Idade do Bronze e tipos *7a*, *7b*, *7c*, *7d*, *7e*, *8a*, *8b*, *9a* e *9b* (Est. X – vol. 2) da tabela de formas da Idade do Ferro.

Os recipientes de perfil em “S” constituem-se como uma evolução nos recipientes cerâmicos ao longo de vários milénios. No Calcolítico já surgem recipientes com colo, na Idade do Bronze ocorrem recipientes com colo, bordo proeminente e pança de diversos tipos e, por último, na Idade do Ferro acontece todo um culminar de desenvolvimentos locais de diversos tipos de recipientes de perfil em “S”. Quer dizer que na Idade do Ferro o recipiente de perfil em “S” é extensamente desenvolvido e ocorrem os mais vários subtipos formais.

Não é de estranhar uma semelhança entre tipos formais da Idade do Bronze e da Idade do Ferro e também não é incomum uma boa diversidade deste tipo de recipientes na Idade do Ferro. Contudo tal diversidade nem sempre é visível pois os conjuntos cerâmicos apresentam-se, na generalidade, muito fragmentados e com uma baixa reconstituição. Desse modo, nem sempre as

tabelas formais geradas sobre os conjuntos cerâmicos revelam a diversidade que outrora pode ter existido. Por exemplo, a forma 7 (Est. X – vol. 2), tal como foi por nós definida, encontra-se ausente da tabela de formas realizada por Esparza (Esparza Arroyo: 1986) para os recipientes cerâmicos da Idade do Ferro da província de Zamora. Contudo podemos encontrar vários exemplares que se integram genericamente nesta forma no sítio de La Mazada, em Gallegos del Campo. Aqui ocorrem colos de recipientes, com bordo esvasado, de ângulo (da parede do colo) na categoria 3 (Esparza Arroyo: 1986, 75 e 76) que podem ser considerados genericamente como a forma 7a de Crasto de Palheiros. Assim é evidente que a informação sobre os conjuntos cerâmicos de determinados sítios depende do tipo de descrição a eles adscrita.

As formas 7a e 7b (Est. X – vol. 2) encontram-se em sítios da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Norte de Portugal ainda que em Crasto de Palheiros se encontrem adscritas unicamente à ocupação da Idade do Ferro.

Em Castelo de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar, surgem partes de recipientes semelhantes às formas 7a e 7b (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros (Silva: 1999, 42, formas 3.2 e 3.3). Sabemos que os recipientes de Castelo de Aguiar não estão completos e portanto não é possível saber se eles possuiriam carena média ou pança globular e se estariam integrados na variante 7a ou 7b (Est. X – vol. 2). Contudo cremos, devido às semelhanças morfológicas ao nível do bordo e do colo, que estes se integrem, plenamente, em recipientes de perfil em “S” acentuado tal como Margarida Santos Silva as definiu (Silva: 1999, 20,21) e tal como nós as definimos para a forma 7.

Na Lavra, em Marco de Canaveses, encontramos novamente vasos de perfil em “S” semelhantes à forma 7 (Est. X – vol. 2) de Crasto de Palheiros, definidos igualmente por formas 3.2 e 3.3 (Silva: 1999, 76, 77). Contudo, os recipientes de formas 3.2 e 3.3 na Lavra integram alguma variedade formal que não ocorre nos recipientes de Crasto de Palheiros. Alguns recipientes, como o n.º 77 e 55 (Silva: 1999) integram-se totalmente nas formas 7a ou 7b., com um ângulo de colo na categoria 3 e 4 respectivamente. No entanto, outros recipientes, como o n.º 84 e 82 (Silva: 1999) são mais dificilmente integrados. O recp. n.º 84 é semelhante à variante 7d de Crasto de Palheiros e o n.º 82 com um ângulo de colo na categoria 5 integra-se, por um lado, na variante 7a pois o seu colo é estrangulado devido à presença de bordo extrovertido e, por outro, na variante 7b, pois a sua pança extremamente desenvolvida (categoria 5) confere-lhe um perfil claramente globular.

Se atendermos aos conjuntos cerâmicos dos diversos sítios como um todo, podemos observar que os recipientes cerâmicos das formas 3.2 e 3.3 de Castelo de Aguiar apresentam uma maior semelhança com os recipientes da forma 7 de Crasto de Palheiros do que os recipientes da mesma forma presentes na Lavra. Em Castelo de Aguiar estes vasos são mais uniformes a nível morfológico,

todos possuem bordos e colos extrovertidos com categorias de ângulo entre 3 e 4, mais próximas daquelas encontradas em Crasto de Palheiros. É possível que tal semelhança se deva a uma proximidade geográfica ou a uma maior proximidade ocupacional ou cronológica. Castelo de Aguiar apresenta uma ocupação da Idade do Ferro mal caracterizada que pode (e deve) ter interferido com os resultados analíticos no que concerne à caracterização da ocupação da Idade do Bronze estudada por Margarida Santos Silva. Deste modo, é compreensível a maior proximidade do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros com o conjunto cerâmico de Castelo de Aguiar do que com aquele da Lavra.

No Muro da Pastoria, em Chaves, ocorrem recipientes semelhantes à nossa forma 7 (Soeiro: 1985/86, fig. VIII, 5 e 6) bem como a muitos outros recipientes de perfil em “S” presentes no Crasto de Palheiros (Soeiro: 1985/86, fig. VIII, 1, 2, 3 e 4). A autora divide-os em dois grupos, um que nomeia como púcaros (Soeiro: 1985/86, fig. VIII, 1, 2, 3 e 4) e outro que congrega bordos aplanados e extrovertidos com aresta interior (Soeiro: 1985/86, 27 e fig. VIII, 5, 6, 7 e 8). No Crasto de Palheiros todos estes tipos se encontram presentes mas são divididos consoante a sua forma geral e não as características do seu bordo. É evidente que o conjunto do Crasto de Palheiros é largamente maior que o do Muro da Pastoria e permite compreender uma série de características que não se encontram visíveis no conjunto do Muro da Pastoria, independentemente de uma possível presença destas características neste sítio apesar da sua ausência.

Em S. Julião, Vila Verde, Braga, a forma 7 (Est. X – vol. 2) encontra-se ausente na fase I, presente na fase IIa (definida como forma 2b) e novamente ausente na fase IIb. Esta forma foi definida como pote de perfil em “S”, colo mais ou menos bem marcado e bordo esvasado (Martins: 1988, 163). Temos de referir que apenas um dos exemplares de assemelha à nossa forma 7, pois todos os outros vasos de perfil em “S” são atarracados, com colo curto seguido de pança globular baixa (Martins: 1988, 164, ver fig. 16).

Esta forma encontra-se também presente no povoado do Lago, em Amares, definida como forma 1b e 1c (Martins: 1988, 84, fig. 3).

Em resumo, podemos afirmar que as formas 7a e 7b (Est. X – vol. 2) são muito comuns na Idade do Ferro do Norte de Portugal, tanto Litoral como Interior, na Beira Alta (Almeida: 2005, est. IX, 1C) e ocorrem também na província de Zamora, em Espanha.

As formas 7d e 7e (Est. X – vol. 2) encontram-se menos presentes nos conjuntos cerâmicos de diversos sítios arqueológicos em parte porque a sua caracterização exige uma reconstituição quase total. Ou seja, para sabermos se estamos perante uma forma 7a ou 7d é necessário que o recipiente se encontre totalmente reconstituído (2/3 do recipiente no mínimo). O colo de uma forma 7a, 7d e 7e

(Est. X – vol. 2) pode ser o mesmo e desse modo apenas a reconstituição total do recipiente permite caracteriza-lo quanto ao subtipo de forma.

Assim, é possível que os recipientes *7d* e *7e* não constituam uma raridade, tal como parece acontecer e serem muito mais comuns. É possível que colos de recipientes que foram por nós integrados nas formas *7a*, por exemplo do Muro da Pastoria, possam pertencer a recipientes mais semelhantes à forma *7d*. No muro da Pastoria ocorre um recipiente algo semelhante à forma *7d* (Soeiro: 1985/86, fig. X) ainda que possuam um colo mais estrangulado e recto e uma relação diferente entre o diâmetro do colo e o diâmetro máximo presente na pança. A semelhança deste recipiente com aqueles presentes no Crasto de Palheiros encontra-se na altura do mesmo e na forma da pança.

A forma *8* (Est. X – vol. 2) tal como foi por nós definida e olhada na sua globalidade encontra-se ausente em muitos contextos da Idade do Bronze do Norte Litoral de Portugal – dos quais são exemplo S. Julião, Castelo de Aguiar, Lavra e Bouça do Frade – e em alguns contextos da Idade do Ferro, sobretudo da Meseta Norte – província de Zamora (Esparza Arroyo: 1986).

Contudo, se atendermos unicamente ao principal atributo deste tipo de formas, sobretudo da forma *8b*, ou seja, o colo hiperbólico, podemos observar uma presença inconfundível desde a Idade do Bronze em diversos sítios do Norte de Portugal.

Recipientes de colos hiperbólicos da Idade do Bronze encontram-se presentes na sub-região do Cávado – em sítios como Santinha, Roriz (Bettencourt: 2000^a, est. VI, recp. n.º 1), Falperra, S. João de Rei (Bettencourt: 2000^a) –, em diversos sítios do Douro Litoral ou da área da denominada “Cultura Castreja” – como Castro da Senhora da Guia – Baiões (ainda que este localizado a sul do rio Douro), Briteiros, Terroso, Âncora, Sanfins e Lanhoso (Silva: 1986), na Beira Alta, sobretudo no Morro da Sé (Almeida: 2005, estampas XV, 3 e XVIII, 3) – e num Norte de Portugal mais interior como em Marco de Canaveses - Bouça do Frade (Jorge: 1988).

Na Idade do Ferro é possível encontrar recipientes semelhantes à forma *8* em S. Julião (Vila Verde, Braga), Lago (Amares, Braga) e Muro da Pastoria (Chaves).

Os recipientes de colo hiperbólico em Santinha I são muito simples, integram-se na forma 2 de Ana Bettencourt e datam do séc. X AC (Bettencourt: 2001, XXIII, recps. n.º 3 e 4). Um dos recipientes de Falperra I semelhante ao tipo *8b* do Crasto de Palheiros (Bettencourt: 2000^a, est. XI, recp. n.º 2) é muito semelhante ao tipo *8b* na sua totalidade à excepção da linha de divisão colo/pança, presente em alguns exemplares de Crasto de Palheiros. Os exemplares presentes em Falperra não possuem uma linha de divisão colo/pança (Bettencourt: 2000^a, est. XII, recp. n.º 3)

contudo muitos dos recipientes de Crasto de Palheiros quebram nessa zona não permitindo saber se a linha decorativa é comum ou incomum.

Em S. João do Rei encontramos um recipiente de colo hiperbólico e bordo muito desenvolvido, da 1ª Idade do Ferro – séc. V AC (Bettencourt: 2000^a, est. XIII, recp. n.º 1) e que se integra genericamente na forma *8a*.

No Castro da Senhora da Guia – Baiões (beira Alta) ocorrem recipientes de colo hiperbólico durante a Idade do Bronze e algo semelhantes ao nosso tipo *6a* – de fundo plano e pança bicónica (Silva & Gomes: 1998, 220 – fig. 16). Este sítio foi integrado na denominada “Cultura Castreja” (Silva: 1986) e é entendido que o maior desenvolvimento dos colos hiperbólicos seguidos de panças globulares ocorre a partir de 500 AC (fase II) com uma maior presença entre 100 AC a 100 DC (fase III). Contudo, é de notar que o conjunto cerâmico do Castro da Senhora da Guia (e o próprio sítio) não pode ser, geograficamente, integrado no centro do Douro Litoral e revela relação com os conjuntos cerâmicos da Beira Interior.

Na área de denominada “Cultura Castreja” – Douro Litoral, é interessante observar que os colos rectos (*forma 8a*) parecem mais adscritos às ocupações da Idade do Ferro que os colos hiperbólicos (*forma 8b*).

É de notar a presença de recipientes de colos hiperbólicos no Castro da Senhora da Guia, Baiões (Silva: 1986, XLII, recps. n.º 9 e 10) ainda que a forma no global não seja totalmente igual ao tipo *8b*. Por exemplo o recipiente n.º 9 (Silva: 1986, XLII) é muito semelhante ao recp. n.º 221 de Crasto de Palheiros, constituindo-se como um recipiente mais atarracado, tipo urna.

A morfologia global dos recipientes de tipo *8b* pode ser muito diversa. Nem todos os recipientes de tipo *8b* presentes no Crasto de Palheiros são altos. É possível que a linha decorativa que divide o colo da pança presente em muitos recipientes do Crasto de Palheiros possa ter evoluído de uma carena alta, usualmente marcada nestes recipientes como são exemplo aqueles do Castro da Senhora da Guia, em Baiões (Silva: 1986, XLII, recps. n.º 9 e 10).

É interessante observar que na área da “Cultura Castreja” podem ter coexistido evoluções diferentes deste mesmo tipo formal. Em Briteiros, S. Paio de Vizela e Sanfins (Silva: 1986, XLIII) as formas de colo hiperbólico parecem ter evoluído para taças atarracadas que perderam toda a funcionalidade do colo hiperbólico – que pretende “fechar” o recipiente através de um colo alto/médio, estrangulado e de dimensões reduzidas. Em Briteiros, Terroso, Âncora, Sanfins e Lanhoso, de 100 AC a 100 DC (Silva: 1986, XLV) encontram-se também outras formas que mantem o colo hiperbólico em toda a sua utilidade. Ambos os tipos de formas encontram-se genericamente ausentes do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Deste modo, podemos afirmar que as formas de tipo *8b* (Est. X – vol. 2) no Crasto de Palheiros são extremamente simples quando comparadas com formas do mesmo tipo integradas em conjuntos cerâmicos da denominada “Cultura Castreja”. Contudo existem também recipientes de tipo *8b* de perfil bastante simples em Âncora (Silva: 1986, XLVI, recp. n.º 9) e Terroso (Silva: 1986, LIX, recp. n.º 3 e 4). Assim é evidente um maior desenvolvimento deste tipo formal na região do Douro Litoral do que no Interior onde Crasto de Palheiros e Muro da Pastoria são exemplos significativos.

No Muro da Pastoria, em Chaves, podem ser encontrados vasos semelhantes à forma *8b* estando mesmo presente uma reconstituição completa de um vaso (Soeiro: 1985/86, fig. VIII).

Em relação à altura dos colos dos recipientes de colo hiperbólico podemos afirmar que tal varia bastante. Podemos observar a presença em Crasto de Palheiros de recipientes de colo hiperbólico bastante alto (recp. n.º 987, est. XXXVI, n.º 5 e Recp. n.º 472, est. CIII, n.º 2 – vol. 2) a par de outros de colo médio e curto. Os colos altos hiperbólicos encontram-se presentes na ocupação da Idade do Bronze de Bouça do Frade (Jorge: 1988, fig. 32, forma 8 e fig. 43, recp. n.º 1). Estes recipientes são genericamente semelhantes à nossa forma *8b* pois o colo deles é também ligeiramente hiperbólico. O recp. n.º 1 da pág. 43 (Jorge: 1988) possui um tipo de decoração semelhante à do recp. n.º 471 (Est. LXV, n.º 1 – vol. 2) ainda que o colo do recp. n.º 471 de Crasto de Palheiros apresente um colo mais curto e pança mais desenvolvida. Em resumo, as formas presentes em Bouça do Frade não são totalmente semelhantes àsquelas presentes em Crasto de Palheiros. Contudo, possuem vários atributos paralelizáveis a recipientes do Crasto de Palheiros.

Em conclusão, cremos que a forma *8b* (Est. X – vol. 2) possui uma origem na Idade do Bronze Final, tal como é visível no Crasto de Palheiros através da forma *B12a* (Est. IX – vol. 2) e que sofre várias evoluções em distintas regiões que levam ao aparecimento de diversos tipos de recipientes de colo hiperbólico e ao aparecimento de recipientes de colo recto e bordo desenvolvido (*forma 8a*).

Recipientes semelhantes à forma *9 (a e b)* foram identificados em contextos da Idade do Ferro da província de Zamora. A forma *9a* (Est. X – vol. 2) é muito semelhante à forma 21 identificada em Lubián, Sagallos e Fresno de Carballeda (Esparza: 1986, 312). A cronologia apontada pelo autor para estes vasos é o séc. III AC apesar da presença de vasos similares na necrópole de Las Cogotas (Esparza: 1986, 311).

A forma *9b* (Est. X – vol. 2) é semelhante à forma *9* identificada em Fradellos por um único recipiente (Esparza: 1986, 309). A pança suavizada, sem a inflexão da maioria destas formas em Ferro I, sugere modernidade para o autor do estudo (Esparza Arroyo: 1986). Deste modo, a

cronologia apontada é do séc. I AC.

No Crasto de Palheiros a forma *9a* está presente desde o início da ocupação da Idade do Ferro – séc. VI/V AC – e a forma *9b* encontra-se na ocupação da Idade do Bronze e na última fase de ocupação da Idade do Ferro.

É de atender que este tipo formal apesar de não muito comum em ocupações da Idade do Bronze, encontra-se presente no Crasto de Palheiros (*formas 9b e B15*) e em Cabanas I, na sub-região do Cávado (Bettencourt: 2000^a, est. VIII, recp.n.º 1).

Cremos que estas formas são pouco usuais tanto em ocupações da Idade do Bronze como da Idade do Ferro. Contudo, revelam uma grande continuidade formal entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. As cronologias propostas para a região de Zamora poderão vir a ser alteradas com novas investigações que atendam a um maior número de recipientes e contextos datados.

Nesta curta análise dos recipientes em “S” presentes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros não podem ser esquecidos os tipos *B18* e *B19* (Est. IX – vol. 2) integrados na ocupação da Idade do Bronze devido às suas diversas características. Já referimos anteriormente as características particularizantes dos recipientes de tipo *B19* – sobretudo do recp. n.º 474 (Est. LXVII – vol. 2) – aquando da descrição do acto fundacional da PEL. Não repetiremos aqui essa descrição nem a integração dos seus diversos atributos num universo conceptual relacionado com a Idade do Bronze.

Deste modo, o último tipo de recipientes a ser descrito é o tipo *B18* (Est. IX – vol. 2). Este tipo de recipientes possui poucos ou nenhuns paralelos totais (entendidos como o vaso na sua totalidade) com recipientes da Idade do Bronze e Idade do Ferro de outras regiões. Contudo, cremos que determinados atributos o relacionam com as ideias presentes na Idade do Bronze. Os atributos são os seguintes: *i*) uma pança de perfil ovalado com afunilamento junto à base; *ii*) base de pequena dimensão; *iii*) presença de ombros onde a linha de diâmetro máximo encontra-se na parte superior do recipiente e *iv*) utilização maioritária da pasta III.

O atributo relacionado com o fundo de pequenas dimensões que origina uma pança cónica encontra-se presente em recipientes da Idade do Bronze do Douro Litoral e também em recipientes do 1º Ferro da Meseta Norte, ou inseridos na “Cultura de Soto de Medinilla”. Na região do Douro Litoral, em Coto da Pena encontram-se recipientes com um fundo de pequeno tamanho, pança bicónica e ombros alteados (Silva: 1986, XLVIII, recp. n.º 2). Contudo, a relação entre a altura e a abertura do colo do recipiente são tratados de modo diferente dando origem a um recipiente mais baixo, lembrando uma urna e não um vaso de armazenamento. Em La Mota, Medina del Campo, são

vários os tipos de recipientes que apresentam um fundo de reduzidas dimensões (Seco Villar & Treceño Losada: 1993, fig. 8, recp. n.º 9 e fig. 11, recp. n.º 13). Em Los Castillejos de Sanchorreja, a forma 10 é um recipiente de pequenas dimensões onde a linha de diâmetro máximo se localiza na parte superior do recipiente (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, fig. 61).

No Norte de Portugal, em Castelo de Aguiar – Vila Pouca de Aguiar ocorre um recipiente genericamente semelhante ao tipo *B18* (Silva: 1999, 41, recp. n.º 94, forma 3.2). Este recipiente apresenta um fundo de reduzidas dimensões – ainda que ligeiramente maior do que aquele do recp. n.º 591 (Est. CXXVI – vol. 2) sobretudo na relação entre a dimensão do fundo e a forma do recipiente – de onde surge uma pança cónica. Contudo a linha de diâmetro máximo encontra-se a meio da pança e não da parte do recipiente. A forma deste recipiente aproxima-se da do tipo *B18* contudo, consoante o atributo escolhido aproxima-se ou afasta-se dos recipientes deste tipo do Crasto de Palheiros. Ou seja, este recipiente não cumpre todos os requisitos ou atributos para poder ser integrado na forma *B18*.

O atributo relacionado com os “ombros” altos encontra-se muito presente em recipientes da Idade do Bronze. Na Beira Interior, no povoado dos Alegrios (Vilaça: 1995, est. CLXII, recp. n.º 1, vol. 2) é possível observar um recipiente de ombros muito altos, ainda que os tipos de colo e bordo não sejam totalmente semelhantes aos do tipo *B18*. Este conceito – de ombros altos – encontra-se também no povoado da Moreirinha (Vilaça: 1995, est. CCXXXV, recp. n.º 3, vol. 2) ainda que a totalidade do recipiente se afaste do tipo *B18* do Crasto de Palheiros.

No Norte de Portugal encontramos vários paralelos para o tipo *B18*. Em Bouça do Frade, Marco de Canaveses encontra-se presente um recipiente genericamente semelhante ao tipo *B18* (Jorge: 1988, fig. 44, recp. n.º 1). Este recipiente é semelhante ao tipo *B18* (Est. IX – vol. 2) do Crasto de Palheiros no alteamento da pança – que se segue a um estrangulamento do colo – e onde a linha de diâmetro máximo se localiza na parte superior do recipiente. O bordo destes recipientes apresenta também um facetamento – uma pequena aba – comum ao recp. n.º 591 (Est. CXXVI – vol. 2) do Crasto de Palheiros (forma *B18*).

Na Lavra, Marco de Canaveses o recipiente n.º 84 pode ser integrado com facilidade do tipo *B18* (Silva: 1999, 96, recp. n.º 84, forma 3.2). Este recipiente apresenta uma forma genericamente semelhante ao tipo *B18*, – com ângulo de colo na categoria 3, bordo recto na continuidade deste e carena alta ou presença de ombros seguido de um fundo de reduzidas dimensões que lhe confere uma pança de aspecto afunilado. É um recipiente muito alto tal como o recp. n.º 591 de Crasto de Palheiros. A única diferença algo notória encontra-se no bordo praticamente incipiente que difere daqueles presentes e identificados com o tipo *B18* (Est. IX – vol. 2).

Por último, urge dizer que esta forma surge no final da Idade do Ferro em recipientes realizados a torno, na necrópole de Las Ruedas – Valladolid (Sanz Mínguez: 1998, 134, recps. n.º 62 e 63). Cremos que os recipientes desta forma presentes no Crasto de Palheiros se relacionam com uma evolução de recipientes desde o Bronze Final e que culminou em vários tipos de recipientes presentes também de forma diversa em múltiplos sítios. A presença de recipientes deste tipo no final da Idade do Ferro numa necrópole da meseta Norte apenas indica que estes recipientes se encontram ali, que não são estranhos e que de certo modo fazem também parte daquela cultura material.

8.5.3.6. O testo e o coador

O testo e o coador, presentes no Crasto de Palheiros correspondem às formas 12 e 11, respectivamente (Est. X – vol. 2), conotadas com a ocupação da Idade do Ferro. Os textos são formas muito presentes na Idade do Ferro da denominada “Cultura Castreja” – Douro Litoral – e também na denominada “Cultura de Soto de Medinilla”, na Meseta Norte. O testo presente em Crasto de Palheiros (recp. n.º 976, est. XXXIX, n.º 2 – vol. 2) é muito atípico e não permite uma adscrição geográfica segura a nenhuma das regiões citadas.

É possível que no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros se encontrem vários textos contudo apenas um foi identificado. Cremos que o uso de textos, no caso do Crasto de Palheiros não é muito intenso e que é ainda menos notório que o uso de recipientes com asa – que como sabemos compreende apenas 2 a 3 % dos recipientes. É possível que o cobrimento dos diversos recipientes fosse feito consoante a necessidade (por exemplo em vasos de armazenamento) e utilizando tampas em outros materiais, nomeadamente madeira. Ou seja, cremos que muitos recipientes não necessitavam de textos e aqueles que necessitavam eram cobertos com tampas em madeira.

O coador (base n.º 270, est. LIX, n.º 4 – vol. 2) diz respeito a um recipiente de fundo plano perfurado por diversos orifícios. Cremos que a parede da pança deste recipiente não se encontrava perfurada e que apenas o fundo servia de coador. Estas formas são comuns na Idade do Bronze e ocorre aqui num contexto claro da Idade do Ferro. O seu isolamento no conjunto cerâmico aponta para uma utilização muito esporádica e pouco visível na totalidade do conjunto cerâmico.

9. Considerações Finais

9.0. Reflexões “O tempo”

Ao fim de uns anos descobri que gosto verdadeiramente de séries televisivas de ficção científica. Infelizmente os cortes orçamentais dos canais produtores também se fazem sentir em determinados “ramos” da produção cinematográfica e televisiva e a ficção científica é um desses ramos. Uma série de ficção científica é dispendiosa, exige argumentos elaborados e não produz um lucro tão alto como outros tipos de séries.

Uma das minhas séries favoritas durou imensos anos e ao fim de uma década a produção obrigou ao cancelamento da série apesar da narrativa não estar concluída e ser de facto difícil de concluir. Assim, os argumentistas resolveram no último episódio tratar, novamente, o tema “tempo”.

O “tempo” em todas as suas vertentes é um assunto extensamente tratado nas séries de ficção científica. Ora são viagens no tempo, para o futuro, para o passado. Ora que o tempo pode ser parado, podemos viver em temporalidades diferentes e uns envelhecerem mais rápido do que outros. O tempo adquire na ficção um carácter que não tem, que é ser manipulável.

Nas séries de ficção científica os seres humanos manipulam o “tempo” através de avanços na tecnologia e fazem-no para servir os seus propósitos. O tempo adquire uma natureza geográfica, podemos percorre-lo, senti-lo e agarra-lo nem que seja por momentos.

Nesse último episódio, os heróis ficaram numa situação periclitante. A nave onde viajavam estava a ser atacada por outra e num último tiro de laser que ia destruir a nave, a heroína parou o tempo, ou seja, o tempo passou a decorrer normalmente dentro da nave enquanto que lá fora decorria muito, mas muito mais devagar. E assim os heróis “ganharam” tempo, esperavam numas semanas compreender como sair daquela situação sem perderem a vida. O problema foi que tal demorou mais do que o que pensavam e na verdade eles passaram o resto das suas vidas dentro da nave. Um dos membros chegou mesmo a morrer de velhice até que conseguissem perceber o que deveriam fazer.

Todo o episódio foi uma ilustração da vida deles dentro da nave durante 50 anos, como se relacionaram uns com os outros, como se entretiveram nos tempos livres, como continuaram a procurar uma solução. No final, envelhecidos e cansados chegaram à conclusão de que poderiam voltar para trás e em vez de carregarem num botão tinham que carregar noutra com a agravante que um deles teria que se manter com a mesma idade. E assim decidiram fazer.

Voltaram atrás, o herói de 120 anos (extraterrestre) lá carregou no botão e todos (à excepção deste) voltaram ao seu trabalho como se nada fosse. Ele também voltou ao trabalho mas mais envelhecido e com um conhecimento que os outros não tinham. No final alguns queriam saber o que se tinha passado naqueles 50 anos... mas ele não podia dizer.

Um que tinha naqueles 50 anos encontrado a paz que tanto tinha procurado acabou por dizer que o tempo nunca é suficiente. O outro sorriu, afinal aquele tinha sido único para quem os 50 anos tinham de facto feito sentido.

Para o ser humano o “tempo” – independentemente da sua natureza científica – nunca é suficiente. O desejo humano de ser, sentir, viver é sempre superior ao tempo que se tem. E assim também neste trabalho senti que o tempo não foi o suficiente. Gostaria de ter tido mais, de ter feito coisas diferentes e de ter o poder de voltar atrás, carregar no botão e ter uma segunda oportunidade mas com a memória do que tinha feito.

9.1. O texto

Este texto de considerações finais apresenta-se como um conjunto de ideias, de pensamentos que esperamos no futuro desenvolver com a continuidade da nossa investigação em Arqueologia.

Gostaríamos que as nossas conclusões – sobretudo explanadas no capítulo 8 – fossem muito mais abrangentes do que o na verdade são. Contudo, vários factores não permitem a realização de tal tarefa. Por um lado, o tipo de estudo levado a cabo (que incidiu de modo exclusivo sobre os conjuntos cerâmicos) condiciona uma visão mais abrangente da Idade do Ferro como período cronológico com determinadas características socioculturais. Por outro, o não desenvolvimento de determinados temas que caracterizam a cultura material das comunidades da Idade do Ferro (estudos sobre o assentamento dos sítios, sua localização, gestão territorial, etc) também condicionou o discurso conclusivo presente no capítulo 8. Esperamos desenvolver no futuro através da continuidade da investigação todo um percurso de conhecimento que trate este período cronológico de forma mais abrangente.

É de notar que a região de Trás-os-Montes no que diz respeito ao entendimento das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro, é ainda um vazio. Ou seja, são poucos os sítios escavados, são menos ainda os publicados e todas as teorias lançadas possuem uma base prática muito frágil – que certamente sofrerá modificações no futuro consoante as investigações a serem realizadas.

A abrangência das conclusões em termos de caracterização cultural e social dependia

directamente de um estudo analítico que incidisse de igual modo sobre vários aspectos da cultura material do Crasto de Palheiros e de outros sítios na região. Contudo, o nosso trabalho incidiu essencialmente sobre o conjunto cerâmico e cremos que não se justificam hipóteses interpretativas demasiado globais alicerçadas apenas num aspecto da cultura material.

Gostaríamos que as hipóteses interpretativas lançadas sobre o conjunto cerâmico tivessem tido um maior impacto no esclarecimento da natureza das comunidades da Idade do Ferro da região. O carácter pouco identitário do conjunto cerâmico acabou por abalar todo um discurso de continuidade ou descontinuidade que procurava nas comunidades da Idade do Ferro o entendimento da transformação das comunidades Pré-históricas da região.

É certo que existe uma clara continuidade nos conjuntos cerâmicos, a nível técnico, que percorre a Pré-História até ao final da Idade do Ferro. Quer dizer que são usadas pastas cerâmicas semelhantes em diversos períodos cronológicos em continuidade – Calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro.

É também evidente uma clara continuidade dos conjuntos cerâmicos entre o denominado Bronze Final e Idade do Ferro, quer a nível técnico, quer formal. Na realidade, os conjuntos cerâmicos integrados no período cronológico compreendido entre o séc. IX e o VI AC são semelhantes aos conjuntos cerâmicos compreendidos entre o séc. VI AC e o II DC.

Mas é certo também que a continuidade visível nos conjuntos cerâmicos parece estar relacionada com uma pobreza evidente dos mesmos. Os conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro caracterizam-se pela simplicidade, pela ausência de “modelos” ou “fosseis-directores”, pela pouca exuberância das decorações e pela adscrição das mesmas a correntes de tradições Pré-históricas, como as decorações penteadas e seus motivos, os reticulados oblíquos e quase todas as decorações em banda paralela ao bordo resultantes de incisões.

A continuidade dos conjuntos cerâmicos não é tão visível nos artefactos metálicos sendo que estes revelam uma identidade própria, características marcadas durante a Idade do Ferro e que se destacam dos artefactos metálicos calcolíticos e da Idade do Bronze. Dependendo do aspecto da cultura material que é analisado, assim as hipóteses interpretativas mostram aspectos diferenciados da cultura e da sociedade.

É difícil pensarmos que em 3000 anos as comunidades de uma região possam ter partilhado modos semelhantes de ver a vida, de conceptualizar o meio que as rodeava e de usarem os mesmos esquemas de perpetuação da sua própria história social e cultural. É mais fácil vislumbrá-las através de discursos de descontinuidade – onde se integram recessões económicas na Idade do Bronze; incrementos agrícolas na Idade do Ferro; aumentos de trocas comerciais cíclicas que criam rupturas

periódicas que se entendem como rupturas sociais o que permite criar uma “história” global que explica descritivamente mas que questiona pouco.

É interessante observarmos que ocorre um hiato ocupacional no Crasto de Palheiros durante a Idade do Bronze e que ocupa *grosso modo* todo o IIº milénio. Nesta visão percebemos aqui uma interrupção que pode conduzir às mais diversas teorias de ruptura social. Contudo, os estudos paleontológicos revelam que as áreas circundantes ao Crasto de Palheiros (na sua proximidade) continuaram a ser utilizadas, com indícios claros de desflorestação que indicam a presença de áreas de cultivo. Quer dizer que apesar do Crasto de Palheiros poder ou não ter sido usado como assentamento habitacional durante o IIº milénio, toda a área que o envolvia foi utilizada, indicando aquela região a presença de comunidades activas. Deste modo, o Crasto de Palheiros durante o IIº milénio encontrou-se integrado num quadro paisagístico podendo ter feito parte de narrativas históricas e culturais sem que tenha tido uma função habitacional. Teoricamente, o “significado” deste sítio sofre uma alteração no final do IIIº milénio e outra no início do Iº milénio. No entanto, cremos possível a integração do Crasto de Palheiros durante o IIº milénio em narrativas históricas e culturais e em modos de vida em tudo semelhantes às comunidades do IIIº milénio. O assentamento no Iº milénio não tem que ser um sinal de ruptura na narrativa, ele pode não ser mais do que uma parte constituinte da mesma.

Assim, as rupturas, os “eventos”, as fases que os arqueólogos tão arduamente procuram reconstituir, podem não ter de facto a importância que tantos lhes conferem. O cerne da questão em caracterizar uma determinada sociedade encontra-se naquilo que de facto está a ser caracterizado. Ao procurarmos compreender conceitos e ideias subjacentes a determinada sociedade – ainda que através da cultura material – procuramos responder a formas de sentir e ver o próprio e outros ou seja, procuramos um padrão comportamental.

Durante a ocupação do Iº milénio no Crasto de Palheiros as comunidades levaram a cabo acções de manipulação de fragmentos cerâmicos calcolíticos. Quer dizer que as comunidades manipulavam fragmentos calcolíticos de uma forma integrada e contínua na sua vida quotidiana. A integração de fragmentos calcolíticos em contextos do Iº milénio, quer da Idade do Bronze quer da Idade do Ferro, não é uma mistura não intencional ou ambiental. Esta integração não é fruto das obras construtivas ocorridas durante o Iº milénio. A análise do conjunto cerâmico revela uma integração preferencial onde os fragmentos de bordo e fragmentos decorados são os mais presentes nos contextos, por exemplo, da Idade do Ferro. Há também uma integração diferenciada nos diversos contextos, sendo que certos contextos revelam um maior nível de manipulação do que outros. É possível que a manipulação destes objectos se tenha realizado dentro de quadros de rituais integrados

na vida da comunidade dentro do seu próprio povoado.

A manipulação de objectos do Passado (como já citada em relação aos fragmentos cerâmicos calcolíticos) pode não ser exclusiva dos objectos presentes no Crasto de Palheiros. As acções de manipulação podiam ser compreendidas dentro de um quadro de oportunidade, ou seja, os fragmentos calcolíticos encontravam-se presentes e por isso existia uma oportunidade acrescida de manipulação sem que esta estivesse verdadeiramente integrada num quadro histórico-social.

Contudo, é visível um quadro comportamental que se aplica a outro tipo de objectos em áreas e povoados de regiões próximas a Trás-os-Montes. Nos povoados da zona de Zamora – e integrados genericamente na cultura de Soto de Medinilla – ocorrem acções de manipulação de objectos metálicos típicos do Bronze Final. Ou seja, os contextos das ocupações da Idade do Ferro integram objectos metálicos de cronologia mais antiga que eram claramente manipulados e se encontravam integrados no quotidiano destas populações.

Este aspecto comportamental, de um passado que se manipula, de narrativas que podem ser criadas, fazem-nos crer que de facto as comunidades da Idade do Ferro representam o fim da Pré-história. As comunidades da Idade do Ferro são o culminar de um modo de vida que só se modificou totalmente e sem retorno, com a romanização. Cremos que as comunidades da Idade do Bronze e Ferro que habitaram o Crasto de Palheiros se reviam em narrativas históricas / cosmogónicas nas quais integravam as ocupações humanas anteriores à sua do Crasto de Palheiros, ou seja as ocupações calcolíticas. Os fragmentos cerâmicos manipulados constituem um “elo” de ligação e uma materialização de narrativas podendo também constituir-se como um objecto mnemónico. Cremos que a comunidade da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros revela um modo de vida mas sobretudo um modo de conceptualizar a mesma em tudo semelhante àquelas que a antecedem.

Se olharmos os vestígios arqueológicos de determinado modo, podemos ver que a ocupação do Iº milénio revela um carácter diferente daquela do IIIº milénio. Contudo, uma visão que procure outros aspectos, encontrará outras respostas. É possível observar a presença de acções que possibilitam uma “ponte” entre as duas ocupações. Estas acções são geralmente denominadas de carácter ritual ainda que não gostemos particularmente deste termo. Definir o que é o ritual e o que é quotidiano é sobretudo um exercício que envolve juízos de valor e nós procuramos ao longo de todo o nosso trabalho não tecer tais juízos.

No entanto é visível que determinadas acções fogem a uma função de sobrevivência e por isso são geralmente entendidas como pouco necessárias ou de menor importância na sobrevivência do grupo. Mas se por um lado não caracterizam as acções do quotidiano por outro elas caracterizam formas de sentir.

E, assim a ocupação da Idade do Ferro integra a deposição intencional de três recipientes cerâmicos na fundação de uma área habitacional (PEL) e uma deposição funerária integrada numa estrutura arquitectónica (na PIL) das quais já falamos extensamente. Estas duas acções, ocorridas durante a Idade do Ferro e integradas num povoado indicam que a vida destas comunidades era moldada por acções que nem sempre possuíam um carácter funcional, de sobrevivência efectiva e relacionado, directamente com acções do quotidiano, tal como o entendemos hoje. Sabemos que o povoado era o local de habitação destas comunidades mas o que pretendemos caracterizar é a forma como essas comunidades o habitaram.

É interessante ver que a deposição dos 3 recipientes apresenta características próprias das deposições da Idade do Bronze Final, onde o número 3 é fundamental no próprio ritual de deposição. Há aqui uma continuidade no comportamento ainda que os objectos depositados não sejam os mesmos daqueles ocorridos, geralmente, durante o Bronze Final. No Bronze Final muitas das deposições integram objectos metálicos e nesta deposição são integrados unicamente recipientes cerâmicos. Por sua vez, a deposição funerária revela uma construção assaz interessante que relembra as mamoaas pré-históricas e a própria configuração do Crasto de Palheiros. A deposição de objectos, nomeadamente das cinzas e ossos humanos, indica uma integração total nas deposições funerárias da Idade do Ferro doutras regiões. Contudo o “monumento” de deposição em si é uma cópia dos monumentos pré-históricos locais.

Um outro aspecto de continuidade entre as comunidades calcolíticas do Crasto de Palheiros e as comunidades da Idade do Bronze e da Idade do Ferro ocorre ao nível das decorações dos recipientes cerâmicos. De facto, a grande maioria dos recipientes cerâmicos apresenta decorações com uma imagética presente na Pré-História ou com uma imagética que se desenvolve desde a Pré-História. As cerâmicas estampilhadas – que são a grande inovação da Idade do Ferro – constituem uma minoria dos recipientes decorados durante a Idade do Ferro. As cerâmicas penteadas e incisas constituem a grande continuidade com o Passado, sendo que algumas penteadas inspiram-se mesmo em modelos calcolíticos. A inovação da Idade do Ferro pode estar mais presente na localização da decoração no corpo do recipiente do que na própria decoração em si. Ou seja, certos aspectos mudam, mas outros não e, no final, são mais aqueles que permanecem do que aqueles que indicam uma ruptura.

Por último, a escolha do assentamento do povoado da Idade do Bronze e da Idade do Ferro naquele sítio em particular pode ser tão complexa que seja impossível para nós explica-la. De facto, certos aspectos do Passado são inexplicáveis por natureza e outros são inexplicáveis devido a uma investigação deficitária. É necessário todo um conhecimento global de várias regiões para existir um

entendimento dos comportamentos e escolhas das comunidades.

Um determinado comportamento – por exemplo a escolha do assentamento de uma determinada comunidade, neste caso a comunidade da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros – não pode prender-se apenas a hipóteses interpretativas teóricas relacionadas com a mudanças políticas, incrementos da economia, alcantilamento dos povoados e fortificação dos mesmos devido a uma presença de ameaças externas (que não sabemos quais são nem como caracteriza-las) ou protecção de bens metálicos produzidos em determinados moldes sociais e culturais, entre muitas outras hipóteses interpretativas. A emergência de povoados em altura no final do II^o mil. / inícios do I^o mil. pode vir a ser entendida como pouco evidente assim que se conhecerem as características do povoamento durante todo o II^o milénio na região. As razões que subjazem a esta escolha de assentamento poderão vir a revelar-se mais de carácter identitário e simbólico do que económico e prático.

Sabemos que o Crasto de Palheiros no I^o milénio apresenta algumas semelhanças com o denominado grupo de “Soto de Medinilla” no que diz respeito à formalização das habitações, dos conjuntos cerâmicos, dos tipos de assentamento e do modo de sustentabilidade (uma economia agro-pastoril). As habitações dos povoados do I^o milénio no Norte Interior da península são construídas em materiais perecíveis – terra e vegetais – sem o uso (ou com um uso esporádico) de embasamentos pétreos. Tal ocorre no Crasto de Palheiros e tal realidade distancia-se daquela presente nos povoados da área nuclear da denominada Cultura Castreja.

Os conjuntos cerâmicos do I^o milénio do Crasto de Palheiros revelam uma forte relação formal com os conjuntos cerâmicos de Soto de Medinilla, integrando-se, genericamente, neste grupo cultural e aproximando-se dos conjuntos cerâmicos de áreas adjacentes como é a de Zamora. Os conjuntos cerâmicos do Crasto de Palheiros não revelam uma relação tão forte com a área do Douro Litoral (ou da denominada Cultura Castreja). O Crasto de Palheiros mantém assim fortes semelhanças com o grupo Soto e com as culturas do interior norte da península Ibérica, ainda que não apresente o mesmo desenvolvimento na sua cultura material, a partir do séc. IV AC.

Deste modo, urge caracterizar outros sítios da Idade do Bronze e da Idade do Ferro de Trás-os-Montes, bem como entender a evolução das comunidades no interior Norte da Península. Só assim se poderá desenvolver todo um quadro interpretativo que pretenda caracterizar de um modo assertivo as comunidades da Idade do Ferro em Trás-os-Montes.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

10. Bibliografia

- ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (2005) *COGOTAS I – La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Junta de Castilla y León. Arqueología en Castilla y León 4.
- ABOAL FERNÁNDEZ, Roberto & CASTRO HIERRO, Virginia (2006) *O castro de Montealegre, Moaña, Pontevedra*. A Coruña: Editorial Toxosoutos, serie Keltia.
- ADRIANO, Patrícia; SILVA, António Santos; VEIGA, Rosário; CANDEIAS, António; MIRÃO, José, (2007) "Determinação da Composição de Argamassas Antigas", 2.º Congresso Nacional de Argamassas de Construção, Feira Internacional de Lisboa.
- ALMAGRO, Martín; ARTEAGA, Oswaldo; BLECH, Michael; RUIZ MATA, Diego & SCHUBART, Hermanfrid (2001) *Protohistoria de la Península Ibérica*. Barcelona. Editorial Ariel, pp. 401.
- ALMEIDA, Sara Oliveira (2005) *A Idade do Ferro no Planalto de Viseu: o caso do Morro da Sé*. Coimbra: Tese de Dissertação de Mestrado em Arqueologia, área de especialização de arqueologia regional.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. (2003) *Los Vettones*, BAH 1. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AMORIM, Isabel Bettencourt (1999). *Crasto de Palheiros (Murça). As ocupações da Pré-História e da Proto-História da Plataforma Inferior*. Porto: Tese de Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica.
- ARGENTE OLIVER, José Luis, DÍAZ DÍAZ, Adelia & BESCÓS CORRAL Alberto (2000) *Tiermes V – Carratiermes – Necrópolis Celtibérica*. Arqueología en Castilla y León 9. Valladolid: Junta de Castilla Y León, Consejería de Educación y Cultura.
- ARRUDA, Ana Margarida (2007) Cerâmicas Gregas encontradas em Portugal. In RAPOSO, Luís (coord.) – *Vasos Gregos em Portugal - Aquém das colunas de Hércules*. Lisboa: Instituto Português de Museus – Museu Nacional de Arqueologia, 2007. ISBN: 972-776-321-9. p. 135-140.
- BAPTISTA, Lúcia (2003) *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão – Contributos para a Interpretação de Contextos de Uso*. Porto: Tese de Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BARBOSA, Sandra Carla Pais (1999) *O Crasto de Palheiros – Murça: contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal*. Porto: Tese de Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica.
- BARRANHÃO, Helena; TERESO, João (2006) A Terronha de Pinhovelo na ciuitas zoelarum:

primeira síntese. *Cadernos Terras Quentes*, vol. 3, pp.7-26.

BARRIO MARTÍN, J. (1993) Estratigrafía y desarrollo poblacional en el yacimiento prerromano de la plaza del Castillo (Cuéllar, Segovia). In: ROMERO CARNICERO, F., SANZ MÍNGUEZ, C., ESCUDERO NAVARRO, Z. (Editores) *Arqueología Vaccea – Estudios sobre el Mundo Prerromano en la Cuenca Media del Duero*, Junta de Castilla e León – Consejería de Cultura y Turismo, pp. 173-212.

BETTENCOURT, Ana M. S. (1993/94) A ocupação da Idade do Bronze no Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso – Braga), *Cadernos de Arqueologia*, serie II, 10/11. Braga: Universidade do Minho, pp. 153-180.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000^a) *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000^b) *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000^c) *O Povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, nos Finais da Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2001) *O Povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos Finais da Idade do Bronze*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

CABRÉ AGUILÓ, Juan; CABRÉ DE MORÁN, Encarnación & MOLINERO PÉREZ, Antonio (1950) *El Castro y la Necropolis del Hierro Celtico de Chamartin de la Sierra (Avila)*. Acta Arqueologica Hispanica V. Madrid: Ministerio de Educacion Nacional, Comisaria General de excavaciones Arqueologicas.

CALO LOURIDO, Francisco & SOEIRO, Teresa (1986) *Castro de Baroña – Campañas 1980/84*. Arqueoloxía / Memorias 6. Galicia: Xunta de Galicia / Consellería de Cultura e Deportes.

CANHA, Alexandre J. (2002). *Canedotes - Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Porto: Tese de Dissertação de mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CÉLIS SÁNCHEZ, J. (1993) La sequencia del poblado de la primera Edad del Hierro de “Los Cuesto de la Estación”, Benavente, Zamora in: ROMERO CARNICERO, F., SANZ MÍNGUEZ, C., ESCUDERO NAVARRO, Z. (Editores) *Arqueología Vaccea – Estudios sobre el Mundo Prerromano en la Cuenca Media del Duero*, Junta de Castilla e León – Consejería de Cultura y Turismo, pp. 93-132.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Editorial

Teorema, pp 727.

CRUZ, Domingos J. & GONÇALVES, A. A. Huet B. (1998-1999) A necrópole de “Agra de Antas” (S. Paio de Antas, Esposende, Braga), *Portugália*, nova série, vol. XIX-XX. Porto. pp. 5-27.

CRUZ, T.; SILVA, António Santos, (2006) Caracterização de argamassas da Igreja de Nossa Sr.ª da Assunção (Elvas) e do Castelo da Amieira do Tejo (Nisa), *Relatório LNEC 215/06-NMM*, 113 pp.

DINIS, A. Pereira (2001) *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais.

ESPARZA ARROYO, Ángel (1986) *Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*. Zamora: Instituto de estudios zamoranos.

FIGUEIRAL, Isabel (2008) Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o III/inícios do IIº milénio AC e entre o Iº milénio AC e o séc. IIº DC. Cap. D (Parte I) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M.J.-Coord. Científica e editorial/Editor). Município de Murça, Murça. (p.79-108)

GALINIÉ, H. (1980) De la stratigraphie à la chronologie. In Alain Schapp (dir.) *L'Archéologie Aujourd'hui*. Paris : Hachette, pp. 63-85.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo (2006/2007) Galaicos. Poder y comunidade en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a. C. – 50 d. C.). *Brigantium*. A Coruña. Museo Arqueológico e Histórico da Coruña. Vols. 18-19.

GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, E. J. & DOMÍNGUEZ CALVO, A. (2002). *Los Castillejos de Sanchorreja – Campañas de 1981, 1982 y 1985*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca.

GRADE, José, CASAL MOURA, A. (2004) *Catálogo das Argilas Portuguesas utilizadas na Indústria Cerâmica*, Ministério da Indústria e Energia, Direcção Geral de Geologia e Minas.

HARRIS, Edward C. (1989) *Principles of archaeological stratigraphy*. London. Academic Press. 2ª edição.

HARRIS, Edward C. (1993) *Practices of archaeological stratigraphy*. London. Academic Press.

HIDALGO CUÑARRO, J. M. & RODRIGUEZ PUENTES, E. (1987) *Castro de Fozara – Campaña 1984*. Arqueoloxía / Memorias 9. Galicia: Xunta de Galicia / Consellería de Cultura e Deportes.

INGOLD, Tim (2007) Materials against materiality, *Archaeological Dialogues 14 (1)*, Cambridge University Press, pp. 1-16.

JORGE, Susana Oliveira (1980) A estação arqueológica do Tapado da Caldeira – Baião, *Portugália*,

vol 01, pp. 29-50.

JORGE, Susana Oliveira (1986) *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar*; Dissertação de doutoramento. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1988). *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Porto: GEAP, Monografias Arqueológicas 2.

LE MOS, Francisco de Sande (1993), *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental* (Dissertação do Doutoramento na especialidade de Pré-História e História na Antiguidade) Universidade do Minho, Braga (policopiada).

LIMA, Alexandre Miguel (2003) *Crasto de Palheiros, Murça. Novos elementos para a caracterização e interpretação da ocupação Pré-histórica da Plataforma Inferior / Recinto Inferior Leste*. Trabalho de Seminário da Licenciatura em Arqueologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LUCAS, Gavin (2008) Time and the Archeological Event, Cambridge Archeological Journal – special edition “Time and Change in archaeological Interpretation”. Cambridge University Press.

MADEIRA, José Luís (2002) *O desenho na Arqueologia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

MARTINS, Carla Maria Braz (2006) Proto-história e romanização no monte da S^{ra} do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: Análise de materiais. *Actas do IIIº Congresso da Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior - Vol 03 Proto-história e Romanização: guerreiros e colonizadores*. Porto: Setepés Arte.

MARTINS, Manuela (1988^a) *O Povoado Fortificado do Lago, Amares*. Braga: Cadernos de Arqueologia 1.

MARTINS, Manuela (1988^b) *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*. Braga: Cadernos de Arqueologia 2.

MONSERRAT, J. M. (1995). Aspectos funcionales de la cerámica ibérica, *Actas V – 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 35 (1)*, Porto, pp. 183-198.

NAVEIRO, Juan, SENEN, Felipe (1987) “Introducción ao estudo da industria do tecido na cultura castrexa: as fusaiolas”, *Gallaecia*, n.º 9/10, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, pp. 61-95.

NUNES, Susana Andreia & RIBEIRO, Ricardo Ávila (2000) Uma estrutura funerária da Idade do Ferro em contexto habitacional no Crasto de Palheiros – Murça (NE de Portugal), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. 5 (Proto-História de Península Ibérica)*, Porto,

ADECAP, pp. 23-42.

OLIVEIRA, Maria de Lurdes Cunha de (2003) *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. de Foz Côa)*. Porto: Tese de dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ORTON, Clive T. (1997) *La Cerámica en Arqueología*. Barcelona: Crítica.

PERESTRELO, Manuel Sabino G. (2003) *A romanização na bacia do rio Côa*. Parque Arqueológico do Vale do Côa.

PINTO, D. B. (2010). Os artefactos metálicos da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros – Murça, Norte de Portugal: Breve introdução à gramática decorativa dos adornos metálicos do Nordeste de Portugal. *Revista Douro*, pp. 289-332.

PINTO, D. B. (2008). Artefactos metálicos do Crasto de Palheiros, Cap. 3.3. (Parte II) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M.J.-Coord. Científica e editorial/Editor). Município de Murça, Murça. (p.142-150)

REDENTOR, Armando (1997) O I Milénio a.C. no Noroeste Peninsular; a Fachada Atlântica e o Interior: actas do Colóquio realizado em Bragança, nos dias 24 e 25 de Novembro de 1995. Bragança: Parque Natural de Montesinho.

RICE, Prudence M. (1987) *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.

RODRIGUES, José & PEREIRA, Eurico (2008) Movimento e história geológica. O relevo quartzítico do Crasto de Palheiros e a Geologia do NE Transmontano IN SANCHES, Maria de Jesus (org) *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*, (Partes I e II num só volume), Município de Murça, Murça.

RODRÍGUEZ CALVIÑO, Manuel (2000) Fusaiolas e Fusos no Castro da Graña (Toques, A Coruña), Actas do Congresso de Proto-História Europeia, vol. 2, *Revista de Guimarães*, vol. Especial, pp.617-632.

ROMERO CARNICERO, Fernando (1991). *Los Castros de la Edad del Hierro en el Norte de la provincia de Soria*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad de Valladolid.

SANCHES, Maria de Jesus (1992). *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: GEAP, Monografias Arqueológicas 3.

SANCHES, Maria de Jesus (1997). *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia .

SANCHES, Maria de Jesus (org) (2008) *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*, (Partes I e II num só volume), Município de Murça, Murça.

SANCHES, Maria de Jesus & Pinto, Dulcineia Bernardo (2006) Terra, madeira e pedra – materiais para a construção de um povoado Proto-Histórico de Trás-os-Montes: o caso do Crasto de Palheiros – Murça in Mariana Correia e Vitor Oliveira Jorge (eds) *Terra: Forma de Construir*, Edits Argumentum com a col. de escola Superior Gallaecia, DCTP–FLUP e CEAUCP, pp. 83–90.

SANCHES, Maria de Jesus & Pinto, Dulcineia Bernardo (2008) Cronologia e faseamento do Crasto de Palheiros em I, II e III. Cap. A.4. (Parte I) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M.J.-Coord. Científica e editorial/Editor). Município de Murça, Murça. (p.43-53)

SANCHES, Maria de Jesus & Pinto, Dulcineia Bernardo (2008) As Escavações e seus resultados (Parte II) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M.J.-Coord. Científica e editorial/Editor). Município de Murça, Murça. (p.110-120)

SANZ MÍNGUEZ, Carlos (1998) *Los Vacceos: cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle medio del Duero: La necrópolis de Las Ruedas - Padilla de Duero (Valladolid)*. Salamanca, Junta de Castilla Y León, Consejería de Educación y Cultura.

SECO VILLAR, M. (1993) Cerámicas “a peine” de Olivares de Duero (Valladolid). In: ROMERO CARNICERO, F., SANZ MÍNGUEZ, C., ESCUDERO NAVARRO, Z. (Editores) *Arqueología Vaccea – Estudios sobre el Mundo Prerromano en la Cuenca Media del Duero*, Junta de Castilla e León – Consejería de Cultura y Turismo, pp. 213-222.

SECO VILLAR, M. & TRECEÑO LOSADA, F. J. (1993) La temprana “iberización” de las tierras del sur del Duero a través de la secuencia de “La Mota”, Medina del Campo (Valladolid). In: ROMERO CARNICERO, F., SANZ MÍNGUEZ, C., ESCUDERO NAVARRO, Z. (Editores) *Arqueología Vaccea – Estudios sobre el Mundo Prerromano en la Cuenca Media del Duero*, Junta de Castilla e León – Consejería de Cultura y Turismo, pp. 133-172.

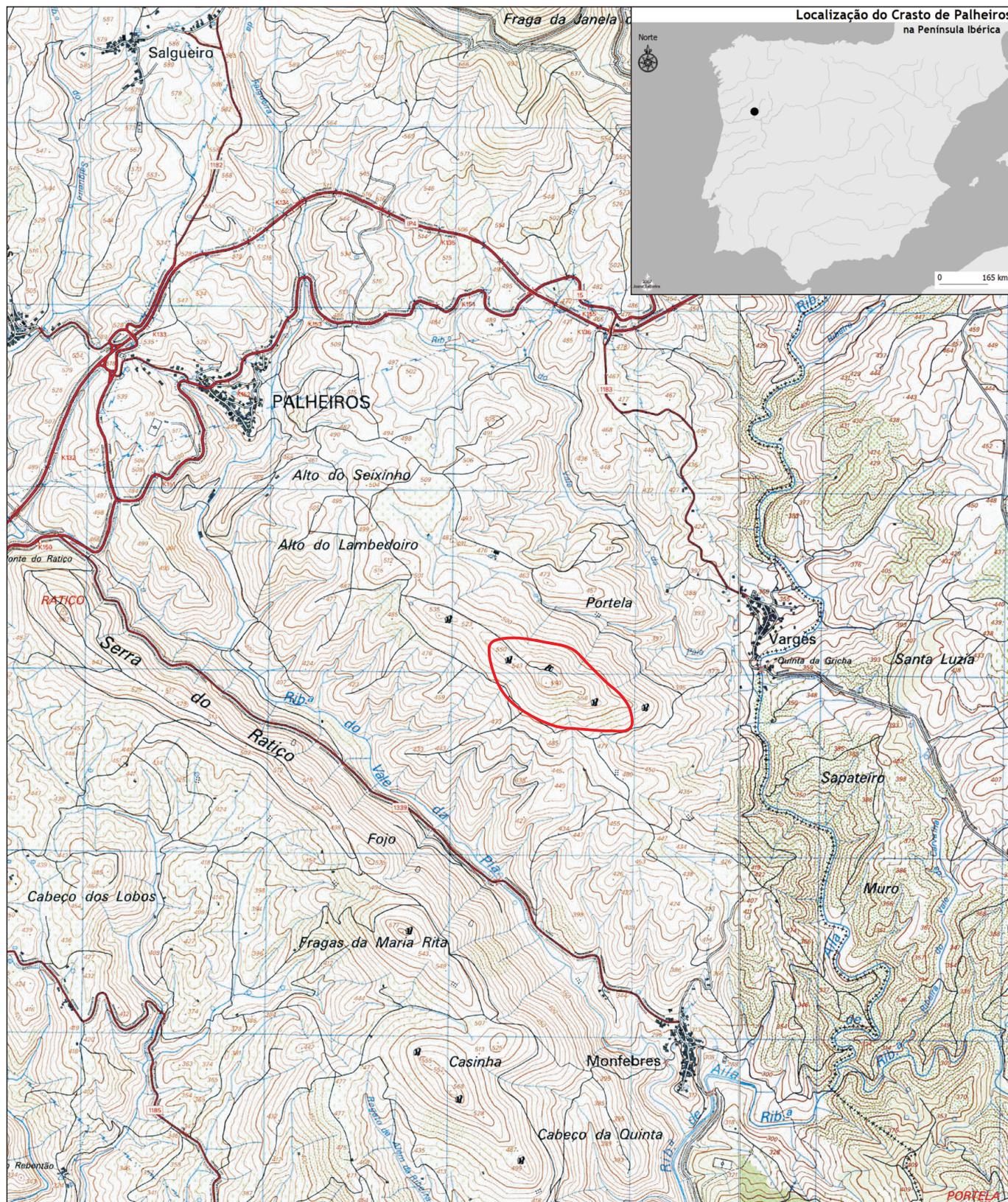
SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatos” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental”, in: *Cadernos «Terras Quentes»*, 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81

SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2009) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008)”. In: *Cadernos “Terras Quentes”*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 6, p.69-79.

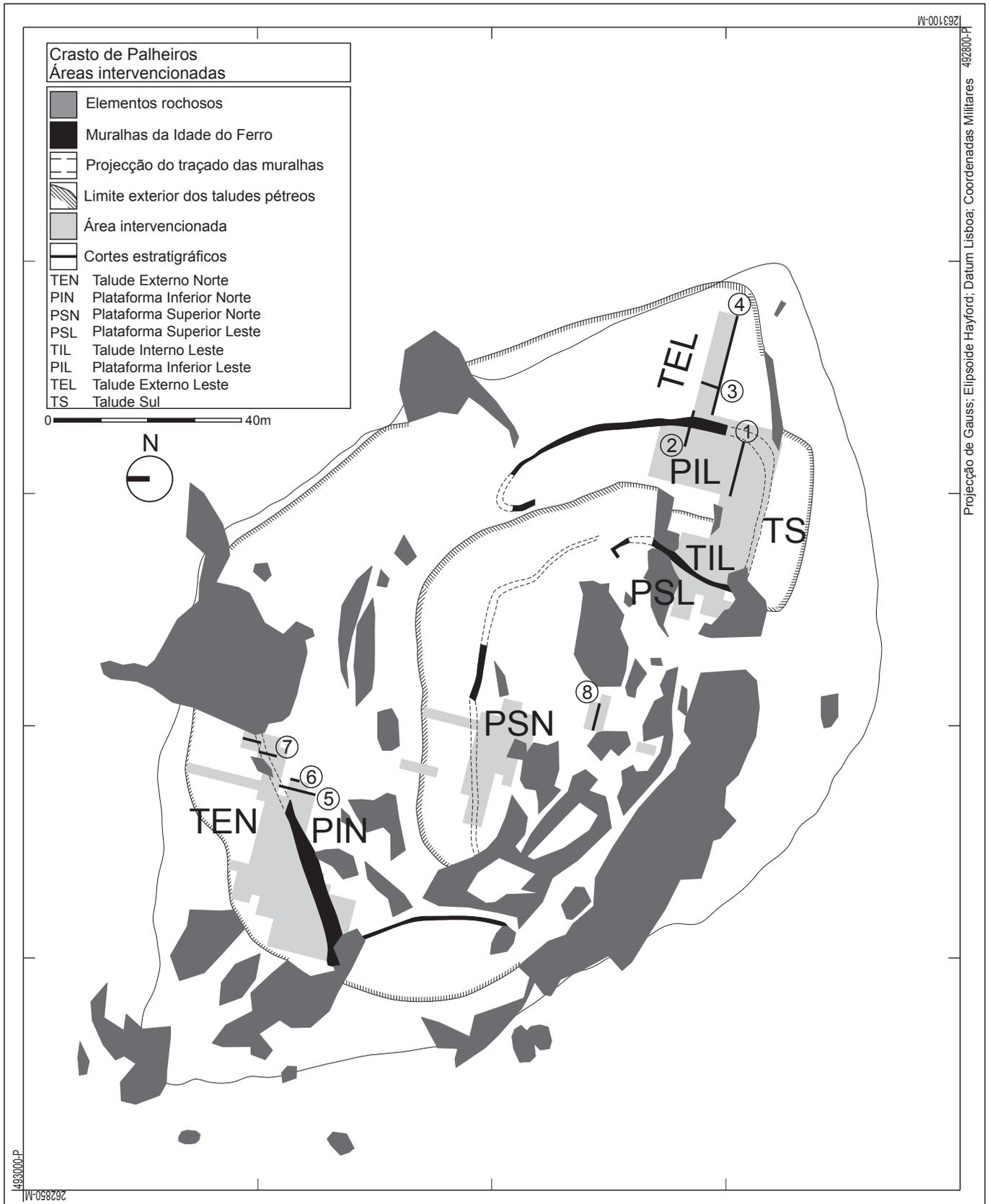
- SENNA-MARTINEZ, J. C. e Luís, E. (2010) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009)”. In: *Cadernos “Terras Quentes”*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 7, p.29-40.
- SHENNAN, Stephen (1992) *Arqueología cuantitativa*. Barcelona. Editorial Crítica.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da & GOMES, Mário Varela (1998) *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, Margarida M^a Oliveira dos Santos (1999) *Recipientes cerâmicos do Bronze Final dos povoados de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e da Lavra (marco de Canaveses). Seu enquadramento regional*. Porto: Tese de Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SILVA, Maria de Fátima Matos da & OLIVEIRA, Paula Cristina Pereira de (2000) Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa), Actas do Congresso de Proto-História Europeia, vol. 2, *Revista de Guimarães*, vol. Especial, pp. 633-660.
- SOEIRO, Teresa (1985/1986) Muro da Pastoria, Chaves, Campanha de Escavação de 1982, *Portugália*, vol. VI/VII, nova série, pp. 21-28.
- TERESO, João; BARRANHÃO, H.; RESENDE, J. (2005). O povoado do Cramanchão (Cortiços, Macedo de Cavaleiros): resultados e reflexões após a 1^a campanha (2003). *Cadernos Terras Quentes*. 2, p.99-108.
- THOMAS, Julian (2006/2007) The trouble with material culture. *Journal of Iberian Archaeology*, vol 9/10, special edition: eds Victor Oliveira Jorge & Julian Thomas, Overcoming the Modern Invention of material Culture. Porto. ADECAP. pp. 11-24.
- VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (2005) *Cerámica Popular de Galicia: Etnología y Etnoarqueología*, Brigantium, vol. 17, Museo Arqueológico e Histórico, Castelo de San Antón, A Coruña.
- VILAÇA, Raquel (1995). *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 vols, *Trabalhos de Antropologia* 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

ESTAMPAS

ESTAMPA I



Localização do Crasto de Palheiros na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal (IGEOE), esc. 1:25000, folhas 89 e 90.



Representação das áreas intervencionadas. Indicam-se as nomenclaturas das áreas a que se refere o texto (TEN, PIN, etc.). Localizam-se os cortes estratigráficos gráfica e numericamente.

ESTAMPA IV

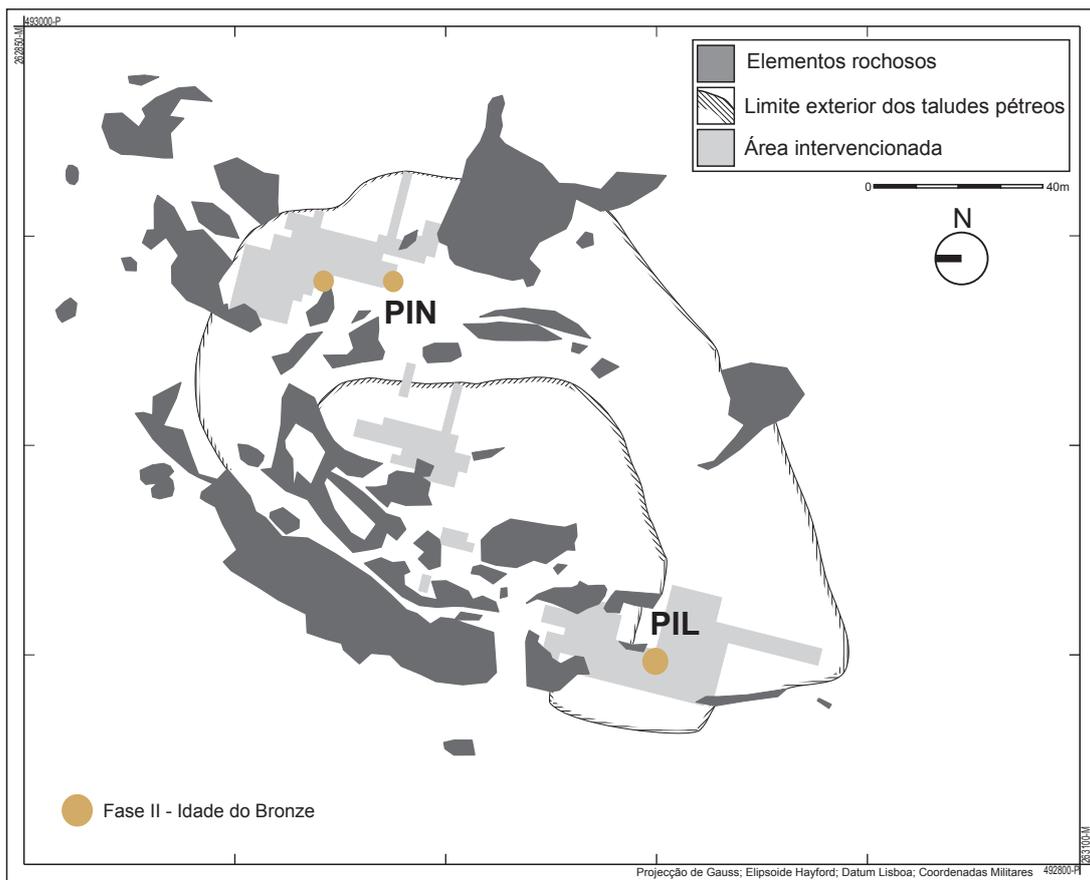


Fig. 1 - Localizam-se esquematicamente os vestígios de ocupação da Fase II - Idade do Bronze.

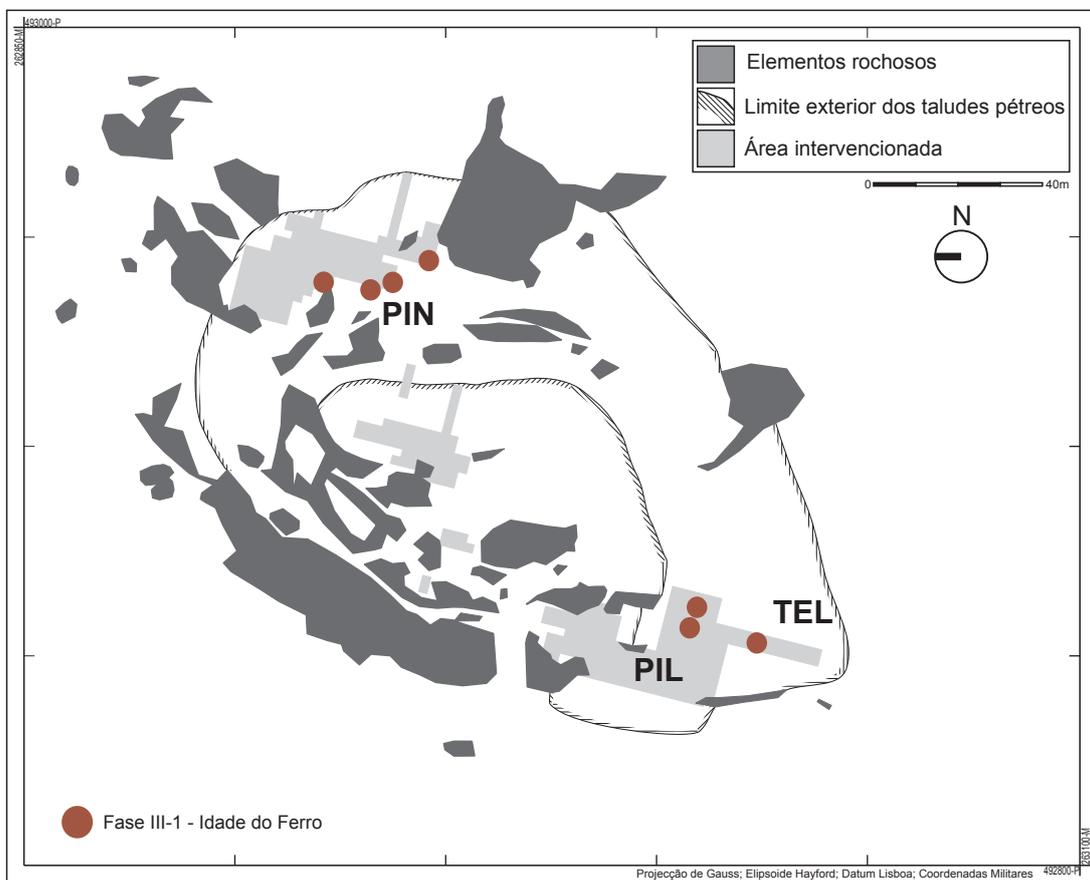


Fig. 2 - Localizam-se esquematicamente os vestígios de ocupação da Fase III-1 - Idade do Ferro.

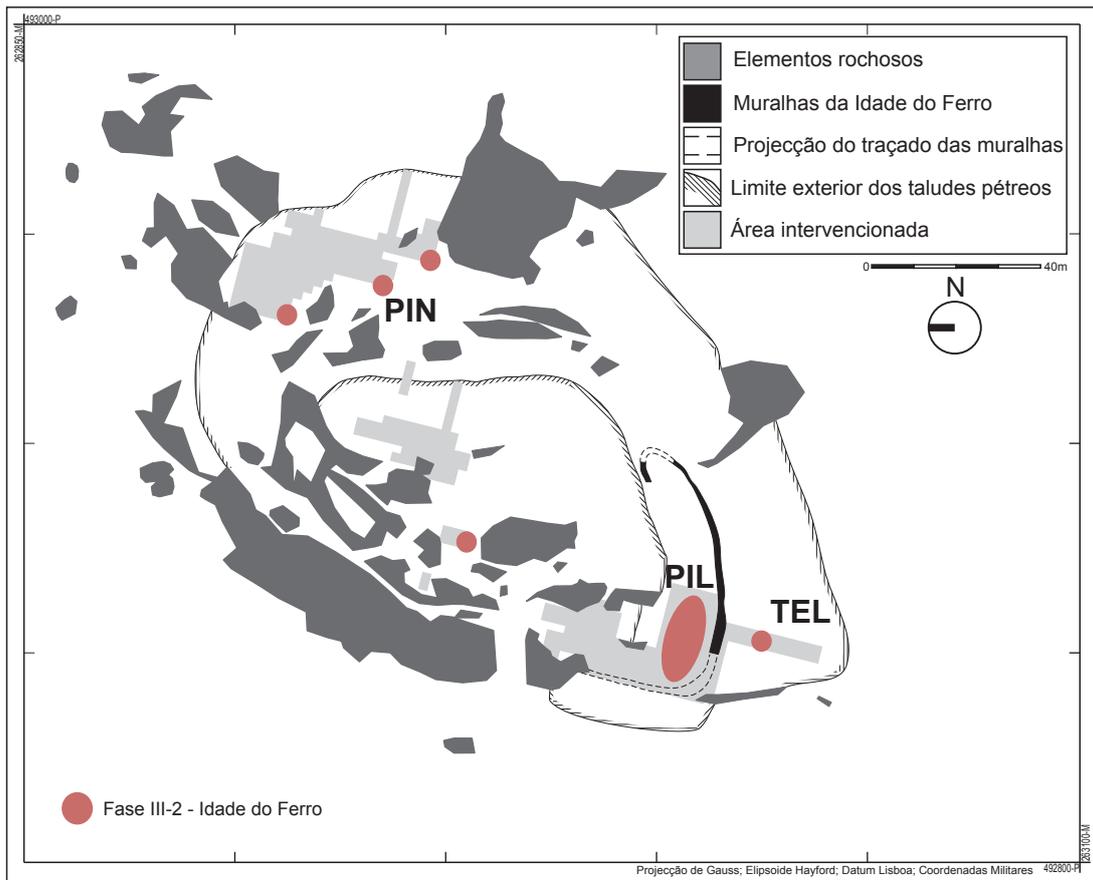


Fig. 1 - Localizam-se esquematicamente os vestígios de ocupação da Fase III-2 - Idade do Ferro.

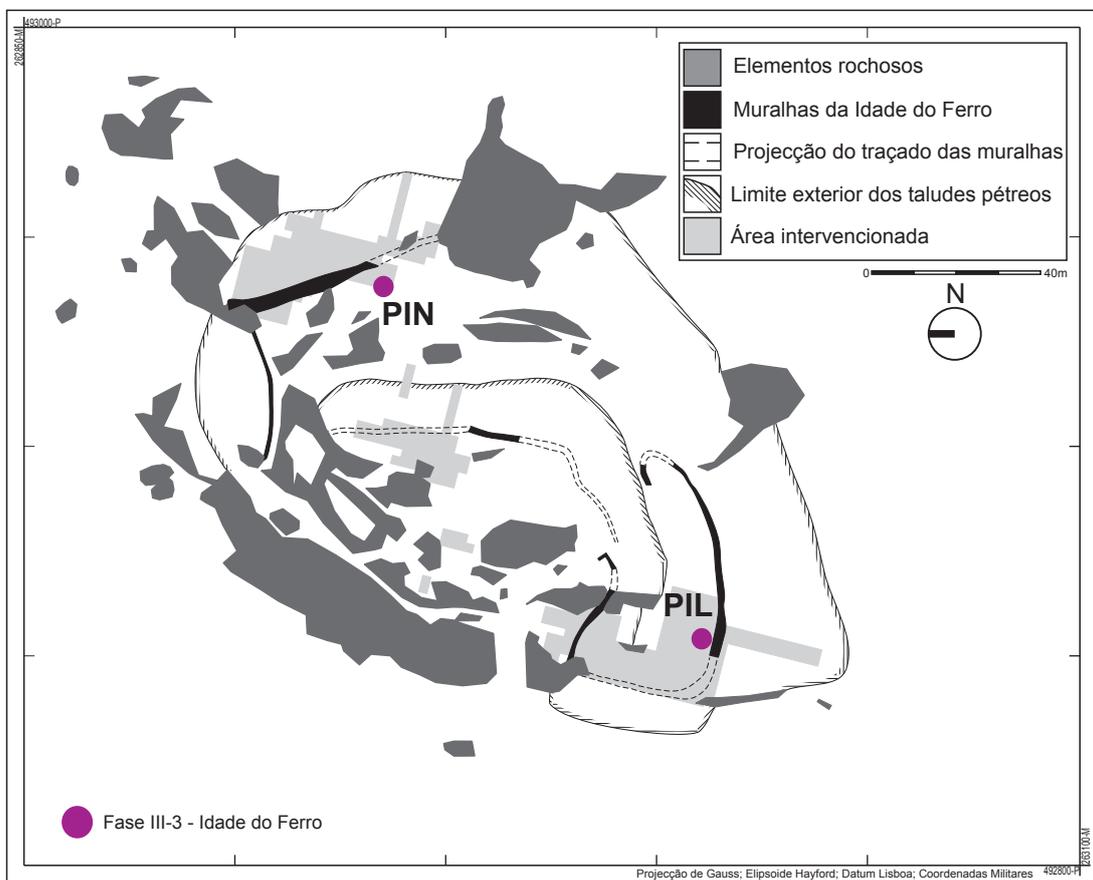
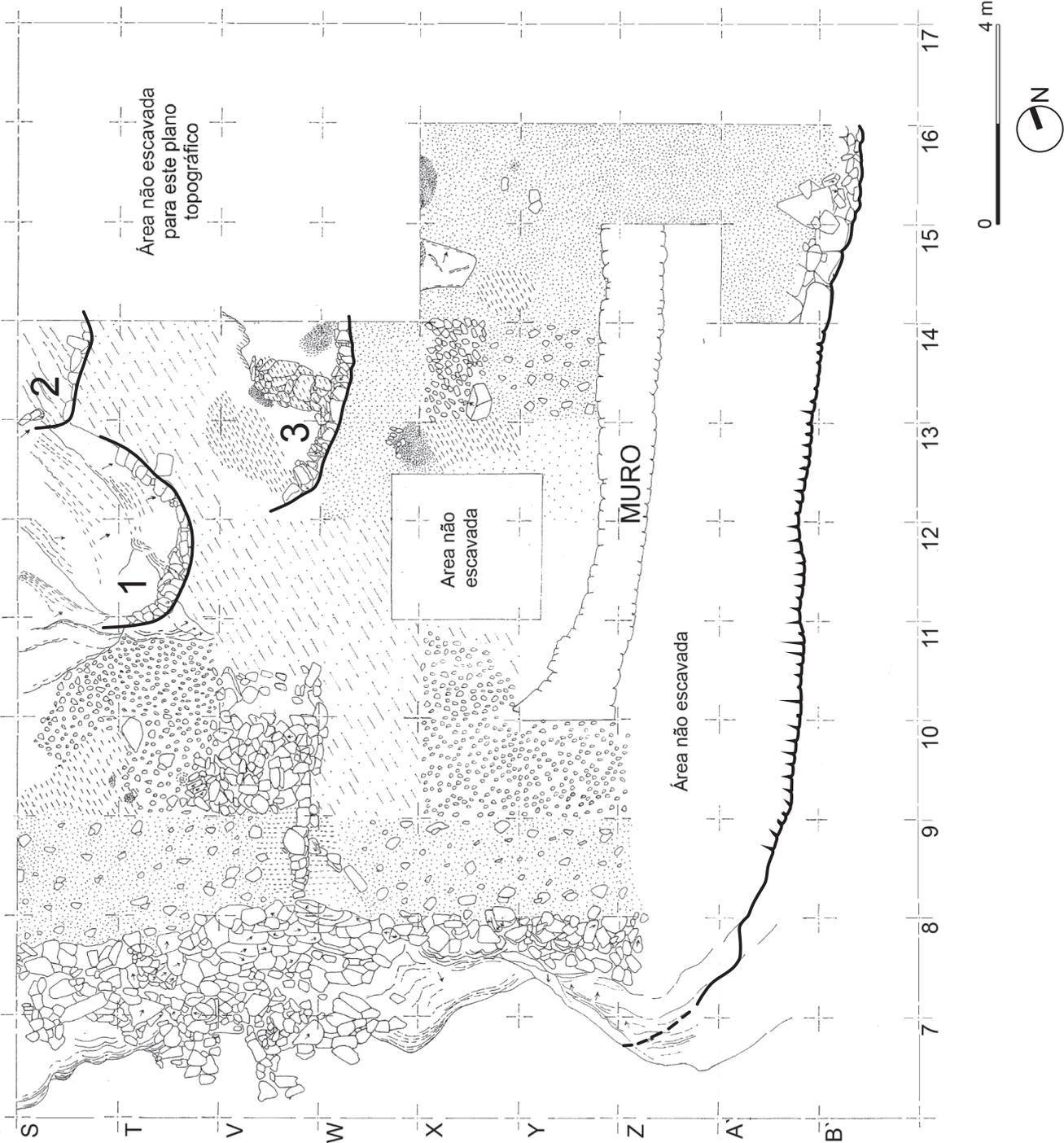


Fig. 2 - Localizam-se esquematicamente os vestígios de ocupação da Fase III-3 - Idade do Ferro.

ESTAMPA VI

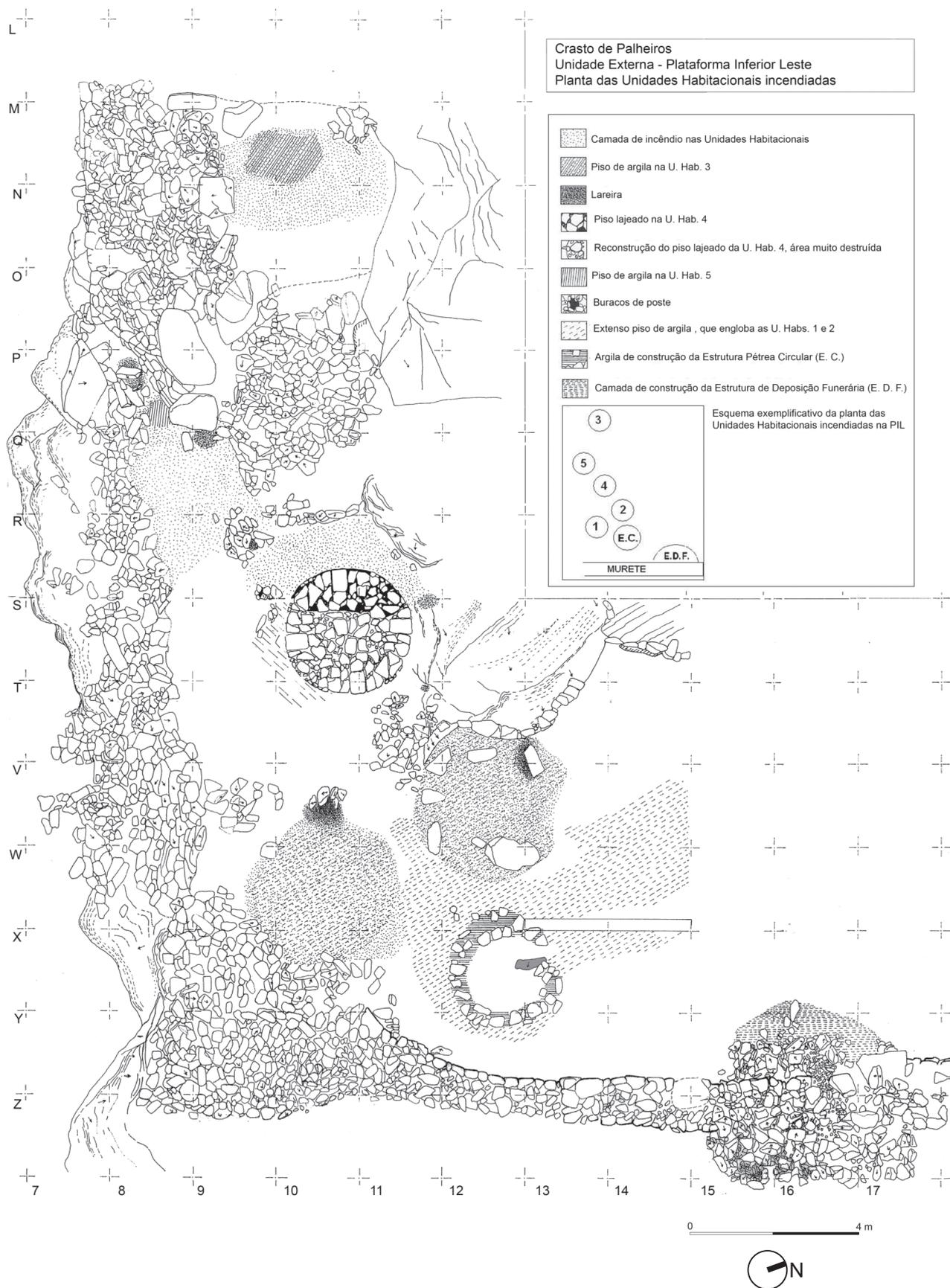
CRASTO DE PALHEIROS
Unidade Externa -
Plataforma Inferior Leste
Idade do Ferro - 1ª planta

	Estrato de cascalho, Lxs 26, 27, 70, 101
	Estrato de terra queimada, Lx. 87
	Estrato de terra argilosa, de cor amarelada, Lx. 91
	Aglomerados de terra muito queimada com carvões
	Níveis destruídos pela ocupação posterior (III) da Idade do Ferro
	Argilas endurecidas de cor de laranja
	Estrato de terras de cor castanha-escura, Lx. 25
	Empedrado Calcolítico com sedimentos da Idade do Ferro
	Núcleos de argila endurecida
	Afloramentos
	Limite da plataforma habitacional neste período



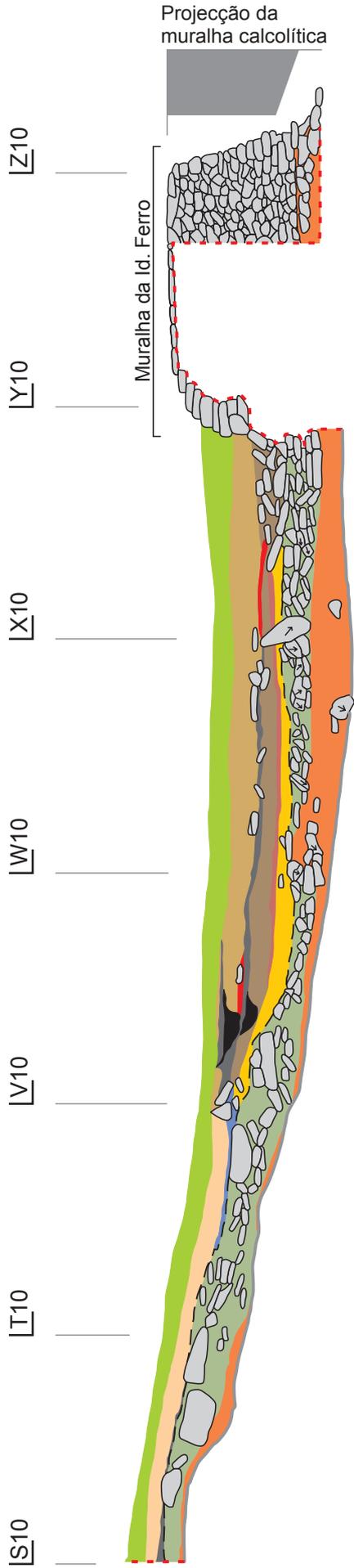
Planta ao nível da ocupação mais antiga da Idade do Ferro na Plataforma Inferior Leste (Fase III-1), onde surgem vestígios diversos e todos muito incompletos. Destacamos 3 anteparos pétreos em arco: 1, 2 e 3 (este sendo seguramente a base de uma unidade habitacional). O «muro» pertence à fase ocupacional III-2 (ver Est. VII).

ESTAMPA VII



Planta do conjunto habitacional da Plataforma Inferior Leste (ou Recinto L) no momento do incêndio (ver esquema na legenda). Figura ainda aí a Estrutura de Deposição Funerária (EDF), criada num momento anterior a este incêndio mas que se encontrava no mesmo plano topográfico aquando da escavação (corresponde a um momento da Fase III-2). E.C. – Estrutura Circular –, o seu apêndice interno, marcado a cinzento, corresponde a um penedo e não parece fazer parte do embasamento dessa estrutura.

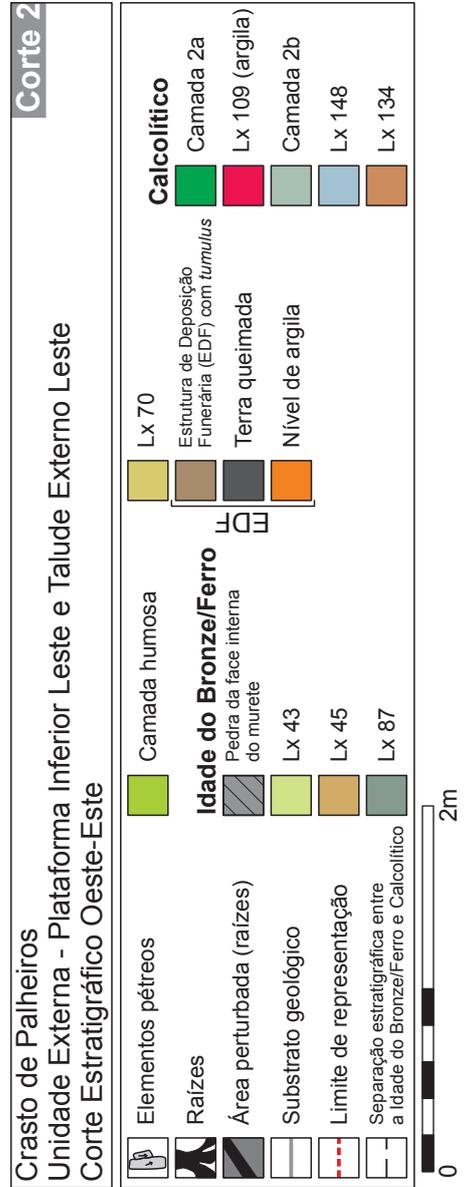
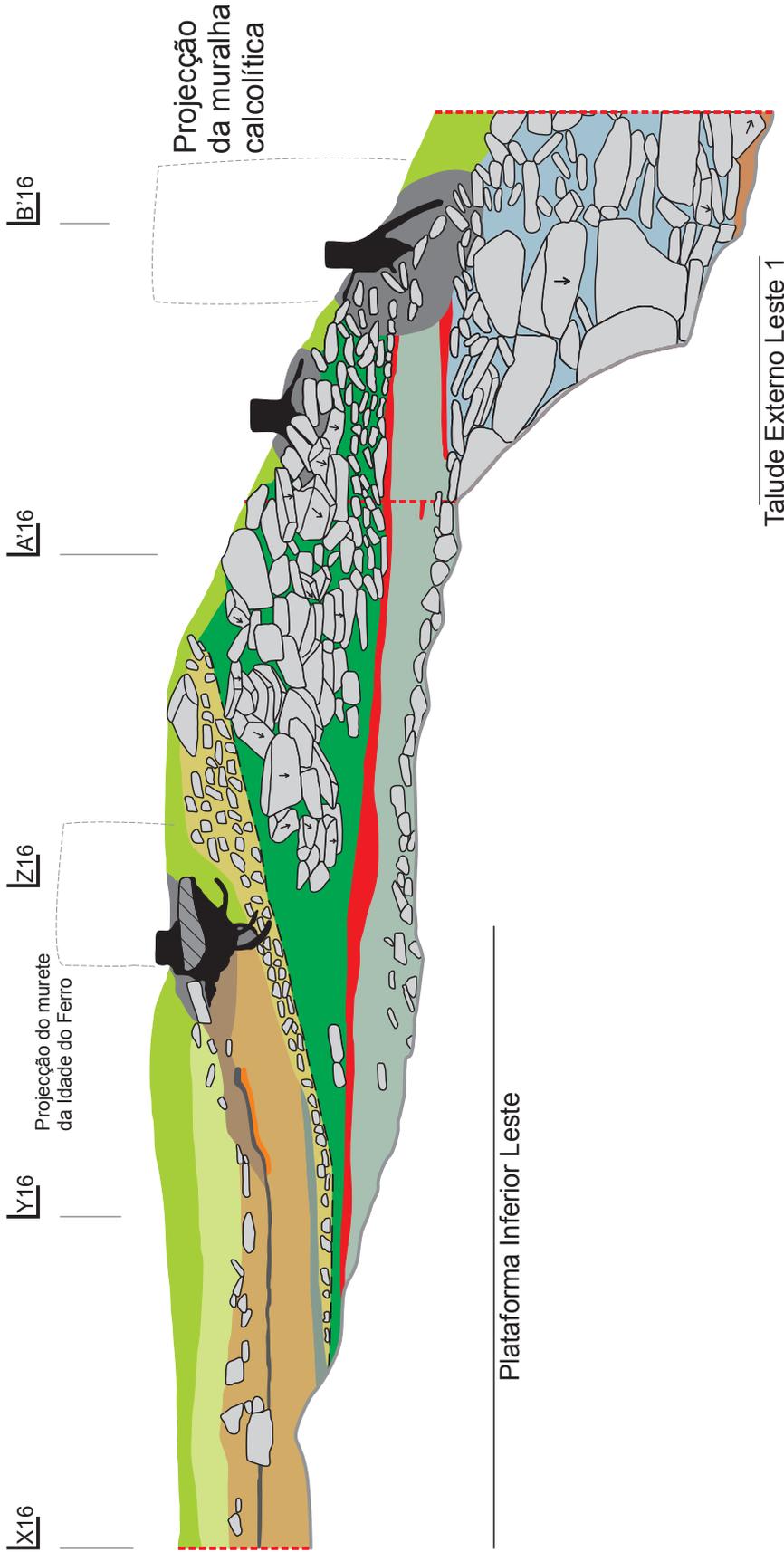
ESTAMPA VIII



Corte 1

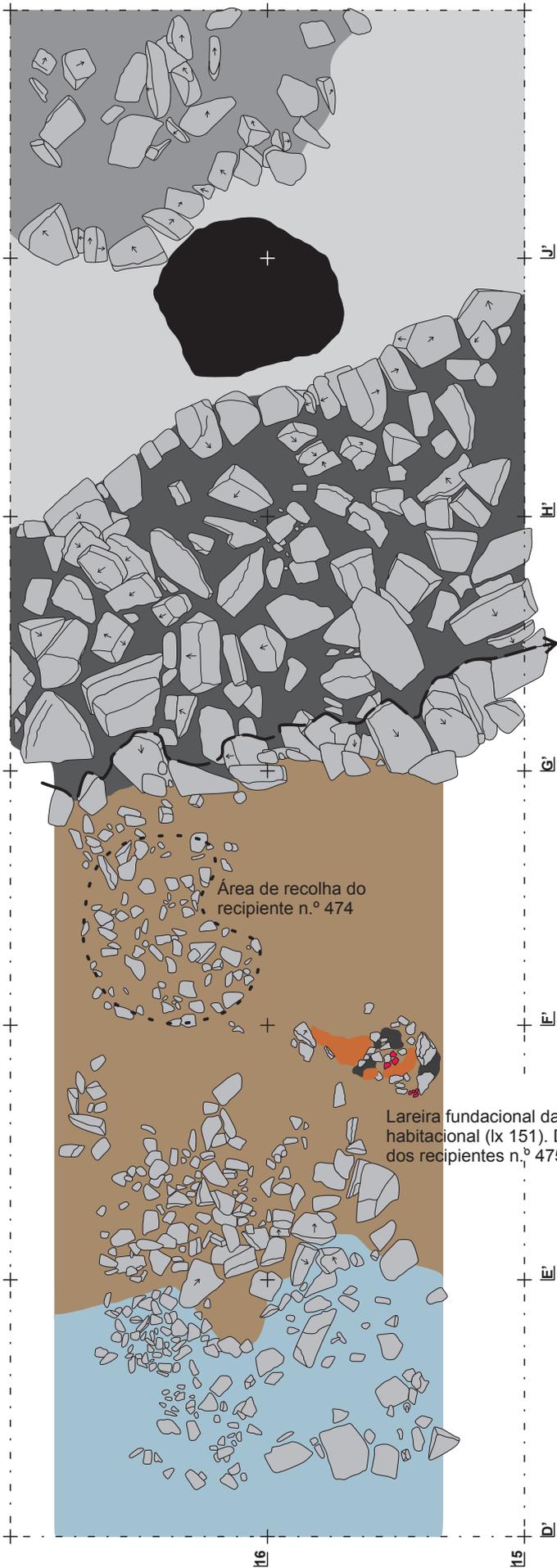
Crasto de Palheiros
 Unidade Interna - Plataforma Inferior Leste
 Corte Estratigráfico Oeste-Este

	Elementos pétreos		Argila		Calcolítico
	Limite da escavação		Camada 1b (Unidade Habitacional 1)		Camada 2a
	Substrato geológico		Lareira		Camada 2b
	Separação estratigráfica entre a Idade do Bronze/Ferro e Calcolítico		Piso de argila		
	Camada humosa		Lx 25 (l. do Bronze)		
			Nível de cascalho		
			Nível de incêndio		



Corte estratigráfico Oeste-Este da quebra da plataforma e do início do talude calcolítico.

ESTAMPA X



Exterior do povoado

Interior do povoado

Crasto de Palheiros
Unidade Externa - Talude Externo Leste
Planta III-1

- Elementos pétreos
- Idade do Ferro/Fase III-2**
 - Lx 145
 - Lx 142
 - Lx 142.1
- Idade do Ferro/Fase III-1**
 - Depósito de ocupação correspondendo ao Lx 133, 146 e 147
 - Lx 139
 - Piso de argila
 - Manchas concentradas de carvões da lareira fundacional (Lx 151)
- Calcolítico**
 - Lx 148



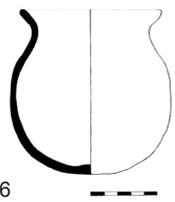
Limite da plataforma exterior leste

Área de recolha do recipiente n.º 474

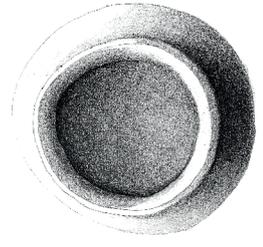
Lareira fundacional da zona habitacional (lx 151). Deposição dos recipientes n.º 475 e 476



Recipiente n.º 474



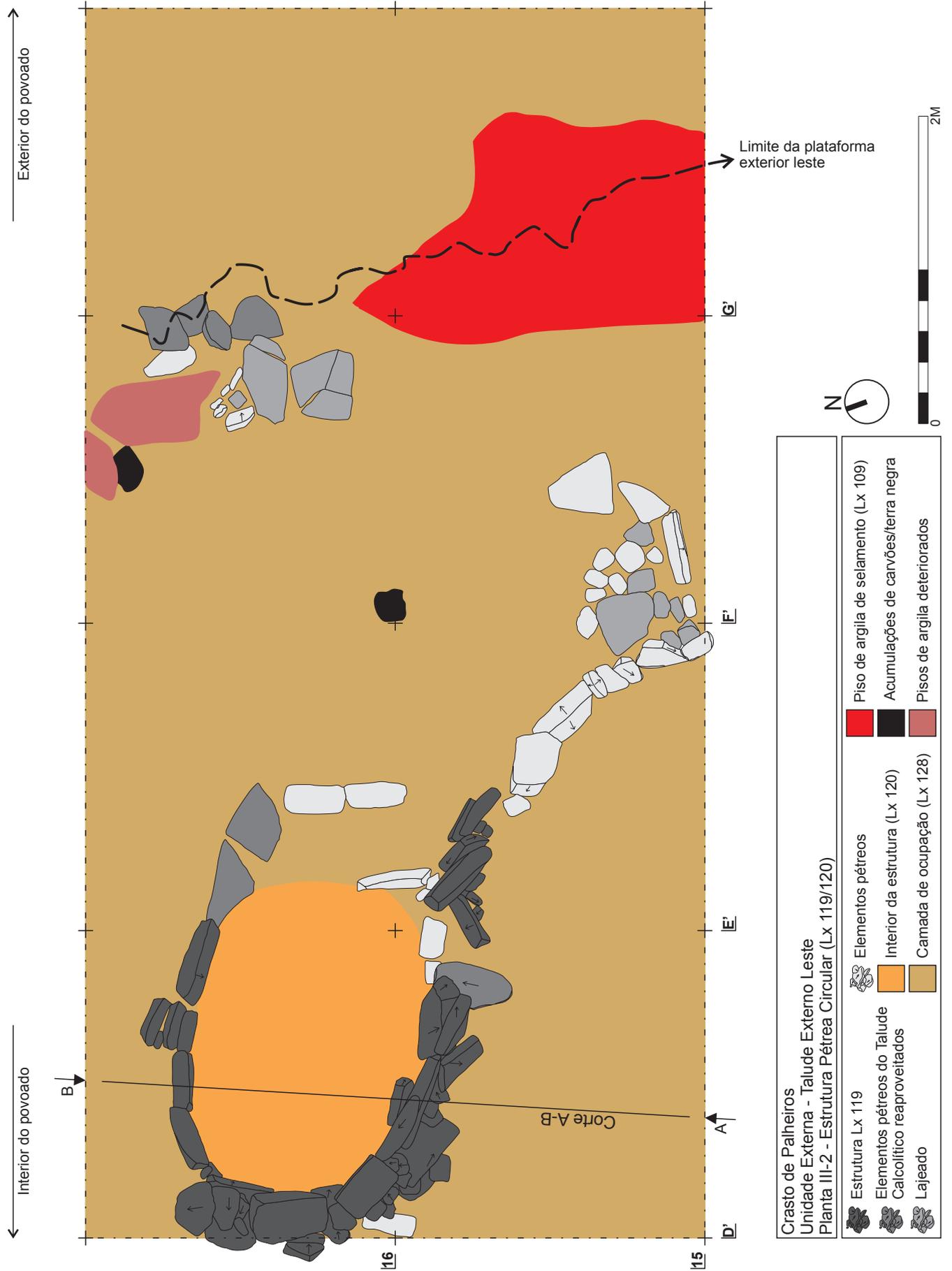
Recipiente n.º 476

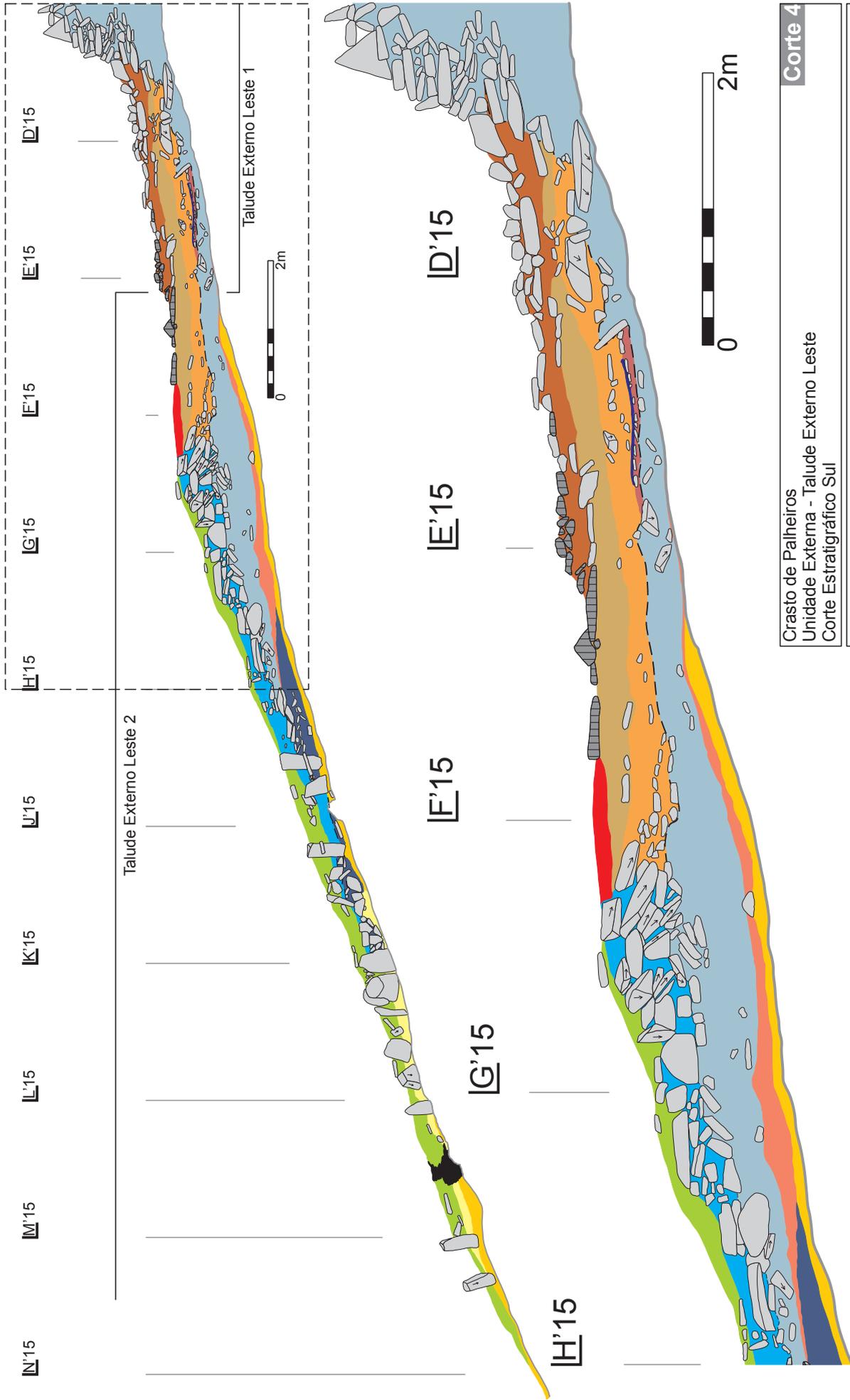


Recipiente n.º 475



ESTAMPA XI



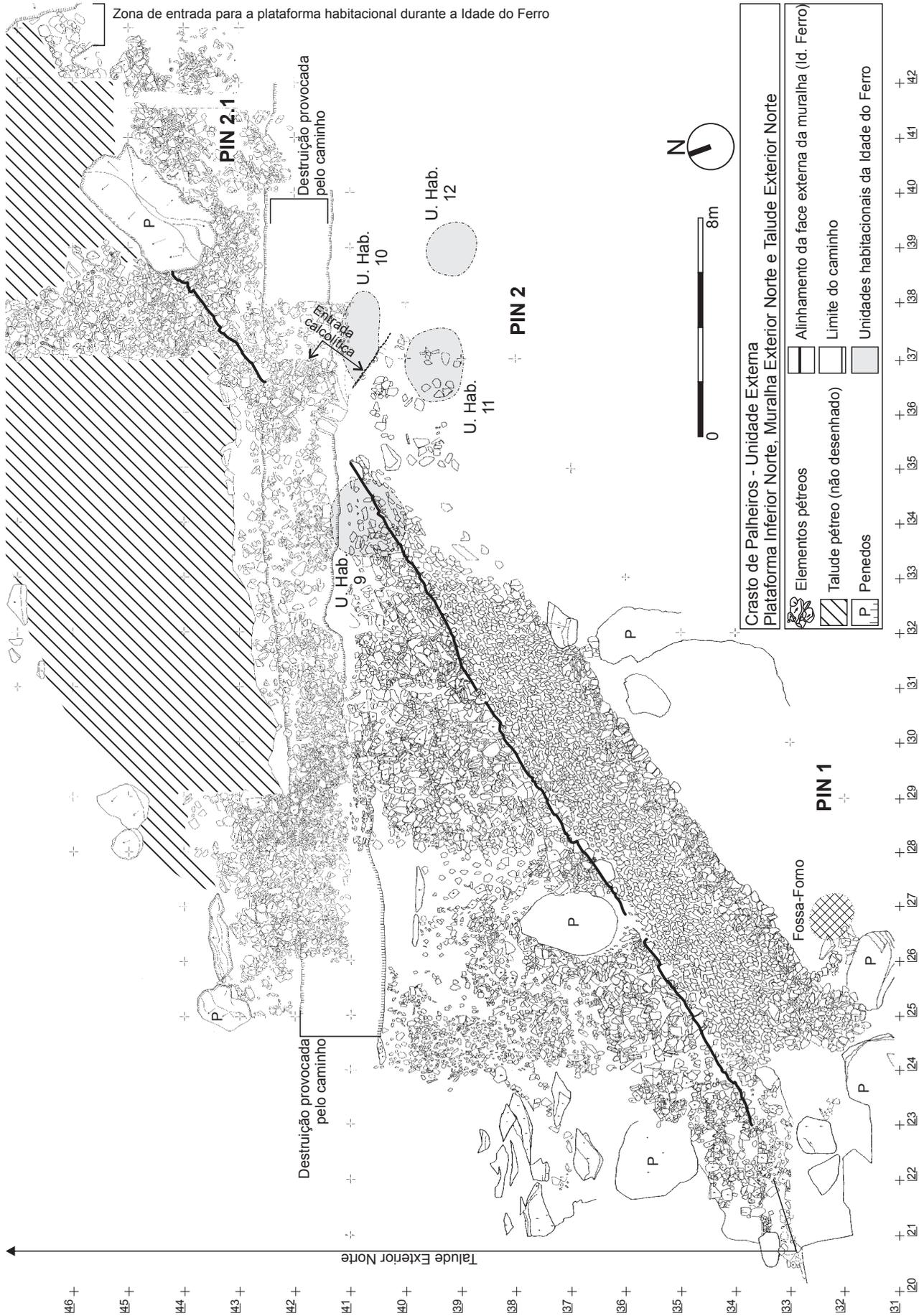


Corte 4

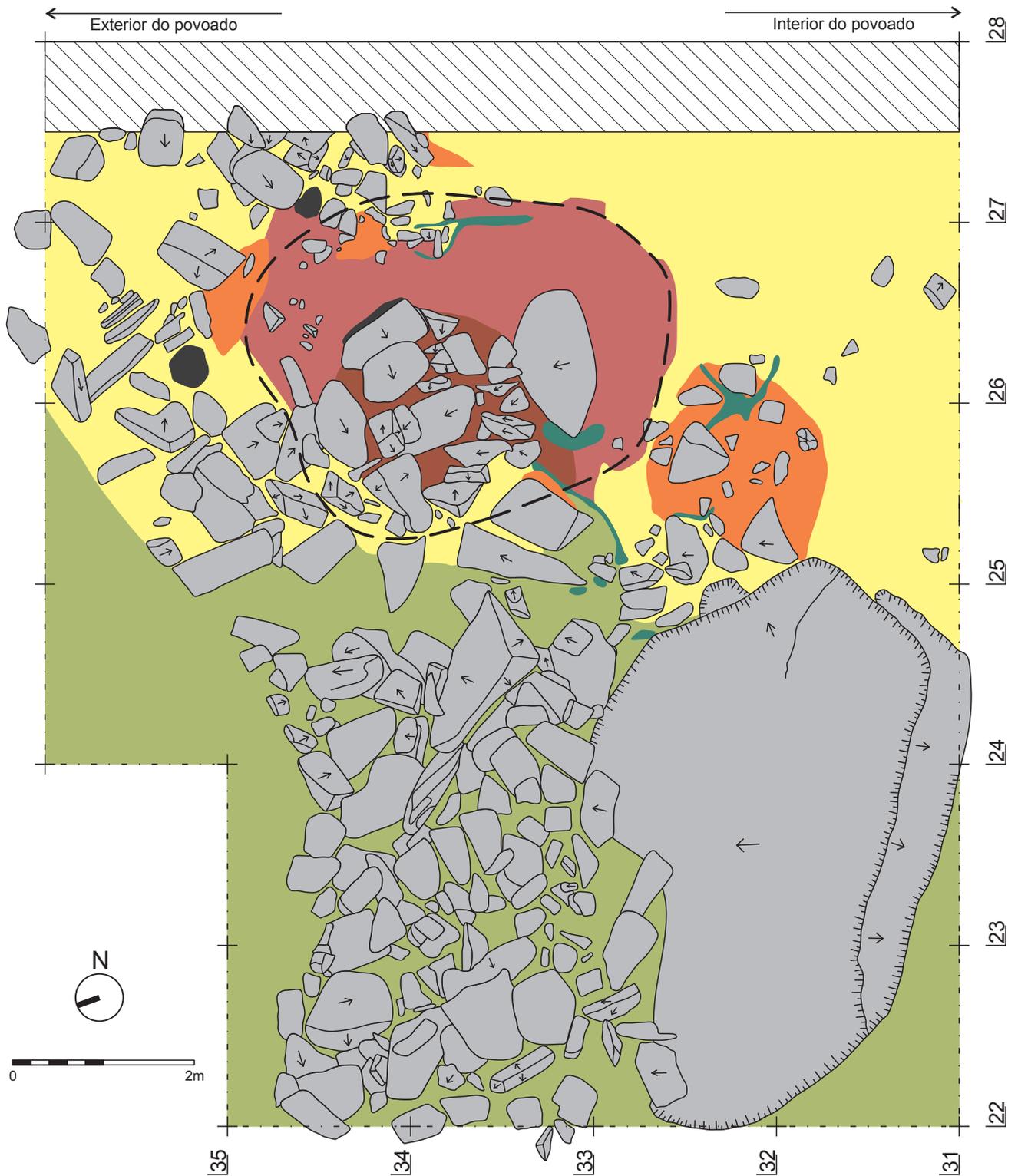
Crasto de Palheiros
 Unidade Externa - Talude Externo Leste
 Corte Estratigráfico Sul

	Elementos pétreos		Idade do Bronze/Ferro		Lx 139		Lx 145
	Raízes		Pedras do selamento da unidade habitacional		Lx 146		Lx 148
	Substrato geológico		Lx 106 (Piso de argila)		Lx 151.1 (Piso)		Lx 148.2
	Camada humosa		Lx 121		Lx 151		Lx 152
	Separação estratigráfica entre a Idade do Bronze/Ferro e Calcolítico		Lx 128		Calcolítico		Lx 152.1

ESTAMPA XIV



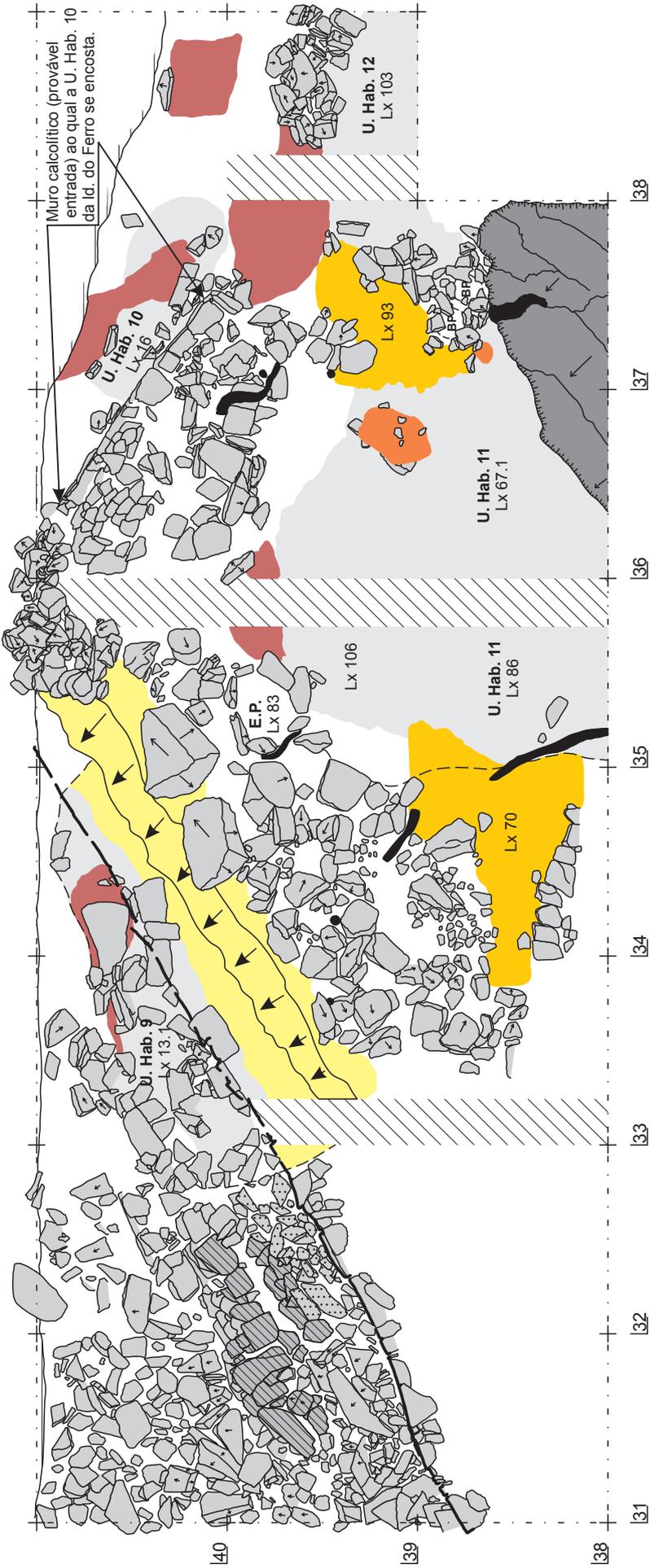
Planta da Plataforma Inferior Norte e do Talude Exterior Norte ao nível do início da escavação. Marcam-se, de modo sintético (a cinzento) as Unidades Habitacionais da Idade do Ferro integradas na Fase III-2 (U. Habs. 9, 10, 11, 12 e Fossa-Forno). A muralha presente na imagem não se encontrava na Fase III-2 correspondendo, deste modo, à Fase III-3. A área habitacional da Fase III-2 encontrava-se sobre o talude calcolítico.



Crasto de Palheiros
 Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte
 Planta da PIN 1 correspondente à Fase III-2

	Elementos pétreos		Lx 3 (Camada humosa)
	Banqueta		Associação 36 (Lx 24 e 36)
	Afloramento rochoso		Associação 38 (Lx 37)
	Raízes		Associação 38 (Lx 40)
	Concentração de carvões		Associação 39 (Lx 43)
	Área da Fossa-Forno		

ESTAMPA XVI



Crasto de Palheiros
 Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte
 Planta - Plataforma Habitacional da Idade do Ferro

	Elementos pétreos		Sedimentos carbonizados		Reconstituição de uma possível quebra do talude
	Banqueta		Piso de argila		Pedras com sedimentos com vestígios de incêndio
	Raizes		Argila concentrada de cor laranja		Pedras que delimitam a plataforma habitacional
	Afloramento		Piso compacto de cor amarela		Alinhamento da face externa da muralha (Id. Ferro)
	Limite do caminho		Área bastante destruída		Projeção do alinhamento da muralha (Id. Ferro)

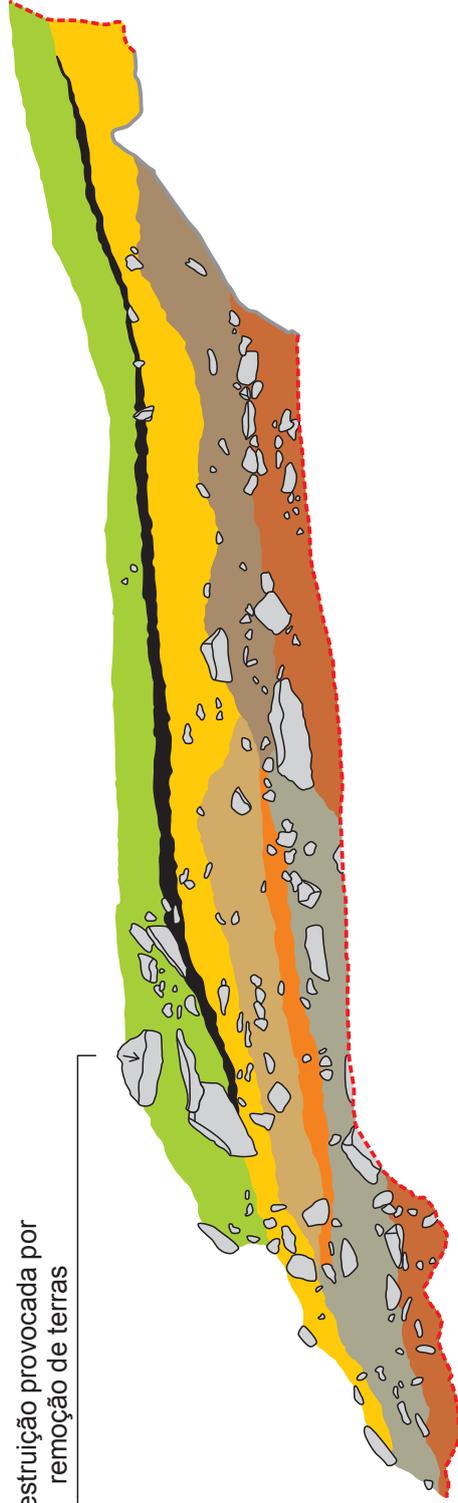


37/ 40

38

39

Destruição provocada por
remoção de terras

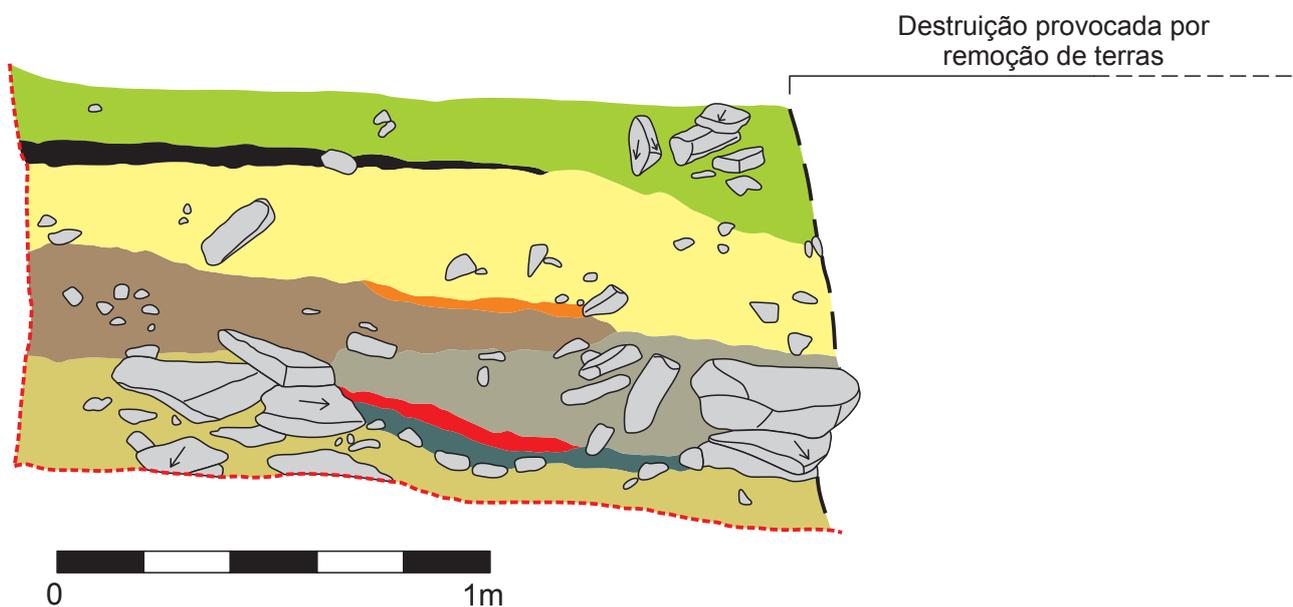


Destruição provocada
pela abertura do caminho

Corte 5

Crasto de Palheiros
Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte
Corte Estratigráfico da PIN 2 - U. Hab. 11 (Norte - Sul)

	Elementos pétreos		Lx 58 e 110
	Limite da escavação		Idade do Ferro Lx 67
	Substrato geológico		Calcolítico Lx 71 e 114
	Camada humosa		Lx 111 (piso de argila)
	Lx 76 (nível de incêndio)		Lx 103



Crasto de Palheiros **Corte 6**
 Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte
 Corte Estratigráfico da PIN 2 - U. Hab. 12 (Sul-Norte)

Elementos pétreos

Limite de escavação

Camada humosa

Camada de aspecto humoso, de cor negra, com raízes (Lx 76)

Idade do Ferro

Sedimentos argilosos de cor castanho claro (Lx 85)

Piso de argila, de cor laranja, duro e compacto (Lx 87)

Sedimentos carbonizados de cor negra (Lx 103)

Fase II - Idade do Bronze

Camada de cascalheira de cor castanha escura (Lx 58)

Piso de argila muito destruído

Sedimentos carbonizados de cor negra (Lx 98)

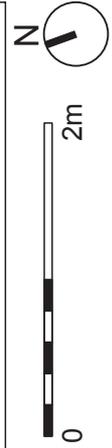
Calcolítico

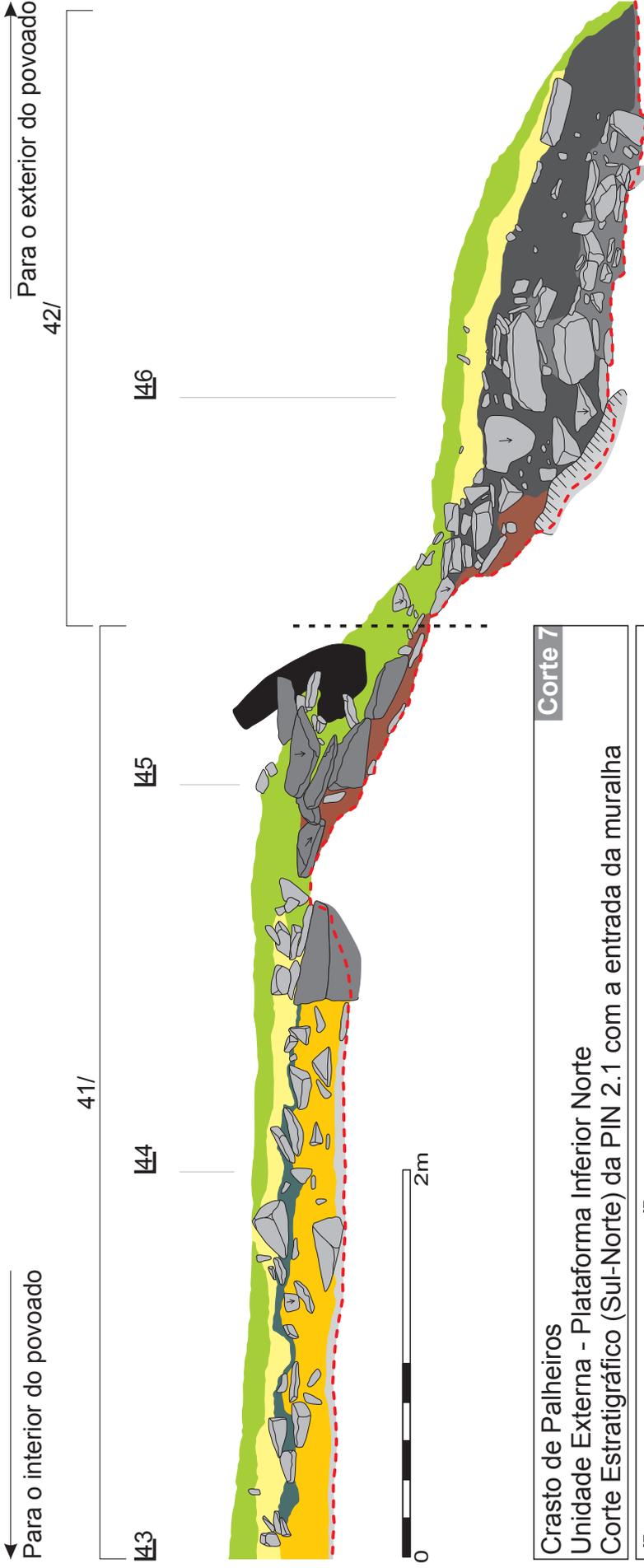
Camada saibrosa, arenosa, com cascalho de cor castanha (Lx 108)



Crasto de Palheiros
 Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte. Planta pormenorizada da PIN 2.1 correspondente à Fase III-1 - U. Hab. 14

	Elementos pétreos		Piso compacto de argila amarelada (Lx 81)
	Banqueta		Piso de argila destruído (Lx 95)
	Penedo		Sedimentos com cinzas e carvões (Lx 97)
	Piso de argila vermelha (Lx 63)		Mancha concentrada de carvões
	Sedimentos com cinzas e carvões (Lx 79)		





Corte 7
 Crasto de Palheiros
 Unidade Externa - Plataforma Inferior Norte
 Corte Estratigráfico (Sul-Norte) da PIN 2.1 com a entrada da muralha

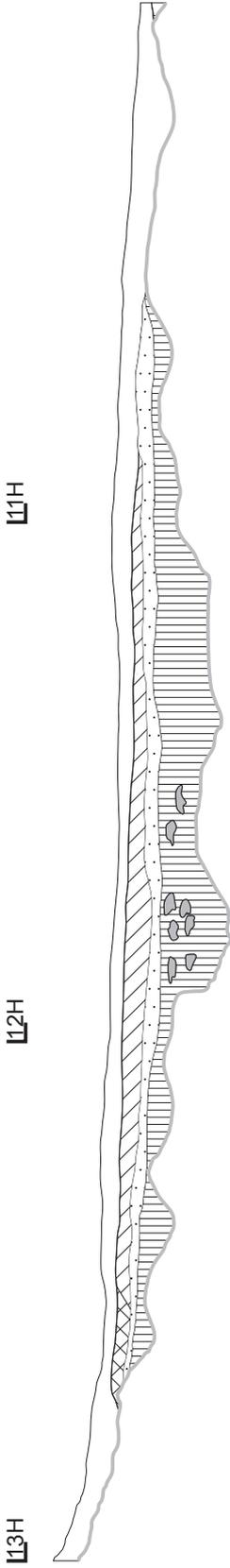
	Elementos pétreos		Elementos pétreos da muralha
	Limite de escavação		Raiz e tronco de árvore
	Camada humosa (Lx 56)		Afloramento rochoso
	Camada de aspecto saibroso, com muita cascalheira, de cor esbranquiçada (Lx 74)		
	Camada de incêndio de aspecto humoso (Lx 80)		
	Sedimentos argilosos, de cor amarela-alaranjada (Lx 73)		
	Sedimentos finos de cor cinzenta com carvões (Lx 79)		
	Sedimentos no interior da muralha, correspondentes à sua construção		
	Camada de entulho correspondente ao grande derrube da muralha (Lx 75)		
	Área do derrube sem sedimentação entre as pedras caídas de forma caótica		

Crasto de Palheiros
Unidade Interna - Plataforma Superior Leste
Planta pormenorizada da U. Hab. 8

	Piso de argila (Lx 2)
	Mancha de sedimentos queimados (Lx 3)
	Lx 4

Elementos pétreos
Banqueta
Afloramento rochoso
Localiza-se o corte 8
Estrutura de combustão (Lx 1)

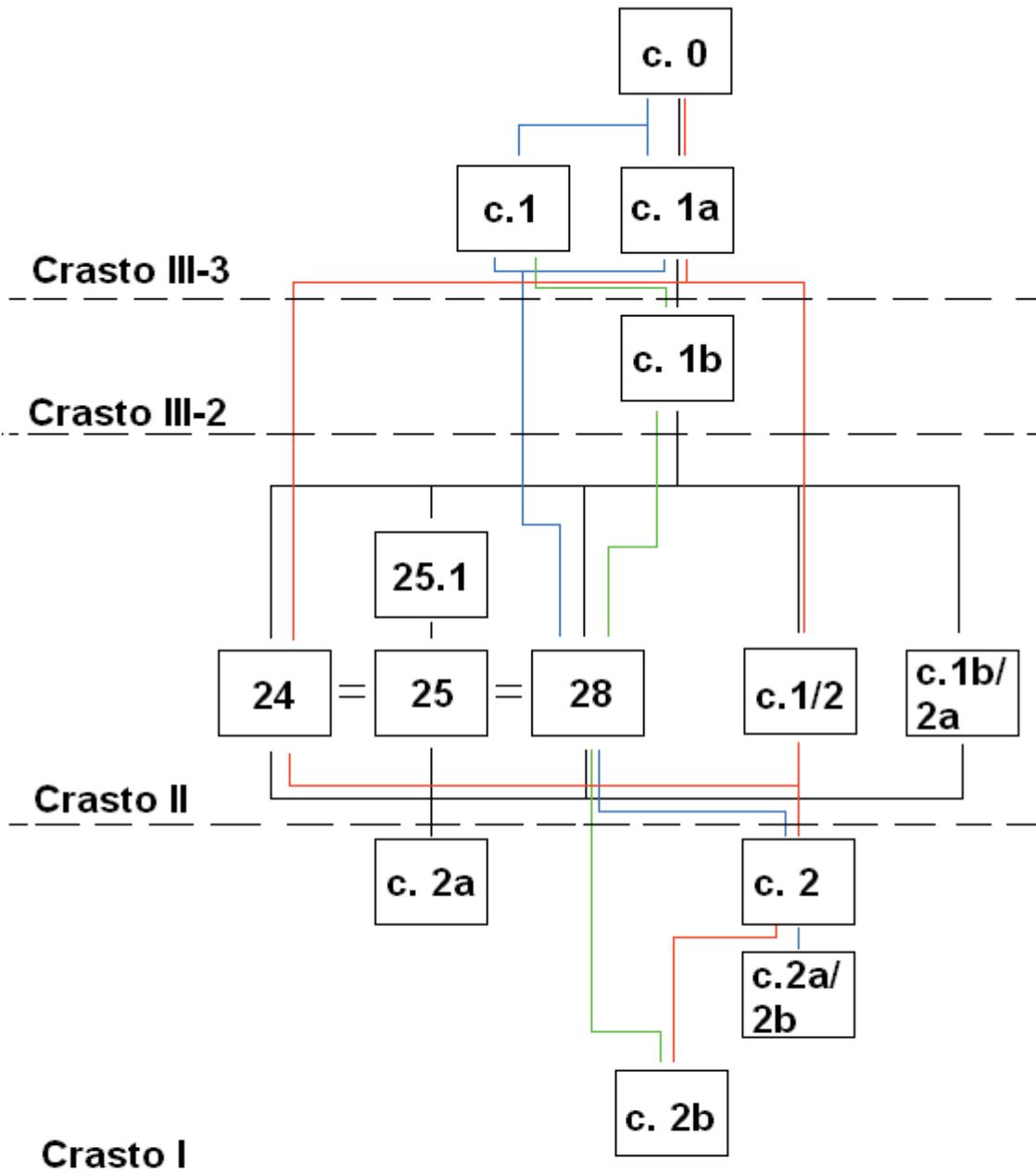




0  2m

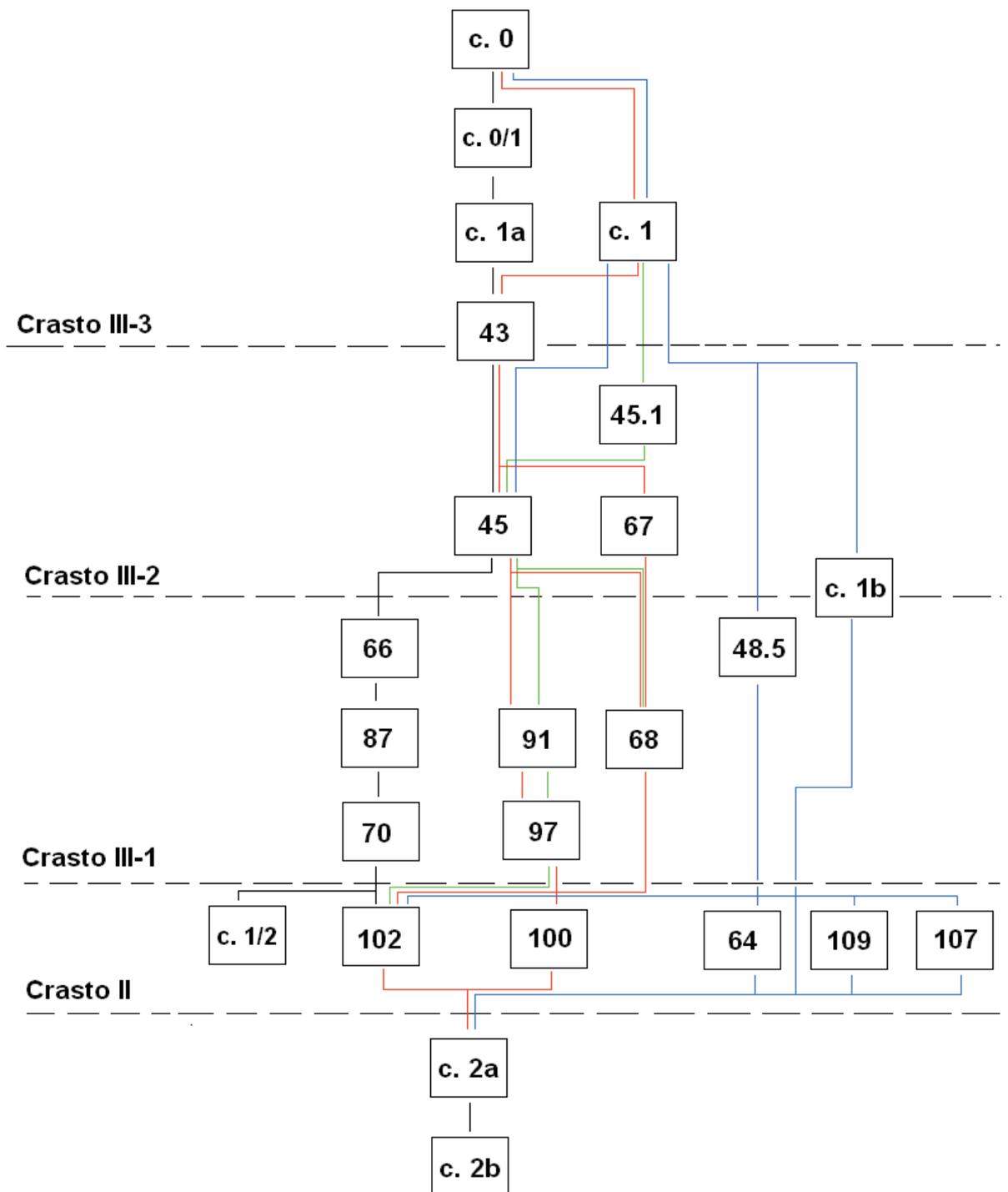
Corte 8	
<p>Crasto de Palheiros Unidade Interna - Plataforma Superior Leste Corte estratigráfico (Este-Oeste) da U. Hab. 8</p>	
	Elementos pétreos
	Camada humosa
	Substrato rochoso
	Estrutura de combustão (Lx 1)
	Piso de argila (Lx 2)
	Mancha de sedimentos queimados (Lx 3)
	Lx 8

Craсто de Palheiros – Ocupação durante a Idade do Bronze Final e Idade do Ferro		Plataforma Inferior		Plataformas sobre os taludes exteriores		
Cronologia	Faseamento	Plataforma Superior (PS)	Zona Leste (PIL)	Zona Norte (PIN)	Zona Leste (PEL)	Zona Norte (PEN)
II – Idade do Bronze Final De 900/800 AC até 500 AC		Ocupação mal definida, indicada por materiais cerâmicos redepósitos.	Ocupação subjacente à ocupação da Idade do Ferro e perturbada por esta.	Ocupação definida por estratos de ocupação subjacentes à ocupação da Idade do Ferro e por vezes perturbados por esta.	Ocupação iniciada por materiais cerâmicos.	Criação de uma plataforma habitacional sobre o talude calcolítico muito perturbada por ocupações posteriores.
			III-1 – De 550/500 AC a 300 DC.	Área habitacional. Algumas Unidades Habitacionais foram identificadas por anteparos pétreos subcirculares, pisos de argila e lazeiras	Área habitacional de carácter doméstico cujas unidades habitacionais foram sendo paulatinamente reformuladas até serem destruídas por um incêndio. Foram identificadas 4 unidades habitacionais (10, 11, 12, 14) na "plataforma" criada pelas ocupações anteriores sobretudo pela ocupação calcolítica. Esta plataforma é sustida por uma muralha calcolítica, provavelmente já semi-derrubada nesta época. Foi ainda identificada uma área de cozedura de cerâmica, no canto sudoeste da plataforma portanto afastada das unidades habitacionais (10, 11, 12, 14). É a área da "fossa-forno" (F/F).	Área habitacional (A. Hab. 7) sustida por anteparos pétreos. Pisos de argila e lazeiras, assentes numa plataforma criada sobre/no interior do talude calcolítico prévio.
III – Idade do Ferro. De 550/500 AC – 80/130 DC	III-1 – De 550/500 AC a 300 DC.	Zona parcialmente escavada e mal preservada devido à erosão. Possível área habitacional com uma unidade habitacional identificada (n.º 8). Possível restauro da muralha calcolítica?	Construção de uma muralha de pequenas dimensões que segue o alinhamento da muralha calcolítica. Esta foi restaurada mas também construída de raiz nas zonas onde previamente já não existia. Inclui como "acto fundacional" uma estrutura de posição de carácter funerário que contém também objectos de adorno pessoal. Esta muralha divide a plataforma em duas áreas, uma intra-muros – o Recinto L - e outra extra-muros, comunicando entre si por meio de uma entrada de pedra seca. Foram identificadas no Recinto L 5 unidades habitacionais (1 a 5), uma estrutura circular de planta em hélice (E.C.) e uma área habitacional diversificada (6 – A.Hab.D.).	De 550/500 AC a 80 DC	Incêndio/Derrube das unidades habitacionais (10, 11, 12, 14).	Incêndio/Derrube da U. Hab. 9.
		III-2 – De 300 AC a 80 DC.	Todo o Recinto L foi destruído por um incêndio.	Em torno a 80 DC.	Alteamento e espessamento da muralha? Criação de nova área habitacional difícil de definir em pormenor.	Em torno a 80 DC.
	III-3 – Posterior a 80/130 DC ?					
Abandono do povoado por volta dos inícios do século II DC						
Utilização agrícola até 1960-1970.						
1970-1985 - Transformação do Craсто num local de recolha de pedra para construção. Destruição da maioria do talude norte e muralha norte.						
1995-2004 - Campanhas de escavações arqueológicas.						
2007-2008 - Construção do centro interpretativo e musealização do sítio arqueológico.						
A continuidade do estudo do sítio com escavações prosseguirá nos próximos anos.						



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

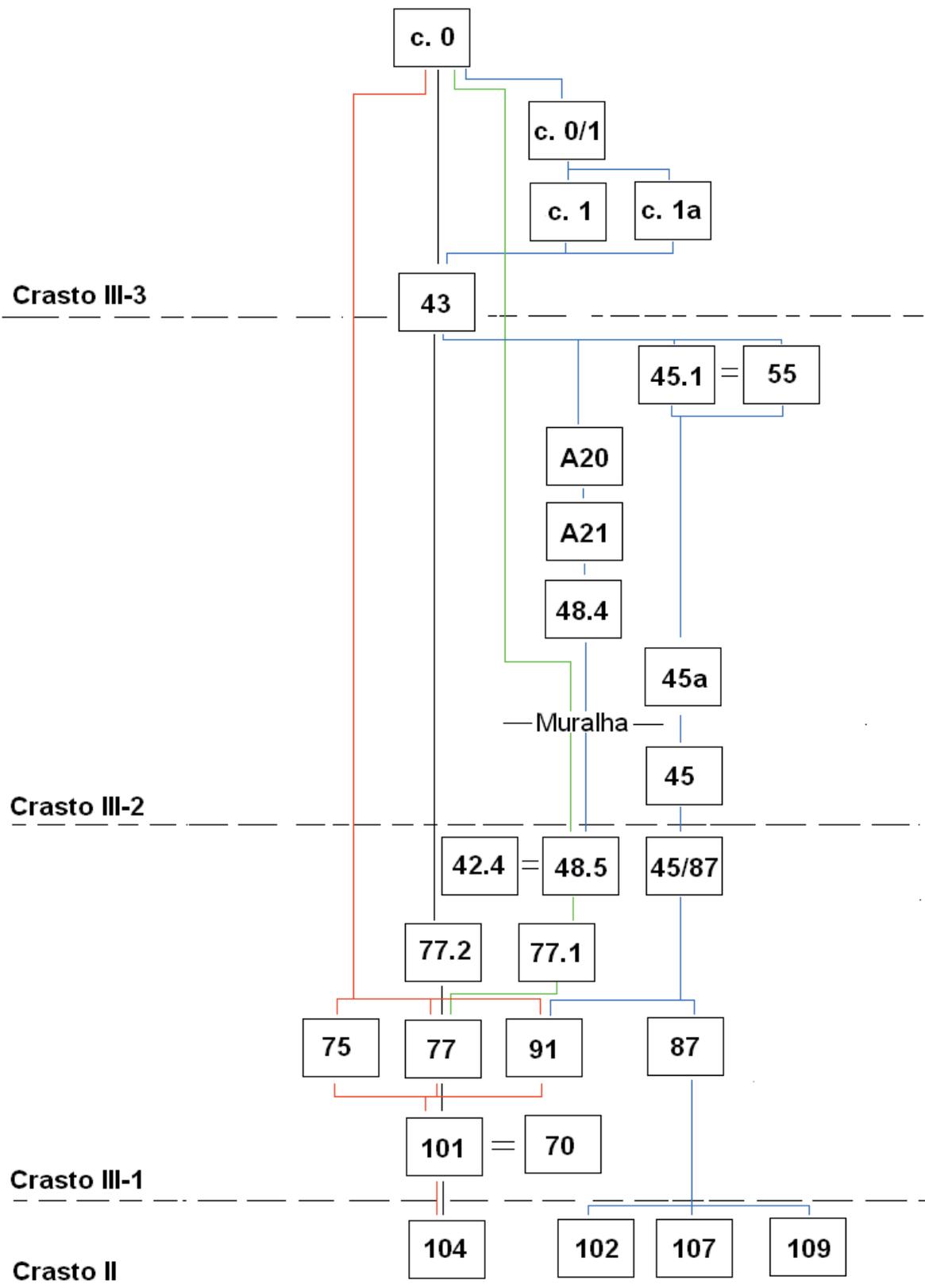
- Quadrado V/9
- Quadrado W/9
- Quadrado W/12
- Quadrado X/11



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

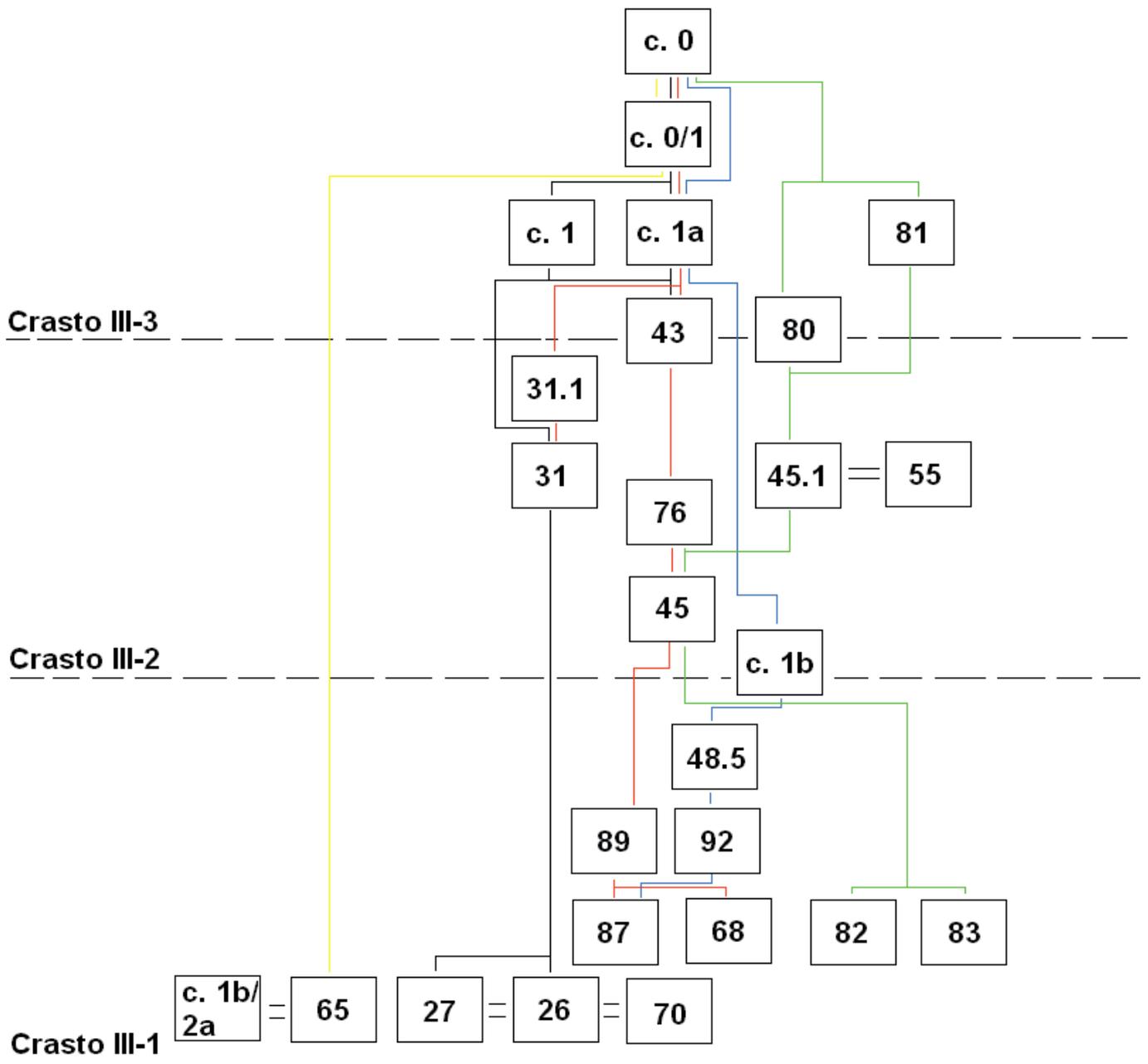
- Quadrado W/14
- Quadrado X/13
- Quadrado Y/13
- Quadrados Y/14 - Y/15

ESTAMPA XXVI



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

- Quadrados W/16-15
- Quadrado V/16
- Quadrado V/15
- Quadrados Y/16-15, Z/16 (E.D.F)



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

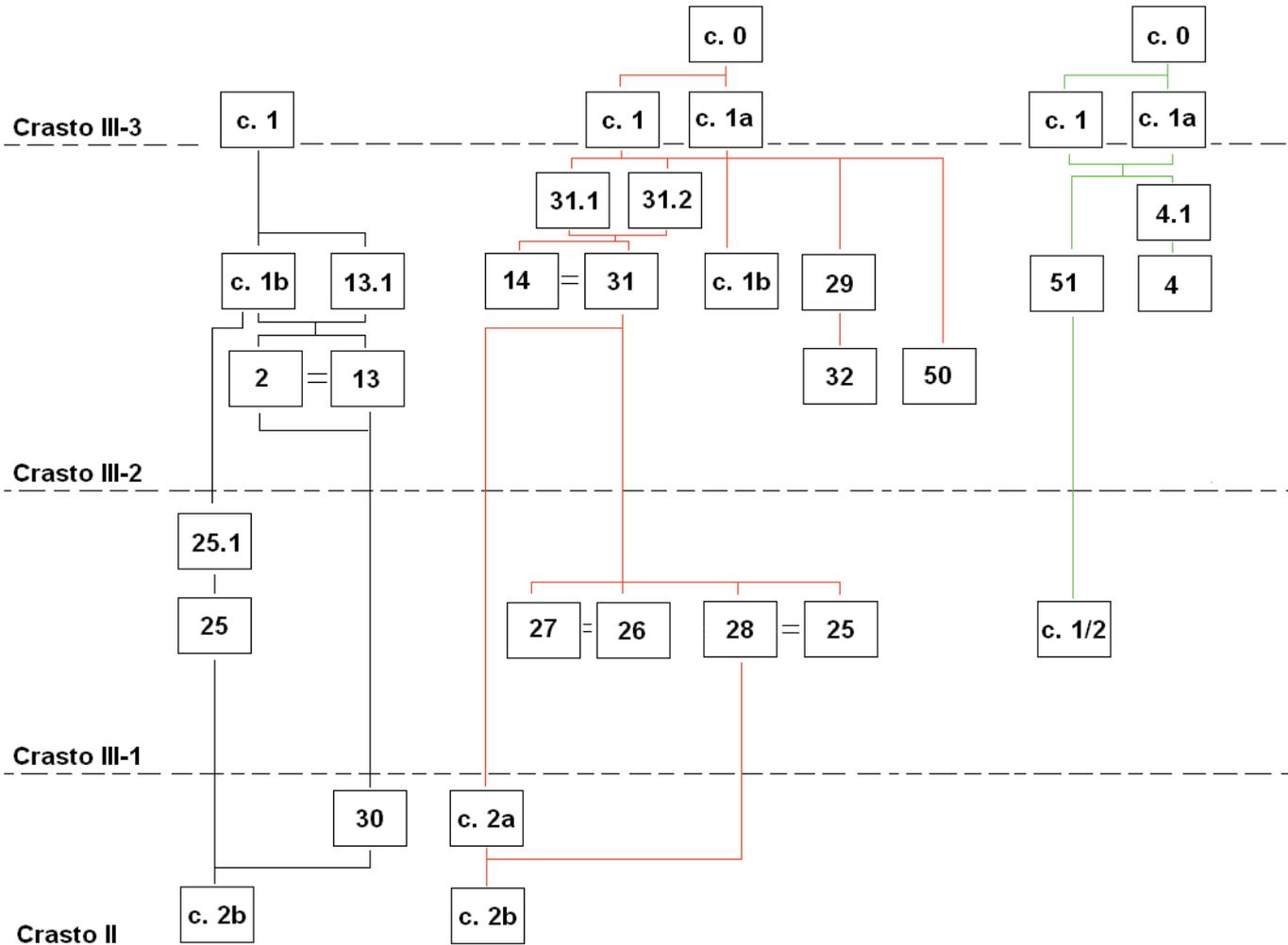
- Quadrado T/12
- Quadrado W/13
- Quadrados V/18-19
- Quadrado V/14
- Quadrado R/8

ESTAMPA XXVIII

U. Habitacional 1

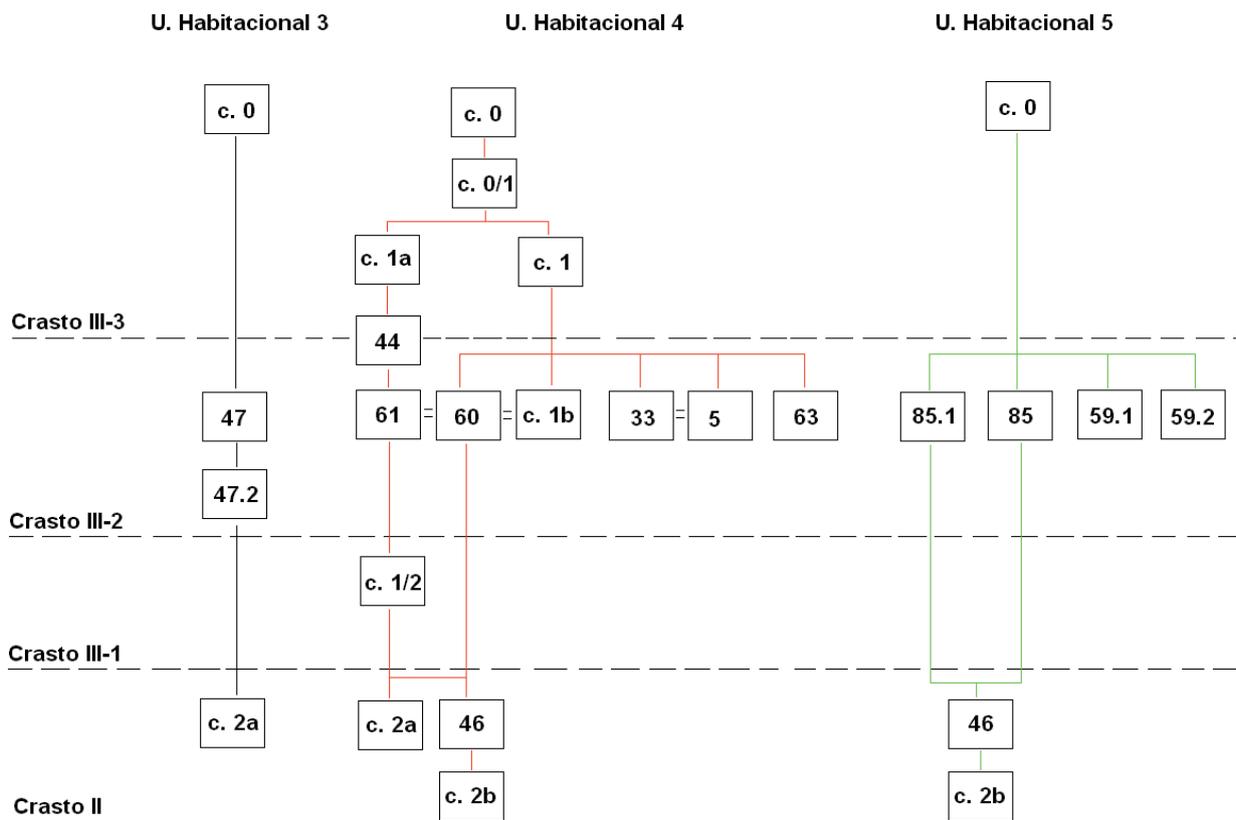
U. Habitacional 2

E. Circular



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

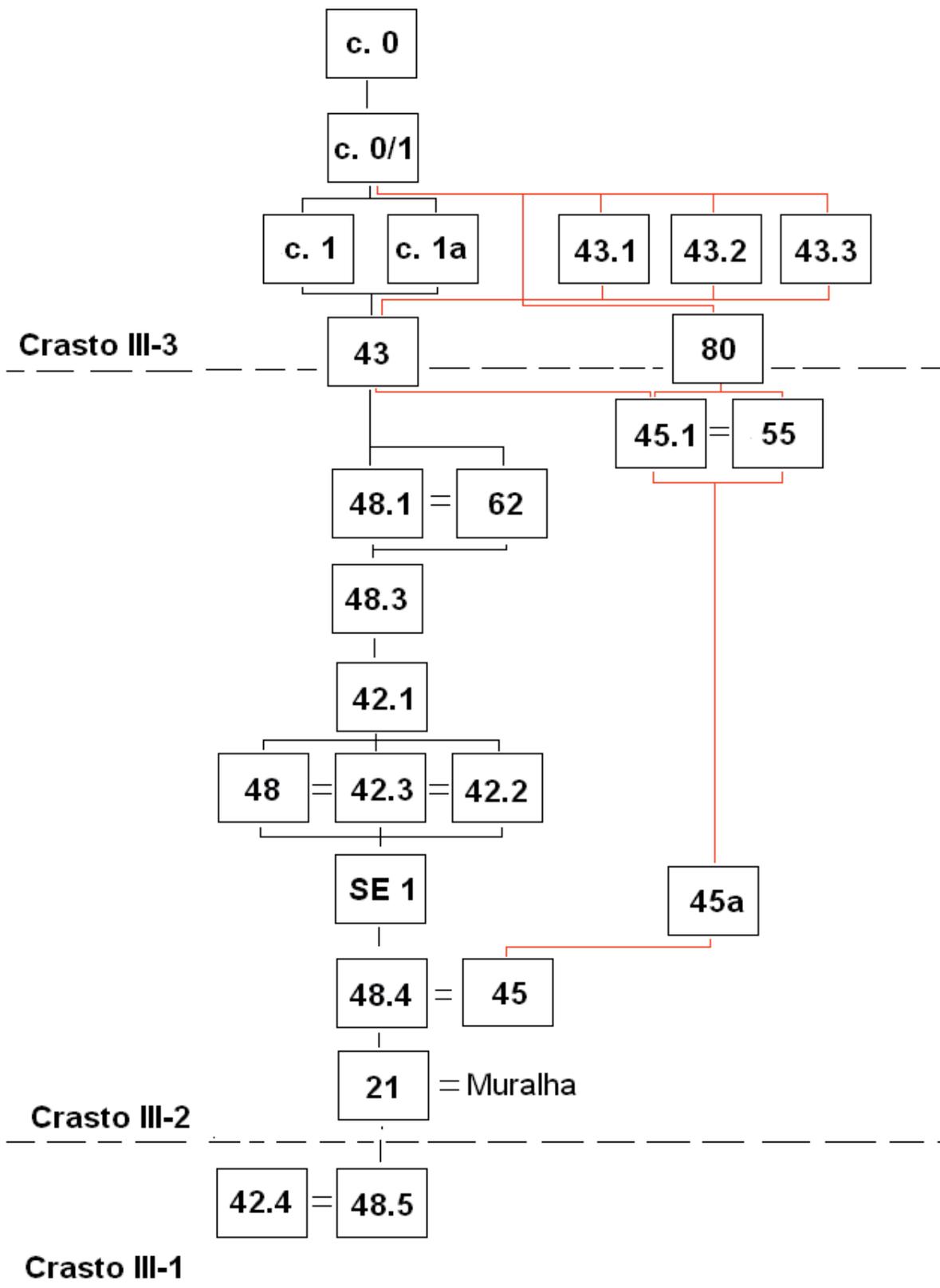
- U. Hab. 1 - Quadrados V/10, W/10-11
- U. Hab. 2 - Quadrados V/12, T/12 e W/12
- Estrutura Circular - Quadrados X/12, Y/12



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

- U. Hab. 3 - Quadrados M/9, N/9, N/10
- U. Hab. 4 - Quadrados R/11, T/9
- U. Hab. 5 - Quadrados P/8, R/9

ESTAMPA XXX

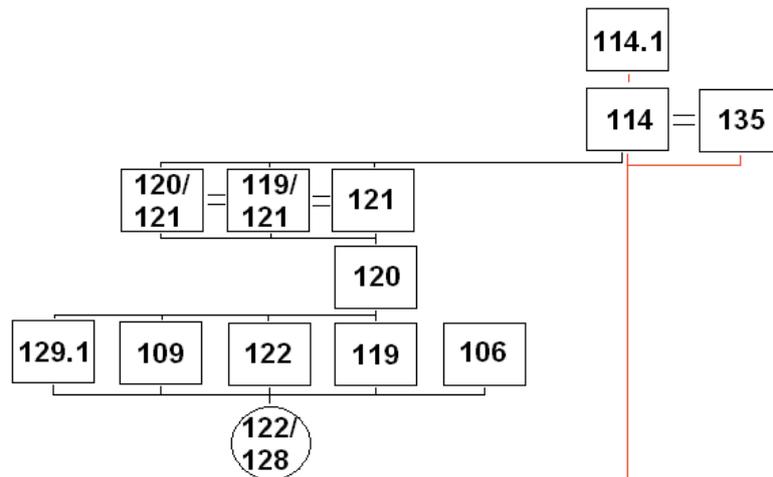


Crasto de Palheiros - Unidade Externa

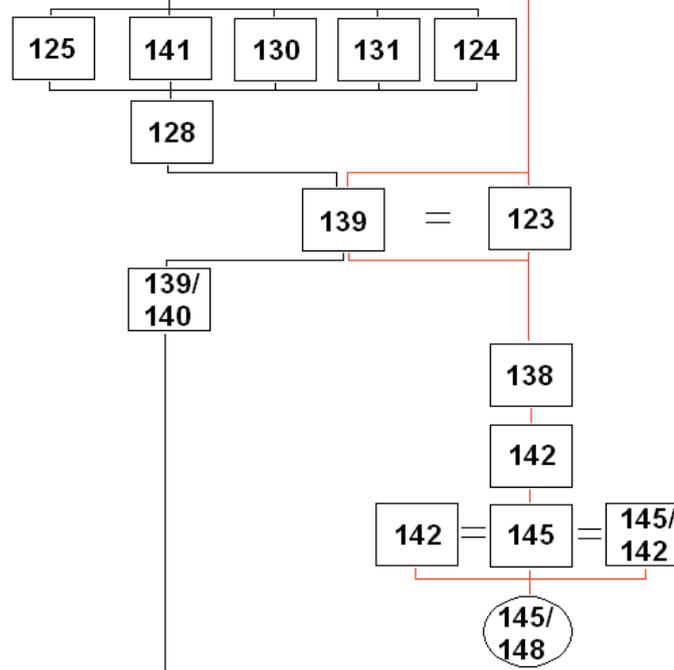
Matriz estratigráfica - Plataforma Inferior Leste

- Estrutura de Deposição Funerária - Quadrado Y/16
- Quadrados X/17-18

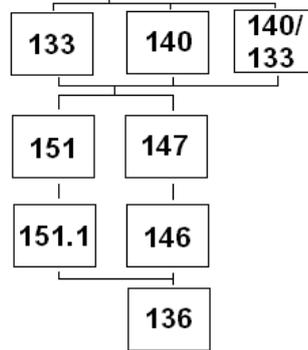
Crasto III-3



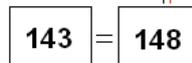
Crasto III-2



Crasto III-1



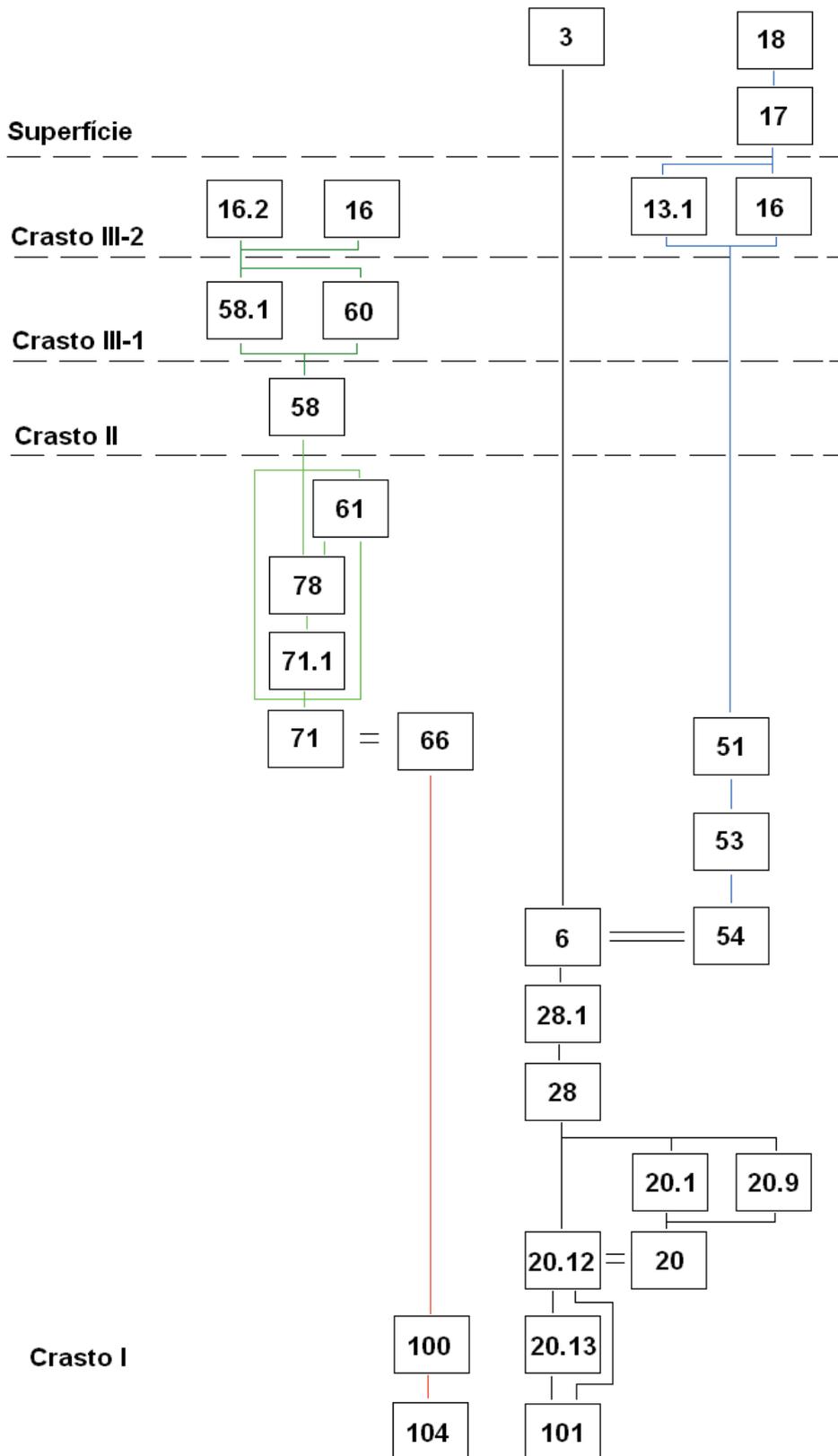
Crasto I



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Talude Exterior Leste

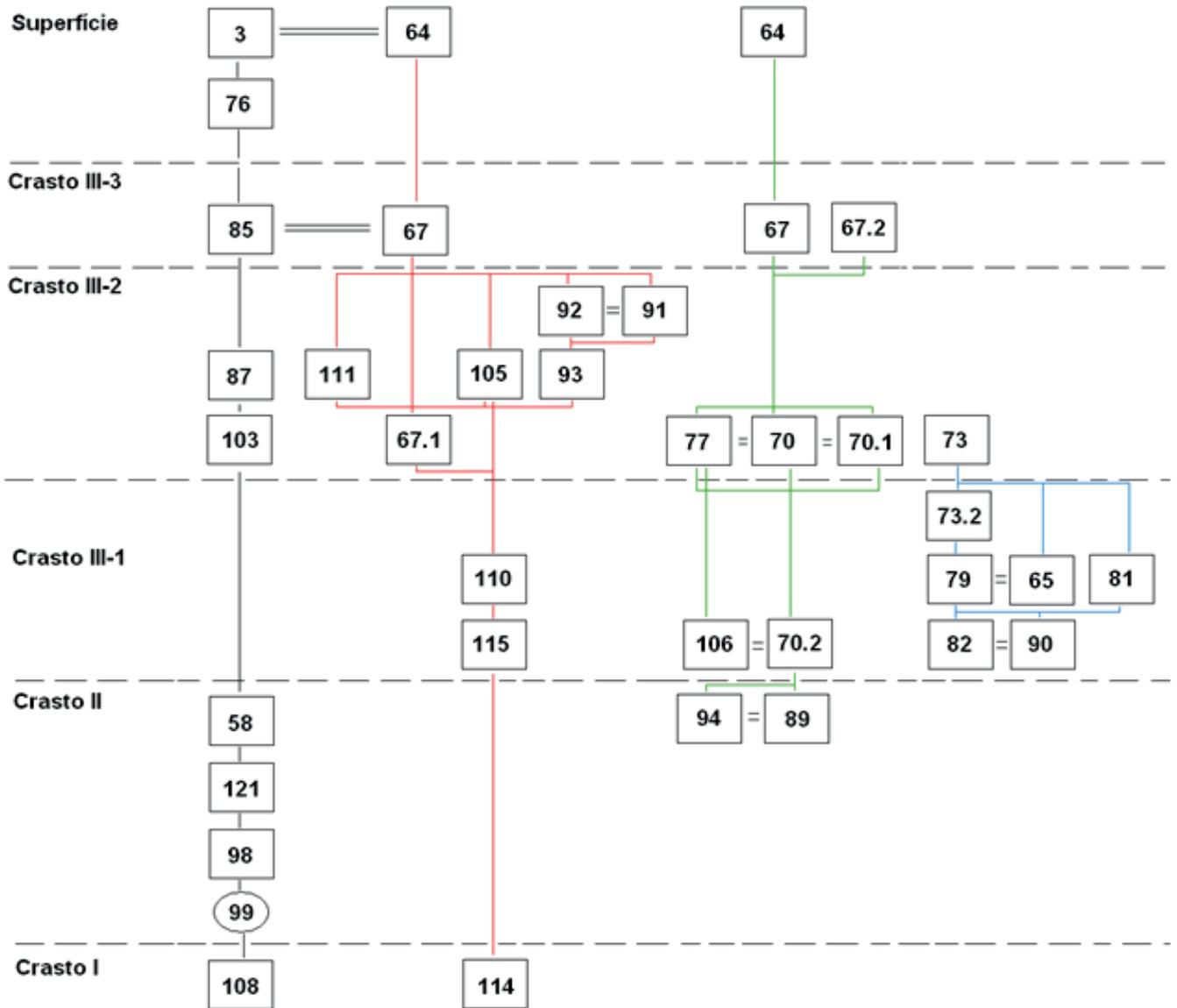
- Plataforma Exterior Leste - PEL (C' ao G')
- Talude Exterior Leste (H' ao M')

ESTAMPA XXXII



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Área Norte

- Vala 1 - Talude Exterior Norte (Qs 28/36 a 28/45)
- Vala 2 - Talude Exterior Norte (Qs 37/43 a 37/46)
- Entrada do Talude (Q 36/41)
- Área ocupada pela U. Hab. 10
- Área ocupada pela U. Hab. 9



Crasto de Palheiros - Unidade Externa
 Matriz estratigráfica - Área Norte

- Área ocupada pela U. Hab. 12
- Área ocupada pela U. Hab. 11
- Área contígua à U. Hab. 11
- Área ocupada pela U. Hab. 14

ESTAMPA XXXIV

Craсто de Palheiros - Área Norte: PIN 2 - Estudos de Densidade					
U. Hab.	Lxs. / Associação	Quadrados	Volume / dm3	N.º Frags.	Índice de Densidade
Camada humosa : PIN 2	Lx. 3, 64	36/38, 36/39, 37/38, 37/39	3546	366	0,10
	67	36/38, 36/39, 37/38, 37/39	2179,2	433	0,20
U. Hab. 9	53	32/39, 33/40	665,94	4	0,01
	51	32/39, 33/40	1452,46	49	0,03
	53 / 54	32/39, 33/40	2178	120	0,06
	54	32/39, 33/40	1298	116	0,09
	17	32/39, 33/40	119,2	15	0,13
	16 / 13.1 (A30)	32/39, 33/40	253,96	110	0,43
U. Hab. 10	17	37/40	242,88	36	0,15
	16 (A34)	36/40, 37/40	164,52	179	1,09
	16.2	36/40, 37/40	22,4	45	2,01
	58.1	36/40, 37/40	162	14	0,09
	58	36/40, 37/40	574,56	206	0,36
U. Hab. 11	67.1 (A49)	36/38, 36/39, 35/38, 35/39	1512,8	1066	0,70
	105	37/39	628	206	0,33
	111	37/39	66,88	21	0,31
	91 e 92	36/39	391,36	139	0,36
	93	37/38-39	372,164	449	1,21
	110 / 115	37/39	668,2	315	0,47
	114	37/38, 37/39	1126	159	0,14
U. Hab. 12	64	38/39	659,12	78	0,12
	85	38/39	754,2	104	0,14
	67.1 / 103 (A53)	38/39	654,6	238	0,36
	108	38/39	487,5	132	0,27
Fase II	98	38/39	378	77	0,20

Gráfico para uma melhor visualização de alguns índices de densidade

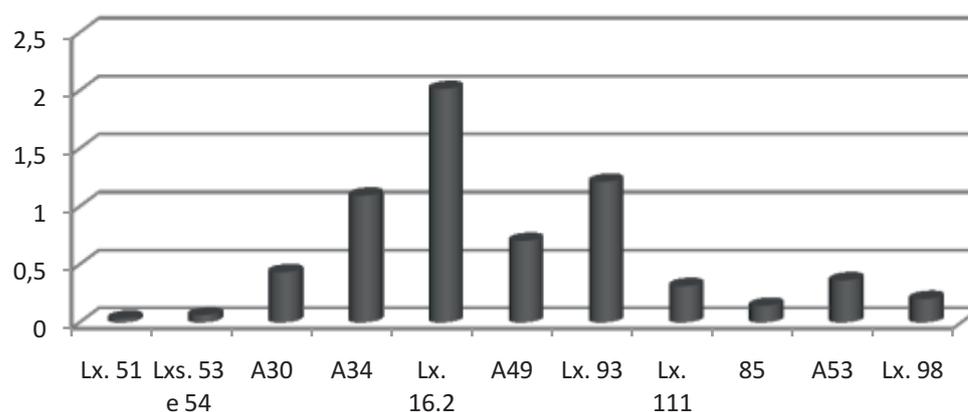




Foto 1 - Vista geral do Crasto de Palheiros (área norte).



Foto 2 - Vista geral da área leste do Crasto de Palheiros. É possível observar o Talude Interior (TIL), Talude Exterior (TEL) e Plataforma Interior (PIL).

ESTAMPA XXXVI



Foto 1 - Vista da Unidade Interna e Talude Interno Leste (TIL).



Foto 2 - Vista geral da Plataforma Inferior Leste (PIL).



Foto 1 - Vista geral da área norte. Estradão de acesso ao sítio sobre o Talude Exterior Norte (TEN).



Foto 2 - Vista geral da área norte. Toda a extensão do talude e muralha após o restauro.

ESTAMPA XXXVI



Foto 1 - Escavação da Plataforma Inferior Norte (PIN). Em primeiro plano o muro da entrada calcolítica e podemos observar toda a extensão da muralha do final da ocupação da Idade do Ferro.



Foto 2 - Escavação da PIN 2. Em primeiro plano a área da Unidade Habitacional 11.